

A CONSTRUÇÃO DE UM BRASIL MELHOR

COLETÂNEA DE ARTIGOS

PROFESSOR GABRIEL MARIO RODRIGUES



ABMES
EDITORA



**A CONSTRUÇÃO DE
UM BRASIL MELHOR**
COLETÂNEA DE ARTIGOS

PROFESSOR GABRIEL MARIO RODRIGUES



ABMES
EDITORA



Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior
SHN Quadra 01, Bloco F, Entrada A, Conjunto A, 9º andar
Edifício Vision Work & Live, Asa Norte – Brasília/DF
CEP: 70.701-060 - Telefone: (61) 3322-3252
www.abmes.org.br | editora@abmes.org.br

Presidência

Diretor Presidente

Celso Niskier

Vice-Presidentes

Daniel Faccini Castanho

Débora Brettas Andrade Guerra

José Janguiê Bezerra Diniz

Colegiado da Presidência

Carlos Joel Pereira

Custódio Filipe de Jesus Pereira

Eduardo Parente Menezes

Eduardo Storopoli

Getúlio Américo Moreira Lopes

Nédio Luiz Pereira Júnior

Saumíneo da Silva Nascimento

Renato Padovese

Tales de Sá Cavalcante

Wilson de Matos Silva

Suplentes

Bruno Eizerik

Carmem Murara

João Rodrigues Sampaio Neto

José Lima de Carvalho Rocha

Tereza Cristina Rodrigues da Cunha

Conselho Fiscal

Elizário Pereira Rezende

Iure Borges Andrade

Maria Antonieta Alves Chiappetta

Maria Eliza de Aguiar e Silva

Paulo Antonio de Azevedo Lima

Suplentes

Géza Németh

Marcelo Antônio Fuster Soler

Diretoria Executiva

Diretor-Geral

José Wilson dos Santos

Vice-Diretor-Geral

Thiago Rodrigues Pêgas

Diretor Administrativo

Paulo Muniz Lopes

Diretor Técnico

Ryon Cassio Braga

Diretor Executivo

Sólon Hormidas Caldas

Conselho de Administração

Presidente

José Janguiê Bezerra Diniz

Membros Natos

Candido Mendes de Almeida

Édson Pinheiro de Souza Franco

Membros Titulares

Antonio Carbonari Netto

Antonio Colaço Martins

Eduardo Soares de Oliveira

Hiran Costa Rabelo

Jânnyo Janguiê Bezerra Diniz

Paulo Cesar Chanan Silva

Suplentes

Arthur Sperandéo de Macedo

Átila Melo Lira

Rosa Maria D'Amato De Déa

Therezinha Cunha

Valdir José Lanza

Coordenação de Comunicação

Camila Griguc

Projeto Gráfico e diagramação

Gherald George

Apoio

Sabrina Moraes

Bárbara Oliveira

R696 A construção de um Brasil melhor: Coletânea de Artigos Professor Gabriel Mario Rodrigues / Camila Griguc, organizadora. – Brasília : ABMES Editora, 2022.

1303 p. ; 7540 kb ; PDF.

Modo de acesso: World Wide Web:

< <https://abmes.org.br> >

ISBN 978-65-993391-5-8

1. Ensino Superior. 2. Ensino Superior – Instituições. 3. Ensino Superior – Desenvolvimento. 4. Empreendedorismo – Inovação. - I. ABMES. II. Título: A construção de um Brasil melhor. III. Camila Griguc. IV. Gabriel Mario Rodrigues. V. ABMES Editora.

SOBRE O AUTOR



Com mais de 50 anos dedicados à educação superior particular, o arquiteto Gabriel Mario Rodrigues foi pioneiro na luta pela democratização do acesso à graduação no país e um dos responsáveis pelo fortalecimento do setor nas últimas décadas.

Sua jornada na área teve início em 1971, quando criou e organizou o primeiro curso superior de Turismo no Brasil. No mesmo ano, fundou a Faculdade Anhembí Morumbi que, em 1997, se tornou Universidade Anhembí Morumbi.

Árduo defensor da educação como o mais eficiente mecanismo de transformação social, o professor Gabriel pautou sua atuação para além dos domínios da instituição que criou. Foi assim que, no início da década de 1980, participou ativamente do grupo que fundou a ABMES, instituição na qual permaneceu atuante até seu último dia de vida. Foi vice-presidente entre 1992 e 2004, presidente de 2004 a 2016 e presidente do Conselho de Administração de 2016 até o seu falecimento, em janeiro de 2021.

Com aguçada visão de futuro, alinhada ao espírito empreendedor e à capacidade de inovação, o professor Gabriel foi a força motriz que conduziu a Associação rumo ao crescimento e ao reconhecimento da entidade como a principal interlocutora da educação superior no Brasil.

Nas suas gestões, a ABMES abriu espaços de interlocução com os órgãos oficiais e deu um notável salto em direção a uma atuação política mais forte e consistente. Também passou a realizar programas de apoio ao desenvolvimento acadêmico e administrativo das pequenas e médias instituições privadas de ensino superior (PMIES), incluindo cursos de capacitação pela ABMES Virtual (hoje ABMES Cursos). A presidência do professor Gabriel foi encerrada com um marco para a história da ABMES: a aquisição da sede própria.

Gabriel Mario Rodrigues foi um inovador, um construtor de sonhos. Seu legado jamais será esquecido e seguirá inspirando empreendedores educacionais, gestores públicos e todos aqueles que acreditam na força transformadora da educação superior.

PREFÁCIO

Celso Niskier¹

Visionário. Inovador. Empreendedor. Conectado. Consciente. Sábio. O professor Gabriel Mario Rodrigues sempre foi uma síntese de tudo isso e um grande mestre para todos os que tiveram a honra e a oportunidade de conviver com ele. Seja fisicamente, seja virtualmente, bebendo do seu conhecimento e das suas inquietações compartilhadas semanalmente no [ABMES Blog](#).

Ciente como poucos da importância da comunicação e da revolução ocasionada pela internet e suas novas formas de comunicar, desde 2009 o professor Gabriel foi um escritor assíduo do blog, totalizando 394 artigos. Os textos publicados entre outubro de 2009 e dezembro de 2015 se transformaram no livro [Educação Superior: Tecnologia, Inovação e Criatividade](#), lançado em 2016 pela [ABMES Editora](#).

Agora, o que temos em mãos, é a consolidação da sua intensa produção ocorrida entre agosto de 2015 e dezembro de 2020. Dono de uma mente muito à frente do seu tempo, o professor Gabriel seguiu chamando a atenção para temas relacionados à tecnologia, inovação e criatividade no universo da educação. Contudo, nos últimos anos ganhou fôlego na sua obra o debate sobre a importância da educação para a construção de um mundo mais justo e desenvolvido.

Por exemplo, em [Como construir um Brasil melhor pela educação](#), um dos seus últimos textos, o professor Gabriel, inspirado em artigo

¹ Reitor do Centro Universitário UniCarioca e diretor presidente da ABMES.

publicado na **Revista Telos nº 114** no qual a autora se propõe a fazer essa reflexão em nível mundial, é taxativo ao afirmar que “é preciso construir um Brasil Melhor investindo prioritariamente na educação a partir de um projeto nacional compromissado e assumido por todos”.

Embora essa pauta tenha aparecido com mais força neste segundo livro, a verdade é que, ao longo dos seus 88 anos, Gabriel Mario Rodrigues dedicou mais de cinco décadas ao crescimento e ao fortalecimento da educação superior brasileira, tendo sido um pioneiro na luta pela democratização do acesso à graduação no país. Entre as consequências dessa forte atuação, participou ativamente da fundação, em 1982, da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES), instituição na qual permaneceu até seu último dia de vida.

Outros temas sobre os quais ele se debruçava com muita propriedade, e que também dão corpo a este livro, dizem respeito a questões como a formação do professor em um mundo em acelerada transformação; a formação de profissionais preparados para os desafios destes tempos; e a sociedade do futuro. Ao longo de 2020, também foram vários os artigos com análises ponderadas e seguras sobre o mundo pós-pandemia e, mais especificamente, a revolução na educação causada pelas soluções tecnológicas adotadas durante o período de necessário distanciamento social. **“A escola que se cuide. Daqui pra frente nada será como antes...”**, alertou.

O fato é que, durante toda a sua trajetória, o professor Gabriel nunca ficou limitado ao seu tempo. Questionador e com uma capacidade incomum de enxergar além, por décadas ele foi uma luz a iluminar o setor particular de educação superior. Inquieto, nunca se acomodou diante das suas conquistas pessoais.

Sua paixão pela educação e a convicção de que uma sociedade mais justasomente será alcançada quando todos tiverem acesso à educação de qualidade o levaram a seguir contribuindo para a construção de uma educação superior mais conectada com as demandas deste século 21 e acessível a todos aqueles que almejam cursá-la.

Assim, o vasto conteúdo apresentado nas páginas que se seguem são mais do que reflexões ou especulações de um empreendedor educacional. Trata-se da síntese do pensamento de uma mente brilhante, um profundo conhecedor do cenário educacional e, sobretudo, uma referência que deixa um enorme legado de conhecimento, do qual beberemos por muitos anos adiante. A fonte está em suas mãos. Desfrute-a!

APRESENTAÇÃO

Sólton Caldas¹

A *Construção de Um Brasil Melhor – Coletânea de artigos* reúne textos do professor Gabriel Mario Rodrigues publicados no **ABMES Blog** entre 18 de agosto de 2015 e 1º de dezembro de 2020. São 249 artigos que sintetizam o pensamento de uma mente privilegiada e uma das maiores lideranças que o setor particular de educação superior teve nas últimas cinco décadas.

Ao contrário do que ocorreu em 2016, quando 37 artigos do autor, publicados entre 4 de outubro de 2009 e 1º de dezembro de 2015, foram selecionados para compor o livro *Educação Superior: Tecnologia, Inovação e Criatividade*, desta vez a **ABMES Editora** traz a íntegra da produção do professor Gabriel para o blog da ABMES no período mencionado no parágrafo anterior.

Educador nato e mestre na arte da diplomacia, Gabriel Mario Rodrigues teve sua trajetória marcada pela defesa da importância da educação superior e também pelo reconhecimento do setor particular como um grande aliado na qualificação e formação profissional da população brasileira.

Assim, não surpreende sua intensa produção voltada para questões como a importância da educação para a construção de um país mais justo e próspero, bem como sobre a necessidade de se repensar a educação brasileira, levando-a a um patamar mais alinhado com as demandas e necessidades dos tempos em acelerada transformação.

¹ Diretor executivo da ABMES.

Todavia, um leitor desavisado pode se surpreender com a fluência e a segurança com as quais um senhor com mais de 80 anos tratava de questões atuais que, em maior ou menor medida, dialogam com os temas educacionais como, por exemplo, “as transformações que a tecnologia, a informática, a comunicação, a inteligência artificial e as ciências em geral estão criando no mundo”. Como ele mesmo explicou no artigo *Os humanos serão cada vez mais rastreados*, o professor Gabriel dedicava atenção especial à forma “como o setor educacional poderá se preparar para formar o cidadão capaz de conviver com os desafios do futuro”.

É interessante notar que, com frequência, Gabriel Mario Rodrigues alerta para o fato de que esse futuro não é algo longínquo, mas que sempre esteve muito mais próximo do que imaginamos – ou gostaríamos. Em 2020, por várias vezes se dedicou à pontuar sobre os impactos da pandemia de Covid-19 no aumento da desigualdade e também na educação. Ainda em abril, quando o cenário pandêmico apresentava-se nebuloso e não tínhamos ideia dos seus desdobramentos, o professor Gabriel já havia cravado que a educação – e as escolas – nunca mais seriam as mesmas.

Sua capacidade de antevisão, sua sensibilidade e a competência com que abordava temas complexos faz do professor Gabriel uma leitura obrigatória para todos aqueles que querem entender o contexto da educação superior no Brasil e seus desdobramentos nas esferas social e econômica.

Por isso, na ocasião do primeiro ano do seu falecimento, a ABMES Editora disponibiliza esta extensa coletânea como uma forma de homenageá-lo, mas, sobretudo, de perpetuar a sua obra, tornando-a mais acessível àqueles que constroem o setor particular de educação superior, bem como às gerações futuras que terão em Gabriel Mario Rodrigues uma referência na defesa de uma educação superior de qualidade e acessível a todos.

O que se segue consiste em um registro histórico e no apontamento de caminhos para a construção de uma nação mais desenvolvida e igualitária, transformada pela educação.

Bons aprendizados!

SUMÁRIO

2015

Universidade minerva – proposta de revolução no ensino superior	30
A disruptura inevitável do sistema educacional mundial	35
ABMES comemora 33 anos de trabalhos dedicados ao ensino superior	40
Negócio social: grande ideia para complementar o capitalismo.....	43
Economia colaborativa não é o futuro, é o agora!	48
Alquimista do novo milênio	53
Crowdfunding arrecada milhões na internet.....	57
Design thinking – nova abordagem de valorização do estudante.....	62
Ao professor, com gratidão!	67
Carteira de trabalho – vai virar peça de museu?.....	71
“Aprendizagem 3.0” Ou aprendizagem colaborativa – a mídia da década de 2020	77
Criatividade, descoberta, invenção e inovação	82
Indústrias criativas – a bola da vez.....	87

Cidades criativas – importância no desenvolvimento urbano e regional	92
A cultura da participação coletiva reinventa os expulsos das calçadas	97
Competências e lideranças – inatas ou aprendidas na escola e na vida.....	102
A metacognição como estratégia de aprendizagem.....	108
Feliz natal e próspero ano novo!	114

2016

A criatividade como propulsora do desenvolvimento humano ...	120
Criatividade – a principal habilidade para se vencer os desafios do século XXI.....	124
Domínio das competências – moeda global do século 21.....	130
Inteligência socioemocional – importância na sustentabilidade da economia do século xxi	135
Não se curam novas doenças com medicamento velho	141
Imaginação, criatividade e inovação – valorosas estratégias para o desenvolvimento	143
Ser criativo e capaz de fazer conexões que poucos percebem.....	148
Criatividade – aprende-se na escola?.....	152

Criatividade para vencer os problemas da administração pública.....	157
A quarta revolução industrial.....	162
Educação na China no século 21.....	168
Hong kong exemplo de reforma educacional na China.....	174
O modelo educacional da coreia do sul e de Cingapura – os dois lados da moeda.....	179
Soluções para um país que precisa avançar.....	185
Soluções para um país que precisa avançar II.....	191
Votar conscientemente dá trabalho, mas é a única saída.....	196
Qual a educação que queremos para o futuro.....	200
“Bastão da fala” – tradição para se perenizar na abmes.....	205
O e-mail do presidente Obama ao presidente Temer.....	209
O desafio de transformar o ensino básico até 2022.....	215
Brasil: em tudo somos diferentes, para o bem ou para o mal.....	221
A importância da criatividade em todos os níveis educacionais.....	225
Caso Mogi das Cruzes: o marketing, os números e a vida além da sala de aula.....	230
Visionários da educação.....	234
Festações estudantis assustam vizinhança das universidades....	238
O mundo precisa que o sistema educacional forme profissionais competentes e criativos.....	241

Talentos desperdiçados	245
Você também pode ser criativo	250
Os caminhos da inovação.....	254
Sem criatividade não existe inovação	258
Como a criatividade e a inovação podem contribuir para a educação	262
O pensamento criativo fará a diferença na vida profissional.....	267
O legado das olimpíadas rio 2016 para o futuro dos nossos jovens	270
ABMES: uma história de trabalho, persistência e conquistas – seu legado para as futuras gerações	275
Por que a universidade está longe do pódio olímpico.....	280
Paralimpíadas: evento mundial que nos obriga a refletir	285
Certificações profissionais no lugar de faculdade: uma tendência?	290
É preciso avaliar a validade dos tccs	295
Tccs e reforma do ensino médio – o desafio de opiniões divergentes	300
Compartilhar vivências e desenvolver talentos: essa é a missão dos educadores	306
Criatividade, colaboração e compartilhamento: os 3Cs para inovar a educação brasileira.....	311
O sistema educacional brasileiro é ainda muito conservador	320
Para onde vai a universidade?	325

Sistemas educacionais devem ter visão de futuro	329
Pátria madrasta vil	333
Os desafios da aplicação das novas tecnologias na educação	336
Passado, vanguarda, tecnologias e novo modelo educacional	340
Os benefícios e perigos do uso indiscriminado da internet.....	344
O centésimo macaco	348
Economia colaborativa: principal tendência do século 21.....	352

2017

As novas competências advindas da quarta Revolução Industrial.....	358
O mundo muda sempre e as escolas nunca mudam	363
Um furacão de “sebastiões” para melhorar o Brasil.....	368
Ao professor Morejón, amigo dos amigos, a nossa lembrança.....	372
Os robôs serão os professores do futuro?.....	377
O mundo novo que a inteligência artificial está criando.....	382
Uma rede de conhecimento para acompanhar as transformações do mundo atual.....	386
Construindo comunidades para um mundo melhor	390
O super mark e a construção da comunidade global.....	394

Uma lenda chamada Yunus para inspirar uma solução para o Fies.....	399
O pai da www.....	403
Zuckerberg, Berners-Lee e o novo paradigma.....	408
Os oráculos do século XXI.....	412
Redes de aprendizado profissional compartilhado	415
Educar para votar conscientemente.....	419
A operação lava jato mostra que o brasil precisa mudar	423
Estamos com problemas (e precisamos de soluções).....	428
Qual o papel do ensino superior particular diante da crise pela qual passa o país?	433
Só a educação pode transformar o brasil.....	437
A educação deve participar da renovação política brasileira	441
O projeto “vota certo, Brasil!”	445
O Brasil tem condições de encontrar soluções para seus males	450
Brasil, um país que ainda precisa ser sonhado.....	456
Ética e cidadania como sustentáculos da sociedade	460
Amanhã ninguém sabe	465
Trabalhabilidade, braços cruzados e desocupados.....	470
A importância da economia criativa para o desenvolvimento do país.....	475

Os intrometidos palpiteiros do futuro	479
O que fazer para sermos melhores do que os robôs?.....	484
Justiça pune pioneira de ead com a multa de R\$ 110 milhões sem prova pericial alguma.....	488
As bodas de coral da abmes e o compromisso com as transformações da sociedade.....	493
A criatividade é a maior engenhosidade a ser usada para desenvolver pessoas, empresas e países.....	497
Primos pobres e primo rico na educação	502
Por que tanta resistência para inovar em educação?.....	508
O mundo nunca mais será o mesmo.....	512
O tempo não espera por ninguém	517
Participação em ações sociais desenvolvem novas competências para a vida	523
A era digital chegou e as escolas precisam estar atentas	527
Semesp apresenta “diretrizes de políticas públicas para o ensino superior particular”	532
“A política é um reflexo da sociedade”, o mantra de Barack Obama	536
O que significa ser professor no século 21.....	540
Um milhão de robôs concorrendo ao trabalho	544
Trabalho e empregabilidade: xeque-mate	549
Deus está no ciberespaço?.....	553

Globalização digital: estamos mais conectados do que nunca	557
As redes sociais podem contribuir para um mundo melhor	561
Uma rede colaborativa universitária para uma sociedade desorientada	566
Whatsapp: uma caixa de pandora.....	570
A importância de resgarmos os grandes nomes da educação brasileira	574
É natal! O que devemos aprender com a liderança de Jesus	579

2018

Leôncio de Carvalho – o verdadeiro patrono da educação particular brasileira	583
O desafio da modernização dos currículos universitários	589
A formação educacional e o trabalho no futuro.....	593
Educação do século 21: os desafios da sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem.....	597
Criatividade para o futuro da carreira docente.....	601
A escola nas nuvens.....	606
Campus party: unindo talentos, criando futuro	609
Educação positiva para a escola e para a família.....	613

A valorização da responsabilidade social universitária no Sinaes	617
Desenvolvimento tecnológico para inovação e desafios da indústria brasileira	621
Parques tecnológicos: ambientes de cultura, inovação e competitividade	628
As incubadoras e os empreendedores inovadores	634
Não há como pensar em inovação sem universidades	638
Como preparar gente para um mercado cada vez mais competitivo	642
Os desafios da nova realidade educacional	647
Educação como objetivo de desenvolvimento sustentável	651
Os desafios para implantar a BNCC: vontade política, gestão escolar e qualificação docente	655
Os desafios para implantar a BNCC: motivação docente	660
Os desafios para implantar a BNCC: os palpiteiros que nunca atuaram em uma sala de aula	665
Como converter ideias em soluções: o maior desafio do congresso brasileiro de educação superior particular	669
XI CBESP mostra como enfrentar os desafios do presente e ter coragem de se reinventar	676
Um vulcão de corrupção, falta de educação e desigualdade social	682
Capital humano x capital político	688
O Brasil precisa dar certo	693

O Brasil precisa dar certo e quem vai escolher os jogadores é você	697
O Brasil precisa de craques no Legislativo e no Executivo. Chega de pernas de pau!	701
Sem utopias um país não vai para frente; mas, com distopias, só pode andar para trás	705
Em outubro começa a copa brasil de desenvolvimento e justiça social.....	709
ABMES comemora o cedro.....	714
Política, educação e desenvolvimento	719
Mudanças, agilidade e pensar diferente no processo educacional.....	724
É preciso promover as experiências exitosas que acontecem nas instituições brasileiras.....	729
A sala de aula pode virar museu	734
Os “nem-nem”, os “sem-sem” e agora também os “des-des”	738
Ensino básico continua estagnado, conforme avaliação do Saeb	742
Estuda, Brasil!	748
Universidade gratuita.....	753
20° Fnesp – mais do que um evento, uma imersão numa nova demanda do mundo do trabalho.....	757
Mundo novo, escola nova e professor motivado	762
Novo governo e a expectativa das transformações educacionais.....	766

Mudanças no setor educacional não são fáceis de resolver.....	771
Universidade tradicional: página virada, jornal de ontem.....	775
Inteligências múltiplas.....	781
Non scholae sed vitae discimus	788
Aviso aos navegantes.....	791
O relatório da mckinsey sobre automação e os desafios da nova realidade educacional.....	796
Universidade, empresa e governo – uma estratégia para inovação e desenvolvimento	801
Cenários futuros dos ambientes educacionais.....	805
Jesus cristo, um autêntico criador e inovador	811

2019

Acesso, permanência e sucesso dos afrodescendentes na universidade.....	817
O futuro está chegando mais rápido do que você pensa	822
As universidades terão que repensar seu propósito.....	829
Um mais um é sempre mais do que dois.....	834
O futuro sem os Jetsons	839
A educação do futuro já começou ou vai começar?	846

Temos certeza de que não queremos mais “estudantes passivos”?	852
Campus party mais uma vez surpreende as expectativas.....	857
Mobilidade social e educação.....	864
Estão mudando o ensino por mudar e pode ser perigoso (resenhando um documento da ocde).....	869
Metodologias ativas de aprendizagem – passado, presente ou futuro?	876
Competências e habilidades: a discussão do momento	882
Competências e habilidades: a discussão do momento (segunda parte).....	888
O que acontecerá quando as máquinas fizerem tudo?.....	894
Inteligência artificial de bengala e cabelos brancos	900
Como estão os cursos de pós-graduação nos eua	905
ABMES diante do desafio da mudança de uma era.....	911
A desigualdade no Brasil só se corrige com educação.....	916
Os robôs e as tendências sobre o futuro do trabalho	921
Para onde vai a educação?	925
A BNCC e o desafio nacional de sua implantação	930
O “caminho das pedras” para implantar a BNCC nas escolas públicas.....	936
Semesp e seus 40 anos – as bodas de rubi.....	942
Na vida, realizar vale mais do que mil palavras.....	947

O futuro da educação: desafios e perspectivas da educação brasileira para a próxima década.....	953
As preocupações educacionais de um mundo em transformação	957
Quando as máquinas param.....	961
Formação de professores para a educação 4.0 – O maior desafio da atualidade.....	965
A educação do futuro e os sete saberes de Edgar Morin.....	970
ABMES: “aventurina” e seus desafios para os próximos 40 anos	975
O papel da neurociência na educação 4.0	981
As revoluções industriais e seu impacto na educação.....	987
O desafio do mundo do futuro é criar trabalho para todos	992
Tecnologia, educação e transformação social: um olhar além dos processos regulatórios.....	998
ABMES frente às mudanças tecnológicas e às grandes transformadoras digitais	1003
Qual a reação de um robô ao ver o beijo dos rapazes da história em quadrinhos?	1008
Razão versus emoção na inteligência artificial	1013
Mudança de mindset: uma nova forma de pensar a educação.....	1017
Era digital: o grande desafio do ensino superior	1022
Escola e professores e os desafios dos novos tempos	1027

Formação de professores: um desafio para as ies	1032
EAD: muito além da experiência milenar do ensino presencial.....	1037
A inteligência artificial e a imortalidade.....	1042
O poder transformador da educação	1048
Como dar sentido à nossa vida num mundo em transformação?	1054
O mundo mudou (e continuará mudando...)	1059
O poder da educação num mundo exponencial	1064
Vantagem competitiva entre os que dominam e os que não dominam o mundo digital.....	1069
O futuro depende da educação como apoio total à construção da nova sociedade	1073
Jesus, o maior comunicador de todos os tempos.....	1078

2020

Anos 20 – era de transformação ou transformação de uma era	1083
Como ser relevante num mundo em transformação.....	1088
Arrozais, testes de matemática e projeto de nação.....	1092
Como alinhar o que o mundo precisa em educação e o que os cursos universitários oferecem	1097

Fórum econômico de davos e a sustentabilidade	1102
As sinalizações de davos – a educação deve mudar para o mundo não acabar	1107
Uma bomba no colo da economia planetária	1111
Receita do Ministro: educação precisa de conscientização, mobilização, investimento, gestão e monitoramento	1116
A sociedade vai precisar pensar em uma nova educação.....	1122
A sociedade do futuro.....	1127
Anos vinte; como formar gente para trabalhar em ocupações profissionais que ainda não existem	1132
A escola que se cuide. Daqui pra frente nada será como antes.....	1138
A encruzilhada.....	1143
O mundo não será mais o mesmo e nem a escola	1148
Desigualdade social: pandemia 100 vezes maior que a Covid-19	1153
Comunicação e educação.....	1157
Os humanos serão cada vez mais rastreados.....	1162
Como será o amanhã?	1167
Algoritmos do bem versus algoritmos do mal.....	1171
Algoritmos do bem versus algoritmos do mal – parte II	1177
O que serão as escolas passada a pandemia do coronavírus	1183

O que serão as escolas passada a pandemia do coronavírus – parte II.....	1189
O que fazer depois que a pandemia terminar?	1195
Precisamos de uma sociedade comprometida em mudar o Brasil pela educação	1200
Movimento de conscientização da sociedade Brasileira pelo valor da educação	1205
Você sabe qual é o papel e a função da educação para você e para o Brasil?	1212
Queremos ver o Brasileiro apaixonar-se pela educação	1217
OCDE: estudante Brasileiro sem recursos leva 9 gerações para atingir a classe média	1223
Abolicionismo educacional.....	1228
O que os países ricos estão fazendo para melhorar a educação.....	1234
Quando será que o Brasil vai concorrer ao campeonato mundial de educação?.....	1240
A escola só é boa quando o aluno aprende.....	1244
O que fazer quando a pandemia escancara as desigualdades sociais e econômicas Brasileiras	1250
Formação de talentos para os desafios dos novos tempos	1254
O desafio de ser professor num mundo em acelerada transformação	1259
A educação precisa mover-se urgentemente, pois 2050 está chegando e com ele grandes desafios	1264

Como construir um Brasil melhor pela educação.....	1269
Resetar o ensino superior é sucesso e paradigmático	1274
O domínio do universo digital é exigência do mundo pós-pandemia	1279
O mundo muda a cada momento e a educação Brasileira fica sempre na mesma - parte 1	1284
O mundo muda a cada momento e a educação Brasileira fica sempre na mesma - parte 2	1289
Família, escola e mídia precisarão encontrar diretrizes comuns para promoverem uma sociedade menos desigual	1294

POSFÁCIO	1299
-----------------------	------



2015



UNIVERSIDADE MINERVA – PROPOSTA DE REVOLUÇÃO NO ENSINO SUPERIOR

(18/08/2015)

[ACESSE AQUI](#)

As instituições de ensino superior precisam se distanciar da abordagem no sentido do maior e do melhor e adotar um posicionamento em favor de uma nova realidade econômica, focando naquilo que sabem fazer de melhor.

Len Schlesinger¹

No primeiro semestre do ano passado, a mídia divulgou projeto pioneiro em educação proposto pelo Instituto Minerva (EUA) – a Universidade Minerva – com o propósito de convocar os alunos a colocar suas mochilas nas costas e a vagar pelo mundo para aprimorar o conhecimento e promover incursões visando interiorizar experiências e vivências internacionais. Esta forma de atuação que as universidades “emparedadas” não almejam nem têm condições de propiciar poderão marcar de fato o fim de escolas e faculdades que obedecem a padrões seculares e tradicionais de ensino.

O projeto é do empreendedor Bob Nelson, que pretende renovar o conceito de universidade. A ideia é mesclar encontros presenciais e sistemas de ensino online em diversos países por meio da utilização de uma didática radicalmente nova para "substituir" o modelo da

¹ [A universidade inovadora – mudando o DNA do ensino superior de fora para dentro](#), pag. 340.

universidade tradicional. Nelson quer provocar uma revolução no ensino superior atuando na elite social. Ele lançou uma estratégia de marketing provocativa com apelos promocionais persuasivos no site do Minerva, quais sejam:

Uma educação construída para você – Minerva oferece um ensino de graduação original. A experiência intensiva quatro anos é deliberadamente concebida para melhorar o seu crescimento intelectual e prepará-lo para o sucesso em rápida mutação no contexto do global de hoje.

Experiência única. Imersão global – O mundo precisa de cidadãos globais com conhecimentos de diversas culturas. Os alunos vão vivenciar experiências vibrantes em até sete das maiores cidades do mundo², enquanto obtém acesso a uma riqueza de recursos educacionais muito além daqueles disponíveis em um ambiente de um *campus* universitário tradicional.

Cada cidade sede do Minerva é selecionada pelo seu significado global, fornecendo vários desafios temáticos para o entendimento cultural mais profundo. Ao contrário da experiência com aulas passivas, a maioria dos alunos do projeto Minerva participará de pequenos seminários. Professores de alto nível envolverão e motivarão os alunos por meio de animada discussão, com debates intensivos e trabalho colaborativo.

Os cursos dividem-se em cinco áreas. Já estão aprovados para entrar em funcionamento os de artes e humanidades, ciências sociais, ciências naturais e ciência da computação. A área de negócios ainda aguarda aprovação. Os cursos – que serão realizados em parceria

² Sete cidades escolhidas: *primeiro ano* – São Francisco (USA); *segundo ano* – Berlin (Alemanha) e Buenos Aires (Argentina); *terceiro ano* – Seul (Coreia do Sul) e Bangladesh (Índia) e *quarto ano* – Istambul (Turquia) e Londres (Inglaterra).

com o *Keck Graduate Institute* (KGI), parte de um consórcio de faculdades da Califórnia – não terão aulas regulares, mas uma série de seminários interativos realizados por meio de um sistema de videoconferência. Em cada seminário, serão reunidos no máximo vinte alunos. O professor pode estar em qualquer lugar do mundo. Basta que tenha acesso à web. Estima-se um investimento de US\$ 28.850 por aluno.

Na matéria publicada no Estadão no dia 9 de agosto de 2015 – [Cresce procura por novos modelos de ensino superior](#) – Isabela Palhares analisou o projeto Minerva dizendo que cresce a procura por novos modelos de ensino superior com aulas online, *campi* itinerantes e sistema de workshops como opções para quem deixou para trás a universidade “sonolenta”. Sua análise não trouxe novidade, pois todos enxergam que a universidade tradicional presencial está com os dias contados. A forma de aprender mudou; a academia, porém, ainda não acredita nisto, porque não quer perder o privilégio de ser a “âncora do conhecimento” e o “cartório” de distribuição de diplomas.

Hoje a informação está disponível por um clique e um número indescritível delas encontra-se nas diversas mídias. As redes sociais conectam pessoas que compartilham informações e experiências e trocam informações pessoais e profissionais. O mundo virou uma aldeia global e a instituição universitária não tem mais endereço local. Está no universo do conhecimento. Portanto, a Universidade Minerva é a comprovação de que a sala de aula tradicional com as suas características ultrapassadas já está com os dias contados.

Ao mesmo tempo em que as mudanças econômicas, sociais e tecnológicas ameaçam a universidade tradicional, surgem demandas educacionais em todos os níveis que estão a exigir respostas. Esta é uma realidade incontestável que se apoia nos seguintes fatos:

- **Educação em todos os níveis durante a vida** – Diferentemente do passado, quando os requisitos profissionais em nível superior permitiam que as pessoas trabalhassem em empresas por trinta anos e depois se aposentassem, hoje todos sabem que elas passarão em sua vida profissional por várias empresas e atuarão em ocupações muitas vezes diversas de sua formação. Todos estão conscientes de que o aprendizado começa na escola fundamental e que vai até o fim da vida, isto é, que nunca termina.
- **Interligação entre ensino médio e superior** – Uma tendência nas escolas americanas é não mais separar as diversas fases do ensino (elementar, médio e superior) e permitir, por exemplo, que um aluno do ensino médio possa antecipar atividades ou disciplinas do superior e obter créditos válidos para a universidade.
- **Interdisciplinaridade valorizada** – A interdisciplinaridade será cada vez mais incentivada, para atender à complexidade do mundo. Assim, o estudante deve passar antes por todas as áreas do saber para depois escolher a sua preferida.
- **Concorrência saudável entre instituições** – A massificação do ensino superior incentivará a concorrência entre as instituições, levando-as a encontrar as melhores metodologias de aprendizado visando facilitar o trabalho em grupo e melhorar a comunicação entre pares.
- **Flexibilização e ensino híbrido** – A flexibilização dos planos curriculares exigirá maior aproximação entre ensino presencial e online. O ensino se tornará híbrido e a estratégia a ser utilizada dependerá do perfil do estudante. O encontro entre o mestre e o aprendiz estará sempre apoiado na solução de problemas.
- **Potencialidade do ensino online** – O ensino online se aperfeiçoará cada vez mais e sendo optativo se tornará uma modalidade com grande potencial. Isto porque colaborará para aprofundar o conhecimento e maximizar os recursos oferecidos pelas redes sociais e pelas diferentes mídias.

- **Professor e tecnologias de informação e comunicação** – As tecnologias de informação e comunicação servirão cada vez mais de esteio e de aprimoramento para os processos de aprendizagem o que obrigará os seus usuários a dominarem a sua utilização. Nesse contexto, entra o papel do professor como intermediário principal do processo de ensino-aprendizagem.
- **Criatividade, inovação e empreendedorismo: diferencial competitivo** – A criatividade, a inovação e o empreendedorismo deverão ser percebidos nos sistemas de ensino como diferenciais competitivos dos indivíduos, visando criar oportunidades agregadoras de valor à formação das novas gerações de estudantes e trabalhadores.

O mundo mudou e a procura por profissionais que possam atender os desafios com os quais as organizações atualmente se defrontam, está a exigir uma formação educacional voltada para atender as demandas dos novos tempos.

É preciso vencer o medo e superar a imobilismo achando que tudo ficará como está. Quem tiver um pouco de sensibilidade perceberá que o sistema educacional está mudando e que será preciso se adaptar às novas realidades.

A DISRUPTURA INEVITÁVEL DO SISTEMA EDUCACIONAL MUNDIAL

(25/08/2015)

[ACESSE AQUI](#)

Uma das melhores maneiras de se buscar oportunidades de negócio é observar tendências e implantar empresas que satisfaçam as necessidades geradas por elas. Sai na frente o empreendedor que consegue perceber essas tendências antes dos demais, já que tudo que é novo atrai mais mídia espontânea, além de fixar a marca entre os clientes ávidos por aqueles produtos.

[Tales Andreassi](#)¹

A jornalista Stela Campos publicou excelente artigo sobre “[Negócios Disruptivos](#)” no Suplemento EU & Fim de semana, do Valor Econômico (21.08.2015). Reportagem de capa, ela cita pesquisa realizada por Michael Wade, professor de Inovação e Estratégia da Escola de Negócios IMI de Lauzane e diretor do recém-inaugurado Global Center for Digital Transformation (DTB- Center), mostrando que, entre os doze setores que estão mais próximos da chamada disruptura digital, a educação é o sexto.

O estudo mostra também o resultado do questionamento realizado com 941 executivos oriundos de 13 países e de vários setores eco-

¹ Professor e Vice-Diretor da Escola de Administração de Empresas de São Paulo (FGV).

nômicos, em que mais de um terço deles considera que suas atividades passarão por completa transformação nos próximos cinco anos. Com base na pesquisa, Campos destaca um dado bastante preocupante: 40% das empresas entrevistadas desaparecerão do cenário no período citado. Isto vai ao encontro do alerta de Wade – “quanto mais digitalizado for o produto, maior será o risco de passar por uma disruptura em seu modelo de negócios”.

Inovação disruptiva em termos conceituais é um processo, produto ou serviço que surge para simplificar ou modificar outro existente. É o que está sucedendo com milhares de negócios que, de uma hora para outra, simplesmente deixam de existir, porque foram substituídos por dispositivos mais eficazes onde a tecnologia tem papel prevalecte.

É isto o que está acontecendo no cenário dos negócios com a chegada dos aplicativos – Uber, com os taxis; Whatsapp, na comunicação interpessoal; site Airbnb, na locação de alojamentos para viagens e as ferramentas Duolig e Babel que estão revolucionando o ensino de línguas.

Todos sabemos que em relação à educação superior não poderia ser diferente, porque se trata de um mar aberto a inovações em todos os seus níveis e setores que visam aprimorar o desempenho e a oferta de um ensino de qualidade por parte das instituições.

Uma reforma radical no ensino superior está chegando, quer queiramos ou não, escreve Clayton Christensen, professor da Harvard Business School. Para ele a "inovação disruptiva" transformará radicalmente a Educação Superior.

Michael Horn, coautor de Christensen em vários estudos sobre ensino superior, afirma que não ficaria surpreso, tendo como referência os Estados Unidos, com a fusão e ou desaparecimento de

metade das IES nos próximos cinco a dez anos. "É lógico que nem todas as instituições serão afetadas, porque sempre haverá alunos suficientemente ricos para cursar as escolas de prestígio, tendo em vista que eles se importam com a 'marca'".

Este processo de inovação disruptiva é semelhante ao que o economista Joseph Schumpeter chamou de "destruição criativa" que, em última análise, traz um maior benefício para a sociedade. A indústria automobilística, por exemplo, destruiu o transporte baseado no cavalo e na charrete, permitindo um ganho muito mais amplo para a sociedade.

Grande parte dos estabelecimentos de educação superior será substituída por novas formas de metodologias de aprendizagem que irão beneficiar muito mais os alunos.

A sociedade atual experimenta transformações profundas decorrentes do avanço da tecnologia da informação e da comunicação, permitindo a interconexão de pessoas, culturas, instituições, cidades e países. Há um mundo sem fronteiras que supera até as dificuldades da comunicação interpessoal que, diuturnamente, troca informações pela internet por meio de seus programas de relacionamento – blogs, fóruns, twitters, redes sociais entre outros.

Todas as áreas da ciência, da economia, do esporte, da cultura, da administração dos negócios e dos grandes eventos mundiais se interligam num fabuloso banco de informações que se aprimora a cada instante e estão à disposição de quem quer aprender e adotar aparatos de todos os formatos e tamanhos. Assim, nada mais será como antes.

Enquanto na Europa e nos Estado Unidos vários movimentos se sucedem no sentido de flexibilizar as estruturas educacionais, o ensino superior particular brasileiro – que tem mais de um século

e que hoje responde por mais de 75% do número das matrículas – permanece paralisado diante de uma regulamentação do Estado fortemente opressora, sujeita a planos curriculares desvirtuados da realidade de um país em desenvolvimento. Ao lado disso, nesses tempos de mudanças, o ensino enfrenta a falta de qualificação de professores, somente habilitados a transmitir pessoalmente seus conhecimentos, fato que os distanciam cada vez mais dos estudantes, fortemente antenados com as tecnologias de informação e comunicação.

Na medida em que o ensino superior se massifica, desaparece a noção da academia como instituição que paira com superioridade sobre o mundo real. Será cada vez mais forte a competição entre instituições, o que provocará por parte delas o uso das melhores práticas de aprendizagem tais como a “aula invertida”, o “ensino adaptativo” e os novos modelos de transmissão de conteúdos acadêmicos.

A grande evasão dos alunos do sistema está obrigando as instituições a implantar alternativas criativas, esquemas de retenção de alunos e a aprimorar, com a utilização das mídias atuais, a qualidade das aulas dos cursos de graduação.

Para vencer a barreira do anacronismo universitário e os desacertos existentes, será necessário promover a disruptura do sistema atual e introduzir novas ideias apoiadas em sistemas mais criativos e inteligentes.

Entre os desafios a serem enfrentados destacam-se:

1. Encontrar soluções para o problema recorrente do aluno oriundo da escola pública, portador de uma educação básica ineficiente;
2. Adotar a concepção que não deve haver descontinuidade entre o ensino médio e o superior. O acesso à universidade não deve ter barreiras etárias;

3. Flexibilizar os currículos escolares para a adoção do ensino híbrido com a introdução de metodologias e tecnologias apropriadas;
4. Validar no ensino superior os créditos das matérias dos alunos cumpridas no ensino médio;
5. Implantar currículos modernos formatados para atender o desenvolvimento do país e o projeto de vida dos estudantes;
6. Desregulamentar as regras do engessamento curricular;
7. Compreender a realidade da explosão dos cursos livres online gratuitos como é o caso dos Moocs;
8. Criar empresas certificadoras com o objetivo de validar a qualidade dos cursos com credibilidade para serem aceitas pelas empresas;
9. Repaginar os edifícios universitários tanto nos espaços reservados às salas de aula quanto às instalações complementares;
10. Aprimorar do uso das tecnologias em todas as atividades de aprendizagem.

A enorme complexidade do mundo real não se coaduna com a compartimentalização da IES. Os alunos devem interagir em todas as áreas do saber para depois escolherem sua área de interesse. A questão maior será a de transformar os sistemas educacionais em um conjunto de conteúdos e práticas condizentes com as necessidades do Século XXI. A velocidade das mudanças em todas as áreas do pensamento, no trabalho, no divertimento e nos relacionamentos interpessoais é fato incontestável.

O problema é como mudar os antigos procedimentos fortemente consolidados nos negócios, no Governo e na educação e como influir para que estes organismos deixem de olhar para trás e passem a enxergar o futuro. Este é o grande desafio das novas gerações.

ABMES COMEMORA 33 ANOS DE TRABALHOS DEDICADOS AO ENSINO SUPERIOR

(31/08/2015)

ACESSE AQUI

Só o grupo pode resistir e recompor os traços de seu passado. Só a inteligência e o trabalho de um grupo podem reconquistar as coisas preciosas que se perderam, enquanto estas são reconquistáveis. Quando não há essa resistência coletiva, os indivíduos se dispersam, são lançados para longe, as raízes partidas.

Ecléa Bosi¹

Ao comemorarmos o trigésimo terceiro aniversário da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES) – “idade de Cristo” – reverenciamos, em primeiro lugar, a memória de Vera Costa Gissoni, que nos deixou no início desse ano para continuar sua missão missionária numa outra dimensão. Costumávamos dizer que ela, tal qual João Baptista, peregrinou pelo Brasil, do Oiapoque ao Chuí, no início da década de 1980, em busca de parceiros dispostos a instituir uma associação que unisse e representasse as instituições de ensino superior particulares do país. Sua jornada visionária e vitoriosa culminou com a constituição da ABMES, então ABM, em 30 de agosto de 1982, numa histórica reunião na cidade do Rio de Janeiro.

¹ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade* – lembranças de velhos. 3ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994. 484p

No momento de criação da associação, como observa Paulo Newton Paiva Ferreira, um dos fundadores, “vivíamos o clima de preconceito e de vezo ideológico instalado na área pública e não tínhamos o foro e a voz que falasse por nós. A ABMES foi criada para isso, para ser nossa porta-voz e representante sempre que nossos direitos precisassem ser respeitados”.

Nenhum de nós, jovens mantenedores presentes naquela data e imbuídos dos mesmos ideais, poderia imaginar que passadas mais de três décadas teríamos tantas razões para comemorar este nosso 33º aniversário.

A trajetória de sucesso da ABMES permitiu, de forma natural, a conceituação de sua missão – embora latente desde o início – de “contribuir para o desenvolvimento global das instituições mantenedoras associadas e defender a livre iniciativa visando à melhoria da educação superior no país”. Além disso, consolidou as bases para a definição e concretização de seu projeto institucional de forma coletiva e inovadora.

Nesse sentido, gostaríamos de destacar em segundo lugar que, ao lado de mantenedores mais velhos e experientes, novos e competentes afiliados engrossaram nossas fileiras, arregaçaram – e continuam arregaçando – as mangas na adequação de nosso projeto às necessidades atuais das instituições mantenedoras e mantidas, tornando a ABMES a entidade representativa por excelência do ensino superior particular.

Creditamos, pois, nossas conquistas, em grande medida, ao esforço conjunto de nossos associados que foram capazes também de assumir posições corajosas voltadas à defesa intransigente do ensino superior particular. Isto não quer dizer que tenhamos superado todos os obstáculos, pois eles, tal como os relógios, têm um movimento pendular: vão e voltam... Mas, certamente, aprendemos a andar com nossas próprias pernas.

Em outras palavras, avançamos e acumulamos importantes ganhos, embora reconhecamos que há uma longa e tortuosa rota a percorrer, cujos rumos se definem na nossa travessia. *“Caminante no hay camino, se hace camino al andar (...) golpe a golpe, verso a verso”*, diz, sabiamente, o famoso poeta espanhol Antonio Machado.

Podemos afirmar hoje, com total segurança, que a ABMES nasceu, cresceu e amadureceu com a mesma vitalidade que caracterizou o espírito dos jovens fundadores. Ganhou velocidade sem perder a qualidade, ganhou credibilidade, ganhou poder e reconhecimento.

Embora convivamos ainda com problemas de natureza ideológica, e mesmo de resistência em relação ao setor privado, temos agora uma voz que fala por nós. O espírito associativo ganhou corpo e realimenta as bases para o nosso trabalho.

Com isso, o “cardápio de realizações” da ABMES ganhou reconhecimento público. A “marca” ABMES é garantia de trabalho sério, ético e referência para as instituições brasileiras ligadas à educação.

Finalmente, conclamamos todos os que fazem parte da ABMES a comemorar, de forma conjunta, nossas conquistas. Estamos de parabéns! Mas não podemos esmorecer. Seguiremos com coragem e fundamentos para apresentar propostas, consolidar espaços de diálogo na arena política e, assim, continuar avançando para que a ABMES se confirme, definitivamente, como protagonista do ensino superior no país e responsável por um importante legado para a educação brasileira.

NEGÓCIO SOCIAL: GRANDE IDEIA PARA COMPLEMENTAR O CAPITALISMO

(08/09/2015)

[ACESSE AQUI](#)

A pobreza não foi criada pelos pobres. É um produto do mundo capitalista e, para transformá-la, devemos mudar os modelos e conceitos rígidos da nossa sociedade.

Quando os pobres forem motivados a libertarem a sua energia e a sua criatividade, a pobreza desaparecerá rapidamente.

Muhammad Yunus¹

Surgidas no século passado, as Organizações Não Governamentais (ONGs) definem-se como um grupo social organizado, sem fins lucrativos, constituído formalmente para atender ações de solidariedade no campo das políticas públicas em proveito de populações carentes das condições de cidadania. Suas receitas, quase sempre, decorrem de doações, patrocínios de empresas ou verbas governamentais e, raramente, têm autossustentação financeira. Ou seja, essas organizações complementam o trabalho do Estado, recebendo financiamentos e doações dele, assim como de entidades privadas.

Situadas entre a esfera pública e a privada, essas organizações surgiram devido à ineficiência do poder público de atender às necessi-

¹ A Empresa social. A nova Dimensão do Capitalismo para fazer face às Necessidades mais prementes da Humanidade, Editorial Presença, Lisboa 2011

dades da sociedade, promovendo ações sociais, culturais artísticas e assistenciais. Lamentavelmente, muitas fraudes e falcatruas envolvendo falsas licitações e escorregões administrativos têm colocado diversas ONGs no centro de escândalos de corrupção e desvio de verbas. (Desejando conhecer números e estatísticas sobre as ONGs, acesse www.abong.org.br/ongs.php?id=18)

Hoje, no entanto, existem em nível mundial experiências de negócios de caráter social que ultrapassam esse nível assistencial e solidário e, concretamente, propiciam melhor atendimento das populações carentes, ou seja, desenvolvem a capacidade de os indivíduos realizarem, por si mesmos, as mudanças necessárias para evoluir e se fortalecer.

Esse é o caso dos negócios sociais que, diferentemente das ONGs, são autossustentáveis, não dependem de subsídio governamental e da mesma forma complementam o trabalho do Estado.

O professor e economista Muhammad Yunus, terceiro de uma família de 14 filhos, dos quais cinco morreram nos primeiros anos, foi o primeiro a usar o termo negócios sociais. Em 1976, Yunus tinha no bolso apenas US\$ 27, mas dividiu-os entre 42 mulheres que ele sabia que estavam endividadas, vivendo abaixo da linha de pobreza na vila de Jobra, Bangladesh, país natal do economista. Com o empréstimo, essas mulheres, que viviam em ciclo de miséria, presas a agiotas locais, puderam pagar suas dívidas e começar pequenos negócios. Havia, porém, o compromisso de devolverem os valores o mais rápido possível, sem juros nem qualquer correção.

O pequeno experimento teve um grande efeito: os empréstimos foram pagos, geraram novos empréstimos e a vida da população de Jobra começou a mudar.

Em 1976, o Professor Yunus começou a fazer experiências com o fornecimento de pequenos empréstimos sem as garantias e as exigências tradicionais dos bancos comerciais. Nasceu assim o *Grameen Bank*, que mais tarde, em 1983, tornou-se um banco oficial para fornecer empréstimos aos pobres, principalmente às mulheres na zona rural de Bangladesh.

Grameen, palavra bengali para “aldeia”, descreve o próprio caráter da filosofia de negócios sociais: começar em pequena escala. O *Grameen Bank* cresceu e tornou-se um grande sucesso ao permitir que um número enorme de pessoas saísse da pobreza e fosse partícipe do negócio social. Considera o trabalho em rede, fazendo parcerias de forma a fortalecer e ampliar o impacto da atuação do negócio; combate o trabalho escravo, forçado ou infantil; cuida da cadeia produtiva; gerencia o impacto ambiental e articula políticas públicas.

O eixo principal desse negócio, antenado com os preceitos do novo milênio, é causar impacto positivo em uma comunidade, ampliando as perspectivas de pessoas marginalizadas pela sociedade, tudo aliado à possibilidade de gerar renda compartilhada e autonomia financeira para os indivíduos de classe baixa, pois, como define Yunus, “*all humans are born entrepreneurs*”.

Atualmente, o *Grameen Bank* tem mais de 8,4 milhões de mutuários, 97% dos quais são mulheres, e desembolsa mais de 1,5 bilhões de dólares por ano. A ideia se espalhou por quase todos os países do mundo, incluindo países desenvolvidos e industrializados. O pai do microcrédito criou também outras 50 empresas, a maior parte delas como negócios sociais, sempre defendendo o princípio de que o lucro deve ser totalmente reinvestido na empresa e destinado à ampliação dos benefícios socioambientais.

A grande força motriz dos negócios sociais está assentada em condições incomuns porque combina o melhor do business tradicional

– dinamismo e eficiência – com o melhor do setor público e filantrópico – consciência e solução de problemas sociais. Por ser financeiramente autossustentável, o negócio social não depende de doações, ao contrário de ONGs ou de programas de governo. Suas receitas cobrem seus custos. Assim, mexe com mais dimensões do ser humano do que apenas fazer dinheiro. Ao contrário do *business* tradicional, pois não tem o objetivo de maximizar o valor para os acionistas.

Como tem significado e propósito, o negócio social é altamente motivador e libertador de todo o potencial criativo humano, resultando em grandes inovações. O dinheiro doado para uma ONG ou instituição filantrópica não retorna. Já o dinheiro investido em negócio social não só retorna como pode ser investido em outro negócio social, depois em outro e em outro. Ou seja, o investimento em negócio social se recicla.

A crise financeira e econômica global tem mostrado que o capitalismo precisa de um complemento. E o negócio social é uma grande ideia para esta nova era em que vivemos, pois mostra que não há conflito entre ambição social e econômica.

No Brasil, a iniciativa ainda não aportou como deveria, mas, nos últimos anos, foram implementados projetos nessa linha por empresas como Danone, Veolia, BASF, Adidas, SAP, Uniqlo, Intel.

O negócio social deve beneficiar diretamente pessoas com faixa de renda mais baixas, as chamadas classes C, D e E, que, de acordo com o IBGE, em 2010, correspondiam a 168 milhões de pessoas.

Essa nova ordem social e econômica tem possibilitado, em diversas localidades, a emancipação econômica e social de populações e articulado mercado-democracia como valores centrais da realização humana, o que é necessário para garantir a estabilidade do sistema

no âmbito mundial. Ou seja, o negócio social justifica a possibilidade de humanização do capitalismo e estamos dele tratando, porque poucas instituições de ensino superior brasileira tenha lhe dado atenção. É tema que dá alternativa de trabalho para os egressos das universidades.

ECONOMIA COLABORATIVA NÃO É O FUTURO, É O AGORA!

(15/09/2015)

[ACESSE AQUI](#)

Le cabe a cada uno dar el primer paso en dirección a una cultura en que empresas y personas puedan colaborar cada vez más unas con otras, iniciando una relación de interdependencia, cuidado y reciprocidad. Este nuevo patrón de interacción colaborativa demanda la formación de nuevos tipos de liderazgos que funcionen en una lógica más dinámica y basada en la participación. Solo así será posible formar empresas con propósito, que sean válidas y que generen real valor a la sociedad como un todo.

Tomás de Lara

Há cerca de dez anos, li na revista Carta Capital uma matéria sobre pequena cidade italiana onde seus moradores trocavam serviços, usavam o tempo prestado como valor de moeda e, para disciplinar as transações, criaram o “Banco do Tempo”. Com esta referência fui a Wikipédia e obtive informação mais exata sobre o “Banco”:

“(...) Consiste na ajuda mútua de pessoas, de uma cidade ou de um bairro, que fazem serviços comunitários em troca de outros serviços. A capitalização é de serviços, nunca de dinheiro, pois não se visa o lucro. É um sistema de troca de serviços para os serviços ou favores por favores. Propõe fomentar as relações sociais e a igualdade entre diferentes camadas econômicas. O uso deste tipo de economia pode resolver vários problemas presentes na economia de mercado. Atu-

almente, esses projetos são melhorados com o apoio da tecnologia da informação.”

No entanto, atividades tais como compartilhar o carro, a furadeira e a casa; encontrar quem fique com o seu cachorro enquanto você viaja; trocar aulas de inglês por outras de guitarra e compartilhar tecnologia geram desconfiança natural, porém incômoda. Nessa hora, o papel das plataformas tecnológicas é decisivo, pois são capazes de desenvolver mecanismos de confiabilidade, seja verificando documentos, seja oferecendo fichas de avaliação dos serviços.

Rachel Botsman – líder do pensamento global sobre o poder da colaboração e do intercâmbio por meio das tecnologias digitais para transformar a forma de viver, trabalhar, financiar e consumir e autora do livro “O que é meu é seu” – afirma que “a reputação será a moeda de troca que diz que você pode confiar em mim”. Segundo Botsman, se o maquinário era o capital mais precioso da Era Industrial, a reputação é o ativo mais valioso da economia colaborativa.

A economia colaborativa ou compartilhada tem florescido pelo mundo todo, é bem ativa em Portugal (www.bancodotempo.net/pt/), e vem chegando, ainda que timidamente, ao Brasil. Este tipo de economia representa uma forma de usar a tecnologia para várias finalidades entre as quais fazer negócios entre pessoas (peer-to-peer), economizar, ganhar renda extra, promover a sustentabilidade e, até mesmo, renovar a fé na humanidade. Em outras palavras, a economia colaborativa permite repensar social e economicamente as formas de organização das pessoas e definir o que elas esperam dessas relações.

Este tipo de economia se materializa em três modelos: prestadoras de serviços, fomentadoras de mercado e provedoras de plataformas. Trata-se de um movimento descrito como a principal tendência econômica do século XXI, considerando que conecta desconhecidos

com interesses e necessidades comuns e utiliza, numa escala sem precedentes, redes sociais e aplicativos, facilitadores do compartilhamento e da troca de conhecimentos, serviços e objetos. Há quem atribua à economia colaborativa o poder de reduzir o desperdício, aumentar a eficiência no uso dos recursos naturais, combater o consumismo e até reduzir a desigualdade social no mundo.

O consumo colaborativo sempre existiu, seja entre amigos ou famílias. Hoje, com a difusão tecnológica e modernos sistemas de reputação para gerar confiança, vemos diversos setores econômicos absorvendo o novo modelo e superando crises financeiras.

Além de transformar pessoas em microempreendedores, possibilitar que ganhem dinheiro e a economizar a partir de seus ativos, a economia colaborativa gera conexões entre estranhos, resgata o caráter humano das transações e deixa de tratar as pessoas apenas como consumidores.

Ao suplantarem premissas como a competição e a posse de bens, a economia colaborativa se desdobra em um universo novo e vasto. Outra forma de sociedade emerge baseada na informação e no conhecimento, na qual o acesso é mais importante do que a posse. A esse respeito, Dora Kaufman, pesquisadora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), citada por Diego Viana, explica que “alguns autores creem que o trabalho e a posse dos bens não são mais o centro da estrutura social, e que o contexto geral do intercâmbio social e econômico, que foi competitivo na era industrial, será colaborativo”.

Apenas para se ter uma ideia de onde a coisa pode chegar, a plataforma Airbnb – oferta de cômodos vagos e imóveis para locação por temporada e segunda maior *start up* do mundo, só atrás do Uber – tem hoje um valor de mercado de U\$ 12 bilhões, superior aos de

grandes grupos hoteleiros como o Hyatt, por exemplo. Só em 2014, segundo a revista Forbes, os empreendimentos colaborativos movimentaram mais de U\$ 110 bilhões em todo o mundo.

Se no século XX a invenção do crédito transformou o nosso sistema de consumo, no século XXI as novas redes de confiança e o capital de reputação vão reinventar as formas de pensar a riqueza, os mercados, o poder e a identidade pessoal de uma forma que ainda nem conseguimos imaginar. Assim, as empresas existentes devem repensar seus negócios para evoluir com seus clientes e não serem atropeladas por eles.

Philip Kotler, professor de Marketing Internacional na *Kellogg School of Management da Northwestern University*, explica a evolução ao longo do tempo dos modelos econômicos e estratégicos, classificando-os em “quatro ondas”: na primeira, a Era Agrícola, o capital mais importante era a terra; na segunda, a Era Industrial, o maquinário assumiu o papel principal; na terceira, a Era Informacional, a tecnologia e a informação se tornaram os bens principais do negócio. Na “quarta onda” – que se levanta agora – a criatividade, o meio ambiente e a cultura têm grande importância.

Com a transformação gerada pelo mundo digital e a conexão cada vez maior de informações e de pessoas, a partir da quarta onda, o consumidor/cliente deixou de ser uma abstração, se tornou mais ativo e ganhou *status* definitivo de ser humano.

Nesse contexto, as instituições de ensino superior (IES) devem conhecer cada vez mais os princípios básicos que regem a economia colaborativa não só como um caminho muito grande para inovar como também preparar os seus alunos para viverem em situação real a “quarta onda”, se tornarem empreendedores e ganharem o mercado. Se a sociedade, o consumidor e o relacionamento com

o cliente/consumidor estão mudando, as IES também precisarão mudar seus métodos de ensinar e suas inter-relações com a tecnologia da informação, com o mercado e com o mundo, visando fomentar as relações sociais e a igualdade entre os diversos setores da economia.

ALQUIMISTA DO NOVO MILÊNIO

(22/09/2015)

[ACESSE AQUI](#)

Novas ideias não são dinheiro ou máquinas. São as origens do sucesso e a grande fonte de satisfação pessoal.

John Howkins

A família Cardim está exultante com as comemorações dos 90 anos de fundação do hoje Centro Universitário Belas Artes, em São Paulo (SP), que envolvem extenso programa de eventos.

O amigo e companheiro de muitas lutas Paulo Antonio Gomes Cardim – presidente da Associação Nacional de Centros Universitários (Anaceu), diretor da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES) e reitor do Centro Universitário Belas Artes – e sua filha Patrícia Cardim, Diretora Geral, incluíram no programa o “I Fórum Belas Artes de Economia Criativa”, pertinente e atual, que vai reunir palestrantes nacionais e internacionais entre os quais o britânico *John Howkins*, um dos “cardeais” da temática.

Howkins é autor do livro “Economia Criativa, como ganhar dinheiro com ideias criativas” – disparou algumas preciosidades em recente artigo publicado pelo jornal [Valor Econômico](#): “a criatividade deve ser estimulada mesmo em tempos bicudos” (...) “não é possível deixar a estratégia de lado até que a economia comece a se recuperar”. *Howkins* destaca ainda que em uma economia fraca é mais difícil incentivar a criatividade, pois as pessoas têm menos apetite pelo risco. Mas é justamente nesse momento que isso se torna mais

importante, diz ele. Setores tradicionais da economia precisam hoje desenvolver a criatividade se quiserem ser competitivos. Para tanto, podem aprender com indústrias criativas como artes e entretenimento.

Howkins afirma que em um cenário de crise dominado pelo pessimismo uma das primeiras evidências dentro das empresas é a disposição para assumir riscos. Termos como criatividade e inovação, que por muito tempo tiveram lugar de honra no discurso de executivos, passam a ficar em segundo plano, enquanto as suas empresas promovem ajustes e os seus funcionários temem pelo próprio emprego.

Aqueles que nos acompanham em leituras neste espaço sabem que estamos insistindo e até mesmo nos repetindo sobre inovação e criatividade como ferramentas indispensáveis para arejar e incrementar o novo e permitir a transformação. No entanto reafirmamos que em tempos de escassez cada vez maior de recursos naturais é a abundância que dá o tom do futuro na economia criativa. Como?

Ao contrário da economia tradicional — que se baseia em fontes esgotáveis, como terra, ouro, água, petróleo entre outros —, a economia criativa está alicerçada em recursos perenes tais como cultura, criatividade e conhecimento, valores que se renovam e se multiplicam com o uso. Segundo a Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (Unctad), a economia criativa está focada no potencial individual e coletivo para produzir bens e serviços, que vão do turismo ao artesanato, passando por atividades culturais, inovações tecnológicas e pela comunicação. Nessa nova economia, os recursos naturais podem ser escassos, mas a capacidade alquímica de transformação é infinita.

Numa economia irrigada por conhecimento, informação, criatividade e inovação, segundo *Howkins*, é possível não só criar novos ativos, vender para novos mercados e desenvolver novas estraté-

gias de preços, mas também, e sobretudo, mudar a forma de pensar e trabalhar. Por isso, a economia criativa vem se firmando cada vez mais como uma alternativa para o desenvolvimento sustentável do mundo atual e tem potencial para gerar bem-estar, autoestima e qualidade de vida em indivíduos e comunidades, por meio de atividades prazerosas e representativas das características de cada localidade. Além disso, esse tipo de atividade tem a capacidade de estimular o crescimento inclusivo e sustentável como defende o “Relatório de economia criativa 2013”, elaborado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud).

Para a paulistana Lala Deheinzelin, mobilizadora sociocultural, consultora em economia criativa e criadora do movimento “Crie Futuros”, o porvir é cada vez menos provável, por isso é necessário sair do reativo e ir para o criativo “onde mora o desejo”. Mas para criar o desejável mundo novo, existem desafios para serem resolvidos em rede, utilizando as dimensões cultural, social, ambiental e financeira. “Não estamos falando de um tipo de economia, mas da união de várias, a saber: economia criativa, economia do compartilhar, economia colaborativa e as multimoedas”, explica [Deheinzelin](#).

Nessa nova ordem universal, a educação constitui-se peça-chave porque é capaz de estabelecer um elo entre todas as dimensões do desenvolvimento e, ainda, estimular a criatividade infundindo um desenvolvimento centrado no ser humano.

A educação tem como desafio ser o agente de mudança dessa transformação, preparando os jovens para essa nova realidade econômica e social. Nesse contexto, a escola deve imprimir aos estudos uma abordagem multi e transdisciplinar, desenvolver a criatividade na solução de problemas e promover o senso crítico, a atitude empreendedora e a atuação colaborativa.

Como a criatividade não pode gerar desenvolvimento por combustão espontânea, o primeiro e mais importante pré-requisito é a educação. Segundo a revista *Página 22*, da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, uma pessoa de alta escolaridade tem 36 vezes mais chances de se envolver em práticas culturais – como ir ao teatro ou simplesmente ler um livro ou uma revista – e, com isso, expandir seu universo e propor soluções cada vez mais criativas.

Richard Florida, teórico norte-americano do Urbanismo e professor da *Rotman School of Management*, da Universidade de Toronto, criou o *The Global Creativity [Index 2015](#)* – um índice global de criatividade para o crescimento econômico avançado e prosperidade sustentável baseado nos “3Ts” do desenvolvimento econômico – talento, tecnologia e tolerância –, que não funcionam separadamente. A tecnologia por si só não será nada se não houver talento e tolerância às diferenças.

Estimular e desenvolver talentos, ter uma infraestrutura tecnológica e propiciar a experiência das diferenças devem ser “mantras” nas pelas instituições de ensino superior (IES) para desenvolver um dos ativos mais preciosos do novo milênio – a criatividade.

As IES precisam estar atentas a essas possibilidades, a exemplo do Centro Universitário de Belas Artes que, ao comemorar as suas nove décadas de fundação, o faz com um “banho” de criatividade.

CROWDFUNDING ARRECADA MILHÕES NA INTERNET

(29/09/2015)

[ACESSE AQUI](#)

*Sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só,
mas sonho que se sonha junto é realidade.*

Raul Seixas

A jornalista Jéssica Nascimento noticiou no mês de julho no site UOL que a estudante baiana Geórgia Gabriela da Silva Sampaio, de 19 anos, havia sido aceita em nove faculdades dos Estados Unidos ([Jovem passa em nove universidades dos EUA e arrecada dinheiro para viagem](#)). Ela havia desenvolvido pesquisa para diagnosticar a endometriose e, por esse feito, foi premiada pela Universidade Stanford. Filha de cabeleireira e de pequeno comerciante, sem recursos para viajar, a jovem precisou fazer uma “vaquinha online” para arrecadar a quantia que lhe permitisse pagar a passagem para a universidade, comprar livros, adquirir roupas para o inverno e manter-se alguns meses até conseguir trabalho. No Brasil, não havia conseguido nenhum apoio para seu projeto e, por isso, precisou ir ao exterior para dar continuidade ao trabalho.

Tenho lido, cada vez mais, sobre jovens universitários que procuram formas alternativas para financiar seus projetos. São alunos que alimentam sonhos de ser empreendedores. Não querem mais simplesmente um emprego, querem, sim, ter seus próprios negócios, enfrentando todos os riscos que a opção lhes reserva. Querem ser

protagonistas do desenvolvimento econômico. Intuem que são as empresas nascentes, e não as consolidadas, que conduzem o desenvolvimento de novas tecnologias.

A razão para isso é que as empresas consolidadas se mantêm “muito próximas” de seus clientes e consumidores, atendendo rotineiramente suas necessidades, sem inovar. Por isso as empresas nascentes – **as startups** – são fundamentais: ao ignorarem as necessidades imediatas dos consumidores e ao desenvolverem tecnologias disruptivas, criam novas demandas e novos mercados.

Dessa forma, o comportamento das grandes empresas acaba por vir a ser autodestrutivo, uma vez que a tecnologia das entrantes ameaça os mercados consolidados.

No entanto, as pequenas empresas e os empreendedores iniciantes têm limitadas opções de financiamento, pois empréstimos bancários são, muitas vezes, negados devido à falta de garantias e de histórico comprovado. Por isso, o *crowdfunding* – uma das vertentes da economia colaborativa – tem sido a “bola da vez” para preencher essa lacuna, na captação de recursos, pois conecta ao público em geral empresas/empreendedores marginalizados pelas fontes tradicionais de financiamento.

No *crowdfunding* há a participação coletiva voluntária de indivíduos por meio de pequenas contribuições individuais, não só para solução de problemas pessoais, como os da Geórgia, e de centenas de outros, mas também, e principalmente, para empreendimentos comerciais.

Embora esse fenômeno seja relativamente novo, práticas similares já se empregavam há séculos: Mozart e Beethoven financiaram concertos e publicações de novas partituras por meio de adiantamentos de centenas de pessoas interessadas; a Estátua da Liberdade foi

financiada por pequenas doações de americanos e franceses e os recursos para a construção do nosso Cristo Redentor foram obtidos por meio de uma campanha de arrecadação de fundos.

A diferença fundamental é que o despontar recente do *crowdfunding*, sobretudo o *crowdfunding* de recompensas, está relacionado ao desenvolvimento da internet. Neste tipo, os criadores exibem sua ideia em um *website* voltado para a captação de doações coletivas, as chamadas plataformas. Informam a quantia necessária para que o projeto se realize e o prazo para concretizá-lo, e, se o objetivo for atingido, oferecem recompensas aos apoiadores. Trata-se, assim, de um tipo de capital empreendedor cujo método de captação de recursos se dá através da internet pelo aporte de recursos advindos da coletividade dispersa.

Desses três elementos indispensáveis ao êxito de uma campanha de *crowdfunding* — o proponente do projeto, os apoiadores e a plataforma —, o papel desta última é crucial, pois, sem ela, os demandantes não seriam capazes de alcançar um elevado número de apoiadores para viabilizar o financiamento.

Existem atualmente no Brasil 64 plataformas de *crowdfunding* em atividade em diversas áreas como entretenimento, cultura, projetos pessoais, meio ambiente, desenvolvimento de novos produtos, entre outros.

Reportagem de O Estado de S. Paulo, do último 6 de setembro ([Em meio à crise, plataformas de financiamento coletivo arrecadam mais](#)), contabiliza números em relação a esses websites: US\$ 34,4 bi devem ser arrecadados por eles em 2015 no mundo; 42% dos sites de *crowdfunding* estão ativos no Brasil; R\$ 603 mil foi o maior apoio a um projeto conseguido na plataforma brasileira “[Catarse](#)”. Lançado em 2011, esse website conta com mais de 235 mil apoiadores, que já injetaram R\$ 34 milhões em projetos.

Segundo o *The Crowdfunding Industry Report 2015*, maior pesquisa anual sobre a indústria do *crowdfunding*, conduzida pela *Massolution*, empresa norte-americana que pesquisa e presta assessoria ao setor, o faturamento global do *crowdfunding* cresceu 167% em 2014, atingindo US\$ 16,2 bilhões, com 1250 plataformas pesquisadas. A previsão para 2015 é que o valor dobre novamente.

A possível explicação para o fenômeno do *crowdfunding* está na palavra de ordem do novo milênio: colaboração. O que incentiva apoiadores a financiar as campanhas de *crowdfunding* é a possibilidade de participar da criação de um produto, o apoio a uma causa e o sentimento de pertencimento ao grupo, além, é claro, do interesse pela recompensa.

Popularizar a impressão em três dimensões no Brasil foi outro exemplo de três estudantes de engenharia da Universidade de São Paulo quando fundaram, em 2012, a “Metamáquina”, uma das empresas pioneiras na fabricação de impressoras 3D de baixo custo no Brasil. Os sócios inspiraram-se nas visitas a *hackerspaces* europeus – oficinas colaborativas que reúnem capital intelectual para o desenvolvimento de tecnologia em conjunto – permeados sempre pela ideologia do software livre e do hardware aberto, o que na prática significa que qualquer indivíduo com conhecimentos e material necessário pode fabricar e customizar aparelhos eletrônicos, inclusive impressoras 3D. Para viabilizar o projeto e iniciar um negócio, foi necessária realização de uma campanha de *crowdfunding* de recompensas e o site “Catarse” foi a solução. Foram arrecadados R\$ 30.036,00, quantia que superou em perto de 30% a meta pretendida pelos estudantes. (Ver matéria da Folha de S.Paulo de 27/09/15 – [“Plataformas de financiamento coletivo ajudam a concretizar negócios”](#))

O que se pediu a estes jovens além de inteligência? Exigiram-se planejamento, disciplina, visão empreendedora e coragem para

enfrentar desafios, coisas que podem ser promovidas/estimuladas nas nossas instituições de ensino superior. Em outras palavras, o dia a dia, a mesmice e a rotina matam a criatividade e a inovação e são barreiras para o desenvolvimento e o progresso.

Estivessem nossos estudantes universitários preocupados e/ou envolvidos com projetos reais para mostrar o que são capazes de fazer — o que tem tudo a ver com a abordagem do *design thinking* —, não se estaria perdendo tempo com cursos preparatórios para responderem as questões do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade), que não levam a lugar algum. Cá entre nós, projetos reais não classificariam com mais objetividade do que as avaliações do MEC?

DESIGN THINKING — NOVA ABORDAGEM DE VALORIZAÇÃO DO ESTUDANTE

(06/10/2015)

[ACESSE AQUI](#)

Pare de [querer] salvar o mundo, comece a reinventá-lo.

Richard Branson¹

Após 20 anos de trabalho, um executivo é demitido da empresa. Na despedida, entrega três envelopes ao seu sucessor informando que ele deveria abri-los na medida em que “as coisas” não dessem certo. O novo gestor, todo empolgado, foi criando projetos para mostrar a sua capacidade.

Passados 10 meses, observou que seus processos gerenciais não alcançavam êxito e que os resultados prometidos eram pífios. Lembrou-se dos envelopes e, ao abrir com curiosidade o primeiro, leu: “A primeira confusão já apareceu? A vida executiva é assim mesmo, meu caro. Sossega e ponha a culpa nos métodos confusos e antiquados de quem estava no cargo antes de ti: eu”. Ele assim o fez. Foi ao dono da empresa e disse: “Recebi uma herança maldita”. Explicou que era fundamental tomar providências enérgicas para recolocar a companhia no rumo certo. Ganhou uma tapinha nas costas, que interpretou como um sinal de estímulo, e seguiu mais confiante a sua trajetória.

¹ Richard Charles Nicholas Branson, bilionário empresário britânico, é fundador do grupo Virgin, cujos investimentos vão da música à aviação, vestuário, biocombustíveis e até viagens aeroespaciais

Como nada é muito previsível na atividade empresarial, o tempo foi passando até que, 11 meses depois, os clientes antigos romperam acordos, os custos cresceram demais, os funcionários de qualidade bandearam-se para a concorrência e a empresa ficou em dificuldades. E, sem pestanejar, o executivo abriu o segundo envelope. Lá estava: “A crise retornou mais forte? Agora chegou a vez de agir. Corte custos drasticamente. Dê férias coletivas, reduza os estoques. Enxugue estruturas. E demita meio mundo.” E novamente levou sua nova estratégia ao chefe. Aprovada, trocou fornecedores, apertou o cinto, racionou o cafezinho, uniu departamentos, demitiu funcionários e cortou qualquer contratação.

Quando pensava que tudo ia bem, o Governo anunciou o fim dos subsídios para o setor e, entre outras medidas, elevou os impostos. Então os consumidores se retraíram e a produtividade caiu drasticamente. O executivo contratou diversas consultorias para resolver os problemas e, como nada dava certo, foi abrir o terceiro envelope. Com lágrimas nos olhos, leu: “Agora chegou a sua vez. Escreva três bilhetes e os coloque em envelopes para seu sucessor”.

Esta historinha nos remete a um fato importante: os processos gerenciais preocupam cada vez mais os empresários e os dirigentes de instituições, independentemente de sua natureza e mesmo de sua dependência administrativa, pública ou privada.

Ricardo Guimarães, sócio-diretor da *Thymus Branding*, defende a ideia de que o exército foi, e continua sendo, uma das referências para a formação da cultura organizacional que existe nas empresas. Segundo ele, a estrutura hierárquica, a disciplina, as metas, os manuais, a carreira, o comando e o controle como princípios de gestão vieram da primeira organização que existiu entre os homens – “os guerreiros”.

Essa cultura permeia tudo, explica Guimarães:

“Desde a educação que vem de casa, passando pelas escolas, universidades e MBAs até a integração dos funcionários nas empresas como um processo de preparação de indivíduos obedientes, hábeis e valentes que se colocarão a serviço da corporação que os reconhecerá por meio de promoções ao longo da vida. Nela, os interesses da organização prevalecem aos dos indivíduos.”

“*Brains, not bullets*”, matéria da *The Economist*, de outubro de 2007, citada por Guimarães, considera que, na velocidade com que o cenário muda atualmente, a vitória na guerra não é a do mais forte, mas daquele que for mais ágil na atualização de suas estratégias. Isto tem a ver com tecnologia de comunicação para detectar e comunicar ameaças e oportunidades, a fim de rever formas de agir e fazer ajustes em suas táticas.

Após essa introdução, chego ao ponto central do artigo: o *design thinking*². Trata-se de um tema novo que, se bem entendido, pode ser adaptado e adotado também no planejamento das instituições educacionais.

As organizações em geral continuam amarradas ao paradigma do “fazer mais do mesmo”, introduzido há 250 anos pela Revolução Industrial, e, portanto, têm poucas chances de promover rupturas nos curto e médio prazos.

O cenário atual da economia de redes revela uma série de outros possíveis modelos de negócios, de utilização de recursos e, conseqüentemente, de novas formas de relacionamento entre pessoas/clientes e empresas. O momento atual da nossa civilização exige criatividade para resgatar o homem e conferir-lhe poder com o qual

² Os interessados em aprofundar seus estudos sobre o tema podem acessar um projeto aberto e gratuito na internet chamado “Design Thinking para Educadores” que disponibiliza material, recursos e estudos de caso (<http://www.dtparaeducadores.org.br/site/>).

possa vislumbrar um futuro mais sustentável e promissor. Na economia colaborativa, inimaginável num cenário tradicional, despontam novas ideias e negócios, que contam com colaboração, inteligência e recursos em rede, como o *WhatsApp*, o *AirBnb*, o *Uber* e toda uma série de plataformas e aplicativos.

Assim, o *design thinking*, também chamado de *design* centrado no ser humano (*human centric design*), surge como uma abordagem para: a) resolver problemas das organizações, pelo fato de associar pensamento crítico, lógica, imaginação, intuição e raciocínio sistêmico; b) explorar as possibilidades de obtenção de resultados desejados, que beneficiem o usuário final e c) adotar a multi/transdisciplinaridade e a colaboração como caminhos que levam a soluções inovadoras para negócios.

O *design thinking* aplica a solução de problemas do mesmo modo com que o *designer* percebe as coisas e age sobre elas, isto é, ele enxerga como problema tudo aquilo que prejudica ou impede a experiência (emocional, cognitiva, estética) e o bem-estar das pessoas. Como os problemas são sempre multifacetados, o *designer* precisa, para identificá-los e gerar soluções, mapear a cultura, os contextos e as experiências pessoais para ter uma visão mais ampla e assim melhor identificar as barreiras e gerar alternativas para transpô-las. Para tanto, prioriza o trabalho colaborativo entre equipes multidisciplinares e trabalha em um processo multifásico, que permite interações e aprendizados constantes. Isso faz com que o *designer* esteja sempre experimentando novos caminhos e sempre aberto a novas alternativas, nas quais o erro pode/deve gerar aprendizados que o ajudam a traçar direções alternativas e identificar oportunidades para a inovação.

Essa visão dos *designers* chamou a atenção de gestores, que dela extraíram um novo jeito de olhar para seu negócio, colocando as

pessoas como o centro de novos processos. O papel do líder nesse contexto é de fundamental importância, pois a cultura da inovação exige incentivo ao fortalecimento dos recursos humanos de uma empresa para que todos assumam riscos e responsabilidades. Ninguém mais é uma peça da engrenagem, mas um cérebro emancipado e pensante.

O impacto do *design thinking* aplicado à educação é duplo: de um lado, exige múltiplas abordagens, o que incentiva os alunos a procurarem na multi/inter/transdisciplinaridade a solução para um dado problema; de outro, enfatiza a colaboração – quanto mais compartilho, mais retorno tenho – e o uso de recursos externos para a aprendizagem. Do lado das instituições, é uma visão nova porque deve estar totalmente centrada no sucesso do aluno durante o correr de seu aprendizado e não somente na época da captação das matrículas como acontece hoje.

Permanecerá no setor educacional quem tiver a sensibilidade de perceber que a preocupação central dos dirigentes e dos professores deve ser a atenção multifacetada e absoluta nos estudantes.

AO PROFESSOR, COM GRATIDÃO!

(15/10/2015)

[ACESSE AQUI](#)

Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais.

Rubem Alves¹

Ano passado, neste mesmo espaço, e pela mesma razão, dediquei um artigo especial aos docentes com o título “[Ao professor, menção honrosa!](#)”. Relendo-o hoje, julgo ter sido um tanto saudosista lembrando-me dos meus bons professores, do primário à universidade. Enfatizei, porém, que, além de mim, todos guardamos na memória aqueles cujas personalidades nos marcaram. Finalizei meu artigo conclamando os leitores a reverenciarem no “Dia do Professor” todos os que deixaram marcas nas suas vidas.

Assumo, novamente, com alegria, neste 15 de outubro de 2015, a missão de homenagear todos os mestres do país. Ao fazê-lo, não poderia deixar de narrar uma experiência marcante da minha época de diretor da então Faculdade Anhembí Morumbi.

Eu tinha como prática coordenar e participar ativamente do planejamento do ano escolar de forma conjunta com os coordenadores e professores, visando encontrar as melhores propostas de ensino para os cursos que a instituição oferecia. No final de uma dessas

¹ Alegria de Ensinar. Editora Papyrus, 2000.

reuniões, troquei ideias com o professor Piero Fioravante, diretor de marketing da Arno (fábrica de aparelhos elétricos), que lecionava a matéria na Anhembi e era um profissional muito respeitado na área. Fioravante me pegou pelo braço e me aconselhou: “se eu fosse o senhor, não teria todo esse trabalho. Iria todos os dias à sala dos professores, na hora do cafezinho, e aproveitaria para falar diretamente com eles. Pelo fato de estarem diariamente em contato com seus consumidores – os alunos – os professores são os maiores vendedores da escola. É só lhes dar um pouco de atenção para perceber que o trabalho deles renderá muito mais”.

Segui o conselho de Fioravante e passei a procurar um contato mais próximo com os docentes para incentivá-los nas suas lides diárias. Com o tempo, porém, e devido aos meus inúmeros compromissos, as visitas foram se tornando esparsas. O café de todo dia tornou-se semanal, depois mensal e, por fim, quando a faculdade cresceu, meus contatos com os professores se institucionalizaram e passaram a ocorrer no início de cada semestre.

Isto aconteceu há vinte anos quando o relacionamento entre diretores e professores só poderia ocorrer de forma pessoal. Hoje a tecnologia disponível nos permite ampliar o relacionamento da instituição com os professores, de formas cada vez mais eficientes e prazerosas.

Sim, é possível intensificar o contato com os professores, por meio de um sistema que permita desde a troca de cumprimentos (aniversários, datas especiais e outros) até o envio de outros tipos de informações e mensagens, capazes de incentivar e motivar os professores a atuar com brilhantismo e produtividade.

Diante de tanta inovação tecnológica – e porque não dizer de metodologias de ensino –, a pergunta que fica é: “Como evoluem as relações do professor com os seus pares, alunos e direção da institui-

ção em um processo de evolução tecnológica?” Ou melhor: “Existe algum ganho nas relações humanas entre a instituição e os professores e destes com os alunos, a partir desta evolução?”

Todos nós sabemos que a implantação das inovações tecnológicas para o ensino é de responsabilidade das instituições de ensino superior (IES) que também são as maiores responsáveis pelo estabelecimento das relações humanas com os professores. Em outras palavras, as próprias IES têm a obrigação de zelar pelo bem-estar, condições de ensino, recursos e infraestrutura para que os professores possam exercer da melhor maneira possível a sua nobre tarefa de ensinar.

No entanto, a inovação tecnológica aplicada ao ensino parece ainda não ter despertado o interesse das IES. Isto pode ser explicado pelo custo considerável que tem a modernidade digital para utilizar a internet, o mobile, os algoritmos e *softwares* de inteligência artificial que visam implantar uma estratégia de *endomarketing* no relacionamento com os professores.

Um banco de dados com informações quantitativas e qualitativas sobre a formação, hábitos de consumo e de lazer, o perfil psicográfico, preferências acadêmicas, bibliográficas sobre matérias e temas de interesse, por exemplo, poderia oferecer um verdadeiro arsenal de informações para o planejamento de ações de motivação, além de arregimentar exércitos de docentes em favor de mantenedoras que demonstrem conhecer seus desejos e necessidades mais prementes.

Enfim, pode ser de grande importância a construção de uma rede ampla de relacionamento da direção de uma IES com os professores, visando integrá-los e receber propostas colaborativas para o desenvolvimento da instituição. Esta ideia é simples de executar, com base nas próprias plataformas tecnológicas disponíveis para a captação

de matrículas e estudantes. Na realidade, trata-se de estratégia de *endomarketing* de relacionamento para fidelização do corpo docente com os propósitos e objetivos do desenvolvimento da IES. Afirmando isso, lembrando dos conselhos de Fioravante, aplicados aos dias de hoje, para quem os professores representam o principal e o mais confiável elo com os estudantes.

Com uma rede interna de professores implantada, apoiada na internet, todos poderíamos – sei que muitas IES já assim procedem – disparar neste 15 de outubro mensagens aos professores, tal como a que se segue, que ora fazemos nossa, pela importância de seu conteúdo:

Ser professor é professar a fé e a certeza de que tudo terá valido apenas se o aluno sentir-se feliz pelo que aprendeu com você e pelo que ele lhe ensinou... Ser professor é consumir horas e horas pensando em cada detalhe daquela aula que, mesmo ocorrendo todos os dias, a cada dia é única e original... Ser professor é entrar cansado numa sala de aula e, diante da reação da turma, transformar o cansaço numa aventura maravilhosa de ensinar e aprender... Ser professor é importar-se com o outro numa dimensão de quem cultiva uma planta muito rara que necessita de atenção, amor e cuidado. Ser professor é ter a capacidade de “sair de cena, sem sair do espetáculo”. Ser professor é apontar caminhos, mas deixar que o aluno caminhe com seus próprios pés².

Um feliz “Dia do Professor” para todos!

² <http://cafehistoria.ning.com/profiles/blogs/ser-professor>

CARTEIRA DE TRABALHO – VAI VIRAR PEÇA DE MUSEU?

(20/10/2015)

[ACESSE AQUI](#)

A sociedade em que cada qual podia esperar ter um lugar, um futuro direcionado, uma segurança, uma utilidade, essa sociedade – a sociedade do trabalho – está morta.

André Gorz¹

Ensinou-me Miguel Mastrobuono, meu professor de história do colégio Santo Alberto, que a filosofia nasceu na Ásia Menor porque lá havia uma sociedade opulenta que não precisava trabalhar e podia dedicar-se ao ócio. Nos tempos atuais, Domenico de Masi defende a teoria de que o futuro pertencerá a quem souber libertar-se da ideia tradicional do trabalho como obrigação e for capaz de mesclar atividades – trabalho, tempo livre e estudo – isto é, de quem souber praticar o “ócio criativo”, expressão mundialmente conhecida.

Para Masi, “vivemos em um mundo não mais industrial, mas pós-industrial, cuja sociedade se dividiu em dois grupos: os analógicos, impregnados pelo industrial e com medo de mudanças, e os digitais, que têm mais facilidade com a informação e são predispostos às inovações.”

¹ André Gorz (1923-2007): filósofo austro-francês, também conhecido pelo pseudônimo Michel Bosquet. Como jornalista, ajudou a fundar em 1964 o semanário Le Nouvel Observateur.

O declínio dos empregos estáveis e de tempo integral é um dos sinalizadores dessa mudança irreversível. Se o medo de que o desemprego se espalhe por todo o planeta é real, o temor de que as máquinas tomem o lugar dos homens não é novo: no século XIX, os partidários do ludismo^[112] destruíram fábricas que substituíam trabalhadores braçais por máquinas a vapor.

No entanto, na história das “revoluções produtivas” o desemprego é momentâneo. A introdução da máquina no campo substituiu o homem, que migrou para a cidade à procura de novos empregos. Quando na cidade a máquina tomou-lhe o lugar nas fábricas, o homem foi para a área de serviços. Ou seja, o homem é resiliente, tem inteligência – e é, de longe, o mais versátil e o mais móvel dentre todos os ativos econômicos.

A adoção de máquinas no lugar da mão de obra humana permitiu que todo o mundo se tornasse mais produtivo. E aumento no padrão de vida está diretamente relacionado a um aumento na quantidade de bens e serviços disponíveis – tudo possibilitado pela automação.

Erik Brynjolfsson, diretor do centro do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) para negócios digitais, e Andrew McAfee, também pesquisador do órgão e ex-professor de Harvard, em seu livro *The Second Machine Age*, afirmam que estamos vivendo a maior transformação na história desde a Revolução Industrial: a tecnologia digital faz para nosso poder mental o que o motor a vapor fez para nosso poder físico.

O problema é que a inovação está ocorrendo rápido demais. Se antes

² Ludismo, movimento coletivo, iniciado por Ned Ludd, que se estendeu pela Inglaterra pelo século XIX e que era contrário à mecanização do trabalho e visava à destruição da máquina, responsabilizando-a pelo desemprego e pela miséria social nos meios de produção.

uma ocupação demorava décadas para sumir, hoje elas morrem num passe de mágica: por exemplo, onde estão as locadoras de vídeo? Os telefones públicos, as televisões analógicas, as enciclopédias e o livro impresso que está com os dias contados e até as centenas de serviços que estão sendo substituídos por inovações tecnológicas?

Solução? No curto prazo, Brynjolfsson e McAfee recomendam foco total na educação, estímulos para o empreendedorismo e apoio à ciência. Sobreviver nesse novo mundo exige novas competências e habilidades relacionadas à gestão da própria carreira como se ela fosse um negócio.

Se o emprego está em crise, o empreendedorismo, não. A era do “fim do emprego” é só o efeito colateral do início de outra era – a do empreendedorismo de massa.

Glauco Cavalcanti, em seu artigo “[Tempos modernos – o fim do emprego de Carlitos](#)”, adaptou um interessante quadro (que reproduzo a seguir) do livro “Oficina do empreendedor”, de Fernando Dolabela. Nele, descrevem-se as características que permitem que o empreendedor se adapte melhor ao novo mercado do que as pessoas focadas no emprego tradicional.

Empreendedor	Empregado
É visionário Consegue ver o futuro para seu negócio e para sua vida.	Dependente Necessita de alguém para tornar-se produtivo; para trabalhar, precisa de supervisão.
Sabe explorar as oportunidades Identifica mercados e cria produtos revolucionários que atendem o consumidor.	Tem visão restrita Não busca conhecer o negócio como um todo (cadeia produtiva, dinâmica dos mercados, evolução do setor).

(continua)

(continuação)

Empreendedor	Empregado
<p>É criativo Cria produtos e serviços nos quais ninguém havia pensado antes.</p>	<p>Pouco criativo Não se preocupa com o que não existe ou não é feito, apenas procura entender o que já existe, especializando e melhorando a ideia dos outros.</p>
<p>Sabe tomar decisões Não se sente inseguro para decidir, mesmo em momentos críticos.</p>	<p>Pouco oportunista Não se preocupa em transformar as necessidades do consumidor em produtos/serviços rentáveis.</p>
<p>É determinado e dinâmico Comprometido com o que faz, atropela as adversidades. Mantém-se dinâmico e cultiva certo inconformismo diante da rotina.</p>	<p>Acomodado Não é proativo, apenas reativo. Só percebe que está em perigo quando recebe a carta de demissão.</p>
<p>É apaixonado pelo que faz Adora o trabalho que realiza, e é essa satisfação que o leva ao sucesso.</p>	<p>Medroso Tem medo de errar, prefere participar de projetos com baixo risco e de preferência com algum supervisor com muita experiência de mercado.</p>
<p>Planeja Tem um elaborado Plano de Negócio.</p>	<p>Estuda pouco Não se atualiza e fica obsoleto para o mercado de trabalho. Sua única forma de reciclagem são os cursos que a empresa fornece e julga importantes para o empregado.</p>

(continua)

(continuação)

Empreendedor	Empregado
Assume riscos calculados Sabe gerenciar o risco, avaliando as reais chances de sucesso.	Detesta tomar decisões Sente-se ameaçado quando tem de tomar uma decisão e busca a solução menos arriscada e que gera menor desgaste pessoal.
Cria valor para a sociedade Gera empregos, dinamiza a economia, inova e procura melhorar a vida das pessoas com seus produtos.	Não planeja Vive o aqui agora, não está pensando no futuro, apenas na próxima visita da alta gerência da empresa. Seu único planejamento é para atender a chefia no curto prazo.

Nesse contexto, é difícil acreditar que algum dia se volte a ter algo parecido com o pleno emprego. Se o emprego da forma como o conhecemos hoje tende a ser cada vez mais escasso, por que continuamos exclusivamente a formar jovens para serem empregados? Por que não formamos também nossos jovens para serem empregadores? Ou, melhor, empreendedores?

O mundo está mudando profundamente e não se pode impor aos jovens os desejos, os anseios e os medos das gerações passadas. É preciso formá-los/instrumentalizá-los para o empreendedorismo, para o trabalho autônomo, para o associativismo, para o cooperativismo, para a economia colaborativa, que surgem como novas possibilidades de geração de trabalho e renda na economia criativa.

Essa ideia das novas formas de trabalho, e não exclusivamente de emprego, tem de ser levada para o jovem desde o ciclo básico até a universidade, de modo que ele seja educado para a mudança e não para estabilidade. Ele deve ser ensinado a conviver com o

risco e aprender com ele, a pensar grande, a ter autoestima, coragem, confiança e capacidade para gerir a própria vida, vendo na mudança oportunidade e não ameaça. É ter pensamento positivo e criatividade para enfrentar desafios. Como já disse Érico Veríssimo, “quando os ventos de mudança sopram, umas pessoas levantam barreiras e outras constroem moinhos de vento”.

Estarão os atores do processo educacional dispostos a mudar, mudar, mudar sempre, e cada vez mais?

“APRENDIZAGEM 3.0” OU APRENDIZAGEM COLABORATIVA — A MÍDIA DA DÉCADA DE 2020

(27/10/2015)

[ACESSE AQUI](#)

Estamos sempre vendo o urgente e não o mais importante. Pensar no que surgirá nas próximas décadas é um exercício de muitas reflexões, sobretudo sobre quais devem ser as políticas públicas necessárias hoje para garantir a educação que queremos no futuro.¹

Jeane C. Meister e Karie Willyerd, especialistas em recursos humanos e autoras do livro “[O Ambiente de trabalho de 2020](#)”, afirmam que se pensarmos os anos de 1990 como a década “e” – *e-learning*, *e-books* e *e-libraries* – podemos visualizar 2010-2020 como a década do “S” da mídia social, da rede social e aprendizagem social. Este aprendizado não precisa ser elaborado e imposto de maneira vertical. Em vez disso, pode se tornar participativo, social, divertido, atraente e, acima de tudo, integrado com o trabalho. Enquanto a “Aprendizagem 1.0” dependia muito do que era ensinado em sala de aula, a “Aprendizagem 2.0” foi acrescida pelo aprendizado via Internet. Agora, a “Aprendizagem 3.0” ou aprendizagem social incorpora ao conhecimento a mídia social, jogos, *feedback* em tempo real e com simulações.

¹ porvir.org.br

A aprendizagem social produz novos conhecimentos a partir de uma interação social: uma mensagem de texto, um post no Facebook, um comentário em um blog, uma entrada em uma wiki, uma palestra acessada de um celular ou uma percepção adquirida depois de visualizar e comentar um vídeo no YouTube. Todos interagem, todos trocam informações, e todos aprendem. Os universitários de hoje não querem ser mais espectadores e meros participantes, desejam ser protagonistas. Desejam intervir, criar, exercitar e colaborar com base nas suas experiências de vida. E este é, sem dúvida alguma, o melhor processo de aprendizagem.

Estamos fazendo esta reflexão porque o ensino brasileiro – em todos os graus, com raras exceções – ainda está mais atrelado ao século XX do que aos novos tempos das tecnologias de informação e comunicação. Como país não acertamos o pé sobre o que desejamos dominar como pauta para a educação do século XXI.

Precisamos, antes de tudo, perceber e conhecer o mundo à nossa volta, as pessoas, as empresas, os negócios, o ambiente, os sinais, as imagens, os sons. Precisamos fazer um reconhecimento do contexto que nos cerca e de tudo o que procuramos compreender e comunicar. Não há bola de cristal na educação. O que devemos é impor um domínio de leituras do mundo.

Precisamos ainda desenvolver outras competências específicas, tais como as definidas em quatro categorias pelo Consórcio *Assesment Teaching of Twenty- First Century Skills Project (ATC21S)*, liderado pela Universidade de Melbourn, em colaboração com países, organizações internacionais, pesquisadores, empresas e instituições de ensino. São elas: 1) *Maneiras de Pensar* – criatividade e inovação, pensamento crítico, resolução de problemas, tomada de decisões, capacidade de aprender a aprender e metacognição; 2) *Ferramentas para o trabalho* – tecnologia da informação e alfabetização digital;

3) *Formas de trabalhar* – comunicação e colaboração; 4) *Maneiras de viver no mundo atual* – cidadania, responsabilidade pela própria vida, desenvolvimento profissional, pessoal e social.

Por sua vez, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) adota uma concepção de competências socioemocionais que envolve: 1) Capacidade de atingir objetivos – perseverança, autocontrole, entusiasmo para alcançar objetivos; 2) Trabalhar colaborativamente – cordialidade, respeito, cuidado; 3) Gerir emoções – calma, otimismo e confiança.

Sabemos que a leitura, a compreensão de textos, a matemática, as ciências serão sempre os grandes pilares da educação. Os currículos, no entanto, para se adequarem ao mundo atual, deverão incluir amplo domínio digital, liderança e participação colaborativa. Será preciso ainda ter a percepção clara sobre quais são as competências e as habilidades que os jovens precisarão dominar – além das técnicas que se aprendem nos sistemas educacionais – para que participem efetivamente das atividades profissionais e se realizem na sociedade deste século XXI.

Percebemos que são muitas as questões postas para as nossas reflexões e que não podemos analisar todas elas no espaço desse artigo. Mas por certo pretendemos dar continuidade a esses instigantes temas em textos futuros.

Tomemos, por oportuno, dois deles: “criatividade” e “metacognição” – citados na categoria n.º 1, “Maneiras de pensar”, do ATC21S.

A criatividade – competência bastante esquecida na educação brasileira – apresenta-se como metodologia para abrir a mente das pessoas aos desafios da vida diária e não simplesmente como “dádiva de Deus” aos artistas. A criatividade vem sendo discutida há muito tempo e representa, há mais de sessenta anos, nos Estados Unidos,

um valoroso campo de pesquisa. A nosso ver, ela é chave para a inovação e empreendedorismo, áreas em que o Brasil tanto precisa avançar e deslançar.

A “metacognição” – mesmo sem considerar as diferentes definições de caráter social, psicológico ou das ciências cognitivas – administra todo o nosso modelo de pensar. Somos o que pensamos e fazemos e, portanto, precisaremos antes de tudo dominar a nossa mente. Para refletirmos melhor sobre este tema, fomos buscar apoio na tese de doutorado de Graciela Inchausti de Joua e Tânia Mara Sperbb – [“A metacognição como estratégia reguladora da aprendizagem”](#):

“Imagem como seria nossa vida se não tivéssemos consciência de nossos próprios pensamentos? Como poderíamos planejar nossas ações e corrigi-las quando estas não ocorrem como esperado? Como poderíamos monitorar nossos comportamentos e adequá-los frente a cada exigência com a qual nos deparamos? Como poderíamos escolher a maneira mais adequada de estudar ao longo de nossa vida acadêmica? Sim, podemos fazer tudo isto a cada instante devido à capacidade de nosso pensamento de pensar-se a si mesmo e de encontrar soluções para as questões da vida”.

Nos próximos anos, o conceito de metacognição deverá se tornar cada vez mais importante para escolas que se preocupam em desenvolver estratégias não apenas para que seus alunos aprendam, mas também para que “aprendam a aprender”.

Retomando o pensamento de Meistter e Karie, fica evidenciado que o processo colaborativo entre pessoas e organizações, hoje maximizado pela tecnologia digital, é o melhor meio de aprendizado, pois nele estarão envolvidos não só as multidões, mas também os experientes cidadãos de bem, ávidos em demonstrar seus talentos para a solução dos problemas das comunidades.

Finalmente, lanço um desafio dentro da estratégia colaborativa:

Que tal refletirmos juntos sobre todas essas questões e começarmos um movimento para dar um jeito na República Federativa do Brasil?

CRIATIVIDADE, DESCOBERTA, INVENÇÃO E INOVAÇÃO

(04/11/2015)

[ACESSE AQUI](#)

A criatividade é o recurso mais fecundo com que o homem, desde sempre, procura dominar seus inimigos atávicos: a fome, o cansaço, a ignorância, o medo, a feiura, a solidão, a dor e a morte. Em cada esquina do planeta, em cada fase da sua evolução, a criatividade humana consegue atribuir uma forma ao caos e dar um significado as coisas.

Domenico De Masi

Desde criança, por meio de suas ilustrações, Leonardo Da Vinci tentava descobrir como as coisas funcionavam. Ele analisava cada detalhe e os desenhava. O mesmo ocorria com suas invenções: desenhava-as e depois fazia anotações no esboço, todas escritas ao contrário. Para decifrá-las, seria preciso colocá-las na frente de um espelho. Certamente, ele queria evitar que “roubassem” suas descobertas e invenções ou as divulgassem antes de estarem totalmente prontas. Esse cuidado de Da Vinci ilustra bem os quatro conceitos que quero esclarecer: descoberta, invenção, criatividade e inovação.

A inovação, segundo definição da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), é a implementação de uma invenção, um produto, bem ou serviço novo ou significativamente melhorado, ou um processo, ou uma estratégia de marketing ou um novo método organizacional nas práticas de negócios, na organiza-

ção do local de trabalho ou nas relações empresariais. Para simplificar, a inovação é percebida pela sociedade quando adotamos produtos ou serviços que melhoram nossas experiências, nos tornam mais produtivos, agregam alguma dimensão de qualidade às nossas vidas. Isso se relaciona diretamente ao processo criativo, visto que, a criatividade, é o pontapé inicial da inovação.

Um exemplo disto é o *post-it*. Em 1968, Spence Silver, um pesquisador da 3M, inventou um novo adesivo, que não tinha forte aderência quando aplicado às fitas. Durante mais de cinco anos Silver procurou sem êxito uma utilidade para o seu invento. Sua cola era uma invenção, mas não uma inovação. Foi quando Art Fry, que, além de trabalhar na 3M, cantava no coral da sua igreja, resolveu experimentar a cola nos marcadores de páginas de seu livro de cânticos. Surgiu o *post-it*, uma inovação da 3M que reinou sozinha durante longo tempo.

O tema criatividade tem sido abordado em diferentes áreas, caracterizando, assim, a natureza inter e transdisciplinar do conceito, que se estabelece como um valor contemporâneo ajustado aos objetivos mais diversos. Vale ressaltar, que o processo criativo é de domínio público, ou seja, todos nós nascemos criativos. Podemos dizer que a criatividade é que nos distingue dos animais. Aliás quem afirma, isto é, Carl Gustav Jung, que considera a “criatividade um instinto a mais que o ser humano possui em relação aos animais”. O que precisamos é aprender a desenvolver nossas habilidades e nosso “viver criativo” pelos hábitos e processos mentais que favoreçam o exercício da criatividade.

É importante observar que o nosso mundo está passando de uma economia industrial a uma economia do conhecimento, mutação reforçada pela revolução digital, definida por muitos como a terceira grande evolução da humanidade, depois do surgimento da escrita e

da imprensa. Nesse maravilhoso mundo novo, o valor do indivíduo não está em possuir conhecimento, mas em ser capaz de utilizá-lo, combiná-lo e fazer conexões. Isto quer dizer que quanto mais ideias se tiver, mais probabilidades de iniciativas poderão vingar. Como já tenho feito em alguns artigos, quero relacionar a Criatividade à Educação, atentando para a necessidade atual de valorizar o processo de ensino e aprendizagem voltado ao desenvolvimento de competências e habilidades para atender a esse novo e exigente contexto histórico-social.

Essas mudanças cobram que se desenvolvam **competências** (mobilização dos conhecimentos e dos esquemas que se possui para desenvolver respostas inéditas, criativas, eficazes para problemas novos) e **habilidades** (que estão relacionadas ao “saber fazer” e são inseparáveis das ações) que permitam aos alunos/profissionais agirem de maneira criativa e inovadora num processo coletivo, colaborativo, aberto, que abrigue diferentes perfis e olhares para situações e problemas reais, que possam melhorar a sociedade e a vida das pessoas, e conseqüentemente a educação.

Boa parte da grande transformação dos processos educacionais não está **no que fazer**, mas **no como fazer**. Por tratarem do ensino formal e conteudístico, as escolas repetem o momento cartesiano do modelo científico, a linearidade na construção e resolução de problemas, já o processo criativo, que coloca a humanidade em movimento, está justamente na capacidade de fazer conexões não lineares, como o caso dos breves exemplos citados neste artigo.

Por isso, a importância da valorização do ensino e aprendizagem por competências e habilidades. A competência em mobilizar conhecimentos prévios, mas ampliá-los também com novos, construindo a capacidade de estabelecer conexões. As habilidades em colocá-los em movimento, em ação, fazendo as conexões, na resolução de pro-

blemas e desafios reais, agregando-lhes valor colaborativo, social, emocional e coletivo.

O ensino baseado em problemas permite que o aluno busque o conhecimento nos inúmeros meios de difusão da informação hoje disponíveis e aprenda a utilizar e a pesquisar esses meios. A diversidade, ao contrário da unicidade, é que pouco acrescenta.

O desafio é saber quais competências são exigidas por um processo de criatividade e inovação. A brochura [Un tableau de bord des compétences essentielles pour la créativité et l'innovation](#) lista seis dimensões que precisam ser dominadas em três grandes áreas:

Saber: 1) dominar uma disciplina de base e combiná-la com conhecimentos diversos;

Saber-Ser: 2) conhecer-se e conhecer suas motivações profundas; 3) possuir um estado criativo; 4) cultivar a inteligência coletiva (uma vez cada indivíduo domina mais uma competência do que outra);

Saber-Fazer: 5) processos, métodos e técnicas de criatividade e inovação; 6) ferramentas.

Numa cultura que favorece a criatividade, não podem faltar a tolerância ao erro, a abertura e um clima que favoreça a autonomia do indivíduo, além de práticas e sistemas de recompensa, líderes motivadores, recursos suficientes em termos de tempo, infraestrutura e finanças.

“A criatividade não é nova, tampouco a economia, mas o que é novo é a natureza e a extensão da relação entre elas e a maneira como elas se combinam para criar um valor e uma riqueza extraordinários, ensina John Howkins.

Nessa perspectiva, só a postura de estudo e aprimoramento permanente torna possível a sobrevivência profissional, valorizada em um mundo de economia e conhecimentos globalizados, onde o grande ativo econômico é a criatividade. Nesse novo contexto, é fundamental o papel das Instituições de Ensino Superior para a transformação desse conhecimento em valor social de desenvolvimento sustentável individual e coletivo.

INDÚSTRIAS CRIATIVAS — A BOLA DA VEZ ...

(10/11/2015)

[ACESSE AQUI](#)

Em minha perspectiva é mais coerente restringir o termo “indústria criativa” a uma indústria na qual o trabalho intelectual é preponderante e o resultado alcançado é a propriedade intelectual.

(John Howkins)¹

Semana passada realizou-se com brilho que superou todas as expectativas a “3ª Semana Design Rio”, acontecimento que transformou a cidade do Rio de Janeiro num polo de discussões e de divulgação das últimas tendências da indústria criativa brasileira. Exposições, debates e palestras aconteceram no Jockey Club da Gávea, com a participação de designers, arquitetos, engenheiros pesquisadores, artistas, artesãos de todas as áreas e profissionais especializados. A “Semana” teve o propósito não só de promover o Design, mas, acima de tudo, de valorizar as atividades relacionadas à indústria criativa. Temas os mais diversos foram abordados tais como os relativos aos processos de criação, ao uso de materiais alternativos, ao marketing e às estratégias de lançamento de produtos. No entanto, o fato mais importante foi o de mostrar que a produção criativa não é apenas “coisa de artistas”, mas sim importante alavanca de negócios e de desenvolvimento.

¹ Consultor britânico e autor do livro The Creative Economy.

O primeiro país que usou o termo “indústrias criativas” foi a Austrália, no início da década de 1990. Na Inglaterra, porém, a ideia ganhou maior impulso e tornou-se objeto de política pública no contexto das novas ações implantadas em decorrência da ascensão do [New Labour](#), liderado por Tony Blair.

As indústrias criativas significam o conjunto de atividades variáveis originadas da vocação de uma região ou país visando gerar riqueza, trabalho e arrecadar divisas. Nelas, a criatividade é uma dimensão essencial, considerando que as mudanças econômicas e sociais deslocaram o foco das atividades industriais para as atividades intensivas em conhecimento localizadas no setor de serviços.

De acordo com Ana Jaguaribe,² as indústrias criativas representam um conjunto de atividades econômicas que ultrapassa os limites tradicionais entre a produção e o consumo. As atividades que compõem o núcleo das indústrias criativas não são novas, por si mesmas, e têm ampla abrangência, pois lidam com a interação de vários subsetores.

A classificação de indústrias criativas, segundo a Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (Unctad), se divide em quatro categorias amplas – patrimônio cultural, artes, mídia e criações funcionais – subdivididas em oito áreas, quais sejam:

1. Artes visuais – Pintura, escultura e fotografia;
2. Mídia tradicional – Edição e mídia impressa Livros, imprensa e outras publicações;

² Graduada em Psicologia e Ciências Sociais pela Brandeis University (1971), mestrado e doutorado em sociologia política e do desenvolvimento pela New York University (1974) e Diplôme da École Pratique des Hautes Etudes (1977). Trabalhou nas Nações Unidas de 1977 a 1983. De 1985 a 1991 foi professora do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trabalhou como consultora do Centro de Ciência e Tecnologia da ONU e da Unctad e como consultora e pesquisadora na Itália de 1995 a 1999. Viveu e pesquisou na China de 1999 a 2003.

3. Design – De moda, tecidos, móveis, interior, gráfico e de joias;
4. Patrimônio Cultural – Artesanato, expressão cultural tradicional, festivais, celebrações e espetáculos;
5. Novas mídias – Conteúdo digital, software, jogos, animação;
6. Artes dramáticas – Música, teatro, dança, opera, marionetes, circo entre outras;
7. Audiovisual – Cinema, difusão, televisão e rádio;
8. Serviços criativos – Arquitetura, propaganda, P&D e serviços culturais, artes em geral e criações funcionais – lazer e turismo).

A economia criativa – cujos números são apreciáveis e conferem grande visibilidade ao tema – é responsável por 10% da economia mundial e tem uma movimentação financeira anual de mais de 3 trilhões de dólares, com um crescimento de 6,3% ao ano.

De acordo com o *Relatório de Economia Criativa 2010*, produzido pela Unctad, mesmo com a queda de 12% no comércio global em 2008, os serviços e os bens da economia criativa cresceram até 14%. Ainda segundo o relatório, a China é o país com mais produção nessa área, seguida pelos Estados Unidos e pela Alemanha.

As indústrias culturais criam espaços de convergência – os *clusters* criativos – que são definidores da economia criativa. São espaços de concentração de empresas que possuem características semelhantes, coabitam os mesmos locais e colaboram entre si e que, por essas razões, se tornam mais eficientes. Constituem-se territórios nos quais os produtos culturais são consumidos e produzidos e onde existem conexões com o restante da cidade, com o setor público e o privado, com grupos sociais distintos, com a escola e com o comércio. Os clusters criativos têm o potencial de devolver à comunidade áreas antes abandonadas e de gerar emprego e renda.

Além de ser visto como um fenômeno econômico, relacionado a

políticas públicas de desenvolvimento, o surgimento das indústrias criativas também deve estar associado ao que se denomina “virada cultural”, isto é, a transformação de valores sociais e culturais, ocorrida no final do século passado.

A “virada cultural” surge da combinação de dois fenômenos simultâneos – emergência da sociedade do conhecimento ou sociedade da informação e transição de valores materiais para valores pós-materiais. Esta combinação está relacionada à passagem da sociedade industrial para a sociedade pós-industrial. Tal passagem se dá pela mudança de uma economia fundamentada no uso intensivo de capital e trabalho – orientado para a produção em massa – para uma economia na qual o capital tem base intelectual e se fundamenta no indivíduo, nos seus recursos intelectuais, na sua capacidade de formação de redes sociais e de troca de conhecimentos. Desse modo, mudança vem associada a novas realidades que ressaltam os imperativos da originalidade e da criatividade. Com isso celebra-se o culto das mudanças, das rupturas e da inovação. Para Adolfo Menezes [153], o desenvolvimento maior na economia criativa se baseia em quatro pontos:

1. Colaboração – formar redes de grupos que se envolvem com economia criativa para aprender e evoluir de forma conjunta. Os grupos que não possuem um contato forte não conseguem partilhar corretamente o que estão produzindo nem como estão produzindo;
2. Multidisciplinaridade – valorizar ligações interpessoais, agregando conhecimento e envolvendo aqueles que sabem de tudo um pouco;

³ Economista, MBA em Marketing e Tecnologia pela ESPM/ ITA, dirigente de empresas nacionais e internacionais de médio porte, fundador e presidente do Instituto da Economia Criativa, Membro do Conselho Deliberativo da Care Brasil e Presidente do Conselho da Economia Criativa da Fecomércio/SP.

3. Crítica – saber dar e receber críticas construtivas. O brasileiro tem problemas em dar e receber feedback;
4. Pensamento Global – pensar localmente, agir globalmente.

Frente a esse cenário algumas questões precisam ser levantadas junto ao setor educacional a quem compete estimular, criar e desenvolver ambientes inter, multi e transdisciplinares mais propícios ao incremento das artes, do entretenimento, do lazer, da colaboração e do empreendedorismo. Será que estamos formando profissionais que percebem na cidade os espaços nos quais as conexões, as inovações e a cultura revelam e valorizam as singularidades locais em dimensões tão complementares quanto a econômica, a social, a urbanística e a turística?

Esta é a reflexão que precisa ser feita nesses novos tempos em que vivemos.

CIDADES CRIATIVAS — IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO URBANO E REGIONAL

(17/11/2015)

[ACESSE AQUI](#)

Muitas cidades têm projetos inovadores, mas isso não significa que elas sejam criativas. É preciso pensar a cidade como algo que faz parte da vida das pessoas.

Charles Landry

As cidades, e principalmente as grandes, em razão da sua geografia e do ambiente natural e cultural e humano, encontram na organização de seu espaço físico a vocação para o lazer e turismo. Todos conhecem a atração das cidades litorâneas não só pelas suas belas praias, mas também pelo polo de negócios de seus portos. Da mesma forma, há regiões que pela sua história, cultura e monumentos, atraem visitantes de todo mundo bem como outros lugares que são conhecidos por serem polos industriais, comerciais, religiosos, tecnológicos ou esportivos.

Espaços recreativos e culturais são importantes para seus moradores e mais valiosos para visitantes estrangeiros como fonte de negócios e de desenvolvimento.

No último artigo que escrevi para este blog (10.10.2015) comentei sobre um grande evento — a “3ª Semana do Design do Rio” — em cujo conteúdo abordei a indústria criativa e pouco destaquei a divisão do Rio de Janeiro em distritos criativos, parte de uma política pública

desenvolvimentista exitosa, aliada à transformação urbana extraordinária promovida pelo Programa Porto Maravilha. Este tem como propósito oferecer à população da Região Portuária, com ruas revitalizadas, equipamentos culturais modernos, promover maior integração entre meios de transporte, criar espaços para o lazer e para o pedestre e promover o turismo em alta escala. Trata-se de um dos maiores projetos do Rio que, desde 2009, vem requalificando uma de suas mais importantes regiões. As transformações envolveram a demolição do Elevado da Perimetral — importante símbolo de uma cidade voltada para carros e que durante anos contribuiu para a degradação da região — a revitalização da Praça Mauá e a criação de novos pilares culturais, como o Museu de Arte do Rio (MAR), o Museu do Amanhã e até a construção de um boulevard em plena Avenida Rodrigues Alves.

Tendo em vista este grande projeto na cidade do Rio de Janeiro, é importante abordar o conceito de cidades criativas que surge pela primeira vez, nos anos 1980 na Europa como solução para a crise industrial, econômica e cultural. Segundo Charles Landry, qualquer cidade possui mais recursos do que se imagina. Só é preciso criatividade para que as zonas urbanas se abram à cultura, desenvolvendo ações culturais singulares e gerando espaços de trocas solidárias. Assim, as cidades podem revitalizar sua economia e garantir o bem-estar a seus habitantes.

Quando pensamos em crise, como a que atravessamos atualmente, em geral nos referimos às indústrias fechadas, ao desemprego, ao mercado de ações, às manifestações de cidadãos encolerizados vivendo em casas abandonadas porque não conseguiram quitar suas dívidas com bancos e empreiteiras. Quase nunca pensamos nos novos modos de desenvolvimento e nos modelos econômicos que podem vir a ser gerados tais como as cidades criativas.

Em 2004, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) lançaram a Rede de Cidades Criativas, cujo objetivo é promover a diversidade cultural e incentivar a valorização do potencial criativo, social e econômico de coletividades locais. Hoje 69 cidades (duas no Brasil — Curitiba e Florianópolis), em 32 países, partilham suas experiências em sete setores das indústrias criativas: literatura, cinema, música, artesanato e arte popular, *design*, arte digital e gastronomia.

Segundo [Ana Carla Fonseca Reis](#), as cidades criativas apresentam três características. A primeira é a sua capacidade de produzir inovações que não se restringe às que ocorrem em laboratórios ou polos tecnológicos, mas que envolvem também inovações sociais, soluções para problemas os mais diversos. A segunda está representada por conexões de natureza profundamente variada entre: as áreas da cidade; a cidade e a sua história; a cidade e o mundo; o público/privado e a sociedade civil e as chamadas áreas do saber. A terceira permite olhares diferenciados na busca de soluções para novos e velhos problemas. A cultura, entendida como o conjunto de manifestações com conteúdo simbólico e intangível, tanto pode beber de raízes tradicionais, como se alimentar de influências externas, ou ainda de ambas, quanto dialogar com as especificidades da cidade, com o que lhe é peculiar e lhe confere caráter único.

Desse modo, para que as cidades possam desenvolver sua singularidade criativa, devem sensibilizar seus cidadãos a ultrapassar a simples reorganização econômica e social. Devem investir no “terceiro lugar”, um local partilhado e “neutro” que fica entre a moradia e o trabalho, um lugar onde o pensamento criativo possa ser liberado, onde pessoas possam se encontrar para se divertir, trocar ideias e relaxar. Devem investir em novas áreas que até final do século passado pareciam secundários e sobretudo não produtivos do ponto de vista econômico, como a cultura, a arte, o esporte, o entreteni-

mento, mas que no século XXI podem dar um novo impulso às cidades e gerar muitos empregos. (É o que está sendo feito no Rio para atração após as Olimpíadas).

A emergência das cidades criativas exige que sigamos uma lógica cada vez mais complementar – local e global, público e privado, dinheiro e satisfação, economia e cultura. De uma organização de saberes em silos – caixinhas impermeáveis, fechadas em si mesmas –, passamos para a era dos times, das equipes, das forças-tarefas, nas quais os olhares se somam e convergem. Das nanotecnologias ao reconhecimento de muitas práticas culturais, surgem novas profissões e carreiras.

A chave para essa nova geografia urbana é a educação. A questão é: que tipo de educação? Ken Robinson em seu livro lançado em 1999 [All our futures: creativity, culture and education](#), salienta que os nossos sistemas educacionais são responsáveis em grande medida, pela criatividade dos estudantes. Em princípio, qualquer pessoa é criativa, embora em níveis diferenciados. Mas todos podem se tornar mais criativos.

Segundo [Pierre Bourdieu](#), além do capital financeiro importante para comprar coisas, há o capital social, cultural e simbólico. Dependendo da educação que se possui, do círculo de amigos e de suas referências, uma exposição de arte pode significar um monte de rabis-cos sem sentido ou um enorme prazer. Boa parte da arte precisa ser aprendida e internalizada para ser apreciada. Dessa forma, as distinções entre classes não se dão somente “por quem tem dinheiro e por quem não tem”, mas também pelo modo como as diversas formas de capital estão disponíveis para cada um. Esse capital cultural, intangível também pode ser um irradiador de demanda por pequenos empreendimentos, tais como bares, restaurantes, lojinhas, galerias, serviços especializados, gerando um dinamismo local.

Em um mundo pautado pela busca do diferencial, a valorização do que é intrínseco a uma comunidade ganha maior força. Mas é preciso ter “olho de lince” para perceber oportunidades e divisar onde está a “vocação única” de uma cidade.

Apesar das novas realidades e infinitas possibilidades será que alguém já pensou em tomá-las como referências para orientar as diretrizes curriculares dá para o ensino superior brasileiro?

A CULTURA DA PARTICIPAÇÃO COLETIVA REINVENTA OS EXPULSOS DAS CALÇADAS

(24/11/2015)

[ACESSE AQUI](#)

O uso de uma tecnologia social é muito pouco determinado pelo próprio instrumento; quando usamos a rede, a maior vantagem que temos é acessar uns aos outros. Queremos estar conectados uns aos outros, um desejo que a televisão enquanto substituto social elimina mas que o uso da mídia social, na verdade, ativa.

(Clay Shirky)

Entre as lembranças mais fortes de minha infância estão os passeios que meu pai proporcionava a mim e aos meus irmãos com as caminhadas nas noites de verão pelos bairros próximos de onde morávamos. Conhecer novos lugares era instigante e agradável. Nunca me esquecerei das visitas ao “Bexiga”, bairro de operários italianos, com cadeiras nas calçadas em frente às casas que reuniam moradores nas rodas de conversas noite adentro.

Vi também quando adulto a mesma cena no interior de São Paulo e no Nordeste. Havia nos bairros mais pobres das cidades a confraternização entre vizinhos para compartilhar os acontecimentos do dia, comentar e transmitir as experiências de vida de cada um.

Com a chegada da televisão no fim de 1950, essa cultura foi destruída. Os hábitos foram mudando e a mídia converteu-se em uma força centrípeta sobre a sociedade. Assistir às novelas, aos seriados, aos noticiários e aos numerosos programas de entretenimento oferecidos pelos canais de televisão passaram a ocupar a maior parte do tempo das pessoas na nova sociedade que emergia. A partir daí, os conteúdos, as imagens e até algumas celebridades da mídia substituíram a família, a escola e a igreja como modeladores de gostos e comportamentos.

Em consequência, as cadeiras voltaram para o interior das casas. Chico Buarque abordou o tema na canção “A televisão (1967)”: (...) O homem da rua/ Fica só por teimosia/ Não encontra companhia/ Mas pra casa não vai não/ Em casa a roda/ Já mudou, que a moda muda/ A roda é triste, a roda é muda/ Em volta lá da televisão (...). O tema foi ainda registrado por Chico e Vinicius de Moraes na canção “[Gente Humilde](#)”, por Mario Quintana no poema “[Tempo Perdido](#)”, entre outros tantos poetas e compositores brasileiros.

De lá para cá, as transformações foram muito mais rápidas. De uma cultura da mídia, que não possibilitava uma participação efetiva — pela própria ausência de meios e oportunidades para tal —, passamos para uma cultura de participação proporcionada pelas novas tecnologias, sobretudo pela web.2 que reconfigurou as formas de comunicação e os processos de interação entre indivíduos e organizações.

O crescimento urbano, acompanhado de um crescente nível educacional, aumentou o número de pessoas pagas para pensar e administrar, mais do que para produzir ou transportar objetos: a economia industrial foi cedendo espaço para a economia de serviços. E o mundo da economia pós-industrial deparou pela primeira vez com mais tempo livre, também chamado de “excedente cognitivo”.

Esse é o tempo que destinamos para fazer coisas que vão além das nossas obrigações diárias. É o período que geralmente é preenchido com atividades de lazer e/ou de simples descanso. Até hoje, a tecnologia que mais influenciou no excedente cognitivo da população e que mais dele se utilizou foi a televisão — entrava pelos olhos e ouvidos e “imobilizava” mesmo os usuários moderadamente atentos em cadeiras e poltronas como um pré-requisito de consumo.

Clay Shirky trouxe à tona, em seu livro “A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado”, (Zahar, 2011) aspectos que nos levam a refletir sobre a nova e a velha cultura. Segundo ele, a tecnologia que, durante décadas, encorajou as pessoas a desperdiçarem o seu tempo e intelecto como consumidores passivos, está hoje aproveitando grande parte desse imenso potencial humano, antes desperdiçado, como novo e potente capital social, permitindo o engajamento, o compromisso social e a melhor utilização do tempo em tarefas coletivas, que façam sentido a grupos de interesses antes confinados à clausura passiva da televisão.

As ferramentas da internet permitiram maior participação das pessoas que deixaram de ser telespectadores sem voz para se tornarem usuários capazes de interagir diretamente com conteúdos ou até mesmo de criá-los. Saímos de uma era em que apenas recebíamos informação e éramos chamados de “massa” para uma era em que construímos informações e somos reconhecidos como público segmentado com interesses específicos. Isso mostra claramente que o excedente cognitivo — matéria-prima para a virada de paradigma — agora é gasto não só recebendo e acumulando informações como também compartilhando e formando todo o conteúdo existente. Hoje o consumidor pode efetivamente participar da criação de produtos e serviços e estabelecer seus fluxos de comunicação independentes e, especialmente, colaborativos.

Shirky propõe tratar o tempo livre — o excedente cognitivo — dos cidadãos como um capital social geral, que pode ser direcionado a grandes projetos criados coletivamente, pois, para ele, a internet é a primeira mídia pública a ter uma economia pós-Gutenberg. Diferentemente de todas as outras mídias, a infraestrutura disponível nas mídias digitais não pertence aos produtores de conteúdo, mas é acessível a qualquer um que tenha acesso a ela. A cultura da participação transcende as relações comerciais do mercado e está transformando o próprio conceito de mídia.

A comunicação contemporânea, marcada pela interatividade, permite que todos os envolvidos possam ser produtores, distribuidores e consumidores de comunicação e é muitas vezes entendida como um processo novo, resultante de uma ruptura com a cultura da mídia dos meios massivos, como a televisão de propriedade de minorias.

Nesse cenário, o indivíduo passa a posicionar-se na sociedade de forma diferente, consumindo, produzindo e distribuindo a comunicação. Ou seja, o tempo, a dedicação, a energia e o talento das pessoas que estão conectadas somados às novas tecnologias proporcionam uma reconfiguração da nossa relação com os meios de comunicação, a ponto de deixarmos de ter uma cultura da mídia para assumirmos uma cultura da participação. Nesse contexto, consumidores passam a atuar e interferir diretamente no desenvolvimento e na elaboração de produtos e serviços oferecidos pelas empresas — seja opinando, colaborando e/ou mesmo manifestando a sua desaprovação em redes sociais, *blogs* e *sites* —, fazendo surgir um relacionamento mercadológico próprio da cibercultura.

À medida que se fortalece a capacidade de determinados grupos de aprender e trabalhar juntos, as suas ações passam a atrair mais participantes, melhorando e disseminando as ideias. O ambiente eferescente de um círculo colaborativo pode fazer com que os projetos

e as realizações dos participantes se desenvolvam mais depressa do que se estivessem buscando os mesmos objetivos isoladamente.

Essa ampliação da nossa capacidade de criar coisas de forma conjunta, de doar nosso tempo livre e nossos talentos particulares a algo útil, é uma das grandes oportunidades atuais. Para Shirky, o excedente cognitivo é um potencial que pode viabilizar ações sociais significativas, pois os talentos, quando coletivos, tornam-se uma questão social e não apenas individual.

Tal como uma nova geração de jovens está fazendo na economia criativa tendo como exemplo os modelos — *crowdsourcing*¹ e *crowdfunding*² —, é chegada a hora das instituições de ensino de todos os níveis se voltarem para a análise deste novo movimento, visando implementar estratégias para transformar o excedente cognitivo dos cidadãos em capital social que pode ser direcionado a grandes projetos de interesse coletivo. É hora de levar as cadeiras de volta, desta vez, às calçadas do mundo.

¹ Crowdsourcing é o modelo de produção que utiliza a inteligência e os conhecimentos coletivos e voluntários, geralmente espalhados pela internet para resolver problemas, criar conteúdo e soluções ou desenvolver novas tecnologias, assim como para gerar fluxo de informação.

² Crowdfunding (financiamento coletivo) consiste na obtenção de capital para iniciativas de interesse coletivo por meio da agregação de múltiplas fontes de financiamento, em geral pessoas físicas interessadas na iniciativa. O termo é muitas vezes usado para descrever especificamente ações na internet com o objetivo de arrecadar dinheiro para artistas, jornalismo cidadão, pequenos negócios e startups, campanhas políticas, iniciativas de software livre, filantropia e ajuda a regiões atingidas por desastres, entre outros.

COMPETÊNCIAS E LIDERANÇAS — INATAS OU APRENDIDAS NA ESCOLA E NA VIDA

(01/12/2015)

[ACESSE AQUI](#)

A sobrevivência e o sucesso da empresa dependem de todos os seus colaboradores, cada um atuando com responsabilidade, comprometimento, autonomia e liderança no espaço que lhe compete. Dependem ainda de pessoas capazes de colocar emoção no que fazem e de despertar emoção ainda maior naqueles que os cercam.

Hilda Miranda Scarcella¹

Estudei no Colégio Santo Alberto do primário ao colegial e tive a oportunidade de conviver com os modelos de gestão dos diversos “freis” que, no correr dos anos quarenta, ocuparam o cargo de diretor. Frei Romualdo, professor de religião no primário, de português no ginásio e diretor no colegial, tinha bom trânsito entre os alunos e, mesmo sendo de baixa estatura, era respeitado pela postura de disciplinador. Ele era bom esportista, ótimo professor, excelente administrador, líder religioso entre seus pares e orador invejável nos sermões da Igreja Nossa Senhora do Carmo. Só não foi superior dos Carmelitas porque abandonou a Ordem para trabalhar na administração pública. Os pontos fortes do “frei baixinho” eram inteligência emocional, comunicação, colaboração, motivação, inspiração,

¹ Professora da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e da Universidade Cruzeiro do Sul (Unicsul).

carisma, resolução de conflitos, integridade entre outros. Lembrome dele por causa do tema deste artigo que suscita o seguinte questionamento: quais são as competências que formam líderes ou eles são portadores de competências inatas?

Sabe-se que a liderança é a condução de pessoas com o objetivo de transformá-las numa equipe que gera resultados. É ainda a habilidade de motivar e influenciar os liderados a contribuir, de forma ética e positiva e com entusiasmo, para que os objetivos da equipe e da organização possam ser alcançados.

Assim, o líder se diferencia do chefe. Este é a pessoa encarregada das atividades de uma organização, comanda um grupo de pessoas, tendo autoridade de mandar e exigir obediência. Para os gestores atuais são necessárias não só as competências de chefe, mas, principalmente as, de líder.

Nos últimos anos, parte da bibliografia especializada tem sido criticada por estar mais preocupada com a explicação dos comportamentos de líderes face aos seus colaboradores, em vez de examinar os líderes no contexto maior de suas organizações, isto é, na área de abrangência de sua atuação.

Para os estudiosos existem alguns estilos de liderança, quais sejam:

Liderança autocrática. Autoritária ou diretiva na qual o líder — focado apenas nas tarefas — toma decisões individuais, desconsidera a opinião dos liderados, determina as providências e as técnicas para a execução das tarefas de modo imprevisível, estabelece o que cada um deve fazer e determina a constituição dos grupos.

Liderança democrática. Participativa ou consultiva, caracteriza-se pela colaboração dos liderados no processo decisório. Os próprios grupos debatem e escolhem as diretrizes, esboçam as providências

para atingir as metas, sob o estímulo, assistência e aconselhamento técnico do líder, que pode sugerir duas ou mais alternativas de atuação. A divisão das tarefas fica a critério dos grupos e cada membro pode escolher os seus próprios companheiros de trabalho. Neste modelo, o líder procura ser um componente normal dos grupos.

Liderança liberal ou *laissez faire*. Significa literalmente “**deixai fazer**”. Neste tipo de liderança as pessoas têm mais liberdade na execução dos seus projetos, característica que indica, possivelmente, uma equipe madura, autodirigida e que não necessita de supervisão constante. Por outro lado, a liberalidade pode ser também indício de uma liderança negligente e fraca, na qual o líder deixa passar falhas e erros sem corrigi-los.

Liderança paternalista. O paternalismo é uma atrofia da liderança, na qual o líder e sua equipe têm relações interpessoais similares às de pai e filho. Esta liderança pode ser confortável para os liderados e servir para evitar conflitos, mas não é o modelo adequado no relacionamento profissional, considerando que para o pai o filho é incondicionalmente mais importante. Em uma relação profissional o equilíbrio deve preponderar e os resultados devem ser mais importantes do que o indivíduo.

Liderança por ideal. Estilo de conduzir equipes sem desmerecer os objetivos individuais dos liderados. A cultura organizacional se sustenta nas convicções, valores, filosofia e nos modelos mentais do líder gerando um ambiente de participação e integração dentro dos grupos. O líder de acordo com o seu ideal cria um elo entre ele e colaboradores, clientes e cadeia de suprimentos. Neste modelo de liderança se enquadram entre outros as de Walt Disney (1901-1966), Steve Jobs (1955-2011), Eiji Toyoda (1913-2013) e Sílvio Santos (1930).

No caso específico da liderança na área da educação, é preciso pensar com os olhos voltados para o futuro tal como um estrategista que pensa longe. Assim, conceitos como “colaboração”, “interatividade” e “criatividade” são hoje os mais requisitados.

A busca por novas ideias e soluções deve envolver toda a comunidade acadêmica — alunos, gestores, professores e funcionários — além das famílias, empreendedores e Estado. O resultado é o engajamento dos alunos em aulas mais contextualizadas com a realidade do mundo em que vivem.

Para liderar é preciso dominar competências que só a experiência ensina. Para desenvolver competências é também preciso mobilizar o conjunto de recursos cognitivos tais como saberes, capacidades, recursos, aptidões e informações para solucionar, com pertinência e eficácia, uma série de situações. Isso porque os indivíduos são constituídos pelas dimensões cognitiva, afetiva e social. Eles desenvolvem competências diferentes, de acordo com as suas experiências de vida e com o contexto em que se situam.

Algumas dessas competências são adquiridas nos processos educacionais. Na escola aprende-se a ler, escrever, contar, raciocinar, explicar, resumir, observar, comparar, desenhar, entre outras habilidades, no contexto estrito das disciplinas, raramente integradas com as situações reais da vida.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) aprovou no relatório final da Conferência Mundial de Educação para Todos, em 1996, os “quatro pilares da educação”. Estes envolvem conhecimento, comportamento, conceitos, procedimentos, valores e atitudes e são os seguintes ([Educação – um tesouro a descobrir](#)):

- **“Aprender a conhecer”**. Abrange as dimensões do conhecimento específico, especializado, adquirido pela educação formal;
- **“Aprender a fazer”**. Envolve as dimensões práticas, técnicas e científicas, adquiridas em cursos, treinamentos e/ou experiências profissionais;
- **“Aprender a ser”**. Inclui traços de personalidade e caráter, que ditam os comportamentos nas relações sociais de trabalho, como capacidade de iniciativa, comunicação, disponibilidade para a inovação e mudança, assimilação de novos valores de qualidade, produtividade e competitividade.
- **“Aprender a agir”**. Significa saber trabalhar em equipe, ser capaz de resolver problemas e realizar trabalhos novos, diversificados que são as capacidades subjacentes à exigência de intervenção ou decisão diante de eventos.

Antoni Zabala e Laia Arnau², estudiosos do uso educacional de competências, afirmam que:

“A competência, no âmbito da educação escolar, deve identificar o que qualquer pessoa necessita para responder aos problemas aos quais será exposta ao longo da vida. Portanto, a competência consistirá na intervenção eficaz nos diferentes âmbitos da vida, mediante ações nas quais se mobilizam, ao mesmo tempo e de maneira inter-relacionada, os componentes atitudinais, procedimentais e conceituais.”

Concluindo, todas estas questões impõem aos sistemas de ensino e às próprias instituições – por meio de uma liderança democrática orientada por princípios, objetivos e, sobretudo, pela observância dos “quatro pilares” definidos pela Unesco – a definição clara das competências que os estudantes necessitam para ter êxito no mercado do trabalho e na vida.

² Professores da Universidade e autores do livro Como Aprender e Ensinar Competências, Editora Penso, 2010. <http://matematicaef2.blogspot.com.br/2014/08/antoni-zabala-competencia-no-ambito-da.html>

O mundo se transforma a cada instante e as pessoas precisarão estar preparadas para vencer os desafios cada vez mais complexos do mundo atual.

A METACOGNIÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM

(08/12/2015)

[ACESSE AQUI](#)

Aprender um conteúdo e perceber como aconteceu a compreensão ou aperceber-se do não entendimento deste, são exemplos do fenômeno metacognitivo. Dificilmente mensurável, a ciência cognitiva estuda o processamento da informação buscando respostas para a explicação do fenômeno da aprendizagem.

Mario Vinicius Canfield Grendene¹

Metacognição é a capacidade que o indivíduo pode desenvolver para pensar sobre seu pensar, expressando como está estruturando o pensamento a respeito de determinado conhecimento e, se necessário, reelaborá-lo, de modo a refletir sobre esse pensar para conhecer ou encontrar soluções aos desafios propostos, diz Maria Elena Roman de Oliveira Toledo², doutora em Psicologia da Educação pela Universidade de São Paulo (USP). O processo pelo qual o indivíduo expressa e tem possibilidades de perceber como elabora e controla o pensamento, de modo a organizar, revisar e modificar formas de resolução de situações em função dos resultados que vai

¹ Professor da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS)

² Toledo, M.E.R.O. As estratégias metacognitivas de pensamento e o registro matemático de adultos pouco escolarizados. São Paulo. 2003. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo.

conquistando, evidencia aspectos importantes implícitos em atividades que favoreçam processos metacognitivos.

Etimologicamente, a palavra metacognição significa para além da cognição, isto é, a faculdade de conhecer o próprio ato de conhecer, ou, por outras palavras, consciencializar-se, analisar e avaliar como se conhece, pensar sobre o próprio pensamento. Por meio da reflexão sobre a maneira como se aprende, pode-se repensar sobre os processos de pensamento individual. Por exemplo, estamos exercendo uma atividade metacognitiva quando assistimos à TV pondo o nosso lado crítico em evidência.

A discussão desse enfoque parece ter retornado à atualidade, ainda que as origens datem da década de 1970. É que o setor gosta, para não dizer precisa, de ver e rever princípios e conceitos que nunca ficam claros ou totalmente explorados, como se uma novidade fosse mais importante para o momento e merecesse mais atenção em detrimento de outra surgida anteriormente. É um virar de página, sem acabar a leitura da anterior.

Não faltam conceitos, teorias e definições sobre o assunto. Há uma farta bibliografia a respeito tanto em tratados de psicologia educacional quanto nas *Wikis*.

A metacognição é o conjunto de conhecimentos sobre os próprios conhecimentos e de processos de percepção, avaliação, regulação e organização dos próprios [processos cognitivos](#). Ela pode ser pensada como cognições de segunda ordem: pensamentos sobre pensamentos, aprender a aprender, conhecimentos sobre conhecimentos, reflexões sobre ações. É um conceito bastante relacionado ao de [funções executivas](#).

A metacognição desempenha um papel importante na [aprendizagem](#) por mediar a percepção sobre os próprios erros e dificuldades

tanto em relação a tarefas e conteúdos quanto a emoções e motivações, além do monitoramento e avaliação do desempenho na tarefa e das estratégias mais eficientes de realizá-la.

Assim, a atenção e a orientação nos processos metacognitivos permitiria ao indivíduo melhorar a sua capacidade de aprender de forma mais geral, por meio de processos de conscientização, monitoramento e controle de seus processos cognitivos e ações.

A metacognição parece ser uma habilidade tardia na criança, desenvolvendo-se por volta dos sete aos onze anos, com a contribuição integrada de vários processos. Por um lado a internalização gradual e personalização de atividades metacognitivas observadas, guiadas e/ou reguladas por outros (pais, professores, colegas, etc.) e, por outro, a maturação e a aquisição de aptidões e conhecimentos cognitivos possibilitando também processos metacognitivos mais complexos, além do desenvolvimento como um todo, incluindo seus aspectos biológicos, sociais, afetivos, motivacionais, etc.

As perguntas que ficam no ar são: Quando tais faculdades são exercidas e praticadas do Fundamental à Universidade? Quem dentre os docentes teria capacidade indutora do emprego e do aproveitamento dessas faculdades? Ou seja, há proveito, há utilidade, há praticização dessas potencialidades nas crianças e adolescentes nas escolas nacionais?

Por requerer que o indivíduo reflita sobre os seus processos mentais, o interesse pelo estudo do papel das estratégias no aprendizado ganhou um importante reforço com uma nova área de investigação psicológica denominada metacognição. O termo foi introduzido por John Flavell, em 1970, para definir o conhecimento sobre os próprios processos e produtos cognitivos.

Cognição significa qualquer operação mental: percepção, atenção, memorização, leitura, escrita, compreensão, comunicação etc.; portanto, metacognição é o conhecimento de todas essas operações mentais: o que são, como se realizam, quando se usa uma ou outra, que fatores ajudam ou interferem na sua operabilidade. Para referir-se especificamente a cada um desses aspectos, fala-se de metamemória, meta-atenção, meta-leitura, metaescrita, etc. Flavell propõe um modelo de quatro aspectos sobre a monitoração cognitiva, quais sejam:

- a) conhecimento metacognitivo (que aglutina os componentes sensibilidade e conhecimento das variáveis da pessoa, da tarefa e da estratégia);
- b) experiências metacognitivas;
- c) objetivos e,
- d) ações ou estratégias.

A sensibilidade consiste em aprender a identificar em que situações há necessidade de recorrer a determinadas ações ou estratégias e o conhecimento metacognitivo consiste em compreender as crenças a respeito de si próprio, das pessoas, das tarefas e das estratégias, permitindo ao aprendiz reconhecer e representar as situações, ter mais fácil acesso ao reportório das estratégias disponíveis e selecionar aquelas de possível aplicação.

O conceito encontra suas origens na psicologia, especificamente em estudos sobre como os sujeitos, em situações como a resolução de problemas, são capazes de monitorar, avaliar e modificar suas estratégias de encontrar as respostas e de descrever esse processo. Para a pedagogia e as escolas, o conceito de metacognição vem se tornando especialmente útil a partir de análises tanto de alunos que se saem extremamente bem, como de alunos com “dificuldades”. O conceito de metacognição chama a atenção para vários pontos

importantes, entre eles que a dificuldade escolar pode estar mais relacionada a um problema de autoestima e de motivação do que à competência intelectual.

Nos próximos anos, esse conceito deverá tornar-se cada vez mais importante para as IES que se preocupam em desenvolver estratégias não apenas para que seus alunos aprendam, mas também aprendam a aprender.

À medida que evoluímos nas ciências, mais elementos são agregados às fontes originais e com a metacognição não seria diferente. Vejamos as últimas que a classificam com três componentes:

- a) *conhecimento metacognitivo* (também chamado de consciência metacognitiva): é o que as pessoas sabem sobre si mesmas e aos outros como processadores cognitivos;
- b) *regulação metacognitiva*: é a regulação da cognição e de experiências de aprendizagem através de um conjunto de atividades que ajudam as pessoas a controlar a sua aprendizagem;
- c) *experiências metacognitivas*: aquelas experiências que têm algo a ver com a corrente, esforço cognitivo em curso.

Metacognição refere-se, assim, a um nível de pensamento que envolve o controle ativo sobre o processo de pensamento usado em situações de aprendizagem. O planejamento da maneira de abordar uma tarefa de aprendizagem, a compreensão, o acompanhamento e a avaliação do progresso, no sentido da realização de uma tarefa, são habilidades metacognitivas por sua própria natureza. Da mesma forma, manter a motivação para ver a conclusão de uma tarefa é também uma habilidade metacognitiva. A capacidade de tornar-

se consciente de estímulos que distraem – internos e externos – e sustentar o esforço ao longo do tempo também envolve funções metacognitivas ou executivas. A teoria de que a metacognição tem um papel crítico a desempenhar na aprendizagem bem-sucedida implica ser demonstrada por alunos e professores. Alunos que evidenciam ampla gama de habilidades metacognitivas têm um desempenho mais eficiente nos exames e nos trabalhos.

Resta saber quem e quantos estão interagindo com a metacognição nas IES brasileiras, de modo a propiciar saltos qualitativos e quantitativos extraordinários na aprendizagem, encurtando distâncias e aproximando conclusões em tempos recordes.

FELIZ NATAL E PRÓSPERO ANO NOVO!

(18/12/2015)

[ACESSE AQUI](#)

Mais um ano se passou e com ele registramos avanços e conquistas, cuja preservação implica crença no futuro. Na ABMES nós acreditamos e investimos em novas iniciativas e por isso contamos com os nossos associados para mais uma empreitada em 2016.

As atuais comemorações natalinas e de fim de ano não possuem mais aquele entusiasmo de país rural, onde as famílias se reuniam para celebrar a data magna do calendário cristão e o novo ano que surgia.

Os tempos mudaram e as festas se tornaram um evento de notadamente comercial.

A tradição, porém, ficou para renovar sentimentos e esperanças de melhores dias para a vida de cada um e de cada família. Este é momento de confraternização e de reflexão por meio do qual somos invadidos por sentimentos que nos aproximam dos encantamentos da vida e que, nas entrelinhas, nos pedem não só para renovar as nossas relações de amizade e repetir as boas experiências e os bons momentos, como também para recusar ou afastar o que não representou contentamento, satisfação ou felicidade.

Este é também o momento de refletir sobre a realidade das atividades educacionais nestes últimos anos. Percebe-se que o setor particular do ensino superior continua em ascensão, apesar das difi-

culdades econômicas, sociais e políticas atuais e dos impactos das medidas reguladoras, em 2015, a partir da desaceleração do Fundo de Desenvolvimento Estudantil (Fies) que abalou o setor, mas não o desestruturou, porque as instituições educacionais encontraram soluções para minorar o desajuste provocado pelas mudanças.

O Censo da Educação Superior de 2014 realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC) mostra que, dos 32.878 cursos de graduação oferecidos no Brasil, 66,4% são oferecidos pelas instituições de ensino superior (IES) particulares que acolhem cerca de seis milhões de alunos. O dado mais positivo, e que precisa ser registrado, é que entre 2000 e 2014 o número de alunos no ensino superior particular aumentou 224,6 %.

O setor privado atingiu números que dobram e redobram a nossa responsabilidade de executores da oferta educacional superior brasileira e que não nos deixam perder a perspectiva do futuro para conquistar méritos que dignificam nossa atividade de educar.

No que se refere à ABMES, entidade representativa das mantenedoras de ensino superior, todas as ações empreendidas confirmam o sucesso de sua participação como proponente de soluções para as questões regulatórias e burocráticas impostas às IES. A ABMES possui uma equipe profissional atenta que acompanha o desenvolvimento da área educacional nas suas interfaces com os cenários de hoje e do futuro do país.

É certo que passamos por turbulências políticas e econômicas que decorreram de vários fatores tais como a falta de coesão nacional, a ausência de um sistema sério de representação política alinhado com os interesses do país, o descontrole das contas públicas e a burocratização do Estado. Esses problemas estão travando o desenvolvimento e o futuro dos jovens que anseiam por melhores dias.

A economia brasileira vai mal. Há quatro anos, o crescimento decepciona. A indústria está estagnada e sua produção é hoje menor do que em 2007. A inflação está subindo. O mercado de trabalho está piorando. O país está sem rumo político e os ajustes para controlar a inflação e as contas públicas causam nova decepção com a estagnação em 2015.

Nestes momentos, surgem as oportunidades. Quando o pessimismo reina a maioria se retrai, a concorrência diminui e as grandes chances aparecem. Em um momento em que os brasileiros manifestam sua desilusão com a atual situação do país, precisamos conhecer melhor a nossa realidade, pensar no longo prazo e vislumbrar os caminhos para a evolução da sociedade.

No entanto, nem no Brasil nem em outro qualquer lugar do mundo existe um ambiente mágico em que uma ideia tenha sucesso do dia pra noite. Portanto, a melhor coisa a fazer é conhecer a realidade brasileira, aproveitar as oportunidades que existem e colocar as mãos à obra!

Acreditem, prezados associados, fazer o possível pode nos levar muito além do que imaginamos.

E para concluir esta mensagem de final de ano, nada melhor refletir sobre um texto do jornalista, dramaturgo e escritor gaúcho, Caio Fernando de Abreu que nos deixou em 1996:

“(...) fecho os olhos e começo a pedir. Não são coisas muito complicadas de serem atendidas. Ao menos eu acho que não. Apenas me concentro em cada rosto que já conheci até hoje e nos sentimentos que tenho por cada uma dessas pessoas. Que não nos falem bons sentimentos sejam no Natal ou em qualquer dia do Ano Novo que se aproxima. Que nos falte egoísmo. Que nos sobre paciência pra enfrentar mais trezentos e sessenta e cinco dias. Que sejamos capazes de enxergar algo de bom em cada momento ruim que nos acontecer. Que não

nos falte esperança. Que novos amigos cheguem. Que antigos amigos sejam reencontrados. Que cada caminho escolhido nos reserve boas surpresas. Que músicas de letras e melodias bonitas nos façam suspirar. Que a cada sorriso que uma criança der nos faça ter um bom dia e enxergar uma nova esperança. Que nos sobre tempo para beber e conversar com os amigos. Que cada um de nós saiba ouvir cada conselho dado por uma pessoa mais velha. Que não nos falte vontade de sorrir apesar dos pesares. Que sejamos leves. Que sejamos livres de preconceitos. Que nenhum de nós se esqueça da força que possui. Que não nos falte fé e amor.”

Em nome da ABMES, desejamos a todos um Feliz Natal e que em 2016 possamos buscar intensamente – com ética, idealismo e esperança – um futuro digno para a educação brasileira.



2016



A CRIATIVIDADE COMO PROPULSORA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

(12/01/2016)

[ACESSE AQUI](#)

Há setenta anos, o Homo sapiens era um animal insignificante cuidando da própria vida em algum canto da África. Nos milênios seguintes, ele se transformou no senhor de todo o planeta e no terror de ecossistema. Hoje está prestes a se tornar um Deus, pronto para adquirir não só a juventude eterna como também as capacidades divinas de criação e destruição.

Yuval Noah Harari

Acabei de ler Sapiens – uma breve história da humanidade, de Yuval Noah Harari (L& PM Editores), um sucinto relato dos 200 mil anos da trajetória dos humanos, durante a qual, das seis espécies de primatas antropóides que existiram, só a nossa sobreviveu: o *Homo sapiens*.

O que de mais extraordinário se percebe no decorrer do desenvolvimento da história da humanidade é a transformação ocorrida entre os 75 e 45 mil anos atrás: a revolução cognitiva. Ela distinguiu o homem de todos os outros animais e deu-lhe a capacidade de começar a ter ideias, pensar, relacionar objetos e acontecimentos do dia a dia, imaginar e criar coisas e fatos e comunicar tudo isso aos seus iguais. Sempre seguindo a sua sina para o bem ou para o mal, para vencer os desafios e poder sobreviver, o *Homo sapiens* usou estratégias mentais para sobrepujar seus inimigos. Tudo isso devido a uma

característica ímpar – os humanos desenvolveram um cérebro bem maior e souberam usá-lo.

O que foi a revolução cognitiva?

1. O homem ganhou a capacidade de conhecer e transmitir maiores quantidades de informações sobre o ambiente onde vivia, o que lhe permitia planejar e realizar ações para se desenvolver.
2. Essa revolução permitiu aos humanos conhecerem grandes quantidades de informações relacionadas com suas comunidades e influenciar mais os indivíduos.
3. E principalmente proveu os humanos do poder de abstração que lhe possibilitou criar o imaginário sobre as informações de coisas que não existem, como histórias inventadas de espíritos tribais, de divindades de todos os teores e mitos, como forma de angariar adeptos para mútua colaboração de suas ideias.

O poder de associar informações e utilizá-las em cada época apoiou todo o progresso da história da mente humana – na revolução agrícola; na criação dos primeiros reinos e sistemas de escrita e números; no comércio e nas práticas religiosas; no domínio dos impérios; nas revoluções científica e industrial; na constituição da família e das comunidades; nas relações entre Estado e mercado; nas tecnologias de informação e comunicação e, transcendendo os limites da Terra, nas viagens interplanetárias. Mas esse poder também criou armas nucleares, que ameaçam a sobrevivência da humanidade, e a poluição descontrolada, que vem destruindo o nosso meio ambiente.

Os historiadores, entre eles Noah Harari, costumam nominar cada uma das fases do desenvolvimento terrestre apoiados no surgimento de habilidades e competências. A primeira e mais importante razão da existência do ser humano foi a capacidade de usar os recursos

criativos de seu cérebro para solucionar problemas e que deflagrou a revolução cognitiva. O restante decorreu dos desafios impostos à sobrevivência do homem pelas realidades que tinha por sobrepujar. O homem, apoiado pela mente, usava as mãos, a madeira, a pedra, os metais, as ferramentas, as máquinas e os aparelhos tecnológicos, mas a origem de tudo era a sua imaginação. O mundo é o que é em decorrência da criatividade humana: tudo que existe foi ideia de gente, pessoas que, só ou em equipes, foram capazes de desenvolver uma ideia, um produto, um bem ou uma representação artística.

Tudo que existe no mundo é consequência da criatividade humana.

Um dos maiores valores propiciado pela revolução cognitiva é a capacidade que o homem possui de mistificar, de criar fatos e lendas e de impor ídolos, hoje mostrados aos quatro cantos pela sociedade do espetáculo. O que sensibiliza mais: os milhares de fogos de artifício coloridos de fim de ano mostrados pela televisão, a destruição apocalíptica da cidade de Mariana ou o morticínio de Paris? O que é mais espantoso: as multidões espalhadas pelas praças comemorando a passagem do fim do ano ou as pessoas desoladas buscando conforto e fugindo à morte nos hospitais públicos do país? Precisamos ser cautelosos com as imagens, pois se formos avaliar o mundo em que vivemos, hoje, ele está um caos, o que permite a Harari concluir com pessimismo seu livro: “Apesar das coisas impressionantes de que os humanos são capazes de criar, continuamos sem saber quais são os nossos objetivos e estamos sempre desalentados. Estamos destruindo os outros animais e o ecossistema a nossa volta, visando ao nosso próprio conforto e divertimento, mas jamais encontrando nossa satisfação”.

Apesar de todo o progresso, os estudos sobre o cérebro são recentes. O termo “neurociências cognitivas” é de 1970. A década de 1990 foi declarada no Congresso Nacional Americano a “década do

cérebro”. Hoje, a neuroeducação tem como objetivo o desenvolvimento de novos métodos de ensino e aprendizagem ao combinar a pedagogia e as experiências de neurobiologia nas ciências cognitivas. Essa fundamentação está apoiada na visão de que só a educação será capaz de frear a ambição humana e fazer deste mundo um lugar mais harmonioso para conviver-se. É tarefa árdua, leva centena de anos, mas só vai acontecer se se pensar na estratégia ao adotar-se a criatividade como suporte para incorporar valor ao aprendizado, usando-a como meio de superar os desafios.

Inovar. Ou seja, transformar ideias em novos produtos e serviços; desenvolver novas tecnologias e formas de produção; introduzir produtos e serviços em novos mercados e ainda, em contexto global, enfrentar os inúmeros desafios do planeta, nas áreas de saúde, moradia, meio ambiente, educação e trabalho. É por essa razão que vários países têm buscado incluir a criatividade como uma prioridade política, promovendo o seu fomento na educação formal, nas indústrias e em outros tipos de organizações.

Apesar da importância da educação superior para o fomento da criatividade, à exceção de Estados Unidos, Inglaterra e Austrália, em outros países pouco tem sido feito. No Brasil, quase nada foi realizado, como atesta o estudo feito pelas professoras Maria Lima Açoriano de Alencar e Denise de Sousa Fleith denominado “Criatividade na educação superior: fatores inibidores”. É um belo trabalho que comentaremos no próximo artigo.

CRIATIVIDADE — A PRINCIPAL HABILIDADE PARA SE VENCER OS DESAFIOS DO SÉCULO XXI

(19/01/2016)

[ACESSE AQUI](#)

A criatividade é o recurso mais fecundo que o homem, desde sempre procurou dominar para derrotar seus inimigos atávicos: a fome, o cansaço, a ignorância, o medo, a feiura, a solidão, a dor, e a morte. Em cada esquina do planeta, em cada fase de sua evolução, a criatividade humana consegue atribuir uma forma ao caos e um significado as coisas.

Domenico De Mais¹

Para ilustrar o processo de ensino-aprendizagem, o psicólogo Lauro de Oliveira Lima contava a história de seu cachorro. Ele sempre dizia a seus colegas e alunos que ensinara o animal a falar. Curiosos iam visitá-lo para ver o cão fenômeno. Ele pedia várias vezes ao cachorro que lhes dissesse boa noite. Mas o cachorro permanecia mudo. Lauro, então, saía-se com esta: “Ensinar, eu ensinei; mas foi ele que não aprendeu!”.

A anedota alerta para a necessidade de se passar de uma docência

¹ Lauro de Oliveira Lima (1921- 2013), educador brasileiro, conhecido pela sua atuação política na educação e pelo desenvolvimento do Método Psicogenético, estruturado a partir da Epistemologia Genética de Jean Piaget.

baseada no ensino para a docência baseada na aprendizagem. Vivemos um tempo de profundas transformações que impõem novos desafios que exigem respostas inéditas e originais.

O processo de ensino/aprendizagem tem sido prejudicado pela cultura do professor em transmitir conhecimento, esquecendo-se de que a aprendizagem não se dá exclusivamente pela razão, mas pelo diálogo com a natureza criativa do indivíduo. Nessa ótica da transmissão, tendo o professor como autoridade intelectual, o que se tem é a reprodução de informações por “alunos-ouvintes”, na maioria das vezes apáticos, num processo de transmissão-reprodução-transmissão, que enfatiza as operações de memorização e um conhecimento enciclopédico.

Para quebrar esse círculo vicioso não basta ensinar o que é conhecido, é necessário capacitar o aluno para questionar, refletir, transformar e criar. Assim, o papel da criatividade no ensino é imperativo: criar é essencial na sociedade do conhecimento, é fator-chave para lidar com as mudanças rápidas e complexas que caracterizam o mundo contemporâneo. A criatividade no ensino superior, no entanto, ainda é pouco estudada no Brasil, embora seja fundamental para a inovação e conseqüente sucesso das organizações. Ela tem sido considerada como elemento crítico para a sobrevivência da grande maioria de empresas, tendo em vista os desafios gerados pela globalização, a crescente competição e o ritmo acelerado de mudanças.

As psicólogas Eunice Maria Lima Soriano de Alencar e Denise de Souza Fleith – autoras do interessante artigo “Criatividade na educação superior: fatores inibidores” (ver imagem) – entrevistaram 338 professores brasileiros de instituições públicas e particulares de ensino superior para investigar elementos percebidos por eles como inibidores à promoção de condições adequadas ao desenvol-

vimento e à expressão da criatividade de seus alunos. Alunos com dificuldades de aprendizagem em sala de aula, desinteresse do aluno pelo conteúdo ministrado, poucas oportunidades para discutir e trocar ideias com colegas de trabalho sobre estratégias instrucionais e elevado número de alunos em sala de aula foram os itens com maior percentual de respostas. Aliam-se a tudo isso o receio de professores de assumirem riscos em função de uma cultura que não tem tolerância ao fracasso, a falta de recursos, especialmente de tempo, e oportunidades limitadas a uma avaliação formativa.

As autoras admitem que a questão é complexa e que as suas várias facetas e multiplicidade de causas devem ser examinadas, pois englobam variáveis relativas ao aluno (entre as quatro barreiras indicadas por maior número de docentes, três diziam respeito ao aluno), ao docente, à cultura universitária e a outras de ordem sócio-histórico-cultural, que dialogam entre si.

A educação tem como fim integrar o homem, torná-lo sensível para enfrentar, e responder criativamente, aos desafios impostos por uma nova sociedade baseada no conhecimento, na qual, segundo Miguel Zabalza², os docentes devem ter dupla competência – a competência instrucional, como conhecedores do âmbito científico ensinado, e a competência pedagógica, como pessoas comprometidas com a formação e a aprendizagem dos estudantes.

Estudos revelam que a prática de uma educação criativa envolve uma efetiva e peculiar revolução no modo de conceber a realidade – que incorpora pensamento e sentimento, objetividade e subjetividade, individualidade e sociedade –, permitindo ao indivíduo agir, interagir e transformar a sociedade em que está inserido. É pelo desenvolvimento da criatividade por meio da educação que se pode

² Zabalza, Miguel. O ensino universitário: seus cenários e seus protagonistas. Porto Alegre: Artmed, 2004.

preparar alunos que saibam se adaptar mais facilmente ao meio, que saibam se autoconhecer e lidar de maneira sempre nova com as contingências da vida e que assumam seu papel ativo e participativo no processo ensino/aprendizagem.

Desse modo, os novos tempos exigem que se desloque a prioridade do ensino dos conteúdos para a aquisição e o desenvolvimento das potencialidades e de novas atitudes, que se passe de uma aprendizagem de recepção (na maioria das vezes passiva) para uma aprendizagem por descoberta, marcada pela atividade inovadora, em que se demonstre o seu valor para a vida cotidiana, favorecendo novas indagações, novos questionamentos. Afinal, um dos maiores desafios é saber lidar com a imprevisibilidade e para isso, os estudantes precisam assumir responsabilidades pela própria formação e se preparar para continuar seu processo de formação ao longo da vida.

Centrar o processo docente no aluno, respeitar a individualidade, individualizar o processo de ensino/aprendizagem, dar liberdade, mas criando responsabilidade, proporcionar um clima colaborativo, usar os dispositivos tecnológicos, desenvolver competências socio-emocionais, além, é claro, da transmissão da experiência cultural e científica, revelam comprometimento com um novo fazer pedagógico voltado para a reconstrução permanente de saberes com vistas à formação de profissionais competentes, criativos e habilitados para o mercado.

Ao final de seu artigo, Eunice Maria Lima Soriano de Alencar e Denise de Souza Fleith ressaltam que, embora o papel do professor seja da maior relevância para estabelecer condições propícias ao desenvolvimento das habilidades criativas do estudante, é também de fundamental importância o fomento de uma cultura universitária que dê maior valor ao desenvolvimento e à expressão do potencial criativo do estudante. Para isso, é necessária uma mudança cultural

na educação superior, que inclua como um de seus elementos ajudar os professores a entender e valorizar a própria criatividade e reconhecê-la como parte integrante de sua formação profissional, paralelamente à criação de um clima institucional que encoraje e valorize a reflexão e o desenvolvimento pessoal tanto de professores quanto de estudantes.

Citando James Wisdom, as autoras elencam condições propícias ao florescimento da criatividade:

- a) ter tempo suficiente e espaço no currículo para permitir aos estudantes desenvolver sua criatividade;
- b) ter situações de trabalho suficientemente variadas e diversas para possibilitar a todos os estudantes serem criativos;
- c) permitir aos estudantes a liberdade para trabalhar de maneiras novas e interessantes;
- d) desafiar os estudantes com trabalhos reais, exigentes e excitantes;
- e) delinear avaliações que permitam respostas que não sejam estreitamente predeterminadas;
- f) cultivar um clima na instituição que encoraje a reflexão e o desenvolvimento pessoal de professores e estudantes;
- g) alimentar debate acadêmico contínuo no contexto da disciplina, e diálogo sobre a natureza da matéria e o papel da criatividade na mesma.

No infográfico “Big Data e ensino adaptativo são mudanças previstas na educação mundial até 2020”, no site da Universia Brasil, estão traçadas as perspectivas para a educação mundial, nas quais estão presentes a tecnologia, a colaboração, a criatividade, a inovação e o empreendedorismo.

Refletir e debater no interior das instituições de ensino superior as questões abordadas neste artigo constituem atitudes essenciais para compreender as mudanças que ocorrerão no processo ensino-aprendizagem até a segunda década deste século.

DOMÍNIO DAS COMPETÊNCIAS — MOEDA GLOBAL DO SÉCULO 21

(21/01/2016)

[ACESSE AQUI](#)

As competências transformam vidas e impulsionam economias. Sem o investimento adequado em competências, as pessoas defínham à margem da sociedade, o progresso tecnológico não se traduz em crescimento econômico e os países não podem competir numa sociedade global cada vez mais baseada no conhecimento.

(Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE)

Uma ex-aluna se casou e foi morar com o marido francês nos arredores de Paris, assim que terminou o curso de jornalismo no início dos anos 2000. Por informações de seus colegas, soubemos que sua adaptação à realidade local estava sendo muito difícil. Completamente desanimada por não conseguir se inserir como jornalista no mercado de trabalho, enfrentou inúmeras dificuldades.

O tempo passou e há cerca de três anos nos vimos em encontro casual. Bem-humorada, relatou sua história de sucesso, explicando que o governo francês, preocupado com a situação dos imigrantes e com o desemprego, criou um programa para detectar as competências e as habilidades das pessoas para inseri-las no mercado.

Nesse programa, ela descobriu, a contragosto, que a única oportunidade que teria era a de trabalhar como esteticista. Fez um curso

e foi contratada por uma empresa de cosméticos. Ocorre que seu superior identificou nela outras competências: falava fluentemente português, francês e espanhol; não se saía mal no inglês e tinha uma facilidade enorme para comunicar-se, interagir e liderar com pessoas. De esteticista para representante comercial da empresa, sobretudo em países latino-americanos, foi um pulo. Ela está feliz, a empresa vai bem, obrigada, em grande medida, graças a ela.

A transformação pela qual está passando o mundo do trabalho, em que as empresas empregadoras não estão satisfeitas com os profissionais saídos das universidades, é uma das preocupações da OCDE, fórum mundial onde os governos trabalham em conjunto para enfrentar os desafios econômicos, sociais e ambientais da globalização.

As mudanças requeridas em matéria de emprego implicam aumento na demanda por competências cognitivas não rotineiras e socioemocionais. Implicam ainda diminuição na demanda por competências cognitivas rotineiras e artesanais e por tarefas físicas repetitivas.

Segundo pesquisa da OCDE – “Melhores competências, melhores empregos, melhores condições de vida: uma abordagem estratégica das políticas de competências”¹, as competências exigidas para o trabalho se transformaram totalmente na moeda global do século XXI. O estudo enfatiza três questões sobre as quais devemos refletir:

Primeira: Como os países podem melhorar a quantidade e a qualidade das competências de sua mão de obra?

Segunda: Como os países podem incentivar as pessoas a oferecer suas competências no mercado de trabalho?

¹ OCDE (2014). Melhores competências, melhores empregos, melhores condições de vida: uma abordagem estratégica das políticas de competências. Publicação da OCDE disponível em <http://dx.doi.org/10.1787/9788563489197-pt>

Terceira: Como os países podem fazer o melhor uso de seu estoque de talentos de maneira mais eficaz?

Primeira resposta: incentivando e capacitando as pessoas a aprender ao longo de suas vidas; compilando e utilizando a informação sobre a demanda de competências; estruturando sistemas de educação e treinamento eficientes e eficazes; investindo na educação continuada; aumentando a qualidade da educação; e promovendo a equidade nas oportunidades educacionais.

Segunda resposta: facilitando a entrada de imigrantes qualificados (caso europeu); estimulando os bons estudantes internacionais a permanecer no país depois de formados, como também sensibilizando as pessoas inativas a participar do mercado de trabalho; oferecendo incentivos financeiros para que o trabalho compense; combinando as políticas de ativação com oportunidades de reciclagem ou atualização. Os países podem, ainda, reter as pessoas qualificadas, desestimular a aposentadoria precoce e deter a fuga de cérebros.

Finalmente, a terceira resposta sugere duas abordagens: (1) Garantir que as pessoas apliquem suas competências com eficácia, ajudando os empregadores a usar melhor as qualidades dos seus colaboradores; ampliando o uso das competências por meio de melhor gestão e inovação; combatendo o desemprego e ajudando os jovens a se posicionar no mercado de trabalho; (2) Aumentar a demanda por competências de alto nível, apoiando a criação de empregos de nível maior de competências e de alto valor agregado; ajudando as economias locais a aumentar a produção na cadeia de valor; e estimulando o empreendedorismo.

Para implantar essas políticas de competências, os países devem adotar um enfoque integral incluindo todos os atores nos âmbitos nacional e local, além de alterar o foco de uma noção quantitativa do capital humano, medido em anos de educação formal, pelas compe-

tências que as pessoas realmente adquirem, melhoram e, também, perdem durante sua vida.

Espera-se, cada vez mais, que a educação desenvolva novas formas de pensar que incluam criatividade, pensamento crítico, solução de problemas e tomadas de decisão; novas alternativas de comunicação e colaboração; novas ferramentas de trabalho tais como a capacidade de reconhecer e aproveitar o potencial das novas tecnologias, além da capacidade de viver em um mundo complexo com cidadãos ativos, responsáveis e solidários.

A educação por competências – conjunto de conhecimentos (saberes), habilidades (saber fazer) e atitudes (saber ser), que se manifesta por comportamentos observáveis e traz implícitos os conhecimentos tecnológicos e as atitudes e valores inerentes à realização do trabalho – é certamente o caminho para preparar o jovem para este mundo novo.

A competência não significa uso estático de regras aprendidas. Ela se traduz na capacidade de lançar mão dos mais variados saberes e recursos, de forma criativa e inovadora, no momento e no modo necessário. “Uma competência orchestra um conjunto de esquemas. Envolve diversos esquemas de percepção, pensamento, avaliação e ação”, explica o sociólogo [Philippe Perrenoud](#).

Construir uma competência significa aprender a identificar e a encontrar os conhecimentos pertinentes para que os alunos descubram os próprios caminhos.

Nesse cenário, o papel do professor é fundamental, pois dele serão exigidas competências básicas tais como domínio do aprender a aprender; comunicação e colaboração no trabalho solidário e grupal; raciocínio criativo na resolução de problemas; conhecimento tecnológico; conhecimentos gerais e conhecimentos específicos; desen-

volvimento da liderança para conduzir o processo educativo de modo que envolva (encante) positivamente alunos e família; e auto-gerenciamento da carreira, ou seja, assumir o compromisso de qualificar-se.

No Brasil temos muito que caminhar. Se compararmos duas universidades com anuidades diferentes — 60 mil e 8 mil reais — verificaremos que em nenhuma delas há articulação entre competências cognitivas (resolução de problemas e memorização de formulas) e competências socioemocionais (criatividade e liderança).

As nossas universidades precisam avançar e compreender que as competências caminham juntas e devem se relacionar, mas a importância do domínio destas últimas colocam como valor primordial as competências de alto nível, as chamadas “Competências do século 21”, os “Quatro Cs”: Criatividade, Crítica (pensamento crítico), Comunicação, Colaboração que são essenciais para absorver conhecimentos e maximizar o desempenho profissional.

Embora se possa argumentar que a OCDE tenha uma visão europeia da realidade empresarial ([entre os países membros apenas dois são da América Latina, Chile e México](#)), concordamos com suas premissas de que as competências podem transformar vidas, impulsionar economias, colaborar para o processo de inclusão de pessoas na sociedade, investir no progresso tecnológico e permitir a competição entre países numa sociedade global.

INTELIGÊNCIA SOCIOEMOCIONAL — IMPORTÂNCIA NA SUSTENTABILIDADE DA ECONOMIA DO SÉCULO XXI

(02/02/2016)

[ACESSE AQUI](#)

Utilizar a inteligência socioemocional é o grande passo evolutivo da empresa humana. O mundo tem mudado. Outrora pensávamos que era plano. Não é. Em tempos, pensávamos que éramos conduzidos por fábricas monolíticas e linhas de montagem construídas para durar. Não o somos. Em tempos, pensávamos que um MBA e a tecnologia wireless assegurariam o futuro. Não o fazem. Um grande número de pesquisas aponta para um bilhete premiado. O passaporte para a viabilidade sustentada é a inteligência socioemocional.

Marco Antônio Lampoglia¹

Um pescador vê uma criança se afogando no rio; agarra-a e a coloca no seu barco. Mais à frente encontra outra, e mais outra, e outras mais e as coloca no seu barco também. Assim segue, rio abaixo, colocando crianças no seu barco, até que decide parar. Uma das crianças que salvou diz: “Temos mais espaço no barco para salvar mais crian-

¹ Diretor da Active, psicólogo, analista do comportamento humano, mestre em Filosofia Social especializado em Administração, doutorando em Administração. Consultor especialista em mudanças do comportamento humano e organizacional

ças”. Ao que ele responde: “Não temos mais tempo, precisamos subir o rio, descobrir quem está jogando as crianças na água e fazer com que pare”. Com essa metáfora, o psicólogo Sam Goldstein, da Universidade de Utah (Estados Unidos), alerta para a necessidade de mudar o jeito como nós estamos educando os jovens para o mundo do novo milênio. Segundo ele, precisamos fazer isso o mais rápido possível e atingir o maior número de indivíduos.

Pesquisas recentes revelam que metade dos benefícios de se ir à escola não é decorrente do desenvolvimento de competências cognitivas – conhecimento adquirido e capacidade de raciocinar –, mas de competências não cognitivas, como as relacionadas à autoestima.

E se as escolas tivessem como meta não apenas ensinar conceitos, regras e equações, mas também ajudar os alunos a melhorarem aspectos como motivação, curiosidade e colaboração? Mesmo já sendo consideradas essenciais para o desempenho educacional e para conquistas no mercado de trabalho, essas características (também chamadas de competências socioemocionais) ainda são pouco trabalhadas no ambiente escolar de forma planejada ou integrada às diretrizes pedagógicas.

Na sociedade do conhecimento, no entanto, o sucesso do nosso trabalho não depende somente da forma como utilizamos a nossa capacidade intelectual, mas também de como controlamos as nossas emoções em benefício próprio e em prol da organização em que atuamos. Noventa por cento do tempo de um executivo é destinado a tarefas que o obrigam ao relacionamento com outras pessoas. Essa necessidade aumenta à medida que ascendemos no organograma de qualquer empresa.

Atitudes e competências intrapessoais e interpessoais são fundamentais nesse processo. Nas competências intrapessoais se agrupam o autoconhecimento, o autocontrole emocional e a automotivação; nas competências interpessoais, a empatia e as relações sociais. Todas elas relacionadas com habilidades emocionais e sociais. Hoje não basta dominar um assunto, mas sim fazer a empresa andar para frente, inovar, ter consciência, sentir-se motivado e se automotivar, trazer os colegas consigo e, acima de tudo, controlar as emoções para não causar problemas interpessoais dentro e fora da instituição em que atua. Ou seja, as competências socioemocionais têm um papel de destaque na nova economia.

Hoje os recursos humanos representam a vantagem competitiva por excelência e a fonte de sucesso das organizações. Estas, à proporção que se modernizam em termos de gestão e tecnologia, devem buscar se igualar ou superar os seus adversários na qualidade dos recursos humanos e do desempenho. Assim, caracterizam a competência socioemocional a capacidade de colocar em prática as melhores atitudes, habilidades e conhecimentos para controlar emoções, alcançar objetivos, demonstrar empatia, manter relações sociais positivas e tomar decisões de maneira responsável.

Nas últimas décadas, pesquisas conduzidas por economistas, psicólogos e educadores revelam que as habilidades socioemocionais têm impacto significativo sobre o desempenho positivo dos indivíduos na escola e fora dela. Nesse sentido, são igualmente importantes quanto às habilidades cognitivas para a obtenção de bons resultados em diversas esferas do bem-estar individual e coletivo, como grau de escolaridade, emprego e saúde. Tão ou mais importante que o “saber fazer” nas organizações do futuro é o “saber estar” e o “saber ser” dos seus funcionários.

Segundo Brian Waniowski², uma das habilidades mais importantes é aprender a aprender. Ele observou em entrevista, à BBC Brasil: “a curiosidade não é algo que seja muito estimulado pelos sistemas educacionais atuais. O mercado de trabalho se move mais rápido do que o educacional”. Para enfrentar o problema, Waniowski criou métodos de ensino baseados em jogos de tabuleiro e videogames, que envolvem superação de desafios, pensamento crítico e colaboração. Ele acredita que, debates sobre estudos de casos reais e práticos estimulam o questionamento sobre a utilidade do conteúdo aprendido, desenvolvendo a criatividade, o espírito colaborativo, o pensamento crítico, a resiliência e as habilidades de comunicação.

Na reportagem “[Uma nova educação](#)”, de 14 de março de 2014, da Isto É Independente, o infográfico que se segue, muito elucidativo, contém um elenco das competências que, juntas, promovem a diferença na determinação do êxito escolar e profissional, pois no mercado de trabalho as características socioemocionais são recompensadas na forma de maiores salários e menor período de desemprego.

² Brian Waniowski é diretor do Institute of Play. A organização foi a responsável pela elaboração do currículo da Quest to Learn (Q2L), colégio público de Nova York conhecido como a primeira instituição de ensino do mundo a ter seu currículo 100% baseado em games.

RAZÃO X EMOÇÃO

A escola tradicional se preocupa apenas em desenvolver as capacidades cognitivas, mas novas pesquisas mostram que as competências socioemocionais (não cognitivas) são igualmente importantes no processo de aprendizado e na formação do indivíduo. Conheça algumas delas



COMPETÊNCIAS COGNITIVAS

Memorização

Reconhecimento de padrões

Rapidez no processamento (de informação)

Acesso ao conhecimento adquirido

Interpretação

Reflexão

Conceituação

Racionalização

Conexão de informações

Capacidade de foco e atenção



COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS (ou não cognitivas)

Persistência

Autocontrole

Cordialidade

Respeito

Calma

Otimismo

Confiança

Cuidado

Perseverança

Entusiasmo



O grande desafio das instituições educacionais é desenvolver, também e, sobretudo, as habilidades socioemocionais – chamadas também de soft skills ou habilidades não cognitivas. Estas são sempre citadas por todas as empresas quando questionadas sobre o que querem para os seus funcionários, como evidenciam pesquisas feitas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) na cidade do Rio de Janeiro.

Para Carmen Migueles, especialista em educação e desenvolvimento organizacional da Escola Brasileira de Administração Pública

e de Empresas (EBAPE/FGV), parte das novas gerações – crescidas na internet – “perdeu o contato com o sacrifício e a capacidade de vencer obstáculos”. “Eles entram no mercado de trabalho achando que serão recebidos em um palco iluminado pronto para eles”, opina a professora à BBC Brasil. “Mas o sucesso é algo que se consegue em meio às dificuldades.” Segundo ela, essas habilidades socioemocionais – chamadas também de “soft skills” ou habilidades não cognitivas – foram citadas por todas as empresas quando questionadas sobre o que queriam em seus funcionários, em pesquisas feitas pelo MBA da FGV no Rio. Segundo ela, será preciso “cultivar de virtudes tais como paciência, solidariedade e entendimento de diferenças em uma sociedade multicultural”.

Isso ajuda, por exemplo – e concordamos plenamente com ela – a lidar com o choque de culturas quando uma empresa é comprada por uma [similar] estrangeira.

Temos que cuidar dos nossos jovens e não simplesmente colocá-los no nosso barco. Se eles estão a se “afogar”, a culpa não é deles e sim da escola, da família e da sociedade que não têm sabido formar nem educar, nem fazer melhor. Em outras palavras, precisamos subir o rio e ensinar aos nossos jovens a se posicionar, a se defender e a ter sucesso como profissionais por meio das competências cognitivas e socioemocionais.

NÃO SE CURAM NOVAS DOENÇAS COM MEDICAMENTO VELHO

(11/02/2016)

[ACESSE AQUI](#)

Mensagens ricamente ilustradas com paisagens de rara beleza, acompanhadas de conteúdos diversificados de caráter proativo – que nos fazem refletir sobre os vários aspectos da vida – caracterizam o trabalho de Sérgio Camargos, responsável pelo “Moderadorpowerpoint@yahoo.com.br”. Elas chegam duas vezes por semana e estão abertas a todos os que estiverem interessados em recebê-las.¹

Ao lado dessas mensagens, Camargos costuma enviar também outros tipos de mensagens contendo testes que estimulam, entre outras habilidades, o desenvolvimento de faculdades intelectuais, a criatividade, a espontaneidade, o domínio da comunicação com os outros e a capacidade de tomada de decisões, por meio da utilização integrada potencialidades dos indivíduos.

Exemplo disso é o teste intitulado “Questões sobre quatro quadradinhos”, sem pegadinhas, breve, visualmente agradável, e que tem como objetivo testar a capacidade das pessoas de agir de forma independente. O exercício nos obriga a pensar como reagimos diante das pequenas questões do cotidiano pois, quase sempre, estamos presos a velhas fórmulas. Com receio de mudar e de buscar uma

¹ Para receber 2 (duas) mensagens semanais gratuitas bastam enviar um e-mail para: powerpoint.semanal-subscribe@yahoogrupos.com.br

solução diferente para os problemas, acabamos por seguir o modelo vigente, mantemos o status quo e “quebramos a cara”.

O teste permite rever a nossa vida particular e empresarial que, muitas vezes, necessita de mudanças e impõe a necessidade de correr riscos. E nada fazemos para mudar.

“Questões sobre quatro quadrados” nos remete ao famoso poema de Eduardo Alves da Costa – No Caminho, com Maiakóvski – que fala do medo e das consequências de enfrentar as mudanças:

“(...) Tu sabes, conheces melhor do que eu a velha história. / Na primeira noite eles se aproximam e roubam uma flor do nosso jardim. / E não dizemos nada. / Na segunda noite, já não se escondem: pisam as flores, / matam nosso cão, / e não dizemos nada. / Até que um dia, / o mais frágil deles / entra sozinho em nossa casa, / rouba-nos a luz, e, / conhecendo nosso medo, / arranca-nos a voz da garganta. / E já não podemos dizer nada. (...)”².

Isto vale finalmente para a gestão de nossas instituições, principalmente se levarmos em conta um adágio milenar: não se curam novas doenças com medicamento velho. Não podemos temer as mudanças, pois a nova brota do velho não espontaneamente, brota vencendo a resistência do velho.

Como mensagem final, esperamos que todos façam um bom proveito do tempo da Quaresma que começou nesta quarta-feira de Cinzas. É um tempo propício à leitura com o objetivo de nos prepararmos com dedicação, devoção, empenho e esmero para a Páscoa da ressurreição de Cristo.

Vamos agora ao teste:

Download (PPS, 382KB)

² A íntegra do poema pode ser acessada no link: http://pensador.uol.com.br/autor/eduardo_alves_da_costa/

IMAGINAÇÃO, CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO – VALOROSAS ESTRATÉGIAS PARA O DESENVOLVIMENTO

(16/02/2016)

[ACESSE AQUI](#)

O desafio agora é transformar os sistemas educacionais em algo mais adequado às necessidades do século XXI. No centro desta transformação precisa haver uma visão radicalmente diferente da inteligência e da criatividade humanas.

(Ken Robinson)¹

“No princípio Deus criou os céus e a terra. Era a terra sem forma e vazia; trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas”. (Gn,1.1-2). Assim tem início o “Gênesis”, o primeiro livro da Bíblia, escrito há aproximadamente 3 mil anos, no qual se evoca a origem do mundo. Deus disse “faça-se a luz” e a luz foi feita. A luz virou dia e a noite transformou-se em trevas. E Deus prosseguiu por mais seis dias criando a terra, o mar, as plantas, o sol,

¹ Sir Ken Robinson, de nacionalidade britânica, consultor internacional na área de educação e artes, é autor do livro “Libertando o poder criativo – a chave para o crescimento pessoal e das organizações” (HSM Editora). Foi diretor de Artes nas Escolas Project e professor de Educação Artística da Universidade de Warwick (1989-2001). Robinson recebeu a nomeação de cavaleiro do reino pela rainha Elizabeth II em 2003, pelos serviços prestados à educação. <http://sirkenrobinson.com>

a lua, o céu, as estrelas, as aves, os peixes, os animais, o homem e a mulher. No sétimo dia, quando viu que sua esplendorosa obra estava concluída, Ele descansou.

O texto apócrifo que a seguir transcrevemos não está na Bíblia:

“No oitavo dia, o Supremo Ser chamou Adão e Eva e lhes disse: a minha parte está feita, o resto é com vocês. Para tudo ficar pronto faltam ainda bilhões de anos, mas dotei vocês de pernas e braços e de um cérebro privilegiado capaz de tudo construir. Estou certo de que com a mente potente que lhes dei e com a capacidade de invenção, com a criatividade e com o espírito inovador de vocês não haverá desafios que não sejam capazes de afrontar.”

Depois de Deus, para aqueles que nele acreditam, todo o restante é obra da mente humana, graças ao seu maior recurso, a criatividade.

Como não somos especialistas no tema criatividade, fomos buscar em Ken Robinson o apoio necessário para as nossas análises. Segundo ele, as crianças são naturalmente criativas e sua curiosidade inata constrói dezenas de narrativas para solucionar as suas dúvidas existenciais. Mas com o tempo, a escola, a família e a sociedade cuidam de enquadrá-las nos seus padrões vivenciais. Desse modo, só permanecem criativas aquelas que conseguem driblar o cerco do sistema.

Embora tudo o que exista no mundo tenha nascido do enfrentamento de um desafio solucionado pela mente humana, a batalha para a construção de uma vida melhor ainda continua. A realidade está mudando muito mais rapidamente do que no passado e, a cada dia, enfrentamos desafios novos. Nesse contexto, as empresas querem pessoas capazes de ser abertas e flexíveis ao novo, de pensar de forma criativa, de trabalhar em equipe e de compartilhar pensamentos e ações.

Para conceituar bem a criatividade, como maneira de desenvolver ideias originais que acrescentam valor às coisas, estabeleceremos as suas relações com suas duas irmãs siamesas – a imaginação e a inovação. A imaginação, como processo de vasculhar pensamentos novos em nossa mente e a inovação, como procedimento para viabilizar as ideias novas e colocá-las em prática.

Muitos pensam que criatividade é apenas coisa de artistas, escritores e de publicitários. Na verdade, a criatividade deve estar presente em todas as áreas do conhecimento entre as quais – ciências, matemática, medicina e, principalmente, no mundo das empresas e dos negócios. No entanto, e por mais paradoxal que possa parecer, a criatividade está muito pouco ou quase nada presente nos sistemas educacionais dos países que são resistentes e insensíveis às transformações.

Inquestionavelmente, vivemos uma revolução global em que toda a inteligência se apresenta cada vez mais focada na busca do equilíbrio e do desenvolvimento da natureza.

A história da trajetória humana sempre foi violenta. No entanto, o que nos diferencia agora é o processo de escala e a velocidade das mudanças, por meio dos quais duas forças se destacam – a inovação tecnológica e o crescimento populacional aliado ao explosivo e descontrolado movimento da população de imigrantes que caminha pelo mundo.

Em síntese, constatamos que, estando numa época de transformações, deveremos pensar e reagir de forma diferente de como temos feito até agora para sobreviver e sobrepujar as dificuldades. Para que isto aconteça, precisaremos organizar e adequar as nossas empresas e principalmente os nossos sistemas educacionais à realidade do mundo atual.

O axioma de tudo isto é que as empresas e os governos precisarão reconhecer que a educação e o treinamento são as respostas para todas as questões que levantamos, tendo em vista que enfatizam a importância da capacidade criativa e inovadora.

Hoje em dia, em qualquer país, a educação começa a ser – tal como ocorre na política e no controle ambiental – uma das maiores preocupações das famílias. Infelizmente a questão só vai ser discutida quando os filhos estiverem na universidade e quando os pais começarem a se preocupar se eles vão se dar bem neste mundo competitivo em que, cada vez mais, escasseiam as oportunidades de conseguir boas colocações no mercado. Embora as famílias acreditem que a formação superior vai ajudar seus filhos a encontrar trabalho para que possam ser economicamente independentes, sabem que fórmulas velhas não curam doenças novas.

E esta é, de fato, uma constatação mundial. Segundo o relatório *Global Employment Trends for Youth* (2010), divulgado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), existem no planeta cerca de 620 milhões de jovens economicamente ativos, dos quais 81 milhões não trabalham. Esta é uma preocupação imensa da OIT, considerando que os recém-egressos das universidades já entram nas estatísticas do desemprego. Este legado de crise representa a perda da esperança de conquista de uma vida digna e útil para toda uma geração que não consegue emprego e que é varrida do mercado de trabalho. A OIT considera ser este um grande desafio, pois não adianta nos preocuparmos apenas com a quantidade, mas sim com a qualidade dos empregos gerados.

Thomas Friedman, autor do livro “[O mundo é plano: uma breve história do século XXI](#)” tem um pensamento bem claro sobre esta questão. Ele diz:

“Os que tiverem capacidade de imaginar novos serviços, novas

oportunidades e novas formas de estabelecer o trabalho serão os intocáveis. Os que tiveram imaginação de inventar maneiras mais eficientes de realizar tarefas antigas, prestar novos serviços com menos gasto de energia, de encontrar maneiras de atrair antigos clientes ou novas formas de combinar tecnologias disponíveis terão sucesso.”

Em todo o mundo, os governos estão investindo um arsenal de recursos humanos e financeiros em reformas dos sistemas educacionais que, de uma forma geral, têm sido avaliados por meio de modelos inibidores de qualquer tipo de inovação. No caso brasileiro, os índices usados no processo avaliativo praticamente obrigam as instituições a “treinar” para obter a nota máxima – 5 – e a considerar secundários os outros aspectos da vida institucional, em total dissonância com a realidade. Sabemos que muitos educadores desejam oferecer formas mais dinâmicas de formação, por meio do uso adequado da energia criativa dos estudantes, mas se sentem desanimados por precisar lutar contra as normas regulatórias referentes à avaliação e à regulação da educação superior.

Enquanto o governo, as instituições de ensino, os professores, os alunos, a sociedade, as empresas e as famílias não se derem as mãos e se sensibilizarem para encontrar soluções dos desafios do século XXI, corre-se o risco de assistirmos, daqui a poucos anos, as mesmas revoltas populares contra tudo e contra todos, como desabafo daqueles que não acreditam em mais nada.

Mas temos a esperança de que isto não aconteça. Para tanto, as instituições brasileiras de ensino superior têm um importante papel a desempenhar.

SER CRIATIVO E CAPAZ DE FAZER CONEXÕES QUE POUCOS PERCEBEM

(23/02/2016)

[ACESSE AQUI](#)

Não perguntem às crianças o que querem ser, mas sim quais problemas querem resolver quando crescerem. Isso muda a conversa – de “para quem vou querer trabalhar” para “o que devo aprender”, visando atingir seus objetivos.

Jaime Casap¹

“[Adams, o Óbvio](#)” é um conto publicado em abril de 1916 no *Saturday Evening Post* que, três meses depois virou livro com extraordinário sucesso, pois foi considerado a “bíblia” daqueles que trabalham em publicidade.

Adams era um jovem simpático, que conversava com todos e prestava uma atenção enorme ao trabalho das duplas de criação. Certa vez, assistiu a uma discussão de horas de diversos publicitários que tinham o desafio de aumentar o consumo de uma famosa pasta dental. Ao ouvir tanta insensatez por parte dos componentes do grupo, não se conteve e pediu licença para dar um palpite: – “porque vocês não aumentam o buraco por onde a pasta sai?” A solução foi tão óbvia que o escolheram para fazer um estágio na firma.

Foi uma tacada certa a contratação de Adams, porque ele tinha

¹ <https://www.linkedin.com/in/jaimecasap>

uma capacidade inata de enxergar o que ninguém via. Em pouco tempo, ficou sendo conhecido por “Adams, o óbvio”. No final, todas as empresas queriam a sua participação e depois de alguns anos era o dono de sua própria agência.

Ter ideias é descobrir relações novas entre as coisas conhecidas. Para as pessoas criativas, as ideias mais simples são as melhores. Normalmente complicamos as soluções simples e nos distanciamos do óbvio. Fomos educados para acreditar que soluções criativas são sofisticadas e que o processo criativo é restrito a algumas áreas do conhecimento.

Um grande exemplo encontra-se na área tecnológica. As conquistas que envolvem os meios de produção social coexistem com a revolução das tecnologias e estão relacionadas ao modo de vida de um modelo de sociedade que, ao evoluir, cria processos tecnológicos usando sua criatividade e inovação. Valorizamos as tecnologias, incorporando-as em nosso cotidiano, e muitas vezes, subvalorizamos o valor da criatividade humana que as desenvolveram.

Vale ainda ressaltar que o processo criativo é de domínio público, ou seja, todos nós nascemos criativos. O que precisamos é aprender a trabalhar tais habilidades e desenvolver o nosso “viver criativo” por meio de hábitos e processos mentais que favoreçam o exercício da criatividade.

Socialmente construído e reproduzido nos processos educacionais, combinamos as competências criativas do ser humano ao seu desenvolvimento individual. No entanto, é importante observar que o processo criativo, a capacidade de implementar e realizar projetos, transformar contextos e ideias em ações, é naturalmente um processo também colaborativo. Assim como a criatividade, a colaboração está no cerne da essência humana.

O nosso desafio é construir uma cultura social de aprendizagem, capaz de reconhecer que a criatividade deve ser uma das prioridades mais importantes para estimular a colaboração e a participação produtiva das pessoas nas sociedades.

Nesse contexto, a motivação se torna uma importante ferramenta de transformação, partindo do individual para o coletivo, proporcionando novas crenças e valores, para uma percepção positiva relação ao nosso futuro. Afinal, todos nós temos sonhos, projetos de vida e desejamos um mundo melhor para viver. Para isso, precisamos acreditar que é possível transformar nossa realidade e que podemos usar a motivação, a criatividade e a colaboração para sermos mais fortes nessa empreitada.

É preciso ter consciência de que pela criatividade o homem tem transformado o mundo. A capacidade de ser criativo implica observar o explícito e o implícito ao redor de nós, como um exercício diário, para que a nossa forma de pensar, de resolver problemas e de encontrar soluções inteligentes não se torne mecânica e padronizada. E mais: ser criativo, proativo, confiante e eterno otimista para saber ver sempre o lado bom das coisas.

E agora pergunto: Estamos produzindo esses hábitos mentais, estimulando a criatividade e a colaboração em nossos estudantes brasileiros? Em tempos difíceis como os atuais com um cenário econômico e político conturbado, qual é a motivação passada para os alunos nas salas de aula?

A criatividade não surge exclusivamente em indivíduos, ou culturalmente em uma sociedade, mas na interação e colaboração entre esses dois aspectos, igualmente importantes, porque as pessoas imaginam, criam e dão origem a novas ideias. A sociedade estimula, usando a cultura e educação para inspirar, estimular e incentivar essa engrenagem cíclica. Assim, a educação, enquanto componente

essencial no sentido social e cultural, é fundamental para mudar a vida das pessoas por meio da criatividade e da colaboração.

Não me custa citar, ao final deste artigo, com um trecho do criativo Steven Jobs em seu [discurso na Universidade de Stanford](#):

“Seu trabalho vai preencher uma grande parte de sua vida, e a única maneira de ficar realmente satisfeito é fazer o que você acredita ser um ótimo trabalho. É a única maneira de fazer um excelente trabalho é amar o que você faz. Se você não encontrou o paraíso ainda, continua procurando. Não se acomode. Tal como acontece com todos os assuntos do coração, você saberá quando encontrar. E, como qualquer grande relacionamento, só fica melhor e melhor à medida que os anos passam. Então continue procurando até você achar. Não se contente.”

Estou certo de que o sistema universitário com determinação, colaboração e criatividade pode transformar a vida dos nossos estudantes, fazendo-os confiar em sua capacidade de construir uma sociedade melhor, acreditando fundamentalmente em seu potencial criativo para mudar suas vidas.

CRIATIVIDADE — APRENDE-SE NA ESCOLA?

(01/03/2016)

[ACESSE AQUI](#)

O ambiente competitivo atual regido pela tecnologia, globalização e competição acirradas e pela extrema ênfase na relação custo-benefício, qualidade e satisfação do cliente, exige um foco muito maior na criatividade e na inovação como competência estratégica das organizações. Se essa competência estratégica não for rapidamente priorizada e incrementada, tenderá a ficar obsoletas tal é a rapidez das mudanças e da implementação de novos serviços e produtos¹.

Antonio Carbonari Netto – matemático, educador e empreendedor –, meu amigo pessoal, sempre diz que além de ser criativa e inovadora a pessoa tem de ser empreendedora. Não adianta ter ideias e simplesmente colocá-las no papel. É preciso executá-las e torná-las reais e factíveis. Todos nós sabemos que as prateleiras e as gavetas das universidades estão repletas de projetos e de sonhos desfeitos. Sabemos ainda – e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) confirma pelas suas pesquisas – que mais de 60% dos pequenos empreendimentos não conseguem se viabilizar depois de um ano de duração.

¹ Portaleducacao.com.br

Portanto, empreender, somente, não quer dizer nada. As pessoas precisam ter visão de negócios e sensibilidade para o mercado, estar orientadas para as necessidades do cliente e focadas nos resultados. Não podem ser imediatistas, pois tudo leva sempre um bom tempo para acontecer. Precisam ser perseverantes e obstinadas pelo trabalho e se não tiverem os atributos aqui elencados, e alguns recursos para começar, o projeto não avança. Mas temos uma certeza – antes de acontecer algo, o fato gerador é sempre uma ideia e daí a importância da criatividade, pois sem ela nada acontece.

O processo civilizatório sempre ocorreu com mentes criativas propondo soluções para os desafios que a natureza impõe. O fogo surgiu com a fricção de duas pedras, a panela de argila queimada como recipiente de cozinhar os alimentos, a roda para facilitar o transporte, a escrita para registrar acontecimentos e o www.com para unir as pessoas do planeta.

Criar é o lampejo de uma solução e inovar é execução de uma ideia. São irmãos siameses. Não vamos, no entanto, nos ater aos passos da viabilização da ideia, que é o propósito do empreendedor, mas sim na questão da criatividade. A criança é por natureza criativa. Vive perguntando, procurando respostas e criando brinquedos que satisfaçam sua imaginação. Mas, basta entrar no sistema escolar que tudo fica restrito e engessado aos sábios de plantão que em seus gabinetes determinam o que deve ser ensinado e explicitado nas “sábias” diretrizes curriculares.

O comportamento criativo – que não é necessariamente inato, embora exista em potencial em cada indivíduo – poderá ser certamente desenvolvido, aperfeiçoado, encorajado e incentivado. Esta posição encontra suporte em recentes pesquisas que revelam a tendência para aceitar a criatividade mais como função de aprendizagem do que de hereditariedade.

Assim, considerando a educação como um dos processos mais diretamente responsável e determinante do desenvolvimento das pessoas e das empresas, seria inadmissível que a escola se omitisse no campo da criatividade. É claro isso serve para os dois polos – docentes e alunos.

A criatividade permite que o indivíduo organize uma síntese de ideias que para ele é original; permite que o valor da coisa criada resida no seu real significado e que tal processo represente mais para a própria pessoa do que as opiniões emitidas por outros.

Assim, o estímulo à criatividade traz o novo e o original para os saberes ao incluir o imprevisível, o surpreendente, o invulgar, o não racional, o não lógico ou o não razoável. A criatividade é favorecida quando respeitamos o estudante como um ser de grande valor e o incentivamos a crer em si mesmo; quando o auxiliamos na busca de sua identidade pessoal e de suas opções e quando criamos um clima de liberdade para o estudante ser não só ele mesmo como também capaz de perguntar, experimentar, propor ideias e posicionar-se. O incentivo à formulação de hipóteses extravagantes, ideias raras, e até mesmo ridículas, pode conduzir o estudante a um novo mundo.

No entanto, é importante que a escola esteja aparelhada ideológica e materialmente para proporcionar técnicas, meios e ambientes de liberdade para que o estudante possa desenvolver a sua capacidade expressiva, construtiva, criadora e inventiva que conduz à aprendizagem. Nesse processo, tais condições devem estar necessariamente aliadas à capacidade do professor de atuar como incentivador, facilitador de recursos, provedor, guia e/ou treinador, para que o estudante possa ter espaço e liberdade na tomada de decisões sobre o seu próprio processo de aprendizagem e sobre os resultados obtidos.

O trabalho *Teaching for Creativity* (Jackson, 2004) revela conselhos e ações que os professores de ensino superior devem desenvolver visando incentivar os alunos a serem criativos em uma variedade de contextos disciplinares.

- dar aos alunos permissão para serem criativos;
- incentivar e valorizar os seus esforços para serem criativos;
- dar tempo para os alunos serem criativos;
- proporcionar espaços seguros por onde possam partilhar novas experiências;
- dar aos alunos a confiança para assumir riscos;
- desenvolver a autoconfiança dos alunos para trabalhar em situações imprevisíveis;
- promover o desenvolvimento da autoconsciência e aprendizagem reflexiva;
- proporcionar situações de aprendizagem onde não há respostas certas;
- proporcionar situações de aprendizagem do mundo real;
- proporcionar atividades que são significativas para os participantes;
- proporcionar situações de aprendizagem que são ao mesmo tempo divertidas e desafiadoras;
- demonstrar a sua própria criatividade – fornecer modelos e preparar os alunos a assumirem riscos;
- motivá-los para revelar algo de si mesmos no processo de ensino;
- atuar como guias e facilitadores;
- adotar uma abordagem de questionamento à aprendizagem;
- criar oportunidades para abordagens baseadas na aprendizagem de como enfrentar desafios e problemas;

- oferecer oportunidades para o trabalho colaborativo e a discussão em grupo;
- incentivá-los em questões sensíveis ao equilíbrio, entre desafio e solução e liberdade e controle;
- sensibilizar os alunos como grupo e como indivíduos e adaptar o seu ensino com às novas possibilidades que surgem.

Para resumir, o ensino para a criatividade requer do professor uma postura pedagógica – que é a do facilitador – permitindo, a realização e valorização de processos ágeis, abertos às possibilidades de criação e de colaboração bem como dos resultados. Os professores preparados para atuar nessa direção são capazes de superar todas as barreiras para criar espaços curriculares e oportunidades de aprendizagem que estimulem os alunos a desenvolver o seu potencial criativo.

CRIATIVIDADE PARA VENCER OS PROBLEMAS DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

(08/03/2016)

[ACESSE AQUI](#)

O inconveniente das pessoas e dos países é a esperança de encontrar saídas e soluções fáceis. Sem crise não há desafios, sem desafios a vida é uma rotina, uma lenta agonia. Sem crise não há mérito. É na crise que se aflora o melhor de cada um. Falar de crise é promovê-la, e calar-se sobre ela é exaltar o conformismo. Em vez disso, trabalhemos duro. Acabemos de uma vez com a única crise ameaçadora, que é a tragédia de não querer lutar para superá-la.

Albert Einstein

A necessidade de criar nem sempre coincide com as possibilidades de criação e disso surge o penoso sentimento de que a ideia não foi para a ação. A criatividade assenta numa “fusão da intuição e da razão”, considerada uma capacidade humana de grande valor universal. A criatividade torna-se a habilidade mais importante do século 21, uma vez que está ligada à capacidade de impulsionar um país para inovar e gerar progresso. Mas é também uma forma de motivar as pessoas a “tomar” o seu lugar na sociedade, acreditando no seu potencial, aplicando os seus conhecimentos e construindo valor para a sua existência. A capacidade criativa sempre foi a chave da evolução da humanidade.

Jucélia Alves Boneta, merendeira do Centro de Educação Infantil Municipal Restinga, em Mafra (SC), enfrentava um sério problema: a garotada estava enfastiada com um purê de abóbora da merenda escolar. Com 13 anos de trabalho, Jucélia não se conformava com a “inapetência” dos alunos e criou o nhoque de abóbora: o sucesso foi tal que a meninada hoje só quer o prato inventado pela “tia Ju”. Disputando com outras duas mil candidatas no concurso Melhores Receitas da Alimentação Escolar, promovido pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), Jucélia ficou entre as 15 finalistas da competição nacional. Ao criar uma alternativa alimentar, a merendeira venceu o desafio.

Se crise é a palavra do dia, enfrentamento é a palavra de ordem, principalmente na busca de soluções inovadoras na administração pública, das quais são exemplos inúmeros os casos mundo afora. Veja-se o caso da subprefeitura do distrito de Croydon (173 mil habitantes), em Londres, que acabou com sua frota de carros oficiais dando lugar a um contrato com locadora que disponibiliza os carros com aluguel por hora. Ou então o exemplo do estado americano de Utah, que, vendo sua arrecadação cair, adotou uma jornada alternativa de trabalho. Assim, as repartições passaram a atender de segunda a quinta-feira, das 7 às 18 horas (com uma hora de almoço), sem redução salarial, motivando que outras centenas de cidades também adotassem tal expediente. Outras áreas americanas também tomaram iniciativas criativas e inovadoras, como Washington que, depois de legalizar, taxou o consumo da maconha recreativa, e na Califórnia, onde se empregam presidiários para pintar estradas. É a criatividade para solucionar questões da administração pública.

Nos EUA também se aproveitou da crise para uma solução que parece óbvia, mas que no Brasil é “imexível”: vários estados americanos passaram a cobrar mensalidades em universidades públicas (dos alunos ricos e só deles).

Em nosso país, no entanto, municípios, estados e governo federal, ao contrário de restringir, ampliam gastos, inclusive ao arrepio da lei de responsabilidade fiscal. Tudo como se estivéssemos nadando em dinheiro (do contribuinte) sem preocupação alguma em encontrar soluções criativas para diminuir despesas. Empresas demitindo, investimentos sendo abortados, PIB negativo, índice de desemprego subindo, aumento de impostos, alta da inflação e aumento do dólar, queda de confiança dos investidores, situações que exigem uma resposta rápida e criativa, mas governos e agentes públicos mexem-se mastodonticamente, como paquidermes velhos e doentes, sem preocupação alguma com seus gastos, como se a crise não existisse: não se veem medidas inovadoras e criativas para reduzir gastos e despesas públicas.

Pedro Burgos, na revista *Superinteressante* de 22/01/16 ([As crises são o motor da criatividade. Mas não no Brasil](#)), tem uma visão que é uma alfinetada: “Se crises servem de alimento para soluções criativas, o Brasil tem um banquete à sua disposição. Entre 2008 e 2014, os estados brasileiros fizeram R\$ 180 bilhões em novas dívidas. Com a recessão, que se encaminha para uma depressão, governos estaduais e municipais passaram a arrecadar menos em coisas como IPVA, IPTU e ICMS, que dependem bastante do consumo, em queda. Em algumas partes do país não há dinheiro nem para despesas básicas. A gravidade ficou clara no final de 2015, seja no caos da saúde no Rio de Janeiro, ou nos Estados e prefeituras que tiveram de parcelar o décimo terceiro dos funcionários”.

A crise¹ não bate na porta apenas do setor privado e das famílias. As organizações públicas também sentem seu reflexo imediato. Por

¹ O ideograma chinês para crise reúne as ideias de perigo e oportunidade. Perigo de tornar crônico o desânimo, a desesperança que nos tira as forças e coloca a autoestima no chão. Oportunidade de abrir novas trilhas, procurar portas abertas em vez de esmurrar a porta que se fechou.

consequência natural, aqueles que vivem dos impostos recolhem menos e o orçamento se reduz. Ao contrário de uma empresa, que pode demitir funcionários, reduzir despesas e tomar medidas mais drásticas, as organizações públicas podem mexer em poucas variáveis.

Se um município que arrecadou menos decide gastar menos, não poderá exonerar seus funcionários efetivos; não poderá reduzir professores e médicos; não poderá reduzir a merenda; não poderá parar suas obras; não poderá reduzir sua coleta de lixo; enfim, uma série de serviços públicos deve ser mantida e não pode, de forma alguma, ser alterada. A única solução é a criatividade, com soluções com as que famílias e empresas lançam mão diariamente para vencer a crise.

Um estado provedor de educação pública, de saúde pública, de cultura pública, de seguridade social, de incentivos à ciência e à tecnologia, de investimentos em infraestrutura, de proteção do meio ambiente... tem exigido cada vez mais – e deverá inexoravelmente utilizar – uma nova forma de administração pública, que:

- seja orientada para o cidadão e para a obtenção de resultados;
- pressuponha que os políticos e os funcionários públicos são merecedores de grau limitado de confiança;
- como estratégia, sirva-se da descentralização e do incentivo à criatividade e à inovação.

Ou seja, é preciso que o incentivo à criatividade e à inovação entre na pauta da administração pública.

Para promover um ambiente de inovação no serviço público, é imprescindível contar com a Universidade, pois os componentes que estimulam a criatividade e a inovação podem ser acompanhados pelos seguintes fatores:

- canais de comunicação eficientes em todos os níveis da organização;
- tarefas desafiantes ao potencial criador;
- normas mais flexíveis;
- descentralização do poder;
- valorização da iniciativa e da participação na tomada de decisão;
- política de benefícios e sistema de recompensa voltada às ideias inovadoras;
- estímulo da chefia para novas ideias; respeito às opiniões divergentes;
- capacitação dos agentes públicos para o desenvolvimento de seu potencial criador, dentre outras.

O caso da merendeira do início do nosso artigo é exemplo da criatividade que pode vir de qualquer e de todos os servidores. É exemplo da criatividade e da intuição, que oxigena as atividades cotidianas e propõe soluções simples a problemas de toda ordem.

Na figura de Jucélia, queremos homenagear todas as mulheres neste 8 de março. O Dia Internacional da Mulher celebra aquelas que, por sua inigualável sensibilidade e lucidez, discutem com ousadia sua identidade, seu crescimento profissional e pessoal e propõem soluções criativas para velhos problemas nas esferas privada ou pública.

A QUARTA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

(15/03/2016)

[ACESSE AQUI](#)

Uma boa crise é uma coisa terrível de se desperdiçar.

Paul Romer¹

Depois da divulgação do detalhado relatório do World Economic Forum (WEF) sobre o que se falou e discutiu em Davos, no início deste ano, começam a surgir timidamente no Brasil algumas preocupações com as habilidades necessárias para vencer os desafios da chamada quarta revolução industrial, que já está batendo às nossas portas. Esta questão, porém, ainda não atravessou os umbrais das universidades brasileiras.

Daqui a cinco anos, mais de um terço das competências, que hoje são consideradas importantes na força de trabalho, poderão mudar. Portanto, precisa ser constantemente reavaliada a nossa atenção com as habilidades socioemocionais, visando acompanhar as exigências de um mundo em constante transformação. Ou seja, o aluno que ingressou na faculdade em um determinado ano, ao terminar seu ciclo de estudos, poderá estar completamente desatualizado. Assim, o recado de Davos sobre a quarta revolução, exortado por Klaus Schwab, grande líder e fundador do WEF, é inexorável.

No ano de 2020, esta revolução vai nos trazer a robótica avançada, o transporte autônomo, a inteligência artificial, a aprendizagem de

¹ Paul Romer economista, empresário e ativista norte-americano, atualmente professor de economia na Stern School of Business da New York University.

máquina, os materiais avançados, a biotecnologia, a genômica, entre tantas outras inovações que estão em gestação. Todos esses fatores vão transformar o modo como vivemos e a forma como trabalhamos. Alguns postos de trabalho desaparecerão, outros vão surgir e atividades que nem sequer existem hoje se tornarão comuns. Por certo, a futura força de trabalho terá que alinhar o seu conjunto de habilidades para manter o ritmo, sobretudo em relação às competências.

No quadro a seguir estão reunidas as 10 (dez) habilidades requeridas em 2015, para que se alcance eficácia nas ações empreendidas em qualquer área, e as que serão exigidas em 2020.

As 10 habilidades principais

2020	2015
Resolução de problemas complexos	Resolução de problemas complexos
Pensamento crítico	Coordenação com os outros
Criatividade	Gestão de pessoas
Gestão de pessoas	Pensamento crítico
Trabalho em equipe	Negociação
Inteligência emocional	Controle de qualidade
Julgamento e tomada de decisão	Orientação de serviço
Foco no trabalho	Julgamento e tomada de decisão
Negociação	Ouvir atentamente
Flexibilidade cognitiva	Criatividade

Fonte: [The Future of Jobs](#)

Embora cause espanto, constata-se que a criatividade saiu da décima posição em 2015 para a terceira no ano de 2020. Com isso, tornar-se-á uma das três principais habilidades que as pessoas precisarão dominar. O que é óbvio, e ao mesmo tempo extraordinário, é que a avalanche das novas realidades exigirá produtos, tecnologias e formas de trabalho diferenciadas. Este é o fator determinante para exigir que as pessoas façam da criatividade a estratégia por excelência para vencer os desassombrados desafios deste século.

Da mesma forma, a “audição atenta”, considerada uma habilidade fundamental hoje, vai desaparecer do “Top 10” de 2020. A inteligência emocional, que não estava presente, vai tornar-se uma das principais habilidades.

Com isso, desestruturou-se o elenco de habilidades de 2015 que norteava toda a orientação nas formações desejáveis, que agora passa a ser referenciado pelo WEF.

Se a segunda revolução – a de 1870 – nos trouxe a divisão do trabalho, a eletricidade e a produção em massa, a terceira – a de 1969 – levou o homem aos eletrônicos com a tecnologia da informação e à produção automatizada, com destaque para os voos espaciais. A quarta revolução industrial ainda é uma interrogação com suas propostas de *cyber-physical systems*. No entanto, já começa a transformar produtos, expectativas de consumidores e o modelo como as empresas gerenciam a produção, nesse ambiente caracterizado pela velocidade – sem precedente histórico, e pelo impacto nos sistemas – com evolução exponencial e não em ritmo linear. Estamos, pois, à beira de outra revolução tecnológica que irá alterar fundamentalmente a maneira como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos.

Em sua escala, escopo e complexidade, a transformação será diferente de tudo que a humanidade experimentou anteriormente. E essas possibilidades serão multiplicadas por avanços tecnológicos

emergentes em áreas como inteligência artificial, robótica, internet das coisas, veículos autônomos, impressão 3D, nanotecnologia, biotecnologia, ciência de materiais, armazenamento de energia e computação quântica.

A *Dassault Systèmes* – empresa francesa líder mundial na criação de softwares de desenho em 3D e prototipagem em 3D – publicou recentemente um relatório de previsões, incluindo alguns itens que já são uma realidade, mas que só vão continuar a proliferar em uma parte maior de nossas vidas. São eles:

1. **Experiência do consumidor** – *Insights* sobre os gostos dos consumidores, impulsionados por grandes dados, irão conduzir lançamentos de novos produtos que oferecem aos clientes um nível de influência nunca antes visto;
2. **Customização em massa** – Consumidores terão os seus carros na cor que desejarem, incluindo a preta;
3. **Globalização** (global+local) – A frase “Pense globalmente, aja localmente” nunca teve mais peso do que hoje;
4. **Internet das coisas** – *ABI Research* estima que, até 2020, 30 bilhões de dispositivos – de um forro jateado a uma agulha de costura – será conectado à internet.
5. **Controle remoto** – Mobilidade hoje permite que os gerentes da fábrica monitorem e gerenciem a produção, a partir de dispositivos móveis.
6. **Impressão 3D** – Tecnologia de produção será capaz de fazer, *on demand*, produtos que irão revolucionar a fabricação;
7. **Objetos inteligentes** – Dispositivos inteligentes de condução, empresas inteligentes, serão possíveis, podendo cada um deles se comunicar diretamente com os usuários para criar uma experiência nunca vista antes;

8. **Re-shore de fabricação** – Um novo modelo de decisão está emergindo com a inclusão de novos fatores. Já existe nos EUA e Europa um movimento para trazer de volta as suas fábricas instaladas na China;
9. **Regulamento e conformidade** – Com a produção mundial vem a necessidade de cumprimento global. Colaboração e partilha de dados em maior escala serão essenciais para ajudar a dinamizar um impedimento potencialmente prejudicial para a expansão da produção mundial;
10. **Sustentabilidade está em toda parte** – processos e capacidade de resposta mais eficientes não só irão melhorar a demanda do produto e *time-to-market*, mas também gerar novos níveis de sustentabilidade, reduzindo o desperdício durante o processo de produção e na cadeia de fornecimento.

A *Dassault Systèmes* está provocando as universidades do mundo. Quando isso será possível, por aqui? No nosso sistema educacional – do Ensino Básico à Universidade –, os pífios resultados no Exame Nacional de Curos (Enem), consolidados pelo Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), demonstram absoluto divórcio e espaços profundos com o compromisso e com a responsabilidade formativa. Isto sem falar nos problemas que poderão advir da implantação em nível nacional da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, a Base), cuja construção, seguida de abertura de consulta pública por parte do Ministério da Educação, vem sendo alvo de muitas críticas da comunidade acadêmica e da sociedade. A Base – que já recebeu pela internet mais de 10,2 milhões de contribuições e críticas e comentários – tendo em vista a abrangência da proposta e a falta de recursos humanos e financeiros para a sua concretização, tem poucas chances de atingir os seus ambiciosos, quais sejam o de desenvolver conteúdos, competências e habilidades que serão exigidos no século 21.

O maior desafio a ser vencido na quarta revolução industrial será a transformação das mentes dos que, tendo responsabilidade nos vários setores que atuam na educação brasileira, deverão perceber que o mundo mudou e que terão um papel de suma importância, para atender às novas realidades das instituições.

Deixo esta reflexão final para todos aqueles que atuam no sistema nacional de educação nos diversos níveis e esferas governamentais – federal, estadual e municipal.

EDUCAÇÃO NA CHINA NO SÉCULO 21

(22/03/2016)

[ACESSE AQUI](#)

*Se os teus projetos forem para um ano, semeia o grão.
Se forem para dez anos, planta uma árvore. Se forem
para cem anos, educa o povo.*

Provérbio chinês

Não há dúvida de que a qualidade da educação é fundamental para o desenvolvimento dos países. Se tomarmos como exemplo a China com a sua extensão territorial e número de habitantes verificaremos que são incalculáveis os impactos geopolíticos que a educação pode provocar. E, se antes do *Program for International Student Assessment* (Pisa) [ver Anexo] podíamos pensar na China como “a fábrica do mundo” — que abastecia os países com isqueiros, guarda-chuvas e outras quinquilharias a preços imbatíveis por conta de seu infinito estoque de trabalho “escravo” —, somos agora forçados a mudar de ideia. O país está se capacitando nas áreas de produção de conhecimento e tecnologia, mirando os bens e serviços que alavancam um país desenvolvido.

Essa nova China, que vem assombrando o mundo, nasceu — ou renasceu — em 1977, com a negação de tudo o que a revolução cultural de Mao-Tsé-Tung pregava. A afirmação de Den Xiaoping, considerado o refundador do país, de que “não importa a cor do gato, contanto que ele cace o rato”, já apontava, na década de 1970, para a utilização da tecnologia e de todos os meios que permitissem à China retomar o caminho do progresso e da modernização.

Talvez seja arriscado dizer que a educação tenha erguido o gigante, mas a forma por meio da qual o processo educacional é encarado no país reflete, com absoluta certeza, os valores chineses e as suas expectativas pela liderança mundial. Em março de 2011, um relatório da *Royal Society Britannica* apontou que os investimentos chineses em pesquisa e desenvolvimento têm crescido aproximadamente 20% ao ano e que o número de cientistas e engenheiros formados também impressiona.

Há quase duas décadas, esse tigre asiático tem se concentrado na criação de “aprendizagem do século 21”. A reforma começou no ano de 1999 com o “desenvolvimento de habilidades espirituais e a implementação criativa” como prioridades.

Na reforma educacional local, que começou em 2004, Xangai formulou uma estrutura curricular destinada a formar alunos com espírito nacional, perspectiva global, sentido de responsabilidade social, capacidade de ser, aprendizagem ao longo da vida, espírito criativo, capacidade de execução e domínio em ciências e humanidades. A visão estratégica de longo prazo em relação à educação — um fato importante e que chama a nossa atenção — manifesta não só em políticas educacionais recentes, como também em toda a trajetória da educação no país.

Para Zhou Zhong, professora do Departamento de Educação da Universidade Tsinghua, em Beijing, não há dúvida quanto à sustentação do crescimento chinês:

“A educação é a base do sucesso da economia chinesa. Creio que essa afirmação é verdadeira quando se fala no desenvolvimento econômico, social, cultural, sustentável de todos os países do mundo”.

Se o destaque na educação chinesa nas décadas de 1980 e 1990 foi a expansão da educação básica, nesse início do século 21, o foco é a

expansão do ensino superior. Hoje o governo chinês vem investindo pesado na formação de recursos humanos em ciência e tecnologia e não tem medido esforços para elevar o prestígio das universidades chinesas visando torná-las polos de atração de estudantes e pesquisadores estrangeiros. Isto aconteceu, especialmente, a partir do chamado Programa 985, por meio do qual o governo criou universidades, investiu nelas, e escolheu algumas das mais importantes para se transformarem em centros de excelência. Essas universidades – segundo relatório da Thomson Reuters, que fala de uma “nova geografia da ciência” – são uma das chaves para o sistema nacional de inovação chinês, sintonizado com os novos paradigmas.

O sistema universitário chinês é, do ponto de vista estrutural, bastante semelhante aos da maioria dos países ocidentais. O primeiro nível de estudos universitários, a que os estudantes têm acesso após concluir o ensino secundário, é o *undergraduate*, similar ao grau europeu (licenciatura), com duração de quatro anos. Segue-se o mestrado e o doutorado, ambos com duração de três anos.

Os cursos de licenciatura (*undergraduate*) são oferecidos em chinês, embora as instituições façam um esforço cada vez maior para se internacionalizar. Não é sem razão que, no nível universitário, os estudantes chineses tenham que escolher pelo menos quatro cadeiras quadrimestrais em inglês. Por outro lado, nas universidades com maior número de estudantes de outros países, os professores estrangeiros dão as aulas em inglês, sobretudo as relacionadas às áreas empresarial e financeira. No caso dos estudos em mandarim, os estudantes estrangeiros têm que fazer um ou dois anos letivos.

Do ponto de vista do financiamento, a China possui uma política de custos partilhados, por meio da qual os estudantes contribuem com uma porcentagem variável, de acordo com os seus níveis de rendimentos. Nesse sentido, é importante diferenciar os alunos

que financiam seus estudos dos que estudam graças a uma bolsa do governo. Essa fórmula facilita o acesso ao ensino superior daqueles que têm bolsas de estudo por parte do governo, pois a China desenvolve uma política de acesso generalizado ao ensino superior. Nesse sentido, nos últimos anos foram implementados planos específicos para pessoas com dificuldades econômicas que incluem bolsas, isenções ou reduções de matrículas, trabalhos em tempo parcial ou empréstimos estatais.

A China, no entanto, não está surda aos apelos do mercado de trabalho. As “escolas vocacionais”, com duração média de dois anos, são o canal mais importante para aliviar as contradições da estrutura de oferta e demanda do mercado de trabalho, apontando caminhos para que, nos próximos anos, as mudanças incluam descentralizar o ensino superior e aproximá-lo do mercado de trabalho.

Por tudo o que foi exposto neste artigo, não se pode deixar de reconhecer que a educação chinesa nessas quase duas décadas do século 21 é um exemplo e uma referência para o mundo e, sobretudo, para as instituições brasileiras de ensino superior. Isso reforça a necessidade (quase certeza) de que devemos pensar seriamente em aprender mandarim!

Anexo

O *Program for International Student Assessment* (Pisa) é uma iniciativa de avaliação comparada, aplicada a estudantes na faixa dos 15 anos, idade em que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países.

As avaliações do Pisa se iniciaram em 2000 e, a seguir, foram aplicadas nos anos de 2003, 2006, 2009, 2012 e 2015. A China só começou sua participação em 2009 e já ficou em primeiro lugar com uma média de pontuação de 575 pontos distribuídos em três áreas —

ciências, matemática e leitura (o Brasil ficou na 53ª colocação, com 401 pontos na média, desempenho semelhante aos de países como Trinidad e Tobago, Colômbia, Montenegro e Jordânia). Em 2009, a avaliação do Pisa enfatizou a leitura. Entre os dez países mais bem colocados, além da China, quatro eram asiáticos – Coreia do Sul, Hong Kong, Cingapura e Japão.

No Pisa 2012, a China novamente ficou em primeiro lugar em ciências, matemática e leitura, alcançando respectivamente 580, 613 e 570 pontos, seguida de Cingapura e Hong Kong (o Brasil ficou na 58ª colocação).

Os resultados do Pisa 2015 ainda não foram divulgados.

“Mas o que é que a China tem?”, pergunta-se. A China tem um sistema educacional forte, embora grande parte da comunidade internacional questione os resultados do Pisa, alegando que em 2009 e 2012, estes se referiam a Xangai, uma ilha de excelência na área da educação, que se diferencia do restante de país imenso onde vivem 1,35 bilhão de habitantes em condições não exatamente satisfatórias.

A China, no entanto, tem por que ser bicampeã em todas as categorias, pelas seguintes razões:

- *Reforma contínua.* A educação não para de ser pensada. Três grandes reformas nacionais foram feitas – em 1999, houve uma enorme expansão no ensino superior; em 2002, uma nova legislação incentivou a criação de escolas particulares; em 2006, lançou-se uma política para atenuar a disparidade de investimentos na área da educação. Em 2010, foi anunciado o programa de Desenvolvimento e Reforma da Educação, com duração até 2020, que tem como um dos principais objetivos tornar universal a educação infantil;

- *Foco no aprendizado.* A meta é aprender. Grupos de especialistas são selecionados para estudar, exclusivamente, o processo de aprendizado do ser humano – as chamadas “ciências do aprendizado”. Há congressos, seminários, debates, entre outros, voltados para a questão do “como se aprende” na prática. O currículo das escolas é completamente voltado ao aprendizado;
- *Igualdade entre estudantes.* A China compromete-se em não deixar “nenhum aluno para trás”. Os professores – que ganham cerca de 3,5 mil reais por mês em Xangai e que dependendo de seu desempenho, chegam a faturar o dobro em bônus – costumam ficar além de seu horário de trabalho apenas para tutorar os alunos com dificuldades;
- *Disciplina e resiliência.* Em Xangai, as classes das escolas públicas são cheias, chegando a ter 50 alunos, mas silenciosas e limpas; todos, de fato, prestam atenção. Os estudantes costumam sair às 16h da escola e estudam mais em casa. Os cursos de reforço são a norma para as noites e os fins de semana, o que acaba por somar 12 horas diárias de estudos;
- *Pais vigilantes.* Eles têm uma relação muito próxima e de exigência com as escolas. A via é de duas mãos: a escola exige dos filhos, os pais exigem da escola;
- *Indicadores de desempenho.* Há indicadores para cada detalhe do sistema educacional, o que torna a educação bastante transparente. A mídia cobre o tempo todo o desempenho das escolas, facilitando, assim, o conhecimento dos pais e dos alunos sobre os caminhos a escolher. Essa vigilância acaba gerando pressão sobre as instituições, que não têm nada a fazer a não ser melhorar cada vez mais o seu ensino.

HONG KONG EXEMPLO DE REFORMA EDUCACIONAL NA CHINA

(19/03/2016)

[ACESSE AQUI](#)

Países que tratam educação como assunto estratégico colhem desenvolvimento econômico

Hong Kong, uma das áreas mais densamente povoadas do mundo, tem uma história singular. Território chinês, que se tornou colônia do Império Britânico após a Primeira Guerra do Ópio (1839-1842), foi ocupado pelo Império do Japão durante a Guerra do Pacífico (1941-1945), após a qual o controle britânico foi retomado até 1997, quando a China reassumiu a soberania da cidade. Apesar destas circunstâncias — que poderiam comprometer radicalmente sua economia e demais setores, inclusive o educacional — Hong Kong é um dos quatro Tigres Asiáticos, ao lado de Coreia do Sul, Cingapura e Taiwan.

O que há em comum entre eles? A capacidade de traçar um plano eficaz para levantar a economia e transformá-los em potências industriais, preocupadas com incentivos à infraestrutura e à educação.

Havia escolas chinesas em Hong Kong antes da colonização britânica, mas elas atendiam a menos de 1% da população, em geral por menos de um ano. Durante o período colonial, a educação foi ministrada principalmente por missionários. Ao final da Segunda Guerra Mundial, quando da retomada da ilha pelo Império Britânico, a

matrícula escolar era de menos de 50 mil estudantes numa realidade de escolas em ruínas, com equipamentos destruídos e escassez de professores.

O crescimento do sistema escolar tomou corpo em 1949 com uma maciça imigração vinda da China continental em razão de Mao Tsé-tung ter implantado o comunismo no país. Em Hong Kong, desde 1971, a educação primária é oferecida gratuitamente para toda a população e, em 1978, a educação gratuita e obrigatória se estendeu ao ensino secundário até o terceiro ano, garantindo assim nove anos de escolarização.

Desde o retorno do domínio chinês em 1997, o sistema educacional tem sofrido várias mudanças. Fugindo um pouco do britânico (cujas características, no entanto, são sentidas até hoje), o modelo introduzido no início do ano letivo de 2009/2010 se assemelha mais ao da China continental e ao americano. Essa reforma permitiu que a maioria dos estudantes conseguisse completar 12 anos de educação graças à exclusão de taxas e a possibilidade de realização de uma série de exames públicos no ensino médio. O novo sistema colegial também passou a incluir três anos adicionais de aprendizado nesse nível de ensino, culminando com a obtenção do diploma do Ensino Médio de Hong Kong (HKSDE), que qualifica o estudante para a admissão em uma série de cursos de nível superior.

O moderno sistema educacional de Hong Kong teve origem em sua longa tradição cultural de trabalho árduo. Na verdade, Hong Kong é uma das duas regiões administrativas especiais da República Popular da China (RPC) — a outra é Macau —, com poucos recursos naturais, que apostou pragmaticamente na educação como fonte de geração de riqueza. Ao lado desse pragmatismo, outros fatores marcam sua filosofia de ensino:

1. *Paternalismo* — trata-se da obrigação de guiar e proteger quem

se encontra mais abaixo na escala social. Esse paternalismo apresenta-se sob várias formas: confucionista, colonialista, burocrático, evangélico;

2. *Língua* — a utilização do inglês como meio de instrução, até há poucos anos, e a convivência com o vernáculo (cantonês) e o mandarim sempre estiveram no centro dos debates sobre educação;
3. *Fragmentação social* — a relação entre as duas comunidades históricas mais importantes de Hong Kong, a chinesa e a britânica, sempre foi simbiótica;
4. *Cultura da responsabilidade* — comum aos Tigres Asiáticos, é um dos fatores relevantes do sucesso do modelo educacional, com o envolvimento de todos os agentes envolvidos. Alunos e pais se responsabilizam pela educação e a sociedade valoriza os professores e a academia;
5. *Respeito pelos acadêmicos* — tradicionalmente os professores têm sido venerados e tratados com respeito. Paradoxalmente, esse mesmo respeito tem tornado difícil o desenvolvimento de programas de formação de professores com ideias mais modernas;
6. *Ética de trabalho* — como grande parte dos habitantes de Hong Kong foi imigrante em algum momento histórico, a ética foi centralmente adotada, sobretudo em relação à educação como chave para a mobilidade social.

Apesar desses fatores, trata-se de um ensino baseado na hierarquia e reconhecido, até há bem pouco tempo, por não primar pela criatividade, mas a ganhar pela “decoreba”. Em vez de serem incentivados a pensar de forma dinâmica, os estudantes eram incentivados a aprender por memorização e, em seguida, repetir o que aprenderam, palavra por palavra, na moda “papagaio”. Mas, cada vez mais, Hong Kong vem implementando novas práticas de ensino visando

ao desenvolvimento de competências para o século XXI, como criatividade, resolução de problemas e comunicação.

Nancy Law¹ é líder do projeto Learning Design Studio, da Universidade de Hong Kong, que visa auxiliar os professores a planejar suas aulas com foco nas habilidades do novo século. Trata-se de uma plataforma online para apoiar a construção colaborativa e o compartilhamento de práticas pedagógicas e projetos de ensino cujo objetivo é contribuir para transformar professores instrutores em designers de experiências de aprendizado.

Segundo Nancy, “Por meio a ciência, sabemos cada vez mais como as pessoas aprendem e a importância da aprendizagem enquanto processo construtivo, em que o estudante esteja ativamente engajado. Os professores desenham as experiências de ensino que vão garantir isso, considerando as questões locais do seu contexto escolar.”

Para ela, o uso da tecnologia na educação deve ir além do acesso às novas ferramentas e incluir planejamento pedagógico eficiente para conduzir profundas melhorias na aprendizagem de crianças e jovens. Nancy defende que é preciso alterar o foco: sair da tecnologia como infraestrutura com um fim em si, para a tecnologia como um apoio às mudanças de práticas. Esse processo deve incluir, segundo ela, espaço para a diversidade e uma arquitetura própria para interação e comunicação entre os diferentes atores envolvidos no processo de ensino a aprendizagem.

Bob Adamson, chefe do Departamento de Educação Internacional e Aprendizagem Continuada do Instituto de Educação de Hong Kong (HKIEd), afirma:

¹ Nancy Law é diretora do Centro de Tecnologia da Informação para Educação da Faculdade de Hong Kong. Ela pesquisa o uso de novas tecnologias para suporte de pedagogias inovadoras e também busca desenvolver e avaliar padrões de implementação de novas ferramentas que convertam projetos em atividades de ensino.

Há uma sensação de que a nova economia em Hong Kong – indústria de serviços – requer atributos de educação integral do indivíduo e competências relativas à inteligência emocional, como criatividade, pensamento crítico, empreendedorismo, comunicação e resolução de problemas.

Hong Kong é um forte exemplo de reforma educacional na China, juntamente com Xangai, e está entre as primeiras cidades a alcançar o ensino fundamental e o médio universais. Além disso, o engajamento dos estudantes é uma forte exigência, pois alunos não aplicados não são tolerados. A ênfase na educação é comum aos Tigres Asiáticos, inspirados pela filosofia confucionista, que têm uma relação muito forte com o estudo e os valores do trabalho.

O investimento em educação, tecnologia e transportes e a adoção de uma economia de mercado permitiram que os Tigres Asiáticos se desenvolvessem de forma marcante: Hong Kong elevou sua renda *per capita* em cinco vezes mais que a da China continental.

“Cá entre nós”, o Brasil não pode ignorar esse exemplo.

O MODELO EDUCACIONAL DA COREIA DO SUL E DE CINGAPURA — OS DOIS LADOS DA MOEDA

(05/04/2016)

[ACESSE AQUI](#)

Nenhum país que tem a educação como prioridade está alheio às discussões que inflamam especialistas e afetam as vidas de pais e estudantes. O que ensinar a crianças que não necessitam mais do saber enciclopédico, porque têm acesso a informações de qualidade ao toque do mouse, mas que devem ser talhadas para enfrentar problemas e ofícios que nem sequer se imagina quais serão?

Monica Weinberg¹

Se Dorival Caimmy queria saber o que é que a baiana tem, o mundo quer saber o que Coreia do Sul e Cingapura têm para emergir de um passado miserável como dois dos quatros “tigres asiáticos”, ao lado de Hong Kong e China.

Os que responderam “a educação”, acertaram na mosca! Educação de qualidade e pública. Claro que esses países não têm terra agricultável, minérios, petróleo e riquezas naturais. Em Cingapura falta água que, até há pouco tempo, era importada da Malásia.

¹ Jornalista da revista Veja, em reportagem de 19/06/2015.

O sucesso e o vigor dos modelos aqui tratados só poderiam ter origem cultural. Coreia do Sul e Cingapura são os campeões na área da educação e de produção de conhecimentos.

A Coreia do Sul ocupa um território 70% montanhoso, pouco adequado à agricultura. Em 1970 não tinha fábricas de automóveis, não tinha siderurgia nem qualquer indústria. Ocupada de 1910 a 1945 pelo Japão, o país só começou a existir modernamente ao fim de uma terrível guerra civil interrompida em 1953, que separou as duas Coreias. Hoje a pequena Coreia do Sul é um gigante industrial construído em menos de 50 anos — lidera a construção naval e o uso da Internet, possui 700 mil patentes (Inglaterra e Alemanha têm 500 mil e o Brasil 40 mil) e é conhecida pelo tamanho e qualidade das suas indústrias eletrônica e automobilística.

Cingapura – minúsculo sultanato da Malásia até o começo do século XIX, com uma área inferior a 1.000 km² e que não tem nem sequer um povo próprio – foi fundada em 1819 pelo militar, administrador colonial e naturalista britânico, Thomas Stamford Raffles. Na Segunda Guerra Mundial sofreu a ocupação dos japoneses e depois voltou a ser protetorado inglês. Sua história independente moderna começa em 1965, partindo exatamente do zero. Cingapura tornou-se, em menos de 50 anos, um gigante financeiro e comercial. Tem o segundo maior porto do mundo, atrás apenas de Hong Kong. Depois de Nova York e Londres, é o terceiro maior centro financeiro do mundo e tem o terceiro maior Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* do mundo (em poder de compra).

O que gerou tamanha riqueza nesses dois vigorosos “tigres asiáticos”? Eles tinham metas a cumprir. Valores a zelar. Obrigações e mais obrigações. Sabiam que primeiro tinham de aprender, e muito. Professores ensinando ao máximo, alunos aprendendo ao máximo, com prioridade corroborando e para a formação de economistas,

engenheiros de alto nível e mão de obra altamente qualificada.

Quando começou seu salto educacional, a Coreia do Sul, que não tinha professores bem preparados em grande quantidade, investiu em cursos de formação, convidou professores estrangeiros e hoje conta com uma classe de professores altamente capacitada. Com isso, aumentou o total de alunos por sala, bem acima do que o mundo estava acostumado a ver. Nas escolas sul-coreanas e de Cingapura os professores, os alunos e os diretores das escolas têm padrões de desempenho a cumprir e metas sempre crescentes. O pragmatismo em ambos os países conduziu a educação para o aprendizado dos alunos e para os resultados. O que nunca faltou – na quase britânica Cingapura e na exclusivista Coreia do Sul – foram metas a cumprir, deveres e deveres.

Corroborando esse cenário, o estudo [“Como os Sistemas Escolares de Melhor Desempenho do Mundo Chegaram ao Topo”](#), da consultoria americana McKinsey, ainda em 2008, identificou as medidas que levam esse seletivo grupo de nações aos lugares mais altos nos *rankings* dos exames internacionais – selecionar os melhores professores, cuidar da formação docente, não deixar nenhum aluno para trás e capacitar equipes de gestores.

O relatório da consultora McKinsey é taxativo – o conhecimento do docente e sua atuação em sala de aula são decisivos para o desempenho da turma. Entretanto, não basta recrutar os melhores professores e formá-los bem. É preciso mantê-los sempre atualizados por meio de mentoria, trabalhos em grupo, cursos sobre as didáticas específicas, itens dos quais a Coreia do Sul e Cingapura não descuidam. Em ambos os países, os futuros professores são selecionados entre os 5% melhores alunos do ensino médio e enfrentam uma formação exigente e provas difíceis para ingressar na carreira. Por lá, ser professor é uma honra, e os mestres recebem salários compatíveis com essa honraria.

Cingapura passou de uma economia agrária à categoria de “tigre asiático”, a partir da década de 1970, tendo a educação exercido um papel decisivo nessa transformação. Os dirigentes escolares foram capacitados para aplicar conhecimento teórico e prático de forma criativa e inovadora, pois as escolas deveriam estar preparadas para atender a era pós-industrial. Por sua vez, se hoje a Coreia do Sul é um gigante industrial que cresce a taxas superiores a 10% ao ano, isso deve isso a um pesado investimento tecnológico, sustentado por uma educação de alto nível, baseada na eficiência do corpo docente, no nível exigente de ensino, no uso de tecnologia (primeiro país a usar banda larga em todas as escolas), na conscientização da família² e na meritocracia.

Entre todas as políticas adotadas pela Coreia do Sul nos anos 1960 para aumentar os índices educacionais do país, uma colheu efeito excepcional: o investimento público concentrou-se no ensino fundamental e ficou a cargo da iniciativa privada cuidar da proliferação do ensino superior. Hoje os sul-coreanos gastam duas vezes mais na formação de um universitário do que na de um aluno de ensino fundamental, o que é uma proporção equilibrada para padrões internacionais (no Brasil, um universitário custa 17 vezes mais).

Mas há um efeito negativo nisso que nós, brasileiros, consideramos uma sorte danada: a pressão sobre os jovens por bons resultados em testes é tanta que contribui para a Coreia do Sul figurar entre os países com a maior taxa de suicídio na adolescência. Além disso, a ênfase na memorização tem sufocado a oportunidade de surgirem

² Enquanto a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) coloca os pais brasileiros entre os menos interessados na educação de seus filhos, os pais sul-coreanos destacam-se pelo alto grau de participação. Pais de crianças pequenas costumam gastar 25% da renda familiar com educação. Lembrando: participar da vida escolar dos filhos, na Coreia do Sul, significa seguir de perto a lição de casa, informar-se sobre o que a criança está aprendendo e incentivar a leitura de livros.

criações disruptivas. Apesar dos bons resultados nos exames como o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), por exemplo, a fama dos alunos não é tão grande quando o assunto é criatividade, comunicação e improviso.

No novo mundo da criatividade e da flexibilidade, esses “tigres asiáticos” dependem da criatividade de empresas de garagem do Vale do Silício, onde garotos indisciplinados ditam o que os asiáticos precisam copiar e baratear. As empresas hoje querem gente com auto-propulsão, curiosidade, ausência de limites formais e capacidade de achar respostas – não pessoas organizadas e que sabem as respostas de cor.

Preocupada com essa realidade, a atual presidente sul-coreana, Park Geun-hye, quer implementar um programa que vai colocar menos ênfase em resultados de testes e mais em explorar competências e habilidades para o século XXI por meio de atividades de aprendizagem baseadas em discussão e solução de problemas, trabalho em equipe, experiências e atividades ao ar livre, que promoverão a criatividade e o pensamento crítico dos alunos. Atualmente, esse novo programa é administrado em 2.551 escolas de ensino médio de todo o país, com cerca de 80% dos alunos participando.

Para chegar a essa mesma conclusão que a Coreia do Sul, o sistema educacional cingapuriano passou, nesses últimos 50 anos, por três grandes fases: a primeira (1959-1978), conhecida como “fase da sobrevivência”, focada na expansão do ensino básico a todos os cidadãos; na segunda (1979-1996), a “fase da eficiência”, o país mudou o direcionamento da educação para adaptar-se às novas demandas mundiais: de economias baseadas em trabalho intensivo para as baseadas em competências, com pesado investimento em escolas técnicas; na atual e terceira fase, a educação voltou-se para o **desenvolvimento da criatividade** e aplicação de novas ideias.

São experiências que devem ter nossa reflexão para servirem de modelo para repensarmos nossa educação.

SOLUÇÕES PARA UM PAÍS QUE PRECISA AVANÇAR

(12/04/2016)

ACESSE AQUI

Para enfrentar os desafios do futuro o Brasil deverá fazer uma mudança radical na política educacional: as escolas deixarão gradualmente a tarefa tradicional de fornecer informações e se concentrarão em levar os alunos a refletir sobre a enorme massa de informações.

Stefano Palumbo¹

Os organizadores do “[IX Congresso Brasileiro da Educação Superior Particular](#)”, a ser realizado em Porto de Galinhas/PE, no período de 14 a 16 de abril, foram muito felizes na escolha do tema central — “Ensino Superior brasileiro: soluções para um país que precisa avançar”. Este evento representa uma oportunidade ímpar para refletir sobre a situação pela qual passa o Brasil.

Certamente, os palestrantes, os debatedores e os participantes analisarão os graves problemas econômicos, sociais e políticos que caracterizam a realidade atual. População, investimento e produtividade caindo, ou crescendo pouco, estão travando o motor da economia. Os parques industriais e os serviços não estão sendo demandados e o desemprego aumenta, deixando 9,6 milhões de pessoas sem ocupação no país. Além disso, os investimentos vêm recuando desde o segundo trimestre de 2014, estagnando a produtividade.

¹ Co-autor do livro “2025: Caminhos da Cultura no Brasil”.

Isso sem falar de nossos velhos gargalos: falta de infraestrutura, saneamento, malha rodoviária atrasada e déficit de moradias populares. Nossa política enfrenta uma crise sem precedentes, as denúncias de corrupção em que chafurdam empresários e políticos de alto escalão, expõem a crise de representatividade que atravessamos. Será que o Brasil tem jeito? Esta é a questão crucial.

O sociólogo Domenico de Masi publicou há cerca de dois anos o livro "[O Futuro chegou: modelos de vida para uma sociedade desorientada](#)", lançado em 2013, em cujo conteúdo salienta que, baseados num mundo sem rumos, ocidente e oriente estão buscando novos modelos de organização social visando equilibrar os anseios de melhor qualidade de vida e de progresso e permitir que a busca da felicidade possa ser alcançada por todos os habitantes do planeta. De Masi escreve:

Não dispomos mais de parâmetros para distinguir o que é verdadeiro do que é falso, o que é bonito do que é feio, o que é público do que é privado, o que é sagrado do que é profano, o que é de esquerda do que é de direita e o que está vivo do que está morto.

Ao examinar quinze modelos de sociedade, períodos históricos, movimentos intelectuais e religiosos, o autor perpassa os sistemas que mais marcaram a história social do mundo, os modelos católicos, hebraico, muçulmano, protestante, clássico, iluminista, liberal, capitalista, socialista, comunista até nosso atual modelo pós-industrial. Neste último, presente no mundo globalizado, insere o caso brasileiro.

De Masi justifica sua ousadia afirmando:

O Brasil é quase tão grande quanto a China, mas é uma democracia. O Brasil é quase três vezes maior que a Índia, tem quase o mesmo número de etnias e de religiões, mas vive em paz interna e em paz com os países

limítrofes. O Brasil é quatro vezes maior que a zona do Euro, mas tem um único governo e fala uma única língua. O Brasil é o país onde há mais católicos, mas onde a população vive da forma mais pagã. O Brasil é o único país no mundo onde a cultura ainda mantém características de solidariedade, sensualidade, alegria e receptividade.

O autor cita dados do *Pocket World in Figures*, editado pela revista *The Economist*, tais como: o Brasil ocupa o segundo lugar em extensão florestal e em número de usuários do *Facebook* entre os 197 países da geopolítica planetária; o terceiro lugar em hostes de Internet; o quarto lugar em extensão de malha rodoviária; o quinto em superfície quanto ao número de habitantes; o sexto em produção agrícola; o sétimo em Produto Interno Bruto (PIB), produção industrial e serviços; o nono em reservas públicas; o décimo em público de cinema e o décimo primeiro em produção de energia e em número de viagens aéreas. Ele conclui seu livro mostrando que certamente o Brasil não é, sem dúvida, o melhor dos mundos possíveis, mas talvez seja o melhor dos mundos existentes. Seus defeitos são menores do que em outros países e suas qualidades superam a de muitos lugares.

De Masi foi muito criticado e tido como ingênuo ao ser comparado com o que o escritor Luiz Rufado declarou, também em 2013, na “Feira do Livro” de Frankfurt:

A taxa de homicídios no Brasil atinge 20 assassinatos a cada 100 mil habitantes, o que equivale a 37 mil pessoas mortas por ano, índice 3 vezes maior que o mundial. E os mais expostos à violência, não são os abastados residentes nos luxuosos condomínios, mas sim os pobres moradores das periferias e favelas. Há constância de violência contra as mulheres, onde nos últimos 10 anos, 100 mil foram assassinadas e também a população carcerária brasileira é de cerca de 550 mil pessoas, predominante formada por jovens de 18 a 34 anos, pobres, negros e de baixa instrução.

Além disso, o jornal *Valor Econômico* revelou em 2013 que 6% dos brasileiros são milionários, fato que representa o décimo segundo lugar no *ranking* mundial. Entre os 20 milhões de brasileiros mais ricos, 18 milhões são brancos e entre os 20 milhões de brasileiros mais pobres, 15 milhões são negros.

A visão otimista de De Masi ocorre em um momento em que o país passa por uma profunda depressão. Considerando que os movimentos sociais pelas ruas, a internet e a mídia mostram uma realidade distinta daquela que o escritor percebeu, ele procedeu a uma análise mais minuciosa do país, entrevistando onze especialistas em diversas áreas ^[172], visando fundamentar as suas visões sobre o país nos próximos dez anos. Este é o conteúdo de seu livro “[Caminhos da Cultura no Brasil](#)”, publicado pela editora Sextante.

Uma síntese da análise de De Masi indica o perfil do brasileiro, que mostra o seu descrédito pelas próprias capacidades; que protesta a cada tropeço do país, procurando encontrar culpados e possuindo uma mentalidade bipolar; e que oscila entre depressão e euforia. O brasileiro que se sente orgulhoso de suas proezas, quando algo não dá certo, mostra sinais de seu senso de inferioridade.

Sem visão estratégica, a Nação sente falta de um projeto coletivo de futuro e não tem chão para apoiar seus sonhos de bem-estar. A população tem consciência dos grandes problemas internos que

² Caio Tulio Costa (jornalista, professor e gestor na área de comunicação digital); Claudia Leitão (professora, ex-secretária de Economia Criativa do Ministério da Cultura); Cleber Miranda dos Santos (crítico e diretor cinematográfico); Cristovam Buarque (professor, senador e ex-ministro de Educação); Fábio Magalhães (museólogo, ex- secretário da Cultura de São Paulo); Glória Kalil (jornalista e empresária de moda); Jaime Lerner (arquiteto e urbanista); Leonel Kas (professor e ex-secretário de Cultura e Esporte do estado do Rio de Janeiro); Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (antropóloga); Paulo Werneck (curador da Feira Literária Internacional de Paraty) e Târik de Souza (jornalista e crítico de música).

travam seu desenvolvimento, que são a corrupção, a violência, a desigualdade social e o déficit educacional. Sabe por outro lado que o sucesso dependerá da capacidade de mobilizar-se, de organizar-se e tornar real um projeto compartilhado de Nação. Enfim o brasileiro deve modernizar-se, ser mais tolerante, menos superficial, menos improvisador, ter espírito público, ser perseverante e não perder sua criatividade. Por outro lado, a crise que abala o país e a incapacidade com que são tratados os problemas socioeconômicos induz brasileiros à completa descrença nos políticos.

O “[Projeto de Opinião Pública da América Latina](#)” (Lapop, em inglês), da Universidade Vanderbilt (EUA), mostrou que o Brasil ocupa a penúltima posição no *ranking* de respeito pelas instituições políticas entre 26 países da América Latina. Segundo Guilherme Russo, pesquisador da universidade que analisa os dados do Brasil, o acúmulo de escândalos de corrupção envolvendo os diversos países, a percepção que as autoridades nada fazem para coibi-los e os problemas sociais que continuam a existir fazem com que os políticos sejam completamente execrados. No Brasil, o Congresso Nacional, os políticos e os partidos apenas representam interesses próprios. Para se ter uma boa representação política, há necessidade de que os eleitores saibam o que querem e que consigam comunicar os seus desejos e aspirações aos seus representantes e, sobretudo, que estes executem o que lhes comunicado.

Da euforia de um país grandioso para a realidade depressiva decorreram apenas dois anos. Perguntamos: De quem é a culpa? Sua, do seu amigo, de seu pai e sua mãe, de seu vizinho, nossa e de todo cidadão brasileiro?

Os congressistas e os governantes foram eleitos por nós, dentro das regras viciadas estabelecidas há anos. Cada um de nós está olhando para o seu umbigo, preocupado com seu negócio, sua profissão, sua

família, seu carro e seus sonhos. O país que se estraçalhe e, por isso, está acontecendo o que se vê.

A única saída para a mudança e a transformação é a Educação em todos os níveis, com a primazia da cidadania e do espírito público, desde a creche à pós-graduação. Só a educação tem o condão de modificar esta realidade e as manchetes e as notícias que lemos todos os dias.

E a busca de soluções para um país que precisa avançar deve começar hoje — ou melhor, agora —, porque este processo demorará décadas.

SOLUÇÕES PARA UM PAÍS QUE PRECISA AVANÇAR II

(19/04/2016)

ACESSE AQUI

O inconveniente das pessoas e dos países é a esperança de encontrar saídas e soluções fáceis. Sem crise não há desafios, sem desafios a vida é uma rotina, uma lenta agonia. Sem crise não há mérito. É na crise que se aflora o melhor de cada um. Falar de crise é promovê-la e calar-se sobre ela é exaltar o conformismo. Em vez disso, trabalhemos duro. Acabemos de uma vez com a única crise ameaçadora, que é a tragédia de não querer lutar para superá-la.

Albert Einstein

O “IX Congresso Brasileiro da Educação Superior Particular (Cbsp): soluções para um país que precisa avançar”, realizado em Porto de Galinhas/PE, no período de 14 a 16 de abril, abordou a grave crise brasileira com influências importantes no desenvolvimento do sistema educacional. Por esta razão, a epígrafe deste artigo contém o aforisma de Albert Einstein que exalta os momentos de crise como estímulo para que as pessoas e os países reflitam, discutam e busquem soluções para os seus problemas.

Estiveram presentes no IX Cbsp mais de 500 participantes oriundos de todas as regiões brasileiras, a expressar o grande interesse de mantenedores e dirigentes do ensino superior sobre o tema. Em rápidas pinceladas, descreveremos as principais abordagens.

A questão que sintetiza o evento contempla a educação como a razão de todo o desenvolvimento de uma nação, pois transmite conhecimentos e, ao mesmo tempo, forma o cidadão consciente sobre a realidade em que vive, tornando-o capaz de contribuir para a melhoria do futuro de seus concidadãos.

O Brasil, a exemplo de outros países, tem problemas de toda ordem a ser enfrentados na economia, na política, na estrutura social e, principalmente, no sistema de governança de todas as esferas de poder constituído. Além disso, todos nós sabemos que há enormes lacunas comportamentais no executivo, no legislativo e no judiciário.

O modelo de governança do Estado brasileiro exauriu-se porque está ligado a uma cultura em que os dirigentes não estão preocupados com a sustentabilidade do país e com a melhor qualidade de vida de suas populações, mas, sim, com a permanência em seus cargos, por tempo indefinido. Eles se veem como donos do poder e não servidores da sociedade.

Somente uma cultura que expresse os valores que devem estar acima dos pessoais, poderá influir para que as transformações do país alcancem, por meio da educação, todos os seus extratos sociais.

Percebeu-se em todos os painéis que a educação somente será capaz de mudar o país se for considerada a base de transformação de toda a atual política vigente. É preciso fazer com que o nosso sistema transmita, além da formação educacional e profissional, valores perenes tais como cidadania, solidariedade, espírito público e amor à pátria. Transformar culturas e pessoas não se faz da noite para o dia, mas deve ser uma meta nacional para mudar o status quo. É um esforço a ser apoiado por todas as forças da nação.

No plano efetivo e o que de fato deve ser o alvo especial para as instituições de ensino superior (IES) é a valorização do processo

educacional. O aluno do sistema universitário não é mais o jovem da classe média e, sim, o de menor poder aquisitivo, que precisa ser sensibilizado para valorizar a educação superior, como forma de alcançar melhor qualidade de vida e ascender socialmente. Todos os investimentos de tempo e de esforços para uma vida melhor são compensadores, incluindo o que a escola pode fazer – mas que infelizmente pouco faz – que é aperfeiçoar o seu relacionamento com os estudantes.

De maneira geral, as escolas se esqueceram de “seu cliente/aluno” e a maioria delas não percebeu ainda, que ele não é o mesmo de anos atrás. O aluno pertence a uma categoria econômica que, mesmo residindo nos subúrbios e periferias das cidades, tem os mesmos anseios de consumo de qualquer jovem.

As escolas ainda pensam que o seu maior competidor é a faculdade da esquina. A realidade mostra, porém, que o aluno jovem tem outros interesses e suas prioridades de gasto fazem com que, o valor da mensalidade escolar não seja o fator principal de sua escolha. Por outro lado, as IES dedicam pouca atenção ao principal elo de ligação com “o cliente” que são os professores. Estes precisam ser preparados tanto para valorizar a autoestima dos alunos quanto para adaptar a sua linguagem e usar a mídia tecnológica já em uso pelos alunos.

É lógico que será necessário encontrar mecanismos de financiamento para viabilizar o acesso dos alunos das classes “C” e “D” ao sistema universitário, considerando que o Estado perdeu, com as alterações nas normas do Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), uma oportunidade de torná-lo mais adaptável às condições econômicas do país. Para tanto, será necessário encontrar soluções mais realistas, onde os bancos, o Estado e as IES possam encontrar meios de financiamento para alunos de baixa renda.

Uma das palestras mais apreciadas foi a da especialista mundial em Economia Criativa & Desenvolvimento Sustentável, Lala Deheinzelin, que introduziu uma nova maneira de pensar e de como tratar da crise com estratégias de criatividade e inovação. Segundo Deheinzelin, o mundo trabalha há milênios com o tangível, o quantitativo e o financeiro dentro da economia da escassez. A transformação acontece quando se trabalha com o intangível baseado no repertório da mente, da criatividade, da cultura e da arte. Ela mostrou que um mundo será melhor quando priorizar o compartilhamento, a criatividade e a colaboração.

Outro problema que as IES enfrentam é a evasão. Experiências, esforços e estratégias para evitar que o universitário abandone a instituição foram também discutidos. As causas da evasão mereceram análises dos conferencistas – desmotivação em relação ao curso, dificuldades de ambientação, carências econômicas, perda do emprego e falta de recursos para locomoção, alimentação e transporte. Intercambiar experiências nessa área foi extremamente válido porque os prejuízos financeiros para a escola com a evasão são expressivos e ninguém tem ainda a “receita salvadora”.

O encerramento do IX Cbesp se fez com uma mesa de discussão importante sobre o Conselho Nacional de Educação (CNE), oportunidade em que seus conselheiros analisaram aspectos referentes à história e à atualidade do órgão com os seus problemas e procedimentos e com a sua reestruturação. A mesa de trabalhos coordenada pelo reitor da Universidade Estácio de Sá, Ronaldo Mota, contou com a participação do presidente do CNE, Gilberto Gonçalves Garcia, e dos conselheiros Paulo Vieira Braga Barone e Yugo Okida e com ampla presença dos participantes.

Finalmente, foi aprovada a “Carta de Porto de Galinhas” que traduz de maneira mais conclusiva os debates e aponta as indicações de soluções para as questões apresentadas. (Anexo 1).

No momento especial pelo qual passa o país, o Fórum das Entidades Representativas do Ensino Superior Particular comprovou, com o IX Cbesp, que o Estado brasileiro precisa cada vez mais assumir, em parceria com as instituições de ensino superior, o seu protagonismo na implementação de políticas e de estratégias para solucionar as questões de desenvolvimento sustentável de um país que precisa avançar.

VOTAR CONSCIENTEMENTE DÁ TRABALHO, MAS É A ÚNICA SAÍDA

(26/04/2016)

[ACESSE AQUI](#)

No meio dessa crise ética e política que está deixando os brasileiros desolados, fazendo com que tudo mundo se pergunte não apenas em “quem” votar, mas indagando-se até se “vale a pena” votar, dentro desse desconsolo cívico ocorreu-me um pensamento ainda mais perturbador. Pois, carpindo uma “mea culpa”, exercitando a autopunição, de repente, me vi ruminando uma frase dolorosa: “é, na verdade, sempre votei errado!”.

Affonso Romano de Sant’Anna

Em artigo recente, escrevi que só educação será capaz de mudar, a longo prazo, o descaso com que o brasileiro trata o processo de escolha de seus representantes políticos. Isto ficou evidenciado na semana passada quando os deputados votaram a causa do impeachment. A culpa é toda nossa por termos os representantes que temos.

Foi repulsivo ver o desfile de homens parecendo presuntos luzídios, cabelos acaju, falando, em um português capenga, de familiares — filhos, netos, tios entre outros — e, até, usando o santo nome de Deus em vão. Deputados aos berros, entoando canções e tirando selfies não estavam à altura da gravidade da situação. O pior, e o mais terrível e lamentável, é que muitos deles — da posição e/ou oposição; da esquerda e/ou da direita— também têm sido alvos de processos por

corrupção. Vimos, para vergonha nossa, um Congresso, do “alto” ao “baixo clero”, implicado em crimes que vão do recebimento de propinas aos achaques, passando por toda a espécie de processos. Isto sem falar da autoridade maior que presidia a sessão. Absurdo total.

Mas em sã consciência os parlamentares estão lá porque nós os elegemos, e guardadas as devidas proporções, eles são a cara da distribuição social da população brasileira, com todas as suas grandezas, defeitos e diferenças. Na ética e na estética, para o bem e para o mal, representam a cara do Brasil. E a questão crucial é como mudar a ideário da maioria deles no desempenho da atividade pública, que é o de cuidar, em primeiro lugar, de seus interesses próprios, concepção que impera desde Cabral? Penso que isto só vai acontecer quando o brasileiro se conscientizar de seu papel como cidadão, da importância que der ao processo político e de seu esforço continuado para promover as mudanças. Nada acontece da noite para o dia. O assunto é apaixonante, provocador e contém, sobretudo, um ingrediente complementar exposto numa máxima popular — “interesse contrariado, inimigo feito”.

Embora a minha “praia” seja a educação, não podia deixar de comentar que a crise atual chegou a um patamar insuportável, asfixiante. Como fomos todos parar na estratosfera, totalmente despreparados, arrisco alguns pensamentos e compartilho-os com os que nos leem.

A triste realidade da votação do impeachment, sobre a qual comentei inicialmente, foi ridícula e constrangedora e mostra a nossa falta de educação política, reflexo da precariedade de educação formal e informal no Brasil, que nos faz escolher aleatoriamente nossos representantes. Quem se lembra dos deputados nos quais votamos? Poucos. Pela falta de uma educação libertadora e esclarecedora ficamos sempre na mão de profissionais mal-intencionados da política, aos quais faltam espírito público e compromisso com quem lhes outorgou o poder de legislar.

O número absurdo de partidos políticos – o Brasil tem 35 registrados oficialmente na Justiça Eleitoral – reduz as possibilidades de efetiva governança. Sete ou oito agremiações poderiam muito bem representar todas as correntes de opinião no país. Mas, não, esses partidos funcionam mais como cabides de emprego do que como instâncias com programas definidos, cumpridos, avaliados e aperfeiçoados. A maioria das agremiações tem “dono” – um líder que quer organizar o próprio espaço político independentemente de um partido maior. Todos eles e seus representantes têm um objetivo único – perpetuação no poder e repasse de suas aposentadorias aos familiares. No sistema político o corporativismo é forte – ninguém mexe porque nenhuma modificação interessa aos seus integrantes.

Lembrei-me dos protestos de junho 2013, e daquela pseudomentalidade coletiva de consciência política, direitos e deveres, cidadania, ética... Lembrei-me dos gritos nas ruas contra a corrupção, das mídias que noticiavam que o “gigante acordara”... Lembrei-me do repúdio aos partidos nos protestos e das pessoas comemorando, usando o conhecido jargão – “o povo unido jamais será vencido”.

Não creio que todo político seja imoral. No entanto, falar mal dos políticos virou moda, além de nos fazer parecer mais bem informados do que realmente somos. Sair por aí, porém, mostrando nossa raiva em função dos casos de corrupção que a mídia nos apresenta não nos transformará numa nação melhor. No máximo, seremos uma nação raivosa, infeliz e com a sensação de injustiça a tudo dominando.

O homem é um ser político e a política é o meio pelo qual nossa democracia transita. Isso faz parte de nossa vida e, por mais que se negue ela ainda é o melhor modelo dentre os vários já tentados. Churchill dizia – “Então, se somos seres políticos, porque votamos tão mal?”. A resposta é simples: votamos mal porque achamos que exercer a cidadania é ir votar nas eleições e pronto. Não temos o exercício da escolha, de buscar uma opção dentre várias. Só sabemos apontar.

O voto é apenas um entre os muitos deveres do cidadão. Mas pergunto: do que adianta votar se não participamos das reuniões comunitárias; se não debatemos e trocamos ideias; se não nos informamos direito; se não conhecemos as propostas dos partidos e se nem sequer entendemos o que significa o poder da escolha? Prova disso é a performance dos deputados no último dia 17 de abril. Um vexame social, cultural, intelectual e, sobretudo, político.

Vivemos um dos momentos mais difíceis de nossa história. O povo está sendo mantido na ignorância e sustentado por um esquema que se retroalimenta para assegurar benefícios e poder. Qualquer reforma política não poderá ser feita pelos beneficiários de sempre.

Precisamos acabar com o país do jeitinho, dos contratos públicos superfaturados e com as construções fiscalizadas pelos próprios contratantes.

Mas como sou conhecido como um homem que acredita nas pessoas e nas instituições, em que pesem os graves problemas que estamos vivenciando, mantenho viva a minhas esperanças nas mudanças que o país espera e merece. Afinal, o Brasil não é um país abençoado por Deus?

Precisamos deixar de reclamar de tudo e de dizer que a culpa é dos outros e de acreditar e esperar que alguma divindade, líder messiânico ou sindicalista carismático possa solucionar nossos problemas. Salvadores da pátria não existem.

Precisamos fazer um mea culpa e por de vez nas nossas cabeças que a solução dos graves problemas brasileiros está nas nossas instituições sólidas e que ainda funcionam, na capacidade de mobilização da população em geral, na descoberta de espaços legítimos de debates e de diálogo, de forma real e honesta e, sobretudo, na educação de nosso povo.

QUAL A EDUCAÇÃO QUE QUEREMOS PARA O FUTURO

(03/05/2016)

ACESSE AQUI

Os líderes serão aqueles que conseguirem combinar de forma criativa e audaciosa pessoas com diferentes especialidades, deixando que confrontem seus pontos de vista, criem uma linguagem comum e tenham ideias inovadoras. As ideias advindas da colaboração criativa mudarão a nossa forma de encarar a vida, o mundo dos negócios, as leis, a tecnologia, o sistema educacional, o governo e o mundo.

Robert Hargrove

O Jornal Nacional de 26.04.2016 exibiu a situação miserável das escolas de Bom Jardim, cidade maranhense de 40 mil habitantes, situada a 280 km de São Luiz. A reportagem de Alex Barbosa mostrou os problemas que os alunos enfrentam para estudar, amontoados em salas apertadas e desprovidas de mínimo conforto e infraestrutura adequada. É espantoso que, alguém possa acreditar que neste ambiente calamitoso, seja possível preparar pessoas para enfrentar os desafios da vida e do trabalho, neste mundo competitivo em pleno século 21. E por mais paradoxal que possa parecer, em 2015 a cidade de Bom Jardim ficou conhecida pela prisão da prefeita acusada de desviar dinheiro da educação e da saúde.

Esse caso não é isolado, existem muitas cidades com escolas como as de Bom Jardim, uma dura é lastimável, realidade. E por consequência surgem a perguntas: Que país queremos ser? Que sociedade desejamos para o futuro e que Educação precisamos ter para este objetivo ser alcançado?

Existem questões básicas norteadoras que precisam ficar permanente em pauta – O Brasil tem plano estratégico de futuro como sociedade organizada? Existe planejamento para o desenvolvimento técnico, cultural e científico? Há um projeto de sociedade para ordenar diretrizes e ações para um plano nacional de desenvolvimento sustentável? Qual o papel da educação nesse plano, neste futuro, nesta construção de sociedade com mais equidade e consentânea com o momento atual?

Somos um país de mais de 200 milhões de habitantes, extremamente desigual em tudo. Nossa riqueza está concentrada em pouco mais de 10% da população. Temos um sistema de saúde em condições precárias com endemias ainda afetando grande parte de nosso território, onde muitas famílias não têm nem saneamento básico. Nosso sistema educacional apresenta deficiências – milhares de crianças não tem creche, outras tantas estão fora do ensino fundamental, e um número expressivo que entra no sistema escolar se evade por motivos vários, que vão da fome, da distância da escola, da falta de condições, entre outras.

O ensino médio é um gargalo que ninguém consegue decifrar apesar das tentativas de novas políticas e estratégias. Pouco mais de 16% da população na faixa etária própria consegue acesso ao ensino superior no qual a heterogeneidade é a grande marca. Neste nível de ensino, o segmento particular é majoritário com mais de 74% das matrículas, embora dependente em boa parte de financiamento público. Temos um sistema político extremamente controverso com

uma composição frágil em termos qualitativos, em total desordem organizativa, que deixa o país numa permanente crise de representatividade. Isto sem falar da corrupção que é endêmica.

O mundo passou por revoluções industriais, mudanças nos sistemas políticos e econômicos. Antes eram as máquinas que prevaleciam na produtividade econômica, e hoje já as vemos sendo substituídas por mentes criativas e inovadoras. O mundo do trabalho mudou e com ele empregos e profissões foram engolidos ou tendem a desaparecer sendo substituídos por outros, que nem sequer imaginamos quais serão nas próximas décadas. Entramos no mundo da alta tecnologia, da virtualidade, dos softwares, dos aplicativos que comandam em cadeia parte das mudanças em todos os setores sociais. No entanto, na educação, continuamos a formar e diplomar milhares de alunos que o sistema produtivo não reconhece, com base na falta de proficiência em termos de conhecimentos, competências e habilidades, que por vezes estão desatualizados, quando não inexistentes.

Esta constatação nos obriga a pensar em renovação de todo sistema educacional, no que se refere à infraestrutura das escolas, dos espaços e recursos físicos e principalmente aos didáticos. Precisamos nesse novo mundo repensar o papel dos professores e dos alunos e ter visão transformadora.

Vivemos a era da experimentação, da participação, do coletivo da construção de novos paradigmas que nortearam o processo formativo e instrutivo. A era da imaginação, da inovação e da criatividade contém ferramentas essenciais para a construção de qualquer sociedade que se diz do conhecimento.

O sistema universitário e as empresas empregadoras são mundos desassociados que não interagem entre si. Enquanto as empresas precisam capacitar os egressos das faculdades para atenderem as reais demandas exigidas pelo mercado de trabalho, as escolas estão

preocupadas com a entrega dos conteúdos previstos nos currículos e nas avaliações dos organismos reguladores.

E na vida real, quando o estudante “acorda” depois de passar 20 anos por todo o sistema educacional ele se desestrutura. Ele precisa enfrentar desafios e problemas reais, usando não só conhecimentos, mas criatividade, colaboração, comunicação, pensamento crítico, habilidades, valores e atitudes, que nem sempre foram tratados nas diversas etapas de sua escolaridade.

Na semana passada, a revista *Veja* publicou nas páginas amarelas uma entrevista com Sir Ken Robinson, um dos maiores experts do mundo em criatividade. Ele disse que “o sistema educacional não foi desenhado para encorajar a criatividade” e que “os professores precisam mudar suas estratégias de ensino e torná-las mais adequadas à realidade”. Ele apresentou o exemplo de “ensino mais flexível”, a High Tech High (HTH), uma rede de escolas na Califórnia. Lançada no ano de 2000, trata-se da aliança de líderes de negócios e de educadores da cidade de San Diego, que formaram uma rede integrada de escolas. Esta abrange o ensino fundamental de um programa de certificação de professores e uma escola inovadora de Pós-Graduação em Educação. Como no exemplo citado, precisamos ser mais proativos, precisamos aprender a nos realizar como pessoas e como profissionais, como nos diz o educador José Morán em seu livro “A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá”.

Diante de tudo isso, somos forçados a pensar em mudanças que partem primeiro de nós mesmos para depois as incorporarmos ao sistema, corrigindo os atrasos e recuperando o tempo perdido, a credibilidade e a confiança. Somente com esse processo do micro para o macro, ou seja, de nós para a sociedade, será possível corrigir rotas, cortar os excessos de sempre fazer as mesmas coisas, para que, finalmente, possamos invadir o terreno do futuro e ousar

pensar, planejar antes, construindo uma nova perspectiva de futuro e rompendo definitivamente com o passado.

Talvez a partir daí possamos começar a pensar seriamente qual é o futuro da nossa educação e qual é nossa utopia educacional e/ou sonho para o Brasil. Enquanto vivermos correndo atrás dos prejuízos da corrupção e da desordem política, continuaremos a desperdiçar o talento e o futuro de jovens brasileiros, como os alunos da cidade de Bom Jardim (MA), apresentados na reportagem. Mas sonhar é preciso e dia virá que nosso Brasil terá uma educação de qualidade onde todos possam se sentir cidadãos e sonhar, sendo capazes de mudar sua realidade. Uma utopia, sim, mas tomada, como espaço do possível.

“BASTÃO DA FALA” — TRADIÇÃO PARA SE PERENIZAR NA ABMES

(10/05/2016)

[ACESSE AQUI](#)

“O ato de ouvir exige humildade de quem ouve e a humildade consiste nisso: saber com a cabeça, mas sentir pelo coração que é possível que o outro veja mundos que nós não vemos.”

Ruben Alves

Realmente foi com muita satisfação que transmitimos a presidência da ABMES – Associação Brasileira de Mantenedores de Ensino Superior ao amigo José Janguê Bezerra Diniz e, mais ainda, marcar a posse com a entrega do “Bastão da Fala”, um símbolo de poder associativo para se tornar perene pela vida afora.

O fizemos sabendo que, por certo, ele e sua diretoria saberão preservar a história da entidade, fundada em 1982 por mantenedores, capitaneados, nestes anos todos, por Candido Mendes, Edson Franco e por nós. E sem nos esquecermos dos associados inspiradores como Electro Bonini, Vera Gissoni e inúmeros outros, que ajudaram a construir uma entidade com o prestígio que hoje tem na educação brasileira.

As palavras iniciais do diretor presidente Janguê em seu discurso são alvissareiras: a expansão, o fortalecimento e a atração de mais associados para participarem e estarem presentes nas constantes discussões que temos com o MEC e outros organismos públicos.

Há muito obstáculo a ser vencido para que a sociedade, cada vez, mais valorize o trabalho das instituições de ensino particular. Uma atenção especial da nova gestão é continuar a dar foco às Pequenas e Médias Instituições de Ensino Superior (PMIES), que são a maior parte das IES do Brasil e dos associados da ABMES.

Janguê enfatizou que continuará com a proposta de “trabalhar para que essas IES sejam tratadas e avaliadas [pelos órgãos reguladores] de acordo com a sua regionalidade e especificidade”. Sua mensagem mais objetiva é a defesa intransigente da livre iniciativa em todas as esferas, inclusive na Justiça.

Em resumo, comungamos com o entusiasmo do diretor presidente eleito e com a opinião que sangue jovem, ideias novas e metas ambiciosas são imensamente úteis para a continuidade do sucesso da ABMES.

Na transmissão da “troca de bastão”, desejamos não só inovar, como também criar a cultura da democracia da audição onde todos tenham a oportunidade de falar, mas, antes de tudo, ouvir bastante. Para que em todas as ocasiões e momentos a palavra seja livre e franca, mas que os ensinamentos do escutar com atenção sejam norma básica e que as tomadas de decisões sejam precedidas pela oportunidade de manifestação de todos.

É preciso, na condução das reuniões da ABMES, disciplinar as falas e a abordagem dos temas, evitando desvios comuns como a fuga do assunto central ou até mesmo questões particulares.

O “Bastão da Fala¹” organiza todas estas questões baseado num costume tribal dos índios americanos que hoje é método pedagó-

¹ Artigo “O Bastão da Fala (utilizado nas reuniões dos grupos de apoio da AADA)”, Carol Locust. http://www.aada.org.br/page_saibamais.php?tipo=artigo&id=4

gico em algumas escolas do mundo. É usado há séculos como um meio saneador do intercâmbio de ideias e discussões e comumente esteve presente em reuniões de conselho das comunidades para designar quem tinha o direito de falar. Quando assuntos de grande importância surgiam, o chefe da tribo pegava o bastão e iniciava a discussão. Quando ele terminava o que tinha a dizer, passava o bastão para outro que desejasse falar. Dessa maneira, o bastão era passado de indivíduo para outro, até que todos se manifestassem e o cacique decidisse expressando o pensamento do grupo. O bastão é uma peça de madeira entalhada com enfeites de simbologia representativas da natureza e de grande valor imaginativo.

“O Bastão da Fala” nos ensina que o ponto de vista alheio é muito valioso, e que devemos escutar para colocar em prática tudo aquilo que ouvimos. Estamos sendo solicitados a não interromper aqueles que estão compartilhando sua sabedoria conosco. Devemos aprender que a vida nos oferece inúmeras escolhas e respostas para qualquer dilema que nos seja colocado.

Fácil de se entender como a educação das crianças nesses ambientes era transmitida sem a necessidade de uma hora ou lugar determinado, mas sim no dia a dia, nos afazeres, na observação dos mais velhos, saber ouvir e saber falar na hora certa é um detalhe tão simples, e ao mesmo tempo virtude enormemente útil e apreciada.

O “Bastão da Fala” mostra uma forma de se comunicar e resolver conflitos através da sabedoria do coração. É um bastão que traz na simbologia o equilíbrio e a harmonia ambiental, pois nele estão contidos todos os reinos da natureza: o mineral (através da pedra), o vegetal (através da madeira), o animal (através da pena) e o humano (através da pessoa que o segura).

O propósito de usar o bastão nas reuniões é o de se trazer o equilíbrio e a harmonia necessários para as tomadas de decisões, para

que estas sejam em favor e consoantes com o meio ambiente. Para que o bem tenha prioridade sobre os desejos pessoais, para que alcancemos a consciência de que fazemos parte do todo e que cada decisão que tomamos repercute em todas as nossas relações, sejam elas familiares, com os amigos, no trabalho ou com o mundo natural.

Os índios entendem que nos relacionamos com todos os seres vivos, sejam eles humanos, vegetais, animais ou minerais, pois fazemos parte do universo e todos eles possuem alguma forma de vida, considerando também as relações com o plano espiritual, o que nos faz zelar para manutenção da vida, da harmonia e do equilíbrio de todas as nossas relações. O bastão da fala também carrega toda a memória de todos aqueles que falaram através dele.

Por experiência de vida, sabemos que o gênero humano é o ente mais complicado que habita este planeta e que cada um tem a sua ideologia, religião, time de futebol... A tarefa mais difícil que os dirigentes associativos têm é saber que lidam com iguais e não com subordinados. E, apesar na maioria das vezes todos tenham os mesmos objetivos, as estratégias e os meios de execução são diversos e as divergências nascem daí.

O diretor presidente Janguiê, pela sua mocidade, pelo seu foco no trabalho, pelo seu empreendedorismo, tenacidade e objetividade, com sua diretoria entusiasmada, certamente alcançará os propósitos estabelecidos em seu Plano de Ação. E, para isto, pode contar conosco, sem se esquecer dos princípios do “Bastão da Fala”.

O E-MAIL DO PRESIDENTE OBAMA AO PRESIDENTE TEMER

(17/05/2016)

[ACESSE AQUI](#)

“Não há problema das pessoas usarem humor, esper-teza, dramaticidade e outros truques do entretenimento para passar a informação que julgam importante.” Michael Schudson, professor de Comunicação da Universidade de Columbia

“Senhor Presidente,

Pelo setor diplomático estamos acompanhando o desenrolar da crise brasileira, que teve como consequência o afastamento temporário da presidente da República e a instalação de um novo governo que ficou sob sua responsabilidade. Desejar entender de longe o ocorrido é difícil para se ter uma avaliação sensata e objetiva dos acontecimentos. A meu ver, tudo leva a crer que se trata das dores de parto de uma jovem democracia em crescimento, onde há um imenso desafio a se resolver, maior do que o de trocar toda a tripulação de uma aeronave em pleno voo. (Na minha língua, “*you have a lemon on your hands*”)

O Brasil (como qualquer país) tem problemas de toda ordem a serem enfrentados: na economia, na política, na sua estrutura social e, principalmente, no sistema de governança de todas as esferas de poder constituído. E eles mostram enormes lacunas comportamentais do executivo, do legislativo e do judiciário. O que está claro é

que o presente modelo de governança do estado brasileiro exauriu-se porque está viciado por uma cultura onde os dirigentes não estão preocupados com a sustentabilidade do país e com a melhor qualidade de vida de suas populações, mas sim com seu benefício próprio e permanência no poder de forma ilimitada. Eles se veem donos do poder e não servidores da sociedade.

Inegavelmente, o primeiro obstáculo de seu governo é começar a controlar as despesas de casa, porque as contas federais estão uma lástima, devastadas que foram por uma sequência de erros e desatinos. É uma crise sem precedentes que, vista sob a ótica da oportunidade, se for resolvida, dar-lhe-á ensejo de consagrá-lo na história como o governante que solucionou os problemas de um país em destruição.

Como não vai dar tempo de aconselhá-lo pessoalmente, faço-o por e-mail, indicando a primeira regra básica das decisões: os grandes problemas só são resolvidos por gente competente, entusiasmada, focada e com espírito público, que, segundo li, não é a característica do quadro de colaboradores escolhidos para seus ministérios. E um dos problemas é que se o presidente não for “rápido no gatilho”, não sobreviverá.

Sei que é uma tarefa complicada armar uma equipe às pressas e atender a todas as demandas políticas, mas, com raras exceções, os nomes escolhidos são velhos fregueses da estratégia cartorial e de arranjos vantajosos para si e para os seus e só por isto já frustraram àqueles que vislumbram uma vida mais digna para os brasileiros.

Presidente, logo que fui eleito para o Governo dos Estados Unidos, um dos primeiros [discursos](#) que proferi foi no Colégio Wakefield, em Arlington, Virginia, com transmissão pela TV e pelo rádio para todas as escolas americanas de ensino fundamental e médio e para todo o país. O meu propósito foi destacar a educação como única forma de preparar gente competente para desenvolver o país.

Dei meu exemplo de estudante pobre, filho de mãe solteira que não tinha recursos nem condições de me colocar em escola paga e que me acordava às quatro e meia da manhã para me dar aulas extras. Falei das responsabilidades dos professores, que precisam ser os principais motivadores para o sucesso educacional dos seus alunos, e das mensagens de otimismo e de autoconfiança que precisam impregnar nas crianças para que elas possam vencer seus desafios e para que saibam que errar faz parte da aprendizagem. Destaquei também o papel dos pais e das famílias para o sucesso educacional e também da sociedade como um todo, colaborando nas iniciativas que visam o desenvolvimento educacional. E é lógico que considere toda a responsabilidade do meu governo de valorizar o papel dos diretores e professores para que os estudantes de todos os níveis alcancem seus objetivos de se tornarem ótimos cidadãos.

Com sinceridade e com toda a franqueza, uma coisa que me intrigou outro dia mostrada pelos meus assistentes foi um vídeo da Rede Globo do Brasil ([Estudantes de Bom Jardim sofrem com situação precária de escolas](#)) revelando o calamitoso estado das escolas do Maranhão, sem as mínimas condições de infraestrutura, na cidade de Bom Jardim, a 280 quilômetros de São Luís, capital do estado. O teto é de palha, as paredes são de barro e as duas únicas salas são divididas apenas por uma lona. Ali estão alunos da 6ª à 9ª séries do ensino fundamental, estudando juntos. O piso é de terra batida. Também não há energia elétrica, refeitório ou cozinha para preparar e servir o lanche das crianças. A escola não tem sequer banheiro de verdade: o que tem é um cercado de palha. O pior de tudo isto, senhor presidente, é que me disseram que o Maranhão é um estado dominado por um ex-presidente da República e sua família por mais de quarenta anos.

Digo mais para o amigo: se as condições e o tempo não permitirem que se faça um estupendo plano de educação para seu país, reforme

pelo menos as escolas em situação iguais a essa, que será lembrado eternamente como o governante mais atinado com a educação.

Isso me faz refletir e aconselhar que o alicerce do desenvolvimento sócio-cultural-político-econômico necessário para transformar o Brasil num país com solidez em seu desenvolvimento global sustentável contínuo é a Educação. É esse o grande desafio que você tem pela frente, uma vez que não há um sistema educacional em consonância com a realidade brasileira. Educação como processo de mudanças através do conhecimento, da criatividade e da inovação, acessível a todo e qualquer cidadão, de qualquer faixa etária.

Pensar em Educação desde o Ensino Básico, acolhendo crianças de dois a cinco anos, dará os subsídios necessários para a qualidade tão esperada nos demais níveis de ensino. Nessa fase, entre o lúdico e o aprender a fazer, as descobertas são incríveis e as respostas rápidas, alimentando a curiosidade pelo novo. A escola tem que ter o olhar para o tempo real e o imaginário infantil, pois é nesse universo que vivem as crianças.

Uma das maiores responsabilidades de um líder é a de motivar e proporcionar as melhores condições para que todos aqueles a quem lidera possam evoluir para melhorarem e vencerem na vida. O seu maior desafio será contribuir significativamente para melhorar as condições de vida dos brasileiros, permitindo que possam vencer essa árdua e dura luta. Sua maior responsabilidade é envidar os máximos esforços para proporcionar o melhor nível de Educação para que o país possa ter progresso.

Eu mesmo, e certamente você também, para chegarmos até aqui, estudamos muito e tenho convicção de que o conhecimento adquirido, da escola primária até a universidade, foi a principal razão para estarmos hoje ocupando o maior posto dos nossos países. E é essa competência educacional que você precisará propiciar aos seus estudantes.

As famílias brasileiras devem ter certeza de que o maior legado que podem deixar é a Educação. E, por isso, é preciso que, em cada lar desse país, mães e pais tenham como principal compromisso a responsabilidade de prestar toda e qualquer assistência para que seus filhos e seus descendentes recebam a melhor Educação que for possível.

Essa luta você tem que liderar porque vivemos em pleno século 21, onde o conhecimento é o recurso mais importante para o desenvolvimento econômico, humano e social. Quem sabe um dia o Brasil possa se tornar o país dos estudantes, formado por cidadãos com alta capacidade de análise e pensamento crítico a partir do estudo aprofundado da língua portuguesa e da leitura e interpretação de textos. Alinhados à habilidade de resolver problemas aprendidos em ciências e em matemática para curar doenças como o câncer e a Aids e para desenvolver novas tecnologias de energia e de proteção ao meio ambiente.

O Brasil precisa das ideias e do pensamento crítico gerados a partir do estudo da história e estudos sociais, para ajudar a combater a pobreza, a miséria, o crime e a discriminação, possibilitando a criar um país mais justo e mais livre. Vai precisar da criatividade e da inventividade dos brasileiros para desenvolver e abrir novas empresas que gerem empregos e impulsionem sua economia de forma consistente e sustentável.

Com boa educação, o Brasil dará goleada em todos os países do mundo na geração de descobertas científicas, curas de doenças, patentes e novas tecnologias que revolucionem para o bem a vida de milhões ou bilhões de pessoas no planeta, contribuindo assim para a construção de uma sociedade mais colaborativa, inclusiva e justa.

O Brasil precisa deixar de ser um país de futuro, para ser um país protagonista em construir o mundo do futuro, melhor, mais equili-

brado, sem fome, miséria e pobreza, sendo assim um país da Educação. E meu desejo é, sem dúvida, que o presidente seja o timoneiro seguro para isto acontecer.”

Usei a ficção para mostrar que só a educação salva o Brasil. Boa sorte e que Deus o ilumine a abraçar esta causa e que Deus abençoe o Brasil.

O DESAFIO DE TRANSFORMAR O ENSINO BÁSICO ATÉ 2022

(24/05/2016)

[ACESSE AQUI](#)

A preocupação com o impacto que as mudanças tecnológicas podem causar no processo de ensino-aprendizagem impõe a área da educação a compreender as transformações do mundo, produzir o conhecimento pedagógico para auxiliar o homem a dominar a tecnologia em benefício do progresso.

SAMPAIO e LEITE, 2000, *op cit* SANTOS, 2012, p. 9.

Aspectos e mudanças muitas vezes nos passam despercebidos e isso pode fazer toda a diferença. Para ilustrar a afirmativa, a Suíça era o país que dominava o mundo da relojoaria na década de sessenta, com mais de cem anos de reconhecida experiência. Eles detinham cerca de 65% do mercado mundial. Dez anos depois, a fatia de mercado havia caído para menos de 10% e nos três seguintes tiveram de demitir 50 mil dos seus 65 mil relojoeiros. Hoje, que nação domina a relojoaria no mundo? O Japão, que na década de 1960 não tinha nenhum mercado.

Como puderam os suíços ser tão rapidamente derrotados? A resposta é dolorosamente simples: voltaram a zero com a mudança de paradigma. Muitos estão usando esse novo paradigma no pulso agora: relógios de quartzo, totalmente eletrônicos, movidos à bateria, incrivelmente versáteis, mais precisos do que os mecânicos. Eles merecem ser o novo paradigma de marcação do tempo, uma ideia

brilhante! Quem inventou o relógio de quartzo? Foram os próprios suíços, em seus laboratórios de pesquisa. Mas quando os pesquisadores apresentaram a ideia aos fabricantes, em 1967, ela foi rejeitada.

Afinal, o relógio não tinha engrenagens, não tinha mola mestra, e, portanto, nunca poderia ter futuro. Eles nem patentearam o invento. Mais tarde, aqueles pesquisadores mostraram o relógio ao mundo no congresso anual de relojoaria. A Texas Instruments, dos Estados Unidos, e a Seiko, do Japão, estavam lá, deram uma olhada e o resto é história.

Admitamos: no Brasil ainda temos uma agenda educacional que deveria ter sido executada no século passado. Estamos sempre vendo o urgente e não o importante.

Pensar no que surgirá nas próximas décadas é um exercício de muitas reflexões, sobretudo sobre quais devem ser as políticas necessárias hoje para garantir a educação que queremos no futuro. E educação implica na exigência de políticas e garantias.

O mundo é um desafio de mil faces proposto ao homem, e suas leituras se transmutam – ora podem partir de uma referência histórica, ora do emprego de uma figura de linguagem, ora do diálogo com outros textos.

Enfim, o mundo é composto por elementos explícitos e implícitos que atuam simultaneamente, exigindo do homem um olhar sempre apurado.

Antes de tudo, então, precisamos perceber e conhecer o mundo à nossa volta, as pessoas, os sinais, as imagens, os sons. Precisamos fazer um reconhecimento do contexto que nos cerca e de tudo o que procuramos compreender e comunicar. Precisamos, portanto, olhar e ver o mundo!

É preciso ter consciência de que a transformação do mundo se dá pelo conhecimento e o conhecimento é sempre construído pelo próprio sujeito, com base em suas referências, crenças e valores que moldam sua percepção. Ou seja, só consegue ver o que as estruturas que construímos permitem e com isso apalpar realidades sem vaticinar.

Não há bola de cristal na educação. O que devemos é impor um domínio de leituras do mundo.

O fato, e a realidade, é que precisamos adotar o urgente e o importante agora, consagrando aos jovens condições que estimulem habilidades e competências para o século 21, que não tem similaridade com nenhum outro na linha temporal. E tudo isso já está esboçado pelo consórcio ATC21S – Collaborative Problem Solving, liderado pela Universidade de Melbourne em colaboração com governos, organizações internacionais, pesquisadores, empresas e instituições de ensino, definindo as competências em quatro categorias:

- maneiras de pensar (criatividade e inovação, pensamento crítico, resolução de problemas, tomada de decisões, capacidade de aprender a aprender e metacognição),
- ferramentas para o trabalho (tecnologia da informação e alfabetização digital),
- formas de trabalhar (comunicação e colaboração) e
- maneiras de viver no mundo atual (cidadania, responsabilidade pela própria vida, desenvolvimento profissional, pessoal e social).

Para os países em desenvolvimento, o desafio é enorme ao se pretender transformar a Educação, de modo a se ajustar no século 21. Os currículos de hoje não preparam totalmente os alunos para viver e trabalhar na atual sociedade. Como resultado, os empregadores de hoje são muitas vezes confrontados com trabalhadores recém-for-

mados, que não possuem as habilidades práticas que é preciso para criar, construir e ajudar a sustentar um negócio rico em informações.

Apesar da leitura, da escrita, da matemática e das ciências serem os grandes pilares da educação de hoje, os currículos devem ir mais longe para incluir habilidades, tais como a colaboração e a fluência digital que irá preparar os alunos para os desafios do século 21. O estabelecimento de novas formas de avaliação pode começar com uma mudança fundamental na maneira como abordamos a educação em todo o mundo.

Os formuladores de políticas educacionais necessitam de informações precisas sobre as habilidades da população estudantil. A coleta de dados por meio de avaliação é um componente crítico. Por isso, o ATC21S tem o desenvolvimento de métodos para avaliar habilidades que servirão de base para os currículos do século 21, com ênfase na comunicação e colaboração, resolução de problemas, alfabetização em TICs na sala de aula. O ATC21S oferece recomendações curriculares para os sistemas educativos para apoiar uma força de trabalho educacional. Traduzindo essas habilidades para a sala de aula, será moldado o desenvolvimento econômico e social dos países e comunidades para os próximos anos.

É o que se pretende e deseja. Particularmente no Brasil, por questão de ótica, estamos nos mexendo contra ou a favor pelo Plano Nacional de Educação? Uns dizem que vamos com ele até 2025. Os operadores estão com a palavra.

Enquanto isso, a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) adota uma concepção de competências socioemocionais que envolve as capacidades de atingir objetivos (perseverança, autocontrole, entusiasmo para alcançar objetivos), de trabalhar com os outros (cordialidade, respeito, cuidado) e de gerir emoções (calma, otimismo e confiança).

É tarefa hercúlea conciliar habilidades, competências e capacidades diante de uma fragmentação das agendas e atuação dos movimentos sociais. São tantos os cenários que dificilmente se conseguirá avanços porquanto existe pouca vontade política para reduzir desigualdades, o que resulta a manutenção de políticas sociais compensatórias. A educação é massificada e a escola formal quase não tem inovação, em todos os sentidos.

Senão vejamos, em 40% dos municípios brasileiros não tem secretarias de educação; doze estados brasileiros não possuem planos estaduais de educação; em 74% das cidades usam a indicação política para nomear o diretor da escola; todo mês são 172 professores que pedem demissão no Estado de São Paulo.

No dia 16 de junho, o MEC deve divulgar o documento que vai subsidiar o debate sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Tentativa de definir o que deve ser ensinado no país, partindo de um pressuposto: quais são as competências e habilidades que um estudante brasileiro deve ter para navegar com autonomia no século 21?

Enquanto isso, o “Common Core Standards”, maior sucesso do plano educacional do Presidente Obama já em andamento, avalia os conhecimentos dos estudantes americanos cobrando-lhes padrões de alta qualidade em matemática, inglês, artes e compreensão de textos. São metas de aprendizagem em que cada um deve conhecer e ser capaz de dominar ao final de cada ano escolar. E na conclusão os formados do ensino médio devem ter habilidades e conhecimentos necessários para ter sucesso na faculdade, em sua carreira e vida. Atinge 42 estados e o programa pode ser visto no <http://www.corestandards.org>.

E no Brasil, estamos cada vez mais distantes dos bons resultados alcançados pelos demais países devido à morosidade, à desconfiança de novas propostas e às constantes mudanças no desenho

nunca completado das prováveis políticas públicas para uma educação de qualidade.

BRASIL: EM TUDO SOMOS DIFERENTES, PARA O BEM OU PARA O MAL

(31/05/2016)

[ACESSE AQUI](#)

A educação contribui para o crescimento econômico de várias formas. A principal delas se dá pela capacitação da força de trabalho que assim, se torna mais apta a absorver, reproduzir e desenvolver tecnologias. Com a mão de obra mais qualificada, aumenta a produtividade marginal do trabalho e o efeito é a expansão da renda das empresas e, em termos agregados, o maior ritmo de crescimento da economia.

Marcos Cintra

Infelizmente, não há receitas para recuperar o *plus* do manjar branco da avó nem do arroz com feijão da mãe. Podemos até reproduzir a receita *ipsis litteris*, mas o resultado deixa aquela “frustração afetiva”, a melancolia do “não ficou igual”. Querer copiar receitas educacionais de outros países pode gerar sentimentos parecidos ou até produzir efeitos catastróficos se não se levar em conta a idiossincrasia das culturas.

Estamos já acostumados a ouvir, e respeitar, o “milagre” que ocorreu com a Coreia do Sul. Com a economia em frangalhos e uma população iletrada, esse país asiático era, na década de 1950, um país paupérrimo, desprovido de recursos naturais e, aparentemente, sem futuro. Hoje é a décima quinta potência econômica mundial,

um gigante de manufatura e exportador de tecnologia de ponta. A grande aposta desse tigre asiático foi o investimento em educação.

A partir do nada, a Coreia do Sul apostou no que tinha: seu povo. Governo e famílias, em conjunto, perceberam o valor da educação e nela investiram maciçamente. Essa aposta resultou na formação de engenheiros e de operários necessários para desenvolver uma base manufatureira sobre a qual a economia pudesse florescer.

Na Coreia do Sul, o sistema priorizou inicialmente a educação primária. Só quando esta se tornou universal, o governo passou a destinar recursos para o segundo e terceiro graus. Além de um plano de carreira consolidado, os professores sul-coreanos recebem altos salários e o status dos professores é resultado da relação que a sociedade possui com a educação.

Como já disse, essas não são receitas *ready made*, mas podem orientar a “virada de mesa” brasileira, a mudança necessária para nossa adequação à sociedade do conhecimento.

Ainda enfrentamos, é certo, neste novo milênio, mazelas de países subdesenvolvidos, como bem destaca o professor Raulino Tramontin, crítico e observador da educação nacional, que, dia desses, me dirigiu cumprimentos por artigo postado neste blog sob o título O desafio de transformar o ensino básico até 2022: “Temos problemas crônicos de evasão, abandono e repetência ocasionados pela miséria, falta de socialização, falta de estímulos, falta de aptidão dos professores e por aí afora, sem falar na fome. Assim, só podemos lançar mão de experiências estrangeiras mais como exemplos de iniciativa, pois nosso sistema político é outro, nossa economia é outra, nossos costumes são outros, nossa cultura é outra, para o mal e para o bem”.

Como mudar esse nosso quadro? Temos, como povo, de empreender nossa “reprogramação cerebral”. Por que é tão difícil mudar o

status quo? Porque dá trabalho. A troca de padrão de comportamento exige toda uma reprogramação do cérebro para substituir um antigo costume por outro, exige a criação de novas conexões entre os neurônios. A tarefa é difícil, mas não impossível.

Cidadania, espírito crítico, criatividade, cooperação, trabalho sério e duro são palavras-chave para reprogramar o “complexo de vira-lata” do nosso povo, alcunha estimulada por migalhas, pela xepa governamental, que cria “programas” que não engajam o cidadão a querer mudar estruturalmente a sua situação. Não é possível erradicar a pobreza, extrema ou moderada, pela pura e simples transferência de renda. É preciso melhorar a capacidade das pessoas de se manterem em empregos de qualidade, o que só será possível com educação.

O exemplo da Coreia do Sul pode nos redimir: lá a educação não foi vista como gasto, mas como investimento. Investimento ao qual a sociedade como um todo – governo, professores, pais, estudantes e demais atores sociais – se dedicou com afinco (diria até com patriotismo, palavra quase em desuso por aqui não fossem ações da Lava-jato, que nos fazem acreditar que o Brasil ainda tem jeito).

No Brasil, aumentar o valor destinado à educação é fundamental como motor para o rápido crescimento econômico. Mas, para essa proposta não parecer café requentado, temos de repensar seriamente nossa concepção de educação e de formação docente com um norte magnético a ser perseguido por todos: qua-li-da-de. Qualidade não como meta deste ou daquele governo, mas como necessidade precípua para nosso desenvolvimento socioeconômico. Qualidade a ser aferida em todos os níveis por meio de controle e seriedade constantes.

Acredito em algumas medidas de valorização educacional que dizem respeito à concentração de recursos no ensino fundamental, até sua

universalização (ao contrário do que fazemos hoje); ao incentivo aos melhores alunos (a Coreia do Sul recruta entre os melhores discentes do ensino médio os professores do fundamental, e dá a eles bons salários e estímulos para progresso na carreira); aos salários e ao bom ambiente de trabalho para os docentes; à atração de empresas para parcerias financeiras com universidades e desenvolvimento de polos universitários voltados para alta tecnologia; à maior permanência nas escolas (o tempo de permanência na Coreia do Sul é de dez horas diárias, o dobro do Brasil); à participação dos pais e familiares nas atividades escolares.

Para o sociólogo italiano Domenico De Masi, o brasileiro – por sua flexibilidade, capacidade de lidar com a adversidade, abertura à diferença e à engenhosidade – tem um grande potencial criativo, que se exprime com muita força nos aspectos da produção imaterial. Por isso, tem certa facilidade em pensar fora da caixa, mas, por vezes, lhe faltam a disciplina, o rigor e a tenacidade para dar concretude às ideias e transformá-las em inovações científicas e tecnológicas.

Aí está o campo aberto ao papel da educação, que deve evoluir para trabalhos multi, inter e transdisciplinares. Para De Masi, os novos pensadores, integrando conhecimentos, serão os inventores de uma nova etapa pós-industrial, de um novo humanismo, ajudando também a criar uma nova “cabeça” brasileira.

Só a educação – formal ou informal, mas pensada para este século pós-industrial – pode conferir poder aos indivíduos e criar um Brasil melhor, tanto no aprimoramento social quanto na escolha dos seus representantes políticos, com políticas educacionais consistentes e duradouras, instituições sociais e políticas robustas nas áreas críticas – financiamento, currículo, formação de professores, avaliação e gestão.

A IMPORTÂNCIA DA CRIATIVIDADE EM TODOS OS NÍVEIS EDUCACIONAIS

(07/06/2016)

[ACESSE AQUI](#)

A criatividade é o recurso mais fecundo com que o homem, desde sempre, procura dominar seus inimigos atávicos: a fome, o cansaço, a ignorância, o medo, a feiura, a solidão, a dor e a morte. Em cada esquina do planeta, em cada fase da sua evolução, a criatividade humana consegue atribuir uma forma ao caos e dar um significado as coisas. (Do livro “Criatividade e Grupos Criativos”, de Domenico De Masi)

É a segunda vez que repito a epígrafe do Professor De Masi em meus artigos, porque ela representa, em sua essência, a melhor afirmação que conhecemos sobre o valor da Criatividade como promotora da civilização. Somos o que somos porque um dia alguém precisou resolver um desafio para sobreviver.

É recente o estudo da criatividade nos diversos países como motivadora do desenvolvimento humano e social. O mundo tem tantos problemas que só mentes treinadas para vencer desafios serão capazes de solucioná-los. Em todas as áreas do planeta terra, quer no plano pessoal, no empresarial, na administração pública, no meio ambiente ou na melhoria da qualidade de vida, o mundo está carente por melhores soluções que privilegiem o bem-estar de todos.

Criatividade é uma das características mais mencionadas nas listas

de competências desejáveis para um líder ou profissional se destacar de maneira geral. Mas o que significa criatividade? De forma simples: é a capacidade de apresentar soluções alternativas para problemas conhecidos e saídas inovadoras para problemas novos. Enquanto isso, inovação é a criatividade transformada em “produto”, “serviços”, etc. Criatividade é pensar algo novo, enquanto a inovação é fazer esse pensamento se concretizar.

Para cada uma das milhares de atividades do ser humano é possível estabelecer competências criativas. Sendo assim, o termo é tão difuso quanto tais iniciativas: na educação, no mundo corporativo, na economia, na lavoura etc.

A importância da criatividade começou a ser mundialmente observada desde 2006, por ocasião da cerimônia de abertura do Fórum Econômico Mundial, realizado em Davos, Suíça, quando o presidente do evento falou sobre a necessidade de se desenvolver essa competência para se encontrar novas soluções para os desafios seculares que atingem a humanidade. Ele ainda destacou que não haveria mais como resolver as questões problemáticas atuais do mundo tomando-se como referência acontecimentos do passado. Seria preciso, portanto, um novo olhar, o que só poderia acontecer se fosse usada a competência criativa das pessoas.

Essa referência provocou a Comunidade Europeia a se mobilizar para em seguida marcar o ano de 2009 como o “Ano da Criatividade e da Inovação”, ocasião em que 35 países europeus se reuniram para discutir e disseminar esse conceito no continente.

A partir daí, pode-se afirmar que o real conceito sobre criatividade começou a ficar muito mais conhecido em todo o mundo. Embora de forma discricionária, vários conceitos foram disseminados: desde que a criatividade era importante só para as artes, como que a criatividade servia para tudo, passando a ser referência para qualquer

área: escola criativa, desenho criativo, comida criativa, aula criativa e por aí vai.

De nada adianta ter bastante conhecimento, ideias e capacidade de avaliação se as atitudes mobilizadoras para o processo criativo não estiverem ativadas. Essas referências são justamente aquelas que fazem com que o indivíduo se motive, participe, intervenha nos mais diferentes processos e cenários da existência. São elas que nos fazem desafiar as adversidades e nos sentirmos úteis, com a nossa vida em contínua expansão.

As constantes transformações pelas quais passa o mundo atual com o avanço da tecnologia, com a internet, dentre outras novidades, tem provocado mudanças profundas, permitindo que se estabeleçam novas dinâmicas de relacionamentos, negociação, trocas de experiências e conhecimento.

Hoje já não é mais possível olhar para os acontecimentos do passado e buscar soluções para o presente. Por conta disto, é preciso inovar continuamente em todos os cenários, como cultura, educação, tecnologia, negócios. E, para que isso ocorra, é fundamental resgatar a criatividade inerente a todo ser humano e que foi “escondida” face aos modelos educacionais arcaicos e seculares. Resgatar e desenvolver, pois a mesma é a parte inicial do processo que culmina com a nova realidade dos tempos atuais.

Por que o debate sobre a criatividade é importante no presente? Quem pergunta é Fernando Viana, presidente da Fundação Brasil Criativo, em artigo publicado no [Infonet](#) em 20/5/13, destacando sete aspectos:

Porque a criatividade humana é um talento que não pode ser transferido seja para pessoas, seja para economias em grande escala.

Porque a criatividade ao ser considerada uma competência fundamental para a economia e não uma competência marginalizada poderá ajudar a motivar, reconhecer e fundamentar novos modelos de negócios e processos organizacionais.

Apesar de escrever sobre criatividade em dezenas de artigos aqui publicados, podemos afirmar que o seu conhecimento como uma competência fundamental ainda não está consolidado e, de uma maneira geral, busca-se a inovação sem antes preparar a cultura da instituição, empresa, comunidade ou território para o pensamento criativo (que é a etapa inicial do processo criativo cujo resultado final será a inovação).

Num mundo em constante transformação, a criatividade vem sendo encarada como uma competência para desenvolver estratégias a melhorar o desempenho das empresas, a colaborar para regenerar cidades e territórios através dos resultados que vêm sendo obtidos com a Economia Criativa, favorecendo não só a revitalização da economia local, como a inclusão social, aumento da renda média das pessoas e causando grandes impactos positivos na sociedade. Portanto, a criatividade se tornou uma força propulsora do crescimento econômico e essa transformação baseia-se na inteligência humana, no conhecimento e na criatividade e faz uso de novas matérias primas que englobam informação, propriedade industrial, capital criativo e capital intelectual humano como elementos essenciais para a sobrevivência e crescimento econômico na era da concorrência global.

A criatividade ao ser entendida como a capacidade de produção que se manifesta pela originalidade inventiva e inovadora é a habilidade de ver o mesmo que toda gente, mas pensar de forma diferente.

Embora a criatividade sempre tenha sido considerada uma competência fundamental para os avanços tecnológicos e os descobrimentos, atualmente, a convergência de muitos fatos importantes no pla-

neta fizeram com que a criatividade se tornasse um ativo econômico diferencial.

A criatividade é fundamental não apenas para os setores ligados a intelectualidade, ciência e arte, mas em toda economia e em todos os setores; daí a ideia de que uma classe “criativa” perde o seu efeito, pois todas as pessoas são criativas e a criatividade humana pode ser resgatada e desenvolvida. Justifica-se, então, a necessidade de se discutir intensamente a sua importância e preparar talentos criativos para a realidade contemporânea.

É preciso ter consciência de que pela criatividade o homem tem transformado o mundo. Fica então o questionamento: estamos produzindo esses hábitos mentais, estimulando a criatividade e a colaboração em nossos estudantes?

Em tempos difíceis como os atuais, no cenário econômico e político, qual é a motivação passada nas salas de aula e percebida pelos gestores educacionais. Para não dizer que nada, em 21 de julho do ano passado, o intelectual e ex-ministro da Educação, Renato Janine, baixou a [Portaria 751](#) instituindo um Grupo de Trabalho (GT) responsável pela orientação e para o acompanhamento da iniciativa da Inovação e Criatividade na Educação Básica brasileira. Com gente nova na área que conhece “o metier” pensamos ser uma grande oportunidade para resgatar a causa e tratar a Criatividade com a relevância necessária.

CASO MOGI DAS CRUZES: O MARKETING, OS NÚMEROS E A VIDA ALÉM DA SALA DE AULA

(14/06/2016)

[ACESSE AQUI](#)

Aldo, 28, ex-futuro engenheiro da Universidade Mogi das Cruzes; Ana Carolina, 21; Camila, 24; Damião, outro ex-futuro engenheiro, da Universidade Braz Cubas; Daniel B; Daniel D., 25; Daniela, 24; Gabriela, 22; Guilherme, ex-quase engenheiro, 29; Janaína, ex-futura farmacêutica pela UMC; Lucas, 20; Maria, 22; Natália, 23; Rafael, ex-futuro analista de sistemas pela UMC; Rita de Cassia, ex-futura enfermeira pela UMC; Sonia, 43.

Esses são alguns dos universitários, ex-futuros profissionais, que, lamentavelmente, morreram no terrível acidente de ônibus ocorrido na estrada Mogi-Bertioga no dia 9 de junho passado.

Estudantes como os seus, como os meus, como os de todas as nossas instituições. Tais quais nossos filhos, sobrinhos e netos. Jovens que sonhavam com um futuro melhor e estudavam e trabalhavam para isso. Tragédia maior não podia ser.

Fico pensando em quantos sonhos e projetos de vida foram interrompidos, não apenas por elas e por eles, mas também por suas famílias que colocavam nesses jovens suas esperanças de um futuro e de uma vida melhor. Pedreiros, corretores de imóveis, atendentes de farmácia, funcionários de prefeitura, cabeleireiras, vendedoras de loja, auxiliares de informática, desenhistas e trabalhadores de todos os quadrantes que labutavam em atividades modestas durante o dia e cursavam escolas noturnas na busca de um futuro mais promissor.

O esforço diário de sair depois do trabalho para frequentar a universidade em cidade próxima, ou nem tanto, não é pequeno. Percorrer todas as noites numa ida e volta constante mais de 80 quilômetros de estrada, dos quais pelo menos metade em serra perigosa, com riscos a cada curva, não é tarefa fácil. Não é para qualquer um. É para quem realmente apostava que poderia ter um futuro melhor, para si e para suas famílias, acreditando que, com o conhecimento adquirido e com o esforço de seu trabalho, o porvir exitoso valeria a pena suportar esse trajeto diariamente durante pelo menos 4 anos de suas vidas.

Os jornais trouxeram fotografias e comentaram o acidente e, como era de se esperar, saiu no Fantástico entrevista com os familiares, com os policiais que fizeram o atendimento na noite e com os responsáveis da transportadora. Mas nada vai além disso. Exploram-se os fatos, mas não se aprofundam nas causas e consequências.

Assim como em Mogi, estudantes espalhados por todo este Brasil precisam se deslocar diariamente das cidades onde moram para a localidade onde estão suas escolas e faculdades. Transportados pelos mesmos ônibus de segunda categoria, pelas mesmas estradas esburacadas e serras tortuosas e correndo os mesmos perigos. E, lógico, estão correndo os mesmos riscos de se tornarem notícia fatídica de jornal e apenas isso, se ninguém ousar encontrar solução.

Só que isso não pode acontecer mais!

O que nós, mantenedores, podemos fazer para ajudar as famílias daqueles que partiram? Oferecer nossa solidariedade, nosso apoio incondicional, nosso luto? Nada disso vai servir para mitigar as dores das perdas. Como gestores de instituições educacionais, temos que fazer mais. Precisamos refletir sobre o ocorrido e procurar encontrar uma saída.

E como os departamentos de Marketing das instituições podem contribuir para encontrar soluções de modo que tragédias como essas não ocorram mais? O Marketing de Captação precisa reconhecer que trabalhamos com seres humanos e não apenas com números de alunos matriculados. Faz parte também do bom Marketing pensar no aluno além da sala de aula.

Aliás, no livro *Marketing Estratégico para Instituições Educacionais*, Phillip Kotler e Karen Fox (editora Atlas) enfatizam que o principal objetivo da área não é só captar estudantes, matriculá-los e evitar que abandonem os cursos, é preciso também que se tornem não apenas profissionais de sucesso, mas, principalmente, que sejam cidadãos e cidadãs plenos em todos os aspectos. Apontam que o estudante deve ser visto como cliente por toda a vida.

É máxima de Marketing que as empresas devem pensar em estratégias que busquem a fidelização do cliente em sua inteira existência, adaptando-se aos diferentes hábitos de consumo, necessidades e desejos, de acordo com o ciclo de vida da família, desde a época de solteiro, chegando até os dias de avós aposentados.

O que fazer com o nosso Marketing que só pensa em números? A realidade dos estudantes brasileiros, o cenário do macroambiente do país e sua desigualdade social fazem de boa parte deles verdadeiros heróis com duplas ou triplas jornadas de trabalho, para conseguirem o tão almejado diploma de ensino superior, às vezes mais desejado do que a sonhada casa própria. O Marketing precisa pensar nessas pessoas.

E o que o Marketing das IES que têm alunos transportados como esses que foram vítimas do acidente devem fazer, sem grandes reservas em seus orçamentos anuais? Proponho aqui algumas ideias para que sejam amadurecidas:

- Exigir que a legislação que controla o transporte de veículos que servem seus alunos seja efetivamente cumprida e que a Prefeitura ou o Estado exerçam com rigor o policiamento das estradas.
- Influir para que os alunos conheçam melhor estes prestadores de serviços.
- Criar manual de orientação sobre os cuidados que os usuários devem ter ao contratarem os serviços e também para não viajarem em ônibus ou vans que não estejam regularizadas nos órgãos competentes.
- Exigir das transportadoras a contratação de seguros para os passageiros.
- Orientar a instituição para acompanhar se de fato todo este processo está acontecendo.
- Para o Fórum das Entidades Representativas do Ensino Superior Particular cabe conseguir lei específica para o transporte de universitários.

Com estas e outras providências é certo que podemos contribuir para evitar acidentes como os da estrada Mogi-Bertioga. Estaremos colaborando para que esses jovens e suas famílias não tenham seus sonhos interrompidos. E assim também os marqueteiros estarão de fato cumprindo o papel de ir além da captação alunos, mas garantir também sua permanência e a formação não somente de profissionais, mas, acima de tudo, de cidadãos, com a garantia de seus direitos constitucionais.

VISIONÁRIOS DA EDUCAÇÃO

(21/06/2016)

[ACESSE AQUI](#)

Colombo era um grande visionário que empreendeu uma viagem de meses na esperança de encontrar uma nova rota às Índias, mesmo que todos achassem isso improvável. Einstein, por registrar teorias à frente de seu tempo sem ter a tecnologia apropriada para testá-las.

Ao falarmos em educação, sempre damos exemplos de nosso meio ou de grandes vultos internacionais. Estamos frequentemente a reboque de outros países que já conseguiram resolver boa parte dos problemas do setor educacional.

Assumirmos a responsabilidade pela educação hoje é algo imprescindível, pois já está provado que, se deixarmos a missão apenas na mão do estado, dificilmente conseguiremos atingir os patamares desejáveis.

Atualmente, os rankings constantemente publicados, com avaliações em todos os níveis e graus, nos mostram que, apesar das diferenças nas estruturas, na composição curricular, podemos fazer comparações entre os índices de produtividade alcançados por cada país e também o quanto investem em educação.

E aí começa a reflexão, pois, em termos de investimentos, até que o Brasil despense bastante com educação. Todavia, o que acontece com esses investimentos é o grande problema. Ninguém controla.

Temos uma máquina pública velha, com costumes arcaicos, com pessoal despreparado e já fora de sua época orientando os destinos da educação.

Não temos um projeto para o futuro. Tudo funciona aos pedaços e sem foco. E o que acontece? Educadores verdadeiramente comprometidos e preocupados fazem planos, investem em programas de treinamento, reúnem secretários, professores e tentam de todas as formas incentivar para que haja mudanças na gestão, na organização e nas metodologias do que se está ensinando. Mas, apesar de tudo isso, a educação segue apresentando sérias deficiências e não consegue se aprimorar, até mesmo nos estados considerados mais ricos.

Exemplo disso hoje está na polêmica na Base Curricular Nacional comum que ainda encontra resistências para ser aprovada e, pelo andar da carruagem, vai demorar muito para se tornar realidade.

A propósito, me vem à mente o episódio que é atribuído a Bill Gates em que ele foi convidado a falar para adolescentes em uma escola. Sabemos como foi a vida escolar de Gates, suas dificuldades e como conseguiu superar tudo isso. Essas 11 regras a ele atribuídas dizem bem e servem de corolário ao que pretendemos dizer como arautos da educação.

Conta-se que Bill Gates chegou à escola em seu helicóptero, tirou do bolso um papel e o leu para os alunos em menos de cinco minutos; pegou seu helicóptero e foi embora, pois seu recado já fôra dado. E o que ele disse:

- 1º *A vida não é fácil – acostume-se com isso.*
- 2º *O mundo não está preocupado com a sua autoestima. O mundo espera que você faça alguma coisa útil por ele ANTES de sentir-se bem com você mesmo.*

- 3° *Você não ganhará R\$20.000 por mês assim que sair da faculdade. Você não será vice-presidente de uma empresa com carro e motorista à disposição antes que você tenha conseguido comprar seu próprio carro e ter feitos algumas barbeiragens.*
- 4° *Se você acha seu professor rude, espere até ter um chefe. Ele não terá pena de você.*
- 5° *Vender jornal velho ou trabalhar durante as férias não está abaixo da sua posição social. Seus avós têm uma palavra diferente para isso: eles chamam de oportunidade.*
- 6° *Se você fracassar, não é culpa de seus pais. Então não lamente seus erros, aprenda com eles.*
- 7° *Antes de você nascer, seus pais não eram tão críticos como agora. Eles só ficaram assim por pagar as suas contas, lavar suas roupas e ouvir você dizer que eles são “ridículos”. Então antes de salvar o planeta para a próxima geração querendo consertar os erros da geração dos seus pais, tente limpar seu próprio quarto.*
- 8° *Sua escola pode ter eliminado a distinção entre vencedores e perdedores, mas a vida não é assim. Em algumas escolas você não repete mais de ano e tem quantas chances precisar até acertar. Isto não se parece com absolutamente NADA na vida real. Se pisar na bola, está despedido... RUA! Faça certo da primeira vez!*
- 9° *A vida não é dividida em semestres. Você não terá sempre os verões livres e é pouco provável que outros empregados o ajudem a cumprir suas tarefas no fim de cada período.*
- 10° *Balada NÃO é vida real. Na vida real, as pessoas têm que deixar o barzinho ou a boate e ir trabalhar.*
- 11° *Seja legal com os CDFs (aqueles estudantes que os demais julgam que são uns babacas). “Existe uma grande probabilidade de você vir a trabalhar PARA um deles.”*

Eis um exemplo de um visionário extraordinariamente preocupado com a formação da juventude e que deu seu recado, provavelmente inspirado em sua própria história.

Outro fato interessante de Bill Gates foi a declaração sobre seu professor preferido: Salman Khan, idealizador e professor da ONG [Khan Academy](#). Este é mais um sonhador que tem tido sucesso e está mobilizando milhares de alunos e professores com sua inovação.

Criado em setembro de 2006, o canal de Khan foi elogiado por **Bill Gates**, cujos filhos eram visitantes assíduos do acervo com mais de 3 mil videoaulas disponíveis. A maior parte do material é focada em exatas (matemática, finanças, física e química), mas há tópicos da área de humanas, como história e arte, entre outras disciplinas.

Atualmente, os conteúdos são oferecidos até em português, graças à Fundação Jorge Lemman, criada pelo maior empresário brasileiro que lhe dá o nome, também outro visionário que testemunha que a Educação é base para tudo. Lemman é preocupado com a formação de talentos e tem desenvolvido um número expressivo de ações concretas para promover a educação em todos os níveis aos nossos estudantes (até pós-graduação no exterior).

No Brasil existem outras iniciativas particulares promovendo a educação básica, como Fundação Ayrton Senna, Todos pela Educação, Fundação Estudar, Parceiros da Educação, Fundação Bradesco e Fundação Pitágoras. É certo que há também algumas ONGs com este mesmo objetivo de apoiar a educação. Mas atividades com este objetivo ainda são poucas e insuficientes para promover a educação brasileira tal como é necessário. Precisamos de muito mais!

Para sairmos do entrave atual, é imprescindível que outros vencedores em suas áreas de negócios colaborem com iniciativas que visem impulsionar a educação em nosso país. Em todos os níveis e graus.

Quem se candidata a ser mais um visionário para salvar a Educação Brasileira?

FESTANÇAS ESTUDANTIS ASSUSTAM VIZINHANÇA DAS UNIVERSIDADES

(28/06/2016)

ACESSE AQUI

Quem não é mais jovem e sempre morou nas periferias de São Paulo vai se recordar de que a rua era o espaço por excelência da sociabilidade, do lazer e da convivência. Com a chegada do asfalto, vieram também muitos carros e se instituiu como verdade o discurso de que a rua é lugar perigoso e violento. Para muitos adultos, as políticas culturais só se justificam se for para “tirar os jovens das ruas”. Para os jovens, ao contrário, suas ações culturais só têm força e sentido quando acontecem na rua, no espaço público.

Renato Souza de Almeida¹

Ganhou as páginas dos noticiários, inclusive nas emissoras de rádio e de TV, o “pancadão” que vem ocorrendo no bairro paulistano de Perdizes, mais exatamente no entorno da PUC – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo ([Pancadão na frente da PUC lota rua de Perdizes e atormenta os vizinhos](#)). A situação, que se repete há meses, intranquiliza e atormenta moradores, estudantes, transeuntes e até vizinhos mais distantes do local. O apoio sonoro leva nomes originais: Equipe Tenebrosa, Savoca, Pancadão Suave e outros.

¹ [O rolezinho da juventude nas ruas do consumo e do protesto](#), por Renato de Souza Almeida – mestre em Antropologia, professor da Faculdade Paulista de Serviço Social (Fapss), assessor do Instituto Paulista de Juventude (IPJ) e coordenador do Programa de Valorização de Iniciativas Culturais (VAI) da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.

O local não tem muita semelhança com o sambódromo, com uma quadra de escola de samba, com a cracolândia ou com os espaços habituais para encontros ou lazer. Mas guarda de cada um desses ambientes a característica plural de uma torre de Babel: música no último volume em caixas de som espalhadas pelo quarteirão, uma multidão de jovens bebendo e usando drogas, sujeira que amanhece em ruas e calçadas. Vizinhos reclamam ainda de pessoas urinando em suas portas e, não raro, fazendo sexo no meio da rua.

E não é somente nesse bairro em que acontece tal balburdia. Tornou-se lugar comum às sextas-feiras e vésperas de feriados o enojado “pancadão universitário”, como são conhecidos estes folguedos, no meio das vias onde se localizam as faculdades. Logicamente bem servido com muitos ambulantes e indivíduos dispostos a nutrir a bebedeira e o consumo de drogas.

O “pancadão” da PUC pode estar bastante distante da periferia, mas, tanto lá quanto aqui, carros carregam em seus porta-malas potentíssimas caixas de som capazes de fazer tremer as edificações no entorno e irritar quem quer descansar e tem direito de escolher a própria programação musical.

Para desalento maior, tal rotina é comum entre universitários de quase todas as instituições de ensino superior de São Paulo. Morar próximo a faculdades virou um tormento, pois elas não estão rodeadas de livrarias, nem sequer de bancas de jornal, mas sim de *botecos*.

Enquanto em países vizinhos estudantes se organizam constantemente em prol da melhora da qualidade de ensino (que está em queda em muitos locais, mas que, ainda assim, estão em um nível muito superior à educação brasileira), aqui no Brasil nossa “elite intelectual”, a “nata cultural”, organiza pancadões. E as instituições educacionais, que por um bom tempo se calaram em busca de paz e cordialidade junto aos alunos, já sentem que a situação escapou do controle.

Sem apontar os culpados, a nossa sociedade, na qual nos incluímos todos, não soube transmitir os mínimos princípios de cidadania, com seus direitos e deveres, em que a principal motivação, acima de tudo, inclui o respeito ao próximo, à propriedade e ao espaço de convivência. Os especialistas vão dizer que na capital paulista não existem espaços para lazer e recreação e que os nossos planejadores só pensaram em carros, shoppings e condomínios fechados. Aliás, a característica de todas as cidades brasileiras é de carência de espaços públicos para lazer, 90% delas com mais de 500 mil habitantes e uma desorganização total na distribuição dos espaços urbanos para desfrute dos moradores, graças a décadas de omissão dos poderes públicos.

Solução? Mais uma vez, repito: educação. Educação sintonizada no século XXI. Criatividade, inovação, colaboração, cidadania, pertencimento e solidariedade têm o poder de transformar o indivíduo, a cidade, a sociedade.

Quando a escola, por meio de sua atuação, formar cidadãos conscientes de que a rua é um espaço urbano onde a articulação eficiente entre atividades sociais e artísticas, indústrias culturais e governo é capaz de produzir uma efervescência cultural, pancadão não será mais problema. A urbe que vai emergir daí será a cidade criativa, que desenvolve, atrai e retém talentos, promove diversidade social, aumenta a oferta de empregos, gera maior conhecimento entre cidadãos, aumenta o potencial criativo de empresas e instituições, atrai mais turistas e, assim, contribui significativamente para a economia da cidade e para a qualidade de vida de seus cidadãos.

Precisamos, todos, fazermos nossa parte. As alternativas são muitas, mas os caminhos sempre passam pela educação.

O MUNDO PRECISA QUE O SISTEMA EDUCACIONAL FORME PROFISSIONAIS COMPETENTES E CRIATIVOS

(5/07/2016)

[ACESSE AQUI](#)

“A verdade é que quanto menos informações inúteis colocarmos na cabeça de nossos alunos, mais espaço sobrá para as grandes ideias.”

Lev Landau¹

Estudo lançado em 2015 pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) mostrou que a taxa de desemprego entre pessoas que não concluíram o ensino médio é quase o triplo da taxa entre pessoas que terminaram o ensino superior. O levantamento analisou dados de 44 países, entre eles o Brasil, para entender a relação do tempo de estudo com as taxas de desemprego. Entre as pessoas de 25 a 64 anos de idade que têm diploma de graduação, a taxa média de desemprego é de 5,3%. Já entre os que não concluíram o ensino médio, a taxa sobe para 13,7%. Outro recorte do estudo mostrou que entre os mais jovens, com 25 a 34 anos, um em cada seis não possui habilidades consideradas essenciais para se desenvolver na sociedade atual, como domínio de con-

¹ Lev Davidovich Landau (1908-1968) físico e matemático soviético. Recebeu o prêmio Nobel de Física de 1962, por sua teoria da matéria condensada, em particular do hélio líquido.

teúdos de matemática e de língua materna esperados para alguém que concluiu o ensino médio. Não é nenhuma nova descoberta, mas é a realidade atual.

Em matéria da Revista Veja publicada em janeiro de 2015 ([Baixa escolaridade triplica chance de desemprego, diz OCDE](#)), Andreas Schleicher, diretor da área de educação da OCDE, aponta que “ter um em cada seis adultos jovens que chegam à vida adulta sem qualificações é um grande risco para o mercado de trabalho e para a sociedade”. Ele complementa que “o progresso tem de ser alcançado em toda a escala educacional, priorizando a parcela da população jovem com menos instrução”.

A Veja sinaliza ainda que, segundo o relatório, a principal maneira de reverter a situação é fortalecer a educação básica, melhorar a formação de professores e criar políticas para incentivar os jovens a concluírem seus estudos. Conselho que todos dão, mas que as nossas políticas educacionais não conseguem implantar.

O desenvolvimento tecnológico dos processos de produção na indústria, na construção civil, na agricultura e nos demais segmentos, ao garantir maior produtividade, dificulta, por outro lado, a inclusão no emprego de trabalhadores com menor grau de instrução. Assim, eles são excluídos definitivamente e vão para a informalidade ou para trabalhos com salários cada vez mais baixos.

Temos um paradoxo: enquanto faltam empregos para a maioria da população, não há profissionais qualificados para as empresas.

As novas tecnologias, que alavancam o crescimento econômico, também aumentam o desemprego estrutural, substituindo o trabalho humano por máquinas e equipamentos modernos comandados por sistemas informatizados e automatizados.

Atualmente, esta realidade é suprida por pessoas de talento que podem ser treinadas para as novas necessidades de mercado em constante mutação. Mas os caminhos para o enfrentamento desse problema passam não só por políticas que assegurem garantias aos trabalhadores (salários, jornadas de trabalho, etc.), como também pela criação de condições de formação profissional adequada aos novos tempos e preparados e capacitados a enfrentar as novas tecnologias e operar instrumentos mais complexos.

Diante dessas mudanças ocorridas no âmbito do mercado, aliadas às necessidades de incremento na competitividade das empresas, o papel e a função social da educação crescem de importância, tornando-se elemento de preocupação e gerando a necessidade de revisões nas políticas e práticas educacionais.

As empresas passam a exigir profissionais competentes, proativos, flexíveis, dotados de iniciativa e criatividade para lidar com problemas inesperados, capazes de exercer com proficiência a comunicação digital e oral e predispostos ao aprendizado contínuo e por toda a vida. O mercado está consciente de que se deixar de investir no próprio aprendizado estará fadado à desatualização e poderá “perder o trem da história”.

Portanto, o aprender passa a ser um ato que se estende para além dos bancos escolares – redefine-se o papel da universidade, da família, dos grupos sociais e dos indivíduos que irão construir suas trajetórias profissionais. Aprender como se aprende ou aprender a aprender torna-se a grande tônica da atualidade. As instituições educacionais e as agências de formação, antes de tudo, precisam estar atentas a esta questão, transformando-a em meta a ser perseguida.

Diante desse contexto, emerge a importância da empregabilidade. Este “novo” conceito consiste no conjunto de conhecimentos, habilidades, comportamentos e relações que tornam o profissional neces-

sário não apenas para uma, mas para toda e qualquer organização na sociedade contemporânea.

Assim, empregabilidade está diretamente relacionada à aquisição de novos conhecimentos e habilidades capazes de assegurar um posto dentro ou fora de qualquer organização. A empregabilidade é a capacidade do indivíduo de adequar-se a novas exigências através do aprendizado contínuo para desenvolver novas habilidades que o tornam necessário não apenas para uma, mas para toda e qualquer organização.

E o grande desafio que as instituições educacionais têm é de estarem atentas a estas mutações e sensíveis à realidade de um mundo cada vez mais competitivo, onde as empresas, para serem bem administradas, precisarão cada vez mais de profissionais competentes e preparados para solucionarem seus problemas de desenvolvimento.

TALENTOS DESPERDIÇADOS

(12/07/2016)

[ACESSE AQUI](#)

Encontrar uma criança superdotada é tão importante quanto descobrir um poço de petróleo ou uma mina de diamante.

Clara Sodré¹

Início de ano gozando férias no litoral baiano, fui visitar amigos em Imbassai, à margem da Estrada do Coco. Na conversa de final de tarde, a menina Alzira, de seis anos, neta do caseiro, se intromete no que dizíamos e, por assombro nosso, falando sem parar, discorre sobre futebol, artistas de televisão e história do Brasil. Incomodada, a avó pede desculpas a todos e diz que a neta é assim mesmo “deseducada” e não sabe onde ela aprende “estas coisas”. Na realidade, uma criança com extraordinário talento verbal completamente desperdiçado.

No Brasil, anualmente, perde-se 41 mil toneladas de alimentos, segundo Viviane Romeiro, coordenadora de Mudanças Climáticas do *World Resources Institute* (WRI) Brasil, uma instituição de pesquisa internacional. Isso coloca nosso país entre os dez que mais desperdiçam alimentos no mundo.

Fosse só esse escandaloso desperdício, já poderíamos ser tachados de irresponsáveis. Mas a tragédia brasileira vai criminosamente além.

¹ Clara Sodré é doutora em educação especial pela Columbia University, de Nova York, e diretora do Instituto Lecca, do Rio de Janeiro, que cria oportunidades de desenvolvimento e inclusão para crianças, jovens e suas famílias.

Fala-se muito do desperdício de comida, desperdício de água e similares. Mas pouco se fala no desperdício de talentos. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que entre 3% e 5% da população brasileira seja superdotada. Ou seja, os superdotados estão espalhados pelas salas de aula e por todas as classes sociais, independentemente de cor e gênero.

Uma pessoa superdotada (o conceito mais apropriado é o de alta habilidade) é aquela que demonstra capacidade acima da média em uma disciplina específica ou em várias. Trata-se de estudantes com habilidades acima da média em artes, matemática, ciências, liderança, esportes ou português. Valorizam-se, assim, as mais diferentes habilidades, porque, na verdade, existem diferentes tipos de inteligência.

Para definir os alunos com altas habilidades, não se considera apenas o teste de QI, criticado por boa parte dos especialistas da área de educação para superdotados por avaliar apenas a capacidade de raciocínio lógico e vocabulário acima da média. São levados em conta também os conceitos apontados pelo psicólogo americano Howard Gardner, da Universidade de Harvard, que considera oito tipos de inteligência: verbal, musical, matemática, espacial, corporal, intrapessoal, interpessoal e naturalista (capacidade de compreender os fenômenos naturais).

A psicóloga Ângela Virgolim, professora do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento da Universidade de Brasília (UnB), elaborou este elucidativo infográfico sobre os diferentes perfis da superdotação, no qual se percebem alguns dos diferentes tipos de inteligência.

MAIS DE UMA HABILIDADE
Os diferentes perfis da superdotação – e seus mais ilustres representantes

HABILIDADES ARTÍSTICAS
Música clássica e modas caipiras pareciam algo muito distinto até Villa-Lobos resolver aproximar ambas e criar as "Bachianas Brasileiras". O maestro brasileiro é um dos casos em que talento artístico especial e ímpeto criativo aparecem na mesma pessoa

HABILIDADES DE LIDERANÇA
Mahatma Ghandi é um bom exemplo. Sua liderança veio, em grande parte, por sua capacidade de descobrir e ressaltar o que de melhor há nas pessoas. Sua atitude cooperativa e capacidade verbal também eram admiráveis

HABILIDADE INTELCTUAL GERAL
É o caso do físico inglês Stephen Hawking, que se destacou pela sua alta capacidade de pensamento abstrato, curiosidade intelectual e poder excepcional de observação dentro da área em que pesquisa

HABILIDADE PSICOMOTORA
Nem só de estudos acadêmicos ou criações artísticas ou científicas se fazem as pessoas com altas habilidades. O talento pode estar no modo como a pessoa se expressa por meio de seu corpo. Um exemplo na área é o Rei Pelé

HABILIDADE DE PENSAMENTO CRIATIVO
Um ícone é Leonardo da Vinci e sua incrível capacidade para inventar. Outra característica do pintor-inventor comum a quem possui esse perfil é a dedicação de tempo para desenvolver suas ideias

Fonte: Ângela Vigcolin (Instituto de Psicologia da UInB)

A escola, porém, não está preparada para lidar com esses indivíduos. Sem conhecimento adequado, proliferam mitos e preconceitos sobre as crianças com altas habilidades dentro das escolas brasileiras. Um deles é o de que esses meninos e meninas são casos raríssimos de prodígios ou gênios com grande conhecimento – o que não é necessariamente verdade.

Trabalhar com alunos com altas habilidades requer, antes de tudo, derrubar alguns mitos. Por exemplo, o da famosa loira Jayne Mansfield, que na década de 1960 era só conhecida por seus exuberantes 102 centímetros de busto, mas tinha um QI de 163 (pessoas com QI mais alto do que 140 são consideradas geniais), tocava violino e piano, era comediante e sabia falar cinco línguas.

Mas, esclarecendo, os chamados superdotados não são gênios com capacidades raras em tudo (só apresentam mais facilidade do que a maioria em determinadas áreas) e o fato de terem raciocínio rápido não diminui o trabalho dos professores que os instruem. Ao contrário, eles precisam de mais estímulo para manter o interesse

pela escola e desenvolver seu talento. Caso contrário, podem até se evadir da escola ou serem cooptados pelo crime, como ocorre com inúmeros criminosos, cujas potencialidades não foram aproveitadas na escola.

Por isso mesmo, alunos com altas habilidades também devem ser alvo de uma educação inclusiva na rede regular de ensino, precisam de uma flexibilização da aula para que suas necessidades particulares sejam atendidas. Hoje, nos contextos escolares, eles estão invisíveis, são pouco notados por seus educadores e, por conta dessa pouca percepção de suas habilidades, de seus interesses e de suas necessidades, têm pouco acesso aos serviços educacionais especializados.

As escolas, especialmente as públicas, não sabem identificar os superdotados. Nem muito menos como ajudá-los. Como, muitas vezes, não suportam a rotina escolar, os alunos altamente habilidosos são desprezados e punidos. E, não raro, tratados com antidepressivos.

Nosso maior desperdício é o de talentos em geral. Isso se torna ainda mais grave diante dessa multidão de indivíduos que nasceram com uma altíssima propensão ao talento. Se as estatísticas estiverem corretas, estamos falando de cerca de 10 milhões de estudantes. Jogamos fora o que temos de melhor – e, não raro, alguns deles acabam sendo recrutados pelo que existe de pior.

Negligenciar o desenvolvimento desses talentos não é prejudicial apenas para eles. Ao agir dessa forma, o Brasil perde, no mínimo, boas oportunidades. Sem investir em programas para altas habilidades, perdem-se líderes, invenções, profissionais com potencial para se tornarem nomes de destaque em diversas áreas do conhecimento.

E nós, gestores, dirigentes, coordenadores e professores de escolas, o que estamos fazendo para valorizar as habilidades e não desperdiçarmos nossos grandes talentos?

ONDE MORA O TALENTO

Dez comportamentos comuns em crianças com superdotação



1 Aprende fácil e rapidamente e costuma apresentar vocabulário excepcional

2 Original, imaginativo e criativo. Muitas vezes resolve as coisas de jeito não convencional

3 Amplamente informado e muitas vezes conhecedor de assunto pouco comuns

4 Persistente e independente, costuma fazer coisas por conta própria

5 Persuásivo, é capaz de convencer os outros

6 Muitas vezes, é pouco tolerante com tolices

7 Pergunta muito, é muito curioso e costuma ter insights

8 Tem habilidades nas artes, em áreas como música, dança, desenho ou outras atividades

9 Tem excelente senso de humor, por vezes bem irônico

10 Resiste à rotina e à repetição

Fonte: Susana Pérez Barrera Pérez (Conselho Brasileiro de Superdotação)

VOCÊ TAMBÉM PODE SER CRIATIVO

(19/07/2016)

[ACESSE AQUI](#)

“A cultura geradora da criatividade e a pessoa potencialmente criativa são dois componentes necessários para a criatividade acontecer. O indivíduo e a cultura fazem parte de um processo sinérgico extremamente dinâmico. Eles são coexistentes e interdependentes. Nenhuma das duas partes pode coexistir sem a outra”.

Domenico de Masi – Criatividade e grupos criativos

Na nossa tradição cultural, a maioria das pessoas pensa que a criatividade é um dom divino, que alguns predestinados nascem dotados para serem grandes artistas, músicos, arquitetos, escritores, cientistas, inventores ou empresários de sucesso. Pouca gente se dá conta de que criatividade é atividade que pode ser treinada, ensinada e desenvolvida, como acontece com quase tudo na vida e que só surge depois de muito trabalho, capacitação, treinamento e suor.

A escola tem um papel fundamental nesse processo. Porém, em vez de atuar como a grande incentivadora de novos projetos a serem desenvolvidos por seus estudantes, muito pelo contrário, cerceiam o novo por estar atavicamente presa ao passado.

Desconexão maior não pode haver diante do cenário atual e do mundo competitivo. Vivemos em um momento no qual o maior desafio das empresas é desenvolver novos produtos e serviços para o meio ambiente e o equilíbrio sustentável, de modo que o ser humano consiga ter melhor qualidade de vida. Especialmente no Brasil, estamos carentes de soluções criativas para poder deslançar.

Há também um detalhe pouco percebido: o indivíduo criativo está ligado a uma área específica do conhecimento, embora sua formação ou vivência tenha até origem diversa. Como a inovação tem seu berço na criatividade, aproveitamos as ideias expostas por Lidi Ferreira do Project Hub em [“Qual é o segredo da criatividade? 8 líderes em inovação respondem”](#), em que diretores de inovação e tecnologia de grandes empresas brasileiras foram entrevistados sobre o tema. Vamos analisar por partes.

Richard Chaves, diretor de inovação e novas tecnologias da Microsoft Brasil, formado em Computação e pós-graduado em Gestão de Negócios, diz que o profissional de inovação precisa ter com clareza a razão de seu trabalho e o objetivo que o mesmo representa na comunidade. Para atuação criativa é importante estar sempre trocando ideias com pessoas muito diferentes o que lhe permite perceber oportunidades até então invisíveis.

Carlos Tadeu da Silva, diretor de Tecnologia de Refrigeração e Ar Condicionado da Whirlpool Latin America, salienta que, para ser um bom profissional de inovação, a pessoa precisa ser organizada e ter método. Ao contrário do que muita gente pensa, criar não é um processo caótico, pelo contrário, é muito racional. “O que não pode é ter medo de errar, ou só propor ideias que ‘fazem sentido’”, diz ele.

Outro entrevistado é Rony Sato, gerente de tecnologia e inovação da Basf para a América do Sul, engenheiro químico, pós-graduado em Biotecnologia e Administração Industrial. Com experiência em mediação de workshops de inovação, acredita na importância da diversidade das propostas e das ideias. “É preciso dar oportunidade para que todos se expressem e tragam pontos de vista muitas vezes antagônicos sobre o assunto”. Outra característica importante é que o profissional precisa estar envolvido emocionalmente com a missão do projeto.

Na visão de Camila Durlacher, diretora de P&D da 3M do Brasil, química com pós-graduação em Gestão estratégica e inovação, acredita que soluções originais e viáveis dependem sempre de trabalho coletivo. O compartilhamento de opiniões diversas auxilia a encontrar soluções para as questões que temos de resolver. “Sem colaboração, fica muito difícil ter uma ideia realmente boa”.

Segundo Eduardo Canejo, gerente sênior de Inovação da Samsung da América Latina, engenheiro mecânico com pós-graduação em Estratégias de Inovação, a pessoa precisa procurar ter todas as informações que podem dar subsídios à possível solução. “Você precisa ter um amplo leque de referências para fazer associações de ideias”. Ele afirma ainda que “quanto maior o seu repertório, mais facilmente você poderá cruzar áreas do conhecimento e chegar a novas conclusões”.

Daniel Rosa, gerente de Desenvolvimento para TV e Mídia da Ericsson, engenheiro Eletricista, pós-graduado em Desenvolvimento de software, acredita que é preciso ter liberdade de expressar ideias e autonomia para agir e não ter medo do fracasso. “Se você só aposta em projetos seguros, não rompe com nenhum paradigma”, explica. “A inovação começa com ideias loucas, absurdas”.

Caito Maia, presidente da Chilli Beans Brasil, é formado em Música e criou a maior rede especializada em óculos escuros da América Latina. Ex-líder de banda de rock, diz que a polêmica sobre alternativas diferentes são ingredientes importantes para a inovação e que não tem receio de ideias extravagantes. “Para alimentar o meu espírito inovador, me cerco de gente que respira criatividade, como publicitários, arquitetos e designers”.

Graciela Tanaka, diretora de Operações do Grupo Netshoes, formada em Ciências da Computação, acredita que a criatividade para elaborar novos produtos e serviços precisa estar atenta com a

necessidade de seu consumidor. “É importante apoiar-se nas tecnologias já empregadas e acreditar que sempre é possível melhorá-las”.

Resumindo, podemos dizer que criatividade é propor ideias e descobrir relações entre coisas conhecidas, mas que tenham propósitos. As ideias não nascem à toa, elas precisam ser sistematizadas e compartilhadas dentro do repertório das experiências de cada participante de um projeto. Há ainda a necessidade de diversidade.

A ideia nunca nasce pronta e, por isso, especialmente nas empresas, é preciso que haja um ambiente de total liberdade para serem expostas e não se pode temer o fracasso. A tecnologia também deve ser um aliado e servir de suporte.

Concluimos que a característica essencial do criativo é a curiosidade por tudo que está acontecendo, sempre predisposto a investigar novas áreas e estar apto a correr riscos. A criatividade é um hábito mental que precisa ter constância para poder aflorar. É lógico que a motivação e cultura criativa são importantes, sem esquecer-se da máxima de Thomas Edison que diz que em toda a inovação há 1% de sorte e 99% de transpiração.

OS CAMINHOS DA INOVAÇÃO

(26/07/2016)

[ACESSE AQUI](#)

“Atrelar Inovação à estratégia empresarial exige entendimento de que a via de diferenciação baseada em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) é longa e repleta de sobressaltos. Abandonar projetos significa perda de energia, de capital e de competitividade”.

Ediane Tiago - Valor Especial

A palavra de ordem hoje em dia é inovar! Falar de inovação virou mantra; todos a citam e a prescrevem. O termo viralizou e ocupa uma posição de destaque em todos os negócios de todos os setores. Todos falam em inovação, que é preciso inovar, que é preciso criar, imaginar e por aí afora. Afinal, todos buscam inovação para crescer, desenvolver e aumentar seus resultados. No atual mundo competitivo, quando se pensa em inovação, raciocina-se como uma necessidade estratégica de negócio, seja ele qual for.

O Valor Econômico publicou neste mês o especial “[Valor Inovação Brasil](#)”. O suplemento traz a segunda edição do anuário produzido em conjunto com a consultoria Strateg& e apresenta as cem melhores empresas brasileiras classificadas como inovadoras. Não foi com surpresa que a Embraer ficou em primeiro lugar. Ela investe mais de R\$ 1 bilhão por ano em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) para cruzar a fronteira da tecnologia e avançar no mercado global.

Analisando a estratégia da empresa, verifica-se que 5,6% de seu faturamento são aplicados em inovação; ela possui oito centros de

pesquisa, sendo três no exterior; 533 patentes nacionais e internacionais; 200 funcionários em P&D e 50 parcerias. Mas o mais surpreendente é que ela tem uma equipe de engenheiros especializados pensando o futuro 15 anos à frente. Os resultados disso tudo está aí nos produtos que fazem sucesso no mundo inteiro no campo da aviação civil e militar.

Seguindo a lista das empresas mais inovadoras, as nove seguintes são: 3M; Natura; Whirlpool; Itaú Unibanco; Grupo Boticário; Weg; Bradesco; Embraco e Ambev. A publicação traz ainda os destaques setoriais numa lista de cem empresas. E chama a atenção na pesquisa a listagem dos principais problemas apontados por elas relacionados a inovação:

- Distanciamento entre empresas e universidades – 31
- Falta de política de incentivos 31
- Cultura da inovação – 27
- Burocracia – 15
- Qualidade de mão de obra e do ensino – 23
- Custo Brasil – 17
- Falta de investimento do setor privado – 16

No nosso meio Educacional, a conta no terreno da inovação comparativamente está no vermelho apesar de excelentes iniciativas de algumas instituições de pesquisa que já acumulam duas dezenas de patentes e inovações, mas que no universo universitário, estatisticamente, é pouco representativo.

Onde está o problema?

Ao nosso ver, está no nosso próprio ambiente conformista, pois ninguém gosta de arriscar e a política que predomina é a de importar e copiar produtos e serviços, por sermos avessos a criar, inovar e arris-

car. Os resultados da pesquisa aqui mencionada evidenciam isso quando aponta o distanciamento entre empresas e universidades. Também influenciam a ausência de política de incentivos e a burocracia. Temos, porém, que reconhecer que o problema maior reside na ausência da Cultura de Inovação. Falta ao sistema educacional brasileiro o embasamento da criatividade para vencer desafios, o que precisa estar inculcado na mente dos alunos, desde o ensino fundamental ao universitário. Ninguém inova nada se não tiver a mente alinhada e treinada com a naturalidade dos desafios. Isto leva tempo até transformar-se em costume e tradição.

Não apostamos nem acreditamos em inovação, apesar de falarmos o contrário nos discursos, e isso fica evidente nos investimentos realizados. Conversando com dirigentes de dezenas de instituições de médio e grande porte, se perguntarmos quantos pesquisadores são pagos para pensar, a pergunta pode causar espanto. Pagar para pensar? Sim, quem tem visão estratégica precisa ter pesquisadores e especialistas dedicados a pensar o amanhã e a desenvolver inovação, pois, sem ela, não podemos pensar cenários futuros e vamos ao sabor da onda. E por que isso acontece? Porque somos imediatistas, queremos resultados rápidos, queremos caixa e não investimos no futuro.

Precisamos refletir: como ocorre a inovação? Ela ocorre através de um processo de criatividade de experimentação e exploração contínuos de ensaio e erro e muito suor e imaginação. Então, lamentavelmente, em nosso universo do ensino superior particular estamos atrasados, pois não é meia dúzia de instituições que se destacam que vão representar todo o setor.

Falta diálogo; falta procurar clientes que queiram desenvolver produtos e soluções em outros ambientes que não a sala de aula. E um trabalho metódico, quando saímos de nossa zona de conforto e começamos a questionar “e se pensarmos diferente, o que acontece?”.

Desarmar o espírito é o primeiro passo para se libertar e começar a pensar de forma diferente, ter outras visões das coisas, de como elas acontecem e por que acontecem. Temos que nos desafiar a cada momento e é aí que o espírito da criatividade e da inovação começa a nascer, crescer, se desenvolver e a produzir frutos.

Deixo aqui uma recomendação: vale a pena ler a revista [Inovação Brasil](#), pois ela nos apresenta cenários alternativos de mais de cem empresas que inovam em alguma área. Talvez isso nos impressione e comecemos a pensar em investir em inovação alocando especialistas para pensar. Eles não são inúteis nas Faculdades, nos Centros Universitários e na Universidades desde que lhes sejam propostos desafios para um espaço temporal no futuro.

Como desejo que minha instituição esteja daqui a dez anos? No que ela estará focada? Que produtos e serviços ela estará oferecendo? Para quem, de que forma e com que qualidade?

O caminho é uma densa floresta a ser explorada e precisamos de exploradores. Precisamos mudar de atitude, o modo de encarar resultados. Precisamos voltar a sermos aprendizes aceitando os erros e acreditando que somos capazes de encontrar os melhores caminhos para desenvolver nosso sistema educacional e para atender aos reclamos das empresas pesquisadas que estão no topo das inovadoras.

O desafio está posto. Pensar de forma criativa no dia a dia sem medos não só exige mudanças organizacionais, mas, principalmente, de mentalidade. É preciso acreditar em ideias novas e no poder de fazer acontecer.

SEM CRIATIVIDADE NÃO EXISTE INOVAÇÃO

(02/08/2016)

[ACESSE AQUI](#)

“Vivemos um tempo promissor, embora a visão de mundo materialista prevaleça. O século XXI abre para um novo paradigma baseado na física quântica e na primazia da consciência sobre a matéria. E um dos aspectos centrais dessa mudança é a criatividade.”
Amit Goswami – PHD em Física Nuclear pela universidade de Calcutá

Em dois artigos anteriores que escrevi para o blog ABMESeduca, tratei da visão que alguns empresários têm sobre o tema inovação. Citei exemplos de profissionais de prestígio das empresas Microsoft, 3M Brasil, Whirlpool, Basf, Ericsson, Chilli Beans e Samsung, que estão inovando em suas áreas de atuação (Saiba mais: [Você também pode ser criativo](#)).

Mostrei também a pesquisa publicada no especial Valor Inovação Brasil, do Valor Econômico, que traz a lista das 10 empresas brasileiras mais inovadoras, na qual a Embraer é a primeira, seguida por 3M, Natura, Whirlpool, Itaú, Unibanco, Grupo Boticário, Weg, Bradesco, Embraco e Ambev (Saiba mais: [Os caminhos da inovação](#)).

Contextualizei que a inovação é setorizada e que a criatividade a precede, ou seja, não há inovação sem antes ter havido criação, questionamento e imaginação. Antes vem a ideia para a solução e depois a ação.

Foi sempre assim desde os primórdios da civilização, quando o homem, há milhões de anos, começou a pensar em como sobreviver, como se comunicar e usar a força dos braços e da mente para vencer os tremendos desafios da natureza.

Recorro ao que escreveu De Masi em seu livro “[Criatividade e Grupos criativos](#)” (Ed. Sextante), citando que Deus, depois de ter criado o dia e a noite, o mar e as estrelas, o sol e as montanhas e após moldar do barro o primeiro casal, os chamou e disse: “o mundo está feito, porém, para lhe dar continuidade, vocês vão precisar construir tudo o que ainda falta.” E o homem fez o fogo para aquecer os alimentos e a ele próprio nas intempéries. Criou as ferramentas para auxiliá-lo no trabalho, a roda para o transporte e as máquinas para a produção de massa. E tudo que existe no mundo até hoje começou com um desafio resolvido por pensamento criativo.

A primeira demonstração civilizatória foi a agricultura. A segunda, a revolução de 1870, trouxe a divisão do trabalho, a eletricidade e a produção em massa. A terceira, de 1969, moveu o homem para as ferramentas eletrônicas com a tecnologia da informação e a produção automatizada com destaque para os voos espaciais.

A quarta revolução, que vivemos agora, na opinião de Klaus Schwab, *chairman* do Fórum Mundial de Davos, une mudanças socioeconômicas e demográficas e terá impactos mundiais nos modelos e formas de fazer negócios e no mercado de trabalho. Para ele, as mudanças são tão profundas que o mercado de trabalho será afetado dramaticamente.

Porém, a grande ameaça aos empregos não está mais na indústria, como nas revoluções passadas, os *softwares* inteligentes estão chegando ao setor de serviços. Eles são capazes de dirigir veículos, atender clientes em serviços de telemarketing, preencher formulários de Imposto de Renda, etc.

Hoje o maior capital que todos precisam adquirir é o capital criativo, porque as mentes mais lúcidas de todos os países já perceberam que a criatividade é o maior investimento que as nações precisam fazer para erradicar a pobreza, superar as crises de escassez dos recursos naturais e, principalmente, atuar de modo que a administração pública encontre caminhos para uma gestão mais transparente sem “petrolões” e sem trapaças.

À luz desta nova realidade, o físico indiano Amit Goswami demonstra claramente de onde vêm as ideias criativas ([Criatividade para o Século 21](#), Ed. Goya), como elas se manifestam, qual a origem de nossas motivações e como podemos ampliar nossa propensão para a criatividade. Ele fornece um verdadeiro manual que integra ciência e criatividade, explicando o papel fundamental da intuição, do livre-arbítrio e das inúmeras possibilidades de escolhas criativas no desenvolvimento humano, apontando caminhos para que tenhamos uma vida mais íntegra e plena.

A inovação é específica para um setor, produto ou serviço. No ensino, por exemplo, pode-se ter em sala de aula, em corpo docente, tecnologia educacional, transporte aeroespacial e medicina etc. No entanto, a base de qualquer inovação é sempre a criatividade, porque ninguém soluciona algo se não tiver mente criativa. E mente criativa não é só dom de artista, é possível adquirir com metodologia e treinamento.

Lamentavelmente, a inovação não está nada consolidada na educação universitária. Se o segmento particular quiser ocupar algum lugar de destaque para promover inovação, deverá ir atrás de parcerias, de alianças, unir esforços e procurar empresas para dialogar, ver o que precisam e encontrar o melhor caminho para atuarem em conjunto.

Há uma excelente tese realizada pela Profa. Marta Sorelia Felix de Castro¹ que aborda a inserção da criatividade na educação. Ela cita a pouca preocupação da universidade com a questão e mostra que os professores pesquisados salientam que a criatividade deveria ser desenvolvida no processo educacional. Porém não há diretriz alguma em estimular e nem em valorizar a formação de estudantes criativos.

As instituições de ensino, em sua maioria, não estão preocupadas com esta questão e nem preparadas para desenvolver o pensamento criativo dos alunos. Já que, paradoxalmente, esse tipo de capacidade envolve características que a educação tradicional não conseguiu ainda eliminar, como divergir, arriscar, pensar no novo, intuir, dar liberdade para agir e experimentar novos caminhos.

A criatividade no ensino superior tem papel relevante na obtenção de um futuro sustentável, porque promove capacidades fundamentais para uma cultura emancipadora e de responsabilidade social. As 10 competências necessárias para viver na 4ª revolução são apontadas no relatório [The Future of Jobs](#), desenvolvido pelo Fórum Econômico Mundial. A publicação evidencia que a criatividade passa a ter uma importância maior na atualidade consolidando-se entre as competências mais valorizadas para os próximos anos.

O relatório ainda aponta para a necessidade de inovar rapidamente os sistemas educacionais, preparando as pessoas para um cenário mundial de trabalho com profundas transformações num mundo de extrema competitividade, onde a bagagem maior de cada pessoa está atrelada a solucionar os problemas que a realidade da vida apresenta a cada instante. E, para isto, o pensamento criativo tem papel preponderante, porque sem criatividade não há inovação.

¹ Mestre em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior pela Universidade Federal do Ceará (UFC), publicou o artigo “Desenvolvimento da criatividade no ensino superior: percepções da criatividade docente e discente na formação acadêmica”.

COMO A CRIATIVIDADE E A INOVAÇÃO PODEM CONTRIBUIR PARA A EDUCAÇÃO

(10/08/2016)

[ACESSE AQUI](#)

O dogma diz: "Acredite nos dados que se ajustam ao seu modelo de mundo e ignore tudo o resto". O mundo diz: "Ignore o dogma e amplie seu modelo para acomodar o mundo"

Amit Goswami

Na medida em que damos mais importância e vamos promovendo o interesse pelo universo da criatividade no meio acadêmico, aumenta a procura do conhecimento sobre o tema.

Hoje em dia, o capital criativo é considerado como processo diferenciador que permite às pessoas enfrentarem tanto os desafios de sua vida diária, como encontrar na empresa ideias alternativas para a solução de problemas e até mesmo estratégias desenvolvimentistas para novos empreendimentos da nação.

Embora no mundo a preocupação com a inclusão da Criatividade e da Inovação nos sistemas educacionais seja crescente, no Brasil são poucas as pesquisas, as experiências, as publicações e ações desenvolvidas para que a criatividade saia do domínio dos sonhos e entre na efetiva realidade do dia a dia das escolas.

Pouca gente se dá conta de que sem criatividade não existe inovação e sem esta não há desenvolvimento e nem progresso. Precisa-

mos falar e escrever mais sobre o quanto, como e desde quando, no Brasil, a ausência dessa preocupação sistematizada vem prejudicando as diversas gerações, que nunca foram sensibilizadas para pensar diferente e ficarem cientes de que na vida as soluções pouco se repetem. No dizer de Einstein, “não podemos nos comportar como os trilhos de uma estrada de ferro, que sempre vão para um mesmo lugar”.

Especialmente em nosso país, os sistemas de ensino não se preocupam nem valorizam a formação de estudantes criativos, embora haja uma corrente de educadores que defendam que a criatividade deveria estar amparada no processo educacional de maneira a possibilitar aos estudantes dar asas à imaginação na busca de novos caminhos e soluções.

Além disso, é ponto pacífico que as próprias instituições educacionais não estão preparadas para implantar metodologias para o pensamento criativo, porque seu exercício envolve erradicar posturas educacionais superadas, que não aceitam divergências e têm resistência ao risco do novo. Esse novo caminho exige audácia e não se pode ter medo de errar.

O ex-ministro da Educação Renato Janine Ribeiro no início de sua administração atribuiu à socióloga Helena Singer a missão de ser a ponte entre o MEC e o universo das experiências inovadoras em educação. Seu papel seria buscar iniciativas de referência, mapear o que seria preciso para multiplicar a experiência e fortalecer mutuamente os projetos por meio do contato entre eles.

Na época, em uma entrevista concedida a um canal de tecnologia de ensino ([Assessora de ministro quer divulgar inovação radical](#)), Helena salientou: “A inovação parcial, incremental, vem ganhando força, mas quero falar de experiências que radicalizem a forma de organizar o tempo, que trabalhem o espaço de modo totalmente

diferente – como a de escolas que não estruturam mais o currículo em cima de aulas convencionais de 50 minutos nem usam carteiras enfileiradas de frente para a lousa”, disse a socióloga. “A estrutura fechada de tempo-espaço ainda é o padrão usado pela maioria das escolas, públicas e privadas. As pessoas sabem que isso não funciona, mas não conhecem outras formas de fazer.”

Janine Ribeiro teve uma passagem meteórica pelo MEC e não deu para liderar a inclusão da criatividade como uma nova estratégia de apoio educativo. Mas, de acordo com [notícia](#) veiculada pela página “inovação e criatividade na educação básica”, iniciativa do Ministério da Educação, existiam 178 instituições educacionais brasileiras, entre organizações não governamentais, escolas públicas e particulares, com exemplos de inovação e criatividade na educação básica.

O ministro quis conhecer melhor essas iniciativas e lançou chamada pública para saber em que medida os projetos poderiam contribuir para a melhoria da qualidade da educação brasileira. O Ministério da Educação recebeu retorno de 682 entidades, que, após uma criteriosa avaliação, compuseram uma lista de 138 instituições que já trilham um longo caminho na prática da inovação e 40 organizações que estão caminhando na direção da inovação com vistas a garantir qualidade à educação oferecida. A proposta do MEC era acompanhar o desenvolvimento dos projetos.

A partir das propostas, foi traçado o perfil da inovação na educação do país. As organizações estão presentes nas cinco regiões do país e a distribuição corresponde à da população: mais da metade (50,8%) estão na Região Sudeste, seguida da Região Nordeste (21,9%), Sul (13,7%), Centro-Oeste (8,7%) e Norte (7,6%).

Do total das instituições selecionadas, 74,3% foram escolas e 25,7% eram organizações educativas que atuam na formação de crianças, adolescentes e jovens, algumas com foco específico em cultura,

comunicação, tecnologias digitais ou educação ambiental. Entre elas, 52,5% são públicas e 47,5% são particulares.

Um bom material para o MEC trabalhar ao longo dos anos seguintes. Não sem razão, é conhecida a dificuldade de adotar soluções inovadoras em massa num país com 49,8 milhões de matriculados da creche ao ensino médio, dos quais mais de 40 milhões estudam na rede pública (dados do Censo Escolar de 2014). É tarefa das mais hercúleas, que sem viabilidade de custos não saem do papel e vão com o vento numa primeira lufada.

Um grande otimismo, do tipo “agora a coisa vai”, tomou conta dos operadores da educação quando Janine Ribeiro baixou a [Portaria nº 751](#), de 21 de julho de 2015, instituindo Grupo de Trabalho responsável pela orientação e pelo acompanhamento da iniciativa para Inovação e

Criatividade na Educação Básica do MEC, tendo à frente Helena Singer. Porém, como é comum na administração pública com a mudança de cadeiras, alguns meses mais tarde, Aloizio Mercadante reassume o MEC e, dessa vez, baixa a [Portaria nº 1.154](#), de 23 de dezembro de 2015, que instituiu a Comissão de Orientação e Acompanhamento da Iniciativa para Inovação e Criatividade na Educação Básica do MEC.

Tudo igual, mas não semelhante. Hoje, não há dúvidas de que puxaram o breque de mão e o entusiasmo esmoreceu. Agora a bola da vez é a Base Nacional Comum Curricular, quando já se passaram quase dois anos da publicação da lei do Plano Nacional de Educação (PNE). Alguns otimistas acham que dá pra finalizar a questão do currículo até dezembro. Só não disseram dezembro de que ano.

De prático e de práticas, que é o combustível da criatividade, até agora nada de firme, de bom e de valioso para nossa meninada.

O mais importante de toda esta análise é que, daqui pra frente, as escolas de ensino médio não podem ficar só preocupadas em preparar seus estudantes para passarem no vestibular e as faculdades precisam ir muito além de só traçarem estratégias para seus universitários terem boas notas no Enade. O mundo lá fora não está muito preocupado com estas questões. Ele quer gente que acima de tudo tenha a capacidade de questionar; de fazer conexões, de resolver problemas; profissionais que saibam comunicar e colaborar, que tenham curiosidade e que saibam refletir criticamente.

Em que direção iremos seguir? Vamos adotar e incentivar soluções inovadoras, mesmo que isso signifique ampliar nossos modelos para nos adaptarmos ao mundo, ou seguiremos acreditando nos dados que se ajustam aos nossos modelos, ignorando todo o resto?

O PENSAMENTO CRIATIVO FARÁ A DIFERENÇA NA VIDA PROFISSIONAL

(16/08/2016)

[ACESSE AQUI](#)

“Quando observo a mim mesmo e os meus métodos de pensamento, chego à conclusão que o dom da imaginação foi mais importante para mim, que a minha capacidade de assimilar conhecimento”.

Albert Einstein

Ter ideias é descobrir relações novas entre coisas conhecidas. Para as pessoas criativas, as ideias mais simples são as melhores. Normalmente, complicamos as resoluções simples e nos distanciamos do óbvio. Fomos educados para acreditar que soluções criativas são sofisticadas e que o processo criativo é restrito a algumas áreas do conhecimento e às pessoas superdotadas.

Um grande exemplo encontra-se na área das Tecnologias. As conquistas que envolvem os meios de produção social coexistem com a revolução das tecnologias, e estão relacionadas ao modo de vida de um modelo de sociedade que, ao evoluir, cria processos tecnológicos usando criatividade e inovação. Valorizamos as tecnologias, a incorporamos em nosso cotidiano e muitas vezes subvalorizamos o valor da criatividade humana que as desenvolveram.

Vale ainda ressaltar que o processo criativo é de domínio público, ou seja, todos nós nascemos criativos. O que precisamos é aprender a trabalhar tais habilidades e desenvolver o nosso “viver criativo”

pelos hábitos e processos mentais que favoreçam ao exercício da criatividade. Socialmente construído e reproduzido nos processos educacionais, combinamos as competências criativas do ser humano ao seu desenvolvimento individual. No entanto, por exemplo, o processo criativo – a capacidade de implementar e realizar projetos, de transformar contextos e ideias em ações – é naturalmente um processo colaborativo.

Assim como a criatividade, a colaboração está no cerne da essência humana. O nosso desafio é construir uma cultura social de aprendizagem que reconheça que a criatividade deve ser uma das prioridades para estimular a colaboração e a participação produtiva das pessoas nas sociedades.

Ressalto que a motivação neste contexto se torna uma importante ferramenta de transformação, partindo do individual para o coletivo, proporcionando novas crenças e valores, para uma percepção positiva em relação ao nosso futuro enquanto sociedade e para as nossas realizações pessoais e profissionais. Afinal, todos nós temos sonhos, projetos de vida e desejamos um mundo melhor para viver. Para isso, precisamos acreditar que é possível transformar nossas realidades e que podemos usar a motivação, a criatividade e a colaboração para sermos mais fortes nesta empreitada.

É preciso ter consciência de que pela criatividade o homem tem transformado o mundo. É essa capacidade potencializada em conhecimento que deve ser disseminada para gerar valor individual e coletivo. Observar o explícito e o implícito à nossa volta deve ser um exercício diário, para que a nossa forma de pensar, de resolver problemas e encontrar soluções inteligentes não se torne mecânica e padronizada.

Mas, pensando no futuro, como estará nossa civilização? Numa visão pragmática, temos certeza de que em todas as áreas, na engenharia,

na medicina, na agricultura e em todos os domínios das ciências e da cultura, a humanidade cada vez mais estará trilhando o progresso. Porém, numa competição desenfreada movida cada vez mais pelo avanço da tecnologia, os desafios empresariais e dos governos serão maiores. Por outro lado, com o passar do tempo, a tecnologia será uma conquista e bem comum, de domínio de todos. E, neste cenário altamente competitivo, de pessoas talentosas e preparadas, a tecnologia é um commodity, e o que vai fazer o diferencial entre os profissionais será o pensamento criativo. Nos próximos anos, sem dúvida alguma, a criatividade será pré-requisito de entrada em qualquer setor.

E agora pergunto: estamos produzindo esses hábitos mentais, estimulando a criatividade e a colaboração em nossos estudantes? Em tempos difíceis como os atuais, no cenário econômico e político, qual é a motivação passada nas salas de aula? Sem dúvida alguma, a inteligência criativa será o maior capital das pessoas. É esta conscientização que desejamos passar à sociedade brasileira.

A criatividade não surge exclusivamente em indivíduos, ou culturalmente em uma sociedade, mas na interação e colaboração entre as duas. Ambos os lados são importantes: o indivíduo imagina, cria e origina novas ideias e a sociedade e sua cultura, com o apoio que inspira essas ideias, estimula e incentiva suas realizações. Nesta engrenagem cíclica, vejo a educação, enquanto componente essencial no sentido social e cultural, como fundamental para mudar a vida das pessoas pela criatividade e colaboração.

Acredito que o sistema universitário, com determinação, colaboração e criatividade, pode transformar a vida dos nossos estudantes, fazendo-os confiar em sua capacidade de construir uma sociedade melhor, acreditando fundamentalmente em seu potencial criativo de mudar o mundo.

O LEGADO DAS OLIMPÍADAS RIO 2016 PARA O FUTURO DOS NOSSOS JOVENS

(23/08/2016)

ACESSE AQUI

Resiliência, disciplina, dedicação e trabalho em equipe são competências essenciais para chegar ao pódio que também garantem boa performance no setor empresarial e ajudam o profissional a lidar com frustrações e a se manter motivado.

Fernando Mantovani

Inegavelmente foram dias muito lindos vividos nessas Olimpíadas disputadas no Rio de Janeiro. Iniciados na Grécia antiga, os Jogos Olímpicos nos fazem rememorar o desejo do homem pela superação de seus limites e a vontade de vencer as competições para demonstrar a pujança física de seus esportistas e a grandeza de suas nações.

O Brasil sediou a 36ª Olimpíada da Era Moderna em meio a muitos debates gerados por uma crise local de ordem político-econômica e ainda em clima mundial de desarmonia e terrorismo. A grandiosidade do evento gerava desconfianças tanto internamente como pela comunidade internacional, que suspeitava que não seríamos capazes de realizá-lo com eficiência. Uma Olimpíada é um evento de extrema complexidade, porque envolve uma série de fatores além de um trabalho enorme na cidade sede para preparar sua infraestrutura de recepção, hospedagem, transporte, mobilidade urbana, segurança, áreas de recreação, esportes e lazer.

Mesmo o Rio de Janeiro, que pela sua beleza natural é a mais hospitaleira cidade brasileira, precisou passar por ajustes e adequar sua malha urbana para oferecer espaços que fossem compatíveis com a dimensão evento. Todos devem se lembrar de quando o Rio foi escolhido para sediar os jogos, a ênfase das críticas tanto da mídia brasileira como da internacional, de que a cidade não tinha condições para hospedar as Olimpíadas. Manchetes destacavam que as águas da baía da Guanabara intoxicariam os velejadores e que o lixo existente quebraria seus barcos. Isso sem dizer dos roubos, assassinatos diários, da insegurança total e da invasão dos desordeiros das favelas aos locais das competições, do desconforto apavorante da transmissão do Zika Vírus.

Entretanto, chega 5 de agosto de 2016 e, com uma apoteótica abertura, o Brasil mostra em cerimônia de mais de três horas, com muita música e dança, a diversidade étnica de sua formação e a maravilha tropical que é. A equipe organizadora da festa, capitaneada pelo cineasta Fernando Meirelles, a cenógrafa Daniela Thomas e o diretor Andrucha Waddington e centenas de participantes, expõe o que é de fato o Brasil. Múltiplos recursos visuais trazendo as histórias de seus indígenas e a representação da escravidão. Os ciclos econômicos e a urbanização das grandes cidades invocam sua riqueza e sua cultura. As cenas, construídas com certo grau de realismo, amparadas por nosso repertório musical, muito bem coreografadas e iluminadas, compuseram um cenário de extremo bom gosto, bastante comovente e que lograram contar ao mundo nossa realidade sem complexos, pudores ou ufanismos.

Pode-se dizer que a festa aplacou os temerosos, calou os descrentes e elevou a estima dos brasileiros: lavou a alma!

Não descreveremos o legado urbanístico de um Rio todo modernizado e transformado que estas Olimpíadas deixaram. É uma cidade

completamente renovada e ampliada e com espaços de convivência que nenhuma cidade brasileira possui. Vamos nos ater ao exemplo que os atletas deixaram para os estudantes brasileiros e aos jovens em geral, que, a meu ver, é o maior legado que permanecerá como exemplo para a nossa mocidade: a ousadia de perseguir objetivos e alcançar sucesso em suas metas de vida.

Estes moços e moças representam na atividade esportiva o que de melhor existe no mundo. São todos fora de série, sem dúvidas. Possuem atributos e aptidão para a atividade física como ninguém. Mas também precisam ter perseverança para conseguir seus objetivos e ter disciplina rígida em suas atividades. Quantos erros cometidos, quantos tombos e quantas “voltas por cima”. Quantas decepções e cabeça altiva para correr atrás da vitória e, derrotado, precisar começar tudo de novo.

Porém, além de precisar diariamente superar o cansaço corporal de infindáveis horas de treinamento, eles também passam pelos mesmos desafios que temos para vencer nossas batalhas diárias. Assim como todos nós, precisam ter a motivação para seguir em frente para conquistar os nossos objetivos de vida.

Temos exemplos da tenacidade de atletas que foram mostrados pela mídia. Como Rafaela Silva, Thiago Braz, “Baby” Silva, Robson Conceição, Maicon Siqueira, os baianos Erlon e Zacarias, as meninas da vela, o pessoal do vôlei e do futebol e todos os outros participantes que brilharam em suas participações. ([Os medalhistas do Brasil nos Jogos do Rio](#))

Mas gostaríamos de destacar o emblemático caso do ginasta Diego Hypólito. Não desanimou depois de fracassar em duas olimpíadas como favorito quando, realizando apresentações quase irretocáveis, desmoronou com quedas inacreditáveis. Nestas Olimpíadas em seu país, quando não era cotado sequer como possível meda-

lhista, conseguiu ser vice-campeão olímpico. Um feito épico, considerando a força requerida para superar fracassos e reerguer-se ante a descrença. Além de ter passado nestes últimos anos por mais de 10 cirurgias, o que o obrigou a paralisar seus treinos inúmeras vezes.

Para alcançar a vitória, os atletas mostram que há necessidade de perseverança, dedicação, planejamento, treino; as mesmas competências exigidas no setor empresarial. O site *Eventbrite* fez uma pesquisa com os atletas olímpicos e sintetizou uma lista de 10 atitudes motivacionais que eles praticam ([10 lições de motivação que os atletas olímpicos utilizam que podem servir para você também](#)). Ei-la:

- **“Visão de sucesso** – É preciso ter bem nítido o que deseja e imaginar-se conquistando seu objetivo. Estabeleça metas e programe-se.
- **“Tenha clareza de seu objetivo** – Esteja consciente do sonho que deseja ver realizado. Ele deve ser seu e não de alguém que ordenou para você fazer.”
- **“Interesse-se pelo processo e não somente pelos resultados** – Tal qual os atletas, é preciso encontrar motivação pelas tarefas repetitivas. Você precisa gostar do que está fazendo.”
- **“Avalie o seu progresso** – Sua meta tem 1.000 degraus diferentes, e você precisa analisar onde está a cada dia.”
- **“Pensamento positivo** – Por mais difícil que sejam seus passos, tenha uma percepção otimista dos acontecimentos. Atitude otimista faz parte da cartilha dos campeões.”
- **“Não faça comparação com os colegas** – Não temos controle sobre os outros. Os esforços devem ser só orientados para você.”
- **“Apoie-se em sua equipe** – Ninguém alcança nada sozinho. Os atletas, além do treinador, têm pessoal da saúde cuidando deles.”

- **“Divida seus objetivos por etapas** – Os maratonistas começam treinando etapas iniciais de um quilômetro. E com o correr do tempo vão aumentando.”
- **“Arrisque e não tenha medo do fracasso** – Treine sua mente para os As dificuldades sempre existirão e você precisa estar treinado para quando acontecerem.”
- **“Desenvolva um ritual todo seu** – Cada pessoa tem seu ritmo e você precisa estar preparado para o que surgir.”

Portanto, as Olimpíadas Rio 2016 deixarão sem dúvida legados indescritíveis em diversas áreas. Mas o mais importante é que no esporte, na empresa e na vida, a coragem, o desempenho total, a dedicação, a perseverança, a disciplina e a força de vontade é o que motiva os vencedores.

ABMES: UMA HISTÓRIA DE TRABALHO, PERSISTÊNCIA E CONQUISTAS — SEU LEGADO PARA AS FUTURAS GERAÇÕES

(30/08/2016)

[ACESSE AQUI](#)

*“Quando se sonha sozinho é apenas um sonho.
Quando se sonha juntos é o começo da realidade.”*

Miguel de Cervantes

A ABMES aniversaria hoje. Faz trinta e quatro anos. Criada em 1982, cresceu, desenvolveu-se, criou raízes, legitimou-se como órgão de representação da educação superior. Sua ação ao longo de décadas mostrou ao setor particular e à sociedade seu papel de vanguarda na defesa do ensino livre e democrático como prega a Constituição de 1988, além da pluralidade defendida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996.

Sua criação representa o desejo de união, da conjugação de princípios e valores para que o segmento particular, tão discriminado à época, pudesse conquistar o espaço que lhe é devido legalmente. Mas, principalmente, mostra sua legitimidade social e institucional mediante um trabalho que se desenvolve ininterruptamente desde sua instituição.

De lá para cá, a ABMES sempre cresceu, na medida em que mostrava serviço, relacionando-se como canal de interlocução com o poder

constituído e apresentando trabalhos aos associados, mediante um conjunto de atividades e ações institucionalizadas. Trouxe propostas inovadoras que surgiram para facilitar o funcionamento do segmento, frente a um estado regulador, fiscalizador e principalmente controlador, que, ao longo do tempo, aumentou seu poder, fato que culminou com a Lei nº 10.861, de 2004, que criou o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes) e instituiu a Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (Conaes), e com o Decreto nº 5.574, de 2006, que foi o condutor da Portaria nº 40, de 2006, que normatizou e oficializou a sistemática eletrônica de controles de processos, tendo em vista o crescimento do sistema.

A ABMES pretende não ser apenas organismo de representação das instituições particulares, mas órgão de união de todas as diferentes categorias institucionais do ensino superior, como é o caso da Anup – Associação Nacional das Universidades Particulares, da Anaceu – Associação Nacional dos Centros Universitários e da Abrafi – Associação Brasileira das Faculdades Isoladas de ensino superior. Todas representadas na ABMES.

São 34 anos de atividades ininterruptas que mostram sua vocação por meio da crescente oferta de serviços e confirmam seu papel cada vez mais preponderante e relevante junto ao poder constituído, além de seu reconhecimento como entidade de representação e interlocução.

Estudos, seminários, pesquisas, publicações, treinamentos, encontros, atendimentos, presencial e online, e muitos outros trabalhos fazem parte do cotidiano da ABMES. Podemos nos orgulhar e dizer que é uma instituição antenada com as novas tecnologias, com um sistema de informações bem estruturado pelo site <http://www.abmes.org.br> e seu blog ABMESeduca, além da ABMES TV que leva aos recantos do país, todos os meses, seminários, encontros com renomados conferencistas e autoridades do setor.

Inúmeras atividades foram realizadas ao longo dessas décadas, com passagem pela presidência de Candido Mendes, Edson Franco, Gabriel Mario Rodrigues e, agora, com Janguê Diniz. Sem esquecer-se de registrar o trabalho devotado nestes anos todos por sua equipe de funcionários representados brilhantemente pela Prof.^a Cecília Eugenia Rocha Horta. Todos irmanados com o mesmo espírito de bem representar o segmento particular para seu desenvolvimento participativo e colaborativo como parceiro do poder público, zelando para que seus direitos sejam respeitados.

O que será da ABMES daqui dez, quinze, vinte anos? Essa visão de futuro precisamos ter sempre em mente, porque a realidade do ensino, da aprendizagem, da tecnologia, das empresas, do mundo do trabalho, das pessoas, dos estudantes, do meio ambiente e da humanidade, tenho certeza não será a mesma. Haverá quebra das barreiras da língua, que permitirá o acesso universal via internet, a constatação da inutilidade dos prédios universitários, o aperfeiçoamento dos aplicativos da internet, o papel dos smartphones e a necessidade do aprendizado para novas realidades profissionais.

Os novos processos de aprendizagem romperão, logicamente, com os sistemas existentes e a desregulamentação das regras vigentes será inevitável. Hoje temos um sistema e certamente amanhã teremos outro. Precisamos apoiar todas as iniciativas que visam fortalecer a educação básica e termos presente o modo como o ensino técnico cresce em outros países enquanto o universitário diminui.

Tudo isso deve ser uma preocupação nossa. A ABMES continuará com sua missão e persistirá como entidade que atua na defesa do setor particular de ensino. E, para isto, precisará preparar-se para enfrentar os novos tempos.

O futuro da ABMES deverá ser de uma instituição estruturada para as novas realidades, como um dos organismos responsáveis pela

formação de recursos humanos direcionados ao desenvolvimento do país. Certamente com novas responsabilidades e com código de ética próprio utilizado por ela e seus associados.

Será uma entidade que deverá concentrar, por sinergia, suas mantidas, independentemente da organização e prerrogativas acadêmicas: faculdades, centros universitários, universidades, faculdades isoladas ou institutos, com suas divisões, departamentos ou superintendências, desse modo passando a investir mais em pesquisas, criatividade, inovação e desenvolvimento.

Serão ao longo do tempo construídas as condições para que a ABMES tenha legitimidade e seja reconhecida e validada por todos os integrantes do setor, tornando-se, dessa forma, cada vez mais fortalecida e representativa. É preciso somar esforços e assim conferir maior poder de atuação.

Creio que iremos mais longe criando e institucionalizando a ABMES como única representante do segmento particular, mediante regulamentação junto ao Congresso Nacional, com a participação de todos os mantenedores, como acontece hoje com outros órgãos de classe, e, por consequência, suas mantidas.

E o mais importante para o futuro: seremos nossos próprios avaliadores e credenciadores, antes mesmo do estado, que hoje exerce o poder regulador.

Outro papel fundamental da ABMES será o de valorizar as PMIES – Pequenas e Médias Instituições de Ensino Superior, de forma que todas possam ter um grau maior de autonomia, proporcional a seus méritos e a seu enquadramento avaliativo próprio.

O espaço a ser ocupado pela ABMES no futuro de nossos sonhos é de participação, união e meritocracia. Deve zelar pela qualidade

do que o setor oferece para a sociedade, divulgando, programando e oferecendo serviços, além de ampliar a parceria com o governo. Mas, sobretudo, deverá ser uma entidade independente com atuação proporcional a sua credibilidade e a de seus trabalhos.

A ABMES deverá consolidar-se, nos próximos anos, por meio de uma gestão cada vez mais participativa, por meio do crescente apoio de seus associados. Uma diretoria não consegue produzir nada sozinha.

Sua marca deve ser a coerência, a ética, a inovação, a produtividade e a qualidade. Além disso, deve seguir consolidando-se como referência para seus associados, para o governo, para a imprensa e para a sociedade de modo geral.

Mostra tua cara, ABMES, é isso o que queremos! E é por meio da ABMES que poderemos avaliar o que o setor particular de ensino superior está prestando de serviços à comunidade, colaborando na construção de uma sociedade mais justa e solidária e, principalmente, tendo o ser humano como centro de todo o processo.

Nessa celebração, “sonhar é preciso”, pois a ABMES nasceu de um sonho de educadores. É uma utopia? Pode ser. Porém, quando todos pensam juntos, utopias podem acontecer e se tornar realidade para o bem comum.

POR QUE A UNIVERSIDADE ESTÁ LONGE DO PÓDIO OLÍMPICO

(06/09/2016)

[ACESSE AQUI](#)

Pierre de Coubertin, o grande promotor das Olimpíadas da época moderna, tinha a crença de que o esporte estava ligado de forma intrínseca à educação. O lema “mens sana in corpore sano”, uma mente sã num corpo sadio, tem o significado de que a prática esportiva e o desenvolvimento educacional deveriam estar sempre juntos para valorizar o ser humano. Esporte e educação sempre formam uma pessoa melhor.

Nas Olimpíadas Rio 2016, o Brasil conquistou sete medalhas de ouro, seis de prata e seis de bronze, alcançando sua melhor participação na história dos jogos modernos. No total, foram 19 pódios e a 13ª posição no quadro geral. Um avanço expressivo, uma vez que disputamos 50 finais nesta edição, contra 36 em Londres (2012). E além dos pódios, alcançaram-se resultados relevantes em levantamento de peso, esgrima, atletismo, canoagem slalom, marcha atlética, no ciclismo de estrada, entre outros.

Enfim, progredimos. Mas a reflexão que fica é: fora os investimentos realizados que permitiram benefícios urbanísticos e movimento econômico para o Rio de Janeiro, qual o legado para a mocidade? Será que

só a possibilidade de acesso social e econômico para alguns dos bem-dotados esportistas, oriundos e moradores das nossas periferias?

Quando vemos os norte-americanos liderarem os rankings de medalhas de ouro, prata e bronze, percebe-se claramente que por trás de tudo existe algum tipo de política. Aliás, numa entrevista veiculada pela Globo News, atletas americanos foram francos em afirmar: “Nós nos preparamos e não é novidade ganhar medalhas, pois é o resultado de nossos investimentos”.

Dá até inveja, pois aqui gastamos sempre de afogadilho e sabemos que isso não funciona e não é suficiente. Somos um celeiro de jovens atletas espalhados pelo Brasil que deveriam ter sustentação econômica para receber educação e treinamento para competição. Mas será que isto é desejo nacional e tem feito parte das propostas das nossas políticas públicas?

Quando olhamos para as grandes universidades americanas, vemos o interesse na procura por talentos no esporte. Os alunos são premiados com bolsas integrais, alojamento e, principalmente, preparação durante anos até se tornarem nos campeões que vemos hoje.

É este o caminho: é nas escolas que podemos fazer a diferença para que o Brasil possa avançar. Temos milhares de alunos a serem observados, selecionados, treinados para que tenhamos capacidade não apenas para competir, mas também de ganhar, de ter sucesso e conseguir, sim, medalhas.

Temos agora no horizonte Tóquio 2020, mas são tímidas as iniciativas para preparação de nossos futuros campeões. Sabemos que um programa bem articulado com o sistema educacional e apoiado financeiramente faria a diferença. Ficamos admirados quando vemos vencedores de cidades que nem sabíamos que estavam no mapa. E quantos deles há espalhados pelo Brasil à espera de que

alguém lhes abra as portas para serem preparados e poder competir em igualdade de condições?

Se olharmos o quadro de medalhas das Olimpíadas Rio 2016, vemos exatamente o ranking de quem investe no esporte. Enquanto isso, o Brasil contenta-se em figurar entre os países com maior número de medalhas, quando na realidade deveríamos ser mais ambiciosos. Temos que avistar o topo e trabalhar nesse sentido.

Ninguém está dizendo que não foram feitos investimentos para preparação de atletas para o Rio 2016, mas tudo de modo restrito e para eventos já programados. Muito esforço individual e superação diária. Sabemos que preparação demanda tempo, suor e lágrimas. Ficamos espantados com o jamaicano corredor, mas ninguém pergunta quanto tempo ele treina, quanto sacrifício ele faz, de quantas coisas ele se priva para estar em forma e ainda poder competir alegre, otimista, sabedor de que está colhendo os frutos de longa preparação.

Para termos um Brasil olímpico, precisamos, no mínimo, de uma década de investimentos diretos com convênios e contratos com escolas, universidades, centros universitários, faculdades, clubes, associações e outras organizações. Falo da escola, porque ela pode proporcionar, além do treinamento, educação formal, como o fazem outros países de sucesso. Muitos dos nossos atletas saem do país para buscar melhores condições e ambiente para treinamento. Eis o segredo!

Precisamos construir nossa infraestrutura, pois somos um país jovem e tudo servirá para o futuro. Mas sem uma política agressiva, direcionada para determinados esportes e com metas claras, não avançaremos. Por outro lado, temos ainda uma classe dirigente despreparada para atuar nesse terreno, mas podemos, sim, buscar conhecimento em outros países, como já acontece com alguns trei-

nadores que vêm da Rússia e de outras nações para aprofundar o conhecimento em determinados esportes.

O que quero dizer é que precisamos mudar nossa mentalidade, nossas políticas de esportes, nossas estratégias e nossos investimentos se quisermos, num futuro próximo, colher frutos da preparação. Não adianta apenas apostar no futebol. Nada acontece por acaso e o sucesso de alguns atletas hoje se deve, sim, à sua determinação e ao seu esforço, na maioria das vezes, pessoal e não institucional.

Proponho um programa universitário de preparação com planejamento, com planos concretos, com investimentos em infraestrutura adequada e pontos espalhados por todas as regiões do Brasil. E assim, no médio prazo, podermos competir, talvez ainda não em igualdade de oportunidades com atletas de ponta de países com tradição em pódios, mas ao menos com melhores resultados do que estamos obtendo nas três últimas olimpíadas.

Parece-me que está passando da hora de despertamos nossas consciências para tardiamente começar – antes tarde do que nunca! – um programa efetivo com quem tem mente e coração para isso, que são as Instituições Educacionais, sem descartar as demais associações.

Digo isso porque podemos, pelo menos nesse aspecto, seguir o exemplo de vários países que se notabilizam por seus feitos. E sabemos que tudo isso é resultado de décadas de investimentos.

O que a nova geração espera? Que possam ter apoio para desenvolver suas habilidades e demonstrar ao Brasil e ao mundo que, querendo e podendo se preparar, é possível conquistar o mais alto lugar no pódio.

Falta ao Ministério da Educação; ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação; ao Ministério do Esporte visão de futuro mais

ousada, mais agressiva, para que em 2020 possamos estar mais bem preparados para mostrar ao mundo que o Brasil despertou também para os esportes. E o mais importante: quanto mais jovens praticam esportes, menos criminalidade teremos. E sempre valerá o lema: *Mens sana in corpore sano*.

Alertar para o amanhã é despertar a consciência cidadã de que o Brasil precisa mudar urgentemente para poder figurar entre os países desenvolvidos, também nos esportes de competição. A música de Geraldo Vandré diz: “Vem, vamos embora que esperar não é saber, quem sabe faz a hora não espera acontecer”. Sábia observação: precisamos de proatividade para, com criatividade, mudar o jogo na educação e no esporte.

PARALIMPÍADAS: EVENTO MUNDIAL QUE NOS OBRIGA A REFLETIR

(13/09/2016)

ACESSE AQUI

O impossível não existe. A abertura da Paraolimpíada do Rio foi uma celebração da mistura de assombrosa agilidade com férrea determinação que constrói atletas excepcionais.

Lizia Bydlowski – Revista Veja

As paralimpíadas nasceram com os mutilados de Segunda Guerra Mundial para incutir na sociedade que eles poderiam mostrar, pela disputa esportiva, que haviam se recuperado dos problemas psíquicos e físicos herdados nas batalhas. O certame progrediu de tal forma que tornou-se evento mundial realizado a cada quatro anos com participação de deficientes de todos os gêneros.

Este ano o Brasil sedia as Paralimpíadas e é difícil saber o que destacar sobre a cerimônia de abertura da Rio 2016, em meio àquele Maracanã lotado, o público emocionado assistindo a cada delegação que surgia com uma comissão de frente formada por cadeirantes, cegos, amputados e atletas com outras deficiências. Risonhos, todos transmitiam alegria e entusiasmo, saudando o público que os aplaudia.

Outro espetáculo foi o desfile das nove crianças que emocionaram a todos e deixaram muita gente às lágrimas. Eram meninas e meninos com limitação motora que deixaram suas cadeiras de rodas e,

presos pelos pés a seus pais por botas e coletes especiais, desfilaram orgulhosas levando a bandeira paraolímpica. Foram aplaudidíssimas e roubavam a cena a cada momento por onde passavam. A garganta ficou entalada. Muita emoção transmitida por uma imagem que fica para a vida inteira.

Mais um momento que tocou todo mundo foi quando a ex-paratleta Márcia Maisar perdeu o equilíbrio enquanto carregava a tocha e foi reverenciada como campeã quando recusou ajuda e se levantou para seguir o trajeto. Márcia entregou a chama à ex-velocista Ádria dos Santos, que teve seis participações em jogos paraolímpicos, 537 medalhas conquistadas no Brasil e outras 70 internacionais. Ádria, então, passou a tocha ao último condutor, Clodoaldo Silva, dono de 13 medalhas, sendo seis de ouro. O nadador seguiu rumo à pira, localizada em uma intransponível – para ele, cadeirante – escada. Eis que o caminho se transforma em rampa, o atleta avança, acende a chama e a ovação do público completa o espetáculo.

Naquela noite chuvosa de quarta-feira, 7 de setembro, foi realizado um show inesquecível de criatividade, luzes, tecnologia e dança, que em alguns momentos, imprevisíveis, adicionaram brilho e emoção à cerimônia. O ápice foi quando a bela Amy Purdy, *snowboarder* americana, sambou com seus dois pés biônicos ao lado de um robô. Uma inspiração artística.

O esporte tem muito a ensinar sobre como vencer desafios, por meio de treinamento contínuo, trabalho em equipe, superação, perseverança, busca de excelência, administração de resultados e focos em metas. O esporte indica como alcançar seus sonhos, mostrando a necessidade de se correr atrás e de ter força de vontade para atingir os objetivos, sem esmorecer quando se erra. É tarefa para superdotados.

E o desafio deve ser centuplicado para aqueles que, por motivos genéticos, nasceram com deficiências físicas ou mentais e outros que, por acidentes ou doenças adquiridas ao longo da vida, tiveram algum tipo de limitação. Há necessidade de força mental incomum. Esses atletas precisam ter ainda mais determinação para superar os obstáculos e necessitam de apoio familiar e, quando possível, do público também.

Minha filha relatou o que ouviu de filho de uma amiga que nasceu com problema na coluna e aos 20 anos veio participar dos jogos Paralímpicos. Mãe brasileira e pai americano, teve a sorte de nascer nos EUA e de hoje morar no Canadá. Sim foi sua sorte. Lá ele tem toda a assistência médica que precisou e precisa para estar vivo e saudável. Sim, John é saudável. Não anda e nunca vai andar. É super tímido e fala pouco, mas é fluente no francês, inglês, espanhol e entende português muito bem. Seu irmão gêmeo, completamente sadio, estuda medicina e a irmã mais velha, velejadora, mora na França.

Ele reside com a mãe em Montreal. Há dois anos começou a treinar sério para ser atleta e viu que precisava ter foco, disciplina e exercitar-se muito, sempre. Descobriu que alcançar um sonho demora, que leva tempo para processar, que precisa de muito empenho. E aprendeu que deve treinar sempre, todo dia, muitas horas e com treinador exigente, determinado, impaciente e cobrador incessante por resultados, independentemente das limitações.

É certo que, com quatro mil e trezentos atletas participantes nessas parolimpíadas, há incríveis exemplos assemelhados. Mas para ilustrar o que é superação, exponho também a história do mesatenista Ibrahim Hamadtou, que, por não possuir braços, segura a raquete com a boca e levanta a bolinha com os pés. Foi derrotado na estreia, mas afirmou que ninguém tira dele a satisfação de ter participado da Rio 2016.



Ibrahim Hamadtou

Foto: Getty Images

Cada uma das histórias que ouvimos ao longo desses jogos paraolímpicos nos emociona. Desde a cerimônia de abertura – estádio lotado, corações pulsando forte, o cenário lembrava a todos que o gênero humano pode se sensibilizar com a vida de seus semelhantes. O escritor Marcelo Rubens Paiva, um dos criadores desse maravilhoso espetáculo, relatou: “Os atletas são hoje os grandes líderes dos deficientes físicos. Só pela existência deles, já são líderes”.

Duvido que alguém não tenha sido tocado pela emoção de algum desses momentos espetaculares que estamos acompanhando. Mas, passados esses 10 dias de duração dos jogos, vem o dia seguinte, cada um de nós segue a vida com seus problemas, e toda esta união de sentimento fraterno se esvai.

A sensibilidade de todos nós está longe do cotidiano dos deficientes até nas pequenas coisas. Ninguém percebe porque o problema não é com ele. Não nos afeta o fato de os restaurantes, bares e botecos não terem uma rampa de acesso ou um cardápio em Braille. Não percebemos o quanto é importante cada calçada estar bem cuidada, sem buracos pelo caminho.

A mobilidade urbana deveria ter uma agenda imediata em todas as cidades brasileiras, assim como deveria estar em pauta maior conforto nas residências, com suas escadas e banheiros inapropriados. Não nos damos conta de nada disso porque muitas vezes essas limitações não nos impactam e pensamos que nada disso nos diz respeito.

No ensino superior, ainda é proporcionalmente pequeno o número de estudantes deficientes matriculados. Sabemos que existem dezenas de instituições particulares que, a duras penas, trabalham com iniciativas para apoiar os deficientes nos setores da saúde, educação e lazer. Mas a realidade é que não temos políticas públicas orientadas para administrar essas questões. Fora das quadras esportivas, estes jovens atletas precisam continuar a viver, tendo acesso a trabalho e educação.

Precisamos fazer muito mais! E, para não ficar só em palavras, dou exemplo do nosso anacrônico sistema de ensino superior. Das centenas de milhares de trabalhos de conclusão de curso (TCC) destes últimos trinta anos, que vão ao lixo a cada início de ano, algum deles tocou de alguma forma em algum tema de como melhorar a vida de seu vizinho deficiente? Se tiver algum, ganha prêmio.

CERTIFICAÇÕES PROFISSIONAIS NO LUGAR DE FACULDADE: UMA TENDÊNCIA?

(20/09/2016)

[ACESSE AQUI](#)

“O conhecimento é a nova fonte de vantagem competitiva. Consequentemente, o treinamento não deve ser uma atividade periférica, mas sim uma atividade central nas empresas bem-sucedidas do século XXI. As companhias precisam de um conhecimento radicalmente novo para obterem sucesso em uma conjuntura em que setores inteiros são criados e eliminados ou invariavelmente transformados pela tecnologia, mudanças competitivas e estatísticas mercadológicas inexoráveis.”

Wind e Reibstein

Que os egressos do ensino básico (fundamental e médio, sobretudo) chegam às portas das universidades muito mal preparados para o enfrentamento das “dificuldades” universitárias é fato sobejamente conhecido, discutido e, até aqui, irreversível, tendo em vista a manutenção da estrutura arcaica que domina o nosso sistema educacional.

Ao falar sobre as mudanças necessárias no ensino médio, tema que foi eleito como prioridade pelo novo governo, Maria Helena Guimarães, secretária executiva do Ministério da Educação (MEC), saiu-se com frase lapidar: “[Há um tédio generalizado entre os alunos do ensino médio](#)“. Ela foi ainda mais fundo, puxando a orelha de muitos, com total propriedade, mas como quem bate com mão de gato.

“Precisamos queimar as primeiras etapas: a aprovação do projeto de lei que mudará o ensino médio e a finalização da Base Nacional Comum Curricular. A Base também é essencial para renovar a formação dos professores, inicial ou continuada. Os docentes recebem uma formação inicial muito frágil, incapaz de promover uma educação diferente, mais inovadora e criativa. A escola precisa incentivar a tolerância, o pluralismo de ideias, a convivência com as diferenças. Nossos professores não estão preparados para trabalhar com essa realidade. É claro que o problema não está no professor, mas nas instituições que os formam. Falta aos professores a possibilidade de fazer uma residência pedagógica, um estágio supervisionado. Além disso, o professor precisará sempre de formação continuada. Não tem como imaginar que um educador, por melhor que seja sua faculdade formadora, poderá dispensar a formação continuada para aprimorar seu trabalho. A formação de professores é nosso maior desafio”.

Com a palavra, os professores que recebem os calouros, em quaisquer cursos, cuja falência formativa se estende ao longo das graduações, sejam quais forem, em exatas, humanas e ciências.

Depois de passarem quase dez anos para finalmente bater à porta do vestibular, poucos são aqueles que carregam algum estofo cultural, intelectual somado às condições de proatividade, iniciativas, aderências de criatividade e tantos outros atributos que permitiriam ao discente ter plena capacidade para evolução mais rápida e mais acertada.

Para estes, basta o acerto de um mínimo de respostas no processo seletivo, e é só o que interessa para a aprovação, pois a meta é o ingresso, a qualquer custo, ou melhor, ao preço de 48 mensalidades para finalmente terem em mãos um papel, o diploma, sem que isso signifique preparo com habilidades e competências que o mercado tanto cobra.

Todo esse clima de desinteresse dos adolescentes pela vida escolar tem gerado muitas reflexões mundo afora sobre os possíveis

caminhos de fazer com que o ensino médio seja vivido e percebido como significativo.

O desafio dos sistemas de ensino nos últimos anos tem sido organizar um programa curricular que consiga, ao mesmo tempo, formar os jovens para continuar os estudos no ensino superior e prepará-los para o mercado de trabalho. Ou seja, fazer com que se escolarizem o máximo possível, o que muitas vezes obscurece outros sentidos da educação.

Aqui no Brasil o ensino médio está totalmente direcionado para preparar o aluno para a universidade, como se fosse o único caminho para uma profissão de caráter superior. Poucas iniciativas fogem disso. Uma das principais medidas foi a possibilidade de integrar ensino regular e educação profissional, sacramentada pelo Decreto nº 5.154/04.

Há instituições privadas e públicas que oferecem as aulas regulares em um turno e cursos que preparem para o mercado de trabalho em outro, sob uma mesma matrícula, possibilitando ao aluno ter uma profissão mais definida para posteriormente cursar uma universidade.

Por outro lado, algumas escolas de ensino médio, com o apoio e incentivo dos pais, começam a sair do modelo de preparar apenas para o vestibular. Ainda que esse movimento esteja longe do ideal, como é possível perceber nos resultados dos estudantes nas avaliações de qualidade de ensino nacionais e internacionais, há iniciativas de sucesso em diferentes regiões do país.

Porém existe muita discriminação a tudo que “cheire” educação profissional. A ideia é que umas horinhas a mais de caráter prático resolvem alguma coisa.

O doutor em educação João Batista Araújo de Oliveira afirmou que nos Estados Unidos há mais de 7.000 *'career academies'* que oferecem modalidades inovadoras para os desafios do mundo do trabalho. Na Finlândia, o *'smorgasbord'* de 75 cursos opcionais oferecidos ainda está em estágio experimental. Entretanto, por aqui parece que só a universidade serve.

Enquanto isso, surgem os novos aprendizes vitalícios com a tecnologia tornando a educação *just in time*. É a proposta do “inventivo” Sal Khan, fundador da *Khan Academy*, ONG educacional que oferece ensino online gratuito. Centrou-se mais na educação por credenciamento. No lugar de um curso superior, o estudante, conforme suas aptidões, faz especialidade profissional em grandes empresas (Microsoft, por exemplo) e consegue o credenciamento. Cursa outra especialização e obtém outro credenciamento, especialmente nas áreas de tecnologia digital. Para empresas da nova era, estas certificações abrem grandes oportunidades no mercado.

Nos EUA, as inscrições em faculdades caíram em todo o país, em 2013, pelo segundo ano consecutivo. Graduandos com 18 anos de idade do ensino médio continuam a encolher e menos adultos estão retornando à universidade para obter diplomas.

Mas o número de estudantes nas faculdades realmente nos diz que estamos no caminho para viver em um país menos educado? Os números oficiais de matrícula de ensino superior é que não conseguem captar uma mudança na forma de localizar oportunidades educacionais a cada dia, em pequenas tendências, online ou presencial, e por centenas de dólares ou sem nenhum custo. Lá como aqui, as graduações regulares que se cuidem.

Parece que todo mundo está preocupado com os números, por diferentes razões. Há uma preocupação em encher as salas de aula; polí-

ticos se preocupam com a produção de graduados suficientes para se manterem as empresas competitivas em uma economia global.

Depois de anos falando sobre a educação ao longo da vida, a retórica chegou finalmente à realidade. Não há mais necessidade de investir anos de vida ou milhares de dólares em um certificado ou diploma, mas apenas aprender uma habilidade, quando o trabalho ou a vida exigem. O ser humano não foi feito para dançar ao som de liras, mas para marchar ao rufar de tambores.

Quando não se estimula o jovem a ter uma postura proativa, o resultado é encontrar profissionais que só resolvem problemas, quando é preciso ter a capacidade e percepção e aplicar iniciativas para fazer melhor. Lamentavelmente, isso não é comum no brasileiro, questão de cultura.

É PRECISO AVALIAR A VALIDADE DOS TCCS

(27/09/2016)

[ACESSE AQUI](#)

Sonhos determinam o que você quer. Ação determina o que você conquista.

Aldo Novak

Na última semana, os noticiários trouxeram os vencedores do [Prêmio Ig Nobel](#), oferecido para indicar as pesquisas mais engraçadas e absurdas que acontecem no meio científico. O médico e sexólogo egípcio Ahmed Shafik, recentemente falecido, foi o ganhador na categoria “reprodução” por pesquisas nas quais vestiu ratos com roupas de diferentes tecidos – algodão, lã, poliéster – para avaliar o desempenho sexual destes animais.

Mas, pensando seriamente sobre pesquisa, não sei por que até hoje nenhuma entidade criou uma premiação anual para os Trabalhos de Conclusão de Curso (os TCCs) que são realizados pelas nossas instituições educacionais. Seria não só uma forma de valorizar os estudantes, mas também um meio de mostrar para a sociedade a qualidade dos trabalhos realizados pelos universitários quando concluem a graduação.

Há algumas semanas, escrevi sobre as [Paraolimpíadas](#) e comentei sobre a negligente falta de espaços, ambientes e circulação adequados para os deficientes físicos, tanto em suas moradias, com em

vias públicas ou em áreas de lazer. Destaquei na ocasião que não conhecia um TCC das nossas instituições que tivesse abordado esta importante questão.

Na quinta-feira passada, dia 22 de setembro, presidi no 18º FNESP – evento de sucesso do Semesp – uma mesa sobre o tema “Novos conceitos de organização das Instituições de Ensino Superior”. Invejei o relato de [Johann Löhn](#) sobre o modelo do sistema universitário alemão, que consegue intercambiar com as empresas, valorizando o trabalho dos estudantes. Enquanto isso, no Brasil, concluído o curso, os TCCs vão parar na lata do lixo.

Para deixar mais claro o que penso sobre os TCCs, salvo as habituais exceções à regra, o esforço de professores e alunos a cada ano em produzirem um trabalho que realmente tenha conteúdo prático é pouco valorizado. Os temas desenvolvidos muitas vezes até são atuais. No entanto, a excessiva exigência pela fundamentação teórica e a engessada metodologia científica tornam essa oportunidade de desenvolvimento do universitário distante do dinamismo das empresas e das necessidades públicas de projetos que poderiam servir para aplicação ativa e significativa da resolução de desafios e problemas reais da vida e do trabalho.

É lamentável o desperdício de boas ideias presentes nos projetos de TCCs, que poderiam se tornar inovações de pesquisas, produtos e serviços. Essa avaliação deveria tornar-se uma real oportunidade de desenvolvimento do estudante.

Aprendizagem e experiências que poderiam ser mais bem aproveitadas para tornar propostas reais, originadas dos próprios estudantes, em ações voltadas à resolução das questões sociais, humanas, empreendedoras, educacionais e de desenvolvimento sustentável para o país. E, assim, estaríamos construindo uma nova geração de jovens protagonistas para gerar as reais mudanças que tanto necessitamos.

Vejam quanto os TCCs poderiam representar real perspectiva de mudança e desenvolvimento para todo o sistema universitário. É tão óbvio que ninguém percebe.

Minha visão sobre os TCCs é que de fato eles deveriam ser a amostra perfeita do resultado da formação superior de recursos humanos que as instituições particulares, a cada ano, deveriam oferecer ao mundo empresarial, particular ou estatal, e mesmo num projeto de empreendedorismo.

Como não há pesquisas sobre os resultados efetivos dos TCCs no sistema universitário, só posso me servir do Google para observar que, ao mesmo tempo em que existem instituições que apresentam de forma organizada sites específicos sobre os temas e teses apresentados por seus egressos, de outro lado aparece a propaganda de “empresas e consultorias” diversas, oferecendo seus préstimos profissionais para executarem os TCCs, o que demonstra que muita gente não leva a sério esta programação.

Retomando o processo, como todos sabem, o Trabalho de Conclusão de Curso ou monografia é uma pesquisa científica ou um projeto empresarial apresentado pelo aluno ao final dos cursos de graduação, que representa a síntese de sua formação universitária. É a forma de avaliar conhecimentos, habilidades, valores e atitudes adquiridos no ensino superior; um processo que a maioria das instituições brasileiras utiliza.

Geralmente orientado por um professor, o estudante ou uma equipe apresenta o projeto de pesquisa ou de empresa cujo tema deve ser um recorte de um dos assuntos estudados durante a graduação. Deve ser de seu interesse, para que ele possa se mobilizar e levantar um problema de pesquisa ou questionamento empresarial. Na sequência, ele deve ser fundamentado, pesquisado e analisado, para que, então, uma proposta seja elaborada para a solução com um plano de viabilidade e execução.

A análise e a discussão dos dados, a demonstração da viabilidade e as considerações finais são as etapas que concluem o TCC. Via de regra, os estudantes o apresentam a uma banca examinadora, composta pelo orientador, professores e, quando possível, profissionais de mercado convidados que avaliam o trabalho e a apresentação. É evento festivo realizado na instituição, com a presença da família, dos amigos e de outras pessoas convidadas. No entanto, poucas instituições guardam os resultados dos trabalhos. Algumas apenas arquivam os projetos com as atas e as notas dos mesmos.

Para concluir, sou um adepto incondicional do valor dos TCCs, não só como uma forma do estudante no último ano fazer um trabalho que sintetize tudo que aprendeu e desenvolveu em seu curso, mas também como uma experiência real, um portfólio, que deveria servir para ser mostrado a possível empregador ou investidor.

Devem centenas de exemplos como este que vou relatar e que deveriam servir como um *input* inicial de inspiração para uma ação de reorganização desse processo, mas voltada às reais demandas de formação universitária no século 21.

Segundo ano da faculdade, um estudante vai procurar a coordenadora dizendo que não tinha mais condições de continuar o curso, pois o pai havia perdido o emprego e ele só sabia fazer mágicas. A coordenadora, por acaso, fala com amiga organizadora de eventos infantis e indica o rapaz para praticar suas habilidades nas festas da meninada. E foi fazendo mágicas o tempo todo que o Jorge pagou a faculdade.

O último ano de curso chegou e com mais dois colegas sem muita convicção escolheram como TCC o projeto de uma casa de diversões. A apresentação dos três amigos ia bem até que a banca arguiu sobre a viabilidade do negócio. Quando o grupo titubeou, Jorge rapidamente mobiliza suas habilidades de comunicação e arranca as palmas da plateia com o incrível show de mágicas que havia preparado.

A equipe foi aprovada às duras penas, mas o inesperado é que, na saída, um dos convidados de outro grupo lhe oferece um estágio na Volkswagen. Foi assim que, começando no departamento de Marketing e depois cursando Pós-graduação na Alemanha, Jorge fez brilhante carreira na empresa. É lógico que a mágica foi só a porta de entrada e o restante foi com muito estudo, trabalho, competência interpessoal e de liderança.

Comentei que não existem pesquisas sobre o aproveitamento dos TCCs, mas tenho ciência de que a maioria dos projetos não trata da realidade das pessoas, das empresas e dos problemas do país. Em vez de atuar sobre questões reais, trabalha-se com teorias. Certamente, para os estudantes dedicados, vai servir de experiência, mas, para a grande maioria, a meu ver, pouco vai agregar. É só fazer as contas e avaliar nestes últimos 30 anos, quanta energia foi despendida com pouco retorno.

Calculando-se que, neste ano, 500 mil alunos se ocupem duas vezes por semana com a preparação dos seus TCCs, qual o valor de recursos despendidos neste programa? Será que vale a pena todo este esforço? Qual o custo para gerar um processo que realmente tenha benefícios? Não seriam os TCCs uma real oportunidade para criarmos um processo de redes colaborativas no sistema universitário brasileiro?

Acredito que já está passando da hora de refletirmos sobre isso e buscarmos novos caminhos dentro de nossas instituições.

TCCS E REFORMA DO ENSINO MÉDIO — O DESAFIO DE OPINIÕES DIVERGENTES

(04/10/2016)

[ACESSE AQUI](#)

“Muitos dos atores se escondem através de opiniões apressadas e na maioria das vezes sem nenhum outro desejo se não da sabotagem, típica de uma hostilidade pueril e de uma ingenuidade grosseira e arrogante. A discussão no encontro cara a cara, nas ruas, praças, botecos onde for, é essa a que vale mais. O enfrentamento honesto e, portanto, de gente de coragem para se permitir a mudar a opinião do outro e pelo outro ser tão fortemente marcado para que juntos possam mudar a realidade, aí se faz e se fará sempre a política”.

(Jorge Armando Esper)

Escrevi em meu último [artigo](#) que os Trabalhos de Conclusão de Curso – os TCCs – poderiam, por meio de seus temas, refletir a demonstração do conhecimento, das pesquisas, das experiências e do aprendizado auferidos no sistema universitário, além de demonstrar como o egresso está preparado para enfrentar os desafios da vida.

Relatei também que este esforço de união de cérebros de estudantes e professores poderia servir para instigar a solução dos desafios da nação, em vez de ser desperdiçado pela falta de objetividade das teses apresentadas.

Considero não estar só ao pensar assim e, por isso, destaco algumas manifestações que me foram enviadas via e mail por professores de São Paulo e de Minas.

Escreve o paulista: “Durante meus 21 anos como professor de curso de administração de universidade de prestígio, incentivo meus orientandos a aplicarem a proposta de seu projeto acadêmico em suas vidas, principalmente para pensarem na criação de negócios próprios, e pensarem num efetivo plano de marketing, nem que seja para futuro muito distante”.

Ele conta que, para adequar o projeto às normas acadêmicas exigidas, os estudantes elaboram uma pesquisa bibliográfica e um referencial teórico sobre cada uma das etapas do plano de marketing, descrevendo o caso em estudo (sua proposta de empresa), e nas conclusões apresentam a proposta para o projeto.

O professor desabafa que acabou sendo preterido, porque colega da área de marketing proclamava que ele não sabia orientar TCCs e que negócios próprios não deveria ser tema de trabalho acadêmico teórico, como recomendam as normas do Ministério da Educação.

Hoje, não é mais responsável por TCCs, mas continua sendo procurado informalmente por estudantes e incentiva-os a levar em conta o empreendedorismo como uma das alternativas de desenvolvimento de carreira.

Outras considerações que gostaria de compartilhar são de professor de Minas Gerais que enfatiza que o TCC precisa ser reformulado. “Ele deve ter uma importância fundamental como síntese do amadurecimento intelectual do aluno e não um mero documento de passagem. Frequentemente, ele não passa apenas de ritual, quando deveria efetivamente ser avaliado pela sua importância no contexto”.

Para o professor, a abrangência do TCC deveria representar uma síntese do conhecimento adquirido, de modo que o trabalho pudesse ser analisado sob diversos ângulos: pela língua portuguesa, pela metodologia, pela sociologia e psicologia, pela parte técnica e pelas várias formas de viabilidade.

Ao ser aprovado, o trabalho deveria ser arquivado como produção intelectual do aluno, dada sua seriedade técnica e científica. “Isto não acontece na grande maioria dos cursos porque os TCCs são encomendados a ‘consultores especializados’. E o mesmo sucede com as Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado. Lamentavelmente, temos uma grande indústria de produção de TCCs, Dissertações e Teses que sobrevive muito bem porque tem clientes. Apesar de estarrecedor, é real”.

Em outro sentido, vem agora o senador Eduardo Amorim (PSC-SE) que apresenta projeto para extinguir a obrigatoriedade dos TCCs, contrário à sua validade no conjunto da matriz curricular de um curso. Segundo o senador, “embora o TCC seja importante para avaliar e aprimorar determinadas competências, nem sempre é representativo no percurso acadêmico ou no aprendizado dos estudantes”. Argumenta também que não é raro os TCCs abordarem “problemas estéreis”, que em nada contribuem para o progresso profissional ou acadêmico dos seus realizadores. De uma forma ou outra, ratificaram o que escrevi.

Mas o que também está repercutindo assustadoramente na mídia e foi criticado sem base alguma, até no programa do Faustão, é a reforma do Ensino Médio. Inegavelmente, é bom que todos opinem sobre esta questão, porque mostra que a sociedade está sensibilizada para a única trilha certa que leva ao desenvolvimento: a Educação.

Por incrível que pareça, retrocedemos nessa questão. Há cinquenta anos, sabíamos que os jovens das classes mais altas podiam ter

alternativas distintas: o científico para as ciências exatas, da terra e da saúde e o clássico para os demais cursos das ciências humanas. Tínhamos inclusive curso para formar professores para o ensino primário e secundário. Era o Normal que, vamos reconhecer, exercia um importante papel formativo no processo. Havia ainda uma série de cursos técnicos oferecidos à classe “C”.

A reforma que extinguiu esses cursos só piorou a situação e, de lá para cá, fomos caindo sempre, até chegarmos ao ponto em que nos encontramos hoje.

Mas a culpa não está só no ensino médio. O problema vem desde o ensino fundamental. Pesquisas mostram que os alunos das últimas séries não sabem responder a 50% das questões propostas, além de não dominarem a língua portuguesa, nem a matemática e a leitura.

Então, críticas à parte, se queremos começar a estruturar o ensino médio e seu destino, precisamos melhorar a matéria prima que chega para frequentá-lo. E não vai ser o fato de tirar ou adicionar uma disciplina que vai resolver a questão. Primeiro precisamos saber exatamente o que queremos do nosso ensino médio. E, ao aprofundarmos a reflexão, percebemos que o problema é mais amplo: não existe uma política de formação de recursos humanos para o desenvolvimento do país.

Nos enganamos pensando que todos devem cursar uma faculdade. Nos últimos anos, temos promovido essa ideia no Brasil, como se o aluno que não frequentasse o ensino superior nada conseguiria na vida. Esquecemos de olhar o mundo numa época de globalização, de conhecer experiências exitosas.

Precisamos levar em consideração exemplos como da Alemanha, França, dos Estados Unidos e da Coréia do Sul, para desmistificar esse valor supremo que querem dar ao ensino superior.

Pouca gente leva em consideração a revolução que os meios de comunicação estão fazendo com o aprendizado humano e a necessidade de todos precisarem ficar atentos às transformações, pois um dos próximos cenários, como cita o Dicionário do Futuro (Fait Popcorn e Adam Hanft – Ed.Campus), o caminho direto do ensino médio à universidade vai acabar ficando fora de moda, tanto quanto o modelo superado do emprego, de trinta anos atrás.

Num mundo em transformação contínua, o que vale é o aprendizado para a vida inteira, o que nenhuma escola é capaz de oferecer. Em todos os dias estamos aprendendo, mas, se não soubermos para onde queremos ir, é certo que não chegaremos a lugar algum.

Já é um avanço muito importante termos a pauta da educação presente na sociedade. Isso mostra que temos de despertar para tema e termos conhecimento sobre o que precisamos fazer, como fazer e, de fato, fazer. Não basta apenas criticar, precisamos agir.

Implementar qualquer proposta hoje exige uma infraestrutura inexistente na maioria absoluta dos estados brasileiros para ter um ensino em tempo integral. Apesar de conhecermos tecnologias, nossas escolas, em sua maioria, não têm internet, e aquelas que têm não estão com funcionamento adequado. Sem falar nos meios instrucionais inexistentes.

Então, fazer uma reforma pensando apenas no currículo sem pensar na formação do professor, elemento fundamental, e na infraestrutura é fugir da realidade. Tal como foram apresentadas, certamente essas propostas não serão aprovadas.

Precisamos de reforma sim, mas questionando antes: o que entendemos por ensino médio? Para que serve o ensino médio? Queremos reformá-lo para que tenha qual resultado? Que investimentos serão necessários para implantá-lo em tempo integral?

Sem saber responder essas questões, dentre outras importantes, certamente estaremos achando que haverá milagres dos céus.

COMPARTILHAR VIVÊNCIAS E DESENVOLVER TALENTOS: ESSA É A MISSÃO DOS EDUCADORES

(11/10/2016)

[ACESSE AQUI](#)

“Os líderes do futuro que nos servirão de inspiração serão aqueles que conseguirem combinar de forma criativa e audaciosa pessoas com diferentes especialidades, deixando que confrontem seus pontos de vista, criem uma linguagem comum e tenham ideias criativas e inovadoras. As ideias advindas da colaboração criativa mudarão a nossa forma de encarar os negócios, as leis, a tecnologia, o sistema educacional, o governo e o mundo.”

Robert Hargrove

Com a designação depreciativa de “escolas de fim de semana”, nos áureos tempos das IES precursoras, eram assim chamadas as faculdades que ofereciam cursos com carga horária concentrada nos finais de semana – os célebres “cursos vagos”. Foram alvo das mesmas críticas que hoje fazem à Educação a Distância (EAD).

Cumpriram muito bem seu papel numa época de poucas faculdades. Utilizavam estratégias diferenciadas e, sem os recursos tecnológicos de hoje, conseguiam oferecer um bom ensino para quem quisesse estudar. Muitas delas localizadas no interior de São Paulo e próximas aos grandes centros, ofereciam as licenciaturas, já que

havia poucos professores diplomados, e a graduação em Direito, pois assim os formandos poderiam trabalhar em qualquer área.

As décadas de sessenta, setenta e oitenta foram de economias ascendentes que demandavam trabalhadores de melhor nível, o que propiciou a procura de ensino superior particular por profissionais que não haviam conseguido ingressar nas universidades públicas. Porém, os alunos dos cursos de fim de semana tinham determinação e conseguir o diploma superior era a meta. Deslocavam-se das capitais ou do entorno delas e sacrificavam o lazer semanal para, na sexta à noite, sábado o dia inteiro e, às vezes, na manhã de domingo, se dedicarem à lide universitária.

A metodologia era aula para valer, apostila para estudar e livro para comprar. Trabalhos de casa para serem entregues no fim de semana seguinte e provas mensais. A colaboração entre os estudantes era permanente, um cooperando com o outro, especialmente quando o colega não podia comparecer. Muita convivência amiga e estímulos para superar as adversidades. Os cursos eram bem planejados e precisavam ser levados a sério, pois havia muita cobrança, tendo em vista que tinham de cumprir a regulamentação do MEC. A única diferença era a presença de apenas dois dias na semana.

Deixando a realidade paulista e para homenagear os educadores brasileiros que são lembrados nesta semana, procurei mostrar o desempenho de professor que conseguiu transformar uma pequena faculdade de Filosofia de Varginha, sul de Minas, que oferecia cursos de fim de semana, em prestigioso centro universitário. E, por esta razão, fui ouvi-lo no último 18º FNEESP – Fórum Nacional do Ensino Superior, realizado no dia 26 de setembro passado, em São Paulo.

O reitor Stefano Gazzola ([saiba mais sobre sua trajetória](#)) representava o Centro Universitário do Sul de Minas (Unis) no painel “A gestão da IES em tempos de incertezas. Como equilibrar a susten-

tabilidade, investir na inovação e ser relevante para a sociedade ao mesmo tempo?”. Ele mostrou como está conseguindo desenvolver uma cooperação entre instituições internacionais de ensino superior. Seu desafio era “por que não” criar uma rede de instituições que intercambiassem informações e experiências para desenvolverem suas universidades? De forma bilateral, já participara de algumas ações amparadas por convênios de cooperação.

Havia um histórico de mobilidade estudantil e dos docentes da instituição, atuação de professores convidados, formação de grupos de pesquisa, ofertas de cursos em conjunto com outras IES. Todas elas comungavam do interesse de ampliar a cooperação internacional, compartilhar informações e adotar as estratégias modernas da Tecnologia da Informação. E assim nasceu a “[Rede de Cooperação entre Instituições de Ensino Superior](#)”, iniciada com 8 integrantes.

Estive com ele depois de sua empolgante apresentação. Sua história de vida é muito bonita e a luta para a transformação da faculdade em Centro universitário e criar a cidade universitária é dignificante. Porém, o que desejei questionar com ele era como uma IES com 8 mil alunos, numa cidade de 110 mil habitantes e 6 grandes concorrentes, conseguia ter sustentabilidade convivendo num mercado tão competitivo. Sua resposta foi a seguinte:

- Sempre acreditei nas pessoas e este é o principal ingrediente de sucesso do Grupo Unis. Fazemos questão de zelar pelos talentos que agregam às nossas equipes. Mais do que as estratégias e os planos de marketing, as pessoas são o nosso grande diferencial e por isso sempre enfatizamos que temos aqui gente cuidando de gente o tempo todo.
- Estimulamos os nossos colaboradores e professores de todos os níveis a acreditarem em seus sonhos, a fazerem do Unis não apenas um trabalho, mas um projeto de vida. Dessa forma, conquistamos fortes aliados e construímos juntos, dia a dia, a nossa

Instituição. Afinal, o Grupo é de todos nós e cada um é responsável pelo sucesso da nossa empresa.

- Somos uma Instituição do interior do estado, porém isto nunca nos impediu de olhar além do horizonte. Sempre acreditamos que o conhecimento não pode ficar trancado dentro da universidade. É preciso expandir, crescer, quebrar barreiras. Dessa forma, ampliamos nosso relacionamento com o mundo. Temos fortes parcerias nas Américas Latina e do Norte e Europa, com diversos programas de mobilidade acadêmica, rede de cooperação internacional entre Instituições e estudantes, que se tornaram um grande diferencial do Grupo Unis. O esforço é fazer com que o nosso aluno tenha melhores chances de competitividade no mercado de trabalho. E uma experiência no exterior sempre agrega vantagens ao currículo.
- Mantemos ainda uma Unidade de Educação Executiva, contando grandes empresas da região através do Conselho Empresarial do Sul de Minas e parcerias com Instituições como o Sebrae. É uma iniciativa nossa, que reúne os principais executivos da região e visa colaborar para o desenvolvimento dos negócios da nossa região e a empregabilidade de nossos alunos.

Procuramos ainda nos aproximar da comunidade com diversas iniciativas de extensão, que promovem saúde e qualidade de vida à população, além de mantermos diversos projetos de responsabilidade social, junto aos conselhos comunitários dos bairros. [O Aluno Nota 10](#) que desenvolvemos na educação básica tem grande repercussão.

Estas cinco premissas deixam claro o que pode ser feito por uma IES de médio porte no relacionamento com sua comunidade. Mas, o que pode ser mais simples para ela, é difícilíssimo para uma de 100 mil alunos fazer a metade.

Para nossa mensagem do Dia do Professor, aproveitamo-nos das estratégias do reitor Gazzola para confirmar que o sucesso de qualquer realização está baseado em saber escolher colaboradores, incentivá-los e estimular talentos.

Nas minhas percepções, apesar das transformações que o mundo sempre passa, a única certeza é que, para sobreviver, vamos precisar sempre aprender. E os estudantes de qualquer idade precisarão estar sempre conectados com o mundo das informações e do conhecimento. Compartilhar experiências é a senha da vez

A construção de um mundo melhor depende do esforço que fizermos para de fato acontecer. A missão do professor é desafiadora, como sempre o foi. Mas os educadores de hoje têm em suas mãos a maior oportunidade da história da humanidade para marcar o século 21 como a era em que realmente o ser humano, sendo mais sábio, encontrou a solução, pela cooperação, para construir um mundo melhor.

O professor é o personagem chave para isto ser realidade. E, seja com a designação que for, a humanidade toda vai precisar sempre de você, educador. Parabéns, portanto, pelo próximo dia 15 de outubro.

CRIATIVIDADE, COLABORAÇÃO E COMPARTILHAMENTO: OS 3CS PARA INOVAR A EDUCAÇÃO BRASILEIRA

(18/10/2016)

[ACESSE AQUI](#)

O Ser Supremo chegou ao sétimo dia e disse: acabei de criar o sol, a lua e as estrelas. O mar, os peixes, a terra, as árvores, os frutos e os animais. Tudo é belo e harmonioso, mas faltam milhões de anos para ser concluído. Ide em paz minhas criaturas. Há um mundo a ser compartilhado. Com um pouco de trabalho e entendimento haverá muita riqueza para ser desfrutada

Esta epígrafe – retirada do Gênesis – mostra que o Criador, dando o livre arbítrio às criaturas, deu liberdade para que agissem diferentemente para conseguir seus objetivos de vida. Cada um, pensando em si mesmo, deu o ensejo para que o mais forte levasse sempre vantagem.

Assim, pelos séculos afora, sempre houve guerras e disputas para ver quem era o mais poderoso. Sempre existiram os morticínios de populações em diversas regiões do globo e a migração de milhares de pessoas fugindo da fome buscando abrigo e trabalho pelo mundo. O desentendimento entre nações sempre foi ameaça, fortalecido com a distribuição canhestra de recursos, mostrando que hoje cerca de 10% das famílias do planeta detêm o equivalente aos 90% restantes.

Uma certeza tem-se com tudo isso: antigas práticas nada mudam. É preciso ideias e gente nova para criar alternativas para um mundo mais sustentável e harmonioso. Precisa-se de Criatividade para um mundo melhor.

Em suas palestras para empresários, o fundador e diretor da Fábrica de Criatividade, [Denilson Shikako](#), enfatiza sempre a mesma mensagem: “novos desafios não são enfrentados com ideias antigas. Só as novas mudarão o *status quo* e produzirão inovação”.

A mente humana se acomoda ao sucesso e não percebe as mutações ambientais e de mercado. E se não estiver treinada para lidar com as adversidades, ela perece. No início de suas palestras, para animar o debate, Shikako costuma questionar a plateia com testes provocativos, que exijam dos ouvintes que pensem fora da caixa. “Para resolver, é preciso pensar diferente”¹ – **(Veja o desafio logo abaixo e concorra a um livro sobre Criatividade).**

Pensar diferente é vital para todas as áreas do conhecimento humano por envolver a capacidade de resolver desafios e problemas de formas distintas. Esse componente está relacionado diretamente com criar oportunidades em situações adversas e propor soluções que podem ser compartilhadas e úteis em diversos contextos, ou seja, se traduz na capacidade de mobilizar criatividade, conhecimentos, habilidades e atitudes para romper com maneiras de agir e pensar usuais e cristalizadas.

1 Um desafio proposto por Denilson Shikako tem como objetivo provocar a todos, pedindo respostas que não sigam o raciocínio viciado de todos os dias: um cidadão que reside no 12º andar, chega ao seu apartamento sempre que chove. Em dias sem chuva, ele só consegue chegar ao 5º andar. Qual a razão? Resposta: O homem é anão e, quando chove, ele alcança o botão 12 com a ponta do guarda-chuva.

Agora veja o segundo desafio e responda nos comentários. As três primeiras respostas certas, indicando como chegaram à solução, valem um livro sobre Criatividade!

Ao observar o setor público, é possível ver essa forma cristalizada de pensar e agir. Sai e entra governo e tudo continua igual, porque as "raposas velhas não vão querer sair do galinheiro". Isso acontece em todas as áreas em todo mundo. Há algo mais anacrônico, com pequenas exceções, que é o sistema educacional. Em todos os países há uma burocracia que não adere às transformações e, com medo de perder o poder, são firmadas posições difíceis de serem mudadas em benefício das novas gerações de estudantes ávidos em vivenciar o novo. Batem sempre na mesma tecla de que há necessidade de mudar o currículo, quando o que é preciso é uma mudança de mentalidade.

No mundo, a preocupação com a Criatividade como uma estratégia de treinar as novas gerações para o novo faz parte das agendas governamentais de países como Estados Unidos, Inglaterra, Canadá, Holanda, França, Itália, Coreia, China, Japão e muitos outros. Todas as nações já perceberam que os jovens precisam dominar essa competência.

"A Criatividade é uma atitude perante a vida, aquela que todo mundo precisa. É um composto de hábitos mentais que incluem curiosidade, questionamento, imaginação, determinação, conhecimentos, colaboração e autoavaliação", pontuou o Prof. Dr. Guy Claxton, na Cúpula de 2014 "Inovação para a Educação (WISE)", dedicada à criatividade e educação.

A bibliografia mundial e, principalmente, a norte-americana, é extensa em mostrar que a Criatividade é que enseja a inovação e o desenvolvimento. Como ela depende de ambiente propício para florescer, seria relevante o intercâmbio de conhecimentos interessantes e estimulantes entre as pessoas. E seria enormemente proveitoso analisar: o significado da troca de discussões produtivas com o propósito de criar o que nunca existiu; refletir sobre os resultados

conseguidos por uma comunidade ou país de mentes privilegiadas e bem-intencionadas preocupadas com o desenvolvimento de uma nação; pensar no valor da Cooperação criativa para soluções que possam melhorar a humanidade.

Criatividade é uma postura proativa de pessoas autoconfiantes que acreditam que pelo esforço mental a humanidade possa conviver melhor. Entretanto, para isso, é preciso precaver-se dos maus hábitos que combatem o seu desenvolvimento.

No excelente “Qualidade da Criatividade”, de Victor Mirshawka Jr. e Victor Mirshawka, da DVS Editora, os autores se preocupam e aconselham como evitar os nove hábitos negativos da Criatividade. São oito páginas, sintetizadas com as frases:

- Não fazer todos os dias novas perguntas;
- Não arquivar ou não armazenar as ideias trabalhadas;
- Rever sempre o arquivo das ideias registradas;
- Ter dificuldades de expressar suas ideias;
- Não conseguir desvincular-se de um formato único de uma ideia;
- Contentar-se com uma única criação;
- Desistir de continuar tentando ser criativo;
- Considerar que não é uma pessoa criativa;
- Não conseguir tolerar as pessoas com comportamentos criativos.

Tão expressivo como os nove nefastos hábitos, há as “99 Idea Killers” que atestam que “nenhuma ideia nasce perfeita; dê-lhe uma chance para crescer”.

O século XXI é considerado o período da inteligência em que os indivíduos viverão, conviverão e trabalharão desenvolvendo seus esforços e talentos harmonicamente. A humanidade deve unir criatividade, colaboração e compartilhamento no momento em que

a tecnologia oferece as ferramentas para isso. Portanto, o desafio será incentivar a capacidade de fazer parte do coletivo, desenvolvendo o trabalho em redes de conhecimento, voltados à resolução de desafios e problemas, que parte das esferas sociais, profissionais e educacionais.

Afinal, a colaboração é o eixo que apresenta a interdependência do aprender e ensinar, e da coparticipação. Se a humanidade vai mal, será que os “cérebros” não podem compartilhar suas vivências para construir um mundo melhor? E em termos de Brasil, os nossos intelectuais, os nossos estudiosos, os nossos empresários e os nossos bem-intencionados não poderiam unir sua criatividade para edificar um país que os políticos não estão conseguindo fazer? É muita utopia ou é melhor deixar tudo como está até arrebentar?

99 Idea Killers (assassinos de ideias)

Mate uma ideia com uma destas reações:

1. Isso não me entusiasma nem um pouco.
2. Ninguém vai comprar isso!
3. A gente já tentou isso antes e não funcionou.
4. Isso não se adapta ao nosso sistema.
5. E quem é que vai fazer?
6. Essa “m...” vai custar uma grana!
7. O diretor não vai gostar...
8. Não está de acordo com os nossos padrões.
9. Nós estamos preparados para fazer isso?
10. Pelo amor de Deus!
11. No duro mesmo, você não quer dizer isso!
12. Não se mexe em time que está ganhando.
13. Ah, mas o computador não vai conseguir processar!

14. Isso não faz parte da nossa imagem.
15. Não é do nosso jeito.
16. É simples demais!
17. É complicado demais!
18. Mas até que ponto isso é válido?
19. Não vai dar tempo de fazer.
20. O que é que o pessoal vai dizer em Juquiá?
21. Não é a nossa...
22. A gente está encompridando demais.
23. O último que apareceu com essa ideia não está mais aqui.
24. Boa ideia, mas implica em alguns custos...
25. Isso é uma bobagem!
26. O que é que isso tem de novo? E daí?
27. Espere só até a gente ver quanto custa.
28. A gente nunca fez nada igual a isso.
29. Alguém já fez alguma coisa igual, ou não?
30. Você sabe que a gente tá numa bruta recessão, pô!
31. De cara, eu não gosto.
32. Você deve estar brincando!
33. Eu ligo pra você depois, tá?
34. Ninguém vai dar bola pra isso.
35. Fica melhor assim, quer ver?
36. Desculpe, mas isso é uma droga.
37. Argh!
38. O que isso soluciona, cria de problemas.
39. (Riso).
40. (Silêncio).
41. Essa não é sua função.

42. Isso não é trabalho seu.
43. Isso não está de acordo com o jeito que a gente faz as coisas aqui.
44. Eu já ouvi essa história antes!
45. Vamos formar um grupo de trabalho para estudar esse assunto.
46. Vamos fazer uma pesquisa...
47. Semana que vem a gente fala disso.
48. Isso só vai trazer “pepinos”.
49. De onde é que você tirou isso?
50. Os homens não vão deixar.
51. Por mim tudo bem..., Mas...
52. Humm...
53. Humm?
54. Ah, realmente!
55. Ah, eu pensei que você fosse dizer outra coisa.
56. Deixe comigo, eu vou estudar isto.
57. Lembre-se de que o nosso cliente é muito careta...
58. Isso vai “f...” com a nossa imagem...
59. Não é factível e pronto.
60. Vamos ser realistas...
61. Isso não é do meu departamento.
62. Não vem que não tem...
63. Tá fora de questão e ponto final.
64. Não bagunce o correto...
65. Vamos lá, fale sério.
66. Você está realmente propondo isto?
67. Grande ideia – mas não para nós.
68. Eu tenho uma ideia melhor.
69. Todo mundo vai dizer que somos uns idiotas.

70. Todo mundo vai dizer que somos uns apressadinhos.
71. O que o público vai dizer?
72. Vamos ver isso no próximo mês.
73. Estão falando nisso há anos.
74. Não vai vender...
75. Não vai funcionar...
76. Não vai emplacar...
77. Vai passar em branco...
78. Vai pisar no calo de muita gente.
79. O que é que os homens vão dizer?
80. Deixe-me brincar de advogado do diabo.
81. As feministas vão cair matando...
82. Obviamente, você interpretou mal o pedido.
83. Você pensou nisso a fundo?
84. Nós precisamos de alguma coisa mais excitante.
85. Você realmente acha que funciona?
86. Ninguém vai entender sobre o que você está falando.
87. Ninguém vai saber de onde você tirou essa.
88. Este é um assunto para outra reunião.
89. Papo furado...
90. Pô, outra vez!
91. Isso resolve apenas uma parte do problema.
92. Desse jeito, nós vamos ficar na “m....”.
93. Por que “esquentar” com isso?
94. Tente outra vez. O caminho é esse, mas...
95. É, mas esse é o outro lado da história.
96. Isso é muito tentador, mas...
97. Isso é muito interessante, mas...

98. Isso é realmente fantástico, mas...

99. Tá, mas...

O SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO É AINDA MUITO CONSERVADOR

(25/10/2019)

[ACESSE AQUI](#)

O mundo real se transforma continuamente e, apesar de todo o progresso conseguido, terá sempre enormes desafios a serem vencidos. São cenários altamente competitivos, e, por estar presa ao passado, a universidade tem pouco comprometimento com estas demandas do futuro.

Os dados do Censo da Educação Superior 2015, divulgados pelo Inep no último dia 6, apresentaram poucos fatos relevantes. São as mesmas informações de sempre, que reforçam o modelo tradicional do nosso sistema educacional.

Há décadas que o segmento superior particular é expressivamente majoritário, sendo que os últimos dados apontam que 87,5% da rede de educação superior brasileira é formada por instituições particulares e apenas 12,5% são públicas. Destas, 40,7% são estaduais, 36,3% federais e 23,0% municipais.

O Censo mostra também que estão matriculados 8.027.297 alunos, dos quais 53,2% estudam em universidades, 16,9% em centros universitários, 28,0% em faculdades e 1,8% em IFs e Cefets. Observamos que, apesar de 1.980 Instituições de Ensino Superior (IES) serem faculdades, ou seja, 83,8% do total das instituições sediadas em todo o Brasil, essa organização acadêmica concentra pouca

quantidade de matrículas, sendo quase todas no ensino presencial.

Como sempre, o segmento particular detém ainda o maior número de matrículas, representando 75,7% do total (6.075.152). O crescimento da matrícula em relação ao ano anterior foi de apenas 2,5%, sendo que, as particulares tiveram aumento de 3,5% e, por incrível que pareça, na rede pública houve uma queda de 0,5%, fato acentuado principalmente nas instituições municipais. Esses números indicam que há 2,6 alunos matriculados na rede privada para cada aluno na rede pública nos cursos presenciais.

Outros pontos que merecem ser destacados do Censo da Educação Superior 2015:

- O Ensino a Distância (EAD) representa 1,4 milhão de matrículas, 17,4% do total, sendo a maioria na rede particular e nas licenciaturas;
- Em 2015, houve uma queda de ingresso no EAD de 4,6%. No presencial, a queda foi de 6,6%, ocasionada, principalmente, pela crise oriunda do Fies;
- Os bacharelados representam 68,7% do total de matrículas, contra 18,3% das licenciaturas. E estas, surpreendentemente, estão em sua maior parte (65,1%) nas universidades. Na rede particular, mais da metade das licenciaturas (51,1%) são a distância;
- Na educação tecnológica, cresce o número dos matriculados em EAD, enquanto há uma pequena queda nos tecnológicos presenciais e isso se explica pelo custo x benefício;
- A presença de alunos estrangeiros tem aumentado e já são 15.605 alunos na graduação, sendo 30% do continente africano e de Angola o maior número (2.263);
- O curso de Pedagogia é o mais concorrido entre as mulheres, com 608.868 matrículas. Entre os homens, o mais concorrido é

Direito, com 381.541 matrículas, sendo este o curso com o maior número de matrículas no total (853.211);

- Estão ainda entre os maiores cursos de graduação em número de matrículas no Brasil os cursos de Administração, Ciências Contábeis, Engenharia Civil, Enfermagem, Psicologia, Gestão de Pessoal, Serviço Social e Engenharia de produção, sendo que na maioria deles, as mulheres estão em maior número;
- Os ingressos em 2015 foram de mais de 2,9 milhões de alunos, sendo que 81,7% foram para a rede particular;
- O total de vagas oferecidas em 2015 soma 8.531.655: apenas 764.616 em IES públicas e 7.767.039 de IES particulares;
- Não foram aproveitadas 2.362.789 vagas: 174.136 nas públicas e 2.188.653 em particulares;
- Mais de um milhão de alunos concluíram seus cursos, sendo 910.171 na rede particular e 239.896 na pública. Portanto 79,1% dos concluintes vieram da rede particular;
- O número de concluintes de cursos presenciais cresceu 9,4% em relação a 2014 e, em EAD, aumentou 23,1%;
- Havia 388.004 professores em exercício em 2015, dos quais 57,3% tinham vínculo com o segmento particular e 42,7% com a rede pública;
- Quanto à formação dos professores da rede particular, 20,8% tinham Doutorado, 48,2% Mestrado e 31,0% algum curso de Especialização.

Uma análise imediata aponta que as vagas oferecidas pelo sistema não estão sendo aproveitadas em sua totalidade e que a quantidade de vagas remanescentes tem aumentado ao longo dos anos, na proporção do aumento da expansão do setor.

O segmento particular mostra maior presença comparativa nos cursos tecnológicos, mas a quantidade de matrículas ainda é muito

pequena nas formações especializadas. A grande questão é verificar se esse tipo de curso não seria o mais adequado para atender a demanda por qualificação de mão de obra, conforme dados do IBGE, tendo em vista que seus egressos podem, num segundo momento, dar continuidade aos estudos de maior duração, já estando em atuação no mercado de trabalho.

O setor público não tem se mostrado receptivo a esse tipo de curso e esta é outra questão de política pública: no mínimo 15 novas universidades oferecem cursos tradicionais, quando as tendências no mercado ocupacional sinalizam para áreas que exigem maior rapidez no processo de formação.

Os tecnológicos deveriam ser organizados, em sua maioria, em módulos de conhecimentos específicos, de competências e habilidades. O investimento público em cursos tradicionais parece não ser a melhor política, cabendo maior reflexão por parte dos dirigentes, considerando que a rede pública federal é totalmente gratuita.

O que fica evidente, nos dados do Censo, é que aumentou significativamente a qualificação dos professores da rede particular e seu grau de dedicação, sendo que a maioria já atua em regime de trabalho parcial, ficando relegado o modelo hora-aula, tradicionalmente em maior número.

Fica demonstrado também que o grande número de vagas ociosas sinaliza o problema da falta de financiamento para a demanda do segmento particular. Isto está claro nos dados apresentados.

Destaque deve ser dado ainda à maior presença feminina nas matrículas totais do ensino superior e, principalmente, entre os cursos mais procurados. A presença feminina em algumas carreiras tradicionalmente ocupadas pelo sexo masculino já se mostra majoritária, excetuando-se as Engenharias.

Importante salientar que para viabilizar a meta de 33% preconizada pelo PNE- 2014/24 é necessário dobrar em 9 anos os atuais 17,7% de alunos na faixa de 18 e 24 anos. Os estudantes das classes A e B já estarão atendidos, restando o acesso dos alunos provenientes das classes C e D, e, para isso, o estado inevitavelmente terá de encontrar políticas de financiamento.

Por outro lado, o modelo de cursos estanques apresenta sinais claros de esgotamento, o que merece uma reflexão de mudança, como previa o projeto de Reforma Universitária que está parado no Congresso Nacional.

O número de instituições de ensino superior continua crescendo, todavia, o que é lastimável é a inexistência da diversificação da oferta. Os cursos tradicionais prevalecem porque a cultura bacharelesca enraizada determina que todos ainda devem ser médicos, advogados, administradores e engenheiros.

Vivemos um tempo em que o percentual de qualificados desempregados aumentou significativamente. É preciso que se tenha presente a relação custo x benefício entre os cursos oferecidos e as principais demandas do mercado para avaliar onde os investimentos devem merecer mais atenção.

Os dados do Censo trazem poucas novidades, mas o reflexo na nossa sociedade demonstra que está na hora dos números mudarem para que, assim, podemos atender de fato às nossas carências.

PARA ONDE VAI A UNIVERSIDADE?

(01/11/2016)

[ACESSE AQUI](#)

“Universidade e empresas têm de trabalhar juntas pela inovação. A fórmula, vitoriosa em todo o mundo, ainda não vigora no Brasil. Os alunos já perceberam que há algo errado. Os professores, ainda não.”

O Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), fundado em 1861, tem exemplo alentador. O modelo adotado mostra como uma universidade voltada ao empreendedorismo colabora com para que seu país possa se desenvolver. Vejam estes números:

1. 30 mil empresas foram fundadas nas últimas décadas;
2. 4,6 milhões de pessoas trabalham nessas companhias;
3. 60 cursos ministrados no MIT têm relação com empreendedorismo;
4. 279 patentes lançadas em 12 meses, até julho;
5. 25 companhias criadas em 12 meses, até julho.

Evidentemente, Brasil e Estados Unidos são países diferentes, culturas distintas e sociedades civis com outros objetivos e realidades. Para refletir melhor sobre isso, nos apoiamos na excelente matéria publicada na revista Época, de 23 de outubro, de Paula Soprana ([Universidades brasileiras falham no ensino de empreendedorismo](#), e em dados da pesquisa “[Empreendedorismo nas Universidades Brasileiras](#)”, realizada pela Endeavor e pelo Sebrae.

Apesar de a pesquisa apontar que uma parte dos universitários brasileiros dos dias atuais demonstram a vontade de empreender, poucos deles têm como objetivo empresas que cresçam rápido em poucos anos. O estudo sinaliza que, embora 58% dos universitários pensem em empreender no futuro, apenas 11% esperam que suas empresas tenham mais de 25 funcionários cinco anos após a abertura. Mesmo entre os pesquisados que já são empreendedores, apenas 17,4% esperam alcançar esse resultado.

Não são apenas os sonhos dos universitários que são pequenos. De acordo com a pesquisa, a maioria dos alunos também não se prepara para empreender. Apenas 14,1% indicam que gastam tempo aprendendo a iniciar um novo negócio. E entre os que sinalizam que “pensam muito em empreender”, apenas 22,6% demonstraram ter a mesma dedicação para começar de fato um negócio.

A falta de atitude para empreender pode gerar impacto nos resultados sobre a confiança dos alunos para realizarem atividades típicas de um empreendedor, como contratar, gerir as finanças ou definir uma estratégia para um novo produto.

Outros números preocupantes da pesquisa: entre os alunos que apontam baixa dedicação para empreender, apenas 20% se sentem muito confiantes para abrir um negócio. Entre os que dizem se dedicar, esse número dobra: cerca de 40% se sentem muito confiantes.

A gerente de Pesquisa da Endeavor, Pamella Gonçalves, alerta para importante papel das escolas nesse contexto: “se tivermos mais universidades e professores que estimulem seus alunos a inovar, a se preparar e a sonhar grande, com certeza o Brasil poderá ter no futuro grandes histórias de empreendedores”.

Mas, afinal, por que a universidade é tão morosa, demora para reagir, adota um corporativismo medieval, se recusa a inovar, se opõe à

criatividade e se fecha em si mesma? Basta acionar o buscador do Google citando o termo “empreendedorismo e universidade” para termos 459 mil publicações sobre o assunto.

Segundo Ricardo Schinaider de Aguiar¹, “a aproximação entre o mundo empresarial e o acadêmico pode ser fundamental para a inovação e o desenvolvimento tecnológico do país, e a importância em inovar e gerar novos conhecimentos e tecnologias vem crescendo e mudando a relação entre esses dois núcleos nas últimas décadas. Em todo o mundo, principalmente a partir da segunda metade do século XX, houve a aproximação entre as instituições acadêmicas e o mercado. No Brasil, esse processo ganhou força a partir do início do século XXI e ainda está em expansão. As principais universidades não estão mais apenas empenhadas em produzir conhecimento e formar profissionais, mas também em contribuir com o desenvolvimento tecnológico e econômico do país. Assim, por meio do empreendedorismo estimulado em universidades, está sendo quebrada a barreira cultural que separava o mundo acadêmico das empresas, estabelecendo uma nova e benéfica relação para ambos”.

Em realidade, ainda temos poucos profissionais habilitados para incentivar o empreendedorismo no meio acadêmico. Além de termos poucos professores especializados, em virtude de ser uma área recente no nosso país, é uma dificuldade também mostrar ao universitário a importância de se preparar para empreender no futuro.

Uma das maneiras de se iniciar esse processo são os estágios nas empresas. Mas não é raro que essa experiência seja conduzida de forma inapropriada, acabando por distanciar ainda mais o aluno do universo empresarial. É comum que, em vez de estimular o empreen-

1 Ricardo Schinaider de Aguiar: biólogo formado pela Unicamp, com especialização em Divulgação Científica também pela Unicamp.

dedorismo e a troca de experiência, os estudantes sejam colocados para realizar tarefas operacionais apenas e acabarem desmotivados.

Em 2004, foi criada a Lei de Inovação com o objetivo de ampliar as parcerias entre universidades e empresas para contribuir com o desenvolvimento tecnológico do país. Nesse âmbito, os Núcleos de Inovação Tecnológica (NITs) têm o papel de tentar estabelecer melhores relações entre institutos de pesquisa e o setor produtivo. Os núcleos possibilitam que sejam detectados resultados de pesquisas com potencial para patentes, mas ainda é observada resistência por parte dos pesquisadores, preocupados que alguém os “roube”.

E mesmo com os recursos recebidos pelas universidades públicas e os benefícios oferecidos às empresas, existem dificuldades para realizar o empreendedorismo. As relações entre empresas e universidades são motivadas por diversos fatores, mas, ao mesmo tempo, são desestimuladas por outras tantas barreiras. Isso se deve ao fato de que ambas as organizações possuem naturezas distintas, com princípios e valores muitas vezes antagônicos. Por um lado, a universidade pode dar mais valor à pesquisa básica do que à pesquisa aplicada e sua comercialização, e ter docentes que não compreendam as necessidades do setor produtivo. Por outro, as empresas têm, em geral, visão imediatista e normalmente exigem o direito de propriedade intelectual.

Além disso, enquanto as universidades visam à publicação de artigos científicos, as empresas objetivam o desenvolvimento de produtos com aplicações imediatas. Nas universidades não se escutam as demandas do mercado de trabalho e o objetivo final esse esvazia com a produção dos Trabalhos de Conclusão de Curso que não atendem nem à sociedade, nem às empresas.

E, assim, com orgulhos e vaidades, vamos pondo lenha na fogueira do atraso.

SISTEMAS EDUCACIONAIS DEVEM TER VISÃO DE FUTURO

(08/11/2016)

[ACESSE AQUI](#)

“A crescente substituição do trabalho humano pelas máquinas deverá fazer que metade das ocupações que existem hoje desapareça no prazo de uma ou duas décadas”.

(Prof. Erik Brynjolfsson)

O economista americano Erik Brynjolfsson, diretor do Centro de Negócios Digitais do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), diz, em entrevista à Revista Veja (edição 2502 – ano 49 – nº 44, 2 de novembro de 2016), que o desenvolvimento da inteligência artificial levará a humanidade a rever totalmente sua maneira de fazer negócios e que nossa forma de viver deverá ser repensada. Partindo de seu ponto de vista, será preciso fortalecer e readequar os sistemas educacionais para uma nova realidade, “pensar na reinvenção que será necessária na educação para esse novo mundo em que profissões serão dizimadas pelas máquinas, e encontrar soluções para o problema da desigualdade, que tende a se acentuar”.

Somos céticos em relação à sua afirmação de que as máquinas ultrapassarão os cérebros humanos, porém, há, de fato, a necessidade de nos prevenirmos e nos aprimorarmos. Não somente em relação às máquinas, porque atualmente as diferenças educacionais já são bem extensas, como salienta o último Enem.

Os “Resultados do Enem por Escola 2015”, divulgados recentemente pelo Inep/MEC, mostram como a diferente situação econômico e social das famílias ainda é fator discriminante na formação educacional do jovem.

Os dados, que se repetem com poucas diferenças, refletem uma realidade em que a desigualdade social produz um cidadão incompleto. Onde há maior pobreza, com raras exceções, há também um baixo desempenho educacional e, onde, ao contrário, a situação socioeconômica é melhor, os índices simplesmente sobem.

É gritante a defasagem de desempenho entre famílias que possuem acesso à internet, participação nos meios de comunicação e melhor situação social e as que não possuem. Diante de tal situação, deveríamos ficar envergonhados, pois estamos criando uma geração de órfãos da cidadania. Porém, mais grave ainda é pensar em como tentar recuperar uma criança que nos primeiros anos de vida não teve leite materno, cuidados e alimentação adequados, tendo em vista que o desenvolvimento intelectual pode estar diretamente ligado a uma vida saudável na primeira infância.

O mesmo acontece no ensino fundamental. Se o aluno vem de família pobre, e depende da merenda escolar, estamos diante de idêntico problema.

Estamos focados para o lado errado e a razão de tudo é uma sociedade cada vez mais egocêntrica, egoísta. E o pior: que se diz democrática, não racista, não discriminadora, quando a realidade mostra totalmente o contrário, como provam os indicadores a OCDE e da UNESCO.

A culpa não é de todos, mas de muitos. Do estado, dos ricos, dos altruístas, dos esnobes, dos bem-intencionados. É um compromisso de toda a sociedade. Como adoramos “dourar uma pílula” tentando

encontrar desculpas para nossos erros e suas consequências. Erros de um sistema de representatividade inexistente. Erros de uma sociedade dividida, sem dúvida, entre os muito ricos – cerca de 10% que concentram a maioria de nossa riqueza, os ditos remediados que lutam para manter as aparências, para dizer que são de uma classe diferente – e os da classe média mesmo, que conseguiram ter uma casa própria, televisão, forno de micro-ondas, internet e outras facilidades. E temos ainda mais duas classes: a dos que foram empurrados para cima por força dos programas sociais e hoje não conseguem mais ficar no patamar mais alto e sentem-se traídos e a dos pobres e miseráveis, que ainda temos aos montes.

Parece que nossa consciência social foi anestesiada há muito tempo por razões diversas e por desculpas que criamos: “ah, eu trabalho demais e os outros não trabalham”; “eles não levantam cedo como eu e não dão duro como eu”; “eles são privilegiados, pois pertencem à classe dos ‘QIs’, dos ‘quem indica’ para ocupar cargos políticos”.

Mas, voltando aos dados divulgados do Enem e analisando os resultados de milhares de escolas, há uma constante: os melhores resultados são das particulares, dotadas de todas as ferramentas para um bom aprendizado. As primeiras escolas públicas a aparecerem na lista estão longe e são poucas. Com esses resultados, parece até que faz justiça por meio da política de quotas para a escola pública no acesso às universidades, na certeza de que a mesma jamais terá qualidade.

Tudo tem efeito dominó. O aluno entra no ensino fundamental e vai sendo empurrado para frente com todas as deficiências em matemática, língua portuguesa e outras disciplinas e, quando finalmente poucos entra no ensino médio, já traz a carga de atrasos, defasagens, que também vão ter reflexo no ensino superior.

Mas, atenção, estamos vendo apenas um lado porque o que está demonstrado é claro:

- Situação socioeconômica como fator lastimável;
- Falta de infraestrutura como fator determinante;
- Falta de equipamentos tecnológicos e internet também;
- Professores desmotivados, pois não têm material didático e nem acesso ao que existe de mais moderno para dinamizar o ensino, sem contar a falta de qualificação.

E aí temos a primeira consequência: evasão e abandono, vindo esses jovens a formar a legião dos “nem, nem” – não mais estudam, por carências, desânimo, desalento, e também não trabalham, porque não foram preparados para qualquer ofício.

Fica evidente que o problema do ensino médio, ou de qualquer outro nível de ensino, não está só no currículo. Ele representa parte, mas não é fator determinante, apesar do tema ser controverso e, pior, debatido por profissionais que nunca entraram numa sala de aula.

Estamos sim formando uma geração de deserdados e desprovidos das ferramentas básicas para serem cidadãos brasileiros. Essa dívida vai aumentando, dia a dia, e será cobrada pelas novas gerações que dirão que somos cúmplices, pois sabíamos dos problemas e não os resolvemos.

Por isso, é uma questão de guerra mesmo resolver as questões fundamentais do sistema educacional onde todos os níveis e graus estão interligados. Separar apenas um para tentar resolver o problema é colocar remendo novo em roupa velha¹.

1 Em artigo anterior (<https://blog.abmes.org.br/?p=11557#comments>) fiz um desafio, mas ninguém acertou a resposta.

Vamos dar uma segunda chance, com outro desafio. Quem adivinhar, leva um livro sobre criatividade: Um cidadão comprou uma coleção contendo 8 livros completamente iguais e com o mesmo número de páginas. O vendedor disse que um deles saiu com o peso de 1 grama a menos. Em duas pesadas com balança de 2 pratos identifique o livro mais leve.

A resposta será dada nos próximos artigos.

PÁTRIA MADRASTA VIL

(15/11/2019)

ACESSE AQUI

“É disso que o Brasil precisa: mudanças estruturais, revolucionárias, que quebrem esse sistema-esquema social montado...”

(Clarice Zeitel Vianna Silva)

Neste dia 15 de novembro, quando comemoramos o Dia da Proclamação da República, vale uma reflexão sobre a nossa república, sobre a nossa democracia, sobre a nossa pátria.

A partir do ano de 1889, com o fim da monarquia e a implantação de um novo regime político, o brasileiro passaria a poder escolher o chefe do governo: o presidente da República – embora as eleições diretas de fato só tenham mesmo acontecido 100 anos depois. Foi, de todo modo, um marco importante para o nosso país e para a população, com a promessa de que passaria a ter mais liberdade, mais voz e o direito de participar das decisões mais importantes do país.

Em 2000, o Brasil estava entre os 189 países que aprovaram os “Oito objetivos para o desenvolvimento do milênio”. O pacto tinha como uma das metas mais importantes a eliminação da extrema pobreza e da fome existente no planeta até o ano de 2015. O tema foi abordado na quarta edição do concurso de redação para universitários brasileiros promovido pela Unesco Brasil e o jornal Folha Dirigida, em 2006. Concorreram 41.329 textos e entre 100 vencedores estava Clarice Zeitel Vianna Silva, então estudante da UFRJ. A publicação pode ser acessada [aqui](#) e o texto encontra-se na página 126.

O que avançamos ao longo de todos esses anos? Compartilho com vocês esse material tão atual e que, ao mesmo tempo, retrata uma realidade que transpassa séculos.

Onde já se viu tanto excesso de falta? Abundância de inexistência... Exagero de escassez... Contraditórios?? Então aí está! O novo nome do nosso país! Não pode haver sinônimo melhor para BRASIL.

Porque o Brasil nada mais é do que o excesso de falta de caráter, a abundância de inexistência de solidariedade, o exagero de escassez de responsabilidade. O Brasil nada mais é do que uma combinação mal engendrada – e friamente sistematizada – de contradições.

Há quem diga que “dos filhos deste solo és mãe gentil.”, mas eu digo que não é gentil e, muito menos, mãe. Pela definição que eu conheço de MÃE, o Brasil está mais para madrasta vil.

A minha mãe não “tapa o sol com a peneira”. Não me daria, por exemplo, um lugar na universidade sem ter-me dado uma bela formação básica. E mesmo há 200 anos atrás não me aboliria da escravidão se soubesse que me restaria a liberdade apenas para morrer de fome. Porque a minha mãe não iria querer me enganar, iludir. Ela me daria um verdadeiro Pacote que fosse efetivo na resolução do problema, e que contivesse educação + liberdade + igualdade. Ela sabe que de nada me adianta ter educação pela metade, ou tê-la aprisionada pela falta de oportunidade, pela falta de escolha, acorrentada pela minha voz-nada-ativa. A minha mãe sabe que eu só vou crescer se a minha educação gerar liberdade e esta, por fim, igualdade. Uma segue a outra... Sem nenhuma contradição!

É disso que o Brasil precisa: mudanças estruturais, revolucionárias, que quebrem esse sistema-esquema social montado; mudanças que não sejam hipócritas, mudanças que transformem! A mudança que nada muda é só mais uma contradição. Os governantes (às vezes)

dão uns peixinhos, mas não ensinam a pescar. E a educação libertadora entra aí. O povo está tão paralisado pela ignorância que não sabe a que tem direito. Não aprendeu o que é ser cidadão.

Porém, ainda nos falta um fator fundamental para o alcance da igualdade: nossa participação efetiva; as mudanças dentro do corpo burocrático do Estado não modificam a estrutura. As classes média e alta – tão confortavelmente situadas na pirâmide social – terão que fazer mais do que reclamar (o que só serve mesmo para aliviar nossa culpa) ... Mas estão elas preparadas para isso?

Eu acredito profundamente que só uma revolução estrutural, feita de dentro pra fora e que não exclua nada nem ninguém de seus efeitos, possa acabar com a pobreza e desigualdade no Brasil.

Afinal, de que serve um governo que não administra? De que serve uma mãe que não afaga? E, finalmente, de que serve um Homem que não se posiciona? Talvez o sentido de nossa própria existência esteja ligado, justamente, a um posicionamento perante o mundo como um todo. Sem egoísmo. Cada um por todos...

Algumas perguntas, quando auto indagadas, se tornam elucidativas. Pergunte-se: quero ser pobre no Brasil? Filho de uma mãe gentil ou de uma madrasta vil? Ser tratado como cidadão ou excluído? Como gente... Ou como bicho?

OS DESAFIOS DA APLICAÇÃO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

(22/11/2019)

ACESSE AQUI

“Na nossa vida a tecnologia entrou, todo mundo usa. Mas na escola, ou ela não entra, ou entra de forma fragmentada, dentro da lógica da escola. Por isso nosso mantra é ressignificar a escola.” (Adriana Martignelli, gerente de negócio da Joystreet, para o Especial Educação do Futuro do jornal O Estado de S.Paulo – 24/10/2016)

O [Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova](#), fundamentado por 26 intelectuais em 1932, foi o grito de alerta para a reconstrução do então sistema educacional brasileiro. E, decorrente das ideias defendidas, indicava o uso da nova tecnologia que despontava na época: o cinematógrafo.

Desde seu primórdio, o cinema pela imagem, movimento, som e cores mostrava-se uma poderosa ferramenta para incrementar o processo de ensino-aprendizagem. E foi assim que o governo de Getúlio adquiriu centenas de projetores para serem distribuídos às escolas. Passada a euforia dos primeiros momentos, todos se deram conta somente depois de que para exibir cinema havia necessidade de filme, de energia elétrica e de quem o passasse. Assim, as máquinas encaixotadas se perderam no correr do tempo.

Ainda hoje, embora se observe a proliferação exuberante de todas as mídias, muitos se esquecem de que o mais importante é o conteúdo respaldado por uma bela história.

Escrevo isso porque, nos últimos meses, a mídia vem dedicando sua atenção ao uso das tecnologias em educação, preocupada com a sua aplicação e os resultados efetivos alcançados.

Aposentamos os projetores de slides, os mimeógrafos, os *players* para a bitola VHS e os retroprojetores para exibir transparências e todos estão atribuindo à tecnologia o condão de atravessar os muros e as paredes escolares, exortando que as inovações em sala de aula estão diante da hora da mudança, que é agora.

O uso da Tecnologia da Informação (TI) na educação tem levado escolas e pais a verem os avanços tecnológicos com respeito, mas o tema também gera alguma desconfiança. Afinal, os pais que se sentaram na sala de aula em carteiras postas uma atrás da outra e nas quais assistiam ao *magister dixit* durante quatro horas pensam que o mundo jurássico não mais existe, enquanto a realidade é que a universidade brasileira pouco mudou na transmissão do conhecimento.

Há todo um universo apostando nas novas tecnologias, incluindo intelectuais, educadores, pedagogos e outros profissionais que se arriscam. E correr riscos é temerário demais no âmbito educacional. É como apostar todas as fichas na viagem de ida, sem volta. E com razão, pois dá para voltar atrás e retomar o modelo tradicional? Jamais.

Tudo é desafiador, não dá para prever se vai dar certo ou não. Mas, como retórica, a TI não é boa nem má. Mau ou bom é o uso que se fará das ferramentas na educação. Não é de hoje que o assunto tecnologias incomoda, mas nunca ganha solidez, principalmente porque quem escreve elogiando ou criticando costuma ser quem nunca pôs os pés na sala de aula, a não ser como aluno.

Nesse contexto, o único que poderá decifrar o enigma será o professor. Seu papel está assegurado diante de ferramentas autônomas e inteligências artificiais: colocar um pouco de ordem no caos, ajudar a organizar o mundo.

No Iluminismo do século XVIII, para reformar a sociedade, a criação lapidar revolucionária foi a enciclopédia, obra que tinha a ambição de colocar ao alcance do leitor todo o conjunto de conhecimentos humanos derivados da razão. A realidade é que hoje quem governa o mundo é o caudal de informações vindas dos mais diferentes aparatos tecnológicos, e o desafio vai ser informar melhor.

O papel do professor (comunicador, tutor, mediador, seja lá o nome que for) é o de ser o guia no processo de transformar informação em conhecimento – uma mistura fluída de experiência acumulada, valores, informação e *insight* experimentado, o que proporciona uma estrutura para a avaliação e incorporação de novas experiências e informações.

O conhecimento é decorrente da interpretação da informação e de sua utilização para gerar novas ideias, resolver problemas ou tomar decisões e existe quando uma informação é explicada e suficientemente compreendida por alguém. É o resultado de nossa aprendizagem, daquilo que experimentamos e podemos utilizar novamente em diversas situações.

A escola se depara atualmente com um paradoxo: quantidades cada vez maiores de pessoas precisam ser educadas, mas o modelo da revolução industrial em que todos aprendiam as mesmas coisas da mesma forma já não serve mais. A solução para esse impasse é a personalização do ensino, possível em grande escala graças à tecnologia, que possibilita tratar cada pessoa individualmente, com suas necessidades e modos de pensar, dando a elas uma série de ferramentas que as ajuda, também, a conectar-se com outras pessoas e outras culturas.

Ao debater os novos papéis do professor, Miguel Thompson, diretor executivo do Instituto Singularidades, afirma que, muito mais do que pensar em aparelhos ou programas de computador, o professor tem de atuar segundo os *drives* culturais da atualidade: customização, colaboração, conexão, comunicação, criatividade e crítica.

O professor deve ainda desenvolver uma sensibilidade ativa, que o ajuda a entender as necessidades e interesses reais dos estudantes. Estes, por sua vez, vão atingir a condição que tanto reivindicam: o protagonismo sobre a própria aprendizagem, ajudados nessa tarefa por toda tecnologia à sua disposição e em suas mãos.

Por outro lado, embora se considere importante o uso de uma tecnologia, vale lembrar que essa utilização se torna desprovida de sentido se não estiver aliada a uma perspectiva educacional comprometida com o desenvolvimento humano, com a formação de cidadãos, com a gestão democrática, com o respeito à profissão do professor e com a qualidade social da educação.

Sabe-se que o emprego deste ou daquele recurso tecnológico de forma isolada não é garantia de melhoria da qualidade da educação. A conjunção de diversos fatores e a inserção da tecnologia no processo pedagógico da escola e do sistema é que favorecem um processo de ensino-aprendizagem de qualidade.

Para isso, o professor tem de se sentir confortável em seu novo papel. Nesse sentido, ele também deve estar engajado na sua formação continuada, feita de forma personalizada. Deve conhecer as novas tecnologias e utilizá-las de maneira criativa em suas aulas.

Há perigos pelo caminho? Sem dúvida. Mas ousar, errar e assimilar o erro positivamente em novas experiências é a ponte para a mudança de paradigma. A incorporação de tecnologias como instrumento de aprendizado tem o potencial de promover essa mudança, colocando o aluno no centro do processo, tornando-o um sujeito ativo e produtor.

PASSADO, VANGUARDA, TECNOLOGIAS E NOVO MODELO EDUCACIONAL

(29/11/2019)

ACESSE AQUI

“Insensivelmente começamos a alterar os fatos para provar as teorias ao invés de alterar as teorias para provar os fatos.”

Sherlock Holmes

Na semana passada, neste espaço, escrevi sobre “Os desafios da aplicação das novas tecnologias na educação” com o intuito de mostrar aos leitores o que está revolucionando o ambiente do ensino aprendizagem. Recebi e-mail expressando que deveria abordar com mais profundidade os aplicativos educacionais, que existem não só para facilitar a gestão acadêmica como para melhorar o desempenho da sala de aula, a pesquisa e todas as áreas de formação profissional.

Não sou especialista no assunto, procuro apenas estar a par do que ocorre no setor educacional. É um tema apaixonante, que sugiro, inclusive, ser abordado em um seminário da ABMES específico sobre isso. Mas a questão traz também controvérsias. Uma delas foi publicada na Folha de S.Paulo, na segunda-feira (21/11), pelo excelente articulista Luiz Felipe Pondé, sob o título “[Sonho dos gurus da tecnologia é fazer da humanidade um parque de idiotas](#)”.

“Sou um animal da academia. Adoro seu cotidiano. Dar aulas, para mim, é um pequeno pedaço do paraíso. Sim, critico muito a aca-

demia porque ela virou, em grande parte, um espaço para gente fazer (apenas) ascensão social via manipulação dos colegiados a favor de grupos de poder institucional, portanto, um antro da mais baixa política”.

Seu artigo é uma crítica amarga aos modismos da tecnologia e a seus arautos do Vale do Silício que a todo o momento inventam soluções de autoajuda para serem usadas pelas escolas e mostram que a universidade como conhecemos hoje acabou.

Na outra ponta, numa guinada de 180 graus, o **Porvir** mostra no especial Mãos na massa propostas, práticas e aplicações inovadoras na educação:

“A experiência mão na massa, prazerosa e lúdica, deve sobrepor-se à transmissão de conteúdo à medida que a primeira etapa de ensino é superada, e provavelmente as principais lembranças da escola das aulas teóricas, seguidas de provas são esquecidas. Uma das tendências na educação hoje é tornar o aprendizado mais significativo, propondo o retorno ao fazer, esquecido no jardim da infância. Em escolas do mundo inteiro, ganha força um movimento que valoriza a prática e a experimentação.

Para investigar a fundo o que é e como acontece a educação mão na massa, também chamada de educação maker, ou hands-on, o Porvir e o Instituto Inspirare testaram um novo processo de práticas escolares. Em tarde de agosto deste ano, o conceito de experimentação foi colocado à prova em um workshop com professores e especialistas em educação em um ambiente propício ao tema, o MundoMaker, espaço de aprendizado e desenvolvimento de projetos.

Na ocasião, surgiram convergências e divergências sobre o que é uma educação mão na massa. ‘Experimentação é uma metodologia ou um processo?’, ‘Desenvolve conhecimentos ou habilidades?’, ‘A prática deve estimular ou desafiar os alunos?’, e por aí vai.

Foi consenso que as atividades práticas devem envolver trabalho coletivo, estimular criatividade e desenvolver empatia, além de obedecer a princípios que estimulam a autonomia e o potencial inventivo, colocando o aluno no centro de seu processo de aprendizado.”

Como negar, hoje, o Aprendizado baseado em projetos, Aprendizagem colaborativa, Aprendizagem maker, Avaliação digital, Base Comum Nacional, Big Data, Cidade Digital, Competências para o século XXI, Conectividade, Desescolarização, Educação Integral, Educomunicação?

Como manter sob amarras uma juventude ansiosa por empreendedorismo, sustentabilidade e tantas outras atividades que os colocam expostos a todo tipo de inovação tecnológica?

Não sem razão, estamos ensaiando decolar para a nova era, a da educação de vanguarda, que aposentará um sem-número de propostas obsoletas, com prazo de validade vencido. Inimaginável, anos atrás, que veríamos universidades sem professores e currículos que contemplavam quase 15 disciplinas no ciclo básico e hoje contam apenas com três. Impensável também o volume de estudantes em EAD que já ultrapassam milhões e, desses, muitos já concluíram algum tipo de curso, com sucesso e empregabilidade garantida.

Com a mesma proposta analítica, no último sábado (26/11), a Folha de S. Paulo, em caderno especial, tratou do **Seminário Inovação Educativa**, realizado por ela nos dias 22 e 23 de novembro, onde foi discutido por estudiosos o papel da escola. A síntese final foi dar mais voz aos alunos, investir na formação de professores, ambientar o espaço educacional às novas realidades e, principalmente, alavancar a escola do século 19 à realidade do século 21.

Apesar do seminário ter como foco a educação básica, as questões discutidas aplicam-se totalmente ao ensino superior, pois o desafio a ser vencido é o mesmo:

- A educação inovadora deve ter a participação ativa dos estudantes.
- A passividade ficou nos séculos passados.
- O modelo de ensino centralizado no professor está superado.
- Os novos métodos exigem Aprendizado por Projetos.
- As atividades práticas devem prevalecer sobre a sala de aula tradicional.
- E, mais do que nunca, a preocupação do aluno está direcionada para o futuro, que é enfrentar o mercado de trabalho.

Pesquisa da **Fundação Telefônica**, parceira na promoção do evento, aponta que, entre 2013 a 2015, os jovens que acessam a internet aumentaram de 42% para 85%, porém o mais estranho é que, enquanto 92% dos jovens salientam que a internet permite mais acesso a informações e conhecimento, apenas 19% entram em plataformas educacionais.

Tudo isso mostra que há muito o que se fazer. E vale ressaltar nesse contexto que a figura do professor não se extingue, apenas transfigura-se. O que precisa ficar entendido é que a **tecnologia é só um meio** e o que vale é a produção do conhecimento, facilitada pelas novas ferramentas.

A educação, assim como todas as áreas, na educação, vai passar por transformações. E o aprendizado, mais do que nunca, vai precisar do professor com outro figurino. Para o ensino evoluir, precisamos de gente que pense diferente e não esteja atrelada aos vínculos de um mundo que hoje não mais existe.

OS BENEFÍCIOS E PERIGOS DO USO INDISCRIMINADO DA INTERNET

(06/12/2016)

ACESSE AQUI

Vejo que a tecnologia, para a massa populacional, ainda, é uma novidade, o que lhe confere o ar de irresponsabilidade permitida. Para que hoje as vantagens venham a superar de vez as desvantagens, haveríamos de ter cada vez mais curadoria de conteúdo de qualidade, etiqueta pessoal e grupal em meios online e até controle de si mesmo sobre o uso das máquinas, para nunca deixá-las se sobrepujar ao experiencial humano.

Gabriel de Oliveira¹

Pai, revoltado porque sua filha adolescente recebia semanalmente anúncios de produtos infantis, resolveu acionar a comerciante. Ao receber a denúncia, o advogado da empresa logo indagou ao marketing digital por que usara esta estratégia. Conhecendo-a, solicitou a presença do reclamante, para informá-lo que, no Facebook, a menina já anunciara às amigas que ficara grávida. E, como sabem, as redes sociais, além de meio de convívio, é excelente banco de dados informacionais.

Um tema que provoca muita discussão em família é o uso da internet. Quanto tempo os jovens passam ao celular? Especialmente nas

1 W. Gabriel de Oliveira é professor universitário na área de cibercultura, comunicação e marketing, além de consultor e pesquisador.

redes sociais. Qual a porcentagem de uso para informação e notícias? Com quem eles se comunicam enquanto conectados? Acessam só trivialidades, vulgaridades e banalidades?

A Radar Jovem, que mapeou o comportamento de jovens brasileiros de 18 a 25 anos durante 80 semanas, concluiu que eles ficam em média seis horas por dia em redes sociais nos celulares, que se transformaram, como teorizou McLuhan, em verdadeiros apêndices e extensões do corpo humano.

Pesquisa da rede Passei Direto, com mais de dois mil universitários em todo o país, revelou que 75% ficam conectados até adormecer e 62,5% se conectam assim que acordam. Em todo o mundo, bilhões de pessoas usam as redes sociais diariamente. Estima-se que até 2018, 2,44 bilhões de pessoas a estarão utilizando enquanto em 2010 eram só 970 milhões.

As redes sociais oferecem vantagens extraordinárias, mas escondem alguns perigos. Não só para adultos, mas principalmente para adolescentes, e até mais para crianças, que se expõem ingenuamente, aos seus perigos:

- sem cuidado algum ao revelarem suas intimidades e informações particulares e tornarem-se presas fáceis para pessoas mal-intencionadas;
- com falta de moderação da grande maioria, usando todo tipo de conteúdo postado, haja vista que a sua produção, ocorre de forma não centralizada, inexistindo o chamado “controle editorial”;
- no uso de links embutidos em fotos e imagens contendo códigos maliciosos capazes de contaminar os computadores com malwares ou que levem os membros das redes sociais a sites perigosos.

Não há o mínimo de prudência e de bom senso. Ocorre que muitos dos usuários da internet têm pouca consciência de seu uso. Vejam

o comportamento dos utilizadores no Facebook, que hoje superam 400 milhões de usuários, os assustadores dados que revelam:

- 46% dos utilizadores do Facebook aceitam pedidos de amizade de estranhos;
- 89% dos utilizadores da faixa etária dos 20 divulgam a sua data de aniversário;
- quase 100% dos utilizadores divulgam o seu endereço de e-mail;
- entre 30-40% dos utilizadores listam dados sobre a sua família e amigos.

As [redes sociais online](#) podem operar em diferentes níveis, como, redes de relacionamentos ([Facebook](#), [Twitter](#), [Instagram](#), [Google+](#), [Youtube](#), [MySpace](#), [Badoo](#)), redes profissionais ([LinkedIn](#)), redes comunitárias (redes sociais em bairros ou cidades) e permitem analisar a forma como as organizações desenvolvem a sua atividade, como os indivíduos alcançam os seus objetivos. Um ponto em comum nas redes sociais é o compartilhamento de informações, conhecimentos, interesses e esforços em busca de objetivos comuns. Porém na sua expressiva porcentagem, o que impera é a banalidade e suas consequências nocivas à saúde física, emocional e comportamental dos usuários.

Contrapondo-se ao uso da comunicação digital e sua utilização na sala de aula, o neurocientista alemão Manfred Spitzer investiga os efeitos da tecnologia na educação. Segundo ele, o cérebro dos jovens ainda está em desenvolvimento e por isso eles têm de se confrontar com o mundo **real** para se desenvolver normalmente.

Para Spitzer, com os aparatos tecnológicos deixamos de ser ativos, mas unicamente passivos. As mídias digitais, segundo ele, aumentam o estresse, fazendo com que as pessoas sofram consequências que podem chegar à síndrome de Burnout, distúrbio psíquico de caráter depressivo, precedido de esgotamento físico e mental intenso. Para

Spitzer, os nativos digitais, chamados de *smombies* (zumbis + *smartphones*), que passam a maior parte do dia plugados são candidatos a desenvolver, desde já, problemas de atenção, memória e concentração, mal que ele batizou como “demência digital”.

Qualquer tecnologia não é boa ou má e depende do uso que se faz dela. Ela existe para melhorar a nossa vida. Mas com respeito à internet e seus afins, seria prudente refletir ao conhecer que as pessoas no mundo usam anualmente mais do que Dois Bilhões de horas de seu tempo livre com ela.

O problema reside aí. O capital mais precioso que as pessoas possuem é o tempo e, como o sucesso dos produtos tecnológicos é medido pela duração de seu uso, todo cuidado é pouco para não sermos manipulados. Imagine se os indivíduos dedicassem 10% do tempo de modo útil. Não tenho dúvida que a humanidade seria outra.

O CENTÉSIMO MACACO

(13/12/2016)

[ACESSE AQUI](#)

“Nunca duvide que um pequeno grupo de pessoas conscientes e engajadas possa mudar o mundo. De fato, sempre foi assim que o mundo mudou.”

Margaret Mead

A antropóloga norte-americana Margaret Mead, falecida em 1978, talvez não tenha ouvido falar de ressonância mórfica que o biólogo inglês Rupert Sheldrake lançou em 1981 em seu livro *A New Science Life*. Seu *feeling*, porém, sempre a fez acreditar na construção coletiva do saber e no seu poder de transformação.

Também conhecida como o fenômeno do centésimo macaco, a proposta de Sheldrake partiu da observação de macacos por cientistas japoneses. Na década de 1950, numa ilha do Japão, eles jogaram batatas-doces cruas na praia. Os macacos gostaram do sabor, mas não da areia que as envolvia. Mas uma das fêmeas jovens descobriu que lavar as batatas no rio resolvia o problema e ensinou à mãe. E assim, sucessivamente, a novidade foi se espalhando entre os macacos jovens, que transmitiam às suas mães. Mas só os adultos que imitaram os filhos aprenderam esse avanço social. Até que, numa bela manhã, quando 99 macacos já lavavam suas batatas, o inesperado aconteceu: o centésimo macaco lavou a batata e todo o bando passou a fazer o mesmo. Mas o mais surpreendente estava por vir: o hábito chegou a outras ilhas cujos macacos passaram a lavar as batatas-doces sem que houvesse comunicação convencional entre

as duas populações: o conhecimento simplesmente se incorporou aos hábitos da espécie. Segundo Sheldrake, quando certo número de macacos atinge um nível de consciência, esta pode ser comunicada de uma mente a outra. A essa descoberta ele chamou de ressonância mórfica.

O biólogo explica que, ao contrário dos campos físicos, os campos mórficos não envolvem transmissão de energia. O que se transmite através deles é pura informação. Quando só um número limitado de pessoas conhece um caminho novo, ele permanece como patrimônio da consciência dessas pessoas. Mas há um ponto em que, se mais uma pessoa se sintoniza com a nova percepção, o campo se alarga de modo que essa percepção é captada por quase todos. Assim, o conhecimento adquirido por um conjunto de indivíduos agrega-se ao patrimônio coletivo, provocando um acréscimo de consciência que passa a ser compartilhado por toda a espécie. Enfatizam-se, assim, as dimensões coletivas e transpessoais.

Parece telepatia. Mas Sheldrake explica que não é, porque, tal como a conhecemos, a telepatia é uma atividade mental superior, focalizada e intencional que relaciona dois ou mais indivíduos da espécie humana.

A ressonância mórfica, ao contrário, é um processo básico, difuso e não intencional que articula coletividades de qualquer tipo: átomos, moléculas, cristais, organelas, células, tecidos, órgãos, organismos, sociedades, ecossistemas, sistemas planetários, sistemas solares, galáxias...

A história do centésimo macaco aponta para uma verdade: o interesse por nós mesmos e pelos outros cria um campo de energia de tal intensidade que é capaz de acabar com os velhos mitos e propor caminhos novos.

Assim, quando certo número crítico de consciências absorve e adota uma nova ideia, concepção, propósito teórico ou prático, essa nova consciência passa a ser transmitida de mente para mente, materializando-se na prática, transcendendo quaisquer tipos de barreiras e tornando-se real.

Há um ponto em que se mais uma pessoa sintoniza e absorve esse conhecimento, essa crença, o campo se amplia de modo que o novo saber é captado por todos, fazendo acontecer o sonho, a inovação, a nova perspectiva até então impedida por razões energéticas próprias do universo, de se concretizar.

Quando aplicamos à nossa realidade a hipótese de Sheldrake, entendemos como as mudanças fundamentais nos seres humanos podem ocorrer. No princípio, mudança de atitude ou comportamento é difícil, mas conforme vai crescendo o número de pessoas que mudam, torna-se progressivamente mais fácil para outras pessoas fazerem o mesmo. Em determinado ponto, alcança-se o número certo de indivíduos, a gota d'água, o hipotético e anônimo centésimo macaco que virou o jogo: aquela mudança de comportamento mostra o momento crítico em que os indivíduos modificam sua conduta e há a inversão no equilíbrio de forças.

Divorciados da realidade, como se vivessem numa torre de marfim cercados de todas as benesses e prerrogativas a que julgam ter direito, nossos políticos não estão se dando conta de que o centésimo macaco deve, não sem tempo, ser a gota d'água na paciência da população para uma mudança radical na sociedade brasileira. Em todos os movimentos populares, que, no Brasil, eclodiram com força em 2013, tudo começou sem organização central, sem um líder específico, como um impulso de parte da sociedade coordenando-se através de redes sociais na internet, movimentando uma multidão às ruas em uma manifestação contra algum problema concreto:

aumento na passagem de ônibus no Brasil, alterações urbanísticas na Turquia, crimes financeiros nos EUA, décadas de autoritarismo no Egito.

É como se o motivo do protesto fosse uma gota d'água. Mas o curioso é que tantas gotas d'água caíam ao mesmo tempo em lugares tão distantes ao redor do mundo, causando transbordamentos simultâneos de indignação. Em todas essas manifestações, há um sinal de que a consciência coletiva está pressionando multidões ao redor do planeta a implementar transformações importantes, concretas e efetivas.

Essas manifestações têm outra coisa em comum: são inspiradas na crença de que todos nós, unidos sem lideranças oportunistas e sem qualquer uniformização de nossos sonhos pessoais, podemos fazer transformações importantes.

Na nova realidade, a inteligência coletiva mostrará que não é mais simples espectadora e sim protagonista, capaz de colaborar para a construção de um país melhor de ser vivido.

ECONOMIA COLABORATIVA: PRINCIPAL TENDÊNCIA DO SÉCULO 21

(20/12/2016)

[ACESSE AQUI](#)

“A principal mudança da economia compartilhada é a redução da importância dos intermediários.”

Ladislau Dowbor

Em uma palestra no Brasil na HSM *ExpoManagement*, [Robin Chase](#), empreendedora americana, falou sobre assunto em que é uma das maiores especialistas do mundo: economia colaborativa e como criar abundância num mundo cada vez mais miserável.

Um de seus preceitos é começar pequeno e ir ampliando aos poucos. Mas é preciso que a ideia preencha uma necessidade básica das pessoas, que atinja a alma dos consumidores.

Autora do livro “Economia Compartilhada”, ela conta que investiu apenas 75 mil dólares em seu primeiro negócio, que era compartilhar um fusca velho com 22 pessoas. Seu primeiro *insight* foi perceber que, em 95% do tempo, os carros particulares não eram utilizados. A partir daí, desenvolveu um negócio para explorar o que estava sendo desperdiçado. Robin aconselha a descobrir onde está a capacidade excedente, aproveitando os ativos ociosos do mercado.

Crie mecanismos para conectar e dar voz aos usuários e encontre a pessoa certa no momento certo. As empresas colaborativas têm

como base a troca de informações e o uso de plataformas interativas, unindo pessoas para solucionar problemas comuns.

Segundo a revista *Forbes*, os empreendimentos colaborativos movimentaram mais de U\$ 110 bilhões em todo o mundo. O *Waze* é exemplo de troca de informações para melhorar o trânsito e hoje há centenas de aplicativos para ajudar desde a escolha do restaurante até o aconselhamento da saúde. A plataforma *Airbnb* – de oferta de cômodos vagos e imóveis para temporada – é a segunda maior *start up* do mundo, estando atrás somente do Uber.

A economia colaborativa é descrita como a principal tendência econômica do século 21, que conecta desconhecidos com interesses e necessidades comuns. Utiliza redes sociais e aplicativos, que facilitam o compartilhamento e a troca de conhecimentos, serviços e objetos numa escala sem precedentes. Ela pode reduzir o desperdício, aumentar a eficiência no uso dos recursos naturais, combater o consumismo e até reduzir a desigualdade social no mundo.

A realidade é que a verdadeira mudança vem da nossa consciência de que esse excedente cria oportunidades sem precedentes que podem ser aproveitadas para se ter um mundo melhor.

No livro “A Cultura da Participação – criatividade e generosidade no mundo conectado”, o professor Clay Shirky¹ defende a causa social do compartilhamento. A essência do livro é compreender o que fazemos com o nosso excedente cognitivo, no tempo que nos sobra. O autor faz uma comparação com Londres de 1720, quando a popu-

1 Clay Shirky é professor do Programa de Telecomunicações Interativas da Universidade de Nova York, prestou consultoria a diversas empresas, como Nokia, BBC, NewsCorp, Microsoft e Lego, e à Marinha dos Estados Unidos. Tem artigos publicados nos jornais New York Times, Wall Street Journal, Times e nas revistas Harvard Business Review, Business 2.0 e Wired.

lação ficava embriagada pela gim-mania. Beber gim foi a maneira dos trabalhadores superarem suas angustias, quando viviam amontoadas nas cidades, no começo da era industrial. O consumo de gim não era o problema; a causa era a reação às mudanças sociais drásticas e a inadaptabilidade a nova vida.

Clay assegura que a televisão é o nosso gim moderno, pois ela “absorve a maior parte do tempo livre dos cidadãos do mundo desenvolvido”. O autor ressalta: “o problema não está em assistir TV ou na escolha dos programas, mas, sim, na quantidade”. As pessoas passam infindáveis horas à frente da televisão perdendo tempo precioso.

Hoje as pessoas com acesso à internet, rápida e interativa, pelo smartphone ou tablet, afastam-se da mídia que pressupõe puro consumo por si só. Mesmo quando assistem a vídeos online, aparentemente uma mera variação da TV, elas têm oportunidade de comentar o material, compartilhá-lo com os amigos, rotulá-lo, avaliá-lo ou classificá-lo e, é claro, discuti-lo com outros espectadores por todo o mundo.

Shirky acredita que “as pessoas querem fazer algo para transformar o mundo em um lugar melhor. Ajudam, quando convocadas a fazê-lo. Quando você tiver descoberto como direcionar o excedente de modo que as pessoas se importem, outros podem reproduzir a sua técnica, cada vez mais, por todo o mundo”.

É claro que na internet há um incrível excedente cognitivo utilizado para coisas estúpidas e porcarias. Compartilhar, na verdade, é o que torna divertido fazer e expandir experiências e informações que nem sempre requerem grandes alterações no comportamento individual para gerar enormes mudanças no resultado.

O excedente cognitivo do mundo é tão grande que pequenas mudanças podem gerar enormes transformações porque as pessoas

gostam de colaborar. Compartilham o que estão lendo, assistindo, comendo, ouvindo. E muitas vezes nos proporcionam informação e entretenimento de graça. A motivação para compartilhar é o fator determinante; a tecnologia é apenas o facilitador.

O direcionamento do nosso excedente cognitivo permite que as pessoas se comportem de forma cada vez mais generosa, pública e social, em comparação com seu antigo status de consumidoras e bichos-preguiça. A matéria-prima dessa mudança é o tempo livre disponível para nós, tempo que podemos investir em projetos que variam da diversão à transformação cultural.

É bom explicar que Shirky não vive isento de oposição. Tem adversários, que trazem argumentos contrários, como Andrew Keen², que o julga um romântico ultrapassado.

São grupos sociais tentando projetos novos cuja expectativa mais profunda é crer num futuro auspicioso para a humanidade. As coisas mudam porque alguém percebe algo que pode ser feito agora, e dá um jeito de fazer acontecer.

Acredite: hoje existem mais celulares do que gente no Brasil. Enquanto somos 204 milhões de habitantes, o número de celulares já chega a 276 milhões, o que torna o celular o principal meio de acesso à internet no país.

A média diária de uso da internet via tablet ou computador é de 5h26min. Via smartphones é de 3h47min. A média diária de uso das mídias sociais é de 3h47min e, da televisão, 2h49min.

2 Andrew Keen, em seu livro O culto do amador chamou os blogueiros de “macacos”. Já em #Vertigem Digital, Keen tece duras críticas a Shirky e a outros “comunitaristas românticos”. Keen chama Shirky de megacomunitarista.

Imagine se 5% desta quantidade horária de uso fútil nas redes fosse aproveitada para oferecer experiências de vida e informações úteis para seus semelhantes. Teríamos mais 600 milhões de horas de conhecimento anuais.

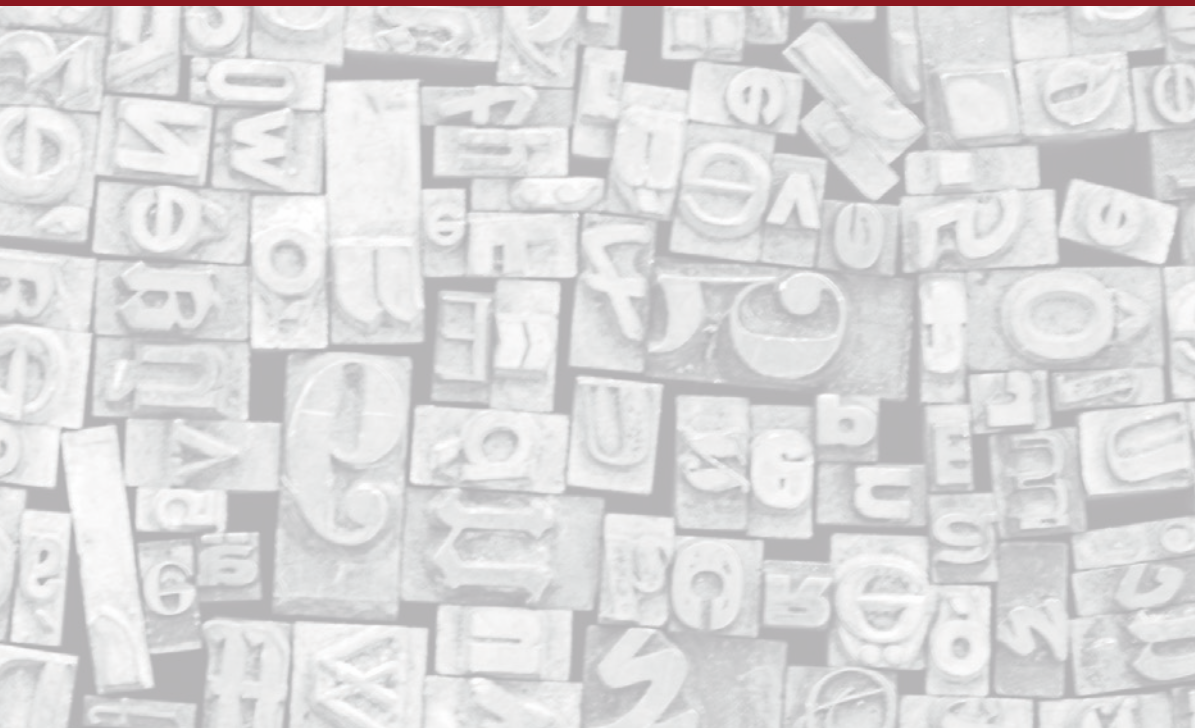
Imagine se medíssemos as dezenas de milhares de horas gastas para comentar currículo do ensino básico ou a pontuação no PISA e elas fossem transformadas em ações efetivas.

Calculo que temos 190 mil escolas de ensino básico no Brasil. Para começar, vamos incentivar a ter um tutor voluntário via rede em 10% delas, mostrando como crescer no PISA, como propõe a Aliança Brasileira pela Educação.

A pergunta é: o que fazer agora quando temos acesso aos novos modos de compartilhamento? O que vamos fazer com essas oportunidades? O mundo ficará entre o bem e o mal e a resposta dependerá das ações, das oportunidades que forneceremos uns os outros e pela cultura dos grupos que formamos mais do que por qualquer tecnologia em particular.



2017



AS NOVAS COMPETÊNCIAS ADVINDAS DA QUARTA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

(10/01/2017)

[ACESSE AQUI](#)

O impacto das alterações tecnológicas, demográficas e socioeconômicas no ambiente empresarial será sentido nas demandas das competências para o século 21. Não antecipar e abordar essas questões em tempo hábil pode representar um enorme custo para a sociedade como um todo. (Relatório “The Future of Jobs”)

A primeira edição da Revista Veja do ano – edição 1511 – traz uma reportagem da jornalista Larissa Baltazar (MÁQUINAS, UNI-VOS!) que trata da nova produção da Adidas na Baviera, mostrando que, graças aos robôs, depois de 20 anos ela volta a produzir artigos esportivos em terras onde começou há um século.

A fábrica com apenas 160 funcionários produzirá 500 mil pares de tênis por ano. Apesar de representar apenas 1% da demanda mundial, mostra que a quarta revolução industrial está em curso, onde a mão de obra está sendo substituída pôr robôs inteligentes.

Ouvindo ou não o que dizem os futurólogos, o que se tem certeza e que há uma transformação rápida e constante num mundo que a cada momento nos surpreende, principalmente na força de trabalho, tendo em vista que as novas competências exigem profissionais mais direcionados a solução dos desafios dos novos tempos.

A tecnologia, cada vez se superando, sinaliza que haverá mudanças em vários setores da sociedade e, entre eles, a comunicação por ser a área mais emblemática e uma das principais competências exigidas para domínio do mundo midiático. Porém, não se trata apenas de saber lidar com programas e sim saber analisá-los de maneira crítica, avaliar sua credibilidade e ir além do que é mostrado.

Será essencial dominar os processos e sistemas, por mais difícil que pareçam. Será preciso saber como as máquinas funcionam e como resolver possíveis problemas que podem aparecer durante seu uso.

A realidade mostra que mudanças socioeconômicas, geopolíticas e demográficas terão impacto direto no mercado de trabalho seja no surgimento ou desaparecimento de novas profissões ou na demanda por novas competências. É o que concluiu o relatório “The Future of Jobs”, produzido pelo Fórum Econômico Mundial ([janeiro 2016](#)), que afirma que as mudanças são inerentes no contexto da chamada Quarta Revolução Industrial formada pela era da robótica avançada, inteligência artificial, automação no transporte e aprendizagem automática.

Os setores mais afetados desde já pelas novas exigências do mercado são o da mídia e entretenimento; do consumo; da saúde e da energia segundo o relatório. No entanto, as áreas de finanças, infraestrutura e mobilidade urbana deverão sofrer transformações mais profundas nos próximos anos.

Como já tratado aqui neste blog por diversas vezes, e segundo o Fórum Econômico Mundial, as competências que precisam ser dominadas são as seguintes:

1. Resolução de problemas complexos

Tal habilidade já foi a mais requisitada para 2015 e volta a aparecer em primeiro lugar no ranking de previsões para 2020. Nos

próximos anos, 36% das atividades em todos os segmentos da economia deverão exigir a habilidade de solucionar problemas complexos.

2. **Pensamento crítico**

No relatório, o pensamento crítico é descrito como o uso da lógica e da razão para detectar forças e fraquezas de soluções alternativas, conclusões e abordagens a problemas. O profissional que apresentar a habilidade de se comunicar claramente, de fazer as perguntas certas e de analisar um problema sob diferentes perspectivas, tem grandes chances de se destacar.

3. **Criatividade**

Os robôs perdem para as pessoas em criatividade. Os profissionais criativos terão a chance de se beneficiar desde cenários de rápidas mudanças em produtos, tecnologias e modos de trabalho. Criatividade estava em 10^a da lista de previsões, agora faz parte das três competências mais valorizadas até 2020.

4. **Gestão de Pessoas**

O papel fundamental do gestor de pessoas é motivar, desenvolver pessoas e identificar talentos. Essa habilidade é vista como destaque até 2020 nos setores de energia e de mídia.

5. **Colaboração e Cooperação**

Para quem atua em cargos de liderança, a coordenação, eh competência crítica. Aspectos ligados à colaboração e facilitação de processos são as principais qualidades que especialistas apontam como obrigatórias nos gestores do futuro.

6. **Inteligência Emocional**

A gestão das emoções é fundamental aos profissionais, uma vez que a inteligência artificial passa longe dos aspectos da inteligência emocional. Entre as características do profissional que

domina a inteligência emocional estão: saber ouvir, estar disposto à ajudar e ter autocontrole das próprias emoções.

7. Capacidade de avaliação e de tomada de decisão

Profissionais hábeis em analisar dados e tomar decisões se destacam no mercado de trabalho e tendem a ser ainda mais valorizados até 2020. Um bom líder é aquele que saberá tomar as decisões certas em ambientes de alta complexidade.

8. Orientação para servir

A dedicação em ajudar os outros e uma das habilidades mais demandadas do mercado para 2020. E ainda vista como uma competência indispensável ao trabalho em equipe.

9. Negociação

A habilidade de negociação é importante para todos os profissionais. Mas o relatório destaca os setores de computação, matemática, artes e design como os que mais vão exigir bons profissionais negociadores até 2020.

10. Flexibilidade cognitiva

A flexibilidade cognitiva é a capacidade de desenvolver ou usar diferentes conjuntos de regras para combinar as coisas de diferentes maneiras. Os setores que mais vão exigir essa capacidade são bens de consumo, comunicação e tecnologia.

Não há como negar as mudanças que estão ocorrendo no mundo. E aqueles que souberem entendê-las serão os que obterão mais sucesso, tanto socialmente quanto profissionalmente.

Aos educadores, cabe a tarefa e a responsabilidade de debater e encontrar a estratégia de despertar tais habilidades em seus alunos. Afinal, antes de profissionais, estamos formando também seres humanos, para lidar com os mais diferentes desafios do mundo.

Mas, na prática, o que o setor educacional pensa realmente a respeito das Competências exigidas para o Século 21, em termos de Brasil, nada conhecemos. O que enseja ser objeto de estudo e pesquisa, pois está ligado à sua própria sobrevivência institucional e econômica.

Setor fortemente regulado, onde atuam atores dos mais variados perfis, temos ciência de não ser nada fácil conciliar as diversas maneiras de pensar dos envolvidos na questão. Sabemos que no âmbito de governo será uma tarefa hercúlea unir o modo de pensar e interesses divergentes do MEC, do CNE, das dezenas de Associações e Sindicatos de Professores e de outras Representações. Porém, esta visão realista do Fórum Econômico Mundial – que a cada ano é discutida – tem de ser levada a sério. Uma parceria entre empresas e instituições de ensino superior precisa ser tentada. Ao menos como tema a ser pesquisado, pois, na pior das hipóteses, estar-se-á tratando de acompanhar uma realidade que está acontecendo frente a nossos olhos.

O MUNDO MUDA SEMPRE E AS ESCOLAS NUNCA MUDAM

(17/01/2017)

[ACESSE AQUI](#)

Estamos a bordo de uma revolução tecnológica que transformará fundamentalmente a forma como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos. Em sua escala, alcance e complexidade, a transformação será diferente de qualquer coisa que o ser humano tenha experimentado antes” –

Klaus Schwab

O Campeonato Brasileiro de Futebol – Série A pouco a pouco vai se transformando em “Torneio de Veteranos”. Pensando apenas em curto prazo, os clubes renovam suas equipes a cada temporada contratando jogadores com mais de trinta anos.

Esse é o modelo do negócio futebol brasileiro: exportação dos melhores craques com 20 anos e repatriação de outros depois dos trinta e tantos. O pior é que agora estão importando argentinos e outros ex-craques bem rodados. Um dos exemplos é Didier Drogba, da Costa do Marfim, 39 anos, que já brilhou no Canadá, na Inglaterra, na Turquia, na França e até na China e que agora vai atuar no Corinthians.

A miopia dos dirigentes esportivos faz com que não se perceba que podem até estar resolvendo um campeonato, porém, dessa forma, não se viabiliza o futebol brasileiro, como espetáculo e esporte das multidões. Poucos se preocupam com o futebol de base, em formar

novos craques, esquecendo que nunca se resolvem problemas novos usando estratégias ultrapassadas.

É o mesmo que acontece com o sistema educacional superior brasileiro. Muitos repetem planos de ensino desvinculados das transformações tecnológicas que estão mudando as competências exigidas pelo mundo empresarial do século 21.

Estamos dando sequência a um tema abordado com insistência neste Blog da ABMES, que é a [Quarta revolução industrial](#). Sintetizando, o novo modelo representa a apropriação da inteligência das máquinas para coletar e processar informações necessárias para organizar seus processos de produção.

Explicando melhor: Indústria 4.0 ou quarta revolução industrial é um termo que engloba tecnologias de automação e troca de dados e utiliza conceitos de Sistemas ciber-físicos, Internet das coisas e Computação em nuvem. A indústria 4.0 facilita a inter-relação das “Fábricas Inteligentes” com as suas estruturas modulares, onde seus sistemas ciber-físicos monitoram os processos e criam uma cópia virtual da realidade e tomam decisões descentralizadas. Com a internet das coisas, os sistemas ciber-físicos comunicam e cooperam entre si e com os humanos em tempo real. Com a computação em nuvem, ambos os serviços internos e intra-organizacionais são oferecidos e utilizados pelos participantes da cadeia de valor.

O termo “Indústria 4.0” se originou de um projeto estratégico de alta tecnologia do Governo Alemão, que promove a informatização da manufatura. A primeira revolução industrial mecanizou a produção usando água e energia a vapor. A segunda introduziu a produção em massa com a energia elétrica. A terceira apoiou-se na [revolução digital](#) e o uso dos eletrônicos e tecnologia da informação para automatizar a produção.

São seis os princípios de projeto na Indústria 4.0. Esses princípios orientam as empresas a identificarem e a implementarem os cenários previstos na Indústria 4.0.

- **Interoperabilidade:** a habilidade dos sistemas ciber-físicos (suporte de peças, estações de montagem e produtos), dos humanos e das Fábricas Inteligentes de se conectarem e se comunicarem entre si através da Internet das Coisas e da Computação em Nuvem.
- **Virtualização:** uma cópia virtual das Fábricas Inteligentes é criada por sensores de dados interconectados (que monitoram processos físicos) com modelos de plantas virtuais e modelos de simulação.
- **Descentralização:** a habilidade dos sistemas ciber-físicos das Fábricas Inteligentes de tomarem decisões sem intervenção humana.
- **Capacidade em Tempo-Real:** a capacidade de coletar e analisar dados e entregar conhecimento derivado dessas análises imediatamente.
- **Orientação a Serviço:** oferecimento dos serviços (dos sistemas ciber-físicos, humanos ou das Indústrias Inteligentes) através da Computação em Nuvem.
- **Modularidade:** adaptação flexível das Fábricas Inteligentes para requisitos mutáveis através da reposição ou expansão de módulos individuais.

É certo que os sistemas ciber-físicos capazes de se comunicar entre si e com os humanos estão no centro da revolução em ascensão e as possibilidades de exploração desse cenário serão milhares. Na reportagem [“O que é a 4ª revolução industrial – e como ela deve afetar nossas vidas”](#), assinada por Valéria Perasso (BBC-Brasil), Klaus Schwab, autor do livro A Quarta Revolução Industrial, publi-

cado neste ano, sinaliza que a quarta revolução industrial, marcada pela convergência de tecnologias digitais, físicas e biológicas, transformará o mundo como o conhecemos. A industrialização mudará de uma maneira radical e, com ela, o universo do emprego.

“Os ‘novos poderes’ da transformação virão da engenharia genética e das neurotecnologias, duas áreas que parecem misteriosas e distantes para o cidadão comum”, aponta a matéria. “No entanto, as repercussões impactarão em como somos e como nos relacionamos até nos lugares mais distantes do planeta: a revolução afetará o mercado de trabalho, o futuro do trabalho e a desigualdade de renda. Suas consequências impactarão a segurança geopolítica e o que é considerado ético”.

“A quarta revolução industrial não é definida por um conjunto de tecnologias emergentes em si mesmas, mas a transição em direção a novos sistemas que foram construídos sobre a infraestrutura da revolução digital (anterior)”, diz Schwab.

O Fórum Mundial de Davos, realizado em janeiro de 2016, trouxe uma percepção sobre o que os acadêmicos e empresários pensam quando falam da Revolução 4.0: é o espaço das nanotecnologias, dos neurotecnologias, dos robôs, da inteligência artificial, da biotecnologia, dos sistemas de armazenamento de energia, dos drones e das impressoras 3D.

Importante alertar, no entanto, que tais ferramentas também serão as causadoras da parte mais preocupante desta quarta revolução, porque o fenômeno pode acabar com mais de dez milhões de vagas de trabalho nos 15 países mais industrializados do mundo.

Essa é uma realidade que o setor educacional também será obrigado a enfrentar. Como prever as carreiras e profissões que vão ser demandadas a partir da revolução em curso?

Já escrevi em artigo anterior que as empresas e as instituições de educação superior vão precisar se unir, para pesquisar, analisar, refletir e desenhar cenários de curto, médio e longo prazo para o impacto que já começa a ser percebido. É preciso lembrar que, além da missão das instituições, está sua própria sustentabilidade. Ou vamos esperar para quando o MEC estipular as novas Diretrizes Curriculares do Século 22?

UM FURACÃO DE “SEBASTIÕES” PARA MELHORAR O BRASIL

(24/01/2017)

[ACESSE AQUI](#)

Fracassei em tudo o que tentei na vida. Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não consegui. Tentei salvar os índios, não consegui. Tentei fazer uma universidade séria e fracassei. Tentei fazer o Brasil desenvolver-se autonomamente e fracassei. Mas os fracassos são minhas vitórias.

Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu.”

Darcy Ribeiro (1922-1997)

Este início de 2017 foi pródigo em acontecimentos lamentáveis. Fez-me recordar do arquiteto Edson Saad, colega há mais de quarenta anos no Departamento de Obras Públicas de São Paulo (DOP), que relatou certa vez ter sido radical com seus pais ao lhes proibir terminantemente ler jornais e assistir TV. “Fiz isso pelo bem-estar deles, porque vivem deprimidos o tempo todo, pois sempre estão alarmados com as crises, com assaltantes e ladrões devido a tudo que leem e ouvem. Vão morrer antes do tempo só por isso”.

A revista Veja de 11 de janeiro retratou de maneira espetaculosa as chacinas entre facções do crime organizado, que começaram no Complexo Penitenciário Anísio Jobim (Compaj), em Manaus, e espalharam-se como metástase por vários outros presídios. E chacina com requintes de crueldade, uma explosão de barbárie, com presos decapitados, desmembrados e incinerados. Superlotação das celas

imundas infestadas de ratos e baratas e todos amontoados como animais à espera da degola.

Dados do último Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen), do Ministério da Justiça, preveem que, se o crescimento da população carcerária mantiver o ritmo, em 2022 o Brasil superará a marca de 1 milhão de detentos mostrando que Darcy Ribeiro estava certo quando profetizou, em 1982, que “se os governantes não construírem escolas, em 20 anos faltará dinheiro para construir presídios”.

“Investimento em educação reduz a vulnerabilidade das pessoas, que ficam menos expostas ao crime. É fato científico”, afirma o pesquisador Rafael Alcadipani, professor da Fundação Getúlio Vargas e membro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Já em 2013 um estudo do departamento de Economia, Administração e Sociologia da USP mostrava que, para cada investimento de 1% em educação, 0,1% do índice de criminalidade era reduzido. A pesquisa tomou por base como o gasto público em educação entre 2000 e 2009 impactou na redução da taxa de homicídios.

Concordo a professora Vanessa de Barros, do Departamento de Psicologia da UFMG e integrante do Observatório Nacional do Sistema Prisional, quando diz que a escola é meio de transformação. “Mas estamos falando de uma boa escola: com professores valorizados, bem formados, para que crianças possam sonhar com um futuro que não seja miserável. Estamos falando de adolescentes e jovens que moram nas periferias, lugares mais vulneráveis”. A psicóloga garante que os dados apontam que a escolaridade na população carcerária é baixa e que a realidade mostra que se as escolas fossem boas de fato, eles poderiam ter um futuro melhor.

A edição da Veja no início do ano também trouxe “O fausto da senhora Cunha”. Como um bofetão na nossa cara, a matéria reproduziu trechos de conversas no WhatsApp de Cláudia Cruz, mulher de Eduardo Cunha, com amigas. Outra reportagem (“Deboche aéreo do governador”) revela que, enquanto Minas Gerais atrasa salários, seu governador usa helicóptero do estado para buscar o filho numa festa de ano novo, coisa que muitos políticos são useiros e vezeiros em praticar. Sem esquecer das roubalheiras de Sérgio Cabral e esposa fizeram às nossas expensas!

Ou seja, o gênero humano é complicado! Ninguém sabe como funciona a ânsia de poder e de dinheiro das pessoas. Na teoria, toda a roubalheira brasileira não devia acontecer com gente que frequentou boas escolas, que não nasceu em periferia, nem morou em favelas. Nem sei se existem pesquisas que mostrem as razões e o que lhes tenha faltado na escola, no que concerne ao respeito, ética, solidariedade, civilidade e cidadania.

Início do ano passado, neste mesmo Blog, falei que a mídia deveria equilibrar as más notícias com as boas, para não dar ao mundo a visão de que somos um país de horrores ou de bandalheiras, porque tantas ações boas acontecem e não têm divulgação, nem ao menos para aumentar a nossa autoestima. Finalmente, parece que a mídia abriu os olhos! No último domingo, dia 22, tive a satisfação de ler a auspiciosa notícia do lançamento da seção “Dias Melhores”, seção só com notícias positivas, que poderia ter começado com os dois exemplos abaixo:

Com a picardia que lhe é própria, o jornalista Elio Gaspari, no último dia 15, afirma que o Brasil dá certo, ao trazer a notícia de que seis jovens do ensino médio do Rio de Janeiro mergulharam no *crowdfunding* [a popular vaquinha social] para arrecadar fundos (no mínimo R\$ 44 mil para custear as viagens), porque eles foram aceitos para

representar o Brasil no torneio de matemática da Universidade de Harvard e do Massachusetts Institute of Technology (MIT).

Ainda bem que existem os mecanismos de ajuda na web, porque as entidades do estado nenhuma lhes deu guarida. Ninguém moveu palha para que estudantes que já haviam conquistado mais de cem medalhas em matemática, física, astronomia e robótica representassem o Brasil no certame, que reúne centenas de jovens de todo o mundo. O relevante é que na “[vaquinha](#)” conseguiram quantia bem superior ao solicitado, o que mostra que o brasileiro é solidário às boas iniciativas.

Mas o mais extraordinário aconteceu em Pernambuco. [Sebastião Pereira Duque](#), 72 anos, catador de lixo, dá exemplo de solidariedade ao construir uma escola para 75 crianças. Há 24 anos puxando uma carroça pelas ruas de Olinda, ele também constrói barracos para quem não tem onde morar.

A escola Nova Esperança mexe com os brios de todos nós, principalmente com aqueles que pensam que escola boa para melhorar o desempenho dos brasileiros é um problema só do governo. Precisamos entender que esse é um problema de todos nós.

O que seu Sebastião está fazendo é um tapa na cara de todos que pensam que milhares de horas discutindo currículos em congressos resolve alguma coisa. Temos 150 mil escolas de ensino fundamental que não vão bem. O que cada um de nós pode fazer, dentro de suas possibilidades, tendo como exemplo o cidadão Sebastião Pereira Duque? Este sim que é um desafio para valer, pois milhares de Sebastãos certamente poderão dar outro jeito no Brasil.

AO PROFESSOR MOREJÓN, AMIGO DOS AMIGOS, A NOSSA LEMBRANÇA

(31/01/2017)

[ACESSE AQUI](#)

“Cada novo amigo que ganhamos no decorrer da vida aperfeiçoa-nos e enriquece-nos, não tanto pelo que nos dá, mas pelo que nos revela de nós mesmos”.

Miguel Unamuno

Júlio Gregório Garcia Morejón faleceu no dia 21 de janeiro de 2017, depois de um coma profundo de mais de 13 anos. Amigos desde 1971, quero aqui registrar o trabalho desse educador em prol do ensino brasileiro e, em especial, na promoção das relações culturais do Brasil e Espanha que sempre estimulou.

O [Prof. Morejón](#) era entusiasta e fomentador do relacionamento cultural entre Brasil e Espanha. É importante registrar que foi dele a iniciativa da lei que tornava obrigatório o ensino de espanhol nas escolas brasileiras.

Nasceu em Valencia de Don Juan (Leon Espanha). Fez o bacharelado em Leon e licenciou em Filosofia e Letras pela Universidade de Salamanca. No Brasil, foi professor em Sorocaba e Assis e doutorou-se em 1965 com louvor na Universidade de São Paulo, de onde foi catedrático da Língua e Literatura Espanhola e Hispano-Americana. Foi fundador e primeiro diretor da Escola de Comunicações e Artes – ECA. Criou o Centro Hispânico Brasileiro de Cultura e foi man-

tenedor da Faculdade Ibero-americana de Letras e Ciências Humanas, mais tarde Centro Universitário Ibero-Americano. Foi membro conselheiro do CFE – Conselho Federal de Educação no período de 1979 a 1985.

Detentor de [currículo](#) privilegiado, de cultura artística invejável, escritor e poeta, com 34 livros publicados, e articulista das mais prestigiadas revistas de Letras da América Latina e Europa, conferencista de prestígio internacional especializado nas obras de criação literária e pensamento filosófico de Miguel Unamuno.

Acima de tudo, Morejón foi um humanista e a maior referência do humanismo quando [tomou posse no CFE](#): uma pessoa preocupada em valorizar o ser humano e sua condição humana acima de tudo. Suas ações estão relacionadas com a generosidade, a compaixão e a preocupação em enaltecer os atributos e as realizações das pessoas. E Morejón não as aplicava somente nas letras, na poesia, na música e nas artes, mas em tudo o que fazia. Sua personalidade era de uma generosidade ímpar em cada ato e ação de sua vida.

Nas férias de julho, quando viajava para a Europa, ele sempre me convidava para visitar a Espanha. Depois de muitos apelos, fui. Ao chegar ao aeroporto Adolfo Suárez Madrid-Barajas, a primeira coisa que me pediu ao nos recepcionar foi a minha carteira. “Aqui na Espanha você é meu convidado e nada vai gastar”. Era pessoa pródiga, sensível e amiga.

Mônica, sua filha, me contou agora que recebeu uma mensagem que muito a emocionou: à época do nascimento das filhas gêmeas de uma mantenedora, seu pai enviara quatro dúzias de rosas. Duas dúzias para cada criança.

Grande admirador de música clássica, tinha um acervo invejável de CDs e DVDs, e se deliciava ouvindo Mozart, Verdi, Puccini, Rossini, Donizeti, Bellini e outros.

Dedicava carinho especial ao diretor musical do “The Metropolitan Opera”, em Nova York, James Levine, na condução de “Os Mestres Cantores de Nuremberg”, do compositor Richard Wagner.

Sabemos que, antes de partir definitivamente, ele gostaria de ter continuado nossas conversas mantidas nos encontros sociais, nos eventos que participávamos e, em particular, nas nossas tertúlias da viagem à Espanha e nos fins de semana em sua fazenda.

Ele era ansioso por natureza e sei que a primeira coisa que gostaria de saber agora é sobre o que sucedeu no país no tempo todo de seu período “sabático”. Como vão os brasileiros, o Brasil, a educação, o MEC? E, principalmente, os amigos. Todos, como sempre, “correndo” juntos lá no Conselho?

Caro amigo, infelizmente o país não passa por bons momentos. A crise fiscal que se abate sobre o Estado atinge o Governo Federal e os Governos Estaduais. A revolta havida nas prisões é termômetro do que pode acontecer com os péssimos serviços públicos espalhados pelo Brasil.

Enfim, o cenário por aqui não é dos melhores. Além da turbulência mundial, onde os enfrentamentos pelo poder estão pondo em risco a integridade das pessoas (Aleppo).

Por aqui a inversão de valores gerou uma crise sem precedentes. A ética está quase em extinção no cenário socioeconômico político e os congressistas não pensam no bem comum, e sim no benefício próprio.

Está em andamento uma verdadeira batalha anticorrupção que “deixou cair o pano”, a poeira saiu debaixo do tapete e haverá punição para o crime de colarinho branco.

Atualmente é difícil encontrar trabalho e se manter nele. O índice de desemprego é muito grande, porém o brasileiro é forte e busca oportunidades para melhorar de vida.

A educação, como sempre, vai devagar. No Ensino Básico, Fundamental e Médio muito se diz, pouco se faz. Nossa classificação no PISA é para lá de sofrível. A impressão é de que estamos retroagindo no tempo.

No MEC foram criados órgãos específicos para credenciar, reconduzir e avaliar os cursos nos diferentes tipos de IES. As exigências são iguais para todos, sendo que as faculdades não têm nenhum contraponto que minimize essas imposições. As Universidades públicas passam por crises consecutivas e estão sucateadas.

Temos saudade do antigo CFE – Conselho Federal de Educação, no qual a agenda era focada no desenvolvimento. As tarefas do CNE foram reduzidas, pois a regulação do setor é desestimulante. Querem medir até as privadas e seguir os paradigmas das públicas – as pequenas e médias instituições, como se grandes fossem. Não há liberdade para inovar. A cabeça dos gestores continua focada no meio do século passado.

la me esquecendo de falar dos “amigos” ... Não há mais aquele companheirismo parecido com o dos “Três Mosqueteiros” – um por todos, todos por um. Nada parecido como nos dos velhos tempos, quando uma autorização de Curso era aplaudida no Plenário. Hoje somos empresas concorrentes, disputando fatias de mercado, mantendo um cordial e, de certa forma, distante e hipócrita harmonia.

Epílogo: somos o Brasil de sempre. Entra ano, sai ano, se enfeita, o samba toca, a escola vai para a avenida e, por mais que tudo possa parecer um caos, não podemos esquecer que o amanhã sempre será melhor do que o hoje.

Morejón, amigos dos amigos, este espaço, enfim, é pouco para mostrar o que foi a sua participação no ensino brasileiro e, acima de tudo, a sua lealdade, humanismo e paixão por tudo que lutava.

Outra característica sua que preciso realçar: sua modéstia e destituição de qualquer vaidade. Nunca nos falou de sua brilhante carreira acadêmica e de seus 34 livros.

Esteja feliz nas galáxias, por onde viver.

OS ROBÔS SERÃO OS PROFESSORES DO FUTURO?

(07/02/2017)

[ACESSE AQUI](#)

“A robótica educacional é muito bem recebida pelos jovens e aceita por todas as classes sociais. Os cenários em que essa área de pesquisa pode ser aplicada são diversos”.¹

O sucesso da Inteligência Artificial assusta muita gente por aí. Alguns até acreditam que um dia as máquinas vão dominar o mundo e acabar com a humanidade, se ela deixar. Será que estamos caminhando para isso?

No campo educacional, muito já se tem avançado com sistemas computacionais. Um professor do Instituto de Tecnologia da Geórgia, [Ashok Goel](#), selecionou uma nova assistente para ajudar em seu curso online de ciências da computação. Informou aos alunos que por ela ser octogenária e com dificuldades locomotoras o curso seria online ou, como dizem os brasileiros, a distância. O papel de Jill Watson seria responder a algumas das 10.000 mensagens que os 300 alunos postavam em fóruns relacionados ao programa. A assistente auxiliava os estudantes de todas as formas, sendo ótimo apoiadora para desenhar programas digitais.

1 Roseli Romero, professora do ICMC e orientadora do projeto do robô NÃO. “Nós optamos por trabalhar conceitos matemáticos utilizando os robôs, mas é possível programá-lo para ensinar física, geografia ou português”, afirma.

Os alunos só estranhavam a voz fanhosa da mestre e apenas mais tarde foram descobrir que Watson na verdade era um robô, uma versão avançada do programa Watson, da IBM, conhecido por derrotar campeões de jogo de perguntas.

A professora assistente era a própria tecnologia em programa de computador, especialista em compreender questões complexas, analisar dados e apresentar respostas e soluções. Essa computação cognitiva já é usada atualmente na medicina e na administração para apoiar o trabalho diário dos profissionais.

Na China, um androide também auxilia alunos em sala de aula. O robô professora chamado de Xiaomei foi testado na Universidade Jiujiang, na província chinesa de Jiangxi, sob a liderança do cientista Zhang Guangshun.

Entrar em uma sala de aula e ser recebido por um robô humanoide também é realidade no Brasil. Esse é o foco de diversas pesquisas no Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação (ICMC) da USP, em São Carlos. Entre os trabalhos relacionados ao tema está um projeto de mestrado que utilizou o [Robô NAO](#) para ensinar geometria a 62 adolescentes entre 13 e 14 anos de escolas públicas e particulares.

Em todo o mundo pesquisadores da área da educação estão buscando novas ferramentas de ensino com a inserção de tecnologia em sala de aula. Hoje em dia, a simples exposição de conteúdo em PowerPoint não atrai mais a atenção dos alunos e a robótica, além de outras funções, pode tornar a aula bem mais atrativa.

A proposta não é substituir o professor em sala de aula, mas usar o robô como uma ferramenta de apoio ao ensino. Empregar os principais métodos das áreas de pedagogia e tecnologia, que iniciaram sua fusão recentemente, exige domínio e controle em ambos os campos. É essencial que especialistas de cada área estejam sempre presentes.

Para o futuro da robótica educacional vislumbra-se uma grande revolução no ensino. À medida que esses robôs forem se tornando cada vez mais amigáveis e inteligentes, teremos grandes mudanças. Hoje em dia, a maioria dos professores prepara suas aulas utilizando computadores, então, por que não pensar, no futuro, em prepará-las utilizando robôs?

Na opinião de [Daphne Koller](#), presidente do Coursera, uma das maiores plataformas de ensino online, para aprender é preciso querer. E, para que o aluno queira saber, é necessário despertar nele um *input* que o leve a se esforçar e ultrapassar a barreira do comodismo. E isso, em sua opinião, dificilmente um robô será capaz de fazer.

Koller afirma: “Os robôs não serão capazes de substituir professores, porque eles não podem nos inspirar”. Essa declaração colide com o trabalho de Jill Watson da IBM. Mas a presidente da Coursera sinaliza que ao analisar o perfil dos alunos da plataforma, conclui-se que há três tarefas que dificilmente serão substituídas pela inteligência artificial: a criação dos conteúdos, a resposta para perguntas que só os humanos poderão suscitar e, sobretudo, a capacidade de inspiração de um bom professor. Acrescento também o papel de um bom comunicador!

O que pouca gente está percebendo é que a educação é o ramo mais expressivo da comunicação que, aliada à tecnologia de dados e informação, são as áreas que mais impulsionam o mundo do conhecimento em que entramos.

Em priscas eras, como os indivíduos aprendiam? Inicialmente pelos grunhidos e gestos do instrutor, depois pelas suas palavras e riscos feitos no chão de terra e areia. Depois apoiados pelas escritas nas peças de barro, na pedra e na madeira. Depois veio o papiro, o papel, o livro, a apostila, o quadro negro, o projetor de slides, os áudios e

agora a tela do computador. Quem sempre ensinou foi a tela, mas sempre haverá alguém à sua frente ou por trás da dela.

O que o comunicador/professor vai precisar entender é que o mundo mudou, a sala de aula está agonizante, o aluno nasce com um smartphone na mão e ele tem toda a informação à sua disposição, além de uma nova ferramenta tecnológica a cada momento.

E ainda mais: estamos numa época em que é possível conhecer como as pessoas pensam e reconhecer suas carências comportamentais e culturais. Pela transferência involuntária de todos os dados para o “bigdata” é possível o sistema conhecer os comportamentos das pessoas, suas preferências, tendo como base as emoções sentidas e registradas mediante estímulos.

Por exemplo, enquanto a gente lê um livro no Kindle, algoritmos analisam as sensações diante de alguma frase que emociona e grava esse registro para disponibilizar sugestões de outros livros. Vai casar? E tem dúvidas? Pergunte ao Google. Ele lhe dirá que, conhecendo você e a outra parte, a análise dos dados gravados, recolhidos nas mídias sociais indica uma porcentagem de x% de que se poderá ser feliz ou não.

Foi [John McCarthy](#), que cunhou o termo em 1956, numa conferência de especialistas no Dartmouth College, definindo como “a ciência e a engenharia de produzir máquinas inteligentes e fazer a máquina comportar-se de tal forma que seja chamada inteligente caso fosse este o comportamento de um ser humano”.

A construção de máquinas inteligentes interessa à humanidade há muito tempo, havendo na história tanto um registro significativo de [autômatos mecânicos](#) (reais) quanto de personagens míticos (fictícios) construídos pelo homem com inteligência própria. Tais relatos,

lendas e ficções demonstram expectativas contrastantes do homem, de fascínio e de medo, em relação à Inteligência Artificial.

Hoje arriscaria afirmar que é possível se pensar daqui a 5 a 10 anos em uma universidade desenvolvendo suas atividades com apoio total da Inteligência artificial e, se for esperta, não deixará o reitor ser um robô.

O MUNDO NOVO QUE A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL ESTÁ CRIANDO

(14/02/2017)

[ACESSE AQUI](#)

“Pode até ser que um dia as máquinas e a inteligência artificial tomem o lugar de seres humanos em várias áreas. Isso não é algo necessariamente ruim, especialmente se levar a um aumento da riqueza e do bem-estar de todos.

Rachel Nuwer

Inteligência artificial (*artificial intelligence*) é a inteligência similar à humana exibida por mecanismos ou softwares, escreve [John McCarthy](#), o primeiro a defini-la como “a ciência de produzir máquinas inteligentes”. É dedicada a buscar métodos ou dispositivos computacionais que multipliquem a capacidade racional do ser humano para resolver problemas, construir coisas e de pensar de forma inteligente. Sistema de computador programado para automatizar os dispositivos operacionais, para aumentar o desempenho e substituir as repetitivas atividades humanas.

A imaginação e a ficção dos futuristas têm acompanhando este movimento, criando máquinas de aparência humana que substituem a força de trabalho, realizando tarefas das mais humanitárias e até as criminosas. São os robôs que imitavam armaduras medievais e cada vez mais vão sendo parecidos com os humanos (o robô humanoide).

Porém, o mais importante nisto tudo é perceber que quem vai nos

substituir são os sistemas e não a figura física que o represente. Estereótipos à parte, vemos robôs com feições humanas, com pernas, braços e mãos, além de uma cabeça sustentada por um pescoço, tudo mecânico, eletroeletrônico, que andam, falam e gesticulam, mas tudo programado pelo computador.

Chama atenção, nesse contexto, o artigo do professor de Liderança e Comportamento Organizacional do Insper, Fábio de Biazzi, publicado no Estadão na semana passada com o título “[A Inteligência artificial e o futuro do trabalho](#)”. É de assustar o que vem por aí com supressões funcionais e acréscimos impensáveis de novas profissões. O fulcro da questão é a empregabilidade, a perda de postos de trabalho, único, maior e fantasmagórico problema que assusta, amedronta e apavora o indivíduo.

Para cada carreira que a tecnologia elimina, sempre haverá uma onda de novos caminhos profissionais a serem explorados e criados. Assim como alguns dos empregos de hoje – gerente de mídias sociais, designer de aplicativos, diretor de impacto ambiental. Precisaremos imaginar um futuro onde conselheiros genéticos, biobanqueiros, autores de realidade aumentada, especialistas em antienvelhecimento e experts em mitigação de desastres naturais urbanos, poderão ocupar os lugares mais cobiçados cada vez maior, de pessoas nas grandes cidades.

Ao mesmo tempo, não devemos assumir que a economia vai se ajustar às mudanças. Não há garantias de que tudo funcione bem no futuro. Para tornar a transição menos dolorida possível, precisamos ser proativos em assegurar que a destruição de certas carreiras seja feita com a provisão adequada para aqueles que perderem seu papel na sociedade, o que de certa maneira de pensar é quase utópico.

Conforme máquinas, *softwares* e robôs vão se tornando mais sofisticados, alguns especialistas temem que estejamos à beira de perder

milhões de empregos. Segundo um estudo recente feito por analistas da Universidade de Oxford, na Grã-Bretanha, a próxima onda de avanços tecnológicos vai colocar em risco até 47% de todos os empregos dos Estados Unidos.

O prof. Raulino Tramontin (CC – Contato Consultoria e Assessoramento Educacional) vem se debruçando sobre carreiras e profissões e, recentemente, organizou uma apresentação ([acesse aqui](#)) que lhe dá apoio a palestras interessantes.

De acordo com matéria publicada na [BBC Brasil](#), as máquinas vêm tomando nossos empregos há séculos. “As economias de mercado nunca ficam paradas”, afirma David Autor, professor de economia do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT). “As indústrias vivem ascensões e quedas, os produtos e serviços mudam – e isso vem acontecendo há muito tempo.”

Alison Sander, diretora de análises para o futuro do Boston Consulting Group, explica que “há uma enorme mudança nas habilidades necessárias hoje no mercado de trabalho, mas ela não se reflete no nosso sistema educacional”.

De fato, há uma demanda cada vez maior por trabalhadores com formação superior e uma série de habilidades refinadas, mas uma queda vertiginosa na necessidade de pessoal com educação média, o que mostra a importância da formação técnica e tecnológica em nosso país.

Isso significa que uma enorme parcela da população que, nas últimas décadas, tinha um padrão de vida elevado, hoje já não pode mantê-lo.

E o problema deve se intensificar nos próximos anos, na medida em que trabalhos que envolvam rotinas ou tarefas repetitivas mentais ou físicas tenham mais chances de serem eliminados pela automação.

O prof. Fábio de Biazzi explica que a questão dos desafios do trabalho é tão relevante e preocupante e tem tudo para ficar ainda mais intensa no futuro. “Isso porque os últimos anos têm revelado um avanço descomunal não somente em termos de automação ou digitalização, mas na evolução da chamada ‘inteligência artificial’ (AI). E um avanço ainda maior é esperado já para os próximos anos, não apenas para as próximas décadas”.

O veio mais promissor de evolução da AI, chamado *deep learning*, ou aprendizagem profunda tem se mostrado espetacular. A aprendizagem profunda baseia-se em redes neurais artificiais que seriam “treináveis” pelo processamento de enormes quantidades de dados, em vez de serem sistemas “explicitamente programados”. Tais dispositivos já têm sido utilizados em mecanismos de busca (Google), bloqueadores de spams, tradutores, detectores de fraudes em cartões de crédito e nas experiências com veículos autodirigíveis.

O alerta do professor Biazzi é de capital importância não só para nos sensibilizarmos com a questão das novas realidades empresariais e dos trabalhadores. É cenário que deveria ser analisado com todo o rigor. Sem dúvida alguma, as Associações da Indústria, do Agronegócio, do Comércio e dos Serviços; as Federações de trabalhadores; o Fórum das representações das instituições educacionais; as Comissões de Educação do Congresso Nacional e o MEC deveriam, em conjunto, estar planejando como enfrentar o desafio deste mundo novo que a Inteligência Artificial está criando.

UMA REDE DE CONHECIMENTO PARA ACOMPANHAR AS TRANSFORMAÇÕES DO MUNDO ATUAL

(21/02/2017)

ACESSE AQUI

“O que reunirá os indivíduos não será mais a nacionalidade ou uma ideologia, mas, sim, as capacidades de compartilhamento dos saberes individuais “

Pierry Pevy

Concluimos nosso último artigo neste Blog escrevendo que a sociedade deveria estar sensibilizada para as grandes transformações que estão ocorrendo no mundo empresarial e dos trabalhadores, advindas do desenvolvimento avassalador da tecnologia. Elas, inevitavelmente, atingirão nossas instituições responsáveis pela formação de recursos humanos. Na ocasião, propus que as Associações da Indústria, do Agronegócio, do Comércio e dos Serviços; as Federações de trabalhadores; o Fórum das representações das instituições educacionais; as Comissões de Educação do Congresso Nacional e o MEC (acrescentamos ainda outros organismos de docentes e governamentais) deveriam, em conjunto, estudar como enfrentar os desafios que este mundo novo está ameaçando às populações, criando uma Rede Colaborativa de Conhecimento.

O prof. Antonio Carbonari Netto apresentou na última reunião do Conselho de Administração da ABMES um material de sua palestra

([clique aqui para acessar](#)), do qual transcrevo os 10 grandes temas que desafiam o Ensino tradicional, acrescentados de mais sete advindos da reunião:

- Globalização e unificação curricular
- Novas Tecnologias Emergentes...já!
- Competição Global por emprego local
- Conhecimentos, competências e habilidades
- Aprendizado moderno e disruptivo
- Disciplinas para a Educação Continuada
- Grandes transformações do modelo atual
- The University of everywhere (street learning)
- Estagnação econômica e desemprego
- Acesso e Financiamento estudantil
- Desvalorização do diploma superior
- Péssima imagem do Ensino Superior Particular
- Excessiva regulação do MEC que impede qualquer inovação
- O mundo está mudando e as IES precisam de liberdade para vencer os desafios
- Ensinos médio e universitário deveriam trabalhar em colaboração
- Fortalecimento da formação do professor do ensino básico
- Apoio às Pequenas e Medias Instituições de Ensino Superior

Nestes dois últimos anos, tenho procurado levantar em meus artigos questões para uma pauta de reflexões e provocar discussões de temas e problemas relevantes para o segmento educacional.

Temos inúmeros desafios a superar: econômicos, sociais, políticos – como todos os países – e, principalmente, os educacionais. Os últimos resultados do PISA apresentam a queda do desempenho dos alunos da educação básica. O Brasil ficou na 63^a posição em ciências,

na 59ª em leitura e na 66ª colocação em matemática. São 70 países avaliados. Sabemos o quanto a formação na educação básica reflete na experiência universitária e impacta em toda cadeia de empregabilidade e produtividade do país.

Como apresentado pelo [Fórum Econômico Mundial](#), estamos na chamada quarta revolução industrial, caracterizada pela fusão de tecnologias, que impactam as esferas físicas, digitais e biológicas da sociedade. Vivemos uma revolução tecnológica sem precedentes na história da humanidade, que, em sua escala, escopo e complexidade, promoverão grandes transformações, ainda não experimentadas. Deve envolver amplos setores da sociedade civil, público e privado, além todo segmento educacional.

Por outro lado, a conectividade, a expansão das redes sociais, o compartilhamento e a colaboração em redes de conhecimento, também marcam a quarta revolução industrial. (Leia mais sobre o tema: "[How much is the sharing economy worth to GDP?](#)")

Aproximadamente 30 milhões de mensagens são trocadas no mundo por minuto no Facebook; 350.000 tweets compartilhados no Twitter e, atualmente, são mais ou menos, 2,44 bilhões de pessoas conectadas em redes sociais, contra 970.000 em 2010.

Todos esses números e cenários, representam uma preocupação relevante para a educação no Brasil, já que, queiramos ou não, para sobreviver necessariamente precisaremos nos transformar.

Precisamos construir o futuro almejado por todos nós e talvez esse seja um dos maiores desafios atuais do Brasil. É preciso colocar o capital de conhecimento e experiência das pessoas em primeiro lugar e promover uma educação que esteja conectada aos problemas complexos do contexto histórico, valorizando a criatividade como grande ativo de sobrevivência e superação.

Sem dúvida, como apontam vários especialistas, existe uma “inovação colaborativa” em curso. Ela desencadeia um mundo de experiências em colaboração e compartilhamento, criando redes de conhecimento, novos modelos de desenvolvimento social, de empresas e negócios, o que coloca a criatividade como grande marca da valorização da inteligência humana. (Leia mais sobre o tema: [How Green is the Sharing Economy?](#))

No entanto, tratando-se de educação, redes de conhecimento, colaboração e compartilhamento e inteligência coletiva, destaco duas citações em linha de tempo diferenciadas, do autor Pierre Lévy.

Em 2004 em seu livro: Tecnologias da Inteligência:

“O que reunirá os indivíduos não será mais a pertença a um lugar ou a uma ideologia, mas, sim, as capacidades de compartilhamento dos saberes individuais. O compartilhamento será o que de mais precioso possuem – a inteligência.”

Em 2016, em seu blog <https://pierrelevyblog.com>

“O estado da inteligência humana se relacionará com as capacidades de reflexão, criação, comunicação e colaboração, e será infinitamente mais poderoso e mais bem distribuído do que é hoje.”

Não dá mais para esperar que o Governo, o MEC ou o Fies resolvam os nossos problemas; precisamos nós mesmos solucioná-los. Será preciso unidade de objetivos e construir uma rede de conhecimento, produzida pela inteligência coletiva das pessoas, dispostas a compartilhar, colaborar, trocar ideias, referências, conteúdos, resolver problemas reais da vida e do trabalho, orientar desafios de estudos e das comunidades locais.

Não dá mais para em todo o momento buscarmos soluções do Governo. A solução deve vir de nós e, por isto, insisto na criação desta Rede de Conhecimento.

CONSTRUINDO COMUNIDADES PARA UM MUNDO MELHOR

(02/03/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“Um homem pode morrer, nações podem se erigir e sucumbir, mas as ideias vivem para sempre. Ideias têm duração eterna.”

John F. Kennedy

O controle do fogo foi um marco na cultura humana antes do *Homo Sapiens* moderno, quando então se o obtinha de fontes naturais como relâmpagos ou atrito de pedras. A habilidade de criar, controlar e usar o fogo permanece essencial à civilização humana. Com o fogo pode-se cozinhar a carne dos animais, os cereais, os tubérculos e outros nutrientes que fizeram o cérebro humano diferenciar-se do de outros animais.

Robert Arp, em seu livro “1001 ideias que mudaram nossa forma de pensar”, mostra como o homem se desenvolveu. O trabalho de Arp é um calhamaço de 960 páginas, profusamente detalhado, ricamente ilustrado que nos deleita na leitura, página após página, (re)descobrimo o que a humanidade realizou ao longo do tempo, exercitando a sua mais maravilhosa condição – a de criar, imaginar e executar ideias. Art foi minucioso ao listar as 1001 (número cabalístico, que nos remete a muitas outras mais) ideias luminosas feitas pela humanidade. Autêntica garimpagem dos feitos realizados pelos indivíduos. Ele compilou volume imenso das mais importantes, criativas,

curiosas e transformadoras ideias que os seres humanos tiveram desde que saíram das cavernas e adquiriram a capacidade de pensar, criar e inovar.

Uma análise rápida pelos cenários dos séculos evidencia que as descobertas e invenções que fazem a maior diferença em nossas vidas podem surgir tanto da paisagem intelectual da humanidade e das ciências sociais quanto da tecnologia, da ciência, da engenharia e inclusive de acontecimentos aleatórios.

Uma grande ideia é digna de ser promovida e mesmo testada no mundo real, mas uma grande ideia é também passível de críticas, endossos, avais e de ser descartada ou retificada.

Somos animais, porém muito peculiares, pois elaboramos uma cultura científica e tecnológica, moral e espiritual, artística e rica de vivência interior que nenhum outro animal possui. Só sobrevivemos porque formos envolvidos por uma rede de complexas relações interpessoais necessárias para permitir nosso amadurecimento psicológico, intelectual, afetivo e cultural; só começamos a funcionar como membros da humanidade após receber uma educação, ou seja, apenas depois que à parte “animal” for adicionada uma grande dose de “cultura”. Somos lançados num mundo que não é apenas natural, mas também cultural.

Sem desejar criar polêmica, em meus artigos, estou propondo, face às transformações que estão ocorrendo na atualidade, a necessidade dos órgãos representativos dos setores produtivos, educacionais e governamentais se unirem no sentido de estabelecer diretrizes para a formação de recursos humanos para o desenvolvimento da nação, em consonância com os objetivos da qualidade de vida das famílias e das necessidades do mundo do trabalho, face às transformações que estão surgindo e onde a tecnologia e a informação são as propulsoras de tudo.

Nesse contexto, o papel da educação é fundamental. A universidade nasceu para criar conhecimento, pesquisar e investir em novas ideias.

Em 11 janeiro de 2004, um jovem estudante norte-americano de Harvard, Mark Zuckerberg pagou 34 dólares para registrar um domínio de internet denominado “Thefacebook.com” com o objetivo principal de os estudantes colocarem informações sobre suas vidas em uma plataforma e disponibilizá-las a todos, além das informações sobre a Universidade. O jovem propunha uma rede social para ajudar as pessoas a compartilharem experiências do dia a dia, para poderem perceber o que estava acontecendo fora da universidade, e paralelamente em suas vidas.

Nestes treze anos, entretanto, o Facebook se concentrou em conectar amigos e famílias e a febre da necessidade de intercomunicação criou este monstro incontrolável de tráfego de notícias despidas totalmente de significado construtivo.

Porém, em um manifesto publicado no Facebook no último dia 16, “[Construindo uma Comunidade Global](#)”, Zuckerberg anuncia seu ambicioso projeto de contribuir para a construção de um mundo melhor baseado nas seguintes premissas:

- Como ajudar as pessoas a construir comunidades de apoio que fortaleçam as instituições tradicionais num mundo em que a adesão a essas instituições está em declínio?
- Como ajudar as pessoas a construir uma comunidade segura que evite danos, ajuda durante as crises e reconstrói depois em um mundo onde qualquer pessoa em todo o mundo pode nos afetar?
- Como ajudar as pessoas a construir uma comunidade informada que nos expõe a novas ideias e constrói entendimento comum em um mundo onde cada pessoa tem uma voz?

- Como podemos ajudar as pessoas a construir uma comunidade civilizada em um mundo onde a participação na votação às vezes inclui menos da metade da nossa população?
- Como podemos ajudar as pessoas a construir uma comunidade inclusiva que reflita nossos valores coletivos e humanidade comum, do nível local ao global, abrangendo culturas, nações e regiões em um mundo com poucos exemplos de comunidades globais?

Está claro que o conceito do que entendemos hoje por rede social nasceu dentro de uma universidade, a partir da necessidade de comunicação e interação entre estudantes, que se transformou no maior fenômeno de comunicação da humanidade, uma rede com mais de 1,8 bilhão de pessoas conectadas mensalmente em todo o mundo e quase 100 milhões no Brasil.

A ferramenta que este rapaz criou quer que as universidades acordem e percebam que o século 21 já está ficando para trás. Que arregacem suas mangas para contribuir significativamente com uma Rede de Conhecimento, para cooperar com o bem-estar de toda a população do planeta.

É isto que se espera dos sistemas educacionais de qualquer nível. Do contrário, o próprio Facebook, ou um conjunto de players do mercado digital aliados a ele, poderão produzir a maior disrupção da história da educação, o que resultará na obsolescência das instituições de ensino, pois o conhecimento não conseguirá mais ser compartimentalizado dentro de prédios, paredes, salas, pessoas e muito menos em papéis assinados, que um dia foram conhecidos como os diplomas.

O SUPER MARK E A CONSTRUÇÃO DA COMUNIDADE GLOBAL

(07/03/2017)

[ACESSE AQUI](#)

“A solidão humana aumentará em proporção direta ao avanço das formas de comunicação”.

Werner Harzog- Cineasta

Mark Elliot Zuckerberg¹ tem lá seus motivos e razões para pretender vaticinar, predizer e falar sobre as relações humanas num mundo futuro. Como ele é a própria personificação de bits e bytes, sua intimidade com a tecnologia lhe dá uma “áurea” para profecias e predições. Afinal de contas, sua empresa pode conhecer o que pensam, o

1 Mark Elliot Zuckerberg, descendente de judeus, nasceu em White Plains aos 14 de maio de 1984, Condado de Westchester no estado de Nova York, filho de Kristen, uma psiquiatra, e de Edward, um dentista. É tido pela Wikipedia como um programador e empresário norte-americano, que ficou conhecido internacionalmente por ser um dos fundadores do Facebook, a maior rede social do mundo. Em 2016, conforme a revista Forbes, seu patrimônio líquido foi estimado em 51,8 bilhões de dólares. Junto com seus colegas de faculdade, da Universidade de Harvard, os estudantes Eduardo Saverin, Andrew McCollum, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, lançou o Facebook em 2004. Em 01 de dezembro de 2015, Zuckerberg e sua esposa, Priscilla Chan, anunciaram que dariam 99% de suas ações do Facebook (no valor de cerca de 45 bilhões de dólares na época) para a Iniciativa Zuckerberg Chan. Desde 2010, a revista Time nomeou Zuckerberg entre as 100 pessoas mais ricas e influentes do mundo e também foi nomeado pela revista como a Pessoa do Ano. Como judeu, Zuckerberg teve um bar mitzvah quando completou 13 anos, embora ele já tenha declarado ser ateu. Para Zucker, a inteligência artificial poderá um dia salvar os seres humanos deles próprios.

que fazem e o que almejam os hominídeos e as expectativas de cada um, para alcançar a felicidade que todos procuram.

Há os profetas da maldição humana, mas há os que preveem o aperfeiçoamento da humanidade, embora sempre com mais palavras do que ações. Afinal, profeta não é feitor.

Estamo-nos referindo à carta-manifesto, de um dos criadores do Facebook, "[Construindo a Comunidade Global](#)", publicada em 16/2/17. Texto longo, com cerca de 13 páginas, e que obviamente gerou, por todos os lados, manifestações dos que não compartilham de suas ideias e fizeram críticas ácidas ao conteúdo da carta.

Por aqui, até agora, tivemos registros na mídia como o artigo de João Pereira Coutinho ([Manifesto de Mark Zuckerberg é um documento megalômano e autoritário](#)), pela Folha de S.Paulo, em 21/2/17) e outro de Antonio Luiz M. C. Costa ([Qual é o plano do Facebook para dominar o mundo?](#)), pela revista Carta Capital, de 5/3/17).

O primeiro descreve Zucker como megalômano e autoritário, enquanto o segundo diz que o jovem anuncia seus planos para dominar o mundo e que não é exagero, mas antes fosse. Com certeza, vem mais por aí e não tenho dúvidas de que serão críticas acintosas ao pensamento de Zucker.

Algumas de suas afirmações não poderiam deixar de espantar, é verdade, mas estão em sintonia com o terceiro milênio (do qual, afinal, é um dos filhos pródigos), como, por exemplo "Quem conhece e controla as conexões governará o mundo".

Coutinho acha o autor do manifesto um humorista, embora desconfie que o rapaz fala a sério porque "sentido de humor" é algo que não casa com o personagem. O fulcro da proposta é um só: **desejo de construir um futuro perfeito, sem pobreza, sem guerra,**

sem angústia e sem solidão com única receita: mobilizando os bilhões de seres humanos que o usam o Facebook. Seria isso, mesmo, possível?

Como se vê, Mark conseguiu interpor uma muralha entre os aficionados do Face, inegavelmente com boa dose de fanatismo, que pensam falar em nome de “todos”, delirantemente, que o futuro pertence aos “grupos significativos”².

Para Zucker, “há uma oportunidade real de conectar a maioria de nós com os grupos que formam uma infraestrutura social significativa em nossas vidas. Mais de um bilhão de pessoas são membros ativos de grupos do Facebook, mas a maioria não procura grupos por conta própria – os amigos enviam convites ou o Facebook sugere. Se melhorarmos nossas sugestões e ajudarmos a conectar um bilhão de pessoas com comunidades significativas, isso pode fortalecer nosso tecido social.

O documento traz uma miríade de atributos entre esperançoso, utópico, corajoso, confuso/contraditório, mas, sobretudo, carregado com a tinta da profecia.

Como até aqui se pode ver, parece que os contrapontos e contradições são menos pelo aspecto tecnológico do que o caso encerra e mais pelo viés político do que a conduta do negócio Facebook enseja, junto à comunidade que, hipnotizada pela flauta mágica que existe por trás das redes sociais, fica a ver o mundo por um periscópio.

² Zucker, recentemente, descobriu que mais de 100 milhões de pessoas no Facebook são membros do que se chama de grupos “muito significativos”. Estes são os grupos que, ao se juntarem, rapidamente se tornam a parte mais importante da experiência em redes sociais e uma parte importante da estrutura de suporte físico. Por exemplo, muitos novos pais dizem que aderir a um grupo de pais depois de ter uma criança se encaixa nessa finalidade.

Em seu manifesto, Zucker não faz promessas, ao contrário, é de uma linguagem convicta ao extremo, sem hesitações ou falseios. Ele está assumindo posição de líder por saber que não se trata de vender pipoca ou amendoim, mas que o Face (e eventuais derivados que já estão na gaveta) é negócio biliardário. Afinal, o Facebook não é uma instituição de caridade. Está interessado em “inclusão digital” tanto quanto agiotas em “inclusão financeira”, explica, no jornal britânico The Guardian, Evgeny Morozov, estudioso das implicações políticas e sociais do progresso tecnológico e digital.

Dizem os mais críticos que caiu a máscara com a qual o Facebook se apresentava, como uma plataforma neutra para mensagens e conexões singelas e inocentes entre amigos e familiares. Hoje admite uma agenda política com o objetivo de conformar o mundo ao seu gosto e a um ideal tecnocrático, tanto quanto qualquer tipo de autoritarismo.

Com essa nova base, a intenção de Zucker será o desenvolvimento da infraestrutura social para a comunidade a nível planetário, conforme ele, para a inclusão de todos. Sem deixar de comentar, imodestamente, que esse é um projeto maior do que qualquer organização ou empresa.

Mas o Facebook pode contribuir para responder a cinco importantes questões, que apresentei em meu artigo anterior e reitero a seguir:

- como ajudar as pessoas a construir comunidades de apoio que fortaleçam as instituições tradicionais num mundo em que a adesão a essas instituições está em declínio?
- como ajudar as pessoas a construir uma comunidade segura que evite danos, ajuda durante as crises, e reconstrói-se depois em um mundo onde qualquer pessoa em todo o mundo pode nos afetar?
- como ajudar as pessoas a construir uma comunidade informada que nos expõe a novas ideias e constrói entendimento comum em um mundo onde cada pessoa tem uma voz?

- como podemos ajudar as pessoas a construir uma comunidade civilizada em um mundo onde a participação na votação às vezes inclui quase metade da nossa população?
- como podemos ajudar as pessoas a construir uma comunidade inclusiva que reflita nossos valores coletivos e humanidade comum, do nível local ao global, abrangendo culturas, nações e regiões em um mundo com poucos exemplos de comunidades globais?

Refletindo sobre o mundo real em que vivemos, o pensamento de Zucker está no mesmo nível dos grandes líderes religiosos, que desde os tempos bíblicos vêm procurando consertar o mundo e efetivamente pouco conseguiram.

A mente humana é complicada e até nas coisas mais simples da vida duas pessoas rivalizam-se, agriem-se e até se matam. Imagine juntar comunidades integradas pelos povos do mundo que culturalmente sempre se antagonizaram? Mas vale a intenção: só o fato de pensar que um dia isto será possível é o que dá sentido à sua mensagem.

UMA LENDA CHAMADA YUNUS PARA INSPIRAR UMA SOLUÇÃO PARA O FIES

(14/03/2017)

[ACESSE AQUI](#)

“Dar dinheiro não é uma solução. É uma forma de mascarar a miséria. Você deixa de ver o problema, porque as pessoas conseguem sobreviver, comer, se divertir. Parece que está tudo bem, mas não está, porque o dinheiro não é delas. Então, a doação de dinheiro é uma solução temporária e não permanente. Para termos uma solução permanente, as pessoas têm de cuidar de si mesmas. Só assim elas podem se tornar agentes ativas de mudança”.

Muhammad Yunus

É filme de faroeste americano da década de sessenta: uma pequena cidade estava estagnada havia anos, ninguém tinha trabalho e a miséria era total. Um bandoleiro, acompanhado por sua turma, entra à noite na estalagem humilde do lugar e coloca um saco em cima do balcão. Aos berros, ele grita para a medrosa recepcionista: “Olha moça, quero que você guarde no cofre este saco de dinheiro. São 60 mil dólares que virei apanhar daqui a quatro dias. Se faltar um dólar, eu mato sua família”. A jovem apavorada guarda o dinheiro e, de medo, nada fala ao pai quando este veio cumprir seu turno. Ao abrir o cofre, surpreso, ele pensa imediatamente em saldar seus débitos com os fornecedores, pois estava à beira da falência. Mais tarde, quando a filha explica que o dinheiro era do bandido a família apavora-se. Mas vêm os dias seguintes e, como a pensão também

era credora, pouco a pouco o dinheiro ia retornando. Quando o gangster veio apanhar o saco, ele estava intacto. Só que um milagre acontecera na cidade, todos estavam trabalhando e felizes.

É a segunda vez que conto aqui esta história, para mostrar o efeito desenvolvimentista do dinheiro novo ao entrar em circulação em qualquer lugar e para falar de Muhammad Yunus, o pioneiro fundador do Grameen Bank, nascido em Bangladesh em 1940 e ganhador do Nobel da Paz de 2006. Em 1965, o professor Yunus recebeu uma bolsa para estudar economia na Universidade Vanderbilt, nos EUA, obtendo em 1969 o título de Ph.D. Em 1972, ele retornou a Bangladesh como presidente do Departamento de Economia da Universidade de Chittagong.

Diz a lenda que o jovem Yunus, tinha no bolso US\$ 27 e que dividiu a importância entre 42 mulheres que ele sabia estarem endividadas, vivendo abaixo da linha de pobreza na vila de Jobra. O compromisso do “empréstimo” foi que elas devolveriam os valores o mais rápido possível, sem juros nem qualquer correção.

Essas moradoras viviam em um ciclo de miséria. Com o empréstimo realizado, puderam pagar suas dívidas e começar pequenos negócios. A experiência teve um surpreendente efeito: os empréstimos foram pagos, gerando novos empréstimos e a vida da população de Jobra começava a mudar.

Inspirado pela experiência positiva e percebendo quanto impacto podia ser gerado com uma pequena quantidade de dinheiro, Yunus fundou o Grameen Bank, com a finalidade de emprestar dinheiro (microcrédito) para pessoas que não teriam acesso a capital em bancos comerciais tradicionais. O banco cresceu e se tornou um grande sucesso, permitindo que um número enorme de pessoas – partícipes agora do negócio social – saísse da pobreza.

Em 1983, seu banco tornou-se oficial e hoje tem mais de 8,4 milhões de mutuários, 97% dos quais são mulheres, e desembolsa mais de 1,5 bilhões de dólares por ano. A ideia se espalhou por quase todos os países do mundo, incluindo países desenvolvidos e industrializados.

Grameen é a palavra bengali para “aldeia” e, portanto, descreve o próprio caráter da filosofia de negócios sociais – que começam em pequena escala. Considerado um trabalho em rede, a partir dele, fizeram-se parcerias de forma a fortalecer e ampliar o impacto da atuação do negócio; combater o trabalho escravo, forçado ou infantil; cuidar da cadeia produtiva (seleção e avaliação dos fornecedores); gerenciar o impacto ambiental e articular a iniciativa com políticas públicas.

Além de ser viável economicamente, esse tipo de negócio existe para buscar solução a uma questão social. Seu eixo principal é causar um impacto positivo e sustentável em uma comunidade, ampliando as perspectivas de pessoas marginalizadas pela sociedade, aliada à possibilidade de gerar renda compartilhada e autonomia financeira para os indivíduos de classe baixa.

A atividade principal deve beneficiar diretamente pessoas com faixa de renda mais baixas, as chamadas classes C, D e E, que, normalmente, são a expressiva maioria, sobretudo em países subdesenvolvidos e emergentes. Portanto, viabilidade econômica e preocupação social e ambiental possuem a mesma importância e fazem parte do mesmo plano de negócios.

A grande força motriz dos negócios sociais está assentada em condições incomuns porque combina o melhor do business tradicional – dinamismo e eficiência -, com o melhor do setor público e filantrópico – consciência e solução de problemas sociais.

Sua motivação de existir é, primordial ou exclusivamente, por uma causa socioambiental. Os negócios sociais mostram que não há conflito entre ambição social e econômica.

Não dependendo de doações, ao contrário de ONGs ou de programas de governo, o negócio social é financeiramente autossustentável. Suas receitas cobrem seus custos e mexe com mais dimensões do ser humano do que apenas fazer dinheiro. Ao contrário do business tradicional, o negócio social não tem o objetivo de maximizar o valor para os acionistas. Tem, isto sim, significado e propósito, por isso é altamente motivador e libertador de todo o potencial criativo humano, resultando em grandes inovações.

Por que fomos buscar este exemplo do Yunus? Porque para atender às classes menos privilegiadas economicamente, que precisam fazer seus estudos superiores, não podemos ficar na dependência dos humores das equipes ministeriais que se sucedem no MEC. Até com boa vontade para tentar solucionar os problemas de financiamento, mas sem a mínima criatividade para encontrar a solução.

E, para não culpar só o Governo, o que de prático podem fazer os mantenedores e suas Associações? Será que entre as dezenas de milhares de especialistas de alto nível que atuam em suas organizações não há “gente iluminada” capaz de dar solução ao financiamento estudantil para substituir o Fies?

Neste alvorecer da terceira década do século onde a educação brasileira depende praticamente da iniciativa privada, ela para sua própria sustentabilidade vai precisar encontrar solução inovadora para que essa imensa legião de jovens que está chegando às portas das faculdades possa prosseguir seus estudos.

O PAI DA WWW

(21/03/2017)

[ACESSE AQUI](#)

“Construir a web que temos envolveu a todos nós, e agora cabe a todos nós construir a web que queremos ‘para todos’”.

T.J.B-Lee

Após dezenas de tentativas para criar o dirigível aéreo, realizadas nos anos iniciais do século XX, Santos Dumont foi reconhecido na Europa como o maior aeronauta do mundo e inventor do aeroplano (<https://pt.wikipedia.org/wiki/14-bis>).

Agosto de 1914, a França e a Alemanha estão em guerra e aviões começam a ser usados, empregando metralhadoras e lançando bombas nos combates. Foi aí que começou o pesadelo de Santos Dumont ao ver seu sonho transformado em meio assassino. Teve origem a doença nervosa que culminou com sua trágica morte anos depois.

É comum inventores se arrependem do que criaram, dado o destino desvirtuado de suas obras que não mais podem controlar.

Está acontecendo o mesmo com o pai de uma jovem bastante ousada, o físico britânico, cientista da computação e professor do MIT, Timothy John Bernes-Lee. Ele está preocupado com a sua filha pródiga – já não tão adolescente assim, afinal completou 28 anos – e que anda aprontando.

Foi ele quem, em 1989, fez a proposta para a criação da rede mundial de computadores (www – World Wide Web) e a implantou em 25 de dezembro de 1990, com a ajuda de Robert Cailliau, e desde então ficou conhecido como “[o pai da internet](#)”.

Berners-Lee está muito preocupado com as estripulias de sua “filha”, sobretudo devido a três aspectos específicos:

- a facilidade com que se difunde informação falsa na rede;
- o domínio das redes sociais sobre nossas informações pessoais e
- a ausência de qualquer regulamentação da propaganda feita por políticos na internet.

A amargura de Lee é a de que é fácil qualquer informação deturpada se espalhar pela internet, especialmente porque está consolidada a forma das diversas plataformas distribuírem os boatos. “Assim, uma informação errônea, ou notícia falsa, pode se espalhar como incêndio florestal”, afirma.

Conceder dados pessoais ficou comum para ter acesso a serviços gratuitos online. Poucos percebem, que as grandes empresas de coleta de dados controlam essas informações. Para Lee, o efeito colateral desse armazenamento de dados é a forma como os governos “observam cada vez mais os movimentos online”.

No terceiro desafio ele aponta como a propaganda política está sendo usada de “maneira antiética” na rede e se tornou uma indústria sofisticada e direcionada, com base em enormes bancos de dados planetários.

De lá pra cá, a moça cresceu e se emancipou. O sexagenário pai é diretor do [World Wide Web Consortium](#) (W3C) e desde 2009 supervisiona o desenvolvimento continuado da Web. O magnânimo, Berners-Lee deixou sua ideia disponível livremente, sem patente nem

royalties. Escolheu não se beneficiar financeiramente de sua criação e preferiu orientar a sua vida para o acompanhamento rigoroso da sua invenção. Não se arrepende da decisão, que poderia tê-lo tornado bilionário, mas tem expressado preocupações sobre o comportamento de sua filha, aliciada por criminosos, governos e empresas, além de pessoas mal-intencionadas.

Timothy manifestou a opinião de que os **provedores** devem fornecer “conectividade sem restrições” e não deveriam nem controlar nem monitorar as atividades dos navegadores dos clientes sem o seu consentimento expresso. Ele defende a ideia de que a neutralidade da rede é uma espécie de direito humano.

O Grande Irmão (Big Brother) de George Orwell agora tem outro nome: Google, Facebook e Amazon, que selecionam e controlam o conteúdo a ser exibido aos internautas baseados em algoritmos que “aprendem” com a coleta de dados pessoais fornecidos – e armazenados em servidores de empresas – para ter acesso a serviços gratuitos *online*.

Fora do controle das pessoas, elas deixam de ter domínio direto sobre seus dados e assim não escolhem quando e com quem compartilhá-los.

Mas afinal, estar conectado o tempo todo pode ser considerado bom ou ruim? A internet é o mal ou o bem do século?

A internet trouxe mudanças gigantescas na vida dos indivíduos. E isso inclui algumas consequências desastrosas também. As redes sociais aumentaram o convívio (social-virtual) e por certo afetaram a vida das pessoas e seus relacionamentos, que no presencial se distanciaram.

O mundo está *online*, virtual, globalizado. Todos conectados a uma

rede, com milhões de informações, entretenimento, bate-papo, chats; sites de relacionamento, jogos e lojas, ainda engatinhando no mundo das comunicações, sujeito a novidades, tempestades virtuais, *hackers* do bem e do mal, sequestrando informações pessoais, arrombando individualidades e privacidades de toda sorte, dos ingênuos e dos nada ingênuos.

O que ela nos reserva para os próximos 5, 10 ou 20 anos? Seremos reféns diante da tela, dentro de casa, sujeitos e expostos a todo tipo de barbárie virtual que nenhum código penal conseguirá alcançar? Como preparar o espírito e a inteligência da juventude, ávida por descobertas, a qualquer preço, a qualquer risco ainda que sob alto grau de contaminações que podem derrubar qualquer sistema ou PC doméstico, perpetrado por gente sem consciência, pudor, escrúpulo, ética ou civilidade?

Pouca gente sabe que existe uma Delegacia de Meios Eletrônicos onde trabalham hoje dezenas de investigadores e escrivães para controlar o lado de abusos da internet. Só em São Paulo, todo mês são instaurados aproximadamente 100 inquéritos, pois 70% dos crimes passam pela rede. Sempre há uma equipe de plantão para atender as cerca de 50 pessoas que aparecem lá por dia. Casos de pedofilia são prioritários, mas não são maioria, há também muita pornografia, estelionato e crimes contra a honra, que formam a maior parte das queixas.

O Facebook divulgou recentemente uma tabela com os 282 mil temas mais debatidos em toda a rede social. As palavras-chaves mais comuns, com mais de um bilhão de interações são Tecnologia; Entretenimento; Produtos eletrônicos; Compras e modas; Esportes; Redes sociais; Música e Sexo.

Não precisa ter doutorado em estatística para adivinhar que a pornografia é um dos temas mais acessados na internet, conforme

informação da [Revista Vip](#), baseada em dados compilados na revista americana The Week e pelo site francês Stimuli Curieux et Insolites:

- 12% dos sites são pornográficos, o que em 2014 representava 76,2 milhões
- 25% em pesquisas de busca envolvem sexo, o que representava 750 milhões de consultas diárias
- 35% dos downloads são pornográficos
- 8% dos e-mails enviados diariamente têm conteúdo sexual
- 89% de toda a pornografia é criada nos EUA
- 20% dos homens disseram que veem pornografia durante o expediente de trabalho
- 70% dos jovens de 18 e 24 anos visitam estes sites uma vez por mês
- Domingo é o dia preferido para a visualização
- Uma entre quatro pessoas que entram nos sites pornô é mulher
- Chineses, japoneses, americanos e sul coreanos são os que mais consomem pornografia na web
- 266 novos sites deste tipo surgem em cada dia
- 6,7 bilhões de dólares são gerados com a webporn em 1 ano só nos EUA

Os números são alarmantes e, mesmo para não infringir a primeira preocupação do Bernes Lee, penso que se fizéssemos uma redução de 75% nos números o pai da web poderá ter o mesmo destino de Santos Dumont.

Existem muitas informações relevantes na Internet, mas as que viciam são justamente as sem valor. O que nos faz indagar sobre como o gênero humano é complicado mesmo.

ZUCKERBERG, BERNERS-LEE E O NOVO PARADIGMA

(28/03/2017)

[ACESSE AQUI](#)

“A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele.”

Hannah Arendt - 1906-1975

Para não dizer que a internet só divulga informações deturpadas ou mentirosas, início este artigo apresentando o portal [Só Notícia Boa](#). Trata-se de uma agência nacional de notícias positivas que acontecem em todos os lugares. Foi criado para antepor-se às trágicas e negativas informações que a internet veicula.

O propósito do portal é equilibrar a mídia publicando vivências positivas que transformam, animam, inspiram e ensinam as pessoas a fazerem a diferença e a tornarem-se cidadãos melhores, solidários e aptos a construir um mundo melhor. Em 5 anos e meio de existência como site (o projeto teve origem como blog em setembro de 2009), publicou mais de [10 mil notícias edificantes](#). Assim como o Só Notícia Boa, existem no mundo apenas dez sites assemelhados.

Outro exemplo, para mostrar que há gente preocupada com seus semelhantes nesta época do cada um por si, é o trabalho comunitário que realiza um pastor evangélico da periferia de São Paulo. Ele ensina domésticas acostumadas a trocar mensagens pelo What-

sApp a aproveitarem melhor o celular como meio de aprendizagem. Todo dia envia informações úteis e mensagens de autoestima para o grupo aprender a se informar.

Neste universo cibernético há certamente milhões de ações assemelhadas. Não resta dúvida que a internet se tornou o maior banco de informações da humanidade, daí a preocupação de seu inventor, Tim Berners-Lee, e de Mark Zuckerberg, o criador da plataforma mais utilizada.

Berners-Lee coloca a facilidade de difusão de notícias falsas, o descompromisso com a verdade das redes sociais e a ausência de qualquer regulamentação como obstáculos que precisam ser vencidos, chegando mesmo a criar por intermédio de sua Fundação uma campanha sobre a “Web que desejamos” ([Web We Want](#)).

Zucker acredita que a sociedade refletirá nossos valores coletivos somente se nos empenharmos e participarmos nos processos políticos para que tais direitos sejam respeitados. Para ele, existem dois tipos distintos de infraestrutura social que devem ser construídos. O primeiro incentiva os cidadãos do mundo a tomarem posição e participarem na tomada de decisão coletiva. Nossa sociedade está mais conectada do que nunca e enfrentamos problemas globais que abrangem fronteiras nacionais. O segundo incentiva o envolvimento nos processos políticos existentes: votação, discussões com questões de representatividade, de manifestação e, por vezes, de organização. “Só através de um envolvimento dramaticamente maior podemos assegurar que esses processos políticos reflitam nossos valores”, afirma em seu [manifesto](#).

Já no manifesto de Berners-Lee, ele corajosamente relata que está insatisfeito com a sua invenção: a comunicação completamente de graça proporciona a alguns atravessadores inescrupulosos denegrirem o conceito da uma comunicação livre e sadia. Mais eviden-

tes nos tempos atuais, quando barbaridades ocorrem em todos os cantos da Terra e, veiculadas, envergonham a raça humana.

Zucker diz que nossas maiores oportunidades são agora globais – como propagar prosperidade e liberdade, promover paz e compreensão, tirar as pessoas da pobreza e acelerar a ciência, ou seja, como enfrentar nossos maiores desafios que também precisam de respostas globais, como acabar com o terrorismo, lutar contra as mudanças climáticas e prevenir pandemias. O progresso agora exige que a humanidade se reúna não apenas como cidades ou nações, mas também como uma comunidade global.

A questão final é como do ensino básico à universidade pode-se colaborar para um mundo melhor, com mais igualdade social e bem-estar global se a educação é apenas um meio e está subordinada a questões políticas, sociais e religiosas. Isso sem falar da família que, devido a dificuldades de toda a ordem, hoje praticamente abdicou de seu papel de formação inicial da criança e, mais ainda, está descrente de tudo e não tem perspectivas de futuro.

Os dispositivos móveis e seus aplicativos, por exemplo, estão aí para facilitar ainda mais o acesso às informações, para ajudar alunos e professores a ganharem tempo, a qualquer hora e em qualquer lugar, além de tirarem proveito da interatividade para compartilhar informações e experiências, estimular o desenvolvimento cognitivo e favorecer atividades colaborativas entre os estudantes.

É preciso acompanhar o ritmo da tecnologia, que evolui a passos largos e, na área educacional, destaca-se como uma decisiva aliada do processo de ensino/aprendizagem para as novas gerações, auxiliando os professores a mediar o conteúdo e a envolver os alunos no aprendizado.

Mas, para que a tecnologia seja implantada com sucesso, é necessário cuidar da usabilidade dentro e fora da sala de aula, da integração com outros dispositivos, da conectividade e da própria formação dos professores, que precisam de planejamento para conseguir incorporar a tecnologia no seu dia a dia.

Aplicativos com características sociais permitem compartilhamento de dúvidas e descobertas entre os estudantes. Já os de realidade aumentada permitem a visitação de pontos culturais, vendo a história de outra maneira, enquanto os científicos e matemáticos utilizam câmeras, microfones e sensores para mostrar a teoria na prática, por exemplo.

Cabe à escola, como um todo, e aos professores, em particular, estimularem o acesso a conteúdos relevantes. Será preciso também pensar em disciplinas que foquem – e discutam – a ética, o comportamento, as normas e a gestão da informação na internet.

É papel da escola é formar cidadãos capazes de usufruir dessas maravilhas impensáveis há bem pouco tempo e de assumirem a responsabilidade por esse novo mundo.

A tarefa não é fácil, pois a grande questão é a complexidade do gênero humano, cada um com seus problemas, suas crenças, seus desejos, suas visões e sua formação para o bem e para o mal. A internet junta tudo e cada um age de acordo com seus objetivos, que podem ir da construção à destruição.

Se é possível vislumbrar um futuro com mais gênios e, também, mais idiotas, tudo vai depender do modo de usar a tecnologia. Só a educação pode se impor diante de titubeios sociais. Foi isso o que Berners-Lee vislumbrou ainda na década de 80 e concretizou com sua magnânima (professoral e desprendida) atitude. É isso o que propõe Zuckerberg com sua rede minuciosa e detalhista de relações.

OS ORÁCULOS DO SÉCULO XXI

(04/04/2017)

ACESSE AQUI

“Estudo recente encomendado pela nênese¹ do Google - o Facebook - apontou que já em nossos dias seu algoritmo é mais eficiente do que amigos, pais e cônjuges como juiz de personalidades e de comportamentos humanos.”

Yuval Noah Harari

Já citei neste espaço, por mais de uma vez, o manifesto de Mark Zuckerberg (o criador do Facebook), que descreve o futuro da humanidade. Texto impactante que busca um mundo perfeito. Um futuro sem pobreza, sem guerra, sem angústia, sem solidão. E, conforme ele, para atingir esse ideal é necessário mobilizar os bilhões de internautas que usam o Facebook.

O manifesto, se levado a profundas reflexões, pode estar sinalizando que alguns cenários serão possíveis, em breve. Pode levar 5, 10 ou mais anos, porém já é algo factível em parte. Zucker não é um visionário, ao contrário, é um astuto empresário.

Com o advento da internet, a sociedade moderna foi criando novos hábitos de relacionamento e de consumo. Inovações tecnológicas ampliaram as possibilidades de conexão, o número de dados na rede cresceu, assim como as facilidades de acesso, de produção de conteúdo e de diversidade de ideias.

1 Nênese: rival ou adversário temível e geralmente vitorioso

Com a proliferação de dados, surgiram dispositivos para analisar e conhecer o que pensam e o que desejam os usuários da rede. Essa é a origem dos agentes inteligentes – softwares desenvolvidos para controlar os hábitos dos usuários que são cada vez mais mapeados, como se a máquina quisesse não só entregar o que procuram, mas também prever o que gostariam de fazer no futuro.

Trata-se de uma dinâmica que “empurra” conteúdos que refletem determinados gostos, em uma espécie de funil por onde só passam ideias que um algoritmo julga representar a personalidade do usuário. Cada vez mais invasivo, esse tipo de filtro procura determinar como pode se dar a utilização da rede por aqueles que participam dela.

Os algoritmos – assim como o oráculo de Delfos, o mais importante centro religioso da Grécia antiga muito procurado por pessoas que recebiam previsões sobre o futuro – são capazes de, por exemplo, saber não só as opiniões políticas de milhões de brasileiros, como também onde estão os votos críticos, brancos, nulos, indecisos e como eles podem ser “trabalhados” pelos candidatos para a balança pender para o seu lado.

E como o Facebook (mas não só ele) obtém esses dados? De graça. Entregamos nossos dados e toda nossa vida (com nossas preferências musicais, literárias, sexuais, de consumo, etc.) a esses gigantes tecnológicos em troca de serviços de e-mail, Whatsapp, vídeos engraçadinhos de animais...

Vejam o que aconteceu com o BuzzFeed que nasceu em 2006 como laboratório tecnológico para averiguar os motivos de alguns conteúdos se transformarem em virais na rede e como e por que as pessoas os compartilham. A proposta inicial do site era listar as publicações virais, aquelas que se disseminam rapidamente pela internet. Mas, em 2008, com a popularidade e enorme audiência, a direção mudou e passou a focar em criar o próprio conteúdo espelhado no que as pessoas gostavam de passar adiante.

“O que vai acontecer se as notícias, em vez de publicadas nos sites dos veículos, forem um conteúdo que faz parte da plataforma de dominação do mundo, conhecida como Facebook? Ninguém parece saber (Mark Zuckerberg provavelmente sabe, e já deve saber que vai lucrar bastante com isso). Mas, em uma visão apocalíptica de quem tem 1984 como seu livro preferido, é muito grave que uma só plataforma concentre interação com amigos, entretenimento, mídia e informação jornalística”, pondera a jornalista Cintya Feitosa em seu artigo [Teoria apocalíptica sobre o jornalismo no Facebook](#).

Tudo isso controlado pelo poderoso e oracular algoritmo de Zuckerberg, ou seja, só serão veiculadas matérias jornalísticas que levarão em conta as análises das estatísticas de audiência.

O mundo digital é o que é – terreno novo e com potencialidades ilimitadas, para o bem e para o mal – e não há como fugir disso.

Nesse contexto, a educação tem papel fundamental, pois dentro das escolas e universidades somos capazes de influir para que se almeje um mundo melhor, formando cidadãos capacitados e aptos a usar a inteligência e a criatividade para aproveitar da melhor forma os recursos criados pelo desenvolvimento tecnológico e assim beneficiar a humanidade como um todo.

REDES DE APRENDIZADO PROFISSIONAL COMPARTILHADO

(11/04/2017)

ACESSE AQUI

Nos novos mundos altamente conectados que estão emergindo, o que chamamos de educação não se parecerá em nada com o que foi até agora. Basta de escola: a escola agora é a rede.

Augusto Franco

Recebi de leitor mensagem criticando que neste espaço venho tratando muito de tecnologia e destaca o utópico Manifesto de Zuckerberg (o criador do Facebook), que não passa de mensagem de marketing e mais nada. Mas o que quero reforçar é como essas ideias podem servir ao mundo da educação, premissa que vou tentar responder neste artigo.

Apesar de parecer que está tudo na mesma no sistema educacional, diversas iniciativas existem por toda parte do mundo. E grande parte decorrente da revolução propiciada pelas tecnologias de informação e de comunicação, por meio da qual as pessoas estão conscientes de que agora, em comunidade, elas são capazes de realizar coisas que não poderiam fazer sozinhas.

Compartilhando ideias, vivências e saberes as pessoas poderão colaborar para a existência de um mundo melhor e construir em conjunto maior conhecimento, além de usufruir das melhores práticas e experiências profissionais.

A primeira vez que ouvi falar de intercâmbio de informações como modelo didático foi há **quinze anos**, ao trocar ideias com professor de pós-graduação da FGV. Dizia que suas aulas eram baseadas em livro que seus 25 alunos deveriam ler e responder, justificando quais seriam as cinco questões mais importantes. Das 125 respostas escolhia 10 para serem o programa do ano. Cada aluno de grupo de cinco, a cada mês, tinha uma questão a ser discutida entre eles através de chat pela internet.

Durante o curso eram sorteados temas para seminários onde todos deviam participar. E os grupos que complementassem com a participação de profissionais do mercado teria nota dobrada.

Toda a relação entre eles era discutida via web e ele tinha um encontro presencial mensal com seus alunos. Enfim, usava a estratégia do compartilhamento de experiências de cada um, encorajando-os a expor suas análises e reflexões, dentro de um mote que toda a boa ideia não podia ser desperdiçada, mas sim implementada.

Sei que há inúmeras atividades que visam fugir ao padrão clássico da aula tradicional, mas o compartilhamento entre alunos é ainda pouco promovido. Conheço diversos grupos que compartilham suas experiências profissionais, porém na área universitária aqui no Brasil ainda existem poucas referências.

Apesar de ser perfeitamente viável criar comunidades de interesse, orientadas a realizar projetos, visando o atendimento de uma necessidade específica ou a resolução de um problema, há mínimas iniciativas. Há poucas comunidades educacionais constituídas por alunos de uma mesma classe, de uma mesma escola ou de instituições geograficamente separadas.

O importante é que os estudantes sintam que a comunidade dá acesso ao conhecimento e não somente à informação, se tornando um valioso local para receber *feedback* de ideias e soluções.

O ambiente dinâmico e competitivo atual requer que as organizações aprendam continuamente. Porém, a troca de experiências, apesar de ser estratégica, é pouca usada no mundo universitário.

Em razão de poucas iniciativas encontradas no Google e para responder a esta questão, por indicação cheguei à [Escola de Redes](#), que como o próprio nome sugere, é uma comunidade de investigação de redes sociais e criação e transferência de tecnologias de *netweaving*, lideradas por [Augusto Franco](#).

As primeiras linhas de seu livro [Multiversidade](#) – Da universidade dos anos 1000 à Multidiversidade dos anos 2000, em colaboração com [Nilton Lessa](#), é de uma menção de Pierry Levy de que “as universidades hoje não detêm mais o monopólio do conhecimento e sim, apenas do Diploma”.

A universidade, apesar de ser do início dos anos mil, tem sua genética ancorada em seis mil anos antes das escolas da Suméria. A universidade que chegou até nós é uma instituição europeia medieval que teve a realeza e o papado como instituidores e que disputavam a governança das cidades e a hegemonia sobre os cidadãos. A organização estava nas mãos de uma corporação, caracterizada como qualquer escola religiosa ou laica, onde a transmissão de um ensinamento pré-existente era feita por mão única do professor para o aluno, com separação do corpo discente e docente e a visão do conhecimento, como conteúdo arquivável e transferível e não como de resultado de interação social.

As propostas são do livro que enfatiza que o conhecimento não pode ser aprisionado o que decorre com o esvaziamento das cor-

porações de ensino. No mundo do terceiro milênio quem organiza o conhecimento é a busca. Aprisionado ele se estraga, desenvolve-se quando compartilhado e perde valor quando permanece retido. A memorização e a reaplicação vão sendo menos recompensadas que a inovação. As comunidades de aprendizagem em rede vão abandonando a reprodução de conteúdo antigos e dedicando-se a invenção do conhecimento novo a partir da ampla interação. Nada de aprender o que lhe querem ensinar e sim o que cada um precisa desenvolver de uma ideia ou de um emaranhado de relacionamentos, para realizar um projeto realizado por ele e compartilhado com outros participantes. Os ambientes favoráveis à aprendizagem-criação serão outros. Serão abertos, seguindo um padrão de redes diversas e múltiplas.

A transformação que vai existir é que não haverá mais currículos, mas apenas roteiros de aprendizagem e criação compartilhados por cada comunidade de projetos e de práticas. A criatividade vai ser a mola mestra dos novos tempos, onde o que vai valer não vão ser as notas, avaliações e diplomas, mas sim o que o estudante produziu, criou ou o desafio que resolveu, interagindo em suas comunidades de aprendizado.

EDUCAR PARA VOTAR CONSCIENTEMENTE

(18/04/2017)

[ACESSE AQUI](#)

O analfabeto político é tão burro que se orgulha dizendo que odeia política. O imbecil não sabe que, da sua ignorância política, surge o político vigarista, pilantra, corrupto e laçao das empresas nacionais e multinacionais.

Bertold Brecht

Sempre aos sábados penso sobre o conteúdo do artigo a ser publicado no blog na terça-feira seguinte. Desta vez, me veio a dúvida sobre o que escrever: prosseguir com minha convicção sobre o valor das redes de compartilhamento como movimento de aprimoramento educacional; divulgar a criatividade como estratégia de ter ideias para resolver problemas intrincados; comentar o noticiário da mídia sobre a roubalheira nacional ou responder a um amigo que retornou ao Brasil depois de trinta anos de Europa cobrando uma posição do Ensino Superior Particular a respeito dos dissabores do país.

“Me perdoa”, diz o Prof. Peña, “mas no mundo todo, lá fora, percebe-se o naufrágio do Brasil, provocando um pânico crescente, que pelo visto, ninguém é capaz de remediar, com mazelas de todos os lados e pedindo desculpas para perguntar-me por que o Ensino Brasileiro nada disse sobre tudo isto e o conluio entre administradores públicos, congressistas e empresários. E nem dos safados, que arruinam

ram a Saúde Pública no Rio de Janeiro e foram celebrar seu latrocínio em Paris.”

Sei que tudo é procedente e mais seria se você tivesse escrito após ver os vídeos dos proprietários e administradores da Odebrecht, que expuseram claramente (com a maior cara de pau) seu modelo de negócios, o trato com os representantes dos diversos poderes e a forma privilegiada do “toma lá, dá cá”. Suas indagações, prof. Peña, são totalmente pertinentes, entretanto não acontecem só no Brasil, mas em todo mundo desde priscas eras. É por causa disto que todos querem ser “amigos do rei”.

Perdemos por aqui gerações que poderiam multiplicar oportunidades em todos os setores. Descuidamos e o câncer se alastrou pelo corpo. Temos por aqui os piores índices em tudo, que vão do baixo IDH à falta de segurança, crianças sem creches, analfabetismo batendo em milhões, “bolsas tudo”, saúde (no cemitério) e desgraça geral.

Diga aí como dar solução a tudo isso, sem falar no transporte público, nos juros exorbitantes que grassam nos negócios. Mas o que fazer?

A corrupção é endêmica na vida política e social do país. Perpassa não só partidos e empresas e inclui muitíssimos cidadãos – seja sonegando altas somas de impostos, seja escondendo grande parte de suas fortunas em bancos estrangeiros ou em paraísos fiscais, mas também está na arraia-miúda, que suborna o policial rodoviário ou o fiscal de quarteirão. Todo mundo querendo tirar proveito, uma lasquinha, e ter o melhor resultado para si e suas organizações.

As nossas bravatas e pilantragens possuem raízes históricas no colonialismo e no escravagismo, responsáveis, talvez, pelo nosso famoso “jeitinho”. Não há o que esconder: fomos colonizados por portugueses, espanhóis, holandeses, franceses e outros povos que

vieram depois. Predadores vorazes, todos, que não assumem os crimes aqui praticados. Fomos garrotes de vacas gordas amarrados para a marca a ferro quente.

A corrupção que se havia alastrada nos mais altos estratos dos negócios e na política começou a ser desmascarada e posta sob os rigores da lei com o Mensalão, o Petrolão e a Lava-jato. Não se pode negar a altíssima relevância e o avanço no sentido da moralidade pública de tais operações, só espero que não seja um fogo-fátuo.

A efemeridade ou a permanência de ações moralizadoras, que impeçam que políticos e oligarcas continuem a tratar a coisa pública como se fosse sua, e a montar um tipo de Estado que lhes garanta os privilégios, depende, sem dúvida, de cidadãos conscientes. Os corruptos precisam deixar de ser vistos como espertos e serem encarados como criminosos, o que de fato são.

Precisamos de uma faxina geral por meio da educação para propiciar a “virada de mesa”. E não só ela, a religião (todas elas estimulam o bem) e também toda a sociedade compenetrada precisam colaborar, pois o Brasil quer mudar.

É por isso que precisamos acreditar ser possível construir uma comunidade universitária para trocar ideias e experiências para construir, pela colaboração compartilhada, uma sociedade mais responsável e alinhada aos interesses comuns de bem-estar e qualidade de vida. É, entretanto, um desafio de duas a três gerações que demanda foco e especialistas de todas as áreas.

Mas é imprescindível iniciar e, para fazer com os pés no chão, comecemos pelo básico. O primeiro desafio é sensibilizar a comunidade educacional (estudantes, professores e famílias) de como devemos formar cidadãos completos, integrados dentro dos melhores princípios éticos e morais, com o objetivo de saber votar. O segundo passo

é propor um ideário para estabelecer um sistema de representação política, onde todas as anormalidades atuais possam ser sanadas.

É fundamental ter consciência de que pela criatividade o homem tem transformado o mundo. Essa capacidade potencializada surge quando é preciso gerar valor individual e coletivo. A criatividade não aparece exclusivamente em indivíduos, ou culturalmente em uma sociedade, mas na interação e colaboração entre as duas. Ambos os lados são importantes: o indivíduo imagina, cria, origina novas ideias, e a sociedade, sua cultura, com o apoio que inspira essas ideias, estimula e incentiva suas realizações.

Portanto, das palavras à ação, vamos propor ao Conselho de Administração da ABMES – dentro do propósito de formação cívica – que viabilize o Projeto VOTA CERTO BRASIL com o objetivo de sensibilizar os estudantes a votarem conscientemente.

A OPERAÇÃO LAVA JATO MOSTRA QUE O BRASIL PRECISA MUDAR

(25/04/2017)

ACESSE AQUI

“As grandes mudanças requerem o empenho das massas ou o amadurecimento de muitas décadas e às vezes séculos. Mas na nossa mente terá valor se forem sinceras e, como grãos de sementes de mostarda se espalharem, sem esperar reconhecimento ou consenso, apenas reflexão”.

Do livro “A Era do Imprevisto: A Grande Transição do Século 21”, de Sérgio Abranches

Em relação ao meu artigo “[Educar para votar conscientemente](#)”, publicado na semana passada no Blog da ABMES, propus que, para mudar o perfil da representação política no Congresso Nacional, deveríamos começar pela educação. O objetivo seria mostrar à juventude brasileira a importância de votar bem para construir o grande país que toda a nação almeja e a possibilidade de a ABMES desenvolver o projeto VOTA CERTO BRASIL para viabilizar este propósito.

Em resposta à publicação, recebi mensagens proativas de meus amigos Hermes Figueiredo¹ ; Raulino Tramontin² ; Ricardo Zanotta³ e uma desafiadora de Edson Franco, que reproduzo a seguir e que me obriga a reflexão:

“Hoje, no VOTA CERTO, fiquei perplexo. Como VOTAR CERTO se os candidatos forem os mesmos? Haverá opções? Se todos forem como os que temos, qual será a opção do ELEITOR? Teu artigo, sempre ótimo, precisa ser complementado e não sei como poderá sê-lo.”

Adicionalmente, circulou nos últimos dias nas redes sociais um desabafo sobre a “República Odebrecht”:

1 Prof. Hermes Figueiredo: Você está certo. Existe só um caminho para restaurarmos o comprometimento de governantes com a coisa pública; restaurar valores, princípios e ética no relacionamento da sociedade com a coisa pública; retomar o bom costume de um respeitar o outro: mudar através do voto consciente para banir a velha oligarquia da política e ao mesmo tempo nos reposicionarmos quanto aos nossos velhos hábitos do jeitinho brasileiro, que não é folclore, é realidade em todos os níveis da sociedade.

2 Prof. Raulino Tramontin: A cultura só se aprende quando se tem cidadania e consciência tanto dos valores naturais, morais e sociais. Quando o egoísmo domina e prevalece o hedonismo, pouco ou nada resta a não ver bater na velha técnica de tentar fazer a cabeça por meio dos meios de comunicação de massa. Vivemos um período turbulento em tudo, inclusive moralmente, pois todos camuflam. Abordaste um tema fundamental. Votar bem pressupõe um sistema que propicie o votar bem. Não temos partidos ideológicos no Brasil, temos agremiações com filiados que nem conhecem a ideologia do partido, o programa do partido e por aí afora.

3 Ricardo Sampaio Zanotta: Eu concordo, mas prefiro ir para a internet e organizar o Movimento da Democracia Digital, o primeiro país no mundo a ser governado pelo povo em rede, e por gestores profissionais, livre de vereadores, prefeitos, deputados, senadores, governadores ou presidentes da República!!! Chega de PICARETAS para falir o estado e prejudicar a população, vamos todos juntos em rede, por nós mesmos!!!

“Hoje é o dia em que você saca que não mora no Brasil, mas habita um País e um Estado oculto chamado Odebrecht. Eu pago impostos para a Odebrecht, eu ando no metrô da Odebrecht, voto nos políticos da Odebrecht, tomo cerveja da Odebrecht. Minha luz é da Odebrecht. Pai e filho compraram presidentes, governadores, senadores, deputados, prefeitos, milicianos!!! Até quando nós vamos aturar isso?”

O meu propósito neste artigo vai ser demonstrar a tomada de uma posição.

Realmente é um grande desafio sensibilizar a comunidade educacional (estudantes, professores e famílias) de como devemos formar cidadãos completos, íntegros, dentro dos melhores princípios éticos e morais, visando a plenitude da sociabilidade e civilidade, com o objetivo de conscientizar o saber votar. Vale uma campanha socioeducativa em todas as instituições de ensino do país, do fundamental à universidade. Para tal escopo o engajamento precisa e deve ser apoiado por todos os segmentos da sociedade.

É uma proposta de imensa profundidade porque nos obriga a pensar o que é saber votar, o que é votar bem, qual a garantia desse voto bem-intencionado e dirigido a este ou àquele. Votamos mal há muito tempo sem ver as consequências que isso traz ao país. É preciso diminuir, para não dizer extinguir, este descompromisso total de votar em oportunistas, malandros e sem caráter que só buscam se locupletar da função oferecendo cobertores de nuvens que se dissipam ao primeiro vento.

Mas do que adianta termos eleitores sábios se não temos um sistema político que possibilite o voto sério e inteligente? Um sistema que, para ser organizado, requer mudança constitucional com objetivos mais amplos e com a transformação de toda a estrutura do país?

Foi o que me fez refletir sobre o questionamento do Edson. Na realidade é uma provocação imensa para uma associação tocar um

projeto como este, mas a execução deve ficar para organismos da comunidade.

Sim, dificuldades existem. Mas é bom sabermos que o mesmo está acontecendo também em outros países. É só lermos as manchetes da mídia escrita, TV e internet para sabermos que o mundo todo está alvoraçado. Estamos numa época de transição e ninguém sabe como vai terminar, como explica o sociólogo alemão Ulrich Bechk, pois nos confrontamos com os efeitos e os riscos dessa grande mudança que não podem ser absorvidos, nem resolvidos pelos padrões da sociedade atual.

A característica é da incerteza e da imprecisão. Sérgio Abranches escreve em seu livro “A era do imprevisto”, que mostra o papel significativo das redes sociais e dos smartphones que “as marcas desses tempos são a velocidade espantosa da mudança e a imprevisibilidade do futuro”.

Os tempos não estão fáceis para ninguém. Tempos em que o volume de informações na web se multiplica diariamente e que a mídia dá mais destaque às notícias ruins, que geram mais perplexidade.

“Há muito desencanto e desespero”, afirma Abranches. “São tempos líquidos”, cita o sociólogo Zygmunt Bauman. A crise está em todas as partes. O mundo velho está morrendo e o novo ainda não tem condições de se impor. “São tempos de medo, portanto com muita negatividade”, aponta.

Existe uma propensão natural sobre o que se teme e o que não se sabe como resolver, mostrando dentro de sua visão que as formas de lidar com os desafios da realidade não funcionam mais. As instituições clássicas, nossos sistemas políticos, nossas agremiações partidárias, o modo de organizar a própria vida, as relações com outras pessoas e todas estas formas de sobrevivência no mundo não são

mais viáveis. E como diz o politólogo Peter Mair em seu livro “Ruling the Void” (Governando no vácuo), “a era da democracia de partidos passou. Embora permaneçam, eles se tornaram tão desconectados da sociedade mais ampla e buscam uma forma de competição tão sem sentido que não parecem mais capazes de sustentar a democracia presente.”

Os filmes de horror da “Lava Jacto” que estamos vendo pela TV espelham uma realidade fadada a terminar se tivermos vergonha na cara. E evidentemente vai depender do esforço de cada um e da união de todos. Sem pretender ser sonhador ou utópico e se tiver apoio das instituições educacionais e da sociedade, a ABMES poderia lançar seu VOTA CERTO BRASIL, depois de devidamente planejado e pesquisado como iniciativa válida e com foco nos novos tempos.

ESTAMOS COM PROBLEMAS (E PRECISAMOS DE SOLUÇÕES)

(02/05/2017)

[ACESSE AQUI](#)

“Não roubar, não deixar roubar, pôr na cadeia quem rouba. Eis o primeiro mandamento da moral pública.”

Ulysses Guimarães

Por mais otimistas que sejamos, não resta dúvida alguma de que estamos com problemas. E não são pequenos. A avalanche alcança todos os setores vivos da nação: atinge o governo, o legislativo, o judiciário, a sociedade, os negócios, as empresas, os trabalhadores e o estado.

Estamos do avesso com o quadro estarrecedor que ora vivemos, com todas as mazelas sociais, políticas, sindicais, as falcatruas em frigoríficos, fraudes em licitações, greves, etc., etc. E não há um basta nisso. A roleta da desordem continua girando com a aposta da impunidade a todo vigor.

Sem querer, estamos sendo empurrados tobogã abaixo. Fomos projetados para fora do carrinho da montanha russa e o tombo é grande. Repetindo Renato Russo, “que país é esse?”.

Entre idas e vindas, marchas e contramarchas, não só dentre as inteligências nacionais, à quase unanimidade, os brasileiros estão muito insatisfeitos e intranquilos, achando que estamos numa encrenca muito grande.

E a situação é agravada pelas más notícias, não mentirosas nem falsas, mas que atrapalham a compreensão dos fatos para o entendimento da situação ora vivida. Há mídia otimista, mas também, na maior dose, a pessimista. As notícias parecem se desencontrar de um dia para outro. Parece um Deus nos acuda, e por aí vai...

Diuturnamente, nos voltamos ao concreto. Os jornais, a TV, as revistas estampam o nosso dia a dia que começa com o sentimento de indignação com os depoimentos dos Odebrecht da vida. Para Artur Xexéo, em sua coluna de domingo, 23, no jornal O Globo ([Não vai aparecer um único honesto?](#)), “o primeiro sentimento foi a indignação. A cada confissão registrada em vídeo e exibida no horário nobre da televisão dos proprietários e dos principais executivos de uma das maiores empreiteiras do país, a gente ficava chocada com a cara de pau de políticos e empreiteiros. As pessoas comentavam, indignadas, a naturalidade com que a corrupção era descrita. Em seguida, bateu uma depressão.”

Fernando Gabeira também abordou o assunto no O Globo, em seu artigo “Depois da tempestade”: no turbilhão de um tsunami, “o que foi arrasado, agora, não é um pedaço de terra, mas um sistema político eleitoral. E não há presidente para ajudar, pois está agarrado aos escombros para não ser levado pela enxurrada. De qualquer forma, com ou sem ajuda, o problema que se coloca é sempre esse: como reconstruir. Apesar de figurar no topo da lista de países dominados pela corrupção, o Brasil tem condições de superar esse estágio, a partir da vontade de boa parte de seu povo.”

No sábado, 22, reaparece na mídia o nosso conhecido pensador italiano Domenico de Mais, a quem já me referi em outros momentos. Desta feita, foi abordado por Leonardo Cazes, no jornal O Globo ([Domenico de Mais apresenta seu alfabeto para uma sociedade desorientada](#)), e, como sempre, oferecendo um pensamento realista do que a humanidade passa no presente.

Deixa claro que as turbulências que atravessamos não são exclusividade nossa. O mundo todo passa por problemas e diz o sociólogo que os nossos não são grandes como os vemos e que o país é um dos poucos que vai emergir sem, contudo, ter sido submerso. É categórico ao afirmar que a “sociedade está desorientada” e que isso fragiliza os sistemas colocando-nos sob ameaça dos diferentes autoritarismos. Mas, salienta que ainda não é o caso de sairmos contratando um bom ditador, com ou sem vínculo empregatício.

De Masi explora com exatidão os cenários históricos dizendo que nossa sociedade pós-industrial atual não é baseada em nenhum modelo teórico compartilhado. Portanto, é isso que nos desorienta, sem saber como distinguir a verdade da mentira, o bem do mal, a beleza da feiura.

Diferentemente, as sociedades antigas, desde o tempo dos gregos e romanos até a Idade Média, do Renascimento à sociedade industrial, nasceram tendo como base um modelo teórico desenvolvido por filósofos e concretizado por militares, religiosos ou políticos. O futuro depende de sua capacidade de selecionar uma classe dirigente honesta, criativa, e profissionalmente preparada.

“Vota certo, Brasil”, um programa que acreditamos que a ABMES possa encampar, foi pensado dentro do princípio de que com boa educação política o jovem poderia ter uma formação que lhe possibilite votar melhor. E, conseqüentemente, com políticos mais responsáveis, o país poderia transformar-se.

Mas não adianta ter uma juventude politizada e não termos uma legislação eleitoral e sistema representativo consentâneos com a modernidade. Onde a escolha de um candidato esteja apoiada num processo que não seja viciado, como o atual. O que enseja uma segunda medida que deve ser concomitante, como preparar um bom sistema de representação política para o país.

Por outro lado, tudo continua. A TV anuncia que a venda dos bilhetes para o “Rock in Rio” foi um sucesso, com 700 mil ingressos vendidos. Nestes três fins de semana afluídos, as estradas para o litoral estavam todas repletas de automóveis e a vida caminha com cada um pensando individualmente em suas realidades vivenciais.

Deve haver, portanto, uma reflexão sobre questões que antecedem a tudo: O que a sociedade quer de fato para o país? Ela crê numa transformação possível? Acredita em alguma solução viável? Como estão as nossas lideranças? Como estimula-las a assumirem o protagonismo? Seria papel das nossas escolas formar líderes? Quem tem as respostas certas e em quantas gerações isto acontecerá?

No campo educacional, temos que refletir ainda se universidade tem de se preocupar com isto. Seu foco exclusivo deve ser oferecer um bom ensino? A administração superior, os professores, funcionários têm tempo para dedicarem-se à política? É dado aos estudantes condição de pensar nisso? Seus pais e familiares estão preocupados com o destino do país? O que é necessário planejar para transformá-lo numa nação onde todos vivam bem dentro dos objetivos de desenvolvimento e bem-estar?

Para tudo isso acontecer, será preciso ter gente bem-intencionada, séria, operante e proativa. Mas o que todos pensam sobre a realidade atual? O que pensa a sociedade sobre o cenário de malfeitos à sua frente?

Não temos as respostas certas para todas estas interrogações. Refletindo melhor e saindo do campo das utopias, vamos conhecer primeiro como pensam todos as categorias acima mencionadas sobre as questões assinaladas. E sabemos que as redes sociais podem, pelo seu poder de capilaridade, dar resposta, se é melhor deixar tudo como está ou colaborar de alguma maneira para criar condições para um Brasil melhor.

O que não podemos é ficar parados. É importante ao menos é colocar o tema em discussão e conhecer como todos pensam e o que desejam. Afinal, não adianta criar sonhos se ninguém acredita neles.

QUAL O PAPEL DO ENSINO SUPERIOR PARTICULAR DIANTE DA CRISE PELA QUAL PASSA O PAÍS?

(09/05/2017)

[ACESSE AQUI](#)

“Não há nada de errado com aqueles que não gostam de política, porque simplesmente serão governados por aqueles que gostam”.

Platão

Sem a pretensão de esgotar assunto tão delicado, multifacetado, espinhoso e polêmico, permito-me tentar dar um fecho ao tema abordado na tríade dos meus últimos artigos – [“Educar para votar conscientemente”](#) (18/4), [“A Operação Lava Jato mostra que o Brasil precisa mudar”](#) (25/4), [“Estamos com problemas \(e precisamos de soluções\)”](#) (2/5). Todos relacionados ao projeto “VOTA CERTO, BRASIL”.

Quando um cidadão é ainda capaz de revoltar-se com os abusos da classe política, a democracia, para ele, tem algum sentido, pois sua revolta mantém acesa a chama da mudança. Mas para onde nosso povo pode seguir se no retrovisor vê apenas coisas que o envergonham e, pela frente, o futuro é motivo de incredulidade?

A propaganda política (não por acaso, vejam quantos marqueteiros estão envolvidos nos escândalos denunciados pelo Mensalão e pela

Lava Jato...) tem seduzido o eleitor brasileiro, exibindo incontáveis candidatos que poderiam estar em qualquer concurso de miss ou programa humorístico, mas se mostram alheios ao compromisso público que a vida política exige. O eleitor precisa estar consciente de que, como dizia o líder pacifista indiano Mahatma Gandhi, “o futuro dependerá daquilo que fazemos no presente”.

Embora hoje a internet permita que estejamos mais conectados com o mundo real, ainda existe um Brasil imenso cujo voto enfrenta outra realidade: ainda se vende por uma camiseta ou cesta básica, ainda está sob a lei do cabresto, ainda é presa fácil da ignorância, da preguiça, da incúria. Para os que se encontram nesta última situação, nunca é demais lembrar a frase atribuída ao filósofo grego Platão: “Não há nada de errado com aqueles que não gostam de política, simplesmente serão governados por aqueles que gostam”. E acrescentamos: é por isso que há tantos Severinos Cavalcantis e anões do orçamento (lembra-se deles?), Cunhas, Calheiros, Collors, Sarneys e outros que tais em nossa história política recente.

Mudar esse quadro e passar o Brasil a limpo depende de nós. Se o povo não aprender a refletir, o Brasil será um barco à deriva, empurrado pela inércia de não sabermos votar. A responsabilidade pelo sucesso do momento histórico que estamos vivendo é de todos, mas, na minha crédula utopia, acredito que o setor educacional tem de tomar frente ao movimento que inicialmente denominei de “VOTA CERTO, BRASIL”, no esforço obstinado de prover informações e fomentar o debate respeitoso e sadio, no setor educacional. Assim será possível, no correr do tempo, formar novas gerações que realmente pensem numa sociedade criativa e com autoestima.

Porém, adianta saber votar se não existe um sistema de escolha eleitoral digno, que evite todo tipo de malabarismos para impedir os equívocos da representatividade? E, na sequência, o que motivará os

congressistas eleitos a pensarem em novas leis se os poderes Judiciário e Executivo só pensam em vantagens próprias e não na nação?

Como responder aos comentários que recebi de que não adianta votar certo se todo o sistema está “bichado”? E a outro, mais rude ainda, que o papel da universidade não é fazer política, que ela deveria ter como objetivo único formar bons brasileiros: se conseguisse isso, o restante aconteceria sozinho?

A situação que o Brasil atravessa, leva a várias reflexões. A primeira trata diretamente da questão que motiva o presente artigo: se todos devemos ser responsáveis pelo destino do país, o ensino superior é a instância educacional voltada não só à formação de brasileiros que se expressem política e socialmente e tenham consciência sobre as formas de exercer seus direitos políticos, mas também proponham soluções para os problemas.

A segunda reflexão, ou constatação, é de que a democracia hoje no Brasil não reflete a vontade de todos, pois apresenta mais características de uma oligarquia, que privilegia e representa poucos ou alguns membros da sociedade, mesmo que estes tenham sido escolhidos pelo voto direto da maioria da população.

Na sessão especial para homenagear os 55 anos da Universidade de Brasília (UnB), no dia 27 de abril passado, o senador Cristovam Buarque afirmou [que a universidade precisa ser vanguarda](#) na produção do conhecimento e na busca de construção de uma sociedade melhor.

E, em meio à maior crise política já vista nesse país, é muito importante fazer a terceira reflexão para questionar “Qual o papel do ensino superior particular diante da atual crise política, social e econômica do país?”. Afinal somos mais de 2 mil instituições, cerca de 360 mil docentes e de 6 milhões de estudantes – qual o nosso papel nesta situação toda?

A ABMES poderia pensar criativamente num projeto de desenvolvimento para ser proposto aos candidatos ao pleito de 2018 para termos um país mais igualitário e com oportunidades para todos.

Com o objetivo de consultar para conhecer o que pensam os leitores deste blog sobre a importância de o Ensino Superior participar das resoluções políticas do país, preparei uma breve enquete com algumas questões. Somente a opinião sobre as questões é solicitada, nenhum dado pessoal precisa ser registrado. Por isso, conto com a sua colaboração. Clique [aqui](#) e participe!

SÓ A EDUCAÇÃO PODE TRANSFORMAR O BRASIL

(16/05/2017)

[ACESSE AQUI](#)

Se a educação é uma solução para o Brasil, ou para o mundo, ela é uma solução para todos. A educação não precisa ser apenas a divulgação de conhecimento e ideias ao cidadão comum. Mas é o que a educação brasileira é hoje: ela informa, mas não cria consciência e não convence.

Altieres Rohr – blog Ira Racional

Recentemente vi um vídeo promocional interessantíssimo. Era da cerveja Heineken feito pela Agencia Publicis com o título “Mundos Distantes”. São três mulheres e três homens, cada um se apresentando separadamente e mostrando suas convicções culturais, políticas e humanitárias e que depois são dispostos em casais. Um fanático ecologista está com a par que tem ojeriza por ambientalistas; outro, um machista ferrenho, está com mulher negra feminista de partido; e outro, um heterossexual extremado, está com uma transgênero declarada. Ninguém sabe o que o outro pensa e são convidados a construir uma bancada. Depois de mostrarem o que produziram, assistem à gravação inicial e ficam sabendo quem era seu companheiro. E podem agora brigar ou discutir civilizadamente suas diferenças. Imagine se antes de construir o móvel fossem discutir seus credos. Estariam até hoje brigando.

Pense no festival do Rock in Rio ou no desfile das escolas de samba na Sapucaí, os espectadores discutindo religião ou futebol, o que aconteceria. Seria pauleira na certa.

Escrevo semanalmente neste blog há mais de três anos e a maior dificuldade que sinto é a de conhecer a opinião do leitor. Por isso, fiz uma enquete que perpassava por projeto de desenvolvimento nacional – no qual o ensino superior participava como um dos principais atores para a solução da nossa crise política e da questão da corrupção com recomendações ou sugestões para o Brasil melhorar – pelo papel da educação na formação ética e política das pessoas e pela discussão de se é papel da universidade se preocupar com isto. E, com surpresa maior, pelas respostas, o brasileiro está perdendo totalmente seu modo de lidar com ideias diferentes e ter uma causa comum para defender.

A maior preocupação daqueles que me responderam é de que o brasileiro perdeu a capacidade de discutir e de buscar metas comuns. O país está totalmente dividido e, pior ainda, propiciando a cada manifestação política a presença de grupos turbulentos que vão depreendendo propriedades e agredindo participantes. É bandidagem geral.

Tem leitor dizendo “não é tarefa fácil numa sociedade multifacetada onde as paixões de um lado e de outro convivem num clima pouco harmonioso”. Toca-se num ponto nevrálgico e atual ao dizer tal situação que se repete no interior das IES: o professor pode ter seu pensamento político, o que não pode é fazer proselitismo no exercício profissional.

Como, então, analisar neutralmente a situação do país perante os alunos sem aflorar paixões? É difícil a isenção! Todavia, podemos, sim, analisar como a sociedade perdeu a capacidade de autoanalisar-se e como os valores naturais foram esquecidos, como se tornou violenta. Como o egoísmo passou a ser o dia a dia do cidadão, mos-

trado com mais ênfase no comportamento, no trânsito e no trato das pessoas. Cada um vive isolado e egoisticamente. Adeus princípios morais!

Outra opinião bem pragmática: “O projeto ‘Vota Certo Brasil’ é um passo importante para uma solução de médio e longo prazos, principalmente se entendermos que o ‘Certo’ demanda por parte do eleitor um conhecimento profundo sobre o sistema político brasileiro, sobre os candidatos e sobre os problemas locais, estaduais, nacionais e internacionais. Enfim, votar certo requer, entre outras competências, conhecimento amplo e profundo dos problemas, pensamento crítico e analítico, visão dos impactos das soluções ofertadas pelos candidatos, bem como capacidade de decidir e de sustentar a posição tomada”.

Uma que veio de forma bem sutil e vale aqui publicar: “Diante da estarrecedora situação que a crise política impõe ao país, é imperativo que as instituições de ensino superior repensem seu papel na sociedade e decidam por implantar atividades curriculares ou complementares que permitam a formação de jovens mais preparados para a erradicação da corrupção no Brasil”. O leitor acredita que uma das questões que favorecem a trágica realidade vivida nos dias de hoje tenha a ver justamente com essa lacuna na formação política dos jovens na maioria dos cursos de ensino superior particulares. “Pois, sem uma devida formação, ou pelo menos um alerta sobre as questões éticas e de governança no setor político e público por parte das IES, permite-se que as nefastas práticas estabelecidas e institucionalizadas acabem por convencer uma boa parte da população de que as coisas acontecem do jeito que temos assistido todos os dias nos noticiários da mídia nacional”.

Uma jovem professora coloca de maneira cristalina: “O ensino superior, como estágio educacional ligado à formação e vanguarda do

conhecimento, deve fomentar o debate sadio de todos os temas relevantes para a sociedade. A imprensa também, bem como outros setores da sociedade, deveria participar desse movimento, todos aliçados pelos mesmos princípios: interesse nacional, sem nenhum vínculo ou conotação partidária, que promova a efetiva educação no Brasil, na formação de cidadãos críticos e conscientes, em uma verdadeira sociedade democrática”.

Mas a resposta mais crítica e contundente deixei para o fim: “O ensino Superior particular não tem credibilidade para propor nada em termos de planos de Desenvolvimento para o país, porque seu objetivo é o negócio e não a educação e menos o país. E o exemplo é o que presenciamos na mídia em termos concorrenciais, a forma como uma instituição utiliza para prejudicar a atividade da outra. Querem consertar o Brasil sem olhar para seus próprios umbigos.”

Consequentemente, polêmicas à parte, que fazem parte do mundo da vida, vou prosseguir a enquete para ouvir mais leitores. Mas a síntese que se pode depreender é que tudo começa pela educação e se as pessoas não se pautarem por objetivos dignos, sinceros e honestos para si e seus semelhantes, o caos será inevitável.

Para nos defendermos dos males que nos afligem, é primordial, antes de tudo, a retomada dos princípios éticos e morais e de respeito mútuo e a educação sem dúvida é o parâmetro para qualquer iniciativa.

Clique [aqui](#) e participe da pesquisa que tem como objetivo conhecer o que pensam os leitores deste blog sobre a importância de o Ensino Superior participar das resoluções políticas do país. Somente a opinião sobre as questões é solicitada, nenhum dado pessoal precisa ser registrado. Conto com a sua colaboração!

A EDUCAÇÃO DEVE PARTICIPAR DA RENOVAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

(23/05/2017)

[ACESSE AQUI](#)

“Quando a mesma pessoa, um único partido, a mesma classe social ou aliança política comanda os Três Poderes, não temos democracia. Temos a forma, mas não a realidade.”

Prof. Joaquim Falcão

O momento pelo qual passa o Brasil está retratado por todas as mídias, que têm mostrado a realidade do “mundo cão” das nossas estruturas políticas, empresariais e institucionais. Intitulados partidos políticos, há grupos antagônicos que se rivalizam ou se compõem para dominar o judiciário, o legislativo, o executivo, não procurando soluções para o país, mas para seus grupos.

O objetivo é único: o de possuir poder para dele desfrutar e se beneficiar de todas as maneiras (honestas e desonestas) possíveis afim de enriquecer. Tudo em troca de benefícios fiscais, isenções, desonerações, acertos em concorrências públicas e sobre faturamentos de obras e serviços.

O povo ainda acredita em “salvadores da pátria” para seu bem-estar. O que muitos não percebem é que somente nós mesmos, unicamente por meio do nosso esforço, poderemos transformar esta nau sem rumo da realidade brasileira. Mas, para isso, será preciso

mudar mentalidades e superar as forças do atraso. E é necessário que o país tenha motivação, plano de nação e projeto educacional.

A imagem é melhor do que palavras e, por isso, trago um vídeo onde, em diversas cenas, pais e mães estressados, briguentos, egoístas, que pensam só em levar vantagem e sem a mínima solidariedade, passam para seus filhos os piores exemplos de sua insanidade comportamental. [Veja aqui](#).

Apresento também reportagem de *O Estado de S. Paulo* de 21/05 – [Pais se unem por um novo jeito de criar os filhos](#). São homens mais solidários, que não agem apenas como provedores da casa e colocam a mão na massa desde o nascimento dos filhos para dividir todas as responsabilidades domésticas com a companheira. Há até grupo fechado no Facebook, o “Paternando”, com mais de quatrocentos membros, trocando informações pelo Brasil afora, de como criar melhor seus filhos. Nem precisa comparar com o grupo do vídeo para ver qual deles produzirá melhores cidadãos e cidadãs, adotando a simples estratégia de compartilhar experiências.

Tudo nasce na família e, se fosse saudosista, diria dos áureos tempos, das refeições diárias, onde unidos em torno da mesa os pais podiam dar seus conselhos e fazer suas reprimendas. Ou da escola mais disciplinadora, com mais influência religiosa e mais valorização dos símbolos pátrios.

Antigamente tínhamos Educação Moral e Cívica (EMC), Organização Social e Política do Brasil (OSP), inclusive Estudos de Problemas Brasileiros (EPB), que eram criticados. Tínhamos Cultura Brasileira, que era ridicularizada e nada sobrou. Sei que os títulos estão ultrapassados e rançosos por evocarem tempos que se quer esquecer. Mas precisamos procurar outras estratégias de comunicação e não propor currículos pré-fabricados. Precisamos de algo que incuta valores e princípios dentro do sistema educacional, já que dentro da

família isso nem sempre estará sendo possível. Esta lacuna precisa ser suprida. Alguma iniciativa há de se empreender, porque nunca como antes as condições estão facilitadas pela internet, pelas redes sociais, enfim, pela tecnologia que nos entra pelas portas, janelas, frestas, fendas e frinchas, até atingindo descuidados governantes.

Temos inúmeros desafios a superar: econômicos, sociais, políticos – como os temos! – e isso em todos os países. O mundo está uma balbúrdia com um redemoinho total alcançando a todos. Vivemos uma revolução sociocultural sem precedentes na história da humanidade, que, em sua escala, escopo e complexidade, estão promovendo grandes transformações. Vai envolver amplos setores da sociedade civil, público e privado, além todo segmento educacional.

Por outro lado, a conectividade, a expansão das redes sociais, o compartilhamento e a colaboração em redes de conhecimento, também marcam esta transição. Todos esses cenários, representam formas de comunicação, relevantes para a educação no Brasil, já que, queiramos ou não, para sobreviver, necessariamente precisaremos nos transformar.

Precisamos construir o futuro almejado por todos nós e esse seja talvez um dos maiores desafios atuais do Brasil. Colocar o capital de conhecimento e experiência das pessoas em primeiro lugar e promover uma educação que esteja conectada aos problemas complexos do contexto histórico, valorizando a criatividade como grande ativo de sobrevivência e superação.

Sem dúvida, como apontam vários especialistas, existe uma “inovação colaborativa” em curso. Ela desencadeia um mundo de experiências em colaboração e compartilhamento, criando redes de conhecimento, novos modelos de desenvolvimento social, de empresas e negócios, o que coloca a criatividade como grande marca da valorização da inteligência humana.

Criamos neste blog uma enquete sobre o “Vota certo Brasil” que em sua análise traz expectativas muito grandes por parte da comunidade. Mais de 1.000 pessoas responderam três perguntas provocadoras: 85% disseram que o Ensino Superior deve participar da resolução da crise política do país; 98,9% acredita que deve colaborar de alguma forma para criar condições para um Brasil melhor e, na opinião de 87,8%, cabe ao sistema universitário se preocupar com um Projeto de Desenvolvimento Nacional.

O resultado da pesquisa pode ser conferido [aqui](#) e agora vamos ver como a ABMES, dentro da sua realidade, pode participar deste desafio. É tarefa que leva gerações para ser alcançado, mas que depende apenas de um primeiro passo inicial motivador.

O PROJETO “VOTA CERTO, BRASIL!”

(30/05/2017)

ACESSE AQUI

“Diante da ameaça de uma tirania, a atitude normal é dizer que nossas instituições vão nos proteger. Para resistir à degeneração do regime é preciso dizer ao país que somos nós que devemos cuidar das instituições e dar um passo à frente.”

Prof. Timothy Snyder, da

Nestes últimos meses, tenho reproduzido neste blog as angústias de um país bastante desestruturado devido a questões de toda ordem. Principalmente da herdada cultura centenária na condução do estado nos grandes negócios públicos e suas relações empresariais espúrias. Judiciário, Executivo e Legislativo tornaram-se dependentes de atividades não republicanas. O país está perdendo sua autoestima, mergulhado numa descrença total. Tem gente até pedindo oração pelo Brasil em palestra, como fez a escritora [Adélia Prado](#).

Em [enquete](#) que fizemos no início do mês, mais de duas mil pessoas responderam que o sistema educacional particular deveria colaborar propondo soluções para o desafio de se construir um país melhor. Não somos tão ingênuos quanto a ser uma tarefa fácil. É na verdade quase impossível, pois envolve milhares de pessoas e, só para exemplo, apenas para a discussão sobre as diretrizes curriculares do ensino básico foram apresentadas mais de 16 mil colaborações.

As ideias para se dar o primeiro passo para uma Campanha Nacional precisam ainda ser melhor discutidas no Conselho de Administra-

ção da ABMES para serem aprovadas. Mas compartilho com vocês o escopo do projeto, tendo em vista que trazer o tema ao debate tem sido muito enriquecedor em razão das colaborações recebidas.

OBJETO

Campanha de mobilização nacional pela ética, pelo fim da mentira na política e no poder e por um projeto de Brasil com justiça social e desenvolvimento econômico.

Por meio da ABMES, erguer uma tribuna de respeitabilidade, para desconstruir o desencanto da população e formular ações públicas desenvolvimentistas que tenham repercussão na mídia e nas instituições. Chegou a hora de sermos protagonistas da história, ao invés de massa de manobra dos políticos de sempre.

Compelidos a pagar uma das mais altas cargas tributárias do mundo para sustentar um Estado inoperante, ineficiente e corroído pela corrupção, hoje os brasileiros estão reduzidos a números de CPF e a títulos de eleitor, documento que nos induz a participar de uma farsa: somos obrigados a votar, mas a votar em candidatos que não saem das tocas, que são escolhidos entre os mesmos nomes que por décadas participam da tragédia nacional.

PRIMEIRO PASSO

O projeto nasce com o Manifesto UNIVERSIDADE e DEMOCRACIA, subscrito por educadores. O manifesto expressa a desilusão com os rumos do Brasil, com agentes públicos de relevo contaminados pela corrupção e com os três Poderes da República em cenário de absoluto descrédito. Soma-se a isso a descrença na recuperação da ética, da economia e na formulação de ações sociais com os atuais atores da cena política cujos nomes se repetem de há muitos anos como quem tem lugares cativos, a confundir planos de governo com projetos pessoais de poder.

PROJETO

A partir da confiança dos mantenedores de todo o Brasil, surge o projeto “VOTA CERTO BRASIL”, sob a responsabilidade da ABMES. O projeto, de âmbito nacional, visa apresentar, discutir e aperfeiçoar uma plataforma desenvolvimentista, para mudar os vícios da política brasileira – vícios que vêm da Primeira República – que emperram a modernidade.

Considerando-se que os partidos políticos não nos representam, que o Parlamento se repete em práticas espúrias e que o Executivo não corresponde ao atendimento das obrigações constitucionais do Estado, torna-se imperativo alimentar um espaço idôneo, no qual seja pensado o Brasil que precisamos na atual quadra do século 21. Quanto ao Judiciário Superior (STF – STJ – TSE), a simples mudança de indicação política para concurso/meritocracia já seria uma ótima alternativa.

É certo que esgotada a fábula paternalista, as inteligências do país devem projetar um novo modelo – o desenvolvimento social de mercado – que seja capaz de gerar empregos, reformatar a infraestrutura e, por meio desse processo-âncora, atender às demais demandas, dentre as quais sobressaem os serviços públicos decentes e a erradicação da miséria (todos primados da Constituição Federal de 1988).

Nos últimos dois anos, movimentos da cidadania saem às ruas em memoráveis passeatas, mas não alcançam qualquer objetivo, porque são dispersos, conflitantes entre si e sem um centro agregador de credibilidade. Aliás, manifestantes sem rumos, sem estofo de cultura, ao contrário, baderneiros e arruaceiros sob pagas de grupos e sindicatos que só visam o caos.

MOBILIZAÇÃO

A ABMES terá a capacidade de **mobilizar os brasileiros para a reorganização nacional**. Para tanto, empreenderá as seguintes ações:

- a) Participará ativamente do debate político, representando a voz da cidadania, com ética, seriedade e propostas;
- b) Manterá página na Internet e demais serviços de redes sociais para difundir e conhecer soluções para *o Brasil que queremos ser*, com seriedade, responsabilidade técnica e leveza de compreensão, passando a ser uma fonte de credibilidade para estudos e informações para estudantes, professores, imprensa e cidadãos em geral;
- c) Terá visibilidade e força moral para participar da cena política e administrativa do país, como ator importante na tomada de decisões;
- d) Produzirá vídeos institucionais relacionados a problemas e formas de resolução, ouvindo as pessoas nas bases, discutindo soluções com órgãos públicos e especialistas, e, didaticamente, buscando a formação de nova consciência cidadã;
- e) Lançará livro com as bases do projeto Vota Certo Brasil;
- f) Terá uma agenda de conferências e entrevistas em todo o país, junto aos mais importantes segmentos da sociedade e da imprensa, para afirmação da ideia de desenvolvimento nacional e apontando os caminhos tecnicamente viáveis e politicamente sustentáveis para alcançá-lo;
- g) Por meio de comunicação especializada, criar-se-á os respectivos símbolos de campanha, necessários à popularização da proposta.

EPÍLOGO

Em resumo, o projeto pretende entregar aos brasileiros um espaço de conhecimento, debate e reflexão; uma voz para repercutir o desencanto com práticas antirrepublicanas; um projeto do **Brasil que queremos ser** que, a partir da visibilidade da campanha, a ABMES, necessariamente, terá de aprova-lo para uma agenda nacional. Mais ainda, com apoio do presidente Janguê Diniz, deverá ser levado ao Fórum das Entidades Representativas do Ensino Superior Particular que se encarregaria de sua implantação com apoio de todas as Associações.

É o único caminho que se abre para a modernidade do país, com ações de porte, que tenham repercussão e façam frente à máquina trituradora de partidos e candidatos financiados às escondidas. Representa a junção das pessoas de bem que, de forma solidária, transparente, se associam, por uma gestão ética e eficiente na prestação de serviços públicos.

Precisamos por fim ao ciclo da mentira: as eleições não podem ser concursos para escolher quem mente melhor.

O BRASIL TEM CONDIÇÕES DE ENCONTRAR SOLUÇÕES PARA SEUS MALES

(06/06/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“Embora os destinos da Economia estejam em suas mãos, tudo leva a crer que os empresários se comportarão como em tantas outras oportunidades em nossa história: passarão pela cena sem dizer palavra”.

Bolívar Lamounier

Muitos devem ter visto na mídia a situação vivida pelo graduado em farmácia e doutorado em Química [Andreas von Richthofen](#), irmão da “célebre” Suzane, condenada a 40 anos de prisão pelo assassinato dos pais. Bom estudante, excelente pessoa e brilhante profissional, foi encontrado em andrajos, confuso e desorientado pelas ruas de Santo Amaro, na capital de São Paulo. Hoje ele é um dos viciados da Cracolândia, chaga social da pauliceia e de outras cidades do mundo, de difícil extinção.

No debate sobre a intervenção da prefeitura da cidade no local, arautos dizem que a solução é replicar o que a América do Norte fez há 40 anos, prendendo, sumindo e matando. Ou de atuar sem ordem judicial e internar a força como fez recentemente o prefeito João Doria. Tem ainda a linha do médico Dráuzio Varella, cuja declaração apontou que a região é consequência de marginalismo criado pela própria sociedade e que a internação deva ser espontânea, sendo forçada só em caso extremo.

Na realidade, a sociedade não consegue solução para este e outros problemas, devido a divergências ideológicas dos responsáveis pelas políticas públicas e, infelizmente, isto sucede em todas as áreas: o país está dividido.

Qualquer observador desarmado que olhe para o convulsionado Brasil de hoje dirá que o país precisa de conciliação e de ter um mínimo de entendimento entre as partes em conflito antes de pensar em qualquer plano de desenvolvimento. Tolerância e serenidade são virtudes a serem cultivadas mais do que nunca neste momento. Negligenciamos demais, por muitos anos, admitindo desmandos nunca vistos. Toleramos como Jó e os acontecimentos nos pregaram uma boa peça.

Levantamos a cada dia acompanhando os noticiários que mostram mais lama e lodo nas calçadas e ruas do país. Precisamos fugir do espetáculo e fazer a opção pela notícia. A repercussão do mergulho no pântano da corrupção deu alento à cidadania encurralada.

No meu artigo da semana passada apresentei o escopo do projeto “[Vota Certo Brasil](#)” que objetiva criar uma consciência cívica e discutir o futuro do país. Tenho recebido colaborações. Desde quem disse que o papel aceita tudo e que o difícil é implementar, porque alguém teria de pagar a conta, já que o projeto “não é barato e precisa de especialistas”¹. Há quem defenda o voto distrital, que permite que “o candidato faça suas propostas numa área geográfica mais restrita

1 “Há centenas de planos partidos, de institutos e grupo de intelectuais. O papel aceita tudo, o difícil é implementar, se não há gente capacitada e não há recursos, não adianta nada. Um plano desses não custa barato e precisa especialista. Quem vai pagar a conta?”

e a um custo menor”² . Até uma pessoa preocupada com o público a ser pesquisado, opinando que esse papel não seria dos educadores, mas de todos os segmentos da sociedade: “Os educadores estão sendo ouvidos há décadas através de seus posicionamentos em relação às políticas públicas em geral e há duas vertentes: – os que são da desgastada esquerda trotskista e os que não têm compromisso com nenhum posicionamento político. E que o público nosso não seria formado pelos quase 7,5 milhões de universitários, mas pela base da pirâmide, com a qual ‘é necessário falar e convencer’”³.

2 “Creio que teu artigo hoje foi muito objetivo e propositivo, mas me atrevo a avançar um pouco. Nosso sistema político atual não permite muita mobilidade em termos de como votar e para isso temos que propor um sistema de voto distrital onde o candidato faça suas propostas numa área geográfica mais restrita e a um custo muito menor. No distrito será fácil conhecer o candidato ou candidatos e avaliar suas propostas nas diversas organizações da sociedade civil: escolas, igrejas, clubes, associações etc.

Com o sistema de hoje um candidato tem que percorrer o estado inteiro apesar de ter o seu curral eleitoral predominante numa determinada área geográfica. Mas sem mudanças no sistema será difícil implementar qualquer projeto. Todavia, a tua proposta deve ser levada a sério e discutida na ABMES e para isso precisamos fazer um exame de consciência muito sério de como nos como IES, como educadores estamos agindo para poder dar o exemplo para a sociedade. Gostei da proposta e creio que é o primeiro de muitos passos para o Brasil avançar. Mas não esqueça precisamos mudar o sistema atual antes de ensinar a votar. Se você estiver perto será mais fácil te conhecer, virtudes e defeitos, propostas e projetos o que agrega mais ou menos eleitores. Bom, muita boa a proposta. Aplausos.”

3 “Quer ouvir? Honestamente não creio que sejam os educadores e sim os segmentos da sociedade. Os educadores já estão sendo ouvidos há décadas através de seus posicionamentos em relação às políticas públicas em geral e temos então duas vertentes: os que são da desgastada esquerda trotskista e os que não têm compromisso com nenhum posicionamento político. Os primeiros agem dentro das universidades públicas e nos programas direcionados de TV, como Café Filosófico (por ex), reproduzindo um texto marxista-leninistas desbotado, ‘fazendo a cabeça’ de jovens bem nutridos \$\$\$, que se incluem na defesa das classes sociais às quais não pertencem (em O Sangue dos Outros, Simone de Beauvoir debate bem essa questão – defender o lugar do não vivido, do não pertencimento). Os

Recebi outra contribuição bem desconcertante: “a universidade tem tanta coisa para fazer e muitos dizem que ela não o faz bem. No lugar de perder tempo com política, não seria melhor aprimorar a eficiência dos cursos? Se a universidade conseguisse formar o profissional que de fato amasse seu país, não teríamos os males atuais”.

A maior dificuldade para quem não é redator profissional é encontrar, a cada semana, nestas quase duzentas que colaboro com a

que não se posicionam politicamente apenas contribuem para que os universitários tenham melhor escolarização visando melhor empregabilidade, defendendo também o seu melhor posicionamento no mercado de trabalho.

O desenvolvimento de um comportamento cidadão em relação à credibilidade do processo eleitoral, passa pelo conhecimento da formação Histórica do nosso país, tão jogada no fundo da gaveta nos projetos educacionais apresentados para a reforma do Ensino Médio. Então, esse é um ponto a ser corrigido no ensino superior: talvez pela História Econômica e Social do Brasil. Já é um passo muito grande. A plateia para esse projeto não é a formada pelos quase 7,5 milhões de universitários, apenas. Não são eles que decidem a eleição, nem mesmo o topo da pirâmide social.

Quem decide, via de regra, é a base da pirâmide e é com essa base que se faz necessário falar e convencer.

A violência das manifestações se dá pela articulação da esquerda atuante e sua base aliada. Faz parte do “complexo de perseguidos pela causa nobre na defesa dos menos favorecidos”. As manifestações de grupos da chamada política sem partido são todas pacíficas e ordeiras.

Executivo, Legislativo e Judiciário, três poderes a serem refeitos. Uma PL bem-vinda seria a da proibição de todo e qualquer político em exercício (e seus parentes até quarto grau e seus apaniguados) fosse inelegível por oito anos e, no Judiciário a Suprema Corte fosse composta por Magistrados concursados tendo todos os eleitos e concursados que obedecer a um Código de Ética rígido

A Comissão de Direitos Humanos, a OAB e as ONGS perdessem seu bastão despótico.

Palestras, debates, seminários, vídeos, tudo muito válido desde que o formato seja adequado e palatável aos ouvidos.

Como atrair esse público desejado é o grande desafio.

Epílogo: o artigo é bom. Radical sim, porque o momento exige que assim o seja e ponto.”

ABMES, tema para escrever. Imagine que, se o Brasil não vivesse essa crise toda, o problema que teríamos para arrumar assunto semanal. Os meios de comunicação vivem disso e quanto maior a desgraça, (crimes, roubos, estupros, desastres, destruições e rouba-lheira governamental etc) melhor. Mais facilidade na redação e mais faturamento no comercial. Não é à toa que a mídia impressa e televisionada no fim de semana esbaldou-se com o então desconhecido e hoje figura nacional, ex-deputado Rocha Loures. “Vai ou não delata”.

E o mesmo foi na internet. Se a humanidade deixasse de se comunicar através dela, seria um colapso econômico global. As redes sociais vivem de fofocas, de comentários fúteis sobre sexo, da desgraça alheia e do mundo espúrio do entretenimento. E as postagens são passionais. Quer de centro, esquerda ou de direita, as pessoas são incapazes de ter um diálogo sério e produtivo, compartilhando experiências uns com os outros. Geralmente os grupos são formados por aqueles que pensam as mesmas coisas e da mesma maneira.

A corrupção é endêmica no Brasil e desde Cabral. Para “debela-la levará décadas e só a sociedade civil poderá acabar com os desvios na Política”, diz o Historiador Francis Fukuyama em entrevista na revista Exame desta semana- edição 1139.

Será que só a Odebrecht, a JBS, os deputados, os senadores e os governantes são corruptos? Os servidores da Justiça e de outros poderes, os bancos e as demais empresas são todos anjinhos?

Escrevi neste mesmo lugar em 8 de março do ano passado o artigo [“Criatividade para vencer os problemas da administração pública”](#) que mostra que desde o primeiro hominídeo a constante da vida foram as crises e que a humanidade é o que é porque aprendeu a desvendar os desafios criando soluções criativas para resolver seus problemas.

Para contribuir com a resolução dos problemas nacionais, no artigo anterior também expus todos os passos para começar a pensar na realização do Projeto Vota Certo Brasil. É uma campanha de mobilização nacional pela ética, pelo fim da mentira na política e no poder e por um projeto de Brasil com justiça social e desenvolvimento econômico. E, para fugir à dúvida da epígrafe deste artigo, gostaria que refletissem sobre um pensamento magistral de um aforismo de um dos maiores cérebros da Terra, Albert Einstein:

“O inconveniente das pessoas e dos países é a esperança de encontrar saídas e soluções fáceis. Sem crise não há desafios, sem desafios a vida é uma rotina, uma lenta agonia. Sem crise não há mérito. É na crise que se aflora o melhor de cada um. Falar de crise é promovê-la, e calar-se sobre ela é exaltar o conformismo. Em vez disso, trabalhemos duro. Acabemos de uma vez com a única crise ameaçadora, que é a tragédia de não querer lutar para superá-la.”

BRASIL, UM PAÍS QUE AINDA PRECISA SER SONHADO

(13/06/2017)

[ACESSE AQUI](#)

“Família é determinante no ensino, mas o país pode dar um salto se investir em criatividade e pensamento crítico”.

Ricardo Paes de Barros

Nos últimos meses, acordamos, trabalhamos, almoçamos e jantamos lendo, ouvindo e assistindo ao noticiário político, social e econômico da realidade brasileira. Há uma penca de problemas e o país assiste a uma encenação onde os atores, protagonistas e coadjuvantes, são todos do mesmo figurino e não se salva um. E ainda estamos apenas no começo das investigações – e não me venham dizer que só a Odebrecht, a JBS, os irmãos Batista, os senadores, os deputados e os governantes são bandidos e o restante “todos anjinhos”.

Para fugir desse marasmo em que vivemos, nada melhor do que ver o comportamento dos jovens, começando por Darci Lynne, extraordinária garota americana de 12 anos que fez uma espetacular [apresentação de ventriloquismo](#) no programa America’s Got Talent. Mais do que isso, chama atenção o contentamento e o sorriso de satisfação de seus pais ao assistirem os aplausos da plateia, que premiavam seus incentivos e encorajamento para que o sonho artístico da filha se concretizasse.

Na contramão desse cenário estão as palavras amargas do jovem Felipe Lima, de 19 anos, estudante secundarista de Nova Olinda (CE). “Como meus pais não foram bem-sucedidos na vida, eles não me influenciaram e não me deram força para estudar. Acho que nunca me sonharam como sendo um psicólogo, nunca me sonharam sendo professor e nunca me sonharam como médico”.

“[Nunca me sonharam](#)”, dirigido por Cacau Rhoden e produzido pela Maria Farinha Filmes, é um documentário do Instituto Unibanco que, como descreve seu executivo, o economista Ricardo Henriques, na coluna Tendências e Debates da Folha de S.Paulo de 08/06/17, retrata os anseios da juventude que estuda nos colégios públicos de ensino médio do país.

Contrariando a maioria dos pais que, pelas agruras da vida, nunca puderam pensar em dias melhores para suas crianças, os jovens sonham com um país melhor e querem participar para que todos alcancem dias melhores. É o que diz Jamile Melo, de Santarém (PA): “Eu quero participar da mudança, não quero só aplaudir a mudança. Se eu quiser e meus amigos quiserem, a gente faz a mudança”.

O filme retrata o desejo dos jovens das pequenas e grandes cidades deste Brasil de usufruírem melhores oportunidades. Antes, os que assistiam à TV nada podiam fazer. Tudo estava tão longínquo, mas hoje a internet aproximou as pessoas por meio das redes sociais, onde trocam informações e ideias de como construir um mundo melhor. Além disso, os jovens sabem que uma educação mais propositiva é meio caminho andado para materializar seus sonhos. Haja vista, conforme a edição 2534 da revista [Veja](#), como uma menina de 8 anos, a Rivânia Silva, reagiu, com as águas à sua cintura, quando avisada pela avó que o barraco onde moravam iria soçobrar com a enchente do rio na cidade de São José da Coroa Grande, em Pernambuco. Ela precisava pegar suas coisas e sair. No lugar de apa-

nhar sua roupa, encheu sua mochila de livros. Entrevistada pela TV, declarou que não podia ir à escola sem eles.

Outro caso que o Cotidiano, da [Folha de S. Paulo](#), publicou no mesmo dia é a reportagem sobre Roberto Ferreira, professor de uma escola municipal no bairro da Paciência, na zona oeste do Rio de Janeiro (RJ), região onde há constante conflito entre o tráfico de drogas e a polícia. Mês passado, um vídeo registrou e a internet viralizou a estratégia adotada pelo professor para distrair as crianças quando o tiroteio começa junto aos muros da escola. Ele retira os alunos das salas de aula e os coloca sentados no corredor para os tiros não os alcançarem. Pega seu violão e canta com eles para acalmá-los, usando a música para esquecer da violência.

“Para brotar do meu peito / Dentro do meu coração / muita alegria, mil fantasias, paz e mais compreensão / Música, brindes e cores / Sonhos de um mundo melhor / Força criança, criança esperança / Fé que levanta o astral”.

Diariamente somos entupidos pelo negativismo do noticiário agressivo dos meios de comunicação e da troca de informações desestimulantes da internet e suas redes sociais. O mundo sempre foi construído, apesar das guerras e atribulações, com muito trabalho, sacrifícios e determinação por pessoas que acreditam que os desafios podem ser vencidos. Nele vivemos porque nossos ancestrais lutaram para construir uma sociedade onde a miséria pudesse ser eliminada. No Brasil, há muita pobreza e a exclusão impede o progresso e o desenvolvimento. Se uma criança nasce numa família pobre, a possibilidade de se realizar profissionalmente é mínima. Os que nascem pobres se desmotivam porque não superam os desafios escolares. Desestimulados, abandonam a escola ainda no ciclo fundamental, tornam-se aprendizes de bandidos e, no correr do tempo, são banidos pelo ambiente.

Somos uma sociedade desigual, sustentada pelo patrimonialismo de compadres e de governo, além da corrupção generalizada, e de difícil mutação. Num século onde o capital humano passa a ser o valor mais procurado para gerar desenvolvimento e progresso, as instituições educacionais deveriam direcionar todas as suas forças, além da preparação profissional de seus estudantes, para formar homens e mulheres preocupados com o destino do país.

Não se resolvem problemas novos com soluções velhas e nada é fácil mudar da noite para o dia. Por isso é que estamos batendo sempre na mesma tecla do Projeto Vota Certo Brasil. A eleição de 2018 vai trazer de volta os mesmos malabaristas que estão em cargos públicos devido à nossa inapetência política. Se não conseguirmos mecanismos para a mudança, tudo ficará no mesmo.

Transformar implica em atitude. Atitude implica em mudar crenças e valores limitantes, motivada em ações apoiadas na liberdade, no conhecimento, na confiança e na criatividade para buscar soluções novas, além de sustentada nas habilidades que impulsionam o nosso fazer. Transformar implica na decisão de que, mais importante do que acertar, é ousar e assumir o risco de tentar.

Ainda há muita esperança em milhões de Felipes, Darcis, Jamiles, Rivânias e outros milhões de estudantes e milhares de professores como Roberto Ferreira, além de cidadãos e cidadãs como eu e vocês, que estejam dispostos a transformar o Brasil. Eu acredito.

ÉTICA E CIDADANIA COMO SUSTENTÁCULOS DA SOCIEDADE

(20/06/2017)

[ACESSE AQUI](#)

“Meu nome é ‘Ética’. Se você tem identidade comigo, abanque-se. Venha sentar-se a meu lado e ser ‘um comigo’. Um só corpo, uma só consciência, uma só alma.

Carlos Ayres de Britto – foi presidente do STF

Voltando para casa de táxi perguntei ao motorista como andava o faturamento e ele respondeu que não ia tão bem como antigamente, mas dava para viver. “Para melhorar de vida estou pensando em alugar um box num armazém do bairro onde moro. Minha mulher costura e faz roupa muito bem e tenho filha que trabalha com artesanato fino. O que não me conformo é que, além do aluguel, vou precisar pagar uma taxa de mil e quinhentos reais para o fiscal. Se fosse grana para o guarda de trânsito, que a gente dá de vez em quando, até compensava. Mas mensalmente dar aquele dinheiro é o cúmulo da sacanagem.”

“[Brasil perdeu R\\$ 123 bi com esquemas de corrupção, diz PF](#)” é a manchete principal do jornal impresso O Estado de S.Paulo do último domingo. O valor tem como base 2.056 operações realizadas pela Polícia Federal nos últimos 4 anos e o maior rombo é nos fundos de pensão...

Todo mundo sabe que desde o tempo de Cabral as relações de quem

faz negócio com o governo precisam ser “azeitadas” de alguma forma. Virou cultura nacional e os políticos agora institucionalizaram a corrupção como meio de se manterem no poder pagando suas campanhas políticas e tendo compensação complementar para manter vida de babados. É por esta razão que no Brasil todo mundo quer ter seu próprio partido.

Não precisamos entrar em detalhes porque a mídia a todo o momento vem informando o grande entreposto de patifarias público/ privadas e seus malefícios para a sociedade brasileira. É por isso que estamos insistindo para que as instituições de ensino brasileiras reflitam sobre o problema e pensem como poderiam colaborar para um país melhor, sabendo que só a educação poderá influir para termos um povo com bases éticas mais profundas e uma cidadania mais eficaz.

Tirei a epígrafe deste artigo do texto “[Erário rima com sacrário](#)”, publicado na Folha de S. Paulo de ontem, onde o jurista Carlos Ayres de Britto destaca que ética e ciência da moral é a única trilha para as pessoas de caráter caminharem. E caráter se forma cedo na escola, na família e nos encontros religiosos. Razão da ideia que dei à ABMES para liderar o movimento Vota Certo Brasil.

Nada agrada mais a um articulista do que receber comentários, observações e até correções, o que significa que os leitores, de alguma maneira, estão sendo instigados. Não estão passivos e indiferentes aos temas abordados. Alguns pisam em ovos para dirigir alguma observação e até se furtam a dar opiniões porque, humildes, não desejam usar a soberba em território movediço.

Não foi o caso de um leitor que aparentemente irado com o quadro nacional resolveu tecer exasperações como as a seguir. Os trechos, aparentemente descontextualizados, dão ideia bem claramente do que se trata, sobre qual foco se fala:

“Chegamos em 1988 com uma nova constituição onde colocamos lá princípios, ideias, desejos, propostas e expectativas para uma sociedade em que julgamos seria a melhor, não a ideal, pois seria utopia.

O que me deixa pensativo é que parece que estourou uma bomba e prejudicou nossos ouvidos e estamos meio que zonzos sem saber exatamente para onde vamos. Total desnorteamento.

Nosso sistema político entrou em colapso e não pensa o Brasil e sim sua sobrevivência e isso compromete a representatividade. Sem ela, não adianta fazer com os lobos e uivar para a lua, pois será uma canção que ecoará pelas montanhas e vales e nada mais.

Observe na educação. Todos reconhecem que é importante, mas as ações contradizem isso e o mais dramático fica comprovado na execução do PNE. Um fracasso! O PNE não deixa de ser uma colcha de retalhos depois de tantos grupos defendendo seus pontos de vista e o que se conseguiu?

O último decreto da educação a distância. Todos ficaram felizes, pois era um sinal da desburocratização, de um pouco da regulamentação excessiva, mas veio com um pecado capital ainda não regulamentado: a questão da qualidade do serviço educacional, na medida em que voltamos a aceitar o suficiente como regra da mediocridade, permitindo até e dando autonomia para criar polos para essas instituições que não investem em qualidade.

O que precisamos não são cursos longos, precisamos como mostra o IBGE, a Fiesp e outras organizações da sociedade civil, ensino fundamental para todos, ensino médio para todos e se possível ensino técnico suficiente para fazer frente a necessidade de nosso setor produtivo.

Não são os cursos tradicionais que vão resolver o problema do Brasil e sim os tecnólogos e técnicos. Mas há um problema crônico: somos um país desigual que apostamos errado com relação a salários e não valorizamos o saber fazer do que apenas saber.

Investimos muito em educação nos últimos anos, mas o investimento foi proporcionalmente inverso aos resultados. Alguma coisa está errada. Será que é nossa forma de pensar? Continuamos como nos

tempos do colonialismo onde trabalhar era para escravos e continuamos pensar nas pranchetas e no chão da fábrica, no mercado produtivo nem que seja das ideias, mas sair da zona de conforto.

Na Alemanha não há diferença significativa entre o salário de um médico e de um mecânico especializado, de um operário de construção civil e tudo é medido pela meritocracia do saber mais, para ganhar mais.

A cada dia nem ficamos mais surpreendidos, mas esperamos para dizer: qual a nova de hoje no universo da corrupção no Brasil?"

Como se vê, esse leitor, que não quis identificação, pode estar falando muita coisa que a maioria dos brasileiros também desejariam expressar em razão da barafunda instalada no cenário político nacional, pela falta de ética e cidadania e por decorrência geradora da inquietude na economia, no emprego, na saúde na segurança e nas políticas públicas em geral.

Todos pontos críticos que os mais céticos, como o leitor referenciado acima, ficam prostrados sem conseguir enxergar o fim do túnel. Vale observar que se trata de estudioso, com trabalho no campo educacional há muitas décadas. Ou seja, bateu desacorçoadamente mesmo.

Mas afinal, precisamos encontrar soluções como um jovem pai que procura alternativas para a educação dos filhos, em que pese o total despreparo para lidar com tal tarefa familiar. Por analogia, é o que parece com os administradores da educação, do professor ao diretor da escola, passando pelo coordenador até o reitor. Isso sem se falar nas autoridades de governo envolvidas com a educação, de assessores ao secretário, dos organismos públicos que cuidam da área até o ministro.

Há meio século qualquer visitante que aqui chegasse apaixonava-se com a diversidade de raças, a afetuosidade, a alegria e a musicali-

dade da nossa gente. O país seria um modelo para as sociedades do futuro. O mundo mudou, a ganância pelo poder a qualquer custo é o modelo a ser enfrentado. Vivemos uma realidade onde ou se deixa tudo como está, para ver como fica, ou mudamos o sistema político iniciado após a democratização do país.

Só bom senso não resolve e o sistema particular universitário tem um papel preponderante. Por isto [Vota Certo Brasil](#) é um movimento importante para termos esperança num Brasil melhor para todos.

AMANHÃ NINGUÉM SABE

(27/06/2017)

[ACESSE AQUI](#)

Na igreja católica, a imagem de Santo Expedito traz “hodie”, hoje, gravado na cruz que carrega na mão. Pisando, uma faixa escrito “cras”, amanhã. É a representação do santo das causas urgentes. Que não podem ser deixadas para depois.

Um médico trabalhando num hospital na primeira década do século passado certamente teria dificuldades imensas de se adaptar às modernas instalações operatórias atuais. Identicamente, os profissionais que atuassem em qualquer área empresarial, industrial, ou bancária, da mesma época, certamente se sentiriam paralisados ao se defrontarem com os atuais ambientes de trabalho. Quem não se surpreenderia seriam os professores e alunos, pois pouca coisa teria mudado se comparado ao passado.

Apesar de relatos aqui e ali sobre atualização pedagógica de nossas escolas, tudo continua na mesma. Por isso vemos com expectativas as notícias publicadas pela mídia a respeito.

A Folha de S.Paulo do último domingo, dia 25, traz a entrevista de Peter Diamandis, co-fundador da [Singularity University](#), do Vale do Silício, anunciando que, devido à tecnologia, criar-se-á um mundo onde ninguém precisará mais trabalhar para viver, que é o modelo de sua universidade ([‘Trabalhar para sobreviver não será mais necessário’, diz empreendedor](#)).

Há tempo, lemos também sobre a universidade Minerva nos EUA, onde os estudantes a cada ano estudam numa região. Respeitadas as realidades de cada país, é sempre válido conhecer o que vai no mundo em relação às inovações universitárias.

A novidade agora vem do Japão onde os alunos é que fazem suas escolhas curriculares. A grande pergunta é: como seria uma universidade criada pelos próprios alunos? No Japão, jovens oriundos de escolas médias democráticas, (administradas pelos pais, funcionários e professores) que tinham dificuldade de acesso aos vestibulares das universidades tradicionais, resolveram criar, em 1999, um ambiente próprio. Sem garantir um diploma, a [Universidade Shure](#) oferece aos estudantes a oportunidade de terem seus interesses e ritmos respeitados, além de fazerem descobertas sobre si mesmos. A experiência também os ajuda a criar o seu estilo de vida e a concretizar seus projetos.

Kageki Asakura, um dos fundadores da universidade, explica as motivações para a sua criação, como é o percurso dos alunos nela e qual o papel dos professores no processo de aprendizagem. Único professor envolvido na concepção da Shure, justifica sua visão sobre aprendizagem, o que essa palavra significa e como afeta seu trabalho. Duas coisas são importantes:

“Primeiro, me conhecer, saber quem sou eu. Descobrir quem eu sou é uma grande motivação para que aprender. A segunda coisa que compõe o aprendizado é criar minha própria compreensão sobre o mundo e a sociedade. É importante ter em mente que não se trata do entendimento de um outro, e sim do meu entendimento único a respeito da minha comunidade, sociedade, do mundo que me cerca e do território onde vivo.”

Antes de se matricularem, os alunos têm de experimentar uma semana, de modo que possam decidir com segurança se querem

estar lá ou não. Isso é importante porque é muito difícil compreender o novo sistema apenas por palavras. Experimentar é muito mais fácil e permite que o estudante se analise antes de decidir se quer entrar na Shure. Depois dessa primeira semana, o candidato se submete a uma entrevista quando lhe é perguntado como foi a primeira experiência. Se a decisão é positiva, lhe dão as boas-vindas, desde que tenha ao menos 18 anos. A condição essencial é a pessoa querer viver a experiência.

Uma vez na universidade, o primeiro passo é criar um plano de aprendizado. Isso ocorre geralmente no início do ano letivo, que no Japão é em abril. Assim, cada estudante faz um plano de estudos para o ano, e para isso eles podem pedir ajuda a um professor. No início do ano, todos os estudantes trazem suas ideias que são discutidas com o objetivo de montar o plano da universidade. Alguns vão querer ter aulas de filosofia, enquanto outros querem ter aulas de história, ao passo que outro grupo pode querer criar um projeto de construção de um carro.

Depois de expostas todas as ideias, é montado o horário. Geralmente, existem todo ano por volta de 20 a 30 atividades, sem qualquer obrigação. Há quem se envolva em 10 a 15 delas ou em apenas uma ou duas. Existem 50 mentores e cada um deles tem sua especialidade. Além disso, há quatro professores para 40 estudantes, e os professores também podem apoiar se quiserem. No início de outubro, um semestre depois do início do ano letivo, cada estudante tem uma sessão de acompanhamento individual, e essa conversa pode-se ajudá-lo a ajustar seu plano de aprendizado para o ano.

No fim do ano letivo todos os alunos fazem uma apresentação direcionada aos outros estudantes. Não há um formato padrão. Se o estudante quiser dançar, tocar um instrumento ou fazer uso de uma apresentação em PowerPoint também pode. E os outros alunos

podem reagir à apresentação, de modo que cada um seja levado a refletir sobre o ano que passou. E no próximo ano começar uma nova jornada.

O propósito da universidade é ajudar a criar as condições para que os estudantes possam concretizar seus planos de futuro. Por exemplo, se alguns estudantes decidem criar um acampamento de verão, eles se organizam em um comitê para fazer isso, criando opções de local para o acampamento. A partir disso, os alunos discutem e tomam a decisão pelo voto. Decisões relacionadas ao orçamento da universidade, entretanto, como o preço da mensalidade, é pelo consenso.

Para os membros da Universidade Shure, existem sete áreas ou aspectos da vida: comunicação interpessoal, envolvimento na sociedade, uso do tempo, gerenciamento do dinheiro, trabalho, identidade de gênero e relações em família. Esses são os aspectos abordados quando estão criando seus estilos de vida. E a tarefa mais importante dos professores é apoiar os estudantes em seus percursos de aprendizagem.

A proposta é válida, mas não é novidade. Respeitadas as proporções e realidades, no Brasil existem experiências análogas onde, a cada ano, os alunos desenvolvem projetos por objetivos.

Países em desenvolvimento, que almejam chegar ao seleto grupo dos desenvolvidos libertando-se do papel de meros reprodutores, precisam investir em inovação e, para tanto, reformas e revoluções educacionais se fazem necessárias.

A OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) “profetizou”, em 2016, que mais da metade das crianças vão seguir carreiras ainda inexistentes mostrando um elenco de mais de vinte dessas novas ocupações. E que o trabalho do futuro será mais flexível e autônomo. Graças a novas tecnologias, as tarefas repeti-

tivas serão reduzidas e o caminho estará aberto para profissionais mais especializados, voltados a funções estratégicas. Muitas ainda por vir.

Talvez a experiência da Shure seja no Brasil inaplicável, mas, se ninguém fizer nada – experimentar, inovar, criar e sobretudo empreender –, a saída única é apelar para Santo Expedito.

TRABALHABILIDADE, BRAÇOS CRUZADOS E DESOCUPADOS

(04/07/2017)

[ACESSE AQUI](#)

“A criatividade é o recurso mais fecundo que o homem, desde sempre procurou dominar para derrotar seus inimigos atávicos: a fome, o cansaço, a ignorância, o medo, a feiura, a solidão, a dor, e a morte. Em cada esquina do planeta, em cada fase de sua evolução, a criatividade humana consegue atribuir uma forma ao caos e um significado às coisas.”

Domenico De Masi

Gênesis, o primeiro livro da Bíblia, já trazia os registros de que ao longo da história o homem sempre lutou pela sobrevivência. Desde as cavernas até os tempos modernos a humanidade se desenvolveu em todos os setores, resultado do trabalho – usando as mãos, as ferramentas, as máquinas e a tecnologia –, para vencer os desafios de sua luta diária por uma vida melhor. E tudo foi acontecendo graças ao desenvolvimento da mente humana para reduzir o esforço físico das pessoas.

Há quem diga, entretanto, que trabalhar para sobreviver não será mais necessário. É o que afirma o empreendedor Peter Diamandis, cofundador da [Singularity University](#), escola de negócios do Vale do Silício. Não disse que estaremos todos com os braços cruzados, mas sim que, decorrente do avanço tecnológico, estaremos num mundo onde todo o esforço físico será feito pelos robôs e não precisaremos

mais trabalhar para sobreviver. Só para pensar, ter ideias, usufruir do lazer e buscar a realização.

Enquanto isso, o filósofo sueco Nick Boström, professor na Universidade de Oxford, no Reino Unido, autor do livro *Superintelligence: Paths, Dangers, Strategies* (Superinteligência: Caminhos, Perigos e Estratégias), deu o alarme: “Se criarmos inteligências superiores às nossas, poderemos nos tornar obsoletos”. Se máquinas mais inteligentes e poderosas do que nós existirem, nossa sobrevivência dependerá delas.

Já em entrevista para a BBC de Londres, o famoso físico britânico Stephen Hawking profetizou: “O desenvolvimento de uma inteligência artificial completa poderia significar o fim da raça humana. A evolução das máquinas ocorreria em uma velocidade crescente contra a qual os humanos não conseguiriam competir”. Daí perguntar, o que garante que elas nos preservarão?

Mas Diamandis também faz colocações onde não quer se comprometer, mais próximas de um vaticínio, pois ele não sabe ao certo como a inteligência artificial vai afetar os empregos. Seria exigir muito dele. Um chute aqui outro lá e ele não sabe exatamente e acredita que ninguém sabe se ela irá criar desemprego. A verdade é que vai destruir trabalhos, algo que estamos sempre fazendo conforme a tecnologia se torna melhor.

Por outro lado, também inventamos novos trabalhos para substituir os que não existem mais. Então a questão é, vamos criar novos empregos para substituir os que serão perdidos? Talvez. Ele acredita que as pessoas vão precisar atuar em parceria com a inteligência artificial de novas maneiras.

Por aqui se inicia um grande dilema, se o homem vai ou não sobrepujar o próprio homem. Podemos aguardar muito sofrimento pela

frente. E no atual momento brasileiro amargamos mais de 13 milhões de desempregados sem que a tecnologia seja a grande culpada.

O que nos parece mais lógico é que nossos filhos e netos terão que enfrentar a trabalhabilidade nos próximos 20 ou 30 anos de maneira diferente. Nossos filhos estarão prontos para 2030? Nossas escolas estão formando profissionais para trabalhar em uma sociedade totalmente diferente da construída na era industrial?

Estamos sob a ótica das grandes transformações pelas quais o mundo dos negócios já está passando e os impactos tecnológicos que continuarão demandando o nascimento de novos profissionais, cada vez mais distantes da revolução agrária e industrial e mais próximos da revolução digital.

Para Luciana Allan¹, Diretora do [Instituto Crescer para a Cidadania](#), “apesar desse futuro estar tão perto, e diria já tão presente, nossas escolas ainda insistem em manter um modelo que prepara o aluno a seguir uma carreira linear, focada em uma única área de conhecimento e onde as habilidades técnicas são mais importantes do que as socioemocionais e a capacidade de criar e inovar”.

O alerta está dado: a automação da força de trabalho em funções repetitivas, que podem ser substituídas pelas máquinas, exterminará o profissional que desenvolver apenas competências facilmente executadas por robôs. Será mais valorizado quem tiver criatividade, souber se relacionar socialmente e associe saberes em diferentes campos.

E as nossas escolas estão preparadas para desenvolver a ‘trabalhabilidade’ em nossos alunos? Estão prontas para formar os profis-

1 Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), com especialização em tecnologias aplicadas à educação

sionais que o mercado irá demandar com o avanço da Inteligência Artificial? Estamos educando nossas crianças e jovens para serem criativos ou para continuar apenas a “apertar parafusos”?

Acredito em 5 visões, diz Luciana Allan:

1. **Educar é muito mais do que ensinar a ler e escrever;**
2. **O aluno precisa desenvolver sua força criativa** para garantir sua carreira no futuro;
3. **Saber resolver problemas é uma competência indispensável;**
4. **O aprendizado prático**, que permita ao aluno se desenvolver enfrentando situações que serão parte da vida profissional;
5. Fundear o alicerce para construir uma nova escola conectada com os desafios profissionais do futuro: **preparar o professor.**

O novo professor que a atualidade exige, preparado por novas pedagogias, deverá romper o círculo vicioso do processo de transmissão-reprodução-transmissão, que enfatiza as operações de memorização e do conhecimento enciclopédico. Não basta ensinar o que é conhecido, é necessário capacitar o aluno para questionar, refletir, transformar e criar. Assim, o papel da criatividade no ensino é imperativo: criar é essencial na sociedade do conhecimento, é fator-chave para lidar com as mudanças rápidas e complexas que caracterizam o mundo contemporâneo. A criatividade no ensino superior, no entanto, ainda é pouco institucionalizada no Brasil, embora seja fundamental para a inovação, empreendedorismo e consequente sucesso das organizações.

O aluno não pode mais ser visto apenas como “matrícula”. Centrar o processo docente no aluno, respeitar a individualidade; orientar o processo de ensino/aprendizagem, para dar liberdade, mas criando responsabilidade; proporcionar um clima colaborativo, usar os dispositivos tecnológicos; desenvolver competências socioemocio-

nais, além, é claro, da transmissão da experiência cultural e científica, revelam comprometimento com um novo fazer pedagógico. Este sim, voltado para a reconstrução permanente de saberes com vistas à formação de profissionais competentes, criativos e habilitados para o mercado.

Se não apontarmos nestas direções e empregamos esforço para realizar as metas, vamos mesmo encontrar muitos braços cruzados e bastante desocupados pela frente.

A IMPORTÂNCIA DA ECONOMIA CRIATIVA PARA O DESENVOLVIMENTO DO PAÍS

(11/07/2017)

[ACESSE AQUI](#)

Nós evitamos as coisas das quais temos medo porque pensamos que haverá consequências desastrosas se as confrontarmos. Mas a verdadeira consequência desastrosa em nossas vidas vem de evitar coisas sobre as quais nós precisamos aprender ou descobrir.

Shakti Gawain

A história conta que um rei muito poderoso gostava tanto de seu cavalo que conclamou os sábios do reino para ensiná-lo a falar. Todos disseram ser impossível, até que surgiu um mago capaz de atender à vontade do monarca. Conselho de sábios reunido para inquirir o impostor sobre este disparate, ouve que ele persuadira o rei de que em quarenta anos o cavalo falaria. Quando iam enxotá-lo pela despropositada resposta, ele explicou: Em quarenta anos, acontece muita coisa; eu morro, morre o rei ou morre o cavalo e ninguém fica sabendo o que ocorreu.

Toda vez que os sábios da tecnologia e do mundo virtual dizem que, brevemente, as máquinas robotizadas irão superar a inteligência humana, eu lembro desta história do Cavalo do Rei. Tenho plena convicção que pela sua inteligência o homem não seria tão tolo de deixar a máquina supera-lo.

As tecnologias de Informação e de Comunicação existem para servir

a humanidade e não o oposto. E a economia criativa é um exemplo desta realidade onde as ideias e a imaginação é que valem. Uma alternativa para o desenvolvimento.

Hoje, uma das grandes transformações no trabalho é a substituição de pessoas por robôs. Já vemos caixas de banco e de mercados substituídos por máquinas. O Google já tem carros sem motorista. Estudo americano diz que, nos próximos 20 anos, 47% dos profissionais poderão ser substituídos por robôs. Porque são muito mais baratos, trabalham noite e dia, não fazem greve, não pedem aumento e não cometem muitos erros.

Há áreas em que não é possível substituir humanos por robôs que são as que exigem criatividade e inteligência compartilhada. Aquela economia baseada em produtos industriais, trabalho físico e recursos naturais está dando lugar a uma nova economia, impulsionada por ideias. É a transformação da economia industrial para a economia do conhecimento.

Pela capacidade de sedução de algumas das espinhas dorsais da economia criativa, como literatura, cinema, teatro, mídia, literatura, arquitetura, gastronomia, design, moda, games, publicidade e outras, muitos não se dão conta de que essas atividades dos que têm talento, conhecimento e imaginação como origem são importantes geradoras de riqueza.

John Howkins, em seu *best-seller* Economia Criativa – Como Ganhar Dinheiro Com Ideias Criativas, de 2001, explicou as bases da combinação de criatividade e empreendedorismo e cunhou o termo Economia Criativa (EC).

Aprender a pensar sobre as oportunidades de abrir negócios nos setores da EC é cada vez mais imperativo porque a carteira de trabalho já não é mais o antigo passaporte para o emprego, muito menos

para a sobrevivência. É papiro medieval.

A EC emprega milhões de trabalhadores no Brasil e no mundo movimenta trilhões de dólares a cada ano.

Victor Mirshawka, em seu livro Economia Criativa Fonte de Novos Empregos- DVS Editora, mostra suas 5 macrocategorias:

- Patrimônio Natural e Cultural;
- Artes Visuais e Artesanato;
- Livros e Periódicos;
- Áudio Visual e Mídias Interativas;
- Design e Serviços criativos e suas mais de 30 atividades associadas.

Em 2017, o desemprego atingiu em nosso país mais de 13 milhões de pessoas e parece que a situação não tende a melhorar. Nesse cenário, a criatividade é uma ferramenta de sobrevivência. Conforme nos movemos em direção a um mundo automatizado, onde Inteligência Artificial, algoritmos e robôs substituem os empregos de várias categorias de trabalhadores, a criatividade ganha ainda mais prevalência. Por isso, se o país não estabelecer uma economia criativa vibrante e fortalecida, no curto prazo, vai enfrentar problemas consideráveis. (Conheça mais sobre o tema em <http://revista-criatica.com.br>)

No modelo industrial era possível integrar um contingente enorme de trabalhadores ensinando determinadas técnicas. Só que agora a execução de tarefas depende de conhecimento. Para ser criativo, é preciso ter acesso à educação. Mas necessitamos repensar a forma de ensinar espelhada no passado e refletir um pouco sobre esta questão.

Na realidade o sistema educacional está colocando no mercado, um aluno despreparado para enfrentar um mundo de rápidas mudanças

em todas as direções. Que exige rapidez de pensamento, solucionadores de problemas, profissionais proativos e principalmente pessoas para trabalhar em harmonia.

E por que isso acontece? Cada um poderá encontrar muitas respostas, desde planos curriculares defasados até excesso de burocracia do sistema regulador, que exige das IES o cumprimento de normas ultrapassadas para o mundo efervescente de hoje. Planos de ensino fundamentados apenas em livros textos para responder ao Enade, não dando ao aluno uma visão mais ampla dos saberes de um mundo em transformação constante.

Formamos um aluno limitado a uma visão única de um conhecimento que muda a cada instante. Assim, estamos ensinando para o passado e não para o futuro.

A saída vale para tudo e não só para a **EC**. É preciso apostar na inovação e na criatividade como armas para sair do marasmo e armar um novo cenário muito mais atraente para o aluno e muito mais desafiador para o professor. Sair da zona de conforto e pensar diferente, fazer diferente, atualizar-se constantemente, procurar saídas onde outros não encontraram, apostar no desconhecido, perscrutar tendências, procurar o diálogo com o mundo real e sair da sala de aula, para em outros ambientes de aprendizagem descobrir coisas novas, outras formas de pensar e agir.

Inovar não é algo misterioso, mas exige disposição e esforço de um olhar diferente perante os problemas e desafios que se apresentam.

OS INTROMETIDOS PALPITEIROS DO FUTURO

(18/07/2017)

[ACESSE AQUI](#)

“As massas humanas mais perigosas são aquelas em cujas veias foi injetado o veneno do medo. Do medo da mudança.”

Octavio Paz

O novo sempre teve duas faces: de um lado seus entusiastas e do outro seus detratores. Foi assim em 1874 com a quase desconhecida [Revolta dos Quebra-quilos](#), deflagrada na Paraíba, que se opunha à introdução dos novos padrões de pesos e medidas do sistema métrico internacional. Para a gente simples do nordeste rural, o metro e o quilo, tornados válidos por decreto imperial em 1872, eram representações do demônio, com as quais comerciantes e poderosos enganavam o povo. Os revoltosos partiam para os povoados e se apoderavam das “balanças”, quebrando-as e lançando-as no rio.

Não foi diferente com a [Revolta da Vacina](#), dessa vez apoiada pela imprensa e por ninguém menos do que o então senador Rui Barbosa (que anos mais tarde reconheceu o valor das ideias de Oswaldo Cruz). Entre os dias 10 e 18 de novembro de 1904, na cidade do Rio de Janeiro o cenário era desolador: bondes tombados, trilhos arrancados, calçamentos destruídos, tudo feito por uma massa de três mil revoltosos. A causa foi a lei que tornava obrigatória a vacina contra a varíola.

Esses são dois tênues exemplos do que o medo do novo pode assustar. Mas, nos séculos XX e XIX, o tempo era mais lento e as notícias demoravam a atravessar fronteiras. O mundo está diminuindo, porque não há distância espacial que a Internet não consiga encurtar, não só aproximando pessoas que dela se utilizam para manter contatos entre si, mas também modificando mercados e alterando as relações de trabalho. O que, no mínimo, gera temores quanto à empregabilidade.

Um [estudo da consultoria McKinsey](#) indica, no entanto, que a automação não vai extinguir os empregos como se pensa, apesar de que mudará a vida de mais da metade dos trabalhadores em todo o mundo. O medo de que o desemprego se espalhe por todo o planeta é real, o temor de que as máquinas tomem o lugar dos homens não é novo: no século XIX, luditas¹ destruíram fábricas que substituíam trabalhadores braçais por máquinas a vapor.

No entanto, na história das “revoluções produtivas”, o desemprego é momentâneo. A introdução da máquina no campo substituiu o homem, que migrou para a cidade à procura de novos empregos. Quando na cidade a máquina tomou-lhe o lugar nas fábricas, o homem foi para a área de serviços.

O uso de automação para melhorar a produtividade das empresas é já uma realidade, mas, segundo a McKinsey, cerca de metade das atividades hoje realizadas por humanos será automatizada até 2055. Isso equivale a 16 trilhões de dólares em salários. Os efeitos da automação não estarão só no chão de fábrica, pois, de acordo com a consultoria, até os CEOs terão seu trabalho afetado, por exemplo,

1 Ludita: partidário do ludismo (não se leia lulismo...), movimento coletivo, iniciado por Ned Ludd, que se estendeu pela Inglaterra desde o início do século XIX e que era contrário à mecanização do trabalho e visava à destruição da máquina, responsabilizando-a pelo desemprego e pela miséria social nos meios de produção.

na análise de relatórios e dados para tomar decisões que podem passar a ser feitas por algoritmos.

Especialistas estão preocupados com o fato de que os avanços na inteligência artificial e na automação poderiam resultar em muitas pessoas perdendo seus empregos para robôs. A relação entre homens e máquinas, no entanto, segundo previsão da McKinsey, não será de conflito porque existirá uma alteração nas profissões em vez de uma extinção generalizada dos empregos.

Acredito que aqui está uma ótima oportunidade para os sistemas educacionais refletirem e se anteciparem ao futuro: é necessário mudar para que a os jovens ganhem competências nas áreas que vão gerar emprego no futuro. É necessário um aprendizado prático que desenvolva no aluno a capacidade de pensar e achar soluções aos desafios propostos, que incentive o trabalho em grupo, a cooperação, o planejamento, a pesquisa, a tomada de decisões, a definição de ações, que promova o diálogo e o respeito a diferentes opiniões.

Stephen Hawking, Bill Gates e Elon Musk têm algo em comum (além de riqueza e inteligência): eles estão todos aterrorizados com uma possível “revolução das máquinas”. Também conhecido como apocalipse da inteligência artificial, esse cenário hipotético tem sido campo fértil para presságios, profecias e vaticínios, que, muitas vezes, não passam de opinião de intrometidos ou ignorantes no assunto. São os palpiteiros do futuro que atemorizam aqueles que já começam a ver robôs andando pelas ruas puxando pessoas pelos cabelos e atazanando a humanidade além dos insanáveis problemas que ela já possui.

Mas, ficção à parte, que tal estar diante de um robô de última geração que está começando a entender o nosso comportamento? É o que já vem ocorrendo com o Facebook, inegavelmente, a mais influente e poderosa plataforma de mídia social hoje e parte essencial da nossa

rotina diuturna. Cada vez que usamos o Facebook, estamos interagindo, sem saber, com uma inteligência artificial (IA), um algoritmo, que será o grande oráculo do século XXI.

Cientistas acabarão chegando às IAs superinteligentes, capazes de aprender novas habilidades e melhorar a si mesmas, algo que poderia ou melhorar as nossas vidas ou nos levar à extinção. A linha divisória parece ser delgadíssima.

Aterrador é que muitos cientistas estão trabalhando com afinco para conquistar a fronteira final (?) entre humanos e robôs: a capacidade de sentir emoções e ter ideias talvez as únicas qualidades que nos diferencia das IAs.

Ray Kurzweil, futurista, inventor e diretor de engenharia do Google, prevê que até 2030 “nanobots implantados em nossos cérebros nos farão semelhantes a Deus”. Robôs minúsculos dentro de nossas cabeças nos farão capazes de acessar e aprender qualquer informação em questão de minutos. Poderíamos ser capazes de arquivar os nossos pensamentos e memórias, e seria possível enviar e receber e-mails, fotos e vídeos diretamente em nossos cérebros. Ou seja, vão invadir nossos cérebros. Se usados corretamente, os nanobots podem fazer coisas incríveis, como o tratamento da epilepsia ou melhorar a nossa inteligência e memória.

Liderados por Mark Riedl e Brent Harrison, da Faculdade de Computação Interativa no Instituto de Tecnologia da Geórgia, nos EUA, os investigadores estão tentando inculcar a ética humana nas IAs através do uso de histórias. Isto pode parecer simplista, mas faz muito sentido. Na vida real, ensinamos valores humanos para as crianças pela leitura de histórias para elas. IAs são como crianças. Elas realmente não sabem diferenciar o certo do errado ou o bem do mal, até que sejam ensinadas.

Como se vê, com ou sem alarmes apoteóticos, há sim muita imaginação e coisa não só para roteiristas e cineastas. Diante desse cenário, é importante que os governantes se aperceberem do papel fundamental dos sistemas educacionais, que, somente atentos com o futuro, serão capazes de criar estratégias consistentes para vencer os desafios do novo mundo de ocupações que vem por aí.

O QUE FAZER PARA SERMOS MELHORES DO QUE OS ROBÔS?

(25/07/2017)

[ACESSE AQUI](#)

“Estou convencido de uma coisa: no futuro, o talento, mais do que o capital, representará o fator crítico da produção.”

Klaus Schwab¹

Na medida em que os robôs assumem cada vez mais o trabalho manual, precisamos fomentar o que diferencia o humano da máquina e valorizar o que ela nunca será capaz de fazer: ter ideias, ter curiosidade, criar coisas, escrever histórias, inovar e empreender.

O crescimento na primeira revolução industrial foi conduzido pela mecânica; na segunda, pela eletricidade e linhas de produção e, na terceira, pela tecnologia e informação. E a quarta revolução industrial é sustentada pela criatividade.

Veja o que criou uma engenheira ao produzir bicicleta que substitui elevador. Ideia simples da ex-aluna do Royal College of Art de Londres que ninguém viu. [Assista ao vídeo.](#)

1 Fundador do World Economic Forum, organização sem fins lucrativos baseada em Genebra, mais conhecido por suas reuniões anuais em Davos nas quais reúne os principais líderes empresariais e políticos, assim como intelectuais e jornalistas selecionados para discutir as questões mais urgentes enfrentadas mundialmente, incluindo saúde e meio ambiente.

Segundo a chinesa Hao Jingfang, de 33 anos, física e escritora de ficção científica, dois dos tópicos mais discutidos atualmente nos meios de comunicação são o fosso crescente entre pobres e ricos (sobretudo na China, um país que, sob Mao Tsé-tung, viveu o desejo da igualdade e da coletivização) e os desafios apresentados pela Inteligência Artificial (IA). Para ela, os países que não se prepararem para esses problemas enfrentarão desafios extremamente difíceis, como o desemprego e as crises sociais.

Essa preocupação é partilhada por filósofos, economistas, educadores de todas as partes do mundo, pois os requisitos para empregos na era da IA são bastante diferentes daqueles da era industrial. O trabalho braçal e repetitivo será cada vez mais substituído por robôs e os novos “empregos” que exigirão soluções criativas, ainda não são foco principal dos sistemas educacionais.

Para Hao Jingfang, a educação é a chave para resolver o problema da desigualdade que só pode ser estimulada pela criatividade. Segundo ela, há necessidade que um grupo de profissionais lidere a formatação de programas educacionais inovadores (no conteúdo e nos métodos de ensino), que permitam que os alunos aprendam de forma explorativa e criativa, se concentrem na promoção de hábitos de autoaprendizagem e no pensamento independente e que tenham como objetivo mais importante a estratégia criativa para solução de problemas.

E o item mais saudável e indispensável desse processo é o compartilhamento. Já disse Warren G. Bennis, psicólogo norte-americanos e um dos profetas de liderança: “Nenhum de nós é tão inteligente quanto todos nós juntos”.

Pode ser utopia, mas num sistema de colaboração e cooperação, além da inovação no conteúdo educacional, será possível melhorar os mecanismos de compartilhamento para que todos, independentemente do status social, tenham as mesmas oportunidades.

Como orientar as opções de carreira dos jovens? Como prepará-los para esse futuro imponderável? Será que os cursos universitários vão conseguir preparar as novas gerações ou haverá uma ruptura total do secular sistema tradicional de ensino-aprendizado? Como atender a um mercado de trabalho onde os profissionais dormem atualizados e acordam obsoletos?

A dica é do headhunter Luiz Carlos Cabrera, professor de gestão de pessoas da FGV-SP, que diz é preciso tomar cuidado para não confundir curso universitário com formação profissional. Cabrera divide as profissões do futuro para atender três vertentes: a tecnologia, a globalização e a demografia.

Na área tecnológica, destacam-se o mediador de e-learning, que trabalha na internet, e o facilitador de software, que ficará na fronteira entre o analógico e o digital, para explicar o software ao usuário. “Antes as pessoas trabalhavam para vender o software, agora é para ajudar o usuário”, explica o professor.

Trata-se de nichos que não contam com uma receita, um caminho estabelecido para ser traçado, já que ninguém está formando essas pessoas, que vêm aprendendo no dia a dia. A universidade não pode ignorar esse desafio.

Já a globalização evidenciou a necessidade de melhorar relações comerciais, conhecer geografia, língua e cultura dos compradores.

Quanto à demografia, ela se refere principalmente ao envelhecimento da população, que vai gerar uma demanda por serviços especializados. O mercado para esse setor envolve desde profissionais de saúde, como médicos, nutricionistas, psicólogos, fisioterapeutas, enfermeiros, até aqueles que trabalham em áreas de esporte, turismo e lazer.

Acredito que o investimento terá de ser concentrado em conhecimentos fundamentais, como matemática, português, ciências da computação, lógica e modelagem de raciocínio, diretamente relacionada à solução de problemas e todos eles apoiados pelo pensamento criativo.

“Muito do que o futuro nos reserva é absolutamente desconhecido hoje. Por isso, o reforço dos aspectos comportamentais – a liderança, a capacidade de construir e manter relacionamentos, a habilidade de perceber e diagnosticar ambientes e de adotar um posicionamento por meio de atitudes adequadas, o hábito de estar antenado ao que sucede no mundo e principalmente a ao treinamento de ideias criativas para ultrapassar desafios problemas é o que fará a diferença, pois mesmo uma evolução traumática no mundo do trabalho, nunca os tornará obsoletos”, resume o professor da FGV Luiz Carlos Cabrera.

Concluindo, há única estratégia para não temer a concorrência dos robôs: ser mais humano mais do que eles e fazer o que eles nunca serão capazes de realizar. Ter ideias, ter sentimentos, dar atenção. Ter sensibilidade e percepção ao que está em nosso entorno. Ter paixão pelo que se faz e amor por seu semelhante. Ter compaixão, emocionar-se. E chorar e rezar quando precisar. O robô nunca será capaz de fazer nada disso e nem torcer por um time de futebol.

JUSTIÇA PUNE PIONEIRA DE EAD COM A MULTA DE R\$ 110 MILHÕES SEM PROVA PERICIAL ALGUMA

(01/08/2017)

[ACESSE AQUI](#)

*Pátria, minha patriazinha, tadinha, Lindo e triste
Brasil.”*

Toquinho

No momento em que o MEC flexibiliza o credenciamento de EAD para que todas as instituições possam oferecer seus cursos a distância, é bom registrar a saga da pioneira em EAD, a Rede Brasileira de Ensino a Distância (Rbead), e de sua mantida, a Universidade Virtual Brasileira (UVB).

Essa foi uma grande iniciativa que não vingou, não por causa do MEC ou por falta de alunos, mas por causa de discussão nos tribunais brasileiros, que, por medida completamente equivocada, penalizam a Rbead em R\$ 110 milhões por uso indevido de *software* educacional usado pela UVB.

O absurdo maior não é o despropósito da condenação por uma plataforma que hoje é gratuita. O contrassenso total é que o *software* foi criado pela própria UVB. Não foi possível demonstrar a verdade dos fatos porque a justiça nunca aceitou provas testemunhais nem de perícia especializada. Ficou tudo na base do achômetro.

Os cálculos foram baseados na aritmética de “contabilista”, completamente despreparado, e não em decisão de seu tribunal maior que deliberou que por arbitragem só devessem ser penalizadas as instituições que usaram o *software*.

É difícil resumir em poucas linhas um processo de cerca de 4mil páginas que corre na justiça há 14 anos. É uma longa história começada em 2000, quando 10 mantenedoras (seis universidades e quatro centros universitários), de oito estados brasileiros, que tinham apenas cursos presenciais reconhecidos, tiveram a ideia de se unir por suas mantenedoras para criar outra entidade completamente independente (Rbead). O objetivo era oferecer cursos a distância, que a nova legislação educacional estabeleceria.

Economia de escala: no lugar de cada uma investir em estrutura, tecnologias e pessoal para uma nova experiência, era mais inteligente fazer em conjunto, em uma única operação. E foi assim que, depois de processo de 30 meses em tramitação, em 2003, a Rbead foi credenciada pelo Parecer CNE 17/2003 a instalar a UVB com um polo em cada estado onde as sócias tinham sede.

É lógico que desde seu início a UVB veio se preparando, contratando diretores, professores e equipe técnica-pedagógica para aprimorar o *software* que uma das sócias já utilizava para seus cursos de extensão. Ele foi aperfeiçoado e, apenas para transformação da linguagem, foi contratada uma modesta prestadora de serviços.

Mas a surpresa surgiu em fevereiro de 2003, quando a Rbead foi acionada pela prestadora de serviços, por perdas e danos, sob a alegação de que o *software* não era de sua autoria e que a UVB não poderia aplica-lo às suas universidades.

Para sua defesa, foi contratado o maior especialista em Direito Autoral da época, que esclareceu que o *software* fora inteiramente produ-

zido pela Rbeab e que a acusadora fora contratada unicamente para mudar a linguagem.

A decisão judicial, tanto na primeira como na segunda instâncias dos tribunais paulistas, sem ouvir testemunha alguma, foi de que a Rbead incorrera na Lei do Direito Autoral (Pirataria) e que cada sócia deveria ser multada em 3 mil vezes multiplicado pelo valor dos serviços que somariam, hoje, mais do que 2 bilhões de reais!!!

Indignada, a Rbead apelou ao Superior Tribunal de Justiça (STJ) quanto ao absurdo da condenação e este, salomonicamente, modificou a pena, destacando que a multa deveria ser 10 vezes o valor dos serviços, apenas para a instituição que tivesse usado o *software* e que, para a quantificação disto, fosse realizada arbitragem.

Para a Rbead a decisão era tranquila, porque, mesmo tendo criado o *software*, nada a prejudicaria, tendo em vista que ele era usado na UVB. Para liquidação de sentença, o processo retornou à Vara de São Paulo e o juiz indicou seu perito, um “contabilista e advogado”, para analisar os possíveis usos. Sendo arbitragem, a Rbead tinha direito a perito assistente técnico para esclarecer aspectos tecnológicos e educacionais, o que não foi aceito.

O drama da UVB começa quando o juiz liquidante, baseado em manobra aritmética de seu “perito inventor”, multou a Rbead em 55 usos ilícitos advindos de ficção assim calculados: dez sócios mais 33 (de convênio hipotético com universidades argentinas) e mais 12 arrolado pelo prestador de serviço. Valor correspondente a R\$ 176 milhões em 2012.

Houve apelação da UVB salientando que deveria ser verificado o uso e, assim, o cálculo retrocedeu a R\$ 56 milhões, baseado ainda numa aritmética de 110 usos não indicados (10 vezes 10 dos sócios e mais 10 caídos do céu). E, no acordão decisório, o desembargador

do TSP-SP reconheceu que o contador não tinha qualificação profissional, mas devia seguir a instrução do STJ de que deviam ser só examinados os documentos existentes nos autos.

Inconformada, a Rbead recorre novamente ao STJ, destacando que nos autos o perito especializado em Computação, um doutor da USP, e outro do Instituto Brasileiro de Peritos em Comércio Eletrônico e Telemática (IBP) atestavam que os documentos mostravam o uso nos polos da UVB de Minas e cópias xerografadas dos polos da UVB de São Paulo e de Santa Catarina. Ainda que o *software* não fosse criado pela UVB e tivesse sido adquirido, os usos existentes seriam unicamente de três polos da UVB.

O STJ salienta que, apesar de reconhecer a inabilidade do contador, havia documentação nos autos mostrando que o *software* fora distribuído às faculdades e universidades associadas à Rbead, fato atestado por funcionário da UVB. Isto é, o *software* foi realmente introduzido nos computadores da UVB para uso de seus polos. Como o “contabilista” não conhecia este importante aspecto técnico-educacional, nada salientou. E os ministros, pelo mesmo motivo, não se aperceberam que os *softwares* foram colocados nos polos da UVB e não nas faculdades e universidades pertencentes às mantenedoras dos sócios, pois estas não tinham credenciamento para EAD.

Epílogo: até agora a Rbead está perdendo todas as decisões da justiça, porque, apesar dos tribunais constatarem a falha do perito contador, não entenderam pela avaliação dos peritos técnicos que não há prova alguma de uso ilícito e que houve confusão dos tribunais em não perceber que a Rbead é uma mantenedora independente, e que sua mantida, a UVB, nada tem a haver com as faculdades e universidades dos sócios que só possuíam cursos presenciais reconhecidos e não poderiam oferecer cursos a distância.

Relatei os fatos sem me ater ao juridiquês, pois não sou da área, mas faltou uma informação importante: não nomeei a empresa processante porque há anos ela vendeu seus direitos a fundo especializado a financiar grandes pleitos. Eles contratam grandes escritórios de advocacia e tem grande influência na justiça.

Tudo isso tem custado, fora o despautério destes R\$ 110 milhões que os sócios da Rbead correm risco de pagar, o desgaste físico e emocional de quem escreve este artigo. A demonstração do quanto a burocracia e os descabimentos jurídicos podem, muitas vezes, inviabilizar uma boa iniciativa empresarial.

AS BODAS DE CORAL DA ABMES E O COMPROMISSO COM AS TRANSFORMAÇÕES DA SOCIEDADE

(08/08/2017)

ACESSE AQUI

“Convém não entrar em desespero. O medo do novo é velho. Há quase dois séculos especula-se quantos trabalhos vão desaparecer por causas das máquinas.”

Daniel Rittner

Bodas de Coral representam o amadurecimento e o fortalecimento de um relacionamento, da mesma forma que acontece com os corais marinhos que levam anos para se constituírem totalmente. Estes 35 anos da fundação da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES), como simbolismo, mostra que, identicamente a essas belas espécies da natureza, a entidade concretizou-se pelo seu trabalho e hoje já é um belo recife de corais.

A história da ABMES demonstra que sempre houve um extraordinário e reconhecido esforço de seus dirigentes, não só de valorizar e fortalecer o papel desempenhado pelas instituições associadas. Também de se articular com a administração pública, visando oferecer e debater propostas para o desenvolvimento da educação brasileira. Foram incansáveis anos de luta e trabalho com o objetivo do desenvolvimento do ensino brasileiro.

Candido Mendes, primeiro presidente, estabeleceu durante sua gestão os ideais e os princípios que até hoje norteiam a entidade. Ele dizia em 1982: “A ABM deverá ser um grande fórum de discussão e diálogo das escolas, no sentido de captar as suas aspirações e traduzi-las em proposições viáveis ao Governo, já que a falência do setor significaria hoje a frustração de quase um milhão de brasileiros e a inexorável condenação dessa geração”.

Na gestão de **Édson Franco**, a ABMES cresceu significativamente em número de associados, conquistou novos espaços, trouxe para o âmbito da entidade o debate sobre temas de interesse da educação superior brasileira. Ganhou respeitabilidade na comunidade acadêmica e no governo, criou a ABMES Editora, cujas publicações são conhecidas em todo o território nacional pela qualidade de seu conteúdo.

Com estas linhas de ação definidas e sem perder de vista os ideais e os princípios estabelecidos, minha missão quando presidente da ABMES foi a de abrir espaços de interlocução com os agentes públicos, fortalecer a comunicação com a sociedade e articular a formação do Fórum das Entidades Representativas do Ensino Superior Particular, como intercâmbio de informações entre associações do setor. Entre o legado, destacam-se o fortalecimento associativo e a compra de majestosa sede. Como preocupação: as transformações do mundo do trabalho e sua dependência com a formação de Recursos Humanos.

Ao longo desses 35 anos, ABMES atravessou períodos delicados, com alguns dissabores, mas outros de muito brilho, participando e testemunhando a história nacional com suas questões sociais, culturais, econômicas e políticas. Entretanto a realidade mexeu com os ponteiros do relógio e avançou numa velocidade incrível, desafiando os diversos atores do mundo da educação a se preocuparem

a encontrar alternativas para os jovens que vão atuar numa nova sociedade que está mudando a forma de viver, de trabalhar, de se relacionar e de comunicar.

Nas datas comemorativas da ABMES falamos muito da história, do passado. Mas as mudanças estão exigindo que deixemos o espelho retrovisor de lado e miremos o futuro que nos espera e que está logo aí. Pensemos, pois, em 2032 mentalizando num mundo bem melhor, quando a Associação completará 50 anos.

Nesse contexto, ABMES, sábia como sempre, elegeu há pouco o presidente José Janguê Bezerra Diniz, que, com sua diretoria, está sabendo enfrentar os desafios do século da inteligência, e trabalhando para que os sistemas educacionais se estruturem para vencer as exigências da realidade deste mundo novo. Sua maior contenda é a de visualizar a agenda que nos espera.

A 4ª Revolução industrial traz em seu bojo transformações como a inteligência artificial, internet das coisas, computação em nuvem, robôs substituindo boa parte da mão de obra tradicional e centenas de outras mudanças de caráter operacional, cultural e demográfico. E o paradoxo em tudo isto é que o sistema educacional brasileiro está completamente atado à uma regulamentação defasada das necessidades empresariais e sociais, ávidas em profissionais talentosos e não em seus diplomas.

Enquanto o mundo muda, as escolas nem sempre podem acompanhá-lo por estarem presas às regras do passado. Uma miríade de ações criativas, redes de aprendizado compartilhado, com novos paradigmas a serem entendidos e o novo mundo que a tecnologia da comunicação e informação estão criando vão revolucionar os sistemas educacionais. Ações que vão do vazio e caótico, ao absurdo nas formas de obtenção de informações sobre o mundo e a escola nem sempre está preparada.

Os modelos educacionais das décadas passadas não servem mais. Operaram (e muito bem) no pretérito, mas, a considerar a formação proposta para o hoje e para o amanhã, está defasada para preparar o profissional para o mundo novo.

Isso tudo pode ser justificativa para a ABMES empreender uma estratégia nacional, com eixo em políticas públicas, abraçando-se ao futuro e dando as mãos às empresas, mercado, indústria e comércio, aos órgãos governamentais e até mesmo a organismos internacionais para materializar o futuro esperado para área educacional.

Ao Conselho de Administração da ABMES cabe traçar diretrizes. Porém a diretoria, pelo seu presidente, profissional dedicado, ousado, jovem e focado em objetivos, certamente saberá encontrar estruturas para acompanhar as transformações que o mundo passa e apoiar a escola a encontrar novos caminhos para formar o profissional mais adequado às demandas da sociedade.

Sem dúvida alguma, o ser humano com sua inteligência e capacidade de ter ideias, de criar e de inovar, de ousar e empreender, encontrará soluções para que o processo de ensino-aprendizagem possa formar pessoas realizadas pessoal e profissionalmente e sem medo de enfrentarem o futuro. E a ABMES, como entidade representativa da educação superior brasileira, irá acompanhar de perto esse processo, contribuindo efetivamente para a evolução das instituições de ensino e para o desenvolvimento do país.

A CRIATIVIDADE É A MAIOR ENGENHOSIDADE A SER USADA PARA DESENVOLVER PESSOAS, EMPRESAS E PAÍSES

(15/08/2019)

[ACESSE AQUI](#)

Todos estranharam quando o Facebook adquiriu por 20 bilhões de dólares o WhatsApp, com cerca de 1 bilhão de assinantes, mas que nada faturava. Porém Zuckerberg tinha planos grandiosos para ele: transformá-lo no maior meio de comunicação e colaboração entre pessoas; executar todos os serviços que os bancos prestam, mas sem precisar de instalações e ser o maior intermediador de negócios do mundo ([Saiba mais](#)).

O Walmart já está experimentando em supermercados americanos um aplicativo que elimina filas de espera para pagar as compras. As pessoas simplesmente escaneiam os produtos adquiridos e eliminam o trabalho dos caixas. Isso não representa grande novidade, pois no nosso dia a dia usamos aplicativos para tudo, inclusive para os religiosos lerem a Bíblia.

A tecnologia está facilitando tudo, mas ela é simplesmente um meio. O que vale são as ideias das pessoas que pensaram pela primeira vez em encontrar soluções para facilitar o trabalho humano, desde o primeiro homínido que criou a roda para facilitar o transporte de coisas.

Ter ideias para resolver problemas e vencer desafios não é capacidade só de especialistas, mas sim de todos. Criatividade não é mais tido como dom divino, mas sim uma habilidade que todos podem desenvolver. Basta treinar.

Acho que nunca vou me cansar de repetir que a criatividade é aquilo que fará a diferença na economia num futuro cada vez mais próximo. E nisso não estou sozinho.

Klaus Schwab, fundador do World Economic Forum, mais conhecido por suas reuniões anuais em Davos, está convencido de que ideias, mais do que o capital, serão o fator crítico da produção. Ana Clara Fonseca, economista e professora da FGV e da Universidades Nacional de Córdoba, afirma que a criatividade é o principal ativo contemporâneo. Assim como economistas do Reino Unido, desde 2005, acreditam que o investimento em criatividade é uma saída viável a médio e longo prazos para questões estratégicas relacionadas ao desenvolvimento.

Criatividade é uma palavra de múltiplas definições que remete à capacidade de criar o novo e de reinventar o que já existe, de diluir paradigmas tradicionais, juntar pontos que parecem desconexos e, com isso, gerar soluções para novos e velhos problemas. Em termos econômicos, ela é um combustível renovável cujo estoque aumenta com o uso, assim, a concorrência entre agentes criativos, ao invés de saturar o mercado, consegue atrair e estimular a atuação de novos produtores.

Tanto o conhecimento quanto a informação representam insumos básicos para a criatividade e o seu produto é a inovação. Num cenário econômico-social em que se tem como única certeza a incerteza, a fonte de vantagem competitiva e duradoura é o conhecimento: além do capital, da matéria-prima e da mão de obra, as áreas estra-

tégicas das empresas voltaram os olhos para o uso das ideias como recurso essencial para geração de valor.

Assim, nas últimas décadas as empresas começaram a reconhecer a relevância da criatividade e da inovação e a considerá-los em seus planejamentos estratégicos.

A Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) concluiu em seu *Relatório de economia criativa 2010* que não existe uma definição simples de criatividade que contemple todas as suas diversas dimensões. Contudo, as características da criatividade em diferentes áreas que envolvem os seres humanos, podem ser estruturadas da seguinte forma:

- *Criatividade artística: envolve a imaginação e a capacidade de geração de ideias originais e novas formas de interpretar o mundo, podendo ser expressa nos formatos oral, de texto, de dança, de som e de imagem;*
- *Criatividade científica: envolve curiosidade e disposição para experimentar e realizar novas conexões com vistas à solução de problemas ligados à ciência;*
- *Criatividade econômica (manufatura, indústria e serviços): é um processo que resulta em inovação tecnológica, práticas de negócio, marketing, entre outras atividades. É estreitamente ligada à aquisição de vantagem competitiva na economia.*

Mas como a economia e a escola têm enfrentado os novos tempos? As crianças hoje vivem em um mundo digitalizado, enquanto nossa educação é do século passado (ou do atrasado!).

Para Ken Robinson, professor inglês e consultor de governos europeus, somos formados por um sistema educacional medíocre, em que tudo é padronizado e sequenciado. Segundo ele, é preciso mudar para uma educação manufaturada, orgânica.

Aprender que o florescimento humano não é um processo linear e mecânico, mas orgânico. Robinson diz que o atual sistema educacional acaba com a criatividade e a curiosidade naturais dos jovens ao forçá-los a se configurar dentro de um molde acadêmico unidimensional. “Nosso sistema educacional explorou nossas mentes como exploramos a terra: em busca de um recurso específico. E, para o futuro, isso não serve. Temos de repensar os princípios fundamentais em que baseamos a educação de nossas crianças”, diz. Assim, segundo ele, a educação precisa ser adaptada para diferentes circunstâncias e personalizada. É preciso criar um sistema em que as pessoas busquem suas próprias respostas.

No século XXI, não tem mais lugar um modelo de educação em que o aluno é mero espectador que apenas absorve conteúdos enquanto o professor, detentor de todo o conhecimento, apresenta em uma lousa ou numa tela, a teoria que só ele domina para que todos possam memorizá-la.

A escola deve propiciar as condições para que o estudante saia do mundo das ideias e coloque em prática seus saberes, tenha oportunidades de desenvolver sua capacidade criativa, o trabalho colaborativo, a perseverança e a resiliência.

É importante que a escola, além de contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico e criativo, forme cidadãos capazes de resolver problemas de toda ordem. Para isso, é fundamental a adoção de uma metodologia que proponha desafios, mais do que apenas fornecer informações. Hoje, acima de tudo, é necessário um modelo voltado para o aprendizado, que privilegie a capacidade de raciocínio próprio e a criatividade, e não um modelo de ensino compulsório voltado para o passado.

A Criatividade é o maior patrimônio que a natureza nos deu, para gerar ideias e propor inovações para vencer os desafios que o pro-

gresso impõe à humanidade, para transformar sonhos e anseios em bem-estar de todos e felicidade. Esse grande ativo propulsor da inteligência é capaz de transformar projetos em ações, conectar pessoas a propósitos de vida e de trabalho, criando redes de compartilhamento de conhecimento. Ela deve estar implantada nos sistemas educacionais para apoiar as exigências de uma nova economia saturada de informações e cada vez mais voltada para a tecnologia, a qual requer agilidade, inventividade, colaboração e um contínuo compartilhamento do conhecimento. Um modelo educacional verdadeiramente transformador para o século XXI é aquele que cultiva e estimula a criatividade e a inovação.

PRIMOS POBRES E PRIMO RICO NA EDUCAÇÃO

(22/08/2017)

ACESSE AQUI

“Somos um país de pelo menos dois Brasis, e na educação não é diferente. Somos um país em que interesses particulares e corporativistas dominam setores inteiros do estado nacional, obstruindo qualquer possibilidade de gestão e funcionamento eficientes, o que também ocorre na educação.”

João Batista Araújo e Oliveira

O primo pobre e o primo rico faziam parte do programa humorístico “Balança, mas não Cai”, que era um sucesso estrondoso na televisão da década de sessenta. O primo pobre (Brandão Filho) ia sempre ao apartamento luxuoso de seu primo rico (Paulo Gracindo), buscando solução para algum problema de ordem financeira e saía sempre desacorçoado e com as mãos abanando.

O quadro, bem ao gosto dos espectadores, mostrava as incongruências e incoerências das classes sociais. O pobre, como sempre, vitimizado, que sofria da “coitadice” nacional, e o rico, reverenciado pelas lantejoulas douradas e levando vantagem.

Estou contando esta história porque há semanas os jornais estão publicando o anúncio de lançamento no ano que vem de majestosa instituição educacional americana, que vai oferecer cursos nos níveis fundamental e médio por R\$ 8 mil reais mensais ([Escola.com](#))

mensalidade de R\$ 8.000 já tem 2.000 pais interessados em SP).

Com bons gestores e os melhores professores de São Paulo, certamente ofertará bom ensino. Seus diplomados cursarão as melhores faculdades do mundo e se tornarão profissionais cobiçados pelas maiores empresas globais. Advém de famílias do extrato social e econômico mais elevado do país, que puderam investir em educação para o bem de seus filhos. É o nosso primão rico.

Na outra ponta, o primo pobre, a escola da comunidade quilombola de Vão das Almas, na zona rural de Cavalcante, em Goiás, representando as milhares de escolas distribuídas pelo país. Não têm sanitários, não têm uma latrina, mas um paupérrimo “boi” em linguagem de presídios – um buraco numa lajota de cimento.

Vejam o campo de esportes e a sala para pesquisas. Não há bibliotecas, nem laboratórios, sem falar da clamorosa falta de giz, carteiras, lousas, iluminação. Internet então, nem pensar.

Enquanto o exemplo mostrado é desestimulante, a burocracia do estado continua discutindo os currículos, como se fossem a salvação nacional e, hoje, depois de milhares de palpites, tudo continua na mesma. Em relação ao Plano Nacional de Educação, as dificuldades de implantação continuam.

A escola rica e a escola pobre mostram que nosso país tem desigualdades tão distantes que fica muito difícil fazer uma comparação entre elas.

Por ninguém estar satisfeito com esta situação, trouxe para reflexão o livro “Repensando a educação brasileira”, do prof. João Batista Araújo de Oliveira (editora Atlas), que indica as seguintes causas responsáveis pelos problemas:

- **Falta de pressão para mudar**

De forma geral, a sociedade está acomodada com a situação. As famílias classes A e B contratam para seus filhos as escolas da moda, que melhor preparam para o Vestibular das Públicas. Da mesma maneira, as da classe média se contentam com o ensino médio público. O problema está com as restantes, de nível igual ou pouco melhor do que o mostrado.

- **A vala comum “o Brasil é assim”**

Para a população mais desinformada e conformada, a educação, o transporte, a saúde, a segurança e os serviços públicos em geral são o que estão disponíveis. Poucos têm a percepção que um país com gente mais instruída será melhor e mais viável.

- **Manutenção da estratégia expansionista**

A implementação do sistema educacional brasileiro começou com 200 anos de atraso. A industrialização iniciada em 1950 pressionou a educação pública com os fluxos emigratórios que vinham para as cidades e que demandava educação. Só para se ter uma ideia, o Brasil tem mais gente na escola hoje, do que sua população nos anos cinquenta.

- **O clientelismo político**

Na educação nada é planejado, principalmente por estes interiores afora. O crescimento atende aos interesses eleitorais, com jeito para tudo no troca-troca dos gabinetes. Professores são nomeados pelo compadrio com as autoridades. A merenda se arruma, o transporte escolar se consegue e escolas são construídas para atender os políticos.

- **A burocracia**

Da mesma forma que o clientelismo, a burocracia afeta o cidadão, a empresa e a sociedade. Tudo funciona na base de criar-se dificuldades para conseguir facilidades.

- **O corporativismo crescente e seus reflexos**

O corporativismo é legítimo para defender interesses comuns dos membros de uma entidade e mesmo sua sobrevivência. Mas tem limites, quando sobrepõe os direitos dos outros e do bem comum. Pior ainda quando envolve ideologias políticas que visam se eternizar no poder.

- **As distorções do federalismo brasileiro**

O grande e complexo problema de como distinguir melhor entre responsabilidades de atuação e recursos financeiros, dentro do balaio dos órgãos federal, estaduais e municipais.

- **O despreparo de lidar com novas clientelas**

A população mais expressiva da escola hoje advém das classes sociais de menor poder econômico e de cultura. Os sistemas de ensino e professores não estão preparados para trabalhar com estes estudantes, tanto sob o ponto de vista de vencer os desafios cognitivos e os comportamentais.

- **Dificuldades crescentes na gestão escolar**

Vivemos numa sociedade em transformação em todos os seus segmentos e latitudes. E os problemas se materializam na escola que não formou gestores para os novos tempos.

- **A escola sob suspeita**

Com todas estas preocupações e por centralizar não só as questões educacionais, a escola está sendo requisitada para solucionar tudo que a sociedade não consegue suprir. E ela tem de resolver os desafios ligados a segurança, conforto, consolo, assistência religiosa e psicológica, orientação para o trabalho e até apoio a família.

- **Corrupção secular**

Não está no livro, mas ontem no evento do Criança Esperança os economistas da Globo calcularam que o país perdeu com a corrupção um trilhão e seis bilhões de reais que poderiam estar servindo, no mínimo, para não termos 13 milhões de desempregados.

Em resumo, lembro de artigo que li há algum tempo, no qual o autor testemunhava que no mundo inteiro há um desencanto com projetos educacionais. Em todos os países, por maiores que fossem os investimentos em equipe de profissionais especializados e com seus altíssimos custos, ninguém está satisfeito com os resultados. Mas uma coisa o prof. João Batista tem razão: no Brasil falta por parte de todos uma consciência pública sobre o valor da educação como promotora de recursos humanos para o desenvolvimento. Educação não é prioridade para o estado brasileiro. As famílias ricas e de classe média consolam-se com as escolas particulares, pois classificarão seus filhos para as melhores universidades. Portanto, não há massa crítica para pressionar o ensino público para uma melhor efetividade.

O que é de pasmar é com a elite empresarial, pois sentem no dia a dia o efeito da má educação. Eles têm em suas mãos dados de pesquisas que mostram a relação entre educação e produtividade e sabem que seus clientes estão sempre exigindo inovação, o que só acontece com pessoal preparado. Gastam fortunas com recrutamento, demissões por desajustes e treinamento de pessoal. Mas, como diz o prof. João Batista, não reclamam, não pressionam e não cobram.

Por todos estes motivos, se desejarmos vencer o desafio de consolidarmos uma melhor educação para enfrentar o século 21, precisamos enfatizar que a solução não pode depender só do governo, mas também de pessoas mais lúcidas e profissionalmente realizadas. Conhecemos uma série de instituições preocupadas com esta questão, como exemplo, a Fundação Lemann que está disponibilizando recursos para melhorar a educação.

Mas são esforços dispersos e, mesmo por parte dos mantenedores das instituições de ensino superior brasileiras, não conheço alguma realização mais expressiva. Por isto, não posso deixar de registrar

novamente o exemplo de Sebastião Pereira Duque, que mencionei em artigo anterior ([Um furacão de “Sebastiões” para melhorar o Brasil](#)).

Com 72 anos e profissão de catador de papel, Sebastião Pereira Duque dá exemplo de solidariedade ao construir uma escola para 75 crianças. A escola Nova Esperança mexe com os brios de todos nós, principalmente com aqueles que acham que escola boa para melhorar o desempenho dos brasileiros é um problema só do governo. O que seu Sebastião está fazendo é um tapa na cara de todos que pensam que milhares de horas discutindo currículos em congressos resolve alguma coisa. Temos 150 mil escolas de ensino fundamental que não vão bem. O que cada um de nós pode fazer, dentro de suas possibilidades, tendo como exemplo o cidadão Sebastião Pereira Duque? Este sim que é um desafio para valer, unir milhares de Sebastiões para dar um jeito na educação do Brasil. Mãos à obra, minha gente.

POR QUE TANTA RESISTÊNCIA PARA INOVAR EM EDUCAÇÃO?

(29/08/2017)

[ACESSE AQUI](#)

“Como lidar com desafios? Como enfrentar problemas inesperados para o qual não há explicações preestabelecidas? Precisamos adquirir habilidades para participar da construção do novo ou então viver dependentes. Não há respostas certas ou erradas, temos de aprender a solucionar problemas.”

Seymour Papert

[Leo Buscaglia](#), ítalo-americano nascido em 1924, foi professor e escritor famoso por seus livros de autoajuda nos anos setenta. Ele conta como inovou na escola fundamental quando começou a ensinar. Não era professor de ditar aulas. Instigava os alunos a terem ideias para resolver os desafios que criava, adotando o tema do “supermercado” e tudo que nele acontecia.

Aprendia-se matemática fazendo compras; idioma, criando anúncios para as bancas; química, conhecendo a maneira como eram produzidos os laticínios e as bebidas; física, mostrando como funcionavam os frigoríficos, e geografia aprendia-se pela procedência das mercadorias.

É lógico que, com a progressão do curso, as tarefas ficavam mais significativas, como pesquisar preços, entrevistar consumidores, conhecer de onde vinham as verduras e até saberem qual era o lucro

do negócio. Mas também eram criativos: quando aparecia o “MEC americano” (são todos iguais) e na semana que antecedia a “visita in loco”, bastava datilografar relatórios e criar números.

Aqui no Brasil há teses e muitas palestras sobre inovação, mas poucas experiências sobre o que de fato está acontecendo a respeito na universidade. Sei que no ano passado houve até premiação para as escolas do fundamental que inovaram (Leia: [MEC reconhece 178 organizações como inovadoras e criativas](#)). No ensino superior, porém, conhecemos poucas iniciativas.

Sei que inovação é diferencial e há muita competitividade. “Para que dar conhecimento ao concorrente, se logo vão copiar?” Ou “se está dando tudo certo e ninguém reclama para que mexer?”

A realidade está no formato do ensino brasileiro, focado na universidade. O que interessa é entrar na faculdade e o resto o tempo resolverá.

Aliás, me questiono como tantas instituições conseguem ficar alheias a todas as inovações que fazem parte de nossa vida e não se inova na forma como o conhecimento é passado às novas gerações.

Agora, com os smartphones que nos permitem acessar qualquer conteúdo a qualquer momento e lugar, oferecemos currículo do século passado para estudantes que irão viver num mundo no qual é impossível prever o que ocorrerá nos próximos 10 anos.

Não critico a educação tradicional que nos trouxe até aqui, mas os espaços das instituições e o tempo que os alunos ali passam devem ser utilizados para desenvolvimento de competências e treinamento e não para reprodução de informação. Essa pode ser acessada pelos diversos meios disponíveis, que são de baixo custo e alta escalabilidade. O professor deve fazer como Buscaglia, desafiar os alunos

a resolverem problemas, refletirem e compararem com a realidade em que vivem para encontrar soluções.

Por outro lado, gostaríamos de compartilhar da experiência de uma pequena faculdade, a [Fappes – Faculdade Paulista de Pesquisa e Ensino Superior](#), que inovou na sua organização acadêmica criando um sistema flexível denominado Blox.

A premissa do modelo Blox é simples: diferente do currículo seriado, presente nas instituições, criou um sistema de créditos com uma nova visão. O aluno possui plena autonomia para escolher os temas que vai cursar na sua graduação. Desta forma, poderá naturalmente se aprofundar nos assuntos que mais gosta ou naqueles que acredita que trarão maior retorno para sua vida profissional.

O Blox reorganizou a lógica de criação das tradicionais disciplinas. O “Marketing” presente na Administração foi subdividido em dezenas de subtópicos específicos, atuais e contextualizados, como “Marketing Digital com o Google AdWords”, “Entendendo Marketing pelos Números”, “Estratégias Digitais para E-Commerce” e “Análise de Redes Sociais” entre outros. A proposta de cada uma dessas disciplinas é feita pelos próprios docentes, que podem explorar ao máximo seu conhecimento acadêmico e experiência de mercado e não serem meros reprodutores de informação. Tornam-se verdadeiros mentores enquanto os alunos resolvem os problemas e desafios propostos de conformidade com a demanda das empresas.

Outro visionário, o sul-africano Seymour Papert, um dos fundadores do MIT Media-lab, recentemente falecido, foi um dos maiores adeptos do uso da tecnologia na educação. Visitando o Brasil ao conhecer uma Escola de Samba declarou que se o sistema brasileiro de ensino fosse baseado na sua metodologia, os alunos iriam aprender, planejar, desenhar, executar e dançar e ainda seriam felizes ([Vejam como ele pensava](#)).

Para fechar, mais uma iniciativa interessante: a criatividade da Rock and Rio Academy que, com a Curadoria da HSM do grupo Anima, mostrou todas as fases de produção deste espetacular evento. Fugindo da tradicional apresentação acadêmica, o pessoal da execução demonstrou como foi concebido e realizado o empreendimento. Além de marcante estratégia de Marketing, a criatividade de da HSM mostra que fugir ao tradicional é excelente estratégia competitiva.

[\(Link para vídeo\)](#)

Como lição de casa, fica a sugestão para que o Fórum das Entidades Representativas do Ensino Superior Particular, em seus Congressos anuais (CBESP), criar uma seção para mostrar o que está sendo realizado como inovação nas nossas faculdades.

E quem não se dispuser a correr riscos para inovar, pode ficar para a história como grandes negócios que hoje não existem mais.

O MUNDO NUNCA MAIS SERÁ O MESMO

(05/09/2017)

[ACESSE AQUI](#)

Se o mundo é único e feito para nele vivermos, quem está por de trás desta extraordinária criação: nós ou nosso cérebro? Nosso cérebro não só interpreta o mundo, mas o cria. Tudo o que vemos, tocamos, saboreamos e cheiramos não seria aprendido sem o cérebro. Só que há um detalhe: quem manda nele somos nós. Daí a importância da criatividade.

Deepak Chopra¹

“Obrigado pelo atraso” é um espetacular livro que estou lendo, de Thomas. L. Friedman – Editora Objetiva², que trata do futuro da economia, da tecnologia e da ecologia. O autor cita claramente que, devido a todas estas transformações, vamos precisar ensinar de maneira diferente nossos filhos, os jovens e todos que quiserem

1 Deepak Chopra é um médico indiano, mas que mora nos Estados Unidos. É formado em medicina pela Universidade de Nova Deli e também é conhecido como escritor e professor de Ayurveda, espiritualidade e medicina corpo-mente.

2 Um guia para o século XXI, escrito por um de seus observadores mais sagazes. Nossa vida está sendo transformada em tantos aspectos e de forma tão rápida que ficamos desorientados. Em Obrigado pelo atraso, Thomas L. Friedman discute os grandes movimentos que estão redefinindo o mundo. Segundo o autor, para entender o século XXI é preciso entender que as três maiores forças do planeta – a tecnologia, a globalização e as alterações climáticas – mudam numa velocidade muito alta e de forma simultânea. Com otimismo, Friedman mostra que podemos superar os múltiplos estresses dessa nova era se diminuirmos a marcha, se ousarmos nos atrasar e usarmos esse tempo para reimaginar a sociedade.

aprender para que vençam os desafios dos novos tempos. A velocidade da mudança é exponencial, como nos lembra Gordon More, cofundador da Intel. Ele disse, em 1975, que a capacidade de processamento de dados, devido ao aumento da potência dos microchips, dobraria a cada ano (depois corrigida para dois anos).

Para ilustrar, ele conta a história do soberano que desejou premiar o inventor do jogo de xadrez dizendo que lhe daria os maiores tesouros que desejasse. O inventor logo disse que queria apenas arroz suficiente para alimentar sua família. Como promessa é dívida, disse o rei, fale que quantidade quer. Então, o jovem pediu ao rei que colocasse um grão de arroz no primeiro quadrado do tabuleiro, dois no segundo, quatro no terceiro, dezesseis no quarto e assim por diante. O rei concordou e ficou surpreso que, ao dobrar sucessivamente 63 vezes, a resultante desta brincadeira deu algo em torno de 18 quintilhões de grãos de arroz. Em termos didáticos, esta é a força da exponenciabilidade, que é o que está acontecendo hoje no mundo e que muda a forma de vivermos, pensarmos, relacionarmos e interagirmos.

Por esta razão, apresento para reflexão aspectos apresentados durante evento de três dias sobre o futuro dos negócios, da tecnologia e da humanidade, realizado entre 13 e 15 de agosto deste ano, em São Francisco (Califórnia/EUA), o [Singularity University Global Summit 2017](#). A síntese foi enviada por Rafael Priklandnicki, representante [do Tecnopuc \(Parque Científico e Tecnológico da PUCRS\)](#).

Resumo do primeiro dia:

1. São 1.600 participantes do mundo inteiro. 70% são estrangeiros. A maior delegação é do Brasil.
2. Em 2030, mil dólares vão comprar poder computacional equivalente ao cérebro humano. Em 2050, mil dólares vão comprar poder computacional equivalente a todos os cérebros humanos juntos.

3. Em 2010, 1.8 bilhões de pessoas estavam conectadas à internet. Em 2017, são 3 bi. Entre 2022 e 2025, será o mundo inteiro. Com mais conexões, mais oportunidades, mais gênios.
4. As próximas duas décadas serão diferentes de qualquer coisa que vivemos nos últimos cem anos.
5. Podemos prever empregos que serão absorvidos pela tecnologia, mas não podemos prever quais empregos vão surgir a partir da tecnologia. A dificuldade é a velocidade com que isso está acontecendo.
6. 130 milhões de pessoas no mundo estão satisfeitas com o seu trabalho. Parece muito, mas em termos mundiais é nada.
7. Veículos elétricos com 90% menos partes móveis do que os atuais.
8. Na China, todos os táxis serão elétricos até 2020.
9. O custo de um carro elétrico vai reduzir drasticamente nos próximos 5 anos. Razões: demanda e abundância.
10. Esqueçam os wearables. Estamos entrando na era dos insideables.

Resumo do segundo dia:

1. *Human life is a software engineering problem* (A vida humana é um problema de engenharia de software, em tradução livre).
2. As ferramentas do nosso tempo: big data e machine learning.
3. 3 bilhões de pessoas vivem com menos de 2,5 dólares por dia. 80% da humanidade vive com menos de 10 dólares por dia.
4. 90% dos enfermeiros que usam o assistente de saúde digital Watson, da IBM, seguem as recomendações do programa.
5. Automação e inteligência artificial criarão empregos. Posso tornar qualquer coisa inteligente usando inteligência artificial e ganhar dinheiro com isso. Estados Unidos é o país mais automatizado do mundo e não perdeu emprego com isso.
6. No futuro, teremos muito mais máquinas do que humanos.

7. Ensinamos da mesma forma há cem anos. O sistema educacional é resistente a uma mudança disruptiva. Que tal just in time education (educação em tempo real, em tradução livre)?
8. Nossas premissas sobre o mundo podem limitar nosso pensamento. E isso faz toda a diferença.
9. Organizações não mudam até que todas as pessoas mudem.
10. Líderes exponenciais não tentam mudar o mundo. Eles tentam mudar a si mesmos.

Resumo do terceiro e último dia:

1. Em 2020, 85% das interações com clientes será através de máquinas. E essa será uma das formas de se diferenciar dos concorrentes.
2. 75% dos *millennials* consideram a comunicação através de mensagens de texto uma opção de relacionamento com o cliente e têm duas vezes mais chance de se manter fiéis a empresas que oferecerem essa forma de comunicação com eles.
3. 30% dos *millennials* não possuem o ícone do telefone na tela principal dos seus smartphones.
4. Empresas já produzem carne de frango e de gado sem matar nenhum animal, apenas a partir da célula animal.
5. 20% de todas as buscas em dispositivos móveis já são feitas por voz.
6. Veículos e objetos autônomos vão mudar as cidades profundamente.
7. Criatividade, empatia e coragem são as habilidades do futuro.
8. As instituições de ensino que existem hoje, em sua maioria, foram criadas com pressupostos de 60 anos atrás. O ensino médio é a chave para mudar todo o sistema educacional.
9. O principal problema da educação é cultural. Há cem anos é igual. Muitos falam em customizar ensino para crianças, mas a chave é customizar ensino também para os professores. Um a um. Até a mudança ocorrer.

10. O futuro da educação é *learning by doing* (aprender fazendo, em tradução livre).
11. Vamos mudar a lógica de “vender carros” para “vender serviços de mobilidade”.
12. O mundo hoje está fazendo a transição da era industrial para a digital da mesma forma que anos atrás fazia da era agrícola para a industrial. Mas MUITO mais rápido.
13. Existem 2.6 bilhões de smartphones no mundo. E 9 vezes mais dados somente nos últimos DOIS anos.
14. As pessoas vão aprender dentro de uma lógica de “*nano-learning*”, e não de um longo investimento em educação para usar somente um percentual mínimo daquilo que se aprende. Todos terão um portfólio de trabalho que será nano-desenvolvido.
15. Os maiores problemas do mundo são também as maiores oportunidades de negócio.
16. Robôs serão considerados uma opção de força de trabalho, assim como hoje consideramos funcionários, terceirizados e freelances. Simples assim.
17. Ser exponencial é atualizar e se atualizar de tudo constantemente.
18. O Vale do Silício tem uma palavra para descrever fracasso. Se chama “experiência”.
19. Hoje existe abundância de capital, conhecimento, habilidades e tecnologia. Não há desculpa para não fazer as coisas. Não há limites. A única limitação é a nossa convicção e o comprometimento de simplesmente ir e fazer.
20. Em poucos anos, todos trabalharão para aprender, ao invés de aprender para trabalhar.

É uma avalanche de informações que está mudando tudo e vai transformar radicalmente a nossa atividade. Quem viver verá.

O TEMPO NÃO ESPERA POR NINGUÉM

(12/09/2017)

[ACESSE AQUI](#)

As melhores soluções para as pessoas ganharem resiliência e impulso nesta era de acelerações, não são receitas que possam ser baixadas pela internet, mas sim carregadas à moda antiga – de ser humano para outro, um de cada vez.

Thomás Friedman

“Obrigado pelo atraso” livro de Thomas Friedman¹ faz reflexões sobre as mudanças que o mundo está passando nestes dez últimos anos e pouca gente está percebendo. O fio condutor de suas considerações é voltado para a velocidade e a exponencialidade das várias tecnologias que estão ocorrendo neste início de século.

Friedman diz que em 2007 surgiram o iPhone, o Kindle, o Airbnb, o Android, o Watson da IBM e o Hadoop, o mais poderoso dos *softwares* do chamado Big Data. Foi também naquele ano que *Facebook*, *Twitter* e o serviço de nuvem da Amazon explodiram. O jornalista é categórico ao argumentar que nada disso foi coincidência, mas a síntese de uma proeza tecnológica que deu à luz uma era inédita de

1 Em Obrigado pelo atraso, Thomas L. Friedman discute os grandes movimentos que estão redefinindo o mundo. Segundo o autor, para entender o século XXI é preciso entender que as três maiores forças do planeta – a tecnologia, a globalização e as alterações climáticas – mudam numa velocidade muito alta e de forma simultânea. Com otimismo, Friedman mostra que podemos superar os múltiplos estresses dessa nova era se diminuirmos a marcha, se ousarmos nos atrasar e usarmos esse tempo para reimaginar a sociedade.

“acelerações”, força fascinante e desestabilizadora que se manifesta pelo tripé tecnologia, globalização e mudança climática.

Ele gosta de fazer analogias para explicar a leigos, de maneira mais fácil, a vertiginosa rapidez que está ocorrendo na tecnologia. Conte em meu último artigo que um rei quis contemplar o inventor do jogo de xadrez com uma fortuna incontável. E este como prêmio quis um grão de arroz duplicado a cada quadrado do tabuleiro.

O rei aceitou e começou colocando os grãos de acordo com o combinado: 1 no primeiro quadrado, 2 no segundo, 4 no terceiro, 8 no quarto, 16 no quinto e assim por diante. O rei logo percebeu não seria capaz de cumprir a promessa porque no quadro sessenta e quatro teria de colocar mais de 18 quintilhões de grãos ou cerca de 210 bilhões de toneladas e ficou devendo. (Há outra versão que recebi desta lenda que é a do Paal Paysan – o bolinho de arroz hindu que é interessante conhecer².

2 Se você já foi a um templo Hindu você provavelmente não poderia deixar de notar a Paal Paysam – pudim de arroz. Diz a lenda que a tradição de servir Paal Paysam aos peregrinos que os visitam começou depois de um jogo de xadrez entre um rei indiano e o próprio Senhor Krishna.

Você vê, o rei era um grande entusiasta de xadrez e tinha o hábito de desafiar os visitantes sábios para um jogo de xadrez. Um dia, um sábio viajante foi desafiado pelo rei. Para motivar o seu adversário, o rei ofereceu qualquer recompensa que o sábio pudesse nomear. O sábio, modestamente, perguntou apenas por alguns grãos de arroz da seguinte forma. O rei iria colocar um único grão de arroz no primeiro quadrado do tabuleiro e dobrá-lo em cada um dos próximos quadrados.

Tendo perdido o jogo e, sendo um homem de palavra, o rei ordenou um saco de arroz para ser trazido para o tabuleiro de xadrez. Em seguida, ele começou a colocar os grãos de arroz de acordo com a disposição: um grão no primeiro quadrado, dois no segundo, quatro no terceiro, oito sobre o quarto, dezesseis no quinto e, em seguida, 32, 64, 128, 256, 512, 1024 e assim por diante.

Após o crescimento exponencial do pagamento em arroz, o rei rapidamente percebeu que ele era incapaz de cumprir sua promessa, pois no vigésimo quadrado ele teria que colocar um milhão de grãos no tabuleiro. E, finalmente, no quadrado

A vida diária nos mostra também que estamos num tabuleiro de xadrez global, onde todos têm um movimento para jogar, seja individualmente – como cidadãos – ou coletivamente – como nações, empresas e organizações. Cada um de nós, como um pequeno grão de arroz, vivendo num mundo de mudança exponencial, tem de estar conectado com todas as transformações que acontecem ao seu redor.

Para compreender melhor o poder do crescimento exponencial e quão grandes os números podem se tornar, vejam a equivalência com os “fuscas”.

Brian Krzaniche, CEO da Intel, diz que se considerarmos o microchip da primeira geração da Intel, lançado em 1971, em relação ao de 2016, veremos que o último oferece uma performance 3.500 vezes melhor; é 90 mil vezes mais eficiente quanto à energia e é cerca de 60 mil vezes mais barato. Comparado a um fusquinha da Volkswagen que fosse aperfeiçoado na mesma medida dos microchips, o “fusca” seria capaz de andar a 480 mil quilômetros por hora. Rodaria mais de três milhões de quilômetros com quatro litros de gasolina e custaria quatro centavos de dólar. Incomparável.

Hoje, chegam-nos dez vezes mais informações, dez vezes mais rápido, por um décimo do custo, com dez vezes maior impacto, significando que cada um de nós terá dez vezes mais oportunidades de

sessenta, o rei teria de colocar mais de 18.000.000.000.000.000.000 grãos de arroz, que equivale a cerca de 210 bilhões de toneladas e, é supostamente, suficiente para cobrir todo o território da Índia com uma camada de metros de espessura de arroz. Aos dez grãos de arroz por polegada quadrada, a quantidade acima exige campos de arroz que abranjam duas vezes a área de superfície da Terra, incluindo os oceanos.

Foi neste momento que o Senhor Krishna revelou sua verdadeira identidade e disse ao rei que ele não teria que pagar sua dívida imediatamente, mas poderia fazê-lo ao longo do tempo. É por isso que até hoje peregrinos ainda são recebidos com Paal Paysam: a dívida do rei ao Senhor Krishna ainda está sendo paga.

fazer acontecer no universo, mas também vai enfrentar dez vezes mais perigos, dez vezes mais distrações e desafios pessoais e principalmente de tomada de decisões. Como certo e claro, o futuro não vai ficar parado e esperando. As próximas duas décadas serão diferentes de qualquer outra que vivemos nos últimos cem anos.

O mundo não está apenas mudando rapidamente, mas está sendo drasticamente reconfigurado numa velocidade superior à capacidade de reestruturação de nós mesmos e de nossas instituições. O aumento da velocidade das mudanças desafia a capacidade do ser humano de se adaptar.

Daí a necessidade de romper com fórmulas surradas e com dogmatismos, pois, à medida que o mundo se torna mais complexo e interdependente, é cada vez mais vital a necessidade de ampliar nosso raio de visão e de sintetizar mais pontos de vista, pois é ilusório encarar esse novo mundo a partir da visão de uma única disciplina. É preciso trazer para a análise o maior número de pessoas, processos, disciplinas, organizações e tecnologias.

Nesse universo em constante e rápida mudança, com ciclos cada vez mais curtos de inovação e com cada vez menos tempo para aprendermos a nos adaptar, ficou para trás a época da estabilidade. Friedman diz que precisamos inventar outras maneiras de ser e de estar, como quando andamos de bicicleta e não podemos ficar parados. Em movimento tudo fica mais fácil.

Até meados do século passado o ritmo era mais lento, e o que tivéssemos aprendido na escola ou na universidade continuava a ser útil e importante por mais tempo. Se os *baby boomers* tinham de encontrar um emprego, os *millennials* têm de inventar o deles. Para isso, o aprendizado contínuo é uma necessidade. É preciso continuar pedalando o tempo todo, ou seja, atualizar-se com maior frequência, saber mais e fazer coisas mais criativas. O problema é que

nossas crianças não são treinadas para essa estabilidade dinâmica, tão essencial nos novos tempos.

Se na economia agrária o ativo era a terra, na economia industrial, o capital físico; na economia de serviços, os ativos intangíveis – como métodos, projetos, softwares e patentes. E na atual economia do conhecimento, será o capital humano – talento, habilidades, *know how*, empatia, tolerância e criatividade – o diferencial de sucesso.

É preciso, pois, focar num modelo de aprendizado e crescimento baseado em capital humano, o que, certamente, pode vir a produzir uma economia mais dinâmica e uma sociedade mais inclusiva, já que talento e capital humano são distribuídos de forma bem mais igualitária do que oportunidades em capital financeiro.

O principal desafio da escola é focar em competências e habilidades, porque, sem dúvida, a tecnologia vai aumentar drasticamente a demanda por habilidades e dotes necessários a novas funções, que exigirão mais em termos de criatividade, colaboração e comunicação do que em conhecimentos convencionais.

Otimista inveterado, Friedman arrisca alguns cenários como quando diz que, embora os pessimistas geralmente estejam certos, e os otimistas errados, todas as grandes mudanças da História foram obra de otimistas.

Líderes exponenciais não tentam mudar o mundo. Eles tentam mudar a si mesmos considerando que a criatividade, empatia e coragem são as habilidades do futuro. Ser exponencial é atualizar e se atualizar de tudo constantemente, mas isso não é para todos e quaisquer, porque imprimir velocidade é uma exigência que a tecnologia cobra como pedágio. Uma estrutura hierarquizada e rígida não sobreviverá ao dinamismo da digitalização. As mudanças demandam velocidades que os atuais modelos organizacionais não conseguem atender porque a realidade já é exponencial.

Transformar-se em empresa ExO (exponencial) é uma necessidade de sobrevivência para as atuais.

Um olhar neutro sobre o contexto de negócios mostra nitidamente que as mudanças já estão acontecendo. A rápida e exponencial (r) evolução tecnológica está transformando indústrias e criando concorrências inesperadas.

Por outro lado, à medida em que a internet e a tecnologia se disseminam pela sociedade, mudam dramaticamente o contexto estratégico. Alteram a estrutura da competição, a maneira de fazer negócios e eliminam fronteiras entre setores da indústria antes distintos. Desagregam cadeias de valor estabelecidas e criam outras, movidas por novos entrantes que jogam outro jogo. Estas, escalam mais rapidamente e a menor custo que as empresas existentes, criando um cenário competitivo inteiramente desconhecido.

Já começamos a ver sinais de mudanças radicais no conceito de emprego e provavelmente a criação de inúmeras novas profissões.

Esta reinvenção passa pela mudança na maneira de pensar. Não mais linear, mas de forma exponencial. Consequentemente, ficar parado é matar a empresa.

No fundo, as ideias de Friedman são otimistas. Nunca como hoje a humanidade conta com um número expressivo de pessoas com a iniciativa de criar, inventar, competir e colaborar, com estratégias mais baratas e poderosas, para otimizar interações sociais, comerciais e governamentais, para solucionar os problemas de desigualdade existentes no mundo. Proativamente, ao longo do processo, os seres humanos podem se tornar mais resilientes e prósperos e passarem a contar, inclusive, com o apoio das máquinas inteligentes para salvar o planeta.

PARTICIPAÇÃO EM AÇÕES SOCIAIS DESENVOLVEM NOVAS COMPETÊNCIAS PARA A VIDA

(19/09/2017)

ACESSE AQUI

“A importância da formação cidadã é tamanha que, a Lei nº 10.861, que instituiu o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior, a destaca especialmente, no que se refere à sua contribuição em relação à inclusão social, ao desenvolvimento econômico e social, à defesa do meio ambiente, da memória cultural, da produção artística e do patrimônio cultural”.

No cenário mundial contemporâneo percebe-se o processar de inúmeras transformações de ordem econômica, política, social e cultural que, por sua vez, se adaptam aos novos modelos de relações entre instituições e mercados, organizações e sociedade. No âmbito das atuais tendências de relacionamento, verifica-se a aproximação dos interesses das organizações e da sociedade resultar em esforços múltiplos para o cumprimento de objetivos de bem-estar comum.

As primeiras manifestações de responsabilidade social são do início do século XX, nos Estados Unidos, mas não prosperaram por passarem a imagem de política socialista. Foi somente em 1953 que recebeu atenção e ganhou espaço. Na década de 1970, surgiram estudiosos interessados em analisar o tema. É a partir daí que a responsabilidade social se revela fator decisivo para o desenvol-

vimento e a imagem das organizações. No Brasil, diversas empresas, há dezenas de anos, exercem esse propósito. São exemplos: a Gerdau, a Cosipa, a Aliperti, o Bradesco, o Itaú, laboratórios farmacêuticos, hospitais e outros. Mesmo assim, o enfoque estava mais ligado à filantropia e não a uma estratégia para, através do trabalho voluntário¹, a empresa ser conhecida e valorizada na comunidade.

Quando, há 13 anos, a ABMES desejou aplicar essa estratégia na área educacional, seu propósito era demonstrar à sociedade que também as instituições educacionais exercem uma importante contribuição social nos treinamentos executados pelas faculdades em seus cursos oferecidos pelo Brasil, quer seja na Medicina, na Enfermagem, no Direito, na Administração, na Contabilidade e por aí adiante. E, para se ter ideia, os nossos números da Campanha da Responsabilidade Social são entusiasmantes: em 12 edições, tivemos mais de 70 mil atividades realizadas, sendo 12.785.441 atendimentos à comunidade, contando com a participação de 2,7 milhões de alunos, 217 mil professores e mais de 158 mil técnicos.

Nestes dias em que está sendo realizada a **Semana da Responsabilidade Social do Ensino Particular**, mais de 800 instituições participarão com mais de 7.000 atividades programadas, confirmando que, de fato, a contribuição das IES tem sido exuberante. A Semana é apenas uma pequena amostra do que acontece ao longo de todo o ano no treinamento e nas atividades complementares feitas pelos estudantes, oferecendo aprendizado a eles e oportunidade às pessoas do entorno de cada escola. E aí se aprimora a cidadania, o civismo e a cultura local. O mais relevante de tudo isso é a participação das IES de pequeno porte, que cumprem um papel sócio educacional mais abrangente. Normalmente situadas em cidades menos populosas e distantes de grandes centros, elas

1 Trabalho voluntário pode ser estratégico – Valor Econômico, B2, 14/9.

oferecem oportunidade de inclusão dos egressos do ensino médio no ensino superior, promovendo a ascensão dos mesmos na pirâmide da capacitação profissional.

Além desse importantíssimo fator, outros se somam à essa relevância, pois tornam-se centros de grandes ações sociais dentro desses municípios e nos circunvizinhos. Promovem nos graduandos o despertar para a intervenção na sua região com ações solidárias e trabalhos sociais com atitudes simples, como arrecadação e distribuição de alimentos para a população de baixa renda. O mesmo ocorre na época de inverno em relação à coleta de agasalhos e cobertores. Também em campanhas de doação de sangue para os bancos de sangue da cidade. Iniciativas de lazer com atividades esportivas e acompanhamento escolar para que as crianças menos favorecidas não fiquem pelas ruas sem assistência.

Os graduandos também doam parte de seu tempo a pacientes em leitos de hospitais, como é o exemplo do Doutores da Alegria. Passam parte de seus fins de semana em casas comunitárias de idosos, mais para ouvir do que para contar histórias, e auxiliam na montagem e no acompanhamento das atividades sócio-esportivas-culturais da cidade.

São celeiros de construção da real cidadania participativa, vetores de mudanças no como olhar a vida e como se conduzir naturalmente mais colaborativo e eficiente em futuros ambientes profissionais. Mas o mais importante de tudo isto é que esta doação é um precioso aprendizado para a vida, porque lidando com pessoas precisam planejar ações, viabiliza-las e divulga-las. Mais ainda, precisam exercer a liderança para conseguir colaboração e cooperação. Precisarão ter pensamento crítico e utilizar lógica e a razão para a solução de problemas. E, mais do que nunca, colocar a criatividade para buscar

soluções para seus desafios, a mais privilegiada das competências sócios emocionais².

Acredito que a ABMES deverá fazer uma reflexão sobre este projeto, talvez criando ações nacionais que estejam ligadas a grandes causas educacionais, visando as famílias de baixa renda. É hora de todas as IES nacionais constituírem um grupo de adeptos da temática para organizarem uma força tarefa que, por meio de um trabalho colaborativo, encontre um propósito para mostrar melhor o papel que o ensino particular desempenha.

O ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, estará em São Paulo/SP no próximo 5 de outubro como principal palestrante do Fórum Cidadão Global, patrocinado pelo Valor Econômico e pelo Banco Santander. Seu tema: Mudar o Mundo? Sim, você pode. Que tal aproveitar a ideia e, sem fugir dos objetivos Campanha, fazer de forma compartilhada com todos associados da ABMES um **Programa de Como Consertar o Brasil. Juntos Podemos**. É apenas sugestão...

2 Na reportagem “Uma nova educação”, publicada em 14 de março de 2014 na revista IstoÉ, o infográfico abaixo faz um elenco das competências que, juntas, promovem a diferença na determinação do êxito escolar e profissional, pois no mercado de trabalho as características socioemocionais são recompensadas na forma de maiores salários e menor período de desemprego.

A ERA DIGITAL CHEGOU E AS ESCOLAS PRECISAM ESTAR ATENTAS

(26/09/2017)

ACESSE AQUI

“A quarta Revolução Industrial começou neste século e é a revolução digital. Nesta fase, tecnologias, que vão do sequenciamento genético à nanotecnologia, das energias renováveis à inteligência artificial, mudarão os negócios e a vida das pessoas num ritmo e abrangência inéditos.”

Revista Exame

Todos já devem conhecer o “Watson” da IBM, uma plataforma de inteligência artificial que anos atrás derrotou seres humanos em competição na TV e depois, como consultoria científica, esclarecia médicos sobre Oncologia.

Agora Rob High, diretor da IBM responsável pelo Watson, num Congresso, o mostra humanizado, juntando-o ao “Nao”, um robô da Aldebaran Robotics. A fusão de Watson e Nao originou um robô que, além de conversar e responder perguntas, também gesticula e dança.

[Link para o vídeo](#)

Assim como todo sistema de inteligência artificial moderno, o cérebro do robô nada mais é do que um software super especializado, que ampliará sua aprendizagem na medida em que falarem com ele. Será assim que Watson adaptará e melhorará ainda mais sua performance.

Um grande avanço tecnológico. O robô poderá ser utilizado em várias áreas, como na hotelaria, sendo utilizado na recepção e aprimorando a experiência dos hóspedes. Mas seguramente este é apenas o começo: a inteligência artificial começou a tomar forma de humanoides, que logo estarão dispostos a fazer de tudo por nós e que sempre terão uma resposta à altura.

Vocês podem imaginar o significado disto na Educação?

Este é o quarto artigo que escrevo conforme leio o “Obrigado pelo Atraso”, de Thomas Friedman, onde são explicadas as grandes transformações que estão ocorrendo exponencialmente na tecnologia, economia e meio ambiente. Vejam o que ele nos conta sobre sensores, já antecipando que a época dos palpites ficou para trás. Para ele, uma das espantosas consequências da aceleração da tecnologia, foi a colocada nos hidrantes contra incêndio, como sendo agora inteligentes, considerando que passou a transmitir sua pressão de água por uma rede sem fio, diretamente ao escritório da empresa que presta tal serviço.

O mais incrível é que essa tecnologia pode se alinhar com as latas de lixo que são carregadas com sensores que anunciam – também por uma rede sem fio – quando estão cheias e precisam ser esvaziadas, otimizando com isso as rondas de serviços dos coletores de lixo. Com isso a cidade fica mais limpa gastando menos dinheiro. Não é incrível que hoje até o gari é um funcionário tecnológico?

Aí estão dois exemplos não diretamente relacionados entre si, mas a algo vital para expandir o que os computadores agora podem fazer, ao tratar de sensores.

E muitos outros exemplos estão a nossa volta. A polícia emite sinais aos carros medindo sua velocidade e por meio de ondas sonoras na direção de edifícios podem localizar a fonte de um disparo. Um

sensor de luz no computador mede a luz ambiente em sua área de trabalho e então ajusta o brilho da sua tela de acordo com essa informação.

O *Fitbit* é uma combinação de sensores que medem o número de passos que a pessoa dá, a distância que percorreu, as calorias que queimou e quanto vigorosamente move os membros.

Digno de relato foi sua entrevista com Bill Ruh, principal responsável pelo setor digital da General Electric – GE – na Califórnia, que instalou sensores em toda parte e que está ajudando a tornar possível a “internet industrial”, também conhecida como “internet das coisas”.

Para se ter uma ideia do gigantismo da atuação da empresa, basta conferir os números da GE, que reúne os dados de mais de 150 mil equipamentos médicos, 36 mil motores de jato, 21.500 locomotivas, 23 mil turbinas de vento, 3.900 turbinas a gás e 20.700 partes de equipamento de gasolina e gás, todos reportando à GE via rede sem fio seus comportamentos a cada minuto.

Ao enchermos um recipiente de lixo até sua capacidade ótima ou ajustarmos a pressão de um hidrante antes de um estouro dispendioso, estamos economizando tempo, dinheiro, energia e vidas e, de modo geral, tornando a humanidade mais eficiente do que jamais tínhamos imaginado.

A era dos palpites também chegou ao fim para os produtores de leite e foi o que Joseph Sirosh, vice-presidente corporativo de dados da Divisão de Nuvem e Empresas da Microsoft, contou ao Friedman, que jocosamente, descreve a conversa sobre “a vaca conectada”.

Produtores de leite no Japão procuraram a gigante dos serviços digitais Fujitsu com a questão de como eles poderiam melhorar a probabilidade de fazer as vacas procriarem com maior sucesso.

Ocorre que as vacas entram no cio em um período de receptividade e fertilidade sexual no qual podem ser inseminadas artificialmente numa janela de tempo de apenas doze a dezoito horas a cada 21 dias e muitas vezes isso se dá à noite.

Para um pequeno fazendeiro com um grande rebanho, monitorar todas as suas vacas pode ser muito difícil e saber a hora ideal para inseminar cada uma delas seria o ideal. Daí porque a Fujitsu munuiu as vacas com pedômetros conectados com a fazenda por sinal de rádio. Uma pesquisa da empresa constatou que um grande aumento do número de passos por hora representava um indício de 95% da ocorrência do cio e quando isso é detectado, o sistema enviava um alerta aos celulares dos fazendeiros para inseminarem exatamente nas horas certas.

Todos os dados gerados pelos sensores propiciaram outro insight ainda mais importante porque foi descoberto que dentro daquela janela temporal o ideal seria realizar a inseminação nas primeiras quatro horas, com 70% de probabilidade de se obter uma vaca e não um bezerro, permitindo assim que o fazendeiro pudesse determinar a proporção de vacas e touros, conforme suas necessidades.

Se uma vaca munida de um sensor transforma um produtor de leite num gênio, uma locomotiva dotada de sensores deixa de ser um trem burro para se transformar num sistema de **TI** sobre rodas. Ela poderá de repente detectar e transmitir a qualidade dos trilhos a cada trecho de trinta metros. Pode perceber uma inclinação e determinar de quanta energia necessita para avançar cada quilômetro de terreno, colocando menos combustível quando estiver descendo.

Como se vê, pelos poucos relatos acima, o mundo hoje parece estar mais veloz do que nunca. É a Lei de Moore, como mostra Friedman, que diz que o poder dos computadores dobra a cada dois anos. Uma liberação extraordinária de energia que está remodelando tudo, da forma de chamar um táxi ao destino das nações.

E pensando cada vez mais em robôs, computadores, sensores, garis e vacas, esperamos que nós humanos tenhamos a sabedoria de compartilhar todos estes avanços em benefício do bem-estar e qualidade de vida da humanidade. E que o setor educacional se atualize para acompanhar tudo o que vem por aí.

SEMESP APRESENTA “DIRETRIZES DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O ENSINO SUPERIOR PARTICULAR”

(03/10/2017)

[ACESSE AQUI](#)

“Em pesquisa científica devemos premiar os melhores. A isonomia salarial gera conformidade e precisamos de inquietação. Os jogadores do Real Madrid não ganham o mesmo que Cristiano Ronaldo. Há de valorizar os mais competentes e que trazem resultados.”

Prof. Hermes Figueiredo

O Semesp realizou nos dias 28 e 29 de setembro o 19º Fnesp – Fórum Nacional de Ensino Superior Particular, com total e absoluto sucesso de presença e de crítica. Mais de 600 participantes assistiram atentos a um temário provocador e instigante: “Inspirando um Sistema Educacional Transformador”.

O presidente da entidade, professor Hermes Figueiredo, abriu o evento com uma saudação bem ao seu gosto e estilo – descontraído e informal – observando que o Fnesp busca, a cada ano, promover debates sobre temas educacionais que emergem da realidade do dia a dia de nossas instituições e do país, para intercambiar ideias e experiências entre mantenedores, gestores e professores do sistema particular.

Com a participação de especialistas nacionais e internacionais, que compartilharam em dois dias de informações relevantes para repensar os projetos acadêmicos e administrativos das IES, o evento instigou a construção de sistemas inovadores capazes de inspirar e contribuir para a formação de profissionais com as competências demandadas pela sociedade e pelo mundo do trabalho.

O professor Hermes deixou claro que sistemas de ensino para inspirar a cultura da inovação e transformação educacional exigem um pré-requisito: a existência de uma política pública clara, consistente e de longo prazo para o ensino superior do país. E, por consequência, apresentou o trabalho produzido pelo Semesp, "[Diretrizes de Política Pública para o Ensino Superior Brasileiro](#)".

É, pois, um marco desse 19º Fnesp lançar este documento visando propiciar uma ampla visão do sistema educacional para que não desperdice recursos por causa de concepções equivocadas, a começar pela utopia de que o país tem condições de oferecer ensino superior gratuito a todos.

Antecipou-se com o que diria mais tarde em sua participação a secretária-executiva do MEC, Maria Helena Guimarães de Castro, ao afirmar que o atual custeio do ensino superior público é insustentável, pois absorve mais de 50% do orçamento anual do governo federal para a educação e que o grande problema é a folha de pagamento que cresce enquanto os recursos para o custeio diminuem. Os números de matrículas são relevantes: quase dobraram de 2009 para 2016 para 1,2 milhão de alunos, triplicando as folhas de pagamento e quadruplicando o custeio de 2009 para cá. Hoje o governo desembolsa quase R\$ 53 bilhões com o custeio das universidades, instituições e escolas técnicas federais, fora as bolsas e hospitais universitários.

Voltando ao [discurso do prof. Hermes](#), pela sua importância comparativa que os números mostram. O Brasil reúne 2.407 instituições de ensino superior, das quais apenas 296 são públicas e gratuitas, sendo 108 delas universidades. Nas instituições públicas o número de alunos é de pouco mais de 1,9 milhão e nas particulares mais de 6 milhões. Fato relevante é comparar o gasto com educação do Brasil, com os dos países da OCDE: 4,9% do PIB no Brasil, contra 5,2% na média de todos os países. No entanto, o Brasil ocupa a penúltima posição no ranking de patentes válidas da Organização Mundial de Propriedade Intelectual, possuindo apenas uma universidade entre as 200 melhores do mundo e não oferece acesso ao ensino superior para mais de 80% de seus jovens.

Há uma distorção evidente, revelando que o sistema de educação superior brasileiro é muito caro e pouco eficiente. Outro estudo publicado pela OCDE, mostra que o gasto anual por aluno na educação básica no Brasil é de apenas 3,8 mil dólares, enquanto no ensino superior é de mais de 11 mil dólares anuais. Na média dos países, segundo a OCDE, o gasto com educação básica é superior a 10 mil dólares anuais.

Se compararmos a relação de alunos por docentes, veremos que nas instituições públicas ela é de 11,7, mas no setor privado é de 28,2. O mesmo ocorre em relação ao número de funcionários técnico-administrativos: há 212 mil funcionários nas 269 instituições públicas e 216 mil nas 2.111 instituições privadas. Enquanto nas públicas temos um funcionário para nove alunos, nas privadas, há um para 27.

Esses números revelam que o sistema público de educação superior é perdulário e não mostra eficiência no investimento dos recursos. Para que tenhamos uma política de longo prazo, que eleve o país a uma posição de destaque mundial no campo da pesquisa, precisamos eleger as melhores universidades em cada área e alocarmos os

recursos com planejamento e metas, além de pensar na premiação para os melhores.

A diversidade das IES públicas localizadas nos diversos municípios e regiões do país oferecendo uma multiplicidade de cursos com poucos alunos, deveria ser repensada. Os estados só deveriam oferecer ensino superior se antes atendessem com qualidade e acuidade o seu ensino fundamental e médio.

Seria imprescindível a adoção de novos sistemas de financiamento, tanto para o setor público como para o privado, visando eliminar a injusta situação atual, em que os filhos dos ricos estudam em escolas privadas no ensino médio para lograrem aprovação nos concorridos concursos vestibulares das instituições de ensino superior públicas gratuitas.

Precisa ser destacada a proposta para um novo sistema de financiamento com a inclusão da cobrança de mensalidades nas universidades e demais institutos de educação superior públicos aos alunos que podem pagar. E a criação de um mecanismo de crédito educativo subsidiado pelo Tesouro Nacional com o pagamento condicionado a um limite de anos para amortização da dívida e ao desempenho do estudante no mercado de trabalho.

O Semesp com este documento deixa uma marca. A da necessidade de Políticas Públicas que apresente diretrizes realistas para enfrentar os principais desafios do sistema de ensino superior. Dando viabilidade ao país para atender à necessidade de sua expansão e formar e capacitar pessoas com perfis socioeconômicos e educacionais distintos para um mercado de trabalho diferenciado. Sem esta definição, permaneceremos inertes e dependentes dos humores e mudanças de cada ministro ou secretário e reféns das normas e resoluções de cada momento.

“A POLÍTICA É UM REFLEXO DA SOCIEDADE”, O MANTRA DE BARACK OBAMA

(10/10/2017)

[ACESSE AQUI](#)

“A saída para os problemas da democracia é mais democracia. Educação com igualdade de oportunidades e a boa distribuição de renda são o corolário de um programa de ação e método para exitoso comportamento. A democracia exige trabalho, esforço e desenvolvimento de cada um de nós”.

[Barack Obama, presidente dos EUA](#)

O presidente Barack Obama, personalidade principal do evento Cidadão Global, promovido pelo jornal Valor Econômico, Banco Santander e AAdvantage Cartão, registrou sua marca como expositor admirado e persuasivo. A plateia ouviu-o atenta e silenciosamente e, ao fim, entre perguntas selecionadas, o Diretor do jornal O Globo, Frederic Kachar, o indagou sobre qual conselho daria a um país imerso numa crise política e econômica sem precedentes como este que o recepciona. Astuto, com clareza e raciocínios invejáveis e sem fazer referência à nossa realidade, voltando-se à plateia de empresários, banqueiros, profissionais liberais e artistas, disse: “em muitos países, as pessoas dizem que odeiam os políticos e o governo, mas os políticos e o governo são reflexos de nós mesmos. Se uma

sociedade é saudável, a política também será. Se uma sociedade está doente, a política também será.” Foi aplaudido.

Vivemos um momento de mudanças extraordinárias, mas também de incertezas. Pessoas em todo o mundo clamam por lideranças que lhes resolverem os problemas existenciais. Estão numa crescente esperança de que todos se levantem e se juntem para construir o futuro que desejam para a sociedade. É esta a mensagem que o presidente quer passar para a necessidade de fortalecimento da cidadania. O propósito é iniciar um diálogo sobre a responsabilidade de cada um na construção de um futuro melhor.

O presidente Obama tem sido um líder global no avanço do envolvimento cívico e vem incentivando e inspirando os cidadãos a se envolverem em sua comunidade. Recentemente declarou:

“Precisamos que vocês se mantenham conectados, trabalhem juntos, aprendam uns com os outros, para que possamos construir uma próxima geração de líderes que sejam capazes de enfrentar problemas como o aquecimento global, a pobreza, ajudar no crescimento econômico e garantir que as mulheres tenham oportunidade iguais aos homens. E também propiciar a toda criança, onde quer que ela viva, tenha a chance de almejar ter uma vida melhor.”

É preciso envolver os jovens na política e garantir a inclusão social para evitar a xenofobia e radicalismos. E a educação é a arma contra a intolerância, além do forte engajamento dos cidadãos, sobretudo dos jovens, para reconstruir e renovar arranjos políticos e sociais, de modo que as mudanças funcionem para todos.

Logo no início de sua fala, Obama deixou a plateia um tanto desconcertada ao afirmar que, de certa maneira, vivemos o melhor dos momentos e o pior dos momentos. O mundo está mais próspero do que nunca, devido a globalização, mas isso veio com uma ruptura industrial e estagnação de salários em muitas economias avança-

das, o que deixou muitos trabalhadores e muitas comunidades com medo das perspectivas para eles e para seus filhos, pensando que terão poucas oportunidades e não melhores no futuro.

Apesar dos desafios, o presidente mostrou uma visão otimista do futuro. Não obstante todos os problemas que enfrentamos, o mundo é mais seguro, mais bem instruído, mais tolerante do em que qualquer outro momento na história da humanidade.

Dono de uma convicção incomum, Obama, referindo-se à educação, disse que, se chamado a aconselhar qualquer nação, o primeiro trabalho que indicaria seria o de garantir que seja estabelecido um sistema educacional que atinja a todos, que busque alcançar toda criança e que seja adaptado às realidades de uma economia em rápida evolução tecnológica. Disse que os investimentos em educação deveriam privilegiar a primeira infância, quando o cérebro funciona como uma esponja.

Enfatizou o fato de o mundo estar muito mais conectado e, assim, da mesma maneira que a internet tem a oportunidade de espalhar conhecimento e oportunidades, dá poder àqueles que disseminam ódio, sendo a internet também um instrumento que tem contribuído para dividir as pessoas.

Não sem razão, nesta era de informação instantânea, onde tudo nos dá uma ladainha sem interrupção de más notícias, é natural que as pessoas procurem algum sentido de certeza e de controle nas suas vidas. Vemos grandes choques entre culturas, as pessoas preocupadas com os valores tradicionais, suas ideias e raízes sendo esfaceladas. Portanto, é inevitável que nossas políticas e arranjos sociais também tenham essa ruptura, da mesma maneira que ocorrem essas rupturas tecnológicas.

Obama falou também de suas filhas, que perdem muito tempo na internet. Sinalizou o quanto seria melhor se estes encontros pudessem ser presenciais e que as questões pudessem ser resolvidas pelo intercâmbio de ideias.

Provocou a reflexão sobre a internet, os serviços sob demanda, o carro sem motorista, as entregas por drones, se tudo isso vai ajudar a economia para todos e não só para os poucos que estão no topo.

Conforme Obama, “Estamos mais conectados do que nunca, mas isso faz com que, em alguns casos, seja mais fácil recuarmos a nossas próprias tribos, nossas próprias comunidades, onde só escutam pessoas que pensam da mesma maneira como nós. E nunca desafiamos as nossas próprias presunções, porque tudo o que vemos, tudo o que vemos é simplesmente o que um algoritmo nos disse que deveríamos ver.”

A principal mensagem que fica, é que o mundo se transforma em velocidade exponencial. Está praticamente todo conectado, porém não podemos esperar que outros resolvam os problemas por nós.

Só nós mesmos, pela discussão e intercâmbios de ideias, poderemos almejar um futuro feliz. Mas o principal, salientou Obama, é que a melhor maneira de curar a democracia é aumentar a participação política e renovar o poder que se resente, quando é ocupado pelas mesmas pessoas por muito tempo, sem paixão pelo que se faz e sem ideias novas.

Para termos um mundo melhor, temos que ter atitudes melhores. Para termos uma política saudável, temos que ter uma sociedade saudável. Afinal, como diz Obama em seu mantra preferido: “a política é um reflexo da sociedade”.

O QUE SIGNIFICA SER PROFESSOR NO SÉCULO 21

(17/10/2017)

[ACESSE AQUI](#)

“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...”

Rubem Alves

O aprendizado desde trinta mil anos atrás, quando o homem precisou transmitir suas vivências para os mais jovens, sempre foi intermediado por uma tela. Escrita na areia da praia, na terra, na argila, na pedra ou na árvore. Até que entre os séculos XVII e XVIII os educadores lassalistas criaram o maior invento tecnológico escolar que persiste até hoje: o quadro negro. Era, ou ainda é, a maneira do professor ir além de sua fala, registrar o que é importante para os alunos copiarem. O ato de ensinar sempre foi baseado na lousa, no livro, na apostila, mais tarde nos slides e power point.

Hoje a sala de aula mudou. A lousa é a tela de um computador, de um tablet, de um smartphone ou de um assistente virtual. Por outro lado, todos dizem que a sala como a conhecíamos está em contínuo e acelerado processo de extinção. A escola como o único “ambiente do saber” já não existe mais.

“A escola não vai ser sinônimo de prédio escolar, ela vai dar lugar a uma rede de colaboração, de construção coletiva de um projeto educativo”, profetiza o professor português António Nóvoa.

Qualquer um de nós certamente registrará a importância que tiveram muito de seus mestres no correr de suas vidas. É o que confirma as experiências feitas nos EUA por Brandon Busteed, diretor-executivo do departamento de educação da Gallup. Pesquisa com mais de milhão de alunos mostrou que os empregadores não dão muito importância a origem da faculdade ser particular ou pública. Também que estudantes bem sucedidos sempre destacaram seus professores ou tutores como modelos para as suas realizações. E os mais comprometidos com o trabalho sempre tiveram professores ou mentores que se importaram com eles como pessoas e os encorajaram quanto a realizarem suas metas e seus sonhos.

Os professores atualmente têm que lidar não só com alguns saberes e com a tecnologia, mas também com uma complexidade social crescente: todos vão para a escola, de todos os grupos sociais, dos mais pobres aos mais ricos, de todas as raças e todas as etnias.

“A própria sociedade tem, por vezes, dificuldade em saber o que ela para que ela quer a escola”, afirma [Nóvoa](#). Há um excesso de missões dos professores, pede-se demais aos professores, pede-se demais às escolas. Afinal, como imaginar escolas extraordinárias, espetaculares, criativas, onde tudo funciona bem numa sociedade onde nada funciona?

Os recentes avanços tecnológicos mudaram muitas áreas de nossas vidas: a maneira como nos comunicamos, colaboramos, aprendemos e, claro, como ensinamos, exigindo também uma expansão na atuação do professor. Nunca antes o aprendizado aconteceu do jeito que é hoje, ou seja, em todos os lugares, o tempo todo, sobre qualquer tema, técnica ou conteúdo, apoiando qualquer estilo ou preferência de aprendizagem. Mas o que realmente significa ser um professor do século 21?

Assim como nas redes sociais existem os influenciadores digitais, o professor passou a ser um influenciador de aprendizagens, no sentido de promover estratégias de engajamento e atração aos temas e componentes curriculares numa dimensão que é muito mais participativa, ativa e criativa. Habilidades como as de comunicação, liderança, colaboração e interatividade são fundamentais. E, por mais que isso pareça óbvio, a realidade mostra que encontrar o perfil desses professores ainda é um grande desafio. Não pela falta de vontade de professor, mas pela formação que não o prepara para agir e pensar além dos componentes curriculares, das avaliações e das dimensões que envolvem a sua atuação em sala de aula.

Embora muito se fale que os alunos sejam vistos como nativos digitais, muitos estão longe de produzir qualquer conteúdo digital. Que dominem dispositivos tecnológicos com capacidades para produzir blogs, games, vídeos, apenas para citar alguns, em muitas aulas eles ainda são solicitados a trabalhar com o velho e bom caderno de cópias.

Sabemos que a tecnologia é somente uma ferramenta, mas como toda a ferramenta é preciso habilidade e atitude para usá-la. Por isso, mudar o propósito do professor deve ser a prioridade número UM que vem bem antes das tecnologias e outras tendências emergentes.

A tecnologia permite a colaboração entre professores e alunos. E essa colaboração deve ir além de compartilhar documentos ou criar apresentações. Muitas ideias com potencial para transformar as escolas e comunidades nunca vão além de uma conversa de uma sala de aula ou da cópia em papel, o que é uma grande perda!

A colaboração pode mudar toda a experiência educacional que conhecemos hoje no Brasil e colocá-la em um outro patamar. Por isso, o papel do professor como mediador é tão importante.

Neste outubro do professor, convido você a expandir sua caixa de ferramentas de ensino e tentar novas formas de realizar seu trabalho, ainda que não tenha tentado antes

Não por causa das ferramentas, mas por causa dos estudantes. À medida que novas demandas sociais, contextos e tecnologias continuam a surgir, aprender e adaptar-se é fundamental e essencial para o processo educacional. Aliás o mantra do futuro exige aprendizado contínuo não só para o professor, mas para todos os profissionais que desejam se realizar.

Por todas essas competências é que acredito que o professor não é espécie em extinção. O que era via oralidade hoje é por múltiplos meios de comunicação e tecnologia. O leque de atuação profissional desdobrou-se em conteudistas, produtores de interfaces gráficas e realidade virtual. Há carência de profissionais da ciência cognitiva e na era do conhecimento todos precisam atualizar-se.

Nesse mundo novo onde robôs e inteligência artificial estarão por toda a parte, só a genialidade do professor poderá supera-los, porque para ensinar é preciso ter entusiasmo, percepção, criatividade, sensibilidade e relações humanas.

Parabéns a todos os mestres que estão colaborando para a construção de um mundo melhor. Nessa oportunidade, mencionamos a heroína Profa. Heley Silva Batista, que morreu no incêndio da Escola Municipal Gente Inocente, em Janaúba/MG, tentando salvar “suas crianças”.

UM MILHÃO DE ROBÔS CONCORRENDO AO TRABALHO

(24/10/2017)

[ACESSE AQUI](#)

“Mudança é o processo no qual o futuro invade nossas vidas.”

[Alvin Toffler](#)

Há certa miopia em três pontas de um imaginário triângulo equilátero: a escola, o estudante e o mercado de trabalho, às vezes gerando colisões, outras, talvez mais raras, dando vez a realizações e satisfações.

Nas colisões, assemelha-se ao fenômeno das ondas do mar (mercado) batendo no rochedo (escola) e o mexilhão (aluno) sofrendo pelos impactos. E as instituições que preparam recursos humanos para o trabalho devem estar atentas ao que Thomas Friedman escreve em seu livro “Obrigado pelo Atraso”, de onde retiramos algumas questões para reflexão.

Há uma aceleração exponencial no mundo devido às transformações da tecnologia, do seu impacto na economia e no meio ambiente. Do jeito que vão as coisas, os robôs poderão até ficar com todos os empregos. Mas isso só acontecerá se deixarmos. Se não acelerarmos a inovação nos domínios do trabalho e da educação. E se não repensarmos o percurso todo da educação, do fundamental à aprendizagem continuada, chegando ao trabalho. Tudo muda e a escola permanece a mesma!!!

Essa tarefa deveria começar por uma conversa franca com o mercado sobre qual o perfil de profissional que as empresas precisam. E também o estado devia estar atento à diversidade ocupacional que seu desenvolvimento requer para prover trabalho. Da mesma forma que o mercado deixou de se interessar pela formação do estudante, a escola pouco percebeu que quem era realmente seu cliente era o mercado. Cansaram de insistir que o diploma não é tudo, numa terra cartorial, e que a construção do cotidiano não se faz só com mestres e doutores.

Seria o mercado um ser intransigente buscando acima de tudo que o egresso tenha qualidade formativa e não somente detentor de um papel-diploma do qual se orgulhe fantasiosamente, como “pronto” para as batalhas do mundo de negócios, indústria, comércio, serviços etc.?

Estaria o aluno desfavorecido por precária formação a partir do ensino fundamental e na continuidade de seus estudos, porque nem o poder público nem a iniciativa privada lhe propiciaram uma graduação útil e aplicável à sua empregabilidade?

E a escola, sempre a reboque dos processos industriais, sociais e econômicos, tem defesa diante do cenário, e principalmente frente à globalização, perdendo terreno no mundo do conhecimento, o que quer dizer permitindo empregos com baixos salários pela sua formação de mediana proposta? Sem atualidades, sem tecnologias, sem preparo de qualquer ordem para inserir o indivíduo num mercado altamente competitivo?

Ainda existem empregos, diz Friedman, “com salários excelentes para formação excelente. E ainda há salários médios para capacitação mediana. Mas já não há mais empregos com altos salários para uma formação mediana. O empregado médio é uma categoria oficialmente extinta”.

Como tudo mais na era das acelerações, conseguir e manter um emprego exige estabilidade dinâmica. Mais ou menos como quando se anda de bicicleta: é preciso continuar pedalando o tempo todo, sempre, senão cai.

Há duas perguntas rondando a cabeça dos indivíduos frente ao mercado de trabalho:

1. como estão se sentindo, sabendo que há um milhão de pessoas no mundo capazes de fazer o seu trabalho?
2. como estão se sentindo sabendo que há um milhão de robôs no mundo capazes de fazer o seu trabalho? (Vejam a seguir um vídeo sobre essa questão aterrorizante)

[Link para o vídeo](#)

Como devemos começar, portanto? A resposta é curta, segundo Byron Auguste, ex-assessor econômico do presidente Obama. Na era das acelerações, precisamos repensar três contratos sociais fundamentais: **entre trabalhadores e empregadores¹, entre estudantes e instituições educacionais² e entre cidadãos e governos³, começando por um quadro nítido do que está realmente acontecendo no mercado de trabalho, de modo a saber exatamente o que estamos tentando consertar.**

1 Os RHs contratarão as pessoas com base no que elas podem comprovadamente fazer, e não apenas em seu currículo, e também devem proporcionar vários caminhos para a aprendizagem contínua no interior da empresa.

2 As empresas não têm mais paciência para ficar esperando que as universidades compreendam o seu mercado, adaptem os seus currículos, contratem os professores certos e ensinem aos estudantes as novas habilidades, especialmente quando plataformas educacionais online que começam a emergir estão agora fazendo tudo isso mais rápido e a partir do zero.

3 É preciso criar todo incentivo possível em termos de regulamentação e impostos para que todas as empresas proporcionem a todo trabalhador acesso à assistência inteligente de financiamento para a aprendizagem contínua.

A situação contemporânea é mais do que certa: todos os empregos estão sendo puxados para baixo mais rapidamente, estão sendo terceirizados pela história e transformados em algo obsoleto mais rapidamente do que nunca. Isso exige mentalidade mais empreendedora, ou seja, uma busca por novos nichos, novas oportunidades para iniciar algo que possa dar lucro e gerar empregos.

Com isso, precisamos que nossos sistemas educacionais sejam repensados maximizando essas habilidades e qualidades exigidas, com bases sólidas em termos de leitura, escrita, programação e matemática, criatividade, pensamento crítico, comunicação e colaboração, além de garra, automotivação, de aprendizagem contínua, empreendedorismo e flexibilização atitudinal.

Às escâncaras, as coisas estão mudando ou vão mudar muito. Nos EUA, em Needham, Massachusetts, com o propósito específico de estabelecer um novo paradigma para o ensino de engenharia, o Olin College mantém uma estrutura altamente flexível capaz de se mover na velocidade da internet, sem organização interna por departamentos acadêmicos, e o corpo docente não dispõe de estabilidade. No Japão, já mostramos a universidade que não atua mais com currículos ([Universidade Shure](#)).

Não há unanimidade, mas não se pode fugir à realidade. A maioria dos empregos oferecidos hoje não requerem quatro anos de faculdade e nove entre as dez principais ocupações nos EUA em volume de vagas não exigem mais do que um diploma do ensino médio. E por aqui isto não é diferente.

A questão que se coloca é como fazer a transição para um contrato social diferente, que promova a passagem da fase de educação para o trabalho, para a da aprendizagem contínua, para toda a vida na era das acelerações.

Numa era em que as pessoas contam com um número muito maior de opções para aprender por conta própria, há uma quantidade surpreendente de pessoas que desenvolve (ou desenvolveu) habilidades por conta própria, mas não dispõe necessariamente de certificados, títulos ou diplomas nos quais os empregadores se acostumaram a confiar.

Quem constrói a inteligência artificial é a inteligência humana colaborativa. E ela deverá ser sábia para criar máquinas solidárias para superarmos os problemas desta época de acelerações. Os desafios de sustentabilidade e bem-estar global são tão grandes, que só serão vencidos, se o mercado, a escola e os estudantes unirem seus cérebros e vontade e alinharem propósitos de sobrevivência.

TRABALHO E EMPREGABILIDADE: XEQUE-MATE

(31/10/2017)

[ACESSE AQUI](#)

“Uma das fortes tendências na Era da Inovação, chamada de Quarta Revolução Industrial, é a mudança nas relações de trabalho. A começar pelo significado da palavra trabalho, que deixa de ser um lugar onde se “dá expediente” para ser um resultado que se entrega.”

Marcus Ronsoni

Se formos pesquisar na Wikipedia quantas religiões existem, vamos contar mais do que cem¹. Apesar da profunda diversidade entre elas, há no entendimento sobre a vida eterna um consenso total, como explica o Sociólogo Domenico De Masi em seu livro *O ócio criativo*, de que todas têm o paraíso e em nenhum deles o homem trabalha. Tenha o paraíso sido criado por Deus, tenha sido inventado pelos homens, se trabalho fosse abençoado, no paraíso todos trabalhariam.

Não existindo paraíso terrestre, prospectar a formação de recursos humanos para o trabalho é estratégico para nossas instituições de ensino superior (IES). Razão de acompanhar a Curadoria que o Prof. Raulino Tramontin edita diariamente sobre temas educacionais e de

1 Wolfgang Kinzing, presidente da Faculdade de Teologia da Universidade de Bonn, salienta que, hoje devem existir mais de 9 mil denominações de protestantismo no mundo e poucas seguindo a causa de Lutero.

me apoiar no texto do Prof. Marcus Ronsoni publicado por ele: [O trabalho do futuro começa quando?](#)

A destruição criativa ou destruição criadora é um conceito popularizado pelo economista austríaco [Joseph Schumpeter](#) em seu livro Capitalismo, Socialismo e Democracia (1942), Ele descreve o processo de [inovação](#), que tem lugar numa [economia de mercado](#), quando novos produtos destroem empresas velhas e antigos modelos de negócios. Segundo ele, as inovações nas empresas são a força motriz do crescimento econômico sustentado a longo prazo, apesar de destruir empresas bem estabelecidas.

O mais marcante diante da atual destruição criativa é que tudo tem a ver com o mercado de trabalho que está gerando aceleração no mundo contemporâneo. Em especial quanto à gestão de pessoas, pois se inexistente mercado, inexistente trabalho.

Especialistas consultados pela Revista Exame sobre “[5 tendências \(sem volta\) do trabalho no futuro](#)” apontam carreiras com indícios de crescimento, como as ligadas à sustentabilidade; menor impacto ambiental; redução e direcionamento correto de resíduos; profissões relacionadas ao setor de energia; alta tecnologia em saúde; estudos genéticos e novos medicamentos; padronização de operações e logística; gestão da inovação; marketing digital e e-commerce; relacionamento com clientes; especialistas de dados em nuvens; inteligência artificial; entre outras.

Se queremos ir além, procurando projeções para 10, 20 ou 30 anos, nenhuma bola de cristal pode ajudar, pois o domínio da inteligência artificial terá avançado tanto que teremos muitos de nossos problemas resolvidos, mas a questão da empregabilidade é um mistério, mesmo para os futurólogos porque as maiores corporações do mundo terão, cada vez mais, sua soberania ameaçada por tecnologias e negócios disruptivos, assistindo o crescimento exponencial de

startups, o que quer dizer, mexendo profundamente com os postos de trabalho.

Quanto à atualidade, uma mudança inexorável, o trabalho remoto e o fato de que ele deixará de ser o tradicional, de expedientes, passando a vigorar o de resultados e entregas. Em um futuro breve, o custo da ineficiência será do colaborador. No trabalho remoto não existirão horários definidos para o expediente nem exigência de local, apenas objetivos e tarefas. O profissional é avaliado e remunerado por sua capacidade de entrega.

Aí já está o trabalho sob demanda (*Freelance Economy*), ou seja, o trabalhador não possui vínculo empregatício e, tampouco, benefícios e direitos previstos na CLT. Exemplo clássico é o Uber e assemelhados.

Organizações de todos os tipos passarão a contratar serviços mediante demandas pontuais, em variados mercados. Esses trabalhadores prestarão serviços a diversas empresas ao mesmo tempo, trabalhando em projetos independentes, para os quais a qualidade do trabalho entregue e a sua marca pessoal serão fundamentais para garantir novas contratações.

Isso não significa que será fácil, principalmente para os profissionais mais velhos, pois representa uma profunda mudança de paradigma, tanto em termos de relacionamento com as organizações como nos formatos de remuneração e carreira.

Fato significativo é que as carreiras estruturadas desaparecerão. Ser bem-sucedido não é mais ser sinônimo de ganhar posições hierárquicas e chegar a uma gerência ou diretoria. A era da criatividade destrutiva tende a recompensar as organizações que substituem as hierarquias rígidas por redes de equipes mais ágeis e empoderadas. Isso pode interessar mais ao empregador do que ao empregado.

A aprendizagem deve ser em tempo real, constante e de forma acelerada. Flexibilidade e aprendizado rápido e contínuo são ainda mais valorizados em tempos de mudanças exponenciais e a habilidade para resolver problemas complexos são competências raras e cobiçadas pelo mercado. Além disso, são valorizadas as atitudes de relacionamento interpessoal e de liderança. Tudo mesclado com proatividade, autogestão, foco em resultado, definição e redefinição dos seus produtos e serviços e gerenciamento da marca pessoal.

Sem oráculos e futurologia, o trabalho continuará existindo, embora os robôs, a inteligência artificial e a tecnologia substituam as atividades mecânicas e rotineiras.

O mundo do trabalho encontra-se em mudança, pressionado por transformações: da tecnologia, passando pelo impacto das mudanças ambientais, pelos ciclos migratórios e demografia. Os próximos anos também vão consolidar transformações no modo de viver e pensar das pessoas, que estarão preocupadas, acima de tudo, com sua qualidade de vida e realização pessoal. E o grande desafio será como alinhar à vontade com a realidade.

DEUS ESTÁ NO CIBERESPAÇO?

(07/11/2017)

[ACESSE AQUI](#)

A trajetória da história da humanidade sempre ocorreu diante dos desafios da sobrevivência na luta para se defender das catástrofes da natureza, dos inimigos, na procura por alimento e moradia. Os livros sagrados também retratam a luta diuturna do homem entre o bem e o mal, buscando no divino as forças para enfrentar suas adversidades.

Os autores dessas obras, em sua diversidade, mostram o Deus violento e rancoroso do velho testamento e o Jesus Cristo da paz e do amor, o que se repete em outras crenças e religiões. Todas no correr dos tempos embaralhadas em domar as paixões do bicho homem, sempre enredado com os problemas de assassinatos, roubos, assaltos, sensualidade, imoralidade, desentendimento entre famílias e guerra entre povos.

Podemos confirmar que até hoje tudo continua na mesma, pois a luta pelo poder é uma constante, como nos é mostrado pela corrupção e lava-jatos atuais. Por esta razão fiquei intrigado, quando no livro “Obrigado pelo atraso”, que trata do avanço exponencial da tecnologia, Thomas Friedman responde no capítulo 11 ao questionamento que muitas pessoas lhe fazem, sobre se Deus está no Ciberespaço.

Seu mentor espiritual, o rabino Tzvi Marx, é que explica: isso depende de sua visão de Deus. Se é a do todo poderoso, que faz com sua presença seja sentida por meio de uma intervenção divina – golpeando o mal e recompensando o bem – pode apostar que ele não está no

ciberespaço. Porque lá está repleto de pornografia, de jogos blogs e tuítes atacando pessoas diferentes, a partir de todas as direções, com músicas cheias de obscenidades e sem falar de todo tipo de pregação em defesa da intolerância e agora invasões cibernéticas e recrutamento de grupos impregnados de ódio como o Isis.

Isto significa dizer que o desenvolvimento tecnológico que poderia construir o mundo ideal concebido por todas as religiões do mundo e pelas mentes privilegiadas do planeta, além de não ter Deus de quem nele acredita, não é apoiado por nenhum sistema de valores, sem filtros e sem governança alguma. E o pior é que os problemas de 20 anos atrás estão crescendo exponencialmente.

Falando de maneira direta, Friedman escreve que estamos sendo capazes de construir um mundo onde os seres humanos estão ganhando mais que uma dimensão divina, porém estamos criando uma realidade com vastos territórios chamados ciberespaços fora do império da lei e aparentemente sem lei.

As pessoas clamam por alguma inovação moral. Friedman sinaliza que elas o procuram “pedindo que repensemos a ética e querendo saber como cultivar valores certos em um mundo no qual estamos mais próximos da figura de Deus e no qual existem mais domínios que parecem desprovidos de Deus, de valores e de lei”.

A realidade é que, se é que já não assumiram grande parte do ciberespaço, os algoritmos estão no comando. Sem as pessoas, sem a ética. Em breve teremos de nos render, pois a verdade é que certas forças tecnológicas se juntaram para fazer com que o poder dos homens e das máquinas saltasse a uma nova etapa de importância exponencial, muito mais rapidamente do que temos nos reformulado como seres humanos, muito mais rapidamente do que temos sido capazes de repensar nossas instituições, nossas leis e nossas modalidades de liderança.

Infelizmente não existe nenhuma lei para o progresso humano e o desenvolvimento moral frente à tecnologia que cria possibilidades para novos comportamentos, experiências e conexões. Entretanto, é preciso contar com seres humanos para que comportamentos sejam ditados por princípios, para que as experiências sejam relevantes e as conexões, profundas e enraizadas em valores e aspirações compartilhadas.

A questão se torna particularmente problemática na medida em que o ciberespaço penetra no lar (WhatsApp, Telegram, LinkedIn, Facebook, Instagram, etc. etc. via equipamentos móveis, como smartphones, tablets, iPods, iPhones, Apple Watch, etc. etc.).

Em um minuto, isso é o que acontece na internet. E fica novamente a reflexão: será que Deus impera no ciberespaço?

Essa convivência entre notícias falsas e verdadeiras apenas começou e exige uma séria análise do sistema legal/normativo nacional a respeito de como a privacidade no ciberespaço deve ser regida/regulada e equilibrada com o crescente impacto de mensagens de homens e mulheres de todos os matizes.

Somos levados por impulso incontrolável ou por emoção forte, diante de dúvidas quanto à decisão a tomar. É quando se manifesta em nós o senso ético, que põe à prova nossa consciência moral, exigindo que decidamos, que justifiquemos para nós mesmos e para os outros as razões de nossas decisões e que assumamos todas as consequências delas, referindo-nos a valores como justiça, honradez, integridade, generosidade e também a sentimentos provocados pelos valores (admiração, vergonha, culpa, remorso, raiva, medo, etc.).

As leis e as religiões segundo seus códigos e suas regras procuram dar caminhos para um mundo sem conflitos, mas os valores são exer-

citados pelo exemplo desde o nascer. As divindades e os governos são importantes, mas para conseguir transmitir os valores sustentáveis da honestidade, da tolerância, da integridade, da solidariedade e do respeito mútuo, vamos precisar ter o exemplo dos pais, o olhar da família, a palavra do religioso, a voz do amigo, o conselho do professor, o apoio da comunidade e o discernimento do indivíduo.

GLOBALIZAÇÃO DIGITAL: ESTAMOS MAIS CONECTADOS DO QUE NUNCA

(14/11/2017)

ACESSE AQUI

“Se, há uma década, dizíamos ter a sensação de viver num vilarejo superpovoado, hoje a sensação é a de que estamos todos vivendo num teatro superlotado.”

Dov Seidman

As tecnologias móveis estão mudando o nosso modo de viver, de trabalhar, de aprender, de fazer compras e de empreender. As relações pessoais estão sendo revolucionadas porque podemos nos comunicar a qualquer hora e dia com os cidadãos do mundo.

Mas o celular tornou-se vício porque tem múltiplas funções e sem ele não sabemos fazer mais nada. Vejam até o Papa Francisco reclamando que no lugar de prestarem atenção à missa os fiéis ficam fotografando.

[Link para o vídeo.](#)

Todos os dias vemos milhares de piadas nas redes sociais com bebê nascendo já com o celular na mão; de reuniões familiares ou de negócios onde todos falam em seus aparelhos e ninguém ouve; até a “internet dos bois”, que é novidade: um aplicativo recém lançado onde os criadores bovinos vão poder acompanhar mundialmente as características do gado de melhor linhagem e conhecer as estratégias para aperfeiçoamento das raças.

Mais dia ou menos dia, também vamos poder controlar melhor o que nossos políticos fazem para o bem ou para o mal. Logo logo a democracia virtual estará por aqui!!!

Dois anos atrás, a Qualcomm¹ encomendou uma pesquisa de opinião para saber de alemães, norte americanos, sul coreanos, brasileiros, chineses e indianos que coisas preferiam deixar de fazer durante um ano a abrir mão do uso pessoal do seu celular. O resultado está no livro “Obrigado pelo atraso”, de Thomas Friedman: 64% deixariam de jantar fora. 51% renunciariam a ter um bicho de estimação e a mesma porcentagem abririam mão de um dia de folga na semana. 50% ficariam sem sair de férias. Ver os amigos pessoalmente, cerca de 45%. E a mais intrigante: De que prefeririam abrir mão por um ano, sexo ou celular? 38% responderam deixar de fazer sexo.

A chegada da internet foi algo revolucionária, a facilidade de acesso a informações de forma rápida, planetária, é algo que realmente faz a diferença.

A tecnologia da informação é hoje o que a eletricidade foi na era industrial e a internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica quanto ao motor elétrico, em razão de sua capacidade de distribuir a força da informação por toda atividade humana.

A internet ligou um mundo inteiro na mesma rede. Não há limites para a conexão de duas ou mais pessoas desde que tenham interesses comuns e a distância deixará de existir, trazendo muitos benefícios à sociedade já que a informação, cultura e educação deixam de ser privilégio de alguns.

1 Multinacional norte americana especializada em Serviços e produtos de telecomunicações e semicondutores, com sede em San Diego e com filiais em 224 cidades.

Tem aspectos positivos e negativos que precisam ser destacados:

Positivos:

- Facilidade de busca por informação;
- Agilidade e velocidade nas trocas de informação;
- Maior diversidade nas relações profissionais e pessoais;
- Facilidade de pesquisa;
- Centro de informação e entretenimento;
- Liberdade de escolha de acesso a todos que a possuem;
- Compra e venda a nível internacional;
- Conexão com outros meios midiáticos;
- Conteúdos variados para pesquisa;
- Entretenimento “barato”;
- Superação de distâncias.

Negativos:

- Nem toda informação tem fonte segura;
- A rapidez com que se obtém uma informação, aparentemente correta, impede que haja uma seleção rigorosa da mesma;
- Relações profissionais equiparadas ao imediatismo da internet e a possibilidade de obter falsas relações pessoais;
- Uso indiscriminado de informações errôneas;
- Uso indevido de imagens e informações pessoais;
- Portas abertas para crimes e abusos;
- Pornografia infantil e adulta sem restrição de acesso;
- Vírus destrutivos e nocivos, spams;
- Decadência de cultura “manuscrita” e verbal;
- Informações inconsistentes;
- A facilidade em conseguir informações pela Internet pode deixar o ser humano mais preguiçoso e acostumado ao mundo fast;

- Jogos e entretenimentos ocupam muito tempo ocioso, que poderia ser mais bem aproveitado ao lado de uma pessoa real ou com a família;
- Roubo de informações e crimes virtuais.

Os pontos positivos e negativos têm visão generalista. Precisamos ir mais a fundo para saber qual o benefício que podem ter as 139 milhões de pessoas que no Brasil usam ao menos uma vez por mês o computador ou o celular e ficam oito horas e meia em média diariamente trocando mensagens (3h43m nas redes sociais), nem sempre úteis, perdendo tempo que poderia ser utilizado para o auto desenvolvimento em seu próprio benefício.

A internet é a teia que interliga computadores ao redor do mundo. A web é o caminho que permite usufruir o conteúdo. A rede, com seu sistema de ligações, organização e aplicações, possibilita a existência de dados, programas, informações e conhecimento, para que as pessoas usufruam de tudo que pode ser construído de bem para o avanço da civilização. E o uso disto cada vez mais fica disponível para a humanidade, porém o ser humano ainda não se despojou de seu instinto animal de sobrevivência. É cada um para si e não há mais Deus para todos.

A civilização humana foi construída sempre com muitas guerras, destruição, fome, miséria e o século vinte serve de amostra para as centenas de milhões de mortes causadas pela incompreensão de forças antagônicas para ajustarem seus anseios de poder.

Com tudo isto, não é possível acreditar que os governos do mundo, as empresas concorrentes, as religiões de todos os credos e as pessoas não possam encontrar pela tecnologia, pela criatividade, pela sensatez e pelo trabalho, unanimidade para a solução dos problemas de desigualdade social, de saúde e de trabalho. E a educação tem tudo a haver com esta realidade.

AS REDES SOCIAIS PODEM CONTRIBUIR PARA UM MUNDO MELHOR

(21/11/2017)

ACESSE AQUI

“A humanidade não se divide em heróis e tiranos. As suas paixões, boas ou más, foram lhe dadas pela sociedade, não pela natureza.”

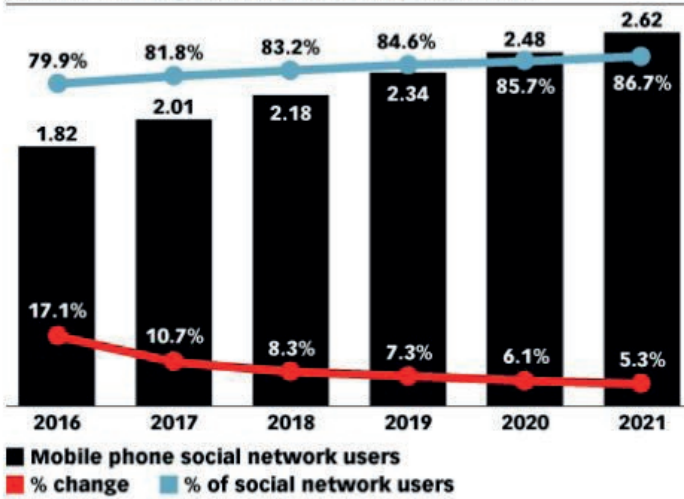
Charles Chaplin

O futuro tecnológico bate à nossa porta e, sem esperar resposta, invade nossa casa, nossas relações comerciais, bancárias, profissionais e afetivas, enfim, nossa vida. Para quem é um imigrante digital, como eu, esse fascinante mundo novo pode assustar, pois nos obriga a sair da nossa zona de conforto e tentar nos engajar na grande quantidade de inovações que estão por toda a parte: smartphones, aplicativos, compra de bilhetes, likes, curtidas e “cutucadas”.

Estudo da [eMarketer](#), instituto especializado em pesquisas de mercado, estima que, em 2017, um terço da população mundial, ou 2,46 bilhões de pessoas, comunicam-se em programas de redes sociais (Facebook, Twitter, etc.) pelo menos uma vez por mês. De acordo com os dados do censo anual de redes sociais, esse número representa 71% de toda a população da internet global e equivale a um crescimento de 8,2% sobre o total de usuários de redes sociais do estudo de 2016. Para 2021, a estimativa do eMarketer é ter 3,02 bilhões de pessoas em redes sociais globalmente.

Mobile Phone Social Network Users and Penetration Worldwide, 2016-2021

billions, % change and % of social network users



Note: mobile phone users of any age who use social networks via mobile phone (browser or app) at least once per month
Source: eMarketer, June 2017

227870

www.eMarketer.com

Mas, nas redes, o que tem de bom, tem de mal. Pode-se ao mesmo tempo servir ao céu e ao inferno. O caso de Willian Waack, da Rede Globo, que repercutiu recentemente, mostra isso. Como todos devem ter visto, um dos jornalistas mais cultos e brilhantes do país foi execrado pela internet de maneira exacerbada por milhares de internautas. O âncora do Jornal da Globo foi filmado dizendo uma frase infeliz de conotação racial, completamente imprópria, sem dúvida. Porém, houve um linchamento virtual de uma multidão completamente insana extravasando suas neuras e decepções em cima de um cidadão que deu “uma bola fora”. E quem não dá?

Leandro Karnal aponta as consequências da dualidade virtual. A primeira, positiva e inegável, é que a informação está acessível a todas as pessoas. Ela deixou de estar encastelada, sob o domínio de poucos eleitos mestres e doutores. A segunda, negativa e inegável, é que está disponível a todas as pessoas. E é aí que mora o

perigo. Essa facilidade em comunicar que as redes virtuais oferecem passou a modificar a sociedade como um todo. Essa relação intensa – e quase dependente – pode trazer diversos benefícios para a vida de qualquer pessoa, mas também alguns malefícios que podem ser constrangedores.

Apesar de todo o progresso tecnológico, o ser humano, desde os primórdios, tende a falar mal dos seus semelhantes para alcançar os mais variados objetivos, desde uma aliança política ao desejo de estabelecer vínculos sociais de defesa ou ataque. As *fake news*, por exemplo, podem mudar a configuração geopolítica do mundo. O *cyberbullying*, que usa instrumentos da web, tais como redes sociais e comunicadores instantâneos, para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais, têm o intuito de gerar constrangimentos psicossociais à vítima. E quando esta é criança ou adolescente, os danos são mais indelévels e cruéis.

Estudos demonstram que as redes sociais podem aplacar um pouco da solidão social – sentimento de vazio e inquietação causado pela falta de relacionamentos profundos –, mas aumentam significativamente a solidão emocional – sentimento de tédio e marginalidade causado pela falta de amizades ou de um sentimento de pertencer a uma comunidade. É como sentir-se solitário em meio a uma multidão (e atualmente, a multidão é cada vez mais virtual...). Assim, as amizades são cada vez mais numerosas (quem nunca ouviu alguém vangloriar-se de ter mais de 700 amigos no Facebook?), porém, totalmente superficiais. E a quantidade de laços fortes, cada vez menor.

Muita gente usa as redes sociais não para unir, não para ampliar seus horizontes culturais ou profissionais, mas para fazer fofoca. Para se fechar em suas zonas de conforto, onde o único som que escutam é o eco das próprias vozes, onde a única imagem que veem são os reflexos das próprias caras.

“As redes são muito úteis, oferecem serviços muito prazerosos, mas são uma armadilha”, alertava o recém-falecido sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman.

A internet, e conseqüentemente as redes sociais, parte quase indissociável da vida dos jovens, traz riscos com os quais, muitas vezes, eles não estão preparados para lidar. A última [pesquisa do TIC Kids Online Brasil](#) revelou que 79% das crianças e adolescentes entre 9 e 17 anos estão ativas na internet – número que representa 23,7 milhões de jovens, dos quais 85% acessam por dispositivos móveis, com os quais têm mais privacidade ao navegar online, sem necessariamente ter a mediação dos responsáveis, o que aumenta exponencialmente os perigos.

Em junho deste ano, o Google lançou nos EUA o projeto [Be Internet Awesome: Helping kids make smart decisions online](#), uma plataforma informativa para pais e professores com princípios para uma internet segura. Para as crianças há um jogo interativo chamado *Interland*, em que elas devem combater hackers, *phishers* (golpistas online), *oversharers* (aqueles que compartilham informações em excesso na rede) e valentões, praticando as habilidades que precisam para serem bons cidadãos digitais. O objetivo é fazer com que os jovens tomem decisões inteligentes por conta própria.

A tecnologia que capacitou a internet e viabilizou as redes de relacionamento foi desenvolvida pela inteligência criativa do homem. Mas, para construir a sociedade ideal, há muito a ser feito. O mundo não é perfeito, as comunidades são heterogêneas e as pessoas, individualistas. Cada um pensa sempre primeiro no que lhe é mais vantajoso.

Nesse contexto a família é importante, o credo também e uma administração da sociedade mais ainda. Mas a educação tem papel fundamental, porque é na escola que se reforça a consciência dos

valores morais, éticos, de justiça, de paz, de solidariedade e de compaixão, capazes de construir uma sociedade menos desigual e mais feliz. E porque não utilizar as redes sociais como ferramenta nessa construção de um mundo melhor?

UMA REDE COLABORATIVA UNIVERSITÁRIA PARA UMA SOCIEDADE DESORIENTADA

(28/11/2017)

[ACESSE AQUI](#)

“A nossa desorientação afeta as esferas econômica, familiar, política, sexual, cultural. Se deixarmos de projetar nosso futuro, alguém o fará para nós, não em função dos nossos interesses, mas do seu proveito próprio.”

Prof. Domenico De Masi

No meu [último artigo publicado neste blog](#), abordei o intrincado mundo das redes sociais chegando à conclusão de que elas, ao mesmo tempo em que poderiam ser primorosos meios de cooperação para aperfeiçoamento científico, cultural e educacional, acabam se transformando em desperdício de vida com a troca de notícias falsas e vãs, tornando-se um raivoso e sangrento tribunal inquisitorial.

Retorno o tema por ter recebido dois e-mails sobre o que escrevi, um dos quais faz referência ao papel da educação como promotora de valores, porém comentando o pouco de prático que eu dissera, e outro do Prof. Raulino Tramontim, que analisa e aprimora meus textos.

No caderno da Folha Ilustrada de 23/11, Contardo Calligaris, sobre o mesmo tema ([A virulência das redes sociais é sucessora do totalitarismo](#)), cita o livro *Lutas libertárias* e o espaço *público brasileiro*, de

Francisco Bosco (ed Todavia), mostrando sua realidade: “Nas redes sociais não acontecem debates, mas linchamentos. Nela não circulam ideias, mas palavras de ordem”.

Há quem diga que nesse novo espaço se revelaria a verdadeira natureza humana sedenta de sangue. Para Calligaris, a virulência das redes é sucessora do totalitarismo: ganha-se o debate quando se cala o adversário.

O prof. Raulino, no seu arguto e-mail, complementa: “Redes sociais são como a Torre de Babel. Há de tudo. Foram criadas para facilitar a comunicação, mas, como tantos outros instrumentos desenvolvidos para beneficiar a humanidade, é usada para deturpar ideias. No mundo das tecnologias todas elas começam para o bem e terminam para o mal. No caso da educação, porém, uma rede social pode difundir uma metodologia, uma filosofia, uma diretriz, um pensamento, um *modus operandi* com rapidez e com a certeza de que o alvo vai ser atingido, porque tudo o que vem pelas redes tem seguidores tanto de um lado como do outro”.

Mas o que ainda não é percebido no sistema educacional é que na época da virtualidade o tempo real não existe mais. Podemos nos comunicar com o mundo 24 horas por dia e sete dias da semana, independentemente de onde estivermos, mas estamos presos ao modelo da carga horária de um curso presencial de 3.200 horas, de duração de quatro anos. Precisa ser herói para aguentar um EAD de quatro anos pois, quando se pensa em inovar em educação, estamos presos ainda às vetustas regras da universidade tradicional.

Apesar de utilizarmos as ferramentas e os recursos da web, repetimos nos ambientes de aprendizagens virtuais os modelos presenciais. Em vez de aula expositiva, surgem os hipertextos, os flashes e os breezes, até a gravação da aula do professor.

Em vez do auditório, existem as salas de discussão baseadas no mesmo modelo de um facilitador ou animador e a maioria em volta é espectador. É de ensino compartilhado ou colaborativo – em que, diante de um projeto real, os alunos poderiam discutir e trocar opiniões e apresentar soluções para desafios reais –, muito pouco existe, por falta de criatividade, comodismo ou medo do MEC.

Fui criador do primeiro curso de Turismo e, logo no primeiro ano, como acontece até agora, a evasão era brava. Ouvindo um grupo de discussão de alunos, sensibilizei-me com a sugestão de um deles e a adotei. Ele propunha que se juntassem alunos por grupos de interesse, unindo “tribos” diferentes: quem quer discutir cinema, quem quer falar sobre política, quem quer opinar sobre esportes ou organizar eventos. Essa ideia vale até hoje porque a internet é especial para formação de redes de cooperação.

Conheço redes colaborativas onde profissionais trocam experiências sobre projetos que estão desenvolvendo em suas áreas de atuação. Muito comuns em publicidade, tecnologia, atividades científicas, em construção de softwares, meio ambiente e até em colaboração solidária. Mas não conheço uma só rede colaborativa que congregue alunos de graduação dos cursos espalhados pelo Brasil. É só olhar na internet: tem rede social para todo tipo de encontro, de sacanagem a catecismo. Mas não vi, por exemplo, uma formada de alunos de quaisquer cursos universitários.

Imagine se construíssemos – e a comunidade web foi criada para isso – uma rede universitária mundial, onde alunos e professores dos diversos países estivessem intercambiando experiências e conhecimentos. Não é fácil e talvez até impossível. Mas um dia alguém vai ser capaz de criá-la porque vários sonhadores já pensaram numa rede universitária mundial. Razões não faltam:

1. as instituições educacionais tradicionais para fugir ao declínio precisam pensar nisso. É questão de sobrevivência;
2. é preciso formar uma comunidade em que os universitários não se ancorem mais no passado e sim no futuro, buscando só novas ideias;
3. é preciso construir uma comunidade com novas ideias e um entendimento de mundo, onde as pessoas tenham voz e respeitem os antagonismos;
4. é preciso construir uma comunidade civilizada onde as decisões obedeçam ao mundo sonhado por todas elas;
5. é preciso construir uma comunidade realmente democrática, que reflita os valores coletivos da humanidade, do nível local ao global, abrangendo as diversas culturas, ideologias e religiões.

Nunca o mundo viveu, apesar de todo o progresso tecnológico e econômico, uma realidade social tão angustiante e que causa instabilidade total para vislumbrar um futuro mais harmonioso para a humanidade (e os problemas são os mesmos do Brasil).

Num momento de sociedade desorientada¹ por que não pensar numa rede mundial universitária para estudar soluções para uma vida melhor para todos? No mínimo toda aprenderiam muito. E melhor, adaptar para projeto regional será fácil de realizar.

1 Do livro Alfabeto da sociedade desorientada, de Domenico De Masi, editora Objetiva.

WHATSAPP: UMA CAIXA DE PANDORA

(05/12/2017)

ACESSE AQUI

“Como são admiráveis as pessoas que nós não conhecemos bem.”

Millôr Fernandes

Já contei a [história do pastor evangélico](#) que enviava durante a semana pelo WhatsApp mensagens religiosas, culturais e educativas para mulheres de baixa renda e, no domingo, baseado nelas, dava aulas de aprimoramento profissional.

O WhatsApp, assim como outras redes sociais, é um grande meio de enriquecimento intelectual, mas, por outro lado, pode se transformar em um veículo de achincalhamento moral invencível. Porque todos nós recebemos, diariamente, enxurrada de comunicados de péssimo gosto e que, além de nos fazer perder tempo com sua leitura, nada acrescentam. Penso que vale a pena falarmos dessa mídia.

O WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para *smartphones* (celulares). Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos, GIFs e documentos, além de fazer ligações gratuitas por meio de uma conexão com a internet.

Mas como ele surgiu?

Por incrível que possa parecer, a criação desse serviço resultou da perda da oportunidade de emprego mais espetacular da história.

“O Facebook me recusou”, diz seu criador. “Era uma grande oportunidade de me conectar com algumas pessoas fantásticas. Estou ansioso pela próxima aventura da vida”, tuitou, em 3 de agosto de 2009, Brian Acton a seus seguidores.

Então, ele, numa prova de resiliência, se juntou a um amigo com quem trabalhara no Yahoo!, Jan Koum, e montaram o WhatsApp. Em 19 de fevereiro de 2014, o Facebook adquiriu a empresa de Acton e Koum por cerca de 22 bilhões de dólares.

Essa é a história do aplicativo que parece ser – e estar – onipresente em nossas vidas cotidianas. A ferramenta que pode se transformar num inferno por ocupar demasiadamente um tempo que poderia ser empregado para atividades mais produtivas, ou até mesmo para o descanso e para a reflexão. Isso por que correntes e vídeos de autoajuda, além de fake news (que acirram o ódio partidário, racial, de gênero, etc.). GIFs e piadinhas de humor duvidoso entulham a memória do nosso smartphone e nos obrigam a uma perda de tempo terrível, seja para lê-los, seja para deletá-los.

O WhatsApp, que mais parece um objeto lúdico do que propriamente uma ferramenta virtual de comunicação, a princípio deveria ter utilidade para fins culturais, mas enveredou por caminhos tortuosos – de bom ou mau gosto. É, sobretudo, um grande consumidor do tempo, um ladrão de horas, minutos e segundos. Os “cabeças baixas” (posição dos usuários do “Whats”) vivem, sentados ou andando, com a cabeça inclinada como que olhando para o chão, mas levam os smarts à frente.

No caderno Cotidiano da Folha de S.Paulo, de 30 de novembro, Sérgio Rodrigues escreveu artigo com o título “[Bestialógico, o democrático festival de asneiras que assola a internet](#)”. Ele trata exatamente da insanidade dos novos tempos, citando um rol de bobagens, tolices

e asneiras que rolam na internet, e claro, nos comunicadores como Facebook, Instagram e WhatsApp.

Surrupiano preciosos momentos/horas na vida dos internautas, o “Whats” parece um algoz que não respeita nada, ao contrário, está mais para uma torre de Babel achando que está aproximando pessoas, familiares, amigos, colegas e que tais, como que propondo uma “melhora de vida”. Afinal, abriu-se o palanque e a tribuna dos fechados em si mesmos para a grande aventura de falar, falar, falar, não importa se errada ou acertadamente, mas, falar, falar, falar.

Apesar de, em julho deste ano, o WhatsApp ter atingido 1 bilhão de usuários ativos por dia no mundo todo (quase um ano e meio depois de alcançar um bilhão de usuários mensais), temo dizer que se está instaurando uma grande espiral do silêncio.

E os números divulgados pelo WhatsApp são estratosféricos (e assustadores):

- 1,3 bilhão de usuários ativos por mês
- 55 bilhões de mensagens enviadas por dia
- 4,5 bilhões de fotos compartilhadas por dia
- 1 bilhão de vídeos compartilhados por dia
- 250 milhões de pessoas usam a função Status por dia

Quem já não viu um monte de pessoas checando o celular? Pesquisas indicam que, em uma conversa normal, as pessoas falam de si mesmas, em média, durante 30% do tempo; mas, nas redes sociais, esse índice sobe para 90%. Ou seja, em sua maioria, as pessoas compartilham e publicam coisas sobre elas mesmas, principalmente porque na internet o feedback é instantâneo. Alguém comenta, curte, elogia, etc.

Mas, o que não me conformo mesmo, é receber de amigos mensagens altamente pornográficas entremeadas por preces de alto fervor religioso.

Apesar deste cenário negativo, o WhatsApp pode ter missão especial porque ele facilita a comunicação entre pessoas com menos recursos econômicos. E mais ainda, ele pode ser uma extraordinária ferramenta de apoio ao aprendizado.

Veja a sua aplicação como recurso didático que a Profa. Deborah Machry, de São Leopoldo/RS, usa para incentivo à leitura de seus alunos: [Professora usa WhatsApp para incentivar leitura.](#)

Outro exemplo é o relato de experiência inovadora de alunos do curso de Gerenciamento de Projetos a distância da PUC MINAS VIRTUAL, apresentado no Congresso da ABED deste ano: [Whatsapp: a educação está em suas mãos?](#)

Estes exemplos são altamente significativos mostrando as imensas oportunidades da tecnologia no nosso dia a dia. O setor educacional precisa se dar conta que existe “muita coisa além de uma tela para olhar e de teclas para serem usadas”.

É um convite para reflexão. A educação pode estar mais perto do que imaginamos. Literalmente, em nossas mãos!¹

1 O mito de Pandora

Em tempos muito, muito longínquos, não existiam mulheres no mundo, apenas homens, que viviam sem envelhecer, sem sofrimento, sem cansaço. Pandora trazia consigo um presente dado pelo pai dos deuses: uma jarra (a' caixa de Pandora'), bem fechada, que estava proibida de abrir. Mas não se conteve e pôs tudo a perder... [Veja o mito completo.](#)

A IMPORTÂNCIA DE RESGATARMOS OS GRANDES NOMES DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

(12/12/2017)

ACESSE AQUI

“A história, as ideias, o trabalho, o empreendedorismo e os desafios dos grandes nomes da educação particular brasileira precisarão ser lembrados.”

Prof. Eletro Bonini – UNAERP Ribeirão Preto

A experiência do Conselho de Administração (CA) na estrutura organizacional da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES) nestes 15 meses de funcionamento tem se mostrada exitosa.

A presidência executiva cuida das ações institucionais de desenvolvimento junto aos organismos governamentais, trata das questões educacionais de interesse dos associados, bem como das múltiplas ações operacionais do dia a dia. Ao CA cabe pensar nas ações estratégicas e de visão de futuro, com a finalidade de perenizar a entidade. Nesse sentido, Presidência e Conselho devem trabalhar em harmonia e focados nos objetivos sociais da ABMES.

Para conhecimento, apresentamos, em um breve relatório, os trabalhos realizados e as propostas do CA para 2018. O material pode ser acessado pelos associados no site da ABMES (clique aqui). Cabe,

porém, destacar aqui alguns projetos em andamento, por serem iniciativas interessantes:

1. **Portas Abertas:** projeto apresentado pelo Prof. Antônio Veronezi, que coloca as instalações da universidade em seus períodos ociosos à disposição dos estudantes das escolas públicas, para usufruir de oferta de aulas especiais e práticas laboratoriais. Orientados por tutores, os jovens têm um contato inicial com a vida universitária. Em São Paulo há apoio da Secretaria da Educação e o projeto piloto na Unisa está em pleno andamento.
2. Estudos e análises dos seguintes tópicos:
 - a) quanto o estado investiu na universidade pública nos últimos 80 anos e resultados obtidos;
 - b) o que as famílias e alunos investiram para obter a formação universitária;
 - c) que investimento será necessário para as famílias de menores recursos terem financiamento para seus membros;
 - d) análise comparativa dos benefícios e ônus destas ações.
3. Memorial do Educador Empreendedor:

Não conhecemos trabalho de análise mais profunda para mostrar quanto a educação brasileira deve a educadores que, a partir dos anos sessenta, colaboraram com iniciativas em prol do ensino superior do país. Graças à visão empreendedora de dirigentes de entidades religiosas de todos os cultos; de instituições educacionais existentes e de outras que foram se formando no correr do tempo, o ensino superior particular desde a década de 1960 formou até hoje cerca de **96 milhões** de profissionais, enquanto o público 31 milhões. Hoje o sistema tem cerca de **2.407 IES**, enquanto no início de 1960 não passávamos de **222**.

Os anos cinquenta do após guerra dão sequência ao desenvolvimento do país, advindo do aumento demográfico e da industrialização que expande negócios e serviços. Esse contexto trouxe a exigência de recursos humanos em todos os níveis para enfrentar os desafios empresariais.

Anos sessenta, a universidade pública não tem mais espaço para atender aos que desejam estudar e há excedentes por toda a parte, que apesar de aprovados nos vestibulares não conseguem vagas para se matricular. É desta realidade que o governo, para atender a demanda por cursos superiores, conclama a iniciativa particular a colaborar com a formação de profissionais para o desenvolvimento do país. Quem decide sobre as autorizações de cursos é o Conselho Federal de Educação e, com mais intensidade, a partir de setenta, as faculdades começam a ser criadas em todas as principais cidades.

É esta história dos pioneiros educacionais brasileiros que desejamos registrar. Desde quando desembarcavam com malas cheias de projetos em Brasília e, ansiosos, rodavam pelos corredores do “Queimadinho” (sede do CFE) procurando a aprovação de seus cursos.

Queremos contar também toda a odisseia para atender as comissões daqueles tempos que vinham examinar as condições físicas. E, em seguida, instalar biblioteca, laboratórios, salas de aulas adequadas. Depois, o dia a dia de atender alunos e lidar e pagar os professores com salários condicentes, ter mensalidades adequadas, conceder bolsas a granel e, lógico, com um vestibular cheio e fila de matrículas até a esquina. Decorrente de tudo isso, dinamizando a economia local e tornando-a polo educacional.

Era uma época em que, por exemplo, tudo parava em um dia de vestibular em Moji/SP. Eram mais de 400 ônibus e não sei quantos carros. Nos áureos tempos com duas universidades, os estudantes movimentavam a economia local.

A execução do Memorial está prevista para em torno de 12 meses e contemplará também entrevistas com grandes educadores brasileiros e os familiares dos que já faleceram, recuperação de material de acervo e exposição de arquivos.

Importante lembrarmos que, as ideias, por melhores que sejam, exigem executores, foco e dedicação. Por isso, agradeço os Conselheiros que nestes 15 meses colaboraram e prestigiaram o CA com sua presença às reuniões e trabalho, bem como o secretário executivo Valdemar Ottani e a assistente Sabrina Moraes. Somos gratos também ao Presidente Prof. José Janguê e a toda equipe de funcionários, liderados pelo Solon Caldas e Lidiane Lima, que nos apoiaram no período.

2018 está logo aí e os desafios serão imensos. Importante para o país será encontrar pelo processo eleitoral as lideranças políticas que precisamos para dar continuidade ao desenvolvimento e ao bem-estar à população.

Aos associados da ABMES e aos leitores deste Blog, um Feliz Natal e um Próspero ano de realizações.

Conselheiros em exercício:

Antonio Carbonari Netto (membro licenciado)

Antonio Colaço

Antônio Veronezi

Arthur Macedo

Candido Mendes (membro nato)

Carmen Silva

Ednilton Soárez

Édson Franco (membro nato)

Eduardo Soares

Gabriel Mario Rodrigues (membro nato e presidente)

Hermes Figueiredo

Hiran Rabelo

Ihanmarck Damasceno

Jânnyo Diniz

Manoel Barros

Paulo Chanan

Conselheiros que se desligaram:

Paulo Antonio Gomes Cardim

Décio Correia Lima

É NATAL! O QUE DEVEMOS APRENDER COM A LIDERANÇA DE JESUS

(19/12/2017)

ACESSE AQUI

“Qualquer um que queira ser líder entre vocês, deve primeiro ser o servidor. Se você optar por liderar, deve servir”

Jesus Cristo

A gestão por liderança é um mantra do novo milênio em todas as áreas de atuação do ser humano: na escola, na empresa, nos relacionamentos, na vida pessoal. Ela substitui o chefe autoritário e indisponível, incapaz de encantar, criar novos líderes, colaborar e compartilhar.

Mas essa forma de gerenciamento não tem nada de novo. Para os cristãos, originou-se há 2017 anos, quando, em Belém, numa manjedoura, nasceu uma criança que, mais tarde, deu aula de liderança e recrutou colaboradores que ao longo dos séculos têm trabalhado em seu projeto por acreditarem nele.

Como um jovem filho de modesto carpinteiro, ao longo de sua curta vida de 33 anos, encantou e conseguiu milhares de seguidores? Perseverante, com foco, determinação, visão de futuro, companheirismo, comprometimento e abertura, reconheceu o potencial de 12 pessoas (ainda que uma delas tenha se desvirtuado...) e as treinou para um projeto que continua funcionando e se reciclando.

Vale ressaltar que Ele já aplicava as modernas [metodologias ativas](#)¹. Sua autoridade resultava autenticamente de influência sobre o pensamento, comportamento e comprometimento dos liderados. Associava a isso uma proatividade invejável, exercendo predomínio e domínio incontestes, perfil mais do que exigido na atualidade. Jesus encarnava as características de um líder visionário: comunicação, carisma, criatividade, capacidade de assumir riscos e planejamento estratégico. Sabia que a ocasião pode sempre criar uma necessidade; mas, se a necessidade é forte, terá de ser ela a fazer a ocasião.

Jesus, como autêntico líder, nunca exigiu de seus liderados qualquer comportamento que ele mesmo não demonstrasse. Embora fosse o mestre e o líder da sua equipe, estava sempre disponível para conversar. Aberto a opiniões tinha tempo para as pessoas, sempre atento ao bem-estar dos seus colaboradores. Amou-as como elas eram; ciente das suas reais necessidades e interesses, tratou-as com respeito e dignidade.

Legado é o que é transmitido às gerações que se seguem, a herança imaterial que se entrega ao mundo para que o futuro seja melhor do que o presente. A marca que Jesus deixou na vida das pessoas é profunda. Ele sabia que sucesso sem sucessor é fracasso: por isso investiu em pessoas. Foi mentor.

Pobres humanos, estamos, felizmente, redescobrimo a liderança de Jesus e aprendendo a identificar o perfil dos nossos colaboradores,

1 A metodologia ativa é uma concepção educacional que coloca os estudantes como principais agentes de seu aprendizado. Nela, a crítica e a reflexão são incentivadas pelo professor que conduz a aula, mas o centro desse processo é, de fato, o próprio aluno. É possível trabalhar o aprendizado de uma maneira mais participativa, uma vez que a participação deste aluno é que traz a fluidez e a essência da metodologia ativa, cuja proposta é aperfeiçoar a autonomia individual do aluno, desenvolvendo-o como um todo, para que ele seja capaz de compreender aspectos cognitivos, socioeconômicos, afetivos, políticos e culturais.

selecionar alguns, capacitá-los, dar-lhes direcionamento, avaliar o seu trabalho e, principalmente, incentivar e abraçar nossa equipe.

Apesar de contaminado por forte pressão comercial, o Natal é reconhecido como uma data especial não só para reunir familiares, mas sobretudo para refletir sobre nossas ações. O equilíbrio entre expressão espiritual, emocional, mental e dimensão física formam a base da liderança visionária, que necessita de valores universais, visão clara, relacionamento que estimule o sentimento de posse e pertencimento das pessoas e uma ação inovadora.

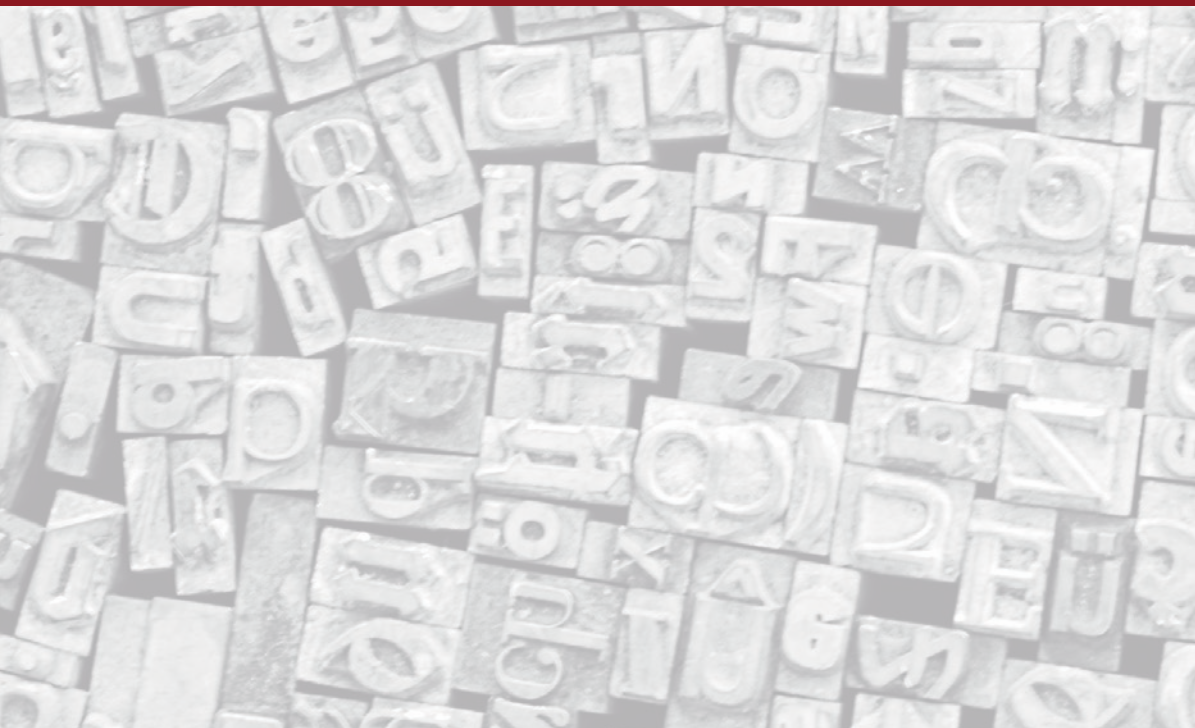
Que o Natal seja a oportunidade de percebermos que a solidez de um conjunto bem guiado leva ao sucesso. Como Deus, como homem e como história Jesus Cristo é, o líder visionário de maior sucesso na história. Que Seu exemplo nos inspire para transformarmos velhos paradigmas, a criar estratégias além dos pensamentos convencionais, utilizando tanto a razão quanto a emoção, a perceber que não há máquina mais poderosa do que a fé nas pessoas.

Nossa missão, como educadores, é formar líderes para que a humanidade possa cada vez mais se desenvolver com equidade, respeito, parceria e criatividade.

Feliz Natal e um ótimo 2018!



2018



LEÔNCIO DE CARVALHO — O VERDADEIRO PATRONO DA EDUCAÇÃO PARTICULAR BRASILEIRA

(16/01/2018)

[ACESSE AQUI](#)

“Na década de 1870, a elite intelectual brasileira estava atenta aos progressos educacionais que circulavam pela Europa e Estados Unidos. Do ponto de vista global, tudo leva a crer que esse foi um período marcado pela internacionalização da educação moderna”

Rosa Fátima de Souza – Revista Brasileira de História da Educação, v. 13, n. 33, 2013

2018 no horóscopo chinês é o Ano do Cão¹. Apesar do dito popular que atribui ao animal todas as mazelas, nada disso teremos pela frente. Conforme o vaticínio asiático, haverá mais tolerância, mais

1 Buda teria convidado todos os animais do reino para um encontro em determinado ano novo chinês, mas somente 12 teriam aparecido. Como agradecimento, ele teria atribuído o nome de cada um aos anos e determinado que as pessoas nascidas naqueles períodos herdariam traços das personalidades desses animais. De acordo com o Mestre I Ming, orientador e assessor da Sociedade Feng Shui no Brasil, o próximo ano se caracteriza pela Terra Yang, que traz firmeza e credibilidade. Dessa forma, 2018 será o ano do Cão, que representa fidelidade e constância. Mestre I Ming revela que, para 2018, prevê-se o acontecimento de artilharia e fogo cruzado, intensificação de guerras frias entre países, queda nas vendas e conflito nos relacionamentos.

empatia e tudo acontecerá para que o ano seja repleto de satisfações. Pontos fortes deste novo ano serão a lealdade, a honestidade e a fidelidade. Sábias e milenares predições que tanto precisaremos ter para um 2018 espetacular para todos nós e para o Brasil.

Por curiosidade, quis pesquisar quantas mensagens os terráqueos trocaram pela internet neste Natal e fim de ano. Não encontrei nada, mas deve ter passado de dezenas de trilhões e com mais de centenas de milhares de horas de interconexão.

Quando já ia ficando decepcionado com a Google – o oráculo dos novos tempos, que não deixa passar nada, que escolhe com altíssima taxa de acerto o que pensa ser mais adequado para nós – recebo pelo WhatsApp uma “blague” da Pizzaria Google, que adquiriu a Pizzaria do Gordo e surpreende todos os clientes por conhecer seus hábitos de consumo e sua vida pessoal, antes de eles fazerem o pedido:

- Alô! De onde falam?
- Google´s pizza.
- Mas este telefone não era da Pizzaria do Gordo?
- Sim senhor, mas a Google comprou.
- OK. Anote meu pedido.
- O Senhor vai querer a de sempre?
- A de sempre? Você me conhece?
- Segundo nossa planilha de dados do identificador de chamadas, nas últimas 12 vezes, o senhor pediu meia quatro queijos, meia calabresa, massa grossa.
- Tá! Vai essa mesmo...
- Posso sugerir-lhe, desta vez, meia ricota, meia rúcula com tomate seco.
- O quê? Odeio verduras.
- É que seu colesterol não anda bom, senhor...
- Como você sabe?
- Cruzamos o número de sua linha fixa com seu nome, pelo guia de assinantes. Temos o resultado dos seus exames de sangue dos últimos sete anos. Além disso, segundo dados da seguradora, o senhor tem consultado um cardiologista.
- Ok, mas eu não quero essa pizza! Já tomo remédio...
- Desculpe-me, mas o senhor não tem tomado remédio regularmente. Pelo nosso banco de dados comerciais, faz quatro meses que o senhor adquiriu uma caixa com 30 comprimidos para colesterol com desconto na Rede Drogasil, onde é cadastrado. Parcelou em três vezes sem acréscimo, conforme informações da administradora do seu cartão Visa final 5692.
- Posso ter comprado com cheque ou dinheiro, seu esperto...
- Só se foi em dólares não declarados. O senhor emitiu apenas dois cheques nos últimos três meses, segundo seus dados bancários. Suas retiradas em dinheiro costumam ser de R\$ 750,00 e ocorrem pouco antes do dia 10, possivelmente para pagar sua empregada que recebe esse salário desde maio.
- Até o salário da empregada... Como você sabe?
- Pelo valor do INSS que o senhor recolhe mensalmente através do banco online.
- Vá se danar, seu metido!
- Me desculpe, senhor, utilizamos tais informações apenas com a intenção de ajudá-lo.
- Chega! Estou de saco cheio de Google, Facebook, Twitter, WhatsApp, tablets, falta de privacidade. Vou para as ilhas Fuji ou, sei lá, para outro lugar sem internet, TV a cabo, onde celular não dê linha e com ninguém para me vigiar.
- Entendo, senhor... Só uma última coisinha...
- O que foi agora?
- Seu passaporte está vencido.

Por outro lado, transcrevendo o passado, a Google mostra-nos um ministro do Império de quem pouco ouvimos falar. Ele abriu as portas para o ensino particular no Brasil e conseguiu projetar para este século os números expressivos que o setor atingiu.

Evidentemente, a história do ensino superior privado se confunde com a história econômica, política e social no Brasil. Formou-se no

vácuo dos atos executivos e legislativos; no calor dos antagonismos das correntes pedagógicas e filosóficas; na efervescência das culturas da época, que atravessam documentos, discursos e mitologias; no pioneirismo das IES particulares; nas relações do Estado com a Igreja e também com missões não católicas.

Na maioria dos países da América Latina, o setor privado nasceu com as escolas e universidades católicas. Mas as instituições de ensino católicas que se estabeleceram nas Américas não eram rigorosamente privadas. Eram, na verdade, tão públicas quanto privadas, pois dependeram do Estado durante todo o século 19, 20 e 21, em que o setor privado é predominantemente laico e estruturado como instituição moderna, eficiente e, em alguns casos, globalizada.

Eis agora a nossa personagem: em 1879, ou seja, dez anos antes da Proclamação da República, o ministro e conselheiro Carlos Leôncio de Carvalho ^[22] fez a última e mais profunda reforma educacional do Brasil Império. Ele foi o inovador do ensino mais audacioso e radical daquele período. Carlos Leôncio foi quem, pela primeira vez, declarou apoio à abertura da educação à iniciativa privada, pelo [Decreto nº 7.247, de 19/04/1879](#).

Até 1891 não havia no Brasil IES particulares, tampouco as poucas instituições públicas eram totalmente gratuitas. Curioso como

2 Carlos Leôncio de Carvalho, nasceu em 18 de junho de 1847, na cidade de Iguaçú, na província do Rio de Janeiro, era filho do Dr. Carlos Antonio de Carvalho. Estudou na Faculdade de Direito de São Paulo, concluindo os estudos em 1868. Prestou concurso, em 1871, para professor nessa Faculdade e nele foi aprovado, sendo nomeado membro catedrático em 1881. Foi convidado para ocupar a pasta dos Negócios do Império no gabinete de 15 de janeiro de 1878, tendo sido eleito deputado pela província de São Paulo no mesmo ano, permaneceu na Câmara até 1881. Leôncio de Carvalho, por meio do Decreto de 19 de abril de 1879, reformou a instrução pública primária e secundária no Município da Corte e o ensino superior em todo o Império, este deu origem aos Pareceres/Projetos de Rui Barbosa intitulados Reforma do Ensino Secundário e Superior (1882).

pouca gente sabe, mas Leôncio de Carvalho, personalidade extraordinária, pouco conhecida, entendia que muito devia ser feito para imprimir um impulso à educação no Brasil. Entre as medidas necessárias que propunha, estava a liberdade de ensino, isto é, dar oportunidades a todos os educadores de expor suas ideias segundo o método que lhes parecesse mais adequado.

Apesar das afirmações explícitas em favor da iniciativa privada, as consequências da Reforma Leôncio de Carvalho seduziram mais os pedagogos do que os grupos políticos liberais. Até porque os conservadores, a outra ponta do duelo partidário na época, também eram aderentes à ideia de abrir o ensino superior à iniciativa privada. O problema não era, portanto, político, mas de natureza prática. Quem se habilitaria a abrir escola superior particular em um país de regime monárquico em decomposição e com tão pouco contingente de formandos de nível secundário?

Por volta de 1891, São Paulo, que logo lideraria o processo de industrialização do país, já demonstrava grande desejo de propiciar autonomia à iniciativa privada na educação superior.

Depoimentos aqui e ali assumiam publicamente opiniões como “já não é mais tempo de esperar tudo do governo”, ou “é preciso que o povo se convença de que a sua felicidade depende da instrução”, ou “a instrução só será profícua, larga e democrática, tocando a todos, quando for generosamente mantida pelo próprio povo”.

Até a Proclamação da República (1889), havia apenas 14 escolas de nível superior no Brasil, todas públicas. A Escola de Engenharia Mackenzie, em 1896, foi a primeira instituição particular a funcionar. Em 20 anos, porém, foram criadas 56 novas instituições de ensino superior, na sua maioria privadas. Ao todo eram 70 IES (faculdades isoladas) em 1918, que funcionavam independentemente.

Na virada para o século 20, o Brasil era o único país da América Latina a não possuir uma universidade, exigência integradora em qualquer projeto nacional de educação superior. Mais de cem anos após a criação dessas e tantas outras IES pelo Brasil, o setor privado atingiu um expressivo grau de complexidade, vitalidade e importância social.

Entre 1980 e 2001, 4.1 milhões de estudantes se graduaram em IES particulares, o dobro dos graduados em IES públicas. Para os anos seguintes os números foram exponenciais. De graduação em graduação, dinamicamente, o setor privado de educação superior brasileiro evoluiu com velocidade surpreendente.

Os números de hoje, todos conhecem: 7 milhões no ensino privado.

Como se vê, Carlos Leôncio de Carvalho, ministro do Império, bem que merecia o posto de Patrono da Educação Superior Particular do país. É o que propomos.

O DESAFIO DA MODERNIZAÇÃO DOS CURRÍCULOS UNIVERSITÁRIOS

(23/01/2018)

ACESSE AQUI

“O aprendizado contínuo para se adaptar às mudanças globais e a estratégias de inovação são cada vez mais necessários para os países manterem a economia em crescimento.”

Thomas L. Friedman

A evasão no sistema universitário brasileiro é assustadora, quer nas instituições particulares quer nas públicas. O professor Naercio Menezes Filho mencionou em artigo no [Valor Econômico](#) do último dia 19 que em 2014 a taxa de abandono acumulada de estudantes que se matricularam nas faculdades particulares em 2010 foi de 53% e nas públicas de 40%.

Deve haver mais de duas dezenas de motivos para isso ocorrer, mas certamente a desatualização dos planos curriculares é um deles. A polêmica sobre a ineficiência do ensino superior não é nova, porém adquire contornos mais definidos neste início de século onde velhos paradigmas estão sendo rompidos e, cada vez mais, o diploma universitário perde seu valor e não capacita o desenvolvimento das capacidades cognitivas dos estudantes, como seu espírito crítico e sua capacidade de resolver problemas.

Hoje a questão não é saber se os alunos aprenderam conteúdos específicos de conhecimento; é se eles estão aprendendo alguma

coisa. De saída podemos apontar para a péssima formação do ensino básico. E, depois, com a universidade, que não acompanha o mundo em transformação. No fim, o estudante entra na faculdade e sai da mesma forma que entrou.

É isso o que pensa o ex-reitor da Universidade Harvard [Derek Bok](#). “Apanhou muito” com os líderes acadêmicos quando apontou que, apesar dos seus muitos benefícios, as faculdades e as universidades americanas “oferecem muito menos para seus alunos do que deveriam (...) Muitos formados deixam a instituição com um diploma cobiçado e dispendioso sem poder corresponder o suficiente para satisfazer os empregadores (...) ou raciocinar claramente ou executar de forma competente a análise de problemas complexos e não técnicos”.

Segundo ele, convém abraçar as mudanças e correr riscos para manter a Universidade Harvard moderna por meio de constante revisão curricular.

“O ensino superior americano é uma bagunça. Com altos custos, baixas taxas de graduação, professores infelizes e estudantes amedrontados, as universidades estão prestes a ser radicalmente desestabilizadas, por mudanças maciças e tecnicamente impulsionadas”, escreve ele em seus artigos. A tarefa de entender que a universidade não pode funcionar, como vem atuando até agora é questão de sobrevivência do próprio sistema.

O artigo do “Daily Signal”, publicado pela [Gazeta do Povo](#), mostra o emburrecimento dos currículos universitários americanos. Derek Bok, duas vezes presidente da Harvard, é citado pelo seu livro “Educação Superior na América”, que é uma análise dos desafios e oportunidades que as faculdades e universidades americanas enfrentam.

À preocupação em manter Harvard sempre atual somou-se a preocupação de delinear as atuais necessidades da sociedade e dos cidadãos de um tempo histórico marcado, entre outros fenômenos, por um mundo de comunicação em tempo real, pela integração das culturas, pelas necessidades humanas globais, pelo cuidado com o meio ambiente e pelas novas formas de produção de conhecimento.

A estratégia adequada expressa-se no núcleo curricular (*core curriculum*) descrito como mais enfático no domínio do pensamento do que no de conteúdos disciplinares. Com base nesse entendimento, foi delineado o que o estudante deveria desenvolver para assegurar as condições básicas de um indivíduo educado para o século XXI.

Sua proposta curricular está organizada por meio de impactantes teorias, múltiplas disciplinas e tradições disciplinares. Não serão mais cursos introdutórios para disciplinas, quaisquer que sejam, nem cursos de responsabilidade de um departamento específico. Serão cursos integrados, rompendo com a perspectiva disciplinar que tem definido a vida acadêmica da universidade moderna.

Qualquer que seja a escolha, a meta principal é o fortalecimento da capacidade crítica, do pensamento reflexivo, do desenvolvimento da argumentação fundamentada, da capacidade da leitura, da escrita, da apresentação oral e da capacidade de interpretar e utilizar os métodos quantitativos quando forem apropriados. Relacionar-se bem, dominar as técnicas de liderança e no século da inteligência usar suas capacidades criativas. Cabe à universidade criar as condições para essa inovadora forma de ensinar e apoiar a preparação de seus professores para esse novo desafio curricular.

Aqui no Brasil o domínio das competências sócio-emocionais também é reivindicado como um dos objetivos principais do ensino superior. Mas o compromisso com ele parece muito distante da realidade.

“A chave para a reforma educacional”, escreve Bok, “consiste em reunir evidências que convencerão os professores de que os métodos de ensino atuais não estão realizando os resultados que a sociedade espera de seu sistema educacional”.

E, por incrível, essas são justamente as habilidades que os empregadores esperam cada vez mais dos graduados com diploma de ensino superior. Uma pesquisa de 2013 sobre empregabilidade, feita pela *Association of American Colleges and Universities*, constatou que 93% dos empregadores dizem que a capacidade de pensar de forma crítica, comunicar-se com clareza e resolver problemas complexos é mais importante do que a graduação de um candidato.

Estamos num novo tempo onde a economia, a tecnologia e o meio ambiente estão transformando a realidade em que a humanidade vivia. O fato é que a sustentabilidade do planeta necessita de pessoas cada vez mais preparadas técnicas, profissional e socialmente para enfrentar os desafios da competição global, das demandas sociais e da qualidade de vida das pessoas.

Ao nosso ver, a questão de um curso universitário não está só na estruturação de um bom currículo. E a responsabilidade de encontrar caminhos e soluções para isto deve estar além do sistema universitário, com o estado, com as empresas, com os professores, com os especialistas e com os trabalhadores. Mas, acima de tudo, com as próprias pessoas, em buscar seu desenvolvimento contínuo.

A FORMAÇÃO EDUCACIONAL E O TRABALHO NO FUTURO

(30/01/2018)

[ACESSE AQUI](#)

“Se você pensar na universidade atual, logo vai pensar nas estruturas rígidas que fazem parte da rotina acadêmica: a ideia de classe, de curso, de disciplinas, de crédito, de departamentos. No entanto, nenhuma delas é algo real. O que é real são os alunos. O conhecimento das coisas é real. Ser capaz de fazê-las também é algo real. As pessoas, no futuro, vão encontrar formas alternativas de ensinar essas coisas. É a partir desse processo que o disruptivo aparecerá”

do guru da internet Clay Shirky

No meu último artigo para o blog da ABMES, “[O Desafio da modernização dos currículos universitários](#)”, expus a preocupação com a realidade da educação superior. O tema atraiu a atenção de leitores amigos, que, em suas observações, mostraram ser importante tratar a questão com mais profundidade.

Destaco alguns aspectos das mensagens recebidas, que podem ser conferidas na íntegra nos comentários ao artigo ([clique aqui para acessar](#)). Segundo Thiago Dantas, “é um tema delicado que poucos dão atenção e está relacionado à própria sustentabilidade do Setor” A profa. Cecília Anderlini comenta que, mesmo estando às voltas com o as decisões dos órgãos regulatórios, as instituições ainda encontram espaços para com criatividade, envolver seus alunos em

projetos escolhidos. A profa. Mirian Nere enfatizou que estudantes de todos os níveis precisam também ser ouvidos, mas, no fim, o mais importante é a preparação dos professores. O prof. Paulo Vadas diz que o desenvolvimento de competências socio-emocionais é pertinente, relevante e vai ao encontro das necessidades do mundo real. Estamos falando das competências pessoais (refletivas, comportamentais, decisórias), socioculturais (valorativas, reflexivas, relacionais) e profissionais (performativas). O prof. Raulino Tramontin (5) relaciona mais de 20 itens que, em síntese, dizem:

“O mundo mudou, a tecnologia mudou, as empresas se modernizaram em seus processos produtivos, tudo se tornou virtual, automático, nano e nós continuamos presos a um sistema tradicional que preserva a burocracia e o poder, O sistema está esgotado como um todo e o pior é que o ensino público demonstra uma fragilidade, um corporativismo atávico perigoso que apenas consome recursos e não se renova, não se reimagina e não se reestrutura”.

Fora estas questões, há a concorrência pouco ética entre instituições educacionais, como vemos com frequência. Isso mostra que, embora essencial, a captação de matrículas não pode ser o único objetivo empresarial. Bom projeto educacional também atrai alunos.

Planeta em transformação exponencial exige que novas abordagens sobre o desenvolvimento do sistema empresarial e de seus impactos na vida das pessoas sejam analisadas. Capacitação para o trabalho do futuro é tema relevante, discutido na semana passada, no Fórum Econômico Mundial 2018, em Davos.

Andrew McAfee, pesquisador do Centro de Negócios Digitais do MIT, aponta as três tendências modernas que estão transformando a humanidade: o avanço da inteligência artificial, o poder das plataformas de negócios e as implicações em rede. Tudo é novo e se move com velocidade incrível, sem querer saber de governos e de espaços geográficos.

Estudo da consultoria McKinsey aponta que no mundo entre 400 milhões e 800 milhões serão afetados pela automação até 2030, a depender do ritmo de avanço tecnológico. Só no Brasil, o impacto será em 15,7 milhões de trabalhadores.

A consultoria International Data Corporation (IDC) prevê que em 2020 mais de 75% do valor das empresas americanas virá de ativos intangíveis, como plataformas digitais.

O problema é de todos, cita o Prof. José Pastore em seu artigo “Como será o trabalho do futuro?”, publicado no Estadão de 25/01.

“A preocupação é geral. Multiplicam-se os estudos que antecipam uma grande destruição de empregos e de renda, em decorrência da automação e da inteligência artificial na execução não apenas nas tarefas repetitivas, mas também das intelectuais e mesmo das emocionais”.

Lembro que, há dez anos, conversando com um RH de uma das maiores agências recrutadoras, ele dizia que inicialmente as escolhas de recém-formados era baseada no preço das mensalidades das faculdades. Seria lógico que as de maior preço deteriam os estudantes de melhor qualificação, devido à proveniência social. Só que mais tarde perceberam que os alunos oriundos das faculdades mais baratas tinham mais determinação. Eram mais colaborativos e queriam vencer na vida. Assim, passaram a escolhê-los.

Última novidade, o “Recrutamento às cegas” começa a ganhar espaço nas empresas que procuram alto rendimento e uma maior diversidade no quadro de pessoal. A seleção é feita sem necessidade de informações como gênero, idade, cor da pele, estado civil e **formação profissional**. O que interessa é conhecer suas competências no trabalho efetivamente realizados e como reage socio-emocionalmente com os desafios e com as pessoas. O diploma está com os dias contados.

A educação formal não vai resistir assim como está. O maior problema é a burocratização que engessa o sistema, porém, por outro lado, também protege as instituições de ensino superior (IES). O mais importante tem sido seguir a regras regulamentadoras com o foco principal na sustentabilidade das IES. Em razão disto, os alunos não conseguem enxergar mais a relevância ou a pertinência da instituição. Principalmente porque as IES mantêm um só modelo, defasado, que não atende a individualidade de cada um e o diferencial que cada aluno quer desenvolver.

O grande desafio do setor é perceber que não há mais tempo a perder. Tudo que escrevemos diz respeito a um posicionamento que precisa ser tomado por suas entidades representativas. Nossa atividade está em perigo e não vai ser o MEC que vai resolver.

Há uma nova realidade em andamento que mexe com os países, com a tecnologia, com a economia, com as empresas, com as instituições educacionais, com os professores, com os trabalhadores e com os estudantes e que precisa ser compartilhada por todos, na busca de soluções.

O sistema universitário como conhecemos até agora está com os dias contados. Não vai ser um artigo como o nosso que vai pretender dar soluções, um manual, ou um livro. Além disso, num país de extensão territorial como o nosso, onde a burocracia docente tem um poder associativo considerável, vai ser um trabalho insano persuadi-los de que a comunicação educacional terá de se adaptar aos novos tempos. É necessário compartilhar vivências e intercambiar informações. Observar sem atitude as mudanças que estão ocorrendo, de braços cruzados, será o fim de nossa atividade. E a atitude precisa partir de cada um de nós, pois certamente preocupados com o futuro é que os governantes não estão.

EDUCAÇÃO DO SÉCULO 21: OS DESAFIOS DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO, DO CONHECIMENTO E DA APRENDIZAGEM

(06/02/2018)

ACESSE AQUI

“A lógica das redes é uma característica predominante desta nova sociedade, que facilita a interação entre as pessoas, podendo ser implementada em todos os tipos de processos e organizações, graças as recentes tecnologias da informação e comunicação.”

Prof. Manoel Castels

Tenho proposto uma discussão aqui no ABMES Blog sobre como o sistema educacional deve se preparar para capacitar gente com o objetivo de atender a realidade do trabalho de um mundo em vertiginosa transformação. Tudo está se modificando, todos os setores, e o mesmo vai acontecer com nosso secular sistema de aprendizagem.

De maneira exponencial e diferente da tranquilidade de tempos atrás, onde tudo era previsível, hoje tudo muda a cada instante, como mostra Ricardo Guimarães nesse vídeo sugestivo:

[Link para o vídeo](#)

A tecnologia, as empresas, o meio ambiente, as relações humanas, o professor, o aluno e como as pessoas vão conviver e trabalhar, tudo isso vai demandar que o sistema educacional se adeque e se rein-

vente. Por esta razão, não posso deixar de trazer mais contribuições que recebi ao meu artigo anterior: A formação educacional e o trabalho no futuro.

O Prof. Victor Mirshawka Jr. salienta que, para o Brasil ser um país inovador, precisará ter um sistema educacional renovado desde a primeira infância à pós-graduação. A Profa. Norma critica o canibalismo competitivo entre as instituições. “Ninguém percebe que as escolas não vão aguentar a guerra da captação de alunos. Numa cidade de 100 mil habitantes, onde 3 faculdades presenciais disputavam o mercado, o que vai acontecer agora com a implantação de 12 polos de EAD?” Não há dúvida: “neste caso, vai ganhar o jogo quem oferecer o menor preço e entregar o diploma em menos tempo”. É como há algum tempo, nos EUA, quando a disputa era tanta que o diploma já era entregue na hora da matrícula.

Há uma bela contribuição do Prof. Ricardo Zanotta, da PUC-SP, que transcrevo por ser interessante e proativa:

- 1. Redes de colaboração e compartilhamento:** O ensino e a aprendizagem em redes de colaboração e compartilhamento precisam ser estruturados a partir das instituições de ensino, e não pelas redes sociais. O Facebook e o WhatsApp já mostraram o número impressionante de participantes destas comunidades digitais. O primeiro atingiu no ano passado 2 bilhões de usuários e no Brasil 117 milhões. O desafio agora é transformar o conteúdo produzido coletivamente nessas redes em conhecimento aplicado para desenvolver o mundo. É vocação natural das instituições de ensino, que poderiam acordar, estudar a fundo o funcionamento e recursos de todas as redes e plataformas disponíveis para utilizá-los em favor da produção compartilhada desse conhecimento.
- 2. Ensino por desafios:** quando o acesso ao conhecimento é amplo e escalável, sua transmissão é facilitada e acelerada. Uma dinâmica muito mais rápida da tradicional relação aula, professor e alunos.

No processo cognitivo atual há a passividade dos estudantes perante os conhecimentos que os professores transmitem. Essa relação foi radicalmente impactada pelo acesso direto ao conhecimento. Os estudantes invertem o processo cognitivo e se tornam ativos, atuando em conjunto com os professores. Agora facilitadores, indicando fontes e caminhos bibliográficos a serem percorridos. A dinâmica de sala de aula é radicalmente alterada e a aprendizagem ativa baseada em resolução de desafios é uma das formas mais utilizadas e bem-sucedidas para produção de conhecimento. Os desafios são lançados, as fontes e caminhos a serem percorridos para buscar conhecimentos relacionados a cada caso são indicados. Os estudantes pesquisam, trocam informações entre si e apresentam suas soluções ao professor, resultando na construção de solução coletiva da sala e da turma.

- 3. Laboratórios Makers:** O fluxo natural a partir da Resolução de Desafios é colocar tais soluções em prática, tornando-as realidade. Os Laboratórios Makers são locais providos de infraestrutura tecnológica, equipamentos, ferramentas, materiais, softwares, recursos analógicos e digitais, que permitem a materialização das ideias. A proposta é colocar a mão na massa e prototipar as soluções elaboradas. Cabe ressaltar aqui que todas os níveis de ensino e áreas de conhecimento podem se utilizar dos laboratórios, pois os estudantes, em qualquer idade, têm muito interesse e desejo em desenvolver soluções para seus próprios desafios e problemas.
- 4. Conexão real com o ecossistema:** Os estudantes desejam conhecer e interagir de forma real com os agentes dos setores onde as soluções planejadas geram impacto. O sentimento de pertencimento é um ponto crítico para a motivação de participação e engajamento, mesmo que seja para ouvir uma opinião contrária que aponte questões estruturais que demonstrem a inviabilidade das soluções propostas. A oportunidade de con-

versar com especialistas é o mais importante e esse feedback é o que faz o processo todo ter sentido, promovendo as adaptações e correções de percurso a serem implementadas para evolução e novas apresentações até encontrarem o caminho mais acertado e viável.

5. Entender o cenário mundial do futuro da educação e do trabalho:

Nas pesquisas sobre o futuro da educação e do trabalho, a ênfase normalmente recai sobre a questão tecnológica e o forte impacto dos recursos digitais no comportamento da sociedade do século 21. Anterior a isso, se faz necessário entender que o modelo econômico capitalista, predominante em quase todos os países e determinante nas regras da economia global está esgotado.

Em Harvard, os professores Michael Porter e Mark Kramer escreveram o artigo [Criação de valor compartilhado](#), onde apontam a importante tendência de que as empresas precisam planejar estrategicamente o lucro, levando em conta o contexto do lucro social a ser proporcionado, ao invés de priorizar exclusivamente o lucro financeiro.

A forte tendência da sociedade do século 21 é a de colaborar e compartilhar para construção de um mundo melhor para se viver. A educação precisa entender esse cenário e inserir-se nele, pois os valores culturais e sociais para o modelo de economia colaborativa são os fatores críticos de transformação. É a serviço deles que as tecnologias, as empresas e as relações de trabalhos estão sendo repensadas, e o mesmo precisa acontecer na educação.

Epílogo: como no ensino, tudo leva tempo. Não sei se isso vai acontecer dentro de 5 ou 30 anos. Quem sobreviver verá.

CRIATIVIDADE PARA O FUTURO DA CARREIRA DOCENTE

(20/02/2018)

[ACESSE AQUI](#)

“O espaço escolar será mais para uma questão humana de socialização, criar tarefas para equipes, mas não para adquirir conhecimento. Colocar laboratório de informática em escolas sem pensar no futuro é como jogar um balde de água doce no mar, o resultado será nulo.”

Pesquisador Vanderlei Martiniano

Todas as atividades humanas, empresarias e socioambientais estão, cada vez mais, sendo pressionadas pelas tecnologias da informação e comunicação. Em todas as áreas há mudanças que afetam a vida das pessoas e vão influir no seu modo de conviver, trabalhar e aprender.

O mundo está em constante transformação e o que foi nunca mais será. Por esta razão, tenho convocado os amigos para refletirem sobre como será o sistema de ensino aprendizagem em todos os níveis e como as instituições educacionais vão precisar se estruturar para responder a este desafio.

A uma observação feita de que nada escrevi sobre o desempenho do professor diante desta nova realidade é que comento a questão adiante.

Deixando de lado os profetas do apocalipse com seu pessimismo congênito, que pintam um futuro tenebroso para a humanidade, não podemos esquecer, que todo progresso alcançado até agora nas ciências, nas artes, na economia e na tecnologia é obra humana. Tudo que existe foi atingido pelo domínio do conhecimento dos profissionais formados nos sistemas educacionais existentes. Devemos levar em consideração que o professor em todos os níveis foi de papel preponderante para que os estudantes alcançassem seus laureis acadêmicos, científicos ou pessoais.

Há, porém, uma constatação da qual ninguém poderá fugir: o sistema intermediado pela comunicação oral está com os dias contados. A tecnologia está transformando tudo, como conta em sua palestra o Indiano Prof. Sugarta Mitra sobre a Aprendizagem do futuro.

[Link para o vídeo.](#)

Ele relata algumas experiências que realizou com alunos de diferentes aldeias indianas para analisar como aprendiam a manusear o computador e aprender Química e Inglês. Seu método era largar o computador na classe, sem explicar nada, e aparecer 2 meses depois. Êxito total e com uma mensagem final: “Daqui a pouco ninguém vai precisar ir à escola para aprender alguma coisa”.

Imagine então se o aluno tiver um tutor que o oriente e o estimule a progredir, como o Prof. Mitra fez, conseguindo 200 avós em Londres que através do Skype conversavam todos os dias com jovens indianos para treinar a língua. (Também há no Brasil “A nuvem da Vó” para ajudar o aprendizado das crianças).

O que o professor precisa saber é que, se a estratégia da comunicação oral não for mais necessária, ele precisará utilizar os recursos da criatividade para ter êxito profissional.

A geração de ideias é uma habilidade subutilizada. Muitas pessoas pensam que é um talento só para empresários, cientistas ou artistas. Mas é absolutamente necessário na sala de aula, como escreve a Profa. Luciana Santos, docente e coordenadora de Curso da Rede Senac EAD, cuja colaboração transcrevemos a seguir:

Criatividade para o Futuro da Carreira Docente

A capacidade de desenvolver a consciência histórica e de antecipar o futuro são as condições típicas somente presentes na natureza humana. É a nossa capacidade de antecipação, influencia a sobrevivência e a superação de desafios e problemas, ou seja, “imaginar o curso dos acontecimentos, inventar alternativas, calcular os riscos, finalmente, ensaiar possíveis soluções permite que, em caso de falha, ou de sumiço sejam as hipóteses e não os seus inventores” (Freyman, 2011).

Mesmo com todas as tecnologias disponíveis, o que faz a grande diferença é o valor humano das interações que podem ser digitais ou presenciais, desde de que, sejam conectadas a realizações práticas, propósitos e valores comuns.

O desafio é grande, mas o momento atual impõe a urgência por transformações velozes e impactantes como acontece em várias áreas e segmentos da sociedade.

Destaco 4 características ou tendências importantes para o professor do futuro:

- 1. Professor analítico da aprendizagem (analytical teacher of learning):** Em um mundo em que as tecnologias e ferramentas digitais permitem que os alunos aprendam 24 horas por dia, 7 dias por semana, de inúmeras formas, é fundamental que este processo forneça dados mais precisos sobre o perfil, engaja-

mento, preferências e outras dimensões cognitivas que impactam na aprendizagem. No entanto, o mais importante é o professor preparar-se para ler esse tipo de informações, para que ele possa propor intervenções significativas.

2. **Professor orientador de carreira:** essa é uma perspectiva cada vez mais presente e necessária na atuação docente, por permitir o desenvolvimento de diferentes habilidades e competências, associadas a trajetórias de aplicações voltadas a matrizes de carreira, o que se diferencia muito, das escadas hierárquicas dos componentes curriculares.
3. **Professor influenciador digital:** Esse termo foi popularizado na internet pela atuação dos youtubers, blogueiros e explodiu nas redes sociais, como Facebook, Instagram, LinkedIn. Os influenciadores produzem conteúdos acessíveis, funcionais, usando o poder na comunicação. O professor precisa compreender o potencial de transformação que está em suas mãos e usar seu capital de conhecimento e ferramentas digitais para se projetar fora da sala de aula.
4. **Professor empreendedor:** Por natureza o professor já é um empreendedor, ministrando aulas para diferentes escolas, perfis, disciplinas. Um professor empreendedor pode usar seus conhecimentos e experiências para projetar novos modelos instrucionais, idealizar novos produtos e serviços educacionais ou avançar na liderança de práticas e políticas relacionadas a educação.

O espaço é pequeno para apontar outras atuações para o professor e longe de achar que tais mudanças acontecem do dia para noite. A intenção é mostrar que boa parte desses quatro tópicos já acontecem no presente em algum nível de forma real e prática nas salas de aula.

Assim, fica a reflexão para que o professor se reveja enquanto profissional, valorize sua história, seu capital de conhecimento e expe-

riências e acredite que o seu papel na sociedade é de fundamental importância para o desenvolvimento de uma nação. Mas o mais importante é o exercício da Melhoria Contínua. É necessário expandir seus conhecimentos a cada momento. Esse diferencial é que faz a diferença.

O que falta para isso acontecer? É o professor acreditar no seu potencial criativo, inovador e empreendedor? Mãos à obra por que a roda do tempo não para.

A ESCOLA NAS NUVENS

(27/02/2018)

[ACESSE AQUI](#)

“Usar ou não usar novas tecnologias na educação já não é mais a questão. Afinal, o uso da tecnologia faz parte da vida das novas gerações fora da sala de aula e, por isso, a sua aplicação em benefício da educação pode ser considerada um importante caminho para aumentar o dinamismo das aulas”.

Aline Caron Moroz

Vereadores de Icó, no Ceará, [aprovam lei que reduz pela metade a carga horária e os salários de professores](#), na última quinta-feira, dia 22. O Sindicato dos Professores de Icó informou que, com essa medida aprovada, 362 professores serão diretamente afetados. Com a redução dos salários dos docentes pela metade cai também a carga horária. Só falta a prefeita sancionar a lei e ela diz que a folha de pagamento do município já ultrapassa o teto estabelecido pela Lei de Responsabilidade Fiscal. Por tal medida, Icó, com perto de 68 mil habitantes, está definitivamente riscada do planeta.

Ler sobre o fato acima é inimaginável para Vanderlei Martinianos¹.

1 Profissional do campo da Engenharia das Tecnologias Educativas pela Université de Poitiers na França. É graduado em analista de sistemas pelas Faculdades Integradas Anglo Americanas, no Brasil. Tem MBA no IAG da PUC-Rio e especialização na Fordham University e outras universidades americanas. Em Paris é diretor no IRDNA, um instituto voltado ao tema da Neuroeducação e responsável pela implantação do mesmo no Brasil. Atualmente lidera a fundação de um instituto chamado IPANE para radicalizar na implantação de novos métodos educativos e formar pessoal especializado para escolas futuristas bem como certificar e aplicar conhecimentos da área.

pesquisador incansável em busca de inovações radicais na educação, atuante como consultor em gestão de projetos e palestrante futurista da educação.

Ser um futurista da educação é simplesmente pensar de forma ampla e detalhada as implicações da educação do futuro e estar antenado com a comunidade de futuristas, com os acadêmicos e empreendedores, com as principais tendências tecnológicas que possam elevar o padrão da educação de forma particular e no geral.

Martinianos é empreendedor nato e defensor de uma nova educação que seja massiva, global e personalizável (a la carte), privilegiando o uso das diversas categorias de inteligências bem como dos perfis psicológicos, objetivando melhorar a retenção de conhecimento e eliminar redundâncias e desperdícios no currículo escolar. Acredita no poder dos MOOCs mas insiste em uma mudança total da forma que os mesmos são projetados na atualidade.

Nas palestras que fez na Campus Party em 2016, Martinianos fala sobre as projeções tecnológicas para o futuro e advoga a favor do uso das tecnologias educacionais e de nos prepararmos na prática sobre ensinar e aprender neste futuro que será cada vez mais dominado e dependente de tecnologias avançadas. As máquinas terão amplo poder de processamento e um tipo de inteligência muito similar à humana, e todo o paradigma da educação terá de mudar em função desta nova realidade.

A educação do futuro será imperativamente personalizada, todo estudante será conhecedor do seu perfil de forma a gerar estímulos que façam sentido ao seu padrão biológico.

[Link para o vídeo](#)

Nessa palestra (O Futuro das Tecnologias Educativas), Martinianos diz:

“É impressionante como os indicadores apontam que estamos categoricamente em uma nova revolução. Inúmeras são as profissões nascendo ou ganhando maior visibilidade no mundo: engenheiros, neurocientistas, engenheiro educativo, geneticistas e neuropolíticos. Enquanto várias outras sofrem mudanças radicais: motoristas, professores, enfermeiros, pilotos de avião e telemarketing. O novo estilo de educação não deixa dúvidas de que estas alterações profissionais surgirão com maior intensidade. O conhecimento já está na nuvem”.

Ele nos dá ainda um “aperitivo” de como a educação já está chegando nos principais países do mundo:

1. A trajetória do aluno vai contar muito. O bom currículo não estará mais relacionado à quantidade de cursos que ele tenha participado ou concluído, mas sua experiência real, nível de inventividade, capacidade crítica e, especialmente, sua visão de mundo.
2. Prototipar, testar, reconstruir e tirar conclusões. Aprender como as coisas funcionam produzindo com as próprias mãos. Os cálculos são imprescindíveis para se construir uma ponte, entretanto, ao imprimir uma miniatura em 3D, o aluno poderá testar os materiais e entender a necessidade de elaboração dos cálculos.
3. Cada aluno apreende o conteúdo de uma maneira: escrevendo, observando, lendo ou assistindo um vídeo. As competências cognitivas de cada criança poderão ser identificadas por meio de testes de DNA, íris ou sangue. Assim, conhecendo a fundo o aluno, poderemos entregar a ele uma metodologia de ensino personalizada e indicar, inclusive, quais as áreas que mais combinam com sua personalidade.

A escola deve romper a diferença entre aluno e professor, colocando todos em pé de igualdade. Os novos educadores, agora, têm a missão de serem tutores de seus alunos e não mais donos do conhecimento ou detentores das ciências em seus cérebros enciclopédico.

CAMPUS PARTY: UNINDO TALENTOS, CRIANDO FUTURO

(06/03/2018)

ACESSE AQUI

A Campus Party Brasil chega à sua 11ª edição consolidando-se como a maior experiência de tecnologia, inovação, criatividade e universo digital do Brasil (e um dos principais da América Latina). Entre os dias 30 janeiro e 4 de fevereiro de 2018, reuniu 12 mil pessoas acampadas (os chamados ‘campuseiros’), 870 palestrantes e cerca de 100 mil visitantes no pavilhão de exposições do Anhembi, em São Paulo.

Inegavelmente, o evento a cada ano se agiganta e não foi diferente nesta edição. O maior evento de tecnologia e cultura nerd da América Latina conquistou definitivamente o gosto e interesse dos jovens, vindos de todas as partes do país para viver e compartilhar a experiência, que a cada evento elege um eixo. Desta vez foi a diversidade.

Durante os cinco dias de atividades, foram geradas 900 horas de conteúdo, sendo dezenas de palestras sobre temáticas atualíssimas ofertadas por centenas de painelistas. Marcadas com a hashtag #CPBR11, o material pode ser consultado [aqui](#).

Tudo na mais perfeita ordem, pontualidades, limpeza, sem incidentes. Pelo contrário, muita confraternização entre os “campuseiros” que já se conheciam das dez oportunidades anteriores sob a máxima de “Unimos Talento. Criamos Futuro.”

Iniciativas das mais variadas estavam lá representadas em estandes ou através de palestrantes e grupos de trabalho de diversas tendências de pensamento. A *Open Campus*, pavilhão aberto ao público (que reuniu desde famílias inteiras até os famosos cosplays, pessoas que se fantasiavam de personagens da cultura pop), teve como marca principal ações voltadas para o entretenimento.

Empresas de mídia e games, do setor energético, *startups* de todos os portes, produtoras de simuladores e drones apresentaram inovações pontuais em seus respectivos segmentos, que já estão colocando no mercado. Já no pavilhão reservado aos campuseiros, a densidade das atividades foi maior. Os jovens que contrataram o pacote de R\$ 350 para ter acesso completo às palestras e aos grupos de trabalho, além do direito a uma barraca para acampar durante sete dias, utilizaram tal confinamento para colocar em movimento a chamada *cultura maker*, que nada mais é do que o ato produzir (material ou imaterial), baseados em princípios de compartilhamento e cooperativismo.

Ali era possível observar os *geeks* se divertindo, é claro, mas também se reunindo para programar computadores; projetando parcerias na criação de *startups*; participando de grupos de discussão sobre criptomoedas e *blockain*; debatendo o futuro do modelo *cyborg*; desenvolvendo *games*; criando ferramentas baseadas na internet das coisas (IoT), entre outras tantas atividades.

A distância entre a Campus Party Brasil e as instituições universitárias

A edição deste ano reservou um espaço para o tema “a educação do futuro”, com o objetivo de refletir sobre como as transformações tecnológicas estarão impactando os futuros cenários educacionais e mercado do trabalho.

Capitaneado pelo MIT Media LAB, da *Massachusetts Institute of Technology*, e pelo Centro Paula Souza, do governo do estado de São Paulo, o ambiente reuniu profissionais e estudantes do ensino infantil, fundamental e médio para trocar conhecimentos e conceitos de programação e robótica, a fim de estimular desde cedo uma nova forma de ensinar, projetando as carreiras do amanhã.

No entanto, há de se destacar o hiato entre a vanguarda científica/tecnológica e o trabalho das instituições particulares brasileiras. Dentre dezenas de estandes montados na Open Campus, apenas um deles pertencia a uma instituição de ensino superior, com perspectiva pedagógica voltada justamente para a 'criação de coisas'.

A [Faculdade de Informática e Administração Paulista](#) (FIAP), única instituição particular presente, destacou-se ao apresentar protótipos dos seus alunos, que são estimulados desde o primeiro semestre a criar engenhocas transformadoras. E, no caso, mostrava projeto desenvolvido por jovens para criar mecanismos que facilitem a vida das pessoas e promovam melhorias sociais

Os trabalhos de conclusão de curso da FIAP também são diferentes dos padrões convencionais e fomentam o empreendedorismo. O *Startup One* é um programa pelo qual os alunos devem montar grupos e criar uma pequena empresa inovadora para atuar em um segmento pouco explorado, já com vistas a uma alternativa profissional aos egressos. Tendo como premissa fundamental, a *cultura maker*, hoje arraigada em qualquer jovem criativo.

Na Campus Party foi demonstrada a cadeira de rodas acionada por ondas cerebrais, projeto apresentado pela estudante Alexandra Atolini, que está apenas no primeiro ano do curso de engenharia da computação.

[Link para vídeo.](#)

Claro que foi possível observar a presença de palestrantes vinculados a entidades de ensino superior privadas e públicas na área restrita aos campuseiros, porém apenas como expositores individuais: reconhecidos pela iniciativa de suas pesquisas e não pela instituição de ensino superior que pertencem.

Em suma, vale, portanto, uma reflexão mais analítica, porém necessária, sobre a falta de percepção das instituições de ensino superior universitário diante uma área que vai transformar as novas maneiras de ensinar e aprender, amparadas pela tecnologia, criatividade e compartilhamento.

EDUCAÇÃO POSITIVA PARA A ESCOLA E PARA A FAMÍLIA

(13/03/2018)

[ACESSE AQUI](#)

“Pessoas que não têm medo de ousar tendem ao otimismo. Elas não temem o sofrimento e o fracasso. Sabem que o forte não é aquele que sempre acerta, mas aquele que corre o risco de errar e sobrevive à mais dura queda.”

Flavio Gikovate – Psicólogo

Qual a diferença entre o otimista e o pessimista? O primeiro está sempre cheio de planos e projetos e, para o outro, a vida não é boa e tudo vai dar errado.

A especialista Ana Maria Diniz apontou certa vez em artigo publicado no Estadão (Otimismo! Ele deve ser ensinado – e praticado – em todas as escolas) que “o contrário do que se pensa, o otimismo não é um traço imutável: é um jeito de pensar que pode ser aprendido e aprimorado”. Ela citou ainda o psicólogo americano Martin Seligman, da Universidade da Pensilvânia, que afirma não haver lugar melhor para treinar essa habilidade do que a escola.

Entusiasta do otimismo no ambiente escolar, Seligman, um dos pioneiros da psicologia positiva, tem se dedicado a disseminar e testar suas teorias sobre o poder das atitudes positivas também na educação. Ele faz isso por meio da educação positiva, abordagem educativa criada por ele que pretende melhorar o aprendizado e contri-

buir para que os alunos floresçam e atinjam todo o seu potencial a partir da ênfase nas habilidades individuais e na motivação pessoal.

[Link para vídeo.](#)

A proposta da educação positiva vale tanto para a sala de aula como também para o ambiente familiar. Portanto, escolher a melhor forma de educar os filhos exige responsabilidade e pode ser um grande desafio para a família. De um lado, há os que optam por uma postura mais severa e punitiva. De outro, os mais complacentes e permissivos em relação às vontades e atitudes dos filhos.

Sem ir aos extremos, a educação positiva é a busca pelo equilíbrio entre limites firmes e o incentivo à liberdade e [autonomia da criança](#). É a disciplina positiva, que cada vez mais vem ganhando adeptos preocupados com a [formação integral](#) dos estudantes, educando com foco no afeto, na compreensão, no respeito e no aprendizado mútuo.

“Diferentemente da educação tradicional, a positiva entende que castigos ou chantagens, por exemplo, não são construtivos para o bom desenvolvimento da criança. (...) A educação positiva age na esfera socioemocional do indivíduo e gera melhorias cognitivas. Nesse sentido, melhora o desempenho escolar, o convívio com as pessoas e fortalece o vínculo entre os filhos e demais membros da família.”¹

E como aplicar na prática esse conceito? Para alguns pais e educadores que já “trabalham” a educação das crianças nessa linha não traremos novidades:

1. Ajude a criança a pensar

1 O que é e como aplicar a educação positiva? – Blog Escola da Inteligência – Educação Socioemocional

2. Estimule-a a refletir sobre as próprias atitudes, sobre as situações cotidianas e outras questões que o façam refletir
3. Faça perguntas incentivando-a e ajudando-a a participar da resolução de problemas do dia a dia
4. Estimule-a na construção de independência e autonomia

A [Sociedade Brasileira de Coaching](#) também aborda a questão, sinalizando a importância de não se ater ao ensino convencional para a formação de adultos preparados para enfrentar os dilemas reais e os desafios do mundo contemporâneo.

“Além das disciplinas tradicionais, esse modelo educacional – também chamado de educação emocional positiva – estimula a aprendizagem das competências e habilidades associadas ao bem-estar e ao florescimento humano, estimulando o aumento do nível de felicidade dos alunos e cultivando sementes para o florescimento de um mundo mais positivo.”

Os estudiosos do assunto garantem que os alunos se tornam mais resilientes, auto eficazes, otimistas, esperançosos e emocionalmente mais inteligentes quando seu desenvolvimento é apoiado na psicologia positiva. Esse conceito leva também a relações interpessoais com mais qualidade desde cedo, estabelecendo relacionamentos saudáveis e duradouros. E dizem mais, que tais alunos terão menos depressão e ansiedade e mais saúde, satisfação com a vida e felicidade.

Para a psicóloga [Sálua Omais](#)², as metodologias que unem psicologia e educação, focando mais nos comportamentos desejados do

² Sálua Omais é Psicóloga com Mestrado em Psicologia da Saúde e Saúde Mental, Master Coach e Trainer Internacional em Psicologia Positiva, Neurosemântica e PNL.

que naqueles não desejados, traz mais resultados, ensinando tanto habilidades de bem-estar e realização sem comprometer o programa pedagógico:

“O humor positivo produz maior nível de atenção e um pensamento mais criativo nos alunos, ao contrário do humor negativo, da tristeza, da desmotivação, que reduzem os níveis de atenção, concentração, desempenho. Vários benefícios serão gerados no ambiente escolar, como a melhora na aprendizagem, no nível de atenção, concentração, interesse escolar, no comportamento associado à saúde física, nos relacionamentos sociais e familiares, além da prevenção de distúrbios de ordem emocional no aluno como a depressão, a ansiedade e problemas de conduta social.”

Ela é categórica ao afirmar que a educação positiva atua ainda no resgate de valores que estão se perdendo na sociedade, “como a honestidade, a lealdade, a perseverança, bondade, coragem, justiça, humildade, além de várias outras forças, as quais chamamos de forças de caráter”. E ressalta que o modelo pode ser aplicado a qualquer aluno, em qualquer lugar no mundo, independente da cultura ou religião, pois essas forças de caráter são comuns a toda a sociedade.

Precisamos refletir sobre tudo isso tanto em relação à educação em casa quanto na escola. Muitas vezes o fracasso escolar pode brotar do caráter dos alunos, e não apenas do sistema escolar ou de outras condições que o vitimiza.

É papel da escola ajudar o aluno com as qualidades e os recursos que ele tem, em vez de buscar o que ele deveria ter, e assim contribuir para seu crescimento e desenvolvimento como ser humano.

A VALORIZAÇÃO DA RESPONSABILIDADE SOCIAL UNIVERSITÁRIA NO SINAES

(20/03/2018)

ACESSE AQUI

“As ações sociais oferecidas pelas instituições de ensino superior à comunidade são de extrema relevância não apenas por cumprirem dispositivos legais, mas por desencadear um processo que reforçará a sua responsabilidade social, contribuindo para a melhor percepção da sua qualidade na formação das pessoas.”

Enedina Leite Lucena; Izabel Cristina Pereira e Maria José

Em um dos meus artigos do ano passado contei a história do catador de lixo [Sebastião Pereira Duque](#), de 72 anos, pelo exemplo extraordinário de sua solidariedade ao construir uma escola para 75 crianças contando com recursos advindos da carroça que puxa pelas ruas de Olinda/PE. Certamente, há centenas de exemplos de ações individuais parecidas, e empresariais de maior vulto, que mostram ações de responsabilidade social pelo Brasil.

No cenário mundial contemporâneo há inúmeras transformações de ordem econômica, política, social, tecnológica e cultural que se adaptam aos novos modelos de relações entre instituições e mercados, organizações e sociedade, procurando solucionar questões sociais de forma compartilhada.

Há milhares de instituições sem fins lucrativos que prestam serviços a iniciativas de caráter social, tanto de grupos particulares quanto de empresas. Estudo lançado pelo [Instituto Akatu](#) mostra que o consumidor brasileiro tem mais interesse e maior conhecimento sobre responsabilidade social empresarial e está mais crítico e exigente sobre as práticas das empresas nessas áreas.

Os primeiros estudos que tratam da responsabilidade social tiveram início nos Estados Unidos, na década de 1950, e na Europa nos anos 60. As primeiras manifestações sobre este tema, contudo, surgiram no início do século passado (1906). No entanto, tais manifestações não receberam apoio, pois foram consideradas de cunho socialista. Foi somente em 1953, nos Estados Unidos, que o tema recebeu atenção e ganhou espaço. Na década de 1970 surgiram associações de profissionais interessados em estudar o tema: é a partir daí que a responsabilidade social deixa de ser uma simples curiosidade e se transforma em um novo campo de estudo. A responsabilidade social revela-se, então, um fator decisivo para o desenvolvimento, imagem e crescimento das empresas.

No Brasil, diversas empresas e indústrias exercem esse propósito, pode-se dizer, há dezenas de anos: a Gerdau, a Cosipa, a Aliperti, o Bradesco, o Itaú e tantas outras.

Quando tivemos a ideia de propor à ABMES que criasse a [Campanha da Responsabilidade Social](#) foi com a intenção de demonstrar à sociedade que também as instituições educacionais estavam engajadas neste propósito e contribuía, haja vista as centenas ou milhares de atividades dedicadas às comunidades, apoiadas nos inúmeros cursos oferecidos, como Medicina, Enfermagem, Direito, Administração, Engenharia, Contabilidade, Pedagogia e por aí vai.

As várias edições do evento confirmam que, de fato, as IES (Instituições de Educação Superior) vêm contribuindo de forma marcante com suas práticas, propiciando atendimentos nas diversas áreas e com maior envolvimento da comunidade local. Mas, pensamos que este esforço, por ser realizado em cada cidade, não repercute nacionalmente. Por isso, acho que já é hora de a ABMES e das IES constituírem uma força tarefa para estruturarem um grande projeto nacional, sem ficarem atreladas somente ao viés dos cursos que oferecem.

Para isso, não é necessário um grande esforço: se todas as IES, de norte a sul do país, criassem uma ou duas turmas voltadas para o ENCCEJA (Exame Nacional de Certificação de Competências de Jovens e Adultos), atribuindo aos licenciandos a tarefa de prepará-los para a alfabetização, só com isso teremos conquistado uma enormidade de sucesso, sem falar que a proposta fortaleceria a prática de ensino. Os custos para isso são insignificantes.

Além disso, por exemplo, as IES que possuem curso de Odontologia poderiam estender a assistência para os familiares (pais, mães, filhos) e, com isso, evitar a crônica sucessão de desdentados. Por igual, na Enfermagem poderia ser disponibilizado um posto de atendimento contínuo para vacinas e, na Engenharia, um escritório de projetos construtivos. Para os estudantes de Direito as propostas de extensão podem ir no sentido de incentivar os jovens às práticas do Direito e da Justiça, fortalecendo a juventude para criar e aumentar os vínculos da civilidade. Também na área de Educação Física há múltiplas propostas possíveis, de extraordinária aplicação.

Enfim, já está na hora de as IES pensarem e colocarem em ação planos, campanhas e iniciativas perenes de alcance nacional que possam contar, inclusive, com contribuições de empresas ou pessoas físicas.

A simples criação de uma empresa júnior na IES já abre grandes perspectivas de atendimentos sociais. E mais: transfere ao estudante uma chance/oportunidade de ingressar no mercado de trabalho sem depender do mesmo, às vezes avesso a oportunizar um estágio. Por certo, a CPA (Comissão Própria de Avaliação) de cada escola baterá muitas palmas, assim como o grupo responsável pelas atividades complementares. Ambos sairiam irmanados rumo à efetiva responsabilidade social.

As ações sociais oferecidas pelas IES à comunidade são de extrema relevância não apenas por cumprirem dispositivos legais do Sinaes ¹, mas também para mostrarem a preocupação com a sua responsabilidade social e, acima de tudo, para aferir a qualidade da instituição na formação das pessoas.

1 Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes)

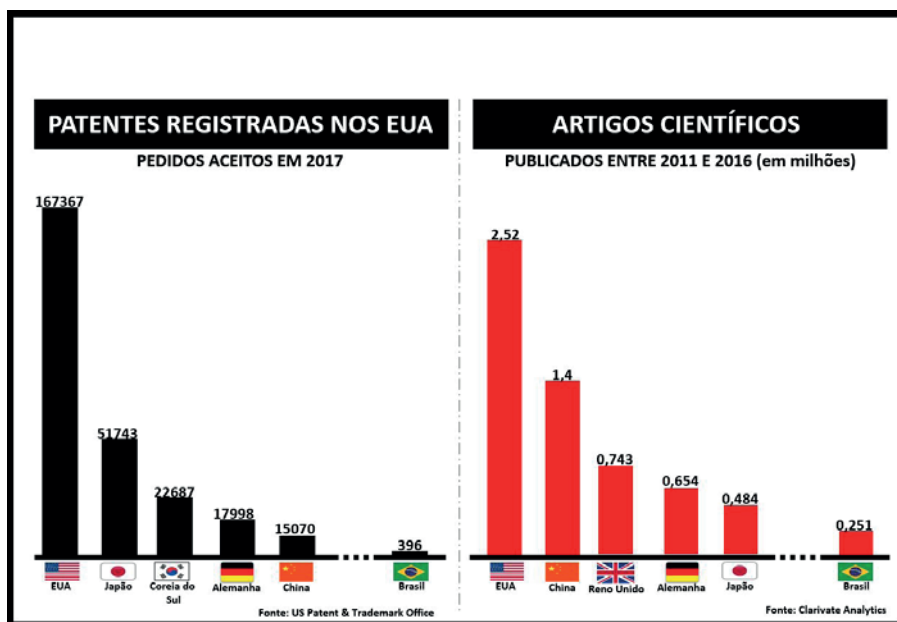
DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO PARA INOVAÇÃO E DESAFIOS DA INDÚSTRIA BRASILEIRA

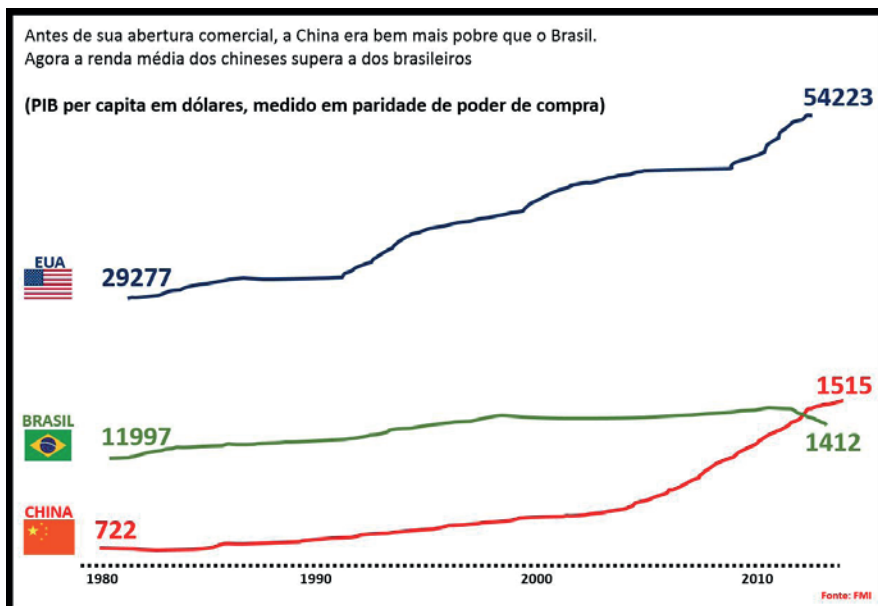
(27/03/2018)

[ACESSE AQUI](#)

A revista Veja 2575 desta semana, no artigo “Da Pirataria à Inovação” mostra a transformação que em poucos anos a China teve. De vendedora de bugigangas a concorrente mundial de inovação.

Em 2017, pela primeira vez, ela ficou entre os cinco países com o maior número de patentes aceitas nos Estados Unidos, atrás apenas do próprio EUA, do Japão, da Coreia do Sul e da Alemanha.





Quem nos explica por que a tecnologia está tão atrasada no Brasil é o Prof. Marcos Formiga¹ numa análise realística e histórica. Formiga é um desses provocadores que não pode ver ninguém relaxando, em paz com tudo. Diante disso, ele vem com alfinetadas e agulhas para trazer um assunto novo, ou não, bem explicado, para levar-nos a reflexões. Desta vez, ele relata sobre a pesquisa no Brasil e a falta que faz a tecnologia.

A pesquisa brasileira, em suas origens, está relacionada às expedições científicas e visitas de artistas e cientistas ligados à natureza.

1 Manuel Marcos Maciel Formiga possui Graduação e Mestrado em Economia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Graduado em Educação Internacional pela Universidade de Londres. Foi professor adjunto da UFPE até 1989. Atualmente é professor da Universidade de Brasília (UnB), onde atua na assessoria do reitor. Foi coordenador do Programa Nacional de Capacitação de Docente das Universidades Brasileiras na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes); foi Secretário Geral Adjunto do Ministério de Educação e dirigiu o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

Em 1637, Maurício de Nassau trouxe uma plêiade de naturalistas, botânicos, biólogos, pintores, mineralogistas e entomologistas.

O Brasil era um laboratório “a céu aberto” disponível e desconhecido. A riqueza dos recursos naturais e a beleza virgem da vegetação, ao lado da diversidade, ofereciam a exuberância da fauna e da flora, além de minérios e muita água em caudalosos rios, plenos de variedades pesqueiras. Deste modo, os estudiosos investigadores (como eram chamados antigamente os pesquisadores), intelectuais e clérigos de diferentes denominações católicas foram os responsáveis pelo diversificado acervo de atlas e mapas geográficos, anatomia e fisiologia de animais e plantas que, ao lado da descoberta do inédito e exótico, eram classificados em famílias e espécies também ligadas à natureza, sob a forma de descrições artísticas.

Somente no século XIX surgiram alguns institutos de pesquisas como entidades de cunho científico. Foi nesse contexto que foram criados o Jardim Botânico (1808), o Observatório Nacional (1827), o Museu Paraense Emílio Goeldi (1866) – primeira unidade a fazer pesquisa social no Brasil -, o Instituto Agrônomo de Campinas (1887), o Museu de Mineralogia de Ouro Preto e, no limiar do século XX, Manguinhos (1900), atual Fiocruz no Rio de Janeiro, e Instituto Butantã (1900), em São Paulo.

Após tentativas e constantes discontinuidades, o Brasil despertou para a importância da Universidade, ainda como instituição de formação de recursos humanos e incentivadora da pesquisa. E, por iniciativa do Governador Armando Salles de Oliveira, com apoio do empresariado liderado pelo Jornalista Júlio de Mesquita Filho, em 1934 é criada a Universidade de São Paulo que, desde seu nascimento, teve forte preocupação com a pesquisa científica. O caso brasileiro difere dos países que fizeram a Revolução Industrial entre os séculos XVIII e XIX, que logo despertaram para a importância da

tecnologia e a necessidade de as indústrias associarem-se à pesquisa tecnológica, mesmo que timidamente, aproximando-se das universidades acadêmicas existentes. Porém, o conceito “Tecnologia” passou despercebido pela Universidade brasileira até o final do terceiro quarto do século XX.

A Academia Brasileira de Ciências (ABC), criada em 1917, e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em 1948, bem como o CNPq e a Capes, ambos criados em 1951, louvavam a Ciência, mas esqueceram da Tecnologia. Este exemplo identifica a fragilidade do Sistema Brasileiro de Pesquisa focado na tecnologia. Paradoxalmente, o Brasil foi capaz de se industrializar sem dispor de instituições fortes em tecnologia; daí a adoção do modelo “mais fácil” de substituição de importações.

Tecnologia é a aplicação prática do conhecimento. Só em pleno regime militar o CNPq muda seu perfil: passa de Conselho Nacional de Pesquisa para Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. A mudança terminológica constitui um avanço, mas o foco brasileiro pela tecnologia ainda está na infância. O governo, com a ausência da indústria, optou por um modelo centrado em ciências básicas, daí sua explícita preferência pelo cientificismo, vide os institutos voltados para a Física (CBPF), Matemática (IMPA), Biologia (INPA-AM), Pesquisas Espaciais (INPE) etc.

Desse modo, o Brasil é um caso raro, talvez único, de país que se industrializou sem a participação de sua Universidade. Em 1985, o CNPq cedeu sua competência científica reconhecida e seu capital humano para instalar o novo ministério, criado pelo Presidente José Sarney: Ministério da Ciência Tecnologia (MCT). A Tecnologia passa a contar com um ministério, mas a pesquisa tecnológica continua incipiente, mesmo com um conjunto de instituições setoriais ou especializadas que apoiavam o desenvolvimento da indústria:

Finep (1967), Inpi (1970), Inmetro (1961), Inmet (1909), ITA (1950), IEAPM (1984), Cepem (1955), Embrapa (1972). Com a evolução da indústria brasileira e a forte presença de indústrias internacionais, estas preferiram instalar suas plantas e montadoras (setor automobilístico) sem dispor de unidades de pesquisa e desenvolvimento (P&D ou R&D, em inglês). Somente as maiores empresas brasileiras e estatais contratam pesquisadores e engenheiros para seus laboratórios

Mesmo assim, o Brasil foi capaz de desenvolver pesquisa tecnológica de classe mundial em setores reconhecidos, responsáveis pelos principais itens da nossa pauta exportações com conteúdo tecnológico: em terra, Embrapa; no mar, Petrobras; e no ar, Embraer.

O desafio: sem desenvolvimento tecnológico não há inovação. Países de industrialização marcante após a Segunda Grande Guerra, como Alemanha e Japão (casos de reindustrialização), e durante a Guerra Fria, os chamados Tigres Asiáticos (Hong Kong, Coréia do Sul, Taiwan e Singapura), deliberadamente optaram e desenvolveram forte pesquisa tecnológica. Inicialmente, copiaram casos de sucesso industrial: o Japão foi referência, mas, em seguida, ganharam autonomia. A China é o exemplo brilhante cujo protagonismo a qualifica, na virada o século XX, como a “grande fábrica do mundo”. A preferência pelo desenvolvimento tecnológico do Sudeste Asiático é hoje acrescida por Indonésia, Vietnã, Malásia e Macau. O dinamismo e o ritmo acelerado desses países correlacionam-se à opção preferencial pelo tecnologismo, sem dispensar a pesquisa científica básica, porém, declaradamente colocando-a em um digno segundo lugar.

Este modelo de viés tecnológico já havia se provado bem-sucedido nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, locais que formam seus doutores, preferencialmente, para o setor produtivo. No Brasil, essa

relação é inversa: a indústria emprega apenas 20% e a Academia monopoliza 80% dos doutores nacionais.

O Brasil, na segunda metade do século XX, graças ao trabalho do CNPq, Capes, Finep e Fapesp, foi capaz de construir a segunda maior rede de pós-graduação *stricto sensu* entre os países em desenvolvimento, com cursos de Mestrado e Doutorado de classe mundial, majoritariamente em Universidades e institutos públicos de pesquisa. Isso fez surgir uma espécie de “Joia da Coroa” da educação nacional (pós-graduação). Entretanto, tal avanço criou uma pirâmide invertida. O sistema nacional de educação descuidou, sacrificou, injustificadamente, a educação básica, pilar do desenvolvimento científico e tecnológico de todos os países que alcançaram o status de desenvolvido, rico, de economia avançada. O Brasil continua preso à “armadilha da renda média”, com uma economia predominantemente endógena baseada em pequena ou moderada intensidade tecnológica (salvo os honrosos casos citados) e exportação massiva de matérias-primas (commodities) com baixo valor agregado.

O Brasil, com sua rede de pós-graduação e fomento à produção científica, destaca-se pelo número de “papers” publicados em veículos indexados internacionalmente (13º lugar). Entretanto, ao analisarmos o impacto e a capacidade do país de transformar conhecimento científico em riqueza e negócios, a classificação adquire pouco destaque qualitativo, a ponto de um Ministro da área ter afirmado que “o Brasil não sabe transformar conhecimento em riqueza”.

Tal realidade produz atraso tecnológico (desindustrialização, perda seguida de posições em rankings de competitividade entre países industrializados); ociosidade da indústria (atualmente em torno de 30%); incapacidade de participar e competir em cadeias industriais globais e, ainda, um parque industrial de baixa complexidade (51ª

posição). Portanto, nosso desenvolvimento tecnológico não condiz com uma economia ainda entre as 10 maiores do mundo, medida pelo PIB nominal.

Falta-nos uma série de requisitos para superar estas “desvantagens competitivas”. Como consequência, enfrentamos a dificuldade em inovar. Talvez, o mais grave seja que aqui ainda não funciona a indispensável Tríplice Hélice: união e ação entre a Academia, o governo e as empresas.

PARQUES TECNOLÓGICOS: AMBIENTES DE CULTURA, INOVAÇÃO E COMPETITIVIDADE

(03/04/2018)

[ACESSE AQUI](#)

Se é verdadeira a premissa de que parques tecnológicos precisam das universidades, é um tanto estranho que essa aproximação seja tão lenta, quando não inexistente.

Em nosso [artigo da semana passada](#) demonstramos que os resultados de patentes e inovações no âmbito da pesquisa científica e de tecnologias de ponta no Brasil estão muito aquém do potencial de um país com mais de 200 milhões de habitantes. Nosso desenvolvimento tecnológico não condiz com uma economia que, medida pelo PIB nominal, é uma das dez maiores do mundo. A universidade pública não consegue transformar conhecimento em riqueza e a particular dedica-se apenas ao ensino.

Mesmo assim, existem iniciativas que, se não promovem a disrupção tecnológica em escala internacional, conseguem gerar novos negócios de base tecnológica, desenvolvimento econômico, geração de renda e de empregos. São elas os parques tecnológicos e as incubadoras de empresas.

Trataremos aqui do parque tecnológico, que é uma concentração geográfica de empresas, instituições de ensino, incubadoras de negócios, centros de pesquisa e laboratórios que criam um ambiente favorável à inovação tecnológica. À medida que passam a comparti-

lhar do mesmo ambiente, empresas, universidades, centros de pesquisa e investidores geram benefícios econômicos em comum e para a comunidade. São ambientes que, quando consolidados, oferecem excepcional qualidade de desenvolvimento urbano, permitindo a geração de polos de desenvolvimento social e econômico.

Os parques tecnológicos constituem um complexo produtivo industrial e de serviços de base científico-tecnológica. Planejados, têm caráter formal, concentrado e cooperativo, agregando empresas cuja produção se baseia em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D). Assim, os parques atuam como promotores da cultura da inovação, da competitividade e da capacitação empresarial, fundamentados na transferência de conhecimento e tecnologia, com o objetivo de incrementar a produção de riqueza de uma determinada região.

Segundo a Anprotec (Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores), pode-se identificar 94 iniciativas de parques tecnológicos no Brasil. [Estudo realizado pela instituição](#) com 28 parques que se consideram em estágio de operação, nos quais foram contabilizados 32,2 mil empregos qualificados, em geral de nível superior, nas empresas e institutos de pesquisas residentes, dá noção da importância deste mecanismo para a economia do país.

Entre os parques tecnológicos identificados, podemos destacar:

Parque Tecnológico do Rio – Rio de Janeiro

Localizado no campus da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o parque de 350 mil metros quadrados abriga, atualmente, 66 instituições. Estão instalados na Ilha do Fundão centros de pesquisa de 16 empresas de grande porte, nacionais e multinacionais, nove pequenas e médias, sete startups do programa CrowdRio, além de nove laboratórios da própria UFRJ. Está em fase de construção o

Centro de Referência Nacional em Farmoquímica, do Instituto de Tecnologia em Fármacos (Farmanguinhos/Fiocruz), fortalecendo ainda mais as diferentes interações com a UFRJ. Na unidade de pesquisa da Petrobras funciona o mais moderno simulador de perfuração de poços de petróleo do país. O segredo para se manter evoluindo, segundo o diretor do Parque Tecnológico da UFRJ, José Carlos Pinto, é não depender de verba pública.

Nessa linha, o parque acaba de captar investimentos que chegam a R\$ 160 milhões. O novo centro de pesquisas da L'Oréal, na vizinha Ilha de Bom Jesus, foi criado para acelerar o desenvolvimento de produtos que atendam ao mercado brasileiro. Um dos sete centros do grupo francês no mundo e o único na América Latina, a unidade tem 15 mil metros quadrados e conta com mais de cem pesquisadores com a missão de satisfazer o consumidor nacional.

Fonte: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/parque-tecnologico-da-u-frj-ganha-centro-de-pesquisa-da-loreal-prepara-novidades-para-2018-22112469#ixzz5BJ2sAUHW>

Florianópolis – Santa Catarina

O setor de inovação da grande Florianópolis gera 17 mil empregos e fatura R\$ 4,9 bilhões. Formado por centenas de empresas locais, é resultado de programas de fomento e desenvolvimento, como o Sinapse da Inovação (gerido pela Fundação Certi), StartupSC (do Sebrae), além das incubadoras Celta e MIDI.

Fonte: <https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/tecnologia-em-florianopolis-setor-fatura-r-4-3-bi-e-emprega-mais-de-17-mil>

Santa Rita do Sapucaí – Minas Gerais

Quase um quarto dos moradores de Santa Rita do Sapucaí, a 400 km de Belo Horizonte, têm envolvimento na produção de artigos ele-

trônicos, o principal destaque da economia da região. Com menos de 40 mil habitantes, a pequena cidade do sul de Minas Gerais soma 142 empresas e exporta produtos para países como Estados Unidos, Alemanha e Japão. São apenas 265 habitantes para cada empresa localizada ali.

Fundado há 25 anos, o complexo de indústrias conhecido como Vale da Eletrônica gera 10 mil empregos diretos, resultando em 13,7 mil produtos eletroeletrônicos fabricados e um faturamento anual de R\$ 1,7 bilhão, segundo números do Sindicato das Indústrias de Aparelhos Elétricos, Eletrônicos e Similares do Vale da Eletrônica (Sindvel).

Fonte: <http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2012/04/cidade-do-sul-de-minas-produz-mais-de-13-mil-equipamentos-eletronicos.html>

Porto Digital, Recife – Pernambuco

Parque tecnológico com atuação nas áreas de games, multimídia, animação, música e design, segundo seu presidente, Francisco Saboya relatou durante apresentação no Congresso Latino-americano de Parques Tecnológicos, no Peru, em maio de 2017. “O Porto Digital é um case que chama a atenção dos parceiros internacionais por suas particularidades. Nossos números, como o faturamento anual de R\$ 1,3 bilhão, as mais de 270 empresas e instituições e os cerca de 8 mil colaboradores são números sólidos, mas também nos destacamos na área de patrimônio, com mais de 80 mil metros quadrados de prédios históricos restaurados”, explicou Saboya.

Fonte: <http://portodigital.org/119/37643>

Tecnopuc, Porto Alegre – Rio Grande do Sul

Administrado pela PUCRS, segundo seu diretor Rafael Prikladnicki, em entrevista ao Jornal do Comércio de Porto Alegre, em 2015, “o Tecnopuc possui 124 empresas instaladas e tem 6,3 mil empregos

gerados. São mais de 50 mil m² de área construída em Porto Alegre e 33 mil m² em Viamão. Na unidade da capital gaúcha, há dois prédios que serão modelos. Um deles é o Condomínio InovaPuc, destinado às empresas em graduação e com perfil de aceleração. O outro é o Global Tecnopuc, que será um prédio de convivência e de estímulo às ações de inovação aberta e cocriação. A meta é estimular a criatividade. O parque passa a ter um espaço no qual não teremos empresas instaladas e, sim, onde todas poderão se reunir com a universidade para criar conexões”.

Fonte: <http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=184840>

Parque Tecnológico de São José dos Campos – São Paulo

Desde a sua criação, o parque já recebeu R\$ 2,10 bilhões em investimentos. Cerca de 6 mil pessoas transitam diariamente na sua área, cujo núcleo possui 188 mil metros quadrados. A área da Zona Especial do Parque Tecnológico (Zeptec) soma 25 milhões de metros quadrados. Há quatro auditórios e três salas de eventos para locação. O estacionamento tem 830 vagas para veículos, inclusive ônibus. Também há um heliporto.

Atualmente, são quase 300 empresas e instituições vinculadas ao parque com faturamento estimado em R\$ 7 bilhões ao ano. Mais informações estão no site <http://www.pqtec.org.br/conheca-o-parque/o-parque-em-numeros.php>.

Existem, ainda, outros parques tecnológicos de grande evidência, como os de Campinas e São Carlos que não foram relacionados porque terão suas atividades mostradas oportunamente.

Porém, um fato é inconteste: não existe a menor integração entre as universidades, as empresas e o governo com o ecossistema da inovação. Esta, inclusive, é a questão que será abordada no próximo artigo, aliando as aceleradoras e incubadoras de empresas.

Estar atento e focar neste tipo de ação consiste em uma excelente oportunidade para colocar o Brasil na trilha de países como a China, a Coreia do Sul e outros que tantos benefícios tiveram ao fazer da inovação a âncora para o desenvolvimento.

AS INCUBADORAS E OS EMPREENDEDORES INOVADORES

(10/04/2018)

[ACESSE AQUI](#)

O conceito de incubadora vem daquele que se conhece nas maternidades: a incubadora é a responsável por manter o bebê vivo e auxiliar em seu crescimento ainda que ele nasça debilitado.

ABStartups

Os cursos universitários brasileiros, na sua grande maioria, são orientados para que seus egressos sejam funcionários de empresas. Poucos cursos desenvolvem o espírito do empreendedor. Os TCCs (trabalhos de conclusão de curso), que deveriam ser a coroação objetiva e prática do aprendizado dos quatro anos de faculdade, nada mais são do que planos de intenções, sem serventia alguma, e raros são os que chegam a mostrar viabilidade. Tempo perdido de alunos e professores. Quantas boas ideias de negócios, produtos e serviços deixaram de ser viabilizadas por falta de apoio, orientação e ambientação? Tudo vai para o lixo, físico ou o do computador.

É por isso que, ao dar continuidade ao [artigo da semana passada](#) e explicar o objetivo das incubadoras, desejo registrar a iniciativa da universidade Anhembi Morumbi ao criar sua aceleradora “AnhembiUp”, desenvolvida em parceria com a [AmazonasCap](#), empresa criada para apoiar e estimular quem deseja empreender. A iniciativa está fundamentada no entendimento de que um lugar onde não

pode faltar uma incubadora é no sistema universitário, porque lá é que estão os talentos que precisam ser apoiados para que seus projetos sejam viabilizados.

Uma incubadora é uma organização que tem como objetivo estimular a criação e o desenvolvimento de pequenas [empresas](#), as chamadas **startups**, apoiando-as nas primeiras etapas de suas vidas. (saiba mais em: "[Como as incubadoras de empresas podem ajudar o seu negócio](#)")

Ela oferece suporte técnico, gerencial e formação complementar ao empreendedor, além de facilitar o processo de inovação e o acesso a novas tecnologias pelos pequenos negócios. A incubadora busca fornecer um ambiente propício ao desenvolvimento da empresa, disponibilizando assessoria empresarial e mercadológica, mentoria, consultoria [financeira e jurídica](#), entre outras. Com isto, as incubadoras consistem em um ambiente compartilhado no qual as empresas selecionadas para serem incubadas têm maior potencial de crescimento.

Na Vila Olímpia, bairro de São Paulo (SP), o Itaú instalou o [Cubo](#), um centro de empreendedorismo tecnológico que reúne 55 empresas digitais novatas, as chamadas startups, depois de uma seleção com 570 candidatos. A poucos quilômetros dali, em um galpão no bairro de Campos Elíseos, a seguradora Porto Seguro criou, no final do ano passado, a sua aceleradora digital que, além de abrigar, também treina e investe em empreendedores. Grandes empresas buscam se aproximar e, intencionalmente, se contagiar com os jovens inovadores. Em troca, os iniciantes aprendem com mentores e ampliam sua rede de contatos, clientes e investidores.

O tempo que uma empresa passa no programa de incubação pode variar bastante dependendo de alguns fatores, que incluem o tipo de negócio e o nível de expertise do empreendedor. Empresas que

necessitam de longos ciclos de pesquisa e desenvolvimento requerem mais tempo de incubação quando comparadas a empresas prestadoras de serviço ou de produtos que podem ser produzidos imediatamente. Na média, os programas de incubação duram cerca de 33 meses.

Os programas de incubação abrangem uma grande variedade de setores de negócios. Mais da metade são projetos multiárea, isto é, voltados para diferentes indústrias. As incubadoras diretamente ligadas à tecnologia, no entanto, respondem por boa parte dos programas: 39%. Cerca de um terço dos programas de incubação são patrocinados por organizações de desenvolvimento econômico. Em grande parte, isso pode ser justificado pelo fato de que a incubação de empresas possui papel importante no ecossistema socioeconômico de uma região, pois pode propiciar:

- Criação de empregos e riqueza;
- Fomento à comunidade empreendedora;
- Comercialização de tecnologia;
- Diversificação da economia local;
- Construção ou aceleração do crescimento de indústrias locais;
- Criação e retenção de negócios;
- Revitalização da comunidade.

A [National Business Incubation Association](#) estima que existam cerca de 7.000 incubadoras em todo o mundo. No Brasil, as primeiras incubadoras surgiram a partir da década de 1980, quando por iniciativa do então presidente do CNPq, Professor Lynaldo Cavalcanti, cinco fundações tecnológicas foram criadas em Campina Grande (PB), Manaus (AM), São Carlos (SP), Porto Alegre (RS) e Florianópolis (SC).

Após implantação da [ParqTec](#) (Fundação Parque de Alta Tecnologia de São Carlos), em dezembro de 1984, começou a funcionar a primeira incubadora de empresas no Brasil, a mais antiga da América Latina. Nesta época, mais três incubadoras foram constituídas no país, em Campina Grande (PB), Florianópolis (SC) e Rio de Janeiro (RJ).

Porém, elas somente se consolidaram, como meio de incentivo para atividades e produção tecnológica, a partir da realização do Seminário Internacional de Parques Tecnológicos, em 1987, no Rio de Janeiro. Nesse mesmo ano, surgia [Anprotec](#) (Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos de Tecnologias Avançadas), que passou a representar não só as incubadoras de empresas, mas todo e qualquer empreendimento que utilizasse o processo de incubação para gerar inovação no Brasil.

A Anprotec possui um [estudo sobre as incubadoras das universidades públicas](#), mas no sistema universitário particular o foco no empreendedorismo e em negócios reais é pequeno.

Segundo pesquisa da [Endeavor](#) com o [Sebrae \(Empreendedorismo nas universidades brasileiras 2016\)](#), há 21% de universitários pensando em empreender no futuro e apenas um quarto deles (28%) já cursou uma disciplina na área.

Esses dados são alarmantes e mostram, por si só, o quão afastados estamos do mundo real, o que é uma pena. O mercado de trabalho atual e o contexto social e tecnológico em que vivemos requer muito mais dos recém-formados do que estarem aptos a serem apenas funcionários de empresas. É preciso que as instituições de educação superior se atentem a isso e possam preparar os jovens para o que realmente se faz necessário.

NÃO HÁ COMO PENSAR EM INOVAÇÃO SEM UNIVERSIDADES

(17/04/2018)

[ACESSE AQUI](#)

“Nosso grande desafio é promover a integração universidade-empresa no processo de apropriação do conhecimento científico, pois se não houver aplicação, não houve a demanda, ou seja, não há interesse empresarial e, conseqüentemente, qualquer inovação.”

Benedito Guimarães Aguiar Neto

No ano passado, a revista Isto É Dinheiro publicou uma matéria sobre [“As startups mais promissoras do Brasil”](#), que relatou a história de empresas que valem no mercado mais de um bilhão de dólares, fruto de sacadas de empreendedores que criaram suas startups a partir de situações inusitadas, aproveitando oportunidades em mercados pouco explorados, com persistência e obstinação por uma ideia.

A Netshoes é uma dessas empresas. Dois primos, Marcio Kumruian e Hagop Chabab, nos idos de 2000, tinham uma lojinha de 49m2 perto da universidade Mackenzie, onde vendiam calçados esportivos a estudantes. O negócio ia vagarosamente até que tiveram a ideia de negociar artigos esportivos pela internet. O sucesso foi imediato e em pouco tempo conseguiram alcançar os países latino-americanos. Em 2015 já era considerada a maior loja de comércio eletrônico de artigos esportivos do mundo e hoje vende uma grande variedade de produtos.

É lógico que esses empresários precisaram de ajuda. Ter boas ideias é importante, mas só isso não resolve nada. As ideias precisam ser aceitas pelo mercado. Precisam de recursos humanos compatíveis além de recursos financeiros para crescer. É aí que surgem as aceleradoras para apoiar empresas iniciantes e, principalmente, trazer recursos de investidores em negócios que acreditam.

Aceleradoras são empresas geralmente com capacidade de investimento próprio, que ambientam em seu entorno empreendedores, investidores, pesquisadores, empresários, mentores de negócios e fundos de investimento. Oferecem programas orientados ao desenvolvimento de startups, como infraestrutura física, mentorias, assessoria jurídica e contábil e acesso a capital de risco, por meio de sua rede de relacionamentos.

Yuri Gitahy, fundador da Aceleradora (a primeira aceleradora de startups do Brasil) explica a distinção entre a incubadora e a aceleradora:

1. As incubadoras buscam apoiar pequenas empresas de acordo com alguma orientação governamental ou regional. Por exemplo, incentivar projetos de biotecnologia devido à proximidade de algum centro de pesquisa nessa área, ou fomentar a indústria de telecomunicações em uma região que precisa de expansão nesse setor.
2. As aceleradoras, são focadas não em uma necessidade prévia, mas sim em empresas que tenham o potencial para crescerem muito rápido. Justamente por isso, aceleradoras buscam startups escaláveis (e não somente uma pequena empresa promissora).
3. As incubadoras pedirão seu plano de negócio, e as aceleradoras estudarão seu modelo de negócio. A verba pública que apoia as incubadoras pede maior formalidade e transparência na avalia-

ção de projetos. As aceleradoras apostam somente em uma boa ideia.

4. As aceleradoras usam capital privado e são lideradas por empreendedores ou investidores experientes, enquanto incubadoras, tem verbas do governo para mediar o poder público, as universidades e empresas.
5. Enquanto aceleradoras são apoiadas por mentoria – seja em palestras ou conversas pessoais entre empreendedor e mentor – as incubadoras são baseadas no modelo tradicional de consultores contratados.

Diferenças entre as aceleradoras e incubadoras:

Aceleradora	Incubadora
Negócio inovador	Tradicional
Capital privado	Verbas públicas
Modelo de Negócio	Plano de Negócios
Mercado	Editais
Empreendedores e investidores (Risco)	Gestores (operacional)
Pensamento global	Regional
Escalável	Pequeno negócio
Mentoria	Consultoria
Podem apostar um uma ideia	Apostam em um negócio
Informalidade	Formalidade
Sem necessidade de espaço físico	Geralmente oferecem espaço físico

Todos sabem que o Brasil se destaca na pós-graduação pela participação em número de papers. O problema é que não sabemos transformar conhecimento em riqueza. A universidade não valoriza o empreendedorismo em suas atividades. Mas um fator é certo: não há como pensar em inovação sem universidades.

Citei no artigo anterior ([As incubadoras e os empreendedores ino-](#)

vadores) a iniciativa instigante da Anhembi Morumbi, orientada pela aceleradora AmazonasCap. Mas nos EUA o empreendedorismo é a causa da inovação.

A Babson College, considerada uma das escolas mais empreendedoras do mundo, é um exemplo que demonstra isto. Há muitos anos que seus estudantes têm a maior parte do aprendizado baseado na ideia de negócio próprio. Usam a metodologia do Pensamento e Ação Empresarial® como proposta central do currículo. Os alunos ficam imersos no negócio desde o primeiro dia no campus.

Para tornar a metodologia empreendedora mais real e prática, estruturou o Babson College Fund (BCF), um fundo de investimentos de U\$ 2 milhões baseado na captação com doadores, administrado pelos próprios estudantes, que financia laboratórios e aportes nas startups criadas por eles mesmos. Um ecossistema arrojado, criativo e inspirador para que outras instituições de ensino superior pelo mundo possam articular iniciativas nessa promissora linha de atuação.

No Brasil também é possível um modelo de ensino empreendedor no qual o aluno aprende, desde o primeiro dia de aula, a viabilizar um negócio próprio, participando de um ecossistema que conte com mentoria, orientação de gestão e tecnológica, acesso a uma rede de laboratórios de pesquisa e desenvolvimento, centros de inovação e parques tecnológicos, bem como a Fundos de Investimentos estruturados para oferecer fomento e financiamento.

Nosso objetivo aqui é sempre o de estimular novas ideias e provocar a reflexão sobre o papel das instituições de ensino superior no novo contexto global. Sabemos que, para a inovação acontecer e as “fábricas de empresas” surgirem, não basta escrever um artigo. É preciso vontade política e ousadia e que governo, empresas e universidades caminhem juntos.

COMO PREPARAR GENTE PARA UM MERCADO CADA VEZ MAIS COMPETITIVO

(24/04/2018)

[ACESSE AQUI](#)

Li faz algum tempo uma citação de uma entrevista de Steve Jobs que, perguntado em 1980 sobre qual a necessidade de se ter um computador em casa, respondeu: “não sei, as pessoas e o tempo perceberão, a sua finalidade”.

O novo sempre desperta curiosidade e pouca unanimidade. É assim com todas as coisas.

Nos últimos anos, a internet, a tecnologia e a inteligência artificial estão em todas as áreas produtivas, resultantes de uma das maiores transformações que o mundo assistiu. O assunto é de ordem planetária, pois, com a chegada dos robôs e dos avanços tecnológicos, tudo ainda é uma grande interrogação, preocupante para aqueles que têm a missão de preparar os jovens para o trabalho nesse novo momento da humanidade.

Enquanto as empresas precisam se adequar às mudanças, muitas estruturas ainda não acompanham a nova realidade. Os mecanismos do governo navegam como no tempo de Cabral. E em especial a maior dificuldade é encontrada no setor educacional. Como preparar gente para os desafios do futuro do trabalho, se nem resolveram as questões atuais?

Pesquisas apontam que quase metade dos estudantes não concluem

o curso que iniciam na faculdade. Nas instituições públicas, a média de evasão é de 40% e nas, particulares, o percentual é de aproximadamente 50%. Entre os principais motivos que levam à evasão está a falta de vocação ou afinidade com o curso. Os outros dois pontos que mais aparecem são situação financeira, especialmente no caso das particulares, e problemas com horário.

É sabido que a oferta de cursos, hoje, é maior do que a demanda, o que leva as faculdades a pensar, o que caberá a elas no futuro?

Esta questão foi temário na 9ª edição do “Reinventing Higher Education”, ocorrido recentemente na sede da Universidade IE, em Madri, conforme relatou Stella Campos no Valor Econômico (Saber aprender é a chave para enfrentar o desconhecido). A conferência reuniu representantes de universidades dos cinco continentes, especialistas e estudiosos em educação. Ali as discussões giraram em torno do desafio de como preparar os estudantes para empregos que ainda não existem, destacando como certo e definitivo que, para enfrentar o desconhecido, a receita dos especialistas é simples: estudar e aprender o tempo todo.

Até aqui nenhuma novidade pela exacerbada modalidade de educação continuada. E a questão do aprendizado não está relacionada apenas aos jovens. Profissionais mais experientes também precisarão cada vez mais dedicar suas agendas atribuladas para os estudos. Só com isso conseguirão se atualizar e se manter relevantes em suas funções.

Em entrevista ao Jornal Hoje, da Rede Globo, o diretor da empresa de recrutamento Catho, Murillo Cavellucci, aponta que, em razão do mercado mais competitivo, as qualificações necessárias para que um candidato preencha uma vaga ficaram mais exigentes. “Embora viva um momento de retração, ainda há muitas vagas e áreas aquecidas, todavia algumas não são preenchidas, pois faltam profissio-

nais qualificados”, identifica. (Qualificação é essencial para conseguir uma vaga de trabalho)

Cavellucci acredita que um diferencial importante é o comprometimento dos profissionais com seu desempenho. “As empresas querem encontrar profissionais que se comprometam cada vez mais com sua entrega e com os propósitos da organização. E é bom ficar claro que um curso por si só não é grande referência para o profissional”.

O diferencial profissional no mercado está em buscar mais do que a qualificação. Ter um diploma superior já não é passaporte para encontrar trabalho. O profissional precisa ser competente, alinhar o conhecimento adquirido às habilidades e competências que estão relacionadas à aplicação produtiva do conhecimento. As empresas querem profissionais que saibam trabalhar em equipe, se comunicar, influenciar pessoas, sejam criativos e tenham também atitude de comprometimento, engajamento com o trabalho, pois a atitude diz respeito a um sentimento ou à predisposição da pessoa de querer fazer algo.

Ademar Batista Pereira, presidente da Federação Nacional das Escolas Particulares (Fenep), destaca outro ponto importante, que é o fato de a preparação desses profissionais, especialmente dos jovens, não se limitar apenas na busca por um diploma de nível superior e pelo emprego dos sonhos. “Temos de ampliar os horizontes desses jovens, mostrando de forma realista as alternativas e oportunidades que mais se aproximam da vocação, das necessidades e dos desejos desses estudantes”, afirma. (Porque que nossos estudantes abandonam a faculdade?)

Assim, dá-se início a uma queda de braço: a universidade não tem corpo docente habilitado para preparar gente para o mercado competitivo dos próximos anos.

Não sabemos valorizar a formação técnica, e também não orientamos nossos jovens a se prepararem para o mundo do trabalho, ou para o empreendedorismo, por exemplo. E quanto mais distantes do que encontrarão na prática e da realidade que irão enfrentar, maiores serão as chances de frustração e, conseqüentemente, da desistência desses estudantes durante a formação superior.

Hoje em dia, manter-se competitivo e atualizado é muito mais do que um diferencial para profissionais de todas as áreas. Esse cuidado passou a ser, na verdade, imprescindível para a sobrevivência no mercado. Como o mundo dos negócios está cada vez mais acirrado, não é mais possível simplesmente se acomodar na posição ocupada atualmente e pronto. Esse tipo de colaborador ultrapassado pode muito bem ser substituído a qualquer momento, até por uma máquina!

Em artigo publicado no [blog WMW](#), Marcos Marcon apresenta uma receita de 8 ingredientes e garante que funciona:

1. leia sobre atualidades e seja um funcionário melhor;
2. procure cursos de atualização e se valorize no mercado;
3. aproveite as oportunidades de desenvolvimento oferecidas por sua empresa;
4. participe de grupos temáticos relacionados à sua área;
5. cultive bons relacionamentos em sua rede de networking;
6. fique sempre de olho nas oportunidades do mercado de trabalho;
7. mantenha objetivos para sua carreira em mente;
8. reserve tempo e esforços para o estudo de idiomas.

Em contrapartida, ou subsidiariamente, há perguntas no ar sobre o que deve ser feito pelo profissional para permanecer destacado em seu emprego? Ou ainda, se a sua função deixar de existir nos próxi-

mos 12 meses, há alguma outra na empresa que poderia exercer? Quais seriam as competências exigidas para isso? Finalmente, se desaparecer em 12 meses e não houver outro posto na organização, que tipo de empresa buscaria? Assim, que tipo de função e quais competências precisaria desenvolver para chegar a esse trabalho?

Na realidade em que vivemos a única certeza que temos é de que tudo vai mudar e no mundo em transformação quem não muda perde competição. É preciso acompanhar as mudanças para não ficarmos fora de nossas atividades.

As novas tecnologias de informação e comunicação exigem uma constante atualização. Não podemos ficar inertes, porque a tendência é a acomodação e o medo do novo nos paralisa. O que é fundamental em tudo isto é que para superar os naturais desafios e sobreviver em qualquer atividade, a vida nos exige otimismo, perseverança e aprendizagem contínua.

OS DESAFIOS DA NOVA REALIDADE EDUCACIONAL

(01/05/2018)

ACESSE AQUI

“Os alunos mudaram e as instituições que não se adaptarem a essa nova realidade de ensino, não vão estar entre as escolas do futuro.”

Juan Lucca

O Estadão apresentou recentemente do [Guia do MBA](#), que traz mais de 1.600 cursos de pós-graduação, segundo eles, um levantamento inédito no Brasil. O material, publicado também na versão impressa do jornal, traz farto apelo motivacional – “Conteúdos personalizados, ferramentas digitais, novas estratégias de ensino, alunos conectados e coaching” – convidando todos a conhecerem a nova realidade do aperfeiçoamento para o mercado do trabalho e o melhor modelo educacional.

O setor de pós vai muito bem, mas o das faculdades, nem tanto, inclusive com o que está acontecendo no EUA. Custos crescentes, mais concorrência por menos candidatos, o ritmo acelerado da mudança tecnológica, a inadimplência, a desistência, a evasão – essas são apenas algumas das ameaças às instituições como a conhecemos. E que tiram o sono de quem se preocupa com o futuro do ensino superior. Preocupação que não é só nossa.

Kevin Carey, diretor do Programa de Políticas Educacionais da *New America*, uma organização de pesquisa apartidária e sem fins lucra-

tivos com sede em Washington, diz que a maioria dos estudantes do futuro não irá mais para *campi* universitários tradicionais.

Em seu novo livro, *O fim da faculdade: criando o futuro da aprendizagem e a universidade de todos os lugares*, Carey vê o fim das faculdades e universidades tradicionais como algo bom, mas alerta que aquelas que quiserem sobreviver, precisarão mudar seus modelos organizacionais fundamentalmente.

A maioria das instituições deste início de milênio reproduz o modelo de final de século XIX – um local de carteiras enfileiradas onde jovens recebem, de forma passiva, o conhecimento que lhes é transmitido pelo professor – e foi acrescentada alguma nova tecnologia, que lhes permite, simplesmente, ter a mesma informação padronizada, embora com a recepção facilitada.

Mas, se não desenvolver, e aprimorar, competências de sobrevivência em seus alunos, a própria universidade não vai sobreviver. Para enfrentar os desafios futuros, nossos alunos precisam desenvolver pensamento crítico e capacidade de resolução de problemas, colaboração, agilidade e adaptabilidade, iniciativa e empreendedorismo, boa comunicação oral e escrita, capacidade de acessar informação e analisá-la e, por fim, curiosidade e imaginação que é a matriz da Criatividade.

O setor precisa sair de sua zona de conforto, porque a realidade que se avizinha exige respostas criativas e colaborativas, que vão além de equipamentos tecnológicos de última geração.

Carey joga um balde de água fria em quem aposta num certo formato de EAD: “O futuro do ensino superior não é aquele em que todos se sentam sozinhos de pijama, pálidos e de olhos esbugalhados, sendo ensinados por uma máquina”.

O futuro não pode, e não deve prescindir da tecnologia, mas a interação de seres humanos é fundamental. Por isso, Carey insiste no que dá a tônica do século XXI nas mais diferentes áreas da atividade humana, e não poderia ser diferente na educação: o futuro envolve explicitamente, colegas, mentores, apoio, colaboração, cocriação.

No seu diagnóstico de um modelo de negócios de ensino superior, Carey diz que ele é desesperadamente falho, disperso e desarticulado. Ainda que com o desejo de acertar, as instituições estão um tanto desorientadas. Sem querer dar receita, acredito, contudo, que elas devem tentar soluções, não ter medo de errar e aprender a interpretar o erro não como uma falha, mas como menos uma opção, pois o ato de errar é a forma de reduzir as incertezas, é a oportunidade de adquirir novos conhecimentos.

Ele acredita em três futuros possíveis: a hiperescolarização, a desescolarização e a refundação, todos eles potenciados pela utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

A hiperescolarização já estamos vivendo. É mais do mesmo, com alguma tecnologia e algumas poucas estratégias mais modernas, como uso de Datashow e trabalhos em grupo.

A desescolarização vem tomando corpo em várias regiões do mundo por quem postula que a “salvação” da educação passava pelo fim da escola. Muitas empresas de *software* educativo vêm apostando nesse público e fornecendo pacotes de programas educativos organizados em função dos vários anos de escolaridade para que jovens e adultos, em frente ao computador, aprendam com esses programas.

Me parece que o que precisamos é a refundação, mas ela não se faz unicamente com a tecnologia, faz-se sobretudo com a alteração das práticas pedagógicas, com a inovação de programas, alterando o trabalho dos professores, desenvolvendo as competências individu-

ais, a aprendizagem interativa, a escola criativa e ativa, apostando na autonomia do aluno.

Para nos adaptarmos, precisaremos de competências construídas desde já, em novos ambientes de aprendizagem com professores bem preparados e com uma educação atenta com as movimentações e transformações do mundo.

Que o cenário é impreciso e mutante, todos sabemos. Sabemos também que o modelo atual de ensino superior ou a própria instituição, pelo menos no Brasil, ainda está longe de desaparecer. Mas carece de soluções responsáveis, orientadas para vencer os desafios deste novo cenário mundial, onde apesar das novas tecnologias e inteligência artificial, o objetivo a ser perseguido deve passar também em vencer as desigualdades sociais e propiciar bem-estar e qualidade de vida às populações.

EDUCAÇÃO COMO OBJETIVO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

(08/05/2018)

[ACESSE AQUI](#)

“É no problema da educação que assenta o grande segredo do aperfeiçoamento da humanidade.”

Emmanuel Kant 1724-1804

Em 1980, o PIB brasileiro era maior do que a soma dos PIBs da China, da Coreia do Sul, da Malásia, de Cingapura e do Vietnã e hoje só o da China é quase sete vezes maior do que o do Brasil. Não é por acaso. Estes países investiram em educação e conseguiram transformar e aperfeiçoar sua pujança econômica.

No Brasil, desde o célebre “[Manifesto dos pioneiros pela Educação Nova](#)”, de 1932, que defendia a educação como uma função essencialmente pública e sem privilégios econômicos de uma minoria, estamos ainda muitos distantes de fazer pela educação uma ação estratégica para o desenvolvimento econômico e social nacional.

A epígrafe deste artigo é do século 18, mas sua atualidade é incontestável. E, por enfatizar as transformações educacionais em curso, trazemos à reflexão o especial da Folha de S. Paulo, publicado como encarte na edição de 29 de abril. Trata-se da plataforma “[Educar](#)

para o novo”, apresentada pelo SAS Plataforma de Educação¹, que aborda os desafios emergentes atuais: a Base Nacional Comum Curricular; as Competências Socioemocionais; o Corpo docente inovador e a Tecnologia como referencial de apoio.

O tema inicial é a Base Nacional Comum Curricular – BNCC – que pretende alterar o rumo da educação no Brasil, promovendo significativas transformações na comunidade escolar. Legislação aprovada no final de 2017, define um conjunto de diretrizes essenciais e indispensáveis à educação infantil e a fundamental. Elas deverão orientar os currículos de todas as escolas do país até 2020, com o objetivo de promover equidade no ensino e diminuir desigualdades educacionais. As diretrizes referentes ao ensino médio ainda estão em discussão.

Educadores experientes alertam que gestores e professores precisam desde já estudar o documento e iniciar o processo de adaptação em suas escolas. A BNCC propõe uma nova visão sobre o protagonismo dos alunos e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais essenciais para o enfrentamento das questões do século 21. Será preciso rever currículos e metodologias, adequar materiais didáticos e investir na formação de educadores e na tecnologia – alguns dos desafios a serem superados para que a base transforme, de fato, a educação do país.

Entretanto, para o saber chegar ao aluno, o desafio será o novo professor. A importância da formação nas licenciaturas e pedagogia, licenciados/profissionais que exercerão a liderança na oferta do conhecimento, sobretudo voltado para a formação de recursos

1 Fundado em 2004, o SAS é uma plataforma de educação que desenvolve conteúdo, tecnologia e serviços de excelência para mais de 700 escolas e 230 mil alunos em todo o país. Da educação infantil ao ensino médio, o SAS oferece às suas escolas parceiras soluções educacionais. Disponível em: <http://novo.portalsas.com.br>.

humanos para a nação. Da mesma forma que ocorreu nos países líderes em educação (Canadá, França e Finlândia), com currículos e conteúdos revistos, levando o aprendiz rapidamente ao exercício profissional.

O professor deverá se reinventar e pensar de forma diferente. O ensino enciclopédico, à base de muito conteúdo para ser decorado tende a acabar, uma vez que muito pouco acrescenta ao desenvolvimento e à inserção do educando no século 21. Essa mudança pede a adoção de novas ferramentas pedagógicas. Nem todos os docentes do país, porém, estão preparados para o desafio. Por isso, a escola será fundamental para auxiliá-los.

De acordo com o projeto, “o sucesso da base depende da formação adequada dos docentes”. Os professores não têm sido preparados adequadamente para a realidade da sala de aula. Essa é uma grande preocupação dos especialistas e também do governo federal, que lançou, em 2017, a Política Nacional de Formação de Professores, com o objetivo de melhorar a formação dos educadores e para a criação de uma Base Nacional Docente, com conteúdos curriculares comuns aos cursos de licenciatura.

Assim, aplicando-se a nova BNCC como fundamento para educação complementar no Ensino Médio e, para frente, o que se espera é que em todos os quadrantes nacionais seja ela promissora muito além do que já vimos, desde a colônia, objetivando um salto com a complementação das competências socioemocionais, com o uso de tecnologias que efetivamente potencializem o ensino.

Evidentemente, neste novo momento educacional, a tecnologia digital é a grande aliada do professor, porque vai ser a ferramenta apoiadora no diagnóstico do perfil do aluno, nas atividades online, nos recursos multimídias e no portal de conteúdos.

Essas ferramentas ajudam aluno, professor e gestor a tornarem a escola um espaço dinâmico e alinhado ao presente e ao futuro com conhecimento, curiosidade intelectual, senso estético, comunicação e compartilhamento, cultura digital, autogestão e projeto de vida, argumentação, conhecimento e cuidado de si, diálogo e cooperação, além de autonomia e responsabilidade.

Conseguiremos trabalhar todo esse cenário? A proposta é a de uma transformação na atuação do educador: sai de cena o detentor único do conhecimento (que hoje permeia toda a sociedade nas mais diferentes estruturas e nos mais diferentes aparatos tecnológicos) e entra o mediador, o tutor, devidamente formado, preparado para isso. O professor vai precisar reinventar-se e, na perspectiva da educação continuada – exigência da sociedade pós-capitalista –, atualizar-se constantemente.

No ensino particular e no público dos grandes centros urbanos não vai ser fácil, mas com o interesse das comunidades este grande desafio poderá se tornar viável. Porém, nas escolas das pequenas cidades, se não houver apoio das famílias locais e das comunidades próximas, vai ser mais uma expectativa frustrada e uma meta inconclusa. Tudo será possível só quando a educação for alavanca de desenvolvimento sustentável e objetivo de estado.

OS DESAFIOS PARA IMPLANTAR A BNCC: VONTADE POLÍTICA, GESTÃO ESCOLAR E QUALIFICAÇÃO DOCENTE

(15/05/2018)

[ACESSE AQUI](#)

“E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente, a fim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, agradável e perfeito.”

Romanos, 12:2

Na semana anterior, abordei no artigo “[Educação como objetivo de desenvolvimento sustentável](#)” a plataforma “Educar para o novo”. Fico contente quando os leitores interagem, pois assim o material cumpre parte de seu objetivo, que é a reflexão e o debate sobre os temas tratar.

As críticas são sempre válidas e nos permitem outras abordagens dos assuntos discutidos. Recebi e-mail dizendo que eu me encantara com a peça promocional da “SAS Plataforma”, publicada na Folha sobre a Base Nacional Comum Curricular. Para o leitor, na prática não era nada daquilo.

“As propostas de reforma são complexas e tem grupos pros e contra e se você olhar por dentro precisa de excelentes especialistas e mais ainda professores preparados para organizar, planejar e implantar

essa nova mentalidade, essa nova concepção, esse novo conteúdo, essa nova visão da educação”.

Como o assunto é extenso o abordarei nesta e na próxima semana. Em princípio, há quatro pilares que dizem respeito ao âmago da proposta da Base: a definição de conteúdos e metas gerais; as competências socioemocionais integrando a aprendizagem; o novo docente e a promoção do protagonismo do aluno; além do emprego das novas tecnologias.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino infantil e fundamental foi aprovada no Conselho Nacional de Educação (CNE) em dezembro de 2017, após dois anos de debates e análises. O governo anunciou, mas as diretrizes foram formuladas em conjunto por centenas de professores, além de expressiva participação de diversos setores. A ABMES, inclusive, fez parte desse processo, reunindo especialistas para estudar o tema e mobilizando as Instituições de Ensino Superior (IES) associadas a enviarem sugestões. [O documento final](#) foi encaminhado ao Ministério da Educação, que recebeu mais de 12 milhões de contribuições.

A primeira versão da BNCC foi formulada em 2014, a partir da reunião de 116 professores especialistas. Em 2015, o documento foi posto em consulta pública. Mais de 9 mil recomendações de professores, gestores de educação e alunos resultaram na terceira versão, sintetizada no documento liberado em abril de 2017. A proposta partiu então para o CNE e, após aprovada, seguiu para a fase de implantação, prevista para cerca de mais dois anos. Ou seja, na prática, o resultado só começaria a ser visto em 2020 para a educação infantil e para o ensino fundamental I e II (do 1º ao 9º ano).

Como se pode ver, leva tempo até as diretrizes chegarem às escolas. É necessário vontade para se cumprir esse desafio, especialmente política. O novo sempre espanta e às vezes atemoriza.

Além disso, é necessário suporte financeiro e técnico da União para implementação nas escolas, transformando a BNCC em currículos estaduais e municipais. A superintendente do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), Anna Helena Altenfelder, alerta para mais um ponto relevante: “não podemos imaginar que a base transformada em currículo vai possibilitar a melhora na qualidade de ensino se não houver condições adequadas para o professor, o que implica não só o salário, que é fundamental, mas condições concretas de infraestrutura e formação.”

Apesar das opiniões contrárias, a BNCC apresenta-se como excelente proposta inovadora nos meandros da educação nacional. Até aqui a educação básica vinha unicamente atendendo aos requisitos de preparar o estudante para o ensino superior. O mercado/empregabilidade ficava em outro plano. Era, digamos, tarefa da Universidade, mas, sem unanimidades.

Da proposta, vem a pergunta “como fazer tudo acontecer?” Sim, porque até aqui parece que o governo deu um presente de grego para os particulares e também para as públicas. Ou seja, quem vai pagar essa conta, a reforma/revolução com perspectivas de milhões?

Aparentemente um assunto já digerido, a BNCC ainda precisará de esforços hercúleos para efetivamente ser aplicada, a partir do vigor normativo, com vários atores assumindo seus postos com total dedicação. Assim como dar-se as mãos num acordo pétreo que se inicia com a gestão escolar, com os coordenadores, diretores dos cursos além dos professores e apoio das famílias, sem perder de vista que:

1. a BNCC é assunto complexo e para tanto é fundamental ler e inteirar-se do texto normativo aprovado, sem ficar à deriva quando há toda uma multidisciplinaridade a ser conhecida e exercida;

2. os docentes precisarão ter o domínio no trato das competências socioemocionais; com muitas leituras adicionais e complementares, inclusive porque já existe no mercado uma bibliografia, às dezenas, muita rica;
3. também eles precisarão se reinventar como docentes, com novas técnicas e abordagens, além da necessidade de melhor se capacitarem com cursos bem como com pós graduação;
4. dominarem tecnologias e com isso potencializarem o ensino, já que os aprendizes muitas vezes têm muito mais domínio pelo trânsito constante e contínuo pela internet e redes sociais.

Esperada por muitos e discutida à exaustão nos foros competentes, sem uma unanimidade, agora é aguardar a BNCC do Ensino Médio, encaminhada ao CNE em de 3 de maio último, para ver em que oceano deságua esse rio.

Mais do que aplacar a angústia de vê-la vigorando, de parte daqueles que integraram os grupos de trabalho do lento e cansativo processo, dos secretários de educação dos estados, dos gestores, coordenadores e diretores de unidades de educação, pedagogos, docentes, enfim, de todos os operadores da educação nesses ciclos, a grande espera vai se dar mesmo é nas portas das Universidades pois as promessas são muitas, acompanhadas de várias interrogações.

A inquietude é saber e provar que realmente houve mudança, para melhor, e que, por conseguinte, a qualidade intelectual dos jovens que atravessarão as novas etapas formativas de fato se pusera pronta para o desafio da segunda etapa e finalmente para a terceira etapa, a universidade.

A infraestrutura e a formação dos professores ainda são barreiras que algumas escolas enfrentam para inserir a tecnologia no cotidiano, a contar com ferramentas como videoaulas, avaliações diag-

nósticas, tarefas online, aplicativos de acesso dos docentes e alunos, enfim, um portal disponível que concentra conteúdos relevantes.

O último censo escolar mostra a tragédia de uma hemorragia no organismo. Brasil com a redução no número de jovens que buscam a carreira do magistério nas nossas universidades. A continuar assim teremos o agravamento da anemia intelectual que nos caracteriza e num mundo competitivo isso significa a anemia da economia, na cultura e na vida social. Aqui entra a função, a responsabilidade e o desiderato da BNCC.

Esperemos que vez por todas consigamos resolver nossas deficiências educacionais, que ficaram por aqui muito tempo, em desfavor da atualidade globalizada que só nos tem trazido pechas e desconforto, inclusive porque poupávamos um e outro, ciclicamente, dos erros, imprecisões e incertezas nas propostas.

OS DESAFIOS PARA IMPLANTAR A BNCC: MOTIVAÇÃO DOCENTE

(22/05/2018)

ACESSE AQUI

“Educar não se limita a repassar informações ou mostrar apenas um caminho, mas é ajudar a pessoa a tomar consciência de si mesmo, dos outros e da sociedade. É oferecer várias ferramentas para que a pessoa possa escolher, entre muitos caminhos, aquele que for compatível com os seus valores, sua visão de mundo e com circunstâncias adversas que cada um irá encontrar.”¹

No taxi, dias atrás, o motorista se mostrava inconformado porque seu filho de 14 anos disse que se atrasaria para volta para casa porque ele e um colega iam ficar treinando a professora a usar o Power Point. Disse-lhe ser interessante os meninos ensinarem a professora, por ser o intercâmbio de conhecimentos uma das características do atual aprendizado. Ressaltei que não há mais idade para nada e o importante é aprender. O “azedo” taxista retrucou que se a professora tivesse 40 anos ele até concordaria, mas que ela nem tem 30 e teria obrigação de dominar a informática.

O grande “problemão” da BNCC é GENTE, tanto os que ensinam quanto aqueles que aprendem. Tudo está mudando: os estudan-

1 Profa Rosa Maria Gasparini Nazar – coordenadora do curso de Pedagogia da Unicastelo.

tes, as famílias e a sociedade. É preciso encontrar novas formas de relacionamento e vou tratar um pouco sobre isso no artigo de hoje, dando sequência aos temas abordados nas publicações anteriores, especialmente no texto “Os desafios para implantar a BNCC: vontade política, gestão escolar e qualificação docente”.

Qualquer boa ideia, qualquer plano de viabilidade ou de ação só acontece se o consumidor quiser, se houver recursos para implantar, mas, principalmente, se tiver gente capacitada, entusiasmada e reconhecida para executar. É aí que existe o calcanhar de Aquiles da BNCC, pensamos nós. O profissional docente de hoje ainda tem muitas carências, e não vale aqui buscar as razões e motivos que sabidamente existem e que tanto prejudicam a performance de muitos deles. A realidade é que agora as demandas são outras e muito mais exigência dos participantes. A colocação de Mozart Neves Ramos, do Instituto Ayrton Senna, é lapidar:” Sem preparar bem o docente, a Base não sairá do papel”.

Também para o projeto dar certo a cobrança deve ser feita rapidamente às Universidades que, salvo engano, ainda não sabem como formar o novo profissional do magistério. Certamente, haverá uma revolução no quadro docente das instituições, revitalizando-se o espírito que domina a sala dos professores. E mais, é impensável assumir que a profissão exige formação continuada e os atuais docentes, embora queiram participar, sob rigorosa avaliação de desempenho, podem quedar-se diante da lousa com o giz na boca a não se capacitarem diante das atuais exigências.

Isto ficou claro no ciclo de debates “Gestão educacional: a formação de professores no contexto da BNCC”, promovido pela Fundação Itaú Social e pelo Instituto Ayrton Senna, em São Paulo, no dia 8 de maio. O evento reuniu mais de 500 pessoas, entre especialistas brasileiros e internacionais, gestores públicos, acadêmicos, educadores e organizações do terceiro setor, para debater a nova realidade.

Os debatedores falaram sobre a formação de professores diante da necessidade das inovações curriculares, destacando que o desafio de ensinar crianças nos dias atuais deve ter um foco na aprendizagem que permita que elas entendam o mundo futuro. O mais importante de tudo é que os estudantes precisam ter a habilidade de continuar aprendendo a vida inteira.

Sem uma boa universidade não teremos boa educação de base, por falta de bons professores, único causador do círculo vicioso da hemorragia intelectual da qual padecemos. Ainda haveremos de ter a Universidade do Magistério na qual o aluno terá acesso gratuito e ainda receberá um salário no correr do curso.

Chegou a hora de acender os *spotlights* e iluminar o cenário atribuindo responsabilidades e protagonismos, atacando de frente os equívocos nas formações das licenciaturas, propostas eficazes e eficientes nas ofertas dos seletivos que haverão de mudar radicalmente, para uma realidade avaliativa

que nunca se propôs, descartando o velho e assumindo o novo. Aí está um ponto nevrálgico, pois, até que a BNCC cumpra seu ciclo integral, as licenciaturas continuarão a receber os mesmos alunos, as mesmas formações de um fundamental e médio combatidos. Na outra ponta, que mudanças ocorrerão nos currículos e conteúdos universitários dos licenciandos?

A revolução tecnológica precisa ser encarada como grande facilitadora da escola, pois transformará a maneira pela qual iremos aprender e ensinar e o exemplo real é o filho do taxista com qual iniciei este artigo. A tecnologia permite que os alunos se tornem mais independentes na sala de aula. A mudança de professor para mediador ou designer da aprendizagem é um movimento cada vez mais importante para a profissão. Neste sentido, é preciso investir no desenvolvimento de habilidades do professor como a: criatividade, a comu-

nicação, a fluência digital, o trabalho em equipe e o gerenciamento de projetos. Esse processo muda significativamente o modelo atual da sala de aula, em que a entrega de conteúdos é privilegiada, para um modelo em que a experimentação, a descoberta e a inovação são valorizadas como base da construção da aprendizagem e transformados em portfólios transportados para diferentes dimensões da vida.

“O mais importante será repensar o papel e a função da educação escolar – seu foco, sua finalidade, seus valores. A tecnologia será importante principalmente porque irá nos forçar a fazer coisas novas, e não porque irá permitir que façamos melhor as coisas velhas”, dizia o mestre Cristovam Buarque.

Um outro desafio é o engajamento da família na escola. Como as histórias culturais e a vivência das famílias e comunidades podem ser identificados e integrados ao currículo e aumentar o sentimento de pertencimento da escola como uma extensão da vida ou como lugar em que os projetos de vida são inicialmente planejados?

A certeza, porém, é que não vai dar para voltar aos anos 40 e 50, quando pais e mães se debruçavam com os filhos sobre “Caminho Suave”², da professora Branca Alves de Lima.

²10Caminho Suave é uma obra didática, uma cartilha de alfabetização, concebida pela educadora brasileira Branca Alves de Lima (1911-2001), que se tornou um fenômeno editorial. De acordo com o Centro de Referência em Educação Mário Covas, calcula-se que, desde 1948 quando teve sua primeira edição, até meados da década de 1990, foram vendidos 40 milhões de exemplares dessa cartilha. Em 1995, Caminho Suave foi retirada do catálogo do Ministério da Educação (portanto, não é mais avaliada), em favor da alfabetização baseada no construtivismo. Apesar de não ser mais o método “oficial” de alfabetização dos brasileiros, a cartilha de Branca Alves de Lima ainda vende cerca de 10 mil exemplares por ano.

Hoje, os pais vivem em mundos diferentes e com seus problemas do dia a dia, pouco tempo têm para contribuir com os filhos. O grande desiderato vai ser preparar bem o docente e estimular a universidade a estabelecer os vínculos dos cinco pontos de uma educação ideal: aluno/escola/professor/família e sociedade, os verdadeiros sustentáculos do desenvolvimento do país. Afinal de contas, educação não é tarefa para amadores, tema com que concluirei esta série sobre a BNCC.

OS DESAFIOS PARA IMPLANTAR A BNCC: OS PALPITEIROS QUE NUNCA ATUARAM EM UMA SALA DE AULA

(29/05/2018)

ACESSE AQUI

“As massas humanas mais perigosas são aquelas em cujas veias foi injetado o veneno do medo.

Do medo da mudança.”

Octavio Paz

No [artigo da semana passada](#) relatei a história do filho do taxista, mas ela é melhor do que eu havia entendido. De fato, os meninos ficaram a tarde na escola para colaborar com a professora. O objetivo era a criação de um canal de YouTube para os trabalhos escolares. Uma semana antes, ela deu tarefa para eles pesquisarem no Google três cidades brasileiras em que gostariam de viver. Os dois estudantes apresentaram na classe um vídeo feito por eles e abafaram. Então a professora pediu que ensinassem aos colegas como filmar e fazer uma apresentação.

Esse cenário mostra que os alunos estão participando e não apenas ouvindo. Ou seja, a professora abriu espaço para aprendizagem colaborativa. O que é importante é que ela os colocou como protagonistas e não mais como simples espectadores. E é isso o que de fato precisa sair do campo das ideias e ser efetivamente mudado.

Comecei o [primeiro artigo](#) da série em que abordo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) baseando-me numa excelente peça publicitária da SAS Plataforma, publicada na Folha de S.Paulo. É conteúdo persuasivo e motivador que mostra como implantar essa estratégia transformadora no ensino básico brasileiro. Completamente possível, porém há ao mesmo tempo centenas de críticas mostrando justamente o contrário: que nada vai dar certo.

O Brasil é o único país que, depois de alguns anos de uma reforma e não tendo conseguido implantá-la, faz outra. Foi sempre assim em todos os níveis e graus ao longo da história. A questão legal da Base Comum Curricular está vencida. Mas agora se discute em todas as regiões como implementar o processo.

Todavia, continuamos com um velho problema no ensino público: pouca ou nenhuma infraestrutura a não ser nos grandes centros para poder implantar a BNCC. Isso requer recursos que hoje não estão disponíveis como deveriam estar. Por outro lado, como já disse, não há compromisso por parte das prefeituras e nem dos estados. É o governo federal que envia todos os meses, através do FNDE, os recursos para estados e municípios e que deveria ser o fiel da balança nessa equação, estabelecendo para todos o dever de casa e cobrando a execução.

Se não tomarmos medidas drásticas, não implantaremos a BNCC. Vamos levar, levar e pôr um arremedo e pronto. Discutir questões ideológicas já não é tão importante. O importante é identificar o que um brasileiro deve saber e aprender no ensino fundamental. Qual o mínimo para poder ser um cidadão e ter habilidade profissional.

Quando se pensa em uso de tecnologias nas escolas públicas, vale observar que o governo reduziu exigências para que as prefeituras possam participar do programa “Internet para Todos”, do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC). O

Brasil está com 70% de um satélite ocioso ao custo mensal de mais de 800 mil, por que estão brigando e o caso está na mesa da presidente do STF, que parece não ter pressa.

O programa “Internet para Todos” quer atingir no mínimo 40 mil localidades com banda larga. Isto é, internet de alta velocidade. Ela é tão fundamental que muda tudo: muda escola, muda arquitetura dos ambientes, muda principalmente a cabeça das pessoas.

A questão da mão de obra qualificada para sua implantação dessa infraestrutura tecnológica nas escolas, já abordamos, mas não vejo nenhum movimento efetivo no MEC, para além da infraestrutura, avançando de fato para trabalhar de forma incisiva em programas de formação de professores, orientadores, profissionais da internet, profissionais de artes etc.

Sem todo esse processo estruturado, tudo vai ficar no papel, e o resto é conversa fiada que está estampada todos os dias em todos os jornais com “loas” às reformas que não saem do papel. Há teóricos e profetas de todos e para todos os gostos, inclusive para o meu e o de vocês. Mas isso não resolve, a não ser com comprometimento, efetividade de ações e direcionamento dos recursos, já que o PNE foi para o brejo com tudo.

Enquanto não pensarmos o sistema educacional como redes interligadas, não sairemos dessa situação simplista de reducionismo barato, ou pior, de simplificações que fazem o aprendiz a se perguntar: o que querem de mim? O que querem me ensinar? O que minha família espera que eu aprenda.

Vamos dividir as tarefas entre escola e família? Precisamos com urgência, pois instruir, escolarizar é apenas uma parte do processo. Agora atribuir valores, princípios, modos de vida em sociedade, engajamento interpessoal é outra coisa.

Falar é fácil, difícil é fazer acontecer. O que tem de gente falando besteira a respeito da BNCC sem nunca ter atuado numa sala de aula é de espantar. Manda eles cuidarem de seus filhos que farão melhor que tentar elaborar teorias para os filhos dos outros.

A participação da família é essencial e falamos dela no artigo anterior. Mas é fundamental também a participação da sociedade como um todo. Não dá para deixar tudo na mão do governo. Quantos milhares de profissionais e empresários hoje em excelente posição financeira que fizeram escola pública em seus diversos níveis participam de qualquer iniciativa colaborativa de doação de recursos para a educação dos despossuídos? Ou seja, devolver o que tiveram de graça. Se fizer pesquisa dá para contar nos dedos.

E o ensino particular, por suas inúmeras associações de classe, que iniciativas já fizeram para colaborar para que o país tenha egressos do ensino básico mais preparados para enfrentar um mercado de trabalho mais competitivos?

Vale lembrar: se um catador de lixo de Olinda, [Sebastião Pereira Duque](#), pode reformar uma escola toda, o que o ensino particular poderia fazer? Quantas latrinas faltam nas pobres escolas públicas do interior do nordeste brasileiro e todos esperam que o governo resolva. Quantos livros e cadernos poderiam ser doados, sem falar dos computadores em desuso.

Realmente foi importantíssimo discutir a BNCC, mas agora é a hora de agir e por causa disso é que escrevo. Educação não é para amadores, mas para profissionais bem-intencionados.

COMO CONVERTER IDEIAS EM SOLUÇÕES: O MAIOR DESAFIO DO CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR PARTICULAR

(05/06/2018)

[ACESSE AQUI](#)

“As nossas crenças se transformam em pensamentos. Nossos pensamentos se transformam em palavras. Nossas palavras se transformam em ações. Nossas ações se transformam em hábitos. Nossos hábitos se tornam valores. E os nossos valores revelam nosso destino.”

Mahatma Gandhi

Iniciar um congresso nacional de educação com uma palestra de abertura de juiz federal sobre o tema “**O papel da educação no combate à corrupção**” é flagrante demonstração de onde chegou o país na administração, tanto na área pública, quanto na dos negócios privados. Não há santo em nenhuma delas. Sociedade sadia não convive com governo corrupto e governo sadio não admite corrupção. Só há conformidade se governo e governados agirem da mesma forma.

O Congresso Brasileiro da Educação Superior Particular (CBESP), promovido desde 2008 pelo Fórum das Entidades Representa-

tivas do Ensino Superior Particular e pela Linha Direta, tem uma importante “lição de casa” para o setor cumprir diante do intrincado momento político, econômico e social por que passa o país: o de contribuir para que os egressos de nossos cursos, do infantil ao pós-graduado, assimilem e exercitem os valores sadios da ética, da honestidade e da solidariedade.

A 11ª edição começa dia 7 de junho, abrindo-se à noite com a palestra do conhecido magistrado Prof. William Douglas. No dia seguinte, o evento segue com sugestivas mesas-redondas e interessantes painéis direcionados a políticas públicas orientadas para a inovação e inclusão na educação superior brasileira.

Coordenaremos a mesa “**Perspectivas e soluções educacionais para o Brasil que queremos**”, da qual farão parte o Prof. Ronaldo Mota, chanceler do Grupo Estácio; o Prof. Manuel Marcos Formiga, da UNB, e o economista João Noronha, analista de Educação, Saúde e Bens de Capital do Santander. Nossa intenção é refletir como colocar em prática as ideias brilhantes discutidas. Pela experiência destes eventos, aprendemos e trocamos bastante referências, mas, ao retornarmos à nossa lide diária, as obrigações de trabalho fazem-nos esquecer tudo.

O Brasil passa por maus momentos e o setor educacional precisa, pela sua experiência, contribuir com ideias para resolver os desafios existentes. O tema de abertura do XI CBESP aponta por onde tudo deve começar: pela educação!

No tema que será abordado na nossa mesa, a experiência diz que, para resolver qualquer coisa, antes de tudo precisamos saber primeiro quais são os problemas e depois propor a solução. Façamos uma análise do projeto da TV Globo “[Que Brasil você quer para o futuro?](#)” Pelos vídeos enviados, temos uma síntese panorâmica dos problemas do país. Estão na primeira Nuvem de Palavras a seguir:

gente motivada e talentosa. Precisa ter recursos econômicos, plano e metas; pelear noite e dia e persistir sempre. Por mais otimismo que temos, não dá para resolver tudo de uma vez. Por isso, vamos ficar só com aquelas ações que fazemos com a nossa comunidade mais próxima.

O setor privado de educação superior tem papel relevante nesse contexto. É preciso mostrar para a sociedade que não corre só atrás de dinheiro e que, por seus corpos docentes e discentes, pode pensar em mais programas para colaborar com a solução dos graves problemas nacionais.

O caminho é o da colaboração e compartilhamento de ideias viáveis para encontrar respostas. A ação é formar uma rede de participantes, que, segundo a especialidade de cada um, possam doar algumas horas do seu tempo para o estudo dessa questão. Seria então criar um grupo de trabalho – o GIPP-Grupo Investigativo de Projetos Possíveis. E, para sermos práticos, não vamos tentar resolver o problema da corrupção, pois isso leva ao menos uma geração. É mais inteligente aprimorar os projetos existentes e começar a viabilizá-los.

São os seguintes:

- Apoiar o aperfeiçoamento dos professores do ensino infantil, fundamental e médio das escolas públicas
- Prover a ascensão intelectual e cultural gratuita aos alunos pobres que entram no ensino superior
- Promover cursos gratuitos para diminuir a violência urbana e rural
- Preparar novas lideranças para assumir o protagonismo político
- Promover ações de preservação cultural e ambiental
- Promover ações de apoio à população carente nas áreas jurídica, de saúde, de arquitetura, de engenharia

- Abrir as bibliotecas para acesso da população pobre
- Encaminhar aos necessitados máquinas, equipamentos, utensílios que não estão mais sendo utilizados
- Prover cursos de alfabetização e de aritmética
- Organizar cursos gratuitos sobre democracia e como votar
- Trabalhar pelo bairro, pela cidade e pelo país
- Promover palestras sobre prevenção de problemas de saúde e conscientização sobre drogas e alcoolismo
- Promover projetos socioeducativos para esclarecer a população sobre temas como racismo e homofobia
- Apoiar minorias de todas as raças e credos
- Estimular o incentivo à leitura e a produção de materiais que contribuam para a formação de alunos das escolas públicas
- Oferecer Cursos de férias ou para aperfeiçoamento de gestores públicos
- Organizar Apresentações culturais (teatro, musicais e feiras) para a comunidade local
- Criar Eventos esportivos envolvendo moradores de bairros pobres
- Promover a instalação de Escolas e hospitais móveis de apoio à população carente e outros de qualificação técnica, cultural e artística para desenvolvimento profissional
- Incentivar talentos de todas as idades

Melhorar a vida dos brasileiros leva tempo. Mas uma coisa é certa: precisa ter espírito público, deixar de pensar só em si. Haja visto a recente paralisação dos caminhoneiros, onde, segundo o Data Folha, 87% a população apoiava o movimento, mas não queria ficar sem carne, sem legumes e gasolina e resmungava quando a empre-

gada não comparecia. Amigo meu ficou 2 horas na fila da gasolina. Na frente dele havia um pai com dois guris que não passavam de 10 anos. Depois de encher o tanque de sua caminhonete quis brigar com os empregados do posto, porque não forneciam combustível para tambores suplementares. Que bom exemplo está dando aos filhos.

Respeitar direitos alheios se aprende na família e se exercita na escola. Essa é a receita em todo o mundo. Por mais educados que sejamos, saímos de uma mesma família de **hominídeos** e no fim somos todos iguais. Todos pensam primeiro em si e os outros que se danem. O que nos difere de outros países é que eles criaram limites para a esperteza e quando as pessoas ultrapassam são penalizadas.

Recebi mensagem do ator [Ademar Seccatto](#) que adaptei para concluir o tema de hoje:

“O Brasil chegou a este caos econômico e social não porque nos faltam recursos naturais ou porque a natureza foi cruel conosco. Nem porque faltam talentos, gente séria e bem-intencionada. Chegamos ao caos porque ficamos apáticos e quando vemos algo feito de forma errada dizemos “este não é meu problema”. Chegamos ao caos porque nos falta atitude. Falta-nos vontade de seguir e ensinar esses princípios de funcionamento das sociedades prósperas e desenvolvidas que são:

1. Ética, como princípio básico.
2. Integridade.
3. Responsabilidade.
4. O respeito pela legislação e regulamentação.
5. O respeito da maioria dos cidadãos pelo direito do outro.
6. O amor ao trabalho.
7. O esforço para poupar e investir.

8. A vontade de ser produtivo.
9. A pontualidade.
10. O orgulho de cumprir com o seu dever.”

SÓ PODEREMOS SALVAR O BRASIL PELA EDUCAÇÃO!

XI CBESP MOSTRA COMO ENFRENTAR OS DESAFIOS DO PRESENTE E TER CORAGEM DE SE REINVENTAR

(12/06/2018)

[ACESSE AQUI](#)

“Somos o que fazemos, mas somos principalmente o que fazemos para mudar o que somos”.

Eduardo Galeano

O XI Congresso Brasileiro da Educação Superior Particular (CBESP), que teve com o tema “Inovação e inclusão para o Brasil que queremos”, sem dúvida alguma vai ficar como marco da transformação da educação superior brasileira, porque o que lá foi discutido é o desafio da transformação e quebra dos “sagrados” paradigmas do status quo do atual estágio da educação em nosso país. Não se muda o velho mudando-se a roupa, o que precisamos mudar são a mente e alma.

A educação não será transformada se não mudarmos o modo jurás-sico do pensar do Estado. E, mais do que isto, transformar suas velhas carcomidas e corrompidas estruturas de poder é uma necessidade.

Preocupação principal: o maior problema do sistema universitário brasileiro são seus próprios atores. O sistema precisa ter coragem de se reinventar. E, para deixar bem claro, os atores somos nós, nossos arcaicos currículos, nossos professores desmotivados, nossas salas de aulas desatualizadas, nossos sistemas de ensino e processos de avaliação.

As cabeças dos dirigentes das nossas escolas, dos professores, das pessoas que compõe a estrutura do MEC e até mesmo dos próprios alunos precisam mudar. Para a modernidade acontecer, precisamos unidos colaborar para transformar o mundo patrimonialista, imoral, desavergonhado e corrompido da política brasileira, que rouba o povo brasileiro desde Cabral.

Como o Fórum das Entidades Representativas do Ensino Superior Particular vai disponibilizar os excelentes trabalhos apresentados no endereço www.cbesp.com.br, apenas para evidenciar a qualidade temática do congresso, saliento a apresentação do Prof. Daniel Castanho, no primeiro painel sobre Educação Superior Inovadora e Inclusiva, onde expôs o projeto transformador de sua instituição, intitulado "[A experiência da Anima Educação: a transformação da educação por meio da inovação e do acesso](#)", que mostra as linhas da ação para modificar a realidade que bate às nossas portas. Quem quiser ser competitivo nos próximos anos, ter sustentabilidade, econômica, educacional e social, é só seguir o modelo. Se a mentalidade do Daniel não fosse a do apelo e de união de propósitos, ele não mostraria o plano de desenvolvimento de sua instituição e não diria o que concluí, em minha mesa de discussão. Inspirando-me em suas palavras:

“Precisamos criar um grande ECOSISTEMA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA, para cada um fazendo a sua parte, todos trabalhando juntos, pequenas, grandes, particulares, públicas, técnicas, de pesquisa... enfim todos em único e integrado ECOSISTEMA”.

E são as entidades representativas do setor que devem se programar para este esperado projeto e colocar a mão na massa para isto acontecer. Como disse em artigo anterior, o grande desafio deste congresso será colocar suas ideias em ações. A mais importante tarefa é alinharmos estratégias para atuarmos num ambiente universitário mais acolhedor e saneado competitivamente.

Coordenei a mesa “Perspectivas e Soluções educacionais para o Brasil que queremos” e questionamos os professores Ronaldo Mota e Manuel Formiga e o economista João Noronha sobre o tema. Na conclusão dos debates, propus e senti acolhida a proposta de que, para o Brasil que queremos acontecer, precisaremos deixar de ter expectativas que caem dos céus e influir para que de fato aconteçam para termos um país mais justo e altaneiro.

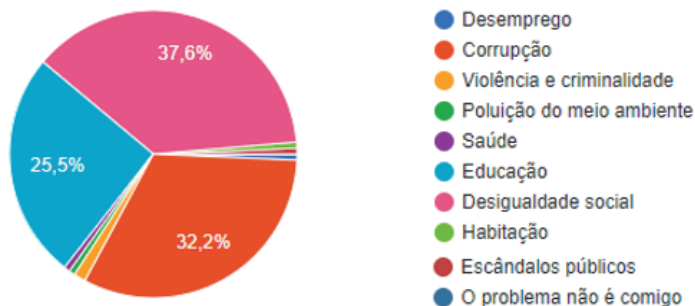
Esse é o propósito da criação do Instituto “SÓ A EDUCAÇÃO SALVA O BRASIL”, que tem como objetivo maior encontrar programas viáveis para salvar o Brasil dos centenários males que nos impedem de dar melhor qualidade de vida aos nossos concidadãos. Será o elo propositor de Ideias e Programas, entre o Brasil atual e o Brasil que precisamos e que queremos.

Enquete rápida

150 respostas

Qual é o problema do Brasil?

149 respostas



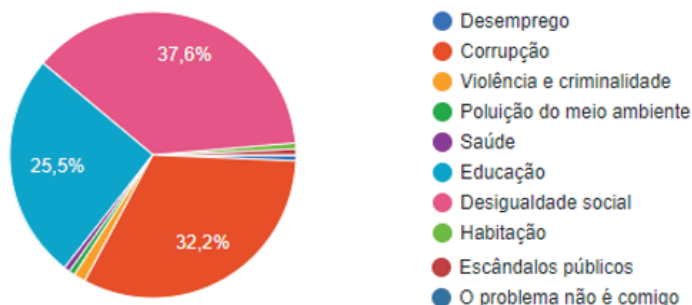
Durante a mesa-redonda, apliquei uma enquete para verificar, na opinião dos participantes, qual o problema do Brasil. Desigualdade social, corrupção e educação foram, dentre os dez maiores problemas mostrados, os três que mais preocupam.

Enquete rápida

150 respostas

Qual é o problema do Brasil?

149 respostas



A pesquisa segue aberta e, por isso, seu resultado segue dinâmico. A todos os interessados em participar, podem [clique aqui](#) e responder.

A pesquisa mostra que nossos problemas estão evidentes, mas, para salvar o Brasil que queremos, precisamos passar pela educação, e isso significa defrontar os sintéticos círculos abaixo, melhor explicados neste link. A ideia é baseada num trabalho do Prof. [Evando Neiva, da Fundação Pitágoras](#).

A PROBLEMÁTICA



CBESP
XI Congresso Brasileiro da
Educação Superior Particular

O instituto “Só a Educação Salva o Brasil” é ainda uma ideia em gestação e por enquanto só uma pretensão. Está baseada na colaboração e compartilhamento de pessoas que desejam um país com menos problemas e com mais otimismo e autoestima. Para isto, precisa contar com a colaboração dos talentos e cérebros e com a disposição das pessoas para endireitar os rumos da nossa nação. O objetivo é ter ideias que, transformadas em programas, possibilitem um Brasil mais igualitário, desenvolvimentista e sustentável até 2052.

Explicando o porquê: nascem 321 bebês por hora. Significa contabilizar 2 milhões e oitocentos mil brasileiros por ano, que nascerão a partir de amanhã. Se tiverem uma primeira infância sadia, terão capacidade de entrar no curso básico com 7 anos. Ingressarão no ensino superior (tecnólogos, graduação e outros) com 20 anos, se tornarão universitários com 24 anos e experientes cidadãos aos 30 anos. Com otimismo, dei mais quatro anos para uma geração colocar

o país de pé. Mas é um caminho que só poderá ser percorrido com educação e com otimismo. É bom possível que leve mais tempo.

“Só a educação salva o Brasil” não pretende inventar a roda das soluções educacionais. Primeira tarefa é tentar reunir todos os projetos assemelhados, como Todos pela educação, Fundação Pitágoras, Instituto Ayrton Sena, Fundação Leman e outras assemelhadas. Para as próximas eleições há um projeto que a OAB capitania e que a ABMES apoia e que pretendemos colaborar. Há uma ideia a ser apresentada à ABMES que no lugar de fazer a costumeira reunião com as equipes dos candidatos, deve fazer o contrário: chamar os candidatos para ouvirem o que o Brasil precisa com base na educação.

A estrutura organizacional do “Só a educação salva o Brasil” vai ser pensada e logo divulgaremos, ocasião de solicitarmos a sua colaboração que é **DOAR UMA SEMANA POR ANO DE SUA EXPERIÊNCIA E IDEIAS** para darmos um jeito neste país.

UM VULCÃO DE CORRUPÇÃO, FALTA DE EDUCAÇÃO E DESIGUALDADE SOCIAL

(19/06/2018)

[ACESSE AQUI](#)

“Somente com a educação baseada em valores de honestidade, solidariedade e lealdade acabará a corrupção. Os políticos vêm do povo e por este são eleitos. Se há políticos corruptos é porque a própria sociedade os corrompeu.”

Aracy Pereira Silveira Balbani, Tatuí/SP

A revista Você S/A deste mês, em sua reportagem de capa – “Revolução na educação” – tendo como fonte o Worldwide Education for the Future Index, cita as competências atuais que todos os profissionais devem dominar, frente ao avanço das novas tecnologias. Conhecidas por muitos, são relatadas com diferentes ênfases nos seminários e congressos de educação há mais de 10 anos. O que falta é colocar em prática. São elas:

- Liderança
- Senso Empreendedor
- Interdisciplinaridade
- Habilidades Digitais
- Criatividade e Senso analítico e
- Consciência Global e Cívica

Novidades e nem tanto, porque está última, com roupagem diferente, é o mesmo EPB – Estudos dos Problemas Brasileiros, dos idos tempos de 1970. O MEC tirou do currículo e todos fizeram o mesmo: seguiram a “ladainha”.

Em e-mail que recebi do Prof. Paulo Vadas, da “Brasil Monitor”, ele diz ter ficado surpreso ao pesquisar nossos modelos de IES e nada ter encontrado em relação à preocupação com a formação da cidadania em termos políticos; quer (1) para que (a) estudante que é obrigado a votar já aos 18 anos de idade entenda como funciona o sistema político brasileiro e para que saiba em quem e porque votar, quer (2) para que saiba quais são as diversas responsabilidades dos cargos políticos (vereador, deputado, senador, prefeito, etc.), ou, ainda, (3) para que entenda quais seus direitos enquanto cidadã que paga seus impostos para os serviços públicos.

“Como é que o cidadão vai participar da eliminação da corrupção se ele não tem a mínima ideia dos seus direitos, tampouco sabe votar e, pior, não tem nenhum interesse em se tornar um político e participar ativamente para ajudar a mudar está casta que está no poder há centenas de anos?”

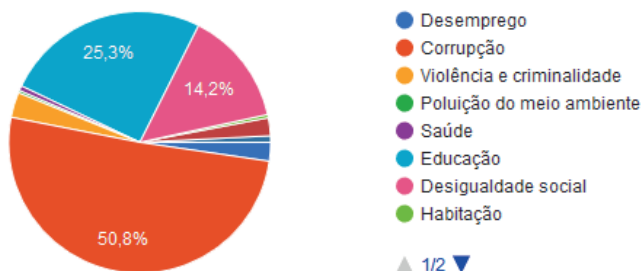
Relato isto porque todos falam, mas poucos praticam. Haja visto o resultado da [enquete](#) aplicada no XI CBESP, mencionada no [artigo da semana passada](#), que assinala que, dentro dos 10 males que agridem o Brasil atual, os 3 principais são pela ordem: Corrupção (50,8%); Educação (25,3%) e Desigualdade social (14,2%).

Enquete rápida

998 respostas

Qual é o problema do Brasil?

995 respostas



Vejam o conceito de corrupção trazido pela [Wikipedia](#):

“corrupção, corrução ou corrompimento, em sentido lato, corresponde à ideia de decomposição. Na esfera das relações humanas em particular, está relacionada ao suborno: ato ou efeito de se corromper, oferecer algo para obter vantagem em negociata, na qual se favorece uma pessoa e se prejudica outra.

Segundo Calil Simão ^[111], é pressuposto necessário para instalação da corrupção a ausência de interesse ou compromisso com o bem comum. ‘A corrupção social ou estatal é caracterizada pela incapacidade moral dos cidadãos de assumir compromissos voltados ao bem comum. Vale dizer, os cidadãos mostram-se incapazes de fazer coisas que não lhes tragam uma gratificação pessoal’.

1 Calil Simão, advogado, escritor e jurista brasileiro. Presidente do Instituto Brasileiro de Combate à Corrupção, professor associado do Instituto Brasileiro de Direito Constitucional e pesquisador vinculado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Entre os crimes contra a administração pública previstos no Código Penal Brasileiro² estão o exercício arbitrário ou abuso de poder, a falsificação de papéis públicos, a má gestão praticada por administradores públicos, a apropriação indébita previdenciária, a lavagem ou a ocultação de bens oriundos de corrupção, o emprego irregular de verbas ou rendas públicas, o contrabando ou descaminho, a corrupção ativa e passiva, entre outros.”

Desde o início dos anos 2000, circula pela internet um texto de origem desconhecida, mas que traduz bem esse momento atual pelo qual passamos. Ou seja, infelizmente, o tema não é novo, muito menos é novidade deste milênio.

“O Brasil tem uma triste tradição de escândalos envolvendo políticos que realizam operações fraudulentas com o dinheiro público, buscando beneficiar-se pessoalmente com isso. Segundo especialistas, a corrupção está ligada a vários fatores, entre eles a fragilidade das instituições democráticas, como a Justiça, e a ausência de mecanismos de fiscalização populares desses órgãos. A falta de transparência no trato do bem público, especialmente durante a realização de grandes negócios, como privatizações, também estimula as autoridades a aceitarem propinas.”

Vejam alguns depoimentos que expressam a percepção do cidadão brasileiro.

“A corrupção é fruto do sistema que valoriza o ter, e não o ser. Que estimula o individualismo, em vez da solidariedade. Enfim a corrupção é fruto do sistema que subverteu os valores morais da sociedade e busca sempre cada vez mais acumular bens materiais. Tudo pode ser vendido e comprado.” Jose Neumar – Porto Velho/RO

2 Uma das formas mais comuns em que se podem classificar as corrupções é a divisão entre corrupção ativa e passiva. A corrupção ativa ocorre quando se oferece vantagem indevida a um funcionário público em troca de algum benefício. Por outro lado, a corrupção passiva só pode ser praticada por funcionário público. O simples ato de oferecer proposta ilícita é o suficiente para caracterizar o crime, não sendo necessário que o outro aceite

“O problema da corrupção está imbuído na cultura brasileira. Nós crescemos ouvindo que a corrupção faz parte do dia a dia. A corrupção começa dentro de casa, e é a partir daí que deve ser podada. É um problema social grande no Brasil, mas também encontrada em países de Primeiro Mundo.” Luis Zoccoler – Sydney (Australia)

“A verdade é que só há corruptos porque também há corruptores. No entanto, o problema do Brasil é bem maior, é da base estrutural, de formação como cidadão, que envolve ambiência familiar, social, religião, economia, estrutura educacional, etc. A solução para iniciar um processo de mudança está, primordialmente, na educação, na mudança de legislação para evitar a impunidade, além do amor ao próximo, pois à medida que se obtêm benefícios através da rede ilícita de corrupção, renegam-se os milhares de desabrigados e famintos que sobrevivem abaixo da linha de pobreza.” Reginaldo Batista dos Santos – Vitória/ES

“A corrupção não é uma invenção brasileira, mas a impunidade é uma coisa muito nossa.” Jô Soares

“A má educação gera bons telespectadores, péssimos eleitores e muitos candidatos.” Autor desconhecido

Na apresentação de seu livro “Falta de Educação gera Corrupção” – Ed. Novo Século – o presidente da ABMES, Prof. Janguê Diniz, escreve:

“A educação é arma poderosa contra a corrupção. Só ela tem força de mudança. É indispensável haver investimentos sociais para mudar a realidade educacional existente, se quisermos de verdade, construir um país sério. Educação tem que ser prioridade; ela é a mola propulsora da cidadania.”

No mais, como ficam a desigualdade social e o desemprego senão por via da educação, que a tudo responde e presta contas, ainda que na atualidade exista um grande esvaziamento da carreira do magistério quando o docente é a mola propulsora de toda a sociedade? E sem ele não há educação.

Por esta razão propusemos a criação do Instituto “SÓ A EDUCAÇÃO SALVA O BRASIL” a ser formado pelas mentes brilhantes deste país, que tem como objetivo maior encontrar programas viáveis para salvar o Brasil dos centenários males que nos impedem de dar melhor qualidade de vida aos nossos concidadãos. Será o elo propositor de ideias e programas entre o Brasil atual e o Brasil que precisamos e que queremos. Ou vamos colocar em prática e deixar que nossos “bondosos políticos” resolvam?

CAPITAL HUMANO X CAPITAL POLÍTICO

(26/06/2018)

[ACESSE AQUI](#)

“Para o Brasil se desenvolver, precisamos reduzir a corrupção e melhorar a educação – não importa por onde comecemos.”

João Batista Oliveira¹

A mídia registra diariamente a corrupção endêmica que corrói o país por todos os lados. Não sobra santo, como mostra [e-mail](#) de leitor que, ao comentar artigo publicado na semana passada ([Um vulcão de corrupção, falta de educação e desigualdade social](#)), defende a ideia de que o mal atinge todos os setores.

Recebemos também outro relato que destaca que no rol das áreas de educação, que esquematizamos no artigo anterior, falta a prisional, que tem população carcerária de mais de 700 mil detentos, crescendo a 10% ao ano. Amontoados em celas, o melhor que os presos podem fazer é se especializarem nas áreas diversas do crime, já que lá também a Educação (com maiúscula) não chega.

O desenvolvimento econômico de um país depende, entre outras coisas, do **capital humano** – conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que favorecem a realização do trabalho. É através

¹ João Batista Oliveira é referência nacional em educação. Atua como professor, pesquisador, consultor e ocupou cargos executivos em organismos nacionais e internacionais. É fundador e presidente do Instituto Alfa e Beto, ONG promotora de políticas práticas de educação que priorizam a alfabetização.

dele que novas ideias circulam, que o progresso tecnológico ocorre com mais intensidade e que a produtividade da economia aumenta, o que, convenhamos, faz bem para toda a sociedade – afinal, o conhecimento é transmissível. Por tudo isso, para a teoria do capital humano, a educação é importante e tem influência determinante na renda das pessoas, pois melhora as habilidades, e o resultado pode ser observado no aumento de sua renda. Já o capital político é fruto da construção de relacionamentos e laços entre pessoas e ideias – que podem ser lícitos, mas também, eventualmente, descambar para atividades escusas, para a corrupção.

Se a acumulação de capital humano tem um papel positivo no desenvolvimento econômico, a acumulação de capital político não implica, necessariamente, benefício para a sociedade de modo geral.

Essa distinção me fez pensar no papel da educação neste momento tão conturbado e delicado que nosso país atravessa em que a corrupção grassa sem pudor e sem medo de punição. Petrobras, malas de dinheiro, merenda escolar e que tais são problemas que assombram a vida do brasileiro, que corre o risco de tornar-se insensível a eles diante da massiva e corriqueira exploração midiática do assunto. Mas o que é o crime da corrupção?

O economista Gary Becker (1930-2014) iniciou seus estudos sobre a economia do crime e punição quando, atrasado para um compromisso, decidiu deixar seu carro na em lugar proibido, em vez de procurar um estacionamento. Para isso pesou racionalmente os custos potenciais das duas opções. Segundo ele, criminosos são pessoas como quaisquer outras: eles pesam os custos e benefícios quando praticam uma ação. Corruptos (que também são criminosos) agem racionalmente com base nessa mesma ideia de custos e ganhos. Assim, um indivíduo somente se corrompe se o benefício de seus atos for maior do que o valor esperado de ser pego e, conseqüentemente, de ser punido.

No entanto André Damé Carraro e Otávio Menezes, no artigo “[Educação e corrupção: a busca de uma evidência empírica](#)”, que ganhou o primeiro lugar no Concurso de Monografias da CGU, existe uma diferença entre a corrupção e os demais crimes:

“Nos crimes, em geral existe, de um lado, o criminoso e, de outro, a vítima. Diferentemente da corrupção, em que ambos os participantes do ato são culpados. Tanto o agente que pagar propina quanto o que a recebe estão cometendo o crime de corrupção e obtendo alguma vantagem através deste ato. A vítima, nesse caso, é toda a sociedade que ‘paga’ por suas consequências”.

A corrupção é um grave problema que afeta todos os países do mundo e que, em níveis elevados, como no caso do Brasil, pode prejudicar seriamente o crescimento econômico e ampliar o fosso da desigualdade social.

Em 2017, foram publicados dois indicadores mundiais que podem explicar essa relação. O primeiro, da Transparência Internacional, é um ranking sobre percepção da corrupção no mundo. Ele leva em consideração a percepção que a população tem sobre a corrupção entre servidores públicos e políticos. Dos 176 países analisados, o Brasil ficou na incômoda 79ª posição. Nas primeiras posições, Dinamarca, Nova Zelândia, Finlândia e Suécia. O segundo indicador foi o Ranking da Educação, realizado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que leva em consideração o desempenho dos alunos no PISA, a média de anos que os alunos passam na escola e a porcentagem da população que está cursando ensino superior. Neste ranking, dos 36 países analisados, o Brasil ocupa a penúltima pior classificação.

Cruzando-se os dados da Transparência Internacional e da OCDE, parece-me que se patenteia a solução para os nossos problemas: os países considerados menos corruptos obtiveram ótimas colocações no ranking da educação.

Insisto, a educação tem o poder de fazer as pessoas saberem de seus direitos – e também, e isso é importante, de seus deveres –, fiscalizarem as ações da administração pública e impedirem atos corruptos, pois, como ensina o senso comum, é mais difícil enganar um povo mais bem instruído, que está por dentro do processo democrático e institucional. Além do mais, educação traz consigo noções de ética, fundamental à prevenção e ao combate à corrupção. Assim, acredito que o investimento em educação é a maneira mais acertada de diminuir a corrupção do país e, conseqüentemente, fazê-lo crescer.

Acredito que só a educação tenha o poder de estimular a capacidade do indivíduo de melhor controlar o comportamento dos políticos e identificar atos corruptos. E, principalmente, saber escolher seus representantes políticos. Reitero que o conhecimento político, se adquirido e reforçado na escola, aumenta o interesse pela vida política, despertando maior percepção das diferenças de qualidade entre as instituições políticas.

Tenho certeza de que a presença de matérias específicas sobre política nas redes de ensino melhoraria as habilidades individuais de compreender eventos políticos e ajudaria o indivíduo a formar visões políticas consistentes. Se tivéssemos menos corrupção, o desenvolvimento do país seria mais efetivo. Para isso, precisamos tornar a corrupção mais onerosa: é preciso punir os empresários corruptores e os políticos corruptos, nos tribunais para ambos e nas urnas para os últimos – e aqui a ação da educação é fundamental.

Não é mera coincidência que países considerados menos corruptos tenham melhor desempenho em educação. Sem o fortalecimento da educação brasileira – com a criação e implementação de planos de curto, médio e longo prazos, do berçário à pós-graduação –, é ilusório imaginar que superaremos o fantasma da corrupção que tanto mal faz ao nosso país.

O instituto “Só a Educação Salva o Brasil” é ainda uma ideia em gestação, mas com fortes doses de intencionalidades. Tem por fundamento a colaboração e o compartilhamento de pessoas com ideias para formular um país com menos problemas e com mais otimismo e autoestima. Daí contar com a colaboração dos talentos, inteligências e com a disposição das pessoas para endireitar os rumos da nossa nação. O objetivo é ter ideias que, transformadas em programas, possibilitem um Brasil mais igualitário, desenvolvimentista e sustentável.

O BRASIL PRECISA DAR CERTO

(03/07/2018)

[ACESSE AQUI](#)

“Impressiona-me o crescente espaço destinado à informação negativa. A autoestima do brasileiro está lá em baixo. Nós jornalistas e formadores de opinião contribuimos para essa visão sombria quando ficamos reféns de pautas superficiais”

Carlos Alberto Di Franco – jornalista

Ao final do primeiro jogo do Brasil no mundial de futebol, a Tevê captou parcela de torcedores brasileiros guardando em sacolas o lixo proveniente de papéis e sacos de guloseimas usados durante a partida. Lição aprendida na Copa anterior realizada no Brasil, onde, diferentemente de todas as torcidas, a japonesa recolhia o seu lixo das arquibancadas. Nada como o bom exemplo copiado pelos torcedores ‘canarinhos’, mas pouca gente sabe que as crianças japonesas cultuam isso desde a escola infantil, quando, ao final do dia, todos devem recolher o lixo que formaram durante as aulas. Higiene ambiental e valores éticos, morais e religiosos exercitam-se desde o berço.

Quero por isso me penitenciar um pouco dos meus últimos artigos, ao voltar sempre ao mesmo tema que é a **corrupção**, dando até a impressão, como me escreveu leitor, de que não dou importância ao fato de que no Brasil há muita mais gente séria do que os bandidos, como estou sempre citando. Enviou inclusive o noticiário sobre o [louvável comportamento dos brasileiros na Copa.](#)

Há também por estes brasis afora centenas de exemplos de ações positivas que ninguém conhece, como a do site da Advocacia Geral da União (AGU), www.agu.gov.br, que contempla excelentes informações, que lamentavelmente não chegam ao público pelas mídias, das medidas de caráter social exercidas como uma exigência da atualidade por transparência em todos os níveis da sociedade. Por extensão também recomendo uma visita ao site da Controladoria Geral da União (CGU), www.cgu.gov.br. Esta última criada exatamente para atuar frente à corrupção no país, tem concursos de monografias com excelentes trabalhos na modalidade universitária. Mais adiante destaco alguns trechos da premiada em 2011.

Pouca gente sabe e está no site que desde 2003 foram expulsos, por corrupção, mais de 6,8 mil servidores públicos da Administração Pública Federal. Um absurdo se somados também aos das administrações estaduais e municipais.

A partir da Lava Jato, houve uma exposição maior do tema, mas, a meu ver, falta um viés pedagógico na mídia. É tudo espetacularizado e o tema, na sua perversa reincidência, acaba por anestesiar o espectador (leitor, ouvinte, internauta), que não consegue mais indignar-se. Falta por parte da mídia uma explicação mais educativa do que sensacionalista ao noticiar o problema. Acredito que o público reagiria com mais assertividade.

Ao invés de simplesmente noticiar (e espetacularizar, afinal quantas vezes vimos o Rocha Loures saindo da pizzaria Camelo, em São Paulo, com a mala de dinheiro? Afora o tesouro baiano de cinquenta milhões de reais encontrado no fim do arco-íris), tenho comigo que o dever da mídia não é só reverenciar o negativo, mas principalmente valorizar o lado positivo dos acontecimentos. Trazer informações (palatáveis ao grande público) e ensinar as novas técnicas de aprendizagem, envolvendo estudiosos do assunto e especialistas em ética

para mostrar os efeitos nocivos da corrupção e as possíveis formas de, senão extirpar, pelo menos enfraquecer esse fenômeno.

Um bom exemplo desse jornalismo, que eu chamaria de positivo, foi dado pelo jovem repórter Allan de Abreu, obstinado por encontrar falcatruas, na revista Piauí deste mês. Em sua reportagem, [Disque Sir para denunciar](#), entrevistou Sir Carvalho, 58 anos, paranaense de Campo Mourão que coordena um grupo de cerca de 1,2 mil pessoas – duzentas delas via WhatsApp – que acompanham as receitas e despesas de órgãos públicos em quase todos os estados (só o Acre ainda está de fora). São os Vigilantes da Gestão (www.vigilantesda-gestao.org.br), como Sir chamou a ONG que criou para centralizar o trabalho de seus INGs – os Indivíduos Não-Governamentais –, cidadãos que não têm dinheiro ou companheiros associados, na mesma cidade, em quantidade suficiente para criar uma organização coletiva. Fazem parte da rede: advogados, promotores de Justiça, juízes, médicos e militares, todos também voluntários.

Acredito que a divulgação em grande escala de trabalhos como esse e tantos outros serviriam para tirar a população do torpor em que se encontra diante de casos escandalosos de corrupção, a qual já faz parte do cotidiano brasileiro, está amalgamada na sociedade, que, no entanto, grita alto ao saber de “mais uma” das grandes. As pequenas, as que resultam do “levar vantagem em tudo”, são ervas daninhas que viram mato grande. Na velha expressão, campeiam de cabo a rabo, do gari da rua até o Supremo Tribunal Federal, que no passado talvez fizesse jus ao superlativo, mas não hoje, basta ver o que a Corte vem fazendo...

Não existe, no Brasil, punição ideal contra a corrupção (e talvez aqui devêssemos olhar para o que acontece com corruptos na China, Japão e Coreia). O máximo que pode acontecer por aqui é ter de devolver ínfima parte do dinheiro desviado. É só rolar uma delação-

zinha básica. Muitos pensam que perde tempo quem quer “curar” esse câncer, pois parece que o mal é inerente, intrínseco, endêmico na nossa nação, quase impossível extirpar. E mais, é um vírus mutante que ganha novas formas todo ano, e os “laboratórios” não conseguem produzir um antivírus na mesma velocidade do surgimento da praga.

Mas há luz no fim do túnel.

A Prevenção e Combate à Corrupção no Brasil é o foco nos concursos de monografias da CGU e destaco o excelente trabalho de Pedro Petronillio Hernandez (Graduado em Economia pela Universidade de Brasília e Técnico Judiciário – TJDFT.) com o tema “Combate à corrupção no Brasil: análise sob a ótica da economia da corrupção”.

Petronillio mostra que a fiscalização, pelo menos no seu nível baixo ou burocrático, se tem intensificado e que se inicia uma política de valorização do servidor honesto. Porém as teses universitárias empíricas mostram antagonismo em relação a Educação: **A educação combate a corrupção ou a Educação aumenta a Corrupção** está no trabalho de André Damé Carraro e Otávio Darú “Educação e Corrupção a busca por uma evidência empírica, que citei na semana passada.

Empirismo por empirismo prefiro ficar com o dito popular, que nada constrói mais que o bom exemplo. E por isso concluo parafraseando o Jornalista Carlos Aberto Franco com o seu artigo de ontem no O Estado de S. Paulo, [O Brasil pode dar certo](#). “A violência, a corrupção e a incompetência estão aí. E devem ser denunciadas. Não se trata por óbvio de esconder a realidade. Mas também é preciso dar o outro lado: o lado do bem. Não podemos ocultar as trevas. Mas temos o dever de mostrar as luzes que brilham no fim do túnel.”

O BRASIL PRECISA DAR CERTO E QUEM VAI ESCOLHER OS JOGADORES É VOCÊ

(10/07/2018)

ACESSE AQUI

“Na seleção que começa a ser escolhida em outubro, vote em craque para nunca mais se arrepender. O Brasil precisa dar certo e quem vai escolher quem joga é você!”

Torcedor da geral

No cenário do maior espetáculo da terra, terminou para o Brasil o campeonato de futebol. Os analistas especializados vão tentar explicar o que os mais sensatos observadores já sabiam. Com a globalização do futebol, o Brasil é apenas exportador de talentos e aqui há campeonatos que, quando muito, poderiam competir com a terceira divisão europeia.

Examinando a Copa da Fifa sob o prisma econômico na civilização do espetáculo, o esportivo é um dos mais relevantes influenciadores. É só calcular o que deve ter representado para a economia russa a entrada de seis bilhões de dólares dos 700 mil visitantes que o país recebeu. Também quanto deve ter custado, além dos estádios, a infraestrutura de apoio de meios viários e de transportes aéreos, terrestres e de alojamentos para o evento acontecer. Se tivesse mais tempo, pesquisaria só o gasto com toda a preparação do nosso selecionado e o custo da delegação com todos os apaniguados e familiares dos jogadores. Um dado só que sei, a cota de participação de

cada anunciante no patrocínio televisivo da nossa maior emissora custou 40 milhões de reais.

Não sou torcedor descontrolado como muitos, mas sou aficionado interessado e acompanho o futebol semanalmente e, logicamente, assisti praticamente a todos os jogos da Copa. Respondia que era um atento observador do esporte bretão quando um falecido amigo me questionava que não compreendia como pais de famílias responsáveis podiam se extasiar assistindo à correria de 44 pernas atrás de uma bola.

Mas todo este espetáculo acontece e é promovido em razão da ampla divulgação dos meios de comunicação. E por isso dou continuidade ao tema do artigo da semana passada com a reflexão: **“Para o bem e para o mal, quem manda é a mídia”**. Ela coloca nos altares em um dia e no inferno noutra quem ela quiser. E no dia a dia só sangue, crimes e roubalheiras. Corrupção e outros crimes são atrações para vender seus serviços. E quem contrata isto são os grandes patrocinadores e quem paga a conta no fim são os consumidores. **“Nóis, né?”**

Carlos Aberto Di Franco, detentor de vasto currículo e vivência jornalística, em seu último artigo pelo Estadão, publicado em 2 de julho, **“O Brasil pode dar certo”**, não perdeu o viés condenatório do mau jornalismo. Não há dúvida de que a mídia é formadora de opinião e atua no processo de construção da realidade. Quando escolhe como abordar um assunto, ela pode causar indignação seletiva ou emoção exacerbada, ambas prejudiciais ao processo democrático.

A emoção exacerbada é criada por noticiários “sensacionalistas”, que constroem uma realidade plana, sem profundidade, já que se limitam a relatar os fatos, sem contextualizá-los, sem explicar seus porquês, suas potenciais consequências e, sobretudo, sem relatar histórias de quem conseguiu escapar da teia catártica criada por essa própria mídia. Falta aqui o viés didático da mídia, que, como

um dos atores sociais da emancipação das massas, deveria agir em sinergia com os demais: escolas, universidades, empresas, ONGs e sociedade em geral.

Já a indignação seletiva tem efeito mais deletério – “que conduz à imoralidade, à corrupção; degradante”, como define o dicionário Houaiss. Nela, o espectador/ouvinte/leitor/internauta protesta contra o que lhe interessa, o que lhe convém, segundo suas convicções políticas, religiosas, de classe social ou ideológicas, não se indignando com outros assuntos que fogem aos seus interesses. É o caso do empresário que protesta contra as fraudes noticiadas, mas ele próprio fraudava o fisco; ou do cidadão comum que não devolve o troco errado, que senta ou estaciona em lugar reservado a idosos e deficientes, mas protesta contra a corrupção em que chafurda expressiva parcela de nossos governantes. Acredito que o antídoto aqui também é o mesmo: Educação e ética.

Segundo o jornalista paranaense Pedro Rodrigues Neto, autor do livro *A culpa é do jeitinho brasileiro*, a desvalorização do que está sendo noticiado e a não contestação da moralidade das instituições públicas são algumas razões que explicam a passividade do público: “Nós levantamos problemas, mas é a população quem tem que dar andamento no processo exigindo mudanças reais e aplicando a moralização do **sistema ao votar**. O trabalho da imprensa reverbera nas mesas dos bares, mas não ecoa aos ouvidos da justiça pela falta de interesse e de ação da população”.

Para o jornalista, se cada brasileiro for capaz de **fazer uma reflexão pessoal**, seremos capazes de combater a corrupção e saber que ela não vem apenas da política, mas nasce e cresce na sociedade, nos bairros, entre pobres e ricos, patrões e empregados, eleitores e políticos, e fica exposta nos órgãos públicos, quando a imprensa traz os atos aos olhos do público.

Isso de o Brasil poder dar certo tem inúmeras variáveis que passam pela serenidade da economia, a mansidão política, a educação em suas últimas consequências, a saúde sem hospitais lotados, os preços sem inflação, a produção agrícola e industrial fartamente apoiadas e a boa escolha de seus representantes políticos. Enfim, o desejo de todos para este país se desenvolver e distribuir melhor suas riquezas.

Falta realmente querermos e efetivamente escalarmos os melhores jogadores que vão nos representar no grande **campeonato da política nacional**. Para vencer os desafios que o país tem de enfrentar, precisamos trocar todos os **jogadores venais**, que se vendem aos adversários. Todos **os pernas de pau contratados a peso de ouro** apenas porque o avô é dono do clube; jogadores que **não sabem dominar a bola** e só dão furada; jogador que **já passou por tudo que é clube** e nunca encantou. Jogador que fala o tempo todo e **nada faz**.

Agora você precisa acreditar que quem pode escalar os craques é só você. Gente séria, que está sempre se aperfeiçoando e capaz de dar todo o sangue para o seu time Brasil vencer. Na seleção que **começa a ser escolhida em outubro**, vote em craque para nunca mais se arrepender. O Brasil precisa dar certo e quem vai escolher o time é você.

O BRASIL PRECISA DE CRAQUES NO LEGISLATIVO E NO EXECUTIVO. CHEGA DE PERNAS DE PAU!

(17/07/2018)

[ACESSE AQUI](#)

“A Copa do Mundo em que as diferenças se afirmam nas identidades nacionais, na verdade iguala a todos no denominador comum dos impulsos mais primários. Fantasiados de brasileiros ou coreanos, somos todos ao mesmo tempo potentes e desvalidos, somos a mesma forte e frágil humanidade. E temos os mesmos ancestrais, como revelam inequivocamente os gestos simiescos de todos os artilheiros quando logram um gol.” ([RosiskaDarcy de Oliveira – colunista de O Globo](#))

A França venceu o Copa do Mundo da Fifa em campeonato assistido presencialmente por mais de um milhão de pessoas e cerca de mais de dois e bilhões e meio de telespectadores pelo planeta. No campo, os maiores atletas deste esporte; nas arquibancadas, os povos do mundo. Gente das mais diversas nacionalidades e várias falas mostravam que o mundo é um só. Ao observar os torcedores constatamos que as pessoas são diferentes, mas, de repente, pelas manifestações, todos se tornam iguais. Caras pintadas expressando a ansiedade quando a defesa está sendo atacada e vibrantes de alegria quando sai o gol de sua seleção. A Rússia não ganhou a o mundial de futebol, mas foi campeã de hospitalidade. Uma de nossas ilustres leitoras, Helena Neiva, presidente da Fundação Pitágoras, nos enviou uma

mensagem trazendo um pouco do que viu nesses dias por lá ([confira o material](#)). Dentro e fora dos estádios, nas praças e cafés, nas lojas e nos museus, pessoas das mais diversas nacionalidades, mesclando gestos e afeto, mostravam que em algum dia a humanidade vai perceber que somos todos iguais, temos os mesmos sentimentos e todos aspiram ser felizes. Nós ficamos conhecendo o povo russo e eles também, creio que pela primeira vez, em Moscou e nas onze cidades da Copa, tiveram contato com os mais diversos povos do mundo, mas viram que no fim das contas as pessoas aspiram apenas um objetivo: viver num mundo melhor. O mundo está diferente do meu tempo de ginásio. Na época, líamos que as [mulheres russas eram maltratadas e faziam os trabalhos mais pesados](#), como arrebentar e remover pedras e limpar o lixo das ruas, e, por sua vez, os [homens comiam criancinhas](#). Minha ideia ao escrever este artigo seria comparar a Copa do Mundo com o “campeonato eleitoral” que vamos ter em outubro, no qual, para vencer, toda a torcida precisa participar e só assim vamos erradicar essa raça de maus políticos que estão arrasando com o país. O escopo é esclarecer os eleitores que a taça a ser conquistada é o bem-estar de todos e o desenvolvimento do país. Para resolver os vários problemas que todos já estão cansados de saber quais são é preciso eleger um Congresso formado só por craques. Para vencer o jogo, o país não pode mais contar com um time só com pernas de pau de toda a espécie, como mostra o colunista Vinicius Torres Freire no excelente artigo na Folha de S.Paulo, publicado no dia 13, sob o título [Autodestruição do país continua](#). O que se vê é muita desunião entre os torcedores, quer estejam nas arquibancadas, na geral ou numeradas. Por igual, os eleitores precisam pensar bem para escolher melhor ainda os seus candidatos. E, como toda torcida, precisa estar unida para escolher seus craques. O que fizemos até hoje não vem dando certo, pois o time está perdendo em todos os campeonatos e muito em breve vamos parar na 4ª divisão. Na educação veja-se os índices de analfabetismo, o sucateamento na indústria, o desemprego etc. Não podemos mais votar sem saber

em quem, no filho, sobrinho ou neto do político. Só podemos votar em craque e, portanto, precisamos nos informar sobre as pessoas e seus antecedentes. E mais, não adianta só escolher bons jogadores, é preciso ter um bom técnico com bom pessoal de apoio, com boas táticas e estratégias. Não é fácil ter um time campeão, mas, como na Copa, quando o jogador não vai bem, precisa ser substituído. Agora é hora de pôr os pés no chão e com a mão digitar o número certo na urna, sem fazer pênalti, além de por a cabeça para funcionar: tem um jogo decisivo pela frente. As eleições de outubro são a Copa que decidirá se somos ou não capazes de virar o jogo. Direita e esquerda se enfrentam e, para vencer a partida, abusam das *fake news* – são rasteiras, caneladas, mão na bola, agressões, impedimentos... Nas redes sociais, versão mais confortável das arquibancadas, as torcidas deliram e trocam xingamentos e sopapos. Em vez de gerar novas e melhores bases de contestação, esse embate raivoso esquerda/direita reforça um antagonismo grosseiro e superficial que serve apenas para dar vazão a pulsões reprimidas e alimenta a espiral da polarização em espaços reais e virtuais. Divididas e desunidas, ambas as torcidas não percebem que a corrupção usa as duas mãos. Fato sobejamente comprovado por inúmeras CPIs. É chegada a hora de os torcedores trocarem a catimba, os gritos adolescentes e os xingamentos por discussões adultas e maduras, fruto do aprimoramento de habilidades e competências que deve ser propiciado por uma educação cujo único partido é o próprio aperfeiçoamento. A torcida tem de estar atenta aos políticos que atuam nas laterais, que transitam pela beirada do campo, ora na esquerda, ora na direita, ao sabor das próprias conveniências. Cartão vermelho para eles. O Brasil precisa de políticos atacantes, que suem a camisa, que façam o gol tão esperado na educação, na saúde, na economia. Como escalá-los? Todo brasileiro é um técnico em potencial: conhece táticas e estratégias, elabora esquemas, convoca e substitui jogadores. O que se deve exigir de quem foi escalado:

(1) competência para o cargo, pois trata-se do capital humano; o capital político – fruto de conchavos, indicações e parentescos – deve ser analisado com desconfiança e cuidado; (2) probidade, sem ela continuaremos a chafurdar no lodaçal em que se atola nossa política; (3) poder de persuasão (não de manipulação), para encurtar distâncias entre oponentes, negociar e obter consenso em questões fundamentais para o progresso e desenvolvimento do país; (4) ousadia para pensar o novo.

Escalado o time, quando o jogo começar, olho vivo no árbitro e seus assistentes! O jogo tem de ser ganho em campo, com técnica e garra. Ganhar no tapetão, como tem ocorrido com tantas questões cruciais para o Brasil, não pode! A verdade é que a escalação do time exige muito cuidado para evitar os pernetas porque para ganharmos essa taça precisamos acertar nos representantes do Congresso (deputados e senadores), bem como no executivo estadual e federal que estão exalando podridões. Não são poucos os problemas que precisamos resolver. Relembro a enquete rápida que propusemos no [XI CBESP](#) ocorrido na Bahia, quando perguntado “Qual é o problema do Brasil?”. Os resultados são dinâmicos, mas, hoje, com pouco mais de mil respostas, corrupção, educação e desigualdade social aparecem como as causas mais graves ([saiba mais](#)). E tem mais, que ia me esquecendo: precisamos urgente de uma reforma constitucional para mexer com o poder judiciário, que está caduco há muito tempo. Portanto, na fase em que o Brasil está, não basta só torcer, precisa participar e só votar em craque. Chega de perna de pau! Temos que perder o hábito também de nos esquecermos em quem votamos. É preciso lembrar sempre, cobrar, acompanhar o trabalho pelos canais de divulgação e pelas redes sociais que, aliás, serão decisivas nessas eleições, mais do que nunca.

SEM UTOPIAS UM PAÍS NÃO VAI PARA FRENTE; MAS, COM DISTOPIAS, SÓ PODE ANDAR PARA TRÁS

(24/07/2018)

[ACESSE AQUI](#)

“Eu acho o futebol muito importante e acho que o futebol é o momento em que o brasileiro chora, se apega, em que ele tem pátria. A pátria para ele é madrasta: deu para ele uma má escola, deixa ele com fome, desempregado, é aquele momento que conta. Você não acha isso?”

Darcy Ribeiro

Em artigo recente publicado no Blog ABMES ([Um exemplo positivo como força unificadora de uma nação](#)), a profa. Dra. Lioudmila Batourina elogiou o que venho escrevendo sobre cidadania e a responsabilidade que temos em votar conscientemente nas próximas eleições. Para o Brasil dar certo precisamos erradicar de vez a velha política que nos trouxe a este caos econômico, político e social. Agradeço o comentário, principalmente vindo de uma profissional com experiência internacional, acadêmica e empresarial, que seu [currículo](#) espelha. E também agora como consultora do projeto ABMES Internacional, que objetiva a cooperação com associações e universidades do exterior. Foi ela que organizou a primeira delegação da ABMES, que teve como destino a Rússia (setembro de 2017), e está à frente da próxima para Israel (outubro de 2018).

O artigo de Lioudmila mostra as dificuldades que seu país passou, por todas as guerras que precisou enfrentar, e, na conclusão, expressando seu espírito otimista, mostra que os desafios do desenvolvimento com trabalho e perseverança são vencidos.

Esta questão me faz lembrar de um belo artigo que recentemente li ([Distopia: o dia em que o STF, com 21 ministros, fechou o Congresso](#)), do jurista e professor Lenio Streck, sobre utopia e distopia. Dele aproprio algumas ideias e palavras para tentar resolver os impasses do eleitor brasileiro, em compasso de espera, afiando os dedos para digitar o número do seu candidato.

Segundo Streck, chamar uma ideia, um argumento, um ponto de vista de utópico é o mesmo que classificá-lo como impossível de ser realizado, concretizado, trazido à esfera do real. Ao cobrar uma melhor performance do eleitor brasileiro estaria eu com uma posição utópica?

Já, distopia é justamente o contrário de uma utopia, é quase sempre negativa. “Antieticamente ao conceito de utopia, as distopias, por vezes, têm uma relação muito próxima – assustadoramente próxima – com a realidade que vivenciamos”, afirma Streck complementando: “as distopias são utilizadas como um recurso pelo qual aquele que as concebe transmite uma espécie de aviso pessimista aos interlocutores.”

Venho abordando em meus últimos artigos a questão do voto, das eleições, dos candidatos e do acerto e do erro que se comete diante da urna. Para alguns, pode parecer que desejo um mundo utópico no qual todos votam bem, elegem os melhores candidatos para em seguida trabalharem para o bem comum geral etc., etc.

Sabidamente, costuma acontecer o contrário, já que parte dos políticos cultuam orgulhos e vaidades, desonestidades, falcatruas ino-

mináveis dominadas pela corrupção, pelos desvios, com total falta de brasilidade. E não se emendam, por décadas na mesma promiscuidade latente, na conduta oportunista, leviana e rasteira.

O que venho dizendo é que precisamos ter mais preocupação com o país. Está faltando sentimento pátrio ao brasileiro, o que é cultural, vem do berço e da escola. Precisamos acreditar que no futuro existirão dias melhores. Estamos num país dividido e, sem metas comuns, todos perdem. Por isso saber votar bem é uma questão vital. A mídia que só dá notícia ruim desanima as pessoas, pois inocula o vírus da falta de autoestima, de autoavaliação, e padecemos muito por isso.

No fim, é preciso deixar bem clara a responsabilidade que temos ao indicar nossos representantes. Afinal, o voto em nada é diferente de uma assinatura que lançamos numa Procuração ao candidato, para ele fazer uso, mas sempre e unicamente em prol do país. Não como se vê com ações de locupletação amarga, em benefício próprio, sempre. Precisamos tirar do cenário os que há muitos anos sugam a nação. Para melhorar um país precisamos de políticos bem preparados. Precisamos de verdadeiros craques, como se diz no futebol.

Como eleger um Congresso com deputados e senadores com atuação focada no desenvolvimento do país? Como conhecê-los, como indicá-los e como avaliá-los depois de eleitos? Isso consiste num desafio da família, da escola e da sociedade. É a lição de casa de todos os dias na busca da democracia e do exercício da cidadania. Leva tempo, demanda paciência, trabalho, esforço, persistência e determinação.

Infelizmente, quanto a isso, ainda estamos na estaca zero. Ainda há lugares no país em que se troca um par de botas ou uma dentadura por votos. Nesse universo, infelizmente a educação não aconteceu. Certamente há ações isoladas de escolas, mas não do sistema educacional. Ao longo dos vários anos de estudo, do infantil ao médio, pouco ouvimos sobre cidadania, voto certo, avaliação dos candidatos.

Mas há também situações em que se troca votos por coisas bem mais valiosas, como privilégios e vantagens. Nesse caso, o que falta é civilidade mesmo.

De modo geral, não fomos educados para compreender que os membros do setor político existem para servir a sociedade e o país. O que se pode fazer em dois meses, até outubro, para trocar todos os assaltantes, vigaristas, desonestos e ímprobos? Que campanha nacional pode ser feita para dar uma corrida nos patifes? Hoje com a internet e com as redes sociais temos um campo enorme para divulgação.

E, passando do discurso à prática, **o que o sistema universitário pode fazer** sem precisar inventar a roda, pois há movimentos já existentes com mesmo objetivo. Um deles é o Movimento [Sou Responsável](#), iniciativa que começou com a OAB-SP e o Arcebispo de São Paulo, apoiada por dezenas de entidades. Há o projeto [Um Brasil](#), da Fecomércio, onde diversas personalidades apresentam suas visões para a solução dos problemas do país. E outro mais abrangente que pede a sua participação, o unidoscontraacorrupcao.org.br, que tem circulado por WhatsApp.

[Link para vídeo.](#)

O sistema particular de educação superior tem potencialidade para alcançar mais de 10 milhões de estudantes. A primeira ideia é nos comunicarmos com os alunos por meio das IES. Devem existir outras formas, contando com apoio de agências que trabalhem com redes sociais. Estruturar uma rede dessas dá trabalho e tem custo, mas o resultado é sem preço!

Não se isole pensando que o problema não é com você, porque em breve a água estará no seu queixo. Ou é distopia demais?

EM OUTUBRO COMEÇA A COPA BRASIL DE DESENVOLVIMENTO E JUSTIÇA SOCIAL

(31/07/2018)

[ACESSE AQUI](#)

“Na essência, o que está em jogo é a escolha entre dois Brasis. Um, é o Brasil da ilha de fantasias de Brasília, do Estado obeso e perdulário, que drena a produção e o trabalho dos brasileiros para sustentar o seu apetite insaciável. O outro Brasil, massacrado pelo peso da carruagem que tem de puxar, é o Brasil real, dos mortais, que paga impostos de primeiro mundo e recebe serviços de terceiro mundo.”

Hora de Mudar – O Estado de S.Paulo, 11/09/16

Se pudéssemos estabelecer uma analogia entre o certame da Rússia e o que vem por aí no Brasil, em razão das próximas eleições, seria fácil analisar os erros e tropeços que nos afligiram e por final nos venceram e traçar um paralelo com a nosso contexto político.

A intenção vai muito além do arco-íris das vontades, desejos e anseios em ver o país novamente em ascensão. Ainda que na Copa, embora unidos, tenhamos saído derrotados, outra vez. Muito simplesmente, é mais ou menos como avaliar a comissão técnica e os jogadores, sem subtrair a imensa torcida nacional porque a figura geométrica se resume a um triângulo, um tripé. Não existe o jogo sem uma dessas pontas.

Na política, outro tripé: o eleitor, o candidato e o exercício da função.

Mas então, onde erramos? Na Copa já sabemos e na eleição vamos saber no dia seguinte ao término da apuração. Duas derrotas seguidas nos tiram do campeonato da sensatez e do consciente porque nos arrancam a autoestima, não nos deixarão quimera de esperança. É como subtrair a alma do corpo.

Na política recente já sabemos, por exemplo, quanto às duas refinarias que o governo doou para a Bolívia, os 1,2 bilhões de dólares emprestados a Hugo Chaves, os bilhões de dólares enviados para Cuba, Haiti e outros (esquecendo-se que aqui também tem crianças morrendo de anemia, além de analfabetas), os 10,6 bilhões de reais emprestados a Eike Batista, ora em condição pré-falimentar, o Mensalão planejado com quartel-general ao lado da sala da presidência da república e os 6 mil médicos cubanos, independentemente da falência do SUS.

Sem esquecer a promessa da reabilitação da indústria naval brasileira, os 4,8 bilhões gastos na transposição do Rio São Francisco (hoje tudo abandonado), além dos 39 ministérios, a falência da Petrobras e tantos outros exemplos.

Por certo não dá pra explicar os 20% de inadimplência do “Minha casa, minha vida”, que vai ter que ser pago pelos brasileiros que trabalham. O que aconteceu com o óleo de mamona que ia ser a independência energética do país? Sem falar no pré-sal. Até na merenda escolar meteram a mão.

A taxa de desempregados, hoje na casa dos 14 milhões, é fora de conversa, nada mais se fala sobre isso. E saber que esse patamar ainda poderá perdurar pelos próximos dez anos transformando uma autêntica força de trabalho em desocupados atinge uma tristeza sem igual. Tudo acumulado com falta de segurança, sem

escola, sem saúde, sem rumo de políticas econômicas bem definidas para mudar o jogo.

Nada vai mudar com os “atletas” que temos hoje. Não temos bons atacantes, muito menos boa defesa. Mas temos tomado gols todos os dias, pois nossos jogadores estão burlando, saqueando, surrupiando os torcedores, que em breve irão às urnas. Deus queira que possamos virar o jogo elegendo a dignidade e não a falcaturia e a mentira.

Todo país tem, além do técnico oficial de sua seleção, tantos milhões que compõem a sua torcida: a população. São técnicos oficiosos, palpiteiros de plantão, atuando antes, durante e após os jogos, em momento único, irmanados com um só desejo – o de vencer. E por aqui não foi diferente com 200 milhões de brasileiros torcendo muito para ao final colocar não só a mão na taça, mas também um sorriso no rosto. Até porque os infortúnios e a desesperança batem forte, com a mão aberta, espalmada para corrigir com a dor.

Outubro está chegando e deverão ser eleitos milhares de deputados estaduais e federais, senadores, governadores e presidente, para mais quatro anos de jogos desembestados, sem estratégias, chutando a esmo. Pior que jogo de várzea. Vamos perder novamente nas eleições?

Enquanto isso, a CNI – Confederação Nacional da Indústria – reuniu em Brasília perto de 2 mil empresários para que ouvissem dos pré-candidatos à presidência muita banalidade e demagogia. Como sempre, “quase nada do que se ouviu alimenta esperanças de que haverá melhora substancial a partir de 1º de janeiro de 2019”, aponta artigo do Estadão ([Banalidades e demagogia](#)).

Foram, segundo o Estadão, obviedades, promessas vagas elaboradas sob medida para ganhar aplausos da plateia e, sobretudo, medi-

das perigosamente demagógicas. “Na essência, um besteirol que, se levado à prática, tornará muito mais difícil para o País retomar o desejado ajuste da economia e alcançar o progresso com apaziguamento social”.

Ainda conforme o Estadão, na mesma ocasião, a CNI divulgou 42 documentos aos candidatos à Presidência numa tentativa de criar uma agenda para trazer o Brasil ao século 21 e destravar sua economia. Na pauta, dentre outros temas, tributação, educação fundamental, formação técnica, sistema de transportes, política ambiental, saneamento básico, diplomacia comercial, energia, saúde suplementar e indústria 4.0, porquanto o debate eleitoral, até agora muito fraco e até assustador, talvez melhore, se os pretendentes ao Palácio do Planalto derem alguma atenção àqueles documentos.

Relatórios oferecidos com frequência por entidades empresariais, Banco Mundial e Fórum Econômico Mundial dão conta da urgente necessidade de propiciar segurança jurídica, evitar a deficiência da infraestrutura, diminuir a complexidade dos tributos e, atrelada a isso, a questão do peso dos impostos sobre a produção e, não menos importante, uma rigorosa medida contra o baixo preparo da mão de obra como inegável desvantagem na concorrência global. Este último detalhe perpassando entre as formações universitárias e tecnológicas.

As campanhas ficam focadas, como todos já estão vendo, nos candidatos à presidência e poucos prestam atenção nos candidatos ao legislativo estaduais e ao Congresso, que são aqueles que de fato podem criar as políticas públicas para mudar o país. Pelo voto consciente podemos impedir o retorno dos políticos que há dezenas de anos, nas casas legislativas, só ficaram preocupados com seus interesses e não com os da nação.

Então, em breve o eleitor é quem vai definir o time do Congresso e das Assembleias Legislativas além dos ocupantes das cadeiras executivas. A grande torcida tem de estar vigilante e escolher quem de fato está interessado no desenvolvimento do Brasil, cobrando dos jogadores eleitos ousadia, criatividade e, sobretudo, jogo limpo com a economia, saúde, segurança e, principalmente, com a educação.

ABMES COMEMORA O CEDRO

(07/08/2018)

ACESSE AQUI

A ABMES tem muito a comemorar nestes seus 36 anos de existência. Ela realiza um trabalho espetacular em prol de seus associados, conjugando o operacional com o acadêmico, integrando o presente com o futuro.

No ano passado, comemoramos a data de fundação da ABMES festejando a idade de coral; para hoje, espocarmos champanhe na idade de cedro¹. São 36 anos de existência, cuja comemoração todos devem participar, com ímpeto e exuberância, estourando e soando como estalos. Cada ano de vida tem suas diferenças, suas peculiaridades e é ótimo que nada se repita, nada seja igual na mesmice caótica.

É importante destacar que, acima de tudo, a ABMES é feita por gente. Pessoas visionárias, comprometidas e atuantes. Pessoas que lutam por um bem maior, construindo uma escola melhor e um país mais desenvolvido. São indivíduos que realizam um trabalho responsável e que traz resultados coletivos para os associados, para o setor educacional brasileiro e para o progresso do país.

1 A importância do cedro, em diversas civilizações clássicas, compreende-se pela diversidade de usos possíveis. A sua madeira, homogênea e aromática, foi enormemente utilizada pelos Fenícios, na antiguidade, para construir as suas embarcações militares e comerciais, bem como para a construção de templos e habitação. A árvore é, aliás, mencionada 75 vezes na Bíblia.

E nestes 36 anos, sob a batuta de Candido Mendes, de Edson Franco, deste articulista e do atual presidente Janguê Diniz, a ABMES tem desempenhado o papel de representar as instituições particulares de ensino superior. Sua missão sempre esteve atrelada a contribuir para o aprimoramento de seus associados e defender a livre iniciativa em todas as suas manifestações.

A Associação destaca-se igualmente por promover a integração entre as entidades representativas das instituições de educação superior com o propósito de fomentar a necessária articulação do setor e permitir a compreensão mútua dos problemas educacionais, identificando alternativas e dando encaminhamento aos grandes temas em defesa dos ideais do ensino superior particular como um todo.

O importante é que todo o trabalho que propiciou à ABMES conquistar o seu prestígio foi realizado por suas diretorias, associados e equipe técnica que, em Brasília/DF, transformava as ideias e projetos em realizações. Nesse sentido, cabe destacar os nomes de Cecília Horta e Anna Lida, no passado, e de Sólton Caldas e Lidyane Lima no presente. Também é fundamental lembrar de todos os funcionários que se desdobram para dar o melhor de si e, assim, atender o associado além do que ele deseja em termos de prestatividade, eficiência e agilidade.

Os últimos anos não têm sido fáceis e tranquilos com as inúmeras surpresas que enfrentamos, principalmente com relação às novas normativas de todos os órgãos superiores educacionais.

Fomos surpreendidos pela aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do ensino fundamental, com a prorrogação de sua implantação, com as novidades para as licenciaturas, com o asfixiamento dos recursos do Fies e com a consolidação da norma sobre credenciamento e reconhecimentos de instituições de educação superior.

Todas as atividades e desafios deixaram a ABMES mais madura e firme, como o cedro com sua dureza, mas também com seu aroma e pureza secular.

Tivemos colaborações importantíssimas daqueles que publicaram artigos neste blog, elevando o nível cultural e intelectual dos associados, que nem sempre têm tempo e condições de acompanhar leituras diversas oferecidas pela mídia.

Os diversos prêmios ofertados, como o de Jornalismo, o Milton Santos, o Top Educacional e o Mérito ABMES da Educação Superior, afora a Campanha da Responsabilidade Social, coroam iniciativas e personalidades que merecem destaque por sua atuação e/ou inovação.

É bom destacar, ainda, os seminários mensais realizados na sede da Associação. São ações que visam aproximar os associados das entidades governamentais, permitindo o entendimento e o congratamento e facilitando os percursos das instituições junto às regulações do setor.

Já a coluna Educação Superior Comentada tem ajudado inúmeras IES na busca de soluções normativas com interpretações duvidosas do exato sentido regradatório.

Quanto ao clipping diário, nele estão contidos os principais assuntos, abreviando leituras enfadonhas e nada objetivas que abundam no noticiário nacional.

Merece ênfase também o programa ABMES Internacional que visa o intercâmbio e a cooperação com associações e universidades de outros países, a troca de experiências no sentido de conhecer distintos contextos e vivenciar novas realidades educacionais.

Conselho de Administração

É preciso destacar uma realidade nova que a ABMES tem em sua estrutura organizacional, que é o Conselho de Administração. Com atuação desde julho de 2016, consiste em órgão de apoio que tem como objetivo pensar o futuro e traçar as diretrizes de ação da entidade e é integrado pelos seguintes conselheiros:

Candido Mendes; Édson Franco; Gabriel Rodrigues; Carmen Silva; Antonio Carbonari Netto; Manoel Barros; Hermes Figueiredo; Hiran Rabelo; Antônio Veronezi; Arthur Macedo; Eduardo Soares; Paulo Chanan; Jânnyo Diniz; Antonio Colaço Martins; Ihanmarck Damasceno e Ednilton Gomes de Soarés.

O Conselho da ABMES é, acima de tudo, um ambiente de reflexão e com visão do futuro da área educacional. Vinte reuniões mensais já realizadas mostram os resultados destes encontros², buscando na

2 Temas discutidos no Conselho de Administração:

1. Soluções para os desafios da sobrevivência da educação superior particular, em especial das PMIES diante das novas regras da EAD;
2. Necessidade de mudar a imagem do setor educacional superior particular perante a sociedade;
3. Projeto para realçar o trabalho de responsabilidade social que o segmento particular de ensino superior desenvolve;
4. Proposta para utilização de modernas tecnologias de informação e comunicação para inovar no processo de aprendizagem e ensino (inteligência artificial, internet das coisas, indústria 4.0 etc.);
5. A utilização da EAD para massificação do ensino de qualidade;
6. Proposta de criação de um sistema de redes integrando pesquisas entre as IES particulares: papel para a Funadesp?;
7. Código de Auto-Regulamentação e Conduta para as entidades associadas da ABMES. Elaboração de proposição para sua atualização;
8. Apresentação, no Congresso Nacional, de Projeto de Lei para a criação de fundo para apoiar bolsas de estudo destinadas a estudantes do ensino

troca de ideias e debates, com a participação de palestrantes convidados, agregar uma contribuição diferenciada sobre as questões mais relevantes da educação brasileira.

Por estas e outras razões já enumeradas, a Associação tem muito a comemorar nestes seus 36 anos de existência. Ela realiza um trabalho espetacular em prol de seus associados, conjugando o operacional com o acadêmico e integrando o presente com o futuro. Parabéns, ABMES! Vamos em frente na busca de um Brasil melhor para todos.

superior oriundos de famílias das classes C inferior e D;

9. Análise do investimento do Estado nas universidades sob sua manutenção, nos últimos 80 anos, comparado com a necessidade de recursos para financiamento dos estudantes de classes sociais de menor renda;
10. Projeto de Criação do Memorial dos Empreendedores Educacionais Particulares do Século XX, destacando personalidades que criaram as primeiras faculdades particulares no Brasil.

POLÍTICA, EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

(14/08/2018)

[ACESSE AQUI](#)

“Se o seu candidato não sabe como mudar a educação, mude de candidato”.

JBAO¹

A educação brasileira, conforme a Constituição, é subordinada ao Ministério da Educação (MEC), que a controla por um vasto sistema normativo, aí incluídos regulamentos e fiscalização. Em última análise, tudo é baseado no pode ou não pode, com foco na preparação de profissionais para o mercado de trabalho – não muito diferente, diga-se de passagem, dos anos 50 ou 40, 30 ou 20 anos atrás. Sobre os últimos 10 anos, então, nem se diga o que aconteceu. Tais realidades nos autorizam a dizer que as normas educacionais brasileiras, criadas para nortear a formação dos cursos, apesar dos esforços, está com uma visão ultrapassada, própria da nossa cultura cartorial e corporativa.

Já que o mundo mudou tanto, e continua mudando aceleradamente, novas demandas são requisitadas para as novas realidades dos países em desenvolvimento. Para isto, governo, empresas e sistema

1 João Batista Araújo Oliveira é referência nacional em educação. É fundador e presidente do Instituto Alfa e Beto, ONG promotora de políticas práticas de educação que priorizam a alfabetização. É psicólogo e Ph.D em Educação pela Florida State University (EUA). Já publicou dezenas de livros.

universitário precisariam estar unidos para vencer os desafios não só do presente, mas sobretudo focalizando os cenários do futuro. Essa é a política adotada já há algum tempo por nações que enfatizam a educação e que estão à frente na modelagem do ensino, sob a ótica da concorrência mundial e em especial soltando as amarras regulatórias que tanto aprisionam ideias novas e experiências inovadoras.

No recente debate televisivo dos presidenciaíveis era de se esperar que todos sinalizassem com mais clareza sobre suas futuras políticas educacionais (como o fizeram), mas, como não são do ramo, só resta aguardar quem vença a disputa e quem será indicado para a pasta do MEC. Dado o andar da carruagem, será uma missão hercúlea: implantar a BNCC já aprovada, a BNCCM (ainda em gestação), o PNE e tantas outras ações que têm sérias implicações na política educacional e, por consequência, na política de desenvolvimento do país.

De sobra, é urgente que se modernize órgãos apenas ao MEC, como o CNE, a Capes, o Inep e demais, todos presos ao passado e com dificuldades de atuação mais criativa e inovadora, no mínimo menos burocratizante, mas, acima de tudo, com visão mais moderna.

Não são poucas as apreensões relativas ao cotidiano regulatório a que se submetem as IES, incessantemente, consistindo num autêntico cipoal regrador para o qual todos os operadores da educação se voltam, chegando ao limite do insuportável.

Como resultado do pleito de outubro, um novo mandatário ocupará o Palácio do Planalto e, por decorrência, surgirão as indicações para os vários ministérios e órgãos complementares, alguns com destaques incomuns que carregam muitos dividendos políticos. Só esperemos que a indicação para a pasta da educação seja pessoa do meio, com voz ativa e muita proatividade para estancar os muitos males que atrasam a performance das escolas, dos estudantes, além

das empresas, do comércio, da economia, da indústria, da sociedade como um todo, desfrutando de novas tecnologias e avanços.

Mas, para termos a melhor política educacional, só será possível por meio de uma política econômica vigorosa. Assim, a questão é como os candidatos pretendem romper o círculo vicioso da pobreza?

Conforme João Batista Araújo e Oliveira, em sua série sobre [os presidenciais e a educação](#),

“a educação nunca foi e possivelmente tampouco será tema importante ou decisivo na próxima campanha presidencial. Mas essa pode ser uma oportunidade para se iniciar um debate qualificado sobre o tema. Há três grandes conjuntos de questões que devem ser considerados na pauta dos candidatos. O primeiro refere-se ao paradoxo da enorme expansão da oferta de vagas nas escolas – e do aumento da taxa de escolaridade da população nos últimos 30 anos – e seu efeito nulo na produtividade. Mas não bastará reconhecer que a educação não está contribuindo para aumentar a produtividade do País. Os candidatos, independentemente de seus partidos, precisam reconhecer que as políticas educacionais dos últimos 30 anos – e o fato de os recursos per capita terem mais que dobrado no período – pouco ou nada contribuíram para melhorar esse impacto.”

E ele vai além, acrescentando o indiscutível como autêntico axioma:

“Essa discussão poderia ter duas importantes derivadas. A primeira vai além da educação e permitiria entender por que a produtividade não aumenta no Brasil. Os mesmos fatores que impedem o aumento da produtividade, em especial o protecionismo e a falta de competição, também impedem a melhoria da qualidade da educação. A segunda seria o exame do tipo de escola e de currículo de que um país precisa para impulsionar sua economia e, de modo particular, o papel do ensino médio técnico e a participação do setor produtivo, especialmente do Sistema S. Isso exporia as fragilidades da Base Nacional Curricular Comum e da atropelada lei do ensino médio, que carecem de profundos ajustes.”

A indagação é se os candidatos já identificaram esses dois grandes problemas, ou seja, é preciso decidir se a educação continuará sendo tratada como gasto, como “política social” de caráter tipicamente compensatório e cunho populista, ou como parte central da política econômica focada na formação do capital humano. Com isso terão dado um grande passo.

Cabe também outra pergunta, se a educação continuará a ser tratada em foros corporativistas, dominados por grupos ideológicos, ou será tratada em foros legítimos, qualificados e adequados, juntamente com outros temas cruciais para o desenvolvimento do país, como ciência, tecnologia e inovação.

Há outras questões que estarão no colo do futuro ministro da Educação: o assoberbado (des)equilíbrio fiscal e as consequências decorrentes do financiamento estudantil, já que o setor público, estados e municípios estão “quebrados”. Apesar da redução demográfica, o aumento de gastos, provocado, por políticas comandadas pelo Governo Federal, sobretudo com a instituição de mecanismos como o Plano Nacional de Educação e a Lei do Piso Salarial, esses gastos vêm aumentando acentuadamente.

Por outro lado, o modelo fácil da expansão: mais escolas, mais vagas, mais bolsas, mais professores, mais salários, mais investimentos, nada tem resultado em qualidade e eficiência. (In)felizmente, não há mais dinheiro para continuar essa gastança ineficaz.

E o professor João Batista alerta:

“O futuro governo vai fazer mais do mesmo? Dará continuidade a políticas que comprovadamente não têm funcionado há décadas? Continuarão a ignorar as evidências científicas e as melhores práticas, cultivando extensas plantações de jabuticaba na paisagem educacional? Vão criar novos e inócuos programas, sempre lançados com pompa e

circunstância? Vão promover ridículos ‘choques de gestão’? Afinal, o que os candidatos sabem sobre os reais problemas da educação? O que pretendem fazer para mudar o vetor atual? Ou, ao menos, por onde pretendem começar?”

O início da mudança começa com o debate, mas este precisa situar-se num patamar que só estadistas, estimulados por debatedores competentes, incisivos e bem preparados, conseguirão promover e sustentar.

Hoje, não resta dúvida de que a melhor política educacional é uma política econômica vigorosa, que gera riqueza, empregos qualificados e uma ampla rede de proteção social – reduzindo a pobreza e seus efeitos negativos sobre o desenvolvimento humano, em geral, e a educação, em particular.

Quando analisamos o rendimento escolar dos alunos, os fatores que mais explicam os resultados estão relacionados com o nível socioeconômico de seus pais. A pobreza, em particular, é o grande inimigo da primeira infância e do (in)sucesso escolar.

Sem dúvidas, a educação constitui o único passaporte conhecido para quebrar o círculo vicioso da pobreza.

MUDANÇAS, AGILIDADE E PENSAR DIFERENTE NO PROCESSO EDUCACIONAL

(21/08/2018)

[ACESSE AQUI](#)

“Todo o aprendizado envolve riscos e também fracassos. Isso deve fazer parte do modelo mental de cada profissional.”

Geoge Hallembeck

Na semana passada, a mídia em manchetes gritantes divulgou que 4,8 milhões de brasileiros, aptos ao trabalho e desiludidos, desistiram de procurar emprego. É uma notícia bombástica que atinge a todos nós, solteiros ou pais de família.

A razão está na crise econômica, sem dúvida, mas também na exigência dos novos empregos que requerem maior nível de competências, criatividade e iniciativa. Temas que na edição de quinta-feira, 16, o jornal Valor Econômico exorbitou em qualidade de conteúdos, com as matérias de Hugo Passarelli; Eduardo Carvalho, Stela Campos, e por fim, em Rumo Certo, de Betânia Tanure.

Aos que trabalham com educação, são leituras básicas que muito acrescentam e nos conduzem a reflexões, torcendo para que também as assessorias dos presidentiáveis, e porque não os próprios, se interessem em incorporar em suas plataformas de governo algumas inovações que estão sendo discutidas nos setores educacionais. Sobretudo se é que já estão cientes da existência dos seríssimos problemas a enfrentar.

Em relação à primeira matéria, “[Escolas precisam mudar abordagem e formar alunos pensantes, diz especialista](#)”, do experiente Hugo Passarelli, destacamos a questão de formar alunos criativos. “Pensar de forma diferente é a saída para conseguir resultados melhores, seja na sala de aula, seja nos ambientes corporativos.” É o que afirma o especialista Michael Patton, considerado o pai da “avaliação focada no uso”.

Patton participou em São Paulo do 14º Seminário Internacional de Avaliação, realizado pelo Itaú Social, Fundação Roberto Marinho (FRM), Instituto C&A e o Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (Gife). O palestrante deixou recomendações preciosas na sua exposição, como a de que é difícil sair de um espiral de resultados ruins sem mudar a abordagem e trazer alunos e pais para a discussão. Porque não se trata de propor avaliações melhores, mas avaliações diferentes. Não adianta fazer algo melhor que não é exatamente útil e não vai trazer melhores resultados. Aliás, o assunto interessa ao INEP.

Para Hugo Barreto, secretário-geral da FRM, mudar as avaliações é uma exigência dos tempos atuais, porque em um mundo mais acelerado e mais competitivo é preciso verificar, de fato, a eficácia das ações. E ele finaliza com outra expressão forte: “Nesses tempos em que vivemos, é preciso muito mais do que um desejo de mudar, é preciso ter a capacidade de mudar”.

Sobre o outro assunto, “[A excelência educacional deve ser prioridade](#)”, Eduardo Carvalho, com seu artigo, jogou uma bomba nos gabinetes do MEC ao afirmar que a base curricular da educação, há pouco aprovada, já nascerá desatualizada. Para Carvalho, ainda não somos o “lanterninha”, mas breve chegaremos a essa “conquista” com os resultados pífios tanto do Ideb como do Pisa, indicadores nacionais e mundiais que confirmam a precariedade da educação

brasileira e seu conseqüente prejuízo à produtividade e à competitividade do país.

No Ideb de 2015, alcançamos a média de 3,7 pontos, índice praticamente estagnado desde 2005 quando o indicador foi 3,4, numa escala de 0-10. Também em 2015 ficamos na 59ª posição entre 66 países participantes do Pisa.

Não sem razão, Carvalho chega quase a colocar um epítáfio sobre o assunto educação brasileira quando dispara que todo ano a World Economic Forum (WEF) elabora um relatório de competitividade e na última, entre 137 países pesquisados, a qualidade da nossa educação primária ficou na 127ª posição enquanto o ensino superior amargou a 125ª.

E a má notícia ainda não acabou: as universidades acompanham o baixo nível no cenário educacional, pois uma pesquisa da Times Higher Education (2018) aponta que nenhuma das brasileiras foi classificada entre as 200 melhores do mundo. Adicione-se que aqui tais indicadores estão estagnados desde 2007.

O ensino superior é um capítulo a parte a se discutir. Ele deve estar inserido também no Ministério de Ciências e Tecnologia porque deve ser tratado de forma diferente dos ensinamentos básico e técnico. Uma grande prioridade é injetar qualidade ao sistema e importante atrair as melhores universidades do mundo e criar “cidades universitárias de excelência”.

Outra prioridade, o ensino técnico deve ser reinventado, urgente, pois a que custo mantemos os modelos “S” e das escolas técnicas federais e estaduais?

Ultimamente temos ouvido insistentemente que é preciso aprender a aprender e outras expressões derivadas como quem quisesse

explicar, justificar uma nova visão didático-pedagógica e nisso entram psicólogos e outros profissionais querendo dar solução no percurso das cognições.

A matéria de Stela Campos – “É preciso reconhecer quem é ágil ao aprender” – desafia os “lerdinhos” a saírem na frente porque há enorme falha na hora de reconhecer quem é realmente ágil no aprendizado. E não estamos falando dos superdotados. Ignorar os “apressadinhos” é perder a chance de obter melhores resultados quando são expostos a situações de pressão por inovação e transformações. E a avaliação do quadro é simples: nem todo mundo está disposto a aprender, é uma escolha fática.

Isso, conforme o consultor e psicólogo George Hallenbeck, diretor do Center for Creative Leadership durante a palestra que fez no Congresso Nacional sobre Gestão de Pessoas. Para ele há uma diferença entre os chamados “high potentials”, que são aprendizes fortemente direcionados à sua área de atuação e que são interessados em adquirir expertise mais técnica, e os “high professionals”, aprendizes mais ágeis e dispostos a obter conhecimento vindo de todos os lugares.

Hellenbeck acredita que a melhor medida para fomentar o aprendizado ágil é direcionar o estudante para situações que exijam o desenvolvimento de determinadas habilidades que serão necessárias para enfrentar um determinado momento. Tarefa da escola, do docente, enfim.

Em seu provocativo artigo “O que te mobiliza, o interesse, o medo ou um ideal?”, Betania Tanure, doutora, professora e consultora, abre cortinas que dão bem o tom no comportamento das pessoas nesses predicados.

Conforme Betânia, o interesse, e em alguns casos o medo, se organiza rápido, com estratégia, com precisão, com tempo investido.

Afinal, o alvo é claro, o benefício é percebido de modo mais fácil e rápido mas paga-se um preço alto, comumente no curto prazo, se a “operação não for realizada”. Neste ponto, bem a propósito das eleições que se avizinham, vale destacar que os interesses que favorecem indivíduos, em detrimento da maioria ou da sociedade, tendem a agregar mais facilmente as pessoas do que aspirações de caráter coletivo ou social, ou seja, ideais.

Tais razões merecem profundas reflexões porque vale lembrar sempre que, não raramente, as pessoas se lançam de forma harmoniosa para conquistar seus anseios e, muitas vezes, o interesse e o medo podem ser mais rápidos e ousados do que o ideal.

As abordagens desses autores precisam ser analisadas neste momento em que todos esperam um maior protagonismo do setor educacional como âncora nas discussões para o desenvolvimento do Brasil.

E foi dentro deste objetivo que o Fórum das Entidades Representativas do Ensino Superior Particular está apresentando um conjunto de propostas para servir de subsídios para a elaboração dos planos de governo do setor educacional. Trata-se do documento [“Eleições 2018 – 10 proposta relevantes para a educação superior brasileira”](#).

Nesse mesmo sentido, e para debater estes temas tão relevantes, a ABMES realizará um evento no próximo dia 11 de setembro em sua sede com a presença de representantes dos principais candidatos à Presidência da República.

Se colocarmos em pauta neste momento o que é necessário para o crescimento do país no que concerne à educação superior, pouco resolverá passarmos mais quatro anos lamuriando porque o governo não dá a atenção necessária à questão. A hora da mudança que queremos é agora!

É PRECISO PROMOVER AS EXPERIÊNCIAS EXITOSAS QUE ACONTECEM NAS INSTITUIÇÕES BRASILEIRAS

(28/08/2018)

[ACESSE AQUI](#)

*“A modernização do sistema de ensino brasileiro é o grande objetivo de iniciativas em curso pensadas em conjunto por educadores, alunos e gestores. Não faltam experiências bem-sucedidas pulverizadas pelo país, mas é preciso reconhecê-las e multiplicá-las.”
(Conclusão do debate realizado pela Folha de S. Paulo seminários folha – Adeus, velha escola)*

Na semana passada, dia 19, o Estadão publicou um especial sobre as Eleições 2018 e levantou a seguinte questão: “Nos últimos anos, o Brasil aumentou três vezes o valor investido por aluno no ensino básico e deu importância a políticas como avaliações, base curricular e financiamento de estudantes em faculdades. No entanto, pouco olhou para a sala de aula. E os resultados da aprendizagem das crianças mostram que se caminha a passos lentos para chegar perto dos países que mudaram o rumo da sua educação. Ao olhar para as melhores experiências no mundo, especialistas garantem que só haverá evolução se o próximo governo investir fortemente no professor.” ([Eleições 2018: Investimento em professor é desafio para a Educação](#))

Há 40 anos, os sul-coreanos eram mais pobres do que os brasileiros. O PIB per capita era inferior ao do Brasil. Hoje, não há comparação possível e os números da Coreia do Sul são três vezes maiores: em torno de US\$ 27.200 contra US\$ 8.600 do Brasil, segundo o Banco Mundial.

O salto pode ser em grande parte explicado por uma revolução educacional iniciada décadas antes. E a principal razão é clara: diferentemente do modelo brasileiro, a prioridade no país asiático são investimentos em educação básica.

Na Coreia do Sul, por exemplo, os valores gastos com o ensino básico são quase três vezes maiores do que no Brasil: US\$ 9,3 mil por aluno ao ano no país asiático contra US\$ 3.822 no Brasil, de acordo com dados de 2013 da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Outros dados da OCDE mostram que, mesmo desconsideradas as diferenças econômicas entre os dois países, a distância é significativa: na Coreia do Sul, para cada dólar investido no ensino básico, 1,50 é aplicado no ensino superior, naturalmente mais caro. Já no Brasil, o desequilíbrio é muito maior: 4 dólares gastos no ensino superior para cada dólar gasto no ensino básico.

Já lemos e ouvimos por dezenas de vezes que formamos muito mal nossos estudantes nas licenciaturas e Pedagogia, mas tal afirmação desconsidera ou ignora a formação deles como egressos do infantil e do fundamental de baixo nível. Pudera, de todos sabido, que sequer temos docentes qualificados satisfatoriamente para as licenciaturas, em qualquer rincão do país, inclusive nas capitais onde seria mais propícia uma ótima formação, com muitas escolas para receberem os licenciandos em estágios, momentos de observação e práticas didático-pedagógicas. Mas não, tudo parece o mesmo do igual e do semelhante, de norte a sul.

Quem sabe em parte seja em razão do que a mídia divulga, não sem motivo, dos baixos e irrisórios salários dos professores; as mazelas em salas de aula quando aluno agride fisicamente o professor, não bastassem as ofensas verbais; o exagerado número de alunos em salas; a inexistência de bibliotecas e laboratórios; o acometimento de estresse aos professores e a consequência de uma profissão solitária, culminando em estados depressivos que retiram esses professores da atividade.

Não estariam eles em equívocos de escolhas/vocações profissionais, sem uma acurada seleção cultural e psicológica, indicando capacitação para a árdua tarefa de enfrentar diariamente muitas “ferinhas” humanas?

Ao que sabemos, os concursos para o infantil e fundamental são medíocres, o que viabiliza a intenção de trabalho dos jovens licenciandos, mesmo despreparados para o cotidiano. Afora o que parece embuste dos governos quanto a tais concursos que deixam os “aprovados” em espera de alguns anos para a efetivação daí perguntar por que, para que se não serão alocados de imediato?

Também sabido que o Estado e o Município amargam grandes porcentagens de docentes assumidos, na ativa, que se afastam pelos mais diversos motivos, desfalcando as classes em quase 25%, seja por causa do dentista, da menstruação, das cefaleias ou dos traumatismos naturais. Ou seja, não comparecem para ministrar suas aulas, por vezes sob as mais esfarrapadas desculpas: um absurdo no universo de 10 mil professores 2.5 deles faltando ao trabalho. Se considerarmos feriados e greves o ano letivo mal começa já acabou, mas pleiteiam-se adicionais salariais de produtividade.

A máxima popular “O ovo e a galinha” pressupõe discutir quem nasceu primeiro numa grande escala participativa: o aluno medíocre se deu porque teve professor medíocre que por sua vez foi

mediocrementemente formado (licenciado) por um corpo docente medíocre, e assim sucessiva ou retroativamente. Eis a questão, insólita que temos pela frente, mas, sem dúvida alguma, é preciso repensar as licenciaturas numa tacada só: fechar para balanço, não tem outro jeito, e daí para frente produzir docência de qualidade obtida por mestres de qualidade, aprovados e indicados por uma peneira fina, exclusivamente em Institutos de Educação, sob eficiente regime regulatório.

As mudanças na educação em muitos países nos chegam sob a constatação de que a qualidade do docente é fator determinante para o ganho de aprendizagem do aluno. Nenhuma novidade nisso, é o óbvio, mas ainda não aprendemos isso.

Para o presidente da Undime Goiás, Marcelo Ferreira da Costa, é preciso, cada vez mais, investir na melhoria das metodologias de ensino, compreender como o professor aprende para, conseqüentemente, ensinar melhor: “Nós já entendemos a necessidade de formar bem o mestre. O que temos que nos dedicar com afinco, agora, é com as ferramentas e os atores que trabalham nesta preparação.”

“Se o Brasil quer dar um salto nos próximos anos, não pode continuar pegando os piores alunos do ensino médio para ensinar as novas gerações”, diz o diretor executivo da Fundação Lemann, Denis Mizne, lembrando que no Enem 70% dos estudantes que entram em Pedagogia têm nota abaixo da média. Precisamos, com urgência, encarar o problema da formação docente se queremos realmente “virar a mesa” na educação.

Com tais reflexões, impossível deixar no ar algumas perguntas sem respostas como: dá para resolver, quando se dará a solução, quem e qual governo tem a proposta definitiva para finalmente irmos à solução?

Um dos assuntos mais tratados nos eventos, congressos e seminários sobre educação, como também relatados tanto na mídia e nas universidades, é a formação do professor, adequada para a atual época de ruptura da sala de aula, onde o aluno quer ser protagonista e usar modernas tecnologias de informação e comunicação. Há muito discurso e propostas para solução, mas efetivamente planos efetivos são raros. Precisamos de maior integração e intercâmbio das experiências que estão dando certo para serem replicadas.

A realidade mostra que é necessário inovar, por muita criatividade, desenhar projetos viáveis e exequíveis e, principalmente, criar espaços de articulação e trocas de experiência. Urge escolas de excelência.

A SALA DE AULA PODE VIRAR MUSEU

(04/09/2018)

[ACESSE AQUI](#)

“A tecnologia está mudando a forma como produzimos, consumimos, nos relacionamos e, até mesmo, como exercemos a nossa cidadania. Agora é a vez de transformar também a maneira como aprendemos e ensinamos...”

Anna Penido – diretora do Inspirare

Na revista *Veja* de 29 último, a redação caprichou no especial “Educação, as lições para que o ensino não vire peça de museu”, ao longo de 16 páginas informativas e atrativas com o patrocínio do Senai.

Do material, extraímos reflexões que desejamos compartilhar com os leitores no artigo de hoje. Na matéria “O futuro chegou”, Monica Weinberg colhe depoimentos do físico alemão Andreas Schleicher, 54, o grande responsável pelo teste Pisa, que avalia o ensino no mundo. Para o Brasil, o recado está muito bem dado, como um alerta. É que as escolas precisam entrar rapidamente no século XXI se não quiserem ficar desatualizadas. Embora ele já tenha feito a mesma recomendação em agosto de 2008, também pelas Páginas Amarelas da *Veja*, parece que falou no deserto: nada mudou, como, por exemplo, a mania e a insistência de os alunos brasileiros só decorarem. A falta de interesse pela carreira de professor e o tremendo engano de que milhões e milhões de reais salvam o ensino.

Andreas não é um principiante na área, ao contrário, detém uma expertise de quase vinte anos rodando o planeta sob ordens da

OCDE, desde o ano 2000. Profissional muito capacitado a dar opiniões verdadeiras, mas que dizem muito para bom entendedor, como a de que falta ao estudante brasileiro desenvolver a capacidade de abstração, de conectar conceitos e compreender como eles ajudam a elucidar problemas concretos. O cavalheirismo está em falar dos alunos, não dos professores, responsáveis por esse atraso, ou melhor, da incompetência mesmo, pois carecem de um mínimo de educação continuada, para não dizer leituras diárias, participações em workshops, fóruns etc.

Intransigente com a necessidade de mudanças, Andreas diz que as escolas se recusam a mudar porque é mais fácil e cômodo seguir pelo caminho conhecido. Novamente a mão do gato: as escolas querem mudar, mas o corporativismo e o sindicalismo não permitem. Assim, sem engatar marchas, ficamos em ponto morto, parados, queimando combustível sem aproveitar o bônus demográfico que está prestes a fechar suas janelas e portas. Perdemos um tesouro.

A multidisciplinaridade, numa escola, é um ótimo exemplo que exige profunda mudança de ritos, que cobra mais dos professores, pois implica planejamentos conjuntos, cada um com sua visão, e que certamente resultará num aprendizado mais completo. E o preço a pagar por tal ação pelos docentes implica estudar, debater, trocar, ler e aplicar aquele resultado. Mas essa conduta participativa, que já é difícil em outros lugares, por aqui não deslança, pois não existem, entre outros entraves, estratégias para atrair os melhores alunos para a docência. Despertar o interesse de gente com talento para o magistério vai muito além de bom salário.

Andreas tem opinião muito própria sobre tecnologia em sala de aula. Sustenta que ela pode ser útil ao tornar possível algo que parece inviável, ou seja, dar tratamento individualizado a turmas numerosas. Há de se considerar que o computador é uma ferramenta do século

XXI, mas está a serviço de pedagogias do século XIX e sozinho não resolve nada. A tecnologia pode ajudar muito aumentando de várias maneiras as possibilidades de o professor oferecer uma boa aula, facilitando o **acompanhamento individual** do aluno, abrindo espaço para a **personalização** do ensino e ajudando a escalar novas oportunidades de aprendizagem. Além disso, as tendências de seu uso na educação apontam para a **convergência** de dispositivos eletrônicos portáteis que ampliam as oportunidades de aprendizagem dentro e fora de sala de aula e geram dados sobre esses processos e as pessoas envolvidas neles. Mas, se o mestre não for bom, a tecnologia sozinha não vai a lugar algum.

O Porvir tem destaque no país discutindo a tecnologia na educação com trabalhos habitualmente propostos em parcerias com a Fundação Lemann, o Movimento Todos pela Educação, o Inspirare, sempre formulando projetos de grande alcance educacional.

Os jornalistas Marina Lopes e Vinícius de Oliveira, acompanharam a [8ª Edição da Pesquisa TIC Educação](#) e constataram que, apesar de o uso de internet estar presente na vida de crianças e adolescentes, apenas 7% dos alunos têm permissão para se conectar pelo celular em sala de aula. Os resultados do levantamento foram divulgados na quarta-feira (22) pelo [Cetic.br](#) (Comitê Gestor da Internet no Brasil) e trazem um panorama sobre o uso e a apropriação das tecnologias de informação e comunicação no ensino fundamental e médio.

Realizada entre agosto e dezembro de 2017, a pesquisa avaliou 957 escolas urbanas públicas (exceto federais) e privadas. Nesta edição, foram incluídos ainda dados de escolas rurais a partir de 1.481 entrevistas com diretores ou responsáveis por instituições de ensino públicas (exceto federais) e privadas, de diferentes modalidades de ensino.

Com a utilização frequente de dispositivos como celulares, note-

books e tablets para conexão à internet e realização de atividades escolares, Alexandre Barbosa, gerente do Cetic.br, avalia que as instituições, educadores e formuladores de políticas públicas passam a lidar com novas questões. “É um grande desafio sair de um uso isolado e não integrado da tecnologia nos laboratórios [de informática] para se mover para uma situação onde a tecnologia permeia as disciplinas e os ambientes da escola”, avalia.

Apesar de celular servir como um instrumento para a realização de diferentes atividades pedagógicas, como apontou a pesquisa, o gerente do Cetic.br afirma que as políticas públicas também devem adotar estratégias que favoreçam o acesso a diferentes equipamentos. Hoje, enquanto 79% das escolas privadas urbanas usam o computador de mesa para se conectar, apenas 46% das instituições públicas têm esse acesso. Quando se trata de dispositivos que permitem maior mobilidade, esse número ainda cai: 56% das escolas particulares usam tablets para acessar a internet, em contraste com apenas 33% das escolas públicas.

Diante do quadro realista, sem tintas fortes, não se pode esmorecer, entendendo, contudo, que isso pode mudar, e assim todos esperamos, embora tenhamos um longo caminho a percorrer até se alcançar a excelência, o que não é nada fácil.

Mas, sejamos otimistas porque já surgem sinais promissores, assim vê o professor Andreas. E ele finaliza acrescentando que “...é ficando pilares que garantam a qualidade por meio de instituições confiáveis e medidas lúcidas, capazes de sobreviver às tempestades, como única maneira de a educação de um país não ficar dependente do contexto social.”

OS “NEM-NEM”, OS “SEM-SEM” E AGORA TAMBÉM OS “DES-DES”

(11/09/2018)

[ACESSE AQUI](#)

“O país está ficando mais velho, o topo demográfico está engordando. A gente está preparando jovens com esse patamar muito baixo de aprendizado. Nem conseguimos dar conta do século 20 e está vindo aí um novo ciclo de trabalho, do século 21, com exigências de competências altas e dinamicidade do conhecimento”

Mozart Neves Ramos – dir. do Instituto Ayrton Senna

De algum tempo para cá temos lido e ouvido uma expressão popular, intensamente usada por analistas sociais, psicólogos, comportamentalistas, pedagogos e sociólogos, apontando os **nem-nem**, os que nem trabalham nem estudam (situação agravada pelos que não procuram emprego, não têm família, não têm projeto de vida...). A eles, têm se somado os **sem-sem**, jovens (às vezes nem tanto) que utilizam celular e redes sociais **sem limites**, e, não raro, **sem noção** das consequências. Para eles, as redes sociais são tudo na vida, por isso as acessam diuturnamente. Abusam do Instagram e do Facebook, do YouTube e muito mais do WhatsApp. Afinal, eles são o que são ou são o que querem parecer ser? O Orkut já virou pó, mostrando quão efêmeras são essas mídias.

Muitos deles tanto não trabalham como não estudam e, sem condições ou sem atributos que, parece, não lhes fazem falta, não têm

projeto de vida, não se importam com o futuro e sequer carteira de trabalho têm.

Os sem-sem, mas sobretudo os nem-nem, são uma verdadeira bomba-relógio, porque a todos os fatores negativos agora elencados, geralmente se somam más companhias, uso de drogas, convite ao crime organizado, famílias desestruturadas. Para explodir, basta uma fagulha no estopim.

Se a esse caldeirão adicionarmos os **des-des** – **desmotivados** e **despreparados** – nossa tragédia fica completa.

Quem os descreve é a jornalista Nina Finco na excelente matéria de capa da revista *Época* de maio deste ano, [A bolha dos ultrajovens](#) (ou geração Y¹). Ela traz como referência um estudo do Box1824, conduzido pelos pesquisadores Sean Monahan e Sophie Secaf, nos Estados Unidos: “Eles se tornam personagens de suas próprias vidas, preocupados com narrativas, contextos, motivações. Estão sempre esperando pelo terceiro ato – que nunca chega”.

São os GenExit, a geração que opta por experimentar novas possibilidades identitárias, mais livres e menos deterministas, e não menos disruptivas. Trata-se de jovens tão aficionados por smartphones que deixariam de comparecer a qualquer compromisso se não pudessem portá-los por ser vedado no ambiente.

Padecem da nomophobia (do termo em inglês no *mobile-phone phobia*): a fobia de ficar sem o celular. O desespero bate quando

1 As gerações

- a. Geração do silêncio – nascidos entre 1928-1945
- b. Baby boomers – nascidos entre 1946-1964
- c. Geração X – nascidos entre 1965-1980
- d. Millennials – Geração Y – nascidos entre 1981-1997
- e. Pós-millennials – nascidos entre 1998-2018

perdem o aparelho, quando a bateria acaba ou quando ficam sem cobertura de rede. Ou seja, trata-se, como qualquer outro vício, de um comportamento compulsivo. Lamentável mesmo é que esses jovens são portadores de expectativas educacionais e profissionais cada vez mais irreais para si mesmos.

O que assusta, além do “desencanto” dessa juventude, é saber que integram a “era da distração” e daqueles com “déficit de atenção”. Ambos os fenômenos reduzem cada vez mais a capacidade de concentração, tudo indicando como resultado a falta de tempo ocioso. Esses nativos digitais nunca se enfadam porque estão sob constante estímulo, nem sempre positiva e produtivamente.

No Brasil a Unicef traz dados estarrecedores: temos 32 milhões de crianças e jovens pobres. Isso mesmo, para a Unicef, 6 em cada 10 jovens de até 18 anos são pobres, não têm renda suficiente para uma cesta básica e/ou sofrem uma das privações: educação, informação, lazer, acesso a água, saneamento ou moradia. Calamitoso. É um contingente enorme que provavelmente estará fora do mercado formal por muito tempo e comprometerá a produtividade da mão de obra brasileira em médio prazo.

A informação que segue é de Gilberto Alvarez, Diretor executivo do Cursinho da Poli:

“De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), divulgada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2017, o país tinha 11,16 milhões de pessoas de 15 a 29 anos (20%) que não estudavam nem trabalhavam, 619 mil a mais do que em 2016. Esse contingente representava 23% da população dessa faixa etária em 2017. Essa proporção era menor no ano anterior, de 21,8%. Jovens que não encontram espaço no mercado de trabalho, não demonstram interesse em procurar emprego e também não querem saber de continuar a estudar. Um dado alarmante, que revela o tamanho da bomba-relógio que ameaça o futuro do Brasil.”

Ou seja, é um cenário desolador para quem não consegue achar uma saída à sua condição econômica, que gera risco e vulnerabilidade social. Para essa geração de excluídos, a escola, tal como se apresenta hoje, não oferece atrativos. Mas, se ela lhes faltar, esses jovens só terão acesso a trabalhos precários.

Esse grupo sem trabalho e sem escolaridade mora com os pais (família, às vezes, completamente desestruturada) e acaba tendo como referência alguém que não deu continuidade aos estudos nem percebe a importância do saber para si e para a comunidade.

A verdade real é que estamos atravessando um período tormentoso no qual todos dão opinião e palpites, mas ninguém dá a solução. Daí ficamos a tergiversar, arriscando saídas olímpicas quando para esses jovens o país é um mundo em desencanto, onde reina a desesperança, mais motivada por um sem-número de fatores negativos, a começar pela falta de escola desejável e de qualidade, pelo noticiário pessimista, pela corja instalada na política, pela violência, pelas importunidades, e por aí vai.

É preciso despertar no jovem o desejo de aprender, participar da sociedade e exercer seu papel de cidadão, sobretudo para fazer a democracia avançar e reduzir a desigualdade social. Os milhões de jovens “nem-nem” de hoje, ou os “sem-sem” serão certamente os profissionais **desmotivados** e **despreparados** – “**des-des**” – de amanhã.

A escola ainda é – e está aí o exemplo de países que “viraram a mesa” até de sua economia por meio dela – um dos atores sociais imprescindíveis para empoderar seus jovens. Mas ela precisa não só estar atenta às mudanças que o novo milênio impõe a todos nós. Há desafios de ordem estrutural, há desafios de condições sócio-econômicas da procedência dos jovens e também as mudanças pedagógicas que atingem a própria escola. Quer maior razão e justificativa que as escolas de ontem e de hoje não deram ou não dão certo é só olhar em volta. É só ter olhos de ver e não de enxergar.

ENSINO BÁSICO CONTINUA ESTAGNADO, CONFORME AVALIAÇÃO DO SAEB

(18/09/2018)

[ACESSE AQUI](#)

“Sete de cada dez alunos do 3º ano do ensino médio têm nível insuficiente em português e matemática. Entre os estudantes desta etapa de ensino, menos de 4% têm conhecimento adequado nestas disciplinas”

G1

No início do mês (4/9), o jornal [O Estado de S. Paulo](#) publicou [matéria](#) dos jornalistas Renata Cafardo, Victor Vieira e Luiz Fernando Toledo destacando que as escolas particulares de ensino básico não melhoraram seu desempenho segundo avaliação do Ministério da Educação (MEC). A rede pública saiu-se melhor. Somente 23% das particulares atingiram as metas de qualidade enquanto entre as públicas o índice foi de 42%.

Em São Paulo, o ensino privado não teve o rendimento previsto tanto no fundamental como no médio, segundo o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), divulgado no dia 3 de setembro ([Entenda o Ideb](#)).

Por meio desse indicador, as escolas e/ou sistemas podem formular (ou reformular) seus projetos políticos pedagógicos, visando à “melhoria da qualidade, equidade e eficiência do ensino”, segundo o portal do Inep.

O Ideb inclui notas no Saeb – o [Sistema de Avaliação da Educação Básica](#) de responsabilidade do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC) – que estabeleceu índices e objetivos para as 27 redes particulares de cada estado nas três etapas (anos iniciais e finais de fundamental e ensino médio).

“Do total de 81 metas previstas, só 19 foram atingidas: 16 nas séries iniciais (alunos de 6 a 10 anos) e outras três no fundamental 2 (alunos de 11 a 14 anos). No ensino médio (jovens 15 a 17 anos), todas as redes não evoluíram como o esperado”, aponta O Estado de S. Paulo.

Ao determinar que todas as escolas participassem do Saeb e abrir para as particulares, o MEC pretendia que o exame substituísse o Enem por escola. Debaixo de resultados não tão satisfatórios, temos ilhas de excelências, relatadas na reportagem: embora longe das metas. A rede privada de São Paulo tem escolas com desempenho acima do esperado. “O Colégio Objetivo Integrado registrou Ideb 8,4, o mais alto da cidade. A média das escolas particulares no estado, no ensino médio, é 5,9, ficando na quarta colocação, mas não atingindo a meta, de 6,8. (...) A menor nota de escolas da capital de São Paulo que participaram é 4,5”, sinaliza a reportagem, reforçando que, ainda assim, o índice é superior ao da melhor rede pública no ensino médio, no estado de Goiás (4,3). Em seguida vem o Espírito Santo com 4,1; Pernambuco, 4; Rondônia, Ceará e São Paulo com 3,8.

Já entre as particulares, o registro positivo vai para o Espírito Santo, estado com o melhor desempenho no país, segundo relatado pela jornalista Carolina Linhares, da Folha de S. Paulo, em matéria do dia 10/9, sob o título [No topo, ES alavanca ensino médio sem ‘reinventar a roda’](#).

Os dados exitosos no Espírito Santo nos obrigam a cumprimentar seu secretário de Educação, Haroldo Rocha, que disse que prédio ruim e professor ganhando pouco não são mais desculpas para a ine-

ficiência. Esse discurso é velho. Claro que prédio bonito ajuda, mas parede não ensina. A essência da escola é a relação aluno e professor.

Apesar das vicissitudes e controvérsias, temos algo a comemorar no ensino público e o Espírito Santo desfralda a bandeira liderando o ensino médio no ranking de avaliação da educação básica em 2017.

Não é novidade, muito pelo contrário, há um crescente consenso de que nosso sistema educacional precisa de mudanças urgentes e profundas. É que da forma como está não pode assegurar para a atual e futura gerações oportunidades reais e significativas de futuro e inclusão social.

Os dados do Saeb mostram que a educação brasileira segue estagnada, em requisitos e conhecimentos básicos, como a Língua Portuguesa e Matemática. “Sete de cada dez alunos do 3º ano do ensino médio têm nível insuficiente em português e matemática. Entre os estudantes desta etapa de ensino, menos de 4% têm conhecimento adequado nestas disciplinas”, traz [matéria do G1](#).

Outra questão importante: a [Organização Internacional do Trabalho](#) (OIT) tem alertado o Brasil sobre o contingente de jovens desempregados, que alcançou a sua maior taxa em 27 anos. Estima-se que, aproximadamente, 30% dos jovens brasileiros estejam sem trabalho.

Os jovens brasileiros não apenas necessitam de uma educação que os preparem para encontrar empregos. Eles também precisam ser preparados com as habilidades necessárias para realizar e produzir nos trabalhos existentes. Habilidades como fluência digital, comunicação, criatividade, colaboração, resolução de problemas, pensamento crítico, entre outras, se tornam fundamentais no atual contexto da Quarta Revolução Industrial.

As principais capacidades exigidas nos mercados de trabalho hoje abrangem um conjunto de habilidades cada vez mais diversificadas. Da mesma forma, a força de trabalho global de amanhã – as crianças e jovens de hoje – precisam urgentemente de um sistema educacional que os orientem para um futuro melhor.

Nas gerações passadas, um diploma universitário era frequentemente percebido como garantia de um caminho para um emprego estável. No entanto, essa sinalização simplista de “adequação ao trabalho” está desatualizada e não condiz com a nossa realidade.

O avanço exponencial das tecnologias e a Quarta Revolução Industrial acelerou a demanda por pessoas capazes de inovar e empreender, que o setor educacional, muitas vezes, não consegue acompanhar.

Os dados do Saeb impactam de forma profunda nessa realidade. Sem saber ler, escrever e pensar de forma matemática, como teremos jovens capazes de gerar inovação e empreendedorismo no Brasil?

Toda vez que essas manchetes ocupam as pautas dos noticiários, nos perguntamos: o que é preciso fazer para mudar a Educação Brasileira? Sem dúvida, uma pergunta complexa, para a qual não existe resposta única, nem tão pouco solução fácil e rápida.

Sim, esse é um desafio real e complexo, pelo qual atravessa o cenário social, político e econômico do país. Mas se nós, como nação, continuarmos a formar estudantes, sejam eles do ensino básico, médio ou universitário, desconectados da realidade e das demandas atuais do mundo do trabalho, nossas perspectivas econômicas, políticas e sociais, atuais e futuras, não serão seguras e estáveis.

Somente nós brasileiros, possuímos a capacidade de resolver os reais problemas do nosso país, que, na sua grande maioria, são cru-

ciais para a nossa sobrevivência. Precisamos acreditar nisso para mudar os rumos da história do nosso Brasil.

Resumo sobre as avaliações do ensino básico

Saeb – O Sistema de Avaliação da Educação Básica é calculado a partir das notas de dois exames nacionais: a Prova Brasil e a Aneb. As duas provas devem ser feitas por 5 milhões de estudantes neste ano em todo o Brasil. O Saeb é a principal ferramenta na formulação de políticas públicas. Além das provas, alunos e professores respondem a questionários para fornecer informações sobre desempenho, estrutura das escolas, clima em sala de aula e até remuneração e satisfação dos docentes. O MEC prevê divulgar os dados dos exames no segundo semestre de 2016.

Prova Brasil – O nome oficial do exame é Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (Anresc). Analisa o desenvolvimento em português e matemática dos estudantes de 5º e 9º ano do ensino fundamental da rede pública, sendo aplicada a cada dois anos para todas as escolas com mais de 20 estudantes dentro dessas faixas. Tem caráter censitário, ou seja, pode fornecer dados específicos por escola, cidade ou Estado. Aneb É a Avaliação Nacional da Educação Básica. Utiliza a mesma metodologia da Prova Brasil, mas é aplicada tanto nas escolas públicas quanto nas privadas. Além do 5º e do 9º ano do ensino fundamental, atinge as turmas do terceiro ano do ensino médio. Trabalha com amostragens, por isso não é aplicado como censo nem possibilita a separação de dados por escola ou cidade, por exemplo. Popularmente é chamada apenas de Saeb.

Ideb – É o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, calculado a partir de duas variáveis: as taxas de aprovação e evasão, levantadas pelo censo anual da educação, e as médias nos dois exames padronizados do Inep que compõem o Saeb (Prova Brasil e Aneb). O Ideb é divulgado a cada dois anos e tem escala de zero a 10, servindo como um ranking das escolas.

Censo Escolar – É um levantamento anual de dados sobre a educação básica pública e privada no Brasil. Coleta informações sobre número de turmas, alunos, professores em sala de aula e rendimento escolar. Também apura dados sobre evasão e índices de aprovação em cada escola, servindo de base para o cálculo do Ideb. (Resumo elaborado por Raulino Tramontin – Contato Consultoria)

ESTUDA, BRASIL!

(25/09/2018)

ACESSE AQUI

Um dos mitos que são ditos sobre a educação no Brasil é o de que no passado ela era muito melhor. Na verdade, era para poucos.

Daniel de Barros, autor de "País Mal-Educado"

A Editora Abril publicou neste mês de setembro uma edição especial da Revista Exame com o título de capa "APRENDA, BRASIL" e o lide muito atraente "A má qualidade da educação é um dos maiores obstáculos para o desenvolvimento do país – mas tem solução. Bons exemplos daqui e de fora mostram o que fazer para superar a deficiência."

O excelente material pareceu ter sido escrito sob encomenda para os candidatos à Presidência do Brasil, sobretudo porque o recheio da revista é mais do que um guia. O conteúdo, dispendo sobre temas de absoluta atualidade, nos dão uma ideia da nossa precária situação e, com assuntos bem explorados, coloca vários recados para os diversos tipos de leitores e governantes. Uma mensagem especial fica para os professores, os quais precisam ter um pé nas tecnologias e outro na docência.

Para o governo, se não for adotado urgentemente um referencial docente nacional, vamos continuar à deriva. E mais, para ingresso nas licenciaturas deve haver nota de corte, que signifique, sobretudo, que candidato não pode ter sido aluno ruim, tendo por isso nenhuma ou muita consideração da banca examinadora.

Não temos mais tempo nem dinheiro a perder com aventureiros que se candidatam aos cursos, sem a menor vocação ou mínimo preparo, imaginando, ao menos, receber um salário. Só com medidas como essa a sociedade iniciará por prestigiar a carreira e respeitá-la fazendo também com que os pais e os filhos estabeleçam definitivamente estima e consideração pelo professor, com obediência e acatamento. Violência em sala de aula nunca mais.

Docente precisa da graduação e também de uma especialização. Diretor e/ou coordenador de curso precisa de capacitação/qualificação, mas sobretudo nenhum apadrinhamento político porque devemos iniciar a Era da Gestão Educacional. Porquanto, pior do que a qualidade da educação é a qualidade dos debates, sobretudo os corporativistas.

Não bastasse o “presente” que a revista Exame bem oportunamente entregou para a sociedade ainda reforçou a intenção com o evento Café-Exame-Educação realizado no dia 18/9 em São Paulo com ilustres painelistas.

O tema “O impacto do ensino técnico no aumento da produtividade brasileira” ficou a cargo de Rafael Lucchesi – diretor-geral do Senai e diretor de educação e tecnologia da Confederação Nacional da Indústria. Fantástico!

Em seguida vieram Fabio Prado, reitor da FEI, e Victor Teles, da Festo, com o tema “A inovação disruptiva no ensino de engenharia”. Excelente!

Para concluir, o assunto do momento – “Os desafios da educação básica” – entregue a Priscila Cruz, do Todos pela Educação, e João Batista Oliveira, do Instituto Alfa e Beto. Nota 10 para ambos.

Para os oito temas explorados pela revista alguns merecem destaque, como os gastos em educação, que cresceram na última década, tendo, no entanto, o desempenho dos alunos piorado, ficando claro que um choque de gestão pode reverter o quadro e dar impulso à qualidade da formação dos brasileiros até 2022.

Como são tantos assuntos de alta prioridade, tive de escolher entre os prioritários que na revista estão dispostos em dezenas de páginas e assim é que inicio pela abertura da edição que é muito sugestiva: Um Brasil Mais Educado (<https://exame.abril.com.br/edicoes/1169/>).

“Em 2015, meio milhão de estudantes de 15 anos, representando 28 milhões de jovens de 72 países, submeteram-se ao Pisa, bateria de testes promovida pela OCDE, o clube dos países ricos, para avaliar o aprendizado em matemática, leitura e ciências. No Brasil, cerca de 23 mil alunos de escolas públicas e privadas fizeram o exame e atestaram, mais uma vez, a estagnação da qualidade de nossa educação.

Em quase 20 anos em que a prova é aplicada, as razões para o atraso do país são sistematicamente apontadas. A carreira de professor é pouco valorizada, o currículo é desfocado, a gestão escolar é ruim, entre outros aspectos que condenam os brasileiros a uma péssima formação e que, mais tarde, é capturada pelos indicadores de produtividade do trabalho.

Em maio, 19 mil alunos de 661 escolas no Brasil prestaram uma nova prova do Pisa, cujos resultados serão divulgados em 2019. Ninguém espera uma melhora substancial, mas a apresentação desses dados coincidirá com o fim do primeiro ano de mandato do novo presidente da República. O momento é propício para mudanças efetivas.”

Mas temos atuações edificantes que é preciso registrar. Teresina, capital do Piauí, é um exemplo exitoso com números de causar inveja às maiores capitais brasileiras, onde a melhor em educação fundamental banuiu a indicação política para o cargo de diretor da escola.

Palmas, capital do Tocantins, em segundo lugar entre as que detêm a qualidade na educação, buscou inspiração na cidade italiana de Reggio Emilia, com a melhor educação infantil do mundo, enquanto professores do fundamental visitaram escolas em Singapura de onde trouxeram e aplicaram a iniciativa de limpar a desarrumação das atividades, dando a noção de responsabilidade aos pequenos. Em Singapura a jornada de estudos inicia-se com uma saudação à bandeira, além do aprendizado “mão na massa”, aplicando conceitos teóricos em laboratórios, similarizando profissões.

Em Portugal, um verdadeiro sucesso, o ensino acabou virando referência internacional no governo do primeiro-ministro Pedro Passos (2011 a 2015), com grave crise fiscal, mas se socorrendo de instituições internacionais.

Com atenção especial no ensino médio, os lusitanos tiveram sucesso ao instituir uma alternativa ao ensino superior chamada de vias profissionalizantes de preparação dos estudantes para o mercado de trabalho.

Num ambiente devastador do ensino médio, o Ideb mostra o pior desempenho no terceiro ano desse grau, quando 72% não sabem o suficiente em português e 93% em matemática. Mas é o Espírito Santo, com a implementação desde 2015 do projeto Escola Viva, de educação pública em tempo integral, que apresentou o melhor ensino médio do país.

Dada a limitação do espaço, quero ainda abordar outra matéria da revista que tem o título muito oportuno: “As raízes do nosso fracasso educacional”, com algum embasamento do livro de Daniel Barros, País Mal Educado, o qual recomendo por se tratar de um livro-reportagem que investiga as causas de crianças e adolescentes aprenderem tão pouco nas escolas brasileiras. Ele passa por um mergulho histórico diagnosticando a crise nas salas de aula, que, enfazito, poucos têm a ousadia de tratar do assunto evitando indisposições.

Há sinais e evidências de que vivemos uma crise fiscal e de crescimento econômico no país, porém, a que mais exige atenção é a da educação do médio uma vez que mais de 40% dos jovens não terminam o ciclo até os 19 anos.

Dados escabrosos ampliam o negativismo que reina na educação básica, há séculos, motivados por descontinuidade de ações, malversação do dinheiro (que não falta), alegação infundada de que o ambiente escolar não combina com as boas práticas de gestão, que a inteligência é nata – uns nascem com ela, outros não –, que é suficiente majorar as horas na escola para se ter boa educação integral. São absurdos que não encontram respaldo em teses pedagógicas.

Conforme o Movimento Todos Pela Educação, só metade das vagas de pedagogia é preenchida e entra na carreira quem quiser. Nas outras licenciaturas existe queda contínua de inscritos. E estão sendo atraídos para essa carreira os estudantes com o pior desempenho na educação básica, a exemplo dos matriculados em pedagogia que somam 70% com notas abaixo da média nacional no último Enem.

O volume de vagas nas universidades para tais cursos é tanto que não existe reprovação no vestibular e, mesmo assim, lá vão os “zerados” curso adentro com tal ordem de precariedades. Enquanto apenas 4% do currículo de pedagogia é dedicado a teorias didáticas, é dada muita ênfase em sociologia da educação e história da educação, ambas distantes da prática de sala de aula, condição sem a qual inexistem magistério de excelência.

Do outro lado do mundo, em Singapura, estão os estudantes com as notas mais altas no Pisa que atestam a qualidade global do ensino básico. E a receita é simples: bons professores, pais e alunos responsáveis e reformas que atendem às demandas dos mercados e, acima de tudo estudantes, vocacionados.

UNIVERSIDADE GRATUITA

(02/10/2018)

ACESSE AQUI

“Na faculdade de economia, uma das primeiras lições que se aprende é que ‘não existe almoço de graça’”.

Francisco Wirton

De vez em quando surge outra onda querendo tocar no assunto da “universidade pública com mensalidades” que não consegue encontrar consenso porque os de cá e os de lá sempre caminham para o confronto e com isso não se chega a lugar algum.

O certo é que, radicalismos à parte, de origem nas públicas, o argumento é sempre com base no texto da Constituição. Não se enxerga, no entanto, que os tempos mudaram completamente e que as universidades públicas não souberam se conduzir, sob diversos ângulos, com boa gestão/administração e vive constantemente sob crises econômicas, e, assim, a arrecadação de impostos, combustível delas, pode se esgotar facilmente. E não como imaginamos, com destinações financeiras a atribuir-se ao ensino, à pesquisa ou à extensão, mas com a folha de pagamento que em breve pode ultrapassar limites extraordinários, administráveis.

Assim, sob o império do corporativismo rubro, muito além do roxo, a acadêmianão quer nem ouvir falar sobre o assunto. Um dos casos, o da Unicamp, teve seu representante maior, o reitor Marcelo Knobel, participando em São Paulo de um concorrido evento patrocinado pela Unip, quarta-feira (26), com a realização da Folha de São Paulo, sob a chancela “Desafios do Ensino Superior”.

Na primeira mesa, com o tema “Financiamento do ensino público: quem pode deveria pagar pela universidade?”, além de Knobel também participaram Sergio Firpo, do Insper, e Paulo Meyer Nascimento, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Para os dois últimos, a crise financeira que toma o país ao menos está servindo para mostrar a necessidade de buscar recursos privados para manter e expandir as universidades públicas. Daí o tema voltar às mesas, como uma onda, entre gestores e economistas na busca de possível solução.

Aumentar impostos dos mais ricos foi uma das alternativas apontadas por Knobel ao que Sergio Firpo, professor titular da Cátedra Instituto Unibanco no Insper, discordou veementemente defendendo a cobrança de mensalidades, na simples modalidade de cobrar pelo serviço prestado, no viés de usou pagou (pedágio), condição incontestável que abrangeria boas porcentagens do alunado de classe média para cima. Os com menor poder aquisitivo continuariam usufruindo da gratuidade. Nada mais lógico e racional.

Com alguma dose de escapismo, para não ofender inteligências, Knobel argumentou que “o pagamento de mensalidades não resolveria o problema”. Sem que algum tivesse dito que isso seria uma solução, mas ao certo minimizaria. Pretexto de puro desfoque do assunto ao dizer que o dinheiro das mensalidades representaria apenas 10% do orçamento(?). Bem, 10% é muito melhor do que 0%. E, a propósito, qual é o orçamento da Unicamp, de resto, da USP e Unesp?

“Em um momento de crise como este, qualquer ajuda seria válida, mesmo que não desse conta de financiar tudo”, contra-argumenta Firpo. Na mosca. Para ele, “Nosso país é incrivelmente desigual. Cobrar (pelo ensino superior) pode ser um instrumento bastante eficaz de distribuição de renda”.

Paulo Meyer, pesquisador do Ipea, concordou que o ensino superior poderia se beneficiar de qualquer recurso extra.

A forte sustentação argumentativa dos apoiadores do fim da gratuidade nas universidades públicas é a de que não é justo que toda a sociedade financie os estudos dos jovens das classes mais altas e os oponentes insistem em dizer que a medida não seria suficiente para resolver a crise. Tudo bem. Mas, qual outra medida, ninguém oferece nenhuma? Lembrar que o Banco Mundial defende a medida, argumentando que a universidade pública brasileira é ineficiente e injusta.

Não é demais lembrar que o principal argumento contra a gratuidade é que a maioria dos alunos da rede pública está entre os brasileiros de renda mais alta, que em tese poderiam pagar.

Para Fabio Waltenberg, professor da Universidade Fluminense, instituir a cobrança nas instituições públicas seria mexer em um sistema que funciona bem(?), indicando que ele desconhece o problema colossal da previdência, que vem se arrastando pesadamente pelo chão da irracionalidade, de quem não aceita mudanças para sobreviver.

Paulo Meyer questiona: “Quem tem curso superior tende a auferir salários maiores ao longo da vida. É justo que toda a população pague integralmente pelo ensino superior, ao qual uma minoria tem acesso e para quem o mercado de trabalho tende a compensar financeiramente o esforço feito para obter o diploma?”

Apenas para ilustrar, veja-se o caso da Universidade de Brasília que em 12 de abril foi tomada por centenas de estudantes. Os jovens invadiram o prédio central e ali acamparam por 19 dias. A ocupação foi um protesto contra a situação de penúria administrativa vivida pela instituição. Em março, dias antes da invasão, a UnB havia

aumentado os valores do restaurante universitário e anunciado a demissão de funcionários terceirizados e estagiários. O motivo: contenção de gastos devido à queda nos repasses do Ministério da Educação (MEC).

Apesar dos movimentos, a previsão é fechar 2018 com um déficit superior a R\$ 92 milhões. No ano passado, o rombo ultrapassou os R\$ 100 milhões. O problema da UnB se estende à maior parte das Instituições de Ensino Superior (IES) públicas do Brasil. A rede federal, por exemplo, perdeu 50% dos recursos de investimentos e 20% da receita de custeio entre 2014 e 2017, conforme Emanuel Neves, do jornal Gazeta do Povo, em seu artigo "[Mensalidade: remédio amargo para as universidades públicas](#)". Acrescentando que "cobrança poderia ser uma saída para a crise das instituições, mas implicações e potencial da medida requerem análise profunda". Fato é que todos concordam, mas quando e quem se lançará a ela?

20º FNESE – MAIS DO QUE UM EVENTO, UMA IMERSÃO NUMA NOVA DEMANDA DO MUNDO DO TRABALHO

(09/10/2018)

[ACESSE AQUI](#)

“Os efeitos da Quarta Revolução Industrial devem ser o resultado de mais cooperação e menos competição entre os países, da união de recursos humanos e financeiros em favor de uma civilização que partilha de um mesmo destino.”

Thomas Philbeck, World Economic Forum

Foi um autêntico sucesso o **20º Fórum Nacional do Ensino Superior – FNESE**, promovido pelo Semesp e realizado em São Paulo, nos dias 27 e 28 de setembro passados. Foi abordado como tema central a 4ª Revolução Industrial, atualmente preocupação de todos.

Nada mais oportuno que começar com a palestra do emérito professor José Pastore, que, bem ao seu estilo, deu nos uma visão sobre os desafios que esperam o mundo educacional para atender a formação para o trabalho diante das transformações da tecnologia, dos ambientes e da sociedade. A síntese de sua inquietude estava expressa na tese de seu questionamento: “Como será o trabalho do futuro?”.

Desnecessário dizer de sua capacidade avaliativa de refletir sobre o vem por aí. Quem se interessar mais pelo assunto, siga o link com 13

slides que bem demonstram as preocupações do painalista. É de se surpreender: [clique aqui](#).

A Quarta Revolução Industrial surge para a sociedade em uma perspectiva global, em sua escala, escopo e impacto de complexidade, diferente de tudo que já experimentamos anteriormente. O crescimento exponencial das tecnologias e suas aplicações emergentes em áreas como inteligência artificial, robótica, internet das coisas, nanotecnologia, biotecnologia, ciência de materiais, armazenamento de energia e computação quântica são sem precedentes, transformando setores da sociedade civil, em especial a educação.

Com esse eixo, o Fórum impactou os participantes com foco no aprofundamento e na compreensão de conhecimentos. Uma das palestras que ampliou bastante essa perspectiva foi a do chefe dos Estudos de Ciência e Tecnologia Thomas Philbeck, do World Economic Forum, que disseminou o conceito quando publicou, em janeiro de 2016, o relatório “The Future Jobs”, considerado um divisor de águas sobre a importância de se repensar o conhecimento e habilidades para a sociedade do século XXI.

Os dados apresentados ressaltam o processo de automação do trabalho e da importância do setor educacional assumir o desenvolvimento de novas habilidades, não específicas a determinadas áreas do conhecimento, mas que valorizem a inteligência humana, na resolução de problemas complexos, a criatividade, o trabalho em equipe e a comunicação. Philbeck deixou claro a necessidade de promover o redesenho de novos espaços que orientem o conhecimento, em seu sentido mais amplo de futuro, inclusive pela criação ou redesenho de currículos, que passam a ser concebidos e construídos para impulsionar demandas que preparem as pessoas tanto para empregos emergentes, como realidades econômicas e sociais.

O relatório do *McKinsey Global Institute*, com seus dados alarmantes, mostra que os robôs poderiam substituir 800 milhões de empregos até 2030 significando que é preciso promover uma “revolução de habilidades” para abrir uma série de novas oportunidades.

Ponto de destaque foi a apresentação de práticas exitosas de instituições brasileiras e americanas. No Brasil, o Centro Universitário Celso Lisboa, que, com ousadia, criatividade, trabalho em equipe e o redesenho de espaços de aprendizagem, tem estruturado uma metodologia voltada ao desenvolvimento de habilidades e competências, permitindo aos estudantes uma fluência digital e empreendedora, que ultrapassam o currículo tradicional e o conhecimento. Isso tudo, conseguindo alinhar os processos regulatórios do MEC.

Um dos grandes diferenciais do futuro são as economias baseadas em conhecimento, enraizadas na ciência e na tecnologia, interdependentes globalmente e motivadas pela inovação. Além disso, uma economia vibrante e inovadora depende muito do conhecimento e das habilidades da força de trabalho, impulsionada ainda no Brasil pelo setor universitário, responsável pela formação desse mindset nessa nova geração de egressos.

Países de todo o mundo estão começando a acompanhar essas tendências e reformulando seus sistemas de ensino para concentrar ações no fortalecimento dessas capacidades, que são entregues no formato de novas experiências de aprendizagem, como a resolução de problemas reais, como uma importante estratégia de criar essa cultura de realizações práticas a partir da vivência universitária. Essa nova perspectiva é uma alavanca importante para colocar a Universidade em um novo patamar, em que os projetos de vida, carreira e empregabilidade, passam a ser centrais no processo de engajamento e permanência desses estudantes.

Diferentemente de uma educação de formação para o trabalho, essa perspectiva está voltada ao desenvolvimento eficaz de habilidades, conhecimento e capacidade de inovar, que impactam na força de trabalho e inclusão social. Foi o que mais chamou a atenção na apresentação da Stefani Lindquist, vice-reitora da Universidade do Arizona. Ela ainda apresentou desafios e oportunidades como: conexão do ensino superior com o mundo do trabalho, currículo dirigido por problemas, análises preditivas, eficiência de escalas e permanência dos estudantes na universidade.

Liz McMillen, editora do *Chronicle of higher education*, destacou a importância da revisão nos modelos de educação para atender as demandas tecnológicas e do futuro do trabalho, incluindo a preparação para a proficiência plena de habilidades como coordenação com os outros, gestão de pessoas, criatividade, resolução de problemas complexos, fundamentais para viver com autonomia no atual e permanente cenário de transformações e mudanças. Para ela, novos modelos como as certificações, serviços de carreira e aconselhamento e modelos mais abertos de formação, se tornam tendências importantes que devem ser observadas por todo o segmento educacional.

Apesar das competentes mensagens passadas pelos 13 painelistas do evento, são muitas as barreiras e desafios a vencer na educação brasileira, do Fundamental ao Superior, evitando-se o descompasso entre as universidades e o mundo do trabalho que é real e é enorme. O FNEESP deixou muita reflexão a exercitar, alguns questionamentos que precisam de esforços conjuntos comuns como reorganizar o desenho das instituições de ensino, que ainda são extremamente hierárquicas, enraizadas em modelos mentais regulatórios, conteudistas e curriculares, pouco criativos e inovadores.

As palestras inspiraram e motivaram o planejamento de ações mais concretas, para os desafios reais da educação superior.

Precisamos ir além do óbvio na oferta de novos cursos, do mercado de captação e permanência dos estudantes. Desenvolver uma inteligência estratégica e colaborativa para inovar, atuar e transformar o cenário instável e de profundas transformações no Brasil é urgente e deve fazer parte da pauta da educação superior.

Pensar no futuro do trabalho é muito mais do que a geração de empregos. É necessário consolidar diretrizes para o desenvolvimento sustentável, cidadania, compartilhamento de informações e inclusão social. Daí a importância de que Governos, empresas, estudantes, sociedade, instituições educacionais, professores e estudiosos precisarem estar unidos para acompanhar as inovações que mais cedo ou mais tarde estarão acontecendo.

MUNDO NOVO, ESCOLA NOVA E PROFESSOR MOTIVADO

(16/10/2018)

[ACESSE AQUI](#)

“O professor medíocre conta. O bom professor explica. O Professor superior demonstra. O Grande professor inspira.”

William Arthur Ward

Estive pensando durante alguns dias sobre o que escrever para comemorar o **Dia do Professor** e, claro, também, tentando sair do lugar comum dessas ocasiões.

Valendo-me de um folder que o Semesp entregou por ocasião do 20º Fórum, ocorrido em São Paulo nos dias 26 e 27/9, os números encontrados pelo Inep dando um panorama da educação em 2017 são superlativos, indicando que no ensino superior existem 182.096 docentes nas particulares e 168.974 nas públicas. Ou seja, totalizam 340.027 profissionais em todas as 2.448 instituições de ensino superior do país, operando em 2.152 particulares e 296 públicas, distribuídas por 93 universidades, 181 centros universitários e 1.878 faculdades. São números extraordinários acumulando milhões de horas-aulas por ano, movimentando uma máquina financeira de bilhões de reais de insumos diretos e indiretos. É muito professor suando a camisa na educação superior.

Mas falar só dos resultados econômicos é pouco, muito pouco, quando destacamos os números de alunos matriculados nas

particulares da ordem de 6.241.307 (75,3%) e nas públicas 2.045.356(24,7%). E a que devemos esses números fabulosos no setor privado senão ao devotamento, entrega e dedicação docente, seja como horista, tempo parcial ou integral.

É necessário que esses profissionais percebam seu verdadeiro valor e reconheçam a importância que lhes é dispensada. As mais belas ideias sobre educação, os mais sinceros e comoventes elogios ao papel do ensino no desenvolvimento de um país e os sonhos mais generosos em que a escola aparece como espaço de verdadeiro aprendizado e crescimento humano, não resolvem o problema da educação se as professoras e os professores não forem e não se sentirem valorizados.

Mas, então, como explicar essa devoção, esse apego que na maioria das vezes não tem reciprocidade? Que nome dar para essa dedicação com tal afincamento se não há salário que compense o esforço, sobretudo se acumula pontualidade e assiduidade, que nem sempre ganha reconhecimento?

Afinal, o reconhecimento vem ou deveria vir de onde, dos alunos, dos pais, da coordenação do curso, da reitoria ou da sociedade?

Poetas, escritores, romancistas e cronistas já exaltaram por meio de suas obras, a figura do querido professor, enaltecendo e agradecendo o que fizeram em prol da cultura e da educação, primando o ensino exatamente no diapasão que o Papa João XXIII citou: “É preciso construir escolas, casas dignas desse nome”.

Mas, e daí, como andam os programas e conteúdos dos cursos de formação de docentes na universidade, as licenciaturas? Estão elas afinadas com a realidade da modernidade tecnológica, além do suporte das modernas propostas pedagógicas? Esses professores têm dado consistência aos seus conhecimentos com educação con-

tinuada, têm participado de seminários e congressos, têm realizado estudos de pós-graduação, etc. etc.? Então, a formação mínima para assumir uma sala de aula não se encerrou na licenciatura de três anos, ou no bacharelado de quatro anos. Exige mais.

Tenho dito aqui neste espaço que sem o professor não existe educação e por decorrência centenas de posições sociais que num giro de 360 graus não (sobre)vive sem a educação e o principal protagonista/responsável é sempre o indispensável professor.

Mas, eles estarão dizendo nesse momento: e daí? Como ficam a minha sobrevivência, o meu status, as minhas contas mensais, a minha atuação nos diversos estratos sociais, a minha família e meus filhos, o meu lazer e a minha complementação cultural com viagens e cursos de adição?

No período eleitoral que estamos vivendo, nada ficou mais claro que o maior descontentamento das pessoas é acerca dos péssimos serviços que o estado presta. E a demanda mais insistente comentada pelos veículos de comunicação e redes sociais é sobre a falta de segurança das pessoas; dos serviços de saúde e da formação educacional para a vida.

Consequentemente a educação desde a infância até a universidade, devido as transformações que a sociedade está vivendo é aquela que está sendo pressionada pela população, por um motivo bem simples, porque tudo que fazemos estará condicionado aos ambientes tecnológicos, inclusive as atividades de ensinar e aprender e o professor deixará de ser um repassador de informações para se tornar também o gerenciador do processo de aprendizagem e dominar e ser usuário das tecnologias de informação e comunicação.

O mercado de trabalho busca os egressos mais preparados para oferecer soluções aos seus projetos e o bom professor precisa estar

ciente que seu papel é colaborar com o sucesso de seus alunos. Mas uma estratégia vai ser necessária para que o ensino possa prosperar e cumprir seus objetivos. É haver alinhamento de propósitos do estado, da universidade, das escolas, dos professores, das famílias, das empresas, da sociedade e dos estudantes, com a área de formação educacional. Com menos palavras e mais ação, nossas homenagens aos Professores de todas as áreas, níveis e graus e de todos os profissionais que trabalham na área.

Tudo isto é importante, mas o que vale é o reconhecimento do dia a dia do trabalho do professor. Conheço muitos cuja vida foi dedicada unicamente ao magistério, por mais de 50 anos, em detrimento da vida familiar e social, alguns em única instituição lecionando única disciplina. São admiradíssimos e lembrados por seus milhares de ex-alunos, mas na faculdade onde lecionaram, ninguém lhe presta a mínima homenagem: um bilhetinho, um bolinho, uma plaquinha. Nada. As instituições não costumam cultuar estes valores e por ser importante, não poderíamos deixar de citar porque Gratidão vale ouro.

NOVO GOVERNO E A EXPECTATIVA DAS TRANSFORMAÇÕES EDUCACIONAIS

(23/10/2018)

ACESSE AQUI

“Toda reforma interior e toda mudança para melhor dependem exclusivamente da aplicação do nosso próprio esforço.”

Immanuel Kant

No próximo domingo, dia 28 de outubro de 2018, as urnas estarão apontando o novo presidente da República. E o vencedor, com suas equipes de planejamento, começará a conhecer os problemas dos diversos ministérios, preparando-se para cumprir as promessas de campanha.

Nunca como dessa vez a palavra educação foi tão divulgada, porém dentro do seu significado tradicional. Nenhum dos dois candidatos a tratou como o conceito de capital humano, que é união da força de trabalho como riqueza que possa ser desenvolvida, para transformar uma nação. E isso só vai ser alcançado com ideias novas e pessoas comprometidas com o novo. Certamente muitas mudanças serão necessárias.

Mudar, portanto, ganha significado de permuta, mutação, modificação, diferença, alteração, transformação, metamorfose, troca, transmutação e, claro, opondo-se à regularidade, constância e con-

servação, grande prazer dos conservacionistas¹ e resistentes às mudanças. Mudança requer muito mais que palavras, muito mais que expressão. Mudanças requerem atitudes, requerem coragem e vontade de mudar.

Mudar é um ato de ousadia e toda mudança encontra resistência, pois quem pensa em mudar provavelmente encontrará oposições onde jamais esperava existir. A velha e cansada mesmice e da resistência como todos que analisam ou criticam o mundo da educação sem a exigida solução. Ninguém dá, oferece ou disponibiliza a solução. Como resolver o problema da defasagem e do anacronismo do ensino básico poucos falam.

Será que alguém já tem a solução para juntar as propostas e assim conseguir unificar as ideias discutidas e apresentar planos viáveis de execução? Sim, porque até aqui só existem vozes isoladas, ilhadas sem merecer qualquer atenção, mas não faltam palpites de plantão com respostas sem soluções factíveis e realistas, do Infantil até o Superior. Parece que a ortodoxia de quem não tolera o novo e o diferente prepondera há séculos no país em assunto que deve(ria) ser dominado constantemente pela criatividade e inovação.

Já é hora de MUDANÇAS, radicais, seja na troca de pessoas, seja na troca de ideias e pensamentos e atitudes, corajosamente, sem medo de errar.

1 O **conservadorismo** ou **conservantismo** é uma filosofia política e social que defende a manutenção das instituições sociais tradicionais no contexto da cultura e da civilização. Por algumas definições, os conservadores procuraram várias vezes preservar as instituições, incluindo a religião, a monarquia, o governo, os direitos de propriedade e a hierarquia social, enfatizando a estabilidade e a continuidade, enquanto os elementos mais extremos chamados reacionários se opõem ao modernismo e buscam um retorno à “maneira como as coisas eram”. (Wikipédia)

Estamos em disputa com o calendário e com o relógio, no tempo regulamentar prorrogado, momento dos pênaltis e alguém vai ter de bater a(s) penalidade(s).

Onde se encontra o pessoal comprometido com as mudanças que deverá persuadir a torcida do pessoal da zona de conforto e assim mudar o resultado desse jogo que já se arrasta por décadas, para não dizer séculos?

Alguém haverá de propor a mudança da formação do CNE – Conselho Nacional de Educação, ou até mesmo um melhor funcionamento do órgão, cujas reuniões mais se assemelham às da Academia Brasileira de Letras, só faltando o chá com torradas.

Alguém haverá de se opor ao Enade, um purgatório dos mantenedores quando os protagonistas-alunos é que mandam na casa, aliás, como nos berços familiares de origem.

Alguém haverá de trazer argumentos fortes de que as NDCs (Novas Diretrizes Curriculares), que de novas não têm nada, são/estão obsoletas e que o melhor mesmo é ignorá-las se queiramos propiciar empregabilidade aos alunos.

Alguém há de reinventar o financiamento dos estudantes carentes sem o qual não tem jeito/condição deles estarem na universidade, sobretudo diante do cenário econômico que o país atravessa e ainda demorará para resolver (se é que dá pra resolver), afora os milhões de desempregados.

É preciso romper com os grilhões do exagero de normas que acometem a educação. É preciso liberdade de ação, de atitude, pois o que deve prevalecer são as MUDANÇAS. Se o governo entende manter as camisas de força que o faça junto às públicas, “até pra ver se vai dar certo”, mas libere as particulares que sabem muito bem onde

têm o nariz no rosto institucional. Suas gestões e administrações estão dentro da escola, bastando se locomover alguns metros para acessar suas secretarias e salas dos professores, absurdamente diferente das gestões públicas.

E não faltam indicações, sugestões do que as instituições de ensino devem abraçar devendo as universidades acelerar inovação nos espaços de aprendizagem.

Mas, nas tendências há muitos desafios e desenvolvimentos para o ensino superior adotar, conforme destaca o relatório de Horizon Report: 2018 Higher Education Edition², publicado pela New Media Consortium (NMC).

Vinícius de Oliveira e Marina Lopes, do Porvir, trazem matéria sobre o relatório produzido a partir de discussões com 71 especialistas e que aponta impactos, ao longo dos próximos cinco anos, para adoção de práticas inovadoras e uso de tecnologia no ensino superior ao redor do mundo.

Eles apontam que, para acelerar a adoção de recursos tecnológicos, universidades e demais instituições de ensino superior devem, nos próximos dois anos, redesenhar espaços de aprendizagem com configurações que apoiam a mobilidade, flexibilidade e o uso de vários dispositivos, mantendo o foco em medir o desempenho dos estudantes. “Ao mesmo tempo, elas ainda devem buscar soluções para promover a equidade digital e adaptar seus projetos ao futuro do trabalho.”

O relatório mostrou ainda que, em curto prazo, faculdades e univer-

2 O NMC Horizon Report é um organismo que identifica e descreve as tecnologias emergentes que pode ter impacto sobre a Aprendizagem, ensino e pesquisa na educação

sidades devem repensar como definir, medir e demonstrar a aprendizagem dos estudantes, inclusive de competências complexas, como criatividade e colaboração.

Os jornalistas explicam que além de falar de tendências, o Horizon Report apresenta desafios para o avanço do ensino superior. Promover experiências de aprendizado autêntico que conectam alunos a desafios do mundo real é um primeiro item mencionado entre os desafios que têm solução conhecida, mas ainda é pouco difundido entre as universidades. O aprendizado autêntico funciona como um grande guarda-chuva que abriga as tarefas práticas e que promovem conhecimentos e habilidades.

Em um nível considerado mais difícil, está a necessidade de reorganizar o desenho das organizações universitárias, que precisam ser menos hierárquicas, uma característica do novo mundo do trabalho. Em estágio semelhante está a equidade digital. Diferentes organismos internacionais já alertam para a dificuldade de acesso à internet de banda larga dependendo do status socioeconômico e do gênero.

O relatório também apresentou seis desenvolvimentos importantes, segmentados por tempo para adoção: tecnologias analíticas e makerspaces (um ano ou menos), tecnologias de aprendizagem adaptativa e inteligência artificial (dois a três anos) e realidade mista e robótica (quatro a cinco anos).

Nestes anos todos estivemos acostumados com estruturas que se preocupavam com o desempenho operacional das instituições. Oriundos de mesmo grupo político, defendiam as mesmas ideias e sem preocupação com as transformações tecnológicas. Vença quem vencer estas eleições, as mudanças de um jeito ou outro acontecerão, porque o mundo educacional, para sobreviver, tem necessidade de transformar-se.

MUDANÇAS NO SETOR EDUCACIONAL NÃO SÃO FÁCEIS DE RESOLVER

(30/10/2018)

[ACESSE AQUI](#)

*“Se você quer vencer não fique só olhando a escada.
Comece a subir degrau por degrau até chegar no topo.”*

Anônimo

Uma notícia alarmante chega pelo Correio Braziliense: “Pare por um momento e imagine o seguinte cenário: se o Brasil fosse hoje uma escola com 100 crianças no 1º ano do ensino fundamental, em 2020 apenas 48 delas sairiam alfabetizadas do 3º ano dessa etapa, sendo que somente 30 chegariam, em 2029, ao final do ensino médio com conhecimento básico em língua portuguesa e 2 em matemática. Esse cenário é uma possibilidade caso sejam confirmadas as tendências observadas nos dados de aprendizagem da Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) e do Saeb dos últimos anos. Outras projeções, baseadas em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad/IBGE), mostram ainda que 24 dessas 100 crianças podem não completar a educação básica até os 19 anos”.

Exageros e impaciência à parte, pelo contido no caderno de educação que o Estado publicou na 3ª. feira, dia 15 de maio, parece estar faltando um pouco de prudência, moderação e comedimento, para analisar sem emoção uma realidade que está acontecendo em todo o mundo, onde os planos curriculares universitários, estão sendo superados.

Isso de inovação e criatividade, já nos debruçamos aqui neste espaço, quase à exaustão, na medida em que são artigos e não teses, continuamos com a proposta de reflexões sobre os temas.

De saída, é bom distinguir o que seja inovação pedagógica, metodológica, social e tecnológica porque para “enfrentar” essas “questões” que preocupam, porque implica em disrupção sem meias ações, ao contrário, empreender o novo, a criatividade para enfrentar outros desafios como estagnação, mesmice, lugar comum e assemelhados, é preciso dotar-se de muita vontade, correr riscos, aventurar-se pelo certo e correto porque ninguém pode ter compromisso com o erro e com o desacerto. Ou seja, enfrentar os desafios para propor mudanças.

Inegavelmente essa sempre foi a intenção da maioria das Universidades brasileiras, sem, no entanto, lograr sucesso porque há ou havia um sem número de fatores adversos sem falar na turma do “deixa para lá” por conveniências próprias (individuais, grupais ou de corporações) que se não atrapalhavam também não colaboravam. No dia 17 de maio de 2018, pelo Estadão, o professor Roberto Macedo com muita cautela escreveu: aprendi que nas universidades brasileiras há muito o que aprimorar. Mas elas resistem a adotar as mudanças necessárias. Seus professores estão mais preocupados com suas carreiras, como também aconteceu comigo, do que em olhar para os lados, e para o mundo, e focar em mudanças em termos de ensino, pesquisa e outros serviços do setor.

Plataformas de inovações pressupõe o coletivo, a comunidade acadêmica absolutamente afinada em um só diapasão para a adoção de projetos inovadores e desenvolvimentistas, já que “estamos sendo transformados pelo mundo, fazendo a travessia da era industrial para a digital”, afirma Patrícia Cardim, do centro universitário Belas Artes.

O citado caderno do Estadão trouxe importantes depoimentos para enriquecer o assunto e com isso noticiar à sociedade de que várias IES estão se mexendo na educação superior daí merecer o respeito, ao menos pela tentativa de mudar e alterar o cenário dando mais cores e mais zoom nos conhecimentos ante o pálido branco-cinza-preto das cognições ultrapassadas.

A escola que pretenda incursionar pelo novo, com mudanças, sabe, de antemão, que o caminho não tem volta. Só é possível adquirir passagem de ida por um trajeto “desbravador” cuja proposta deverá ser muito partilhada, pautada por desafios diferentes e inusitados. A adoção de algumas premissas—conteúdo e continente farão da comunicação e educação os dois grandes pilares que sustentarão o projeto de mudança, aplicadas sempre em ações a quatro mãos: as do professor e as do aluno. Assim é a educação levada às últimas consequências.

O professor Tales Andreassi, da FGV, por exemplo, tem opinião diversa para quem o tom alarmista de pesquisas que indicam o fim de profissões e carreiras não convence. Para ele, fala-se nisso há mais de 20 anos, sobre o fim dos empregos tradicionais, mas as vagas vão se transferindo e há toda uma adaptação, porque os profissionais vão encontrando novos nichos. Bem por isso, afirma Tales, o ensino superior passa por mudanças e que ainda há muito trabalho a ser feito.

Fato é que são muitas as premissas exigíveis para qualquer mudança ou transformação que levem à criatividade e inovações, sem as quais nada acontece, como exemplo, uma boa gestão porque no cenário globalizado e tecnológico atual, o conhecimento tem sido o diferencial imposto pela sociedade como exigência para o mercado de trabalho, promovendo um crescimento da educação superior. Sem boa gestão a instituição se fragmenta se não aplicar um plane-

jamento estratégico para chegar aos resultados desejados. Por planejamento estratégico entenda-se tratar de um processo que exatamente orienta a gestão e a tomada de decisões das IES. Ficamos no presente ou vamos para o futuro? E como lidar com os aspectos regulatórios que o Mec impõe e alinha-lo a realidade.

Já se começa a falar, com certa vaidade, em o novo, a mudança, a inovação etc. etc. mas se não se atentar para o Sinaes, que dentre outras (novas) regulações impõe o PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional, bem como o PCC-Projeto Pedagógico do Curso, que deverão ser revistos a partir das mudanças do PDI, é provável o insucesso.

Quanto a este último, crescem as preocupações com todos os necessários ajustes como atualização nas políticas de ensino, pesquisa e extensão; introdução de metodologias inovadoras; redefinição de conceito e de política de inovação para cada curso da IES; novos papéis para a coordenação de cursos; criação de equipe multidisciplinar considerando a oferta de 20% em EAD; observância das novas contratações à luz da nova lei trabalhista; a necessária sustentação financeira para o atendimento dos novos instrumentos; infraestrutura tecnológica; bibliografia virtual a partir do NDE-Núcleo Docente Estruturante, etc. etc. E com grande destaque, o Critério Aditivo: atributo suplementar que integra o critério de análise para os conceitos 4 e 5 (CPC e IGC). A conclusão de tudo isto, é que inovar é um desafio que o meio universitário tem de resolver, para acompanhar as transformações que ocorrem no ambiente de produção de bens e serviços e que fazem parte de sua missão de ensinar, treinar e motivar o estudante a aprender.

UNIVERSIDADE TRADICIONAL: PÁGINA VIRADA, JORNAL DE ONTEM

(06/11/2018)

[ACESSE AQUI](#)

“Você não sente nem vê/ Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo/ Que uma nova mudança em breve vai acontecer/ E o que há algum tempo era jovem e novo, hoje é antigo/ E precisamos todos rejuvenescer/ (...) No presente, a mente, o corpo é diferente/ E o passado é uma roupa que não nos serve mais.”

Belchior

O aquecimento global, a globalização, os avanços da neurociência, da tecnologia, da medicina e da psicologia social são estímulos para repensarmos não só nossas escolhas econômicas e políticas, mas toda nossa forma de atuação no mundo e sobre o mundo. Parodiando Belchior, os modelos do passado já não nos servem mais.

No paradigma moribundo em que a maior parte das nações ainda vive, vigora o conceito de homem essencialmente egoísta, conduzido pela punição e pela competição, que visa ao lucro (resultado) imediato, importando-se mais com o presente e negligenciando/ comprometendo inúmeras vezes o futuro do planeta e das futuras gerações. A esse conceito contrapõe-se o do ser humano essencialmente altruísta e colaborativo, estimulado pela curiosidade e pela cooperação que o novo milênio exige.

Esse contexto não é a realidade só da economia, mas da pedagogia também. O que nos faz questionar, mais uma vez, nosso papel como educadores.

Neste século XXI da sociedade da informação, baseada na produção e disseminação de conteúdos, o conhecimento democratizou-se, assim podemos ter acesso a ele das mais variadas formas. Esse acesso ao alcance de todos vem destronando a universidade do seu papel de principal produtora e guardiã do conhecimento. Em contrapartida, oferece-lhe outra função tão ou mais nobre do que a anterior – o de espaço de debate para o aprofundamento dos conhecimentos que catalisarão as mudanças na sociedade.

No Brasil falamos muito de inovação e que a universidade deve se preocupar com os novos modelos de atuação se quiser sobreviver, razão de apresentar algumas iniciativas que estão rompendo com o conceito clássico de universidade.

Para Ben Nelson, criador da Minerva Schools, em parceria com a Keck Graduate Institute (KGI), “as universidades precisam parar de disseminar conteúdo e de cobrar por isso. Não devem criar um currículo ao redor do conteúdo, mas ao redor de filtros que ensinem como deveríamos pensar o mundo ao nosso redor”. Segundo ele, “em vez de prendermos os alunos em um campus por quatro anos, devemos colocá-los no mundo para viverem e aprenderem em grandes cidades. Em vez de lhes ensinar conteúdos que podem ser encontrados em livros e cursos on-line (MOOCs, em inglês), precisamos usar o tempo de aula para ensinar e reforçar conceitos fundamentais do pensamento. Somos a única universidade a ensinar aos alunos as habilidades que os levarão, gradualmente, a pensar criativamente e se comunicar de forma eficaz”.

A Minerva Schools¹, assim como outras espalhadas pelo mundo, é uma universidade alternativa, **que trabalha com métodos de aprendizagem mais livres para formar profissionais felizes, criativos e que pensem fora da caixa.**

A 42² é uma universidade revolucionária, sem professores, sem

1 O Minerva Schools na KGI é um programa universitário que foi fundado em parceria entre o Projeto Minerva e o Keck Graduate Institute (KGI), um membro do Consórcio Claremont University. Oferece um curso de graduação de quatro anos, bem como um mestrado em programa de pós-graduação em ciências. O Projeto Minerva é uma corporação com fins lucrativos que possui a plataforma de tecnologia na qual a escola funciona. O Minerva Schools na KGI é uma instituição sem fins lucrativos que conta com o Projeto Minerva para serviços. O Instituto Minerva de Pesquisa e Bolsas é um segundo braço sem fins lucrativos que oferece bolsas de estudos para alunos das Escolas do Minerva, apoia a pesquisa acadêmica do corpo docente e concede o Prêmio Minerva por excelência no ensino.

O fundador da Minerva, Ben Nelson, descreve Minerva como “a primeira universidade americana de elite a ser lançada em um século”. Larry Summers, ex-presidente da Universidade de Harvard e secretário do Tesouro dos Estados Unidos, presidiu seu primeiro conselho consultivo, acompanhado por Bob Kerrey, ex-senador democrata de Nebraska e presidente da New School (Fonte: Wikipédia)

2 42 é uma escola de programação de computadores privada, sem fins lucrativos e gratuita criada e financiada pelo bilionário francês Xavier Niel (fundador da empresa de telecomunicações Iliad) com vários parceiros, incluindo Nicolas Sadirac (diretor-geral anterior da escola Epitech na França), Kwame Yamgnane e Florian Bucher (ex-executivos da Epitech). A escola foi inaugurada em Paris em 2013.

Dos mais de 80.000 candidatos na França, 3.000 foram selecionados para completar um bootcamp intensivo de programação de computadores de quatro semanas chamado piscine (piscina). Qualquer pessoa entre 18 e 30 anos pode ser registrada para a piscine depois de completar os testes de raciocínio lógico no site.

A escola não tem nenhum professor, não emite nenhum diploma ou graduação e está aberta 24 horas por dia, 7 dias por semana. O treinamento é inspirado por novas maneiras modernas de ensinar, que incluem a pedagogia entre pares e a aprendizagem baseada em projetos. A Escola tem sido afiançada por muitas pessoas importantes no Vale do Silício, incluindo Evan Spiegel, cofundador e CEO do Snapchat, Keyvon Beykpour, cofundador e CEO da Periscope, Stewart Butter-

livros, sem emissão de diploma e onde nada é pago. Durante o curso, os alunos trabalham sempre em grupo e colaborativamente, avaliando os trabalhos uns dos outros. Seu primeiro campus foi criado em Paris, em 2013, por Xavier Niel, um empresário e milionário do setor de tecnologia. Em 2016, outro campus foi aberto no Vale do Silício, na Califórnia. A 42 – cujo objetivo é estimular a educação ativa, e não a passiva, mais comum nas instituições de Ensino Superior – quer receber por ano mil estudantes interessados em programação de computadores e desenvolvimento de software.

A Universidade Alternativa³, da Romênia, fundada em 2008 por jovens ativistas educacionais, assim como a Minerva, pretende revo-

field, cofundador e CEO da Slack, Brian Chesky o cofundador e CEO da Airbnb, Tony Fadell, fundador e CEO da Nest Labs, Jack Dorsey, co-fundador e CEO do Twitter, Paul Graham, capitalista de risco e cofundador da Y Combinator, capitalista de risco Bill Gurley e sócio geral no benchmark.

A escola é uma organização sem fins lucrativos e é totalmente gratuita, sendo financiada pelo bilionário Xavier Niel com centenas de milhões de dólares. Toda a propriedade intelectual pertence aos estudantes. 42 O Silicon Valley é o campus americano de 42 fretados como uma corporação sem fins lucrativos de utilidade pública no Estado da Califórnia e foi criado e financiado pela mesma equipe da França, além de um novo sócio, o diretor de operações da escola americana. e ex-42 estudante de Paris Brittany Bir. 42 O Vale do Silício foi inaugurado no verão de 2016 em Fremont, Califórnia, na área da baía de São Francisco.

O nome de 42 é uma referência ao livro de ficção científica “O Guia do Mochileiro das Galáxias”, escrito pelo autor britânico Douglas Adams: no livro 42 está a Resposta à Questão Final da Vida, do Universo e de Tudo.

Além dos dois campi oficiais em Paris, França e Fremont, Califórnia, o modelo escolar foi adotado em Lyon, na França, assim como na Romênia, África do Sul, Ucrânia, Bulgária, Moldávia, Bélgica, Rússia e Marrocos com a ajuda e apoio de 42. (Fonte: Wikipédia)

3 Universitatea Alternativă é um projeto de educação informal desenvolvido pela CROS – Centrul de Resursières pent Organizații Studentești, uma ONG de Educação em Bucareste, Romênia. O projeto visa proporcionar uma experiência de aprendizado diferente aos seus alunos, com foco na autonomia e liberdade de seus alunos.

lucionar a educação no país do Leste Europeu, com uma aprendizagem centrada no estudante. Seus caminhos norteadores são “autonomia e confiança em vez de controle; diversidade e customização ao invés de padronização; e pensamento crítico em vez de doutrinação”, para ajudar as pessoas a serem felizes e mudar o mundo.

A fim de alcançar esses dois objetivos, a universidade aposta em quatro princípios que conformam sua filosofia educacional: autonomia, comunidade e colaboração, impacto na sociedade e ambiente de aprendizagem. “A Universidade Alternativa é uma experiência de aprendizagem rica e personalizada, projetada com fins profissionais, a fim de fornecer suporte para o crescimento de jovens capazes de gerar impacto na sociedade”, diz o site oficial.

Desejando atender a demanda por reforma do sistema educacional público na Romênia, sentida por alguns estudantes, um grupo de cinco estudantes da Universidade Politehnica de Bucareste decidiu estabelecer CROS (que posteriormente desenvolverá a Universitatea Alternativa), como um ambiente para ONGs lideradas por estudantes. Atualmente, a Universitatea Alternativa está organizada em 6 comunidades de aprendizagem, Incubatorul de Afaceri (empreendedorismo), New Media School (comunicação e mídia), .edu (educação), SyncerSchool (gestão), HRemotion (recursos humanos) e Vânzări (vendas e marketing).

A Universitatea Alternativă centra sua visão nas necessidades do aluno, permitindo que eles proponham cursos, assegurando que os recursos estejam disponíveis. Todos os cursos partem de um modelo do mundo real, construindo gradualmente um modelo teórico, através de análises de diferentes situações, relevantes para seus alunos.

Durante um ano, os alunos abraçam os valores de relacionamento, aprendizado, brincar, compartilhar e sonhar.

Apesar de alegar ser uma universidade, a Universitatea Alternativă não é reconhecida como tal pelo Ministério da Educação Nacional e Pesquisa Científica da Romênia, nem é legalmente capaz de conceder diplomas de ensino oficialmente reconhecidos, ao contrário da maioria das universidades alternativas em todo o mundo. (Fonte: Wikipédia)

Essas são iniciativas/experiências que podem/devem estimular a discussão sobre o papel e o futuro da nossa universidade. Henry Etzkowitz, pesquisador da Universidade de Stanford, defende o conceito de hélice tripla (triple Helix) onde a universidade está moldada em governos inovadores, em indústrias high tech e em universidades empreendedoras.

Ele define três pontos de como deverão ser as universidades no futuro. Elas teriam uma nova estrutura, que uniria o ensino, a pesquisa e o empreendedorismo. As instituições educacionais também funcionariam como incubadoras, recebendo incentivos governamentais e fazendo investimentos na criação e acomodação de startups em busca de novas ideias.

A universidade, com os olhos voltados para o futuro, se quiser sobreviver tem de criar desafios à altura da complexidade do mundo de hoje, motivando o aluno a pensar, analisar e a aplicar criativamente o que ele aprendeu.

INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS

(13/11/2018)

ACESSE AQUI

“O planeta não vai ser salvo por quem tira notas altas nas provas, mas por aqueles que se importam com ele.”

Howard Gardner

Um amigo que tem onze filhos – três moças e oito rapazes –, apesar de engenheiro, faz excelentes prognósticos médicos. Dizendo ele, aprendeu com o tempo a reconhecer as doenças porque todo mês tinha um filho enfermo. Uma coisa que ele não entendia era como seus filhos, educados da mesma forma, tinham desempenhos tão distintos na aprendizagem escolar. A mais velha era a mais comportada, mas era péssima aluna e só gostava de esportes. Enquanto isto, o quarto filho era um gênio na escola, o quinto um péssimo aluno e o décimo hábil desenhista que virou artista Plástico. Ele não conseguia entender como filhos de mesmo pai e mãe tinham comportamentos tão distintos.

Foi por isto que, lendo um [artigo de Vinicius de Oliveira, publicado no Porvir](#) sobre Howard Gardner¹ – autor da teoria das inteligên-

1 Howard Gardner escreveu “Estruturas da Mente – a Teoria das Inteligências Múltiplas”, lançado em 1983, que mais tarde deu origem ao projeto “Trabalho do Bem” (“The Good Project”), desenvolvido na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Para o pesquisador norte-americano, no século 21 a ética vai valer mais que o conhecimento. Além de lecionar na Universidade de Harvard e na Boston School of Medicine, ele integra o grupo de pesquisa Good Work Project, que defende o comportamento ético.

cias múltiplas –, achei interessante fazer uma reflexão sobre a razão desta diversidade que defende a individualização e pluralização da aprendizagem. Gardner tem uma máxima totalmente aceitável: “Nunca encontrei nada importante que só possa ser ensinado de uma única maneira”.

Gardner, psicólogo americano, esteve no Congresso Socioemocional LIV 2018, promovido em agosto pelo grupo Eleva Educação, no Rio de Janeiro, quando detalhou conceitos contidos no seu livro “Estruturas da Mente” dizendo que “Pensávamos que havia apenas uma maneira de ser inteligente, mas agora sabemos que existem várias”.

O autor disse ainda que a inteligência é algo que vai muito além do que é medido nos testes de QI (quociente de inteligência). Gardner é amplamente referenciado em diferentes áreas da psicologia e da educação, seja na formulação de políticas públicas, currículos voltados ao desenvolvimento socioemocional ou em testes vocacionais.

A plateia, entre surpresa e perplexa, ainda ouviu que seus estudos mostram que, ao insistir em se concentrar nas habilidades linguísticas e lógico-matemáticas, escolas deixam de prestar atenção a indivíduos que demonstram habilidades em outras inteligências, como a espacial, a corporal-cinestésica, a musical, a interpessoal, a intrapessoal e a naturalista. Afinal, diz Gardner, artistas, arquitetos, músicos, naturalistas, designers, dançarinos, terapeutas e empresários contribuem para enriquecer o mundo em que vivemos. Só que isso não tem recebido a devida atenção do setor educacional.

Importante destacar que a teoria de Gardner não pode ser lida como única abordagem possível para famílias e educadores. “Se você for um pai ou uma mãe, a primeira coisa que digo é que, se seu filho está se saindo bem nos estudos, é melhor deixá-lo em paz e agradecer a Deus”, disse. Porém, se houver dificuldade de aprendizado ou falta de motivação para estudar, ele sugere que um especialista seja

procurado, porque pais geralmente não possuem referência sobre quais inteligências podem ser mais bem trabalhadas. “Muitos deles não possuem muitos filhos (para conseguir uma base de comparação) e tendem a projetar experiências provenientes de seu perfil de inteligência.”

Gardner em sua trajetória se dedica a estudar a forma como o pensamento se organiza e é exatamente com tal teoria que ele balançou as bases da Educação, alfinetando muitos tratadistas e teóricos.

Hoje, ele tem um novo foco de pensamento, organizado no que chama de cinco mentes para o futuro, em que a ética se destaca. “Não basta ao homem ser inteligente. Mais do que tudo, é preciso ter caráter”, diz, citando o filósofo norte-americano Ralph Waldo Emerson (1803-1882).

Gardner é de fala mansa e até um pouco humilde. Para ele, durante centenas de anos, os psicólogos seguiam uma teoria: se você é inteligente, é assim para tudo. Se é mediano, se comporta dessa maneira todo o tempo. E, se você é burro, é burro sempre. Dizia-se que a inteligência era determinada pela genética e que era possível indicar quão inteligente é uma pessoa submetendo-a a testes. “Minha teoria vai na contramão disso. Se me perguntam se minhas ideias tiveram impacto significativo, eu digo que não. Não há escolas e cursos Gardner, mas pessoas que ouvem falar dessas coisas e tentam usá-las.”

O psicólogo “reconhece que educadores não podem ser obrigados a trabalhar de acordo com inteligências múltiplas, mas defende os benefícios quando são usados recursos para promover individualização e pluralização da aprendizagem. O primeiro conceito tem a ver com aquilo que se chama de personalização, ou seja, saber o que é melhor para cada aluno e ensinar de acordo com seus interesses, de uma forma que faça sentido a ele. Por pluralização, Gardner

explica que o educador decide o que é realmente importante para os alunos conhecerem, aprenderem e compreenderem. Essa informação precisa estar em uma variedade de formatos e mídias, abordando assim as inteligências múltiplas.”

Questionado sobre como fazer a individualização do ensino, numa sala com 40 estudantes, Gardner deixa claro para qual público a teoria se destina, justificando que realmente é mais fácil individualizar o ensino numa sala com dez crianças e em instituições ricas. Mas, mesmo sem essas condições ideais, é possível: basta organizar grupos formados por aqueles que têm habilidades complementares e ensinar de modos diferentes. Se o professor entende a teoria, consegue lançar mão de outras formas de trabalhar – como explorar o que há no entorno da escola. Se ele acredita que só com equipamentos caros vai conseguir bons resultados em sala de aula, não entendeu a essência do pensamento.

Até aqui fica claro que a proposta é para a educação básica, difícil de ser aplicada no ensino superior, e mais: de concreto e realisticamente, impensável para a educação pública, afora a exigência de se ter de contar com docentes de formação super diferenciada, exclusiva mesma, com alta performance pedagógica.

Com os pés fincados no chão é de uma autenticidade incomum. Quando perguntado se tem uma avaliação sobre a educação brasileira respondeu que, se o Brasil quer ser uma força importante no século 21, tem de buscar uma forma de educar que tenha mais a ver com seu povo, e não apenas imitar experiências de fora, como as dos Estados Unidos, Ásia e Europa. O país precisa se olhar no espelho, em vez de ficar olhando a bússola. Acertou em cheio.

Ao criar o **The Good Project, o Trabalho do Bem, em conjunto com outros dois colegas**, Mihaly Csikszentmihalyi e William Damon, também psicólogos da Universidade de Harvard, em 1995, eles

tenham clareza da necessidade de uma plataforma que buscasse entender como as pessoas que anseiam fazer um “trabalho do bem” obtêm sucesso ou fracassam em uma época em que tudo muda muito rápido; o senso de tempo e espaço está sendo radicalmente alterado por causa da tecnologia; as forças do mercado são muito poderosas e ainda não se sabe se existem forças contrárias com poder equivalente.

Tudo isso tem a ver com a conclusão: “Quando vi que pessoas estavam usando minhas ideias de um jeito que não queria que acontecesse, entendi que precisava conectar as múltiplas inteligências a um sistema de valores contendo o que significa ser uma boa pessoa, um bom profissional e um bom cidadão”, disse Gardner. “Não é a mesma coisa ser cada uma delas. Você pode ser um profissional muito bem-sucedido em Marketing, mas não um bom pai. Um consultor excelente, mas eu não o contrataria para ser presidente de empresa.”

Portanto, o desafio que fica para todos nós agora, quando podemos ter o apoio das tecnologias, é como oferecer individualização e pluralização da aprendizagem em nossas instituições?

NON SCHOLAE SED VITAE DISCIMUS

(20/11/2018)

[ACESSE AQUI](#)

“As atividades dos mais variados temas são trazidas pelos professores e cada aluno exerce a autonomia de escolher o que mais lhe interessa, de trabalhar em grupo ou sozinho. Assim, podem se dividir entre as mesas ou até mesmo aprender ao ar livre.”

Prof. José Pacheco

Cursei o primário, o ginásial e o colegial no Santo Alberto, escola que nem existe mais. Dirigida pelos Carmelitas, situava-se entre o bairro da Liberdade e o de Bela Vista, em São Paulo capital. Alguns padres lecionavam e um deles sempre desafiava os alunos a dizerem quem era o autor ou a traduzir uma frase latina, mantida em moldura na biblioteca, com os dizeres do título deste artigo, que em tradução livre é: “Não aprendemos para a escola, mas para a vida”.

Dia desses deparei com interessante e intrigante assunto abordado por Karina Balan Julio, no Meio & Mensagem, sobre a School of Life, criação de uma dupla de filósofos, Alain de Botton e Roman Krznaric, em Londres, já há dez anos. A proposta da instituição é ensinar habilidades sociais atemporais, não tão voláteis quanto as habilidades técnicas que mudam a cada nova tecnologia.

Em entrevista de Roman Krznaric, dada para Karina, sabe-se que, com unidades em mais de dez países, inclusive no Brasil, desde 2013, a escola vem surfando no crescimento da indústria de autoajuda e conquistou o universo corporativo, oferecendo, além de ofici-

nas, livros e cursos intensivos aos consumidores finais, consultorias e treinamentos para empresas. E o Intensivo The School of Life de 2019 já está programado para o período de 30 de março a 3 de abril. Acesse para saber mais.

Registro que o projeto The School of Life não é de jeito nenhum uma proposta de curso superior/universitário e nem quer concorrer com eles. Tem outro propósito: o de ser uma escola para a vida com seus workshops oferecidos para clientes finais e empresas com aulas sobre objetivo profissional, resiliência, felicidade e sociabilidade entre outras. Como se diz por aí, soft skills para um mundo conectado e conturbado. Tudo decorrente do enfraquecimento coletivo de habilidades sociais, por conta das redes sociais, e da necessidade de resgatá-las com o avanço da inteligência artificial.

A instituição adotou esse nicho cuja missão é “ajudar pessoas a viverem a vida que elas querem, e não a vida que os outros querem para elas”, revela David Baker¹, em entrevista a Rafael Carvalho, do portal www.napratica.org.br. Como? Dando apoio e guiando os alunos em passos pequenos e experimentais fora de suas zonas de conforto. Para Baker, educação, em sua essência, é a celebração da curiosidade, que deve ser levada para a vida inteira. Inúmeras vezes, segundo ele (e as teorias da criatividade...), as melhores ideias surgem quando se juntam ideias completamente diferentes de disciplinas também completamente diferentes.

A discussão pode ir longe sobre a efetividade e a realidade formativa dos estudantes em cursos superiores, onde nem sempre se consegue romper os desafios encontrados ao longo da vida pessoal e na carreira. Diferentemente da School of Life que tem por objetivo

1 David Baker, escritor e ex-editor da famosa revista inglesa Wired, também é cofundador da School of Life no Brasil, que tem unidades no Rio de Janeiro e em São Paulo.

desenvolver inteligência emocional através da cultura e ensinar seus alunos a viver bem, oferecendo aulas livres, muitas vezes sobre temas inusitados, e que não têm a pretensão de mirar um público-alvo específico. Assim, não existe formação prévia como requisito. Segundo Baker, a escola é voltada para qualquer um que esteja interessado em viver uma vida mais plena, gratificante e verdadeira.

Por isso, os cursos não são pautados diretamente por disciplinas (filosofia, psicologia, arte, história...), e sim pelas questões e reflexões que fazem parte do nosso dia a dia: 'Como equilibrar vida pessoal e trabalho', 'Como escolher um parceiro', 'Como ser mais criativo' e 'Como tomar decisões melhores' são algumas das aulas disponíveis.

Tenho por hábito refletir e levar meus interlocutores a discussões sobre inventividade, criatividade, empreendedorismo como forma de inovação. Estamos cercados pela tecnologia e vivemos em um mundo no qual ela é vista, frequentemente, como a coisa mais importante. Mas o que aconteceu com nossa inteligência emocional? Como a tecnologia mudou nossa relação com os outros e com o mundo?

Botton e Krznaric com a School of Life querem fazer com que as pessoas aprendam sobre relacionamentos ou falem sobre temas difíceis, como a realização no trabalho e até sobre a morte. O input que tiveram foi ensinar coisas que são habilidades para a vida, buscando abarcar tópicos universais. Foi algo como juntar a fome com a vontade de comer.

Segundo eles (assim como para Baker), a curiosidade é a competência que traz mais força a alguém. É a habilidade de olhar ao redor, investigar, explorar e descobrir novas coisas, não ser monotemático, mas ter interesses diversos e sobretudo autonomia. Essa é a chave para a sobrevivência em um mundo em constante e acelerada mudança e que exige adaptabilidade/resiliência dos profissionais.

Na entrevista para o Meio & Mensagem, Krznaric abre o jogo sobre criatividade:

“Acredito que uma das grandes desgraças do Renascimento e da cultura que criamos nos últimos 5 mil anos é a ideia de que você nasce criativo e de que Michelangelo, por exemplo, nasceu com um dom genético ou divino. Esta ideia é um desastre, pois faz com que as pessoas parem de ser criativas, parem de querer desenhar, pintar ou cantar e ter ideias, por exemplo. No final dos anos 60 a proposta de que a criatividade poderia ser ensinada se popularizou. Concordo com isso e acho que você pode nutrir a criatividade com o tempo. Mas, ao mesmo tempo, também vejo que criatividade é sobre espontaneidade. Hoje em dia baseamos muito nossas vidas em agendas e calendários eletrônicos, e isso impede que sejamos mais inventivos”.

Para ele, e por consequência para School of Life, a ideia de que o trabalho precisa ter propósito é nova sob muitos aspectos. A busca desse propósito se dá quando teve início a cultura de valorização dele (propósito) em seu ambiente (de trabalho).

Segundo Krznaric,

“não é novidade que o ensino formal nas escolas e universidades não dá conta de todos os desafios que encontramos ao longo de nossa vida pessoal e na carreira. Foi com a intenção de preencher essa lacuna que surgiu a School of Life, escola que tem por objetivo desenvolver inteligência emocional através da cultura e ensinar seus alunos a viverem bem”.

E o leitor estará se perguntando: e daí? Que proveito a universidade pode tirar da experiência da School?

Acredito que seja uma imersão em inteligência emocional, ideal para quem busca transformações e mudanças em cursos com mais significado. Como essa habilidade de reconhecer e lidar com sentimentos, tanto seus quanto aqueles das pessoas com quem se convive, não está relacionada diretamente com o nosso lado intelectual,

saber usá-la nos torna emocionalmente aptos para o convívio social frente às mais diversas situações.

Pensar duas vezes antes de tomar uma decisão, ser empático com um colega que pensa diferente, receber e absorver feedbacks de forma justa são algumas habilidades que devem ser estimuladas para alcançar o desenvolvimento das soft skills.

Hoje, mais do que nunca, a frase latina de Sêneca, um dos mais célebres advogados, escritores e intelectuais do Império Romano, é profética. Nossa missão é preparar o aluno para a vida.

AVISO AOS NAVEGANTES

(27/11/2018)

[ACESSE AQUI](#)

“O futuro bate à nossa porta, e todas as ideias – exceto as que envolvem preconceito – terão chance de aparecer e serão valorizadas.”

Paulo Coelho

Os “[Avisos aos Navegantes](#)” são publicações periódicas do Serviço Meteorológico da Marinha com o propósito de fornecer aos navegantes e usuários em geral informações destinadas à atualização de cartas e publicações náuticas brasileiras, afim de atender a Convenção Internacional para a Salvaguarda da Vida Humana no Mar.

Estou me lembrando delas porque faziam parte da programação de rádio da Hora do Brasil de antigamente, hoje A Voz do Brasil. Eram orientações para navegar com segurança e o chavão “Aviso aos Navegantes” ficou famoso. O mesmo não posso escrever com o que acontece hoje com os futurólogos e palpiteiros de plantão sobre a educação do futuro. Gente que acha ter bola de cristal em casa e no trabalho, videntes, apostadores, chutadores e demais que estão jogando todas as fichas nas profissões dos próximos anos.

Há dez anos ou mais já se falava sobre tais cenários, de Flash Gordon, dos Jetsons¹ e Isaac Asimov com dezenas de aventuras, tudo

1 **Os Jetsons** é uma série animada de televisão produzida pela Hanna-Barbera, exibida originalmente entre 1962 e 1963 pela TV Excelsior. Mais tarde a série foi relançada com novos episódios produzidos entre 1984 e 1987, como parte do

também da cabeça maravilhosa de Stan Lee, o pai dos HQs, criador de dezenas de figuras futuristas. Pena que faleceu recentemente.

Os prospects do mercado de trabalho do futuro apostam em tendências para 2025. A Equipe do [MegaCurioso](#) em 2016 já apontava as áreas que devem estar em alta.

Você, leitor, qual é a sua aposta para o futuro com respeito ao mercado de trabalho? Se acha que boa parte da mão de obra atual será substituída por robôs, você não é o único. [Relatório](#) publicado pelo [Fórum Econômico Mundial](#) aponta que até 2020 cerca de 5 milhões de empregos serão perdidos para a automação, tendência que continuará crescendo e também poderá afetar áreas além da industrial.

Gwen Moran, do portal [Fast Company](#), acredita que não somente o emprego de funcionários de fábricas serão “tomados” por máquinas, mas o pessoal que trabalha em escritórios e na área administrativa também poderá ser substituído.

Por outro lado, os especialistas acreditam que ocorrerá um aumento na demanda por alguns profissionais. Confira o que dizem sobre as 5 áreas que devem estar em alta:

1 – Tecnologia

Se alguém ainda tem dúvida de que as pessoas com aptidões tecnológicas continuarão sendo procuradas para o presente, e sobretudo para o futuro, deixe a indecisão de lado, isso não está mal resolvido; indeterminado e incerto. E ponto final.

programa The Futuristic World of Hanna-Barbera, exibida pelo SBT. Tendo como tema a “Era Espacial”, a série introduziu no imaginário da maioria das pessoas o que seria o futuro da Humanidade: carros voadores, cidades suspensas, trabalho automatizado, toda sorte de aparelhos eletrodomésticos e de entretenimento, robôs como criados, e tudo que dá para se imaginar do futuro. Os Jetsons eram uma família de 2062 que convivia com um grande avanço tecnológico.

É a hora e vez do indivíduo com pensamento computacional – que se destacará dos demais pois é um profissional que tem habilidades no processamento de enormes quantidades de informação, capaz de identificar padrões e traduzir tudo isso de forma que os dados façam sentido.

Ou seja, muito simplesmente, a tendência é que a quantidade de informações com a qual lidamos diariamente continue aumentando. Assim, o sujeito capaz de administrar o crescente volume de dados sem medo será muito valorizado.

Dentre as carreiras com tal tipologia de habilidade, os especialistas apostam que, até 2024, a de desenvolvedor de software deve crescer 18,8%, a de analista de sistemas 20,9%, e as de analista de pesquisas de mercado e especialista em marketing, 18,6%.

2 – Saúde

Ninguém tem dúvida que as pessoas vivendo mais do que no passado, precisarão mais do que nunca dos profissionais da área da Saúde. A demanda deverá sofrer um forte aumento, estimado em 38,1% até 2025 afetando a forma como os tratamentos médicos são administrados especialmente por conta do desenvolvimento da telemedicina e de equipamentos cirúrgicos robóticos. A população mundial está vivendo cada vez mais e, apesar de o futuro reservar inúmeros avanços, novos nichos de trabalho se abrirão.

Profissionais de apoio, como secretários e assistentes médicos também estarão em demanda, assim como os veterinários – já que existe uma forte tendência de crescimento com respeito ao “mercado pet”. Mas, entre as principais apostas, estão os especialistas em tecnologia médica, os fisioterapeutas e os especialistas em ergonomia nos locais de trabalho.

3 – Relacionamento

Ainda bem que já está muito claro e definido que, por mais esperanças que sejam as inteligências artificiais, elas estão longe de dominar habilidades como a inteligência emocional e social, bem como de ter competências interculturais. Outro fato ou condição que se tornará bastante comum é a colaboração virtual. A capacidade de lidar bem com indivíduos de diferentes culturas será bem relevante.

Os especialistas acreditam que haverá demanda por pessoas que compreendam e consigam se comunicar através de diferentes plataformas de mídia.

Aqui cresce o segmento de agentes de serviço de atendimento ao cliente, representantes de vendas e varejo e especialistas em marketing, com aumentos na demanda por esses profissionais estimados entre 6,4% e 18,6% até 2024.

4 – Educação

Com tantas evoluções no mundo, é muito provável, ou melhor, é certo que os atuais métodos de aprendizagem também passem por reformas – e os professores e profissionais da educação terão que se adaptar às mudanças. Nesse sentido, os especialistas acreditam que a sociedade se apoiará cada vez mais na tecnologia para acessar as melhores fontes disponíveis para, assim, aprimorar seu conhecimento e obter novas habilidades.

É uma aposta dos consultores da área: as pessoas darão preferência a fontes mais dinâmicas, como aulas em vídeo que não ultrapassem alguns minutos de duração, por exemplo, e que permitam que as informações possam ser acessadas de forma rápida e a partir de qualquer lugar – em casa, assim como no trânsito ou durante o deslocamento para o trabalho.

5 – Visão de negócios

Assim, quem tiver o espírito mais empreendedor e uma boa visão de negócios terá também mais oportunidades de se dar bem. Obviamente, com todas as mudanças que devem ocorrer no mercado de trabalho nos próximos anos, é muito importante ser perspicaz e entender o momento econômico e como as empresas operam. Os especialistas apostam que as profissões que mais crescerão nessa área são as de auditoria, contabilidade e consultoria estratégica.

6- Criatividade

A sexta área se alinha com o que penso: em todos os países lúcidos do universo, o objetivo maior de suas populações é o desenvolvimento econômico e social de seus habitantes para a conquista do bem-estar e felicidade. E num cenário mais competitivo que forçosamente existirão, as máquinas, a inteligência artificial, as pessoas e a humanidade, para sobreviverem, deverão compartilhar ideias e ações colaborativas e cooperativas para vencerem os desafios. E, por esta razão, a criatividade será sem dúvida a competência número 1 do Século XXI, pois só ser humano a tem. Ter sensibilidade, percepção, compaixão, emotividade, sagacidade, imaginação, inovação e engenhosidade são competências que podem ser adquiridas e desenvolvidas. Ter ideias diferenciadas só os humanos as possuem e serão estratégias vitais para conviver com a complexidade dos novos tempos.

Os navegantes dos mares revoltos da atualidade em seus vaticínios têm uma previsão que ninguém pode esquecer ou duvidar, porque há unanimidade. A Escola nunca mais será igual à dos nossos dias.

O RELATÓRIO DA MCKINSEY SOBRE AUTOMAÇÃO E OS DESAFIOS DA NOVA REALIDADE EDUCACIONAL

(04/12/2018)

[ACESSE AQUI](#)

“As relações de consumo vão mudar, e não sabemos o que vai acontecer. Sai na frente quem começa a experimentar desde cedo, porque terá um repertório maior para agir diante da mudança.”

Fernanda Hoefel, sócia da McKinsey

Em meu último artigo, “[Aviso aos navegantes](#)”, mencionei relatório publicado pelo Fórum Econômico apontando que, até 2020, cinco milhões de empregos serão perdidos para a automação. Porém, ao mesmo tempo, a tendência é que as áreas de tecnologia, saúde, relacionamento com pessoas, educação, visão de negócios e criatividade estejam em alta para as transformações que inevitavelmente acontecerão.

Dentro da perspectiva de mostrar cenários futuros do mercado, trago dados de pesquisa da Consultoria McKinsey sobre “[O futuro do mercado de trabalho: impacto em empregos, habilidades e salários](#)”, em uma análise de James Manyika, Susan Lund, Michael Chui, Jacques Bughin, Jonathan Woetzel, Parul Batra, Ryan Ko, e Saurabh Sanghvi.

Em uma época marcada por rápidos avanços em automação e inteligência artificial, a pesquisa avalia os empregos que serão **criados e eliminados** em diferentes cenários até 2030. O relatório está distribuído em 5 tópicos:

- Qual será o impacto da automação no trabalho?
- Quais são os possíveis cenários para o aumento no número de empregos?
- Haverá trabalho suficiente no futuro?
- Quais as implicações da automação nas habilidades e salários?
- Como gerenciaremos as iminentes transições da força de trabalho?

Conforme os autores,

“O mundo movido pela tecnologia em que vivemos é repleto de promessas, mas também de desafios. Carros autônomos, internet das coisas, máquinas que interpretam raios-X e algoritmos, que esclarecem dúvidas dos clientes são manifestações de novas e poderosas formas de automação. No entanto, mesmo que essas tecnologias aumentem a produtividade e melhorem a nossa vida, seu uso tomará o lugar de algumas atividades de trabalho que hoje são realizadas por seres humanos – um fato que vem suscitando muita preocupação”.

O que, então, acontecerá com nossos empregos?

O relatório é de uma precisão cirúrgica: desenha-se um rico panorama de possíveis transformações ocupacionais nos próximos anos, com implicações importantes nas habilidades e nos salários dos trabalhadores, variados tipos de empregos poderão ser criados em diferentes cenários até 2030, mas outros tantos postos de trabalho poderão desaparecer devido à automação – o grande e autêntico vilão futurista.

O relatório, embora otimista, não deixa de conter pitadas de inquietude. A má notícia é que – tomando por base os cenários de adoção moderada ou adoção rápida da automação, com suporte em novas tecnologias – estima-se que entre 75 e 375 milhões de pessoas no mundo talvez precisem mudar de categoria ocupacional e aprender novas habilidades; além de que, em todo o mundo, entre 400 e 800 milhões de pessoas poderão perder seus empregos devido à automação e precisarão encontrar outros até 2030.

A boa notícia é que, havendo crescimento econômico, inovação e investimento suficientes, a criação de novos empregos poderá compensar o impacto da automação, ainda que algumas das economias avançadas talvez precisem de investimentos adicionais para reduzir o risco de escassez de empregos.

De modo geral, os atuais requisitos educacionais de ocupações que poderão crescer no futuro são superiores aos dos empregos eliminados pela automação. Nas economias avançadas, ocupações que hoje exigem apenas a conclusão do ensino médio (ou um nível de escolaridade menor) estão em declínio por causa da automação, ao passo que as ocupações que exigem diploma universitário (ou um nível de escolaridade mais avançado) crescem.

Outra boa notícia dá conta de que os trabalhadores do futuro passarão mais tempo em atividades nas quais as máquinas são menos capazes, como gerenciar funcionários, aplicar expertise e comunicar-se com outras pessoas. Eles passarão menos tempo em atividades físicas previsíveis e na coleta e processamento de dados, nas quais o desempenho das máquinas já supera o dos seres humanos. As habilidades e capacidades necessárias também mudarão, exigindo mais habilidades sociais e emocionais, além de capacidades cognitivas mais avançadas, como raciocínio lógico e criatividade.

O grande desafio será assegurar que os trabalhadores tenham as

habilidades e o suporte necessários para concluir a transição para os novos empregos. Papel a ser desempenhado pela educação, que propiciará as habilidades e competências necessárias para novas adaptações funcionais.

O relatório adverte: países que não conseguirem gerenciar essa transição poderão ver um aumento do desemprego e a redução dos salários. (Veja: The digital future of work: what skills will be needed?).

Mas, e o que isso tudo tem a ver conosco? Afinal, trata-se de realidades de países de primeiro mundo.

Tem tudo a ver, pois o relatório fala exatamente do que ora padecemos, ou seja, já temos cerca de 13 milhões de desempregados e outros tantos surgirão por absoluto despreparo, além da avassaladora automação por via de tecnologias que dominarão funções e profissões. É aterrorizante!

Essas tecnologias ainda não são muito incorporadas no Brasil, seja na indústria, no governo ou na universidade, têm no corporativismo, na regulação exagerada, em financiamentos interrompidos ou minimizados e em outras mazelas forças reais e efetivas que impedem os avanços para que o país possa vislumbrar o mesmo futuro mostrado pelo McKinsey. Promissor, mas com reservas.

Com as já sabidas e conhecidas carências, deficiências e precariedades da educação nacional, pergunta que não cala é até quando seremos atingidos pelos cenários ali estampados. E já cabe antecipar a pergunta: estamos preparados para o que está e vem por aí? O alerta está dado. Aliás, vários, a partir da posição de que somos os “lanterninhas” em todos os rankings educacionais. Esta é triste realidade, porém, evitável.

A julgar pelas BNCCs do Fundamental e do Médio, resta-nos aguardar esses dois ciclos terminarem e torcer para que a universidade esteja preparada para capacitar os estudantes para as iminentes e preocupantes transições da força de trabalho.

A continuarem com suas práticas, o CNPq, o CNE e demais órgãos reguladores, apoiados por ações corporativistas/associativas retrógradas, vão continuar fora da realidade do mercado.

Nossa principal conclusão é que, embora possa haver trabalho suficiente para manter todos os empregos até 2030, na maioria dos cenários avaliados, as transições serão extremamente desafiadoras – igualando-se ou até mesmo superando a escala das mudanças na agricultura e na manufatura ocorridas no passado.

Com a publicação do relatório da Mckinsey é possível dizer que o setor educacional, do Fundamental ao Superior, está sendo levado a profundas reflexões porque os autores, de certa forma, responsabilizam a educação como única alternativa a superar diante da automação, das novas tecnologias, das inovações, mudanças e transformações que ocorrerão até 2030 nos mercados de trabalho. E o ano 2030, por assim dizer, será depois de amanhã.

Mas, com total transparência uma condição ficou muito clara: os desafios serão enormes, a curto, médio e longo prazos, de muita cobrança a todos os setores educacionais que passarão a ter uma responsabilidade extraordinária, quando não caberá mais escapismos ou fuga da realidade.

UNIVERSIDADE, EMPRESA E GOVERNO — UMA ESTRATÉGIA PARA INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

(11/12/2018)

[ACESSE AQUI](#)

“As interações universidade-indústria-governo, que formam uma “hélice tríplice” de inovação e empreendedorismo, são a chave para o crescimento econômico e o desenvolvimento social baseados no conhecimento.”

Henry Etzkowitz e Chunyan Zhou

O estudo “Pesquisa no Brasil – Um relatório contratado pela CAPES”, realizado pela empresa norte-americana Clarivate Analytics, mostra que 99 % da produção científica brasileira é feita quase exclusivamente pelas universidades públicas. Entre 2011 e 2016 foram produzidos mais de 250 mil trabalhos na forma de ensaios, artigos ou dissertações publicadas em periódicos especializados ou nos anais de congressos.

Para o setor particular, a grande dificuldade é como sustentar uma pesquisa, pois na realidade ela é desejada pelos estudantes, ansiosos de colocar em prática seus conhecimentos.

O 18ª CONIC – Congresso Nacional de Iniciação Científica –, realizado nos dias 30/11 e 1/ 12 deste ano, é uma prova do interesse. O evento envolveu a participação de 3.700 universitários, e 1.998

trabalhos foram selecionados para concorrer nas diferentes áreas do conhecimento.

Vivemos a era da informação e do conhecimento, e as tendências indicam que a vida no século XXI será pautada pelo aprendizado contínuo, pela criatividade, pela inovação e pelo empreendedorismo em todas as áreas e dimensões da vida humana, individual e coletiva. E a principal dificuldade que a universidade possui para colocar em prática o que seu aluno aprendeu é como dar sustentabilidade à pesquisa.

Com base nisso, achei interessante o modelo da [Tríplice Hélice](#) – uma solução criativa para dar sustentabilidade à pesquisa, que nunca foi experimentado no Brasil.

O mundo acadêmico está na era da universidade empreendedora. A proposta, concebida nos anos 90 por Henry Etzkowitz¹ e Loet Leydesdorff², une governo, empresas e universidades com o propósito de inovarem e criarem juntos novos produtos e serviços, visando o desenvolvimento.

Segundo o conceito da hélice tríplice, a interação de universidade, indústria e governo, voltada à inovação e ao empreendedorismo, é a chave para o crescimento econômico e o desenvolvimento social. Nesse modelo, a indústria continua a ser protagonista no âmbito da produção, o governo é a fonte das relações contratuais e a universidade provê o mais valioso no processo de inovação: a mão de obra. A universidade empreendedora, nesse sentido, retém os papéis acadêmicos tradicionais de reprodução social e extensão do conheci-

1 Henry Etzkowitz é professor visitante na escola de negócios da Universidade de Edinburgo, Reino Unido, e conselheiro-geral do Instituto Internacional de Tripla Hélice (IITH), da Universidade LaSalle, Madrid, Espanha.

2 Loet Leydesdorff é um sociólogo holandês, cibernético e professor na Dinâmica de Comunicação Científica e Inovação Tecnológica da Universidade de Amsterdã.

mento certificado, mas os coloca num contexto mais amplo, como fazendo parte do seu novo papel na promoção da inovação.

Ou seja, Estado, Universidade e Empresa convergem esforços para a criação de uma cultura que estimula o empreendedorismo e a inovação, incrementando a competitividade empresarial, novas pesquisas, autonomia tecnológica e, conseqüentemente, desenvolvimento socioeconômico do país.

Como o conhecimento se transforma cada vez mais em importante parte da inovação, a universidade, como produtora e disseminadora do conhecimento é a instituição que tem um papel importante na inovação industrial. No entanto, esse modelo consegue alavancar o processo de inovação uma vez que, sem papéis fixos, os atores são mais criativos, originais e colaborativos.

Governo e indústria são os elementos clássicos das parcerias público-privadas e, agora, com a tese da hélice tripla, a universidade está deixando de ter um papel social secundário, ainda que importante, de prover ensino superior e pesquisa, e está assumindo um papel primordial equivalente ao da indústria e do governo, como geradora de novas indústrias e empresas.

Para isso, a universidade tem de encarar o desafio de estruturar modelos pedagógicos inovadores, que transcendam a tradicional transmissão do conhecimento e habilitem o estudante a continuar aprendendo ao longo da vida; a permanecer receptivo a mudanças; a atuar em um contexto globalizado; a equacionar problemas complexos; a ser empreendedor e a atuar com responsabilidade social.

A universidade ainda deve, além de efetuar uma profunda reforma curricular de modo a viabilizar a empregabilidade dos seus egressos em uma economia globalizada, intensiva em conhecimento e imersa em um ambiente de mudança acelerada, tornar-se universal e asse-

gurar a formação superior à maioria da população ao longo de toda a sua vida e contribuir, de modo significativo, para o desenvolvimento regional socialmente responsável.

Se não acrescentar aos seus atributos cultivados ao longo dos anos o de atuar como um empreendimento de prestação de serviços quanto à formação de profissionais, geração de conhecimento e transformação de tudo isso em inovações em todos os domínios, em prol do desenvolvimento socialmente responsável, a universidade não terá cumprido seu papel nessa hélice tripla. Mas, ao fazê-lo, estará viabilizando a única forma de dar sustentabilidade e fazendo Pesquisa.

CENÁRIOS FUTUROS DOS AMBIENTES EDUCACIONAIS

(18/12/2018)

ACESSE AQUI

A sala de aula do Futuro será um lugar aberto e mutável onde professores e alunos podem satisfazer as necessidades de introspecção e de amizade, de amor e de divertimento, de beleza e de convívio. É uma 'academia platônica' onde se cultiva a teoria e, ao mesmo tempo, uma 'oficina renascentista' em que se exercita a prática. É uma comunidade pedagógica onde não se ensina a competitividade destrutiva, mas sim, a competição solidária."

Domenico de Masi

Já comentei outras vezes aqui neste blog da ABMES ([A escola nas nuvens](#)) as atividades do consultor de educação tecnológica Vanderlei Martinianos que dá o alerta: "Preparem-se para a quinta revolução industrial".

Martinianos foi diretor regional do Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento em Neurociência Aplicada (Institut de Recherche et Développement em NeuroSciences Appliquées - IRDNA), na França, e liderou a fundação de um instituto de pesquisa Aplicada em Neuroeducação, o Ipane, para radicalizar na implantação de novos métodos educativos e formar pessoal especializado para escolas futuristas, além de certificar e aplicar conhecimentos da área.

Fez parte também da equipe do projeto de criação de uma unidade da revolucionária [École 42](#), de Paris, um espaço de estudos gratuito, sem professor, sem provas, que não emite certificado de conclusão e com um teste seletivo para o ingresso baseado em padrões cerebrais e desempenho lógico.

A especialista Denise Da Vinha ^[281] afirma que na educação, como em qualquer outra aplicação da ciência, “estimar mudanças no futuro é fruto de tendências, de probabilidades, de contextos globais e regionais, de atitudes, de escalabilidade e, principalmente, engajamento para mudanças no padrão de comportamentos”.

Martinianos se apresenta em eventos no Brasil e no exterior como futurista da educação e discute como a humanidade pode se preparar para “uma forte transformação nos processos de ensino e aprendizagem”.

Em entrevista à reportagem da [Gazeta do Povo](#), ele explicou o que é ser um futurista da educação: “Trata-se de um profissional que une duas competências, dedicação e foco em processos educativos e que segue as premissas do movimento internacional de futuristas”.

São pessoas que se preocupam com o contexto de amanhã e vislumbram cenários possíveis, trazendo possibilidades tendo em vista as ações do presente.

Tomando como base o que Denise Da Vinha considera como regras para estimar o futuro de qualquer aspecto do negócio, do conhecimento ou da vida, listamos três atitudes fundamentais:

1 Especialista em Metodologias Ativas de Aprendizagem e em Design Thinking for Education

1. conhecer a história e os desdobramentos relevantes para o atual status quo do tema, ou seja, a forma de ver o mundo e as coisas – inegavelmente tecnocêntrico, mas, quase paradoxalmente, altamente empático: trata-se de um exercício de superação de conceitos, práticas e paradigmas, pois é necessário que o professor desenvolva novas trilhas mentais e uma nova maneira de observar, analisar e concluir sobre o mundo que o cerca e onde ele atua profissionalmente;
2. conhecer o que estabelece o atual *status quo* desse tema, ou seja, aquilo que o faz ser o que é nos dias de hoje: o que está em jogo é a transformação da visão do processo de “ensinar e diplomar” para a de “educar e formar”, o que está em jogo é a necessidade de inovação em modelos de aprendizagens ativas, por parte de professores e cursos;
3. acompanhar e conhecer os elementos de inovação incremental e disruptiva que intervêm sobre o status quo do tema: as salas de aula perderão suas paredes e ganharão o mundo, porque os estudantes não irão mais às aulas em busca de “conteúdo”, que em todas as áreas é farto e abundante e está a um clique dos dedos e na palma das mãos. Nesse contexto, o maior valor de um professor será sua *expertise* em transformar conteúdo em conhecimento, conhecimento em significação, significação em *insights* e *insights* em inovação. Assim o papel do professor será o de tutorar, inspirar, engajar, estimular a colaboração e dividir responsabilidades.

Martinianos aponta que aqui no Brasil o movimento futurista ainda é tímido, mas a temática se torna mais evidente considerando EUA, Canadá e Europa, especialmente Itália e França, onde há diversos núcleos de composição futurista.

“Eu particularmente, apesar de viver na França, tenho uma boa inclinação no movimento futurista dos EUA, especialmente com uma organização chamada Humanity Plus, que é composta de diversos

cientistas e filósofos ligados ao atual engenheiro-chefe da Google, Ray Kurzweil, principal incentivador e líder do movimento denominado transumanista. Na França, este movimento se chama tecnoprogressismo.”

Um dos cursos que Martinianos considera relevante trazer para o Brasil é o de Engenharia das Tecnologias Educativas, que deve ter formação ampla e focada na solução de problemas complexos em educação.

O profissional teria que ter entre as competências necessárias para sua atuação: conhecimento em tecnologias em educação; gestão estratégica e estruturada de projetos; habilidades de lidar com recursos humanos e com a compreensão dos processos cognitivos do homem, em especial a neuroeducação; domínio de pelo menos dois idiomas e compreensão da aplicação das pedagogias inovadoras para uma educação que esteja em consonância com o século 21.

“É primordial que este novo profissional acompanhe a evolução das diversas tecnologias observadas pelo movimento futurista, as implicações da tecnologia na educação e a direta relação da mesma com a “Lei de Moore” (Gordon Earl Moore, co-fundador da Intel Corporation)².”

2 Segundo esta Lei, publicada em uma revista científica americana na década de 1960, os dispositivos eletrônicos passarão a ficar a cada dois anos em média duas vezes mais velozes, 50% mais baratos e cada vez menores. Essa lei rege todo o mercado de informática na atualidade, e é observada pelas grandes empresas do grupo GAFA (Google, Apple, Facebook, Amazon), pois por meio de sua aplicação consegue-se prever com exatidão as tendências tecnológicas. Por exemplo, você consegue saber que em 2020 um computador terá uma performance x, um preço y e uma velocidade z, e neste mesmo raciocínio como serão os computadores em 2040 até que esta Lei tenha o seu fim e entremos em um novo paradigma computacional, que será o da Computação Quântica. Para Kurzweil, do Google, que desenvolveu a ‘Lei dos Retornos Acelerados’, uma extensão da Lei de Moore, as máquinas serão mais inteligentes do que homens e entrarão em competição com eles. Trazendo o conceito da física da singularidade para a educação, as máquinas não só serão mais inteligentes que os homens, como não precisarão deles para aprenderem.

Ciente de todo esse cenário, Martinianos vaticina que a educação tenderá a não fazer mais parte dos conglomerados educativos que temos hoje, pois a tendência é que as empresas de tecnologia dominem a educação, deixando Harvard, ou outras instituições congêneres, para trás ou fazendo-as se sentir obsoletas.

Ele é enfático ao afirmar que praticamente a totalidade das escolas está fora do processo para um tempo regido por computadores que irão competir em inteligência com os homens. Só ficarão de pé as que fizerem a completa revisão de processos educativos, será um tempo de grandes oportunidades e riscos.

Considerando como o papel quase “evangelístico” de ser futurista da educação, Martinianos alerta o setor educacional de que esse novo movimento precisa ser “o mais democrático possível”.

“Infelizmente esse é um movimento que exclui boa parte da população, que tende a ser engolida por processos tecnológicos agressivos, caso não se prepare desde já.”

O que amedronta como aspecto negativo nesse processo de exclusão é que haverá eliminação em massa de empregos e um fluxo recessivo que abalará as economias mundiais, segundo a previsão de diversos economistas.

Por outro lado, viveremos em breve um tempo em que será possível ter de forma instantânea uma análise das ondas cerebrais e de nossas sinapses, recebendo avaliação por meio de softwares e dispositivos, como relógios ou óculos inteligentes com sensores ultrasensíveis, sobre como está nosso foco mental em determinado dia, ou se estamos retendo e aprendendo de fato no ambiente em que estivermos inseridos. O diagnóstico do aprendizado será instantâneo, “*on demand*”.

Hoje temos um relógio de pulso que conta quantos passos a pessoa deu, se caiu, quanto dormiu ou calorias que consumiu. Num futuro próximo, teremos um que saberá quanto a pessoa leu, o que reteve de informações e o quanto da capacidade do cérebro se está usando, por exemplo.

O mundo está mudando e quem não mudar sua forma de atuar e interagir profissionalmente vai perder o metrô da história.

JESUS CRISTO, UM AUTÊNTICO CRIADOR E INOVADOR

(25/12/2018)

[ACESSE AQUI](#)

“O Verbo de Deus se fez carne e veio habitar no meio de nós”

João 1:14

No ano passado, em dezembro, mês do Natal, deixei aqui neste espaço uma reflexão: “É Natal! O que devemos aprender com a liderança de Jesus?”

Para agora desejo ainda continuar comentando a figura de Jesus como um ser criativo sem igual.

Em 2017 eu enaltecia a sua grande capacidade de liderança: *“Qualquer um que queira ser líder entre vocês, deve primeiro ser o servidor. Se você optar por liderar, deve servir” (Jesus Cristo)*

A gestão por liderança é um mantra do novo milênio em todas as áreas de atuação do ser humano: na escola, na empresa, nos relacionamentos, na vida pessoal. Ela substitui o chefe autoritário e indisponível, incapaz de encantar, criar novos líderes, colaborar e compartilhar.

Jesus, inegavelmente, foi o melhor professor de todos os tempos e, porque não, o maior comunicador de todos os tempos. Como tal, pautou sua vida com doses excessivas de criatividade. Mas quais os

princípios comunicacionais que julgava importante? Eram muitos e todos abusando de criatividade a ponto de deixar a pessoa, um grupo ou multidões completamente perplexas, extasiados.

Para Jesus era de fundamental importância estar próximo (da vida) das pessoas e valorizar o que era positivo nelas, respeitando a liberdade do ouvinte e sempre atraindo pela força de sua originalidade, pelo atributo da criatividade.

Conforme Adolfo Suarez,

“Muitos estudiosos da didática e da metodologia do ensino consideram Jesus Cristo o professor mais marcante de todos os tempos. Há dezenas de livros a esse respeito. O fato é que seu ensino criativo e transformador alcançou e alcança até hoje milhões de pessoas. O mestre Jesus, sem jamais ter deixado registrada uma palavra sequer, sem jamais ter produzido um artigo, pesquisa, monografia ou livro, impactou a humanidade de maneira impressionante.”

Com outros 12 professores (ainda que um deles tenha se desvirtuado) os treinou para um projeto que continua funcionando e se reciclando até hoje. Jesus Cristo exerceu influência civilizatória que dura até hoje com sua metodologia ativa¹.

É irrefutável que a vida do jovem galileu causou grande impacto em sua época e em nossa época. E o mais espetacular: fez tudo isso até os 33 anos de idade apenas. Isso é extraordinário!

1 A metodologia ativa é uma concepção educacional que coloca os estudantes como principais agentes de seu aprendizado. Nela, a crítica e a reflexão são incentivadas pelo professor que conduz a aula, mas o centro desse processo é, de fato, o próprio aluno. É possível trabalhar o aprendizado de uma maneira mais participativa, uma vez que a participação desse aluno é que traz a fluidez e a essência da metodologia ativa, cuja proposta é aperfeiçoar a autonomia individual do aluno, desenvolvendo-o como um todo, para que ele seja capaz de compreender aspectos cognitivos, socioeconômicos, afetivos, políticos e culturais.

J.M.Price, em seu clássico A Pedagogia de Jesus diz que

“Ninguém esteve melhor preparado, e ninguém se mostrou mais idôneo para ensinar do que Jesus. No que toca às qualificações, Jesus foi o mestre ideal. Isto é verdade tanto visto do ângulo divino como do humano. No sentido mais profundo, Jesus foi um mestre vindo da parte de Deus.”

O educador Antonio Tadeu Ayres nos lembra que

“Nenhum professor é considerado bom simplesmente por acaso. Os alunos sabem perceber muito bem o mestre que conhece o que ensina, tem prazer de instruir e sabe como fazer isso. Eles também percebem a personalidade, o temperamento, os valores éticos e a capacidade de compreensão do professor. Neste particular, será bem-sucedido o professor que de fato pratica a empatia. Os alunos não são meramente clientes, mas aprendizes. Portanto, os professores precisam exercer paciência, simpatia e empatia. Afinal, o ensino é muito mais do que conteúdo. É também a demonstração de um genuíno interesse pelas pessoas.”

Daí a dedicação docente em sua plenitude. Quanto a isso, Jesus era simplesmente magnífico. E mais, sempre com linguagem dialogal.

Não há porque ensinar algo que não seja pertinente ou necessário aos alunos. Tudo o que Ele falou tinha relevância e aplicabilidade à vida das pessoas. É também o desafio de cada professor não meramente a prolixidade linguística, mas tornar a aula relevante à vida dos alunos, fazendo com que os ensinamentos sejam concernentes para cada estudante que ouve e participa das aulas. Agindo dessa forma, o professor e a professora terão como resultado um ensino que transforma. Sabidamente, Jesus criativamente proferia todos os dias aulas magnas.

Jesus não fez o jogo dos interlocutores para anunciar sua mensagem. Ele é um modelo de audácia e valentia pessoal no anúncio pro-

fético do Reino. Jesus traz consigo a força de renovação que não se deixa vencer por qualquer obstáculo. Ele não se deixa intimidar nem pela possibilidade de prisão e condenação à morte. Atitude que vai além da audácia para mostrar criatividade desafiadora.

Então, até aqui o leitor está admitindo e reconhecendo o poder criativo e persuasivo de Jesus, quase mágico, inebriante, místico, sob o domínio do encantamento criativo?

Um fato é inegável: Jesus não cansa seus interlocutores com discursos sem medida, Ele busca a variedade de sinais, tornando assim sua comunicação mais criativa e natural. Criativa, porque consegue concretizar a mensagem a ser transmitida a uma pessoa ou a um grupo num gesto ou qualquer outro sinal que lhe pareça oportuno, num determinado momento.

Dignas de registro, Jesus, ao se dirigir às pessoas, utiliza o vocabulário corrente e cria parábolas a partir das experiências do dia-a-dia: a cultura da vinha, a pescaria, a agricultura, o trabalho da dona de casa, a construção, dentre outras. Fala, também, das alegrias e preocupações de um pai de família. A mãe aparece ligada às dores do parto, à perda de uma filha, à alegria por encontrar um objeto perdido. Todos esses cenários, criativos induzem quase a uma hipnose, exponenciando sua criatividade.

Para Allen Ribeiro Porto,

“Quando se pensa em trabalho criativo, são as pessoas “alternativas” que surgem na mente. Artistas, homens e mulheres expansivos e comunicativos, talvez até mesmo pessoas tecnologicamente atualizadas possam entrar na lista. Criatividade é mais do que pintura e crafting. Como o nome sugere, tem a ver com o trabalho de criação realizado por alguém. E qualquer um pode criar.”

Não teria sido Jesus, com seu imenso e infinito poder e capacidade criativa, a mando de Deus, quem teria iniciada a demonstração de tal virtude aos humanos?

E com Ribeiro Porto que hoje finalizo este artigo:

“De fato, a criatividade tem um significado especial na visão cristã da realidade. Ela é tanto um traço da imagem de Deus no homem, quanto um chamado de Deus para a vida humana. Como um traço da imagem de Deus, compreendemos que, assim como Deus é criativo o homem também carrega marcas de criatividade em si. A Bíblia diz que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, levando em sua constituição aspectos que pertencem ao Criador. A criatividade é um desses aspectos.”

E razão de comemorarmos o aniversário do Criador e desejar a todos:

Feliz Natal e um ótimo 2019 aos nossos Associados, Amigos e Parceiros!



2019



ACESSO, PERMANÊNCIA E SUCESSO DOS AFRODESCENDENTES NA UNIVERSIDADE

(16/01/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“Embora a discriminação racial seja proibida por lei, os critérios de aprovação por meio de entrevista de emprego têm uma carga subjetiva muito maior.”

Márcia Lima¹

Recentemente fiz uma pesquisa para ver a representatividade do universitário negro no mercado de trabalho brasileiro e, por incrível que pareça, há muito pouca informação a respeito.

Escrevo apoiado numa matéria publicada pelo jornal Valor Econômico em dezembro de 2017, que trouxe como título de capa do caderno *Eu & Fim de Semana* a reportagem “Alunos da primeira classe”, de Maria Cristina Fernandes. Nela, a jornalista, por ocasião dos dez anos de formatura da primeira turma da Faculdade Zumbi dos Palmares, situada na capital paulista, faz um raio X do destino dos egressos. Como ela mesma diz: “Valor reconstitui a trajetória de ascensão, frustração e resistência dos ex-alunos a voltar para o gueto”.

1 Coordenadora do Projeto “Desigualdades raciais no Brasil: mudanças, persistências e desafios” no Centro de Estudo da Metrópole (CEM). É Professora Doutora do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo. Em termos de pesquisa atua nos temas: a) desigualdades raciais e relações raciais com ênfase nos estudos sobre gênero e raça; b) desigualdades e estratificação social com ênfase nos estudos sobre mercado de trabalho.

A expressão é forte, se os guetos, durante a Segunda Guerra Mundial, eram bairros em geral cercados, onde os alemães concentravam a população judaica local, muitas vezes de outras regiões, e a forçava a viver sob condições miseráveis, hoje é tudo igual: são regiões/bairros de uma cidade onde vivem os membros de uma etnia ou outro grupo minoritário, frequentemente devido a injunções, pressões ou circunstâncias econômicas ou sociais.

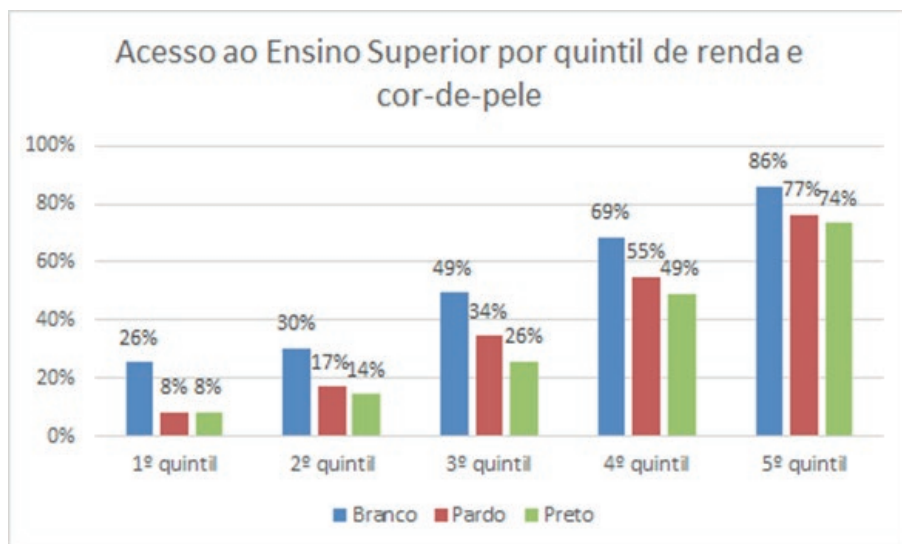
É esse o destino de significativa parcela da população dos grandes centros urbanos brasileiros que hoje, mercê de programas de incentivo à educação como ProUni e Fies, ou das polêmicas cotas, tem acesso à universidade.

O acesso ao Ensino Superior sempre foi maior nos estratos mais abastados da sociedade. Foi só no início deste milênio que, com o avanço de ações afirmativas [22] e programas de inclusão, as classes mais pobres e intermediárias da sociedade entraram no vagão universitário, beneficiando-se da ampliação de vagas das universidades públicas e privadas.

Ainda assim, as universidades, sobretudo as públicas, dão uma amostra embranquecida da população, muito embora a reportagem cite os números que Márcia Lima e Ian Prates no capítulo “Desigualdades raciais no Brasil: um desafio persistente” (*Trajetórias das desigualdades*, Marta Arretche (org.), Unesp, 2015) apresentam: “Entre 1980 e 2010, a quantidade de brancos com ensino superior completo duplicou (102%) e a de negros quadruplicou (290%)”.

2 Ações afirmativas são, segundo a Wikipédia, atos ou medidas especiais e temporárias, tomadas ou determinadas pelo Estado, espontânea ou compulsoriamente, com os objetivos de eliminar desigualdades historicamente acumuladas, garantir a igualdade de oportunidades e tratamento, compensar perdas provocadas pela discriminação e marginalização decorrentes de motivos raciais, étnicos, religiosos, de gênero e outros.

Esses números, à primeira vista, são alentadores, mas, quando se analisa sobre que bases foram medidos, a realidade é bem triste. O IBGE nos dá uma pista.



Os negros não perdem em acesso à universidade para os brancos apenas na sua faixa de renda: **eles também perdem para brancos consideravelmente mais pobres**. A chance de um negro que está no quintil intermediário entrar na faculdade é igual a de um branco entre os 20% mais pobres. Um negro do segundo quintil tem quase metade das chances de um branco do quintil abaixo (mais pobre).

Quintil de renda é a faixa econômica em que uma pessoa se encontra: se ela está no primeiro quintil, isso significa que ela está entre os 20% mais pobres da sociedade; se ela está no quinto, então ela está entre os 20% mais ricos. Os quintis intermediários representam faixas intermediárias. Só para exemplificar, outra tabela do IBGE:

Taxa de escolarização líquida do ensino superior			
Renda	1991	2000	2010
1º quintil	0.5%	1.7%	13.5%
2º quintil	0.8%	3.4%	21.6%
3º quintil	1.9%	9.1%	41.2%
4º quintil	5.2%	24.8%	63.0%
5º quintil	15.2%	61.3%	83.5%

O sistema de cotas para negros foi adotado, pela primeira vez, em 2004, como uma medida governamental que criou uma reserva de vagas em instituições públicas ou privadas para classes sociais mais desfavorecidas. Ao criá-lo, o governo procurou adotar práticas que previam a melhoria do ensino fundamental e médio, dando condições para que o aluno carente, negro ou indígena concorresse em pé de igualdade com alunos da rede particular de ensino.

Mas essas políticas de inclusão só obtêm êxito se permitirem o **acesso**, a **permanência** e o **sucesso**, essa trilogia é imperativa quando se fala em cotas para afrodescendentes (e não só para eles, mas também para indígenas, egressos de escola pública, estudantes de baixa renda, portadores de necessidades especiais, dentre outros) em universidades.

Para garantir a efetividade do processo de inclusão é necessário o desenvolvimento de assistência estudantil, acompanhamento pedagógico, avaliação e (re)avaliação da política ao longo da implantação, para os devidos ajustes e intervenções, já que as desigualdades para essa parcela da população se fazem constantes, desde a infância, acompanhando-os em seu acesso e durante a permanência na universidade. O ensino ao qual tiveram acesso é de baixa qualidade e, depois que conseguem ingressar na universidade, necessitam conjugar trabalho e estudos, o que prejudica sua progressão escolar,

se comparado aos estudantes que tiveram acesso a um ensino de melhor qualidade e não necessitam trabalhar para sustentar-se e ajudar no orçamento familiar.

Mesmo transpondo todas essas barreiras, o egresso negro encontra outra (introduzida na sociedade): o preconceito. “Os relatos dos egressos da Zumbi têm em comum histórias de como o negro tem que provar competência em dobro”, diz a jornalista na reportagem, na qual relata casos, no mercado de trabalho, de preconceito explícito ou, no mais das vezes, velado e sutil.

No capítulo já citado, Márcia Lima e Ian Prates resgatam a projeção do Ipea de que, se a diminuição das desigualdades raciais de renda entre 2001 e 2007 mantivesse o mesmo ritmo, seriam necessários 30 anos para pretos e pardos alcançarem a mesma renda que os brancos. Essa projeção é contestada pelo Relatório das Nações Unidas do ano passado, que alertou para a ameaça de que essas três décadas se transformem num prazo sem fim, diz Maria Cristina Fernandes na reportagem. Acrescento que o mesmo se pode dizer em relação ao preconceito.

Estamos nós, como universidade, preparados para mudar esse quadro?

Mas isso não é tudo. Resta saber, ignorando-se todas as considerações acima, se a empregabilidade, a cognição de saberes propiciados pela universidade pode ser considerada (des)igual para todos os universitários, independente de cotas e que tais. Ou seja, será que a universidade está ofertando habilidades e competências ideais não importando a cor da pele para a plenitude da realização profissional de seus egressos?

A grita é geral, sabidamente, entre os mercados de trabalho, a universidade e os estudantes, cada um procurando “o culpado” no processo.

O FUTURO ESTÁ CHEGANDO MAIS RÁPIDO DO QUE VOCÊ PENSA

(22/01/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“A melhor maneira de prever o futuro é você mesmo cria-lo”.

Peter Diamandis¹

Peter H. Diamandis é cofundador e executivo da Singularity University, líder no estudo de tecnologias em desenvolvimento exponencial. Ele é considerado um dos maiores palestrantes americanos. Seu livro “Abundancia: o futuro é melhor do que você imagina” mostra um cenário mais otimista da humanidade, onde o futuro será melhor do que pensamos.

Recentemente, o futurista publicou em seu LinkedIn artigo chamado “Contagem regressiva para a singularidade”, uma colaboração com docentes da Singularity, membros da comunidade e palestrantes do

1 Peter H. Diamandis é engenheiro, médico e empresário. Graduou-se em Molecular Genetics and Aerospace Engineering pelo MIT e possui MD pela Harvard Medical School. Mais conhecido por ser o fundador da X Prize Foundation, que lidera o mundo na concepção e operação de competições de incentivo em larga escala. Tem 12 trabalhos listados, defende o otimismo e conforme a revista Fortune, é um dos 50 maiores líderes do mundo. Fundador Executivo da Singularity University, uma instituição do Vale do Silício que aconselha os líderes mundiais em tecnologias em crescimento exponencial. Além do livro Abundância, é autor de outro best-seller do New York Times: BOLD – Como tornar-se grande, criar riqueza e impactar o mundo.

evento “[Abundance360](#)”. Trata-se de 50 previsões que acontecerão até 2038.

As ideias seguem as tendências em tecnologia que são apontadas pelas gigantes do Vale do Silício e nos mostram um mundo novo quase chegando em 2040. São totalmente adaptadas às tecnologias de inteligência virtual e realidade aumentada.

A Singularity University, situada no coração do Vale do Silício, foge aos conceitos de uma universidade tradicional e tem no seu DNA os conceitos e aplicações de tecnologias exponenciais e resolução de problemas globais que geram grandes impactos, como o fim da pobreza no mundo ou a própria cura do câncer – que também aparecem nas previsões.

Confira a lista:

2019

- A supremacia quântica será alcançada, sendo anunciados os tão aguardados supercomputadores quânticos;
- A inteligência artificial se tornará mais emotiva e será incorporada em interfaces de conversação. Se você ofender uma assistente virtual como Alexa, a máquina poderia dizer algo como “Não grita comigo, você está ferindo meus sentimentos”.

2020

- A rede 5G proverá os smartphones de todo o mundo com conexão de 10 a 100 gigabytes de velocidade;
- Diagnósticos médicos baseados em inteligência artificial e recomendações de terapia já são e serão ainda mais usados na maioria dos serviços de saúde dos EUA;
- As operações de carros voadores decolarão em algumas cidades do mundo;

- A química tradicional será revolucionada com o surgimento de novos “catalisadores quânticos”.

2022

- Impressoras 3D poderão imprimir roupas e até módulos para encaixar em casas e edifícios;
- Nos Estados Unidos, todas as pessoas já poderão viajar legalmente em carros autônomos;
- Todos os brinquedos infantis serão “inteligentes” com aprendizado de máquina integrado;
- Os robôs serão comuns na maioria das residências de renda média, capazes de ler os lábios de forma confiável e reconhecer gestos de face, boca e mão;
- Os robôs entenderão o contexto da fala bem o suficiente para interagir com os humanos como recepcionistas, assistentes de lojas de varejo e balconistas.

2024

- As primeiras missões humanas privadas serão lançadas à superfície de Marte;
- Os drones realizarão aproximadamente 10 milhões de voos todos os dias. Entregarão rotineiramente mercadorias e os robôs terrestres o complementarão colocando-as diretamente na porta da residência de clientes;
- Os primeiros acordos de “um centavo por quilowatt-hora” para energia solar e eólica serão assinados – um quinto do preço dos acordos mais baratos de carvão ou gás atualmente;
- Em muitas partes do globo, construir sistemas de energia solar e de energia eólica será mais barato do que construir novos sistemas à base de carvão;

- De todas as vendas de novos veículos, metade será de carros elétricos;
- China e Índia anunciarão que fecharão centenas usinas de energia de carvão;
- Os níveis de emissões de carbono serão explícitos em todo o globo;
- O conhecimento sobre Inteligência Artificial será considerado um requisito para a maioria dos trabalhos profissionais.

2026

- As pessoas não serão mais proprietárias de veículos, pois agora os carros autônomos dominam nossas estradas;
- Cem mil pessoas viajarão todos os dias com veículos de decolagem e aterragem vertical (VTOL), visitando destinos como Los Angeles, Tóquio, São Paulo e Londres;
- A agricultura vertical será viável para a produção de alimentos nas megacidades;
- A fabricação atômica precisa de materiais (APM-Application Performance Management) será apresentada em larga escala;
- Oito bilhões de humanos estarão conectados a velocidades superiores a 500 Mbps. Nas regiões mais pobres do globo, tablets estarão disponíveis gratuitamente – em troca, é claro, de dados pessoais;
- A realidade virtual estará em todos os lugares. Os pais reclamarão que seus filhos estarão constantemente em outro universo. O mercado de turismo vai ruir porque a realidade virtual será boa o suficiente para que seus usuários experimentem sensações incríveis sem o transtorno da viagem

2028

- Construir sistemas de energia solar e energia eólica será mais barato do que operar carvão e gás em mais da metade do mundo;
- A energia solar e a energia eólica serão praticamente a eletricidade da nova geração;
- A demanda mundial por petróleo atingirá seu pico e, ao que tudo indica, começará a cair;
- Carros autônomos representarão a metade de todos os quilômetros rodados nos grandes centros urbanos;
- Os robôs terão relações reais com as pessoas, cuidando da higiene pessoal de seus proprietários e até preparando alimentos. Robôs sexuais também serão populares.

2030

- A Inteligência artificial passará no Teste de Turing, o que significa que ela poderá se igualar (ou exceder) à inteligência humana em todas as áreas;
- A humanidade alcançará a “Velocidade de Escape da Longevidade” para os mais ricos;
- Todas as mensagens enviadas entre os anos 1990 e 2029 serão reveladas pelas agências de inteligência, expondo dados e mais dados de comunicações privadas, de maneira sem precedentes na história;
- As emissões de carbono vão diminuir a cada ano, com enorme velocidade. Um novo plano global será assinado para eliminar as reduções de carbono até **2050**.
- Várias empresas petrolíferas supergigantes vão falir;
- A pobreza energética cairá para mais da metade a partir de 2017. O acesso à energia universal estará ao alcance;

- Sistemas alimentados por inteligência artificial vão fornecer resolução de problemas e alternativas criativas em praticamente todos os setores.

2032

- Nanorrobôs médicos serão utilizados para ampliar (estender) o sistema imunológico dos seres humanos;
- A maioria dos profissionais humanos já terá se submetido a alguma modificação no córtex cerebral para aprimorar a performance no trabalho, incluindo dispositivos de intercomunicação em tempo real;
- Robôs avatares serão populares, permitindo a todos a capacidade de teletransportar sua consciência, de forma remota, para qualquer lugar do mundo;
- Os robôs serão comuns em todos os locais de trabalho. As atividades manuais e repetitivas serão completamente eliminadas (por exemplo, motoristas, pilotos, recepcionistas, guias turísticos, trabalhadores da construção civil).

2034

- Empresas como a Kernel viabilizarão as conexões entre o córtex humano e a nuvem de forma confiável;
- Inteligência artificial integrará áreas da ciência e resolvendo problemas cada vez mais complexos;
- Muitos dos grandes problemas da humanidade (por exemplo, câncer e pobreza) serão resolvidos;
- Os robôs exercerão funções de mordomos, enfermeiros, camareiras e babás, e se tornarão companheiros completos dos humanos. Eles prolongarão a independência dos idosos em casa.

2036

- Os tratamentos de longevidade estarão rotineiramente disponíveis e cobertos por apólices de seguro de vida, estendendo a vida útil média de 30 a 40 anos;
- O mundo estará composto por diversas cidades inteligentes, produzindo e distribuindo alimentos de forma eficiente, utilizando corretamente a energia solar e oferecendo meios de transporte mais seguros e eficientes e com presença de serviços de inteligência artificial.

2038

- A vida cotidiana será irreconhecível – a realidade virtual e a inteligência artificial estarão presentes em todos os momentos da vida humana diária.

Pela longa experiência que temos abordando temas como inovação, novas tecnologias, futurismo e, especialmente, os rumos da educação, sabemos que certamente alguns vão dizer que é fácil fazer previsões. Só quem viver verá qual delas acontecerá.

Mas, já tomando como base nossa realidade, de uma coisa tenho certeza: os espaços educacionais serão todos transformados e a sala de aula convencional estará no museu. Esse é um caminho sem volta e não é necessário inteligência artificial para saber disso.

AS UNIVERSIDADES TERÃO QUE REPENSAR SEU PROPÓSITO

[29/01/2019]

[ACESSE AQUI](#)

Os governos e as agências de política mundial têm agora o desemprego tecnológico e o futuro do trabalho em suas agendas políticas.”

*Michael Peters*¹⁴

Michael Adrian Peters é um filósofo, educador, intelectual respeitado e uma das figuras mais importantes da filosofia contemporânea da educação. Como muitos educadores críticos de sua geração, Michael acumula experiências e observações muito pertinentes do mundo do trabalho. Iniciou sua carreira no ensino médio, mas depois de sete anos encaminhou-se para o mundo da academia.

Para ele, em tudo o que aprendemos devemos ter em mente a Era da Razão Digital, considerando os futuros educativos, repensando a teoria e a prática.

Em um de seus últimos artigos, publicado neste mês com título em tradução livre “Em tempos de Inteligência Artificial, as universida-

1 Dr. Michael A Peters é professor de destaque na faculdade de educação da Universidade Normal de Pequim, na China. Ele é autor, com Petar Jandric, da Universidade Digital: Um Diálogo e Manifesto, publicado por Peter Lang em 2018 e co-editor de Educação e Desemprego Tecnológico a ser publicado pela Springer em 2019.

des precisarão repensar seu propósito” ([In age of AI, universities will need to rethink their purpose](#)), Michael é enfático ao afirmar que

“Os governos e as agências de política mundial têm agora o desemprego tecnológico e o futuro do trabalho em suas agendas políticas. O rápido surgimento da inteligência artificial (IA) e do aprendizado profundo na última década nos pegou de surpresa, tanto em seu desenvolvimento quanto no escopo de suas aplicações.”

As “tecnologias convergentes” – tecnologias nano-bio-info-cogno – no sistema do conhecimento, permeiam umas às outras e impulsionam a visão de um futuro baseado na ciência. Conforme ele, elas têm um impacto acelerado e exercem uma direção determinante no desenvolvimento econômico e cultural.

No referido artigo, Michael assoberba em preocupações que se já não estão por aí é questão de pouco tempo para enfrentar os desafios na educação, com pesada carga de incitações em uma sociedade digital futura.

Diz ele que

“A universidade digital verá a ascensão da inteligência artificial, aprendizagem profunda (machine learning), robotização, ‘sistemas inteligentes’ na manufatura e estratégias da ‘Indústria 4.0’, às vezes chamada de ‘quarta revolução industrial’, que pressagia o que alguns críticos chamam de mudar para a ‘Sociedade Bi informacional’.

Em particular, uma nova sinergia tecnocientífica, “tecnologias convergentes”, nas quais ele aposta muito, conhecida como paradigma “nano-bio-info-cogno”, representa um grande salto para uma nova etapa da economia do conhecimento, compreendendo:

- Nano – O ramo da tecnologia que lida com dimensões e tolerâncias de menos de 100 nanômetros, especialmente a manipulação de átomos e moléculas individuais;

- Bio – A exploração de processos biológicos para fins industriais e outros, especialmente a manipulação genética de microrganismos para a produção de antibióticos, hormônios, etc;
- Info – Novas tecnologias da informação com o desenvolvimento da computação quântica;
- Cogno – Convergência de nano, bio e TI para sensoriamento cerebral remoto e controle da mente.

Essas tecnologias convergentes também são chamadas de tecnologias NBIC.

A sigla NBIC remete à nanociência, biotecnologia, tecnologia da informação e ciências cognitivas.

O grande salto, em análise, proposto por Michael é exatamente sobre a convergência que sugere reflexões e indagações, por exemplo, “O que acontece quando as tecnologias do século XXI convergem?” Ele mesmo explica: a National Science Foundation, nos Estados Unidos, publicou muitos relatórios na última década explorando a convergência das tecnologias NBIC com base em uma nova concepção de unidade da ciência no nível nano que exige unificar a ciência e o ensino superior.

E, a propósito, a universidade brasileira está preparada para tal cenário?

Para melhor aclarar, a ciência baseada nos conceitos unificados de matéria em nanoescala fornece uma nova base para a criação de conhecimento, inovação e integração tecnológica. A National Science Foundation avança uma abordagem integrativa para convergir ciência e engenharia em nanoescala, informações e níveis de sistema com um foco nas necessidades e aspirações humanas.

Como a sua praia preferida é a educação, sob espanto, mas revelador, ele argumenta que na educação precisamos de uma 'abordagem integrativa' casada para convergir tecnologias e ciências. Este seria um processo (inovador) liderado pela tecnologia, com um maior foco tecnológico aplicado, baseado na solução de problemas para as necessidades humanas.

Michael deixa claro que o universo de seu trabalho se dá apoiado em três temas principais relacionados: filosofia, economia do conhecimento político, e publicação acadêmica.

No primeiro tema, filosofia, ele tem um interesse arraigado em pensadores nem tanto modernos, mas também em contemporâneos franceses com os quais tem muita intimidade; transitando pela teoria crítica e escola de Frankfurt, com boia pitada de pragmatismo americano. No segundo tema, economia do conhecimento político, ele fez recentemente uma trilogia – Imaginação: três modelos de imaginação na era da economia do conhecimento.

Sua inquietude também o leva a um grande trabalho sobre o neoliberalismo, vários livros sobre o Ensino Superior e da Universidade incluindo muitas colaborações. Seu interesse por áreas um tanto áridas consta de sua criação intelectual como a produção de conhecimento social criativa, conhecimento e economias do conhecimento aberto, o capitalismo cibernético e radical política econômica. Finalmente, no terceiro tema, publicação acadêmica, seu foco está em periódicos abertos, revistas, revisão, correções dos colegas de dados grandes e bibliometria.

Ele também profetiza conclusões sobre o trabalho, outro campo de sua atuação, cotejando multidisciplinaridade para enunciá-las, dizendo que, hoje, os governos estão lutando para pensar fora da caixa, percebendo que este é um momento diferente de qualquer outro na história e que todos os sinais indicam que o princípio teó-

rico da substituição infinita do capital pelo trabalho chegou às aplicações da IA aos processos de trabalho nas fábricas, escritórios e pesquisa universitária.

A exigida preparação para o “capitalismo inteligente” na manufatura será enorme e nos serviços promete o desaparecimento do trabalho como um fator na produção, de acordo com um cenário que os empregos desaparecerão (“desemprego”).

Um segundo cenário (“híbrido”) antecipa que podemos mudar o futuro e devemos buscar inteligência aumentada em vez de sistemas de aprendizagem autônomos. Isso fornecerá um modelo híbrido com seres humanos firmemente no controle.

Por último cenário (“normal”) deixa claro que é normal que a Inteligência Artificial e os sistemas inteligentes são apenas mais um discurso de tecnologia que irá corroer, mas também criar, alguns empregos.

Todos os três cenários são baseados em modelos de mudança, mas os dois primeiros reconhecem que há algo no trabalho, diferente dos antigos processos industriais lineares de escala e montagem.

Quem viver, verá.

UM MAIS UM É SEMPRE MAIS DO QUE DOIS

(06/02/2019)

[ACESSE AQUI](#)

Uma das perguntas mais interessantes propostas pelo filme Ivory Tower (Torre de Marfim)¹ é: por que um estudante médio (ou seja, sem nenhum traço de genialidade) ou sua família pagariam uma dívida de mais ou menos US\$ 140.000 ao final de uma graduação, considerando que aproximadamente 40% dos que conseguem se graduar estão desempregados ou subempregados em trabalhos que exigem pouca qualificação ou totalmente fora das competências para as quais pagaram?

A epígrafe acima se liga a uma das últimas declarações do Ministro Vélez Rodríguez, do Ministério da Educação, que afirma: "Hoje vivemos a era da informação e do conhecimento, e as tendências indicam que a vida no século XXI será pautada pelo aprendizado contínuo, pela criatividade, pela inovação e pelo empreendedorismo em todas as áreas e dimensões da vida humana, individual e coletiva." E vai além: "Não faz sentido um advogado estudar seis anos para ser motorista de Uber: Nada contra o Uber, mas esse cidadão poderia ter evitado perder seis anos estudando legislação".

1 Ivory tower (Torre de marfim) é um documentário produzido pela CNN em 2014, que discute a crise do ensino superior nos Estados Unidos.

Para o ministro, o “retorno financeiro” dos cursos técnicos é maior e mais imediato do que o da graduação e a universidade não pode ser para todos.

Com igual preocupação, o professor Clayton Christensen, da Escola de negócios da Universidade de Harvard, afirmou em recente Congresso realizado nos Estados Unidos que 50% das 4 mil faculdades das americanas estarão falidas dentro de 10 a 15 anos. Também em seu livro *A universidade inovadora*, em coautoria com Henry Eyring, ele analisa realisticamente o futuro das universidades como as conhecemos hoje.

Mas quem mostra um aspecto novo ligado ao aprendizado é o site Porvir, ao destacar o estudo “[Navigating the Future of Learning: Forecast 5.0](#)”. O documentário traz os cinco fatores que irão influir no aprendizado global:

- A automação;
- As tecnologias que afetam o funcionamento do cérebro;
- As narrativas reais que tratam do sucesso e realização pessoal;
- a mudança na estrutura de comunidades, organizadas como ONGs, que vão atuar e influir nas lacunas deixadas pelo poder público;
- As Novas Geografias que pretende mostrar como os movimentos migratórios poderão promover ativos culturais.

A preocupação com a busca de dar viabilidade à universidade não é recente. Já no final da década de noventa havia um projeto – a tríplice hélice – desenvolvido por Henry Etzkovitz² e Loet Leydes-

² Henry Etzkowitz é professor visitante na escola de negócios da Universidade de Edinburgo, Reino Unido, e conselheiro-geral do Instituto Internacional de Tripla Hélice (IITH), da Universidade LaSalle, Madrid, Espanha.

dorff³ de como transformar o conhecimento científico em inovação tecnológica apoiado numa parceria entre governo, empresas e universidades. E hoje acrescentaríamos as comunidades e o meio ambiente.

A utilização das mídias digitais e da Internet propiciou o desenvolvimento não só da educação a distância, mas também de um modelo pedagógico mais interativo e colaborativo, permitindo modos de integração. Contudo, observa-se que não há um consenso em torno da viabilidade, da aplicabilidade efetiva com o uso de novas práticas educacionais. Há muita timidez ou receios dos operadores da educação em aceitar, homologar, definir e decidir por medidas e iniciativas que considerem sua adoção. Sempre destacando a premência da hélice tripla poderia ser viável.

Há referências a processos inclusive colocando os teóricos em confronto com as realidades de mercado, mais exacerbadas junto às PMIES (Pequenas e Médias Instituições de Ensino Superior), maioria absoluta no país, que provocam tanta preocupação quando o assunto é qualidade desejada ou possível. E cá para nós um tanto difícil de ser alcançada de per si e a não contar com as parcerias, resultados pífios ainda ocorrerão.

O desenvolvimento de novas TICs modificou o modo de organização das sociedades e hoje a tônica dominante é o compartilhamento. Assim, o século XXI vivencia mudanças consideráveis na infraestrutura de diversos setores sociais, como na economia e na difusão da cultura. Na educação – e especificamente no âmbito do ensino superior – não é diferente. Mas falta a visão da soma, particularmente aqui o 1+1+1.

³ Loet Leydesdorff é um sociólogo holandês, cibernético e professor na Dinâmica de Comunicação Científica e Inovação Tecnológica da Universidade de Amsterdã. É conhecido por seu trabalho na sociologia da comunicação e inovação.

Hoje, existem milhares de textos tratando do assunto novas tecnologias de modo que ninguém pode se furtar a tais conteúdos e práticas. Não pode haver desdém ou desinteresse por projetos, histórias e análises sobre as mudanças nos parâmetros de aprendizagem. Considerando a tríplice hélice, juntos iremos mais longe.

Gestores, pais interessados em conhecer o perfil e a dinâmica das IES inovadoras, estudantes que buscam informações sobre a identidade acadêmica das IES, professores engajados em conhecer as mudanças que estão acontecendo e que estão por vir, legisladores da área de educação, todos são atores responsáveis por avanços e melhorias nos modelos educacionais. Nunca sozinhos. Não se pode, hoje, por falta de coragem e audácia, pelo medo de errar, deixar de propor inovação. Mas a necessidade de as IES responderem a contento as exigências atuais têm adiado seu ingresso no século XXI. Assim, claudicam e tropeçam pelo caminho.

A grande preocupação atual é que as IES mais burocráticas percam o timing da mudança (inclusive do seu modelo de gestão), a capacidade de discutir inovação e de introduzir novas formas de organizar o processo de ensino-aprendizagem, sem uma necessária cumplicidade, deixa de ter e ser o coletivo.

A tecnologia é (e cada vez mais será) uma aliada do processo de aprendizagem. Através das plataformas é possível fazer a gestão do aprendizado dos estudantes. O conceito de currículo, de avaliação, de espaço de aprendizagem mudará de forma significativa. Portanto, é preciso ir além das ideologias e das normas do MEC. A experiência do aprendizado não é mais controlada pelo professor, que ainda em muitos casos, pode viver a nostalgia do passado, atrasando de certa forma o processo de inovação. O papel das IES que atuam nos novos campos da educação é apresentar para os agentes reguladores e para os avaliadores de instituição e de cursos que a inovação

quebra paradigmas, mas de forma alguma representa perda de qualidade. Pelo contrário, a inovação promove ganhos reais na dinâmica administrativa e acadêmica das IES, sobretudo de braços dados com o mercado e com o governo.

O Brasil perde todos os anos posições importantes quando se fala em competitividade e inovação. Boa parte dos problemas está na vontade política, mas também na distância que as universidades de uma forma geral têm em relação ao processo inovador. Com a crescente demanda educacional brasileira, e principalmente na grande necessidade de mão de obra qualificada, para os novos tempos, as universidades brasileiras precisam de uma nova postura, principalmente em programas inovadores e conectados com o mercado.

O FUTURO SEM OS JETSONS*

(12/02/2019)

[ACESSE AQUI](#)

A razão pela qual algumas pessoas acham tão difícil serem felizes é porque estão sempre a julgar o passado melhor do que foi, o presente pior do que é e o futuro melhor do que será.

[Marcel Pagnol](#)

Sou e sempre fui antenado com o futuro. Os caminhos da vida sempre me levaram pela estrada do conhecimento e tenho dedicado mais do que cinquenta anos de atividades na educação. Mas, convenhamos, a mídia anda exagerando um pouco sobre o futuro e não convém adotar a ficção como realidade.

Como hoje tratarei da BNCC – Base Nacional Comum Curricular, é preciso cuidado com as previsões, tendo em vista que a proposta é de que o ciclo completo vá até o final de 2030.

Aproveito-me da claríssima conclusão do artigo do Prof. Simon Schwartzman publicada neste blog no último dia 7 (Universidade para todos?), que afirmou que a discussão não deve ser entre “uni-

* Os Jetsons é uma série animada de televisão produzida pela Hanna-Barbera. Tendo como tema a “Era Espacial”, a série introduziu no imaginário da maioria das pessoas o que seria o futuro da humanidade: carros voadores, cidades suspensas, trabalho automatizado, toda sorte de aparelhos eletrodomésticos e de entretenimento, robôs como criados, e tudo que dá para se imaginar do futuro. Os Jetsons eram uma família de 2062 que conviviam com um grande avanço tecnológico.

versidade para todos” e “universidades para as elites”, e sim em como superar um modelo antiquado de educação superior como o brasileiro, que cresceu de forma caótica por não considerar a sério a necessidade e as implicações da diferenciação em uma era de educação superior de massas.

Na minha opinião, o Ministério da Educação (MEC) por hora não deveria ter outra missão a não ser a de se preocupar com a melhor implantação da BNCC. Nas escolas particulares pelo Brasil todo, nem precisa pensar. Por sobrevivência e precisando melhorar sempre, elas vão cumprir o estabelecido em lei e já começam a implantar. O problema mesmo vai estar nas escolas públicas.

Já se tem (boas) notícias de que muitas escolas particulares mergulharam nas discussões, sobretudo nas de caráter geral, consideradas as sementes que vão germinar com as inteligências locais, dando, como nunca se viu, um salto grandioso na educação brasileira. Assim todos desejamos.

O Porvir organizou um bom material sintetizando a essência do documento oficial da BNCC, com a descrição dos conhecimentos, habilidades, atitudes e valores que cada competência geral busca desenvolver e a indicação do que se espera que os estudantes realizem.

COMPETÊNCIAS GERAIS

Base Nacional Comum Curricular



crédito arte: Regiany Silva/Forvr

COM O PROPÓSITO DE:

Contribuir para a construção de uma sociedade mais ética, democrática, responsável, inclusiva, sustentável e solidária, que respeite e promova a diversidade e os direitos humanos, sem preconceitos de qualquer natureza.



Infográfico elaborado a partir de leitura crítica da BNCC realizada por Anna Perido, diretora do Inspirare e integrante do Movimento pela Base. Os textos foram retirados do documento oficial do MEC, mas alguns trechos foram abreviados ou reorganizados para garantir maior compreensão à leitura.

Infográfico atualizado à partir da versão da Base homologada em 20 de dezembro de 2017



Sob orientação do MEC, a BNCC foi construída de maneira democrática e compartilhada a partir de discussões que começaram em 2015. A primeira versão do documento passou por consulta pública e teve mais de 12 milhões colaborações. A segunda, foi analisada por gestores, professores e alunos de todos os estados, em seminários organizados pela União dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e pelo Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed) onde mais de 9 mil recomendações foram sistematizadas. A partir delas, o MEC elaborou a versão final e encaminhou para parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE), que foi homologado pelo MEC em 20 de dezembro de 2017 para as etapas da Educação Infantil e Ensino Fundamental. Em 14 de dezembro de 2018, o documento foi homologado para a etapa do Ensino Médio. Juntas, a Base da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio integram um único documento: a BNCC da Educação Básica.

Qual é o objetivo da BNCC?

“A criação de uma Base Nacional Comum Curricular tem o objetivo de garantir aos estudantes o direito de aprender um conjunto fundamental de conhecimentos e habilidades comuns – de norte a sul, nas escolas públicas e privadas, urbanas e rurais de todo o país. Dessa forma, espera-se reduzir as desigualdades educacionais existentes no Brasil, nivelando e, o mais importante, elevando a qualidade do ensino.

A Base também tem como objetivo formar estudantes com habilidades e conhecimentos considerados essenciais para o século XXI, incentivando a modernização dos recursos e das práticas pedagógicas e promovendo a atualização do corpo docente das instituições de ensino.” (Fonte: SAE Digital)

Já pude acompanhar muitos altos e baixos, quedas e ressurreições no ensino, seja de instituições, coordenações, diretorias, ministros, conselheiros, docentes e por aí vai. Vivi no setor o tempo suficiente

para avaliar, refletir, julgar, condenar, mas também absolver, cumprir, aplaudir. É por esta razão que acredito que a BNCC poderá dar a diretriz que a educação básica precisa. Além disso, irá conferir toda a fundamentação teórica e prática que o estudante necessita para fazer um curso superior bem preparado.

É pacífico que o modelo vigente de ensino não atende o que a sociedade do futuro vai exigir, que o jovem desenvolva a consciência do aprendizado por toda a vida. Precisamos estar preparados com as novas estratégias para viver, trabalhar e aprender.

Há uma máxima jurídica que os advogados gostam muito: quem pode o mais pode o menos. Portanto, aqui estou eu, em tom colaborativo, embrenhando-me na seara do Fundamental e Médio, que não são minha praia e que escrevo mais por sensibilidade.

Permitindo-me uma “licença poética”, na maioria das vezes, na maior parte do tempo, estamos sempre preocupados em avaliar o passado, mas lá atrás não consideramos (ou considerávamos) um futuro. Agora parece que o presente não existe e estamos loucamente apaixonados pelo futuro, numa ânsia e expectativa sem igual.

Perpassando a BNCC, estamos considerando que é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais, que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE).

A Base estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica. Não é um milagre bíblico que a tudo supera porque há um mundo de fatores promovendo ruídos, a partir da formação dos docentes, cuja performance precisa ser de ouro 18K, não de lata.

Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a Base soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. Todas as escolas, públicas e privadas, devem fazer adequações nos currículos da Educação Infantil, Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

Ao longo da Educação Básica, as aprendizagens essenciais definidas na BNCC devem concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento das dez competências gerais vistas acima, que substanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento. Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.

Por essas colocações já se vê a tarefa hercúlea que será demandada, a partir do trabalho de ensino nos cursos de Licenciaturas que precisam rever com urgência as suas contribuições na formação de um novo docente. E aqui cabe outra pergunta provocadora: se os estudantes na universidade não estariam precisando de outros/novos professores empolgados a acreditar que a realidade muda a cada dia. Sem isso, os estágios, as práticas e os exercícios docentes são deixados de lado, numa clara percepção de que a docência não sabe mesmo transmitir essa exigência vivencial de uma cátedra, sem as quais pouco vale imortalizar Piaget ou Dewey.

Deve-se entender como necessário superar a visão dualista entre formação para o trabalho e formação intelectual, buscando um ensino capaz de valorizar uma formação integral. Mas, é bom advertir que não é possível resolver um problema de ordem política, econômica e social como se fosse um problema de ordem pedagógica.

As escolas deverão preparar nossos jovens para um mundo cada vez mais complexo. Em um cenário de mudanças profundas no mercado de trabalho e de impressionantes avanços tecnológicos, a educação brasileira precisará lidar com a melhoria de aspectos básicos ainda não atendidos (ex.: infraestrutura mínima das escolas, alfabetização de todos os alunos na idade certa, garantia da permanência de todos os alunos na escola etc) e, concomitantemente, evoluir e incorporar aspectos mais inovadores.

E em nosso modo de pensar, a missão do MEC deve mudar. Deixar de ser um organismo meramente regulador e agigantar-se em estar atento, como muitas agências mundiais, ao desemprego tecnológico, às novas profissões e ao futuro do trabalho.

Essa sociedade em transformação demanda que governo, empresas e sistema universitário estejam unidos para criarem soluções para propostas inovadoras.

A EDUCAÇÃO DO FUTURO JÁ COMEÇOU OU VAI COMEÇAR?

(19/02/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“O tempo, como o mundo, tem dois hemisférios: um superior e visível, que é o passado, outro inferior e invisível, que é o futuro. No meio de um e outro hemisfério ficam os horizontes do tempo, que são estes instantes do presente que vamos vivendo, onde o passado se termina e o futuro começa”

Padre António Vieira

Sempre estive preocupado com a aprendizagem do futuro em virtude das modificações que começam a acontecer em todas as escolas do mundo. E, para ilustrar o que penso, comecei a última reunião do Conselho de Administração da ABMES mostrando o vídeo de Jack Ma, um dos homens mais ricos da China e cofundador da Alibaba (a Amazon chinesa).

[Link para vídeo](#)

Ele conta que foi professor universitário e as aulas que dava eram baseadas em livros. Até que se questionou como seria se passasse 10 anos experimentando tudo isso e voltasse para ensinar as perdas e ganhos. Para ele, se continuarmos ensinando apenas o que aprendemos há mais de 200 anos, nossos filhos não serão capazes de competir com as máquinas, que são muito mais inteligentes. Devemos,

portanto, ensinar coisas únicas; vamos precisar ensinar o que elas serão incapazes de aprender.

Seu enfoque é para as competências socioemocionais, em que o importante é conhecer os nossos valores éticos, a criatividade, o pensamento crítico, o relacionamento com as pessoas, o trabalho em equipe e desenvolver aptidões na cultura, esportes e artes.

O desafio das instituições de educação superior ao vislumbrar novos tempos sempre envolverá a escolha de conteúdos realmente pertinentes, as novas metodologias, a flexibilização curricular, a criação de novos ambientes, a utilização das tecnologias e a preparação do professor.

Pensar o futuro é um exercício arriscado e, muitas vezes, fútil, muitos acham. É indispensável ter apropriada visão dos tempos. Mas, apesar dos avisos, não resistimos à tentação de imaginar o que nos irá acontecer, procurando, assim, agarrar um destino que tantas vezes nos escapa. Ou, como diz Reinhart Koselleck, “interessa-me compreender de que modo o passado está inscrito na nossa experiência atual e de que modo o futuro se insinua já na história presente – o horizonte não existe para nos trazer de volta à origem, mas para nos permitir medir toda a distância que temos a percorrer”.

Para Filipe Oliveira, professor no Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG) da Universidade de Lisboa, a inovação não é uma novidade na educação, lembrando que se procurou, desde sempre, levar todo tipo de novidades para a escola – do aparecimento da escrita, do quadro negro, da tipografia, da imprensa, passando pela invenção do cinema, rádio, televisão, os projetores de slides. O professor sempre precisava ilustrar suas palavras com imagens. “Vivemos apenas mais uma repetição deste tipo de fenómeno com o aparecimento da tecnologia moderna e da Internet”, aponta.

Há mais de sessenta anos lembro do pedagogo americano Leo Buscaglia contando sua experiência de professor de ensino fundamental, onde baseava suas aulas com as atividades de um supermercado. Os alunos aprendiam aritmética e gramática imitando fazer compras e lendo os anúncios das mercadorias. A geografia era aprendida pesquisando a procedência dos alimentos. Com os anos de estudo, conheciam o funcionamento do frigorífico e como o mercado era construído. Faziam pesquisa de marketing e administração de empresas. E no fim do ano havia exposição dos trabalhos e dos alunos aptos para um emprego.

De que maneira antever como será uma sala de aula do futuro – e que até já pode ser uma sala de aula do presente? Trata-se de uma sala onde além das mesas e cadeiras também podem existir sofás ou banquetas porque os alunos não estão todos fazendo o mesmo ao mesmo tempo.

O desafio para professores e alunos é diferente: em vez do ensino transmissivo, procura-se ensinar com espaços de interação, de projetos, de investigação. O fundamental é não perder de vista o essencial, a formação de futuros e atuais professores. Refiro-me à formação inicial e contínua dos professores. A ideia é desenvolver novas metodologias recorrendo não só às novas tecnologias, mas a novos espaços educativos também.

Além da formação, o projeto como obrigava Buscaglia, deve procurar fazer a articulação com parceiros empresariais e tecnológicos, da área de equipamentos à das novas tecnologias com o intuito de pensar sobre novas formas de ensinar. Numa escola que queremos mais próxima dos alunos e que não se limite a transmitir conhecimentos, os formandos sairiam com ferramentas que pudessem aplicar no seu dia-a-dia.

A sala de aula até no nome merece uma repaginada: “ambientes educativos inovadores”. Trata-se de uma sala com cinco ou mais espaços para criar, investigar, apresentar, partilhar e desenvolver. Extensões que se comunicam numa mesma área, com dimensão capaz de suportar de cinco até dez mesas.

O assunto foi tema do debate [Fronteiras XXI](#), um programa do canal português RTP3. Estas áreas permitem que os alunos aprendam num ambiente mais dinâmico, onde se estimula a interdisciplinaridade e a articulação curricular entre as diferentes matérias das diversas disciplinas. Para o local, o professor estimula o aluno a levar/trazer os seus equipamentos e a usá-los em sala – bring your own device – como tablets, smartphones, laptops, notebooks, etc.

E se querem saber de iniciativas acontecendo, a juventude se esparrou no Campus Party 2019, que foi até o último domingo, dia 17, em São Paulo. Foram perto de 130 mil jovens disputando espaço, inovação, criatividade, mas, sobretudo conhecimento. Uma maravilha!

O Portal Porvir selecionou [42 palestras e oficinas para quem é ligado em educação e tecnologia](#). A partir da próxima semana trataremos de algumas dessas palestras. Neste ano, o destaque ficou por conta do grande número de apresentações sobre aprendizagem maker, a **educação mão na massa**, também chamada de educação hands-on.

Essa modalidade educacional ganha destaque, conforme assevera Paulo Bilkstein, professor da Universidade de Stanford, na medida em que uma das coisas mais importantes da **educação mão na massa** é fazer com que o professor preste mais atenção no processo do que no produto, o que é mudança de paradigma muito grande em relação à educação tradicional, que olha para a prova, que é o produto.

Retomando o futuro, temos a flexibilização do currículo ora proposto pela BNCC. De alguma forma, já vinha sendo promovido em muitas

escolas, mas em algumas delas não foi possível avançar porque os professores foram resistentes à ideia. Se há elogios a fazer aos docentes, reconhecidos como inovadores em projetos e programas com tal proatividade, há de se salientar que o ensino poderia estar muito mais desenvolvido se eles não pusessem tantos entraves à mudança, como de hábito. “Viva o corporativismo e abaixo o futuro da educação”, dirão os intransigentes, porque de verdade, mesmo, a parte mais difícil desta iniciativa “são as pessoas”.

Ainda que muito lentamente, muito devagar, vamos conseguindo alterar comportamentos, sendo que, para isso, é preciso conquistar os docentes, dar-lhes formação.

Aqui cabe uma reflexão: quem moldou o docente? A faculdade que o licenciou, o ambiente, o sindicato/associação ou os seletivos/vestibulares que se impõem ditatorialmente ao que “deve” ser ensinado e assim há uma força não igual mas contrária que leva docente e discente a se ajoelharem às exigências seletivas, ao menos nas públicas?

É preciso destacar e com isso fazer justiça que os professores continuam muito agarrados aos programas, têm de cumpri-los para preparar os alunos para os exames pois os resultados destes são a imagem da escola.

Haverá um momento em que precisaremos avaliar as salas de aula do futuro. As primeiras indicações poderão significar melhorias na motivação dos alunos, e de uma redução do fracasso escolar. Contudo, é necessário esperar o final do ciclo para as conclusões terem boa sustentação.

Deve-se, no entanto, lembrar que os resultados destas salas não serão imediatos, até porque o grande crescimento no país pode ocorrer no período do ensino médio com a BNCC, equivale dizer nos anos 2025-2030.

Evidentemente não poderia esquecer da evolução do Ensino online que ao meu ver com o tempo, ao contrário que escrevi aqui, concentrará toda a educação dos jovens e adultos e creio também, boa parte da criançada com certeza. Nas telas ou nas nuvens estarão todas as informações para se produzir o conhecimento.

A organização seja ela qual for, que formatar as melhores telas para ensinar, (os gigantes da Informática já estão nessa) substituirá a escola do futuro. Quem produzir a melhor história ou narrativa (historytelling) capaz de entreter e argumentar e ao mesmo tempo induzir as pessoas a aprender, ganhará a Copa da Educação do Futuro.

TEMOS CERTEZA DE QUE NÃO QUEREMOS MAIS “ESTUDANTES PASSIVOS”?

(26/02/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“Daqui a trinta anos os grandes campi universitários serão relíquias. As universidades não vão sobreviver. Trata-se de uma mudança tão importante quanto a introdução do livro impresso”

Peter Drucker

No mundo dos pós-tudo, Peter Drucker, educador e “pai” da administração moderna, alertava para a era da pós-educação que já começava a delinear-se há algum tempo, colocando em xeque o modelo educacional e institucional que tem se mantido quase inalterado nos últimos 200 anos.

Tenho dito com certa insistência em meus artigos que nossos jovens estão estudando para negócios que não existirão mais nos próximos anos. Recebi dias desses, pelo WhatsApp, uma radiografia das novidades e a celeridade com que elas atropelam as velhas estruturas. Sintetizo o conteúdo: o Spotify faliu as gravadoras; a Netflix, as locadoras; a Google, a Listel, as Páginas Amarelas e as enciclopédias; a OLX, os classificados; o smartphone, as revelações fotográficas.

Outras novidades têm complicado a vida de muita gente: o Booking, das agências de turismo; o Airbnb, dos hotéis; o WhatsApp, das operadoras de telefonia; as mídias sociais, das agências de comunicação; a Uber, dos taxistas; a Tesla, das montadoras de automóveis;

o YouTube, das TVs; o Tinder, das baladas e “similares”. Esses são apenas alguns dos muitos exemplos de inovações que descortinam um “admirável mundo novo” e que obrigam quem não quer perder o “metrô” da história (bonde tá muito velho!) a se reinventar cotidianamente.

E não poderia ser diferente com a educação. É urgente que sejam formados jovens capazes de inovar, de pensar diferente e de executar tarefas com eficiência e autonomia. É preciso, no entanto, colocá-los como protagonistas, como agentes responsáveis pelo seu futuro e do entorno onde vivem, sendo capazes de usar a seu favor a tecnologia, cujo papel é abrir as possibilidades e tornar exponencial toda inovação que as pessoas promovem.

E como fica a escola nesse cenário? Ou se reinventa ou perece.

Junior Borneli, fundador da StartSe, promotora da EdTech Conference, realizada anualmente em São Paulo/SP, é taxativo com relação, por exemplo, ao fim dos professores: “Sim. E não. O avanço da tecnologia e das novas formas de ensino decretará o fim dos professores como os conhecemos, mas abrirá espaço para uma nova era: a dos **“professores mentores”**”. Neste ano, a StartSe recebeu o prêmio de Empresa Mais Inovadora na Área da Educação, concedido pelo Instituto Ayrton Senna e pelo Lide.

Isso porque o modelo de ensino passivo, presente em praticamente todas as escolas, está com os dias contados. O modelo de repetição, criado durante a Revolução Industrial, que forma pessoas em linha de produção para trabalharem nas fábricas, não se encaixa mais.

Em palestra sobre “Metodologias Ativas de Aprendizagem”, o Prof. Dacio Guimarães de Moura pergunta logo no início se todos concordam que não queremos mais formar “estudantes passivos”, como formar estudantes ativos e o que se ganha em fazer esta mudança.

O mais importante, contudo, é se o próprio professor não vai se contrapor à ideia e se haverá aceitação no sistema educacional, já que se trata de mudança de paradigma.

Nesse novo cenário, os professores serão tão importantes quanto agora, mas seu papel será de conduzir os alunos por meio de trilhas individuais de aprendizagem. A educação do século XXI exige **menos ensino e mais aprendizagem**, o que muda completamente a maneira como pensamos as escolas e universidades.

O “ensino por habilidades” é o que conecta o jovem com o que ele tem de melhor, é o que o coloca como protagonista do seu destino, auxiliado pela tecnologia. Segundo Jonathan Bergmann, professor e criador do método de ensino *flipped classroom* (sala de aula invertida), “a educação tradicional está morta. Nós estamos vivendo na era em que as pessoas querem resolver problemas do mundo. Na era da criatividade”.

Richard Florida, teórico norte-americano do Urbanismo, é autor da teoria da classe criativa, formada por pessoas que agregam *Valor Econômico* por meio de sua criatividade, aspecto essencial na economia contemporânea. A teoria da classe criativa utiliza medidas baseadas em ocupações e habilidades efetivas dos indivíduos. Segundo ele, a junção de 3 Ts – talento, tecnologia e tolerância – é a responsável pelo florescimento de cidades criativas.

O “ensino por habilidades” tem o condão de despertar o talento; a tecnologia (inteligência artificial, realidade virtual e outras) tem o poder de revolucionar a educação; e a tolerância – aceitar o outro, a diversidade, ser empático – é fundamental para a circulação de novas ideias.

Os cenários são sempre futuristas, como se o presente não tivesse jeito e só nos restassem os devaneios do futuro e fazer força para

que acreditem no impossível que vira possível, ou seja, é pintura de Miró, de Salvador Dali ou de tantos outros que nos fizeram engolir goela abaixo um deserto de “non sense”!

Se quisermos entrar realmente no século XXI, é preciso criar uma nova educação que responda aos desafios do mundo em que vivemos, que exija das pessoas a capacidade de seguir aprendendo ao longo da vida e de colocar o conhecimento “em ação” para possibilitar até a resolução de problemas que ainda não conhecemos. É preciso criar uma escola que, mais do que transmitir conteúdo, considere o aluno “por inteiro”, trabalhando o desenvolvimento de suas competências cognitivas (como raciocínio lógico e pensamento crítico) e socioemocionais (como resiliência e colaboração), além de promover o seu protagonismo com a própria aprendizagem.

O profissional do século XXI deve possuir muitas características, entre elas, empreendedorismo, resiliência, proatividade, liderança energizadora, percepção, comunicação, persuasão, assertividade, criatividade, cultura, humanismo – qualidades que têm sido muito requisitadas pelas empresas que procuram, mais do que super-homens, pessoas capazes de reconhecer seus potenciais e limitações e, a partir daí, de forma equilibrada e estruturada, buscar o autodesenvolvimento. Há enormes oportunidades e grandes desafios a serem superados, mas a educação precisa evoluir para um formato onde todos tenham a oportunidade de encontrar suas melhores versões e potencializar suas habilidades.

É essa, sem dúvida, a missão das IES: entregar para o mercado – mas sobretudo para o mundo – pessoas criativas, colaborativas, críticas, resilientes e felizes.

O futuro da universidade foi objeto de grande discussão nos Estados Unidos, em 1997, quando Peter Drucker, educador e pesquisador austríaco, cunhou a epígrafe tumular que abre este artigo para ser

gravada na lápide da educação caso a escola não encontre parceiros na sociedade e nas empresas e não demonstre que pode ser criativa, colaborativa, resiliente e tolerante. Sua visão foi muito otimista porque a realidade mostra que para os prédios das universidades desaparecerem serão necessários outros trinta anos.

Se você olhar ao redor, vai perceber que mudamos a maneira como nos comunicamos, viajamos, assistimos a filmes, ouvimos música e lemos notícias e livros. Todos os setores mudaram, mas a educação não mudou. Continuamos com o mesmo modelo de 200 anos atrás.

CAMPUS PARTY MAIS UMA VEZ SURPREENDE AS EXPECTATIVAS

(08/03/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“A ideia é a criação de um ambiente favorável para que os amantes da tecnologia, inovação e empreendedorismo possam interagir de forma democrática entre si, disseminando conteúdos e promovendo o intercâmbio de informações de forma colaborativa.”

Tonico Novaes, diretor-geral da Campus Party

A Campus Party é a maior experiência tecnológica do mundo, uma imersão em Internet das Coisas, Blockchain, Cultura Maker, Educação e Empreendedorismo. Mais do que um evento, é uma rede que conecta 500 mil pessoas em todo o planeta, sendo mais de 150 mil do Brasil.

A jornada já passou por diversos países como Espanha, Holanda, México, Alemanha, Reino Unido, Argentina, Panamá, El Salvador, Costa Rica, Colômbia, Equador, Itália e Cingapura. Presente no Brasil desde 2008, a 12ª edição – **#CPBR12** – foi realizada em São Paulo, entre os dias 12 e 16 de fevereiro, em uma promoção da Secretaria Municipal de Inovação e Tecnologia de São Paulo em parceria com o Instituto Campus Party.

O evento tem como objetivo desenvolver soluções tecnológicas, bem como fomentar iniciativas inovadoras em prol da melhoria de políticas públicas para o bem-estar da sociedade.



Foto: divulgação do empreendedores.com.br e @fotografia.com.br - Foto: Roberto F. de S.

Neste ano, os campuseiros puderam conhecer 120 startups que participaram do programa *Startup & Makers*, que tem como objetivo impulsionar e capacitar jovens talentos e empreendedores. Foram destaque na categoria *Early Stage* (projetos pouco avançados, com equipes bem definidas, primeiros protótipos criados e ainda testados que não receberam investimento) as startups *Print Green 3D*, *Smart Capacete* e *Verifact*.

Já na categoria *Growth Stage* (startups avançadas, com uma equipe robusta e desenvolvida, produtos lançados no mercado, com ou sem investimento, que já possuam faturamento), os destaques foram as startups *Desquebre*, *Keepz* e *Cuboz*.

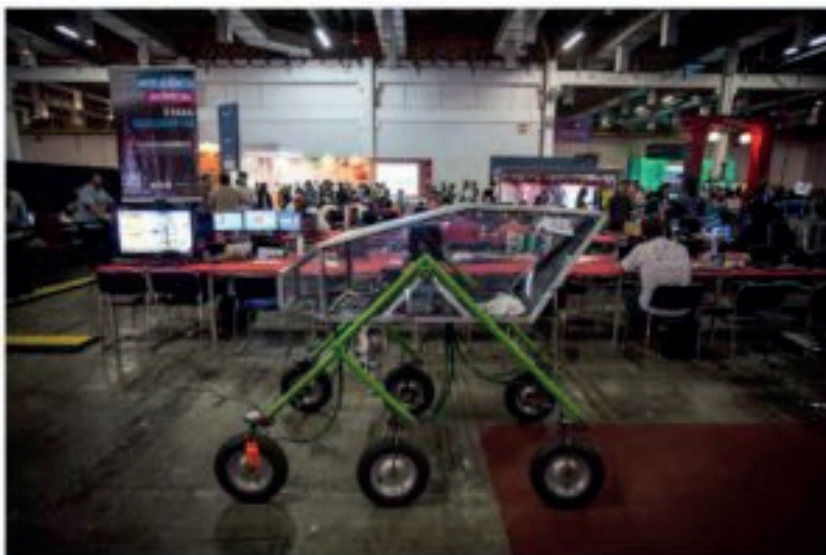
No espaço Campus Future foram apresentados 41 projetos universitários e acadêmicos com destaque para *MinervaBots*, *Polimex* e *Ex Machina Prótese Mioelétrica*.



Exposições e atividades durante o Campus Party 2019. — Foto: EBC/Flávio

Além da grande inovação dos projetos, os números da Campus Party Brasil 2019 são extraordinários:

- Público presente: 130 mil pessoas
- Total de campuseiros: 12.500, com 8.000 acampados
- Barracas: 5 mil simples e 1.500 duplas
- Atividades:
 - mais de 1.000 horas de conteúdo
 - mais de 900 palestrantes
 - 231 workshops
- Velocidade da internet: 40 GBps
- Envolvidos na organização: mais de 3.000 pessoas



Exibido no seminário Empreendedorismo e Periférico 2019 - Foto: Marco Vinicius

Com vários workshops e palestras ocorrendo ao longo do evento, o 1º Fórum Brasileiro de Empreendedorismo Social e Periférico apresentou iniciativas reais e de sucesso que acontecem no Brasil e no mundo, a partir de cinco pilares: Empreendedorismo Popular, Potenciais Periféricos, Tecnologias de Impacto, Inclusão Social e Diversidade.

Para o presidente do Fórum e do Instituto Campus Party, Francesco Farruggia, a importância da criação de espaços como o Fórum está em permitir interações e troca de conhecimentos através do “hub do bem”. Ele afirma que é urgente “o fomento ao empreendedorismo social e, conseqüentemente, o estímulo à produção de ações e iniciativas que despertem esperança nas periferias quanto à possibilidade de mudança de sua realidade e história”.

Um manifesto elaborado coletivamente será entregue às autoridades, reiterando “o vácuo de conhecimento e de formação no campo da educação, que não é preenchido desde o ensino básico até o superior”. Conforme o manifesto, “o empreendedorismo social pre-

cisa carregar dentro de si e de seus produtos e serviços seu caráter ativista e transformador, a fim de que o negócio impacte positivamente a sociedade e ajude a romper barreiras de preconceito e discriminação”.

O espaço Educação para o Futuro, uma das áreas mais visitadas na Open Campus, tinha como premissa debater os novos caminhos da educação e construir com todos uma nova forma de olhar para a formação das crianças e adolescentes. O projeto conta com a parceria da Rede Brasileira de Aprendizagem Criativa, representando o Laboratório Lifelong Kindergarten do MIT, Media Lab no Brasil.

De tudo que se pode relatar sobre o evento, uma afirmação é certa: inequivocamente, a CPBr12 chegou para ficar. O Campus Summit, espaço que permitiu, pela primeira vez, a troca de informações e conhecimentos entre executivos e os campuseiros, abrigou duas iniciativas diferentes: a 7ª edição do Latin America Meetings & Events Conference (LAMEC), cujo tema foi “Humano como sempre, tecnológico como nunca”, e o Cybersec e LGDP, com foco na experiência de empresas, empreendedores e cientistas.



© Universidade Federal do Rio de Janeiro - Universidade Federal do Rio de Janeiro - Universidade Federal do Rio de Janeiro - Universidade Federal do Rio de Janeiro - Universidade Federal do Rio de Janeiro - Universidade Federal do Rio de Janeiro - Universidade Federal do Rio de Janeiro - Universidade Federal do Rio de Janeiro - Universidade Federal do Rio de Janeiro - Universidade Federal do Rio de Janeiro

O diretor de inovação da MCI e da Campus Party Brasil, Ney Neto, comenta como foi enriquecedora a experiência: “reunir profissionais do mercado e jovens que buscam seu espaço para debater e trocar experiências em áreas do conhecimento como Open Innovation, Cyber Security, Data Protection and Privacy, Blockchain e Artificial Intelligence, certamente, resultará em ganhos para todos”.

A edição 2019 ofereceu um novo espaço ao público presente, o Campus Jobs, com palestras e outras atividades relacionadas à formação profissional, além da possibilidade de participar de processos seletivos que puderam resultar em contratação efetiva. Barbara Duran, diretora de RH da MCI, conta que o objetivo foi fornecer subsídios para orientar a carreira, “não apenas daqueles que já alimentam o desejo de empreender na área de inovação, mas principalmente daqueles que buscam se desenvolver”, explica.

Iniciativa das mais nobres ficou por conta da campanha criada pela Campus Party, em parceria com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações e Comunicações (MCTIC), que culminou na arrecadação de mais de 20 toneladas de descartes eletrônicos, tais como monitores, CPUs, impressoras, teclados, aparelhos celulares e de ar-condicionado, caixas de som, notebooks e demais acessórios de informática.

Tudo o que foi reunido estará nos Centros de Recondicionamento de Computadores do MCTIC e, posteriormente, será doado a pontos de inclusão digital, como bibliotecas, escolas públicas e telecentros de todo o país.

Para os estudantes de todas as idades e níveis de aprendizado foi oportunidade não só de integração com colegas do Brasil inteiro, mas também de inteiração no que rola no mundo nas várias áreas de tecnologia, da Internet, da Inovação e do Empreendedorismo.

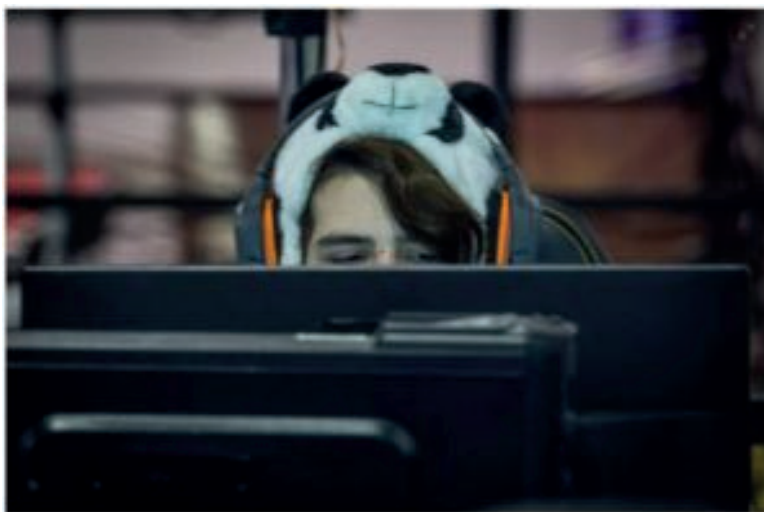


Imagem extraída de uma reportagem de uma página da Internet (2011) — Foto: Alex Uchida

Esperamos que gestores das instituições de ensino superior estejam bem antenados com o evento e atentos à infinidade de reflexões que ele traz. É um conceito que precisa ser acompanhado por quem acredita que está proporcionando a educação do futuro.

MOBILIDADE SOCIAL E EDUCAÇÃO

(12/03/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“Minha mãe trabalhou como empregada doméstica e cabeleireira e depois foi estudar direito. (...) Eu conheço de dentro de casa como o estudo cria oportunidades, promove a ascensão social e dá um poder de voz.”

Thiago de Souza Amparo

Estava na semana passada assistindo ao vídeo *Conexão Vale do Silício*, da **StartSe** – uma plataforma digital, como eles mesmos se denominam, desenhada para conectar todo o ecossistema brasileiro de startups. Fiquei maravilhado, entre outras coisas, com uma inovação, a clean meat, uma carne molecular feita em laboratório através da reprodução de células-tronco. Em uma das experiências, a carne foi obtida da pena de uma galinha!

Dizem eles no vídeo que as gerações futuras talvez se horrorizem ao saber que um dia tenhamos precisado matar um animal para nos alimentar. E mais, acrescento, que tenhamos precisado expandir fronteiras agrícolas e desmatar o planeta para pastagens e produção de soja, por exemplo, colocando em risco o equilíbrio ecológico.

O vídeo é longo, mas vale a pena:

[Link para o vídeo.](#)

Mas o que isso tem a ver com mobilidade social?

De acordo com a [Infopédia](#), dicionário enciclopédico online produzido pela Porto Editora, a noção de mobilidade social refere-se à transição de indivíduos ou grupos de um estrato ou de uma classe social para outra. Há dois tipos de mobilidade social: a mobilidade intrageracional, em que se analisa a situação dos indivíduos numa geração, isto é, a posição por eles ocupada no início e no fim das suas carreiras; e a mobilidade intergeracional, em que se analisa mais de uma geração, procurando ver, por exemplo, se os indivíduos pertencem à mesma classe social dos seus pais.

O estudo “[Um elevador social quebrado? Como promover a mobilidade social](#)”, publicado em 2018 pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico) aponta que o Brasil ocupa a segunda pior posição no ranking de mobilidade social elaborado com dados de 30 países.

Matéria veiculada pela [BBC News Brasil](#) há época da divulgação do estudo sinaliza que “seriam necessárias nove gerações para que os descendentes de um brasileiro entre os 10% mais pobres atingissem o nível médio de rendimento do país. A estimativa é a mesma para a África do Sul e só perde para a Colômbia, onde o período de ascensão levaria 11 gerações.

No Brasil, de cada 10 filhos de famílias miseráveis, 3,5 morrerão e somente um tem chance de chegar ao topo. Ou seja, nosso país tem sido o exemplo de sociedades baseadas em riqueza “clássicas patrimoniais” do século 19, em que uma minoria vive da sua riqueza, enquanto o resto da população trabalha para subsistência.

O estudo da OCDE mostra que o baixo nível de mobilidade social implica negativamente sobre o crescimento da economia de modo geral. “Talentos em potencial podem ser perdidos ou subaproveitados, com menos iniciativas na área de negócios e menos investimentos”, reforça matéria da BBC.

Além de esse elevador social “quebrado” se manifestar sobre o bem-estar social, a percepção de que a oportunidade de ascensão depende de fatores que estão fora do alcance gera desesperança e sentimento de exclusão, o que aumenta a probabilidade de conflitos sociais.

Mas a boa notícia é que a mobilidade social e, paralelamente, a evolução social, econômica e cultural acontecem por meio do conhecimento, do acesso a informações e da exposição à inovação. E, como bem aponta artigo da UniBH ([Entenda a importância da educação na mobilidade social](#)), são fatores “necessários para que todos compreendam melhor o mundo, a ligação entre os fatos, os problemas, os desafios e, principalmente, o papel de cada um, diante deste cenário complexo”.

Já foi sobejamente que a qualificação e o estudo influenciam diretamente na ascensão profissional e na mobilidade social, afetando diretamente a economia.

“O nível de escolaridade da população se reflete em fatores como empreendedorismo, pesquisa científica e inovação, que garantem indústrias e processos mais eficientes e automatizados”, destaca o artigo.

Ou seja, a educação tem a função de preparar o capital humano para as demandas e exigências de um mercado em constante mutação, que demanda profissionais cada vez mais capacitados, o que exige uma educação de melhor qualidade, atendida com as demandas do século XXI.

A falta de qualificação dos trabalhadores funciona como um freio para a mobilidade social, já que indivíduos com pouco estudo costumam fazer parte das estatísticas do desemprego – e serão substituídos por máquinas.

O artigo conclui que “o investimento em educação é um fator essencial para consolidar a mobilidade social e diminuir a desigualdade de riqueza e de oportunidades entre as classes”. Com melhores empregos e maiores salários, os indivíduos podem consumir mais e investir, além de reduzir a dependência em relação a políticas públicas assistenciais.

Matéria do jornal Valor Econômico de 7 de fevereiro último ([Como a Alemanha perdeu seus Einsteins](#)) inicia-se com esta pergunta: “Por que a Alemanha, o berço de inovadores que fizeram história, como Johannes Gutenberg e Albert Einstein, não produziu gigantes da alta tecnologia como Google, Amazon ou Facebook?”.

Segundo o texto, a Alemanha perdeu seu impulso inovador porque seus potenciais pioneiros, originários de famílias desfavorecidas, não estão tendo a oportunidade de se desenvolver:

“De acordo com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a elasticidade intergeracional de renda é, na Alemanha, de cerca de 50%, o que significa que, se os pais da pessoa A ganhavam o dobro do que os pais da pessoa B, a pessoa A vai ganhar, em média, 50% mais que a pessoa B. Com diferenciais de rendimentos tão persistentes entre gerações, a Alemanha tem uma das taxas mais baixas de mobilidade intergeracional da OCDE – onde a elasticidade média é de 38% –, e ela parece estar diminuindo”.

O alerta alemão deve servir de sinal amarelo para nós, brasileiros. Desigualdade social provoca efeitos deletérios na sociedade e na economia. A solução é, e sempre foi, a educação.

Uma das dimensões do IDH é o [Acesso ao conhecimento](#) (educação):

“o acesso ao conhecimento é um determinante crítico para o bem-estar e é essencial para o exercício das liberdades individuais, da autonomia e da autoestima. A educação é fundamental para expandir

as habilidades das pessoas para que elas possam decidir sobre seu futuro. Educação constrói confiança, confere dignidade e amplia os horizontes e as perspectivas de vida”.

É fator de mobilidade social.

Assim, retomo a epígrafe deste artigo, retirada das Páginas Amarelas da revista *Veja* de 23/02. O entrevistado é o professor de discriminação e diversidade da Fundação Getúlio Vargas, Thiago de Souza Amparo, um dos muitos exemplos brasileiros de mobilidade social.

ESTÃO MUDANDO O ENSINO POR MUDAR E PODE SER PERIGOSO (RESENHANDO UM DOCUMENTO DA OCDE)

(19/03/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“O Brasil teve evolução impressionante na década de 2000, uma das mudanças mais rápidas no sistema educacional quando se trata de qualidade de aprendizagem (...), mas com o tempo este progresso estagnou, desde 2006/2009, nós vimos pequenas mudanças na qualidade de ensino”

Andreas Schleicher

Ao analisarmos a fala de Andreas Schleicher, epígrafe deste artigo, vemos que o perigo pode estar exatamente no que temos visto como afoitismo de adoções de novas propostas pedagógicas, incerteza de rumos dos poderes governamentais, implantação de novas tecnologias não sedimentadas, inovações que de novo não têm nada, e por aí vamos.

Ninguém pode tirar as certezas encontradas em vigorosas pesquisas, sobretudo as de cunho educacional, quando se trata de fazer uma boa leitura do resultado apresentado pelo diretor de educação da [Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico](#) (OCDE) e coordenador do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa, na sigla em inglês). Ele explica as grandes questões

sociais, econômicas, políticas e tecnológicas que se colocam para as escolas e destaca outros desafios globais. É concordar ou concordar. Nisso existe um grande abismo entre os fatos e as soluções. Como no nosso caso, com um sem número de problemas e questões, que incomodam muito e nos põem indefesos e impotentes. Refiro-me ao financiamento da escola, ausência quase total de meios para equipar laboratórios, bibliotecas, espaços de cultura, etc. etc. Entra ano sai ano e tudo parece igual, senão pior.

Recentemente, no site do G1, foi publicada matéria da BBC “[Educação: 10 tendências que estão mudando o ensino em todo o mundo](#)”, alfinetando o setor com algumas perguntas de alto teor provocativo: Qual é o papel que a internet deve ter na educação? Quais valores as escolas devem ensinar? E como tornar o que é ensinado útil e relevante para um mercado de trabalho em mutação?

Como fazer com que os estudantes escutem opiniões divergentes das suas? Quais são as novas tendências em matéria de educação e como vão afetar os sistemas educacionais de todo o mundo?

De incômodo em incômodo vamos nos debatendo. É só ver as consequências do que aí temos e há quem insista, os sectários e intransigentes como também os que teimam em revolucionar.

A leitura do que escreveu Paulo Saldaña na Folha de S.Paulo de 12/03 ([Só cinco estados devem colocar metade das crianças em creche até 2024, diz estudo](#)) nos leva a reflexões, mas também a desistências: “Somente 5 das 27 unidades da federação vão conseguir colocar ao menos metade das crianças de até três anos em creches, até 2024, indica relatório produzido pelo Instituto Ayrton Senna”. Ele segue, “garantir vagas em creche para pelo menos 50% das crianças é uma das metas do PNE (Plano Nacional de Educação), aprovado pelo Congresso Nacional em 2014. O documento estipula objetivos para a educação a serem alcançados pelo país em dez anos.”

Vale a pena acessar os dois links abaixo:

[Fila para vaga em creche na cidade de São Paulo é a menor da série histórica](#)

[Vagas para bebês são maior gargalo na fila por vaga em creche em São Paulo](#)

Voltando a Andreas Schleicher, ao que me dediquei, resumo algumas de suas colocações (Fonte: [Educação: 10 tendências que estão mudando o ensino em todo o mundo](#))

1. Lacuna entre ricos e pobres versus mobilidade social

A distância entre ricos e pobres está aumentando e com isso se ampliam os grupos com privilégios extremos, assim como aqueles que sofrem de enormes privações.

Essa desigualdade se reflete nas escolas. Como equilibrar essa desigualdade econômica com a missão da escola de oferecer um acesso mais justo a oportunidades?

Aqui está uma solução a se dar, mas que a realidade obstaculiza.

2. Aumento do consumo na Ásia

A riqueza pode não estar distribuída equitativamente, mas está aumentando, especialmente na Ásia. A classe média global está crescendo, e 90% de seus novos integrantes estarão na China e na Índia.

Como a economia global mudará quando as populações mais educadas do mundo provenham da Ásia e não da América do Norte e da Europa?

Arrisco um palpite: não, lembrando que se hoje somos 7 bilhões amanhã, exponencialmente seremos 8 bilhões e a educação não

caminha com a mesma velocidade. Educação é a primeira engrenagem de um relógio analógico e todas as demais vão trabalhando em velocidade cada vez maior até moverem os ponteiros.

3. Crescimento da imigração

Há muito mais gente imigrando, e a Ásia assumiu o lugar da Europa como o destino mais popular dos imigrantes. Esta mobilidade traz junto a diversidade cultural, a energia e a ambição dos recém-chegados, mas também gera muitos desafios.

Sem dúvida, mas é importante frisar que não há profissionais preparados para esse novo *modus vivendi*, afora que não somos e não estamos na Ásia.

4. Financiamento

A pressão para encontrar financiamento será uma grande questão para os sistemas educacionais. As escolas deverão tomar decisões a longo prazo sobre como gastar seu orçamento, sobretudo com o aumento das exigências e expectativas. Os indivíduos também deverão entender os riscos de repentinas crises econômicas e recessões, principalmente em momentos em que crescem as dívidas pessoais.

A realidade parece mostrar outra situação quando em breve a “gratuidade” na universidade pública cessará por insustentável pelo poder público.

5. Abertura vs. Isolamento

A tecnologia digital pode conectar mais gente do que nunca, construindo vínculos entre países e culturas. Ao menos em teoria, A tecnologia também pode fazer com que o mundo seja mais volátil e incerto.

Entender como integrar a internet e outras tecnologias é um desafio para as escolas.

Não há dúvida que tecnologia tem um caráter absolutista e de elite.

Como as escolas e universidades farão para promover uma maior abertura a ideias diferentes?

Se novamente surgirem as sociedades por castas cada pizza sobreposta terá suas próprias ideias. Os algoritmos seletivados já apontam para as diferenças.

6. Humanos de primeira classe ou robôs de segunda?

Já foram feitos vários alertas sobre a ameaça da inteligência artificial para os empregos de hoje em dia. Mas os sistemas educacionais precisam equipar os jovens com ferramentas para que possam se adaptar e modernizar em um mercado de trabalho em mutação.

Nesse ponto me ocorre uma possibilidade viável: a tríplice hélice, sem a qual tudo será inexecutável.

7. Lições ao longo da vida

A expectativa de vida está aumentando, e um mercado de trabalho menos previsível faz com que cada vez mais adultos tenham que voltar a se capacitar profissionalmente.

Será necessário dar mais atenção ao aprendizado a longo prazo, para que os adultos estejam preparados para mudar de trabalho e se aposentar por mais tempo. Desde 1970, a média de anos de aposentadoria em países da OCDE aumentou de 13 para 20 anos.

É um problema frequentemente ignorado, mas será cada vez mais importante que as habilidades de uma pessoa coincidam com os requisitos dos empregos disponíveis.

Se e quando existirem empregos, que não é o caso presente no país. Vamos de 13 para 20 milhões de desempregados muito brevemente.

8. Conectados ou desconectados?

A internet é uma parte integral da vida dos jovens. Em alguns países, a quantidade de tempo que os jovens de 15 anos passam conectados duplicou em três anos. Muitos adolescentes dizem sentir-se mal se ficam desconectados.

Está aí uma realidade que não queremos aceitar, ao contrário, recusar como os bastiões do atraso.

Mas a educação ainda tem que aceitar a presença permanente da internet. Qual é o papel que ela deve ter na educação? Como reduzir seus efeitos negativos, como o cyberbullying e a perda de privacidade?

Resposta: enfrentando, face a face.

9. Ensino de valores

Todo mundo espera que a escola ensine valores. Mas, em um mundo cada vez mais polarizado, quem decide quais devem ser ensinados?

O mundo digital tornou possível que mais gente expresse suas opiniões, mas isso não garante que possam acessar informações confiáveis e balanceadas ou que estejam dispostos a escutar outras pessoas.

As escolas devem ser politicamente neutras ou promover ideias ou formas de pensamento específicas? E qual classe de virtudes cívicas são exigidas pelas democracias modernas?

10. Temas irrelevantes para muitos

A ONU diz que há cerca de 260 milhões de crianças que perdem a chance de frequentar a escola. Para elas, estes temas serão irrelevantes, porque nem sequer têm acesso a uma escola ou estão em

escolas com um nível educacional tão baixo que saem dela sem ter os conhecimentos mais básicos de escrita e matemática.

E não são poucas, milhões para quem o tempo passou e carregarão o analfabetismo para sempre, o mais absurdo e indesejável pois conduz a uma sociedade caótica.

METODOLOGIAS ATIVAS DE APRENDIZAGEM — PASSADO, PRESENTE OU FUTURO?

(26/03/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“O que eu ouço, eu esqueço; o que eu vejo, eu lembro; o que eu faço, eu compreendo.”

Confúcio

Para elaborar o artigo de hoje, me inspirei em vasto material ao qual tenho acesso diariamente e que merecem reflexão. São milhares de artigos, livros e teses de renomados professores que vão parar nas prateleiras do porão das universidades, porque na prática ninguém aplica. Vemos grandes investimentos de tempo e dinheiro em congressos, com muitas exposições, mas, ao final, as mudanças parecem ser muito poucas.

Nos últimos anos, a educação dos jovens universitários tem apresentado grandes desafios para educadores e instituições de ensino. O que se vê, em maioria expressiva, é o fazer mais do mesmo, a mesmice secular das salas de aula.

Nesse cenário educacional, as metodologias ativas de aprendizagem (que já não são tão novas; está aí o Confúcio que não me deixa mentir) surgiram para aperfeiçoar o ensino de qualquer disciplina. Funcionam, no entanto, de modo bem diferente daquelas do apren-

dizado tradicional, pois o conhecimento deixa de ser apenas transmitido para ser obtido de maneira mais ativa pelo aluno – como a palavra indica –, o que contribui para que ele aprenda mais rápido, melhor e com maior eficiência.

Aqui já coloco uma cunha, qual seja, a de que as escolas nem sempre têm gente preparada para assumir essa modalidade, porque desconhecem o “chão de fábrica”, condição indispensável para tocar o método pra frente. Mestres e doutores com suas dissertações e teses, que temos em demasia, escrevem com base nas salas de aulas da sua infância.

Os questionamentos surgem mais rápido do que as soluções propostas para educar alunos, com interesses e habilidades muito diferentes das gerações passadas. Ou seja, os jovens têm acesso e processam mais informações, em velocidade mais rápida, além de serem cognitivamente mais hábeis para lidar com desafios mentais. Cria-se, em função disso, um grande problema para os professores: como atrair e manter sua atenção e seu interesse? E não nos enganemos querendo atribuir a eles a já “manjada” dispersão de atenção, a síndrome da deficiência de atenção.

Também não se fale na preocupante falta de motivação dos alunos com impactos sobre o desempenho e as taxas de abandono escolar, pois métodos tradicionais de ensino e aprendizagem (passivos) hoje não atendem às muitas necessidades dos estudantes, como a aprendizagem significativa e contextualizada, o desenvolvimento de competências e habilidades para a vida profissional e pessoal, a visão multidisciplinar do conhecimento, o empreendedorismo, etc.

Nesse sentido, as metodologias ativas de aprendizagem se apresentam como uma alternativa com expressivo potencial para atender às demandas e aos desafios da educação atual, mas requerem uma compreensão ampla de seus fundamentos.

Assim, a grande dificuldade, hoje, é a aplicação dessas metodologias destacando-se, especialmente, a *Aprendizagem Baseada em Problemas (ABProb)* e *Aprendizagem Baseada em Projetos (ABProj)*. Outra prática comum nas metodologias ativas de aprendizagem são as aulas invertidas, nas quais o estudante tem acesso a conteúdo online para que se otimize o tempo da aula de fato, aproveitando-a para tirar dúvidas, interagir com colegas e desenvolver projetos. Seus resultados positivos têm sido incontestáveis.

O professor Dácio Guimarães de Moura, da Universidade Positivo, de Curitiba, alerta:

“Embora haja o reconhecimento do potencial das metodologias ativas, há também uma resistência nos ambientes educacionais para a implementação de novos métodos de ensino, especialmente métodos ativos. Essa resistência parece estar associada, em parte, com o que chamamos de *rigidez sistêmica* (por exemplo, medo de prejudicar as abordagens tradicionais de ensino). Essa resistência parece relacionada também com as deficiências no processo de formação de professores, o professor que não tenha experimentado essas metodologias durante o seu processo de formação, certamente terá dificuldades em aplicá-las com seus alunos. Não obstante as dificuldades, as experiências de aplicação de metodologias ativas têm apresentado resultados extraordinariamente positivos, que recomendam a sua aplicação em grande escala”.

Uma ideia central dessas metodologias, em inglês, é: *No More Passive Students*. Ou, em português: Estudantes passivos, nunca mais.

O que são, afinal, as metodologias ativas de aprendizagem? O professor Guimarães de Moura tem as respostas. Para ele, de forma resumida e esquemática, metodologias ativas são aquelas que apresentam as seguintes características: participação do aluno (em todas as dimensões: sensório-motoras, afetivo-emocionais, men-

tal-cognitivas), liberdade de escolha (considerando os múltiplos interesses e objetivos), contextualização do conhecimento (acentuando realidade e utilidade ao estudo e atividades), atividades em grupos (pautadas pelas contribuições em equipe), utilização de múltiplos recursos (culturais, científicos e tecnológicos), socialização do conhecimento e dos resultados.

E aponta algumas estratégias que podem impulsionar a implantação de metodologias ativas na escola:

1. organizar espaços administrativo-acadêmicos para incentivar e gerenciar o desenvolvimento de metodologias ativas, como núcleos e grupos de estudo e pesquisa sobre concepção e formas de implantação de metodologias ativas na escola;
2. criar condições para capacitação de recursos humanos que viabilizem a implantação de metodologias ativas na escola;
3. criar espaços institucionais para promover e incentivar a realização e apresentação pública de trabalhos realizados por alunos, professores e funcionários, no contexto de metodologias ativas, como: Museu na Escola, Feiras de Ciência, Tecnologia e Cultura, Projetos de Iniciação Científica, incubadoras, laboratórios abertos, revista para publicação de trabalhos realizados, incentivo à participação em concursos, etc.

Segundo o professor, filósofo e pesquisador José Moran, em entrevista para o portal [Desafios da Educação](#), **é urgente que a educação se reorganize**. “Existe uma clara consciência em relação ao esgotamento do modelo antigo, seja na Educação Básica ou no Ensino Superior. Esse é um movimento mundial, não só brasileiro”, opina.

Colocar em prática esses conceitos, porém, é um desafio. Para Moran, autor do livro *Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora*, **tudo que é diferente encontra resistência**. Assim, as metodo-

logias ativas, apesar de não serem uma proposta tão atual na história dos sistemas educacionais, ainda não conquistaram as docências numa escala desejável, como solução para a melhoria dos processos de ensino e aprendizagem.

Resta, portanto, a tão exigida vontade de inovar e experimentar com metodologias que podem mudar a história das escolas, das salas de aula, dos aprendizados e, sobretudo, das sociedades.

Muitas experiências já realizadas de implantação de metodologias ativas têm mostrado que os resultados compensam de forma extraordinária os esforços e os riscos enfrentados. O contexto atual da educação parece indicar que os nossos sistemas tradicionais de ensino começam a definhir, exigindo novas propostas.

Pode ser que uma dificuldade específica para que as metodologias ativas vigorem nas universidades seja a imposição de conteúdos considerados imprescindíveis. Efetivamente, um curso técnico/tecnológico não pode abrir mão de garantir que os alunos adquiram certos conhecimentos e certas competências, consideradas básicas para o exercício da profissão. Está aí a opção de compatibilizar as vantagens e as necessidades que são inerentes às diversas propostas metodológicas.

A Gen Negócios & Gestão, uma iniciativa da Editora Atlas, traz interessante artigo que recomendo a leitura: [O que é PBL? Entenda o método de aprendizagem baseada em problemas](#). Trata-se da primeira iniciativa na abordagem de Metodologias Ativas com a apresentação de Problem-Based Learning (PBL- em inglês) – antecessor das atuais Ativas, isso há quase cinquenta anos –, ou, em português, Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP).

Vale a pena ler sobre o PBL também na Wikipedia: https://en.wikipedia.org/wiki/Problem-based_learning

E, para fechar, deixo aqui um vídeo de um aluno de medicina que explica o PBL na prática.

[Link para o vídeo.](#)

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES: A DISCUSSÃO DO MOMENTO

(02/04/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“Educar é como a arte de cultivar a terra: estabelece habilidades, competências, atenções especiais, sensibilidade para aprender com o tempo, tirar lições da semente que busca germinar num meio infestado e aprender como preparar o terreno, o momento de semear, de regar... A hora de colher... Se não ficar atento às mudanças, ao tempo da semente, pode perder tudo.”

Nildo Lage

Alguns leitores que me acompanham semanalmente no Blog da ABMES podem até estranhar minha abordagem de hoje. Em princípio, pode parecer um paradoxo, que contraria o que tenho exposto em meus artigos sobre a obsolescência da sala de aula. Podem achar que o tema é desconexo ou até mesmo contraditório. Mas, dado o tratamento da mídia recentemente, o assunto virou “agenda”. Então precisamos falar sobre isso também, e essa é a complexidade da educação.

Estamos (nos) enriquecendo o mundo do conhecimento discutindo inteligência artificial, inteligências múltiplas, ensino e aprendizagem na Era Digital, inovação, ensino híbrido, etc, etc. E há um sem número de dúvidas, interrogações, perplexidades e até espantos, para não dizer temores com o que aí está e o muito que ainda virá.

Uma cobrança quase impiedosa.

Indubitavelmente já existem instituições educacionais perdendo o norte magnético e há quem esteja procurando por um Supervisor de Relacionamento com o Docente, dando a ele tarefas impensáveis até pouco tempo para não dizer esdrúxulas. Como se coordenadores e diretores não dessem conta do recado.

Não é de hoje que se discute sobre Habilidades & Competências (H&C) que devem integrar os atributos das disciplinas, em seus conteúdos. Estão falando sobre isso como se fosse a grande novidade, porém vale lembrar que o Conselho Nacional de Educação (CNE) tratou do tema em suas primeiras edições das chamadas Novas Diretrizes Curriculares. Portanto, não foi ontem, mas há décadas.

No [Blog Educação Brasileira](#), Luísa França destaca a preocupação atual sobre como ensinar e como avaliar tendo como base as H&C: “Essa questão está sendo cada vez mais discutida, em um esforço para que o processo de aprendizagem seja menos conteudista e mais focado no desenvolvimento e preparação dos alunos para os desafios do mundo atual”.

A articulista aponta o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) como um “exemplo da relevância de se pensar em um processo pedagógico baseado em competências e habilidades. Isso porque o Exame tem como orientadora uma Matriz de Referência com descritores das competências e habilidades”. Novamente uma camisa de força e um engessamento conteudístico-curricular.

Como ser menos conteudista e propiciar o desejável desenvolvimento na preparação dos alunos de modo a suportar o enfrentamento globalizado do mundo atual? Como ensinar/transmitir H&C sem que elas sejam disciplinas dos currículos, mas que apareçam no desenvolver da oferta de aulas, como uma cereja em cima do bolo?

Um pianista, um escultor e tantas outras posições já nascem com H&C? Competências, nenhuma; habilidades, algumas, talvez.

Como disse o professor Jacir Venturi, em artigo publicado aqui no [Blog da ABMES](#), com base nos estudos de Howard Gardner, as pessoas são dotadas de inteligências diferentes e, apesar da herança genética, podem e devem ser desenvolvidas pelos estímulos do ambiente, família, escola e esforço pessoal.

Diante de um mundo em frenética e constante mudança/evolução, as H&C de ontem servem para hoje? Tudo é exponencialmente alterado da noite para o dia. As certezas não chegam a se solidificar de modo a compor um estrato pétreo e um tanto perene. Acho particularmente ótimo, mas as salas de aula se tornaram num caldeirão em ebulição.

Os conceitos dos dois verbetes abrem diversas indagações e dúvidas, mostrando que são temas que devem ser estudados de forma contínua e constante para maior compreensão, para maior esclarecimento e para a utilização concreta do desenvolvimento de H&C em todos os segmentos da educação.

E agora, com o surgimento da [Base Nacional Comum Curricular \(BNCC\)](#), isso suscita enorme preocupação.

Afinal de contas, o que são Competências?

De uma forma simples, é possível dizer que detém competências aquele que tem capacidade de apreciar e resolver certo assunto, fazer determinada coisa; tem aptidão e adestramento para soluções que vão além da imaginação e de habilidades, sejam manuais ou mentais. Tais atributos são todos pertinentes à educação. Competência é uma qualidade de apreciar e resolver um problema, envolvendo a sua capacidade, habilidade e aptidão. Indivíduos competen-

tes, dentro das mais variadas atividades profissionais, tendem a ser bem-sucedidos.

As competências são essenciais para que o indivíduo tenha sucesso em sua vida social e na carreira. A forma de conduzir suas relações, responsabilidades e profissão são determinadas por sua capacidade de, a cada dia, conviver e resolver as situações cotidianas, cujos resultados são totalmente dependentes da forma como os seus problemas são solucionados. O mercado de trabalho necessita de pessoas capazes de tomar decisões, liderar, resolver conflitos, utilizar conhecimentos adquiridos ao longo do processo acadêmico.

Mas é bom enfatizar que competência não se alcança, desenvolve-se. Competência é fazer bem o que nos propomos a fazer. Aqui se pode destacar a essência etimológica do eficiente, eficácia e eficaz.

Ainda conforme Luísa França, “de maneira resumida, podemos dizer que as competências no contexto educacional dizem respeito à capacidade do aluno de mobilizar recursos visando a abordar e resolver uma situação complexa”. Simplificando bem, é o aluno *saber*, ou *saber conhecer*.

Convém aclarar que competência e desempenho podem gerar problemas no processo de ensino e aprendizagem, na interpretação de resultados. O desempenho pode ser definido como um indicador da competência, ou seja, serve para orientar professores e gestores, verificar se os alunos estão efetivamente desenvolvendo as competências. Porém, é importante destacar que desempenho fraco não é, necessariamente, falta de competência.

Quanto às habilidades, pode-se propor que a habilidade seja a aplicação prática de determinada competência para resolver uma situação complexa. Em outras palavras, é o aluno *saber fazer*. Simples assim.

Resta fundir no cadinho histórico do conhecimento umas e outras, relacionando H&C. O professor Vasco Moretto, doutorando em Didática pela Universidade Laval de Quebec/Canadá, resume essa fusão:

“As habilidades estão associadas ao saber fazer: ação física ou mental que indica a capacidade adquirida. Assim, identificar variáveis, compreender fenômenos, relacionar informações, analisar situações-problema, sintetizar, julgar, correlacionar e manipular são exemplos de habilidades. Já as competências são um conjunto de ações harmonicamente desenvolvidas e que caracterizam, por exemplo, uma função/profissão específica: ser arquiteto, médico ou professor de química. As habilidades devem ser desenvolvidas na busca das competências.”

Mas, então, por que esses dois atributos acabaram por moldar a moderna proposta educacional, por que trabalhar por H&C na escola?

A realidade é que vivemos hoje na era da tecnologia e da informação e nunca se produziu e se consumiu tanto conteúdo na história da humanidade, em todos os níveis e áreas da sociedade. Isso se deve à facilidade que temos em acessar essas informações, principalmente depois do surgimento e da expansão da internet.

A professora França é categórica:

“Nesse cenário, a escola teve que (ou deve) mudar seu posicionamento. Antes dessa revolução da informação em nossa sociedade, a escola era tida como responsável pela disseminação de conteúdos. Isso já não faz mais sentido, uma vez que os alunos têm acesso aos conteúdos independentemente da escola, podendo ainda, visualizá-los e consumi-los na quantidade, velocidade e momento que desejarem”.

Assim, a escola deve focar a proposta educacional em H&C para, preparando o estudante a lidar com situações de seu cotidiano, ser capaz de resolver problemas reais. Tal postura indica ainda o alinhamento com as tendências educacionais que destacam a importância de colocar o aluno como protagonista, sendo um agente ativo em seu processo de ensino e aprendizagem, por meio de atividades educativas extraclasse ou complementares.

A **BNCC** está fundada em aprendizagens essenciais para a formação do aluno por meio de H&C, que não se resumem a aptidões, dotes e dons. É preciso orientação, ensino e educação.

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES: A DISCUSSÃO DO MOMENTO (SEGUNDA PARTE)

(09/04/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“O ditado popular já diz: “Duas cabeças pensam melhor que uma”. Muitas vezes, pelas nossas limitações de conhecimento, nossas ideias esbarram em barreiras que podem ser facilmente ultrapassadas quando trabalhamos em conjunto com outras pessoas. Além da inovação, a troca de conhecimentos pode levar ao aperfeiçoamento do conceito inicial.”

Nex Coworking

Na semana passada, publiquei no Blog da ABMES uma reflexão sobre “Competências e habilidades: a discussão do momento”. Embora nestes artigos eu faça muito mais o papel de curador do que de escritor, ficamos lisonjeados quando recebemos comentários que dão maior densidade ao nosso texto e que agregam valor ao artigo.

Pelo peso que essas colaborações representam, optei por compartilhá-las na íntegra. Em primeiro lugar, a do médico Valter Stoiani, que também é diretor do Projeto Âncora. Em síntese, ele pergunta como entra o professor neste processo abordado no artigo anterior.

Boa noite, Gabriel! Li seu texto sobre Competências/Habilidades. Achei interessante esta abordagem, sob o vértice C/H. Porém me pare-

ceu que o foco se dirigiu mais ao aluno do que ao educador. Gostaria de ver ou ouvir sua opinião sobre algumas ideias que surgiram durante a leitura. Quando traz a metáfora do Nildo Lage sobre a semente e a terra, me ocorreu a noção de que o ATO EDUCATIVO ocorre na relação aluno x educador e que as habilidades e competências deveriam ser de ambos para que haja este Ato. Ou seja, que a semente (aluno) e educador (terra) devam ser hábeis e competentes para que a semente germine.

Assim como o mistério da germinação permanece de difícil acesso, o mistério do ato educativo também requer uma pesquisa delicada e especial. Entretanto contribuições das neurociências, da medicina e mais profundamente da psicanálise, tem jogado alguma luz sobre este fenômeno complexo que chamamos de educação.

Quando Luísa França se refere ao ato educativo como do aluno “saber conhecer”, entendo que, a nosso ver, ela se refere à sabedoria de conhecer, a beleza, a alegria e o prazer contidos no ato educativo. “Eu aprendo, porque isto me dá alegria, prazer, autoestima, dignidade, e não porque sou obrigado a prestar um vestibular ou avaliação”.

É, a nosso ver, o conhecimento desta experiência emocional de aprendizagem que pode fazer com que o aluno permaneça no aprendizado evitando a evasão e o abandono de seus projetos.

Habilitar tanto educadores e educandos a sentir, perceber e criar condições para que surja esta experiência emocional positiva, seria o grande desafio educacional nesta época de grande mal-estar na civilização. Difícil, mas não impossível, como disse Freud no século XIX.

Um grande estudioso da mente humana, o psicanalista Inglês Wilfred Bion, já nos tem dado algumas ideias do que poderíamos chamar de educação emocional e nos tornarmos conscientes do que seja uma experiência emocional.

Abraço

Recebemos também outra excelente colaboração de amigo, que considerou não haver necessidade de nominá-lo.

Meu Caro Amigo!

Teu artigo aborda dois dos três círculos concêntricos: conhecimento – competências – habilidades. Esses círculos se entrelaçam porque um depende de outro;

Quando foram instalados os primeiros cursos por módulos, cada módulo era organizado por conhecimentos – competências – habilidades;

Nos cursos de graduação, essa organização temática é um pouco mais complicada na arquitetura do currículo e esses círculos se prestam mesmo quando se destrói o currículo atual e se reinventa um outro baseado exatamente em cada disciplina – conhecimentos – competências – habilidades que elas podem conduzir. Claro que isso tem a ver com o perfil profissiográfico do curso e suas finalidades e objetivos terminais. (Veja a Portaria nº 1.432, republicada em 5 de abril de 2019)

Mas, o mais importante disso tudo, é que o mundo exige competência que pressupõe conhecimento e a competência deve gerar habilidade. Parece fácil, mas não é, porque tem gente com grandes habilidades manuais, inventivas e pouco conhecimento, mas tem competência para por em ação a habilidade.

Não é silogismo, mas esse deve ser o ciclo das coisas.

Na teoria é fácil, mas, na prática organizacional formativa, fica um pouco mais complexo. É isso que o mercado exige hoje: conhecimento – competência – habilidade, e não vou declinar cada um o que pressupõe, pois você conhece, apenas vamos exemplificar:

– conhecimento – é o ato ou efeito de conhecer, é ter ideia ou a noção de alguma coisa. É o saber, a instrução e a informação.

*– competência – o termo vem latim *competere* que significa uma aptidão para cumprir alguma tarefa ou função. Também é uma palavra usada como sinônimo de cultura, conhecimento e jurisdição.*

– habilidade – o conceito de habilidade está intimamente relacionado com a aptidão para cumprir uma tarefa específica com um determinado nível de destreza. Alguns sinônimos de habilidade podem ser: capacidade, talento, inteligência, engenho, destreza, agilidade.

Pela compreensão dos termos se justifica o que coloquei no início, é muito difícil ter competência sem conhecimento e a habilidade pressupõe, pelo menos um conhecimento de senso comum, que tem a ver também com a criatividade inventiva. Isso eu tenho um exemplo de meu empregado. Começou o curso superior, parou, mas tem uma capacidade de resolver problemas e inventar soluções que parece um doutor. Onde eu o enquadro: tem competência no que faz e habilidade no executar essa competência para resolver problemas. Tem talento, tem um dom. O resto e conhecimento para diletantismo.

Mas no mundo teórico quando se fala “De acordo com alguns autores”, a competência é a junção de talento e habilidade. Ou seja, é possível exercer uma determinada função apenas com talento ou com habilidade, mas os resultados serão sempre melhores quando as duas características estão presentes no indivíduo em questão. Uma pessoa competente é aquela que tem o talento (aptidão natural ou inata para uma certa atividade) e a habilidade (característica técnica que foi aprendida e melhorada através de uma abordagem teórica e prática).

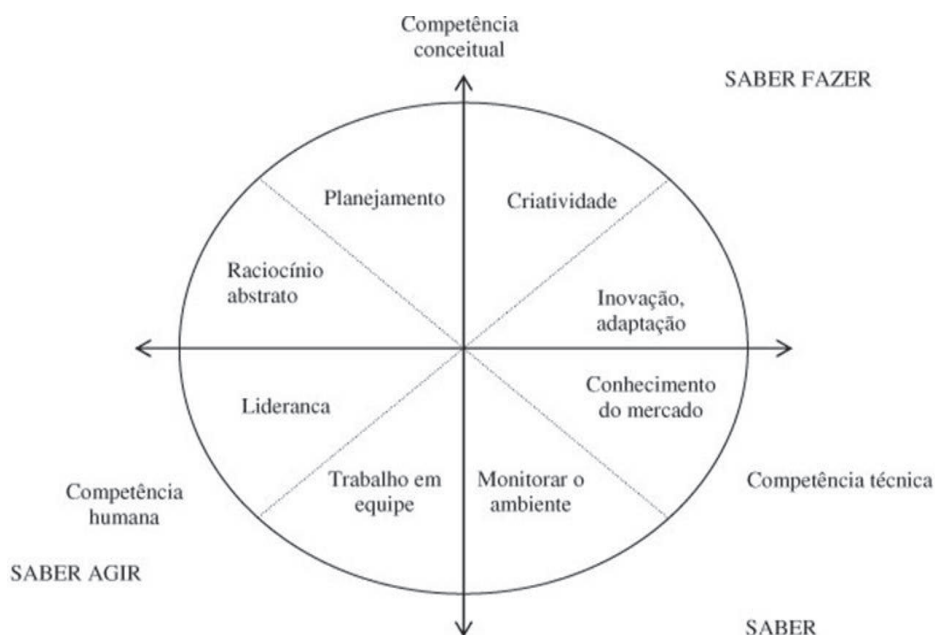


Figura 5 – Competências gerenciais básicas no âmbito das pequenas empresas.
 Fonte: Elaboração do autor (2006)

Nesse terreno, qual o papel da educação? A educação, no caso a superior, está organizada em cursos que em tese deveria oferecer conhecimento de uma certa área e de acordo com o perfil permitir que tenha competência e exercite a habilidade. (exemplo: organizar e fazer reuniões) Mas para alguns cursos isso é mais factível como no caso da Odontologia, da Medicina, da Engenharia, mas nas ciências sociais aplicadas e mais complicado.

Mas teu artigo aborda um assunto da moda e que a sociedade quer profissionais “competentes”. O que isso significa? Que tenham conhecimentos, comportamentos especiais, capacidades especiais em termos de socialidade, facilidade de comunicação, facilidade de conversão, facilidade de aceitar a opinião dos outros, sabia por sua competência resolver problemas e ajudar a resolver o dos outros. Mas ele pode ficar aí e não ter alguma habilidade que é fundamental: saber conduzir uma reunião, saber ser compreensivo, saber como se comunicar com “tato”, uma palavra que pode significa “jeito”.

Muito bom, gostei e como sempre, oportuno, lamentavelmente poucos leem... e sempre os que mais precisam...(Saiba mais sobre o tema na apresentação “Conteúdos, Competências, Habilidades e Conhecimentos: um currículo nacional para a era global)

Com meus cumprimentos e respeito pelo conhecimento, pela competência e oportunidade de saber colocar na hora certa o tema.

Um amigo e admirador

Tendo em vista essas duas abordagens, algumas considerações são importantes. O Dr. Valter tocou em um ponto fundamental e que pouca gente fala sobre isto: qual o papel dos educadores e em particular do professor? Nenhuma flor nasce sozinha. Precisa de jardineiro todo dia depois da semente plantada. Sem cuidados não vira flor.

Além disso, no meu primeiro artigo não dei tanto valor ao conhecimento e meu amigo bem coloca em sua colaboração a importân-

cia ao esclarecer a dependência dos três círculos – Conhecimento, Competências e Habilidades – e sua implantação nos currículos universitários.

Deixo aqui o convite para que os demais leitores compartilhem conosco suas experiências. Meu papel neste blog é apenas de provocador, de promover o debate e estimular a reflexão. Contudo, nada mais enriquecedor do que os relatos concretos para sairmos do campo das ideias e comprovarmos que a mudança é possível.

Quem se habilita a passar sua experiência e contribuir para conhecermos como os conceitos têm sido aplicados na prática?

Para enviar artigos a este canal, mande o texto para imprensa@abmes.org.br . E recebo também de braços abertos comentários, sugestões e, porque não, críticas construtivas sobre os temas abordados no endereço gmr2@gamaro.com.br .

O QUE ACONTECERÁ QUANDO AS MÁQUINAS FIZEREM TUDO?

(16/04/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“A ascensão da IA (Inteligência Artificial) é o maior acontecimento da nossa época. Aqueles que serão bem-sucedidos na próxima fase da economia digital não serão os que criarem novas máquinas, mas os que descobrirem o que fazer com elas.”

Malcolm Frank, Paul Roehrig e Ben Pring

Quem já passou por São Francisco, Califórnia, e resolveu tomar um café, possivelmente, conhece os irmãos Robin, Malcolm e Felipe. São três atendentes muito atenciosos que trabalham com muito sucesso e diferenciação. São robôs, conforme reportagem do Valor Econômico [Atendente-robô já serve café em lojas dos Estados Unidos](#), de 12 de abril.

Todos sabem que o mundo de serviços está mudando. Por exemplo, até 2030 qualquer pessoa que tiver algum mal-estar grave e precisar ser atendida em pronto-socorro, no lugar de ficar na fila esperando por sua vez, basta, em casa, acionar o aplicativo do hospital, que, quando lá chegar, o médico, já terá em mãos todos os exames e informações sobre sua saúde e lhe dará, com mais assertividade e rapidez, o tratamento adequado.

E como ficará a revisão do carro na concessionária? O proprietário nem precisará se preocupar, porque o próprio veículo tomará

as providências: viu que chegará o momento de ir para a oficina e, autonomamente, com todos os registros, o faz. Espera o trabalho ser executado e retorna para casa.

Esses dois exemplos e muitos outros estão numa obra que a editora Alta Books lançou recentemente esclarecendo e acirrando as opiniões dos utópicos, antiutópicos e dos pragmáticos: *What To Do When Machines Do Everything* ('O que fazer quando as máquinas fazem tudo'), indicativo para se obter bons resultados com a Inteligência Artificial (IA).

Os autores Malcolm Frank, Paul Roehrig e Ben Pring, da Cognizant¹, argumentam que, ao contrário do pessimismo que cerca as empresas e a Tecnologia da Informação (TI) no momento, estamos, de fato, na crista da maior onda de criação de oportunidades desde a revolução industrial.

O livro apresenta um modelo de negócios claro e bem definido, ajudando líderes a participar deste crescimento iminente. O modelo **AHEAD** (na sigla em inglês) descreve cinco iniciativas estratégicas — **A**utomatizar, criar **H**alos², **A**primorar, o uso de **A**bundância e realizar pesquisas e **D**escobertas dinâmicas — fundamentais para poder competir na próxima fase do comércio global ao impulsionar

1 Cognizant Technology Solutions Corp (NASDAQ: CTSI) é uma empresa multinacional americana de tecnologia da informação sediada em Teaneck, Nova Jersey, prestadora de serviços de consultoria de negócios e serviços de outsourcing. Em 2018, faturou US \$16,12 bilhões. No ano passado contava com 281.600 empregados. Foi fundada em 26/01/1994 como uma unidade de tecnologia interna da Dun & Bradstreet.

2 Para melhor nos apropriarmos desse conceito, crio uma metáfora: imaginemos um anel, como aqueles em torno de Saturno, saturado por gases; agora, transportemos essa imagem para o conceito de halo (aura) só que, em vez de gases, o que envolve o "objeto" são dados/informações digitais. Esses halos propiciam a criação de "gêmeos digitais", nova tendência na indústria 4.0 e no setor de serviços.

novos níveis de eficiência, intimidade com o cliente e inovação. O livro tem 218 páginas fascinantes, ao longo de 12 capítulos, com uma linguagem atraente, cativante, mas sobretudo instigante.

Com essa introdução, porque é a nova realidade, desejo fazer rápida abordagem de informações que chamam a atenção.

Malcolm Frank é o vice-presidente executivo de estratégia e chefe de marketing da Cognizant; Paul Roehrig é diretor de estratégia do negócio digital da Cognizant; e Ben Pring é o diretor administrativo global do Centro para o Futuro do Trabalho da Cognizant. Debaixo de muita observação e pesquisa, eles viram a razão de algumas empresas digitais como as empresas **FAANG** (Facebook, Apple, Amazon, Netflix e Google) terem muito sucesso e outras não.

Estudando junto à Cognizant descobrimos que cada uma dessas empresas, que era um líder digital, se transformou em uma empresa de inteligência artificial. Quase simultaneamente, eles estão dizendo que a IA está agora no centro de seus negócios e é o futuro de sua empresa. Fica claro que esse foi o input para o livro.

Para Paul Roehrig,

“há muitas informações que as pessoas estão escrevendo sobre IA, algumas delas com caráter amedrontador e terrível. Então, queríamos dizer: ‘que tudo isso significa para alguém que precisa tomar decisões importantes nos próximos dois, três, quatro, cinco anos? O que eles devem saber que ainda não sabem?’.”

Previsionistas de mão cheia da alta tecnologia argumentam que os líderes inteligentes de hoje estão aplicando sistemas “estritos” de inteligência artificial para impulsionar os seus negócios. No livro, que não deixa de ser um guia pragmático para sistemas de inteligência prodigiosa – chamadas de “novas máquinas” –, os autores propõem estratégias claras para extrair e refinar dados, a mercadoria mais

enigmática e valiosa no mundo de hoje. Segundo eles, essa quarta revolução industrial é muito promissora e acreditam que as empresas que estão automatizando sabiamente seus negócios, superarão seus concorrentes.

Fica evidente que é preciso mente aberta com senso de urgência para assumir o desafio. Fica implícita a recomendação dessas ideias para investidores, estudantes, executivos, gerentes e quaisquer pessoas que estejam procurando insights estratégicos e táticos sobre as aplicações atuais de IA.

Aos desavisados, porém inquietos e relutantes, ficam vários alertas subjacentes de que a era da inteligência artificial oferece enormes e inimagináveis possibilidades e que, embora alguns empregos tendam a desaparecer à medida que outros novos e melhores surjam, até 2025, os países do G7 perderão cerca de 173 milhões de empregos como resultado da automação, conforme estudo recente da Universidade de Oxford.

A boa notícia é que os novos postos de trabalho criados pelas máquinas vão compensar as perdas, emergindo dos transtornos de automação, melhoria e criação de empregos. No entanto, será preciso dominar os “três Ms” – matérias-primas, modelos de negócios e máquinas novas. A recomendação básica é sempre aplicar as estratégias **AHEAD**, guardando que, gerenciadas objetivamente, as máquinas inteligentes aprimoram (e não suplantam) as melhores qualidades humanas.

É bom enfatizar: a IA não chegará, ela já está aqui e vai bater nas nossas portas com incríveis demandas. O que o livro em realidade quer mostrar é que “1984”, de George Orwell, está distante anos luz de 2019 ou 2020 pois existem coisas, muitas coisas, que se pode fazer quando as máquinas fazem tudo e tais novas máquinas (os sistemas de inteligência que permitem essa nova revolução industrial

transformarão as empresas em empresas “intensivas em conhecimento”, muito conhecedoras).

Para Ben Pring,

“vamos atravessar uma transição super-rápida de ‘diversão digital’ com o Twitter e o Facebook, para ‘digital essentials’. Então, começamos a ver esses casos de uso decolando. Há um veículo autônomo e há consultores-robôs para tudo. Acho que daqui a dez anos seria uma má prática ter um humano lendo seus raios-x ou seus resultados de ressonância magnética, uma máquina vai fazer isso. Estamos vendo isso no setor jurídico e de repente, as pessoas estão dizendo: ‘Uau. Para onde estamos indo quando a máquina pode começar a terminar com todo o trabalho de colarinho branco?’ E é aí que algumas pessoas acordam e ficam assustadas com isso”.

Vídeo do Olhar Digital News mostra que, na França, robôs já fazem, com muito mais segurança, rapidez e eficiência, o trabalho de centenas de manobristas no estacionamento do aeroporto. Desemprego a vista.

[Link para vídeo.](#)

Os autores de What To Do When Machines Do Everything que o potencial de desenvolvimento da inteligência artificial está atraindo a atenção da mídia e sinalizando grandes mudanças nos negócios, educação, saúde, energia, manufatura e tantas outras áreas. A IA certamente já melhora o nosso mundo e em breve criará novos mundos virtuais nos quais as pessoas trabalharão.

Como nas revoluções industriais anteriores, a revolução da IA anuncia grandes rupturas, seguidas por uma onda de prosperidade econômica e social.

Ainda conforme os três profissionais da Cognizant, muitos trabalhos serão automatizados pela IA, mas muitos serão melhorados

ao longo do tempo, milhões de novos empregos serão descobertos. Para eles,

“o medo de ondas de demissões caóticas reaparece quando cada novo tipo de automação surge. Mas as novas máquinas não chegam de repente. A IA se infiltra lentamente e acelera após um ponto de inflexão. No curto prazo os empregos mudam, mas não desaparecem”.

Dentre as muitas abordagens deixadas no livro, algumas se destacam, como, por exemplo, que os dados superam outras commodities, como petróleo, carvão, aço e eletricidade, que alimentaram as revoluções industriais anteriores. Hoje elas foram substituídas pelos Dados (Big Data) e seu valor de mercado excede todas as matérias-primas antigas. O boom do petróleo transformou a sociedade assim como o boom dos Dados. Comparados ao petróleo, os dados apresentam a vantagem de ter um baixo custo de exploração e distribuição, de existir em quantidade ilimitada e de ter características exclusivas e exponenciais. Para aproveitar essa vantagem, concentre-se em gerenciamento inteligente e veja aonde os dados levam.

E o único conselho que podemos dar depois de ler o livro é que precisamos estar antenados com a IA, pois ela influenciará totalmente a maneira de ensinar e transformará o modo de fazer nossos negócios.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL DE BENGALA E CABELOS BRANCOS

(23/04/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“Inteligência artificial (por vezes mencionada pela sigla em português IA ou pela sigla em inglês AI – artificial intelligence) é a inteligência similar à humana exibida por mecanismos ou software. Também é um campo de estudo acadêmico. Os principais pesquisadores e livros didáticos definem o campo como “o estudo e projeto de agentes inteligentes”, onde um agente inteligente é um sistema que percebe seu ambiente e toma atitudes que maximizam suas chances de sucesso.”

Wikipedia

Estava de plano dar sequência ao meu artigo anterior, publicado no Blog da ABMES – [“O que acontecerá quando as máquinas fizerem tudo?”](#) – quando recebo um vídeo do pastor e coaching Carlos Maia descrevendo as incríveis transformações dos últimos dez anos: a Netflix acabou com as locadoras; o Spotify, com as gravadoras; o Google, com as enciclopédias; o WhatsApp, com os operadores de telefonia; o Uber, com os taxistas; o Booking e a Trivago, complicando a vida das agências de turismo, e muitas outras que vocês podem ver no vídeo. Tudo devido à engenhosidade da inteligência humana, agora exponencialmente apoiada pela Inteligência Artificial (IA) e pelo intercâmbio de ideias globais.

[Link para o vídeo.](#)

E para convalidar este conceito de compartilhamento é que transcrevo a colaboração que recebi do professor e consultor Roney Signorini que considera indispensável começar pelo começo, isto é, contando um pouco da história da IA:

“Extraordinário e admirável o que cientistas e estudiosos relatam sobre a história da IA que dizem ter começado na antiguidade. Razão de procurar na Wikipédia matérias que deixam a qualquer um perplexo e que permitiram esta resenha.

De início, mestres artesãos relatam o impacto, entre mitos, histórias e rumores, de seres de outros planetas dotados de inteligência ou consciência, que existem há séculos. As sementes da IA moderna foram plantadas por filósofos clássicos que tentaram descrever o processo do pensamento humano como a manipulação mecânica de símbolos.

Esse trabalho culminou na invenção do computador digital programável na década de 1940, uma máquina baseada na essência abstrata do raciocínio matemático. Esse dispositivo e as ideias por trás dele inspiraram um punhado de cientistas a começar a discutir seriamente a possibilidade de construir um cérebro eletrônico.

No século XVII, Leibniz, Thomas Hobbes e René Descartes exploraram a possibilidade de que todo pensamento racional pudesse ser tornado tão sistemático quanto a álgebra ou a geometria. Assim Hobbes escreveu que “a razão não é nada além de um cálculo”. Esses filósofos começaram a articular a hipótese do sistema de símbolos físicos que se tornariam a fé orientadora da pesquisa da IA.

Nos anos 1940 e 1950, um punhado de cientistas de diversas áreas (matemática, psicologia, engenharia, economia e ciência política) começou a discutir a possibilidade de criar um cérebro artificial. A pesquisa em inteligência artificial foi fundada como uma disciplina acadêmica em 1956. Agora, conforme a Agence France Press (AFP), o Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT) anunciou estar criando uma universidade de inteligência artificial (IA), com investimento inicial de US\$ 1 bilhão, voltada para o uso “responsável e ético” da tecnologia.

A pesquisa mais antiga sobre máquinas pensantes foi inspirada por uma confluência de ideias que se tornaram predominantes no final dos anos 1930, 1940 e início dos anos 1950, que, utilizando conhecimentos e estudos em neurologia, mostraram o cérebro como uma rede elétrica de neurônios, disparando pulsos de tudo ou nada.

Tudo começou em 1956 na Conferência de Dartmouth com a proposta temática: “Todos os aspectos da aprendizagem ou qualquer outra característica da inteligência podem ser descritos com tanta precisão que uma máquina pode ser feita para simulá-la”. No evento, os cientistas John McCarthy e Marvin Minsky, considerados os pais da IA persuadiram os participantes a aceitarem “Inteligência Artificial” como o nome do campo, com sua missão, seu primeiro sucesso e seus principais atores. Esse é amplamente considerado o nascimento da IA.

Os anos que se seguiram à Conferência de Dartmouth, digamos até 1974, foram uma era de descobertas, de corrida por novas áreas. Os programas desenvolvidos durante esse tempo eram, para a maioria das pessoas, simplesmente “surpreendentes”: computadores estavam resolvendo problemas de palavras de álgebra, provando teoremas em geometria e aprendendo a falar inglês. Poucos na época teriam acreditado que tal comportamento “inteligente” por máquinas fosse possível a todos. Pesquisadores expressaram um intenso otimismo, prevendo que uma máquina totalmente inteligente seria construída em menos de 20 anos e, conseqüentemente, agências governamentais despejaram muito dinheiro no novo campo.

Ficou óbvio que eles tinham subestimado as dificuldades do projeto. Em resposta às críticas e à contínua pressão do congresso, os governos dos EUA e do Reino Unido pararam de financiar pesquisas indiretas sobre inteligência artificial, e os anos difíceis que se seguiram seriam mais tarde conhecidos como “inverno da IA”. Sete anos depois, uma iniciativa visionária do governo japonês inspirou os governos e a indústria a fornecerem bilhões de dólares para a IA, mas no final dos anos 80 os investidores se desiludiram com a falta do poder computacional necessário (hardware) e retiraram o financiamento novamente.

O investimento e o interesse em IA aumentaram nos primeiros momentos do século XXI, quando o aprendizado de máquina foi apli-

cado com sucesso a muitos problemas, na academia e na indústria, devido à presença de poderosos hardwares.

O que de mais interessante encontrei nas minhas leituras foi a confirmação de que a inteligência artificial se baseia no pressuposto de que o processo do pensamento humano pode ser mecanizado. Então, foram desenvolvidas várias máquinas lógicas dedicadas à produção de conhecimento por meios lógicos, máquinas como entidades mecânicas que podiam combinar verdades básicas e inegáveis por simples operações lógicas, produzidas pela máquina por significados mecânicos, de modo a produzir todo o conhecimento possível. Espetacular.

Assim também, o estudo da cibernética que descreveu o controle e a estabilidade em redes elétricas, a teoria da informação que descreveu sinais digitais (ou seja, sinais de tudo ou nada, os famosos “um e zero”). E, talvez a mais importante contribuição, a de Alan Turing, que, com sua teoria da computação mostrou que qualquer forma de computação poderia ser descrita digitalmente. A estreita relação entre essas ideias sugeriu que seria possível construir um cérebro eletrônico. Eureka! Aí estava o estágio vestibular da IA.

Turing argumentava de maneira convincente que uma “máquina pensante” era pelo menos plausível e respondia a todas as objeções mais comuns à proposição. Viria a ser a primeira proposta séria na filosofia da inteligência artificial.

Pensando em todo esse contexto da IA e a aplicação na educação superior realço ainda a espetacular pesquisa do jornalista Vinícius de Oliveira, publicada no Porvir, em 21 de janeiro de 2019, que mostra os 10 fatos mais importantes que estão acontecendo sobre IA no ensino superior. Recomendo a leitura.

O documento foi baseado em “Ten Facts About Artificial Intelligence in Teaching and Learning” (Dez fatos sobre inteligência artificial no ensino e aprendizagem), produzido pela ONG canadense Contact North, financiada pelo governo da província de Ontário.”

Ao se analisarem friamente estes dez fatores, fica implícito que a IA vai transformar o aprendizado tradicional criado pelos siste-

mas educacionais, que visavam formar mão de obra para o chão da fábrica e colarinhos brancos para escritórios e empresas da era industrial – salas iguais, prédios assemelhados, currículos idênticos inflexíveis e os mesmos professores que ensinavam igualmente, o que tinham aprendido há 30 anos, para estudantes com mentes e objetivos de vida totalmente diferentes.

Quem refletir seriamente vai perceber que, se quisermos nos manter nas atividades empresariais da educação, necessariamente precisaremos colocar o IA em primeiro lugar em nossas vidas.

COMO ESTÃO OS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO NOS EUA

(30/04/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“A melhor maneira de prever o futuro é criá-lo você mesmo.”

Peter Diamandis

Para iniciar o artigo de hoje, gostaria de compartilhar com vocês uma história, de um amigo meu, engenheiro e diretor de faculdade no Paraná, cujo filho estava cursando História na USP. Toda a vez que o encontrava, vinha com a mesma ladainha: “meu filho, com História você não terá dinheiro para sustentar sua família”. O discurso era sempre o mesmo, até que no fim do segundo ano o filho chegou para o pai e disse que iria atendê-lo: “acabei de pedir minha transferência para Antropologia”. O pai quase caiu da cadeira e não se falaram por longo tempo. Só que o rapaz era bom aluno, esforçado e focado. Ficou bamba na língua da mãe, que era árabe. Fez cursos de inglês, espanhol e francês e tudo mais o que aparecia em sua área. Formado, foi fazer pós-graduação no México e, estagiando, foi convidado para aperfeiçoamento nos EUA. Final da história: o jovem é hoje vice-diretor de museu de história na Flórida e afamado professor universitário.

Na realidade, os pais sempre estão preocupados com o futuro dos filhos e as dúvidas são sempre as mesmas:

1. Com as profissões se transformando, será que a faculdade vai servir para alguma coisa?
2. Se a formação superior está ruim, por que não melhorar? Como fazer isso?
3. Esta febre dos graduados com o vírus da pós-graduação se deve a quê? À fraca(?) graduação ou é o mercado que está impondo isto?
4. Por saber que a graduação não dá conta do recado, pensam que a pós é que vai dar força na carreira?
5. Existe integração entre o sistema universitário e as empresas para adequação curricular?
6. Os empresários, contratando profissionais com cursos de pós-graduação, estão satisfeitos ou se sentem iludidos?
7. Vale mais uma pós no exterior do que no Brasil?
8. Com a pós o profissional tem mais oportunidade de emprego e passa a ter melhores salários?
9. A relação custo X benefício é ideal? O custo/investimento numa pós ou MBA compensam o empenho ou, a posteriori, o diploma fica abandonado?
10. Os empregadores, via RH de empresa, sabem o que estão contratando?

Para responder, não existindo pesquisas ainda sobre a questão, recorreremos a [Peter Diamandis](#)¹.

Personalidade inquieta, foi um dos fundadores, ao lado de Ray Kurzweil, em 2009, da Singularity University, sediada no centro de pesquisas da Nasa, que, com a parceria da Google, logo despontou como a mais badalada e inovadora universidade de educação executiva.

É bom sinalizar que Diamandis teve alguns problemas, conforme matéria crítica que a revista Época Negócios estampou em 16/02/18 ([Singularity é acusada de perder a alma e se tornar uma máquina de fazer dinheiro, segundo reportagem da Bloomberg](#)). Ele saiu arranhado com o noticiário, mas continuou sua carreira de grande visionário de empreendimentos de negócios e educação hoje não mais à frente da Singularity, da qual se afastou, mas vejamos o que diz:

Milhões de jovens e adultos em todo o mundo – além de seus pais e mentores – acabam fazendo essas perguntas todos os anos. Para ele, as escolas de pós-graduação não são todas iguais. Em áreas nobres como Medicina, Engenharia e Direito, o treinamento formal em nível de graduação fornece uma base crítica, ou deveria fornecer, para a prática ética e moral. Porém, as escolas de Administra-

1 A revista Fortune recentemente nomeou Peter Diamandis como um dos “50 maiores líderes do mundo”. Ele é o fundador e presidente executivo da XPRIZE Foundation, que lidera o mundo na concepção e operação de grandes competições de incentivo. É também o fundador da Singularity University, uma instituição de nível superior do Vale do Silício que aconselha os líderes mundiais em tecnologias em crescimento exponencial. Como empreendedor, Diamandis já iniciou mais de 20 empresas nas áreas de longevidade, espaço, capital de risco e educação. É cofundador da BOLD Capital Partners, um fundo de investimentos com US\$ 250 milhões investidos em tecnologias exponenciais. Tem dois best-sellers: Abundância – O futuro é melhor do que você pensa e BOLD – Como tornar-se grande, criar riqueza e impactar o mundo. É graduado em Molecular Genetics and Aerospace Engineering pelo MIT e possui um MD pela Harvard Medical School. Seu lema é “A melhor maneira de prever o futuro é criá-lo você mesmo”.

ção, por exemplo, estão enfrentando um problema comercial difícil. A rápida taxa de mudança tecnológica, um mercado de trabalho em expansão e a digitalização da educação estão acabando com o tradicional programa de negócios em nível de pós-graduação, não só por aqui, mas no planeta.

E dados não faltam para atestar o fenômeno: a matrícula em programas MBA de dois anos em período integral nos EUA caiu em mais de um terço de 2010 a 2016, mas nem por isso reduziu seus valores.

Outro sinal de mudança começou a preocupar quando surgiram por lá notícias sobre um esquema para desafiar o processo de admissão em cursos de graduação em faculdades altamente seletivas, envolvendo alunos matriculados por serem desportistas de competição. Isso porque estudantes já estão ajuizando processos civis multimilionários argumentando que esse “esquema” desvalorizou seus diplomas ou lhes negou uma oportunidade justa de admissão no mercado, embora, na matrícula à escola, tenham se submetido a rigorosos seletivos, o que não está acontecendo hoje. Meritocracia no processo seletivo, que, digam o que disserem seus detratores, assegura a qualidade do curso.

Também estamos vendo o declínio dos detentores de MBA, que durante décadas foi a marca da mobilidade ascendente no nível de CEO. Não só lá, nos States, como aqui. Muito em função disso, ao longo da última meia década, inúmeras escolas com programas de MBA fecharam suas portas (e o mesmo pode acontecer aqui). Em contrapartida, uma pesquisa com mais de 170 reitores de escolas de negócios em todo o mundo mostrou que muitos programas estão funcionando com prejuízo, revelando visão importante: eles mantêm o programa aberto por causa do prestígio. Independentemente do conhecimento que uma pessoa tire da pós-graduação, frequentar um dos programas mais rigorosos e de elite do mundo dá validação externa aos formandos.

Para o mundo exterior, um grau avançado na formação é um atestado de credibilidade para suas capacidades: simplesmente passar pelo filtro de uma escola superior significa(?) ter um nível de habilidades e mérito. Muito do sucesso desses programas de negócios de elite traduz-se diretamente no cultivo de redes e relacionamentos incomparáveis.

Para Diamandis, “escolas de pós-graduação – particularmente no escalão superior – são excelentes para atrair estudantes mais qualificados. De futuros investidores a consultores, amigos e possíveis parceiros de negócios, os relacionamentos são essenciais para o sucesso de um empreendedor”. E acrescenta que essa é “a única viagem com passagem de volta”. Lembrar também que uma pós nos EUA custa o olho da cara. O interessado pode nunca conseguir pagar o investimento.

É importante destacar que o aumento na atividade de aceleração de startups sugere uma tendência maior: nossas melhores e mais brilhantes mentes de negócios estão optando por investir seu tempo e esforços na obtenção de experiência prática, criando valor tangível para si e para os outros, em vez de mergulhar na teoria de salas de aula da escola de negócios.

Para Diamandis, é preciso criar o que ele chama de “strike force” (força de ataque): uma equipe de elite de jovens empreendedores que trabalham diretamente com ele em todas as suas empresas, viaja ao seu lado, participam de todas as reuniões e ajudam a construir negócios que mudam o mundo. Esses jovens estão aprendendo um ofício que desejam dominar, sob a orientação de especialistas (metalúrgicos qualificados, engenheiros, técnicos em medicina, eletricitas e outros) que já alcançaram o resultado desejado.

Graças ao poder da internet, não há limites quando se quer aprender sobre qualquer assunto de investimento, liderança, tecnologia,

marketing, gerenciamento de projetos, medicina, engenharia, a religião, filosofia, literatura ou artes em geral. Pode-se acessar um fluxo quase infinito de ferramentas, táticas e lições de vanguarda de milhares de indivíduos de alto desempenho em todos os campos do saber – instantaneamente e de graça. Sempre e onde se queira, é possível aprender com os melhores do mundo. Basta procurar porque sempre se encontra. Quem procura acha.

Diante desse contexto, como ficam o sistema educacional, como um todo; os programas tradicionais de graduação, mestrado e os modelos de aprendizado? A mentoria e o coaching virtuais são forças educacionais poderosas que estão aqui para ficar.

Se o sistema universitário não perceber essa mudança de paradigma e, junto com as empresas, ensinar seus alunos a apropriar-se dessa abundância de dados disponibilizados pela web com ética, criatividade, criticidade e cooperação, com certeza perderá o “fogete” da história.

ABMES DIANTE DO DESAFIO DA MUDANÇA DE UMA ERA

(07/05/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“Descubra como as tendências atuais podem impactar a aprendizagem daqui a dez anos e considere maneiras de moldar o futuro para que as novas gerações de estudantes possam prosperar.”

KnowledgeWorks

Tenho lembranças das férias que passava com minha madrinha em Santos. Lembro quando ela ia à Telefônica no Centro para ligar para o marido. Com toda a criançada (dois filhos e seus amigos), ela pegava o bonde 37 no Canal 1 e íamos todos esperar a sua vez de ser chamada para a ir cabine telefônica. Quando chovia, esperávamos às vezes mais de duas horas.

Em São Paulo só famílias ricas tinham telefone, as outras precisavam ir na venda de esquina, pegar o aparelho e soletrar o número para a telefonista fazer a ligação. Hoje o que era o telefone virou o “nosso” celular que todos sabem os multiusos que tem.

Exemplifiquei o telefone, mas poderíamos citar milhares de aparelhos e serviços que estão transformando o mundo. Embora, ainda, quem dá poucos passos na inovação é o setor educacional, motivo que enseja uma reflexão, quando se inicia uma nova gestão na Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES), para o triênio 2019-2022.

A ABMES foi criada em 1982 e logo fará 40 anos, com pleno e magnífico trabalho em prol da educação brasileira e das instituições de ensino superior. Nesse período, muito contribuiu para o Brasil e para o setor, que apresenta números expressivos. Nos últimos 70 anos, mais de 19 milhões diplomaram-se pelo sistema universitário brasileiro, do qual, cerca de 60% foram pelas particulares. Ou seja, sem o setor privado, nosso país não seria um dos mais importantes do mundo.

No momento em que a nova diretoria assume sob o comando do Prof. Celso Niskier, gostaríamos de mencionar todas as gestões anteriores, cujos trabalhos realizados mostram o dinamismo das atividades realizadas e a razão do prestígio que a ABMES possui. Sem dúvida alguma, a educação brasileira deve muito às diretorias encabeçadas por Candido Mendes, por Édson Franco, por mim – Gabriel Mario Rodrigues – e por esta que se encerra agora, de Janguê Diniz. O maior mérito de todos foi o de disporem de motivação e trabalho para a ABMES chegar até aqui.

Apesar não ter sido fácil nestes últimos anos, em razão do país atravessar um período inconstante na sua economia, na política e no ambiente social, a diretoria que nos deixa muito empreendeu em ações que objetivavam dar mais lastro e fortalecer a associação. Seu relatório, disponível no site da ABMES, mostra sinteticamente suas realizações, com destaque ao setor de comunicação, o de oferta de cursos, de consultoria e de eventos. Aos encontros regionais e internacionais, a Campanha de Responsabilidade Social e a criação da Ordem de Mérito. Mas, ao nosso ver, o mais significativo foi o de dar continuidade às reuniões mensais onde a pauta foi a de defender nosso posicionamento ao órgão regulador e avaliador, o MEC.

Para quem tem participado das nossas reuniões acaloradas, onde muitos temas e ideias são apresentados, sempre fica para a dire-

toria e seu corpo executivo colocar as sugestões em prática. Mas, ao nosso ver, a grande questão é como a entidade pode definir um grande propósito para marcar sua existência no panorama da educação nacional. E foi por esta razão que levou o entendimento das duas últimas diretorias de criar um órgão estratégico e avaliador, que é o Conselho de Administração (CA).

Em decorrência de mudança estatutária, o CA foi criado com o objetivo de traçar as estratégias de desenvolvimento da entidade e também para aprovar e acompanhar a sua execução orçamentária e o plano de trabalho. Conselho de Administração e Diretoria Executiva são órgãos independentes; um pensa em estratégias e outro em execução.

Neste primeiro triênio podemos dizer que o CA fez todo o possível para alcançar seu desiderato. Fato incontestado é que foram realizadas 28 reuniões com bastante discussão e participação e tudo se deveu à presença assídua, que agradecemos, dos conselheiros Antonio Colaço, Edson Franco, Carmem Silva, Manoel Barros, Hermes Figueiredo, Hiran Rabelo, Arthur Macedo, Paulo Chanan, Eduardo Soares, Janyo Diniz, Ihanmarck Damasceno e do secretário Executivo Valdemar Ottani.

Foram tratados diversos temas, desde um projeto para promover a imagem do setor de ensino particular, do apoio às pequenas IES, a aplicação de Código de ética e inúmeros outros que constam do relatório anexo que pode ser acessado [aqui](#).

Agora, para a próxima gestão, cujos membros do Conselho Relacionamos [aqui](#), pensamos que, com novas vivências e com mais experiência, outras ideias certamente virão para promover o desenvolvimento do setor. E o desafio, sem dúvida alguma, não será os 40, mas sim nos prepararmos para os 50 anos de ABMES. É um trabalho que o novo Conselho e nova Diretoria ([veja aqui a composição](#)) deverão pensar.

A lembrança de como se fazia interurbano de Santos para São Paulo na década de 1940 nos faz pensar todos os dias nas transformações radicais em que o mundo vive e qual será o futuro da aprendizagem. Razão de trazer quem está pensando nisto há muito tempo, a **KnowledgeWorks**, cujo propósito é de instigar a sociedade a se preparar para que os jovens aprendam dentro dos cenários dos novos tempos.

Faremos, portanto, um resumo do manifesto que divulgaram no fim do ano passado ([Forecast 5.0 – The Future of Learning: Navigating the Future of Learning](#)).

Estamos em uma nova era, na qual os avanços exponenciais das tecnologias digitais fazem reavaliar nossos relacionamentos uns com os outros, com nossas instituições e com nós mesmos. Há cinco causas identificados, que são forças que se combinam e que impactarão o aprendizado na próxima década e terão significado para a Educação e que são:

Automatização: Comunicação. Base de dados, Inteligência Artificial e Algoritmos estão mudando Hábitos e Costumes

Fortalecimento Cívico: Cidadãos engajados e organizações cívicas estão buscando reequilibrar o poder.

Cérebros em desenvolvimento: As pessoas tem acesso a ferramentas comunicacionais que otimizam nossa maneira de pensar.

Narrativas Pessimistas: O meio ambiente está infestado de Notícias Mórbidas que influenciam as pessoas.

Desconforto com o Futuro: As comunidades estão intranquilas em razão das transformações.

Acrescentamos a sexta que é brasileira: Propósito de vida: Valores sociais e morais, Espiritualidade Esperança, Otimismo e Pensar grande.

Predizer o futuro é matéria questionável, mas é tema de institutos internacionais que pensam no dia de amanhã, baseados no compartilhamento dos cérebros que se preocupam com isto.

Agregamos mais um, porque é uma questão básica para o país progredir e o sistema educacional tem condições de colaborar para a formação de cidadãos mais íntegros: O respeito que se deve ter em relação a si próprio, à família, à sociedade e ao país – isso se aprende desde pequeno.

É um bom desafio para termos como norte para a ABMES 50 ANOS. Deixamos aqui nossa contribuição e compromisso de colaborar ainda mais neste propósito. Ficam também registradas nossas boas-vindas ao diretor presidente Celso Niskier. Muita sorte, porque competência não lhe falta, esbanja.

A DESIGUALDADE NO BRASIL SÓ SE CORRIGE COM EDUCAÇÃO

(14/05/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“Somos um dos países mais desiguais do mundo, com gigantesco abismo entre ricos e pobres, e esses níveis extremos de desigualdades são incompatíveis com uma sociedade democrática.”

OXFAM Brasil

Há algumas semanas, em artigo publicado no blog da ABMES ([Como estão os cursos de pós-graduação nos EUA](#)), comentei sobre meritocracia no processo seletivo e um leitor manifestou-se sobre qual meritocracia eu me referia, se a dos pobres ou a dos ricos.

O leitor exemplificou que, num torneio de atletismo, para uma prova qualquer, se colocar um atleta que treina 4 horas por dia, outro uma vez por semana, outro a cada mês, outro de vez em quando e outro que nunca treinou é óbvio que teremos unanimidade, se perguntarmos, sobre quem vai ganhar a competição.

A questão é que, se nos dispusermos a resolver o desafio da desigualdade social no país, só poderemos fazê-lo conseguindo dar uma educação pre-universitária consistente a todos os jovens. Temos cerca de nove milhões de estudantes em escolas particulares e os outros cerca de 40 milhões em escolas públicas que precisam de apoio e solidariedade, não só do governo, mas de toda a sociedade. Aliás, o Brasil tem tantos desafios, mas o mais profundo é o do capi-

tal humano realmente habilitado. Precisamos ter cérebros, seriedade e criatividade para sermos uma nação de vanguarda.

A Wikipédia esclarece: “tanto a palavra mérito quanto a palavra poder têm diversos significados, o que faz com que o termo meritocracia seja polissêmico [que pode ter várias interpretações]. Um modelo meritocrático é um princípio ou ideal de organização social que quer promover os indivíduos – nos diferentes espaços sociais: escola, universidade, instituições civis ou militares, trabalho, iniciativa privada, poder público, etc. – em função de seus méritos (aptidão, trabalho, esforços, competências, inteligência, virtude) e não de sua origem social (sistema de classes), de sua riqueza (reprodução social) ou de suas relações individuais (fisiologismo, nepotismo ou cooptação)”.

A meritocracia quando se trata de assunto como modelo de justiça social nas sociedades contemporâneas levanta dúvidas e apresenta imprecisões como nesta própria definição.

Deixando os conceitos de lado, somos um dos países mais desiguais do mundo, com gigantesco abismo entre ricos e pobres, e esses níveis extremos de desigualdades são incompatíveis com uma sociedade democrática.

É o que diz a OXFAM Brasil ([Os números das desigualdades no Brasil](#)):

- Levaríamos **75 anos** para chegar ao nível de igualdade de renda do Reino Unido (de acordo com os números observados desde 1988)
- **19 anos** é o tempo que leva quem recebe um salário mínimo para ganhar o equivalente a um mês de renda do grupo dos 0,1% mais ricos do país

- **Seis brasileiros** – todos homens brancos – concentram a mesma riqueza que a metade mais pobre da população – mais de 100 milhões de pessoas
- Os **5% mais ricos do país** recebem, por mês, o mesmo que os demais 95% juntos
- **Gastando R\$ 1 milhão por dia**, os seis maiores bilionários brasileiros, juntos, levariam 36 anos para esgotar todo seu patrimônio

A economia global apoiada nas transformações da comunicação e da tecnologia vai ampliar a diferença entre os ricos e os pobres, aumentando as desigualdades de riqueza e renda pelo mundo, inclusive pela automação que existirá em boa parte das empresas.

Em seu artigo de sábado passado publicado no jornal O Estado de S. Paulo, [Assembleia da CNBB: escutar os jovens](#), o Cardeal Dom Odilo P. Scherer cita o Papa Francisco lembrando o Sínodo de 2017 O jovem, a fé e o discernimento educacional de 2017, com a declaração:

“Uma vez que a Igreja escolheu ocupar-se dos jovens, ela no seu conjunto fez uma escolha muito concreta e considera esta missão, uma pastoral decisiva, a qual deve investir tempo, energia e recursos”.

No Brasil, nenhum governo se preocupou com os jovens no sentido de serem educados convenientemente para a vida e constituírem-se o esteio para promover a extinção da desigualdade social. O ex-senador Cristovam Buarque foi o único político que colocou a [Educação para todos](#) como meta governamental e com propostas efetivas. Mas sempre dizia que essa estratégia não dava votos porque levava 30 anos para acontecer. Ele salienta que educação para todos embute sete objetivos:

- Erradicação do analfabetismo de adulto

- Alfabetização de todas as crianças na idade certa.
- Garantia de conclusão do ensino médio com qualidade igual para todos
- Cada jovem com a mesma chance na disputa por uma vaga nos cursos mais demandados
- Garantia que os selecionados para a universidade vão poder concluir seus cursos
- Confiança que os formados estarão preparados para o exercício de suas profissões
- Possibilidade de que serão capazes de aperfeiçoamento para os novos conhecimentos e profissões que surgirão ao longo de suas vidas

Sabemos que existem organismos brasileiros, como o Todos pela Educação, Fundação Lemann, Instituto Natura, Instituto Ayrton Sena, Fundação Pitágoras, Itaú Cultural e outras centenas, todos trabalhando com o maior êxito no objetivo de sanar as deficiências das escolas públicas, mas falta, ao nosso ver, ser um objetivo nacional e um programa de Estado.

Acredito que se preocupar com a solução deste tema é obrigação das instituições particulares de educação e poderia ser uma meta do novo Conselho de Administração da ABMES para analisar a viabilidade de um projeto que unisse todo o mundo, pois não duvidamos haver planos com mesmo objetivo.

Não temos dúvidas dos desafios, pois há 519 anos não se consolidou um projeto como este, juntando Estado, governo, empresas, profissionais de todas as áreas e religiões, professores, cientistas, comunicadores, estudantes, gente interessada, pobre, rico, aposentado e gente otimista.

Só a Educação tem condições de resolver o desafio de transformar um país que acredita que pode ter propostas para um futuro onde todos os jovens possam ter as mesmas vantagens competitivas para vencer na vida. Neste sentido, de forma interativa, eu solicitaria aos que estão me dando o privilégio de tê-los como leitores a gentileza de contribuições e sugestões para que possamos voltar a este tema proximamente, enriquecendo seu conteúdo. Até porque não há como se buscar uma solução sem a ampliação do debate e das reflexões.

OS ROBÔS E AS TENDÊNCIAS SOBRE O FUTURO DO TRABALHO

(21/05/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“Vivemos em uma época de mudanças revolucionárias. Você pode morar em qualquer lugar do mundo, ou fazer o que for, mas, se estiver no planeta terra, estará testemunhando uma revolução global. Estamos expostos a forças absolutamente sem precedentes. As relações humanas sempre foram turbulentas, mas as mudanças nunca foram tão rápidas como hoje. Duas forças impulsionam estas transformações. São a inovação tecnológica e o crescimento populacional”.

Sir Ken Robinson, Ph.D¹

A revista Veja desta semana traz uma reportagem interessante sobre [o robô corretor de imóveis](#). O texto salienta que, em pouco

1 Sir Ken Robinson é palestrante popular nas conferências do TED, Ele fez três apresentações sobre o papel da criatividade na educação, visualizadas no site do TED e no YouTube mais de 80 milhões de vezes (2017). [8] [9] Apresentação de Robinson “As escolas matam a criatividade?” é a palestra mais assistida do TED de todos os tempos (2017). [10] [11] [12]. Em abril de 2013, ele deu uma palestra intitulada “Como escapar do vale da morte da educação”, na qual ele descreve três princípios cruciais para a mente humana florescer – e como a atual cultura educacional norte-americana trabalha contra eles. [13] Em 2010, a Royal Society for the Encouragement of Arts, Manufactures & Commerce Animado dos discursos de Robinson sobre a mudança dos paradigmas da educação. [14] O vídeo foi visto quase meio milhão de vezes em sua primeira semana no YouTube e em dezembro de 2017 foi visto mais de 15 milhões de vezes.

tempo, não haverá lançamentos de prédios baseados em stand de vendas luxuosos, apresentações de apartamentos mobiliados e o enxame de corretores procurando vender o sonho do apartamento próprio apresentado em belíssimas locações videográficas. As estratégias de anúncios de páginas inteiras no Estadão, na TV, em revistas, distribuição de panfletos nas ruas e, ultimamente, nas redes sociais estão com os dias contados. Tudo isso vai mudar porque as empresas usarão a inteligência artificial para eliminar o intermediário humano da transação.

Isto coincide com sugestão do secretário executivo do Conselho de Administração da ABMES, Valdemar Ottani, ao me enviar para comentar artigo do CIO From IDG sobre [5 tendências do futuro do trabalho](#). Elas foram baseadas em análises realizadas pela empresa de recrutamento Robert Half, salientando que as novas tecnologias de comunicação e informação, a automação e os bancos de dados vão mudar o mundo de trabalho, advindo novas carreiras, mais eficiência e produtividade. Em síntese, os cenários são os seguintes:

- Ambientes remotos e home office produtivo;
- Conhecimento transmitido pelo EAD;
- Capacidade de auto gestão;
- Estabilidade via rede de contatos;
- Trabalhar por um propósito.

Porém, o importante em tudo isto é que enquanto os principais países estão preocupados em adequar seus sistemas educacionais, o Brasil ainda pensa como na época de Cabral.

Estou lendo a 3ª edição de “Somos Todos Criativos”, de Sir Ken Robinson (Ed. Benvirá), no qual há uma informação que nunca havia pensado. Segundo ele, tratando-se de sistemas educacionais, todos

são iguais, sejam de que regime forem: comunista, socialista, democrático, religioso, de centro, de direita e de esquerda. Todos são estruturados rigidamente com imposição de uma cultura de testes padronizados e regulamentos vários, restringindo a liberdade dos educadores de decidir o que e como ensinar. Praticamente todos os sistemas têm o mesmo figurino e a mesma hierarquia de disciplinas, quantidade de horas-aula obrigatórias ou optativas etc. Dificilmente vai se encontrar um sistema escolar que ensine dança todos os dias, da forma como é feita com a matemática.

A educação não é e nunca foi um processo imparcial de desenvolvimento das habilidades naturais das pessoas. Pelo contrário, estão destruindo o que é mais fundamental nos dias atuais, ou seja, a capacidade de vencer desafios pela criatividade, inovação e empreendedorismo.

Entre outros objetivos, os sistemas educacionais foram criados para atender a demanda da industrialização e do mercado de trabalho, iniciados há duzentos anos e sempre organizados pela inteligência acadêmica. Porém, por maiores que sejam as críticas, a humanidade, com todos os defeitos que conhecemos, produziu este mundo em que vivemos com suas inquestionáveis realizações. A inteligência artificial é criação dela e não podemos reclamar.

A arte de predizer o futuro sobre a inteligência artificial é questão de mais ou menos imaginação, pois só o tempo confirmará. O mais difícil é escrever sobre o Brasil, dadas as circunstâncias em que vivemos. O que fazer agora é o maior desafio que temos, porque governo, empresas, escolas, professores, políticos, estudantes e sociedade precisariam compartilhar as questões que nos afligem e ver o caminho a seguir. E por falar em desafios, o Ministério da Educação (MEC) tem medidas urgentíssimas a solucionar, muitas das quais expressas na [entrevista da professora e socióloga Maria](#)

[Helena Guimarães](#), experiente protagonista de questões educacionais no serviço público, publicada na edição de domingo (19) do jornal O Globo.

Ao nosso ver, é primordial a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que foi discutida por especialistas ao longo de mais de quatro anos e oferece ensino básico mais atento às necessidades atuais dos estudantes. Existem ainda as questões imediatas relacionadas ao Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e ao Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), sem esquecer da renegociação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb).

Para concluir este tema nada melhor que a Profa. Vanessa Evers, docente de Ciência da Computação na Universidade de Twente (Países Baixos), autora de quase 200 artigos científicos e editora do [International Journal of Social Robotics](#).

“Robôs e sistemas inteligentes artificialmente poderão nos oferecer habilidades exclusivas para apoiar e melhorar tomadas de decisão e entender situações e maneiras de agir. Robôs poderão contribuir ou fazer nosso trabalho de maneira autônoma. Talvez a robótica irá totalmente se integrar fisicamente aos nossos corpos humanos uma vez que diversos desafios forem superados. Além disso, iremos nos relacionar com agentes artificiais assim como fazemos com os humanos, ao nos comunicarmos por meio de uma língua natural, ao observarmos seus comportamentos e ao entendermos suas intenções”.

Quem viver, verá. E, nas circunstâncias em que o país está, é melhor enfrentar os desafios do presente para poder alimentar pretensões de pensar no futuro.

PARA ONDE VAI A EDUCAÇÃO?

(28/05/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“A BNCC levou quatro anos para ser elaborada, passou por seis ministros do MEC. Teve 3 versões, foram 27 seminários estaduais, com 9.275 participantes e consulta pública com mais de 12 milhões de contribuições.”

Fonte: politize.com.br

Na semana passada, enviei ao amigo Geraldo Cruz um vídeo que está rolando na internet de [palestra do Prof. Pierluigi Piazzi](#) (1943-2015). Ele foi excelente professor de Física do Anglo, exímio palestrante, de eloquência extraordinária, e deu aulas a mais de 100 mil alunos. Dizia que “professores não são educadores e que essa é tarefa do pai e mãe porque educação é aquilo que se recebe em casa e não na escola”.

Na semana passada, enviei ao amigo Geraldo Cruz um vídeo que está rolando na internet de palestra do Prof. Pierluigi Piazzi (1943-2015). Ele foi excelente professor de Física do Anglo, exímio palestrante, de eloquência extraordinária, e deu aulas a mais de 100 mil alunos. Dizia que “professores não são educadores e que essa é tarefa do pai e mãe porque educação é aquilo que se recebe em casa e não na escola”.

[Link para vídeo.](#)

Indagado sobre a necessidade dos cursinhos, ele foi taxativo: “é a e vidência cabal de que o ensino básico no Brasil não presta”, para, em seguida, esclarecer que o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) não mede conhecimento, mede competências. “Mede se o aluno sabe interpretar um texto, se sabe entender um gráfico, se tem raciocínio lógico e matemático”. O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) segue o mesmo caminho ([Enem 2014: apenas 250 pessoas tiveram nota máxima na redação](#)).

Sobre o PISA¹, desdenhou com pesar da nossa posição de lanterninha no certame diante de uns 60 países. E vociferou que “**o Brasil tem um dos piores sistemas educacionais do mundo**”. Em outra ocasião, foi taxativo: “a escola brasileira tem maus professores? Não. A escola tem má vontade? Não. A escola não é profissional? Sim, é. Então, qual é o problema? Sem dúvida de que é o modelo. O paradigma educacional brasileiro está completamente equivocado”. Realmente, ele tinha uma visão bem crítica da nossa realidade educacional.

Eu e Geraldo fomos colegas de ginásio, “zapeamos no mesmo grupo” e, depois de ter visto o vídeo enviado por mim, ele escreveu: “o problema é muito sério, mas gostaria de conhecer sua opinião nesse assunto. Como leigo, diria que o nível educacional no Brasil é catastrófico com tendência a piorar, com raras exceções. Não há leitura, raciocínio, dedução e construção de uma frase com sujeito, verbo, advérbio e com a devida pontuação”.

Respondi que as escolas de ensino básico particulares, em grande maioria, são bem-intencionadas e sempre procuram, dentro de seus orçamentos, oferecer o melhor. Com todos os defeitos e acertos, o

1 Resultados do PISA 2012: de 65 países avaliados, o Brasil obteve a 55ª posição em leitura, a 59ª em ciências e a 58ª em matemática, totalizando uma média de 57,3. (<https://veja.abril.com.br/educacao/avanco-do-brasil-na-educacao-perde-folego-revela-o-pisa/>)

país é o que é graças aos profissionais, bem ou mal, formados pelas nossas escolas. Disse que ele estava certo, assim como milhares de estudiosos e profissionais de educação que se manifestam sobre a precariedade de nosso ensino. No entanto, a questão é mais profunda porque as escolas públicas de nível fundamental e médio, com algumas exceções, são uma lástima, o que determina uma péssima formação educacional para os estudantes de famílias sem recursos.

A questão é antiga. No Brasil, desde o célebre “[Manifesto dos pioneiros pela Educação Nova](#)”, de 1932, que defendia a educação como uma função essencialmente pública e sem privilégios econômicos de uma minoria e que deveria ter total atenção do Estado se quiséssemos ser um país desenvolvido. Estamos ainda muitos distantes de fazer pela educação uma ação estratégica para o desenvolvimento econômico e social nacional. Todos apontam os problemas, ficam no discurso, mas falta dedicação, foco e perseverança para perseguir ações que construam a solução. [Todos comentam, discutem e criticam, mas resolver, que é bom, ninguém consegue.](#)

O modelo de ensino atual tem mais de 20 anos e foi planejado conforme anseios do século passado, quando o propósito de todos era conseguir um diploma universitário e arrumar um bom emprego. As famílias com mais recursos mandavam os filhos para fazer pós-graduação no exterior e retornarem com maior experiência às melhores oportunidades de trabalho.

A questão do Plano Nacional de Educação (PNE) atinge a todos, mas quem demanda mais aprofundamento são as escolas públicas que atendem os estudantes de baixa renda. Esses jovens precisariam ser bem formados para ocuparem bons empregos e terem acesso social a um país mais igual.

Todos os “MECs” que conheci foram organismos reguladores, fiscalizadores, avaliadores e reconhecedores de cursos. Nenhum pensou

no futuro e tampouco percebeu que sua função primordial é a de fomentar a formação de recursos humanos para o desenvolvimento da Nação. Nunca houve projeto de Estado para dar esperança de um mundo melhor para as futuras gerações. E, para não deixar a responsabilidade só para o Estado, a educação para ser solucionada precisa de um projeto nacional onde todos acreditem e colaborem. É uma causa a ser compartilhada.

E o mecanismo para isto já existe, trata-se da [Lei 13.415/2017](#), que modifica a Lei de Bases para a Educação e estabelece a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que atende os ensinos infantil, fundamental e médio e levou quatro anos para ser concretizada. Democraticamente, teve centenas de milhares de contribuições e, em síntese, tem os seguintes objetivos:

“A criação de uma Base Nacional Comum Curricular tem o objetivo de garantir aos estudantes o direito de aprender um conjunto fundamental de conhecimentos e habilidades comuns – de norte a sul, nas escolas públicas e privadas, urbanas e rurais de todo o país. Dessa forma, espera-se reduzir as desigualdades educacionais existentes no Brasil, nivelando e, o mais importante, elevando a qualidade do ensino.

A Base também tem como objetivo formar estudantes com habilidades e conhecimentos considerados essenciais para o século XXI, incentivando a modernização dos recursos e das práticas pedagógicas e promovendo a atualização do corpo docente das instituições de ensino”. (Fonte: SAE Digital)

Qualquer boa ideia, qualquer plano de viabilidade ou de ação só acontece se Estado, produtores e consumidores quiserem. Havendo razoabilidade de recursos e, principalmente, se tiver gente capacitada, entusiasmada e bem formada para executar. É um processo que leva anos para ter resultados, com uma infinidade de dificuldades e desafios diários para serem resolvidos, pois nada acontecerá se não tivermos um profissional docente preparado para o novo

papel que a educação lhe reservou: o de deixar de ser protagonista para tornar-se um orientador e compartilhador de conhecimentos.

O mundo da educação nacional, hoje, tem imensos desafios com o surgimento de novas tecnologias, em avanço exponencial, e a universidade precisando se reinventar para atender às demandas de uma nova sociedade. Há, inegavelmente, um desencanto com ela. Além disso, as famílias de menor renda não contam mais com financiamento, passam por muitas ansiedades e angústias, além da crise econômica que o país atravessa.

Se há um grande desafio a se enfrentar no presente, o que dizer do futuro que deixa toda a sociedade perplexa com os avanços que nos tomam de assalto a cada instante? Basta pela manhã assistir às notícias que são transmitidas, e nada é mais desanimador do que o relato sobre os milhões de brasileiros desempregados, fora o lugar comum da violência e insegurança total.

Já perdemos o bônus demográfico e corremos o risco de perder a geração “Z”, a quem deveríamos estar estendendo tapetes vermelhos como a salvação esperada de uma juventude sagaz, ávida, preparada, mas que tem sido pouco incentivada. Dentro deste contexto, penso que as próprias instituições de ensino superior, por intermédio de suas entidades representativas, deveriam dar legitimidade à causa da BNCC tendo em vista sua importância na formação intelectual, profissional e no exercício da cidadania de nossos estudantes. Esse posicionamento levará, como consequência, a um melhor desenvolvimento econômico, social e sustentável do nosso país.

A BNCC E O DESAFIO NACIONAL DE SUA IMPLANTAÇÃO

(04/06/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“O Brasil na década de 90 tinha o desafio que era colocar todo mundo para dentro da escola. Essa era a clareza do desafio. O que a gente está tentando dizer para a sociedade agora é: temos um novo grande desafio. Garantir que eles tenham acesso à Educação de verdade, não é o acesso a entrar na escola. É o acesso a aprender mesmo.”

Rossieli Soares

Imagine se a pauta educação tivesse a mesma divulgação que a reforma da Previdência Social está tendo. Ao menos os representantes do Congresso, do Executivo, do Judiciário e todos os brasileiros ficariam sabendo um pouco sobre a necessidade de capital humano para o Brasil se desenvolver. Temos desafios imensos a serem solucionados e que dependem da nossa sensibilidade para que passemos das intenções para a ação.

Foi o que, há 87 anos, 25 nomes da inteligência brasileira¹ sonha-

1 Fernando de Azevedo; Afranio Peixoto A. de Sampaio Doria; Anísio Spinola Teixeira; M. Bergstrom Lourenço Filho; Roquette Pinto; J. G. Frota Pessôa; Julio de Mesquita Filho; Raul Briquet; Mario Casassanta; C. Delgado de Carvalho; A. Ferreira de Almeida Jr.; J. P. Fontenelle; Roldão Lopes de Barros; Noemy M. da Silveira; Hermes Lima; Attilio Vivacqua; Francisco Venancio Filho; Paulo Maranhão; Cecília Meirelles; Edgar Sussekind de Mendonça; Armanda Alvaro Alberto; Garcia de Rezende; Nobrega da Cunha; Paschoal Lemme e Raul Gomes.

ram ao escrever o celebrado “[Manifesto dos pioneiros da Educação Nova](#)”, que em seu início declarava:

“Na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância e gravidade ao da educação. Nem mesmo os de caráter econômico lhe podem disputar a primazia nos planos de reconstrução nacional. Pois, se a evolução orgânica do sistema cultural de um país depende de suas condições econômicas, é impossível desenvolver as forças econômicas ou de produção, sem o preparo intensivo das forças culturais e o desenvolvimento das aptidões à invenção e à iniciativa que são os fatores fundamentais do acréscimo de riqueza de uma sociedade”.

A obviedade é elementar. Nunca teremos uma economia competitiva se não tivermos gente capacitada para desenvolvê-la. O maior desafio que o país tem desde o ensino infantil, é de dar oportunidade a estudantes advindos de todas as camadas sociais, que tenham acesso ao melhor aprendizado, para possibilitar usufruir de uma vida digna e feliz. É uma questão social proporcionar aos jovens uma carreira profissional, pois o número dos “NEM-NENS” (jovens que não estudam e nem trabalham) chega a 13 milhões. O desafio não é só do governo, mais sim de toda a sociedade. Sobre isso, escrevi um artigo no ano passado: [Os “nem-nem”, os “sem-sem” e agora também os “des-des”](#).

Com alguma experiência na educação, reputo que este momento é de vital importância. É hora de todos os setores da sociedade, voltados ou não à educação, independentemente do nível em que atuam, interajam, colaborem, compartilhem e fomentem a implantação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), pelo que já foi expresso na mídia e pelo declarado por especialistas em educação, citados em meus artigos².

[2 Os desafios para implantar a BNCC: os palpiteiros que nunca atuaram em uma sala de aula](#)

[Os desafios para implantar a BNCC: motivação docente](#)

[Os desafios para implantar a BNCC: vontade política, gestão escolar e qualificação docente](#)

[Para onde vai a educação?](#)

Acredito ser este um momento estratégico para o país, o de, finalmente, enfrentar e vencer o desafio de alavancar a educação nacional. A exigência de mão de obra qualificada, cada vez maior pelas transformações na produção e nos serviços em todas áreas do setor empresarial e do governo, faz com que o ensino básico se torne transcendental na formação inicial dos estudantes. Antes os alunos podiam sair do ginásio sabendo ler, escrever e fazer contas. Hoje mudou. Eles devem também sair preparados para os embates da vida de um mundo cada vez mais competitivo.

Os números são insofismáveis, pois, segundo o IBGE, 28,4 milhões de pessoas, no último trimestre, o equivalente a 24,9% dos brasileiros aptos a trabalhar, estavam sem emprego, ou trabalhando menos do que gostariam.

Minha preocupação é que a BNCC seja exitosa, não só no setor particular, pois a competitividade entre escolas e a preocupação de servir da melhor forma seus alunos é questão de sobrevivência institucional. O grande desafio está com o setor público, pois existem mais de 200 mil escolas sob sua responsabilidade.

Há duas semanas foi realizado em São Paulo um evento educacional pela Bett Educar. Escolas particulares do Brasil inteiro estavam presentes e o assunto dominante era a implantação da BNCC. O os estandes mostravam o esmero com que as editoras prepararam o material de apoio escolar.

As escolas particulares que atendem à classe média e alta planejaram seus cursos em obediência às disposições legais. Isso confirma que todos estão preocupados com a BNCC, pois tem uma proposta para melhorar o ensino básico brasileiro. Porém, em todas as considerações apontadas na mídia, o foco está sempre nas instituições particulares. Creio que a iniciativa privada já caminhou muito e assim tem esta primeira etapa definida e resolvida. Evidentemente

existem dezenas de desafios a serem vencidos, tendo em vista que muita coisa está mudando, mas está tudo pronto para as demandas serem atendidas e os profissionais estão em seus postos.

A BNCC não é um currículo pronto, com normativas exclusivas. Ela funciona como uma orientação aos objetivos de aprendizagem de cada etapa da formação escolar, sem ignorar as particularidades de cada escola no que diz respeito à metodologia e aos aspectos sociais e regionais. Resta saber se o corpo docente está realmente preparado e capacitado para a tarefa. Ou seja, cada instituição terá a liberdade de construir o seu currículo, utilizando as estratégias que julgar mais adequada em seu projeto pedagógico, desde que estejam sintonizados com a BNCC.

O prof. Rodrigo Casali, do Cepra – Centro Educacional Prof. Reinaldo Anderlini, de Botucatu, interior de São Paulo, disse:

“A principal finalidade da BNCC é dar homogeneidade à organização curricular das escolas de ensino básico para todas poderem acompanhar e as diretrizes dos processos educacionais, valendo tanto para as públicas quanto as particulares e logicamente respeitada as individualidades regionais. O que tem de novo são as competências e habilidades sócio emocionais que acompanharão transversalmente as várias disciplinas da primeira série à terceira série do ensino médio. Porém, o problema maior está no ensino médio, onde a proposta para eliminar a evasão e criar um projeto curricular por trilhas de aprendizagem, onde o aluno organize seu currículo, como quer estudar, levando em conta que apenas Português e Matemática são obrigatórios e o restante é por conta de sua opção profissional.”

Como viabilizar economicamente um projeto que dependente das escolhas dos alunos? Corre-se o risco de se ter um professor para apenas dois ou três estudantes. Outra preocupação é com respeito ao Enem, visto que não existe informação se as provas vão ser à moda antiga ou seguindo a BNCC.

Se existem desafios nas escolas particulares, imagine nas públicas. No Brasil, com poucas exceções, as escolas públicas passam invariavelmente pela falta de professores e sua formação, alta evasão de alunos, violência e falta de recursos financeiros. Mas há um tema ainda pouco debatido que é a gestão escolar, ou seja, o papel dos diretores que lidam na ponta com as crises enfrentadas pelas escolas. Mesmo sendo o profissional que tem o maior número de responsabilidades dentro das instituições, não há nenhuma política pública voltada à sua formação e atuação no Brasil. O descaso é tão significativo que, segundo um levantamento do jornal Folha de Paulo, em 2015, 45% dos 55 mil diretores brasileiros tinham chegado ao posto por indicação e não por valorização de carreira ([45% dos diretores da rede pública chegam ao cargo por indicação](#)). Ou seja, a saúde das escolas públicas as leva para uma UTI com reflexo imediato na implantação da BNCC.

Outras agravantes assoberbam a implantação como a de que as unidades públicas não têm a autonomia desejável, no caso de não terem um quadro docente capacitado e existem muitas dificuldades para contratações. As disciplinas alternativas/optativas podem não sair do papel em razão do pequeno volume de optantes e a diversidade de opções, além da eventual falta de docentes, a carência de recursos pode inviabilizar a implantação, no desenvolvimento do horário integral pois isso elevará despesas na folha salarial, quanto às competências sócio emocionais as escolas não têm um quadro satisfatório que contemple as exigências e o prazo para a implantação é curto, etc. etc.

A incorporação da tecnologia no ensino também deve ser pensada nesse processo, já que os alunos estão cada vez mais conectados e atentos aos assuntos disponíveis na internet e não conhecemos como ela está nos municípios longínquos. Será que a Secretaria de Educação Básica do MEC teve tempo de pensar em tudo isto?

A tese que defendo é que educação não é desafio só de governo. É questão nacional e há necessidade de todos colaborarem. Penso que o setor particular pode contribuir para a BNCC dar certo, por exemplo, colocando suas instituições junto às Diretorias/Delegacias de Ensino para discussões e aprofundamentos da temática, disponibilizando espaços e pessoal para troca de ideias, para a efetiva operacionalização. Outros organismos, como a Fundação Lemann, o Todos pela Educação, o Instituto Ayrton Senna e tantos outros, têm um vasto material a ser disponibilizado, de imensa valia.

A melhoria da educação é uma cruzada que deve mobilizar todos os atores sociais se quisermos um futuro melhor para o país.

O “CAMINHO DAS PEDRAS” PARA IMPLANTAR A BNCC NAS ESCOLAS PÚBLICAS

(11/06/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“Não se preocupe com as pedras no caminho sejam elas grandes ou pequenas. As grandes a gente pula e as pequenas a gente chuta.”

Edgar Morin, sociólogo e antropólogo, participou do [3º Congresso Sociomoemocional Liv – Laboratório de Inteligência de Viva](#)

, realizado no Rio de Janeiro nos dias 7 e 8 de junho. Com mais de 30 livros publicados é, sem dúvida, não só um cientista da educação, como um defensor do ensino como uma forma de enfrentar as incertezas em tempos de crise.

Perto de fazer 98 anos de idade, ele foi categórico em entrevista ao jornal O Globo ([‘Resistir às incertezas é parte da Educação’, diz Edgar Morin](#)). Com bastante lucidez, é taxativo em declarar que “na Educação, em tempos ditos normais, ensinam-se certezas, e não incertezas”. E em tempos conflituosos como o que vivemos, as crianças precisam estar preparadas a conviver com as dificuldades e com os desafios.

O erro faz parte do aprendizado, completamos nós, e os jovens precisam estar preparados para conviverem com um mundo difícil e com os desafios de um futuro transformador que os espera.

É por esta razão que nos últimos artigos estamos observando que todas as instituições educacionais devem se preparar para as mudanças exponenciais que os ambientes sociais, econômicos e políticos estão criando devido ao contexto de tecnologia, comunicação e informação. É fundamental fortalecer a implantação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), desde o infantil ao ensino médio, com objetivo de formar pessoas aptas a enfrentar o desafio das ocupações do futuro.

Já escrevemos que as escolas particulares sentem o problema e, para oferecer o melhor curso a seus estudantes, empenham-se cada uma a ter um programa curricular que atenda esta transformação digital e competências socioemocionais que a realidade impõe. Mudar um currículo educacional já é difícil. Imagine implantar uma nova etapa, onde o aluno é protagonista e não mero assistente desinteressado. É desafio incomensurável.

Os dados do relatório “[Competências e Empregos: Uma Agenda para a Juventude](#)”, divulgado pelo Banco Mundial no ano passado, são terríveis para o Brasil. O relatório aponta que metade dos jovens brasileiros estão ameaçados pelo desemprego e pela pobreza.

- 11,2 milhões pertencem aos “nem-nem” – não estudam e não trabalham
- 2,2 milhões só estudam, com defasagem;
- 8,8 milhões só trabalham, na informalidade;
- 2,8 milhões trabalham na informalidade e estudam.

Estes dados são alarmantes e refletem o país desigual que temos e que só pode ser resgatado se tivermos motivação e propósito de mudar, o que, em suma, começa pela Educação. É desafio da sociedade e do Estado, principalmente para criar um país mais desenvolvido e com oportunidades para todos.

E por perceber que o governo está muito pouco sensível a isto é que apresento uma oportuna colaboração recebida do Professor Raulino Tramontim que mostra “o caminho das pedras”:

1. *Esse tema provoca uma reflexão muito interessante para discutir o papel dos diferentes atores que deve atuar na implantação das BNCC;*
2. *Observe primeiro qual o papel do Governo Federal. Primeiro, o CNE aprovou a proposta que foi homologada pelo ministro e inclusive traçou os diferentes (vamos chamar de) módulos;*
3. *Mas temos a LDB que diz que o ensino básico e de competência de estados e municípios e aí começa o problema. Os estados brasileiros são extremamente heterogêneos em seus sistemas educacionais, desde os mais pobres aos mais ricos;*
4. *E aí como fica?*
 - a. *Precisamos fazer a modelagem de implantação das diretrizes para adaptação a cada sistema observando as regras básicas na área pública, pois a área particular, como você bem disse, sabe se organizar e planejar melhor;*
5. *Observe que o MEC está parado e não consegue montar um plano de ação que compreenda:*
 - a. *Reunião com os secretários de educação de cada Estado para que apresentem os números de seus sistemas o mais detalhado possível para saber com o que vamos lidar. Por exemplo: quantos professores precisam de atualização? Sem contar o problema da infraestrutura que exigira um investimento pesado que na atual conjuntura é inviável... não há grana nem para as despesas obri-*

gatórias, quanto mais para investimentos necessários sem o que não dá para implantar as diretrizes;

- b. *Organizar uma pauta de treinamento técnico sob responsabilidade da SEB que faça reuniões em cada estado para viabilizar grupos de disseminadores para os municípios;*
- c. *Ao MEC cabe analisar quanto cada Estado vai precisar para investimentos e os Estados devem apresentar quando cada município vai precisar também para investimentos;*
- d. *Treinar a modelagem na pratica, pois tudo mudou e não e fácil... eu sei por que fui professor alfabetizador e lecionei em escola multiseriada, nos ginásios orientados para o trabalho e também no técnico-científico;*
- e. *Deve ser implantado para iniciantes e não para quem já está no sistema, pois a adaptação criaria problemas mais sérios do que se imagina. Adaptação e sempre problemática.*
- f. *Acompanhamento pela SEB-Secretaria do Ensino Básico, monitorando em tempo real cada estado e para tanto o governo deve obrigar os estados a implantar a internet em cada escola e os municípios também. Temos satélite disponível e a há um programa onde o governo federal doa a antena e a instala cabendo ao governo local providenciar o terreno e a manutenção do equipamento. Até gora não passa de 230 municípios que aderiram, sinal que ou não entenderam a importância da internet ou é omissão mesmo.*
- g. *Para que tudo isso funciona, o MEC deve celebrar um pacto federativo (não gosto do termo pacto, mas não encontro um melhor. Talvez termo de compromisso ou responsabilidade) com cronogramas bem definidos, tarefas indicando os responsáveis e o mais importante acompanhamento e avaliação seria onde quem não cumprir o dever de cada deve sofrer algum tipo de penalidade .O MEC não pode ficar no papel de enviar dinheiro do Fundeb e do*

salário educação sem controle efetivo... ninguém sabe a verdade dos números.

6. *A palavra desafio é apropriada, pois para assumir qualquer desafio tem que haver vontade política e me parece que aí começam os problemas. Hoje não há vontade política para isso.... estão preocupados com ideologia para dizer pouco... tanto que vai acontecer na USP o encontro dos ex-ministros da educação para fazer um documento e encaminhar ao MEC. (Ex-ministros criam Observatório em defesa da educação)*
7. *A geração atual tem pressa e nossos dirigentes não! A educação tem pressa, pois estamos atrasados para não dizer perdendo tempo precioso... Já perdemos muito, enquanto noutros países a iniciativa privada dá passos importantes no setor colocando-se na vanguarda da boa gestão tanto pedagógica como administrativa;*
8. *Também precisamos cutucar o CNE para que comece a revisar as licenciaturas que formam os professores para que suas propostas tenham afinidade com as novas BNCC. Talvez ao invés de licenciaturas deveríamos ter um Programa de Formação de Professores para o ensino básico, formado por diversos módulos que certificassem os professores que ao longo do tempo poderiam ir subindo fazendo novos módulos.... Precisamos pensar diferente... ainda não sei como, o que sei que nossas licenciaturas não servem mais. E o mais problemático elas não são avaliadas e nesse cenário o ensino particular forma mais de 69% dos licenciados em pequenas faculdades principalmente. Mas pior ainda, quem vai fazer licenciatura e o pobre que não consegue algo melhor.....*
9. *Daí precisamos pensar como fez a Coreia do Sul e criar um Instituto de Formação de Professores em cada região;*
10. *Creio que devemos colocar na pauta das prioridades em tudo a questão da implantação das Diretrizes tanto no ensino básico, quanto no ensino médio se não quisermos morrer na praia, pois a cada dia rece-*

bemos alunos pior preparados nos processos de entrada nas escolas superiores e aí ter um diploma universitário não é sinal de saber, precisa apenas pagar a mensalidade e deixar o tempo passar para receber um inútil diploma.

Como primeiro passo, a iniciativa particular que tem acesso à maioria dos municípios brasileiros podia promover programas de instalação de antenas nas escolas municipais, que ainda não têm acesso à internet. E depois orientar como os professores podem usar a rede em benefício do aprendizado. Enfim, ensinar a encontrar o caminho das pedras. Esta é apenas uma sugestão, mas muito mais pode e deve ser feito. Precisamos começar a chutar as pedras pequenas que estão no caminho do desenvolvimento.

SEMESP E SEUS 40 ANOS — AS BODAS DE RUBI

(18/06/2019)

ACESSE AQUI

“Um líder tem a visão e a convicção de que um sonho pode ser alcançado. Inspira força, audácia e energia para obtê-lo.”

Ralph Nader

Há um fato relevante para ser registrado: não havia nenhuma universidade brasileira nos 20 anos iniciais do século XX, enquanto na América espanhola já existiam 27. No Brasil colônia, as famílias ricas enviavam seus filhos para estudar nas universidades portuguesas de Coimbra ou de Évora. A primeira universidade brasileira foi criada às pressas, para poder conceder o título de “doctor honoris causa” ao rei Alberto I, da Bélgica, por ocasião das comemorações do centenário da Independência.

Como nação emergente, o Brasil dava seus primeiros passos. A industrialização começa a se desenvolver a partir do governo de Getúlio Vargas (1930-1945 e 1950-1954) a expandir com Juscelino Kubitschek (1956-1961). E a Educação Superior tem a mesma caminhada. Em 1935 foi criada a USP – Universidade de São Paulo. As universidades católicas, a partir dos anos 1940 e as públicas com maior evidência, a partir dos anos 1950. Eram poucas as instituições particulares, que são estimuladas a serem fundadas quando o MEC era dirigido por Jarbas Passarinho, em 1965, graças também à primeira Lei de Diretrizes e Bases, de 1961.

Nos anos 1970, com a crise dos excedentes, estudantes aprovados nas federais e que não podiam ser matriculados por inexistência de vagas, houve necessidade de se atender a esta demanda. É ocasião do ensino superior particular desenvolver-se para suprir a sociedade na formação de profissionais de para o desenvolvimento. Ensino universitário era só para a classe de maior poder aquisitivo e, graças a escola particular, a classe média pode estudar.

É dentro deste cenário que o Semesp – Sindicato de Mantenedoras do Ensino Superior de São Paulo surge, em 1979, para defender a causa da educação e os legítimos interesses dos associados.

Foi, portanto, com grande júbilo que na semana passada, dia 13 de junho, o Semesp celebrou seus quarenta anos de história: as Bodas de Rubi – pedra vermelha que lhe empresta a beleza, força, garra, amor e paixão. O Semesp antecipou-se às necessidades, estabeleceu novos caminhos, cercou-se de profissionais competentes e de vivência na área. Acreditou na inteligência coletiva e a estimulou. Concentrou-se nas soluções e escutou seus afiliados.

A celebração destes primeiros quarenta anos foi cerimônia empolgante por estarem presentes o prof. Ernani Bicudo de Paula, presidente no período 1981/1987; o prof. Paulo Gomes Cardim, presidente de 1987 a 1993; eu, de 1993 até 2004, e depois o atual presidente Hermes Figueiredo.

O primeiro presidente foi o prof. Luiz Paulo Schiavon, da Osec – Organização Santamarense de Educação e Cultura, hoje Unisa – Universidade Santo Amaro, que liderou a entidade juntamente com Ari Silvério, da PUC; com frei Caetano Ferrari (hoje bispo de Franca), da Universidade São Francisco, e com frei Constâncio Nogara, da Casa Nossa Senhora da Paz de Bragança, entre outros.

O prof. Hermes de Figueiredo abriu a solenidade de comemoração dos 40 anos fazendo uma retrospectiva. Ressaltou o trabalho realizado por todas as diretorias que lhe precederam, cada qual a seu tempo vencendo os desafios institucionais, políticos, econômicos e de desenvolvimento educacional. Destaque para Luiz Paulo pela conquista da carta sindical e de primeiro presidente; Ernani pela consolidação e credibilidade do início do Sindicato; Paulo Cardim pela acuidade política e compra da primeira sede própria à rua Apenninos 378 e a minha gestão por ter adquirido a atual sede e implantado uma nova estrutura organizacional, com a criação das assessorias Jurídica, Educacional e Econômica, e ampliado a oferta de atividades e pesquisas, bem como a realização de eventos como o Fnesp e o Conic. Cada diretoria com seu esforço para um Semesp mais representativo.

Nos últimos dez anos sob o comando do prof. Hermes, o Semesp profissionalizou o quadro organizacional, dando à entidade uma feição mais eficiente. Passou a influir mais intensamente na formulação de políticas públicas para a educação, buscando assegurar a adoção de estratégias capazes de garantir a qualidade, relevância e equidade social do ensino acadêmico, como sugerir ações para impulsionar a expansão da oferta de oportunidades educacionais adequadas, de forma que as pessoas possam ter efetivas oportunidades de realização pessoal e de inserção no mercado de trabalho.

Foram abertas diversas frentes, produzindo pesquisas e organizando eventos que auxiliam o processo de gestão do ensino superior dos associados, a partir da produção de indicadores relevantes e da elaboração de análises, estudos e publicações de valor. Tudo com o único e importante propósito de permitir que as instituições de ensino superior privado cumpram com eficácia sua missão institucional em benefício da educação do país.

Foi graças a todo esse esforço que o Semesp se consolidou como um dos principais centros de produção de conhecimento do segmento de ensino superior, tornando-se referência junto à sociedade brasileira e também dos organismos nacionais e internacionais.

Ha uma série de iniciativas, como a expansão do Fnesp; a intensificação das Jornadas Regionais; a realização das Missões Técnicas Internacionais; a criação da Universidade Corporativa Semesp, assim como das Redes de Cooperação; e pela presença do Semesp em diversos congressos nacionais e internacionais, a tornar-se a única entidade brasileira da Rede de Associações Latino-Americanas.

Foram também emocionantes as palavras da vice-presidente Lúcia Teixeira, da universidade Unisanta, ao destacar o trabalho dos pioneiros ao vencerem os desafios da autorização de funcionamento das primeiras Instituições de ensino superior paulistas. Tomando como exemplo seu pai Milton Teixeira, ao comprar com a venda de sua casa uma escola de ensino fundamental que foi a semente da atual universidade.

É pena que no espaço deste artigo não dê para descrever o sentimento de orgulho que perpassou pela mente dos presentes nesta cerimônia comemorativa, ocasião em quando foi lembrado o Museu do Empreendedor do Ensino Superior que o Semesp começa a organizar para memorizar os empreendedores educacionais desse tempo. E logicamente foram lembrados Eletro Bonini, Mauricio Shermann, Antonio Veronezi, Reinaldo Anderlini, Azurem F. Pinto, Gilberto Padovese, Manoel Bezerra de Melo, Marcio Mesquita Serva, Vitorio Lanza, Rubens Lopes Cruz e outros como Antonio Carbonari, que vieram depois.

Toda a história relembra e os importantes personagens resgatam a própria trajetória da educação superior brasileira. Atualmente, há no Brasil cerca de 2.150 instituições de ensino superior privado,

o que representa 88% do total. São 25 mil cursos oferecidos com 6,24 milhões de alunos matriculados, dos quais 75% do total são das particulares. E a participação econômica do ensino superior privado saltou de R\$ 4,5 bilhões em 1993 para R\$ 70 bilhões em 2017.

São oferecidos anualmente 420 mil postos de trabalho, sendo 212 mil professores, dos quais 156 mil mestres e doutores. Nossas instituições também incorporaram há tempo a gestão com responsabilidade social, buscando soluções alternativas para problemas sociais do país. Além de oferecer programas próprios de concessão de bolsas de estudo integrais, nossas instituições desenvolvem anualmente mais de 23 mil projetos sociais por ano, impactando 59 milhões de pessoas nas comunidades de seu entorno.

Esses números refletem o quanto o setor privado de educação superior tem contribuído, nos últimos 40 anos, para o desenvolvimento econômico e social do país, através da formação de mão de obra qualificada, inclusive para a administração pública.

As instituições particulares se consolidaram e têm uma experiência em formação educacional que precisa ser levada em consideração se quisermos vencer os desafios de formação de capital humano para o desenvolvimento nacional. O desafio do futuro é formar gente capacitada a acompanhar o exponencial desenvolvimento tecnológico, zelar pelo meio ambiente e construir um mundo menos conturbado, onde todos possam ter melhor qualidade de vida.

É por isso que a experiência dos quarentões da educação deve ser aproveitada num momento onde a educação brasileira está paralisada, na expectativa de definições de boas políticas públicas para formar gente capacitada a vencer o mundo do futuro.

NA VIDA, REALIZAR VALE MAIS DO QUE MIL PALAVRAS

(25/06/2019)

ACESSE AQUI

“A criatividade e a inovação são a força de ação dos empreendedores. Mas nada acontece se eles não pensaram antes em quem vai transformar os sonhos em realidade. Se não tiver gente capaz, nada sairá do papel.”

Adaptado de Peter Diamandis

Alexandre Moreno, diretor de Serviços na empresa [Mercado Eletrônico](#), tem abordado em seus artigos publicados no site E-Commerce News pontos interessantes sobre as novas tecnologias que geram reflexão não somente sobre o comércio eletrônico, mas que podem ser aplicadas a diversos setores do mundo atual. Se antes tínhamos a sensação de que a tecnologia avançava lentamente, hoje percebemos que, a cada ano, temos uma novidade anunciada e que devemos considerá-la rapidamente, se quisermos continuar competindo.

Moreno ressalta que o mercado atual exige que sejamos capazes de nos preparar para o que está por vir, nos projetando para o amanhã e prevendo situações. Com a concorrência cada vez mais acirrada, despontarão as organizações e realidades que adotam ideias avançadas, capazes de desenvolver soluções pelo menos dez vezes melhores, mais rápidas e de menor custo que o das empresas concorrentes.

Nesse contexto, o pensamento exponencial, segundo Moreno, pode transformar os processos, pois, em um mercado em constante transformação tecnológica, empresas devem antecipar soluções e preparar seus colaboradores para que vivenciem esse novo cenário a fim de manterem-se atualizadas.

Antes o ser humano era o ponto principal nessa transformação; hoje a tecnologia ganha força e passa a criar novos conceitos, ficando lado-a-lado do profissional humano. Vale lembrar que o conceito de crescimento exponencial pode ser utilizado para entendermos tal evolução: o pensamento explica que a curva da evolução tecnológica não é linear, uma vez que sua capacidade e potência dobram a cada 12/24 meses, enquanto o valor de produção e comercialização continuam os mesmos.

Com isso pode-se entender que o recado foi muito bem dado ao nosso público-alvo, que é o responsável por preparar todo o capital humano capaz de enfrentar o desafio: as instituições de educação superior. Elas precisam, cada vez mais, dar solução, aplicabilidade, efetividade no fazer. Os estudantes precisam aprender a executar.

Uma ótima colaboração surge com a participação de Peter Diamandis¹, já citado por mim em outros artigos. Um guru quando o assunto é Singularidade, Futuro e Inteligência Artificial. Como ele domina muito bem o tema, desenvolveu um modelo do crescimento que pode ser aplicado para aperfeiçoar os processos. Nesse foco, ele traz os seus 6 Ds:

1 Engenheiro, médico e empresário greco-americano mais conhecido por ser o fundador e presidente da X Prize Foundation, o co-fundador e presidente executivo da Singularity University e co-autor dos best-sellers pela New York Time “Abundância: O Futuro É Melhor do Que Você Pensa” e “BOLD”.

- **Digitalização** – Ter uma tecnologia incorporada ou desenvolvida exclusivamente para algum negócio faz parte de qualquer empresa. Por exemplo, na área de suprimentos, tal evolução é percebida quando processos de vendas e gestão de fornecedores são automatizados. O que antes era feito em meses, hoje pode ser feito em semana ou até dias. A alta disponibilidade de dados permite ainda que decisões possam ser tomadas rapidamente. A vida hoje é toda digital;
- **Decepção** – Mudanças nem sempre são bem-vindas e, muitas vezes, a tecnologia ainda sofre resistência em muitas empresas. O importante nessa fase é ter resiliência e saber analisar o que funciona e o que pode ser descartado, evitando assim o esforço em tarefas que não dão resultados;
- **Disrupção** – Tecnologia disruptiva é aquela que abala um determinado mercado existente. Alguns setores das empresas já adotam tecnologias que permitem transformações na área para acompanhar o pensamento exponencial e mudar a maneira que seus colaboradores fazem negócios;
- **Desmonetização** – Nesta fase, a tecnologia é fundamental, pois oferece soluções facilitadoras que não devem, necessariamente, representar um alto investimento. Já existem no mercado parceiros aptos a ajudar nessa desmonetização, mostrando, de forma efetiva, que um real de economia em qualquer área representa um real de lucro para a organização;
- **Desmaterialização** – Esta etapa permite enxergar que ferramentas antigas deixaram de agregar valor e podem ser substituídas por outras mais efetivas. Com o crescimento exponencial da tecnologia, o acesso às novas plataformas se torna cada vez mais possível;

- **Democratização** – Todos devem ter acesso e estar presentes, seja no meio físico ou digital. Hoje, para atingir um cliente ou fornecedor, é preciso ter acesso à empresa por meio de diferentes plataformas, com todas as expectativas e necessidades supridas. De maneira geral, somos capazes de criar futuros desejáveis independente do negócio e da área que atuamos, tudo depende da maneira que enxergamos e transformamos o negócio para um futuro digital.

Como se vê, na universidade todos os cursos de um modo ou outro são atingidos pelos conceitos exponenciais relatados por Diamandis. E o desafio é ela estar preparada e em condições adequadas para que sua administração e corpo docente estejam absolutamente conscientes de tais conteúdos/conhecimentos e aprendizados, sejam de domínios de seus estudantes para o novo, para a mudança, para a transformação que é inexorável. Os cursos devem não só preparar seus alunos, mas, antes, estar preparados com docentes competentes para assumir as realidades atuais, de um ambiente imensamente competitivo, mas também compartilhado.

O desafio, portanto, é compatibilizar a escola que carrega o ensino do século XIX, os professores formados no século XX e os alunos nascidos no XXI com a exponenciabilidade que surge a cada instante. E não se trata somente de visão e postura. Parece que Diamandis sempre tem mais uma bala no tambor e acaba de se sair com mais uma em recente artigo: [Quem, não como](#)

. No texto ele coloca o que pode ser uma grande realidade: “Quando a maioria dos empreendedores enfrenta um desafio, a primeira reação é perguntar ‘como resolver esse problema?’”.

Junto a Dan Sullivan², CEO da Strategic Coach, eles criaram um poderoso atalho de gestão para o sucesso, de um vigor sem igual, e, melhor, de uma certeza e convicção inabalável: “Não pergunte COMO. Em vez disso, pergunte QUEM”.

Ambos têm um blog/podcast sobre pensamento exponencial ([Exponential wisdom](#)). Nada mais adequado. A proposta da dupla é colocada de maneira assertiva, quase dogmática, pois é isso mesmo o que fazemos no cotidiano, perguntando sempre e, antes, COMO fazer isso ou aquilo. Sem perguntar primeiro se temos/existe alguém, o QUEM fará?

Quanto valor se está deixando para trás porque não se tem um QUEM, considerando que, como empreendedores, cada um tem um fluxo constante de ideias e novos projetos, e se forem implementados podem agregar um valor massivo incalculável. Por decorrência, é muito natural que caiba a pergunta terminal: “Com QUEM eu vou contar para implementar este projeto?”

É uma mudança radical e absoluta no jogo. E é bem a realidade, porque estamos programados para mergulhar direto no COMO sem pensar em perguntar a QUEM? O grande dilema do empreendedor...

2 Fundador e presidente da The Strategic Coach Inc. Um visionário, um inovador e um talentoso pensador conceitual, Dan tem mais de 35 anos de experiência como palestrante, consultor, planejador estratégico e coach altamente respeitado para indivíduos e grupos empresariais. Forte crença de Dan e compromisso com o poder do empreendedor é evidente em todas as áreas da Strategic Coach® e seu programa de treinamento bem-sucedido, que trabalha para ajudar os empresários a atingir seu pleno potencial, tanto em suas vidas pessoais e de negócios.

Ele é autor de mais de 30 publicações, incluindo The Great Crossover, The 21st Century Agent, Creative Destruction e How The Best Get Better®. Ele é co-autor de The Laws of Lifetime Growth e The Advisor Century.

Dan e Babs Smith, sua parceira nos negócios possuem e operam em conjunto a Strategic Coach Inc., com escritórios em Toronto, Chicago, e o Reino Unido. Novas oficinas também estão sendo realizadas em Los Angeles e Vancouver.

Aí vem Dan Sullivan explicando: “nosso sistema educacional desempenha um papel importante no porquê de perguntarmos a COMO e não QUEM desde o início. Com exceção de algumas escolas de ponta, o sistema educacional é projetado para preparar as pessoas para uma vida de COMO”.

Crianças em salas de aula tradicionais em todo o mundo são classificadas em COMO resolvem problemas particulares por conta própria. Quando você sai da escola, precisa colaborar e delegar para prosperar. Mas na escola, eles não chamam de colaboração e delegação e nem pensam nisto, porque a maioria na vida nada fez.

É bem isso, o sistema educacional perguntando COMO desencoraja perguntando a QUEM. Por quê?

Ao meu ver, aqui está uma proposta entusiasmada e animadora para se adotar, e vou mais longe: que tal fazermos as duas perguntas concomitantemente, não importando a ordem: QUEM – COMO ou COMO – QUEM?

Realizar vale mais do que mil palavras. Sinto a falta, por exemplo, de entusiasmo na esfera pública para colocar a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) em prática. Levou quatro anos para ser elaborada, passou por seis ministros. Teve três versões, foram 27 seminários estaduais, com 9.275 participantes e consulta pública com mais de 12 milhões de contribuições. Ela moderniza o ensino básico e precisa acontecer.

A BNCC é uma oportunidade para mudarmos as práticas lineares que orientam os padrões mentais da educação brasileira e criarmos as condições para que o pensamento exponencial se desenvolva na base da sociedade, ou seja, na educação básica.

O FUTURO DA EDUCAÇÃO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA PARA A PRÓXIMA DÉCADA

(02/07/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“A educação deve produzir mais do que indivíduos que consigam ler, escrever e contar. Ela deve empoderar cidadãos globais, que consigam enfrentar os desafios do século 21”.

Ban-Ki- Moon, Word of Education Forum, Incheon, Unesco, 2015

No livro os “Robôs e o futuro do emprego”, o autor Martin Ford relembra o último sermão de Martin Luther King Jr, na Catedral Nacional de Washington, em 31 de março de 1968, cinco dias antes de ser assassinado. Falando dos tempos difíceis, Luther King Jr cita a “tríplice revolução”, destaque do relatório do químico Linus Pauling e do economista Gunnar Myrdal, ambos Prêmios Nobel, que versava sobre os problemas da época, salientava o movimento dos Direitos Civis, a causa pela qual lutava, a ameaça da guerra nuclear e a automação.

O último tópico não teve muita ênfase em sua fala, mas o relato do original mostrava que a automação logo resultaria numa economia na qual uma produção ilimitada poderia ser obtida por sistemas de máquinas que tinham pouca cooperação por parte dos seres huma-

nos. A consequência seria o desemprego em massa, a diminuição do poder de compra das populações e a paralização do crescimento da economia.

Em suas ações, o Comitê da tríplice revolução defendia o aumento dos investimentos em educação e projetos de utilidade pública para criar empregos e construção de casas. Em síntese como a educação pode capacitar para o trabalho e desenvolver a economia.

O item 5 do livro é sobre a transformação da educação superior e sua análise é similar às ideias do Prof. Paulo Vadas, que descreve as forças que estão impactando os sistemas educacionais nos Estados Unidos e que, guardadas as proporções, são as mesmas na educação brasileira:

1. O alto custo do modelo tradicional e o relativo baixo retorno sobre o investimento feito pelo estudante;
2. As tecnologias digitais que permitem o acesso à informação 24 horas por dia, sete dias por semana, em qualquer lugar do mundo de forma relativamente barata (autoaprendizagem);
3. A robotização dos empregos que requerem mão-de-obra intensiva e que minimizam a necessidade de seres humanos, tornando obsoletas várias profissões e necessitando a constante profissionalização para se manter no mercado de trabalho;
4. A obsolescência no tempo do valor de um diploma de nível superior devido às constantes mudanças tecnológicas e dos ambientes de trabalho;
5. A certeza que o avanço tecnológico continuará a “abortar as” várias profissões, incluindo aquelas que têm sido consideradas “intocáveis”, como as áreas do direito, da medicina, do ensino e, até, das artes;

6. A percepção, cada vez maior, é que o aluno tem, é que não encontra relevância e/ou pertinência nos estudos tradicionais; e que o Diploma não tem mais a capacidade de abrir as portas do mercado de trabalho.

Todos sabem que as mudanças vão ocorrer brusca e rapidamente. Só não temos certeza quais serão essas transformações, nem seus impactos, o que torna o planejamento de médios e longos prazos extremamente difíceis.

Movimentos socioeconômicos, geopolíticos, tecnológicos e demográficos terão impacto direto no mercado de trabalho, no aparecimento e desaparecimento de profissões no contexto da Quarta Revolução Industrial formada pela era da robótica da inteligência avançada, da automação das máquinas e da aprendizagem remota. Todas as atividades humanas, empresariais e ambientais estão sentindo as transformações da tecnologia da informação e comunicação. Em todas as áreas estas mudanças radicais afetam as vidas das pessoas e vão atingir a maneira delas aprenderem, de conviverem e trabalharem e este é o desafio do ensino superior, de adequar-se. Para continuar a empreender, o setor deverá se ajustar aos novos tempos, que exigem ações que a mais ou menos dias deverão ser realizadas.

O título deste artigo foi baseado em publicação do [seminário feito pelo Conselho Federal de Educação em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Ciência e Cultura \(UNESCO\)](#),

de 8 a 9 de dezembro de 2010, com vistas à década de 2011- 2020. Realizado, portanto, há nove anos. A intenção era entender a complexidade das mudanças na economia, na sociedade e na cultura e assimilar o que os sistemas de educação dos países estão planejando para desenvolver novas formas de aprendizagem, produção, gestão e aplicação do conhecimento. O desafio era analisar como a for-

mação de capital humano poderia enfrentar estas transformações globais e viabilizar um mundo que possibilitasse trabalho a todos e construir sociedades mais justas e igualitárias

Estamos próximos à década 2021-2030 e, no lugar de tentarmos adivinhar o futuro, será melhor frente às realidades que vivenciamos analisar o que foi proposto pelo CNE e nos debruçarmos sobre a publicação das 162 páginas que retratam as ações recomendadas para ver o que foi viabilizado e deu certo. Não adianta ficar só no discurso.

Já é hora de irmos às práticas, à efetividade, pois os temas até debatidos em congressos, fóruns e outros eventos parecem consolidados, exigem, agora, ação e enfrentamento. Eles apontam para a complexidade dos desafios e indicam novas perspectivas de atuação. Descortina-se um cenário multifacetado, com tendências diversas, divergentes e contraditórias. Esses aspectos representam oportunidades de consolidar metas e estratégias que contribuam para atingir o objetivo de expansão da educação superior com qualidade e a mostrarmos comparativamente frente a modelos comprovados.

Para enfrentar os desafios da expansão qualificada nos próximos anos, precisamos de uma revisão e de uma discussão profunda do atual modelo de educação, considerando sua repercussão, tanto no setor público quanto no privado, reconhecendo particularmente o papel e a capacidade de as instituições de se reinventarem por meio da reflexão coletiva e do debate qualificado. Isso cabe não somente às IES, às empresas, mas também às organizações que regulam a educação no Brasil.

Eis o fato: não é mais admissível continuarmos todos nessa mesmice crítica sem que se deem ouvidos e aplicações práticas. Não adianta mais escalar o time e torcer para ganhar. Precisamos entrar em campo, disputar o jogo, usar as melhores estratégias e marcar os gols para vencer.

AS PREOCUPAÇÕES EDUCACIONAIS DE UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO

(09/07/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“Sem uma Educação Superior e sem instituições de pesquisa adequadas, que formem a massa crítica de pessoas qualificadas e cultas, nenhum país pode assegurar um desenvolvimento endógeno genuíno e sustentável, nem reduzir a disparidade que separa os países pobres e em desenvolvimento, dos países desenvolvidos. O compartilhar de conhecimento, a cooperação internacional e as novas tecnologias podem oferecer novas oportunidades para reduzir essa disparidade.”¹

Pensar nos desafios que as instituições de educação superior vão enfrentar num mundo em transformação tem sido tema de vários seminários, congressos e discussões acadêmicas. Muitas ideias, muitos propósitos, mas poucos resultados efetivos.

Um exemplo é a publicação “[Desafios e perspectivas da educação superior brasileira para a próxima década – 2011-2020](#)”, fruto da parceria entre a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o Conselho Nacional de Educação (CNE) do Ministério da Educação (MEC). Já estamos chegando à

1 Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: Visão e Ação – Conferência Mundial sobre Educação Superior – UNESCO, Paris, 9 de outubro de 1998.

terceira década do século e ainda são tímidas as iniciativas setor de educação em direção ao futuro.

Segundo dados de 2017 do Inep, o Brasil tinha 296 instituições de educação superior (IES) públicas e 2.152 particulares. Nós, do setor privado, representamos 87,9% da rede e somos responsáveis por garantir o acesso à educação superior (ES) de uma parcela significativa da população brasileira, que de outra forma estaria relegada a alternativas menos equânimes.

O documento revela boa diferença entre o setor público e o privado quanto à oferta de vagas e à ociosidade. Um dos principais motivos do não aproveitamento de vagas no setor privado tem sido apontado como o esgotamento da capacidade de as famílias (ou o próprio aluno, já que a maioria deles trabalha e é responsável por sua educação) pagarem pelo curso superior.

Ainda mais preocupante do que a ausência de matrículas iniciais é o baixo índice de conclusões na graduação. Segundo dados do Inep, o total de concluintes não é o ideal, sobretudo na área da educação (cursos de licenciatura – formação de professores da educação básica e formação de professores de matérias específicas).

Tanto a ociosidade quanto o fenômeno da evasão, que causam o baixo índice de conclusões na graduação, têm sido pouco estudados pelos pesquisadores, mas são um dos calcanhares de Aquiles das IES privadas.

Com a entrada exponencial da tecnologia em todos os mercados e setores, o papel do profissional formado precisa ser repensado e, acima de tudo, o modelo educacional também. Estamos numa transição de paradigma educacional e a instituição que não perceber isto estará fora do mercado educacional.

Um estudo da ONU indica que até 2035 a taxa de desemprego global atingirá 20%; e que, até 2050, 40% dos postos de trabalho atuais, tais como são hoje, deixarão de existir. Mas também existirão oportunidades advindas das mudanças do mundo do trabalho. Se uma parte (sobretudo os empregos que exigem uma atividade braçal ou mecânica) será substituída por tecnologia e IA (inteligência artificial), outros postos de trabalho surgirão inevitavelmente.

Como a educação se transformará para deixar de formar indivíduos com diplomas e sem empregos para passar a formar uma força de trabalho capaz de se tornar relevante neste mundo em transformação? Esse é o grande desafio do desenvolvimento e das instituições de ensino.

Pior, e mais abrangente, do que esse problema é a situação dos cursos da área de educação e sua articulação com a educação básica. Segundo o documento da Unesco,

“no Brasil, a escassez de docentes para a educação básica é problema estrutural, produzido historicamente pela redução da responsabilidade do Estado na manutenção da educação pública de qualidade, na insuficiente colaboração entre os entes federados, na ainda inconsistente formação e na oferta de condições inadequadas de trabalho, carreira e remuneração de seus educadores”.

O setor privado, por sua magnitude, tem avançado nesse quesito, mas em velocidade muito aquém da exigida pelos graves déficits estruturais da educação brasileira, em especial no nível básico. Esse mesmo setor padece desses déficits: mudança no perfil dos alunos das licenciaturas, falta de preparo adequado dos estudantes, principalmente quanto à capacidade de leitura, escrita e compreensão de textos, bem como a falta de domínio dos conhecimentos básicos da área em que esses estudantes irão atuar.

No setor público, esses déficits são menores, mas o grande desafio é convencer os alunos a não desistirem do magistério (pelos problemas acima elencados).

O documento da Unesco dá a “receita” para enfrentar o desafio da baixa atração que a carreira docente exerce sobre jovens egressos do ensino médio e que leva à necessidade de políticas de formação de professores que:

“i) estabeleçam maiores vínculos com as redes públicas de ensino das regiões onde estão inseridas, atendendo às demandas específicas de formação por área ou por campo de conhecimento;

ii) reconheçam o corpo docente como ator fundamental do sistema educativo, garantindo sua formação, capacitação permanente, apoio na elaboração de materiais didáticos e concepção de infraestrutura que permitam tornar efetiva a qualidade do ensino básico”.

O que fazer para aumentar a atratividade da profissão docente na educação básica? Que políticas e práticas inovadoras podem ser desenvolvidas? Como avaliar e valorizar o bom professor.

Para além das discussões e teorias, fundamentais para a equação do problema, é preciso implementar, urgentemente, práticas para promover melhor aproximação das IES com as escolas de educação básica.

A escola precisa reinventar-se por meio da mudança de suas práticas pedagógicas, da reflexão coletiva, do debate qualificado, da cooperação, da inovação e da criatividade, especialmente no que se refere à formação de professores.

QUANDO AS MÁQUINAS PARAM

(16/07/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“A inteligência artificial saiu do laboratório (e dos estúdios de cinema) e está em seu prédio. Em sua casa. Em seu escritório. Está permeando todas as instituições que orientam nossa economia global. Desde o Alexa até o Nest, a Siri, a Uber e o Waze, estamos cercados por máquinas inteligentes – executadas em plataformas de software –, que possuem uma capacidade incrível e que aprendem sozinhas. E isso é apenas o começo.” (Malcolm Frank, Paul Roehrig e Ben Pring)

Na década de 1970, assisti à peça teatral “[Quando as Máquinas param](#)”, do contravertido autor [Plínio Marques de Barros \(1935-1999\)](#). A história de grande repercussão que segue com reapresentações até os tempos atuais é sobre um jovem casal, Nina e José, moradores da periferia paulistana, que viviam os arroubos amorosos da juventude, com planos de ter filhos, carro e morar em condomínio. Porém, diferente do planejado, a felicidade desaba quando Zé é demitido e vai para o olho da rua. Mesmo depois, por mais que procurasse, não encontrava emprego, e, com as discussões diárias com Nina, o amor desaparece. Nessa situação de penúria, José revela um lado que a companheira não conhecia, o de desajustado para a vida e sem ânimo para nada. Seu consolo é a bebida.

Em tempos de recessão e desemprego, a atualidade da peça de Plínio Marcos (escrita em 1967) é o que mais assusta, porque todos sabem quantos desocupados temos no Brasil. E sem trabalho, além

do desespero das famílias, toda a economia para, não há negócios, ninguém investe e no país não há desenvolvimento.

Concidentemente, citei em [artigo anterior](#) o livro com título parecido: *“O que fazer quando as máquinas fazem tudo”*, de Malcolm Frank, Paul Roehrig e Ben Pring, associados ao Center for the Future of Work, da Cognizant, que trata da questão do futuro que já está acontecendo, graças aos algoritmos, inteligência artificial, robôs, automação, big data e o mundo digital. A obra tem 12 capítulos distribuídos por 214 páginas, retratando tudo que está acontecendo e como devemos nos preparar para os desafios do futuro. O mais importante é que os autores passam uma mensagem otimista, de que os humanos, se “tiverem juízo”, vencerão os desafios da nova realidade de como funcionará o trabalho. O que faltou ao Zé, de *“Quando as máquinas param”*.

Para trazer à realidade dos anos 2020, o trio pesquisou muito. Ouviu estudiosos e especialistas e conversaram com diversas empresas e universidades. Tudo para entender como analistas, tecnólogos e economistas mundiais pensam sobre a grande mudança pela qual estamos passando, além de compreender como o trabalho será reinventado, reconfigurado e reestruturado nos próximos anos. Claro que modelado aos EUA. Por aqui as coisas são muito diferentes. Muito governo, muito discurso e falta de objetividade. Poucos têm a mínima ideia de que o futuro já começou e que o desafio maior será como promover trabalho para os milhões de Zés que circulam por aí.

O objetivo de toda essa pesquisa foi entender como a nova tecnologia modelará as oportunidades que hoje temos e as ameaças que enfrentamos (e enfrentaremos). Mas, sobretudo, prever como o homem e a máquina irão se relacionar e coexistir.

Assim, resolvi associar a “máquina do Plínio” às máquinas dos três autores que questionam se elas podem fazer tudo. O que restará

para as pessoas quanto à sobrevivência? Como enfrentar um mundo onde a tecnologia precisa de menos gente para trabalhar?

A angústia do Zé é um tanto próxima do que sucederá com a atual ou futura geração, pois, se as máquinas param, não há como pagar o aluguel, fazer compras ou colocar comida na mesa. Drama do Zé, de Plínio.

Ainda que se tenha chegado a um ponto de sucesso na carreira, dando para se sentir seguro, isso pode mudar drasticamente de uma hora para a outra com o avanço de novas máquinas. Já pensaram nos filhos ou netos o que devem conhecer para serem bem-sucedidos e terem as ferramentas para superarem os desafios de uma nova realidade? Qual será o foco profissional deles, o que estudarão? E a grande pergunta: terão alguma chance de uma vida classe média quanto a que levamos hoje? É uma interrogação amedrontadora.

Para eles, tudo ficará bem se estivermos atentos, quando as novas máquinas substituírem as operações repetitivas das empresas atuais. Será mesmo? Quantos “Zés” precisarão ir aos estertores do sofrimento para aguentar tal proposta? Hoje, com ou sem máquina virtual, amargamos 14 milhões de desempregados no país. E o número vai crescer, por conta ou não dos bits, megabits ou gigabits, sem falar nos nanos.

Entretanto, devemos aceitar que a cada minuto as máquinas estão fazendo cada vez mais o trabalho que realizamos hoje. Essa é a premissa básica e central da discussão/exposição. Alguma dúvida?

De tudo, fica, entretanto, uma posição bastante otimista dos autores: “Quando as máquinas fizerem tudo, ainda haverá muito a ser feito. Vamos em frente”.

Se essas mudanças acabam com uma série de empregos, por outro lado fazem com que as empresas comecem a procurar profissionais que tenham bem desenvolvidas áreas de raciocínio lógico, competências cognitivas, criatividade e colaboração. O problema é que essas novas demandas do mercado não são atendidas pelos modelos tradicionais de educação.

A pesquisa "[Tecnologias Digitais, Habilidades Ocupacionais e Emprego Formal no Brasil](#)", realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), constatou que

“habilidades cognitivas, como as que envolvem raciocínio e domínio de linguagens, habilidades interpessoais, como o cuidado e o contato humano, habilidades gerenciais e habilidades ligadas às ciências, tanto as da natureza como as sociais ou aplicadas, terão maior importância no futuro”.

O problema é que a qualificação para tais habilidades é baixa, ou nenhuma.

Para enfrentar os desafios, os pesquisadores apontam, em primeiro lugar, o aprimoramento dos sistemas de educação, com foco no ensino de competências e habilidades de valor cognitivo, analítico e socioemocionais. Depois, recomendam a criação de um amplo sistema de informações ocupacionais, com políticas integradas de recolocação e treinamento profissional, para melhor adaptação a um mercado em rápida mutação.

O que pouco se vê é o foco pela trabalhabilidade, pela instrumentalidade que leva o indivíduo a alguma profissionalização. É o desafio de todos que trabalham com educação é estarem preparados para formar gente em ocupações que ainda não existem. As realidades mudaram e não dá mais para pensar com a mente do século passado.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO 4.0 – O MAIOR DESAFIO DA ATUALIDADE

(23/07/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“Estamos a bordo de uma revolução tecnológica que transformará fundamentalmente a forma como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos. Em sua escala, alcance e complexidade, a transformação será diferente de qualquer coisa que o ser humano tenha experimentado antes.” (Klaus Schwab¹)

Alguns amigos dizem que exagero quando expresso as transformações educacionais que o momento exige das instituições de educação para oferecerem aprendizado compatível com a nova realidade do mundo do trabalho. O que penso realmente é como o ensino pode ser enormemente aprimorado com as novas tecnologias. Porque as evidências mostram como, a cada momento, há avanços na prestação de serviços em todas as áreas. Até no inimaginável aplicativo apresentado pelo Estadão para os pais agirem quando os bebês fizerem suas necessidades fisiológicas ([saiba mais](#)).

1 Klaus Schwab, engenheiro e economista [alemão](#), fundou em 1971 o *European Symposium of Management*, organizado em Davos, na Suíça, que se tornaria em 1987 o *World Economic Forum*. É autor do livro *A Quarta Revolução Industrial*, publicado em 2016 pela Edipro.

Não estamos sós, há inúmeros tratadistas, especialistas e gente do setor preocupada com os cenários da educação do futuro, pois é tema que passa transversalmente pela trabalhabilidade.

O grande desafio não é descobrir o futuro, mas sim como pavimentar a estrada para chegar até ele, exigência estratégica que passa por disponibilizar investimentos, tecnologias e formação profissional para garantir ao estudante aprender com mais eficiência. Entretanto, estão os professores preparados para assumir tal responsabilidade? Estão capacitados para aplicar em sala de aula ou fora dela os requisitos indispensáveis para pôr a Educação 4.0 no ar?

Segundo a professora Débora Garofalo, entusiasta da tecnologia educacional e colunista da [revista Nova Escola](#):

“a formação dos professores é essencial para acompanhar tamanha maré de desenvolvimento. As políticas públicas deverão dar suporte para que isso ocorra, repensando o processo educacional e permitindo que criatividade e inventividade invadam as salas de aula. Com a inclusão de ferramentas digitais, o poder público precisa entender a prática docente como uma atividade transformadora cujo papel é mediar o conhecimento”.

Acrescentaríamos: não há saída ou qualquer outra alternativa se não se mexer urgentemente na formação dos cursos de licenciaturas e pedagogia principalmente. Mesmo a implantação da BNCC para acontecer precisará de gente preparada para tornar-se realidade.

É preciso, para isso, que os docentes renovem suas práticas pedagógicas, estimulando múltiplas redes de aprendizagem e permitindo uma gama de associações e de significações entre a escola e a comunidade.

Anthony Salcito, vice-presidente mundial de [educação](#) da [Microsoft](#), argumenta:

“A escola tem de estar pronta para lidar com alunos que assimilam o mundo de forma mais abrangente e para um mercado de trabalho que demanda novas habilidades. Os estudantes precisam ir para as salas de aula sem encontrar limites a suas habilidades e criatividade”.

Até pouco tempo tínhamos a sensação de que algumas tecnologias jamais sairiam do papel ou do plano da ficção. Mas hoje é comum ouvirmos sobre descobertas revolucionárias aplicadas não só ao dia a dia das empresas, mas que têm se mostrado promissoras dentro da proposta da Educação 4.0. Realidade Virtual e Aumentada², Internet das Coisas e Inteligência Artificial. O professor, que assume agora tem diferentes papéis – aprendiz, mediador, designer, orientador e pesquisador na busca de novas práticas –, também tem que dominar múltiplas plataformas e usar computadores, projetores de multimídias, quadros interativos, tablets, smartphones e outros equipamentos tecnológicos tanto no seu dia a dia para estudar, quanto no processo de interação dos conteúdos das aulas.

² Em 1995, quando Bill Gates publicou *A Estrada do Futuro*, as possibilidades descritas no livro pareciam utopia. O autor falava que o professor poderia, por meio da internet, trazer praticamente qualquer informação aos seus alunos com textos, vídeos e imagens da rede. Porém, estamos perto de vivenciar uma revolução ainda mais profunda: com a realidade virtual na sala de aula, será possível levar os estudantes até qualquer lugar do Universo, desde a microscópica célula até um planeta distante.

Realidade virtual é, assim, uma tecnologia que permite a imersão do usuário em um ambiente virtual, por meio de um sistema computacional. Equipamentos e sensores estimulam os sentidos do usuário, simulando diversas situações.

À medida que induz efeitos visuais, sonoros, táteis e sensações relacionadas à localização e posicionamento, o usuário experimenta uma imersão completa no ambiente simulado. Ele pode interagir ou não com os objetos presentes, dependendo da configuração do recurso.

Essa tecnologia já é usada no entretenimento há algum tempo, tendo um papel cada vez mais destacado no mercado de *games*. A título de exemplo, temos as montanhas-russas virtuais. O usuário pode, por meio de um dispositivo, ter as mesmas sensações de alguém que está no parque de diversões, mesmo que fique sentado em um banco convencional. www.gutennews.com.br

Para lidar com esse novo cenário, o preparo do professor é ainda mais importante para realmente revolucionar o ensino e preparar os cidadãos do século XXI.

Mas o que é a Educação 4.0 e quais são as principais habilidades que os professores precisam ter nesse novo contexto? Como atender às necessidades da Indústria 4.0, a tendência que automatiza totalmente a produção por meio da comunicação entre máquinas, sistemas e sensores e que promete revolucionar a manufatura?

Para Marta Relvas, doutora em Psicanálise e membro efetiva da Sociedade Brasileira de Neurociência e Comportamento, “a sala de aula passa a ser considerada o ambiente para aquisição dessas novas possibilidades tecnológicas, por meio das metodologias ativas e híbridas”.

O [GutenBlog](#) indica ao menos quatro habilidades que o professor precisará ter e com isso se preparar para ser agente dessa transformação:

Desenvolvedor de competências

O professor deixa de ser o especialista em determinado conteúdo para tornar-se um propulsor para o desenvolvimento de competências, usando [metodologias ativas](#) para conduzir os estudantes na busca de informações, geração de soluções e avaliação do trabalho realizado.

Líder-pesquisador

As salas de aula se tornam espaços para a construção de conhecimento, e o professor será um líder-pesquisador, que, ao lado dos alunos, engaja-se na busca de soluções para novos problemas.

Usuário da tecnologia

Inúmeras das soluções propostas pela escola 4.0 envolvem a tecnologia. Por essa razão, o professor desse modelo também deve domi-

nar as ferramentas necessárias para as atividades e servir como um mediador para a execução dos projetos desenvolvidos pela turma.

Promotor do bom convívio e da tolerância

A Educação 4.0 não se restringe a uma visão tecnicista do ensino. Ela entende que a escola continua com um papel essencial na formação de cidadãos críticos, conscientes, tolerantes e colaborativos. Uma das formas de fazer isso é provocando-os a solucionarem problemas reais e contribuírem para o bem da sociedade. O educador também pode usar projetos colaborativos para promover a socialização, a capacidade de trabalhar em equipe e desenvolver a tolerância quanto a visões e comportamentos diferentes.

Temos um longo caminho a percorrer, capacitando primeiro docentes para em seguida capacitarmos os estudantes, provendo-lhes habilidades e competências inerentes às atividades/profissões do futuro.

O exemplo das fraldas pode ser insignificante nestes primórdios da Indústria 4.0 por parecer uma ideia inexpressiva, similar às mídias digitais quando usadas como diversão e entretenimento. Mas estamos entrando na era das grandes mentes e grandes ideias para usar a tecnologia na transformação do modo como educamos, alimentamos, transportamos, nos protegemos, criamos medicamentos e governamos.

E a base de todo o desenvolvimento é a educação aliada à tecnologia capaz de plasmar gênios e formar gente para criar um mundo melhor, mais igual e feliz.

A EDUCAÇÃO DO FUTURO E OS SETE SABERES DE EDGAR MORIN

(30/07/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“Clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer.” ([Italo Calvino](#))

Lúcido, apesar de seus 98 anos completados em 8 de julho, o visionário Edgar Morin não se cansa de debater a relação entre a razão e a emoção no pensamento complexo. Ele, que é um dos maiores sociólogos vivos, esteve no Brasil em junho deste ano para o [3º Congresso Socioemocional Liv](#), espaço para formação e aprimoramento de boas práticas em educação socioemocional.

Em 1999, a Unesco solicitou que o filósofo francês sistematizasse um conjunto de reflexões para repensar a educação para este século. O resultado foi o livro clássico, no sentido da epígrafe apresentada neste artigo, *“Os sete saberes necessários à educação do futuro¹”*. Segundo Morin, esses pontos deveriam ser tratados em “toda sociedade e em toda cultura, sem exclusividade nem rejeição, segundo modelos e regras próprias a cada sociedade e a cada cultura”. Seria uma forma de, preservando nossa humanidade, nos posicionarmos frente aos avanços inexoráveis das tecnologias digitais, da realidade virtual e da inteligência artificial. Essas reflexões, por sua atemporalidade, continuam, quase vinte anos depois, ditando a tônica para uma sociedade e educação 5.0.

1 MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez/Unesco, 1999.

Em entrevista à *Folha de S.Paulo*, em 24 de junho ([Seguimos como sonâmbulos e estamos indo rumo ao desastre, diz Edgar Morin](#)), ele diz:

“Não ensinamos a compreensão do outro, que é fundamental nos nossos dias, não ensinamos a incerteza, o que é o ser humano, como se nossa identidade humana não fosse de nenhum interesse. As coisas mais importantes a saber não se ensinam”.

Se a educação 4.0 traz a ideia de promover a integração entre o mundo digital e a tecnologia com a sala de aula, visando preparar os jovens para o mercado que irão enfrentar daqui para frente, a educação 5.0 une essa integração entre os dois mundos e conceitos de habilidades cognitivas à consciência socioambiental e à empatia (terceiro, quarto, sexto e sétimo saberes do visionário Morin).

Nunca é demais analisar esses saberes para verificar se estão válidos vinte anos depois, num mundo onde as tecnologias desenvolvem-se exponencialmente e o futuro é sempre um enigma. Por esta razão, pensamos que quem trabalha com educação precisa ter este livro como apoio paradigmático.

O primeiro deles – ***as cegueiras do conhecimento***: o erro e a ilusão – são erros mentais, intelectuais, da razão, cegueiras paradigmáticas que impedem de distinguir o real do ilusório, o objetivo do subjetivo, uma vez que se está, a todo o momento, exposto a erros de percepção ou de julgamento em relação à realidade exterior e em relação a nós mesmos. A educação do futuro deverá estar consciente da possibilidade do erro nos processos do conhecimento e elaborar saberes capazes de nos preparar para enfrentar as incertezas e as cegueiras.

Os princípios do conhecimento pertinente representam o segundo saber. Em face da imensa massa de informações que nos chega pelos

mais diversos canais de comunicação neste mundo globalizado, é preciso sermos capazes de discernir quais são os problemas-chave, as informações-chave, os conceitos-mestres para que o conhecimento seja pertinente, capaz de promover uma relação entre o particular e o geral, a parte e o todo. Para isso, é necessária uma educação apta para lidar com realidades e problemas multidisciplinares, multidimensionais, transversais, globais, planetários, que promova a “inteligência geral”, as várias inteligências.

A educação do futuro formará o cidadão e o profissional apto a pensar e a trabalhar com o todo (que é mais do que a simples soma das partes, mas sua integração num todo dinâmico).

“A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência, que com frequência a instrução extingue e que, ao contrário se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar”, sentencia Morin.

O terceiro saber: ***ensinar a condição humana***. A humanidade é uma e diversa: traços da espécie nos unem; diferenças históricas e culturais nos diferenciam. Somos indivíduo/sociedade/espécie, somos razão/afeto/pulsão e somos também cérebro/mente/cultura, somos três relações simultaneamente. A educação do futuro deverá conscientizar as novas gerações de que devemos conservar a unidade, respeitando a diversidade humana.

Ensinar a identidade terrena é o quarto saber. Morin propõe que a educação do futuro ensine uma ética da compreensão planetária. Somos todos originários da mesma espécie, possuímos as mesmas características fundamentalmente humanas. A educação do futuro deverá ampliar os aspectos do processo inevitável de globalização e introdu-

zir uma noção mundial mais poderosa: o desenvolvimento de nossas faculdades afetivas, morais e intelectuais em escala terrestre. Devemos despertar e cultivar nas futuras gerações um sentimento de desvelo e pertencimento à terra, se não quisermos enfrentar a hecatombe previstas em tantos filmes de “ficção” científica.

“O surgimento do novo não pode ser previsto, senão não seria novo. O surgimento de uma criação não pode ser conhecido por antecipação, senão não haveria criação”, diz Morin, a respeito do quinto saber: **enfrentar as incertezas**.

Eduardo Benzatti, em seu artigo “[A educação e os educadores do futuro](#)”, apresenta, de forma resumida e comentada, a posição Morin e destaca:

“A educação do futuro ensinará que toda a ação é um jogo de inter-retro-ações entre o sujeito e o contexto, o sujeito e outros sujeitos, assim como ensinará que para jogarmos esse jogo, com suas probabilidades e improbabilidades, deveremos desenvolver habilidades cognitivas que possibilitem um pensamento criador de estratégias. Devemos renunciar ao programa fechado e privilegiar a estratégia que analisa as condições de cada situação e possibilita a flexibilidade para mudanças e correções de curso durante as ações empreendidas”.

Ensinar a compreensão é o sexto saber, a missão espiritual da educação. A educação do futuro deverá ensinar a compreensão mútua como condição e garantia da solidariedade humana. A educação do futuro deverá ensinar a ética da compreensão e assumir um compromisso total com o espírito democrático e aberto, para que a compreensão entre os indivíduos, os povos e as culturas possa florescer.

A ética do gênero humano (antropoética) é o sétimo e último saber, que deverá perpassar toda a cadeia complexa responsável pela nossa essência humana: indivíduo/sociedade/espécie. Ela implica assumir a consciência e a condição humana, assumir o destino humano como

incerto, trabalhar para a humanização da humanidade, alcançar a unidade na diversidade planetária, respeitar o outro na sua plenitude e humanidade, desenvolver a ética da solidariedade, da compreensão e do gênero humano.

Em suas conferências sobre o tema, Morin sugere que as universidades deveriam dedicar um tempo de seus cursos (dízimo epistemológico ou transdisciplinar) para refletir sobre a **real pertinência** e valor do que ensinam, e do conhecimento que propagam.

Esse dízimo usaria 10% do tempo de duração de cada curso para ministrar um ensino comum “orientado para o pressuposto dos diferentes saberes e para as possibilidades de torná-los comunicantes (...) ele [o dízimo] elaboraria os dispositivos que iriam permitir a comunicação entre as ciências antropossociais e as ciências da natureza”, explica Morin.

Essa, talvez, seja uma maneira de questionar constantemente nossos hábitos, nossas práticas educacionais – dentre elas, a formação de professores –, nossas atitudes enquanto educadores e mesmo o conhecimento que veiculamos ou julgamos ensinar.

A BNCC foi toda construída baseada nestes saberes. Acredito que cabe às instituições de educação superior, e em especial àquelas que formarão os educadores do futuro, refletirem sobre essas ideias. Já é um bom começo.

ABMES: “AVENTURINA” E SEUS DESAFIOS PARA OS PRÓXIMOS 40 ANOS

(06/08/2019)

[ACESSE AQUI](#)

No implacável calendário do tempo, nossa entidade está comemorando as **Bodas de Aventurina**¹, que é uma pedra preciosa de beleza singular e também rara. Assim, a Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES) soma **37** preciosos anos de participação no cenário da educação nacional.

Sou grande suspeito para escrever sobre as realizações da associação, porém integrar o quadro associativo da ABMES tem para mim alto significado por ter vivenciado todas as suas conquistas. Sucesso decorrente de esforços e abnegação de seus presidentes, sempre bem lembrados: Candido Mendes; Edson Franco; eu, Gabriel M. Rodrigues; José Janguê Bezerra Diniz e agora o recém-eleito Celso Niskier. Além do dedicado trabalho de todas as diretorias e equipes administrativas, que, ao longo desses anos, se desdobraram para que nossas ações, sobretudo no tocante à regulação do setor e na defesa dos direitos da livre iniciativa, fossem sempre respeitadas e reconhecidas.

1 **Aventurina:** Purificação, Cura e Rejuvenescimento. A Aventurina é uma super-pedra de saúde, vitalidade e purificação de ambientes. Suas energias protegem contra a devastação energética, transformam energias negativas em positivas e atraem prosperidade. Ela dissipa pensamentos negativos e eleva nosso estado de espírito.

No dia a dia administrativo, a cada ano nos superamos com novos recordes de atendimento aos associados, com a oferta de eventos e intercâmbios nacionais e internacionais, premiações, concursos, cursos e seminários de grande audiência e com alta aprovação participativa.

Apenas para efeito comparativo, em 1980 haviam 890.000 alunos no sistema universitário particular e em 2017 eram 6.240.000. Em oitenta existiam 682 instituições particulares e hoje são 2.182. Essa evolução foi sendo acompanhada pela ABMES, que ao longo desse período adquiriu sua sede própria e expandiu no mundo real e também no virtual. O portal da ABMES tem 35 mil usuários por mês e neste blog, lançado em 2009, já foram publicados mais de 2.700 artigos. Apenas para se ter ideia do porte que hoje a ABMES tem, vejam alguns outros números no anexo [\[i\]](#).

Nestes 37 anos nos relacionamos com 35 ministros da Educação e centenas de secretários e diretores da pasta. Com a habilidade indispensável, a diretoria da ABMES tem logrado sucesso na aproximação junto ao Congresso Nacional e com o CNE, INEP e FNDE, além de todos os demais órgãos que gravitam no setor, com a troca de substancioso e inestimável diálogo. Angariamos respeito, atributo que sempre perseguimos como escopo principal, pela seriedade dos trabalhos conduzidos e implementados junto à comunidade educacional, como demonstração de zelo institucional.

O mundo está mudando e estamos na quarta revolução industrial, onde a inteligência artificial, a automação, a computação a captação de dados e os robôs estão transformando as empresas. E, nessa realidade, o setor educacional para se modernizar e ser atrativo, precisará se apoiar destas realizações humanas.

Cada vez mais temos avançado com o desenvolvimento das tecnologias e suas relações com o trabalho, mas isso traz também um

desafio imenso no contexto da formação de recursos humanos para atender as novas demandas profissionais. Para as instituições educacionais, agora mais do que nunca, existem grandes questões pela frente. Como preparar nossos estudantes para viverem num mundo repleto de transformações e de incertezas radicais? O que devemos ensinar para sobreviverem num ambiente caótico como o nosso? Que tipo de habilidades eles vão precisar ter para conseguir trabalho e para empreender? E, principalmente, como vão entender o que está à sua volta, desde seu vizinho, seu país e até o mundo globalizado onde vivemos?

Diante deste cenário, pergunto: como a ABMES poderá colaborar para que seus associados possam se preparar para atuar dentro destas novas realidades?

A “aventurina” é a pedra dos bons fluidos, da energia positiva e da prosperidade. E até neste ponto a ABMES é premiada pelos bons santos dos céus, porque o nosso presidente Celso Niskier entende dos novos cenários tecnológicos e é doutor em Inteligência Artificial.

Em uma de suas publicações neste blog ([Por uma ABMES mais inclusiva, propositiva e inovadora](#)) fica atestado que estamos com gente que é da área e no caminho certo. Eis sua declaração:

“Em tempos de tecnologia e educação destrutivas, voltaremos nossa atenção também para o que está sendo desenhado em termos de novas formas de ensinar, de comunicar, mas, sobretudo, de ouvir e nos fazermos ouvidos. Trabalharemos para fortalecer a interação da ABMES com as novas tecnologias e os novos espaços de diálogo. Vamos buscar linguagens e formatos atraentes, dinâmicos e modernos capazes de despertar o interesse do setor para aspectos relevantes que povoam nosso cotidiano. Vamos preparar a Associação para uma nova era, a Era Digital. Para isso, vamos em busca da ABMES 4.0, ou seja, uma entidade ainda mais conectada e preparada para seus próximos 40 anos.”

Não posso encerrar sem antes lembrar dos companheiros que se foram. E para enaltece-los e representá-los, citaria Eletro Bonini, Vitorio Lanza e Vera Gissoni, pelo muito que colaboraram nesta jornada, especialmente na condução do sonho que resultou fundação da ABMES em 1982.

A vida continua e, com o apoio de todos os associados, os desafios do progresso serão mais uma etapa, que como sempre, pelo nosso esforço e trabalho superaremos. Feliz Aventurina para todos nós!

ANEXO

Antes de relacionar os números há uma notícia auspiciosa para os associados: a ABMES adquiriu mais duas salas para compor a sua sede. Uma para Criatividade e Inovação, para acompanhar a transformação digital, e outra para estúdio de Gravação para a ABMES TV. Novidades virão em breve!

PORTAL ABMES EM NÚMEROS:

(média de valores – ano base 2018)

- 35 mil usuários/mês (portal + blog + TV)
- 190 mil pageviews/mês (portal + blog + TV)
- 2min 10s duração média da sessão/mês (portal + blog + TV)
- 1.500 pessoas ao vivo/mês (ABMES TV)
- 8.600 acessos via mobile por mês

REDE ABMES EM NÚMEROS:

(números atualizados em 08/2019)

Instagram

- 1.629 seguidores

Facebook

- 7.545 curtidas
- 29.743 pessoas alcançadas/mês
- 5.530 envolvimento/mês
- 1.155 visualizações de vídeos/mês

LinkedIn

- 2.256 seguidores
- 10.448 impressões/mês

Twitter

- 1.601 seguidores
- 10,8 mil impressões/mês

E-mail marketing (médias mensais)

- Mais de 22.600 contatos
- 20 clippings
- 4 boletins
- 40 informativos

PROJETOS ABMES EM NÚMEROS

(Média de valores para o período de 01/01 a 31/12/2018)

PRÊMIO ABMES DE JORNALISMO

- 2.562 usuários/edição
- 11.763 pageviews/edição (site)

CAMPANHA DA RESPONSABILIDADE SOCIAL DO ENSINO SUPERIOR PARTICULAR

- 14 edições da Campanha foram realizadas
- 6,2 mil usuários/mês

- 33 mil pageviews/mês
- Média de 800 instituições por edição
- Ao todo quase 16 milhões de atendimentos à comunidade
- Cerca de 100 mil atividades promovidas

ABMES BLOG

São mais de 2.700 artigos publicados desde 2009

ABMES ASSOCIADOS

Mais de 1000 mantenedoras e mantidas.

O PAPEL DA NEUROCIÊNCIA NA EDUCAÇÃO 4.0

(13/08/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“No Brasil, a maior parte dos educadores que trabalham na administração pública e também na ‘frente de batalha’, ou seja, nas escolas, tem uma formação fundamentalmente humanística, essencial para a compreensão da educação, mas insuficiente para o atendimento das demandas de aprendizagem para a vida em sociedade neste milênio.” (Ramon Cosenza e Leonor Guerra)

Na maioria dos países desenvolvidos, a quarta revolução industrial já começou. Nela as decisões no chão de fábrica são tomadas pelas próprias máquinas, que, interconectadas e a partir de informações fornecidas em tempo real, “conversam” e trocam comandos, armazenam dados na nuvem, identificam defeitos e fazem correções sem precisar de ajuda humana.

Esse processo de digitalização da operação industrial inaugurou uma nova lógica de produção: a união do conceito de internet das coisas (IoT) com a automatização industrial gera inteligência à manufatura e um universo de possibilidades para diferentes fabricantes. Como a customização, em que cada produto é único na linha de produção. Um exemplo? Um automóvel, a partir da própria linha de montagem, já teria um dono, pois as máquinas podem receber o pedido e fazer as customizações necessárias.

Embora as inovações tecnológicas estejam no centro do que faz a tão revolucionária indústria 4.0, as pessoas permanecem sendo um componente fundamental do sucesso dos negócios de qualquer empresa.

Nesse cenário, porém, o perfil da mão de obra deve mudar totalmente, pois, para trabalhar no futuro, o indivíduo terá de desenvolver habilidades técnicas e interpessoais bem específicas, como formação multidisciplinar, capacidade de adaptação, senso de urgência e bom relacionamento.

“As indústrias continuarão precisando de gente com formação específica, mas eles terão de lidar cada vez mais com áreas sobre as quais não estudaram na faculdade. Além disso, a forma do trabalho passará por uma transformação”, diz o consultor Cezar Taurion, da consultoria Litteris Consulting, especializada em tecnologia da informação e transformação digital.

Essa mudança exigirá dos profissionais, que trabalhando a distância, disciplina, organização e discernimento para entender os limites entre o que é urgente e o que não é.

As transformações da quarta revolução industrial vão atingir todos os aspectos da nossa vida, e a educação será um deles. A escola vai precisar incentivar uma nova cultura voltada para a inovação, a invenção, o pensamento crítico, a criatividade, a cooperação e a resolução de problemas, entre outras competências, para enquadrar-se nesse novo modelo de educação, que vai exigir novas práticas pedagógicas.

E a customização é também uma das mais importantes “sacadas” da educação 4.0. Assim como o desenvolvimento da inteligência artificial (IA) – ramo da ciência da computação voltado a criar dispositivos capazes de sensibilizar (mas não substituir) a capacidade

humana de raciocinar, tomar decisões e solucionar problemas. Aplicativos de aprendizado inteligente usarão inteligência artificial para analisar determinado aluno e adaptarão a entrega de informações e avaliações com base em suas características, incentivando o trabalho autônomo e colaborativo.

O nó górdio da educação 4.0 será, sem dúvida, menos o aparato tecnológico que as escolas possam oferecer, embora eles sejam necessários, e mais o professor – que, ao contrário do que se possa pensar, não irá desaparecer ou ter sua importância diminuída.

Mais do que das TICs, a hora é das TDICs (Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação), que proporcionam comunicação e interação em tempo real e com as quais o professor deverá, primordialmente, mediar a construção do conhecimento a partir de metodologias ativas e híbridas para construção de projetos e resolução de problemas, que explorem diferentes recursos e atividades e promovam conexões interdisciplinares.

Para isso, o professor deve estimular múltiplas redes de aprendizagem, aprofundar o olhar sobre as diferentes práticas adotadas, para garantir que o aluno seja o eixo central do processo de aprendizagem e, ele também, inserir-se nesse contexto de múltiplos conhecimentos e tecnologias para dominá-los e usá-los no seu cotidiano pedagógico. Em linha com a “customização”, ele precisa diagnosticar seu público: verificar como cada aluno aprende e personalizar esse aprendizado. Com isso, o docente precisa ter muito cuidado, antes que o aluno se torne o professor da sala.

Nesse sentido, as neurociências, embora não proponham uma nova pedagogia nem prometam soluções definitivas para as dificuldades da aprendizagem, podem “colaborar para fundamentar práticas pedagógicas que já se realizam com sucesso e sugerir ideias para intervenções, demonstrando que as estratégias pedagógi-

cas que respeitam a forma como o cérebro funciona tendem a ser mais eficientes”, alertam Ramon Cosenza e Leonor Guerra, autores do livro *Neurociência e educação: como o cérebro aprende* (Artmed, 2011), no qual destacam o cérebro como sendo a parte mais importante do sistema nervoso, pois é responsável pela forma como processamos as informações, armazenamos o conhecimento e selecionamos nosso comportamento.

Estudos sobre o cérebro humano vêm ganhando destaque nas últimas décadas e desvendando como ocorrem vários processos durante o ato de aprendizagem. Um exemplo é o relatório *Entendendo o cérebro: rumo à nova ciência do aprendizado*¹, da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que, já em 2003, abordava o tema e cujo conteúdo deriva de três fóruns promovidos em Nova York, Granada e Tóquio. O documento traz uma introdução ao que, na época de seu lançamento, já se sabia sobre o cérebro, ao que poderia ser revelado em breve tempo e ao que poderia ser conhecido no futuro.

Esse texto colaborativo e transdisciplinar procura, pela reunião de várias disciplinas, verificar o que elas podem dar e receber, umas das outras. Seus objetivos são desenvolver um diálogo criativo entre as várias disciplinas e interesses (Neurociência Cognitiva, Psicologia, Educação, Saúde e fomentadores de políticas públicas); descobrir quais conhecimentos a Neurociência Cognitiva – um misto de neurofisiologia, anatomia, biologia desenvolvimentista, biologia celular e molecular e psicologia cognitiva – poderia oferecer à Educação e à política educacional e vice-versa; identificar questões e temas no

1 OCDE. *Entendendo o cérebro: rumo a uma nova ciência da aprendizagem*. São Paulo: Senac São Paulo, 2003. Há uma síntese desse trabalho disponível em: <https://www.aprendercrianca.com.br/component/phocadownload/category/4-neuroeducacao?download=7:entendendo-o-cerebro-rumo-a-nova-ciencia-do-aprendizado>

conhecimento do aprendizado humano nos quais a Educação necessita de ajuda de outras disciplinas.

Estudiosos alertam que as descobertas em neurociências não se aplicam direta e imediatamente na escola, mas teorias psicológicas baseadas nos mecanismos cerebrais envolvidos na aprendizagem podem inspirar objetivos e estratégias educacionais. Elas tornam o trabalho do educador mais significativo e eficiente, pois, se ele conhecer o funcionamento cerebral, poderá não só compreender e aceitar a diversidade de indivíduos presentes na sala de aula, como também desenvolver estratégias pedagógicas mais adequadas para atender às diferenças cognitivas.

“Conhecer a organização e as funções do cérebro, os processos receptivos, os mecanismos da linguagem, da atenção e da memória, as relações entre cognição, emoção, motivação e desempenho, as dificuldades de aprendizagem e as intervenções a elas relacionadas contribui para o cotidiano do educador na escola”, apostam Cosenza e Guerra.

O sistema nervoso tem a capacidade de mudar, adaptar-se e moldar-se estrutural e funcionalmente ao longo do desenvolvimento neuronal e quando sujeito a novas experiências. É o que se denomina de neuroplasticidade, que consiste na reorganização da estrutura neural ao vivenciar-se uma experiência nova. Em outras palavras, trata-se da capacidade das sinapses, dos neurônios ou de regiões do cérebro de alterar suas propriedades pelo uso ou pela estimulação. Seus estudiosos afirmam que as pessoas, a partir dos seus conhecimentos prévios, têm potencialidade para aprender desde o nascimento até à morte, sendo necessário para tanto disponibilizar as condições para que isso ocorra.

O aprendizado não ocorre de maneira automática, pois depende de conhecimentos já existentes, além de estímulos para que per-

maneira em atividade constante, fortalecendo e desenvolvendo as redes neuronais. É importante o professor saber quais são os conhecimentos prévios que o aluno possui para, a partir daí, apresentar um conteúdo novo como uma atividade desafiadora que mobilize sua razão e sua emoção, utilizando os métodos pedagógicos mais adequados, mediando e estimulando a aprendizagem.

O mundo está mudando e a readequação do aprendizado é sua consequência, o que sinaliza que as IES responsáveis pela formação de professores examinem e discutam os componentes curriculares das licenciaturas antecipando a necessidade de renovação de alguns deles para, numa perspectiva transdisciplinar e adaptá-los às descobertas no campo da neurociência.

AS REVOLUÇÕES INDUSTRIAIS E SEU IMPACTO NA EDUCAÇÃO

(20/08/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“Causar a disrupção na educação no Brasil não envolve apenas explorar novos negócios, mas também transformar o ambiente empreendedor, os valores de competitividade e dignidade dos brasileiros por meio de um ensino moderno, inclusivo e acessível” (Raphael Augusto – Head da Liga Insights)

Em meu artigo [“Os robôs e as tendências sobre o futuro do trabalho”](#), de 21 de maio, baseado em reportagem da Veja para mostrar como as estratégias dos negócios imobiliários estão mudando, citei o caso dos robôs que vendem apartamentos. É o uso da Inteligência Artificial (IA) por seus bancos de dados, que identifica quem está procurando imóvel para comprar e desmistifica a presença de intermediários.

No site Whow!, Rafael Coracchini mostra no artigo [“O fim da posse e a nova lógica do setor imobiliário”](#) a transformação do setor, citando os exemplos da **Loft** – que, funcionando há 8 meses, vale mais que a **Tecnisa**, uma das maiores construtoras do país, fundada há mais de 30 anos – e outra novata, a **Quinto Andar** – que está revolucionando o modo de alugar casas e apartamentos ao unir os interesses do locador e do locatário sem precisar de corretores.

Logicamente, não preciso citar outras milhares de atividades onde a tecnologia está mudando a maneira de atuar, razão de precisarmos estar preparados para os novos ambientes de aprendizagem que vão revolucionar a maneira de oferecer ensino em todos os graus. A história da educação mostra isto.

A **educação 1.0** no seu início, com forte base instalada na Igreja, era focada no professor, que ensinava todas as disciplinas para um único aluno no espaço em que este vivia. Era a época dos preceptores, com a educação voltada somente para uma pequena parcela da sociedade, normalmente nobres, intelectuais e filósofos. Esta talvez seja a primeira e mais longa etapa da história da educação.

A partir da Revolução Industrial – processo iniciado na Inglaterra, aproximadamente na metade do século 18, quando o mercado de trabalho começou a fazer suas exigências –, passou-se a reconhecer a educação como direito de todo cidadão e foi preciso criar um novo sistema. O mundo passava por um drástico processo de transformação, exigindo uma nova escola, capaz de introduzir o ensino técnico e profissional, de modo a garantir a mão de obra qualificada para atuar em favor do crescimento da indústria. A partir daí surgiu a **educação 2.0**, que trouxe modelos teóricos de educação, centrada na possibilidade de um único professor ensinar dezenas de alunos ao mesmo tempo e que trouxe as mesmas características observadas na produção industrial: tarefas repetitivas e mecânicas.

É a educação centrada no professor e na passividade do aluno, a qual insiste na ideia de que o professor é quem sabe e o aluno nada sabe. Dessa forma, cabe ao primeiro transmitir o conhecimento e ao segundo recair no velho (nem sempre superado) conceito de “educação bancária”, cunhado por Paulo Freire, no qual a educação tem um fim em si mesma. Essa educação corresponde grosso modo à primeira e à segunda revolução industrial, esta última entre meados

do século 19 e meados do século 20, que ainda eram centradas na indústria mecânica.

Após a Segunda Guerra Mundial, a economia internacional começou a passar por profundas transformações que caracterizam a terceira revolução industrial, cujas mudanças vão muito além das transformações industriais. Ela engloba processos tecnológicos decorrentes de uma integração física entre ciência e produção, também chamada de revolução tecnocientífica, cujos principais avanços estavam ligados à criação de computadores, robôs, celulares, chips, circuitos eletrônicos, softwares, entre outros.

Nessa terceira revolução industrial, operários com várias habilidades trabalham ao lado de máquinas automatizadas, produzindo grande quantidade de bens. O sistema de hierarquia gerencial e as chamadas linhas de produção são substituídos por equipes multiquaisificadas que trabalham em conjunto, o que diminui significativamente o esforço humano e os custos. Nesse período, o mundo passou por uma série de transformações importantes ligadas principalmente às evoluções tecnológicas.

Nesse contexto, a partir dos anos 90, começa-se a introduzir novas mídias na educação, como o computador e o quadro digital, além de iniciar-se uma relação diferente do aluno com a informação.

O conceito de protagonismo do aluno é o alicerce da **educação 3.0**, que abre caminho para uma mudança do paradigma educacional vigente. Nesse cenário, o estudante passa a protagonizar seu processo de aprendizagem, o que lhe permite participar de projetos que realmente despertem o seu interesse e fortaleçam a sua formação. Já o professor, muito mais do que detentor do conhecimento (que agora está disponível a um clique do mouse ou a um toque na tela), passa a ter a função de mediador desse conhecimento, auxiliando os alunos a saber buscá-lo, apreendê-lo e uti-

lizará-lo. Quebra-se, com isso, a verticalidade do ensino em favor da horizontalidade, criando-se oportunidade para que o conhecimento possa ser construído coletivamente.

Na educação 3.0, os estudantes agem mais como parceiros na busca do conhecimento, utilizando as TICs de forma colaborativa e inserindo o conteúdo a ser aprendido no contexto social de que participa, o que torna tudo mais fácil de ser compreendido e assimilado. A proposta é que os alunos se tornem autônomos e corresponsáveis pelo seu desenvolvimento.

O Brasil, segundo o professor Cassiano Zeferino de Carvalho Neto, ainda permeia esses três modelos educacionais. Ele é criador do termo **educação 4.0**, que remete a uma nova era de aprendizagem baseada na inovação e no embasamento socioemocional e para cuja apropriação é preciso atitude e comprometimento por parte dos gestores.

O quadro, a seguir, sintetiza as revoluções industriais. Nas três primeiras, o ser humano continuou exercendo um papel de destaque na operacionalização das máquinas, tomadas de decisão, execução de rotinas, interação com outras pessoas e análise de dados. Na quarta revolução, a **4.0**, esses elementos estão mudando.

Graças ao desenvolvimento da IA, da IoT, da realidade virtual, entre outras (que, seguramente, modificarão a maneira como se aprende), agora, trabalhos operacionais repetitivos serão delegados a robôs e assistentes virtuais; as máquinas serão mais confiáveis para capturar, analisar, indicar as melhores alternativas frente a diversos problemas e substituirão o ser humano, parcialmente, na atividade de programar e corrigir falhas nos equipamentos usados na produção.

O grande desafio do setor educacional é de preparar-se para os novos tempos e saber que será preciso mudar suas velhas práticas,

agregar processos novos para o que faz, criar novos produtos, ter nova maneira de fazer negócios e estar antenado a tudo que está acontecendo à sua volta. Um bom exemplo é ler o artigo de Adriana Fonseca sobre as [7 startups que estão atuando na mudança da educação do Brasil](#), tema que pretendo aprofundar em breve.

O DESAFIO DO MUNDO DO FUTURO É CRIAR TRABALHO PARA TODOS

(27/08/2019)

[ACESSE AQUI](#)

Se apesar de todos os nossos esforços um percentual significativo do gênero humano for excluído do mercado de trabalho, teremos de criar novos modelos de sociedade pós-trabalho, de economia pós-trabalho e de política pós-trabalho.

(Yuval Noah Harari)

O professor israelense Yuval Noha Harari, em seu livro [21 lições para o século 21](#), nos dá uma visão deste século dominado por algoritmos e Inteligência Artificial. O historiador mostra três questões em relação ao futuro do trabalho: o que fazer para impedir a perda de empregos; o que fazer para criar empregos novos; e o que fazer se, apesar dos nossos melhores esforços, a perda de empregos superar consideravelmente a criação de empregos. Achando que a ajuda do governo seja suficiente com medidas de amparo social e a alisando as três hipóteses, profetiza “não sabemos se bilhões de pessoas serão capazes de se reinventar repentinamente, sem perder o equilíbrio mental”.

Não conseguir emprego e não ter como trabalhar é um flagelo social e políticas públicas deviam se antecipar às crises decorrentes. Veja o Brasil, que tem cerca de 50 milhões de pessoas desempregadas e na informalidade, sem proteção trabalhista ou previdenciária, como

aponta o sociólogo José Pastore em entrevista à jornalista Érica Fraga, da Folha de S.Paulo ([Não dar seguro saúde e Previdência a terceirizado é escândalo, diz José Pastore](#)). Equivaleria a uma Espanha hoje totalmente paralisada.

O fato é que o Brasil real e atual, e sem falar do futuro, já tem um problemão de como dar trabalho a esta gente toda. O grande desafio é como planejar o desenvolvimento seriamente e com gente talentosa e sem ambições políticas e empresariais. Além disso, é preciso criar um sistema educacional capaz de capacitar para atuação em numa nova realidade de demanda profissional.

Em termos genéricos, todos os dias o mercado de trabalho passa por processos de transformação. Assim como a sociedade de modo geral, o meio corporativo e as tarefas do dia a dia são impactados pelo alto e rápido desenvolvimento da tecnologia e da ciência.

A seguir, listamos 8 características do mercado de trabalho do futuro, apresentadas por [Michael Page](#)¹, algumas que já acontecem e outras que ainda estão por vir:

1. Mais concorrência profissional

As empresas irão selecionar o candidato mais talentoso para a vaga em questão, sem se importarem com gênero, idade ou com o lugar onde este profissional vive – mesmo que seja a quilômetros do escritório.

1 Empresa de recrutamento especializado em executivos para média e alta gerência, fundada na Inglaterra em 1976 por Bill McGregor e Michael Page. O rápido crescimento da empresa deu origem a abertura de novos escritórios planetários. Em 1979, a Michael Page era já a maior empresa de recrutamento a publicar no Financial Times, fornecendo seleção profissional e serviços de recrutamento para áreas de contabilidade e finanças dentro de clientes industriais, comerciais e escritórios.

2. Adeus trabalho de uma vida inteira

Os profissionais serão, cada vez mais, internacionais e buscados para trabalharem em projetos específicos. Portanto, a troca de emprego será algo mais do que normal, será preciso.

3. Maior tempo de estudos

Para serem bem remuneradas, as pessoas terão que estudar mais e mais. Graduações e MBAs não serão diferenciais. Cursos pontuais e reciclagens ditarão o futuro educacional.

4. Escritório onde você quiser

No parque, no café, em casa, em um coworking... Trabalhar de qualquer lugar fora do escritório será mais do que permitido, será uma ação encorajada. Networking, novos negócios e bem-estar para o profissional são somente alguns dos benefícios com a prática.

5. Mudanças de horários

Mais flexibilidade e maior preocupação com o bem-estar do funcionário entrarão para os temas de fiscalização de órgãos governamentais.

6. Desenvolvimento tecnológico

A demanda e procura por profissionais qualificados para lidar com novas tecnologias passará a aumentar de maneira considerável. Mecanismos (e colaboradores) que permitam maior produtividade e mudanças nas relações de trabalho como conhecemos atualmente serão muito, mas muito valorizados!

7. Globalização econômica

Faz tempo que ouvimos sobre a globalização, não é mesmo? A geografia não é mais um limite e, devido aos avanços tecnológicos e logísticos, o comércio exterior estará ainda mais interligado. Novas rotas comerciais, maneiras de entrega, gestão de

pedidos, e-commerce... Um mundo à parte será criado para dar conta de tanta inovação.

8. Novas profissões

Irão surgir novas tarefas para profissões que ainda estão por vir. Curioso, não? Fruto da evolução científica e tecnológica, cerca de 70% das crianças de hoje em dia trabalharão em profissões que ainda não existem concretamente.

Os futurólogos de plantão criam cenários de novas profissões. Vejamos duas linhas já apresentadas:

Tendências do Mercado I

Cenários sobre o futuro são perigosos, mas vejam as [25 novas profissões](#), elencadas por Thais Bittencourt, do Blog Hotmark

Carreiras que terão destaque

Segundo listado por Camila Pati, para a Revista Exame, nos próximo 10 anos teremos [20 novas carreiras](#).

Vanderlei Raffi Schiller, CEO e sócio fundador da HR Office Consultoria de Gestão, sinaliza que o mundo do trabalho está mudando rapidamente e que no fim não será a tecnologia, mas as pessoas que irão delinear o futuro do trabalho:

“Automação e Inteligência Artificial (IA) são as estrelas sobre as quais uma onda de mudanças sem precedentes vem acontecendo, gerando um movimento de expectativas e demandas das pessoas e das organizações. Recentes pesquisas têm revelado o seguinte:

– O mundo do trabalho vai depender cada vez mais, além das habilidades técnicas, de um conjunto bem mais desenvolvido de habilidades essencialmente humanas. Empatia, inteligência emocional, criatividade, colaboração, liderança, empatia, comunicação, estão entre as mais requisitadas. Os recrutadores têm, no entanto, um grande

desafio, que é o de identificar essas habilidades, não tão evidentes e normalmente mostradas em situações reais de trabalho.

– A flexibilidade dos esquemas de trabalho tem crescido, juntamente com a evolução das regulamentações a respeito. A tecnologia é a grande habilitadora e a base geográfica das pessoas se tornou cada vez menos importante, mas a mudança está gerando uma ressignificação do conceito de “trabalho para quase toda a vida” para “maior equilíbrio”, exigindo assim flexibilidade. Para as organizações, é uma oportunidade de reduzir seus custos com locais de trabalho.”

Schiller também é crítico, com razão, ao afirmar que possíveis soluções para o futuro precisam ser discutidas e repensar a educação será exigência conceitual:

“Mudanças tecnológicas geram necessidade de aprendizagem de novas habilidades rapidamente e os sistemas de educação são muito lentos na resposta às inovações. Além do mais, o nosso sistema deveria equipar as pessoas com habilidades as quais as máquinas não fazem, como empreendedorismo, trabalho em equipe, curiosidade e adaptabilidade. Para o futuro, as habilidades serão muito mais importantes que o ‘pedigree’ do curso universitário”.

O consultor coloca ainda que, desde que reputado o valor da colaboração, as organizações poderão se beneficiar da otimização entre humanos e Inteligência Artificial, reimaginando processos de negócios, experimentando e redesenhando o trabalho para incorporar a IA.

Schiller finaliza suas colocações com esmero exemplar:

“Importante relembrar o significado do trabalho, que representa para os indivíduos não apenas a forma de ganhar a vida, mas importante fonte de identificação ante seus grupos, pares e sociedade como um todo, constituindo forma de inserção social.”

Em todos estes cenários sobre o futuro é importante frisar uma constatação: o mundo está mudando e as instituições brasileiras que formam recursos humanos para o trabalho precisam se preparar para esta nova realidade. E uma questão adicional: os órgãos reguladores ainda não saíram da era dos cursos analógicos. Se fizermos as contas, 95% dos planos curriculares atuais estão ultrapassados há mais de 30 anos. Basta consultar as [Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação](#) disponibilizadas pelo MEC.

TECNOLOGIA, EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: UM OLHAR ALÉM DOS PROCESSOS REGULATÓRIOS

(03/09/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“O país precisa de um projeto de desenvolvimento sustentável e com justiça social, que dê atenção à economia, à preservação do meio-ambiente e garanta que nenhum brasileiro passe fome. Não basta ter democracia política se parte da população não ter acesso a saneamento básico, saúde, escola, cultura e cidades decentes.”

(Sen. Cristovam Buarque)

O mundo a cada momento se transforma decorrente da revolução digital, das novas tecnologias, da internet, da Inteligência artificial, do Big Data, da robótica e tantos outros fatores que impactam na maneira como vivemos, nos comunicamos e, principalmente, trabalhamos. A máquina, inexoravelmente, vai substituir as atividades repetitivas e manuais e o principal problema dos países emergentes vai ser como se desenvolver de modo a propiciar melhor qualidade de vida à população e promover pela sua vitalidade econômica e sustentabilidade empresarial o que é mais sagrado: a possibilidade a cada pessoa ter trabalho e sustentar a si e à sua família.

Bem-estar, economia saudável e trabalho para todos é o maior desafio dos governos. Planos não se fazem ao estalar dos dedos, nem da

noite para o dia. É preciso dezenas de anos, com gente diuturnamente pensando nisto e dedicação de pessoal talentoso e bem-intencionado. Há necessidade de metas claras e definidas, plano de estado e, acima de tudo, foco na educação.

Apenas um exemplo básico para mostrar que não há sintonia nas ações governamentais, Priscila Cruz, presidente-executiva do Todos pela Educação, diz que

“pautar a gestão pública em evidências, além de imperativo para melhores resultados, é um dos princípios determinados pela política de governança da administração pública federal (Decreto 9.203/2017). Por tudo isso, é muito preocupante a solicitação da Secretaria de Alfabetização do Ministério da Educação para que o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) adie a aplicação da avaliação de alfabetização, que ocorreria neste ano”.

Porém, todos sabem que garantir que as crianças estejam alfabetizadas na idade certa é fundamental para que possam seguir aprendendo não só ao longo de toda a sua trajetória escolar, mas também ao longo da vida. Por isso é que políticas educacionais não podem ser de governo. Elas têm de ser de Estado (aliás como qualquer política pública) para serem ativas, efetivas, coerentes e harmônicas com os tempos, baseadas em evidências.

O mundo atravessou a educação 1.0, 2.0, 3.0 e agora a 4.0 (com acenos da 5.0 em países como Japão e Alemanha) e no Brasil ainda engatinhamos entre as três primeiras, com alguns poucos focos de excelência na quarta, divorciados da realidade dos novos tempos.

O planeta vai evoluído sem que tivéssemos dado conta, como se nosso país estivesse apartado e como se aqui tivéssemos a melhor proposta educacional para os tempos futuros. Ou seja, o órgão

encarregado de conduzir a educação nacional está ao sabor dos governos. E o pior, de cada ministro que fica temporariamente no cargo.

Não foram poucos os embates que a iniciativa privada teve com os órgãos de regulação educacional, na medida em que nova e diferente postulação aconteceu ao longo das últimas décadas. E isso não adicionou nada em termos de qualificação às IES privadas, sequer às instituições públicas. Estamos falando da educação e não de futebol. Ou seja, de algo muito mais importante, grave mesmo do que se pode cenarizar de futuro para a juventude.

Por muito tempo, as universidades foram, por excelência, instituições para a formação de elites, para a produção de conhecimento científico e para o desenvolvimento cultural em geral. Ou seja, o sistema universitário foi criado para ser protagonista do progresso, formando recursos humanos para os quadros políticos, religiosos e empresariais. Nosso mundo tecnológico é o que é hoje porque foi formado por esses recursos humanos. Mas o mundo vem mudando célere e radicalmente, e o Brasil não pode ficar para trás.

Nos dias de hoje, essa velocidade de expansão é muito maior: projetos e inovações podem tornar-se realidade em pouco tempo, pela velocidade da telecomunicação, pelo processo contributivo para criar e testar modelos, e sua adoção, na prática, pode levar menos de um biênio. Tudo isto em nível mundial e não apenas local.

Nessa nova configuração global, será que o sistema universitário ainda detém o protagonismo? Está preparado para sintonizar-se com as mudanças e oferecer ao volátil mercado de trabalho profissionais com envergadura e “jogo de cintura” para os novos tempos? Sem dúvidas, o maior desafio é como criar recursos humanos para esse novo cenário e como dar emprego a todos.

Em consonância com essa nova ordem mundial, têm surgido, ao lado das universidades de elite, complexos sistemas educacionais que atendem a milhões de estudantes de origem social, condições econômicas, padrão de escolarização e interesses distintos, nos quais, em lugar de uma hierarquia rígida de cursos e currículos, tem-se a opção de aprendizagem mais flexível e interconectada, capaz de responder às demandas deste novo milênio que rompem com os paradigmas das relações professor-aluno, com os limites da sala de aula e com a temporalidade e a espacialidade estanques dos cursos tradicionais.

Nesse cenário, as IES necessitam, cada vez mais, se renovar e se adequar às necessidades dos alunos, às expectativas do mercado empresarial e do país. E, sobretudo, formar profissionais para o mundo do trabalho. São temas pouco discutidos, mas acredito ser de fundamental importância. Por exemplo, com as mudanças impostas por uma nova ordem tecnológico-econômico-social, é premente o desenvolvimento de várias outras formas de obter-se um grau acadêmico, muito diferentes das atuais, com prazos mais curtos e métodos produtivos, mais eficientes e eficazes.

Importa saber como os regimes normativos e reguladores da educação brasileira veem a nova realidade, se sensibilizam e se sintonizam, com seus atos autorizativos de funcionamento das instituições e de seus cursos, visitas in loco por comissões, atos de reconhecimento de curso, imposição de diretrizes curriculares nacionais por parte do CNE, renovação de reconhecimento, imposição de aceitação da proposta do Enade (cuja nota o Inep – ou o Sinaes – se recusa a concordar com o registro no diploma do aluno).

Para [João Batista Oliveira](#)¹, estudioso e analista da área educacional, o liberalismo tem tomado força na economia, mas os princípios desta doutrina também podem ser aplicados no setor educacional para promover uma verdadeira reforma da educação brasileira.

“Mais do que obrigações, legislações e regulações, que hoje entram o desenvolvimento da educação no Brasil, a título de proteger um ou outro grupo, eles acabam amarrando. A agenda liberal, do ponto de vista macro, seria mais para liberar a ação dos atores e usar estímulos do governo apenas quando necessário. Hoje ele [o MEC] é montado como se fosse uma sede de grandes escolas, e não faz o que deveria, que é política educacional. Poderia ser um órgão mais enxuto e barato, mas isso só podemos pensar na medida em que decidimos qual é a função de um ministério dentro de uma agenda liberal de um país efetivamente federativo.”

Concluindo: o mundo mudou, a tecnologia avança exponencialmente e o desenvolvimento depende de recursos humanos capacitados para uma nova realidade de trabalho. Razão do MEC precisar ousar mais nas POLÍTICAS EDUCACIONAIS.

1 João Batista de Oliveira é referência nacional em educação. Atuou como professor, pesquisador, consultor e ocupou cargos executivos em organismos nacionais e internacionais. É fundador e presidente do Instituto Alfa e Beto, ONG promotora de políticas práticas de educação que priorizam a alfabetização. Foi secretário-executivo do MEC (1995).

ABMES FRENTE ÀS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS E ÀS GRANDES TRANSFORMADORAS DIGITAIS

(10/09/2019)

ACESSE AQUI

“A indústria digital pesa atualmente tanto quanto como as do petróleo e das finanças e as GAFAM são tão poderosas que podem resistir aos poderes políticos e serem cada vez mais independentes dos Estados, inclusive nos Estados Unidos, podendo cada vez mais facilmente impor as suas condições através da concorrência entre si e cada vez menos regras poderão contrariar os seus projetos.”

(Isabel Pinto Machado)

O futuro já chegou. Estamos em plena era da robótica, da inteligência avançada, da automação das máquinas. E prognostica-se que as futuras gerações viverão mais de 120 anos. As mudanças tecnológicas alcançarão sem dúvida todas as áreas humanas e, principalmente, o setor produtivo, a comunicação e a educação.

Com o propósito de termos uma visão compartilhada de como a atividade educacional se transformará, o Conselho de Administração e a Diretoria da ABMES convidou o Prof. Maurício Garcia para expor suas ideias sobre os cenários e caminhos para a revolução digital na educação superior. Painelista excelente, é certamente o educador brasileiro que mais tem pesquisado as novas tecnologias nas práticas e na inovação da aprendizagem.

Recomendamos leitura de entrevista com ele concedida à Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária ([clique aqui para acessar](#)) em que ele afirma que “todos precisarão continuar a aprender coisas novas, o tempo todo”.

Depois de mostrar a velocidade com a qual todas as atividades estão se transformando, Garcia disse que isso não é nada frente ao que sucederá com a Internet 5.0, que tem uma velocidade 100 vezes maior do que a atual. Ele demonstrou isso na área da educação, com a crescente demanda pelos cursos livres.

Importante observar como os players internacionais estão atuando no mercado de ensino e os expressivos números das grandes distribuidoras de EAD.

Aos que acompanharam a apresentação, Garcia fez o desafio para que se manifestassem sobre os 5 cenários previsíveis para o ambiente educacional para o ano 2030.

O resultado apontou que ninguém acredita que a educação ficará tal como está. A maioria se dividiu entre a opção 3 (*Global Giants*) e a 4 (*Peer-to-peer*). Isso é elucidador, pois todos concordam que ou as instituições se preparam para a nova realidade educacional ou não sobreviverão.

Essa palestra nos fez lembrar dos anos 90, quando a demanda pelos cursos universitários começava a aumentar e o pavor dos mantenedores quando um concorrente instalava uma faculdade a cem metros da sua. Era uma encarniçada disputa de TV, outdoors e panfletos, em que cada uma tentava mostrar que era melhor que a outra. E o mesmo podemos dizer hoje com a ferrenha competição existente quando numa cidade com capacidade de duas faculdades surgem 20 competidores de EAD com valor de mensalidade 70% inferior. É luta por aluno, corpo a corpo.

Tudo o que foi exposto por Maurício Garcia é de grande utilidade porque nos permite uma reflexão no momento em que cinco mamutes do reino digital estão certamente pensando em como abocanhar a educação planetária. Poucos estão percebendo, mas logo os gigantes da Web estarão instalados pelos milhares de municípios brasileiros.

Antes eram as concorrentes de uma mesma cidade, hoje é a “universidade GAFAM” que começa a pensar em como lançar suas garras no Brasil. Para quem não conhece GAFAM, é o acrônimo das gigantes da web *Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft*. Agora já se apresentam novas empresas, revolucionando a linha dos negócios: NATU (*Netflix, Airbnb, Tesla e Uber*).

Destaque para a Netflix, coprodutora e distribuidora de filmes e séries de televisão. No dia em que também selecionar filmes educacionais ela superara os demais.

A Microsoft é quase onipresente em sistemas operacionais de computadores com o Windows e também dona do LinkedIn. O Google captura 92% das buscas mundiais na internet e domina cinco das seis principais plataformas digitais: Google buscas, vídeo (com o YouTube), celulares (Android), mapas (Google Maps) e navegador (Chrome).

O Facebook domina 75% da mídia social, possuindo o maior banco de dados pessoais do planeta. Comprou outras redes sociais em 2012 (Instagram), por US\$ 1 bilhão. E em 2014 comprou o WhatsApp por US\$ 22 bilhões. Assim o Facebook (e suas subsidiárias Instagram, WhatsApp e Messenger) tem 77% do tráfego nas redes sociais. Controla um ecossistema com mais de 1,6 bilhão de usuários na rede social original, 1 bilhão no WhatsApp, 900 milhões no Messenger e 400 milhões no Instagram.

A Amazon detém 40% das compras online nos EUA. É líder global absoluta no comércio digital e controla 44% da capacidade de computação em nuvem de todo o mundo.

A Apple é, desde 2013, a marca mais valiosa do mundo e a que gera mais lucro.

“As GAFAM aproximam-se do mundo educativo com vários objetivos, declarados ou ocultos, mas com a sólida determinação de infiltrar os seus ecossistemas digitais nos espaços de aprendizagem”, diz [Fernando Herranz](#), do Departamento de Inovação da Santillana.

Ficar indiferente a esses superpoderosos é beber cicuta em gotas. Especialmente essas seis empresas (incluindo Netflix à Garfam), que em conjunto atingem uma capitalização de mercado próxima dos 5 trilhões de dólares, movem-se com maior ou menor protagonismo pelos centros educativos de todo o mundo. Sigam o link adiante e saiba mais: <http://toyoutome.es/pt/blog/las-gafam-conquistan-la-educacion/42901>

Como está no [site da B2INN](#) (Business to innovation), “Imagine então o impacto que elas têm sobre nós! Essas megacorporações digitais detêm dados de bilhões de pessoas e a partir deles, com o auxílio de seus algoritmos computacionais, conhecem nossos hábitos, podem supor e tirar conclusões acerca de nossas personalidades e nossa vida.”

É lógico que a palestra do Prof. Maurício Garcia sensibilizou a todos sobre o que fazer daqui para frente. Para se ter uma ideia o Prof. Celso Niskier, diretor presidente da ABMES, ficou 3 dias em Brasília só planejando as diretrizes da atuação da ABMES para 2020. Na reunião do Conselho de Administração, a questão de como a Associação pode criar uma comunidade entre as associadas para enfrentar os desafios do futuro foi o foco central das discussões.

A mensagem principal de tudo o que ouvimos é que as mudanças sempre existiram e vão continuar existindo. Mas a diferença é a velocidade com que estão acontecendo. Muitos ainda não estão acompanhando o que já é realidade e não estão percebendo o quanto podem estar ficando obsoletos.

QUAL A REAÇÃO DE UM ROBÔ AO VER O BEIJO DOS RAPAZES DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS?

(17/09/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“À medida que a tecnologia se aperfeiçoava, aconteceram duas coisas. Primeiro, quando as facas de sílex evoluíram gradualmente para mísseis nucleares, ficou mais perigoso desestabilizar a ordem social. Segundo, à medida que pinturas rupestres gradualmente evoluíram para transmissões de televisão, ficou mais fácil iludir pessoas. No futuro próximo, algoritmos poderão completar esse processo, fazendo com que seja praticamente impossível que as pessoas observem a realidade por si mesmas. Serão os algoritmos que decidirão por nós quem somos e o que deveríamos saber sobre nós mesmos.”

(Yuval Noah Harari)

A epígrafe do professor e escritor israelense Noah Harari diz tudo. Não deveríamos escrever nem mais uma palavra. Mas, como nosso papel aqui é provocar novas reflexões para juntos trabalharmos em soluções para o mundo, especialmente o que vem por aí, vamos aprofundar alguns temas recentes.

O gênero humano é mesmo bastante complicado e, na área das emoções, ainda não ultrapassamos a época das cavernas. Vejam a

celeuma que está dando o desenho que retrata dois rapazes se beijando. [Estou lendo o livro 21 lições para o século 21](#), do Harari – Companhia de Letras – e me vem a seguinte pergunta: como reagiria um robô ao ver os beijos de duas pessoas do mesmo sexo?

O prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, líder religioso, mandou tirar o livro das prateleiras da Bienal para mostrar aos seus adeptos o rigor moralista de seus valores e, por seu lado, a mídia espalhafatou a cena para causar maior repercussão em seus veículos e vender mais anúncios.

O bispo empreendeu uma campanha contra a graphic novel “Vingadores: a cruzada das crianças”. O livro, para ele, contraria o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Segundo Crivella, é inadequado que “uma obra de super-heróis apresente e ilustre o tema do homossexualismo a adolescentes e crianças, inclusive menores de 10 anos, sem que se avise antes qual seja o seu conteúdo”.

A decisão despertou polêmica: de um lado, a comunidade evangélica e da extinta (?) TFP – Tradição, Família e Propriedade – aplaudiu; de outro, a ala mais liberal e atenta à diversidade rechaçou a atitude. Eu me pergunto novamente: como um algoritmo se comportaria diante desse fato?

Robôs são capazes de substituir grandes quantidades de trabalho; a inteligência artificial supera em alguns campos a própria capacidade humana; os big data e algoritmos permitem novas formas de governança e gestão de processos sociais.

Mas programas inteligentes são também capazes de preconceito. Por exemplo, o americano Jacky Alciné experimentou [o racismo expresso por um aplicativo da Google](#). O programa compila, por meio de um **algoritmo**, imagens salvas em um celular. A Inteligência Artificial – IA agrupa essas fotos de acordo com categorias como

“pessoas”, “viagens”, “pets”. A máquina colocou retratos de Alciné, que é negro, no mesmo grupo de “gorilas”. Não é mera coincidência jogadores negros serem assim chamados, mas não no campo virtual. Quem explica é o próprio Alciné: “Como sou programador de softwares, sei qual é a raiz do problema. A base de dados é criada por humanos. Certamente foram esses profissionais que, ao criarem o algoritmo, inseriram padrões que associaram negros a gorilas”.

Os softwares são guiados por códigos, que são desenvolvidos por humanos. Quando essas informações apresentam erros na calibragem de algoritmos (ainda que o programador não o perceba, pois o preconceito já está introjetado nele), levam à fabricação de robôs racistas, machistas ou homofóbicos. Por exemplo, a Amazon já foi acusada por ex-funcionários de ter usado um software misógino na seleção de pessoal. O fato é que o sistema havia sido treinado com base na análise de contratações anteriores, e a maioria dos empregados da Amazon é do sexo masculino. Em outras palavras, os algoritmos aprendem com os dados que são oferecidos a ele. Se quem está por trás é preconceituoso, ele pode manter esse perfil.

Um programa deficiente (por exemplo, não ter uma equipe multidisciplinar e não abarcar representantes de todos os setores da sociedade) pode reproduzir a discriminação que existe entre nós, humanos. Mas, quando desenvolvida de forma correta, a IA pode ajudar a identificar e evitar os preconceitos humanos.

Esses exemplos, somados ao caso do Crivella, nos levam a questionar o papel da ética nesse novo mundo digital.

O uso de carros autônomos levanta dezenas de questões para quem estuda ética na inteligência artificial. Um carro autônomo, o Tesla, por exemplo, se vê num dilema ao perceber em sua direção um ônibus lotado em alta velocidade: deve mudar de direção e tentar matar menos pessoas? E se mudar de direção ameaçar uma criança?

Trata-se de uma decisão instantânea e complicada, que mescla emoções, instintos e ética. É um fenômeno bem conhecido entre os pilotos de avião: o piloto automático consegue fazer tudo para pilotar um avião, desde a decolagem até o pouso, mas os pilotos optam por controlar a aeronave manualmente em momentos cruciais.

Yuval Noah Harari, em seu livro, diz: “Os algoritmos de computação, no entanto, não foram moldados pela seleção natural, e não têm emoções nem instintos viscerais. Daí que em momentos de crise eles poderiam seguir diretrizes éticas muito melhor que os humanos – contanto que encontremos uma maneira de codificar a ética em números e estatísticas precisos”.

É o próprio Harari que decreta: “Não podemos confiar na máquina para estabelecer padrões éticos relevantes – os humanos sempre terão de fazer isso”.

Há quem discorde. “O avanço recente da inteligência artificial, quando as máquinas não mais seguem processos de decisão pré-programados pelos humanos e começam a aprender por si mesmas (Machine Learning, Deep Learning), coloca para a sociedade novos desafios éticos e a premência de estabelecer arcabouços legais a partir de uma regulamentação que, simultaneamente, proteja os indivíduos e instituições, e preserve o grau de liberdade necessário ao desenvolvimento científico”, defende Dora Kaufman, professora da PUC-SP, na revista [Época Negócios](#), de 9 de agosto último.

Sim, o que parecia ficção virou realidade, pois foi descoberto que os algoritmos conseguem se auto programar, aprender com a própria experiência e fazer associações entre as informações recebidas. Um dos casos concretos de bots de inteligência artificial que desenvolveram linguagem própria é o [chatbot Tay](#), desenvolvido pela Microsoft para, através do Twitter, interagir e aprender com jovens entre 18 e 24 anos.

Tay foi criada para conversar com esses adolescentes de forma divertida, descontraída e natural, mas, em menos de 24 horas, os usuários da rede social a “corromperam”, e ela passou de uma inocente robozinha para uma racista, misógina, homo e transfóbica, além de vomitadora de caracteres, uma espécie de nazista virtual. Mais do que nunca, nosso futuro dependerá da ética de quem escreverá os algoritmos dos bots de IA e, em consequência, nossos destinos.

Se consultado sobre o tema, um robô responderia: é um desafio tecnológico, mas também político, educacional e social, garantir que a utilização cada vez mais intensa de algoritmos para processar informação e tomar decisões seja compatível com valores éticos e morais, essenciais ao bom funcionamento da sociedade.

E voltamos à tese de sempre. Antes das máquinas, precisamos instruir os seres humanos. Só com boa educação poderemos ter uma sociedade capaz de ter gente com VALORES para programar os algoritmos do bem.

RAZÃO VERSUS EMOÇÃO NA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

(24/09/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“O perigo é que se investirmos demais no desenvolvimento da IA e de menos no desenvolvimento da consciência humana, a simples inteligência artificial sofisticada dos computadores poderá servir apenas para dar poder à estupidez natural dos humanos.”

(Yuval Noah Harari)

Na semana passada fiz uma provocação indagando como reagiria um robô face ao fato que levou o prefeito do Rio de Janeiro a mandar retirar o livro de histórias em quadrinhos da Bienal. As respostas dos leitores foram que as máquinas se posicionariam da mesma forma que os humanos, dependentes de sua realidade social, filosófica ou religiosa. Ou seja, os robôs reagirão de acordo com o pensamento de seus programadores. Vejam o que acontece nas discussões políticas, religiosas ou de futebol, onde todos dizem ter razão. Recentemente, o debate da inteligência artificial e das reações e julgamentos humanos entrou em campo e foi matéria do Estado de S.Paulo desse último domingo: [E se o juiz fosse uma inteligência artificial?](#)

No fim, tudo está relacionado a consciência e emoção, sendo difícil julgar as pessoas quando estão pressionadas pelos acontecimentos. Em seu livro “21 lições para o século 21”, Yuval Noah Harari¹ aborda

1 Nascido em Israel, em 1976, é PH.D em história pela universidade de Oxford.

essa questão ao relatar experimento realizado em 1970 no seminário presbiteriano de Princeton. Numa tarefa escolar, estudantes do último ano precisavam contar aos calouros a parábola do bom samaritano. História do judeu que viajava de Jericó para Jerusalém e foi assaltado e maltratado por ladrões e agonizava à beira da estrada. Por lá passaram um sacerdote e um membro da alta sociedade, que simplesmente o ignoraram. Pouco depois passou um samaritano, de seita desprezada, que o consola, trata das feridas e o leva a uma estalagem e lhe paga a refeição e a diária.

Os seminaristas corriam entusiasmados para a sala de aula para explicar da melhor forma a moral da parábola. Só que nenhum deles percebeu a pessoa maltrapilha e pedindo ajuda que os professores haviam colocado no corredor de passagem. Todos estavam tão preocupados em transmitir a melhor mensagem aos colegas e depois serem avaliados que nem viram o mendigo pedindo esmola.

Voltando às 21 lições: aqui certamente estaria o embate entre consciência e inteligência, posto que a ficção científica tende a confundir isso e supõe que para se equipar ou superar a inteligência humana os computadores terão de desenvolver consciência. “Uma e outra são estados ou condições muito diferentes, pois inteligência é a aptidão para resolver problemas e consciência é a aptidão para sentir raiva, dor, alegria, medo e amor”. Por conseguinte, é ato ou efeito de sentir disposição para se comover, se impressionar, perceber e apreciar algo etc.; sensibilidade conduzindo a afeto, afeição, amor ou para o outro extremo.

Atualmente é professor na Universidade Hebraica de Jerusalém. Tem 3 livros publicados: Sapiens: Uma breve história da humanidade; Homo Deus: Uma breve história do amanhã – juntos já venderam 12 milhões de exemplares – e sua última obra, também soberba, 21 lições para o século 21.

Enquanto os Gigantes da Internet (FANG – Facebook, Amazon, Netflix e Google) investem bilhões no desenvolvimento da IA, muito pouco é direcionado a pesquisar a consciência e a mente. Há muitos pensadores envolvidos em estudar as consequências morais, conter os danos que pode causar e pressionar as empresas de tecnologia a integrar bens sociais como privacidade e equidade em seus planos de negócios.

Segundo [Brian Green](#), que estuda [ética na inteligência artificial](#) na Universidade de Santa Clara (USA), muitas pessoas de repente se interessaram por ética não IA porque perceberam que estão brincando com fogo. E John W. Miller, escritor que já trabalhou como repórter e correspondente internacional do The Wall Street Journal, diz que [“Isso é o que temos de mais revolucionário desde a descoberta do fogo.”](#) Ele complementa:

“O campo da ética na IA inclui duas categorias amplas. Uma compreende o questionamento filosófico e por vezes teológico sobre como a inteligência artificial altera nosso destino e nosso papel como seres humanos no universo. A outra é um conjunto de questões básicas sobre o impacto de produtos de IA poderosos, como smartphones, drones e algoritmos de mídias sociais.”

Decisões importantes normalmente envolvem uma dimensão ética, assim, algoritmos jamais poderão tomar tais decisões porque eles não entendem de ética. Nem por isso não há motivo para supor que os algoritmos não serão capazes de superar o ser humano, mesmo na ética.

Os desafios contemporâneos, colocados de forma clara e acessível, podem ser um convite a refletir sobre qual deve ser o nosso envolvimento pessoal num momento de tantos ruídos e incertezas. A propósito, Harari diz que num mundo repleto de informações irrelevantes, clareza é poder. Se não há mais restrição ao fluxo de ideias, a lógica da censura parece ter sido subvertida: o excesso de conteúdo

a que as pessoas são expostas diariamente inunda-as de desinformação e distrações.

O que resta certo é que ainda não estamos encontrando nada sedimentado e consolidado, em que pese todo o conhecimento acumulado ao longo dos séculos. Ainda hesitamos muito em aceitar conceitos que parecem sempre estar por serem acabados, como dicotômicos, na dialética platônica, onde a partição de um conceito em dois outros gera ideias contrários e complementares. Assim é com a razão e a emoção, o cérebro e a mente, a inteligência e a consciência.

Como a humanidade irá embutir isso nas IA se ainda gatinhamos nesses aprendizados? Quando queremos expor ideias que conjugam algoritmo com a ética estamos, por ora, nos aproximando do mago Merlin ou do mágico Houdini, com resultados emaranhados.

São observações, digamos, aleatórias e enviesadas. Confiabilidade é a palavra de ordem, observando as culturas humanas de forma metódica e objetiva. Ou seja, a queda de braço por exemplo entre o estudo do cérebro e da mente, a única que se pode observar diretamente, de cada indivíduo, que cada um faz de per si. Ou ainda, quando se trata de observar nossas próprias mentes mal arranhamos a superfície.

Porém, a oportunidade de transcender os limites de nossa imaginação com tecnologias como a IA é quase ilimitada, e o medo em torno disso é natural. Mas seria um grande retrocesso permitir que as forças do medo e pessimismo e do atraso dominassem o grande potencial de transformação e o impacto que tem seu uso.

Precisamos reorientar nosso sistema educacional e desenvolver programas escaláveis de aprendizagem baseados na IA para garantir a inclusão social e a participação universitária das minorias e o desenvolvimento sustentável no mundo do trabalho, tanto no que se relaciona a ética, como no campo da empregabilidade, do empreendedorismo e da inovação.

MUDANÇA DE MINDSET: UMA NOVA FORMA DE PENSAR A EDUCAÇÃO

(01/10/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“A oportunidade de transcender os limites da imaginação com tecnologias como a IA é quase ilimitada, e o medo em torno disso é natural. Seria um grande retrocesso permitir que as forças do medo, do pessimismo e do atraso dominassem o potencial de transformação que tem o seu uso.”

(Profa. Luciana Santos – Senac/SP)

Neste ano o Semesp comemora os 40 anos de sua fundação e ao mesmo tempo exibe sua maioria realizando a 21ª edição do Fórum Nacional do Ensino Superior Particular (Fnesp). Quem diria que a ideia proposta ao Semesp e à Anup pela professora Gilda Portugal Gouveia, então chefe de gabinete do ministro Paulo Renato de Souza, para mostrar as realizações das mantenedoras brasileiras, alcançaria a magnitude atual.

Foram dois dias de proveitoso mergulho sob título “Mudança de Mindset: uma nova forma de pensar a educação”, tema de muita atualidade. As apresentações e os debates realizados por renomados especialistas internacionais e nacionais mostraram as transformações que o mundo passa e a nova configuração da aprendizagem que fazem repensar a maneira de atuar das instituições educacionais.

A palestra inicial, realizada em ambiente acolhedor e de aplausos,

foi do historiador e filósofo Leandro Karnal. Sob o tema “Um Novo Olhar para uma Nova Realidade”, foram tratadas as habilidades inerentes ao novo líder educacional e como essas competências se traduzem em um mundo conectado e transformado pelas mudanças da 4ª Revolução Industrial. Para ele, o Brasil precisa desesperadamente de bons gestores educacionais e entre as habilidades inerentes ao novo líder educacional está a capacidade estratégica e a visão humanista.

Na saudação, o presidente do Semesp, professor Hermes Ferreira Figueiredo, enfatizou a realidade em que vivemos e a necessidade de repensar os modelos e formatos que vêm sendo adotados na educação. Uma mentalidade que precisa ser reconfigurada para podermos estabelecer novas atitudes, comportamentos, decisões e visões de mundo, envolvendo tanto a atual geração de gestores, professores e colaboradores, quanto os alunos das nossas instituições.

“Todos nós sabemos que o Brasil é um país de desafios continentais, em todos os aspectos. E todos nós sabemos que o sistema educacional ainda não logrou oferecer à população brasileira o acesso ao ensino superior necessário para a sua realização coletiva e individual. Só a mudança mental que é tema deste Fórum, poderá permitir às nossas instituições atenderem a padrões de qualidade cada vez mais elevados e socialmente inclusivos”.

Suas palavras norteadoras foram: “Ao contrário do que alguns tentam demonstrar, a tecnologia é nossa aliada. Ela está pronta para ajudar na formulação e implementação de projetos integrados, que garantam às instituições de ensino superior baixar custos em algumas áreas e investir em qualidade e inovação para a formação de jovens preparados para enfrentarem os desafios que virão com a revolução 4.0.” Seu brilhante discurso está [aqui registrado](#).

O Prof. Eric Mazur, da Universidade Harvard, com bastante acuidade falou sobre o tema “Reconfigurando o MindSet Organizacional” e, em seguida, o assunto “O Valor da Educação para a Sociedade 4.0” foi tratado pelo Prof. Luis Alcoforado, da Universidade de Coimbra, complementado pela [extraordinária exposição de Francisco Marmolejo](#), do Banco Mundial, que certamente detém um dos maiores bancos de dados sobre a educação no planeta. O painel foi realmente impressionante e, porque não, preocupante.

Ambos enfatizaram a importância da educação transformadora para a formação de pessoas e cidadãos éticos em uma sociedade interconectada e sem fronteiras. A educação de qualidade aliada às demandas de uma sociedade em constante transformação é condição para elevar os países a patamares mais altos.

Ainda no dia 26, foi exposto o tema “Ensino à prova de Robôs”, David Garza da Tec Monterrey e Conrado Schlochauer, fundador da Teya. O programa completou-se com a tarde de autógrafos do lançamento do livro coletânea “Revolução 4.0 – A Educação Superior na Era dos Robôs”, assinado por Fábio Reis.

Não podemos deixar de comentar a apresentação do Ministro da Educação, Abraham Weintraub, que apesar de polêmica, expressou claramente suas ideias e as dificuldades que tem para resolver os desafios do MEC. Respondendo a um questionamento sobre o que o governo faria para recuperar o Fies (Financiamento Estudantil), ele afirmou, “O que o governo vai fazer por vocês? Nada, o governo não vai fazer nada. Vocês têm de se virar”.

É bom que ele saiba que sempre nos viramos e, a respeito do incrível índice de inadimplência que ronda o Fies, as instituições de educação superior (IES) não têm nenhuma culpa ou responsabilidade sobre o *modus operandi* das concessões do financiamento. Até aqui elas também são vítimas da incúria, negligência e descuido que foram

tratados os contratos pelos órgãos financeiros. Mas ele foi incisivo e desafiou o setor a autorregular-se. “Nada impede que as entidades particulares criem um órgão para cuidar da abertura e avaliação de seus cursos”. As entidades representativas deverão imediatamente mostrar que são capazes de fazer. A proposta é boa e devemos imediatamente nos organizarmos para tornar-se realidade. Não queremos afrouxamento das regras e sim uma simplificação da maldita burocracia que é autofágica e que restringe toda a criatividade e inovação das IES.

Virando a página, entramos no dia seguinte para receber outra leva de ótimos palestrantes como José Claudio Securato, da Saint Paul Escola de Negócios e Bill Cummings da Universidade do Sul da Flórida, abordando “Aprendizagem Preditiva e Machine Learning”, como um case de sucesso. Eles apresentaram as IES que estão alcançando excelentes resultados utilizando modelos estatísticos, big data e análise preditiva para o aperfeiçoamento das práticas acadêmicas.

Com um tema mais centrado com eixo do Fórum, seguiu-se “As IES que Mudaram o Mindset Institucional” com os palestrantes Oto Roberto Moerschbaecher da Univates e Daniel Pedro Puffal, ambos exemplares das transformações atingidas no escopo.

O encerramento, com a assinatura “O Poder de Transformação da Educação” ficou por conta da consagrada professora Debora Garofalo, finalista do Global Teacher Prize, Angélica Natera, da Laspau e Ricardo Paes de Barros do Instituto Ayrton Sena, mediados pelo radialista Milton Jung.

O que é necessário registrar como excelente iniciativa, foi o HackLab onde durante o evento um grupo de alunos trabalhou com projetos focados na captação de alunos, na evasão, na retenção e outro como fazer o acompanhamento psicológico online dos alunos (prevenção

contra o suicídio). O grupo vencedor foi a FABLAB que envolveu duas instituições: a UNIFEOBE e a Toledo de Presidente Prudente.

Parabéns ao Semesp, aos organizadores do evento e a todos que trabalharam para o sucesso do mesmo. Agora é voltar para nossas instituições e colocar em prática o que aprendemos. É bom caprichar porque a competitividade está a todo vapor. Conforme o presidente Hermes, “só a mudança mental poderá permitir às nossas instituições atenderem a padrões de qualidade cada vez mais elevados e socialmente inclusivos”.

ERA DIGITAL: O GRANDE DESAFIO DO ENSINO SUPERIOR

(08/10/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“O mundo no qual vivemos certamente não é o melhor dos mundos possíveis, mas é sem dúvida o melhor dos mundos que existiram até hoje.”

(Domenico de Masi)

Na história da humanidade nunca houve em 30 anos um crescimento tão exponencial de dados, informações e usuários que transitam pela Word Wide Web como agora. Os relatórios digitais 2019 da GlobalWebindex mostram que mais de um milhão de novos usuários acessam a Internet a cada dia e os números são os seguintes:

5,11 bilhões de usuários móveis únicos no mundo.

4,39 bilhões de usuários de internet em 2019, um aumento de 366 milhões (9%) em relação a janeiro de 2018;

3,48 bilhões de usuários de mídia social em 2019, com o total mundial crescendo em 288 milhões (9%) desde esse período do ano passado;

3,26 bilhões de pessoas usam mídias sociais em dispositivos móveis.

A economia centrada em plataformas on-line de compartilhamento de bens ou serviços, com base *peer-to-peer*, movimenta aproximadamente US\$ 110 bilhões por ano no mundo. O que mostra a força que o meio digital representa para a economia mundial.

Certamente há desafios a vencer, como a fonte e a qualidade da informação e da propagação arrasadora das *fakes news*, mas é a realidade de um mundo novo que precisaremos alinhar com a nossa mente.

“*Mindset* parece mesmo ter se transformado em uma das palavras do momento. A propósito, ninguém nunca parou e disse que você precisava ajustar o seu *mindset*? Se você não entendeu muito bem o que foi sugerido e ainda não captou o conceito, é hora de mergulhar nesse universo e entender porque a palavra tem sido tão comentada. Desde já uma dica: pode ser que você perceba a necessidade de rever algumas condutas diante da vida. Mas não se preocupe, isso pode ser extremamente positivo e marcar sua evolução como pessoa e como profissional. Isto vale para a sua vida pessoal e para sua empresa”.

“Mudança de Mindset: uma nova forma de pensar a educação”, tema do 21º FNEESP, realizado mês passado pelo Semesp, nos obriga a refletir sobre como administrar nossas instituições face a toda a ordem de transformações que começam a interferir nas nossas atividades.

Um congresso não tem a obrigação de nos dar solução alguma, nem rota de fuga ou mostrar uma saída que possamos adotar. Mas todos levantam problemas e mostram que o desafio é mundial. As palestras e os painéis foram taxativos e o que se ouviu foram coisas alertas como:

“Quem puder que se cuide, pois o mundo vai mudar”

“O século chegou não para os que querem improvisar”

“A Inteligência Artificial é uma realidade inexorável e vai mudar a educação”

“Continuar apostando em conteúdos perenes vai virar mingau”

“As iniciativas deverão ser ousadas e terão altos investimentos”

“O que resolve lá fora não necessariamente resolve aqui dentro”

“Já é hora de tratarmos das nossas conjunturas e esquecer as finlândias do globo, as dinamarcas e suécias, além de propostas nada factíveis aqui nas terras dos tupinambás. Alguma dúvida?”

Francisco Marmolejo, do Banco Mundial, deixou lições impagáveis com simples colocações, mais como advertências, dizendo que “caminhamos rumo a um mundo interdependente, rumo a um mundo interconectado, rumo a um mundo cada vez mais turbulento e por paradoxal, rumo a um mundo cada vez mais fascinante”. Ele ratificou o que disse De Masi em seu livro “O mundo ainda é jovem” (ed. Vestígio) ao justificar a epígrafe deste artigo.

Nunca como antes a terra foi habitada por 7 bilhões de cérebros, boa parte instruída e interconectada. As pessoas vivem mais e têm mais disponibilidade aos recursos da saúde. O planeta nunca produziu tanta riqueza e alimentou tantas bocas. Porém o mundo está desorientado por falta de lideranças, mas não se deve esquecer que ele é ainda jovem.

A realidade é que precisamos aprender rápido, a ver esse mundo de cabeça para baixo, no que os morcegos são campeões.

Então, como está mudando o ensino superior? A universidade está em risco?

No artigo “*College is Dying, Design Your Own Educacion*”, publicado no site Hackernoon e mencionado no [Data Science Academy](#), mais moldado com a realidade americana, destaca-se que Google, Apple e IBM não consideram mais em seus processos de seleção a questão da titulação superior e que os estudantes ao se matricularem deveriam pensar bastante antes de fazer um curso de quatro anos.

Vale a pena aprender o que não serve para um mercado em evolução? Fazer um investimento sem saber se vai ter retorno e se irá funcionar no mundo real? Ter professores indicados que nem sabem quem são, aprender com pessoas que, na maioria dos casos, não se importam com seus resultados e confiar num diploma dado por uma instituição para provar que se aprendeu alguma coisa?

Pois o que essas empresas aconselham é a não selecionarem campo único de formação. É preferível construir seu próprio currículo e ajustá-lo à realidade. Ir cursando por etapas e atualizando a cada momento. E o mais contundente: o estudante deve escolher o melhor professor e não aquele que lhe é indicado. Cursos pela internet e YouTube mostram isso.

Sabemos que mudanças vão ocorrer brusca e rapidamente, escreve o Prof. Paulo Vadas:

“Só não temos certeza quais serão essas mudanças, nem seus impactos, o que torna o planejamento de médios e longos prazos extremamente difíceis. O que tenho certeza, é que as forças das mudanças estão apontando para a personalização do atendimento das demandas, inclusive no que tange à educação. Cada aluno já está, e estará cada vez mais, buscando aprender aquilo que tem relevância e pertinência para a sua vida em particular, principalmente no que se refere aos seus talentos, curiosidades e desejos.”

Por sua vez, as novas tecnologias já estão permitindo que os interesses educacionais de cada indivíduo sejam atendidos prontamente.

Precisamos revisar as estruturas educacionais desatualizadas de hoje e que suprimem a criatividade, a inovação e o empreendedorismo, vivenciados de forma prática na experiência curricular. Insisto, precisamos substituir esse modelo por sistemas que se conectem com as reais demandas sociais e do mundo do traba-

lho, usando a tecnologia para ampliar a interação, a aprendizagem e, principalmente, a preparação para a vida, que é a cada dia mais competitiva e requer não só o domínio de conhecimento específico como as disciplinas se propõe, mas, essencialmente, a capacidade de aplicar conhecimento em situações reais da vida e do trabalho, como a resolução de problemas, trabalho em equipe, trabalho por projetos, pensamento crítico, comunicação entre outros.

O desenvolvimento do país depende de um sistema político estável onde o diálogo e as ações possam alinhar rumos factíveis para o progresso. Porém, acima de tudo, precisa de gente capacitada em todos os níveis, que possam com seus braços, mentes, máquinas, trabalho, talentos, empresas e tecnologias alcançar a melhor qualidade de vida de suas populações. E certamente aliando a inteligência humana à das máquinas (ordenada por nossa gente), poder-se-á criar um sistema educacional compatível para desenvolver um Brasil democrático, poderoso, livre e mais igual. O que nos obriga a pensar a educação de forma propositiva e realmente com uma nova configuração mental.

Portanto o novo *mindset* aplica-se em oferecer a experiência do ensino superior muito além do currículo formal como conhecemos hoje.

ESCOLA E PROFESSORES E OS DESAFIOS DOS NOVOS TEMPOS

(15/10/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“O magistério é uma carreira pouco atrativa (...). O primeiro ponto é que é uma carreira mal paga, estressante e de baixo prestígio social. Aqui começa o desafio. O segundo ponto diz respeito ao domínio técnico da área. (...) A última questão é como reestruturar a concepção da escola para um mundo novo, líquido, com jovens que não podem mais ser inseridos em uma estrutura antiga de transmissão de conhecimento. O drama? Nós, professores, eu inclusive, não sabemos como reagir diante do desafio atual.”

(Leandro Karnal)

Terça feira passada (8/10) estava eu voltando de Brasília e sentou-se ao meu lado um casal com um menino de não mais de um ano de idade, ele se revezava na viagem abraçado aos pais. Ao ameaçar chorar, o pai retirava-o da mãe e com o filho no colo, compartilhava desenhos de seu iphone e brincavam alegremente. O que nos fez pensar, com todos os avanços da tecnologia e inteligência artificial, como se desenvolverá a universidade nos próximos vinte anos.

Coincidentemente, dois dias após o ocorrido o jornal Valor [Econômico publicou excelente reportagem](#) da jornalista Stela Campos sobre a Conferência EnlightED. Organizado pela Universidade IE e pelas Fundações Telefônica e Santillhana, que teve como tema “Reinventando a educação em um mundo digital”.

Stela relata o que foi demonstrado pela sala virtual “Wow”, que funciona na universidade IE de Madrid. “A partir do ano que vem, o holograma de um professor pode estar ensinando estudantes de diferentes países, em uma sala virtual, onde eles ficam posicionados em 48 telas, que juntas formam um grande painel, como no cinema”. A jornalista destaca também outra experiência onde um aluno com óculos especiais faz uma apresentação a um auditório virtual de 10 mil pessoas. O evento tratou do imenso desafio não só do sistema universitário, mas também do mundo do trabalho e de toda a sociedade para, apoiando-se na tecnologia, oferecer oportunidades de aprendizado para quem desejar.

Dentro do mesmo propósito de mostrar a realidade do setor de educação, destaco a apresentação do presidente e CEO da Telefônica, Jose Maria Alvares Pallete, em reportagem de Júnia de Oliveira [publicada no O Estado de Minas](#) no fim do ano passado.

“Nenhuma outra geração viveu um acúmulo de tecnologia e mudanças como estamos vivendo agora. São mudanças exponenciais, e não estamos programados para pensar exponencialmente. Dentro da forma com a qual nos relacionamos e atuamos, é importante estarmos conscientes deste momento e do que ele significa. (...) Quem pensa que os smartphones fizeram uma revolução, precisa entender que temos uma revolução muito mais acelerada que ocorrerá nos próximos anos: a inteligência artificial, que prefiro chamar de inteligência cognitiva”, e disse mais. “A ordem agora não é aprender só em escolas, universidades ou por meio de formação continuada, mas aprender permanentemente, em um contexto em que o conhecimento não dá trégua”. A síntese do evento enfim e que a instituição escola precisa ser reinventada se quiser sobreviver”.

A sala de aula mudou. A lousa é a tela de um computador, de um Ipad, de um smartphone ou de um assistente virtual proposto pela

internet das coisas. A sala de aula como a conhecíamos está em contínuo e acelerado processo de extinção. A universidade como único “ambiente do saber”, já não existe mais. Hoje deve-se aprender para a vida inteira.

Os professores atualmente têm que lidar não só com alguns saberes e a tecnologia, mas também com uma complexidade social crescente: todos vão para a escola, de todos os grupos sociais, dos mais pobres aos mais ricos, de todas as raças e todas as etnias. A própria sociedade tem, por vezes, dificuldade em saber o que ela quer da escola ou mesmo para que ela quer a escola. Há um excesso de missões dos professores, pede-se demais aos professores, pede-se demais às escolas. Afinal, como imaginar escolas extraordinárias, espetaculares, criativas, onde tudo funcione bem numa sociedade em que nada funciona?

Os recentes avanços tecnológicos mudaram muitas áreas de nossas vidas: a maneira como nos comunicamos, colaboramos, aprendemos e, claro, como ensinamos. Esse cenário exige também uma expansão na atuação do professor. Nunca antes o aprendizado aconteceu do jeito que é hoje, ou seja, em todos os lugares, o tempo todo, sobre qualquer tema, técnica ou conteúdo, apoiando qualquer estilo ou preferência de aprendizagem.

Mas o que realmente significa ser um professor do século 21?

O professor precisa ser ousado, persistente, resiliente e esperançoso para descobrir potencialidades e desenvolver as habilidades de cada aluno com quem compartilha seus ensinamentos motivando, orientando e influenciando na descoberta do mundo e na formação de valores, estes, indispensáveis num momento global em que a tecnologia parece substituir o homem.

Sabe-se que a educação desempenha papel fundamental no crescimento econômico, mas para isso há necessidade de bons professores. Cabe, porém, ao Estado, criar um planejamento consistente e de longo prazo, desenvolver políticas capazes de fazer do ensino uma escolha profissional atraente e propiciar desenvolvimento de uma formação continuada dos docentes.

As mudanças do mundo do trabalho e o surgimento da chamada sociedade do conhecimento têm colocado essa formação no centro de intensos debates.

Solução? É preciso criar aulas mais dinâmicas, promover ações que integrem os conhecimentos trabalhados em sala de aula com aqueles do mundo exterior, criar pontes que aproximem a escola das empresas, das instituições de cultura, utilizar de forma mais consistente as novas tecnologias, que viabilizam mudanças educacionais na forma de lidar com o ensino/aprendizagem e, principalmente, ressignificam o papel do professor.

De detentor e transmissor do conhecimento, sem levar em consideração a subjetividade de cada aluno, o professor passa a atuar como mediador de um processo contínuo que precisa ser compartilhado e vivenciado, levando em consideração a prontidão e a receptividade de cada um. Ele também passa a ser orientador na aprendizagem mediada pelas novas tecnologias, acompanhando seus alunos, monitorando e viabilizando a discussão, a troca de ideias e experiências para aquisição do conhecimento.

Nesse contexto, o papel do professor não é ensinar determinado conteúdo (como insisto em repetir, disponível a um toque na tela), mas criar uma cultura de desenvolvimento contínuo. Fazer o aluno aprender a estudar e a correr atrás de conhecimentos e habilidades, torná-lo perseverante e resiliente, sem medo de errar, pois o erro pode transformar-se em algo que deve ser revisto e reformulado para produzir novos saberes.

O professor tem de apresentar desafios que exijam esforço e desenvolvam a capacidade crítica, criativa e colaborativa de todos os seus alunos. Neste particular, o domínio das tecnologias é de grande valia, pois permitem uma educação customizada, que respeita e estimula o desenvolvimento individual, promovendo uma educação inclusiva.

Por todas essas competências é que acredito que o professor precisará se adaptar à realidade dos novos tempos. Antigamente a turma de estudantes se renovava a cada ano e por 20 anos o conteúdo era o mesmo. Hoje, a necessidade de aprender o novo aparece a cada instante. O que era comunicação oral agora é por múltiplos meios de comunicação e tecnologia. Há dezenas de ocupações à nossa espera. Há um novo mundo precisando das nossas competências. A palavra de ordem é aprender sempre. Estamos deixando o lugar de transmissores do conhecimento, para nos tornarmos o que sempre sonhamos: ser eternos estudantes.

Excelente dia dos professores para todos!

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM DESAFIO PARA AS IES

(22/10/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“O mais importante será repensar o papel e a função da educação escolar (dos cursos de graduação no ensino superior): seu foco, sua finalidade, seus valores. A tecnologia será importante, mas principalmente porque nos forçará a fazer coisas novas, e não porque permitirá que façamos melhor as coisas velhas.”

(Peter Drucker- 1998)

Semana passada comemoramos o Dia do Professor com a indarçável sensação de que tudo continua igual, como no “[quartel de Abrantes](#)”. Para não pensar sempre em críticas e na percepção da falta de plano consistente para desenvolver o ensino público baseado na preparação de bons professores e acreditar que isto é possível, basta analisar o caso de sucesso do que está acontecendo na cidade de Sobral, no Ceará, que teve desempenho incrível em seus índices de Desenvolvimento da Educação básica (Ideb). De 4 pontos, a cidade passou para 9,1 em 10 anos. Não é preciso muita explicação, porque a receita do sucesso da educação no futuro repousa, exclusivamente, no bom professor.

Os elogios são poucos, mas as críticas bem profundas. A própria categoria, entre desestimulada e desesperançada, com o pouco caso que faz crescer o desrespeito e a desconsideração nos três níveis educacionais, hesita em assumir uma educação continuada para se

preparar frente aos desafios das modernas metodologias, a inserção madura no mundo digital, a adoção de novas tecnologias, hoje já empregadas em larga escala, em todo o mundo, como motivantes de uma proposta de ensino-aprendizagem que envolve um universo, que vai além da sala de aula.

A sociedade atual está experimentando mudanças muito rápidas e profundas em todos os âmbitos. As tecnologias de informação e comunicação (TICs) estão sendo as protagonistas principais desses acontecimentos. Há um mundo novo, isso sem falar das máquinas digitais e da realidade da Inteligência Artificial, como venho escrevendo neste blog. Principalmente, as universidades estão trabalhando para que a incorporação da tecnologia nos seus processos investigativos, docentes e de gestão seja uma realidade e para que as redes de conhecimento, de recursos de aprendizagem, investigação e os serviços de informática sejam algo habitual e natural para os membros da comunidade universitária. Mas é tudo muito tímido.

Nesse particular, a tecnologia tem o poder de dinamizar a sala de aula, de transformar o ambiente monótono, no qual um fala e todos escutam, para um ambiente acolhedor, dinâmico com possibilidades de discussões e debates que rompem as barreiras impostas pelas paredes ambientais e possibilitam a troca de experiências e trabalhos colaborativos. Sem falar da tela multimídia que substituiu o quadro negro, desde as mais extasiantes, mostradas nos espetaculares shows artísticos até as menores, avidamente absorvidas nos smartphones.

Trazendo um pouco da história de quando a lousa vira tela para comunicar texto, som e imagem, vamos falar do hipertexto. Criado na década de 60 pelo filósofo e sociólogo norte-americano Theodor Holm Nelson, este conceito está associado às tecnologias da informação e faz referência à escrita e leitura eletrônicas. Essa nova

organização multilinear de informações, mudou a noção tradicional de autoria, uma vez que contempla diversos textos (verbais e não verbais) numa espécie de obra coletiva, ou seja, apresenta textos dentro de outros, formando assim, uma grande rede de informações interativa e propiciando uma leitura individualizada e sob medida para o internauta: cada um acresce ao seu universo de conhecimentos o que desejar.

Do século passado para este, as contribuições tecnológicas para a área da educação desenvolveram-se exponencialmente. Senão vejamos, segundo a [consultoria IDC](#), a realidade aumentada (RA) e a realidade virtual (RV) vão passar por um crescimento explosivo nos próximos cinco anos, impulsionando em grande parte pela educação – tanto nos ensinos fundamental e médio quanto no superior. Com elas, por exemplo, são possíveis simulações avançadas, que auxiliam as atividades didáticas de medicina, odontologia, biologia, ecologia, arquitetura e de infinitas outras áreas do conhecimento, sem o “inconveniente” de acidentes. Com a RA, o currículo escolar ganha novas dimensões e interesse, pois é possível entrar no ambiente e interagir com objetos virtuais em três dimensões e fazer uma imersão, por exemplo, numa tumba egípcia ou um passeio pelo sistema solar. Sem falar de toas as possibilidades do ensino online.

O resultado é a criação de um novo ambiente de aprendizado, que torna o estudo mais divertido e interessante, com alunos mais engajados com a própria formação, pois deixam de ser sujeitos passivos, que somente recebem as informações e passam a aprender ativamente, participando e interagindo com o conteúdo. Além de poder traçar os próprios caminhos dentro do ambiente virtual para reter o conteúdo de maneira que seja mais fácil para a absorção do conhecimento.

Com essas e outras tecnologias digitais, “estamos desafiando o paradigma que diz que todas as crianças com sete anos são exatamente

as mesmas e devem ser expostas ao mesmo conteúdo. Começamos a questionar o que é certo para esta criança e o que é certo para aquela criança”, diz Brian Greenberg, CEO da Silicon Schools.

O maior desafio para a aplicação dessas tecnologias é preparar professores para seu uso. Se para o aluno nativo digital essas inovações praticamente fazem parte do seu dia a dia, para quem não nasceu na era digital, a intimidade com elas pode ser mais difícil. Por isso, todo esse aparato digital também requer do professor um novo modo de pensar a pedagogia.

Apropriar-se das novas tecnologias é condição primordial para que alunos e professores melhorem seu desempenho na sociedade e no trabalho. Seja a tela do tamanho que for, ela será a grande transmissores das experiências de vida e do conhecimento, juntamente com as grandes plataformas tecnológicas e das nuvens que lhe dão apoio.

Parece que a educação ainda muito presa ao passado não encontrou seu espaço no mundo tecnológico, seguindo enraizada na transmissão do conhecimento, pela palavra e quadro negro. Porém, a tecnologia não pode ser um problema para o professor, ao contrário, tem que ser uma aliada, um recurso de apoio, que lhe possibilita transitar do papel de depositário e controlador do conhecimento para o de mediador, que instiga, desafia, acompanha e orienta o saber de seus alunos. É preciso resumir evidências de pesquisas no Brasil e em outros países para contribuir com a formação de políticas relacionadas à reforma educacional no Brasil nos níveis federal, estadual e municipal. Tarefa para ontem.

A formação de pessoas ainda no modelo educacional tradicional pode significar a deformação dos seus talentos e potenciais naturais. Há que se implementar um modelo educacional que valorize o diferencial que cada ser humano tem a oferecer.

Não existe proposta de governo com capacidade operativa de criar Institutos de Educação com oferta de licenciaturas de regime integral (porque temos pressa), com qualidade, selecionando os candidatos sob rigor, inclusive com exame oral que permita avaliar efetivas vocações? E da ousadia das IEs particulares que o país pode esperar inovação, pois o mercado educacional, também para sobreviver, deverá criar novas alternativas de sustentabilidade e a Inteligência Artificial é uma estrada aberta para vencer as questões educacionais, e no caso a formação de melhores professores para o país. Veja o artigo do colaborador Marcos Lepera: “Mudar ou desaparecer”. Substituam marcas e empresas citadas no texto por IES e consumidores por estudantes. O desafio para a sobrevivência é o mesmo.

EAD: MUITO ALÉM DA EXPERIÊNCIA MILENAR DO ENSINO PRESENCIAL

(29/10/2019)

[ACESSE AQUI](#)

"[...] E deve ser lembrado que não há nada mais difícil para iniciar, mais perigoso para conduzir, ou mais incerto no seu sucesso, que assumir a liderança de uma nova ordem de coisas. Porque o inovador tem como inimigos todos aqueles que se saíram bem nas condições antigas, defensores mornos, aqueles que poderiam se sair bem nas novas. Esse frescor surge em parte do medo dos opositores que têm as leis ao seu lado, e em parte da incredulidade dos homens que não acreditam prontamente em coisas novas, até que tenham uma longa experiência com elas. [...]"

(Nicolau Maquiavel)

No bairro Barra do Una, em São Sebastião, São Paulo/SP, há um memorial denominado "18 anjos da linha 12" que [homenageia 18 estudantes mortos](#) em 8 de junho de 2016 em um acidente de ônibus na serra da rodovia Moji-Bertioga. O veículo tombou na estrada por falha mecânica e matou os universitários que retornavam às suas casas após a aula. Este não foi o maior acidente com estudantes, em agosto de 1960, no município paulista de Guapiaçu, um ônibus trafegando de S. José do Rio Preto para Barretos caiu de uma ponte no rio Turvo, ocasionando a morte de 59 alunos.

Não deve haver dados mais profundos sobre acidentes rodoviários

com universitários, mas, se houvesse, certamente as décadas de 1970 e 1980 os retratariam com números mais expressivos. Sei que há alunos que viajam diariamente dezenas de quilômetros para frequentar uma faculdade, mas isto não será habitual. Desde a década de 1970, por só existir faculdades nas grandes cidades, alguns cursos eram ofertados aos fins de semana. Os alunos cumpriam sua carga horária na sexta à noite, e sábado inteiro e retornavam na semana seguinte.

Os chamados cursos vagos, livres ou de “final de semana”, que espocaram desde aqueles tempos em todo o país, não deixavam de ser cursos semipresenciais graduando milhares de estudantes. Por ser uma inovação na época, eram desdenhados e recebiam críticas e considerações pejorativas. Talvez um ou outro pudesse sê-lo, mas não todos. A maioria deles era bem planejada e apoiada por apostilas, indicação de livros, professores animados, compartilhamento de ações e colaboração entre os alunos para vencer os desafios das tarefas curriculares. Imagine fazer um curso com duração de 200 viagens semanais e ter disposição para rodar, entre ida e volta, cerca de 300 quilômetros, mesmo faltando às vezes, não era tarefa para qualquer um.

Uma constatação tenho certeza, a da responsabilidade dos promotores desses cursos não era menor do que a dos atuais mantenedores, que dependem do sucesso do aluno para se manterem sustentáveis. Porém, o que desejo destacar neste texto é que hoje, graças à tecnologia, ninguém precisa viajar tanto, pois o ensino online está se desenvolvendo amparado pelas melhores estratégias educacionais. Hoje, quem quiser de fato aprender não precisa sair de casa.

A aprendizagem a distância no ensino superior começou há mais de um século e meio, no Reino Unido, quando a Universidade de Londres (fundada como “a universidade do povo”) criou, em 1858, o seu

sistema externo, ou cursos por correspondência. Mahatma Gandhi (1869-1948), por exemplo, fez todo o curso de Direito a distância numa época na qual um navio levava dois meses para transitar entre Londres e seu país. Nelson Mandela, prisioneiro na Cidade do Cabo por suas atividades contra o apartheid, também cursou Direito a distância a partir de Londres.

A chamada EAD, embora guarde certa novidade, não é tão nova assim que não mereça reflexões, pois, a rigor, educação não presencial vem lá dos anos 40. Os cursos do Instituto Monitor, escola pioneira em cursos à distância, vem desde 1939 trabalhando com mais de 6 milhões de alunos que estudaram e cresceram profissionalmente. Seu concorrente, o Instituto Universal Brasileiro, fundado em 1941, é outro pioneiro da educação a distância. Ambos desempenham um papel importante na aplicação como modalidade de ensino, colaborando decisivamente para a formação de profissionais por meio de cursos profissionalizantes, supletivos e técnicos. Não podemos esquecer os telecursos da TV Cultura e da Rede Globo.

O ensino superior à distância entrou no país na metade dos anos 90 e vem se consagrando como uma estratégia para democratizar a educação brasileira. É do Guia do Estudante a publicação de 19 de setembro último, cujo título é: “[Número de vagas em graduação a distância supera de graduação presencial](#)”. Em 2018, foram 7.170.567 vagas de EAD, contra 6.358.534 presenciais. Esses números são do Censo da Educação Superior, divulgado pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), que sempre mede, os resultados do ano imediatamente anterior a sua publicação. Embora não corresponda à quantidade de matrículas, o aumento de vagas sinaliza uma tendência mundial que chega ao Brasil. Segundo a mesma notícia, “este ano, o MEC também liberou a oferta de mestrado e doutorado a distância mediante alguns requisitos específicos que devem ser cumpridos pelas universidades interessadas”.

Dentre as vantagens da educação a distância, destaca-se a capacidade de possibilitar inclusão social e digital para aqueles que têm, por exemplo, dificuldade de locomoção ou moram em regiões distantes de grandes centros urbanos ou não podem arcar com os preços dos cursos presenciais. Mas não só isso.

O conjunto de recursos materiais e intelectuais empregados pelos sistemas de aprendizado sempre sofrem modificações e atualizações ao longo do tempo. Razão pela qual os meios utilizados pelos processos educacionais acabam numa constante evolução. A educação ganhou complexidade no decorrer das décadas a partir de alterações socioeconômicas e do aprofundamento da teoria do conhecimento, refletindo no aparecimento de abordagens pedagógicas mais abrangentes e evoluídas. Mas, nada se compara ao cenário inédito estabelecido nos últimos anos.

A modalidade EAD exige investimentos contínuos em recursos tecnológicos, em formação de professores e tutores, material didático, sistemas de comunicação, mediação e orientação da aprendizagem, entre outros aspectos que diferenciam a experiência a distância da presencial.

Um ponto de atenção é que a EAD precisa se diferenciar do presencial. Quando isso não ocorre, a sobreposição do presencial para o online, torna a modalidade desestimulante, repercutindo na baixa qualidade dos cursos e, conseqüentemente, numa maior evasão de alunos.

Quanto à aceitação dos egressos da EAD, a necessidade faz com que os candidatos desenvolvam características muito necessárias para o mercado de trabalho, entre elas, independência, criatividade, organização, iniciativa, gestão de tempo e foco. No ensino presencial o professor era o mesmo a cada ano e o conteúdo

mudava depois de 20 anos, a distância é diferente: a cada semestre a disciplina aparece renovada.

Pelas razões expostas, não tenho a menor dúvida de que, dentro de poucos anos, os cursos online ou semipresenciais terão uma demanda muito maior do que os presenciais e com melhor aproveitamento qualitativo pelos alunos. A competitividade entre as instituições de educação superior (IES) obrigará sucessivos aperfeiçoamentos dos cursos, para o desenvolvimento constante do aprendizado.

É o inimaginável mundo novo onde uma simples tela de um computador ou de um smartphone será capaz de ensinar por meio dos incríveis recursos tecnológicos de comunicação e informação colocados à disposição para as pessoas aprenderem.

Dominar [a Pedagogia da Tela](#) será a maior estratégia para quem quiser ser um bom profissional de educação. Quem dizia isto em 1983 era o publicitário Bah Galvão prognosticando que a tendência para o futuro seria a fusão do computador com a televisão e o telefone e na tela estariam todas as informações para se produzir o conhecimento. Ele dava a receita: “a tela deve ser tão persuasiva como uma mensagem publicitária, capaz de entreter e argumentar, de modo absoluto para que o consumidor seja convencido pelo seu conteúdo”.

Daqui pra frente quem ensinará será a tela, aliás, como sempre o fez, desde a tela na areia, no barro, na madeira, na pedra, no papel e no quadro negro. Ensino é um só. A tela sem dúvida alguma dará o grande show de aprendizagem daqui pra frente.

A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E A IMORTALIDADE

(05/11/2020)

[ACESSE AQUI](#)

“O rápido progresso da verdadeira ciência faz com que às vezes eu lamente ter nascido cedo demais. É impossível imaginar o nível de desenvolvimento que alcançará em milhares de anos o poder do homem sobre a matéria. (...) Todas as doenças poderão ser prevenidas ou curadas através de métodos seguros (sem excetuar-se o envelhecimento), e nossas vidas serão prolongadas à vontade, até mais além do padrão pré-diluviano.” Benjamin Franklin¹

Escrevo depois do feriado de Finados lembrando minha mãe italiana, minha avó que ia à missa todos os dias e o culto que tinham a seus familiares mortos. Visitar o túmulo da família era obrigatório nas datas do aniversário e da partida do falecido. Isto valia também na Páscoa, no Natal e no dia de Finados. Refletindo hoje, percebi que há muito não vou ao cemitério, embora a lembrança dos familiares e, principalmente, dos pais estão sempre em mente nos momentos especiais.

O feriado de Finados sempre atingiu toda a população e, no dia seguinte, os jornais sempre publicam mil e uma reportagens sobre

1 Epígrafe encontrada na p. 305 do livro **A morte da morte: a possibilidade científica da imortalidade**, de José Luis Cordeiro e David Wood (LVM Editora, 2019).

o que acontecera nos vários cemitérios da cidade e as dificuldades dos transportes públicos. A mídia tem noticiado também a folclórica comemoração dos mortos como é realizada no México.

Acredito que, especialmente em São Paulo, com o déficit de áreas para lazer, mais cedo ou mais tarde os cemitérios serão transformados em parques públicos. Com 10% da área destinada a um amplo edifício para abrigar a memória dos sepultados e o restante ambientes para atividades de lazer.

Mas há muita gente antenada com o futuro e com os estudos científicos da imortalidade humana. Os pesquisadores preveem que até daqui cinquenta anos nem mais cemitério vai precisar existir. Estamos falando do best seller “A morte da morte: a possibilidade científica da imortalidade”, da dupla de autores, José Luiz Cordeiro e David Wood.

O lançamento do livro aconteceu no Unibes Cultural, em São Paulo, com palestra do Prof. Cordeiro para mostrar que a morte, em poucas décadas, será opcional, que é possível parar o envelhecimento e que poderemos curar inúmeras mazelas que acometem o corpo.

Afinal, a morte é evitável ainda que muitos aspectos da história, em especial as religiões, tenham nascido da consciência de que todos morrem. Até hoje, o medo atávico da morte e o desejo de sobrevivência só encontravam conforto nos paradigmas religiosos. Agora, pela tese de Cordeiro, morrer poderá ser uma escolha. Não já, mas lá por volta de 2030 e 2045. Portanto, pelas contas do estudioso, as pessoas com essa opção já nasceram. Isso tudo graças aos avanços da Inteligência Artificial (IA) na regeneração dos tecidos, nos tratamentos com células-tronco, na impressão de órgãos, na criopreservação e nas terapias genéticas ou imunológicas, que resolverão – e já resolvem – os problemas de envelhecimento. Veja-se o que está tão próximo para acontecer nos anos 2020:

- Erradicação da poliomielite no mundo
- Erradicação do sarampo no mundo
- Vacina contra a malária
- Vacina contra o HIV
- Cura da maioria dos tipos de câncer
- Cura do Mal de Parkinson
- Bioimpressão 3D de órgãos humanos simples
- Clonagem comercial de órgãos humanos
- Início de tratamento para rejuvenescer com células tronco e telomerase
- IA e robôs médicos complementam e suplementam os médicos humanos
- A telemedicina se espalha pelo mundo

Cordeiro explica que é difícil aceitar sua tese, porque nosso pensamento ainda é linear, enquanto a ciência e a tecnologia, neste milênio, têm um desenvolvimento exponencial. E cada nova tecnologia descoberta origina inúmeras possibilidades que, combinadas, originam milhares de novas descobertas.

Em outras palavras, o futuro não está se desenvolvendo de forma linear, aquela a que estávamos acostumados e que muito pouco mudou no decorrer de séculos (inclusive na educação) de uma geração para a seguinte: usávamos as mesmas ferramentas (e também livros, que passavam de pais para filhos), comíamos as mesmas refeições e vivíamos, em geral, no mesmo lugar. Isso mudou radicalmente.

Se desenvolvemos uma visão passiva de mundo e, quando muito, reativa, semelhante à forma como passávamos nossos dias – reagindo no momento em que era necessário e solucionando proble-

mas apenas no instante presente –, esse paradigma precisa ser quebrado: **os novos tempos exigem uma postura não só pré-ativa (de preparar-se para mudanças previsíveis), mas sobretudo proativa (de antecipar-se às mudanças, de criar o futuro).**

Nesse diapasão é que ocorrerão as mudanças há milênios aguardadas pelo homem: o rejuvenescimento (enfim, o mito da eterna juventude será possível com os aportes da IA) e a imortalidade. De acordo com futuristas como o cofundador da Singularity University Ray Kurzweil – pioneiro nos campos de reconhecimento ótico de caracteres, síntese de voz, reconhecimento de fala e teclados eletrônicos, além de autor de livros sobre saúde, Inteligência Artificial, transumanismo e singularidade tecnológica –, graças ao crescimento exponencial do poder da computação e da neurociência, um dia será possível fazer o upload da consciência humana (mind upload) para um sistema informático e viver indefinidamente em um ambiente virtual.

Segundo ele, o processo é “simples”: um hardware seria inicialmente instalado no cérebro humano para ajudar a memória a digitalizar ou acelerar os processos de pensamento. Em seguida, aos poucos, seriam inseridos outros componentes até que as funções do cérebro fossem inteiramente dispositivos artificiais. Com isso, segundo Cordeiro, discípulo de Kurzweil, seria possível nosso cérebro ter acesso e “manipular” o universo exponencial do big data.

Não só isso, com os avanços da nano e biotecnologias, serão possíveis intervenções, hoje inimagináveis, no corpo humano. Por exemplo, um ciborgue² – organismo constituído de partes orgânicas e cibernéticas – tem como finalidade melhorar a capacidades do corpo humano utilizando tecnologia artificial, ajudando-nos a ter

2 O neologismo, junção das palavras cyber(netics) + organism (organismo cibernético), foi inventado por Manfred E. Clynes e Nathan S. Kline em 1960 para referir-se a um ser humano melhorado que poderia sobreviver no espaço sideral.

melhor qualidade de vida ao limitar os impactos do envelhecimento e de doenças, além de aumentar fatores como velocidade, força, resistência e a inteligência.

Mas, afinal, qual a proposta de Cordeiro? Simples: estamos vivendo tempos realmente fascinantes, tempos de mudanças exponenciais, tempos de disrupção total, um período talvez incomparável em toda a história da humanidade. Estamos entre a última geração mortal e a primeira geração humana imortal. Chegou a hora de declarar publicamente a morte da morte. A alternativa é muito clara, e bem conhecida: se não matarmos a morte, a morte matará a todos nós.

Fatos e acontecimentos jocosos à parte, Cordeiro não brinca com a morte, ao contrário, quase pré define quando ela deixará de existir graças a todas as tecnologias exponenciais colocadas nos painéis do futuro, e salvo algum gap para mais ou para menos, é possível ter como certos avanços jamais sonhados pelos humanos como a extinção de cânceres, Alzheimer, Parkinson etc. etc.

A partir de análises das principais iniciativas e ideias dos meios de financiar, bem como investir, no setor de antienvelhecimento, a obra *A morte da morte* defende a moralidade e a urgência de abordar essa pesquisa que beneficiará toda a humanidade, sejam os crentes sejam os ateus. Conforme o próprio Cordeiro, “A ficção científica hoje é a verdadeira ciência do amanhã.” E com razão pois é a possibilidade científica da imortalidade.

O autor ainda acrescenta: “Este é um livro da vida, pela vida e para a vida.” No livro, a apresentação da cronologia da vida na terra tem uma precisão cirúrgica, como o Apêndice, das páginas 355 a 370, seguindo-se a Bibliografia, das páginas 371 a 384, dando conta da riqueza de fontes consultadas. Uma obra que não pode faltar nas boas bibliotecas. Para aceitar/acreditar ou duvidar.

Para Cordeiro, em 2045, no máximo, chegará a singularidade, o momento em que as máquinas se igualarão ou superarão a inteligência humana e começarão a ser autônomas. Mas, como em toda mensagem de Cordeiro, não há nada a temer na terra prometida pós-humana. Viveremos em perfeita harmonia com esses novos seres inteligentes, que nos ajudarão a ser mais felizes e poderosos.

A Portaria Seres nº 218, de 30 de junho de 2020, publicada no DOU do dia 1º de julho, prorrogou mais uma vez os prazos previstos no Calendário Regulatório de 2020. As novas datas são as seguintes: a. De 01 de agosto a 30 de setembro de 2020 i. Reconhecimento ii. Recredenciamento b. Prorrogados até 30 de julho

- i. Autorização de curso em processo não vinculado ao Credenciamento de IES;
- ii. Credenciamento como Centro Universitário; Credenciamento de Campus fora de sede e Autorização* vinculada a credenciamento de campus fora de sede;
- iii. . Credenciamento de IES e Autorização* de curso em processo vinculado; todos esses atos enumerados de i a iii serão em uma janela no segundo semestre de 01 a 30 de outubro de 2020. Outra mudança importante se deu em relação ao credenciamento de instituições para oferta de cursos de pós-graduação lato sensu.

O PODER TRANSFORMADOR DA EDUCAÇÃO

(12/11/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“Embora os desafios não tenham precedentes, e as discordâncias sejam intensas, o gênero humano pode-se mostrar à altura do momento se mantivermos nossos temores sob controle e formos um pouco mais humildes quanto a nossas opiniões”.

(Yoval Noah Harari)

No dia 30 de outubro o Estadão realizou o *Summit Brasil – O que é o poder?* O evento inspirado na série de artigos e debates intitulados *The Big Ideas*, do jornal *The New York Times*. Lá estavam representantes do poder tradicional, um ministro de estado, dois ministros do STF, dois governadores, além de jornalistas, artistas, profissionais da tecnologia e da televisão, que falaram das modalidades de poder – o poder da sociedade civil; da iniciativa privada; das redes sociais; da tecnologia e do cidadão comum.

Nosso primeiro pensamento foi de lamentar a falta no evento do tema **O poder transformador da Educação**. Porém, pensando melhor, só se justificaria se tivéssemos público preocupado com isto. Sem políticas públicas orientadas para preparar gente para o mundo em transformação que estamos vivendo, a educação brasileira não irá a lugar algum e ficará na rabeira das nações em desenvolvimento.

Em razão disso fizemos a seguinte reflexão: No Brasil, hoje, segundo dados da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), organizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) com base em dados de 2018, mais de 11,3 milhões de pessoas não sabem ler nem escrever, o que representa 6,8% da população.

Os números assustam quando se pensa em todos os avanços tecnológicos que os últimos anos trouxeram às mais diversas áreas, mas que não atingem o contingente de excluídos. E, se nada for feito, perpetuarão as condições de seus ascendentes, alimentando um círculo vicioso de pobreza, violência e doenças.

Nesse contexto, as desigualdades ameaçam fragmentar nossa sociedade, minando a coesão social e promovendo a erosão das instituições democráticas. Basta assistir aos programas jornalísticos “mundo-cão” dos finais de tarde (e que agora já migram para a hora do almoço) para ter uma fotografia da trágica realidade que vivemos: desigualdade, pobreza, violência, falta de trabalho, insegurança e, o pior de tudo, um país dividido politicamente.

Aliás, as preocupações com o trabalho no futuro são expressas nos livros que Yuval Harari e Domenico De Masi escreveram recentemente. O primeiro, no “21 lições para o século 21” (Companhia Das Letras), mostra sua apreensão sobre como a combinação entre o avanço da biotecnologia e da Inteligência Artificial pode ser desastrosa para a humanidade. Ele enfatiza “As consequências da atual inércia em relação ao futuro mostram o descompasso completo dos países que não conseguirão acompanhar a corrida protagonizada pelos algoritmos até a criação de humanos simplesmente dispensáveis e irrelevantes social e economicamente. Países inteiros poderão desmoronar e o caos. Violência e ondas de migração resultantes, desestabilizariam países inteiros”.

De Masi vai pelo mesmo caminho em seu “O mundo ainda é jovem”, da editora Vestígio. “Uma vez que não paramos de inventar novas tecnologias e novos desenvolvimentos organizacionais, é muito provável, quase certo, que a tendência continuará, talvez se acelerando também nos próximos anos. Se isso é concebível, então é preciso projetar nossa sociedade, antes de tudo, reduzindo-se a jornada de trabalho proporcionalmente ao aumento da produtividade e depois, redistribuindo a riqueza produzida.”

O que isso tem a ver com educação? Tudo.

A desigualdade não é inevitável. Ela é uma escolha política. As desigualdades extremas, no mundo inteiro, não são uma fatalidade implacável, tenho a plena convicção de que medidas concretas podem ser tomadas, senão para exterminá-las, para pelo menos mitigá-las.

O jornalista Carlos Rydlewski, em reportagem brilhante de capa do suplemento Eu & Fim de Semana, do jornal Valor Econômico de 18/10 ([Com propostas e demografia a favor, é possível mudar ensino público no Brasil](#)), expõe a realidade de como salvar a educação, citando diversos estudiosos do setor, dos quais registramos as visões:

- Pesquisa “Excelência com Equidade no Ensino Médio”, feita em parceria pelo Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional (Iede), Fundação Lemann, Instituto Unibanco e Itaú BBA, mostra que estudantes da rede pública têm apenas 34% de nível adequado em português e 15% em Matemática;
- Mais da metade (55%) das crianças no fim do 3ºano do ensino fundamental, com idade de 8 a 9 anos, não sabem ler palavras com mais de uma sílaba e contar objetos;

- É falsa a visão de que investimento em educação é pouco para o setor. Em proporção ao PIB, o aporte é elevado. Conforme valores de 2014, ficou em 5,4 % (soma União, estados e municípios) ante a média de 4,8% dos países da OCDE;
- Hoje atingimos 98,6% das crianças de 6 e 10 anos em salas de aulas apinhadas e com qualidade mínima. O resultado é pior do que em países de gasto similar. O Brasil gasta US\$ 3,8 mil por estudante ano e obtém 377 pontos em matemática no Pisa. Enquanto isto, a Turquia gasta US\$ 3,3 mil e alcança 420 pontos;
- João Batista Oliveira, do Instituto Alfa e Beta, fez um levantamento que mostra que o nível de ineficiência da rede é de 36,6%. Isso quer dizer que mais de 1/3 dos municípios brasileiros poderiam fazer mais e melhor;
- Não há dúvida que a melhoria da qualidade da educação básica depende de mudança radical na política de atrair, formar e reter professores. É o que indicam pesquisas de consultorias internacionais como a McKinsey. O ideal seria que os professores fossem recrutados entre os 30% melhores candidatos de cada geração, enquanto ela é feita entre os 10% piores;
- Mas existem casos de sucesso, para não termos uma visão pessimista de tudo. Na cidade Sobral, no Ceará, o Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) de 4 pontos em 2001, alcançou 9,1 pontos em 2017. Boa gestão, foco na orientação dos professores, formação adequada dos alfabetizadores e bom material didático;
- Alterações expressivas na educação básica, teriam repercussão na cadeia do sistema. Somente 18% dos brasileiros adultos atingem ao ensino superior. Menor que a Argentina 36%; Chile 25%, Colômbia 23% e Costa Rica 23%. Na OCDE o percentual médio é de 39%;

- Mudanças radicais no sistema educacional dependem de fatores externos à escola, como o nível econômico das famílias e a escolaridade dos pais. Estudo do Banco Central mostra a valorização da formação em seus diversos graus por hora de trabalho em reação aos sem instrução. Apenas com ensino fundamental, uma pessoa tem em média 38% a mais, com ensino médio 66% e com nível superior 243%;
- Promover um salto na educação não é tarefa fácil, mas agora a demografia joga a favor do país. A expectativa entre 2010 e 2060 é que o grupo de faixa etária entre 0 e 20 anos passe de 64,9 milhões para 45,5 milhões, o que representa uma diminuição de 43%.

Outra matéria do Valor Econômico ([Jovens fora da escola são 12%; um terço sai por desinteresse](#)) aponta que dos 9,75 milhões de jovens brasileiros com 15 a 17 anos, 1,15 milhão estavam fora da escola no ano passado, segundo números obtidos pelo IDados a partir de dados do IBGE levantados em 2018. Desse total, 33% apontam o desinteresse para ter desistido dos estudos. Entre os meninos o percentual chega a 39,7% e entre as meninas é de 25,53.

Nos últimos anos, nossos sucessivos governos têm dado ênfase ao ensino superior em detrimento do ensino fundamental. Segundo o estudo “Um Olhar sobre a Educação”, publicado pela OCDE em 2016, o Brasil é um dos países com menores investimentos em educação básica, mas com gastos semelhantes ao de países europeus no ensino superior, distorção que a BNCC promete corrigir. Outros autores realçaram a primeira infância e o capital humano

James Heckman, professor emérito da Universidade de Chicago, ganhador do Nobel de Economia em 2000 e especialista em economia do desenvolvimento humano, sustenta que a qualidade do

desenvolvimento na primeira infância influência de forma decisiva os resultados econômicos, sociais e na saúde para o indivíduo e para a sociedade.

Theodore W. Shultz (que também venceu o prêmio Nobel de Economia, em 1979) é o “pai” da teoria do capital humano, segundo a qual investimentos em educação e saúde podem aprimorar as aptidões e habilidades dos indivíduos, tornando-os mais produtivos, o que em larga escala pode influenciar positivamente as taxas de crescimento dos países.

Os organizadores do “O que é poder” foram sábios em não pautarem este tema no *Summit Brasil* devido à sua complexidade. Acredito que deve haver milhares de teses em papel nas prateleiras das universidades e mais de 100 Tbytes nos arquivos das nuvens propondo soluções.

Enquanto estado, sociedade, estudiosos e os melhores cérebros não encontrarem o caminho que o país precisa tomar, estaremos condenados a nação de terceira categoria. Para isso, deverá haver união de propósitos e, acima de tudo, um conselho: não se resolvem problemas velhos com soluções antigas.

Porque não pensar como estratégia de mediação educacional a telinha que ensina tudo e está na mão de todo mundo?

COMO DAR SENTIDO À NOSSA VIDA NUM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO?

(19/11/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“A revolução tecnológica mais importante do século XXI é a capacidade de hackear seres humanos, significando compreender os seres humanos melhor do que eles compreendem a si mesmos.”

(Yuval Harari)

Onde Yuval Harari põe a mão, é como tirar vários coelhos de sua cartola e, às vezes, todos ao mesmo tempo. Em cada obra (ele tem três: *Sapiens, uma breve história da humanidade*; *Homo Deus* e *21 lições para o século 21*), Harari traz considerações realmente inovadoras que, se não incomodam, assustam, mas também deslumbram. Ele é capaz de atuar como um autêntico multitarefa, um grande polvo inteligente, com seus oito tentáculos, transitando na movediça ciência, tecnologia, exponencialidade, transformação, inventividade, etc. Com absoluta firmeza e qualificação, ele mostra, sem ser vidente, o que vem por aí, sob encantamento dos leitores e da plateia.

Tenho escrito neste blog diversos artigos apoiados em muitas afirmações de seu livro *21 lições para o século 21* (Cia. das Letras). E foi, portanto, enorme a satisfação de ver Yuval Noah Harari acolhido pelos pela crítica especializada em eventos realizados em São Paulo e Brasília. Também pela repercussão que o [Valor Econômico](#), [O Globo](#) e a [TV Globo](#), a [TV Cultura](#) e outros veículos deram à sua

passagem pelo Brasil, com entrevistas e matérias que retratam seu modo de analisar os problemas por que passa a humanidade no âmbito de suas nações e as pessoas em seus projetos de vida.

O resumo de sua obra sensibiliza leitores e ouvintes sobre como contrabalançar a questão do desenvolvimento civilizatório, a sustentabilidade dos países e o bem-estar humano. Yuval carrega nas tintas, quase impiedosamente, como alerta de trombetas, que as consequências da inércia em relação ao futuro irão desde o colapso absoluto de países que não conseguirão acompanhar a corrida “patrocinada” por algoritmos, até a criação de uma classe humana totalmente “dispensável”, pois irrelevante social e economicamente.

Para salvar o homem dessa completa desumanização é preciso, conforme o professor de história, nos livrarmos da estupidez em que estamos mergulhando, reunir as aquisições científicas e filosóficas válidas e nos preparar para mudanças que podem em breve causar a perda da própria noção de humanidade. Sua dica mais útil é cultivar a clareza de pensamento para compreender o significado de situações como a desilusão política, o pânico social e as perturbações tecnológicas.

O que Harari mais tem presente, centro de suas preocupações, é a combinação do rápido avanço da biotecnologia e da inteligência artificial, o que, segundo ele, pode ser um grande desastre para a humanidade, se não se cobrar, no guichê da ciência, que a sociedade não se omita e reflita seriamente sobre isso, com muita rapidez.

Cada um está preocupado com seus problemas e em como ganhar a vida, mas sem tomar conhecimento das interferências e interesses globais que existem nas relações entre nações. Bem por isso, o sistema político dos países precisa refletir os interesses dos cidadãos e, ao escolher seus candidatos, Harari sugere que se pergunte ao político o que pensa sobre os riscos de uma guerra nuclear; o que

pensa sobre a mudança climática; o que pensa sobre a regulamentação das tecnologias, Inteligência Artificial e bioengenharia e, principalmente, qual é a sua visão de futuro.

Imaginemos um cenário além de Blade Runner¹, já que disrupção tecnológica é a grande preocupação do historiador, e as palavras são dele:

“A menos que criemos redes de segurança mundial, para proteger os humanos contra os choques econômicos que a IA [inteligência artificial] poderá provocar, países poderiam desmoronar e o caos, violência e ondas de migração disso resultantes desestabilizariam o mundo inteiro”.

Impensável que o mundo científico não reaja a isso, daí tais perspectivas sombrias, e as questões que as acompanham terem grande receptividade no ninho da tecnologia: o Vale do Silício. Tudo indica que já está aí o império da Teoria de Malthus (linearidade [progressão aritmética] versus exponencialidade [progressão geométrica]). Alimentos de menos e gente demais.

Diante de tal cenário, quase dantesco ou asimoviano, Bill Gates assistindo pela primeira vez a Yuval deixou uma pergunta lapidar para ele responder: “O que dará sentido à nossa vida nas próximas décadas e séculos?”

Harari tem uma equação para alguns problemas atuais: {conhecimento biológico X capacidade de computação X dados = capacidade

1 **Blade Runner** é um filme de [ficção científica](#) de [1982](#), dirigido por [Ridley Scott](#) e estrelado por [Harrison Ford](#). O filme se passa em novembro de 2019 numa decadente e futurista cidade de [Los Angeles](#) decaída com a poluição, o consumismo exacerbado e a consequente busca de novas formas de colonização em outros planetas, para a qual as pessoas são convidadas a se aventurarem em face do colapso da civilização humana, tanto material quanto moralmente.

de hackear os humanos}. Para ele, hackear seres humanos significa “compreendê-los melhor do que eles compreendem a si mesmos”. Nisso reside um grande perigo com a perda da individualidade.

Sim, como inúmeros outros cientistas “prospectivos”, ele enfatiza o poder da biotecnologia e do *Big Data* e propõe algo diferente – disruptivo e empoderador. Atualmente, ferramentas de IA monitoram os indivíduos a serviço de corporações e do governo, “mas podemos inverter o jogo e optar por desenvolver um tipo muito diferente de ferramentas de IA que monitore governos e corporações **a serviço dos indivíduos** (grifo nosso)”, sugere Harari.

E, por fim, no capítulo 19 do livro *21 lições para o século 21*, ele faz uma pergunta sobre como preparar nossos filhos para um mundo repleto de transformações tão radicais:

“Uma criança que nasceu hoje terá por volta de 30 anos em 2050, (...) o que ensinar a este bebê que o ajude a sobreviver e progredir no mundo de 2050 ou no século XXII, de que tipo de habilidades ele ou ela vai precisar para conseguir um emprego, compreender o que está acontecendo a sua volta e percorrer o labirinto da vida?”

Essa pergunta deixo para os leitores responderem.

De acordo com o historiador e filósofo israelense, as habilidades mais importantes neste século são o autoconhecimento e a flexibilidade (eu diria também a resiliência). Para alcançar esse status empoderado, para não ser manipulado (hackeado), o ser humano tem de conhecer a própria mente e reinventar-se indefinidamente ao longo da vida para ajustar-se ao rápido progresso da tecnologia e às mudanças do mercado de trabalho.

É nesse sentido que o poder transformador da educação mostrará a que veio. Se o atual modelo secular da educação escolar está falido, os aportes da neurociência, as novas metodologias ativas e o desen-

volvimento das várias inteligências, dando-se o devido destaque às competências socioemocionais, terão papel decisivo na formação de uma geração que explore, desenvolva e reinvente, constantemente, seu potencial pleno e qualidade de vida.

O MUNDO MUDOU (E CONTINUARÁ MUDANDO...)

(26/11/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“Como será o amanhã? Responda quem puder. O que irá me acontecer? O meu destino será como Deus quiser.” (João Sérgio)¹

Eles acordam cedo e vestem quase roupas idênticas. Passam o dia cercados por muros altos e compartilham as mesmas quatro paredes com mais outras 30 pessoas (quando não há superlotação), sempre obedientes às ordens de superiores. Quando soa um sinal, podem ir ao pátio divertir-se, tomar alguns minutos de sol e comer alguma coisa. Não, essa não é a descrição do dia a dia de presidiários. É assim que vivem milhares de alunos por este mundo afora, do maternal à universidade.

Esse modelo não tem mais lugar num ambiente onde a globalização, os avanços científicos e tecnológicos e a intercomunicação sob várias formas tornam o ritmo do ambiente frenético, dificultando a clareza e o entendimento da situação e prejudicando a identificação de ameaças para neutralizar, ou pelo menos minimizar, riscos e desafios para preparar as pessoas para o futuro.

1 João Sérgio é compositor do samba-enredo “O amanhã”, de 1978, da G.R.E.S. União da Ilha do Governador

Viviane Senna, há algum tempo, em entrevista à [News Brasil, da BBC](#), foi taxativa:

“Se pudéssemos transportar um cirurgião do século 19 para um hospital de hoje, ele não teria ideia do que fazer. O mesmo vale para um operador da bolsa ou até para um piloto de avião do século passado. Não saberiam que botão apertar. Mas se o indivíduo transportado fosse um professor, encontraria na sala de aula deste século a mesma lousa, os mesmos alunos enfileirados. Saberaria exatamente o que fazer. A escola ficou parada no tempo, preparando os alunos para um mundo que não existe mais”.

Lendo a tese do professor [Antônio Luis Aulicino](#)², da Faculdade de Economia, Administração e Atuária da Universidade de São Paulo (FEA-USP), que discorre sobre processo prospectivo, como a antecipação para orientar a ação, com apropriação, que implica ver longe, com amplitude, com profundidade e de maneira diferente. Ele explicava:

“As organizações estão num ambiente turbulento, que exige mudanças rápidas e algumas rupturas para gerar inovação de valor. Porém os modelos de previsão utilizam, somente, projeções de tendências, verificando-se não ser a melhor forma de enfrentar o futuro, porque as pessoas e as organizações não se preparam para isso, pela simples razão de acreditarem nas projeções que efetuam, quando enfrentar o futuro é gerir as incertezas e preparar as pessoas, da organização, para construir um futuro com base em reflexões, em conjunto e com apropriação” (grifo meu).

O que não é diferente para as instituições de ensino.

2 Veja também entrevista com Antonio Luiz Aulicino, que é presidente do Instituto para o Desenvolvimento Sustentável, sobre Práticas e Gestão de Sustentabilidade: <http://www.youtube.com/watch?v=aMrfAOAOLis>

Para esse mundo turbulento em que vivemos hoje, teóricos do processo prospectivo criaram o termo VUCA³, acrônimo originado nos anos 1990 no US Army War College, dos Estados Unidos, a partir das palavras *volatility, uncertainty, complexity e ambiguity*.

Em outras palavras, o novo cenário deste milênio traz diversos impactos por ser muito fluido e líquido, onde tudo muda muito rápido (volatilidade/volatility), temos dificuldade em enxergar e prever o futuro (incerteza/uncertainty). Além disso, fica cada vez mais difícil compreender o resultado das situações, pois não existe uma regra apenas (complexidade/complexity) e os problemas podem ter múltiplas saídas e respostas (ambiguidade/ambiguity).

Há alguns anos o escritor e palestrante [Bob Johansen](#), do Instituto para o Futuro, no Vale do Silício, desenvolveu outro acrônimo – VUCA Prime – como antídoto ou caminho para lidar com os impactos do mundo VUCA e tentar superá-los. Para tanto, segundo ele, são necessários quatro atributos (que também se iniciam com as letras VUCA: *Vision* (Visão), *Understanding* (Entendimento), *Clarity* (Clareza) e *Agility* (Agilidade)

Assim, de acordo com Johansen, a Volatilidade pode ser combatida com a Visão, que exige uma resposta explícita a três perguntas: Por que estamos aqui? Como seremos bem-sucedidos? Quais são as nossas medidas de sucesso? Ainda que impactos sejam sentidos e alterações no planejamento aconteçam, a resiliência é o Norte em meio à volatilidade: cada desafio encontrado pode ser uma nova oportunidade para aprender, construir ou inovar.

A Incerteza deve ser transformada em Entendimento para todos os

3 Para quem quiser entender mais sobre o conceito VUCA, consultem as referências: http://www.youtube.com/watch?v=ZuEF76Xs_Mwwwwww.youtube.com/watch?v=PRqaNB2E1P0

participantes de um processo, a fim de proporcionar uma mentalidade compartilhada e compreensão de como eles podem contribuir para o sucesso de qualquer empreendimento.

Para gerar uma inteligência coletiva, Bob Johansen aposta nos relacionamentos, nas práticas de interação e na comunicação ativa (destacando a necessidade da escuta num mundo cada vez mais surdo ao outro), pois opiniões diferentes e construções colaborativas são cada vez mais valorizadas como forma de solução de problemas.

A flexibilidade é uma competência essencial para a adaptação constante a cenários imprevisíveis. O primeiro passo para ser mais flexível é buscar a aceitação e compreender que existem muitas formas de resolver o mesmo problema.

A Complexidade pode ser minimizada pela Clareza que vem da construção de estratégias focadas e transparentes para tomar decisões claras, baseadas na disponibilidade de informações e integridade. Ter clareza do propósito e dos resultados esperados como direcionadores é a forma mais eficaz de lidar com as mudanças, pois atualmente não existe mais um caminho estruturado e único para alcançar os objetivos.

Em contextos complexos, quanto mais ampla a visão, maior a probabilidade de encontrar soluções eficazes. Assim, é imperativo estudar diferentes assuntos, de áreas de conhecimento distintas. Equipes multidisciplinares são mais propensas a obter sucesso, pois aprendem a lidar com as diferenças.

Finalmente, a Ambiguidade pode ser combatida pela Agilidade, capacidade de responder de forma rápida, eficaz e sustentável quando as circunstâncias de mudança assim exigirem.

Estar aberto a cometer erros pode ser um excelente caminho para

um ambiente de aprendizagem e bons resultados. Na escola, nosso esforço deve ser para que o processo de aprendizagem seja menos conteudista e mais focado no desenvolvimento e na preparação dos estudantes para os desafios do mundo atual. Ou seja, experiência a partir do desenvolvimento de competências e habilidades socioemocionais.

O PODER DA EDUCAÇÃO NUM MUNDO EXPONENCIAL

(03/12/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“Temos um sistema que instrui e usa de forma fraudulenta a palavra educação para designar o que é apenas a transmissão de informações. É um programa que rouba a infância e a juventude das pessoas, ocupando-as com um conteúdo pesado, transmitido de maneira catedrática e inadequada. (...) Como esse monte de informações pode ser mais importante que o autoconhecimento de cada um? (...) A criança é preparada, por anos, para funcionar num sistema alienante, e não para desenvolver suas potencialidades intelectuais, amorosas, naturais e espontâneas.” (

Claudio Naranjo¹

Hoje, mais do que nunca na história da humanidade, vivemos tempos de mudanças agitadas produzidas pelos avanços da ciência e da tecnologia que, ao mesmo tempo que sinalizam um futuro promissor e admirável, geram a pergunta que nos faz pensar: estamos preparados para nos apropriar desse futuro?

Na maior parte da sua trajetória, o ser humano teve uma experiência local e linear: tudo acontecia à sua volta e havia pouca mudança

1 O psiquiatra chileno Claudio Naranjo formou-se em medicina na Universidade do Chile, especializou-se em psiquiatria em Harvard e virou pesquisador e professor da Universidade de Berkeley, ambas nos EUA.

em sua vida ao longo dos séculos. Como consequência, esse homem desenvolveu uma visão de mundo baseada na previsibilidade.

Porém, com a velocidade das mudanças da revolução digital e das novas tecnologias, desde o final do século passado, vivemos num mundo global e exponencial, em que a informação se democratizou. Qualquer um, em qualquer parte, desde que tenha acesso à internet, tem conteúdo a um clique ou a um toque na tela e a possibilidade de interagir com pessoas e com o mundo do conhecimento.

Esse universo hiper acelerado e complexo é completamente diferente daquele para o qual nosso cérebro se preparou para entender. Nele a globalização não é mais a simples movimentação de contêineres pelo mundo afora, mas o complexo fluxo de dados e conhecimento. Estamos passando do mundo interconectado para o mundo interdependente.

A proposta para reflexão e discussão é o fato de que uma criança que nasceu hoje terá por volta de 30 anos em 2050 e viverá uma realidade inimaginável, inventada por escritores e cineastas e construída por cientistas. O que ensinar a essa criança que a ajude a enfrentar e superar os vários desafios, como o desemprego estrutural e o colapso iminente do meio ambiente? Que habilidades e competências os jovens precisarão ter para conseguir um trabalho/emprego, ou compreender o que está acontecendo à sua volta e intervir criativa, crítica e colaborativamente para solução de problemas?

O mundo inteiro e Brasil passam por momentos de inquietação e os países açoitados por suas redes sociais exprimem toda a desigualdade em que vivem suas populações, ansiosas por maior qualidade de vida e bem-estar social. São tantos os problemas, de todos os tamanhos e de todas as áreas, sem planejamento algum e que demandam ações imediatas.

Isso me faz lembrar um labirinto de mil salas, onde todos gritam e não encontram o caminho da solução. Segundo a mitologia grega, o Labirinto de Creta foi construído pelo brilhante arquiteto e artesão Dédalo, a pedido do Rei Minos, para prender o Minotauro, personagem com corpo humano e cabeça de touro. O labirinto tinha inúmeros corredores, salas e galerias, todos criados para nunca se achar a saída. O rei Minos, vitorioso em suas batalhas, exigia como tributo dos derrotados serem devorados pelo Minotauro. O herói ateniense Teseu foi para Creta para pôr fim a essa situação. Chegando a Creta, despertou a paixão de Ariadne, filha de Minos, que arrumou uma maneira de salvar o seu herói. Deu-lhe uma espada mágica e um novelo que ele deveria desenrolar conforme penetrasse no labirinto e assim, depois de matar o Minotauro, conseguir encontrar o caminho de volta.

Tenho a plena convicção de que a educação, se souber se reinventar, terá o poder de ser o fio de Ariadne, capaz de conduzir o indivíduo neste labiríntico mundo novo, volátil, complexo e cheio de incertezas. Nesse universo em constante mudança, ela tem o poder de formar pessoas capazes de pôr ordem nesse aparente caos. Assim, uma das tarefas da escola, em todos os níveis, será ensinar a pensar para entender essa nova ordem das coisas.

Nesse mundo novo, a última coisa que um professor precisa dar aos seus alunos é mais informação. Eles já têm muito disso a um toque na tela de seu celular. Em vez disso, eles precisam dar sentido a essa informação, transformá-la em conhecimento. Porém, se não tiverem uma visão abrangente do seu eu e do seu ambiente, seu futuro será decidido ao acaso, à sua revelia. A coisa mais preciosa de que essa geração precisa é a apropriação, ser responsável por suas ações, decisões e escolhas.

São muitos os pensadores, cientistas, empreendedores da educação,

em todos os cantos do globo, debruçados em estudos sobre tecnologias, metodologias, ensino de competências *versus* conteúdos para dar sentido à escola e à educação do futuro. O que se vê, realisticamente, é que todo mundo fala, critica, mas nada e ninguém muda. E nisso reside a condição de ser a educação a propulsão poderosa da transformação, ou seja, inexistirá um futuro se não alicerçarmos o presente. Há mil fios de Ariadne emaranhados, parecendo não sinalizar um caminho único, já que ele não existe. Isso é a educação atual.

Cada vez mais, ganha extrema importância o projeto de ensino na escola atual, quando o ciclo do desenvolvimento científico é cada vez mais curto. O aprendizado de hoje pode estar inoperante amanhã. Por isso, o foco não pode ser no conteúdo, que se renova constantemente, mas nas competências que permitem operar o conhecimento e colocá-lo em ação. Uma competência fundamental é ter um pensamento flexível para a diversidade de contextos em que viveremos. Educar, no século XXI, está ligado a formar pessoas capazes de aprender a conhecer, a conviver, a fazer, a ser.

A educação é uma dimensão da vida em sociedade que impacta todas as demais: incide sobre a qualidade da representação política, a distribuição de renda, o desenvolvimento econômico e a justiça social. É preciso, pois, que, no atual momento político, econômico, social, cultural, ela saia do plano da retórica e circule nos vários gabinetes do governo, seja pauta de encontros empresariais e passe a integrar a agenda de todo cidadão. Que seja uma política de Estado e não de governo, situação em que se torna refém de quatro anos de mandato.

Agilidade de decisões é agora palavra de ordem. O que se pleiteia hoje das escolas é a mudança de abordagens e metodologias que propiciem o desenvolvimento integral do ser humano, a educação

democrática, a educação por projetos, como principais tendências, dentre outras.

Há quem diga que o modelo tradicional resiste porque é um porto seguro, mas como está não sobreviverá, tem vida curta. Como se vê, corremos o sério risco, se não reagirmos prontamente, de não termos nenhum poder, nenhuma transformação e nenhuma educação.

VANTAGEM COMPETITIVA ENTRE OS QUE DOMINAM E OS QUE NÃO DOMINAM O MUNDO DIGITAL

(10/12/2019)

[ACESSE AQUI](#)

Desenvolver as competências e habilidades do século 21 é um grande desafio. Mete medo e proporciona resistências da maioria de escolas de nível básico e superior. Nesse imenso mundo de possibilidades, muitas escolas estão digitando sua estrutura com hardwares e softwares da última geração. Mas não fazem o mesmo em seus currículos, metodologias e avaliações.

(Prof. Rui Fava)¹

Leio a coluna do biólogo [Fernando Reinach](#) publicada no Estadão aos sábados. Em linguagem simples, ele escreve sobre questões de Ciências, Medicina, Meio ambiente e Tecnologia, de maneira compreensível e coloquial. Para explicar o que é Tipping point, ele conta a história do cidadão que ensinava ao seu burro como diminuir de peso, reduzindo a cada dia a sua ração. Até que depois de meses de treinamento, quando o animal estava quase aprendendo, o dono surpreso numa manhã o encontrou morto.

1 EDUCAÇÃO 3.0 – Como ensinar estudantes com culturas tão diferentes <https://carliniecaniatoeditorial.files.wordpress.com/2012/09/educacao-3-0-segunda-edicao-rui-fava.pdf>

Tipping point é, pois, quando um processo deixa de ser linear e muda abruptamente de direção. É o mesmo quando se coloca numa balança de dois pratos um saco de arroz de um lado e do outro vai se adicionando pesos. De repente o prato dos pesos despenca e a situação é completamente diversa.

É a reflexão que faço sobre as novas tecnologias, do digital, da robótica e da inteligência artificial, que dominarão o ambiente de trabalho. Nossa responsabilidade como educadores é perceber que quem não estiver preparado para este novo mundo estará condenado a exercer profissões medíocres e a morrer de fome. O Tipping point diferenciará os que dominam e os que não dominam o mundo digital.

Em reportagem de domingo do Globo essa teoria se confirma: "[Tecnologia ameaça mais da metade dos empregos em todas as cidades do país](#)". Segundo levantamento do Laboratório do Futuro, Coppe da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mais de 27 milhões de trabalhadores em todos os 5.570 municípios brasileiros serão diretamente impactados pela automação.

Portanto, o desafio a ser enfrentado será qual a melhor estratégia de ensino a ser aplicada no sistema universitário brasileiro para que nossos estudantes possam dominar o mundo digital. E isto só poderá acontecer se o sistema compartilhar experiências e focar nessa direção.

Praticamente todos os artigos que escrevi neste ano exprimem que estamos num momento de ruptura entre a forma de ensinar do passado e da realidade que está surgindo. O sistema universitário brasileiro vai precisar estar atento para sobreviver empresarialmente. Muitos dizem que ficará tudo como está, porém os sinais de mudança estão claros.

Movimentos socioeconômicos, geopolíticos, tecnológicos e demográficos terão impacto direto no mercado de trabalho, com o aparecimento e o desaparecimento de profissões no contexto da Quarta Revolução industrial.

Estamos em plena era da robótica, da inteligência avançada, da automação das máquinas. Todas as atividades humanas, empresariais e ambientais estão sentindo as transformações da tecnologia da informação e comunicação.

As mudanças tecnológicas avançam exponencialmente, apesar de continuarmos pensando linearmente. Em todas as áreas estas transformações radicais afetam as vidas das pessoas e vão atingir a maneira delas aprenderem, de conviverem e trabalharem.

O desafio do ensino superior é adequar-se. E, para continuar a empreender, as instituições devem se ajustar aos novos tempos. O aluno aprende em todos os lugares através de todas as mídias e por meio de experiências. O professor não é mais o transmissor de informações e conhecimento, que aprendeu nos livros.

O aprendiz não precisará todos os dias deslocar-se de sua residência ou local de trabalho para ir à escola. Ele pode pelo celular e de qualquer lugar ter acesso à informação. Mudou o perfil do aluno criado com muito mais liberdade e com domínio total de meios e ferramentas de informação.

A percepção, cada vez maior, que o aluno tem é que não encontra relevância e/ou pertinência nos estudos tradicionais e que o diploma não tem mais a capacidade de abrir as portas do mercado de trabalho.

Do outro lado, o mercado de trabalho deseja profissionais que dominam o universo digital, conheçam suas áreas e tenham habilidades e competências socioemocionais. A robotização dos empregos que

requerem mão-de-obra intensiva e que minimizam a necessidade de seres humanos torna obsoletas várias profissões e demandam constante profissionalização para a pessoa se manter no mercado de trabalho.

O conteúdo dado em sala de aula está defasado no ano seguinte de seu aprendizado. O conceito válido hoje é do aprendizado a vida inteira. O mercado se queixa que o diplomado não recebeu na faculdade os pré-requisitos necessários para a profissionalização.

As faculdades que cresceram graças à estratégia de sala de aula tradicional não estão sensibilizadas com os novos tempos e ainda não perceberam que as instituições precisarão conviver com o novo modo de aprender.

Muita gente pensa da mesma forma. Vejamos dois exemplos: o material "[O futuro do ensino superior: a era da Educação 4.0](#)", enviado pela Contato Consultoria, e a síntese da palestra do Prof. Carbonari sobre "[A Crise Nas Instituições Educacionais](#)", realizada na última reunião do Conselho da Administração (CA) da ABMES.

Para não ficar só no discurso e como não existe o alinhamento entre governo, empresa, universidade e sociedade, pensamos que somente um sistema compartilhado entre instituições poderá encontrar soluções para o desafio de preparar gente para empreender e trabalhar no mundo digital.

Acreditamos que um bom projeto compartilhado entre IES, que acompanhe as mudanças que as tecnologias digitais estão fazendo no ambiente de trabalho, possa servir de estímulo para que nossas plataformas de ensino melhor se adaptem à formação de profissionais mais ajustados aos desafios dos novos tempos. O MEC tem outros problemas para pensar e, certamente, este só depende na nossa estratégia colaborativa.

O FUTURO DEPENDE DA EDUCAÇÃO COMO APOIO TOTAL À CONSTRUÇÃO DA NOVA SOCIEDADE

(17/12/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“A igualdade não é um direito, é o resultado do que o cidadão aprendeu (...) é inútil querer que as pessoas tenham igualdade nos resultados quando não são iguais nos méritos (...) não há como ser igual nos méritos se o sujeito que sabe menos não teve oportunidades iguais de aprender as coisas que foram aprendidas pelo sujeito que sabe mais.”

(J.R. Guzzo)

Em toda a mídia, inclusive nas redes sociais, está se comentando até hoje o que ocorreu no dia 1º de dezembro na Comunidade de Paraisópolis, em São Paulo. Nove jovens foram pisoteados e mortos após ação policial que promoveu pânico em perseguição a malfeitores. Todos participavam de um baile funk, um dos musicais comuns dos realizados aos finais de semanas nas periferias e bairros das cidades brasileiras.

Paraisópolis tem mais de 100 mil habitantes, muito mais do que a média da população das cidades brasileiras. São 21 mil domicílios em uma área de 10 km² na Zona Sul de São Paulo. Surgiu em áreas abandonadas do então loteamento do bairro do Morumbi, onde, na metade do século passado, operários da construção civil eram con-

tratados para as obras do estádio do São Paulo FC (atual Morumbi), do hospital Albert Einstein e, mais tarde, para erigirem os condomínios do luxuoso bairro nascente.

Foi natural, portanto, aos trabalhadores deixarem a longínqua periferia onde moravam para, na proximidade do trabalho, ocuparem áreas abandonadas. Começarem a construir seus barracos, contando com o refugio das obras, das sobras salariais e do mutirão dos amigos.

Paraisópolis cresceu ao “Deus dará” como todas as favelas brasileiras, mediante o esforço de seus moradores e o empenho de suas comunidades. Como todos sabem, o estado só entra depois, quando a área está totalmente ocupada, remediando o sistema viário, o abastecimento de água, a coleta de lixo e a energia elétrica. Mas, como não há mais espaço e nada foi planejado, faltam áreas de recreação, entretenimento, esporte e para espetáculos artísticos. Em resumo, não há áreas para convivências e nem praças públicas. Tudo improvisado, construído em terras inadequadas e sem planejamento algum.

Mas Paraisópolis hoje já é um grande bairro, com todo tipo de comércio e prestação de serviços, contando com escolas, centro de saúde, bancos, lojas, farmácias, mercadinhos e congêneres. E tem também biblioteca! Só não há espaços para o lazer e, para isso, os moradores ocupam as ruas e vielas.

Olhando os fotos e imagens publicadas a respeito da tragédia ocorrida no início do mês, a maioria dos brasileiros pode não reparar na disparidade, por já estar acostumado ou ser insensível mesmo. Mas qualquer estrangeiro vê o enorme contraste das moradias da comunidade e dos prédios ao redor, que reflete a grande discrepância social e econômica da sociedade brasileira.

O sociólogo François Dubet, professor da Universidade Bordeaux -II, sobre desigualdade social diz o seguinte (“Igualdade de oportunidades” ou “igualdade de posições”? Qual é o melhor modelo para reduzir as desigualdades sociais?):

“Há dois modelos que permitem reduzir a contradição de toda sociedade democrática onde se afirma que todos os indivíduos são iguais, mas ao mesmo tempo vivem em sociedades desiguais. O modelo da primeira estratégia propõe reduzir a distância entre posições sociais, ou seja, que os ricos passem a ser menos ricos e os pobres sejam menos pobres. O segundo modelo consiste em dizer que todos os indivíduos terão a possibilidade de alcançar a mesma posição, contando com seus atributos e seu empenho.”

Não é nada fácil encontrar saídas, mas também não é nada difícil mostrar as razões por que muitos esforços não caminham para algum sucesso. Parece que o Brasil que não percebeu ainda que a justiça social só é possível sem os desmandos governamentais e com eficiência econômica. **E que o futuro depende da educação como coluna central de construção da sociedade.**

É dentro desta ótica que precisamos colocar para debate a inaceitável desigualdade que parece ser a seta indicadora de tantas mazelas decorrentes, como violência, falta de ambiência, cultura, educação, saúde e moradias sem esse nome, nas quais viver é impossível, porque deitado para dormir a pessoa tem de colocar os pés para fora da janela. E o que dizer da moçada que precisa espairecer com os amigos? Os jovens faziam o que toda a moçada faz nos fins de semana. Cantam, dançam, conversam e participam da vida social no que existe de bem e de mal em todas as cidades brasileiras, onde as únicas diferenças são a cor dos participantes, as indumentárias e local dos espetáculos. Para as comunidades das periferias não há espaços para esporte e artes em geral.

A educação é a única solução e não pode terminar em pesadelo. Precisamos de um despertar adiante, vislumbrar um novo ciclo que nos dê alguma esperança, de quem vê como possível a realização daquilo que se deseja: fé e expectativa, mas, sobretudo, confiança em coisa boa. A esperança é a nossa âncora e precisamos pensar como o jornalista J. R Guzzo, que escreveu em sua coluna no Estado de S.Paulo do dia 8 de dezembro:

“Ainda não foi inventada no mundo uma maneira mais eficaz de concentrar renda, preservar a pobreza e promover a desigualdade do que negar ao povo jovem uma educação decente.”

Diante da ascensão tecnológica, imperando no planeta, não temos sido capazes de enfrentar os imensos desafios do mundo contemporâneo com suas ideologias, políticas, economias e morais. No resultado do Pisa estamos entre os piores. Por que não usar a tecnologia de melhor nível para salvar a educação?

Muitas palavras, muitas intenções. Mas poucas ações efetivas envolvendo o cenário da educação no país. Não estamos gerando realizações efetivas de que estejamos seguindo em frente. Não, a sensação é a de que estamos parados, ainda que com as máquinas funcionando, ou que, tendo dado as costas para o destino, percebamos que estamos dando marcha a ré.

E aqui vale uma reflexão de Albert Einstein: **“Não podemos resolver problemas atuais com o mesmo modelo mental e soluções de décadas atrás”**¹. As demandas sociais econômicas, políticas e culturais mudaram, e o setor educacional precisa compreender essas transformações e diversificar seus modelos de oferta impactando o tradicional currículo, concepções, abordagens e práticas pedagógicas.

1 Frase parafraseada de Albert Einstein, disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTExNzU5Mg/>, acesso em dez/19.

O ano 2020 está a poucos dias e vamos adentrar com a mesmice habitual, nada de novo, nenhuma mudança, sem transformação. E para acertarmos o futuro da educação não há outro meio: vamos precisar usar a Inteligência Artificial, associada à inteligência humana, à neurociência e à pedagógica para construir novos modelos, que estejam mais conectados e alinhados às reais demandas atuais.

A educação é um direito, e precisa impactar positivamente as mais diversas camadas sociais, com equidade, para ampliar as perspectivas de transformação social, tão urgentes para a nossa sociedade.

JESUS, O MAIOR COMUNICADOR DE TODOS OS TEMPOS

(24/12/2019)

[ACESSE AQUI](#)

“Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim, assim como o Pai me conhece a mim e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas.”

(João 10.14-15)

Há 2.019 anos nasceu em Belém Jesus, nome trazido e anunciado a Maria pelo anjo e mensageiro Gabriel. Apesar de filho de Deus, não nasceu num palácio, mas num humilde estábulo. Sua palavra, porém, reverbera até hoje por sua força e atemporalidade. E olha que a língua falada, mais do que a escrita, era o aramaico¹, próxima do hebraico, utilizada para a comunicação com seus “alunos”.

Há um imenso vazio nas narrativas da vida de Jesus: vemos o Nazareno bebê, depois há um breve relato de uma passagem triunfal pelo Templo de Jerusalém, aos 12 anos de idade. Em seguida a vida adulta e sua pregação, determinantemente oral sem o uso de um giz sequer, menos ainda um lápis, caderno ou livro. As principais fontes

1 No tempo de Cristo, não se falava mais o hebraico, que era uma língua “morta”, usada somente na liturgia. O povo falava aramaico, língua muito próxima do hebraico e hoje falada por poucas pessoas. Uma curiosidade, o ator Mel Gibson dirigiu, em 2004, o filme A Paixão de Cristo (*The Passion of the Christ*) inteiramente rodado em duas línguas mortas – latim e aramaico.

de informação sobre a vida de Jesus são os quatro Evangelhos Canônicos, pertencentes ao Novo Testamento.

É aqui que quero me deter. Auxiliando o pai, com ele aprendeu não só a carpintaria, mas também a eficácia da repetição, bater e bater os pregos. Recurso que, metaforicamente, adotou na sua pregação e nos seus ensinamentos: falar repetidamente por horas e horas para convencer multidões.

Em seu ministério, Jesus adotou práticas pedagógicas que, hoje, no século XXI, são a estratégia da vez.

Ele não tinha sala de aula, ensinava nas sinagogas, à beira do mar, em embarcações, em montes, pelos caminhos por onde andava e onde o povo estava – ubiquidade que hoje a internet levou ao extremo, abolindo todas as paredes da escola.

Jesus era chamado de Mestre por seus discípulos porque eles reconheciam sua autoridade para ensinar as coisas. Eles o consideravam um Rabi, que quer dizer Doutor ou Mestre, algo parecido com os nossos títulos acadêmicos na universidade. Mestre intuitivo, Jesus considerava a bagagem cultural e social que as pessoas traziam consigo. Para ele não havia fronteiras, línguas ou costumes diferentes. Como seus ouvintes eram, em sua maioria, adultos, o Nazareno usava a metodologia andragógica² (nem por isso descuidava-se das crianças) e, a partir de uma linguagem simples e exemplos práticos baseados no cotidiano, no conhecimento prévio dos ouvintes, apresentava seus ensinamentos.

² Andragogia é a arte ou ciência de orientar adultos a aprender, segundo a definição cunhada na década de 1970 por Malcolm Knowles. O termo remete para o conceito de educação voltada para o adulto, em contraposição à pedagogia, que se refere à educação de crianças.

Com esse expediente, fazia com que a aprendizagem fosse significativa e incorporada à realidade dos que o ouviam e seguiam seus exemplos: mais do que conteudismo e distribuição de informações, seu trabalho envolvia mudanças de valores e atitudes.

Como bom mestre, eu diria até moderno, sabia que uma só metodologia não dava conta do público heterogêneo que pretendia alcançar. Assim, respeitando conhecimentos prévios, vivências e habilidades, diagnosticou e supriu áreas de carência onde seriam gerados os novos aprendizados, tendo como base o contexto em que o ouvinte se inseria.

Com a mulher samaritana, usou o método de perguntas; em Mateus usou o do audiovisual: “Olhai para as aves do céu”, “Olhai para os lírios dos campos”; com os discípulos, a caminho do Jardim das Oliveiras, usou o da preleção.

Mas, sem dúvida, o método mais usado pelo Mestre foi o de histórias ou parábolas, com as quais ilustrava alguma verdade complexa de forma simples. Elas são coisa concreta, apelam à imaginação, têm estilo fácil, interessante e eficiente. É o moderno *storytelling*³, tão utilizado no marketing atual.

Para descrever, por exemplo, o amor de Deus pelos pecadores, ele falou sobre o pastor que saiu em busca de uma ovelha desgarrada e de um pai que esperava, ansioso, o retorno de um filho pródigo. Essas narrativas repletas de ilustrações e exemplos do dia a dia, como pesca, rede, peixe, árvore, fruto, solo, semente etc., tinham o poder de levar seus ouvintes à ação.

3 *Storytelling* é um termo em inglês. Story significa história e telling, contar. Mais que uma mera narrativa, *storytelling* é a arte de contar histórias usando técnicas inspiradas em roteiristas e escritores para transmitir uma mensagem de forma inesquecível.

Ele mesmo homem de ação, mostrou que sua mensagem estava contida na sua própria história: aquilo que ele ensinava aos discípulos era também verificado nas suas atitudes. Ele ensinava pelo exemplo.

Como autêntico mestre, Jesus nunca impôs, foi, antes, o mediador entre a palavra de Deus e os homens. Pela mediação, atuou como facilitador no processo ensino-aprendizagem, contribuindo para a participação e o desenvolvimento do senso crítico e de justiça.

Como autêntico líder, Jesus centrou sua pedagogia nas pessoas e formou outros líderes aptos a difundir suas palavras. Escolhendo homens simples, desenvolveu neles competências e habilidades que inspiram hoje a educação 4.0: a arte de pensar, a tolerância, a solidariedade, a colaboração, a resiliência, a empatia⁴, e sobretudo o amor e o perdão.

Sua empreitada deu tão certo que, passados 2.019 anos após seu nascimento, o legado de Jesus continua funcionando e dando exemplos de pedagogia e liderança.

Que nossa escola possa inspirar-se no seu exemplo. E mais, que Ele não descuide de salvar o Brasil, principalmente voltando a atenção para os governantes porque os governados dominam a palavra do Mestre.

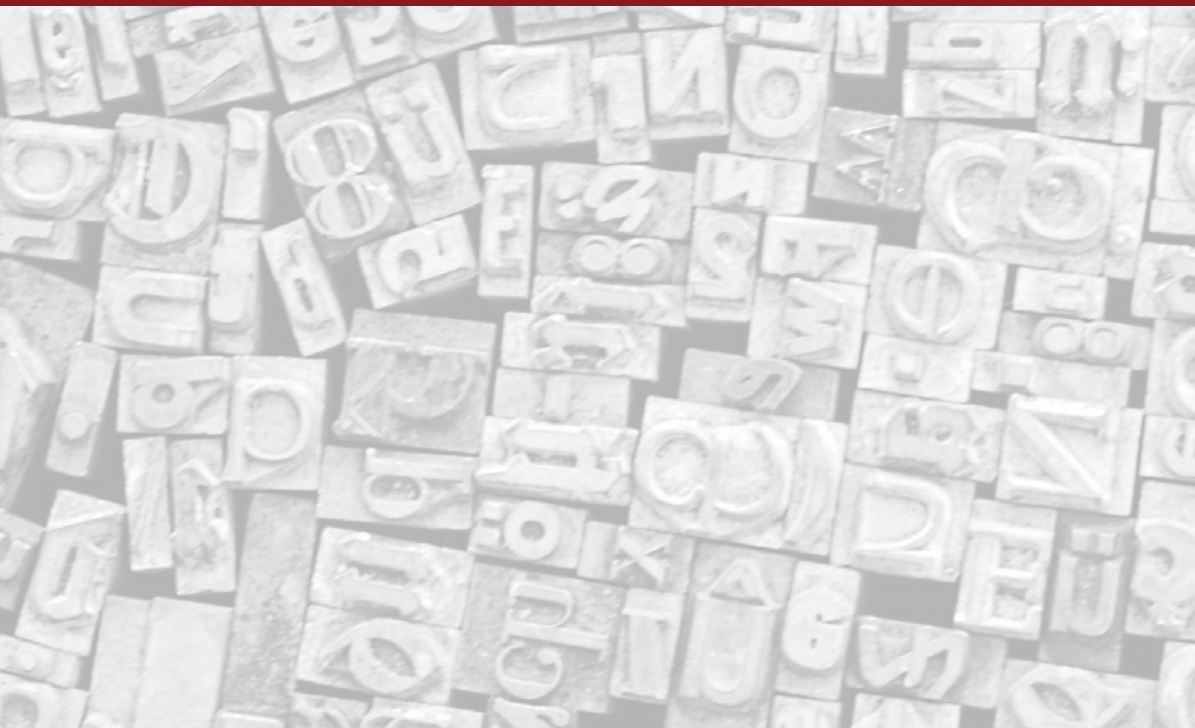
Que o menino Jesus ilumine o Natal com a esperança de dias melhores e que o Metre dos mestres, se concretize por aqui uma de suas frases lapidares: “Vinde a mim as criancinhas, porque delas será o reino dos céus”. Eu acrescentaria: porque delas será o futuro do nosso país.

Feliz Natal!

4 Empatia: a capacidade de se colocar no lugar do outro.



2020



ANOS 20 — ERA DE TRANSFORMAÇÃO OU TRANSFORMAÇÃO DE UMA ERA

[21/01/2020]

[ACESSE AQUI](#)

A realidade é que, se não reconhecermos e nos adaptarmos às implicações e avanços da tecnologia, poderemos enfrentar a perspectiva de uma “tempestade perfeita”, na qual o impacto de uma desigualdade em forte ascensão, o desemprego tecnológico e mudança do Clima se desenvolvem mais ou menos paralelamente e, de algumas maneiras, ampliam e reforçam uns aos outros. (Martin Ford)¹

Mostrando a vontade chinesa de ser nação líder mundial, Kai-fu Lee, presidente Executivo da Sinovation e ex-executivo de Inovação da Google, da Microsoft e da Apple, em seu livro “Inteligência Artificial” (ed. Globo) cita uma visita que fez numa noite há 20 anos na Universidade de Ciências e Tecnologia da China para tratar sobre o reconhecimento de fala e imagem. O auditório estava repleto de alunos e quando a palestra terminou em poucos minutos estava vazio. Indo embora, na companhia de alguns professores, não encontrou viva alma no pátio e estranhou a escuridão dos alojamentos. Porém, ao passar pelo portão de saída, viu centenas de jovens sentados em grupos pelas calçadas, aproveitando-se da iluminação pública para concluir suas tarefas escolares. A obcecação pelos estudos para bom desempenho profissional é uma marca da juventude chinesa.

¹ Autor do livro “Os Robôs e o futuro do emprego”

Estavam na rua porque as luzes da universidade são desligadas às 23 horas.

Em seu livro, Lee descreve o objetivo da China de ser potência mundial, onde estado, empresas e universidade estão alinhados, não só para o desenvolvimento, mas também para prever trabalho para todos e viver melhor no crescimento. Comparativamente, disse que “enquanto na China e nos EUA, a cada ano se formam 50 engenheiros por mil habitantes, no Brasil se formam 5”.

Na palestra que fez na sede da Globo em São Paulo, ele foi contundente ao dizer que hoje um dos grandes problemas do mundo é a desigualdade social, que vai se agravar brutalmente com os milhares de empregos a serem perdidos para as máquinas. **E só há duas saídas: os países adotarem modelos de renda mínima universal ou aprimorarem a formação profissional.** Tanto na requalificação para novas ocupações, quanto na preparação de profissionais para um mundo em desenvolvimento exponencial.

Na visão do biólogo americano Jared Diamond, o mundo enfrenta quatro ameaças: o risco de uma guerra nuclear, o descontrole do clima, o esgotamento dos recursos naturais e a desigualdade entre países e dentro deles. Também não é só a inteligência artificial que está mudando a vida empresarial. Há outras fontes de transformação disruptiva. A energia solar se tornará cada vez mais onipresente, desbancando a do petróleo, o que trará enormes consequências geopolíticas (exemplo, no Oriente Médio), sem contar com o valor das terras brasileiras usadas para a plantação de cana para a produção de álcool combustível.

Do lado do consumo, os aparelhos utilitários das casas e das empresas estão consumindo cada vez menos energia. A introdução das chamadas “terras raras” na confecção de ímãs está permitindo toda uma nova geração de motores elétricos, desde furadeiras sem fio,

até bicicletas e carros elétricos. Isso sem falar nas baterias de lítio e nas lâmpadas de LED. O blockchain, mais cedo ou mais tarde, irá mudar a forma como ocorrem as transações, sobretudo as financeiras. E junto vem o 5G que trará profundos impactos na internet.

Enquanto todos esses desafios precisam ter soluções para um futuro mais harmônico, o Brasil está sempre precisando reverter mal feitos e extinguir os erros do passado. Não há agenda para pensar no futuro por meio de soluções planejadas.

Plano de Estado não existe, de governo nem pensar e muito menos idealizar a relação entre empresas e universidades. O imediatismo do dia a dia nos limita a apagar incêndios. Mas existe um desafio que poderia unir todos, inclusive a nação, se concretizado marcar uma geração que pensa num país onde todos possam ter as mesmas oportunidades. É viabilizar o que Yuval Harari, que esteve há pouco no Brasil, salientou:

É necessário ensinar nossas crianças para o mundo daqui a 20 anos. Não podemos esperar para ver. Precisamos preparar as próximas gerações. Este seria o primeiro passo para garantir um futuro melhor para o país e precisaria ser uma meta nacional. Devemos basear no exemplo da gana chinesa para perseguir objetivos e implanta-los, no Estado, nas empresas, nas famílias, na população, nos estudantes e nas escolas. Do infantil à universidade.

A universidade precisará perceber que parou no tempo, em que o importante era o diploma. Hoje o seu real papel é de formar gente competente para os embates da vida e que tenha esperança num país melhor, com as mesmas oportunidades para todos. Os tempos mudaram. A ideia de que um curso universitário poderia dar competências a uma pessoa para ter bom desempenho profissional não existe mais.

Precisamos ter consciência de que:

- As informações, a experiência e o conhecimento estão ao alcance de qualquer palma de mão.
- Não há mais profissões e sim carreiras onde o profissional passará segundo as circunstâncias e para isso precisará adquirir novas experiências, relacionar-se bem e estudar a vida inteira.
- O egresso do ensino superior não é aceito no mercado de trabalho porque as empresas afirmam que ele não tem as competências necessárias.
- A universidade está presa a regulamentações ultrapassadas e as instituições acreditam que nada vai mudar.
- A universidade ainda não saiu da segunda revolução industrial e de suas matérias da época, enquanto há uma ruptura tão grande de como as inovações estão acontecendo e que transformam o modo das pessoas convirem, se comunicarem, interagirem e trabalharem.
- A realidade é que a universidade não se adequou às transformações do mundo competitivo empresarial em que vivemos.
- O mais importante é a mudança do perfil do professor que deixa de ser um repetidor do que está nos livros, mais sim um mentor para acompanhar o desenvolvimento de seus alunos.

Para acompanhar a inovação na universidade, poderia elencar uma série de mudanças que estão acontecendo no ensino, mas prefiro indicar o excelente artigo sobre o [Novo Modelo de IES](#), da Profa. Valeria Reis, diretora geral da Unidade de Ensino Serra Dourada, de Lorena, e do prof. Fabio Reis, diretor de Inovação e Redes do Semesp, que analisam estes atuais desafios universitários.

O principal de tudo é partir para a ação. Que o mundo está mudando e muitas coisas estão ficando obsoletas já estamos cansados de

saber. E como fazer? Como agir? Mudar um sistema educacional universitário secular não se faz da noite para o dia. Levará anos, mas é um desafio que a ABMES deve enfrentar e está se preparando dentro de seu Plano de Trabalho, disposta a acompanhar as transformações educacionais dos anos 20.

COMO SER RELEVANTE NUM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO

(28/01/2020)

[ACESSE AQUI](#)

“O que distingue a época atual é que vivemos o nascimento de uma constelação de tecnologias que prenciam a remodelagem da vida das pessoas, das economias, das cidades e do trabalho em níveis inéditos da história da humanidade.”

(Glauco Arbix)

Há cinco anos assisti a uma palestra de um headhunter que mostrava a dificuldade que teve para escolher um diretor executivo para um banco. Disse ter realizado sucessivas análises de 200 currículos e que, depois de série de entrevistas, restaram dois profissionais. Os finalistas demonstravam excelentes atuações em trabalhos realizados e tinham as mesmas aptidões e bom desempenho. Devido à dificuldade de decisão, ele expôs a questão ao CEO contratante, que depois de uma rápida olhada nos currículos decidiu por um dos candidatos. Estranhando a rapidez, quis saber a razão da escolha e a resposta veio rápida: o João Francisco tinha tido participação meritória em centro acadêmico e o outro nenhuma.

O episódio de certa forma coincide com o que trouxe Talita Nascimento em reportagem de capa do Estado de S.Paulo do dia 19 de janeiro, sob o título “[Experiência contará mais que formação na próxima década](#)”. A matéria aponta o que temos reforçado constante-

mente: “Flexibilização para migrar para outros campos de atuação, disposição para viver novas experiências e participação de redes de relacionamento profissional são importantes”. A mudança nos ambientes empresariais exige profissionais atualizados para enfrentar os desafios do dia a dia.

Na mesma reportagem, a autora informa sobre estudo do Escritório de Carreiras da USP, mostrando que o mercado de trabalho se agrupará em 10 áreas envolvendo 10 carreiras. O foco não serão as profissões, mas sim as carreiras.

Yuval Harari e Kai Lee, experientes profissionais que deram palestra no mês passado no Brasil, descreveram em seus livros que, devido ao avanço exponencial da tecnologia aplicada a negócios, milhares de postos de trabalho desaparecerão e que as pessoas precisarão estar preparadas para outras ocupações. Diante desse cenário, se nada for feito, a desigualdade social aumentará.

Glauco Arbix¹, que mencionamos na epígrafe, em seu artigo no mesmo jornal afirmou que a “chave está nas pessoas, não na tecnologia”. As habilidades socioemocionais terão mais relevância e o que vale são “as habilidades de julgamento e de decisão, de criatividade, gestão de pessoas, de negociação e inteligência emocional.”

Por fim, o Prof. Maurício Garcia, colaborador da ABMES, teve publicado no Painel do Leitor, da Folha de S.Paulo de 25 de janeiro um comentário ao artigo “Educar com tecnologia?”, da economista Cláudia Costin. Garcia afirmou que “a questão não é **se** os professores serão substituídos por robôs, mas **quando** isto acontecerá. A educação será profundamente transformada por conta da tecnologia, e o papel do professor será revisto em várias especialidades, desde

1 Professor titular de Sociologia da USP, Coordenador do Observatório de Inovação do Instituto de Estudos avançados

autores, prolores e orientadores até cientistas de dados pedagógicos e desenvolvedores e treinadores de robôs. Haverá menos professores no formato atual, mas inúmeras outras oportunidades em função da vocação e da habilidade de cada um.”

A resposta para todas estas inquietações é que antigamente a universidade era a vanguarda como construtora e distribuidora do conhecimento e hoje ficou para trás. O tempo passou e ela não viu.

O mundo das ocupações transforma-se a cada dia em função do avanço do conhecimento, da mudança dos paradigmas e da maneira de fazer tudo. E as empresas têm razão em não acreditar no sistema educacional, pois estamos atrasados, parados em um modelo da década de 60, com currículos mínimos completamente defasados baseado em disciplinas.

Estamos oferecendo o passado e não o futuro e continuaremos nesse modelo enquanto houver sustentabilidade financeira. Parecemos um supermercado, colocando nas prateleiras produtos sem rótulo, sem validade e sem especificar para que servem, apenas cumprindo as normas regulamentares do MEC e os alunos, sem tempo e cultura de dedicação à aprendizagem, pensam que com o diploma terão acesso ao trabalho facilmente.

A universidade é um espelho que reflete o que a sociedade vive, pois quem faz a universidade são os professores e alunos e se eles estão atrasados tudo fica desatual. O professor continua a ser o diferencial, mas quando ele fica estagnado no mesmo lugar, fazendo sempre a mesma coisa, a tendência é que ele se torne uma peça de museu.

O professor precisa se alinhar às mudanças que estão acontecendo no mundo e que vão impactar profundamente a sociedade nos próximos anos. O modo de pensar e agir de forma linear, segmentada, unidimensional e previsível já não dá conta de responder as deman-

das atuais. Precisa mudar o **mindset** para um processo não linear, conectado, multidisciplinar e exponencialmente imprevisível.

A humanidade sempre teve três problemas: a fome, a peste e as guerras. Não está tudo solucionado, mas, comparativamente a um século atrás, milhões de vidas foram salvas. Havia a narrativa de serem problemas insolúveis, razão pela qual as pessoas pediam milagres aos céus para exterminá-los. Acredito que a reza serviu para inspirar a parte da humanidade que colocou sua inteligência, sua criatividade e suas mãos para solucioná-los; o que nos trouxe até o momento atual.

No Brasil, nosso problema são 12 milhões de desempregados e precisamos estar preparados quando a automação desalojar mão de obra desqualificada. Nem Estado, nem governo estão ligados à solução desse propósito. Não está na agenda de serviços.

A desigualdade só se resolve com desenvolvimento, trabalho e educação e a cabeça da nação deveria estar sintonizada para encontrar soluções. A única saída é apostar numa aliança do setor produtivo com o setor educacional e indicarmos ao Estado a estratégia que [Ariadne usou para Perseu em Creta](#) e sairmos dos obstáculos dos labirintos que impedem o progresso.

A academia, o setor produtivo e os que pensam num país mais igual devem liderar esta revolução imposta pela modernidade e fazer pela educação a mola propulsora do progresso.

ARROZAI, TESTES DE MATEMÁTICA E PROJETO DE NAÇÃO

(04/02/2020)

[ACESSE AQUI](#)

“Ninguém que em 360 dias do ano acorde antes do amanhecer deixa de enriquecer a família.”

(Provérbio chinês)

No primeiro artigo do ano [publicado no blog da ABMES](#) citei o livro “Inteligência Artificial”, de Kai-fu Lee, onde ele descreve que depois de dar uma palestra à noite em universidade chinesa, saindo do auditório não enxergou estudante algum. Só escuridão. Mas ao chegar à rua viu jovens com livros e cadernos nas calçadas sob os postes de iluminação, pois as luzes da universidade eram desligadas às 23 horas.

Impressionado com este comportamento, pensei em conhecer as razões e, indagando aqui e ali sobre o porquê da garra dos asiáticos, me indicaram o livro “Fora de série” (Outliers: The Story of Success), de Malcolm Gladwell, que em seu capítulo 8 escreve sobre os arrozais e a matemática.

Cheguei também ao psicólogo [James Flynn](#), que, pesquisando de onde procediam os melhores colocados asiáticos do MIT – Massachusetts Institute Technology, descobriu que vinham da área do delta do Rio das Pérolas, no sul da China. Ele se dedicou a estudar os motivos.

A nascente do Rio das Pérolas, na cidade de Guangzhou, fica na região dos arrozais onde estão os vestígios da velha China, com sua antiga agricultura familiar e a dedicação de todos para vencer os desafios da vida.

A China é modelo aos países asiáticos sobre a cultura do arroz que pratica há milhares de anos. Os arrozais são construídos e não abertos como os trigais. Não basta remover o matagal, as árvores e as pedras e depois plantar. Os campos de arroz são feitos nas encostas dos morros, criando-se terraços em charcos e planícies fluviais que precisam ser represadas. Fora todo o preparo do solo a ser nivelado para a água se distribuir de forma regular. Mas o detalhe mais significativo é que o arrozal tem um tamanho de um quarto e a fazenda de arroz, de dois a três cômodos.

Diz a antropóloga Francesca Bray em seu livro “The Rice Economies – Technology & Development in Asian Societies”:

“à rizicultura depende da habilidade, porém mais ainda da disposição do agricultor em arrancar ervas daninhas com um pouco mais de cuidado; de conhecer melhor os fertilizantes, de destinar mais tempo à monitoração dos níveis de água, de manter a camada de lama absolutamente monitorada e de aproveitar cada centímetro quadrado do arrozal, para ter safra maior.

O grande segredo é trabalhar 14 horas por dia, 360 dias por ano. Diferentemente de outros países que param no rigor do inverno, os chineses, enquanto isto, estão batalhando sempre. Na pausa de novembro a fevereiro estão envolvidos em tarefas extras: fazer cestas ou chapéus de bambu para vender no mercado. Reformar a moradias e construir ferramentas para o trabalho e ajudar algum parente que more próximo enviando um dos filhos.

O rizicultor tem recompensa, pois há relação de valor entre esforço e resultado. Quanto mais se trabalha, mais produz. Mas precisa ser diligente e cuidadoso, porque controlar a irrigação da plantação não é para qualquer um.

A devoção ao trabalho é marca registrada do camponês chinês. Basta ver a comparação feita pelo historiador David Arkush entre provérbios chineses e russos que é de deixar o queixo cair:

“Se Deus não prover, a terra não fornecerá”, reza um típico provérbio russo, mostrando o fatalismo e o pessimismo de um sistema feudal repressivo, onde os camponeses não tinham como acreditar na eficácia de seu trabalho. Enquanto isso, os provérbios chineses mostram a crença no trabalho duro, na confiança e cooperação.

Os ditados chineses são incisivos:

“Sem sangue e suor não há comida”.

“No inverno o homem preguiçoso morre congelado.”

“Não dependa do céu para obter comida e sim de suas próprias mãos para fazer o trabalho pesado.”

“Para o homem esforçado a terra não será preguiçosa”.

E, o mais oportuno de todos, que aproveitamos para nossa epígrafe:

“Ninguém que acorde 360 dias do ano antes do amanhecer deixa de enriquecer a família.”

Stanislas Dehaene explica em seu livro “The Number Sense” outro aspecto em que os asiáticos se destacam: a matemática. As palavras chinesas que expressam os números são bem pequenas. A maioria delas pode ser dita em menos de um quarto de segundo (por exem-

plo, 4 é si e 7 e qi). Em inglês four e seven. A diferença de memória entre falantes de inglês e chinês deve-se aparentemente a essa distinção. Mais claramente, as crianças chinesas contam mais depressa de 1 a 100, do que as de outros países.

O sistema chinês é metodologicamente mais lógico. No nosso sistema dizemos “dezesseis, dezessete, dezoito e dezenove”. Mas não contamos “deze e um, onze e dois, onze e três” e assim por diante. Essa diferença faz com que as crianças chinesas aprendem a contar mais rapidamente e a realizar as operações básicas com mais facilidade. Aqui as crianças somam $37+42 = (7+2=9 \text{ e } 3+4=7) 79$. As chinesas $37+42 = (30+40+7+2) 79$. Muito mais fácil de memorizar.

No livro há outros exemplos, que mostram que o estudante chinês é mais teimoso em ficar tentando resolver problemas.

Vejam esse vídeo, que ilustra bem: [link para vídeo](#)

Gladwell menciona em “Fora de série” um conceito do professor de matemática [Alan Schoenfeld](#) que diz que muitos pensam que a matemática é uma capacidade inata. É equívoco dizer ter ou não ter capacidade. Trata-se de atitude. **Domina a matemática quem se dispõe a tentar.**

Outra demonstração é o exame TIMSS (testes abrangentes de matemática e ciências) com alunos do ensino fundamental de todo o mundo, para comparar níveis educacionais de diferentes países. É um teste maçante com 120 questões de conhecimento e também sobre o que acham do ensino do país e o que seus pais acham da matemática. Muitos deixam em branco de 10 a 20 questões. O pesquisador Erling Boe, da Universidade de Pensilvânia, descobriu que os acertos de matemática têm correspondência com os alunos que concluem as provas. Isto quer dizer que seria possível avaliar as provas comparando sem as questões de matemática.

Ou seja, podemos conhecer os melhores em matemática pelos que entregaram a prova toda, que coincidem com as culturas nacionais que dão mais ênfase ao esforço e ao trabalho duro. Sabem quem lideram as duas listas? Sem surpresas: Cingapura, Coreia do Sul, China (Taiwan), Hong Kong e Japão. E o que têm em comum é o fato de terem sido moldadas pela tradição da rizicultura irrigada e de trabalho significativo.

É lógico que o modelo chinês mostra uma cultura milenar de invejar. O EUA tem outra também bem sucedida e cada país tem a sua. “Mais vale quem Deus ajuda do quem cedo madruga” é um dos nossos ditados mais populares de origem portuguesa, achando que as divindades ou o Deus estado é quem resolverá nossos problemas. Isto está na nossa história desde nosso misticismo rural até as plateias religiosas dos programas de TV.

Resido próximo ao colégio que cobra as mensalidades mais altas de São Paulo, onde ao final da tarde há uma fila quilométrica de carros com motoristas para apanhar os estudantes. Um pouco à frente há escolas públicas onde depois da saída os alunos andam a pé por quilômetros. A diferença social começa por aqui, uns têm todas as oportunidades de se dar bem na vida e outros absolutamente nem tanto.

Enquanto não solucionarmos esta situação de desigualdade nada mudará. E como acredito no Deus que nos deu a inteligência para vencer os desafios, a Educação é base de tudo para formar gente que tenha capacidade de solucionar os nossos problemas. Comparado a culturas milenares o Brasil tem só quinhentos anos. Precisa apenas de um Projeto de Nação para saber o que deseja ser e onde deseja chegar.

COMO ALINHAR O QUE O MUNDO PRECISA EM EDUCAÇÃO E O QUE OS CURSOS UNIVERSITÁRIOS OFERECEM

(11/02/2020)

[ACESSE AQUI](#)

“Daqui a 15 anos metade das universidades norte americanas poderá ir à falência. mesmo que a maioria permaneça solvente, é fácil imaginar matrículas radicalmente declinantes e receitas associadas a volumosas demissões tanto de gestores como a corpo docente.”

(Prof. Clayton Christensen da Harvard Business School)

Dando voltas e mais voltas, acabo chegando ao mesmo lugar quando me refiro ao que a sociedade brasileira está passando em razão do inconformismo diante de tudo que parece estar do avesso às boas práticas éticas, a partir daí quero me socorrer de releituras e artigos para conhecer melhor o perfil do brasileiro. Com isso, apelo aos antropólogos e sociólogos de plantão para que atualizem conceitos e teses que expliquem a balbúrdia estabelecida nos cenários nacionais, contemporâneos, em todas as áreas. Por exemplo, o que está acontecendo com a juventude, com a família, com a religião, com a economia, com a política, com cultura, com a violência, com a corrupção nata dos órgãos públicos, etc.

Mesmo assim, há milhares de exemplos que nos motivam a acreditar no povo brasileiro. Vejam as boas notícias da mídia:

Diretor transforma escola estadual na Zona Sul de SP e pais encaram fila de 7 dias para conseguir transferir seus filhos – O projeto pedagógico do Diretor Wagner Neves é motivador “**O meu diferencial** e que sou apaixonado por isso, sem demagogia, **eu gosto do que faço**, e toda aula que eu entro a palavrinha que coloco é gostar. Você tem de gostar do que está fazendo eu outra, eu vou me aperfeiçoando, disse Wagner em entrevista ao G1.

Aos 90 anos, mãe raspa cabelo de filho de 60 aprovado na universidade – Reportagem da Folha de São Paulo (2), mostra a trajetória de Alcyr Ataíde Carneiro, que capina há 23 anos limpando e roçando quintais e que entrou no Curso de Enfermagem da Universidade federal do Pará (UFPA). Motivação para fazer um curso superior foi a vontade de melhorar de vida. Não tinha opção, era ganhar na Megasena ou vencer pela educação.

De SP para Nova York em um salto de balé – Corrente de solidariedade transforma o sonho do bailarino Wendel Vieira Teles dos Santos de 12 anos em realidade. Em abril de 2020, ele vai se apresentar no Youth América Grand Prix (YAGP) de Nova York. A história do Wendel começou quando tinha 8 anos e superando todos preconceitos e inveja de muitos e, após muito treino diário, conseguirá se apresentar no lugar em que sempre sonhou.

Esta é uma pequena amostra do povo brasileiro que, em todas as áreas, pela criatividade, estudos, trabalho e obstinação, apesar dos desafios e dificuldades, busca sucesso no que faz e onde pretende chegar. Todos eles lutando para vencer as labutas do dia a dia. Acreditando que a educação é que dá a sustentação cognitiva para apoiar os sonhos de cada um.

Tenho repetido exaustivamente que só a educação será capaz de construir os alicerces para um país desenvolvido e para uma realidade dos novos tempos, que mudam a cada instante, de uma sociedade industrial para uma sociedade do conhecimento onde as Ciências da Comunicação e Informação estão mudando modelos de negócio, de serviços, de transporte, de viver, de conviver e recrear-se. Portanto, antes de mais nada desejo registrar que acredito nesta gente.

Entretanto, os tempos estão mudando. Vejam o que o professor Jose Pastore escreveu com o título de “[Você perderá seu emprego para a automação](#)” no estado de 30/01/2020, que resumo: deixando de lado os pessimistas e os otimistas sobre emprego do futuro, haverá necessidade, conforme recente consenso de especialistas em Davos, de requalificação profissional de 1 bilhão de trabalhadores entre 2020 e 2030.

No plano prático dos EUA 400 empresas estão requalificando 15 milhões de trabalhadores, a British Telecom-BT está fazendo o mesmo com 10 milhões de profissionais. Entre 2020 e 2030 estima-se que 42% das competências requeridas pelas profissões atuais precisam ser reatualizadas. Conhecimento valerá mais do que diploma e as pessoas deverão treinar a vida inteira. É crucial a necessidade da articulação de empresas, escolas e governo.

Dentro da mesma ótica, o editorial do estadão de 08/02/2020 “[Desencontro entre educação e trabalho](#)” descreve as mudanças ciclópicas que estão acontecendo no mundo do trabalho, onde ao mesmo tempo que desaparecem carreiras, surgem outras da noite para o dia. Apesar dos jovens estudarem hoje mais tempo que seus pais, eles ainda não estão prontos para o mercado de trabalho, este é o resultado encontrado pela avaliação feita pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) avaliando cerca de 500 mil estudantes.

A pesquisa “Emprego dos sonhos: as aspirações dos adolescentes e futuro do trabalho”, segundo o editorial, mostra que nestas duas décadas mudaram poucas as aspirações estudantis com idade média de 15 anos (47% meninos e 53% menina) de 41 países. Houve uma concentração em 10 carreiras e muitos adolescentes. Segundo Andreas Schleicher, diretor educacional da OCDE, “ignoram os novos tipos de trabalhos que estão surgindo, particularmente os da área digital”. Não há alinhamento entre aquilo que a sociedade e a economia exigem e o que o sistema educacional oferece. A conclusão é contundente. “O estudo evidencia uma fratura entre o mundo do trabalho e a educação e entre a realidade objetiva do mercado e a visão subjetiva dos jovens e advertindo que os sistemas educacionais devem ir além dos métodos tradicionais”.

O Brasil concorre com países do primeiro mundo majoritariamente na economia que se concentra ao redor das capitais. Há muito Brasil que se encontra até na época agrícola e vai se desenvolver diferentemente. Mas há cerca de 10 milhões que estão desocupados, que, somados aos abandonados da automação, serão um grande problema para qualquer governo e que somente a qualificação profissional pode resolver. Por mais paradoxal que seja, não é a preocupação do estado atual. Como sempre entrarão em cena quando as contornas dos miseráveis pela falta de trabalho arrebentarem.

Por outro lado, a universidade no mundo, com raras exceções, está aquém do mercado do trabalho e refletindo ainda em seus planos curriculares matérias defasadas de trinta anos, que davam para acompanhar uma época que não existe mais. Qualquer pesquisa no Brasil e nos EUA que se faça com estudantes, mostrará que começam a desacreditar no diploma, que a mensalidade é cara e que não vale a pena perder quatro anos na faculdade. As empresas queixam-se que os formandos não estão preparados para os novos tempos. Chegou então o momento de empresas, governo e instituições edu-

cacionais se alinharem para vencer os desafios de formação profissional de um mundo que precisa de talentos para vencer suas incomensuráveis dificuldades.

Certamente, desenvolver o ciclo básico e colegial não será tarefa tão difícil: basta chamar cem Wagner Neves.

FÓRUM ECONÔMICO DE DAVOS E A SUSTENTABILIDADE

(18/02/2020)

[ACESSE AQUI](#)

“À educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permite navegar através dele.”

(Jaques Delors ¹)

Davos, na Suíça, foi palco do **50º Fórum Econômico Mundial**, que reuniu, de 21 a 24 de janeiro, chefes de Estado, empresários, pensadores, líderes e celebridades. O tom dominante do Fórum foi ditado por Ian Bremmer, presidente e fundador do grupo Eurásia, para quem “o mundo passa por um ponto de inflexão”.

Oportuna e certa comparação para o **ambiente VUCA (volátil, incerto, complexo e ambíguo)** que nosso milênio enfrenta. Originária da matemática, a expressão “ponto de inflexão” significa um momento preciso na vida de uma sociedade no qual seus parâmetros fundamentais estão no ponto de mudar. É o resultado de um acontecimento que altera a maneira como pensamos e agimos,

¹ Economista e político francês, Jacques Lucien Jean Delors presidiu, de 1992 a 1996, a Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, da Unesco, e foi autor do relatório “Educação, um tesouro a descobrir”, em que são explorados os quatro pilares da educação.

dando ensejo a tomada de decisões, que envolvem riscos, mas que mudam a vida como um todo.

Urgência e reformulação foram as palavras de ordem nos painéis, que trataram de desigualdades extremas às mudanças climáticas, passando pela ansiedade com as transformações no mercado de trabalho trazidas pela automação. Mas a agenda ambiental dominou os debates: cinco dos dez riscos globais apontados para a próxima década são relacionados ao meio ambiente – eventos extremos, falha no combate às mudanças climáticas, desastres naturais, perda da biodiversidade e desastres ambientais causados pela humanidade.

De papo de “bicho grilo” e “poetas”, o risco ambiental – potenciais danos que uma atividade econômica pode vir causar para o meio ambiente – se tornou efetivamente um risco financeiro e temas como a sustentabilidade e mudanças climáticas devem ser, segundo os debatedores, postos-chave em qualquer estratégia de investimento no caminho até 2030. Assim, a mudança não deve ser apenas de retórica, mas, sim, uma mudança efetiva, que traga ações e resultados concretos.

Em sintonia com tendências para o século XXI, segundo [Renata Piazzon, no jornal Nexo](#), de 28 de janeiro passado, CEOs de grandes corporações também anunciaram, em Davos, a “década da ação”, da colaboração e da transparência e apontaram a necessidade de uma visão comum entre sociedade civil, setor privado e governos para que se chegue a um mundo sustentável.

Segundo Piazzon, o consenso entre as empresas presentes em Davos foi que “**esta é a década-chave para que ocorra uma mudança de nosso modelo mental**, dos modelos econômicos e de como medimos performance e produtividade”. Acrescento, também, em sintonia com sustentabilidade e responsabilidade social. Este é o ponto de inflexão de que falou Bremmer, é o momento da “virada de mesa”.

Se um dos temas onipresentes que assombram a sociedade e tratados em Davos foi o problema do (des)emprego, [estudo divulgado pelo Fórum](#) diz que as profissões do futuro podem criar 1,7 milhões de novas oportunidades apenas em 2020. Até 2022, esse número pode subir para 6,1 milhões. O estudo traz uma lista de 96 profissões que podem florescer nesse cenário, como Profissionais de Inteligência Artificial, Transcrição Médica, Cientistas de Dados e Especialistas de Sucesso do Consumidor. Devem ser acrescentadas as disciplinas afeitas à Geriatria e à Gerontologia, a de cuidados médicos, a turismo, lazer, estética, etc., já que o envelhecimento demográfico mundial está em franca expansão.

Aí entramos nós: impossível falar em futuro sem pensar no poder transformador da educação.

Como venho insistindo em inúmeros artigos, essa é uma tarefa de todos. A disciplinarização estanque – em que os saberes estão fragmentados – nunca vai dar conta do problema. Um ambiente VUCA exige um novo modo de produção do conhecimento – a transdisciplinaridade.

Segundo Ubiratan D’Ambrósio², no livro Transdisciplinaridade³, “o essencial na transdisciplinaridade reside na postura de reconhecimento de que não há espaço nem tempo culturais privilegiados que permitam julgar e hierarquizar como mais corretos. A transdisciplinaridade repousa sobre uma atitude mais aberta, de respeito mútuo e mesmo de humildade em relação a mitos, religiões, sistemas de

2 Ubiratan D’Ambrosio é matemático e professor emérito da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), reconhecido mundialmente pela comunidade acadêmica por seus estudos na área de Etnomatemática, campo científico que discute sobre o ensino tradicional da matemática e como o conhecimento pode ser aplicado em diferentes contextos culturais.

3 D’AMBROSIO, Ubiratan. Transdisciplinaridade. São Paulo: Palas Athena, 1997.

explicação e de conhecimentos, rejeitando qualquer tipo de arrogância ou prepotência”.

D’Ambrósio propõe a transdisciplinaridade como resposta necessária à sustentabilidade, já que não é possível ignorar “as várias dimensões do conhecimento: sensorial, intuitiva, emocional, mística, racional”. A transdisciplinaridade potencializa os quatro pilares da educação proposto, ainda em 2010, pela Unesco, no Relatório Delors:

- **aprender a conhecer** pressupõe estabelecer pontes entre os diversos saberes para que o conhecimento adquira importância na vida cotidiana;
- **aprender a fazer** é, sobretudo, aprender, com criatividade, a transpor os limites da especialização excessiva. Pressupõe a coragem de executar, de correr riscos, de errar. Numa sociedade em constante transformação, a escola precisa formar indivíduos aptos a enfrentar novas situações, a trabalhar em equipe e desenvolver o espírito cooperativo;
- **aprender a conviver** significa respeitar as normas que disciplinam as relações interpessoais. Mas não se trata puramente de obedecer a elas, mas de compreendê-las, partilhá-las e validá-las pela experiência interior individual. Trata-se não somente de aprender a gerenciar conflitos, participar de projetos, mas também com relacionar-se de maneira saudável com o meio ambiente;
- **aprender a ser** é o contínuo aprendizado que desenvolve a sensibilidade, o sentido ético e estético, a responsabilidade, o pensamento crítico e a criatividade.

Só a escola, com todos os aportes que a era digital lhe franqueia, pode desenvolver as competências necessárias para antecipar-se ao cenário de incertezas que o novo século nos apresenta e geri-lo,

preparando indivíduos autônomos, responsáveis, críticos e criativos para esse “admirável mundo novo”. Até porque, eram poucas as mudanças na sociedade, quando hoje tudo é exponencial.

O evento Davos deve ser discutido desde o ensino fundamental, repercutindo para os jovens saberem o que esperar e como contribuir para o futuro do nosso planeta. E a educação continuada abrange a todos, inclusive os docentes, que precisam estar antenados para não ficarem fora do tempo.

AS SINALIZAÇÕES DE DAVOS — A EDUCAÇÃO DEVE MUDAR PARA O MUNDO NÃO ACABAR

(03/03/2020)

[ACESSE AQUI](#)

“A diversidade não é apenas uma política social sólida. A diversidade é o motor da invenção – gera criatividade que enriquece o mundo. Podemos abraçar a diversidade e as novas ideias que surgem a partir dela, ao mesmo tempo em que promovemos uma identidade compartilhada e valores compartilhados em comunidades seguras e estáveis que funcionam.” –

Justin Trudeau

Carnaval passou com toda a sua alegria e criatividade. E as diversas mídias concentram-se agora no Coronavírus, a nova preocupação da humanidade, mostrando a insegurança e o alvoroço que nos causa o vírus assassino.

A OMS (Organização Mundial da Saúde) alerta sobre os malefícios da doença e como ela se espalha rapidamente. O campeonato japonês de futebol foi paralisado e na Itália os jogos são disputados com os portões fechados. Desfiles de moda, exposição de automóveis e eventos de grande afluxo de pessoas são cancelados. As bolsas financeiras despencam e, com a expansão do vírus, os mercados do Brasil, Ásia, EUA e Europa desabam. A área da saúde epidemiológica mundial se une para compartilhar experiências, pois o mundo todo corre perigo.

Em meu último artigo ([Fórum Econômico de Davos e a sustentabilidade](#)) relatei alguns cenários ocorridos em Davos, na Suíça, por ocasião do 50º Fórum Econômico Mundial, onde em sua conclusão há o apelo para engajar a sociedade na construção de um mundo sustentável, menos desigual, inclusivo, com controle climático e parcimonioso na distribuição do desenvolvimento e progresso. Os integrantes do Fórum Mundial que pensam além das câmeras de televisão indicaram dez preocupações que atingem a todos, em escala planetária.

Chama a atenção o fato de, coincidentemente ou não, o ponto em comum entre os dez temas é a educação. Os pontos foram sumariados pelo site Suno Notícias e, por sua importância, faremos a reprodução aqui. Ao nosso ver, esses temas deveriam ser matéria de reflexão das instituições de ensino por estarem ligadas às transformações do mundo atual.

O trabalho vai mudar, diz Ginni Rometty, CEO da IBM, pois além da inovação devida as tecnologias, as mudanças climáticas nos forçarão a mudar 100% a forma dos novos empregos. “Será necessário um novo modelo de educação para oferecer as novas ‘habilidades’, aliada a imprescindível parceria público-privada, para enfrentar a nova realidade pois é uma tarefa muito grande para os governos se as empresas não participarem”.

A privacidade é direito humano. O indiano Satya Nadella, CEO da Microsoft, “salientou que a privacidade dos dados deve ser considerada um direito humano, a ser protegido com total transparência. Poderão ser usados com o consentimento e para o bem da sociedade”.

A tecnologia deve ser mais inclusiva. Tema defendido com todo o ardor por Sundar Pichai, CEO do Google e do Alphabet, que enfatizou que a tecnologia tem o poder de transformar a sociedade. “As

peças têm fome de tecnologia, mas devemos torná-la inclusiva. O risco é deixar as pessoas para trás, criando novas desigualdades”. Segundo ele, “temos uma nova revolução tecnológica à nossa frente, graças à inteligência artificial, que será mais importante que o fogo e a eletricidade”.

O capitalismo como conhecemos está morto. Marc Benioff, fundador e CEO da Salesforce, foi um dos mais enfáticos em Davos. “Nossa obsessão em maximizar lucros apenas para os acionistas levou-nos a uma desigualdade incrível. Uma distribuição mais equitativa é a uma emergência planetária”. Foi aplaudido de pé.

O risco climático como novo teste de estresse. Christine Lagarde, presidente do Banco Central Europeu (BCE), observou que “os riscos climáticos devem se tornar parte integrante da análise econômica e do processo de teste de estresse. Não pensamos mais nos riscos de 30 anos, mas em tempos muito mais curtos e devemos levá-los em consideração”.

Aumento das desigualdades. Kristalina Georgieva, sucessora de Lagarde na liderança do Fundo Monetário Internacional (FMI), alertou que o aumento das desigualdades possa levar-nos para outra crise financeira global. “O sistema financeiro deve ser inclusivo e devemos ficar atentos às desigualdades”.

O imposto sobre o carbono é regressivo O presidente e CEO da gestora BlackRock, Larry Fink, no setor da luta contra as mudanças climáticas, indicou como um imposto sobre carbono é regressivo, afetando as camadas mais baixas das populações. “Em minha carta aos acionistas, escrevo que os mercados financeiros estão apoiando o crescimento, mas devemos observar os resultados em 20 a 25 anos”.

Alerta sobre os riscos de continuarmos sem limites. A jovem ativista sueca Greta Thunberg foi enfática: “Nossa casa ainda está

queimando e a inação alimenta as chamas, hora após hora. A ciência e os jovens, em geral, não estão no centro do debate climático. É necessário levar a ciência ao centro da conversa”.

Neutros em carbono até 2035. A primeira-ministra finlandesa, Sanna Marin, de apenas 34 anos, também pediu mais atenção ao meio ambiente: “a transformação do modelo econômico exigido pela mudança climática deve ser aceitável do ponto de vista social e justo, porque, caso contrário, alimentamos o populismo”.

Somente o multilateralismo faz o mundo prosperar. Ao final, a chanceler alemã, Angela Merkel, reafirmou que “somente o multilateralismo e cooperação são a única maneira de fazer o mundo prosperar. Há falta de diálogo e as pessoas não se falam o suficiente e devem sair das bolhas digitais e conversar. Não podemos simplesmente conversar com pessoas que pensam como nós, isso leva à catástrofe. Estamos diante de uma transformação histórica. Devemos criar cadeias de valor completamente novas”. Ou seja, o modo como fazemos negócios, vivemos e nos acostumamos na era industrial terá que ser mudado.

A peste, a fome e a guerra sempre dizimaram a humanidade, pois espelham a morte a todo canto. E hoje a TV e a internet nos intimidam com um noticiário pessimista e com imagens de máscaras brancas das pessoas procuram se defender do vírus. Porém, há males maiores que poucos ligam e que foram mostrados em Davos. Sumiço de empregos; capitalismo sem freios; aumento de desigualdade social; descontrole e desastres ambientais; a falta de entendimento e cooperação entre governos e pessoas. Tudo mostrando que a educação deve mudar para o mundo não acabar. É a única saída!

UMA BOMBA NO COLO DA ECONOMIA PLANETÁRIA

(10/03/2020)

ACESSE AQUI

“A pandemia do coronavírus pode criar uma situação crítica em matéria de informação sobre como lidar com a nossa saúde. Estamos sendo obrigados a reconhecer que nosso bem-estar não depende mais apenas de remédios e tratamentos. Depende também, e muito, do tipo de informação que temos e sobre a qual baseamos nossas decisões. Os cientistas podem até descobrir a cura do coronavírus, mas se o contágio do medo for mais rápido, o esforço dos pesquisadores será incapaz de salvar a vida de todos os infectados física e informativamente.”

Carlos Castilho¹

A Folha de S.Paulo, dia 3 último, estampou um horror de chamada de capa: **Coronavírus pode gerar nova recessão global, afirma OCDE.** De acordo com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, o surto está causando forte desaceleração na economia, e estima 2,4% de crescimento global neste ano, o mais

1 Carlos Castilho é jornalista profissional, graduado em mídias eletrônicas, com mestrado e doutorado em Jornalismo Digital e pós-doutorado em Jornalismo Local. Sua ótima matéria “A infodemia ameaça mais do que o coronavírus” está disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/desinformacao/a-infodemia-ameaca-mais-do-que-o-coronavirus/>

baixo desde 2009. Se a doença se espalhar por Ásia, Europa e EUA, a projeção recuará a 1,5%.

Ao rigor das informações, o Fórum Econômico Mundial já se preparava para uma pandemia de coronavírus desde 18 de outubro de 2019, mediante uma reunião realizada em Nova York, na qual se tratou, explicitamente, de planejar a reação de empresas transnacionais e de governos a uma epidemia mundial.

Participaram do exercício 15 líderes mundiais, entre os quais os dois responsáveis oficiais chinês e norte-americano de luta contra as epidemias. O americano mais preocupado, pois nos EUA, em 2018, [morreram 80 mil pessoas por causa de gripe](#), conforme o Centro de Controle e Prevenção à Doença (CDC). Informou ainda que foram 900 mil hospitalizados.

Vale ressaltar que, dois meses após o Fórum de Davos, no início de dezembro de 2019, em Wuhan (China), instalou-se a epidemia que foi precedida por aquele exercício com a ajuda do *Johns Hopkins Center for Health Security* e da Fundação Bill & Melinda Gates. Ou seja, as trombetas soaram quase sessenta dias antes da eclosão.

O coronavírus não pode ser subestimado e as regras preventivas devem ser seguidas, mas uma outra, fundamental, deve ser adotada: impedir a disseminação do vírus do pavor. Ele é transmitido principalmente pela televisão, que dedica os telejornais quase inteiramente à epidemia. Assim, mais potente do que o corona, o vírus do pavor entra em todas as casas, através da televisão e rádio, bem como pelas redes sociais.

Está circulando na internet um vídeo combatendo o que eles chamam de “uma vacina contra a histeria”:

[Link para o vídeo](#)

A teoria do Agenda Setting² cai como uma luva para o que estamos vivendo. O destaque dado nos vários meios de comunicação à epidemia, não só no Brasil, mostra uma mesmice insuportável. É claro que informação sobre o avanço da epidemia é importante, mas com o foco que os meios de comunicação têm dado, é de se perguntar por que todos têm medo do vírus e não se apavoram com o resto que pode acontecer no Brasil, resultado das prospecções e trabalhos em Davos?

Males, talvez até maiores, de que poucos se dão conta, que já assombram a humanidade e foram agora denunciados e debatidos em Davos. Por exemplo, o sumiço de empregos, o capitalismo sem freios, o aumento da desigualdade social, o descontrole da ação humana e desastres ambientais, a falta de entendimento e cooperação entre governos e pessoas. Tudo mostrando que, se a educação (formal e informal) não mudar e se agigantar, o mundo pode sofrer um colapso. É a única saída.

Aos finalmente, hoje, o mundo contabiliza perto de quatro mil mortes, alcançando quatro dos cinco continentes e as biofarmacêuticas, é claro, a todo vapor, menos para salvar vidas do que para buscar o lucro.

Todos precisamos tirar muitas lições na vida, de tudo, sobretudo diante de uma epidemia como a que enfrentamos agora e que poderá

² A Hipótese do Agendamento ou Agenda- theory ou Agenda Setting, no original, em inglês, foi formulada por Maxwell McCombs e Donald Shaw na década de 1970. Essa hipótese propõe a ideia de que os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes os assuntos que são veiculados com maior destaque na cobertura jornalística (incluindo tanto meios impressos quanto eletrônicos). Assim, no Agenda-setting, as notícias veiculadas na imprensa, se não necessariamente determinam o que as pessoas pensam sobre algum assunto, são bem-sucedidas em fazer com que o público pense e fale sobre um assunto em especial, e não sobre outros. (Wikipedia)

ser pior, maior, com razoável grau de letalidade, senão também por mutações e novos vírus decorrentes do desastre que perpetramos ao meio ambiente, ao planeta, à natureza, ao mundo animal, aos rios e mares, à transgenia coletiva.

A transdisciplinaridade sugerida por Davos tem caráter terminal em virtude da ação do homem sobre o meio ambiente, já que o tema transversal foi sustentabilidade. A economia discutida em Davos influencia e é influenciada por tudo o que está acontecendo agora. A interrupção de aulas em vários países, a queda nas bolsas e um pré-colapso da economia global provam que tudo está interligado e que esforços coletivos e colaborativos, sem fronteiras, são o antídoto para a situação. Importação e exportação estão travadas, bolsa despenca e dólar vai às alturas.

Tudo indica que estamos mais preocupados com a epidemia, que pode ter solução rápida, mas não com as recomendações de Davos, quando, em última análise, é a epidemia absoluta, completa, irreversível e inexorável de um mundo em desespero, asfixiado pelos próprios colarinhos que nenhum laboratório poderá microscopar.

Há outros e muitos vírus mais letais do que o chikungunya, o aedes, o H1M1, o corona e eles estão ao nosso redor sem ninguém estar cogitando usar máscaras ou luvas. Quem está pensando nos desabamentos de morros da baixada santista e nas “comunidades” quando as mortes diárias são triviais?

A grande realidade é que o homem só “acorda” quando o pé da cama estiver pegando fogo. Antes disso, deixe-me dormir um pouco mais. Uma rápida leitura no decálogo de Davos nos põe em alerta contra dez vírus ([vide artigo anterior](#)) e para nossa defesa não será preciso usar quaisquer preventivos, mas uma dose cavalariça de prudências e antídotos de sensatez, para não permitir as contaminações de desigualdades.

Enquanto a realidade virótica conta com centenas de cientistas mundo afora, tentando encontrar razões da instalação, propagação e a descoberta de uma vacina, o novíssimo vírus do Fórum Econômico pode atingir bilhões de pessoas, despreparadas totalmente para enfrentar o fantasma da fome, do desemprego, das ruínas climáticas (secas, chuvas, terremotos, ciclones, etc.), da perda de privacidade, da tecnologia não inclusiva, que alija contingentes populacionais de seus direitos fundamentais e promove mais desigualdades. Tudo clamando a emergência planetária de uma distribuição mais equitativa de renda, oportunidades e acesso ao conhecimento.

A crueldade dos tempos é que, se tais mazelas não extinguem a humanidade, deixam, entretanto, seríssimas feridas com direito a recidiva como tantas outras pelas quais já passamos.

Como certo é que a economia tratada em Davos influencia tudo que está acontecendo dos desvarios nos cenários industriais cujo foco é o lucro a qualquer preço.

Todos os “recados de Davos” deveriam ser incorporados de forma incisiva, pois independentemente de vírus, com mais ou menos letalidade, todos os dez sintomas que relatei em artigo anterior prevalecerão num mundo de perto de oito bilhões de pessoas. Até aqui, salvo engano, não sei de vírus tão mortal quanto a vida valendo nada, o dinheiro não comprando e vendendo nada, senão a mentira.

Pensemos mais uma vez no papel da educação como catalisadora de todos esses problemas e, com auxílio das novas tecnologias digitais e da mudança de comportamento proporcionada por elas, como capaz de mudar o curso da história.

RECEITA DO MINISTRO: EDUCAÇÃO PRECISA DE CONSCIENTIZAÇÃO, MOBILIZAÇÃO, INVESTIMENTO, GESTÃO E MONITORAMENTO

(17/03/2020)

[ACESSE AQUI](#)

“Não existe bala de prata em matéria de Educação. É preciso um plano estratégico, suprapartidário, com objetivos de curto, médio e longo prazos bem definidos e perseguidos com políticas públicas consistentes e constantes”.

*Ministro Luiz Roberto Barroso,
do Supremo Tribunal Federal¹*

“[Brasil ainda é o país do Futuro](#)” é o título de uma entrevista feita com Domenico De Masi para o Valor Econômico pelo jornalista Lucas Ferraz no último 13 de março. Belo texto em que é contada a admiração de De Masi pelo Brasil. Na conclusão ele diz que o nosso maior triunfo é a diversidade, com vários mundos dentro de um só e múltiplas riquezas. “O país tem uma bomba atômica que é a [flo-

1 **Luís Roberto Barroso** é professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ e do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Mestre pela Universidade de Yale. Doutor e Livre-Docente pela UERJ. Senior Fellow na Harvard Kennedy School. Ministro do Supremo Tribunal Federal.

resta] amazônica, da qual o planeta depende. Por isso o mundo tem interesse que o país seja bem administrado.”

Para ser bem administrado, precisa ter planejamento, planos, metas, recursos, administração pública coesa e nação unida para alcançar os objetivos, e isso só se consegue se tivermos gente talentosa que só uma boa educação pode dar. É por isso que não podemos deixar de valorizar uma recente manifestação do ministro do STF, Luiz Roberto Barroso, que fez importante abordagem do assunto com a verdadeira agenda patriótica que o país deveria priorizar: a educação básica.

Em texto publicado na revista acadêmica Direitos Fundamentais e Justiça, bem como no site Conjur.com.br, o lúcido ministro apresenta o sistema de educação básica, com todos os seus desafios. Seu objeto do trabalho foi baseado em alguns dos principais documentos internacionais (UNESCO, Banco Mundial, OCDE) e nacionais (INEP, SAEB, BNCC), bem como em vasta e valiosa produção de instituições como Fundação Lemann, todos pela Educação e Instituto Ayrton Senna. Elegante, ele atribui créditos pela generosa interlocução das professoras Maria Helena Guimarães de Castro e Cláudia Costin, assim como do jornalista Antônio Gois.

A reflexão do ministro vale por um plano de governo realmente focado em vencer o desafio de oferecer ensino básico que o país precisa para alavancar o setor educacional e criar talentos para o desenvolvimento, razão de transcrever os principais pontos do seu trabalho.

“Com exceção da permanência mais prolongada de Paulo Renato e Fernando Haddad — períodos em que houve efetivo avanço —, ministros têm se sucedido segundo a lógica do varejo político. Nos últimos sete anos, foram nove ministros. Não há política pública que resista a esse tipo de descontinuidade. O país precisa de um plano

estratégico, suprapartidário, de curto, médio e longo prazos, que não esteja à mercê dos prazos e das circunstâncias eleitorais.”

Importante considerar que o sistema educacional brasileiro é organizado em educação superior e educação básica. A educação básica conta com 57 milhões de estudantes (INEP 2018) e é dividida em três níveis:

Educação infantil. Creche de zero a 3 anos e Pré-escola de 4 a 5. São 8,7 milhões de matrículas;

Ensino fundamental. Estende-se dos 6 aos 14 anos, dividido em duas fases: 1º ao 5º ano (antigo Primário) e 6º ao 9º ano (antigo Ginásio). São 27,2 milhões de matrículas; e

Ensino médio. Deve atender jovens de 15 a 17 anos, sendo ministrado em três anos. São 7,7 milhões de matrículas.”

Os desafios são dramáticos: a escolaridade média é de 7,8 anos, inferior à média do Mercosul (8,6 anos) e dos BRICS (8,8 anos). Cerca de 11 milhões de jovens entre 19 e 25 anos não estudam nem trabalham, apelidados de “nem nem”. Em resumo são:

- **Não alfabetização da criança na idade certa.** De acordo com a Base Nacional Comum Curricular, a alfabetização deve se dar, a partir desse ano de 2020, no 2º ano do Ensino Fundamental. Em larga proporção, isso não ocorre. Problemas associados à não alfabetização são os altos índices de reprovação e a defasagem idade/série;
- **Evasão escolar no Ensino Médio.** Existem 10 milhões de jovens entre 15 e 17 anos. Cerca de 3 milhões deles estão fora da escola, entre os que não se matriculam, os que abandonam o estudo e os que são reprovados por falta. Isso impacta a renda, a produtividade e as opções de emprego dessas pessoas, além de aumentar o risco de violência e cooptação pela criminalidade. A necessi-

dade de trabalhar e a falta de atratividade de currículos defasados são apontadas como principais causas; e

- **Déficit de aprendizado.** Problema gravíssimo é detectado pelos sistemas de avaliação nacionais e estrangeiros: o jovem conclui o Ensino Fundamental e o Ensino Médio sem ter aprendido fundamentos básicos de Linguagem, Ciência e Matemática. Estamos no fim da fila no PISA, prova organizada pela OCDE para aferir o nível de aprendizado de jovens de 15 anos.

“Não existe bala de prata em matéria de Educação. É preciso um plano estratégico, suprapartidário, com objetivos de curto, médio e longo prazos bem definidos e perseguidos com políticas públicas consistentes e constantes”, diz o ministro, que aponta três ideias – em meio a muitas –, que constituem consensos importantes nessa matéria:

- **Atração e capacitação de professores**

Este é um dos pontos nevrálgicos da Educação Básica no Brasil: a pouca atratividade da carreira do magistério. Há problemas de valorização institucional e, conseqüentemente, dificuldade de atrair valores para os seus quadros. Sem desmerecer a dedicação e o talento de muitos professores vocacionados e abnegados, os dados demonstram que, nos últimos tempos, os cursos de Pedagogia são escolhidos pelos que têm rendimento abaixo da média no ENEM. Há problemas de formação de professores, de condições de trabalho, de infraestrutura das escolas e limitações quanto à remuneração. É preciso tratar o magistério como uma das profissões mais importantes do país, elevar a capacitação dos professores e aumentar a atratividade da carreira, com incentivos de naturezas diversas.

- **Escola em tempo integral**

A ampliação do tempo de permanência na escola de cinco para oito horas é providência reconhecida como decisiva para o avanço da Educação Básica. Naturalmente, é necessário aten-

tar para a qualidade desse tempo extra, com medidas curriculares e extracurriculares. Os Estados da Federação que adotaram programas de escolas em tempo integral, como Espírito Santo e Pernambuco, destacaram-se nos resultados do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica). De acordo com dados do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), menos de 10% dos alunos do sistema de Educação Básica estudam em tempo integral.

- **Ênfase na educação infantil**

Documentos do Banco Mundial e pesquisadores reconhecidos internacionalmente atestam que o principal investimento a ser feito em Educação Básica é a partir das primeiras semanas de vida da criança. Nessa fase, o cérebro é uma esponja que absorve todas as informações que lhe são transmitidas. Esse é o momento de se assegurar que a criança receba nutrição adequada, afeto, respeito, valores e conhecimentos básicos. Embora o papel da família seja determinante, o fato é que, em um país como o Brasil, com tantos lares desfeitos, a escola precisa, em um percentual bastante relevante, suprir demandas que muitas vezes a criança não terá atendidas em casa. Mas as creches têm que ser de qualidade, quer nos seus professores, quer nas condições mínimas de infraestrutura. Pesquisas demonstram que boas creches contribuem de maneira significativa para o desenvolvimento do potencial das crianças, enquanto creches de má qualidade possuem, inclusive, efeitos contraproducentes.

“Uma observação final: também existe consenso entre os especialistas – e comprovações empíricas mundo afora – de que a mera injeção de recursos, sem aprimoramento da gestão, sem projetos concretos e consistentes, não é capaz de trazer resultados significativos.”

O Ministro conclui: “o presente artigo e o estudo maior de onde foi extraído não têm pretensões acadêmicas ou de originalidade.

Trata-se, tão somente, de uma contribuição para colocar o tema no radar da comunidade jurídica, expondo diagnósticos e soluções que constituem consensos entre os especialistas. Nesse tema, precisamos de conscientização, mobilização, investimento, gestão e monitoramento.”

Precisamos colocar o tema também no radar da comunidade acadêmica, nas empresas e na sociedade.

A SOCIEDADE VAI PRECISAR PENSAR EM UMA NOVA EDUCAÇÃO

(24/03/2020)

[ACESSE AQUI](#)

“Es importante que la educación cambie y se adapte como respuesta a las transformaciones que está experimentando la sociedad global. En ocasiones, llevada por la idea de que debía transitar por otros caminos, la educación se ha mantenido al margen de la sociedad. Sin embargo, resulta de gran transcendência tener una educación que sea capaz de adaptarse y responder a las necesidades del conjunto de la sociedad.”

Alfons Cornella

O coronavírus está impactando a sociedade pela ameaça mortal que faz aos moradores do planeta. Surge uma nova realidade com a qual precisaremos aprender a conviver e também entender melhor como funcionam os sistemas de informações em um mundo interconectado e desorientado, onde cada um pode dar a sua versão aos fatos como bem entender.

O gênero humano é complicado, todos são testemunhas da balbúrdia de informações que circularam por todas as mídias sobre este fenômeno, onde a maioria quer somente mostrar sangue pelas telas. Mas o mais positivo de tudo isto é a nova visão do futuro em que obrigatoriamente os humanos precisarão se entender para poderem sobreviver numa sociedade completamente desigual. Metade

das pessoas em casa e metade trabalhando, enfrentando os percalços dos perigos que não podem evitar. Queiramos ou não, vivemos numa sociedade desigual: para uns, casa de tijolos e concreto e, para outros, casebres sem serviços básicos (sem água, eletricidade e coleta de lixo).

O futuro que nos espera não vai ser repetição do passado porque tudo se desenvolve exponencialmente. Por exemplo, os espaços urbanos serão desenhados completamente diferentes dos de hoje. Se metade da população vai poder trabalhar em casa não há necessidade de prédios para escritórios, nem de escolas, nem de palácios e muito menos edifícios suntuosos de governo. Certamente Oscar Niemeyer projetaria Brasília diferente e não precisaríamos de 80% dos prédios governamentais como foram construídos (imagine o desperdício). Tudo será feito via online com meios de comunicação cem vezes mais poderosos. Um mundo diferente onde vamos precisar conviver com as máquinas e não contra elas. Elas adotando a inteligência artificial e os humanos usando sua criatividade, sua empatia, sua curiosidade, sua capacidade de improvisar e de sonhar e tantas outras já em vigor na BNCC – Base Nacional Comum Curricular, que maximiza a aplicação das competências socioemocionais.

Mas o mais importante em tudo isto é que **precisaremos revolucionar a educação** porque os trabalhos repetitivos serão realizados pelas máquinas. E não sou eu penso assim. Acabo de ler o livro EDUCAR HUMANOS EM UN MUNDO DE MÁQUINAS INTELIGENTES: *100 ideas y reflexiones sobre la nueva educación que necesita la sociedad*, lançado em 2019, de Alfons Cornella e Lluís Cugota, que afirma tudo isto.

Cornella é licenciado em Física pela Universidade de Barcelona, *master of Science in Information Resources Management* pela Syracuse University de Nova York e diplomado em *Alta dirección de empresas*

pelo *ESADE de Barcelona*, além de fundador e presidente da [Infonomía](#), empresa de serviços de inovação. Lluís Cugot é formado em psicologia e jornalismo, diplomado em Edição e mestre em Comunicação Científica. Trabalhou como redator e editor, especialmente na área de ciências e tecnologia, em vários jornais e revistas. Para eles, num futuro próximo não terá mais sentido treinar jovens para que desempenhem tarefas que as máquinas podem fazer. Assim, é na potenciação das características humanas que reside nossa essência como espécie, tarefa para a educação, que tem um grande desafio: descobrir o talento de cada pessoa e estimulá-la ao máximo para que desenvolva as próprias capacidades.

Cornella divide o livro em três partes:

Na primeira, “A sociedade do futuro: mudanças globais, ideias ousadas e máquinas inteligentes”, eles discutem o que é esse mundo diferente, em que o radical é normal e como será a relação humanos x máquinas. Para isso questiona-se sobre quais as quatro faces do futuro – ciência, tecnologia, sociedade e empresas/organizações –, o que é a réplica digital de uma indústria, como devem ser as novas empresas, qual a função da arte e de que educação precisamos para enfrentar os desafios que o futuro nos apresentará.

Nesse particular, falam sobre o que é uma ideia radical e qual a distância entre radicalidade e normalidade, além de nos desafiar se voaríamos num helicóptero baseado na tecnologia dos drones, se ficaríamos animados com a ideia de sermos imortais ou como seria a vida em Marte.

No item “Humanos x máquinas”, pergunta-se o que é a IA e se as máquinas inteligentes são realmente inteligentes. E mais uma vez nos provocam: você trabalharia lado a lado com uma máquina IA? Se deixaria multiplicar por uma máquina? Nesse mundo de ficção científica, nos traz de volta à dura realidade da nossa escola:

por que continuamos ensinando as crianças a se comportarem como máquinas?

Na segunda parte, “O ser humano ante a nova educação: experimentar, colaborar e integrar”, os autores discutem quais características humanas são mais humanas, o que é a curiosidade e um algoritmo, como é uma pergunta de qualidade, se as máquinas são criativas, onde está a transcendência. Nesse sentido, questiona-se o que é um projeto educativo, como são usados os recursos digitais, a necessidade, nova, de saber programação e como esta pode ser uma atividade prazerosa quando realizada em grupo, uma vez que envolve colaborar e integrar.

Na terceira e última parte, “Os atores da nova educação: pais, mentores e tutores, espaços e educadores”, Cornella e Cugota ressaltam que a educação é tarefa de **TODOS** (aliás, como venho enfatizando em meus artigos) e a importância das metodologias ativas, como a sala de aula invertida, por exemplo.

Outro ponto em que os autores se detêm são os limites da sala de aula, perguntando-se se a educação é um espaço ou um tempo.

Para finalizar o capítulo e o livro, Cornella e Cugota falam sobre o papel do professor, a importância de sua formação e como se deve experimentar em educação.

Sem dúvida, trata-se de uma leitura que, embora insista em informações sobre as quais já nos detivemos, traz um enfoque inovador, reflexões argutas e perspicazes, além de exemplos, para muitos de nós, inimagináveis. Certamente servirá de caminho das pedras, uma espécie de vade mecum, para orientar nossas reflexões e ações educacionais.

O livro, em língua espanhola, ainda não tem tradução para o português. É encontrado no site da [Amazon](#).

Proximamente desejo abordar neste espaço alguns dos 100 itens que os autores desenvolvem de maneira bem simples, mas de forma muito esclarecedora para os profissionais da educação. O mais importante é que os professores deverão aprender a ver na tecnologia uma parceira e aliada para vencer os desafios do futuro. Mas a síntese de tudo é que precisaremos revolucionar a educação para que quem estiver nascendo hoje possa viver num mundo mais feliz. (Já tenho bisneto e duas bisnetas(os) que nascem daqui a 6 e 7 meses). Beleza.

A SOCIEDADE DO FUTURO

(31/03/2020)

[ACESSE AQUI](#)

“As escolas estão instruindo os jovens para serem redundantes, ou seja, estamos ensinando coisas que não lhes serão necessárias. Um sistema de memorizações e provas está esmagando o instinto dos jovens para aprender e está destruindo seu futuro.”

George Monbiot¹

Uma gripezinha vagabunda, que começou ainda ninguém sabe como (vale leitura), virou esta pandemia que anda matando milhares de pessoas pelo mundo e destruindo a economia dos países. Pegando todos os governos sem planos imediatos para combatê-la e, o pior, sem diretriz alguma para mitigar o problema. No Brasil, todos despreparados e desunidos para vencer o desafio, em razão de credos políticos e crenças incapazes de conciliação.

Agora, para destruir o mundo, basta qualquer Inteligência Artificial (IA) gerenciada por mentes criminosas criar um supervírus e distribuí-lo pelo planeta. Precisamos nos preparar e daqui para a frente o mundo vai ficar dividido entre os **algoritmos do bem**, dos que acreditam num mundo solidário, e **algoritmos do mal**, que desejam sua desestabilização. E o processo educacional em todos os graus decorrente desta nova realidade cada vez mais vai precisar se aper-

¹ George Monbiot é jornalista, escritor, acadêmico e ambientalista do Reino Unido. Escreve uma coluna semanal no jornal *The Guardian*.

feição para lidar com as máquinas e tê-las como parceiras, para que a raça humana possa se desenvolver harmoniosamente.

Razão de continuar comentando a obra de Alfons Cornella, *Educar humanos en un mundo de máquinas inteligentes: 100 ideas y reflexiones sobre la nueva educación que necessita la sociedad*, porque ele defende que devemos conviver com elas e usar os melhores recursos da nossa mente para liderar a parceria. O livro é dividido em três partes. Me alongarei neste artigo na primeira parte. As duas seguintes reservo para as próximas semanas.

Na **PARTE I** – De início o autor propõe a reflexão sobre Un mundo diferente onde a globalização marcará o futuro. As máquinas inteligentes terão grande importância no cotidiano humano e nesse mundo gerenciado pela IA (Inteligência Artificial) o objetivo da educação deve estar centrado exatamente em **potencializar as características mais humanas das pessoas, aquelas que são dificilmente replicáveis pelas máquinas, senão impossível.**

Para Cornella, a construção de um novo futuro está apoiada em quatro colunas: a ciência, a tecnologia, a sociedade e as organizações. Em relação à primeira, nenhuma novidade – é um sistema regrado de conhecimentos que investiga e interpreta os fenômenos naturais, sociais e artificiais e nos proporciona novas tecnologias e melhor ferramental para entendê-los.

Quanto à tecnologia, ele afirma que se trata de uma programação que estuda os fenômenos da natureza, os entende, os manipula e os utiliza da forma mais conveniente. Cita o exemplo da descoberta da luz coerente, ou seja, de um feixe luminoso condensado no espaço e no tempo que deu origem ao laser, hoje utilizado em aparelhos caseiros, cirúrgicos, industriais, militares e espaciais.

Quanto à sociedade, ela **deve se defrontar com problemas cada vez mais complexos** dada a contínua sofisticação dela mesma. Por isso é que a tecnologia deve oferecer respostas a tais problemas e necessidades, exigidas pela sociedade, oferecidas por novos tipos de organizações, as startups, por exemplo.

Na ciência, a biologia humana nos dá grandes possibilidades para fazer enormes descobertas, com especial atenção para a medicina de precisão, onde é esperada uma grande mudança de paradigma, devido à quantidade incomensurável de informações que a big data oferece e que exige, cada vez mais, uma interação homem/máquina para processá-las.

Até aqui, pode-se facilmente inferir que as novidades estão a reclamar uma educação diferente, que constam do relato de Cornella e que dá destaque especial ao mundo quântico, com enormes potenciais. Veja-se o exemplo do surgimento dos drones, que podem realizar inúmeras tarefas em incontáveis aplicações.

Afora a impressão em três dimensões, que representa um salto fantástico no modelo industrial, e a revolução energética com a implantação da energia solar, a armazenagem dela, as aplicações da geo-engenharia permitirão (que Deus nos ouça e perdoe) desfazer dois séculos de contaminação ambiental do planeta.

No assunto ambiental, Cornella questiona o desafio de como alimentar 9 bilhões de pessoas em 2050. Como observar o comportamento das sementes e poder atuar sobre elas no momento mais conveniente. Como melhorar as colheitas sem o fantasma da manipulação genética das sementes, evitando, assim, a transgenia e seus possíveis efeitos deletérios.

Mas nem tudo é belo e no melhor dos mundos, porque as mudanças sociais e tecnológicas causam problemas crescentes de segurança

(piratas digitais, por exemplo, imiscuindo-se em sistemas básicos), gerando infortúnios incalculáveis para as nações, em qualquer plano, do primeiro ao terceiro mundo, afetando gravemente a economia planetária. Está aí o coronavírus (saúde, saneamento meio ambiente) que tem tirado o sono do mundo e alimentado a teoria da conspiração... Some-se a isso o controle do meio ambiente e o problema da pobreza, grande geradora da desigualdade social.

Não sem razão, Cornella adianta que temos de inventar novos modelos de organização, orientados para a satisfação plena e baseados **não mais na visão da oferta** (veja a propaganda que cria necessidades), mas **na visão da demanda**: a sociedade pede novas soluções às quais as empresas não podem se furtar, nem a educação.

É muito importante compreender que a educação tem de formar pessoas que possam se aproveitar desses quatro pilares do mundo futuro (ciência, tecnologia, sociedade e organizações). Nesse contexto, Cornella cita um quinto elemento, transversal, a criação humana não ligada a um sistema produtivo, mas pelo simples prazer da criação: a arte.

Para Cornella, os jovens devem ser preparados para um mundo em que o radical se encontra cada vez mais perto da normalidade, uma geração que se pergunte o porquê das coisas e pense de maneira ousada. Aqui é o momento de o autor enaltecer gente como Elon Musk, radical voltado para mudar a forma de transporte de pessoas, fundador do PayPal, Tesla Motors e SolarCity. O homem que quer levar gente para Marte (e vai conseguir), passageiros num trem turbo que ligará São Francisco a Los Angeles viajando a mil quilômetros por hora. É, sem dúvida, uma ideia radical que pode transformar-se em realidade, muito antes do que se espera, graças a pessoas inteligentes que costumam envolver-se apaixonadamente em desafios ambiciosos.

Uma nova realidade bate à nossa porta trazendo as máquinas inteligentes que farão grande parte do trabalho de hoje. Porém, o mais importante desses novos tempos é que temos de aprender a trabalhar **com** as máquinas, nunca **contra** elas. Devemos tê-las a nosso favor e tendo como certo que a IA vem experimentando sem igual um inesperado desenvolvimento nos últimos dez anos. Quase ao final desta PARTE I, Cornella mostra o uso prático da IA, relatando recente pesquisa realizada pela Ericsson que, se não assusta, incomoda. O público-alvo eram pessoas relacionadas com tecnologia das quais 40% não admitiriam um assessor IA no trabalho, mas, por espantoso, 20% aceitariam que o líder de seu país fosse um programa de IA. Pode?

A verdade é que num grande número de atividades a substituição de humanos por máquinas é totalmente provável. E citando o escritor de ficção Arthur Clarke, Cornella enfatiza a necessidade do instinto de aprender: **“Se o que faz uma pessoa também a máquina pode fazer, a máquina fará. Ora, se alguém pode ser substituído por um robô, merece que assim seja”**.

Sábias palavras sobre as quais nossa tarefa diuturna é refletir e agir pois chegamos à segunda década do século 21.

ANOS VINTE; COMO FORMAR GENTE PARA TRABALHAR EM OCUPAÇÕES PROFISSIONAIS QUE AINDA NÃO EXISTEM

(07/04/2020)

[ACESSE AQUI](#)

As empresas precisam adotar um modelo de atuação exponencial para evitar a falência como a americana Kodak, pioneira na indústria da fotografia. “A ideia é que a empresa tenha sistemas exponenciais ligados a ela que vão inovar e não a nave-mãe.”

(Salim Ismail – Revista Exame)

Alguns amigos disseram que não viram “nada mais significativo do que todos já sabem” no livro de Alfons Cornella e Lluís Cubota que venho comentando. O mais importante na visão dos autores é como educar humanos num mundo de máquinas inteligentes e sua justificativa é a de “não haver mais sentido treinar os jovens em tarefas que as máquinas podem fazer”. Este é o grande desafio que poucos perceberam de que a educação precisa preparar-se para enfrentar a realidade do mundo da Inteligência artificial.

Salim Ismail, em entrevista à [Revista Exame](#), disse quase o mesmo, ao salientar que os sistemas educacionais formam para as profissões de hoje e o problema é que não sabemos como serão os empregos no futuro e o que vamos ensinar a eles.

Esta questão é mundial e não só do Brasil. Relatório da The New Work Order baseado em pesquisa da [Fondation for Young Australians \(FYA\)](#) mostra que mais de 50% dos estudantes estão se formando em carreiras que se tornaram obsoletas pelos avanços tecnológicos e que 60% dos jovens entram no mercado de trabalho, em empresas que serão afetadas pela automação. 65% das crianças de hoje vão trabalhar em carreiras que não existem ainda e Cornella é pragmático ao dizer que vamos precisar conviver colaborativamente com as máquinas, valorizando as nossas competências sócio emocionais que elas nunca possuirão.

Cornella e Cubota em 100 itens derrubam alguns mitos, constroem outros tantos, desafiam a “lógica tradicional” da educação, apontam com convicção alternativas evolucionárias para as escolas. Criticam pais e professores, além dos jovens acomodados.

Na **PARTE II** de seu livro, os autores estabelecem três atenções a dedicar: **experimental, colaborar e integrar.**

“**O que é ser humano**” é a primeira questão que respondem: é ter curiosidade, espírito crítico, ser criativo, ter empatia social e capacidade de improvisar. E adiciona, que cada um de nós tem um talento, destacável pela natureza e nisso reside a função principal da educação: descobrir esses talentos e levá-los à máxima potência.

Será que os autores têm respostas à questão da mudança no trabalho. E para quem está nascendo agora, como devem ser preparados? Repetir a mesma aula por longos anos como fazem os professores, os robôs bem instruídos por professores serão melhores. **Como reinventar o professor?**

Conforme eles, o mundo avança com enorme rapidez, por inúmeras razões, e a **IA-Inteligência Artificial estará em todas as atividades.** Assim, por consequência, somos levados a pensar num modelo

educacional que considere que teremos pela frente máquinas e que serão, além do mais, inteligentes. Com isso, restará aos humanos constituírem-se em equipes com as máquinas e, se por um lado o trabalho estará automatizado, por outro a máquina aumentará as capacidades humanas.

Ao tratar sobre a curiosidade, eles questionam o que faz o ser humano diferente de uma máquina e como pode um humano competir com ela. Sem dúvida, a curiosidade é a mãe da necessidade. Sempre observar e se questionar constantemente é a estratégia. Observando que as IA nos darão muitas respostas, geradas pelas análises de milhões de dados e da aplicação de certa lógica, pois o aprendizado se fundamenta no uso dos algoritmos. Além da capacidade humana de ser crítica, quando questionamos as coisas e duvidamos das respostas, já que ela é o próprio mecanismo para se fazer perguntas.

Eles são incisivos ao “optarem” por **educação baseada em projetos** (transdisciplinar), dizendo que ela é a saída inovadora e justificam destacando que explorar experiências significa buscar elementos, integrando e desintegrando, ou seja, uma proposta repleta de desafios.

E eles se estendem por algumas páginas tratando de projetos tangíveis e educativos, arrolando bons exemplos e cases internacionais e não deixam de enfatizar que tal modalidade de ensino exige ferramentas sem as quais essa tarefa se torna impossível. Se o objetivo é construir uma cadeira, então a madeira, cola, pregos, martelo e uma serra são absolutamente necessárias.

Mais à frente, os autores destacam que são numerosíssimos os recursos educativos presentes na Internet e se atêm a várias fontes realmente insubstituíveis para o aprendizado, sem deixar de mencionar a importância de aprender a programar e de usar os recursos digitais. Afinal, hoje, aprender programação é essencial para o jovem sobreviver no futuro.

Cornella e Cubata não concluiriam o capítulo sem redundar: um passo a mais, indo além da experimentação, existe a necessidade de construir, de fazer o projeto uma realidade material. Por aqui, os TCCs universitários infelizmente vão na contramão, por não atingirem seus objetivos.

Na abertura do item **Colaborar**, suavizam um pouco dizendo que não é frequente se dispor de todo o conhecimento necessário para levar a cabo um projeto, assim um pedido de ajuda é o habitual.

E é nisso que reside a colaboração, a empatia, que não permite comparação com as máquinas, dado o sentimento e a capacidade de socialização, o que é uma grande virtude. E, lamentavelmente abrigamos um modelo social e educacional no qual prepondera a competição sobre a colaboração. Para o autor, é difícil convencer as pessoas para a colaboração e só avançamos com um pedido quando não temos mais saída. Conforme eles, colaborar não é fácil, mas necessário.

Eles não são muito de citarem fontes ao longo do livro, mas trouxeram a escritora [Renée Hopkins](#), quando quiseram tratar de criatividade e inovação, apropriando dela, que “criatividade é um ato individual, que requer introspecção enquanto que inovação é um ato colaborativo”. O inventor é uma pessoa reclusa, submerso num ato criativo, mas, para que sua invenção tenha repercussão e se torne realidade, exige a colaboração de muitas pessoas.

De passagem, eles atribuem muita importância à concentração, que leva à meditação, que pode empregar-se com êxito nas escolas. É o que fazia Ghandi, é o que faz Yuval Harari.

Quase ao final de suas considerações, em **Colaborar**, eles descem mais suavemente, quase poeticamente, tratando da felicidade e atribuindo a Mihaly Csíkszentmihálvi, o psicólogo do fluxo, a afirmação de que “se uma pessoa quer ser feliz deve encontrar o equi-

livro entre a ansiedade e o aborrecimento”. Com isso afirmam que os jovens devem ser treinados para encontrarem seu nível de capacidade para o que seja “até onde podem chegar” e com isso criem objetivos de tirar partido das próprias capacidades. Instruir os jovens para a colaboração não é só uma questão de eficiência, mas de conservação social. E Isso nos leva a uma avaliação dos que estão agora estudando e que deverão reinventar um modelo político já que o atual “não funciona”, pois o conceito de democracia que temos está em crise.

Por fim, falam do último elemento – **Integrar** – que eles associam à ideia de costurar, como sendo a forma de unir peças e alinhar tudo adequadamente e, portanto, uma tarefa que requer saber “pensar com as mãos”. Em outras palavras, o autor sugere uma habilidade fundamental que a escola deverá desenvolver nos próximos anos, com certa humildade intelectual somada à habilidade de combinar (costurar) peças.

Escrevendo sobre **Inovar é Integrar**, deixam claro que o surto de conhecimentos dos próximos anos será o resultado da combinação de formas criativas com as mais variadas disciplinas. Porém, tem mais: é preciso impregnar as ideias de ágil e ligeiro, que não se confundem, porque ligeiro se refere a um conjunto de princípios que permitem descartar as tarefas que não agregam valor ao trabalho, enquanto ágil indica as etapas sequenciais que carregam valor e flexibilidade para aderir ao produto final.

Na conclusão do livro, eles são pragmáticos, ao que reputo uma enorme lição: para que serve (PQS)? Pergunta absoluta que os jovens sempre fazem.

Considerando que é de vital importância proporcionar a eles um conhecimento que resulte útil o que se aprende é imperativo colocar em prática imediatamente. Mas os jovens têm que ser integra-

dores, depender muito de suas competências, que sejam capazes de obter de outras pessoas o conhecimento de que precisam.

Isso de pensar com as mãos me lembra de escutar o cheiro, apalpar o sonho, pois o conceito básico é o *thinking*, quando a integração se relaciona com o trabalho manual, com a bricolagem. O velho e excelente mão na massa, ou, como uma vivência no chão da fábrica, pois é nesses momentos que surge a grande oportunidade que é o empreendimento. A capacidade de empreender. Este, quando vê sinais de problema busca integrar o conhecimento de muitas pessoas para resolver o seu e ir adiante. A verdade é que ser integrador ajuda a ser empreendedor, pois, se não se é aquele, nunca se é este. Simples: porque sozinho não se pode nada. E, segundo estudos, o elemento realmente significativo é a persistência.

Por final, Cornella e Cubata destacam uma expressão de Ralph Waldo Emerson, pedagogo americano de renome, escritor, filósofo e poeta: “O segredo da educação está em respeitar o estudante”. Mais não disseram nem lhes foi perguntado. Precisava?

A ESCOLA QUE SE CUIDE. DAQUI PRA FRENTE NADA SERÁ COMO ANTES...

(14/04/2020)

[ACESSE AQUI](#)

“A grande questão é se enfrentamos esta crise como uma sociedade global, por meio de solidariedade e cooperação entre países, ou se lidamos com ela por meio do isolacionismo nacionalista e da concorrência.”

(Yuval Harari)

*E as pessoas ficaram em casa.
E leram livros e ouviram música
E descansaram e fizeram exercícios
E fizeram arte e jogaram
E aprenderam novas maneiras de ser
E pararam
E ouviram mais fundo
Alguém meditou
Alguém rezava
Alguém dançava
Alguém conheceu a sua própria sombra
E as pessoas começaram a pensar de forma diferente.
E as pessoas curaram.
E na ausência de gente que vivia
De maneiras ignorantes
Perigosos, perigosos.
Sem sentido e sem coração,*

*Até a terra começou a curar
E quando o perigo acabou
E as pessoas se encontraram
Eles ficaram tristes pelos mortos.
E fizeram novas escolhas
E sonharam com novas visões
E criaram novas maneiras de viver
E curaram completamente a terra
Assim como eles estavam curados.*

Este expressivo poema é denominado a Cura. É de autoria da escritora irlandesa Kitty O' Meara publicado em 1869, que o ator de TV e teatro Antônio Fagundes está espalhando pelas redes sociais e que também está relacionado no site www.opoderdacolaboracao.com.br, da jornalista Izabela Cecatto. Mostra como a imaginação humana é capaz de antecipar-se à própria realidade do mundo convulsionado em que vivemos. Que premonição!!! Onde acreditemos ou não, nada mais será como antes. É a maior crise mundial que a humanidade está passando. A mídia a cada minuto nos mostra imagens trágicas e fúnebres. Um recado já foi dado e se a humanidade não quiser ser destruída por um simples vírus ela precisará se repensar e trilhar caminhos diferentes.

A terra, a humanidade, a ciência, a tecnologia deverão andar sempre juntas para que o objetivo do ser humano seja atingido: a felicidade. E não dá mais para pensar que só os moradores do Morumbi querem ser felizes. Os da comunidade de Paraisópolis e outras tantas também querem.

É lógico que os países pouco estavam preparados para vencer um desafio brutal como este, mas aos poucos suas estruturas de saúde foram se organizando para enfrentar esta espantosa pandemia. É uma grande lição que daqui para a frente as nações precisarão colo-

car em prática: a troca de experiências para cada um informar aos outras, as melhores práticas aprendidas.

Passada esta tempestade, as análises que serão feitas mostrarão certamente o que deu e não deu certo e, pegando o exemplo do Brasil, o primeiro conselho a ser dado é que a política e a ciência deverão antes de tudo se entender e deverão estar alinhadas para a solução do problema. Nos países em desenvolvimento não adianta ter saúde se não tiver comida. Os meios de comunicação deverão aprender a separar o mundo do espetáculo do da informação e não apavorar seus telespectadores, assim como os internautas e alimentadores de redes sociais que se metem a ser cientistas. E também, por outro lado, os profissionais da saúde deverão se entender e não a cada momento defender suas percepções. Dos políticos é bom nem falar. Cada qual querendo mostrar que é melhor do que o outro, focado na próxima eleição.

Mas o mais importante é como agirão os governos depois que o problema estiver resolvido. Nada será como antes. A saúde será uma área a ser privilegiada, mas convivendo com a economia, com a política, com a cultura e com a educação também. Haverá escolhas importantes a serem feitas, como destacamos na epígrafe deste artigo, de [Yuval Harari](#).

A pandemia mostrou claramente que os problemas de pobreza, de desigualdade social, de saneamento, de habitação, de desemprego e todos os outros só serão resolvidos com boa educação.

Sempre falo que o gênero humano é complicado, egoísta e só vê seus interesses. E a pandemia de Covid-19 mostra que é nas crises que floresce o melhor e o pior da humanidade. Ao mesmo tempo que tivemos milhares de iniciativas sociais, desde o catador de latinhas que preparou e distribuiu desinfetantes na favela, às empresas que doaram cestas de alimentos e pessoas que deram atendimento aos

necessitados, tivemos funcionários de hospital desviando máscaras para vender a receptores.

Nos negócios a bolsa de valores despencou em todos os países e as empresas inevitavelmente terão grandes prejuízos. Sem dúvida, um dos maiores problemas dos governos será ressuscitar a economia. No esquema abaixo mostramos os ganhadores e perdedores de cada área.

Sem dúvida alguma, o setor educacional passará por uma das suas maiores transformações. O que não aconteceu em quatrocentos anos de acomodação e falta de inovação, surgirá com novos players mais antenados com os desafios do aprendizado e com as tecnologias da informação. São museus abrindo seu acervo para passeios digitais, são *streamings* franqueando as mais diferentes informações, é uma infinidade de cursos por comunicadores nativos. De um modo geral 70% dos cursos superiores já ofereciam os cursos online e a adaptação maior está sendo feita com o ensino fundamental e médio das instituições particulares (do estado, muito pouco). Existem até sugestões interessantes para aplicar como responsabilidade social das IES sugeridas pelo consultor da Hoper Widenilson Senhorini ([Tempo de covid-19 também é tempo de responsabilidade social das IES](#)). Por outro lado, são as mães que estão ficando preocupadíssimas ao ouvirem seus filhos do fundamental dizerem que com o celular não precisam mais ir à escola.

E por falar em premonição, tomamos conhecimento do livro “Caminho para ver Estrelas”, da escritora, psicóloga e educadora Lucia Teixeira, presidente da Universidade Santa Cecília (Unisantia), de Santos, e também vice-presidente do Semesp ([veja entrevista sobre o livro](#)). Os principais personagens do livro são dois adolescentes que, numa viagem ao tempo, convivem e relatam os diversos acontecimentos do passado. Mas o principal problema acon-

tece em 2020 com uma epidemia que vinha matando muita gente. A personagem feminina é atingida pela infecção e relata todos os seus sofrimentos, porém os dois vão analisando que a situação não preocupava somente por seus familiares e amigos, que tinham recursos para esperar o término da doença, mas também com os moradores da favela que moravam empilhados num quarto e sem comida para comer.

O livro é interessante porque todos os problemas que estamos tendo foram previstos e, mais ainda, a solução é a formação de uma rede internacional de solidariedade entre as nações para planejar e agir para conseguir resolver as angústias do mundo (leu os pensamentos do Harari).

Conheço a Lúcia da época do colegial e cumprimento por seus dotes ficcionais e preditivos e tomo a liberdade de encaminhar uma sugestão. Fazer uma rede mundial é muito complicado. Mas vamos criar uma rede de solidariedade brasileira para atender aos estudantes do ensino fundamental das escolas públicas, para complementar seus estudos via online, para eles terem suporte para acompanhar o aprendizado e poderem ter uma formação educacional para vencer os desafios de uma epidemia mil vezes maior do que a que estamos. A epidemia do desemprego total, porque as máquinas superarão os trabalhos repetitivos.

O estado não tem condições totais de oferecer ensino básico competitivo. A rede de solidariedade do ensino particular pode oferecer suplementação de estudos para que alunos de menor recursos financeiros possam adquirir as competências socioemocionais necessárias para complementar o trabalho das máquinas.

O maior desafio da educação brasileira é, com o apoio da ciência e da tecnologia, ser mais digital e mais solidária.

A ENCRUZILHADA

(21/04/2020)

[ACESSE AQUI](#)

“São nossas escolhas que determinam quem somos ou o que viermos a ser. São elas que podem mudar nossa vida, e a vida de muitas outras pessoas. E é graças a nossas escolhas que podemos mudar, inovar, fazer diferente. Ousar. Graças a nossas escolhas que podemos nos reinventar, de sermos aprendizes de nós mesmos.”

Kathlen Heloise Pfiffer

Quarentena: Tempo de ficar em casa e pensar na vida! Tempo de provação! Tempo de reflexão! Tempo de humanização! Tempo para se reinventar! Tempo para autoconhecimento! Tempo de pensar na família! Tempo de pensar na humanidade! Tempo de pensar no próximo! Tempo de pensar nos desgovernos que saem e que entram por estes brasis! Tempo de pensar nas crises! Tempo de pensar na educação! Tempo para instigar nossa criatividade! Tempo de pensar no mundo mais acolhedor! Tempo para pensar no amigo! Tempo de pensar em ciência e tecnologia! Tempo para pensar na cidade onde vivemos e na rua em que moramos! Tempo para ver e sentir os moradores das comunidades sem recursos! Tempo para pensar nos desprotegidos! Tempo para pensar em Deus, para quem nele acredita! Tempo de solidariedade! Tempo para esquecer o futebol e tempo para pensar no Brasil e nas nossas diferenças sociais. Coisa que todo mundo sabe que existe e que este “viruzinho” enfezado veio escancarar, mostrando a imensa desigualdade dos que moram no Morumbi e de seus vizinhos de Paraisópolis.

Em publicação em seu site, o [Forum Economic Mundial](#) registrou que, até o dia 19 de abril de 2020, em todo o mundo, os casos confirmados de COVID-19 chegaram a 2,4 milhões, de acordo com os últimos dados da [Universidade Johns Hopkins](#) . Sabe-se que mais de 160.000 pessoas morreram com o vírus.

A pandemia da Covid-19, escreve o jornalista Roberto Pompeu de Toledo na [Revista Veja](#) de 10 de abril, exibiu o Brasil “peladinho, com suas hordas de catadores de lixo, acrobatas de cruzamento, flanelinhas, moradores de rua, vendedores de pano de chão, vendedores de bala, camelôs, boias-frias, mendigos. Sem falar nas diaristas, entregadores de pizza, motoristas de Uber, nas manicures, pescadores, ajudantes de pedreiro, garis. E sem se esquecer das domésticas sem registro, dos garçons sem salário, dos beneficiários do Bolsa Família, dos manobristas (ou manobreiros, conforme a região do país), das professoras do sertão que ganham meio salário mínimo, dos tocadores de biroskas nas favelas”.

Tudo aparece num momento de crise onde a dor do semelhante move corações, mentes e consegue colocar em nós um pouco mais de humildade sobre nossa limitação como ser humano, de nossa fragilidade, de nossa insignificância perante um universo desconhecido. Eis que a humanidade desperta para uma nova realidade onde se percebe que sozinhos não somos ninguém e precisamos do auxílio uns dos outros. Tudo mudou, muitos estão perdendo, eu perdi, provavelmente você perdeu. Ótimo, pois é sinal de que tínhamos o que perder, pois milhares nada têm o que perder a não ser a vida pela fome e pela exposição ao novo coronavírus.

Segundo o [secretário-geral das Nações Unidas \(ONU\), António Guterres](#), a crise que o planeta enfrenta ” é uma combinação, por um lado, de uma doença que é uma ameaça para todos no mundo, e segundo, porque tem um impacto econômico que trará uma reces-

são sem precedentes no passado recente. A combinação desses dois fatores e o risco de contribuir para o aumento da instabilidade, o aumento da violência e o aumento do conflito são coisas que nos fazem acreditar que essa é, de fato, a crise mais desafiadora que enfrentamos desde a Segunda Guerra Mundial”.

Para o historiador Walter Scheidel, professor da Universidade Stanford, nos Estados Unidos, em entrevista à [BBC NEWS](#) Brasil no último dia 5, a pandemia da Covid-19 tem potencial para afetar positivamente um dos maiores problemas do mundo atual: a desigualdade social.

Em seu livro *The great leveller: Violence and the history of inequality from the Stone Age to the Twenty-First Century* (que, não fosse o coronavírus, seria lançado neste mês pela Zahar com o título Violência e a história da desigualdade), o historiador Walter Scheidel diz que só estas grandes disruptões, que chama de “quatro cavaleiros do apocalipse”, conseguiram reduzir a desigualdade econômica, pelo menos até o século XX: grandes epidemias, falências do Estado, revoluções comunistas e esforços em massa para a guerra.

Segundo Scheidel, o impacto das epidemias sobre a desigualdade se fazia mais presente em sociedades agrárias até o século XX. No século XXI, ele acredita que seu impacto possa ser afetar preferências e escolhas políticas. “Se este evento for severo o suficiente, ele pode alterar as preferências do eleitorado de forma que se mova para uma defesa de um estado de bem-estar social mais forte, impostos mais altos para pagar pelos déficits causados por pacotes de estímulo, mais assistência médica, maior proteção aos trabalhadores”, avalia.

Mas eu me pergunto: ficará alguma lição da atualidade? O que mudará com a Covid-19 na sociedade e na educação? Com certeza temos um vírus terrível pela frente, contra o qual não há vacina, nem

teste, nem cura, senão amargarmos um triste trajeto de desesperança com o acúmulo de bilhões de reais decorrente da paradeira geral. Na economia, milhares de empreendimentos sucumbidos diante da realza de um vírus cuja paternidade ninguém assume, mas que tem locus no alvo, isso tem.

Depois de participar de alguns debates e palestras, o economista Jose Roberto Mendonça de Barros em sua coluna no jornal O Estado de S. Paulo de domingo sintetiza o que ouviu:

1. Para onde irá o conflito China /Estados Unidos; serão competidores, adversários ou inimigos?
2. O nacionalismo e o protecionismo seguirão prevalecendo sobre o multilateralismo?
3. As cadeias de produção globais vão ou não se reconstruir?
4. Como as ameaças globais, clima e aquecimento, pandemias, pobreza e migração serão tratadas?

E, a mais preocupante, como o Brasil se comportará face a estas questões?

Mas não vamos ser ingênuos em pensar que, acabada a pandemia, há um plano global entre as nações e particularmente dentro dos países, que os governantes se entenderão e que tudo estará resolvido. O grande desafio é a solidariedade e a cooperação entre as nações e internamente a cooperação ente a política e a sociedade optando pelo bem comum e deixando de lado o isolacionismo nacionalista e a concorrência voluptuosa. É obra de décadas. E o vírus é só a ponta do iceberg que mostra seu poder de destruição. **Mas há tantos outros como pobreza, controle do meio ambiente, desemprego, saneamento, urbanização, moradia, saúde e, o mais desesperante de todos, a preparação de recursos humanos para o novo mundo do conhecimento.**

Um povo educado e com oportunidades para todos se capacitarem profissionalmente certamente será o grande solucionador dos desafios do futuro. E principalmente será capaz de escolher seus representantes dos diversos níveis políticos, menos de forma emocional e mais reflexiva.

O planeta está numa grande encruzilhada: ou seus habitantes devem encontrar tempo para pensar cooperativamente em soluções para vencer seus desafios ou haverá destruição. **O planeta em sua encruzilhada terá apenas dois caminhos: deixar tudo como está e exaurir-se ou rever sua maneira de agir.** Só assim poderemos mostrar o que somos e para que servimos e o que fazer para nos tornarmos mais solidários. Unidos, certamente, estado, empresas, sociedade e universidade serão capazes de viabilizar um país mais harmônico.

O MUNDO NÃO SERÁ MAIS O MESMO E NEM A ESCOLA

(28/04/2020)

[ACESSE AQUI](#)

“Acho pueril a pergunta que muitos fazem: O que vai acontecer quando tudo voltar ao normal? Simplesmente não vamos voltar ao normal. A sociedade vai se transformar, e muito”

(Nizan Guanaes)

Não há necessidade de justificar nada, mas é lógico que depois de matar mais 200 mil pessoas, segundo a universidade Johns Hopkins, e desestruturar a vida de milhões, o novo coronavírus tornou-se um marco histórico da humanidade, porque a todos obrigou a pensar que a vida humana pode ser extinta de uma hora para outra. Mais ainda, mexeu com a economia, com o trabalho, com o meio ambiente, com a política e com a vida de milhões de pessoas.

Nada vai ser como antes. As nações, os governos, as empresas, as pessoas em busca do poder, ou encontram um meio de convivência pacífica e colaborativa ou se destroem mutuamente e deixam este planeta para outros seres mais inteligentes e menos gananciosos.

Artigo reproduzido pela [Equipe Focus](#), “O futuro do mundo em 17 pontos”, apresentou a melhor síntese analítica que li sobre o que estamos passando. Foi feita pelo jornalista Cacau de Menezes, do grupo de Comunicação ND, a partir das opiniões do brasileiro Silvio Meira, do Cesar, um centro privado de inovação que utiliza Tecno-

logias da Informação e Comunicação (TICs), e do indiano Divesh Makan, fundador da ICONIQ, empresa de investimentos de capital fechado da Califórnia (EUA) que atende à algumas das famílias e organizações mais influentes do mundo, incluindo o bilionário Mark Zuckerberg, do Facebook

Sinalizo estas principais questões:

A tecnologia cada vez mais ocupará todas as áreas e procurará responder as demandas das empresas, em especial para evitar trabalhos repetitivos executados por pessoas. As plataformas digitais serão usadas por empresas grandes e pequenas. Não existe setor da economia ou tamanho de negócio que possa dizer “eu não tenho necessidade de investir no digital”. Quem pensar assim não tem futuro.

O comércio eletrônico dominará e atenderá a todos os setores produtivos. As lojas físicas que permanecerem, serão redesenhadas para mostrar os atrativos da Marca e fazerem relacionamento com os clientes. As empresas brasileiras estão percebendo que no atual momento a abrangência do seu negócio, precisa zelar pelos seus funcionários, clientes e acionistas.

Por outro lado, os maiores varejistas americanos já demitiram mais de 1 milhão de pessoas e devem reempregar somente 85% deles no fim da crise. Logicamente o comércio tradicional vai encolher.

O trabalho em casa está tendo boa aprovação para atividades intelectuais, pois elimina despesas de transporte e de alimentação. A locação de espaços para o trabalho deverá ser repensada.

O turismo demorará para retornar aos tempos de apogeu e as viagens de negócios certamente serão diminuídas porque, cada vez mais, os aplicativos de comunicação serão aperfeiçoados. Para ser ter uma ideia, somente em um dia no mundo, realizaram-se 25 milhões de reuniões usando o Zoom.

O modo de viver, de se comunicar, de trabalhar e de lazer mudarão e sem dúvida a crise trará oportunidades para os empreendedores atentos. Há grandes desafios para o aperfeiçoamento dos sistemas de educação e de saúde, usando o online para atender a população. Vai haver uma revolução na forma como se aprende em todos os níveis.

Existem 1.700.000 vírus detectados em animais; desses, 1.700 são coronavírus. Temos que aprender com essa crise e preventivamente estarmos prontos para ter um surto por década. Por outro lado, os direitos individuais para controle da saúde serão um dos grandes debates no mundo, na medida em que rastrear cada indivíduo é uma das estratégias mais eficazes de controle de epidemias, mas, identicamente, poderá servir aos governos para controle das pessoas.

Assim como os remanescentes da antiga indústria americana têm dificuldades de se recolocar e acabam por sustentar posições políticas protecionistas, esse movimento vai se alastrar pelo mundo com o crescimento rápido da indústria digital. Conclusão: quem hoje está ocupado precisa já começar a pensar na sua futura profissão e tem de se atualizar o tempo todo nas novas tecnologias. Retreinamento contínuo. Na sociedade do conhecimento não existe “ex-aluno”. Ou você está aprendendo o tempo todo ou você está desempregado.

Vejam o que aconteceu no início do ano, quando as escolas de ensino básico precisaram oferecer aulas a distância sem estarem preparadas. Diferente do EAD do ensino superior que existe há cerca de 20 anos e que a cada semestre é aprimorado, as escolas precisaram se organizar para em curto prazo atender aos alunos. Isto quer dizer que a pandemia da Covid-19 atingiu os cursos oferecidos presencialmente e os do ensino básico, que do dia para a noite precisaram se adequar à nova realidade. O fato é que houve uma grande aceleração do uso de tecnologias digitais em todos os segmentos educa-

cionais. O que era tema discutido em seminários e artigos em revista de 20 anos, precisou virar verdade em uma semana.

Olhando o lado positivo deste cenário, convencendo a todos que a tecnologia é uma plataforma agregadora para aprendizagem, houve um ganho surpreendente na fluência digital de professores, que tiveram que adaptar suas aulas a essa nova realidade. Uma das ferramentas mais utilizadas neste período são as de videoconferência, que têm proporcionado a realização das aulas síncronas.

Professores e alunos em aula, agora cada um em sua tela. As experiências são as mais diversas. Aulas que repetem a mesma dinâmica expositiva da sala de aula presencial são monótonas e as aulas que desenvolvem dinâmicas mais interativas e participativas, próprias para o meio digital, são mais valorizadas.

Por curiosidade, consegui acesso a duas escolas particulares de ensino fundamental e, mais uma vez, o que vale é a proatividade do professor. Em uma delas, o professor aparecia na tela lendo um livro e pedindo aos alunos para o acompanharem. Em outra aula, de matemática, para ensinar unidades de medida, foi solicitado aos alunos para medirem seus quartos e se não tivessem réguas usassem qualquer objeto plano. Resultado: no final da aula todos estavam convertendo as medidas obtidas por celulares, por livros, lápis, guarda-chuva e porta-retratos em centímetros e metros. A aula levou o dobro do previsto; todos se divertiram e a participação dos alunos foi total.

Outro ponto importante para se comentar é que o presencial dos cursos universitários também está aprendendo uma nova forma para a sua operação. É possível manter as particularidades do ensino presencial, mas inovar e agregar de forma mais efetiva tecnologias digitais nas aulas que permitem, além da otimização do tempo, a

diversificação de espaços de aprendizagem baseados em tecnologias, sem a transposição do EAD para o presencial.

O saldo de todo esse processo é que as escolas e as universidades evoluíram boas décadas em uso de tecnologias em poucas semanas. Quem ganha nesse processo são alunos e professores que estão transformando desafios em oportunidades na educação.

As pessoas vão precisar daqui pra frente aprender por toda a vida e no Brasil temos uma demanda cativa de 200 milhões de consumidores. A aquisição de competências para desempenho profissional será o produto mais requisitado na economia do conhecimento e para oferecer não há mais espaços limitados por paredes.

A escola estará na tela disponível 24 horas por dia para quem quiser acessar de todas as partes do mundo, razão do sistema particular de educação precisar ser ousado para romper com todos seus vínculos que o prendem a um passado que não mais existe.

DESIGUALDADE SOCIAL: PANDEMIA 100 VEZES MAIOR QUE A COVID-19

(05/05/2020)

ACESSE AQUI

“Um homem desejoso de trabalhar e que não consegue encontrar trabalho, talvez seja o espetáculo mais triste que a desigualdade ostenta ao cimo da terra.”

(Thomas Carlyle)

Professor universitário, meio desacorçoado com a situação em que está vivendo, desabafa num e-mail, contando um filme¹ baseado em fato real do menino que vivia dentro de uma bolha de plástico, por ter uma síndrome imunológica grave. Escreve meio apavorado: “O filme tem mais de 44 anos e não me sai da cabeça: tanto como professor quanto cidadão tenho a sensação de que cada um de nós terá que viver envolto em uma bolha ou vestido com um traje de astronauta, pois o mundo está cada vez mais exposto a vírus mutantes e desconhecidos. Com certeza afirmo que meus três filhos não voltarão a frequentar a escola enquanto a vacina ou o tratamento cientificamente validado sejam criados. Eu e minha esposa, professores universitários, não voltaremos a frequentar salas de aula pelo mesmo motivo. Não há garantias científicas, e o risco de vida é muito maior do que o benefício econômico ou acadêmico”.

1 Filme “O Menino da Bolha”, com John Travolta (1976): <https://www.youtube.com/watch?v=GfLpKXovD6Q> O caso real: https://www.youtube.com/watch?v=A_-aXB4Did0

Devem haver milhares de pais que pensam do mesmo jeito e, em mais de 50 países, por razões diversas, há o mesmo discernimento.

A quarentena deve continuar e as escolas particulares de ensino básico, de um jeito ou outro, vão se estruturando para oferecer o melhor que podem em suas aulas a distância. Mas o problema maior está nas escolas públicas situadas em rincões afastados e sem acesso à internet. Situação parcialmente sanada pela Secretaria de Educação de São Paulo, segundo seu secretário, Rossieli Soares da Silva, que informou que os alunos retornaram às aulas, estudando online, em casa, através do aplicativo do CMSP (Centro de Mídias da Educação de São Paulo).

E ficamos mais um ano sem um planejamento de fato para atender ao ensino básico, tão carente de um esforço nacional para formar gente capacitada a enfrentar os desafios de uma sociedade em transformação. Mas, meu caro Prof. Herivelto, há uma pandemia muito maior do que a atual: a nossa desigualdade social e a falta de uma educação capaz de dar oportunidade de formação básica a todos. Realmente, o coronavírus veio para escancarar e patentear a desigualdade social, que tem efeitos deletérios na educação, na economia, na saúde, na habitação, na infraestrutura, no lazer, em outras palavras, na qualidade vida de parte significativa da nossa população desassistida, que alguns acreditam que chegue em todo o país a 100 milhões, na absurda casa dos 50%.

Deveria haver um esforço nacional com Governo, empresas, instituições educacionais, famílias e sociedade e meios de comunicação para que a educação em todos os níveis fosse a mais qualificada a formar gente capacitada a vencer os desafios do mundo do conhecimento e também preparada a escolher com mais inteligência seus representantes políticos.

O Brasil real (está claro que não estou falando de ilhas de excelên-

cia, muitas vezes alienadas dos cruciais problemas da nação) não está preparado para enfrentar um futuro em que um contingente inimaginável de cidadãos de segunda categoria não terá armas para defender-se. Viverão todos a próxima epidemia: o desemprego, contra o qual a ciência não tem vacina. Vem aí um desemprego em massa e o país precisa encontrar soluções tanto para formar gente capacitada e empreendedora como a criar estratégias de desenvolvimento. Sem bater na mesma tecla é só copiar os Tigres Asiáticos que já a descobriram faz tempo: a educação!

É ela que, entre outras coisas, permite a mobilidade social, o acesso a trabalho mais humano e digno, o espírito crítico e criativo, a colaboração, o respeito pelo meio ambiente, uma renda *per capita* mais justa, o declínio da violência.

Mas, para atingir esse desiderato, é preciso esforço conjunto. A metáfora da Torre de Babel é muito apropriada para o momento político-social que vivemos. Hoje, depois de muitos milênios da maior criação humana, a **linguagem**, há múltiplas formas de comunicação, com línguas, códigos e dispositivos diversos, cada vez mais sofisticados e mais céleres e que graças à tecnologia, enredam e interconectam os seres humanos. Porém, apesar de tudo, exacerba-se a falta de comunicação e incompreensão entre nós, pobres mortais. Parece que, à medida que a modernidade avança, a comunicação se torna mais precária. As *fakes news*, a exemplo das fofoqueiras de antigamente, atingiram um grau de sofisticação, que exigiu a criação de agências especializadas na sua detecção.

Quando todos falarem a mesma língua, no sentido de superar subjetivismos e ideologias, quando houver um plano de Estado, poderemos construir uma educação capaz de tornar nossa população apta a enfrentar o cenário que se desenha de desemprego em massa, pobreza avançando a galope acelerado, aumento de violência, pre-

cariedade habitacional, com ocupação desenfreada de áreas de mananciais, agressão cada vez maior ao meio ambiente.

Mas, como disse Caetano Veloso na música *Gente*, “gente é pra brilhar, não pra morrer de fome”. Assim, tenho a firme convicção de que uma educação sintonizada com as exigências do século XXI – não mais centrada em conteúdos (aliás disponíveis a um toque na tela ou a um clique do mouse), mas no desenvolvimento de competências e habilidades desde a escola básica – pode reduzir desigualdades e dar mais dignidade aos indivíduos.

As competências são essenciais para que o indivíduo tenha sucesso na sua vida social e profissional. São elas que lhe permitem tomar decisões. Criatividade para solução de problemas, liderar, resolver conflitos, utilizar conhecimentos adquiridos ao longo do processo ensino-aprendizagem. Elas são um conjunto de habilidades harmonicamente desenvolvidas. Essas habilidades referem-se à aplicação prática de determinada competência para resolver uma dada situação, por exemplo, aplicar a habilidade de ler para compreender e interpretar um texto e ser competente nessa tarefa.

E nesse quesito, as mais variadas avaliações têm demonstrado que a pandemia (nome eufêmico para peste) da Covid-19 é “fichinha” perto do que o futuro nos reserva se não agirmos rápido e em sintonia. Educação não é mais (aliás nunca foi) dever só da escola. É um esforço conjunto – da sociedade, empresas, mídia, academia, família – é imprescindível para que seja possível atingir um patamar social mais justo e mais igualitário.

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

(12/05/2020)

ACESSE AQUI

“Quem não se comunica se trumbica.”

(José Abelardo Barbosa, o Chacrinha)

Chacrinha comandou durante anos um dos mais conhecidos e populares programas de auditório do Brasil. Inovador, escrachado, mas atento à sua mensagem e ao seu público, foi imortalizado na música Aquele abraço, de Gilberto Gil: “Chacrinha continua/ Balançando a pança/ E buzinando a moça/ E comandando a massa/ E continua dando/ As ordens no terreiro”.

Comandou a massa e deu as ordens no terreiro porque percebeu, sem muita teoria, que a comunicação, sem qualquer sombra de dúvida, é uma ferramenta poderosíssima. É um exemplo que não pode ser desprezado por quem dirige, lidera, ensina.

De acordo com uma pesquisa online realizada pela rede [Narrativas](#), a comunicação tem um poder transformador: “promove efetivamente algum tipo de mudança social, engaja, promove mudança de comportamento, informa com eficiência, produz reflexão, quebra paradigmas e sensibiliza/conscientiza”.

Estou enfatizando a comunicação por que muita gente não percebeu ainda, mas o publicitário Bah Galvão¹ já dizia na década de

1 Asdubral de Souza Galvão (1942- 2003). Pesquisador e comunicador. Sua experiência foi basicamente passagens por veículos de comunicação, agências de propaganda, emissoras de TV e produtoras, escolas de interior, campanhas institucionais e de serviço público.

1980 aos seus colegas de ofício: “Vocês não vão precisar se preocupar com trabalho, porque a educação será a maior atividade da área de comunicação”. Dizia ainda, quando o computador, o telefone e a televisão se unirem, que teríamos pela tela a maior plataforma de aprendizagem do mundo. E o que prevaleceria daqui pra frente seria a Pedagogia da tela onde aliando pedagogia e comunicação as pessoas poderiam aprender.

Há bilhões de pessoas no mundo que querem e só poderão fazê-lo por meio de uma tela, em qualquer lugar, em qualquer dia e a qualquer hora. E para isto precisa só de um comunicador criativo.

A maior criação do homem foi a linguagem, a maneira de poder transmitir aos seus semelhantes os seus sentimentos, aspirações e pensamentos. A comunicação foi a geradora que transformou ideias em ações e, com as mãos e com o correr do tempo, pela tecnologia criou o ferramental que nos trouxe até aqui. Hoje computador, televisão e telefone estão num aparelho só e pela tela temos o maior centro de aprendizagem do planeta. E em não menos de cinco anos estaremos nos intercomunicando, nos relacionando, ensinando e aprendendo simultaneamente em todas as línguas.

Dizem que a Comunicação e a Pedagogia são irmãos do mesmo pai e a primeira filha veio antes distanciada muitos milênios em relação à segunda. Nessa fraternidade, com algumas rugas no percurso, vieram dar as mãos quando foram levadas às salas de aulas. Porém, à pedagogia tradicional parece-lhe faltar a comunicação, pois seus métodos caracterizam-se por um ensino “frontal” (em que a figura do professor é central e autoritária), rigoroso e essencialmente coletivo, no qual é papel dos alunos serem atentos, escutar e memorizar. O diálogo professor-aluno só existe na forma de perguntas-respostas das suas avaliações e o diálogo entre os alunos não é permitido, ao contrário, impera a lei do silêncio.

Está claro que, numa sociedade mediada por TICs- Tecnologias de Informação e Comunicação, essa “fórmula” tende a expandir-se. A evolução dos suportes midiáticos ampliou a possibilidade de toda pessoa comunicar-se e aprender e seus diversos meios deram condições não só para todos realizarem mais intensamente seus desejos de interlocução, como também para a aprendizagem ocorrer em múltiplos espaços, seja em sala de aula, seja em espaços virtuais de aprendizagem (ou não).

O nativo digital, que é hoje nosso aluno, está acostumado a comunicar-se “livremente” por meio de dispositivos, a participar de fóruns de discussão, a ter acesso, por esses mesmos aplicativos, a culturas diferentes. Em outras palavras, a ter “voz”, com a qual interage. Daí, porque um dos problemas, cada vez mais sérios, que enfrenta o professor “tradicional” é a indisciplina em sala de aula.

É necessária uma educação customizada, que só é possível com o concurso das TICs. Com elas, o professor passa a ser o facilitador, o mentor e o mediador que conduz o aluno a uma atividade comunicacional voltada à intercompreensão, à colaboração para garantir que ele esteja no centro do próprio processo de aprendizagem.

Ensino a Distância não é novidade no ensino superior, pois tem mais de 20 anos, se aprimorando com o tempo na oferta de cursos e seus alunos saindo-se muito bem na avaliação do Enade. Muitas etapas foram vencidas desde o hipertexto, quando se transcrevia a apostila ou se contratava um conteudista e um designer gráfico. A maioria dos cursos eram gravações feitas via satélite e apoiadas via CD e slides e conteúdo de artigos. Depois veio a internet que permitiu acesso a informações de todas as áreas de conhecimento. Mas a maior conquista aconteceu quando, com um smarphone na mão, podia se buscar qualquer dado ou fazer qualquer curso. Agora, pelo YouTube, a maior escola do mundo, se aprende qualquer coisa que

se quiser. Sem falar dos dias de hoje com as lives e as reuniões com grandes grupos que se faz por meio de aplicativos (o ZOOM está tendo uma média de 20 milhões de usuários dia).

Esta pandemia está deixando um marco divisor que descaracteriza a sala de aula e o reconhecimento de que o aprendizado pela tecnologia começa a revolucionar o ensino, haja vista a necessidade de as escolas de ensino básico precisarem se estruturar para oferecer seus cursos de uma hora para outra. Logicamente as particulares vão dominando a nova mídia a toque de caixa, para se mostrarem aptas e não perderem seus alunos. O problema está com o ensino público, que vai ter dificuldades para se organizar para este novo momento face não haver homogeneidade, sua grandeza numérica e falta de coordenação nacional. Mas, acima de tudo, temos o problema com a ausência de percepção de que o mundo da aprendizagem vem se transformando e que sem uso de meios tecnológicos a educação brasileira naufragará.

Débora Noemi², no site Escolas Disruptivas, elenca as seis principais tendências da educação para os anos 20: flexibilização curricular; ensino por Projetos; conscientização e inclusão; exercício do diálogo e da escuta; uso da tecnologia; gamificação; mobile learning; Inteligência Artificial, robótica; ensino híbrido; Lean Education Technology (LET), que incorpora o empreendedorismo ao dia a dia de jovens, fazendo com que adquiram habilidades importantes para lidar com desafios, estimulando a criatividade, o pensamento crítico, a comunicação e a colaboração.

2 Débora Noemi: trabalha com Tecnologia Educacional há 14 anos, tendo coordenado projetos em parceria com grandes empresas como Microsoft, Intel, Conselho Britânico, IBM e HP. Hoje, é Diretora de Tecnologia Educacional e sócia da Happy Code.

Para fazer face a esse “novo” aluno e a esse “novo” mundo, a escola – e o professor – vai precisar reinventar-se e reconhecer que vivemos uma era “transdisciplinar”, na qual a compartimentalização de saberes (que foi muito útil no Iluminismo do século 18) já não dá conta de resolver os problemas de um mundo em transformação exponencial. Um século que exige a comunicação e a cooperação das várias ciências e dos vários atores sociais. E onde quem oferecer o melhor conteúdo, a tela mais criativa e mais envolvente, terá condições de se comunicar com os 7 bilhões de terráqueos que precisam aprender a vida inteira.

OS HUMANOS SERÃO CADA VEZ MAIS RASTREADOS

(19/05/2020)

[ACESSE AQUI](#)

Apesar das coisas impressionantes de que os humanos são capazes de fazer, nós continuamos sem saber ao certo quais são nossos objetivos e, ao que parece, estamos insatisfeitos sempre. Avançamos de canoas e galés a navios a vapor e a naves espaciais – mas ninguém sabe para onde estamos indo.

(Yuval Noah Harari)

Já estamos chegando a 370 artigos escritos semanalmente para o blog da ABMES, procurando comentar as atividades, eventos e questões relativas ao Ensino Superior. Além dos temas educacionais, acompanho o que acontece na área das empresas e do mercado de trabalho, em especial as transformações que a tecnologia, a informática, a comunicação, a inteligência artificial e as ciências em geral estão criando no mundo. Minha atenção especial é como o setor educacional poderá se preparar para formar o cidadão capaz de conviver com os desafios do futuro.

Eis que de repente o planeta é atingido por um vírus mortal capaz de aniquilar a raça humana e obriga a sociedade a repensar o seu modo de atuação se quiser sobreviver. Um e-mail enviado pelo amigo e membro do Conselho de Administração da ABMES Edson Franco coloca numa síntese objetiva os temas preocupantes que, de uma forma ou outra, estão atingindo a humanidade e que estão inseri-

dos daqui para a frente na questão de formação educacional. Nada como uma pandemia destas para nos fazer pensar sobre quais competências cognitivas e socioemocionais e quais habilidades nossos estudantes precisam ter para se realizarem profissionalmente e terem boa qualidade de vida.

Parafraseando Yuval Nohal Harari, ênfase: “O problema crucial não é criar novos empregos. E criar novos empregos no qual o desempenho dos humanos seja melhor que os Algoritmos”. Os temas relacionados pelo prof. Edson indicam os dezesseis cenários seguintes:

1. A tecnologia substituirá os trabalhos repetitivos
2. O comércio eletrônico dominará os setores produtivos
3. As empresas zelarão mais pelos seus acionistas, pelos seus funcionários e pelos seus clientes
4. O comércio tradicional vai encolher. Espaços usados serão repensados
5. As reuniões serão cada vez mais realizadas, usando o Zoom. As reuniões serão mais virtuais e menos presenciais.
6. As empresas (escolas) precisam definir os seus focos: social, político, religioso, econômico, humano e educacional
7. As improvisações serão cada vez mais, menos aceitas
8. Os dirigentes tem de estar mais antenados com as mudanças
9. Os humanos serão cada vez mais rastreados
10. A verdade virtual já é hoje uma realidade
11. Os conteúdos escolares serão mais objetivos e mais sintéticos
12. Os desafios da tecnologia estão sendo cada vez mais superados
13. Definir os focos é redefinir a escola, eis o problema
14. As desigualdades sociais serão cada vez mais rejeitadas

15. Nas escolas, o humano será mais importante que o conhecimento

16. O conhecimento está aí, disponível e é barato. As competências e as habilidades precisam ser desenvolvidas.

Para mim, o mais intrigante destes 16 pontos é o rastreamento mais intensivo que será feito sobre as pessoas pelas “agências de informações” e que tem tudo a haver com a inteligência de dados. Certamente essa é uma das ocupações mais demandadas no momento.

No século passado, o petróleo foi sem dúvida uma das maiores indústrias e, hoje, explorar, minerar e administrar dados é a atividade estratégica mais importante dos países, das empresas e das instituições, para alcançarem sucesso em suas intervenções de interação com seus públicos-alvo. Veja-se: depois de liberada a quarentena na cidade de Wuhan, onde começou o novo coronavírus, ao apanhar qualquer transporte público, os chineses apontam seus celulares para um receptor, que o identifica para uma central, rastreando seus dados para analisar as atividades realizadas, com quem estivera nos dias anteriores e cruzando informações para saber se estava infetado.

Yvan Harari em seu livro “Homo Deus” expõe sua preocupação sobre o domínio que os algoritmos terão sobre os humanos, num contexto em que qualquer passo ou opinião que um cidadão der poderá ser detectada pelos órgãos de controle. Mais ainda, um algoritmo externo será capaz de conhecer melhor nossas emoções, sentimentos e o que desejamos. Uma vez desenvolvido, esse algoritmo poderá substituir um juiz, um dirigente ou o eleitor, o cliente ou o observador de arte.

O autor dá um exemplo emblemático: daqui uns anos os algoritmos poderão votar por nós, porque, rastreando todas as nossas mensagens na internet e nas redes sociais, eles sabem como pensamos e o que queremos e decidem melhor afastando-nos das opções políti-

cas emocionais que temos na última hora, quando votamos. E não só isso, até nos casos amorosos o Google poderá dizer quem pode ser entre Paulo e Miguel o noivo a ser escolhido pela Carol que está em dúvida. Ele conhece a Carol desde bebê, arquivou todos os e-mails que ela enviou e dados das redes sociais que participa. Tem todos os gráficos dos batimentos cardíacos de quando ela está com um e outro. Sabe seu DNA e tem gravações de todas as conversas que ela teve com as amigas. Ela escolheu Paulo e o Google disse que o casamento não durará 6 meses.

Fique sabendo que os algoritmos podem conhecer todos os seus passos, observando todas as suas compras, com quem você anda, que livros lê e que filmes que assiste. Sabe por onde passa, monitora suas respirações e batidas de coração. E, quando o conhecerem melhor, serão capazes até de controlá-lo e manipular suas decisões. A dúvida é o quanto isto vai ser bom para você.

Harari aconselha: se é isto que você quer, relaxe e aproveite a vida; mas, se não for e você quer ter algum controle sobre sua existência, deverá correr mais rápido do que os algoritmos, do que a Amazon e do que o governo, para conseguir se conhecer melhor do que eles.

Os cenários mostram os desafios a serem enfrentados pelo planeta terra e as dificuldades que os estados e agentes políticos têm para se entenderem e objetivarem ações em seus países. São também as trilhas de problemas que o setor educacional precisa compreender para dar solução e sucesso aos seus estudantes. As instituições particulares para sobreviverem certamente se adaptarão às novas circunstâncias, haja visto o que as escolas de ensino básico do dia para a noite se adaptaram a ensinar a distância. Porém, a Covid-19 veio mostrar com mais evidência a falência do ensino público básico. Do que adianta falar em internet se 50% das escolas não têm nem água e nem esgoto?

Com as máquinas substituindo os humanos haverá gente sem o que fazer e vai ser o grande problema a ser solucionado. E, portanto, não adianta só ter uma grande economia. Será preciso criar novos empregos no qual o desempenho dos humanos seja melhor do que dos algoritmos.

COMO SERÁ O AMANHÃ?

(26/05/2020)

[ACESSE AQUI](#)

“O que acontecerá com a crise do mercado de trabalho? Se, ao final do processo, ela vai enfraquecer ou fortalecer o trabalho organizado, depende de nossas escolhas e de decisões políticas que não são determinadas pelo vírus.” (Yuval Noah Harari)

Já escrevi neste espaço sobre o ambiente VUCA (acrônimo de volatility, uncertainty, complexity e ambiguity, em português volatilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade), em que o mundo todo está imerso.

Pois é, a crise do coronavírus veio patentear essa realidade: o planeta inteiro está vivendo nesse ambiente, pois poucas vezes na nossa história um cenário complexo como este traz tanta intranquilidade.

Mas, se é verdadeira a frase que do caos nasce a luz, estamos diante de um ponto de inflexão na humanidade. A Wikipédia define essa expressão matemática com uma analogia bem-vinda: “Pode-se comparar com a condução de um veículo ao longo de uma estrada sinuosa, sendo o ponto de inflexão aquele em que o volante é momentaneamente ‘endireitado’ quando a curva muda da esquerda para a direita ou vice-versa”.

Em outras palavras, estamos à procura, desenfreada, de soluções para a crise que se instalou em todas as partes e aqui no Brasil, as disputas políticas irresponsáveis tiram o foco de como administrar com inteligência a solução do problema.

Há alguns anos o escritor e palestrante Bob Johansen, do Instituto para o Futuro, no Vale do Silício, desenvolveu outro acrônimo – VUCA Prime – como antídoto ao mundo VUCA, usando quatro atributos (que também se iniciam com as letras VUCA: Vision (Visão), Understanding (Entendimento), Clarity (Clareza) e Agility (Agilidade)).

Ele diz é preciso ter visão, planejar, mas, ainda que impactos sejam sentidos e alterações no planejamento aconteçam, a resiliência é o Norte em meio à volatilidade: cada desafio encontrado pode ser uma nova oportunidade para aprender, construir ou inovar.

E aqui quero falar de serendipidade, que nada mais é do que encontrar soluções ao acaso. Tenho certeza de que os esforços científicos para deter a pandemia vão resultar em descobertas inesperadas para outros problemas. Assim como aconteceu com os experimentos de Fleming, que estudou o desenvolvimento de um antibiótico por anos sem sucesso e foi descobrir, “por aparente acaso”, a resposta que faltava. E descobriu a penicilina em meio ao bolor.

Ele, assim como tantos outros pesquisadores ou não, percebeu que em todas as coisas no universo existe um conhecimento potencial, aquilo que se pode observar e transformar em conhecimento adquirido. Mas isso depende de já haver um “repertório”. A serendipidade exige que as pessoas estejam preparadas para absorver esse “acaso”, apropriar-se dele. Ou, como diz Daiane Monteiro, em seu artigo “Serendipidade, networking e a gestão do agro”: “As descobertas não acontecem para qualquer desavisado. Acontecem quando conseguimos relacionar o que sabemos com o que acabamos de encontrar pelo caminho”.

Daí a necessidade das empresas, escolas, serviço público e todo mundo se prepararem a utilizar o ferramental VUCA prime (visão, entendimento, clareza, agilidade, pois o mundo mudou e nada será como já foi um dia”. De nada adiantam os conhecimentos compar-

timentados e imutáveis na situação que vivemos hoje. Totalmente diferente de qualquer outra.

O que vivemos hoje é mais trabalho em casa, auge dos pagamentos eletrônicos, mais controle nas fronteiras, educação e medicina a distância, e menos viagens transoceânicas e convenções, tudo convivendo, aqui no Brasil, com contingentes imensuráveis de pessoas que sobrevivem de bicos e da economia informal.

O fantasma de um cenário de recessão econômica severa no mundo todo vai exigir criatividade e inovação, pois, se a crise da Covid-19 virou de ponta cabeça as vidas de tantas pessoas, acabará produzindo um grande número de novas oportunidades de negócios. E nesse quesito, o “jogo de cintura” do brasileiro é imbatível. Não demorou muito tempo para o camelô vender máscaras, para que a “tia” do café da manhã se organizasse para o delivery, para que músicos e artistas em geral fizessem as suas *lives*.

Mas há um fato novo evidenciando que a vida vai mudar mesmo. As empresas já perceberam que não precisarão mais de suntuosas sedes alugadas se seus colaboradores trabalharem em casa. Estes, por sua vez, já sentiram que não precisam perder duas horas por dia no trânsito para ir e voltar do escritório. Isso significa menos carros nas ruas, menos poluição, mais tempo livre e não precisar cursar uma faculdade a noite. Há cursos online aos milhares. E, para os mais otimistas, uma visão racional: para que morar na periferia de uma cidade grande, em apartamento apertado, se posso retornar ao interior e alugar uma casa espaçosa pela metade do preço? Há coisa ainda melhor: com um laptop na praia, poder trabalhar em multinacional com sede em qualquer lugar do mundo.

[Link para o vídeo](#)

Embora o novo coronavírus ainda seja uma incógnita para a medicina, para a economia seu efeito já é certo: ele nos fará repensar o uso dos espaços, o modelo de produção e consumo que temos hoje. E, por consequência, a criatividade, a colaboração e o compartilhamento de ideias são fundamentais, para que se possam construir caminhos e soluções melhores para nós mesmos e para o país.

O coronavírus veio mostrar realidades tão desafiantes, como ter um sistema de saúde pública que atenda à população condignamente e uma economia capacitada para sair da crise e desenvolver o país. Mas escancarou de vez para todos verem a nossa desigualdade social, a ausência de saneamento básico, as incipientes moradias das comunidades empobrecidas, a falta de trabalho digno, um sistema de representação política viciado desde Cabral e governos polarizados. E o pior que ninguém enxerga que só uma formação de recursos humanos compatíveis será capaz de enfrentar um ambiente empresarial e institucional tecnológico que se desenvolve exponencialmente.

O poder secular do EUA foi conquistado por ter aço, petróleo e mentes privilegiadas às custas da boa educação. Os tigres asiáticos são potências por causa do investimento em educação e a China, em particular, está vencendo a competitividade tecnológica mundial graças à educação. Enquanto isso, no Brasil as estruturas políticas não têm interesse em país moderno e de gente educada, para não perderem o poder. Infelizmente a verdade é essa.

ALGORITMOS DO BEM VERSUS ALGORITMOS DO MAL

(02/06/2020)

[ACESSE AQUI](#)

Os desafios do mundo do trabalho cabem em três categorias principais: o que fazer para impedir a perda de empregos; o que fazer para criar empregos novos; e o que fazer se, apesar de nossos melhores esforços, a perda de empregos superar consideravelmente a criação de empregos.

(Yuval Noah Harari)

Kai-Fu Lee¹, autor do livro “Inteligência Artificial – como os robôs estão mudando o mundo, a forma como amamos, nos relacionamentos, trabalhamos e vivemos” (Globo Livros), ao participar de painel recentemente promovido pelo movimento Brazil at Silicon Valley, disse que a inteligência artificial poderá prever e até evitar novas pandemias. Chatbots instruídos por I.A. nos vestibulares recentes têm feito a captação de milhares de alunos para suas universidades. Autores anteveem que, com a experiência adquirida, a I.A. superará os humanos.

Para abordar um pouco sobre essa realidade, entrevistei o cientista digital prof. Maurício Garcia, que, além de pesquisador das tecnolo-

1 Kai-Fu Lee é presidente e diretor executivo da Sinovation Ventures e ex-presidente do Google China.

gias que estão atrás da I.A., tem experiência educacional de mais de quarenta anos².

Gabriel Mario Rodrigues – Já faz bastante tempo que estamos vendo as máquinas fazendo os trabalhos repetitivos. Mas agora a inteligência artificial começa a substituir o pessoal de colarinho branco. Quais são as perspectivas para o mundo do trabalho?

Maurício Garcia – O medo das máquinas roubarem os postos de trabalho dos humanos não é novo. No início do século XIX, a Revolução Industrial iniciou a automatização das fábricas e os trabalhadores da indústria têxtil da Inglaterra realizaram um movimento chamado “Ludismo”, que era uma reação ao avanço das máquinas. Mas o tempo mostrou que ao invés de diminuir, aumentou a quantidade de postos de trabalho nas indústrias, com os humanos operando as máquinas. Há quem denomine o atual receio do fim do trabalho por conta da inteligência artificial como “Neo-Ludismo”. A meu ver, porém, é uma preocupação infundada, fruto principalmente do desconhecimento dos limites da computação. Afinal, alguém precisará planejar novos computadores e desenvolver novos sistemas.

GMR – De maneira mais realista, como você vê a I.A. penetrando em todas as áreas e dando poder imenso às empresas e aos governos que as construíram?

2 Maurício Garcia é cientista digital. Durante quase 40 anos de carreira profissional, atuou em diversos grupos educacionais públicos e privados em vários países. Atualmente, pesquisa tecnologias ligadas à inteligência artificial e análise de dados, auxiliando instituições, empresas e organizações a inovar e se transformar digitalmente, tanto no Brasil, quanto em outros países como Estados Unidos e México. É mestre e doutor pela Universidade de São Paulo e MBA pela Fundação Getúlio Vargas. Realizou projetos, cursos e estágios em instituições como a Universidade de Milão, a Escola Nacional de Alfort em Paris, a Universidade de Montreal no Canadá e a Universidade de Stanford nos Estados Unidos.

MG – A inteligência artificial é apenas uma ferramenta computacional, só isso. A questão é como ela é usada. Por exemplo, quando você abre um celular usando o reconhecimento de sua face, o poder está do seu lado, ou seja, você consegue fazer uma coisa que antes não seria possível. Por outro lado, quando uma câmera de segurança reconhece sua face num determinado ambiente, o poder está do lado do dono da câmera. O reconhecimento facial, em si, não determina poder, o que determina é quem está utilizando e com qual propósito.

GMR – **A luta pelo poder pelas empresas ou governos poderá colocar em risco a humanidade? Como você vê a luta entre os algoritmos do bem contra os algoritmos do mal?**

MG – Sem querer ser repetitivo, não acredito que existam algoritmos do bem ou do mal. A energia nuclear pode ser usada para construir uma bomba atômica ou para combater o câncer. A energia nuclear, em si, não é do bem nem do mal. O mesmo vale para os algoritmos. O que vejo é a luta para a sociedade se organizar e evoluir, assegurando a igualdade de direitos e o resgate de dívidas sociais históricas. Contra isso há toda uma sorte de forças que se valem de qualquer coisa que possa facilitar sua missão ilícita. Isso não começou com a inteligência artificial e nem vai acabar com ela.

GMR – **Alguns autores que falam dos humanos sendo substituídos por máquinas preveem que teremos milhões de pessoas sem ter o que fazer. Será que a sociedade brasileira já pensou nisso?**

MG – A resposta remonta à primeira pergunta. Os ludistas não podiam imaginar a infinidade de novas fábricas, novos produtos e novos mercados que surgiram por conta daquilo que a Revolução Industrial permitiu. Da mesma forma, nós sequer imaginamos o que será possível ser feito com aquilo que a inteligência artificial irá permitir. Velhos empregos irão sumir, mas novos irão surgir. Podemos sim aprender com experiências ocorridas, mas o que já aconteceu é

para ser olhado pelo espelho e não se pode olhar para o futuro com lentes do passado.

GMR – Tenho duas bisnetas que nascem no próximo semestre e daqui a poucos anos estarão na escola. Como o sistema educacional brasileiro deverá se preparar para receber estas alunas?

MG – Os currículos das escolas de educação básica precisam urgentemente incluir o tema do letramento digital. As crianças, desde a tenra idade, precisam desenvolver suas habilidades digitais, da mesma forma que desenvolvem suas habilidades de relacionamento e comunicação. Estamos evoluindo para um mundo em que a falta de fluência digital será equivalente ao analfabetismo hoje. Além disso, temas como raciocínio lógico e resolução algorítmica de problemas deverão ser tratados na base desse letramento digital.

GMR – Os sistemas educacionais num mundo onde tudo se transforma exponencialmente terão sempre dificuldades em acompanhar o que está acontecendo com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação. Como você pensa que a universidade deve se preparar para os desafios da mudança?

MG – Muitos falam, há muito tempo, que o modelo das universidades entrará em crise, mas parece que essa crise não chegou. A pandemia da Covid-19, porém, tem todos os componentes para mudar esse cenário. Tenho lido e assistido pessoas falando sobre como os alunos estão questionando gastar até US\$ 70 mil por ano para estudar em uma universidade de elite americana. O YouTube se tornou a maior universidade do mundo, é o maior repositório de objetos instrucionais. É claro que o papel da universidade não é apenas o de ensinar e, mesmo no ensino, não basta o acesso ao conteúdo. Mas as universidades que não fizerem claramente essa distinção, ou seja, aquela que são meramente “hotéis” de professores, que vêm apenas para “dar aula”, essas sim terão sérios problemas. Resumindo, para

sobreviver nesse futuro, a universidade precisa fazer muito mais do que “dar aula”.

GMR – Yuval Nohal Harari foi categórico “O problema crucial não é criar novos empregos. É criar novos empregos no qual o desempenho dos humanos seja melhor que o dos algoritmos”. O que você pensa sobre isto?

MG – Não vejo muito essa competição entre humanos e algoritmos. Até porque, se forem competir, os algoritmos, cedo ou tarde, vão sempre ganhar. Cada um deve ter seu papel. Um algoritmo não nasce sozinho, é preciso um humano para criá-lo e aperfeiçoá-lo. É uma parceria e a demanda por novos algoritmos só tende a aumentar. Além disso, existe um componente de inovação, criatividade e arte que sempre dependerá de humanos talentosos. Eu não consigo imaginar, por exemplo, um computador esculpir um bloco bruto de mármore e produzir algo que desperte o mesmo sentimento que um Moisés de Michelangelo. Não consigo imaginar um algoritmo combinar letras e palavras e entregar um *Em Busca do Tempo Perdido* de Proust. Não consigo pensar num algoritmo ter a sutileza de combinar simples notas musicais e produzir uma *Claire de Lune* de Debussy.

GMR – Todos os estados disputam poder para liderar o mundo. Mais cedo ou mais tarde teremos a disputa dos algoritmos do bem e do mal e o mundo poderá se destruir. Você acredita que uma harmonia entre nações poderia salvar o fim do planeta?

MG – Parte da resposta foi citada anteriormente, não acredito que existam algoritmos do bem ou do mal. Existem pessoas do bem e do mal. Sem dúvida, a harmonia entre as nações é crucial para a evolução da sociedade humana. A pandemia da Covid-19 deixou isso muito claro, mas infelizmente pudemos presenciar nações disputando entre si compras de respiradores, ao invés de cooperarem.

Entretanto, a solidificação de organismos multilaterais em escala global é mais que um desejo, é uma necessidade para um planeta que nunca esteve tão fragilizado.

GMR – Com o avanço da inteligência artificial, corre-se o risco do ser humano ser desnecessário?

MG – Há uma cena no filme “[Tempos Modernos](#)”, do genial Charles Chaplin, em que é criada uma máquina para alimentar os trabalhadores de uma indústria, de forma que eles não precisem parar de trabalhar para comer. O que era para ser uma solução incrível para o aumento da produtividade revela-se um fracasso, com a máquina repleta de erros e imperfeições. No final, o mecânico vai e desliga a máquina. A cena é de 1936, mas não poderia ser mais atual. As pessoas fantasiam sobre como o mundo será dominado por robôs, mas se esquecem que máquinas quebram. Sempre será necessário um ser humano para consertá-la e, se for o caso, desligá-la.

ALGORITMOS DO BEM VERSUS ALGORITMOS DO MAL — PARTE II

(09/06/2020)

[ACESSE AQUI](#)

As revoluções em biotecnologia e tecnologia de informação são feitas por engenheiros, empresários e cientistas que tem pouca consciência das implicações políticas de suas decisões, e que certamente não representam ninguém. Parlamentares e partidos serão capazes de assumir estas questões? No momento parece que não.

(Yuval Noah Harari)

A pandemia veio mostrar que de fato já estamos no mundo virtual e que tudo vem se transformando devido às Tecnologias de Informação e Comunicação. É uma nova realidade que vai mudar a economia, que vai transformar as formas de trabalho e que pede uma sociedade mais igualitária, equilíbrio ambiental e que vai desafiar o aprendizado.

[Na semana passada](#), entrevistei o cientista digital prof. Maurício Garcia. O assunto instigou o também colaborador deste blog, o Prof. Paulo Vadas¹, que, para contribuir com a discussão sobre

1 Paulo Vadas é professor, palestrante, autor, executivo, diretor e consultor em vários departamentos de diversas instituições de ensino superior no Brasil e nos Estados Unidos durante os últimos vinte e cinco anos, período em que participou ativamente em várias funções e atividades de ensinar, palestrar, assessorar, desenvolver projetos educacionais, escrever artigos e blogs, entre outras ativida-

o comportamento dos algoritmos, respondeu às mesmas perguntas colocadas:

Gabriel Mario Rodrigues – Já faz bastante tempo que estamos vendo as máquinas fazendo os trabalhos repetitivos. Mas agora a inteligência artificial começa a substituir o pessoal de colarinho branco. Quais são as perspectivas para o mundo do trabalho?

Paulo Vadas – “O medo das máquinas roubarem os postos de trabalho dos humanos não é novo... (mas) o tempo mostrou que ao invés de diminuir, aumentou a quantidade de postos de trabalho nas indústrias, com os humanos operando as máquinas”. (Maurício) Por outro, a IA trás no seu bojo máquinas auto operáveis, que não precisam de humanos para operá-las. Os robots que estão substituindo cada vez mais os seres humanos, até nos trabalhos burocráticos e naqueles que requerem alta capacidade/precisão. Vale aqui buscar responder à pergunta colocada por Yuval Noah Harari: “... o que fazer se, apesar de nossos melhores esforços, a perda de empregos superar consideravelmente a criação de empregos.” Este é o grande X da equação e que requer a construção de uma nova teoria econômica para os novos tempos. Teoria essa que, necessariamente, inclua a renda mínima, uma espécie de “imposto ao contrário”, pelo qual o Estado contribui com um valor mensal pago a cada cidadão.

GMR – De maneira mais realista, como você vê a I.A. penetrando em todas as áreas e dando poder imenso às empresas e aos governos que as construíram?

PV – Mesmo que “(a) inteligência artificial é ‘apenas’ uma ferramenta computacional” (Maurício), não se pode menosprezar seus

des da área da educação. É Master of Arts em Ciências Políticas, California State University Northridge, EUA; bacharel em Ciências Políticas, California State University, Northridge, EUA; Programa Trainee em Gestão Empresarial – National General Corporation – EUA

efeitos nas atividades políticas, culturais, econômicas e ambientais. Ferramentas permeadas pela IA tendem a funcionar com alta precisão, “pensam” com lógica, preveem o futuro em função de tendências, “aprendem” a melhorar processos, incrementam a produtividade, tem memória invejável, são capazes de “telepatia” quando em rede, “dominam” vários idiomas e, quando programadas para tal, já nascem com doutorado. Por outro lado, elas não têm capacidade criativa, não sonham, não tem imaginação, não tem visão, não tem discernimento moral ou ético, não tem sentimentos, e não tem iniciativa própria: dependem totalmente de como são programadas.

GMR – A luta pelo poder pelas empresas ou governos poderá colocar em risco a humanidade? Como você vê a luta entre os algoritmos do bem contra os algoritmos do mal?

PV – As IAs são amorais. Enquanto ferramentas de captação e processamento de dados, elas têm diminuído a privacidade de cada indivíduo e promovido usos para as mais variadas finalidades, tanto para o bem como para o mal dependendo de como e para que foram programadas. Cabe ao cidadão informado defender seus direitos, saber quais suas responsabilidades pessoais, políticas e profissionais, e desempenhar suas obrigações dentro dos parâmetros socialmente aceitáveis. É esse o ponto fraco da educação formal, desde o maternal até a pós-graduação: ela pouco promove a educação do civismo e da civilidade, da moral e da ética, dos direitos e das responsabilidades sociais.

GMR – Alguns autores que falam dos humanos sendo substituídos por máquinas preveem que teremos milhões de pessoas sem ter o que fazer. Será que a sociedade brasileira já pensou nisso?

PV – O certo é que já temos milhões de pessoas sem ter o que fazer e que teremos muito mais na era do desemprego. No Brasil crianças até certa idade não podem trabalhar e, portanto, vivem dos pais

ou, na falta deles, são mantidas por instituições públicas ou privadas que lhes garantem o sustento, a educação, e a saúde. O mesmo acontece com pessoas aposentadas e com pessoas com deficiências físicas que recebem ajuda da família e/ou do estado. Portanto, ser sustentado não é novidade e instituições públicas de sustento já existem. O que não existe é a consciência que o desemprego será a norma para a grande maioria das pessoas. A nova teoria econômica deverá abordar a “normalização do desemprego em massa” como fator real de um futuro altamente tecnológico onde a mão de obra intensiva é substituída pela reduzida demanda por intelectos intensivos. Os gênios terão trabalho, mas a grande massa da população não. Para estes, a renda mínima vem aí.

GMR – Tenho duas bisnetas que nascem no próximo semestre e daqui a poucos anos estarão na escola. Como o sistema educacional brasileiro deverá se preparar para receber estas alunas?

PV – Que escola? Além de um novo sistema econômico, devemos começar a pensar profundamente em como será o sistema educacional altamente permeado pela IA. Se algo aprendemos da pandemia causada pelo COVID19, é que o mundo das relações, dos negócios, da aprendizagem, etc., está migrando online. As escolas tijolo e cimento vão acabar. As Kahn Academy, Coursera, EdEx, e outras “escolas” online, gratuitas, serão o fundamento de um sistema educacional transmitido via Zoom, FaceTime, WhatsApp, etc. O que vai reinar é a educação autônoma, multi-mediada, assistida por coaches e por tutores, desenhada sob medida por curriculum designers, disponibilizadas em gadgets (instrumentos) ao alcance da mão, com informações curadas pertinentes, relevantes, e constantemente atualizadas, oferecidas em formato áudio, visual, textual, sensorial. O próprio aluno vai desenhar seu currículo e buscar informações, em tempo real, via Google, Youtube, PBS, e inúmeras outras fontes de informação das mais variadas e em vários formatos, disponibili-

zadas 24 horas por dia, em qualquer lugar do mundo, no idioma que queira. Suas bisnetas vão vivenciar a realidade virtual, tridimensional, holográfica, tematizada, gameficada, etc., que toda uma geração digitalizada vai compartilhar em um verdadeiro mundo.

GMR – Os sistemas educacionais num mundo onde tudo se transforma exponencialmente terão sempre dificuldades em acompanhar o que está acontecendo com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação. Como você pensa que a universidade deve se preparar para os desafios da mudança?

PV – A universidade só vai garantir sua existência se ela se tornar promotora das mudanças. Infelizmente, instituições enraizadas e institucionalizadas há décadas, não tendem a promover mudanças. As universidades SEMPRE ensinaram seus alunos a ver o futuro com o conhecimento do passado.

GMR – Yuval Nohal Harari foi categórico “O problema crucial não é criar novos empregos. É criar novos empregos no qual o desempenho dos humanos seja melhor que o dos algoritmos”. O que você pensa sobre isto?

PV – Estamos entrando na era do desemprego. Os novos empregos serão preenchidos por talentos de altíssima competência em qualquer área de atuação. Os gênios criam seus próprios empregos.

GMR – Todos os estados disputam poder para liderar o mundo. Mais cedo ou mais tarde teremos a disputa dos algoritmos do bem e do mal e o mundo poderá se destruir. Você acredita que uma harmonia entre nações poderia salvar o fim do planeta?

PV – A história da humanidade é de conflitos de interesses em todos os aspectos. É da natureza humana suprir o EU e defender interesses pessoais. É também da natureza humana a entrega do EU em

função da identificação com o NOSSO. Em sendo um “ser social” o ser humano se identifica com outros com quem ele vê similaridades. A identificação de interesses une os similares e os divide daqueles que são vistos como diferentes – os OUTROS. A discriminação racial, religiosa, de gênero, de nacionalidade etc, tem gerado a desarmonia entre as nações como regra e a busca da harmonização como fator temporário de convivência. Hans Morgenthau, considerado pai da escola realista de relações internacionais já dizia na década de 40: “Países não tem amigos. Só interesses”. Em outras palavras, a longo prazo, as nações não se misturam. Corintianos e Palmeirenses que o digam.

GMR – Com o avanço da inteligência artificial, corre-se o risco do ser humano ser desnecessário?

PV – Aí depende do que estamos falando, como entendemos o conceito “desnecessário” e como, filosoficamente/religiosamente entendemos a razão da vida. Creio que, pelo menos para a procriação e manutenção da espécie, o ser humano ainda será necessário. Se o ser humano se tornar totalmente desnecessário, a IA vai a reboque: sem seres humanos, a IA não faz sentido.

O QUE SERÃO AS ESCOLAS PASSADA A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

(16/06/2020)

[ACESSE AQUI](#)

“Ao redor do mundo a pandemia do coronavírus desafia estudantes, pais, professores, escolas, redes públicas e privadas. Neste momento há mais dúvidas que certezas em relação ao método mais adequado para garantir a aprendizagem por meio do ensino remoto, quando e como deverá ser realizado o retorno as aulas presenciais e o que deve ser feito para recuperar as aprendizagens dos alunos.”

(Alexandre Schneider – Consultor em Educação e Políticas Públicas e ex-secretário municipal de educação de São Paulo)

Muitos dizem que passada a pandemia tudo voltará a ser como era, mas eu acredito que as transformações ocorrerão cada qual ao seu tempo. As cidades serão mais setorizadas, com melhores condições de moradia e infraestrutura sanitária, com mais espaços de convivência e de lazer. As empresas remodelarão a maneira de se relacionarem com seus colaboradores. O trabalho em casa vai ser rotina por mostrar-se mais produtivo. O tráfego de veículos será menos intenso e o meio ambiente mais saudável. As escolas de todos os níveis reestruturarão seus ambientes de ensino e as aulas intermediadas pela tecnologia serão disputadas. A interface tela com todo o seu desenvolvimento futuro fará da aprendizagem um espetáculo lúdico e corriqueiro.

Esse panorama nos leva a refletir sobre como se dará o aprendizado ao longo da vida. Cada vez mais as pessoas de todas as idades precisarão estar aptas a se qualificarem para qualquer trabalho. Por esta razão questionei a professora Luciana Santos¹, uma expert em aprendizado digital com currículo expressivo sobre os desafios educacionais nos novos tempos.

Gabriel Mario Rodrigues – Com a atual crise, as escolas de grau médio precisaram se adaptar às circunstâncias e oferecer aulas remotas a seus alunos. Como você avalia o esforço e o resultado desta nova realidade?

Profa. Luciana Santos – Eu avalio de forma muito positiva. Todo desafio é também uma oportunidade. Com a necessidade do isolamento social, as instituições, tanto públicas como privadas, tiveram que migrar as aulas presenciais para aulas remotas online. Houve uma aceleração na adoção de tecnologias na educação que de fato chegaram lá na ponta, na aula, na interação com os alunos, mesmo que ainda reproduzindo a mesma dinâmica da aula expositiva.

Há muito tempo se fala da importância do uso de tecnologias no processo de ensino e aprendizagem, mas na prática em muitos contextos ela era periférica a sala aula. Mas a avaliação precisa observar alguns cenários:

As instituições que já estavam em um processo de adoção tecnológica e de formação continuada de professores tiveram melhores

1 Luciana Santos é coordenadora de qualidade e inovação na Rede Senac EAD e de projetos na Foreducation EdTEch. Especialista em Avaliação por Competências e Habilidades, Learning Analytics e Sistemas Personalizados de Aprendizagem. Certificada pelo programa Google Certified Innovator do Google. Pesquisadora na área de Processos Cognitivos, Machine Learning e Ambientes Digitais. Mestre em Gerontologia pela PUC-SP. Pedagoga, com MBA em Inteligência Artificial, Data Science e Big Data.

resultados, se adequando rapidamente ao contexto das aulas remotas, com resultados muito positivos.

Outras tiveram que se adaptar rapidamente, fazer algum investimento em alguma tecnologia e preparar rapidamente seus professores. Estão aprendendo e ampliando a sua percepção sobre a importância da educação do século 21 que é também uma educação digital. Estão se preparando para um novo contexto em que a tecnologia passa a ser parte do processo de ensino e aprendizagem. Existe um ganho muito positivo neste cenário.

Mas não podemos deixar de considerar que existem ainda um grande número de instituições que não conseguiram adequar sua operação no online. As implicações são muitas, infraestrutura e investimento em tecnologia, acesso à internet, a fluência digital de professores e alunos, entre outros, ou seja, é preciso considerar também esse importante contexto na avaliação, em que o impacto negativo em uma país tão desigual como o Brasil é ainda maior.

GMR – Com a atual crise ficou claro que o ensino digital se desenvolverá com o avanço da tecnologia e comunicação e mais ainda o ensino em todos os graus será menos presencial. Qual é a sua opinião a respeito?

LS – Sem dúvida, em todos os sentidos nada será como antes, estamos falando de uma realidade mundial, em que a educação digital passou a ser uma possibilidade real e presente no cotidiano de famílias, professores e alunos em todos os segmentos, desde a educação infantil até o ensino superior.

A educação será menos presencial, não somente pela flexibilidade do tempo, custo e comodidade, como estávamos habituados a considerar.

A educação digital passa a ser um componente de fato conectado ao contexto educacional, não parte, mas como, integralizado.

E aqui quero ressaltar a criatividade, comunicação, empatia, colaboração, engajamento e motivação, ou seja, o valor humano mediado por tecnologias. Existem experiências incríveis acontecendo em todos os segmentos, em que o protagonismo de alunos e professores estão ganhando as telas e inovando em novos formatos de ensino e aprendizagem. Na minha percepção esse processo é irreversível, pela relevância e valor conquistados.

GMR – Para aprender não se precisa de espaço e tempo e há momentos em que a presencialidade é importante e em outros não. Uma mídia apropriada poderá colaborar e viabilizar o intercâmbio de ambas. Qual a sua opinião?

LS – Tanto no presencial, como no online, existem características próprias que precisam ser exploradas, não pela natureza unilateral que os distinguem, mas pelo potencial que os faz convergir. Essa é uma grande aprendizagem conquistada neste momento.

GMR – Com a atual crise ficou claro que o ensino digital se desenvolverá e se aprimorará para colaborar com o ensino em todos os graus. Você concorda que a tela será a interface especial de qualquer aprendizado e assim a tecnologia será a parceira ideal para a democratização do conhecimento?

LS – O valor escalável das tecnologias é algo que sempre esteve muito claro no cenário educacional, a EAD é uma realidade com benefícios para a inclusão e equidade importantes na educação brasileira. Mas eu quero chamar a atenção para a palavra “parceria” que está na sua pergunta. Acredito que uma mudança importante é que o presencial tem se tornado parceiro do online. Estamos aprendendo que eles não são momentos distintos, mas convergentes.

Neste sentido, as interfaces mediadas e combinadas por tecnologias e pessoas se tornam fundamentais para democratização do conhecimento, no âmbito educacional. Na minha avaliação, elas são principalmente uma “ponte importante para a autonomia intelectual” que impacta a relevância atribuída ao contexto social, político e econômico, das informações tão disseminadas e acessíveis na sociedade. Em outras palavras, por isso o sentido de parceria é tão necessário entre interface, tecnologias, pessoas e democratização do conhecimento se tornam tão importantes para o contexto da comunicação, educação e o protagonismo social.

GMR – A senhora trabalha há mais de 10 anos com a EAD. Na sua análise, o que mudou e que está mudando com o processo de aprendizagem nestes novos tempos?

LS – Por muito tempo o conteúdo foi o grande protagonista na EAD, a transmissão, o ensino, sem olhar de fato a aprendizagem. Esse modelo broadcast aos poucos tem se reorganizado em novas modelagens, priorizando o desenvolvimento de competências e habilidades. Boa parte dessa transformação está na acelerada das tecnologias.

O *machine learning*, a inteligência artificial, o *learning analytics*, se tornaram uma realidade em várias operações de grande escala no Brasil.

A automação do trabalho, a quarta revolução industrial, tem transformado praticamente todas as carreiras. Habilidades e competências são mais valorizadas do que o conhecimento específico, um cenário que tem impactado a composição dos currículos no ensino superior.

A mudança de perfil dos alunos, impulsionou também a necessidade de modelagens mais interativas, hipertextuais, gamificadas, que vão ganhando espaço na produção de conteúdo. Metodologias ativas

como a aprendizagem por projetos, o PBL (*Problem Based Learning*), aprendizagem entre pares, estão mais presentes na experiência de aprendizagem.

A EAD está em processo de transformação. O modelo broadcast não atende mais às demandas atuais, apesar de ainda ser muito presente.

Também, o crescimento e a competitividade entre instituições, requer profissionais capazes pensar no currículo, como uma jornada de experiência da aprendizagem, convergindo a construção de competências e habilidades em conteúdos, interações, tecnologias, mediações, avaliações e feedbacks, tudo isso, de forma escalável na entrega do produto educacional. Quem não trabalhar nessa perspectiva, muito provavelmente não sobreviverá. A EAD não é mais a segunda linha da educação brasileira, mas um produto que pode ter qualidade, custo acessível, escala e alta eficácia na formação dos alunos.

GMR – Quem pode pagar escola tem condições de superar os desafios desta nova era. Como o estado deveria se utilizar do ensino digital para oferecer bom ensino e contribuir para a diminuição da desigualdade social?

LS – Esta é uma pergunta bastante difícil. Sabemos que existe uma grande disparidade entre as escolas públicas de todo Brasil. A crise da Covid-19 acentuou as desigualdades em vários contextos e o seu impacto é de longo prazo. Temos milhares de estudantes que ainda estão sem aula. É difícil falar de ensino digital quando boa parte dos alunos contam com a escola para se alimentar. Em muitas comunidades, a escola é ainda a única presença do estado e de seguridade social.

Para o Brasil a equidade é ainda muito mais difícil do que o acesso às tecnologias. Precisamos de um estado e sociedade que priorize de fato a educação pública.

O QUE SERÃO AS ESCOLAS PASSADA A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS — PARTE II

(23/06/2020)

[ACESSE AQUI](#)

“Se você não viver no futuro hoje, viverá no passado amanhã.”

(Peter Ellyard – Diretor Executivo Preferred Futures Institute)

Não faz 20 anos que uma neta minha fez um curso a distância de Naturologia no American Institute of Holistic Theology. Dois anos de duração baseado em livros indicados, cujas lições e exercícios precisavam ser respondidos semanalmente pelos Correios. Hoje a interação estudante e professor é instantânea, mas na época levava semanas.

Entrevistando a profa. Wandy Cavaleiro¹, que trabalha na área há mais de 30 anos sobre o que virá na área educacional depois da pandemia, uma de suas respostas foi contundente: “Acabou a caixa preta da sala de aula e todos poderão saber via online o que lá está acontecendo”. Serve para todos, diretor, família, alunos, empresas,

1 Wandy Cavaleiro é especialista em Branding pela Fundação Getúlio Vargas -SP. Atua há mais de 30 anos na área educacional. Exerceu cargos de coordenação de cursos, gerência de unidade, gerência de planejamento acadêmico e diretoria de Marketing e gestão de Marcas Corporativas da Universidade Anhembi Morumbi. Sócia-fundadora da Per Create, consultoria de branding e hunting educacional, onde atua desde 2002 como diretora executiva.

sociedade e Governo avaliarem como está o ensino em todos os graus no país. Eis suas respostas.

Gabriel Mario Rodrigues – Com a atual crise, as escolas de grau médio precisaram se adaptar às circunstâncias e oferecer aulas remotas a seus alunos. Como você avalia o esforço e o resultado desta nova realidade?

Profa. Wandy Cavalheiro – O mundo virou a chave rápida e inesperadamente neste momento de crise. Muitas escolas de ensino fundamental e ensino médio tiveram que se adaptar, em um prazo muito curto, para oferecer ensino remoto aos seus alunos. Poucas estavam realmente preparadas para isso, A crise as pegou em diferentes estágios de amadurecimento tecnológico. Algumas estavam mais adaptadas outras não. Algumas tiveram excelentes resultados, diria que até surpreendentes. Outras tiveram muita dificuldade. O que ocorreu na prática, com várias escolas de todos os tipos, inclusive as de elite, é que passaram a oferecer as aulas presenciais no modo online, sem nenhuma adaptação a metodologia do ensino a distância. Passaram a aula presencial para a telinha.

GMR – Com a atual crise ficou claro que o ensino digital se desenvolverá com o avanço da tecnologia e comunicação e mais ainda o ensino em todos os graus será menos presencial. Qual é a sua opinião a respeito?

WC – É um avanço de alguns anos que estamos vendo acontecer em 2 e 3 meses. Apesar do mundo já ser digital, as pessoas se tornarão ainda mais tecnológicas. O digital ficará ainda mais forte com tecnologias como Inteligência Artificial e assistente virtual como Realidade Virtual e Realidade Aumentada.

As aulas não precisam ser exclusivamente presenciais. Estes aspectos nos levarão ao ensino híbrido, onde o EAD terá maior peso. Isto

será muito bom porque todos sairão ganhando, principalmente o aprendizado do aluno.

Quando o isolamento social for flexibilizado para as escolas, com certeza, a continuidade do ensino remoto será uma solução para a impossibilidade de receber todos os alunos ao mesmo tempo. As escolas precisarão revezar os alunos que assistirão presencialmente a aula e os que acompanharão o conteúdo pelas plataformas digitais. Isto será o início da modalidade híbrida de ensino, mesclando presencial e a distância definitivamente.

GMR – Para aprender não se precisa de espaço e tempo e há momentos em que a presencialidade é importante e em outros não. Uma mídia apropriada poderá colaborar e viabilizar o intercâmbio de ambas. Qual a sua opinião?

WC – Com certeza, o aprendizado não precisa de presencialidade. Ouvi de um grande mestre, Eduardo Giannetti, “que as aulas presenciais continuarão existindo, mas serão mais valorizadas. Serão aulas onde o conteúdo será dado em uma aula/palestra com duração de no máximo 1h de exposição e perguntas”.

As aulas hoje ministradas nas faculdades de 4 horas por período não atendem mais a realidade do aluno. É a velha máxima: você finge que ensina e o aluno finge que aprende. A concentração de um aluno é no máximo de 60 minutos. O jovem nasce digital, ninguém pode supor que ele consiga assistir a uma aula tradicional com baixa interatividade.

Precisamos de um ensino a distância bem estruturado, usando vários recursos e metodologias que atraiam a atenção do aluno e levem ao aprendizado. Os professores estão vivenciando novas formas de ensinar, novas ferramentas de avaliação, e os estudantes entende-

ram que precisam de organização, dedicação e planejamento para aprender no mundo digital.

Sabemos também que, para criar, debater ideias, gerar insights, a participação presencial faz diferença. Portanto, os espaços físicos ficarão destinados para ideação e colaboração em momentos específicos. Creio que nenhuma mídia existente substituirá este tipo de interatividade, porém serão espaços presenciais esporádicos para Labs de criatividade e inovação.

GMR – Com a atual crise ficou claro que o ensino digital se desenvolverá e se aprimorará para colaborar com o ensino em todos os graus. Você concorda que a tela será a interface especial de qualquer aprendizado e assim a tecnologia será a parceira ideal para a democratização do conhecimento?

WC – O ensino será uma somatória de metodologias interativas, usando vários recursos online e presenciais, com predominância do online cada vez maior. No mundo de hoje, onde a automação do trabalho é uma realidade irreversível, o mais valorizado no capital humano são as habilidades e competências, o que demanda novos modelos de aprendizagem e, estímulo para formação de pessoas abertas a experimentação de novidades e a usarem novas tecnologias os early adopters.

A tela de qualquer eletrônico é a grande interface que transmite informações e experiências de vida a qualquer hora e em qualquer lugar. Quem ensinar com o melhor conteúdo, a melhor tecnologia, melhor metodologia conseguirá interesse do estudante e conseguirá a melhor aprendizagem.

O Ensino a Distância evoluiu muito nos últimos anos, as aulas são oferecidas nos mais diversos formatos usando inúmeros recursos. O mais interessante é que com o Ensino a Distância tudo que for

oferecido ao aluno será de conhecimento público, ou seja, o diretor da escola poderá saber o que seu professor está dando, a família saberá o que o filho está aprendendo e como está aprendendo. A famosa caixa preta foi aberta. O conteúdo passa a estar disponível para todos. Veja-se o bom exemplo de Setubinha, publicado no Estado de S. Paulo deste domingo.

Os professores cada vez mais terão que se preparar para esta nova realidade que requer mais habilidades tecnológicas e mais domínio da comunicação. Este novo momento da educação está mostrando que o professor precisa mudar como também a família que deve participar mais do processo de educação dos filhos. Neste tempo de pandemia a família entendeu que pode e deve participar da educação dos filhos. É possível acompanhar uma aula de seu filho, de qualquer nível em que esteja, em qualquer lugar e a qualquer hora e saber a metodologia utilizada e o conteúdo que é dado. É possível participar efetivamente da educação dos filhos. Ninguém engana mais ninguém.

Todos terão que ser tecnológicos: professores e alunos. As pessoas terão que estar mais abertas à experimentação de novidades.

GMR – A senhora trabalha há mais de 30 anos com a Educação. Na sua análise, o que mudou e que está mudando com o processo de aprendizagem nestes novos tempos?

WC – Durante todo este tempo que trabalho na área educacional, posso dizer que todas as mudanças que ocorreram e, sem dúvida, ainda acontecerão no ensino-aprendizagem, advêm do desenvolvimento tecnológico, do mercado de trabalho e envolve todos os atores do ambiente escolar, desde os estudantes que adquiriram novos hábitos até os profissionais que se adaptaram as mais diversas práticas pedagógicas.

Os alunos do presente e do futuro próximo terão cada vez mais liberdade para escolher o que irão estudar. A interdisciplinaridade é uma ferramenta essencial para uma formação que desenvolva o pensamento crítico. A PUC de SP criou uma Faculdade de Estudos Interdisciplinares que cruza diferentes áreas do conhecimento, outras IES planejam utilizar o modelo de interdisciplinaridade, quando o aluno faz um conjunto único de disciplinas (humanas ou exatas) e só depois opta por um bacharelado, cabendo ao aluno montar sua própria grade curricular. Os departamentos já estão sendo substituídos por Centros Multidisciplinares.

GMR – Quem pode pagar escola tem condições de superar os desafios desta nova era. Como o estado deveria se utilizar do ensino digital para oferecer bom ensino e contribuir para a diminuição da desigualdade social?

WC – O cenário atual escancarou as enormes desigualdades sociais e geopolíticas. Pensando no futuro, entendo que, além do Estado oferecer acesso a equipamentos e serviços de internet a esta população sem recursos, acima de tudo, deve preparar os professores e alunos para utilização das ferramentas e métodos de ensino digital.

Sem dúvida a inclusão digital leva à ascensão social, mas a inclusão dos alunos com maior vulnerabilidade socioeconômica está relacionada à capacidade cognitiva deste público. Para que haja uma verdadeira democratização das oportunidades de acesso e compreensão das informações, o Estado deve disponibilizar não apenas investimentos em bens materiais e acesso à internet, mas também investir numa contínua melhoria das condições do ensino básico, que possam dotar os alunos de habilidades relacionadas ao desenvolvimento do pensamento, raciocínio, linguagem, memória, abstração para que consigam transformar informações em conhecimento.

O QUE FAZER DEPOIS QUE A PANDEMIA TERMINAR?

(30/06/2020)

[ACESSE AQUI](#)

“Prever o futuro não é tarefa realizável. Preparar-se para as mudanças, por outro lado, é atividade possível e recomendável. Principalmente na adversidade. E diante da pandemia, que está mudando as relações sociais e econômicas, especialistas projetam possíveis cenários para que governo e sociedade construam caminhos para sobreviver ao trauma.”

(Luiz Calcagno, Correio Braziliense)

Kannú é um garoto esperto que mora numa das favelas de Mumbai, na Índia. Mora com a mãe solteira e vive de pequenos bicos como a venda de preservativos masculinos. Deve ter no máximo 12 anos. Por necessidade de suas atividades, estando no apartamento da distribuidora do produto e precisando ir ao banheiro, ficou extasiado com as instalações, principalmente com o vaso sanitário, que não conhecia. Refletindo, incomodou-se por que sua mãe e as mulheres da favela precisavam sair cedo, para em grupos fazerem suas necessidades em algum terreno baldio.

Certa vez com seus amigos, observando ao longe os prédios da cidade, enquanto estes apontavam o número de andares dos edifícios, ele fazia contas diferentes: há centenas de prédios à sua frente de 50 andares, 4 apartamentos por andar e com 2 banheiros cada um. 100 prédios terão 40 mil vasos e na favela não há nenhum. E

com os amigos foi ao administrador regional pedir que construísse ao menos um. Este, como bom burocrata, disse: não há recursos; para resolver, só levando uma “[Carta para o primeiro ministro](#)”, que é o nome do filme da Netflix que conta a história toda.

Kannú com mais dois meninos, depois de algumas peripécias, vão à capital Nova Delhi e conseguem entregar a carta ao ministro e após algum tempo a favela é contemplada com 6 banheiros coletivos, inaugurados com banda e festa. Letreiro final do filme: na Índia há 300 milhões de mulheres que não possuem vasos sanitários. (Mais uma sugestão de filme: “[Toilet](#)” – disponível no Netflix)

No Brasil proporcionalmente é a mesma coisa, embora na Índia preconceitos religiosos e machistas estabeleceram que as impurezas humanas não podem ficar em casa.

A pandemia da Covid-19 pegou-nos de surpresa e todos os nossos problemas ficaram escancarados. Falta de saneamento básico, de moradias dignas e de urbanização das favelas são apenas alguns deles. E nada é mais imprevisível porque o país já não andava bem em economia onde acertos de toda ordem deveriam ter sido efetivados em todas as áreas, para poder deslanchar. A pandemia fará a economia brasileira encolher 5,2% neste ano, prevê a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal). Segundo o órgão, a América Latina sofrerá a pior crise social em décadas, com milhões de pessoas passando por desemprego e pobreza. Impactos econômicos virão pelo aumento no valor das matérias-primas, das quais o Brasil depende para as exportações, e devido à paralisação de setores como viagem de negócios, eventos e o turismo. Já tínhamos mais de 10 milhões de pessoas sem trabalho e se falava em investimentos em infraestrutura e construção pesada para abrir áreas de trabalho, o que já saiu do radar.

Os países em sua grande maioria não estavam preparados e nem tinham experiência para enfrentar a pandemia e todos viram o imprevisto com que aqui tudo foi realizado. Faltou liderança na área da Saúde para dar as diretrizes para vencer os desafios, embora no plano internacional a OMS – Organização Mundial da Saúde, com o agravamento da crise, promovesse a colaboração entre os institutos e universidades para incrementar a colaboração científica de acompanhamento da crise e outra frente com foco na solução da vacina imunizadora da Covid-19.

Apesar de o [professor de relações internacionais de Harvard, Stephen M. Wal](#), afirmar que a pandemia criará um mundo “menos aberto, menos próspero e menos livre”, ele complementa que “não precisava ser desse jeito, mas a combinação de um vírus mortal, falta de planejamento e lideranças incompetentes colocou a humanidade em um caminho preocupante”.

Robin Niblett, diretor e chefe-executivo da Chatham House, organização britânica de análise de política internacional, disse ser pouco provável que o mundo retorne ao conceito de globalização de benefícios mútuos construídos no início do século XXI. “Sem incentivos para proteger o partilhamento de ganhos de uma economia global integrada, a arquitetura da governança econômica globalizada estabelecida no século XX vai rapidamente atrofiar. Será necessária uma grande autodisciplina de líderes políticos para sustentar a cooperação internacional e não retrair em uma competição geopolítica aberta”.

Por outro lado, há um enorme potencial para que a humanidade, pela primeira vez na história, opere de forma verdadeiramente colaborativa entre todas as nações. Coisa que, há 50 anos, seria impossível em razão da falta de tecnologia de comunicação. Será que nós, como nação global, seremos capazes de colocar em prática esse potencial?

Todas estas colocações não são novas e são exaustivamente comentadas na mídia, mas na prática não passam disso, por que não há um Plano Nacional de Políticas Públicas para objetivar mudanças e ações para transformar o país. É desafio para décadas de trabalho. A solução interliga entendimento político, desenvolvimento econômico, oferta de trabalho, saúde e bem estar, urbanização de favelas, saneamento e, acima de tudo, educação que possibilite capacitação para a vida, pois precisamos estar preparados para enfrentar os desafios das transformações tecnológicas do mundo atual. Seria um projeto onde toda a nação pudesse estar unida para vencer seus gargalos políticos, econômicos e sociais.

Como enfrentar a desigualdade social, onde, desde Cabral, brancos, negros e índios são povos diferentes? Somos mais de 53 milhões de pobres e miseráveis. E grande parte da população brasileira não tem acesso à internet. Basta isso para romper com tudo. Sem conexões não iremos a lugar nenhum e tudo ficará bonito na teoria futurista.

Precisamos de uma agenda para fazer a educação ingressar nouro patamar, de igualdade de oportunidades. E sem o direito a ter acesso a conexões que permitam entrar no mundo virtual, nada vai acontecer.

Temos que romper as dificuldades, começando a nivelar por meio do oferecimento de serviços públicos de internet para todos os alunos e famílias. Não adianta o aluno ter internet na sala de aula se não tiver em casa, como extensão da escola. Não adianta ter internet se tem apenas celular. Podemos construir computadores que podem ser distribuídos a todos com a verba que se gasta em publicidade e em campanhas políticas. Se isso ocorresse, seria uma revolução, pois o aluno despertaria para um memorável mundo novo.

O que podemos fazer, observando outros países em situação idêntica ao Brasil, que em pouco mais de 12 anos conseguiram superar todas as barreiras na educação com atitudes proativas tais como:

- **Comprometimento público** – não adianta continuar pregando para o vazio. Município, estado e união devem estar alinhados no objetivo de apoiar as ações educacionais e os profissionais da área, sem o que ficaremos marcando passo;
- **Comprometimento familiar** – as famílias precisam ter consciência que ter o filho na escola é o único caminho para resolver seus problemas e construir seu futuro: só a escola transforma;
- **Comprometimento institucional** – significa que nossas instituições de educação precisam ter consciência que não é mais possível conviver com essas desigualdades e continuar a perpetua-las. Mudar de atitude frente ao problema: se você tem porque os outros teus irmãos não podem ter?
- **Comprometimento da sociedade** – atitude coletiva – não adianta mais falar, diagnosticar, fazer “papers” se não fizermos acontecer. Significa comprometimento – atitude – mãos à obra e guerra total pela educação. Vamos parar de falar em cidadania. Vamos lutar para que todos tenham as ferramentas para chegar a ser cidadãos brasileiros, senhoras e senhores de seus destinos. Solução existe, basta o querer político, econômico, social e mudança de comportamento de toda a sociedade.

A realidade é mais embaixo e nos causa vergonha. A culpa é de todos nós! Vamos mudar o cenário? Caso contrário, o que deixaremos para as próximas gerações?

PRECISAMOS DE UMA SOCIEDADE COMPROMETIDA EM MUDAR O BRASIL PELA EDUCAÇÃO

(07/07/2020)

[ACESSE AQUI](#)

“Paixão e propósito fortes – líderes que deixam marcas em empresas, comunidades, países ou em todo o mundo sempre têm propósitos fortes e uma paixão inabalável para transformar seus propósitos em realidade. Não construiremos um país ou empresas que melhorem a vida das pessoas sem pessoas que acreditem que estas são causas pelas quais vale a pena lutar.”¹

(Ricardo Amorim – economista, apresentador e escritor)

Meu artigo da semana passada, “[O que fazer depois que a pandemia terminar?](#)”, teve boa repercussão, não só pelos comentários sobre os filmes indicados, (Carta ao Primeiro Ministro e Toilet, que tratam dos problemas sanitários da Índia), mas também pelo incentivo de se propor ações para os desafios educacionais.

O amigo Valter Stoaiani foi propositivo e direcionou uma proposta com a seguinte mensagem:

1 Autor do livro “Depois da Tempestade”. Paixão e propósito fortes são atribuições que Amorim aponta como as qualidades que nossos líderes deveriam ter.

“Um exemplo fantástico de comprometimento e solidariedade está sendo dado pela comunidade científica em busca de uma VACINA de comprovada eficiência que possa dar fim a esta pandemia do Covid-19. Considerando como bem diz o Prof. Gabriel ‘se não tomarmos uma medida eficiente e rápida, o que deixaremos para as próximas gerações?’. Poderemos seguir o exemplo da comunidade científica atual em busca de uma vacina para a Covid-19 e criar um CONSELHO CIENTÍFICO em caráter de urgência para tratar do assunto EDUCAÇÃO. Criar um projeto piloto e pôr mãos à obra enquanto há tempo.”

O prof. Raulino Tramontin quis deixar claros os conceitos:

“Analisar compromisso e comprometimento não é tarefa fácil. Primeiro precisamos mostrar que um não define o outro, apesar de que um não vive sem o outro. O comprometimento representa o nível de compromisso de uma pessoa em relação a algo ou alguém. Considerando essa característica em relação à vida profissional, comprometimento é a ação que leva uma pessoa, uma equipe ou governo a cumprir com responsabilidade e determinação todas as tarefas impostas para executar o que foi planejado”.

Anadir Figueiredo foi mais enfático:

“Precisa alguém comprometido como Juscelino Kubitschek que marcou seu governo de realizações com o slogan 50 anos em 5. De início apresentou seu projeto de desenvolvimento econômico e industrialização para o Brasil. Com 31 metas tinha como prioridades as áreas de energia elétrica, transporte, indústria pesada e alimentação, além da infraestrutura de portos e aeroportos. Mas o símbolo de sua visão de desenvolvimento e progresso, foi a construção de Brasília. Foi um gesto visionário, que mostrou para todos a sua determinação em realizar uma promessa governamental.”

Como escrevi anteriormente, a pandemia pegou o mundo todo de surpresa e no Brasil os nossos problemas ficaram escancarados.

Desigualdade social, falta de saneamento básico, de moradias dignas e de urbanização. A saúde pede socorro. E é necessário o reacerto da economia para que todos tenham trabalho.

É preciso criar políticas públicas para o país desenvolver-se e dar trabalho para as pessoas terem qualidade de vida melhor. Estamos sem norte e sem um projeto de estado. São desafios extraordinários de transformação do país que levam décadas. Tudo é imprevisível porque a economia já não andava bem e precisa de acertos de toda ordem, em todas as áreas, para poder deslanchar.

Porém, a chave de tudo é educação. Esse é o caminho capaz de dar competências para todos terem oportunidades e formar talentos para colaborarem na solução dos problemas brasileiros. Sei que um plano de metas deve envolver tudo, mas, como já fizeram outros países, a estratégia deve começar pela educação, motivo de ter concluído o artigo, com os comprometimentos que a nação deve ter.

O comprometimento público; o comprometimento da família; o comprometimento institucional e o comprometimento da sociedade. Na educação temos os mandamentos constitucionais que atribuem ao estado o seu compromisso com a educação. Temos a LDB, mais específica e mais detalhada. E comprometer-se em cumprir essas normas é o dever das autoridades. Mas, na prática, o que acontece? Todos os dirigentes ao assumirem seus postos dizem ter o compromisso com a educação e elaboram políticas públicas e privadas, em observância às normas, para o sistema educacional se desenvolver de forma adequada, universalizada e com a qualidade exigida. Isso é compromisso. Mas compromisso apenas não significa que vai acontecer. É o que vemos no Brasil com os planos e projetos, onde tudo fica só no papel.

O que faltou então? Comprometimento! Faltou o empenhar-se, tomar por compromisso, assumir responsabilidade de fazer aconte-

cer. Observe que o comprometimento tem a ver com o que foi comprometido, isso e com o que foi determinado pela Lei e projetado pela autoridade. Solução existe, basta o querer político, econômico, social e mudança de comportamento de toda a sociedade.

Parece que o Brasil não se deu conta de que o mundo mudou e nós continuamos a marcar passo, arraigados a ideologias, sem encontrar no dissenso algum consenso no que é fundamental. A educação parou no tempo e a consequência é o descaso, é o improvisado e a falta de compromisso do que manda a constituição e a LDB. Fato retratado no Plano Nacional de Educação (PNE), que foi aprovado sem consenso, como também tudo, as DCNs e outras reformas gestadas para o ensino médio e formação de professores.

Criamos uma sociedade ideologizada, radicalizada que compromete tudo. E por isso que não existe por parte dos municípios, estados e governo federal compromisso e comprometimento com a educação. É simples e dramaticamente verdadeiro o diagnóstico.

Se não observamos o que acontece com os fatores demográficos, com as mudanças na globalização, com os avanços no pensamento, no processo criativo, no conhecimento e na tecnologia não há como encontrar denominadores comuns que possam nortear qualquer plano, como mostra o péssimo resultado do PNE recentemente avaliado em sua execução ([Brasil não atinge metas e fica estagnado na educação sob Bolsonaro](#)).

Passou da hora das organizações da sociedade civil acordarem para mudar o cenário de forma urgente, para ontem. Precisamos despertar do torpor, pois a educação não pode se tornar um instrumento só de treinamento, em formar robôs ideologizados, sem identidade, sem pensamento próprio, sem iniciativa. As alternativas: unir para encontrar denominadores comuns tendo como norte os princípios

constitucionais da sociedade que queremos e os princípios da LDB que norteiam o sistema educacional.

Precisamos pensar juntos e, para tanto urge que, por exemplo, seja constituído um grupo de pensadores independentes que possam sugerir ao estado e à sociedade civil organizada propostas de saída desse desastre educacional. Que apontem os instrumentos que se deve lançar mão, as estratégias que precisam ser colocadas em prática para que, num curto espaço de tempo, se possa sim ter compromisso e comprometimento, atitudes proativas e trabalho, muito trabalho para mudar.

Um projeto “Muda Brasil pela educação inclusiva”, que seja antes um ambiente acolhedor e que faça os alunos quererem aprender e voltar para a escola entusiasmados. Isso é possível desde que abandonemos nossos radicalismos, nossas verdades absolutas, nossas paixões, nossos demônios internos, nossos ódios dando lugar ao amor, à fraternidade, à colaboração, ao espírito cooperativo. Somos anjos de uma asa só e para voar precisamos nos abraçar. Vamos no abraçar pela educação brasileira como única tábua de salvação.

MOVIMENTO DE CONSCIENTIZAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA PELO VALOR DA EDUCAÇÃO

(04/08/2020)

[ACESSE AQUI](#)

“É preciso criar um movimento de sensibilização social de que a educação é a chave que abre todas as portas – portas do conhecimento, portas da cultura, da ciência, da tecnologia, do bem-estar social, do trabalho e, principalmente, a porta da autodeterminação e da consciência cidadã.”

A ABMES está comemorando seu trigésimo oitavo aniversário dentro da maior crise de saúde que o mundo moderno já passou. No momento em que escrevemos, [a Covid-19 já infectou mais de 18,3 milhões de pessoas no mundo e já ocasionou mais de 700 mil mortes.](#) O mundo parou, os negócios das grandes e das pequenas empresas foram atingidos e a economia estagnou com números preocupantes. As pessoas acostumaram-se a trabalhar em casa e, incrédulas, refletiam sobre como um simples vírus podia fazer uma chacina dessas. No Brasil, [os dados oficiais do Ministério da Saúde](#) apontam quase 3 milhões de infectados e logo ultrapassaremos os 100 mil óbitos. Uma tragédia humana que alcançou nossa sociedade, suas organizações e a economia.

Nos artigos de aniversário da ABMES dos anos anteriores sempre enalteci o trabalho desempenhado por suas gestões, em razão de

dar continuidade aos sonhos de seus fundadores, que é o de defender a causa da liberdade da iniciativa particular de ensinar e de formar cidadãos competentes. Mostrava sempre o trabalho dos presidentes e seus diretores, enfatizando os desempenhos de Candido Mendes, de Édson Franco, deste articulista quando presidente e de José Janguê Diniz em prol da ABMES.

E o cenário atual demonstrou que, para ser presidente, precisa estar vocacionado, motivo de relatar as principais atividades do atual presidente Celso Niskier e de sua administração, **no período de março a julho deste ano**, para enfrentar os problemas do ensino superior em meio à pandemia: somente no período de março a julho de 2020, foram mais de 1.100 atendimentos realizados, 383 ofícios enviados (entre órgãos do governo, autoridades do Executivo e Legislativo); 175 informes e comunicados; 15 vídeos explicativos sobre as normas publicadas neste cenário de pandemia; acompanhamento de mais de 115 normas publicadas pelos órgãos oficiais; mais de 380 horas em reuniões e atendimentos por videoconferência; realização de 4 coletivas de imprensa online; mais de 100 mil visualizações no YouTube, com 15,3 mil horas de tempo em exibição; condução e apoio ao manifesto #EducaçãoMaisForte, que alcançou quase 4 milhões de pessoas e teve cerca de 50 matérias divulgadas; participação no “Manifesto em defesa da Democracia e do Judiciário”, da Associação dos Magistrados Brasileiros; participação e apoio na campanha nacional “Movimento ar – #VidasNegrasImportam”, da Faculdade Zumbi dos Palmares, além de muitas outras atividades.

Ao acompanhar os canais de comunicação da Associação é possível constatar que não só a qualidade dos serviços prestados foi mantida como o volume de ações se intensificou, com a realização de atendimentos aos associados e a promoção de eventos virtuais de grande relevância para o debate.

Muitas oportunidades surgiram com as situações que todos nós nos vimos obrigados a enfrentar. Mas a pandemia da Covid-19 veio mostrar que nenhum país estava preparado para enfrentar uma situação como essa. E falta muito ainda para a doença ser dizimada e, por isso, todos os esforços das nações devem estar orientados para vencer esse desafio. É o que estão fazendo a OMS – Organização Mundial da Saúde, as instituições científicas e universidades do mundo todo, de forma solidária, concentrando esforços para criar medicamentos para curar os infectados e vacinas inibidoras da ação da doença.

Mas uma questão ficou clara, como escreve Thomás Piketty no livro *Capital e Ideologia*, recém lançado, ao focar as razões do subdesenvolvimento:

“Inegavelmente, o mundo sofre de uma crise perversa de desigualdade econômica (de renda e patrimônio); de políticas (de poder em processo de decisão coletiva, públicas ou privadas) ou sociais (acesso de bens ou serviços como educação de saúde).”

E, infelizmente, isso está escandalosamente constatado e visível no Brasil, com a nossa secular e insensível diferenciação social que mostra a vida que levam nossas comunidades desassistidas. O coronavírus desnudou e apontou com mais realismo os problemas do nosso país: desigualdade social; desigualdade econômica; desigualdade política; desigualdade de qualidade de vida; desigualdade no saneamento; desigualdade na saúde e desigualdade na educação.

Sem falar da falta de oportunidades de trabalho. Está evidente que não temos uma educação condizente para preparar os profissionais para enfrentar os desafios do futuro. Para as instituições educacionais, agora mais do que nunca, ficaram mais evidentes os grandes desafios que surgem pela frente:

- Como preparar nossos estudantes para viverem num mundo repleto de transformações radicais e de incertezas?
- O que devemos ensinar aos nossos alunos para poderem sobreviver num ambiente caótico como o nosso?
- Que tipo de habilidades vão precisar ter para conseguir trabalho e para empreender?
- E, principalmente, como aprender num mundo onde tudo muda a cada instante?

Antes mesmo da pandemia, em diversos países já eram feitas críticas aos sistemas universitários, alertando que o mercado de trabalho colocava restrições ao processo formativo, pois ele não atendia ao perfil de competências exigidas para o desempenho profissional. A maior evidência é que a universidade não saiu da segunda revolução industrial e não se adequou às transformações do mundo moderno. O mais sintomático de tudo é a obsolescência do valor do diploma superior, devido às constantes mudanças tecnológicas e dos ambientes de trabalho.

Por outro lado, no plano real foi um dos setores mais atingidos em sua estrutura econômica pela pandemia. Todos os níveis, do fundamental ao superior, estão sofrendo com as adaptações necessárias e os reflexos da crise atingem os profissionais, os alunos e suas famílias. E tudo isso só vai ser resolvido quando tivermos uma vacina que imunize toda a população. Mas um fato é incontestável: nada mais será como antes.

A escola padrão século XX está com os dias contados. O aluno está mudando, o mundo se transformando a cada momento. As estruturas físicas existentes não se adequam mais aos novos desafios educacionais, porque as novas formas de trabalho exigem aprendizado contínuo para a vida.

Nesse cenário tornou-se uma verdade o que já vinha sendo sinalizado de que os profissionais do aprendizado deverão dominar não só os conteúdos, mas as práticas de como seus aprendizes podem resolver problemas. Está claro que a tecnologia (que é apenas um meio facilitador), hoje cada vez mais presente, deverá ser encarada como parceira e não como adversária.

Além disso, é forçoso reconhecer que precisamos criar políticas públicas para o país se desenvolver com sustentabilidade e com oportunidade de trabalho para todos terem melhor qualidade de vida. Estamos sem norte e sem um projeto de estado. São desafios extraordinários de transformação do país que podem levar décadas para serem resolvidos, se agora todos criarem consciência de que devem ser parte da solução e não do problema.

Porém, a chave de tudo é a educação. E é dentro dessa perspectiva que vejo o importante papel desempenhado pela ABMES e a necessidade que adveio da crise em promover o **Movimento de conscientização da sociedade brasileira pelo valor da educação** como única forma de dar possibilidade para que as pessoas tenham melhor expectativas de futuro para os seus familiares e de promover o desenvolvimento para o país. O projeto teria os seguintes objetivos:

1. Criar um movimento de sensibilização social de que a educação é a chave que abre todas as portas – portas do conhecimento, portas da cultura, da ciência, da tecnologia, do bem estar social, do trabalho e, principalmente, a porta da autodeterminação e da consciência cidadã;
2. Organizar um grupo de trabalho para propor ações concretas de como as associações da sociedade civil podem contribuir, através de seus associados, para, em suas comunidades, trabalhar pela melhoria da educação através de ações de voluntariado, como mutirões da “Essa Escola é Nossa”, visando que em cada comunidade se crie a consciência de que a melhoria

da educação depende de cada um, de cada família, de cada empresa, de cada associação;

3. Promover ações concretas com vistas a monitorar os estados e municípios onde a educação apresenta os maiores problemas de infraestrutura quanto a construções, equipamentos, matérias de ensino-aprendizagem e, a partir dos resultados, promover mutirões de arrecadação de livros, computadores, materiais de limpeza, visitas de apoio às famílias, alunos e professores para dizer “estamos juntos na luta pela causa da educação”;
4. Promover o programa de incentivo à “adoção” de uma escola de seu bairro, de sua cidade, de sua comunidade e para monitorar seu funcionamento e sentir seus problemas de modo a juntar esforços para resolve-los. A escola deve ser um ambiente agradável. Você pode fiscalizar para que nada falte à escola, desde pintura, água, sanitários, ambiente de lazer, sala de professores, acesso à internet, apoio aos professores na produção de matérias didáticos e outros;
5. Criar uma agenda permanente que permita ter acesso a informações da realidade de cada sistema, seus componentes seu funcionamento e, assim, permitir que as associações direcionem seus esforços;
6. Juntar-se a organismos como “Todos pela Educação” de forma concreta perguntando a cada um: O que você pode fazer pela educação onde você mora? Pode contribuir com o caixa escolar? Pode doar um pouco de seu tempo semanalmente? Pode dedicar tempo para dar assistência a alunos e professores? Pode conhecer as famílias dos alunos e sentir suas necessidades? Enfim, passar o recado de que juntos seremos mais fortes pela educação;
7. Fomentar a ABMES como uma associação promotora da educação, criando uma agenda positiva e concreta, para colaborar com

o estado, com as empresas, com a sociedade e com as famílias para que de fato a educação seja um bem perseguido por todos;

8. Tornar a ABMES um espaço aberto para a reflexão contínua da realidade brasileira, propondo ações e articulando-se com as demais organizações da sociedade civil e com o Estado para juntos, todos lutarem pela educação como única saída para resolver os problemas e criar um país onde não exista a palavra desigualdade.

Evidentemente são temas que precisam ser aperfeiçoados e viabilizados, mas tenho convicção de que se a iniciativa particular não pensar grande e não valorizar os seus serviços, com novas propostas educacionais, nenhum organismo governamental será capaz de fazê-lo. E tenho certeza de que, dando certo, nunca mais faltarão alunos para nossas instituições.

Feliz 38º Aniversario!

VOCÊ SABE QUAL É O PAPEL E A FUNÇÃO DA EDUCAÇÃO PARA VOCÊ E PARA O BRASIL?

(11/08/2020)

[ACESSE AQUI](#)

Movimento de Conscientização da Sociedade Brasileira pela Educação – Não dá mais para ficar como espectador olhando para o trem da educação abandonado na estação. Dias viram semanas, passam anos, que viram decênio e continuamos a apontar os mesmos problemas da educação brasileira.

A ABMES, assim como todas as entidades que representam o ensino brasileiro, detém em seus quadros de filiados dirigentes, administradores e profissionais de educação com expressiva experiência em suas áreas de atuação. Todos eles com dezenas de anos trabalhando para oferecer as melhores condições para um ensino de qualidade aos estudantes.

Mas essas profissionais têm condições de ir além, colaborando para aprimorar o sistema educacional brasileiro, pois trazem consigo uma bagagem de conhecimento que pode ajudar a melhorar substantivamente o ensino público, desde a educação infantil passando por todos os outros níveis.

É preciso mudar os mecanismos de gestão, hoje sabidamente defasados, [como aponta levantamento da ONG Politize!](#). O que se cons-

tata na gestão pública é que a cada ministro que entra toda a estrutura é alterada e, normalmente, a nova equipe nada conhece da área ou demora a se inteirar e dar andamento aos processos. E o pior é que os políticos não entenderam até agora que educação só pode ser plano de estado e não de governo.

Foi por isso que pensamos na criação do **Movimento de Conscientização da Sociedade Brasileira pela Educação**, com o objetivo de sensibilizar a nação de que a educação é a chave que abre todas as portas: as do conhecimento, as da cultura, as da ciência, as da tecnologia, as do bem-estar social, as do trabalho e, principalmente, a porta da autodeterminação e da consciência cidadã.

À ABMES, como associação promotora, caberia criar uma agenda propositiva, para colaborar com o estado, com as empresas, com a sociedade e com as famílias para que de fato a educação seja um bem a ser conquistado por todos. E, para isso, organizaria uma equipe de profissionais qualificados e atuantes para planejar ações concretas de como as associações da sociedade civil podem trabalhar visando criar a consciência de que a melhoria da educação não depende só do estado, mas depende de cada um, de cada família, de cada empresa, de cada instituição e da sociedade civil.

A justificativa é uma só: não dá mais para ficar como espectador olhando para o trem da educação abandonado na estação. Dias viram semanas, passam anos, que viram decênio e continuamos a apontar os mesmos problemas da educação brasileira. E daí? Como isso nos afeta? Como afeta você? Vamos tentar pensar juntos? Queremos saber sua opinião sobre alguns problemas e assuntos que permeiam nosso dia a dia de quem trabalha com educação.

O trem da educação possui os trilhos que nossa Constituição e a LDB determinaram. Mas percebemos que há problemas ao longo

desses trilhos que esperamos você possa nos ajudar a entender e propor alternativas, por exemplo, para:

- O papel da família na formação do cidadão;
- O papel da escola para a formação, para as atividades profissionais e para a vida;
- O papel da burocracia na condução do processo educacional;
- O papel da sociedade com suas organizações em seu compromisso social com a educação;
- O papel do sistema produtivo na formação do indivíduo para que seja participativo e contributivo na produção e melhoria dos processos e na vida individual e familiar;
- O papel da comunicação e da tecnologia para apoio ao desenvolvimento de novas práticas;
- O papel dos sistemas educacionais para formar recursos humanos para o desenvolvimento do país;
- O papel da pesquisa e das ciências como desenvolvedores do progresso;
- O papel da educação como promotora da igualdade social em um contexto em que todos os estudantes possam ter as mesmas oportunidades.

Conceito que todos precisam absorver: **escola não é mais só sala de aula**. Apesar do coronavírus ser uma calamidade pública inesperada, deveríamos ter alternativas para que 50 milhões de estudantes do ensino básico da rede pública não ficassem o ano de 2020 sem ir à escola.

Vamos comparar a educação com uma grande ferrovia com trens em circulação. Os trens foram modernizados? Os operadores dos trens foram treinados e atualizados? E na comparação com outros

países, não temos o trem de alta velocidade e o mesmo vem acontecendo com nossa educação. Então precisamos retificar nossas ferrovias educacionais, nossas máquinas, o pessoal que opera e nossa circulação.

Nesse sentido, sua opinião, suas convicções são importantes para que se possa pensar “fora da caixa” das alternativas legais e administrativas atuais, que impossibilitam pensar numa nova ferrovia educacional que possamos responder à dinâmica de uma sociedade em mutação.

Saiba, sua opinião, percepção e crença são importantes para que possamos juntos traçar uma nova Agenda, para formar um quadro referencial que possibilite a confecção de uma proposta, que tenha representatividade no conjunto do pensamento educacional atual.

Sua participação é importante e demonstra também seu compromisso, sua preocupação e seu compromisso com a educação que temos, a que queremos e deveremos propor para sair desse marasmo atual. Vamos embarcar nessa nova ferrovia que juntos podemos construir e para ver se estamos no caminho certo vamos entrevistar as lideranças nacionais para responder as indagações seguintes:

- **Faz sentido instituir em nosso país a mística do valor da educação como forma de autodeterminação de seus cidadãos?**
- **Como envolver lideranças atuantes na sociedade brasileira em um movimento de apoio à conscientização pelo valor da educação?**
- **Como se conseguir no nosso país engajamento pessoal massivo pela causa do valor da educação como fator de emancipação cidadã?**
- **Qual a possibilidade de um movimento pela conscientização do valor da educação de modo que seja absorvido como responsabilidade da sociedade nos dias de hoje?**

Precisamos que a sociedade brasileira mude sua percepção sobre educação e passe a considerá-la a chave que abre todas as portas para a vida profissional, vida em sociedade, vida familiar e autodeterminação de cada um. Quem quer entrar nessa cruzada? As gerações futuras irão nos cobrar se não acordarmos a tempo de mudar a lógica de todo o processo educacional.

Somente depois de termos um panorama amplo de como as lideranças pensam a educação é que adotaremos as estratégias apropriadas para viabilizar este projeto.

O tempo está passando e não podemos perder esse “trem”.

QUEREMOS VER O BRASILEIRO APAIXONAR-SE PELA EDUCAÇÃO

(18/08/2020)

[ACESSE AQUI](#)

*“Por alguma razão na formação da mente brasileira, temos a ideia de que outros países têm mais vocação intelectual do que nós. Esta é uma das razões pelas quais nossos eleitores e nossos políticos não priorizam educação com a mesma força e obstinação de outros povos, nem com a mesma ambição que temos para outros setores, como a indústria e o futebol.”
(Prof. Cristovam Buarque)*

[Canadá](#), [Finlândia](#), [Alemanha](#) e outros países (clique os links para acessar as notícias) planejam e investem em educação básica com o propósito de formar gente habilitada para conviver com o mundo do conhecimento, enfrentar a realidade do mercado de trabalho, mas também preparar cidadão útil para o desenvolvimento de seus países. Essas propostas não acontecem, infelizmente, no Brasil.

Já citei em meus artigos três exemplos de como a educação sensibiliza as pessoas: a dos [estudantes chineses estudando a noite em calçadas](#), aproveitando a iluminação pública, mostrando o valor que dão ao aprendizado; a do [catador de lixo pernambucano](#) que graças ao seu trabalho reformou completamente uma escola em Olinda e a do [pastor que ensina por WhatsApp](#) grupo de domésticas.

Venho acompanhando o Portal Só Notícia Boa e são inúmeras as iniciativas com o mesmo propósito, de instituições ou pessoas preocupadas em viabilizar ações educacionais em suas comunidades. Confirmam algumas:

[Gêmeas criam projeto de leitura contra violência na favela](#)

[Mãe ajuda filho que ia mal na escola e se matricula na mesma classe](#)

[Lixeiro recupera livros do lixo e monta a própria biblioteca](#)

[Música melhora notas escolares e muda vida de jovens de comunidade](#)

[Alunos reformaram escola com venda de livros e querem mais](#)

[Em vez de demitir por não saberem ler, empresa alfabetiza auxiliares de limpeza](#)

[Lanchonete dá descontos a alunos com boas notas no Enem](#)

[Educação muda vida de família pobre em São Paulo](#)

[Loja dá pipas para alunos que tiram nota 10 na escola](#)

Há também belíssimos exemplos de organizações que incentivam o sucesso educacional. Mas, de modo geral, a verdade é que a maioria dos brasileiros não está atenta ao fato de que se só uma boa educação nos levará a ser uma nação de primeiro mundo.

Quem melhor analisou essa alienação nacional de propósitos foi o Prof. Cristovam Buarque, ex reitor da UNB e parlamentar que teve como bandeira política a solução dos nossos problemas educacionais. Em seu livreto “[Os obstáculos à qualidade e à equidade de educação do Brasil](#)” demonstra que, apesar de sermos um dos países com um dos PIBs mais representativos, possivelmente temos o mais desigual sistema de educação de base entre todos os países do mundo. “Isto decorre de obstáculos – culturais, políticos, sociais, ideológicos, financeiros – que devemos superar para que, no Brasil, a educação de base esteja entre as melhores, e todos seus habitan-

tes tenham acesso a ela, com a mesma qualidade sem depender da renda, nem do endereço da família do aluno.”

Baseado nessa análise, o prof. Buarque enumera porque falta sensibilidade ao brasileiro para valorizar a educação:

1. O brasileiro não tem consciência do papel da educação como recurso de progresso nacional. Cada aluno que abandona a escola é um cérebro a menos sem formação. É uma perda para todo o país e não somente para o jovem e sua família.
2. O brasileiro tem inferioridade intelectual. Embora nascemos com as mesmas potencialidades cerebrais de qualquer criança estrangeira, ninguém arrisca pensar que o Brasil poderá um dia ser campeão mundial de educação. Queremos melhorar a educação, mas não temos a ambição de sermos os melhores do mundo, igual a alguns países que motivam seus estudantes.
3. Diferentemente de outros povos, não temos obsessão pela educação como estratégia de desenvolvimento pessoal e coletivo. O brasileiro não é maníaco por educação. Além do complexo intelectual, não dá o mesmo valor do que à riqueza material, ao tamanho da casa e do carro.
4. Educação é ainda privilégio das categorias sociais mais abastadas; é coisa para rico e não para pobre.
5. O Brasil está acomodado, pois sem dúvida melhorou nestes últimos 30 anos, mas está defasado em termos comparativos internacionais.
6. Desprezo à educação. Temos orgulho em ser o país das chuteiras, mas morremos de medo de ter um filho filósofo, poeta ou escritor porque vai ganhar pouco. O salário dos professores comparativamente é um dos menores de mesmo nível de formação.
7. A escola desincentivadora não tem preocupação de atrair os alunos com bom conforto, prazer de aprender e esperança de

bom futuro. Não há esforço para evitar a evasão e perder um milhão de alunos que abandonam a escola anualmente.

8. A dor escondida na deseducação. As lideranças nacionais não conseguiram mostrar a falta que faz a educação para as pessoas. É ela que traz dificuldades de emprego, pobreza e inabilidade para enfrentar os problemas da vida.
9. Desestímulo ao estudo. Prédios ruins, equipamentos inadequados, professores desmotivados, aulas suspensas, ampliam o desinteresse pela escola e propicia o abandono dos estudos.
10. Falta de percepção de vantagens decorrentes do aprendizado. À fobia ao estudo e à hostilidade da escola, junta-se o sentimento de que a educação não trará vantagens para o aluno. Não lhe garante emprego, nem renda alta, nem reconhecimento e nem felicidade.
11. Prisão ao imediatismo. Aprendizado leva tempo para ser percebido. Os resultados benéficos aparecem depois de décadas e os políticos só se interessam com resultados imediatos.
12. Para que estudar muito se a maioria estuda pouco? Nos países asiáticos e no primeiro mundo a competitividade entre estudantes é diferencial cultural. Todos sabem que o futuro está na base educacional que cada um tiver.

O Movimento de Conscientização da Sociedade Brasileira pela Educação, a ser desenvolvido pela ABMES, é um projeto que tem o objetivo de sensibilizar a nação de que a educação é a chave que abre todas as portas e o propósito é que crie uma agenda para colaborar com o estado, com as empresas, com a sociedade, com as famílias, para que a educação seja de fato um bem a ser conquistado por todos.

Já recebemos algumas ideias e sugestões de projetos agregadores e destacamos os seguintes:

1. Conecta Brasil – uma ação de apoio ao Programa [Internet para Todos](#), já lançado pelo Ministério de Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações, que objetiva interligar via satélite todo o Brasil. A pandemia veio mostrar que 4,8 milhões de estudantes na faixa de 9 a 17 anos não têm acesso em casa. Evidentemente, é assunto que já passou por diversos Governos e o MEC tem parceria com o MCTIC.
2. Criar um programa nacional concreto para salvar as crianças que não têm computadores, fazendo um mutirão para arrecadar computadores, celulares e tablets usados, a exemplo do movimento “[Abra a gaveta, doe](#)”, com foto no estado de São Paulo.
3. Criar um fundo de investimentos focado em educação para projetos inovadores de impacto social com apoio das empresas e instituições.
4. Criar um “Ideiaton”, uma maratona de ideias para encontrar soluções criativas e inovadoras para a educação.
5. Realizar concurso anual para premiar os professores de escolas públicas, cujas classes tiveram melhor desempenho no Brasil.
6. Premiar anualmente as 10 melhores ONGs que apresentarem trabalhos significativos na área educacional.
7. Em vez de começar do zero, pesquisar quais os serviços prestados pelas instituições públicas e privadas que promovem educação e fazer parcerias.
8. Criar lei que incentive as emissoras de TV a criarem programas que tenham como objetivo principal o incentivo à educação.
9. Estimular a criação de grupos de apoio formados por aposentados para dar complementação de estudos aos estudantes carentes.
10. Rede de voluntários universitários apoiando alunos das escolas públicas para melhor desempenho escolar.

São algumas ideias que nos enviaram e realmente a amplitude do projeto é imensa e precisamos criar parâmetros para analisar a viabilidade. Vamos prosseguir pesquisando e pedindo sugestões para encontrar caminhos para sua efetivação.

Mas para mim está claro que a primeira iniciativa deve ser a da Comunicação. Como mudar a cabeça do brasileiro e espalhar para o mundo todo que ele é apaixonado pela educação?

OCDE: ESTUDANTE BRASILEIRO SEM RECURSOS LEVA 9 GERAÇÕES PARA ATINGIR A CLASSE MÉDIA

(25/08/2020)

[ACESSE AQUI](#)

O berço da desigualdade está na desigualdade do berço. Ao nascer, cada criança começa seu longo caminho à desigualdade. Quando nascem, alguns começam a comer, outros não; a seguir, alguns vão cedo para a escola, outros não; depois, alguns frequentam-na irregularmente, ou a abandonam antes de concluir o ensino médio, ou o concluem com péssima qualidade; enquanto isso, outros ficam na escola por 20 anos, do pré-primário até o final da universidade.

(Prof. Cristovam Buarque, do livro "Sou insensato")

Num país com enormes questões para serem resolvidas e com planos e soluções que dormem há decênios nas gavetas governamentais, tudo demanda ações urgentes. As desigualdades de classes sociais foi o mais visível problema brasileiro evidenciado pela pandemia. São mais de 63 milhões de brasileiros que precisam urgentemente de ajuda para sobreviver e isso é um catástrofe. Saúde, saneamento, moradia, urbanização, trabalho e educação não podem permanecer como estão, precisam de ações emergências urgentes e fortes para que não se perca uma geração inteira.

É dramática a situação e apenas as forças políticas, ideológicas e interesseiras não percebem a gravidade da situação para o Brasil de hoje, mas especialmente para o futuro. Tudo é importante, mas os desafios que estão ligados a propiciar trabalho e ocupação aos sem recursos sobreviverem são imediatos. E isso inclui principalmente, o dever de oferecer uma escola pública com qualidade, coisa que hoje não temos. Trabalho e renda dão sobrevivência agora, mas só a boa educação oferece sobrevivência a longo prazo.

O propósito do Movimento de Conscientização da Sociedade Brasileira pela Educação é criar uma agenda para colaborar com o estado, com as empresas, com a sociedade organizada, com as famílias, para que a educação seja de fato um bem para beneficiar a todos brasileiros, para propiciar condições de viver com dignidade através de emprego e trabalho.

Citando a publicação “Os obstáculos à qualidade e à equidade da educação no Brasil”, do Prof. Cristovam Buarque, ratifiquei sua análise das razões culturais, sociais, econômicas e geográficas que mostram que a grande parte da sociedade não tem consciência do valor da educação como fator de desenvolvimento. Diferentemente de outros povos, não podemos dizer que temos obsessão pela educação como estratégia de desenvolvimento pessoal e coletivo.

Referente ao [meu artigo da semana passada](#), recebi e-mail bem crítico, cuja síntese é a seguinte:

“acho muito ‘feio’ ou politicamente incorreto falar que a culpa é do povo brasileiro ou de falta de vontade ou preguiça. Acho que essa é uma visão antiga.

Não sei em que ano o Cristovam Buarque escreveu o artigo, mas dizer que os alunos abandonam a escola porque querem é muito injusto. E se abandonam a escola é por que tiveram algum motivo e não cabe a nós julgá-los e dizer que foi por preguiça.

Acho que teu texto está batendo na mesma tecla, ou seja, que somos inferiores, que somos preguiçosos, etc. É uma fala muito retrógrada e antiga, me desculpe.”

Esclarecendo o leitor: Não estou culpando o povo brasileiro e sim as lideranças que comandam a nação – políticos, governantes, gestores, empresários, líderes de entidades, estudiosos e outros que deveriam ter em mente que existem compromissos constitucionais e legais para oferecer boa educação e isso não acontece.

O artigo do Buarque é mais uma provocação para que se reaja e lamentavelmente isso não acontece, por vários motivos, a começar porque a escola pública não tem qualidade, não tem estrutura de suporte, tem poucos professores qualificados para oferecer um mínimo de conhecimento, o que mostra os resultados do PISA. A OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico) salienta que um brasileiro de família sem recursos leva 9 gerações para atingir a classe média.

A falta de internet é um fato. Daqui pra frente o sistema educacional dependerá da tela, como maior apoiador para seus programas. É necessário ter um meio para oferecer condições tecnológicas não só aos alunos, mas às suas famílias. Não adianta sermos o terceiro país em número de celulares, porém sem acesso amplo aos aplicativos que permitem conexões seguras.

Há um programa governamental, o “Internet Para Todos”, com adesão de 70% das prefeituras, mas apenas 354 prefeitos solicitaram a antena com a sua única obrigação de arrumar o terreno, manter o equipamento e distribuir o sinal para as escolas. Até hoje foi gasto apenas 16% da verba destinada ao programa. Claro que a culpa não é dos brasileiros, mas falta gente comprometida com o processo.

Perdemos nosso crédito temporal e agora estamos perdendo uma geração com os jovens “nem-nem”. É fruto da desilusão de um sistema perverso que os expulsou da escola, que os exclui dos bens e serviços fundamentais, que não têm casa própria, não têm nem comida. Isso não é ser retrógrado, isso é a realidade brasileira de hoje, que nos apresenta um corte de R\$ 241 bilhões para o orçamento da educação e da saúde do ano que vem, o que significa que elas não são importantes.

O leitor conhece quem é o estudante da escola pública? Em que cenário e em que amplitude? Conhece os professores de escolas públicas do ensino fundamental e médio e o que pensam? Sabe o que dizem as pesquisas sobre eles? Temos sim muita gente comprometida com educação que fazem um trabalho fantástico. Ninguém quer criticar ninguém, mas precisamos cair na real antes que seja tarde.

Não podemos ficar pensando somente em programas sociais de renda mínima, sem uma contrapartida de profissionalização, de educação para essas famílias carentes para não se tornarem simplesmente clientes a vida inteira.

Com respeito aos que fazem parte da ABMES e de outras associações, há muita gente com experiência de sala de aula que pode dar sua contribuição, colaborar para um bom ensino básico estatal e, sem dúvida, poderá ter melhores estudantes procurando suas instituições.

E, para concluir, nada melhor do que contar o que aconteceu numa reunião em que estavam presentes Donald Trump (presidente dos EUA), Vladimir Putin (presidente da Rússia) e Xi Jinping (secretário-geral do Partido Comunista da China). Eles discutiam sobre qual a nação que lideraria o mundo. Como não chegavam a um acordo, chamaram Narendra Modi, primeiro-ministro da Índia, e lhe fizeram a mesma pergunta. Ele respondeu:

Pelo que sei, o CEO da Google é um indiano. O CEO da Microsoft é um indiano. São também indianos ou de origem indiana os CEOs de grandes outras grandes empresas mundiais como Citigroup Vision Fund, SoftBank, Adobe, NetApp, PepsiCo, Nokia, MasterCard, DBS, Cognizant, Novartis, Conduent, Diageo, SanDisk, Motorola, Harman, Micron, Palo Alto Networks, Reckitt Benckiser, IBM. O ministro de Finanças do Reino Unido é indiano, a ministra do Interior do Reino Unido, o primeiro ministro irlandês, são todos indianos.

Então Modi disse que são eles que lideram o mundo e explicou que este era o resultado da política de estado da Índia que há cinquenta anos é orientada para a educação. E o desafio que fica para nós será estipular quantos anos vamos levar para trocar toda esta gente por brasileiros.

ABOLICIONISMO EDUCACIONAL

(01/09/2020)

[ACESSE AQUI](#)

Cristovam Buarque educador, professor universitário e senador (2011 a 2019) ***

Apresentação

Tenho utilizado em [meus artigos mais recentes](#) referências do professor Cristovam Buarque para tratar da desigualdade social, especialmente evidenciada pela pandemia, e os impactos para a educação, inclusive citando sua publicação “Os obstáculos à qualidade e à equidade da educação no Brasil”. Preparei uma entrevista sobre o assunto e, gentilmente, ele me retornou com uma grande aula. A seguir, o resumo do resultado, que gostaria de compartilhar com todos, pois o teor é o suporte para as ideias que estou desenvolvendo e que retomarei na sequência. Gabriel Mario Rodrigues Presidente do Conselho de Administração da ABMES

1. A última trincheira

Trinta e oito anos se passaram entre a lei que proibia o tráfico de escravos (Lei Eusébio de Queiroz, 1850) e a lei que aboliu a escravidão (Lei Áurea, 1888). Quase o mesmo tempo, trinta e sete anos, entre a Emenda Calmon, que obrigou o aporte de recursos públicos para a educação (1983), e a prorrogação do Fundeb, neste ano de 2020. No século XIX, entre a proibição do tráfico e a Lei Áurea, duas leis diminuíram a barbaridade sem abolir a escravidão; entre a Emenda Calmon e a prorrogação do Fundeb, nos séculos XX e XXI, tivemos leis mitigadoras da tragédia educacional, mas sem metas e estratégias que levem nossa educação à qualidade das melhores no

mundo e a mesma qualidade para todos, independente da renda e do endereço da família da criança.

Escravidão		Educação	
<i>Medida</i>	<i>Data</i>	<i>Medida</i>	<i>Data</i>
Proibição do tráfico	1850	Merenda	1955
Lei do Ventre Livre	1871	Emenda Calmon	1983
Alforria Sexagenários	1887	Livro Didático	1985
		Fundef	1996
		PNE-I	2001
		Fundeb	2007
		Piso Salarial do Professor	2008
		Vaga a partir dos 6 anos	2010
		PNE-II	2011
		Vaga a partir dos 4 anos	2013
		Vaga até os 17 anos	2016
		BNCC	2020
		Prorrogação do Fundeb	2020

A Lei Áurea extinguiu o regime escravocrata, mas não foi suficiente para extinguir a pobreza, a exclusão social e em consequência o preconceito e o racismo contra os negros e os pobres em geral. A reforma agrária demorou tanto que devido ao avanço técnico e à migração do campo à cidade, ela ficou desnecessária economicamente, embora ainda necessária socialmente em algumas regiões. Este mesmo avanço fez a educação cada vez mais necessária, sem, entretanto, fazê-la uma prioridade nacional. Seu atraso e desigualdade a mantém como a última trincheira da escravidão. Por quase um século, depois da Abolição, a escola era apenas para os filhos da elite, que contavam com poucas, mas boas escolas, públicas e privadas. Pouco a pouco, a partir da segunda metade do século XX, o Estado brasileiro precisou olhar para a educação, mas escolheu oferecer recursos públicos para financiar escolas privadas e promover

escolas públicas municipais sem qualidade para os filhos da maioria pobre. O país se contentou em ficar na lanterna entre os países do mundo e manteve-se como um dos campeões em desigualdade escolar. Apesar dos avanços, três brechas se ampliaram: – **entre a educação dos ricos e a dos pobres**; – **entre a educação dos demais países e a educação do Brasil**; – **entre as necessidades crescentes da educação e o nível da educação oferecida**;

2. A sustentação da trincheira

A sucessão de leis conseguiu oferecer mais escolas, ampliar o número de matrículas, **mas sem conseguir a qualidade** necessária e ainda menos quebrar a desigualdade com que o Brasil oferece educação a suas crianças. A Lei do Ventre Livre, de 1871, livrou da escravidão, mas não emancipou os filhos dos descendentes sociais dos escravos. No mundo contemporâneo, não tem condições de estar emancipado quem não conclui um ensino médio que lhe permita saber as bases fundamentais de matemática e das ciências, ler, gostar de ler, entender e comentar literatura brasileira, falar e escrever pelo menos um idioma além do português, saber geografia e história, conhecer as artes e adquirir um ofício que lhe permita emprego e renda. Para isto, será necessário, como em todos os demais países, uma estratégia para o médio e o longo prazo que transforme o Brasil em um país com educação oferecida com a mesma qualidade para todos. Por sete características, o Brasil dos séculos XX e XXI, não parece disposto a fazer o necessário para dar o salto abolicionista educacional: – **Invisibilidade**: da mesma que não nos sensibilizávamos com a escravidão não enxergamos gravidade de nossa deseducação. – **Desconhecimento**: não percebemos as correlações entre nossos problemas visíveis – pobreza, violência, desemprego, desigualdade, ineficiência – e a falta de educação; – **Desprezo**: a mente brasileira não valoriza, nem se sente hábil para disputar um lugar especial no mundo da criação intelectual. Prêmio Nobel não faz parte de nossas expectativas.

– **Aceitação:** da mesma forma que aceitamos estar entre os últimos, a sociedade brasileira aceita como natural que a qualidade da educação oferecida a uma criança seja diferenciada conforme sua renda e endereço. – **Benefícios:** a sociedade brasileira se acostumou a tirar benefícios da desigualdade educacional, como uma espécie de “escravidão disfarçada” sobre os que recebem baixos salários, por falta de educação de qualidade. – **Imediatismo:** a mente brasileira tem forte preferência por resultados imediatos e a educação exige longo prazo para que seus resultados sejam perceptíveis; – **Diplomismo:** temos mais desejo pelo diploma do que pelo conhecimento. Aumentamos vagas no ensino superior, sem cuidar do número dos que terminam o ensino médio com qualidade. Nem reduzimos o número dos que ainda estão sob a tortura do analfabetismo.

3. Sistema Nacional de Educação

A maior parte dos municípios são pobres em recursos financeiros, humanos e gerenciais, por isto, a pulverização do sistema educacional em quase 6.000 subsistemas escolares - municipal, estadual e federal - não permitirá dar o salto para estarmos entre os 10 países com melhor educação, ainda menos oferecer a mesma qualidade em todas as escolas.

4. Investimento

Qualquer que seja o sistema utilizado, para implantar um Sistema Nacional de Educação, o Brasil precisará dispender ao redor de R\$ 15.000 por ano por cada aluno. Para os cerca de 50 milhões de crianças em idade escolar nos próximos anos, o número diminuirá, o custo total da abolição educacional será em torno de R\$ 750 bilhões, quase 10% do PIB atual, portanto acima do possível. **Mas na estratégia para 20 anos, se o PIB crescer 2% ao ano, o custo será de 6%;** em uma estratégia para 30 anos o custo seria de 5%. Percentagem que é gasta com o atual sistema atrasado e desigual.

5. Movimento Abolicionista Educacional

Todos nossos problemas atuais - baixa produtividade, concentração de renda, violência urbana, persistência da pobreza, ineficiência dos serviços, eleição de corruptos - decorrem, ao menos em parte, do quadro educacional degradado e desigual. Por estas razões é preciso criar uma consciência nacional pelo abolicionismo na educação. Felizmente começam a surgir condições para despertar esta consciência, de maneira parecida como na segunda metade do século XIX surgiram contra a escravidão: a vergonha diante do mundo e a **percepção das amarras que a deseducação** provoca no século XXI, com a economia e sociedade do conhecimento. O livro “Flores, votos e balas – O movimento abolicionista brasileiro (1868-1888)”, de Angela Alonso, mostra como um pequeno grupo de brasileiros conseguiu convencer quase o país da necessidade de abolir a escravidão. O movimento pelo **Abolicionismo Educacional** deve dar, entre outros, os seguintes passos: a) **Núcleo**: criação de um grupo de personalidades entre intelectuais, políticos, empresários que assumam o compromisso de abolicionistas educacionais. Há anos, diversos nomes se dedicam à educação, embora sem meta, nem estratégia abolicionista. É preciso unificar este grupo em um núcleo educacionista, com as duas metas ambiciosas da qualidade máxima e da igualdade plena na qualidade das escolas; b) **Manifesto Educacionista**: para unificar os participantes do Núcleo é preciso um manifesto por esta Abolição XXI – **a escola com qualidade e igual para todos**; c) **Mensagem**: o manifesto precisará de um lema que identifique o propósito a que se prestam os educacionista: “Educação é o futuro”, “Educação é a Solução”, “Todos pela Educação”, “Educação de Qualidade para Todos”, que servem de títulos a movimentos que buscam melhorar a educação, ou qualquer outro que empolgue e incendeie a consciência nacional, agora, em busca do Salto Abolicionista; d) **Unidade por Instituições**: todos os movimentos vitoriosos no Brasil uniram algumas das entidades representativas na sociedade, como OAB e ABI; e) **Campanha de conscientização**: no

mundo interconectado de hoje será preciso campanha pelos meios de comunicação, televisões, blogs, sites, que levem a mensagem à toda a população.

6. Conclusão

Os abolicionistas nos deram o exemplo de que foi possível derrubar o sistema escravocrata, mas não conseguiram derrubar a última trincheira da escravidão que até hoje nos amarra no atraso econômico e na injustiça social: a educação sem qualidade e desigual. A realidade mostra que sem derrubar esta trincheira o Brasil não avançará. Cabe a nós nos inspirarmos nos abolicionistas do século XIX para no século XXI superarmos os [O desafio de ser professor num mundo em acelerada transformação](#) empecilhos à Abolição Educacional.

O QUE OS PAÍSES RICOS ESTÃO FAZENDO PARA MELHORAR A EDUCAÇÃO

(08/09/2020)

[ACESSE AQUI](#)

Para proporcionar um ensino excelente, os professores precisam atingir habilidades sofisticadas e serem capazes de avaliar precisamente os pontos fortes e fracos de cada estudante.”¹ “No Japão, a formação não acaba nunca: políticas públicas garantem que os professores ganhem novos conhecimentos até o dia de sua aposentadoria. O modelo nipônico mescla diversos tipos de atividades. Os cursos formais são obrigatórios – cada professor precisa fazer pelo menos um por ano.”²

Há uma publicação de 2015 da [Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico \(OCDE\)](#) que analisa mais de 450 iniciativas de melhoria do ensino em 34 países com o objetivo de aperfeiçoar seus sistemas educacionais.

Embora salientando que não dá simplesmente para copiar o que o outro está fazendo, trata-se de excelente material para inspirar mudanças educacionais. Porém, a melhor lição que podemos tirar é

1 <https://www.provafacilnaweb.com.br/blog/como-os-melhores-sistemas-escolares-chegam-ao-topo/>

2 <http://www.barsa.planetasaber.com/brasil/asp/Preview3.asp?IdPack=3&IdPildora=509895>

que as nações com melhor desempenho são as mais desenvolvidas no mundo e que isso nunca fez parte da agenda dos nossos governos e nem dos desejos do povo brasileiro. Ele quer sempre ser campeão mundial de futebol, mas nunca almejou chegar à décima posição no mundo em educação.

Nosso desafio com o Movimento de Conscientização da Sociedade Brasileira é convencer a todos que só a educação será capaz de desenvolver este país.

Sei que é difícil viabilizar a ideia de uma conscientização sem conhecer o que fazem os sistemas educacionais serem mais produtivos do que os outros. E quem nos mostra é a pesquisa "[How the world's best-performing school systems come out on top](#)" ([Como os melhores sistemas escolares chegam ao topo](#)).

A consultoria americana [McKinsey estudou 25 sistemas escolares](#), incluindo os dez melhores, os analisou e chegou a quatro lições básicas, que distinguem os melhores desempenhos:

Selecionar as pessoas certas para serem professores;

Apoiar os professores para serem excelentes profissionais motivadores do sucesso do aluno;

Não deixar nenhum aluno para trás e estimular a autoestima;

Assegurar que o sistema esteja apto a proporcionar a melhor educação possível para cada criança.

É preciso focar nas quatro diretrizes mencionadas, pois são elas a causa da melhoria dos alunos. O restante é criar condições estruturais para a aula acontecer. Porém, num sentido mais prático e mostrar o tamanho do problema, deixo sugestões com base nas 45

maneiras para melhorar a educação no Brasil publicadas há alguns anos pela Exame:

1. Usar de modo eficiente o tempo em sala de aula
2. Investir o máximo possível, com bastante critério
3. Universalizar de fato a educação
4. Preparar gente para um mundo em mudança deve ser o foco
5. Garantir escolas com infraestrutura descente
6. Cooptar pessoal talentoso para o magistério
7. Implantar a meritocracia para a carreira do professor
8. Fortalecer o currículo nacional
9. Combater o absenteísmo
10. Usar mais os recursos da tecnologia
11. Trocar informações dentro da rede de ensino
12. Acabar com indicação política para diretor
13. Impedir que criança vá a escola e não aprenda
14. Colaborar deve ser objetivo das empresas e da sociedade
15. Mudar o currículo do curso de pedagogia
16. Exigir qualidade deve ser meta acompanhada pelos pais
17. Ampliar educação técnica e profissional
18. Combater a repetência com mais reforço escolar
19. Deve haver mais escolas de tempo integral
20. Capacitar professores com enfoque na prática
21. Combater a deficiência em matemática
22. Coibir os desvios de corrupção na educação
23. Priorizar o aprendizado em todo o sistema

24. Começar a competir a nível mundial
25. Enviar brasileiros para estudar no exterior
26. Estimular vinda de estudantes estrangeiros
27. Acompanhar a vida escolar do filho é obrigação dos pais
28. Adotar medidas baseadas somente em evidências
29. Traçar metas ambiciosas para a educação
30. Se for investir mais, que seja na educação básica
31. Responsabilidades de gestores e políticos
32. Deveres de casa com mais profundidade
33. Aumentar acesso ao ensino superior
34. Gestão escolar focada em resultados
35. As escolas públicas e o setor privado devem ser parceiros
36. Mais estímulos do governo para a iniciativa privada
37. Formar estudantes criativos e empreendedores
38. Ensinar tudo o que se pode aprender
39. Valorizar e acompanhar as provas e avaliações
40. Definir o papel de cada ente da federação
41. Manter as minorias a cada mudança de governo
42. Mensurar resultados – e aprender com eles
43. Mudar o enfoque bacharelesco da educação
44. Colocar professores formados nas disciplinas
45. Colocar educação no topo da agenda
46. Implantar a BNCC para atender às diretrizes estabelecidas para a educação infantil, o ensino Fundamental e médio.

Ao final, são iniciativas óbvias que todos conhecem e está claro

depois do artigo do [Prof. Cristovam Buarque](#) da última semana que a ênfase deve ser dada ao ensino básico público. As classes alta e média já têm claro que só o conhecimento oferece futuro e investem para que seus membros tenham a melhor formação possível. Mas há uma realidade que precisa ser evidenciada: estamos atrasados há cerca de 20 anos por não termos enfrentado os desafios.

E hoje temos outros dois pela frente. **Precisamos preparar gente habilitada a trabalhar num mundo que passa por mudanças sociais, tecnológicas, econômicas e climáticas fazendo com que algumas profissões “desapareçam” e que outras surjam.**

Outro ponto muito mais grave é que a pandemia mostrou **uma realidade cruel, com mais de 67 milhões de brasileiros em situação de passar fome** e que tiveram ajuda emergencial do governo. O que quer dizer? A miséria é uma realidade e o que fazemos são paliativos tipo bolsa família, vale gás, cotas etc. e assim continuaremos com uma sociedade cada vez mais desigual, face à educação oferecida. **Damos esmola e não damos qualificação e nem trabalho.**

Resumindo tudo: **ensino básico deve ser de boa qualidade para todos terem as mesmas oportunidades. O Brasil precisa ser competitivo educacionalmente e preparar gente para um mundo em evolução contínua.**

Todos os nossos problemas atuais – baixa produtividade, concentração de renda, violência urbana, persistência da pobreza, ineficiência dos serviços públicos, eleição de corruptos – decorrem, em parte, do quadro educacional, degradado e desigual em que vivemos. Pandemia logo será estancada e ficará uma nação sem trabalho, sem formação e sem futuro vivendo das esmolas governamentais.

Governo sozinho não terá condições de planejar ações que em 30 anos possam criar o Brasil potência. Só a sociedade organizada

poderá pressionar o estado a fazê-lo e, em parceria, encontrar caminhos, onde estado, empresas, sociedade, escolas, famílias e estudantes colaborem com ações transformadoras.

QUANDO SERÁ QUE O BRASIL VAI CONCORRER AO CAMPEONATO MUNDIAL DE EDUCAÇÃO?

(15/09/2020)

[ACESSE AQUI](#)

“A Educação sozinha não faz grandes mudanças, mas nenhuma grande mudança se faz sem educação”. Bernardo Toro

Fim do ano passado tive um amigo hospitalizado no Albert Einstein durante as festas natalinas devido a uma cirurgia complicada. Falando comigo depois do susto dizia eufórico que nos hospitais época de Natal e Ano Novo são dias comuns; todo mundo trabalhando, médicos, enfermeiros, atendentes, segurança, limpeza e mais de milhares de funcionários, todos atuando em seus setores, enquanto a população comemora o as festas de fim de ano. O mesmo acontece na cidade onde há gente festejando e outros em suas tarefas habituais. Lembrei-me desde fato pelo que foi trazido pela mídia sobre o feriado da independência, informando que “o governo está flexibilizando tudo, menos a escola”, obrigada a permanecer fechada. Dedução equivocada dela: “a praia foi valorizada e a escola não”. Esquecendo que na mesma data deveriam estar trabalhando pelo Brasil afora muito mais gente que os amantes da praia.

Por essas constatações, o desafio que temos pela frente, além de outros, é de fazer o aprendizado ser tão prazeroso como o lazer, a

praia e o futebol. Trabalho e lazer são complementares e, bem distribuídos, fazem bem à qualidade de vida.

Mas o problema maior não é esse, e sim o fato das nossas desigualdades sociais serem tão alarmantes, o que só pode ser abatido por uma boa educação, num contexto em que as mesmas oportunidades sejam oferecidas a todos. Única estratégia de desenvolver a nação de maneira inteligente. Mas nem Estado, nem famílias, nem empresas, nem sociedade pensam assim e ainda não perceberam que pandemia mais assustadora vai ser a de não termos gente devidamente qualificada e capacitada para enfrentar os desafios profissionais das próximas décadas.

A classe mais privilegiada e a classe média sabem disso, mas ensino para pobre não lhe dizem respeito, ou pelo menos fingem que não. É problema de governo. Como mostrar para o brasileiro de forma geral que uma boa educação é importante, necessária e fundamental para as pessoas e para o desenvolvimento do país e que deveria estar na cabeça de todos? Deve ser meta da família, do estado, das empresas e de toda a sociedade. Nessa direção, nada tão oportuno como o artigo [A escola pública dos nossos Sonhos](#), do articulista do Estadão Nicolau Rocha Cavalcanti que escreveu:

“O ideal de uma escola pública de qualidade é uma aspiração compartilhada pelos brasileiros. Sabemos que o desenvolvimento social do País passa pela melhoria do ensino público, no qual 82% das crianças e dos adolescentes brasileiros cursam a educação básica. A melhoria é vista como elemento social relevantíssimo, mas seria precisamente isto: uma questão social para os menos favorecidos. A escola pública de qualidade não é o local que se deseja para o próprio filho”.

Os mais ricos pensam igualmente que a escola pública é para pobre. Porque além de poderem enviar os seus para as melhores escolas do país e do exterior, já têm capital reservado para três gerações.

A classe média, sabendo da importância dos estudos, investe tudo o que pode na educação dos filhos, pela importância da ascensão social que representa. Qual a mãe ou o pai que não faz hora extra para poder pagar escola particular para o filho (“meus filhos não vão estudar com favelados”)? Não faz parte do anseio da classe média ter uma boa escola pública. Os afortunados e a classe média, embora invistam nas melhores escolas para os seus, acham que escola pública é com o governo. As famílias de menos recursos, com problemas, mesmo de subsistência, em sua maioria não possuem condições de dar assistência educacional aos filhos, e estes ficam na dependência das escolas públicas. Nas classes menos privilegiadas – D e – não é aspiração da família os filhos fazerem um curso superior. Se fizerem um técnico está bom. A educação é pouco vista como meio de melhorar a vida pelos mais necessitados e nem de grande importância para o desenvolvimento.

País em crescimento com problemas em todas as áreas e com poucos recursos para investimento, a educação nunca foi pensada nacionalmente como solução e não teve a atenção devida dos governantes. Para transformar a educação levar-se-ia dezenas de anos e, não havendo plano de estado, os governos que dependem de eleições para se manterem no poder optam por projetos imediatistas para mostrar seu trabalho. E mesmo o MEC não tem foco no ensino básico porque é coisa para município e estados.

Conclusão é o que escreveu Rocha Cavalcanti, “**todos torcem pela construção de uma boa educação pública, uma estrada que não desejam trafegar**”. E assim não saímos do círculo vicioso: sem educação a desigualdade social entrava o progresso e sem progresso o país não vai para frente.

Já abordei em diversos artigos as mudanças exponenciais que as tecnologias estão criando nos ambientes em que vivemos e trabalhamos.

Ensinar aos estudantes daqui para frente a fazer o que as máquinas não sabem é um desafio pequeno face ao retreinamento que as dezenas de milhares de pessoas precisarão fazer devido à mudança do perfil dos novos trabalhadores exigidos pelo mercado.

Tenho certeza de que precisa ter alguém no governo pensando nisso e não tem. Por isso quando idealizamos o **Movimento Brasileiro de Conscientização da Educação** um dos primeiros trabalhos a serem feitos será o de pesquisar o que os Institutos, as ONGs e as universidades estão planejando em torno do tema. Mas como precisamos ter foco, o desafio a vencer será o de **fomentar uma Consciência Nacional de longo prazo, que aceite tratar a educação de base como prioridade central com três metas:**

- estar entre os países de melhor educação,
- não perder nenhum cérebro por falta de escola e
- fazer do aprendizado um ambiente alegre e prazeroso que todos gostem de participar.

Tenho alguns amigos pensando em como viabilizar o projeto e colocá-lo em pé e como construir uma massa crítica de educadores, que pensam da mesma forma e que acreditam que não se trata de uma utopia. A melhor estratégia é pensar fora da caixa e contar com as novas tecnologias para viabilizar ideias jamais pensadas. Mas o primeiro passo será a questão da Comunicação para formar as redes colaborativas que possam atuar e levantar a autoestima para quem acha que nada sabe ([já escrevi sobre o pastor que por via Whatsapp trocava mensagens com trabalhadoras domésticas de como melhorar de vida](#)) e já entramos em contato com clube de aposentados que estão dispostos a ensinar em suas disponibilidades. Pensamos num projeto piloto para colocar em prática e logo começar a treinar os jogadores para os campeonatos que virão.

É hora de pôr a mão na massa e fazer acontecer!

A ESCOLA SÓ É BOA QUANDO O ALUNO APRENDE

(22/09/2020)

[ACESSE AQUI](#)

“A educação escolar necessita assegurar novas aprendizagens, com prioridades de avaliações consistentes, frutos de desafios curriculares próprios da educação contemporânea, com transparência das ações da escola.”

(Prof. Vasco Pedro Moretto)

Há muitos institutos e fundações que desenvolvem iniciativas de realce em prol a educação brasileira. Registramos ao final do texto[i] algumas entidades que fazem um belo trabalho de incentivo para que nossos estudantes aprimorem suas competências.

Nossos últimos artigos mostram que o Brasil precisa querer colocar-se entre os 10 melhores participantes do “campeonato mundial de educação”. Razão de entrevistar Helena Neiva¹, presidente da

1 Helena Neiva é responsável pelo desenvolvimento e implementação de projetos de alto impacto social, para pessoas com diferentes graus de vulnerabilidade, englobando programas para o desenvolvimento da primeira infância, a melhoria da aprendizagem dos alunos nas escolas públicas e a humanização do sistema prisional. Atualmente preside a Fundação Pitágoras, e lidera os movimentos Cons-piração Mineira e Aliança Brasileira pela Educação. É graduada em Comunicação Social (UFMG), com especialização em Gestão Educacional (Faculdade Pitágoras) e formação no Programa de Liderança Executiva em Desenvolvimento da Primeira Infância (Harvard).

Fundação Pitágoras, para conhecer o trabalho que está sendo feito há vinte anos para aprimorar os educadores a utilizarem uma metodologia para seus estudantes terem êxito no SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica. Eis as questões:

Gabriel Mario Rodrigues – Quais são os objetivos concretos do SGI – Sistema de Gestão Integrado para os alunos do ensino básico?

Helena Neiva – O filósofo romano Sêneca, que viveu no início da era cristã, nos ensina que “para quem não sabe onde ir, não existe vento a favor”. Outra constatação recorrente dos tempos atuais diz que só se pode melhorar aquilo que se consegue medir. Em última instância, o propósito de uma escola, a sua razão de existir, é o aluno! E, para ser mais precisa: a aprendizagem do aluno! O que nos leva a uma constatação óbvia, mas que não pode ser ofuscada: A ESCOLA SÓ É BOA QUANDO O ALUNO APRENDE! Os resultados a serem buscados por uma escola são, portanto, os altos níveis de aprendizagem dos alunos, que é o propósito do nosso SGI.

GMR – Na prática, o que está sendo feito em relação à melhoria da aprendizagem dos alunos nas escolas públicas?

Helena Neiva – A Fundação Pitágoras desenvolveu uma metodologia de gestão especialmente talhada para redes públicas de ensino da educação básica – o Sistema de Gestão Integrado (SGI) – que, ao longo das últimas duas décadas, impactou centenas de escolas e centenas de milhares de alunos e educadores por todo o Brasil. Essa metodologia envolve todos no processo educacional (lideranças, educadores e alunos) que se mobilizam na mesma direção, razão máxima de ser de toda escola: o alto nível de aprendizagem dos alunos. Atualmente essa metodologia está em processo de transformação digital, evoluindo de um modelo 100% presencial, para um formato híbrido, no qual grande parte do programa será ofertado no modelo EAD, mantendo alguns encontros estratégicos presenciais.

Nesse novo modelo, que estará disponível a partir do início de 2021, será possível levar esse benefício para um número maior de escolas em menos tempo, alcançando alta escalabilidade com custo ainda mais reduzido.

GMR – O que é de fato este Sistema de Gestão Integrado?

HN – Cada sigla do SGI ilustra bem no que consiste o programa:

Sistema: a metodologia engloba e trabalha com todos os sistemas que compõem uma comunidade escolar – Secretarias de Educação, Escolas, Classes e Alunos. Portanto, a partir da liderança da Secretaria até o chão da sala de aula.

Gestão: o programa tem como foco a gestão, e não interfere nas práticas pedagógicas ou no material didático, por exemplo. São trabalhados sete elementos da gestão, adaptados para a realidade escolar: 1. Liderança; 2. Finalidade (necessidades e expectativas a atender); 3. Plano a seguir; 4. Processos de trabalho; 5. Pessoas trabalhando; 6. Informações; 7. Resultados.

Integrado: a metodologia integra/alinha os esforços dos diferentes sistemas, colocando todos remando na mesma direção: o alto nível de aprendizagem dos alunos.

GMR – Esse curso é oferecido para o diretor e professores de cada escola?

HN – Antes de mais nada é importante registrar que o SGI não é um curso. Seu grande diferencial é promover o aprendizado em ação. Durante cerca de 2 anos, gradativamente, o conteúdo vai sendo trabalhado com os educadores, e, na medida em que aprendem e assimilam os conceitos, implantam no seu dia a dia. É uma formação “mão na massa” e ao final do programa os participantes dominam a

metodologia e seguem de forma autônoma com uma nova maneira de atuar, não trabalhando mais, mas trabalhando melhor.

GMR – Como a tecnologia colabora no processo?

HN – Um dos principais valores do SGI é a gestão centrada na aprendizagem e o foco em resultados. Sempre soubemos a força de impacto do SGI, mas, recentemente, graças à tecnologia atual, conseguimos criar um dashboard (painel de controle) alimentado diretamente da base de dados do INEP, que mostra a evolução do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica)² em todas as escolas públicas de educação básica do Brasil, e também nos dá um diagnóstico individualizado de cada escola, o que nos permite entender quais engrenagens acionar para promover uma evolução mais rápida e efetiva.

Com o dashboard conseguimos analisar de forma comparativa, com total segurança e confiabilidade dos dados, o desempenho das escolas que aplicaram a metodologia com as escolas que não o fizeram, constatando que as escolas com SGI apresentam resultados superiores. tanto nos anos iniciais, quanto nos anos finais do Ensino Fundamental, comprovando de forma inequívoca a efetividade do programa.

2 IDEB é o principal termômetro da qualidade das escolas públicas brasileiras. Varia de 1 a 10 e leva em conta a taxa de aprovação e as notas de português e matemática alcançadas em testes padronizados por todo o Brasil (Prova Brasil, hoje denominada SAEB). O indicador ajuda a sociedade a acompanhar a evolução das escolas e a estabelecer metas de desempenho. No ano de 2022 (bicentenário da Independência do Brasil) o País precisa alcançar as seguintes metas como média nacional: 6,0 para os anos iniciais do Ensino Fundamental; 5,5 para os anos finais; e 5.2 para o Ensino Médio. O exame é aplicado a cada dois anos para todos os alunos de escolas públicas do 5o e 9o anos do Ensino Fundamental e 3o ano do Ensino Médio. A aplicação acontece nos anos ímpares, e a divulgação dos resultados nos anos pares.

GMR – Como estão sendo os resultados práticos da implantação do SGI?

HN – Para os anos iniciais do Ensino Fundamental, a média dos resultados das escolas que implantaram o SGI (859 unidades pelo Brasil) chega a ser 0,5 pontos superiores em relação à média dos resultados das escolas que não implantaram. Na prática esse acréscimo representaria 1 ano a mais de escolaridade para os alunos. Para os anos finais, a média das escolas com SGI chega a ser 0,2 / 0,3 pontos acima da média nacional. Importante lembrar que uma evolução de 0,2 pontos no IDEB a cada ciclo de avaliação é considerada satisfatória.

Sob qualquer ponto de vista, o SGI não apenas acelera o processo de evolução, como também promove saltos muito expressivos, encurtando em muito o caminho traçado rumo à melhoria da qualidade das escolas públicas do Brasil. Quando pensamos que cerca de 80% das crianças e dos jovens brasileiros cursam a educação básica na rede pública, mostra a importância que o SGI promove. Um guia para acompanhar realmente se o aluno está aprendendo.

[Link para a imagem](#)

SGI – Hoje

- Estamos implantando o SGI em todas as escolas públicas de Brumadinho (23 no total), impactando cerca de 7 mil alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio.
- Próximo município a receber o SGI será Breves, localizado na Ilha do Marajó / PA. Essa região, apesar de ser um dos locais mais bonitos do Brasil pela exuberância da natureza, é a região com o maior índice de abuso infantil do País. Breves tem os piores IDEB e IDH do Estado, e com o SGI vamos impactar quase 16 mil alunos em 31 escolas públicas da cidade. Início previsto: março/21.

Esse e tantos outros exemplos nos sinalizam que temos muitas pessoas, empresas, instituições e fundações estão atuando para que em nosso país a educação seja tratada como base e prioridade central para nosso desenvolvimento. Enquanto não houver um plano de estado e uma grande mobilização nacional, as redes colaborativas são o caminho para colocarmos o Brasil e os brasileiros no topo do campeonato.³

3 Institutos e fundações que desenvolvem iniciativas para aprimoramento da educação nacional:

[Aprendendo Sempre](#)

[Centro de Inovação para a Educação Brasileira](#)

[Ensina Brasil](#)

[Fundação Bradesco](#)

[Fundação Dom Cabral](#)

[Fundação Lemann](#)

[Fundação Pitágoras](#)

[Fundação Roberto Marinho](#)

[Imaginable Futures](#)

[Instituto Alana](#)

[Instituto Ayrton Senna](#)

[Instituto Claro](#)

[Instituto Cyrela](#)

[Instituto Ismart](#)

[Instituto Maria Cecília Souto Vidigal](#)

[Instituto Natura](#)

[Instituto Península](#)

[Instituto Ponte](#)

[Instituto Samuel Klein](#)

[Instituto Semear](#)

[Instituto Sonho Grande](#)

[Instituto Unibanco](#)

[Instituto Votorantim](#)

[Itaú Social](#)

[Movimento Colabora Educação](#)

[Movimento pela Base](#)

[Oi Futuro](#)

[Portal Aprendiz](#)

[Porvir](#)

[Quíron Educação](#)

[Todos pela Educação](#)

O QUE FAZER QUANDO A PANDEMIA ESCANCARA AS DESIGUALDADES SOCIAIS E ECONÔMICAS BRASILEIRAS

(29/09/2020)

[ACESSE AQUI](#)

*“O Brasil não voltará a crescer de forma sustentável enquanto não reduzir sua desigualdade e a extrema concentração da renda no topo da pirâmide social.
Thomas Piketty – Economista”*

Um renomado economista americano em viagem à China no século passado, convidado a visitar a construção de grande via estadual, ficou estarecido quando viu que para abri-la operários usavam enxadas, pás e picaretas e a terra era transportada por carroças. Perguntando aos construtores por que não usavam retroescavadeiras e caminhões, a resposta veio seca: é para dar trabalho a toda esta gente. E “o renomado” retrucou jocosamente: então por que não usam colheres? Busca de trabalho entre cidades, regiões e países pelas correntes migratórias foi e ainda é uma constante pela luta do pão de cada dia. Guardada as proporções, o Brasil, um país em desenvolvimento, com enorme extensão territorial, com muitas indústrias e empreendimentos, tem muito ainda a ser construído. Criar empregos e ocupações para toda a população é um desafio monumental para o governo, que precisa ter profissionais estrategistas planejando 24 horas por dia mecanismos para o país enfrentar não só esse problema, mas tantos outros que precisam de solução.

E, para isto, vai precisar romper culturas, tradições, tabus e pensar fora da caixa. Um exemplo é construir uma cidade polo de atração internacional de desenvolvimento na Amazônia, como escreveu o jornalista Fernando Gabeira numa de suas crônicas. Mais cedo ou mais tarde, a questão do emprego para todos será um desafio maior do que a questão da saúde que estamos passando agora, porque, além de promover o trabalho, precisamos treinar e retreinar pessoas e dar outros instrumentos para que tenham qualidade de vida. A pandemia foi o gatilho para mostrar ao mundo diversos problemas crônicos. Mas também evidenciou o novo cenário onde muitas formas de trabalho e ocupação deixarão de existir, fora aquelas que já estavam sendo substituídas pelas máquinas, o que muda completamente o mercado das ocupações laborais. Em agosto escrevi o artigo “O desafio do mundo futuro é criar trabalho para todos” e citei a reflexão do escritor israelense Yuval Noha Harari:

“Ha três questões em relação ao futuro do trabalho: - o que fazer para impedir a perda de empregos; - o que fazer para criar empregos novos; - e o que fazer se, apesar dos nossos melhores esforços, a perda de empregos superar consideravelmente a criação de empregos.”

Achando que a ajuda do governo seja suficiente com medidas de amparo social e alisando as três hipóteses, profetiza “não sabemos se bilhões de pessoas serão capazes de se reinventar repentinamente, sem perder o equilíbrio mental”. Relato agora de maneira mais enfática as declarações do economista Daniel Susskind, autor dos livros “Futuro das Profissões” (ed. Gradiva 2019) e “Um mundo sem trabalho” (Porto Ed), em entrevista dada ao jornal Folha de São Paulo no sábado (26/09) sobre a distribuição da prosperidade. Ele é professor da *Oxford University* e diz que **“é papel do Estado distribuir renda e evitar o aumento das desigualdades.”**

O avanço da tecnologia, com certeza, vai aumentar a produtividade em nossas atividades, mas vai, também, reduzir a oferta de empre-

gos. O trabalho, que era um mecanismo para a distribuição de renda, não é mais. Os robôs, cada vez mais presentes, não vão assumir as empresas de uma hora para a outra, mas serão um fator de substituição de mão de obra humana por tecnologia. Então, o que será feito para reduzir as desocupações o que, por tabela, aumenta as desigualdades? Não conseguir emprego e não ter como trabalhar é um flagelo social que sem dúvida acontecerá e políticas públicas devem se antecipar a essas crises decorrentes. O fato é que o Brasil real e atual, e sem falar do futuro, já tem um problemão de como dar trabalho a cerca de 60 milhões de pessoas desempregadas ou na informalidade, sem proteção trabalhista ou previdenciária. O grande desafio é como planejar o desenvolvimento para o país crescer econômica, social e culturalmente e ter trabalho ou ocupações para todos. Além disso, é preciso criar um sistema educacional capaz de capacitar profissionalmente nesse novo cenário que já está batendo às nossas portas. Uma das decisões do Fórum Econômico Mundial de Davos, na Suíça, do início do ano, advinda da discussão dos executivos das 120 maiores empresas do mundo, foi de que **“deveriam também se preocupar com o meio ambiente, com a realidade social e com a governança dos locais onde estão sediadas.”**

O Capitalismo responsável, como ideologia, deveria aproveitar a capacidade de criatividade e de inovação do setor privado para colaborar para que todos os cidadãos tenham melhor qualidade de vida. Sem falar da falta de oportunidades de trabalho. Está evidente que não temos um sistema educacional capaz e competente para preparar os profissionais para enfrentar os desafios do futuro. Para as instituições educacionais particulares, que são pagas, agora, mais do que nunca, ficaram mais evidentes os grandes desafios que surgem pela frente como o de **preparar nossos estudantes para viverem num mundo repleto de transformações radicais e de incertezas. Que tipo de habilidades vão precisar ter para conseguir trabalho e para empreender e, principalmente, como aprender num mundo**

onde tudo muda a cada instante? Para as classes A e B, as questões do aprendizado se resolvem, mas para as classes C, D e E, com menos recursos e que dependem de escola pública nem sempre bem estruturada, as dificuldades são maiores e, como as políticas públicas não as atingem com eficiência, as oportunidades de aprendizagem não são iguais. O prof. Cristovam Buarque sinaliza que as brechas se ampliaram e precisaremos atuar para igualar:

- A educação dos ricos com a dos pobres;
- A educação do Brasil à dos demais países;
- As crescentes necessidades da educação de um mundo em transformação e o nível da educação oferecida.

Um dos legados que a pandemia está deixando, além de escancarar todas as nossas desigualdades, é o controle ambiental, o atendimento da saúde e a questão da solidariedade para a solução dos problemas sociais (todos viram os grandes investimentos das empresas, das comunidades e das pessoas em atividades colaborativas). E também que as empresas e sociedade precisam perceber que diferenças sociais são empecilhos de uma boa democracia. Como nossa tese é a de que só a educação salva este país, e que não há políticas públicas focadas nesta solução, o caminho é criar um movimento para sensibilizar a nação sobre o valor desenvolvimentista da educação, para que, de forma colaborativa, Estado, empresas, sociedade, instituições, famílias possam, em suas áreas de influência, atuarem solidariamente. Trabalho e ocupação aos sem recursos para poderem sobreviver é urgente e imediato. Mas precisamos não esquecer que devemos estar preparados para enfrentar o futuro, razão de colocarmos como meta principal oferecer escola pública de qualidade, para que estudantes de todas as camadas sociais tenham as mesmas oportunidades, pois, afinal, para serem cidadãos brasileiros devem ter igualdade de oportunidades. Como colocar esta proposta em ação é um bom desafio para testarmos como vai o nosso capitalismo responsável.

FORMAÇÃO DE TALENTOS PARA OS DESAFIOS DOS NOVOS TEMPOS

(06/10/2020)

[ACESSE AQUI](#)

“O desemprego não desaparece de repente. Para que a situação melhore, não basta haver investimentos, é preciso melhorar as escolas e a formação das pessoas.” (Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente da República e sociólogo)”

Desde abril do corrente ano, cerca de 66 milhões de pessoas receberam o Auxílio Emergencial decorrente da situação motivada pela parada total das atividades por causa do coronavírus. Contando-se o número de pessoas de cada família, o benefício atingiu mais de 126 milhões de pessoas, cerca 60% da população.

Na realidade, assim como fez no resto do mundo, a pandemia atingiu a economia e desestabilizou a maioria dos negócios com as atividades que envolviam áreas de todo os matizes. Daqui para frente, para que este auxílio não se torne definitivo, a sociedade, o estado, os estudiosos e cientistas, os empresários e a universidade deverão buscar entre seus cérebros privilegiados soluções para haver trabalho e emprego e, conseqüente, desenvolvimento no Brasil. Caso contrário o país quebra!

Conseqüentemente, a preparação de recursos humanos agora deve ser estratégica, pois a formação profissional tem que estar alinhada também, para atender às transformações tecnológicas de um mundo

completamente diverso do atual. Por isso, temos batido sempre na mesma tecla, de que, se o Brasil quiser almejar estar entre as 10 nações mais desenvolvidas e prósperas, seu sistema educacional público também deverá ter este anseio, porque, para crescer ou se desenvolver em qualquer plano que se faça, uma das estratégias será a qualidade da educação.

Em artigo anterior, citei o Prof. Cristovam Buarque que escreveu que a pretensão de ser sempre campeão de futebol é anseio nacional, mas em educação, até hoje ninguém insistiu nisso. E também, que não temos consciência do papel da educação como recurso de progresso nacional. Cada aluno que abandona a escola é um cérebro a menos sem formação. É uma perda para todo o país e não somente para o jovem e sua família.

Provocado sobre a mesma questão, o prof. Eduardo Giannetti da Fonseca mostra a responsabilidade do governo e da sociedade em empreender iniciativas para que a formação do capital humano promova processos de ensino e aprendizagem condizentes com os anseios e necessidades do país. E, falando sobre o futuro, não deixa de citar que a melhoria da qualidade do ensino é um dos pilares de uma nação bem construída (o outro é o cuidado com o meio ambiente).

Ele acredita que as classes alta e média valorizam a educação como uma das portas – talvez a única – para o sucesso pessoal e para o país seguir numa rota de crescimento saudável e expressivo. Porém, dá exemplo dos estudantes descendentes de asiáticos, cuja população corresponde a 3% da população paulista e que obtém 12% das vagas disponibilizadas no Fuvest. As famílias vieram para o Brasil sem nenhuma vantagem ou facilidades e seus filhos sem privilégio algum, fizeram a mesma escola pública dos paulistas e por que então obtiveram melhores resultados?

“A explicação é que as famílias orientais têm a tradição e a cultura de dar todo o suporte no dia a dia: além de acompanhar a aprendizagem e cobrar resultados, elas incutem na criança a necessidade de tirar o melhor proveito da oportunidade que estão tendo de estudar.”

A importância da integração entre a escola e a família é fundamental e crucial para o bom resultado escolar, sendo tema desenvolvido por diversos autores, entre eles, o Prof. Cícero Barboza, doutorando em Educação Escolar pela Unesp de Araraquara. Para contextualizar esta visão, replico trecho de seu artigo.

“Acredita-se que a família é a base principal da criança, fornecendo proteção, amor, conhecimentos e valores. Dessa forma, passa a ser a primeira a estabelecer contanto de interação do indivíduo com o meio social, através das relações, experiências familiares que são responsáveis para a formação do caráter dentro do âmbito familiar, escolar e social, pois é na família a primeira escola da criança, ficando o professor para dá continuidade nos aprimores da vida.

Percebe-se que quanto mais a família participa mais eficaz é o trabalho da escola, pois dessa forma, cada um se dedicará as suas atribuições.”

A pandemia está mostrando todos os problemas que temos em nossas áreas específicas e cada um está procurando dar um jeito de sobreviver em seu negócio e atividade. Mas se não houver alinhamento de objetivos macroeconômicos, sociais e ambientais, no sentido de sermos um país mais harmonioso e igual, nada conseguiremos. E tudo começa com educação pública de qualidade. O grande desafio é criar esta consciência coletiva do valor da educação e como conseguir reunir e motivar gente que pensa da mesma forma.

Estou dialogando com alguns amigos sobre como avançar nesta ideia de conscientização nacional e outro dia um deles me disse “porque você não faz um World Café a respeito?”. É uma boa estra-

tégia de colaboração para intercâmbios de ideias que pretendo desenvolver nas próximas edições. Vamos nos organizar para o Primeiro Word Educacional, que nada mais é do que uma metodologia de conversa em grupo, bastante utilizada em todo o mundo. Criada por Juanita Brown e Davi Isaacs em 19995 na Califórnia/EUA, é uma técnica muito útil para estimular a criatividade, explorar temas relevantes para o grupo e criar espaço para que a inteligência coletiva possa emergir.

Para começar, elenco os principais temas que vão servir para início de discussão:

1. O que precisamos fazer para colocar o Brasil entre os dez países com melhor pontuação no Pisa até 2030?
2. Qual estratégia a adotar para conscientizar e fazer essa iniciativa criar um impacto na sociedade civil organizada, utilizando ações motivadoras para que isso aconteça?
3. Como sensibilizar os poderes constituídos – Congresso Nacional, Poder Executivo e Poder Judiciário – e, principalmente, o sistema educacional para aderir, apoiar e ajudar a implantar a estratégia melhor?
4. Como sensibilizar as famílias da importância da educação, para que possamos melhorá-la e formarmos talentos, para não continuarmos dependentes do resto do mundo em tudo?
5. Promover um Campeonato Nacional de Educação, onde todos vão lutar para se classificarem nos melhores lugares e conseguirmos com o tempo ganhar o Campeonato Mundial.
6. Levantar quanto se gasta em educação, como se gasta e quanto seria o custo para implementar a estratégia e ações selecionadas.

Esses temas podem ser melhor qualificados, melhor definidos e também ser substituídos por outros mais estratégicos, mas sem

perder o foco de que precisamos com urgência mudar a educação brasileira para melhor e assim não perdermos o bonde da história.

Todos unidos será mais fácil enfrentar esse desafio! Quem se habilita?

O DESAFIO DE SER PROFESSOR NUM MUNDO EM ACELERADA TRANSFORMAÇÃO

(13/10/2020)

[ACESSE AQUI](#)

“Vivemos no tempo do RE: Repensar, refazer, ressignificar, reconstruir, remodelar. E agora venho para complicar um pouco mais ainda: é hora de se REINVENTAR, e digo mais, é de fundamental importância.”

(Prof. Francisco Morales – Diretor pedagógico do grupo educacional Vereda)

Todos devem lembrar do megaterremoto de 9,3 graus de magnitude, o mais intenso dos últimos 40 anos, que atingiu Aceh, ao norte da ilha indonésia de Sumatra, no mês de dezembro de 2004, provocando um tsunami que foi até a costa da Somália. As ondas atingiram vários países do Oceano Índico e tivemos 170 mil mortos só na Indonésia, totalizando mais de 220 mil vítimas fatais.

No Brasil, com o rompimento da barragem em Brumadinho, em janeiro de 2019, deu-se também um dos maiores desastres ambientais do país, tragédia que causou 259 mortes e mais 11 desaparecidos.

Todos devem ter na memória as imagens que as TVs mostravam das ondas gigantes destruindo as propriedades que surgiam à sua frente e a avalanche de terra e água rompendo as barragens da Mina do Córrego do Feijão de Brumadinho, transpassando e se alastrando sobre tudo que estava no caminho.

Essas trágicas cenas da Indonésia e de Brumadinho são mais impactantes do que as que acompanhamos com as notícias do coronavírus, que só mostravam caixões mortuários. As primeiras nos vêm à mente com mais facilidade, porém, na realidade, os transtornos econômicos e sociais trazidos pela pandemia são muito mais profundos e superam as dezenas de trilhões de dólares, arrasando países, empresas, negócios e atividades estáveis, da noite para o dia.

O acontecido com a pandemia não tem retorno. Daqui para frente o mundo será conhecido por Antes e Depois da Pandemia. A vida mudou de uma hora para outra e, acima de tudo, antecipou uma realidade em que todos vão ter de reaprender a viver, trabalhar, a relacionar-se, a transitar, a morar e a colaborar entre si.

Se, de acordo com o historiador britânico Eric Hobsbawm, o século 19 terminou com a Primeira Grande Guerra (1914/20), o século 20 terminou agora com a Covid-19 e o século 21 está começando com a tecnologia, com o banco de dados, com a inteligência artificial e o mundo digital, definindo as diretrizes para todos os produtos e serviços, e logicamente a educação não poderia deixar de ser influenciada.

Não tenham mais dúvida alguma, a sala de aula não vai mais retornar a ser o que era, e o papel do professor vai se transformar totalmente. Como diz Andreas Schleicher, diretor da divisão de educação da OCDE, “os docentes precisam ser os protagonistas dessa mudança e não apenas implantadores de aplicativos. Se isso não acontecer, colocar a tecnologia na frente dos alunos não vai fazer diferença”.

Na reflexão que fazemos para o dia do professor, é justamente o que desejo evidenciar: o professor como protagonista de uma mudança e não um simples repetidor de informações. A receita não é fácil de ser realizada, mas capacitar o professor é a única fórmula que está dando certo. Me apoio na pesquisa da consultoria americana McKin-

sey, que estudou 25 sistemas escolares, incluindo os dez melhores, e que chegou a quatro lições básicas das razões dos sistemas de ensino com melhor desempenho. Os sistemas de ensino mais exitosos aplicam esta fórmula:

Selecionar as pessoas certas para serem professores;

Apoiar os professores para serem excelentes profissionais motivadores do sucesso do aluno;

Não deixar nenhum aluno para trás e estimular a autoestima;

Assegurar que o sistema esteja apto a proporcionar a melhor educação possível para cada criança.

A síntese de tudo é que professor não pode ser qualquer um, porque o sucesso do aluno está baseado em sua motivação e autoestima. A lógica do ensino está centrada na lógica do aprendizado do aluno e sua construção como cidadão. Professores são os grandes mentores e facilitadores do conhecimento dos estudantes. Professor do futuro é o facilitador do processo de aprendizagem. Ele compartilha seu protagonismo com os alunos e faz da sala de aula um espaço seguro de troca de experiências.

Se aconselhamento pudesse ser dado, na comemoração do dia do Professor eu ofereceria a seguinte reflexão:

Não existe mais a figura do transmissor de conceitos e definições, isto o Google dá de graça. Hoje ele é mais um mentor, um mediador, curador e enfim um educador para mostrar caminhos para o aprendiz se motive a encontrar soluções para os desafios da vida.

Para complementar, trago aqui 10 competências reservadas ao professor do Futuro, adaptadas de artigo de Debora Noemi, especialista em Tecnologia Educacional:

Buscar o aprimoramento constante. O mundo muda a cada instante e o professor deve acompanhar as nuances do desenvolvimento, para estar preparado para atuar em qualquer área.

Dominar a comunicação para ser aplicada às diversas mídias e contextos em que é exigida, quer seja a comunicação pessoal, ou nos diversos ambientes.

Praticar a escuta Ativa que nada mais é do que ouvir o outro ou a conhecer com profundidade quem é o seu aluno.

Desenvolvimento das habilidades socioemocionais. Trabalhar o autoconhecimento e a gestão das emoções, para ter empatia com seus estudantes.

Estar atento à colaboração de outras áreas de conhecimento. O professor do futuro não pode estar restrito à sua área de formação. Ele deve estar aberto a todo o conhecimento e informações que possam colaborar para aprendizagem inovadora.

Lidar e aprimorar seu conhecimento de tecnologia. É imprescindível acompanhar, dominar e lidar com as novas tecnologias, dentro e fora da sala de aula.

Ser um curador de conteúdos. A proposta pedagógica, a linguagem do conteúdo deve permitir o uso da tecnologia para aprimorar o processo de aprendizagem.

Trabalhar o pensamento crítico dos alunos. O professor deve ter em mente que muito mais de passar conteúdos, ele deve contribuir positivamente com a forma de pensar dos alunos.

Usar as metodologias ativas de ensino. São necessárias para dar aos alunos o papel de protagonista na construção do conhecimento.

Estimular o Empreendedorismo. A dinâmica de criar desafios para desenvolver a criatividade dos estudantes para encontrar soluções para os problemas do dia a dia é estratégia para formar mentes brilhantes e realizadoras.

O fato incontestável é que a pandemia veio mostrar que o aprendizado não está centrado mais na sala de aula. No início do ano escolar, vimos instituições de ensino particulares se estruturarem para o ensino online rapidamente. E pouco a pouco também os alunos foram se adaptando aos novos tempos.

A palavra da vez, **REINVENÇÃO**, já faz parte da jornada educacional, o que nos permite cumprimentar todos os mestres pela sua colaboração e pelo seu trabalho de vencer com êxito um desafio que ninguém esperava.

A EDUCAÇÃO PRECISA MOVER-SE URGENTEMENTE, POIS 2050 ESTÁ CHEGANDO E COM ELE GRANDES DESAFIOS

(20/10/2020)

[ACESSE AQUI](#)

“É essa entidade híbrida ‘pessoas-ferramentas-processos’ que produz e altera o que há no mundo. Nada funciona sem as três juntas. Elas agem como um amálgama que chamaremos de ‘tríade’. A ‘tríade’ é que é a verdadeira tecnologia que governa o mundo, não as ferramentas específicas que nos acostumamos ao termo ‘tecnologia.’” (Clemente Nóbrega, autor do livro “A tecnologia que muda o Mundo”)

Um amigo enviou-me uma mensagem pelo WhatsApp destacando uma declaração de Salman Khan, fundador da Khan Academy, que diz em entrevista publicada pela [Revista Telos nº 114](#), da Telefônica, que **“Entre a tecnologia e o bom professor, eu escolho o último”**, justificando, por ser o mais importante no processo de ensino e aprendizagem:

“A tecnologia é um meio extremamente importante e certamente contribui para que o professor exerça cada vez melhor suas atividades docentes. Entretanto imaginar que as escolas possam prescindir dos professores é um equívoco que poderá custar muito caro para a educação. Ao contrário, a escola deve valorizar o professor, reconhecer suas atividades e motivá-lo continuamente a desempenhar seu bom trabalho”.

Sem discordar em nada da assertiva, gostaria de salientar que, se perguntarmos a um médico, ou a um engenheiro, ou a um empresário, ou a qualquer outro profissional, o que é tecnologia, tenho certeza de que as respostas serão diferentes e até conflitantes. O site [Tecmundo](#) traz o conceito descrito no dicionário Houaiss sobre o termo:

“1. Tratado das artes em geral; 2. Conjunto dos processos especiais relativos a uma determinada arte ou indústria; 3. Linguagem peculiar a um ramo determinado do conhecimento, teórico ou prático. Ou, mais claramente: 4. Aplicação dos conhecimentos científicos à produção em geral.”

Com base na explicação e na complementação do site, podemos dizer que:

tecnologia é o uso de técnicas e do conhecimento adquirido para aperfeiçoar ou facilitar um trabalho ou atividade existente, uma resolução de um problema, ou a melhoria de funcionamento de um aparelho qualquer.

Sempre houve mentes criativas que, desde a descoberta do fogo, transformaram blocos de pedras em ferramentas fantásticas e madeiras em armas, dos barcos a remo em transatlânticos, dos balões em aeronaves e supersônicos, e assim por diante.

Todo o desenvolvimento da humanidade nasceu da transformação de ideias em ferramentas, aparelhos e máquinas para o melhor desempenho no trabalho, tendo sempre como impulsionadora a mente humana e tendo como paradigma as Ciências. A tecnologia é o que movimenta a ideia. É o desenvolvimento do cérebro que revolucionou os sistemas de resolução. Em síntese, é o uso da cabeça como ferramenta ao invés dos músculos e mãos.

A principal invenção da humanidade foi a linguagem. Há oitenta mil anos o homem conseguiu transformar seus pensamentos e, pelas cordas vocais, transmitir sons que significavam palavras, que diziam coisas, e juntas expressavam sentenças, que unidas representavam ideias, que estruturadas viravam conhecimento. A significação faz parte desse início. E, para ensinar, usava a fala, transmitida pelas gerações por um personagem chamado professor. Inicialmente, o aprendizado era retido pela memória do aprendiz. Depois, com a escrita, o professor as colocava no quadro negro e os estudantes copiavam em pequenas lousas. Com o tempo, em cadernos, e depois vieram os livros. Com pequenas modificações, em razão da eletricidade, vieram os mimeógrafos, os gravadores e depois os projetores. Pouco mudou, até entrarmos na era da eletrônica e dos computadores, quando o sistema educacional precisou se adaptar às novas descobertas e ao novo cenário da tecnologia.

Há mais de dois séculos tudo era repetido igualzinho e do mesmo jeito e a toda hora, até que um “viruzinho” danado querendo destruir os humanos, acabou por colocar a educação de ponta cabeça, pois, para evitar a infecção, as pessoas não podiam estar mais juntas numa sala.

Foi aí que o mundo desabou, porque a maioria dos professores só sabia atuar em aula presencial, esquecendo que, há mais de cem anos, já existia aula pelos Correios e há cinquenta as novas mídias começaram a serem usadas para ensinar.

A pandemia veio só adiantar uma realidade já evidenciada pela Tecnologia da Informação, onde, além do presencial, o aprendizado podia ser concretizado por diversos meios, canais e, principalmente, através de uma telinha que cabe na mão e que pode receber qualquer conteúdo e transformá-lo em narrativas interessantes e ilustrativas. Foi decretado: daqui para frente, a tela é a interface que usa todos os recursos tecnológicos para dar informações e ensinar e educar.

Homem e tecnologia constituem uma mesma plataforma, com seus filtros, e deverão ser parceiros e unidos; deverão trabalhar para fazer chegar às pessoas o conhecimento, a realidade, e isso ocorre, principalmente, na área da educação, pois só ela pode plasmar os cérebros que, se bem formados, serão os responsáveis pelo progresso humano.

Portanto, não há o que escolher quem é o melhor, se o professor ou a tecnologia, pois ambos têm de contribuir para a remodelação dos sistemas educacionais. A realidade cruel mostrou que estamos defasados em dezenas de anos. E, para o bom entendedor, significa: ultrapassados.

“Os docentes atuais e futuros devem ser os protagonistas de todas essas mudanças”, escrevi em [meu último artigo](#). Não existe mais a figura do transmissor de conceitos e definições e acrescento: agora é com quem está atrás da tela. Ele é o mentor, o mediador, o curador e muito, muito mais do que isso, um educador para orientar os caminhos para uma vida sã, profícua e feliz. E para tal ele deverá se atualizar a vida inteira e, acompanhando o aconselhamento de [Deborah Noemi](#), deverá:

- *Buscar o aprimoramento constante;*
- *Dominar a comunicação para ser aplicada às diversas mídias e contextos;*
- *Entender as demandas de conhecimento do aluno;*
- *Desenvolver suas habilidades socioemocionais;*
- *Estar atento à colaboração com outras áreas de conhecimento;*
- *Lidar e aprimorar sua habilidade em tecnologia educacional;*
- *Ser um curador de conteúdo;*
- *Trabalhar o pensamento crítico dos alunos;*

- *Usar as metodologias ativas de ensino;*
- *Estimular o empreendedorismo.*

Enfim, o professor é o personagem principal que lidera o aprendiz hoje e amanhã.

Como consequência desse novo cenário, das ciências, das tecnologias e do desenvolvimento do conhecimento, o mundo passa por transformações em todos os setores de produção e serviços, requisitando em todos os graus recursos humanos qualificados e preparados para acompanhar o avanço desigual que acontece em toda a parte. E, para responder a esta demanda de mão de obra, os sistemas educacionais estão sendo contestados por estarem obsoletos e ultrapassados, e por não conseguirem acompanhar os novos arranjos do progresso advindo da aplicação das novas tecnologias. Governos são imediatistas e preocupados com sua continuidade, só dão atenção ao que dá repercussão hoje e não se incomodam com a sustentabilidade dos dias do amanhã.

Razão de continuamente escrever que só um plano de estado resolve, onde a educação deva ser entendida como uma questão vital para a nação ser viabilizada e independente. E, para isso, o sistema particular de ensino já cumula experiência para mostrar o que se pode fazer. Unidos, empresa, universidade, governo, sociedade, família e estudantes saberão preparar o Brasil de 2050.

COMO CONSTRUIR UM BRASIL MELHOR PELA EDUCAÇÃO

(27/10/2020)

[ACESSE AQUI](#)

“A educação requer novas formas, novos conteúdos e novos modelos. A educação na sociedade digital não tem espaço, nem tempo. É multidirecional porque na sociedade em rede a riqueza está nas conexões, na globalidade, na abertura. Em uma sociedade em transformação permanente, a inovação é contínua e se acabaram as certezas e só, pelo intercâmbio constante de experiências e de conhecimentos será possível o progresso pessoal e coletivo”.

Juan Manuel Zafra- diretor de Telos

O livro “O futuro da humanidade” de Michio Kaku traz com bastante clareza o perfil do Homo Sapiens com a seguinte colocação: “Quando comparado com outros animais percebemos na média, sermos mais fracos e desajeitados. Não corremos tão rápido, não possuímos qualquer tipo de garras, não voamos, nosso olfato não é apurado, não somos dotados de armadura, não somos muitos fortes e nossa pele não tem uma camada protetora de pelos e é bastante delicada. Em cada categoria vê-se que há animais superiores no aspecto físico. Por sermos fracos e desajeitados, sofremos enormes pressões para adquirir as habilidades que faltava em outros animais. Para compensar nossas deficiências, tivemos de nos tornar inteligentes para vencer as adversidades”.

Razão de passarmos nosso modo de viver, nossos costumes, nossas crenças para as gerações que se sucederam e chegarmos até os dias de hoje.

O mundo existe tal como é devido a inteligência humana e para sobreviver sofremos muita fome, muitas guerras, muitas mortes, muitas doenças e muita destruição, inclusive, atualmente, pelo completo descontrole do ambiente em que habitamos. Gênero humano é céu e inferno ao mesmo tempo e é o normal em todas as civilizações.

Prova disso é a decepção que tivemos ao assistir meia hora do debate dos dois candidatos à presidência dos EUA. Que risco e que perigo, a nação líder do mundo ser dirigida por mediocridades destituídas de qualquer bom senso. Um falando mal do outro e sem uma mensagem de otimismo para a solução dos problemas mundiais. O que nos consola comparando com as sumidades que temos por aqui. Mas, a raça humana é assim mesmo: impiedosa com o adversário. Vejam o que o jornal Globo de sábado noticia num lugar onde devia existir só santos: Propinas, nepotismo e espões; a trama que faz tremer a cúpula da Igreja católica com as intrigas daqueles que desejam mudar as orientações do papa atual.

E em todos os países é o mesmo, pois não há maneira de convergência dos blocos políticos, todos em busca do poder e das realizações pessoais. Há, porém, um fato real que nem todos estão sentindo na pele: a pandemia. Ao mesmo tempo que ela evidenciou e acelerou o uso das tecnologias, em muitos setores, mostrou de forma escancarada em todas as partes do mundo, as desigualdades econômicas, sociais, de saneamento, de saúde, do meio ambiente, de transporte, de urbanização, de moradia, e de estágio do trabalho.

A Covid -19 ensinou-nos muitas coisas e, entre elas, que precisamos dar mais atenção e estarmos preparados ao que a ciência nos ensina e nos alerta para o futuro, sobre o que vai acontecer daqui a 20, 30

e a 50 anos. E o que as mentes mais lúcidas ratificaram é se a humanidade não agir unida, ela perecerá. O desafio mais contundente foi proposto no artigo da Professora Patrícia Gil “**Como construir um mundo melhor pela Educação**”, publicado na Revista Telos nº 114, da Telefônica, cujo roteiro serve-nos para reflexão. A empatia, a solidariedade e o trabalho colaborativo são estratégias fundamentais para que os estudantes construam um mundo melhor através da resolução de problemas, usando a tecnologia. Uma dedução fácil de ser pensada, difícil de ver concretizada e que serve de diretriz se quisermos construir obras marcantes e enfrentar grandes desafios, devemos juntar nossas forças, unindo-nos uns aos outros. Consequentemente a empatia, a solidariedade e o trabalho em conjunto precisam ser uma constante.

2020 será um ano paradigmático porque no setor educação está nos mostrando que quem tem acesso à tecnologia vencerá e quem não tiver, perderá. A tecnologia que todos falavam que podia ser aplicada à educação, de repente tornou-se unanimidade e todas as escolas de ensino básico precisaram aplicá-la da noite para o dia, pois estavam fechadas.

Não sei se todos conhecem a plataforma colaborativa Khan Academy, que tem o propósito de oferecer educação gratuita de primeiro nível a qualquer pessoa em qualquer lugar do planeta revolucionando a relação espaço e tempo. Ela mudou o modelo tradicional de transmissão e hoje conta com 70 milhões de alunos de 190 países que falam 46 idiomas (iniciativa de um visionário, apoiado por colaboradores de todo o mundo).

As diretrizes que devem pontuar uma proposta educacional para nos ajudar a construir um mundo melhor é o caminho a ser seguido que envolve:

Empoderar os estudantes para que eles tenham determinação e autoconfiança para ter um projeto de vida apoiado no lema que só pela educação poderão ter um futuro melhor.

Ter empatia. Abandonar o individualismo e aprimorar o sentimento colaborativo de como posso ajudar meu semelhante.

Trabalhar de forma colaborativa. Neste mundo complexo em que vivemos não é possível dominar todas as áreas de conhecimento e conseqüentemente precisamos das habilidades de outros para vencer os desafios que só unidos poderemos superar.

Aprender através do erro. Não ter medo de equivocarse e saber que é errando que se aprende.

Imaginação e Criatividade precisam ser treinadas para os desafios tornarem-se questões normais na vida de cada um.

Emoção e Diversão. Aprender deve ser visto como uma atividade prazerosa e divertida e não como obrigação a ser cumprida.

Criar tecnologia. Daqui por diante é ela que resolve tudo e devemos ser os criadores e não simplesmente seus usuários.

É preciso construir um Brasil Melhor investindo prioritariamente na educação a partir de um projeto nacional compromissado e assumido por todos.

Os dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) expressam a nossa realidade do ensino público, onde 16% dos alunos do ensino fundamental (perto de 4,35 milhões) e 10% do ensino médio (780 mil) não têm acesso a internet. A classe “A” e a média não têm este problema, enquanto 40% do restante dos estudantes não são atendidos.

Os professores que estão em atividade e os futuros precisam também ser treinados para dominar o mundo digital e as novas tec-

nologias, sem o qual eles não terão como atuar, pois, agora são a base de qualquer profissão. E, por outro lado, as famílias de menos recursos precisam ser incentivadas a apoiar seus familiares a estudarem, como única saída para que possam ter chance de atuar na sociedade com suas múltiplas atividades. Não se faz projeto de vida sem educação de qualidade. E certamente as empresas, o sistema universitário, os aposentados e os colaboradores de sempre, deverão integrar estas redes colaborativas em prol da construção de um Brasil melhor pela educação.

E concluindo, conforme a epígrafe, num mundo de incertezas, como o nosso, só o intercâmbio constante de experiências e conhecimento tornara possível o progresso pessoal e coletivo. Repito: ou investimos em educação como âncora de nossa independência tecnológica e de integração social ou estaremos fadados ao atraso.

RESETAR O ENSINO SUPERIOR É SUCESSO E PARADIGMÁTICO

(03/11/2020)

[ACESSE AQUI](#)

Resetar - Ação ou ato de apagar (desfazer) opções escolhidas ou configuradas, normalmente utilizada dentro da informática para desfazer configurações em um computador o software. (Dicionário informal)
Resetar- Ação ou ato de apagar (desfazer) opções escolhidas ou configuradas, normalmente utilizada dentro da informática para desfazer configurações em um computador o software. (Dicionário informal)

O Fórum Nacional do Ensino Superior Particular (Fnesp) sempre foi um evento diferenciado realizado pelo Sindicato de Entidades Mantenedoras de Ensino do Estado de São Paulo (Semesp), que no correr dos seus 22 anos de exibição foi se aperfeiçoando a cada edição. E tem uma característica marcante: a de inovar pela a escolha de temas de interesse do setor e também pelo formato de suas apresentações. A vigésima segunda edição, realizada este ano, teve um caráter especial. O coronavírus explodiu em maio e o evento não podendo ser presencial, precisou ser repensado para ambiente virtual, com um formato de transmissão áudio visual e com a proposta diferenciada a de “resetar” o ensino superior.

É o que explicou na abertura o Presidente Prof. Hermes Ferreira Figueiredo, após mostrar os trabalhos triplicados que o Semesp está tendo este ano para atender a demanda de serviços, advindos

do coronavírus. “Nesta Sessão de 2020, o Semesp convida a todos a adotarem uma prática que faz parte do cotidiano da informática, que é a ação de apagar ou desfazer opções configuradas nos computadores. Como gestores educacionais devemos ter a coragem de “**resetar**” os modelos e formatos que vem sendo adotados na educação superior, reiniciando e revendo os nossos processos, para manter a sustentabilidade financeira e acadêmica das nossas instituições. “**Resetar**” é recomeçar de determinado ponto, de forma que esta mudança não represente a perda de tudo que foi construído, mas uma atitude em que vamos refletir sobre as opções escolhidas. E investir em nossa qualificação como instituição e restabelecer as configurações acadêmicas e administrativas com base em novos modelos necessários, sem perda de qualidade que nos permite enxergar o futuro”.

Sua mensagem traduz todo o momento difícil que passa o setor, mas como em outras oportunidades, foi necessário reagir para sobreviver e está se saindo mais experiente e renovador. Sempre otimista, Hermes foi categórico em salientar o papel do professor e que novo ambiente universitário deverá se preparar para enfrentar os desafios do novo mundo da tecnologia.

Sem dúvida alguma a pandemia com seus efeitos perturbadores está mudando o nosso modo de viver, trabalhar de transitar, de fazer negócios e de estudar, o que ensejou neste 22º Fnesp, propor soluções ao que está por vir, criando-se uma programação específica para mostrar o que está sendo realizado no Brasil e no exterior em matéria de renovação e de experiências educacionais para enfrentar os novos tempos. Inegavelmente o neologismo “resetar” foi estimulante para os palestrantes apresentarem suas ideias de transformação e o site do Semesp fez uma síntese dos temas expostos:

Fenesp propõe que leis rompam com o convencional

Pós-graduação Latu Senu passará por transformações

Redes de colaboração são imprescindíveis para a sustentabilidade do setor

Sustentabilidade do setor está em risco

Michel Crown defende universidade mais democrática

Foco na formação do individuo

Professores vão liderar a revolução da aprendizagem

Aplicativo estimula a troca de conhecimento entre estudantes.

Alex Beard foi o conferencista do penúltimo tema “Ensino será o maior trabalho do século 21” e ele contou o início de sua carreira como jovem professor londrino quando, insatisfeito com as aulas que dava no ensino fundamental, resolveu visitar os países onde os alunos são mais bem avaliados do mundo. Esteve na Coreia do Sul, no Vale do Silício e na Finlândia pesquisando com diretores e professores para entender a motivação de ensinar. As crianças londrinas, com todas as deficiências escolares, embora oriundas de famílias pobres, são espertas e inteligentes. Na Coreia do sul, apesar de seu enorme progresso econômico e ter alcançado a melhor nota no Pisa, os jovens sentem-se infelizes pois são fortemente pressionados pelas famílias para entrarem na universidade, pois isto representa sucesso na vida. Entretanto, o índice de suicídios entre os estudantes é o maior do mundo.

No vale do Silício ele percebe o sucesso da inteligência artificial apoiando os alunos e os trabalhos de pesquisas feitos porem vivem estressados, mas quando chega na Finlândia, ele vê alunos tranquilos, colaborando em grupo, exercendo a criatividade e usando computadores. O país tem índices de qualidade vida invejáveis, é campeão de felicidade, sua juventude pratica esportes e ainda possui empresas líderes em tecnologia.

E sua tese é que os professores deverão dominar o uso das máquinas para elas serem usadas em favor do aprendizado.

Beard é emblemático ao afirmar que os Computadores nunca sobrepujarão os cientistas, mas que os cientistas que usarem a tecnologia sempre serão superiores aos cientistas que não a usam.

No artigo anterior descrevi as competências que os professores devem dominar para terem êxito na profissão e a constatação de Beard tem uma lógica contundente, porque o aprendizado por toda a vida sempre dependerá de gente ensinando o tempo todo, seja a mídia qual for. O domínio do uso dos programas e dos aplicativos das máquinas será o grande impulsionador da aprendizagem.

Uma das iniciativas do Fnesp que destacamos também pelo sucesso foi o 3º *HackLab*, onde estudantes foram desafiados a proporem soluções a projetos apresentados. Esse ano, foram 32 participantes, de várias regiões do país e de diversas áreas do conhecimento, divididos em oito grupos.

Os grupos apresentaram projetos e soluções desenhados durante os dias de duração do evento com foco em soluções para desafios do ensino superior. Eles defenderam suas propostas e ideias inovadoras para os gestores e líderes educacionais presentes. O vencedor foi o Quarteto Fantástico (integrado pelas estudantes Ana Julia Gonçalves Pádua; Marie Hellem da Silva Alves; Maria Izabel Araújo e Pâmella Fayne de Carvalho Mota), com o aplicativo Pergunta aí, que beneficia alunos e instituições de ensino. Quem tiver dúvida se conecta a outros que sabem responder, estimulando a troca de conhecimento entre estudantes.

Destaco também a palestra do Prof. Naercio Menezes do Insper que apresentou um alentado estudo sobre o mercado educacional e do Prof. Daniel Pedrino que nos mostrou seu plano arrojado da Faculdade Descomplica.

Identicamente é preciso ressaltar a presença e palavras da Profa. Maria Helena Guimarães Castro, presidente do Conselho Nacional de Educação pela visão atualíssima do momento educacional em que vivemos e, como não podia deixar de ser, de cumprimentar o Diretor Jurídico do Semesp o Dr. Jose Roberto Covac pelo seu valioso livro “A Educação como vocação e o Direito como expressão” onde nos é contado os 30 anos de vivencia dos acontecimentos que marcaram a educação brasileira.

Enfim, o Semesp brilhou novamente pelo evento inspirador e inovador que criou, oportunidade de cumprimentar seu presidente, o Prof. Hermes F. Figueiredo. Da mesma forma um elogio todo especial à toda a equipe do sindicato, na pessoa de seu Diretor Executivo, Rodrigo Capelato, que planejou e executou o 22º Fnesp. Realmente um evento inesquecível.

O DOMÍNIO DO UNIVERSO DIGITAL É EXIGÊNCIA DO MUNDO PÓS-PANDEMIA

(10/11/2020)

ACESSE AQUI

Fazia mais de um século que uma pandemia não afetava de forma tão global a humanidade. Com o mundo cada vez mais interligado, não demorou muito para o coronavírus se espalhar e, em 6 meses, transformar a vida de todos

(Midialab – Estadão)

Resetar o Ensino superior¹ foi sem dúvida alguma a reflexão que o 22º Fenesp nos obriga fazer em relação a tudo que foi exposto pelos palestrantes e comentado pelos congressistas nas mensagens trocadas no transcorrer do evento. Não só o que pode ser feito para enfrentarmos os desafios impostos à educação pelo coronavírus, como também a atitude que devemos ter, com respeito a antecipação de uma realidade tecnológica para a qual nem todos estavam preparados.

Por outro lado, a economia dos países foi travada, os negócios foram reduzidos fortemente e os empregos sensivelmente diminuídos, principalmente nas áreas que envolvem relações interpessoais. Só para se ter ideia, no Brasil, mais de 40 milhões de pessoas não tem trabalho, entre as desempregadas e a que estão fora do mercado e

1 Prática que faz parte do cotidiano da informática, que é a ação de apagar ou desfazer opções configuradas nos computadores

querem trabalhar. Há 522 mil empresas de pequeno porte e do setor de serviços que fecharam por dificuldades de encontrar crédito.

Na maior parte dos países, as desigualdades de todos os tipos ficaram expostas, nos mostrando como vivem, como moram e como é tratada parte considerável da população, nos cuidados da saúde, no saneamento e no atendimento dos demais serviços públicos. Mas o que vamos comentar está baseado em alguns dos chats trocados entre os participantes que passaram pela tela do meu computador e que pelo conteúdo nos instigaram a escrever este artigo.

Pensando bem, diria que concordo praticamente com tudo que foi exposto e com as previsões de como será a escola passada a pandemia. Creio sim que não será mais igual as de hoje, mas as mudanças não acontecerão da noite para o dia, pois tudo leva tempo para se ajustar. Que a escola em todos os graus e segmentos não será a mesma não temos dúvida. É importante pensar nas tecnologias e suas plataformas, que facilitam e oferecem caminhos diferenciados para a aprendizagem e há alguns aspectos que todos concordam:

- A maioria dos alunos vai preferir educação não presencial. Eles vão querer mais autonomia e as instituições, para se manterem no mercado, terão que procurar meios e instrumentos para facilitar o atendimento dos alunos, caso contrário perderão espaço;
- Mesmo os cursos considerados sagrados na presencialidade, agora serão atingidos significativamente e com a proliferação da modalidade educação híbrida que junta – presencialidade com educação on-line. Claro que com as devidas adequações, como já acontece no Brasil com algumas experiências;
- Haverá mais questionamentos quanto ao processo regulatório e certamente o Ministério da Educação perderá espaço e importância formal no universo do conhecimento;
- Com certeza mudarão os sistemas de certificações, isto é, não

haverá mais tantos carimbos para validar o conhecimento, as competências e as habilidades. Cada escola será mais um canal para isso, mas ao lado teremos dezenas de outras opções, talvez até melhores que farão com mais propriedade, mais agilidade e competência o mesmo trabalho;

- O professor deverá perceber que, ao mesmo tempo em que no ensino presencial seu papel poderá ser menos valorizado, por outro lado, a sua importância aumenta quanto maior for seu domínio das tecnologias de informação e comunicação. Antes ele tinha o quadro negro para colocar suas palavras, agora ele tem a tela com seus multimeios para exaltar as suas ideias. **Aprender vai ser a atividade mais demandada neste mundo, onde o conhecimento é requerido a vida toda.** No ensino fundamental e médio é outro mundo, onde ainda há espaço nobre para ele perdurar muito tempo.

Está surgindo com vigor um novo instrumento para a educação que é a projeção de imagens em 3D de forma interativa, o que permitirá reduzir o número de professores e oferecer de forma até mais organizada conteúdos e mesmo experimentos de laboratório que podem ser usados intensamente. E a educação holográfica, imagine o que ela pode fazer no ensino da medicina, das engenharias e outras áreas consideradas sagradas, quando permitirá acessar internamente, por todos os lados pelo 3D? E há centenas de aplicativos que estão surgindo no mercado para aperfeiçoarem a comunicação e o entendimento das aulas. Imaginem o que vem por aí!

Vai mudar, com certeza, o mercado ocupacional e seremos surpreendidos com as experiências do home office, o que diversificará ainda mais o ambiente do trabalho, mandando para a lata do esquecimento, muitas ocupações hoje exercidas por pessoas. Com certeza a economia, o empreendedorismo e novas fontes de negócios, deverão encontrar novos mercados de trabalho para as pessoas sobre-

viverem, o governo deverá pensar fora da caixa para criar projetos que intensifiquem de todas as formas novos usos para a mão de obra, com atenção redobrada, pois os processos produtivos serão cada vez mais automatizados e, onde eram necessários 10 profissionais, hoje, 2 bastam. Será desemprego a vista?

Isso pode acontecer também no ensino superior com a redução drástica de pessoal, para diminuir custos, para manter as IES no mercado e para oferecer com mais agilidade, mais competência e mais assertividade os mesmos serviços que hoje são mais onerosos.

A era digital apenas começou e já causa espanto e admiração ao mesmo tempo, pois ela projeta infinitas possibilidades de transformação, de inovação, pois uma coisa chama a outra. No Brasil, podemos até projetar, mas nosso compasso ainda será lento, apesar de que uma nova geração está surgindo atropelando tudo com suas startups cada dia mais sofisticadas e criativas. Onde vamos parar?

O atual EAD mudará totalmente e já está se transformando. Quem não se atentar para isso perderá espaço, pois surgiram novos instrumentos, novos aplicativos e novas ferramentas mais poderosas, que pessoalmente vejo com inveja de quem é mais jovem, pois o universo que se descortina é fabuloso. Mas vamos com calma, pois as mudanças virão, porém temos que ter no presente, que toda a ação tem junto uma reação e é aí que entram valores, crenças e ideologias que podem ajudar ou, pior ainda, o que é mais provável, atrapalhar.

Apesar da despreocupação dos governos (não é possível que não haja alguém que não tenha lido os relatórios da OCDE)² o processo da mudança é irreversível. Na educação haverá sim, e aí concordo uma revolução sem precedentes, mas sinto que no Brasil, no ensino fundamental e médio público, pode atrasar tudo, a não ser que con-

2 OCDE – Organização de Cooperação e Desenvolvimento econômico

sigamos fazer uma revolução não mais silenciosa, mas ruidosa para mudar de vez o cenário.

Enquanto não resolvermos o problema crônico das desigualdades, tudo o que falamos fica pelo meio, pois grande parte de nossa população não tem internet, não tem acesso a ferramentas que são fundamentais para o processo dar resultados. Então precisamos resolver isso rapidamente. Olhe como estamos agora: muitos estados foram pegos sem nenhuma tecnologia para oferecer educação remota (nome inventado para a transmissão de aulas presenciais pela TV), o que não resolve, pois os professores não estavam preparados e sem saber como fazer.

Quem já tinha expertise em EAD tirou de letra e nisso nosso segmento particular não ficou para trás, ao contrário, mostrou competência como enfrentar o desafio.

Apesar da maior crise mundial de saúde que abala todas as nações, o nosso país, com todos os seus problemas de sustentabilidade, de econômica e políticos e sociais, encontrará no caminho da criatividade, entendimento, solidariedade e colaboração a solução. Vamos torcer, acreditar e fazer a nossa parte para que isto aconteça. “Quando todos sonham juntos fazem tudo acontecer”.

O MUNDO MUDA A CADA MOMENTO E A EDUCAÇÃO BRASILEIRA FICA SEMPRE NA MESMA - PARTE 1

(17/11/2020)

[ACESSE AQUI](#)

“Para a sobrevivência da humanidade um novo pacto deverá surgir para promover a passagem do modelo econômico voltado para o mercado, para um que priorize o humano, instituído a partir de um novo pacto social entre os diferentes, capaz de redistribuir riqueza, trabalho, poder, saber, oportunidades e bem-estar”.

Prof. Domenico de Masi

Em palestra realizada há três anos na Universidade de Caxias do Sul, [sobre o tema Tendências 2030](#), o sociólogo italiano Domenico de Masi foi categórico em dizer que se deve ao neoliberalismo globalizado a questão da desigualdade entre ricos e pobres, a degradação ambiental, a crise de emprego na Europa, as migrações em massa provenientes de áreas em conflito, o fundamentalismo religioso e o recrudescimento do extremismo político. Ele afirmou que “todos estes fatores ilustram o fracasso dos três agentes da formação da sociedade, a família, a escola e a mídia”. E esclareceu que “enquanto a tecnologia está fazendo o seu trabalho no mundo pós-industrial, as Ciências Humanas têm falhado naquilo que lhe compete: a construção de modelos para os indivíduos e a sociedade”.

Refletindo sobre esta afirmação, fiz uma síntese do que escrevi neste blog durante este ano, que no fim aponta a relação entre a educação às transformações atuais do mundo.

Vivemos um tempo de ansiedade, pois a globalização possibilitou a todas as nações acesso às tecnologias, aos meios de comunicação, ao uso de bens e serviços – restritos a poucos, ao mesmo tempo em que nos deparamos com um mundo dividido como nunca se viu antes. Movimentos que considerávamos ultrapassados surgem aqui e acolá, talvez insatisfeitos com seus governos, decepcionados com suas ideologias tanto a esquerda como a direita.

E por que não estão satisfeitos? Porque há uma desigualdade de acesso aos bens e serviços descomunal na maioria das nações, mesmo nas mais desenvolvidas. As riquezas se concentram cada vez mais nas mãos de poucos e as tecnologias comandam as ações, tornando todos reféns de um processo que não se sabe exatamente onde vai dar.

A divisão entre desenvolvidos, em desenvolvimento e não desenvolvidos já não serve mais aos órgãos de representação como a ONU e são questionados abertamente, porque também não conseguem consensos, pois cada país procura sua hegemonia política, econômica e tecnológica e, nesta última, principalmente com seus aparatos bélicos, cada vez mais sofisticados.

A UNESCO, a OCDE e outras agências que tratam questões sociais alertam sobre o meio ambiente e para o nosso planeta, que estamos destruindo e que por ora não tem substituto. Mas tudo isso é fruto da inteligência humana que também aperfeiçoa a artificial, de tal modo que causa medo, pois não sabemos seu alcance e até onde isso pode dar. O mundo dos robôs frequenta os noticiários e também nossa imaginação. Não há quem não já pensou um mundo tão automatizado que pode vir a ser dominado por máquinas.

Todas essas tecnologias provêm da inteligência humana e, por consequência, da educação que esses grandes especialistas receberam. E por isso cada país investe em educação, em ciência e tecnologia buscando competir mais fortemente e dominar o maior número de áreas possíveis.

Mas se é da educação que vem a pesquisa para os avanços da tecnologia, ela é questionada se também não é culpada no fundo pelas desigualdades que o mundo revela mais fortemente hoje, apesar de ao longo da história, em todos os países termos, ora mais ou ora menos, desigualdades que começam pelo acesso aos bens mais fundamentais de moradia, comida, saúde e bem-estar.

Criamos parâmetros, regras, requisitos e outros instrumentos para que as pessoas possam ter acesso ao mundo desenvolvido, à tecnologia, enfim a uma qualidade de vida que seja digna.

E aí se olharmos o mapa do mundo veremos um mosaico de imagens assustadoras que parece não impressionar os dirigentes, onde ainda há escravidão no setor produtivo, enquanto parte da humanidade usufrui desses benefícios mesmo sabendo que provieram de mão de obra escrava, onde pessoas passam fome, não têm moradia e recursos para que seus filhos possam sonhar em mudar de patamar social e adentrar a sociedade do consumo de bens e serviços essenciais.

Nesse cenário, podemos enquadrar o Brasil, um país de dimensões continentais, multicultural e também heterogêneo em seu processo de desenvolvimento em tudo.

Esse cenário pode ser analisado como um filme desde os tempos da colonização até hoje e a forma como fomos criando um sistema perverso de classes sociais que ao longo do tempo foram dominando o país e hoje se perpetuam na política, na economia, na religião, na distribuição de bens e serviços, aproveitando inclusive o processo de globalização para nos tornar mais reféns ainda.

E isso é tão verdadeiro que agora, durante a pandemia da Covid-19, se escancarou de vez nossa situação brasileira, onde descobrimos milhões de cidadãos fantasmas que não existiam pois nunca foram registrados e pior um sistema injusto de distribuição de renda que conduziu o país a uma taxa de desemprego muito alta obrigando milhões de brasileiros a ir para a informalidade para sobreviver. Basta ver os números do auxílio emergencial para dimensionar nossa situação e pior que não se vê a curto prazo luz do fim desse túnel. E por que? A resposta pode ter diversas conotações desde a política, a econômica e a social.

Estamos vivendo tempos de extremismos onde estamos vendo e assistindo um país com medo, com ódio, com rancor, no qual valores são postos em discussão de forma nada convencional e onde as ideologias perderam a vergonha e tentam impor formas de pensar, de conviver, onde se discute inclusive o papel da educação de forma nada isenta como se dela partissem os pensadores do caos social.

Mas é na educação brasileira que devemos nos concentrar nessa quadra da história da humanidade e brasileira, pois fazemos parte do conjunto das nações que podem conviver em harmonia o quanto possível e também buscando nossa independência tecnológica pela pesquisa, pela ciência e tecnologia.

E aqui começam as análises mais otimistas e mais pessimistas, pois nosso sistema educacional diferentemente de outros setores sociais não conseguiu atingir uma maturidade qualitativa que possa responder as necessidades da sociedade como um todo.

Conseguimos universalizar o ensino fundamental, mas o preço foi alto, pois a qualidade não acompanhou e, apesar dos esforços, ainda estamos longe do mínimo desejável. Porém, aprovamos uma nova reforma para unificar o ensino fundamental para que todos tenham um mínimo de conhecimentos básicos, só não se sabe quando vamos

implementá-la de forma efetiva. Aprovamos também uma reforma do ensino médio, um dos níveis com mais problemas e indefinições como se fosse – a terra média – que serve mais para passagem, pois é requisito necessário para acessar o ensino superior.

O grande desafio da educação brasileira é o ensino básico público que pretendo tratar oportunamente. Neste primeiro artigo fico por aqui, para tratar na próxima terça-feira do ensino superior (24/11).

O MUNDO MUDA A CADA MOMENTO E A EDUCAÇÃO BRASILEIRA FICA SEMPRE NA MESMA - PARTE 2

(24/11/2020)

ACESSE AQUI

“Em ambientes de alta incerteza, geralmente, buscamos minimizar as perdas. Mas as reais perdas, agora, não são econômicas apenas. As perdas irrecuperáveis e irreversíveis são as vidas. Nós podemos reconstruir a economia. Já fizemos no passado e vamos fazer novamente”. (Leonardo Augusto de Vasconcelos Gomes, Adriana Marotti de Mello e Ana Carolina de Aguiar Rodrigues, professores do Departamento de Administração da FEA/USP)

Semana passada comentei, [em artigo](#), sobre o ensino básico e nesta escrevo sobre o ensino superior, onde as reflexões que faço não são nenhuma novidade. Há tempos, a demografia prevê a diminuição dos estudantes em função do menor número de filhos dos casais e as famílias de menor recursos não têm condições de pagar as mensalidades. Além disso, não há mais financiamento público significativo e aumentou sensivelmente a oferta de cursos à distância, que concorrem com quem oferecia cursos presenciais.

Não só no Brasil, a formação universitária perdeu prestígio nas empresas empregadoras e há o sentimento nas famílias da inutilidade de investir em educação. Por outro lado, ao meu ver, houve

acomodação das instituições em repetir modelos antigos de planos curriculares, sem percepção nítida dos novos modelos de ensino. Os docentes repetiam as mesmas aulas durante infindáveis anos e os alunos não mais se conformavam em apenas de serem ouvintes. A universidade não saiu da segunda revolução industrial e não se adequou às transformações do mundo competitivo que muda a cada instante e não são acompanhados pela renovação de regulamentos e diretrizes curriculares. Em português claro, o sistema universitário está parado no tempo.

A realidade é que as tecnologias digitais permitem o acesso à informação 24 horas por dia, sete dias por semana, em qualquer lugar do mundo e oferecem, de forma relativamente barata, a autoaprendizagem. As ocupações são apoiadas pela inteligência artificial e exigem menos mão de obra. Novas profissões necessitam de preparação adequada e o retreinamento e o aprendizado por toda a vida será o novo normal. O que quer dizer que a busca por aprendizado constante exigirá outros modelos de transmissão de conhecimentos e treinamento.

Mas é no ensino superior que temos também o nosso maior gargalo, como ficou evidente na pandemia. Nossas instituições federais não estavam preparadas para ofertar educação não presencial (a chamada de aula remota) e, nesse cenário, o segmento particular mostrou mais agilidade e experiência.

Mas o que devemos observar é que nosso modelo já deu suficientes demonstrações de estar sem sintonia com a sociedade e está defasado, mesmo onde é financiado com recursos públicos. A realidade é que o sistema universitário está cercado por um estado regulador, que determina normas, indicadores, formulários e enquadramentos que nos induz a seguir esse formato, que traz como perversa consequência uma acomodação em todas as áreas e setores. Claro que

temos ilhas de excelência na saúde, nas engenharias e nas ciências agrárias, entre outras, mas isso não serve de consolo, ao analisar o conjunto onde elas estatisticamente representam pouco. Devemos levar em conta que hoje o sistema formador não atende mais as exigências da sociedade que precisa se voltar para outros canais até mais ágeis no processo de aprendizagem. E nessa esteira que surgem todos os dias mais universidades corporativas e milhares de cursos são oferecidos nas diversas plataformas, objetivando dar ao indivíduo a formação necessária. Isso deveria ascender uma luz vermelha para o sistema formador, pois ou ele se transforma saindo da zona de conforto, se moderniza, se atualiza, se transforma ou perde a validade e credibilidade – e não será o Ministério da Educação que irá certificar ou não, mas sim as organizações sociais que sabem quais competências e habilidades que o ambiente laboral necessita.

Será que nosso modelo está superado? Talvez. Não foi a educação que ficou defasada, mas sim a forma como oferecemos os serviços que não mudaram. Ficamos na zona de conforto, ofertando cursos tradicionais, que o mercado ocupacional já deu sinais claros que não mais se adequam às suas necessidades e os remendos no processo de formação não resolvem. Precisamos sim fazer uma transformação, talvez uma remodelação completa a começar pelo sistema regulatório em parte responsável por isso. A burocracia é um dragão que cospe fogo no controle e é lenta na adequação às novas mudanças necessárias, urgentes e que estão atrasadas.

Precisamos colocar nossos olhos nos últimos dados do Enade para que nossas afirmações possam ser confirmadas e repensarmos para que serve avaliação para processos em extinção.

Na avaliação tradicional, os dados são irrefutáveis sem discutir instrumentos, informações e indicadores. Na escala medida os números mostram que estatisticamente a nota 5 ainda é modesta

diante do número de cursos ofertados. A nota 4 subiu um pouco o que é positivo. Mas o que exige reflexão é a nota 3, onde centenas de cursos não conseguem avançar em uma, duas, três avaliações o que mostra a acomodação. Mas pior ainda é que temos centenas de cursos com nota 2 e mais de 240 com nota 1. O que isso significa? Sem discutir modelos de avaliação e se eles podem expressar qualidade, é sintoma que o sistema particular não vai bem.

Vimos nos últimos anos o aumento do número de diplomados no ensino universitário à mercê da educação não presencial. Todos querem um diploma e não há como negar que é um direito, mas temos que reconhecer que podemos estar banalizando o diploma universitário como se este fosse a única saída possível. Há um tipo de curso que seguramente seria muito importante para o momento de desenvolvimento brasileiro que são os cursos superiores de tecnologias com menor duração, o que não significa menor qualidade, menos informação, menos competências, habilidades e conhecimentos. E por quê? Porque nossos cursos universitários são longos demais em sua maioria com currículos excessivos, apesar de que, nos últimos anos, vimos começar a acontecer uma mudança saudável, talvez não pelo motivo desejado, mas para garantir a sustentabilidade.

E aí vem outro problema detectado pelos setores produtivos que empregam nossos diplomados. Eles não têm os requisitos necessários. Isso significa que o aluno frequentou, não aprendeu e de posse de um papel pensa que pode se candidatar a um posto de trabalho com boa expectativa salarial. Sabemos que, na média, quanto mais escolarizada a população há um aumento da renda e melhor qualidade de vida local.

2021 está chegando, os cenários são nebulosos e, fora a problemática do país estar há mais de 6 anos em grave crise econômica-social, há a acrescida pela pandemia. Embora tudo isto, as instituições

educacionais estão se planejando para ultrapassar um dos maiores desafios de suas existências. Como vem fazendo neste 2020, a ABMES estará atuando em sua parte, trabalhando para apoiar seus associados em tudo que estiver ao seu alcance. E que os astros celestes iluminem o mundo político para encontrarem os mecanismos inteligentes para sairmos desse mundo de incertezas.

FAMÍLIA, ESCOLA E MÍDIA PRECISARÃO ENCONTRAR DIRETRIZES COMUNS PARA PROMOVEREM UMA SOCIEDADE MENOS DESIGUAL

(01/12/2020)

[ACESSE AQUI](#)

“Para a sobrevivência da humanidade um novo pacto deverá surgir para promover a passagem do modelo econômico voltado para o mercado, para um que priorize o humano, instituído a partir de um novo pacto social entre os diferentes, capaz de redistribuir riqueza, trabalho, poder, saber, oportunidades e bem-estar”.

Prof. Domenico de Masi

Manifestações de personalidades de diversos países salientam que a pandemia da covid-19 mostra que o mundo está fraccionado por suas diferenças econômicas, políticas e sociais, onde uma pequena parte da população tem todas as benesses dos céus e a maior parte tem as mínimas condições de viver, morar e trabalhar. Cientistas sociais e economistas salientam que, para sobrevivência da humanidade, um novo pacto deverá surgir para mudar o atual modelo econômico voltado para o mercado e criar uma nova ordem social capaz de redistribuir riqueza, trabalho, poder, saber e bem-estar.

Em seus livros e palestras o sociólogo italiano Domenico de Masi diz que se deve ao neoliberalismo globalizado a questão da desigualdade entre ricos e pobres, a degradação ambiental, a crise de emprego na Europa, as migrações em massa provenientes de áreas em conflito, o fundamentalismo religioso e o recrudescimento do extremismo político. Ele afirma que **“todos estes fatores ilustram o fracasso dos três agentes da formação da sociedade, a família, a escola e a mídia”** e as ciências humanas têm falhado naquilo que lhes compete: a construção de modelos para os indivíduos e a sociedade”.

Analisar o papel da família, da educação e da mídia é assunto já debatido e escrito por especialistas das ciências sociais, mas arrisco fazer algumas considerações, a começar dizendo que a família é fundamental para a educação dos filhos desde os valores que a tradição lhes legou, até o que a sociedade lhes impinge como valor.

Toda a família, pobre ou rica, tem como meta que seus filhos tenham educação além daquela que eles receberam numa espécie de sonho adiado e para ser realizado por meio dos filhos.

O Brasil mudou e tanto e a família, quanto a escola e a mídia são totalmente diferentes de setenta anos atrás, quando a industrialização começava a se desenvolver e a migração rural ia ocupando as grandes cidades. Mas um fator será preciso salientar: todas as atividades, acontecimentos e eventos que acontecem no mundo são repercutidos pela mídia, dando a sua visão sobre os fatos de acordo com o pensamento de seus líderes e interesses, que de uma maneira ou outra são transmitidos às famílias e escolas.

Vivemos num mundo volátil, onde os valores familiares foram substituídos por ideários de gerações que se impuseram através do espelhamento com seu modo de ser. Atualmente são os *“millenials”* que estão aí para mostrar as diferentes *“tribos”* que se formaram. Quando falam sobre o inusitado, tudo é reportado como se tivesse

“leveza, sensibilidade e gosto pelo novo”.

No descolamento que aconteceu na formação do seu contexto inicial, as famílias hoje apresentam características diferentes na sua constituição, porém uma determinante pode ser notada como um elo comum: a necessidade econômico-financeira de seu núcleo inicial. Para que isso aconteça, independente da classe social, a exigência da inserção no mercado de trabalho é fundamental.

É nesse momento que entra a escola, que foi obrigada a passar por transformações pelas quais não estava afeita. Do meio período, com horário e calendário pré-estabelecido e o surgimento da necessidade do período integral, surgiu a escola multifuncional, nos modelos de uma associação esportiva, cultural e de lazer, oferecendo, em um segundo período, atividades próprias da responsabilidade da família, inclusive alimentação. Boa escola tem que ter bons resultados no desenvolvimento das competências e habilidades dos alunos, porém também o dever de lhes oferecer as áreas acima descritas para facilitar a vida dos pais, que não podem ficar indo e vindo para trazer os filhos (transporte escolar), buscar na saída, levar às atividades complementares em outros centros voltados para despertar o interesse pelo novo, por estar ampliando o olhar universal de seus filhos, inclusive, para tomarem conhecimento das diferentes maneiras de crescer na adversidade.

Os estudantes de menor poder aquisitivo ficam num universo restrito ao reforço escolar, algumas atividades esportivas, em casos aqui ou ali, com uma outra atividade cultural. Então, a família e a escola apresentam atualmente uma complementaridade desigual.

Entra aqui também um terceiro fator, talvez o mais crítico de todos, que é a fonte midiática, agora acrescida pelas redes sociais, onde cada um divulga o que quiser. Para essas gerações em formação tudo que chega não é verdadeiro e, em grande parte, de qualidade

questionável. É só assistir uma série a ser acompanhada por adolescentes entre 12 a 17 anos. Nelas tudo é possível. Tudo é mostrado como normal, tanto faz o que fica subentendido no texto e nas ações. O que é menos enfatizado é o ambiente escolar como um centro de construção de conhecimento.

Nas redes sociais, os MCs, os DJs e outros tantos canais fazem sucesso como os “influenciadores da moda”, por isso, se faz necessário aos pais zelosos bloquearem seu acesso. Isso se aplica à exibição dos adeptos ao punk, ao funk, cujo as letras são de uma agressividade moral às mulheres, que são as maiores seguidoras desse gênero – dá para entender, mas afinal, como despertar o interesse pela escola?

Professores muitas vezes se frustram devido à distração dos alunos em sala de aula. Como fazer a escola ser interessante?

Se os alunos passam horas nas redes sociais, a escola deve ocupar um espaço por ali também. Outros educadores vão além e usam as redes sociais e tecnologias na própria sala de aula com o auxílio de dispositivos móveis, por exemplo. Isso torna o ambiente mais interativo e faz o estudante se identificar mais com o conteúdo.

Aulas mais interativas, mais dinâmicas e que se servem de recursos tecnológicos para promover discussões tendem a despertar mais interesse dos estudantes. Dessa forma é possível sim usar o Google e redes sociais como aliados.

De fato, lidar com as mudanças na educação nem sempre é uma tarefa fácil. No entanto, os educadores devem estar preparados para enfrentá-las, já que transformações são inevitáveis.

Mas as redes sociais têm múltiplos papéis, que nem sempre são aliadas do aluno ou do professor, e se prestam para disseminar informações, conforme o cliente deseje. A mídia é o quarto poder e deve ser

respeitada. Porém, todo o cuidado é pouco, pois ela tem face de anjo e face de demônio e vive da controvérsia.

Domenico De Masi tem razão ao dizer que a escola precisa ser reinventada para voltar a ter um papel preponderante para ensinar valores, ética, disciplina, limites, tolerância, respeito, ensinar a conviver sem conflitos, ensinar a compartilhar, a dividir e não apenas esbulhar.

As mídias, com raras exceções, vendem o que lhes dá audiência e por isso vem apenas o lado negro das notícias, os exemplos ruins a sociedade, as notícias tristes, as análises mais negativas e isso as mantém com a audiência em alta. Mas há iniciativas incríveis só divulgando fatos e acontecimentos que enaltecem o gênero humano como o caso do site Só Notícia Boa.

Evocar os princípios da família, da escola e da mídia nesses tempos de globalização onde tudo começa a perder significado é uma tarefa urgente. A sobrevivência da espécie depende de bons princípios. Repensar os papéis, as funções e o *modus faciendi* de cada ator no processo é um bom começo, caso contrário ficaremos no diagnóstico já feito por Domenico.

POSFÁCIO

Valdemar Ottani¹

UMA MENSAGEM CONTEMPLANDO SAUDADES

Tive o privilégio de conhecer o professor Gabriel Mario Rodrigues no ano da graça de 2002, quando ele era reitor da Universidade Anhembi Morumbi e eu estava na vice-reitoria da Uniderp (MS). Pouco depois, em 2004, ele viria a assumir a presidência da ABMES. Com porte altivo e emanando autoridade com simplicidade, refletia bem o grau de realeza de que era possuidor.

Ao diálogo protocolar dos primeiro anos se seguiram, ao todo, 19 anos de uma relação funcional de trabalho que caminhou para uma crescente e, posteriormente, intensa amizade que tive a honra de compartilhar.

Era metódico e fascinado por escrever artigos. Para isso, seguia religiosamente seu plano de trabalho e toda semana, quer houvesse chuva, sol ou neblina, mais um artigo saía dourado do forno de sua imaginação para alimentar o intelecto de seus vitalícios leitores. Inovador, pois a cada artigo publicado se seguia outro com uma temática totalmente diferente. Como curiosidade, ele possuía uma lista enorme de novos temas diferenciados (a cada semana se ampliava!) que ficavam aguardando sua semanal reflexão para serem metodicamente dissecados e então publicados.

¹ Consultor educacional da ABMES.

No contexto de sua simplicidade, às vezes pedia minha opinião sobre o teor de sua obra logo após suas ideias serem rascunhadas, e aceitava de bom grado sugestões que considerasse adequadas, o que eu entendia como mais um sinal de sua enorme fidalguia, já que eu sempre pouco podia acrescentar à genialidade de seus textos.

Sempre se interessou pela área social e passou a prover apoio aos mais necessitados, em especial por meio da ação de sua família no bairro de Paraisópolis (na cidade de São Paulo/SP), que ele adotou, buscou conhecer e atuar cada vez mais através do pároco de uma igreja local. Foi neste contexto que ele percebeu o enorme papel da família na orientação educacional dos filhos enquanto no ensino básico e, posteriormente, no ensino superior. Entusiasmou-se e solicitou estudos a respeito, que passaram a orientar suas atividades de apoio educacional localmente, bem como lhe deram suporte a inúmeros artigos que brilhantemente escreveu a respeito.

Com inquietude crescente sobre a questão social, demonstrava preocupação com os estudantes de menor renda que frequentavam o ensino superior e considerava injusta a pouca atenção que estes recebiam das autoridades governamentais, quando comparada com o apoio que elas proviam aos demais estudantes através das universidades federais gratuitas. Nesta direção, encomendou estudos inéditos com dados a partir de 1950 com o objetivo de comprovar suas ideias a respeito e que lhes foram muito úteis para certificar seu pensamento nesta área.

Criativo, a qualquer tempo e momento surgia com novas ideias sobre os mais diferentes assuntos, e promovia discussões aprofundadas a respeito. Nesta direção, por exemplo, foi dele a ideia da utilização da moeda virtual (tipo *bitcoin*) para o pagamento de mensalidades estudantis e para a provisão de bolsas de estudos no ensino superior (ele guardou os resultados para apresentar em um momento mais adequado os estudos que encomendou a respeito).

Também partiu dele o desenvolvimento de um longo estudo, realizado por uma consultoria, objetivando a criação de um sistema de acumulação de pontos, por meio da utilização de cartões de crédito, como uma forma de poupança das famílias para bancarem o estudo superior de seus filhos. Ele tinha a intenção de investir pessoalmente neste projeto.

Por outro lado, por quase dois anos participei, sob sua competente presidência, do Conselho de Administração da Kroton (hoje Cogna), para o qual ele gentilmente me indicou. Com certeza, este período e os que se seguiram foram, para ele, anos dourados de sua extensa e intensa atividade profissional.

Pessoa afável, simples e de fácil acesso para todos, embora detentor de muita riqueza intelectual, cultural e material, nunca deixou de responder a qualquer mensagem ou telefonema que lhe fizemos nos mais diferentes momentos do cotidiano ou mesmo fora deste contexto. Sem dúvida, uma figura singular e que está se tornando rara nos atribulados dias de hoje.

Gostava do futebol e era um torcedor apaixonado pelo Palmeiras (sociedade da qual era associado), manifestando seu senso crítico semanal nas partidas que via pessoalmente ou pela televisão por meio das constantes mensagens que trocava nos dias de jogo, via WhatsApp.

Sua estrela épica brilhou intensamente como mantenedor e reitor de instituição de ensino superior, como empresário e como presidente da ABMES, associação que ele conduziu por longos anos com muito amor, competência, seriedade e dedicação, adicionalmente à função de secretário executivo do Fórum das Entidades Representativas do Ensino Superior Particular e, posteriormente, como presidente do Conselho de Administração da ABMES.

No nosso modesto modo de ver, ele partiu prematuramente para um novo patamar de sua existência. Tinha ainda muito a nos transmitir de sua imensa sabedoria. Em nossa ingênua visão, nos parece que Deus estava ficando enciumado por ter seu dileto filho distante e o chamou repentinamente para perto de Si. Aqui, ficamos todos privados de sua amizade, de seu afeto, de sua parceria. Deus ganhou a batalha, como sempre ocorre.

Sua memória tem sido constantemente reverenciada e seu legado educacional, temos certeza, vai permanecer para sempre nas raízes e no cotidiano da ABMES (em diferentes formas e meios), instituição que ele tanto amava, admirava e reverenciava.

A estrela que aqui brilhava agora brilha no firmamento.

Saudades imensas, professor Gabriel.



ABMES[®]

Associação Brasileira de Mantenedoras
de Ensino Superior (ABMES)

SHN Quadra 01, Bloco F, Entrada A, Conjunto A, 9º andar

Edifício Vision Work & Live, Asa Norte – Brasília/DF

CEP: 70.701-060

Telefone: (61) 3322-3252

www.abmes.org.br